uniarq

ESTUDOS & MEMÓRIAS 6

FENÍCIOS E PÚNICOS, POR TERRA E MAR • 2

Ana Margarida Arruda, ed.

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ESTUDOS &
MEMÓRIAS 6

Fenícios e Púnicos, por terra e mar

Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos
Volume 2

Ana Margarida Arruda (Ed.)

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

estudos & memórias
Série de publicações da UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

6.
Fenícios e Púnicos, por terra e mar. 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenício Púnicos.
Edição (preparação, revisão e correcção de conteúdos): Ana Margarida Arruda.

Design gráfico e composição: Rui Roberto de Almeida

Capa: Prótomo de leão, de bronze. Santuário da Rua do Rato, Alcácer do Sal. Séc. 6º a.n.e.
Foto: Victor S. Gonçalves.
Dimensões reais: comprimento 75,70 mm; diâmetro da extremidade proximal (encaixe) 35,16 mm.

Impressão: Europress, Lisboa, 2014, 500 exemplares.

ISBN: 978-989-95653-9-5
Depósito Legal: 365184/13

Copyright © Autores
Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização dos autores, nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes.

Volumes anteriores de esta série:
1.
LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Reimpressão do volume de 1951. Lisboa: UNIARQ.

2.
GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 vols. Lisboa: UNIARQ.

3.
VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano.* Lisboa: UNIARQ.

4.
QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga)*. Lisboa: UNIARQ.

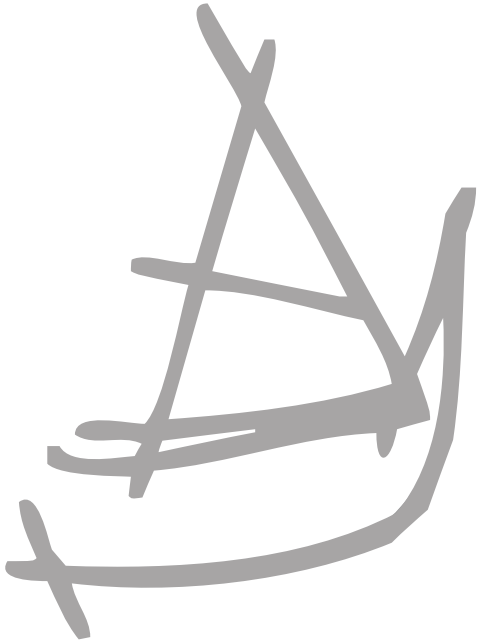
5.
ARRUDA, A. M., ed. (2013) - Fenícios e Púnicos, por terra e mar. 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos fenício-púnicos. Lisboa: UNIARQ.

PARA INTERCÂMBIO (ON PRIE L'ÉCHANGE, EXCHANGE ACCEPTED):
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
A/C PROF. VICTOR S. GONÇALVES
FACULDADE DE LETRAS P-1600-214 LISBOA PORTUGAL

Fenícios e Púnicos, por terra e mar

Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos

Vol.2



Ana Margarida Arruda (Ed.)

6.º Congresso Internacional EFP,
Fenícios e Púnicos, por terra e mar, Lisboa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

25 de Setembro a 1 de Outubro de 2005

ÍNDICE

A oeste tudo de novo.
Novos dados e outros modelos interpretativos para a orientalização do território português
Ana Margarida Arruda 513

Arqueologia, sítios e materiais 537

The Phoenician Kingdom of Sidon in the Light of Recent Evidence from Tell el-Burak-Lebanon
Hélène Sader 538

Tell Abu Hawam y los primeros fenicios en el Atlántico
Jacqueline Balensi, Francisco Gómez 550

Vers une définition archéologique du cothon: port artificiel creusé. Des origines a 146 av. j.-C.
Nicolas Carayon 558

Documenti «precoloniali» dei Phoinikes nel golfo di Oristano (Sardegna centro occidentale)
Raimondo Zucca 564

Some remarks on the function of punic pottery from the settlement of Sant'Antioco in Sardinia
Lorenza Campanella 572

I fenici di ... Neapolis (Cagliari - Sardegna)
Elisabetta Garau 582

Selinunte dal 409 al 250 a.C.. Fonti archeologiche e numismatiche a confronto
V. Tusa, A. Cutroni Tusa 592

Nuevas investigaciones en Abdera (Almería, España). Primeros resultados
José Luis López Castro, Francisco Alcaraz Hernández, Ana Santos Payán Torres 618

Fenicios y Púnicos en la Bahía de Mazarrón,
desde la perspectiva ocupacional del promontorio costero de Punta de Los Gavilanes
María Milagrosa Ros Sala 626

Carmona tartesia entre la tradición y el cambio (siglos VIII-VI a.C.)
Maria Belén, Ana Rut Bobillo, Mª Carmen García Morillo, J. M. Román, J. Vázquez 640

Ceuta, un nuevo asentamiento del siglo VII a.C. en el norte de África
Fernando Villada Paredes, Joan Ramon Torres, José Suárez Padilla 650

Los fenicios en el suroeste atlántico. una revisión desde el registro arqueológico de Huelva
Francisco Gómez Toscano 662

The earliest Phoenician, Greek and Sardinian ceramics found in Huelva:
a support for Tashish in 1 Kings 10.22.
Fernando González de Canales, Leonardo Serrano, Jorge Llompart 668

As cerâmicas pré-romanas de Faro
Elisa de Sousa 680

Mértola – plataforma comercial durante a Idade do Ferro: a colecção de Estácio da Veiga
Pedro Barros 688

Práticas metalúrgicas na Quinta do Almaraz (Cacilhas, Portugal): vestígios orientalizantes
Ana Ávila de Melo, Pedro Valério, Luís de Barros, Maria de Fátima Araújo 698

Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa.
a intervenção da Rua de São João da Praça
João Pimenta, Marco Calado, Manuela Leitão 712

Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo:
a Intervenção Arqueológica Urbana da Rua de São Mamede ao Caldas N.º 15
João Pimenta, Rodrigo Banha da Silva, Marco Calado 724

Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa:
o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei
Victor Filipe, Marco Calado, Manuela Leitão 736

As ânforas pré-romanas da Alcáçova de Santarém
Patrícia Bargão 748

Las ánforas de época republicana de Lixus (Larache, Marruecos)
Carmen Aranegui, Hicham Hassini, Jaime Vives-Ferrándiz 756

Bronze male deities: elements for the identification of a phoenician group in Mediterranean
Javier Jiménez Ávila 762

Los Marfiles hispano fenicios de Medellín (Badajoz, España)
Martín Almagro-Gorbea 772

El Morro de Mezquitilla en el siglo VIII a.C.: un asentamiento oriental en tierra virgen
Gerta Maaß-Lindemann 780

Un amuleto fenopúnico del Golfo de Cádiz
Juan José López Amador, José Antonio Ruiz Gil 788

Colgantes de pasta vítrea en forma de cabeza negroide
Jordi H. Fernández, Benjamí Costa, Ana Mezquida 800

Estudio palinológico de Castro Marim
Ana Mª. Hernández Carretero 810

Arqueologia e território 817

Sobre la llamada geografía sagrada fenicia en el Extremo Occidente: otras perspectivas de estudio
Mireia López-Bertran 818

Nuevas dimensiones (geográficas e historiográficas) del fenómeno púnico-gaditano
Juan Carlos Domínguez Pérez 826

El concepto de hinterland y su aplicación al mundo fenicio arcaico
Eduardo García Alfonso 832

El comercio púnico en Spal
Eduardo Ferrer Albelda, F. J. García Fernández, D. González Acuña 838

Nuevas perspectivas sobre la producción cerámica del alfar gadirita
de Torre Alta (San Fernando, Cádiz): algunas formas «excepcionales» de su repertorio
Antonio M. Sáez Romero 850

La producción anfórica tardopúnica de Gadir (ss. II – I a.C.):
nuevos datos aportados por el alfar de C/ Asteroides (San Fernando, Cádiz)
Antonio M. Sáez Romero, Darío Bernal Casasola, Ana I. Montero Fernández 866

Arquitectura e urbanismo **879**

Viver no Campo: o sítio da Herdade da Sapatoa 3 e o povoamento rural
centro alentejano em meados do I° milénio a.C.
Rui Mataloto, Carla Matías 880

Arquitectura doméstica en el Cerro del Villar: uso y función del espacio en el edificio 2
A. Delgado, M. Ferrer, A. Garcia, M. López, M. Martorell, G. Sciortino 900

Les fouilles Tuniso-Belges du Terrain Bir Massouda (2002-2005) : contribution à la connaissance de la topographie de Carthage à l'époque archaïque
B. Maraoui Telmini, F. Chelbi, Roald F. Docter 906

Rome "La Sapienza" University Renewed Excavations at Motya (2002-2005)
Lorenzo Nigro 918

Motya, Area F: the west gate and western fortress
Gabriele Rossoni, Fabio Catracchia, Tatiana Pagnani 932

Motya, Area C West: the Eastern Quay of the Kothon
Lorenzo Nigro, Valentina Pignatelli, Pier Franceso Vecchio 936

Motya, Area D:the "House of the Domestic Shrine"
Lorenzo Nigro, Alice Caltabiano, Federica Spagnoli 940

Lilibeo: un esempio dell'urbanistica punica in Sicilia
Enrico Caruso 946

I pavimenti a tessere fittili in contesti punici: questioni di terminologia, tipologia e diffusione
Antonella Mezzolani 960

Un quartier d'habitat et d'ateliers hellenistico-puniques sur l'acropole de Selinonte, Sicile
Martine Fourmont 970

Gli scavi di Gennaro Pesce a Tharros: Riletture e riflessioni a partire dal giornale di scavo
Mauro Medde 982

***Arqueologia sacra* 991**

El santuario púnico de sa Capelleta (Eivissa)
J. Mª López Garí, Ricard Marlasca Martín, Mª J. Escandell Torres 992

El Carambolo, un santuario oriental en la paleodesembocadura del Guadalquivir
Álvaro Fernández Flores, Araceli Rodríguez Azogue 1000

Depósitos fundacionales púnicos de Cartago
Karin Mansel 1010

Un altare bruciaprofumi punico dalla "Casa del sacello domestico" (Mozia)
Federica Spagnoli 1022

Motya, Area C East: offering deposits in Sanctuary C3
Lorenzo Nigro, Daniela Franchi, Valentina Musella, Fiammetta Susanna 1044

Algunos indicios sobre la (posible) práctica de sacrificios humanos en Cádiz
A. M. Niveau de Villedary y Mariñas 1050

La divinidad femenina de origen orientaly su reflejo en los santuarios ibéricos
Lourdes Prados Torreira 1062

El lenguaje de las plantas en las necrópolis fenicias de la Península Ibérica
Ana Rut Bobillo Lobato 1072

***Arqueologia funerária* 1081**

Algunas cuestiones sobre la población fenicia de Tiro (S. IX-VI a. C.)
Laura Trellisó Carreño 1082

Symbolism and ritual in mortuary contexts in Punic Malta
Claudia Sagona 1090

Cagliari,Tuvixeddu – Quartucciu, Pill'e Matta. Notizie da due necropoli puniche
Donatella Salvi 1100

La necropoli punica di Palermo (scavi 2000-2005). Spazio funerario, tipologie tombali e rituali
Francesca Spatafora 1118

Fenici e indigeni nella necropoli arcaica di Monte Sirai: nuove evidenze
Massimo Botto 1132

Fenici e punici nella Sardegna meridionale
Piero Bartoloni 1146

La necropoli di Othoca (S. Giusta - Or): la campagna di scavo del 2003
Carla Del Vais, Emerenziana Usai 1154

Contesti tombali inediti dalla necropoli punica di Sulcis
Valentina Melchiorri 1162

Una tomba a cassone litico di età punica
dal territorio di S. Sperate-Bia de Deximu Beccia (Cagliari-Sardegna)
Maurizia Canepa, Consuelo Cossu 1174

Contesti tombali inediti dalla necropoli punica di Sulcis
Una fosa de cremación de la necrópolis del Puig des Molins (Eivissa)
Ana Mezquida, Jordi. H. Fernández, Benjamí Costa 1182

Expresiones ideológicas y prácticas funerarias en el sureste de la Península Ibérica
Jaime Vives-Ferrándiz Sánchez 1190

Phoenician cinerary urns from the Tophet of Sulcis:
typological, chronological and functional aspects
Ilaria Montis 1198

A OESTE TUDO DE NOVO. NOVOS DADOS E OUTROS MODELOS INTERPRETATIVOS PARA A ORIENTALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Ana Margarida Arruda

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

Resumo

Nas últimas duas décadas, muitas têm sido as descobertas efectuadas no território actualmente português no que diz respeito à Idade do Ferro de matriz oriental. De facto, quer no Algarve, quer no Alentejo, e ainda no vale do Tejo, os dados novos abundam, e a presença de comunidades exógenas no extremo ocidente surge materializada em espólios e arquitecturas em muitos sítios, alguns já conhecidos outros inéditos.

A realidade pode e deve ser abordada de acordo com modelos teóricos que a expliquem devidamente, parecendo que o chamado da *difusão démica* será o que melhor se aplica aos dados disponíveis. Ainda assim, o papel mais ou menos activo das comunidades indígenas, que pode ser inferido através do destino da maior parte dos seus lugares de habitat nos anos imediatamente após a chegada ao litoral dos grupos exógenos, tem que ser ponderado, mesmo que as abordagens propostas pelo pós-colonialismo possam ser questionadas.

Abstract

In the last two decades, new data in the Portuguese territory regarding the Iron Age are available. Both in the Algarve and Alentejo, and also in the Tagus valley, new information flourished, and the presence of exogenous communities in far west comes to light in archaeological materials and architectures in many places, some known others unpublished.

The reality can and should be read in accordance with theoretical models, like the call of *demic diffusion*, which seems to be the one that best explain to the data available. Still, the more or less active role of indigenous communities, which can be inferred from the fate of their habitat after the arrival to the coast of exogenous groups, have to be considered, even if the approaches proposed by post colonialism can be questioned.

1. Introdução

Os estudos sobre a orientalização do actual território português conheceram, nos últimos 15 anos, um forte desenvolvimento, com novas descobertas e com a publicação dos dados que delas decorreram, bem como de outros que permaneciam inéditos. A informação fluiu de forma mais ou menos constante, ainda que, em determinadas áreas, ela tenha sido mais substancial do que em outras.

Estes novos dados merecem ser integrados num contexto mais vasto, e ser relacionados com os já conhecidos para o território ocidental e ainda com os que foram reconhecidos no que corresponde à actual Espanha. Por outro lado, os modelos que os explicam precisam de ser repensados, tendo em consideração não apenas os actuais conhecimentos materiais, mas também, naturalmente, os desenvolvimentos que a arqueologia teórica tem vindo a conhecer, no quadro epistemológico das ciências sociais.

Torna-se assim importante não só apresentar uma síntese actualizada dos diversos estudos parcelares, assente na realidade artefactual e nos contextos topográficos e paisagísticos, mas também discutir os processos que se desenvolveram à escala regional e trans-regional e que deram origem a importantes transformações à nível social e político.

Não julguei pertinente neste texto insistir no enquadramento das realidades peninsulares nas chamadas correntes da Arqueologia Teórica, e voltar a discutir as mesmas à luz do quadro processual e pós-processual, em geral, e nas teses do pós-colonialismo em particular. Decidi, assim, nesta síntese apresentar sobretudo os dados concretos, ainda que, naturalmente, tenha tentado reflectir sobre eles através de outras fórmulas que os enquadrassem.

Não quero terminar esta breve introdução sem contudo deixar claro que não defendo uma perspectiva redutora e simplificadora que dissolva e dilua a complexidade dos fenómenos. É, evidentemente, certo e indiscutível que os colonos fenícios encontraram na Península Ibérica comunidades humanas diversificadas entre si do ponto de vista cultural e com os seus próprios interesses. É também claro que entre todas estas e aqueles há diferenças assinaláveis, no que diz respeito a aspectos tecnológicos, mas também nas práticas culturais, sociais e políticas e nas suas actividades quotidianas. Que a colonização foi consentida e obrigatoriamente negociada também não restam dúvidas, como já o referi nos finais do século passado (Arruda 1999-2000). Contudo, parece óbvio que a transição do Bronze Final para a Idade do Ferro na Península Ibérica teve como motor a presença de grupos exógenos que transportavam consigo uma agenda específica e concreta, e que se afigura inegável que as comunidades indígenas tiveram, certamente, papel importante nessa mesma transição e nas alterações que ela proporcionou. De facto, e como Gruzinski (1999) já recordou, apesar de as abordagens dualistas e maniqueístas seduzirem pela simplicidade, a verdade é que empobrecem as realidades, que foram certamente ricas e complexas, já que se trata de cenários coloniais, sim, mas onde se observaram experiências únicas, que forjaram espaços de conflito e de desigualdade, mas onde a mediação, a cumplicidade e as alianças também tiveram lugar.

2. Os dados

Ainda que novos trabalhos de campo e de gabinete tenham sido desenvolvidos no que se refere ao período e à matriz cultural que aqui nos importa, a verdade é que a síntese que, no final do século passado, elaborei para a presença oriental no Extremo Ocidente peninsular (Arruda, 1999-2000), não sofreu grandes alterações no que diz respeito aos aspectos cronológicos e geográficos. Por isso mesmo segue-se aqui hoje o mesmo ordenamento territorial já antes percorrido, sendo que as áreas analisadas correspondem ao chamado Portugal mediterrâneo. Mas

esses mesmos trabalhos forneceram muitos novos dados que importa elencar, de forma a tornar possível a discussão e a análise.

2.1. O Algarve

Para o território mais meridional, continua a não haver dados que permitam recuar a Idade do Ferro para datas anteriores à primeira metade do século VII a.n.e. e, mesmo assim, eles continuam confinados, na fase antiga, à metade oriental.

Com efeito, quer os materiais quer as datações radiométricas conseguidas para toda a sequência sidérica de Castro Marim (Arruda *et al.,*2013) indiciam uma orientalização relativamente tardia, mesmo que as datas da Fase II (a 1ª da Idade do Ferro) autorizassem pensar em alguma antiguidade. De facto, a cronologia absoluta obtida (**Sac-2623** - *pinus piena* – 2500± 40, calibração a dois sigma: 780-540; **Sac-2664** – ossos – 2600± 40, calibração a dois sigma: 820-540; **Sac-2665** – ossos – 2450±40, calibração a dois sigma: 770-540) indica um intervalo de tempo cujo limite inferior atinge o início do século VIII (*Ibidem*). Mas, nesta análise não pode esquecer-se que os mesmos dados possibilitam avançar a cronologia da mesma Fase para meados do VI, sendo os espólios recuperados os indicadores mais fiáveis para basearmos a proposta cronológica – 1ª metade do século VII. Nos contextos que foram associados a este momento, as produções manuais dominam (Oliveira, 2008), e nas a torno deve referir-se a presença de contentores anfóricos de tipo R1, mais exactamente 10.1.1.1. e 10.1.2.1.,de *pithoi* e de pratos cobertos com engobe vermelho (Arruda, 1999-2000; Arruda, 2005; Freitas, 2005). Na cerâmica de uso comum, destaca-se a grande abundância de taças hemisféricas e a presença de alguns exemplares de vasos trípodes (Arruda, 1999-2000). Em cerâmica cinzenta são produzidas maioritariamente taças hemisféricas, sendo o grupo dos pratos, taças carenadas ou de perfil em S claramente residual.

O outro sítio algarvio onde a presença de uma 1ª Idade do Ferro de matriz oriental está bem documentada é Tavira, onde, tal como em Castro Marim, esta se sobrepôs a uma outra da Idade do Bronze (Maia e Gómez, 2012). Na primeira década do século XXI, muitos dados novos foram sendo conhecidos para um sítio do qual, até há poucos anos, apenas o topónimo, Balsa, citado nas fontes clássicas e grafado em epígrafes e numismas de época romana, indicava uma ocupação pré-romana. Actualmente, distingue-se uma muralha com casamatas e passadiços (Maia 2000; Maia, 2003; Maia e Silva, 2004), com bons paralelos em La Fonteta (Gonzalez Prats, Ruiz Segura e Garcia Menarguez, 1999; Rouillard *et al*. 2007) e no Castillo de Doña Blanca, cujos materiais associados permitiram datar dos finais do século VII. Nas proximidades, foi detectada uma área de processamento de minério e actividades metalúrgicas de alguma dimensão, com fornos, copelas, escórias e *toberas* (Maia, 2000; Maia, 2003; Maia e Silva, 2004). Registe-se ainda o aparecimento de um fragmento de bordo de uma taça de cerâmica cinzenta, onde quer na face externa quer na interna se identificaram caracteres fenícios (*Ibidem).* Trata-se de um *ostracon* (Amadasi Guzzo e Zamora López, 2008), datado do século VI a.n.e., muito possivelmente de meados do mesmo. É um documento genericamente económico que evidencia o uso corrente da escrita e língua fenícias no sítio (*Ibidem*). Ainda na colina de Santa Maria, outros materiais foram identificados, neste caso associados a construções negativas de difícil interpretação funcional, mas quer os espólios (ovos de avestruz pintados, artefactos de marfim, *pebeteros*, ampolas) quer as próprias construções apontam para um carácter votivo (Maia, 2003; Maia e Silva, 2004). Os materiais indicam uma cronologia da segunda metade do século VII (Arruda, Covaneiro e Cavaco, 2008).

No sopé da colina de Santa Maria, onde estas realidades se detectaram, foi identificada uma necrópole de incineração em urnas de tipo "Cruz del Negro" (*Ibidem*). A tipologia das urnas permite avançar com uma proposta de datação para estas sepulturas centrada nos finais do século VII / início do VI a.n.e.

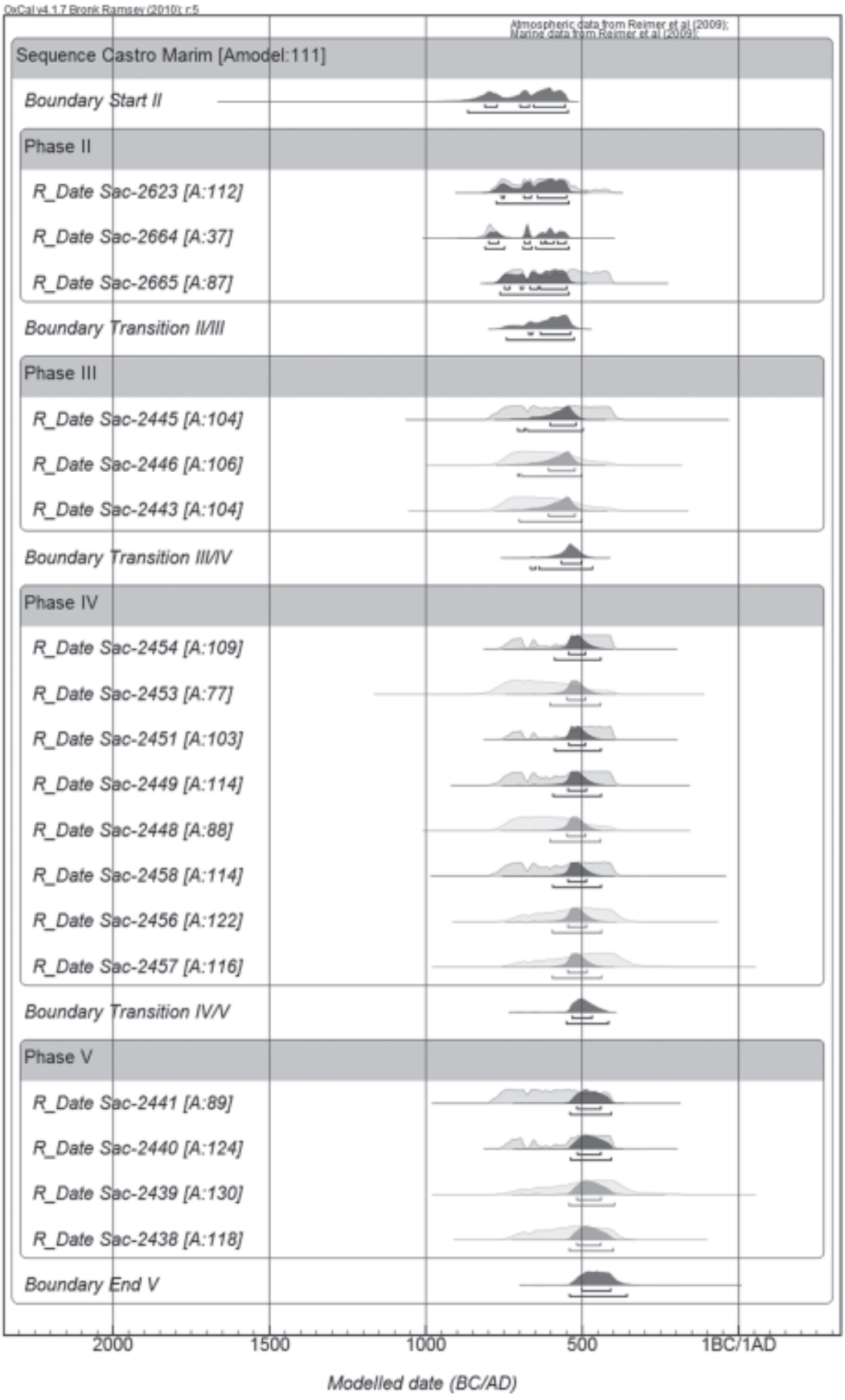


Fig. 1. Figura 1. A cronologia radiométrica de Castro Marim, segundo Arruda *et al.*, 2013.

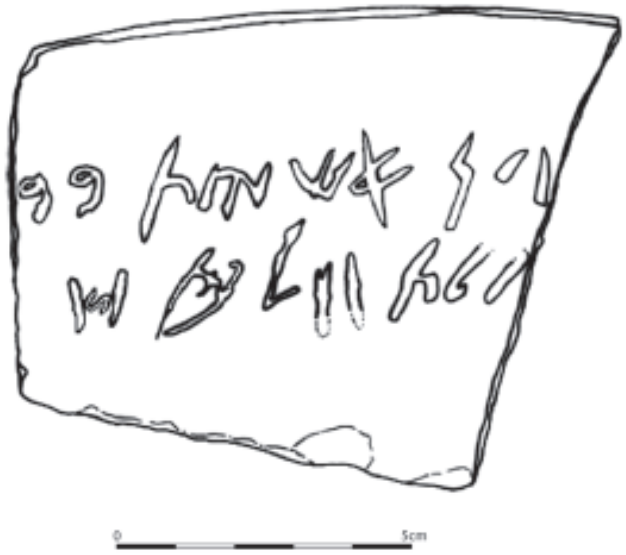


Fig. 2. Inscrição fenícia de Tavira, segundo Amadasi Guzzo e Zamora López, 2008.

As realidades de Tavira e de Castro Marim evidenciam uma chegada tardia das influências orientais a um território onde, note-se, a própria ocupação indígena, do Bronze Final, também não é expressiva. De facto, os dados não abundam para os séculos XIII-IX a.n.e., havendo apenas registo de materiais dessa época justamente em Castro Marim (Oliveira, 2012) e em Tavira (Maia e Gómez, 2012). Para Pontes de Marchil (Monteiro, 1980; Soares e Silva 1998), Aljezur e Gruta de Ibn Amar (Lagoa) há ainda escassez de informação, sendo de referir, contudo, que uma datação de rádio carbono foi obtida para o sítio do litoral de Faro (Soares e Silva 1998), datação que, juntamente com um fragmento cerâmico com decoração de tipo Cogotas, permite apontar para uma cronologia em torno ao século XII/XI a.n.e..

A míngua de ocupação indígena pode justificar, em parte, a fraca presença de elementos orientais no território em fase antiga (séculos VIII/V), situação que se transforma, de forma acentuada, nos meados do milénio (Arruda, 2005). Mas não deixa de causar estranheza o facto de na margem esquerda do Guadiana, em Ayamonte, frente a Castro Marim, se ter identificado uma necrópole por um lado arcaica e por outro fenícia (García Teyssandier e Cabaco Encinas, 2010). De facto, os dados aí recuperados evidenciam incinerações em túmulos de poço, com nicho lateral, com materiais que apontam para uma cronologia da segunda metade do século VIII e século VII (*Ibidem*), sendo as características dos espólios e a tipologia dos enterramentos orientais. No final deste trabalho, espero ter a oportunidade de tentar explicar devidamente a situação do Algarve no quadro da colonização fenícia dos espaços meridionais da Península Ibérica.

2.2. O Alentejo litoral

Nesta região e nos últimos anos, apenas para o estuário do Sado a situação conhecida nos finais do século passado (Arruda, 1999-2000) foi alterada e, mesmo assim, apenas em parte. E foi sobretudo o estudo de materiais que proporcionou novos dados e permitiu outras bordagens.

Para Abul, a grande novidade foi a alteração da leitura do grafito sobre cerâmica cinzenta, inicialmente considerado fenício (Sznycer, 2001). O estudo recente de Correa (2011) permitiu integrá-lo na escrita chamada do Sudoeste. Sei bem que a nova leitura deste grafito pode servir para pôr em causa o carácter fenício do sítio, que, tal como os arqueólogos responsáveis pelas

escavações (Mayet e Silva, 2000), sempre defendi. Não é de somenos importância o aparecimento deste grafito, até porque ele nos permite datar este sistema de escrita com mais segurança do que qualquer outro contexto até ao momento conhecido. De facto fica inegavelmente provado que no século VII a.n.e. o semi-silabário do Sudoeste era já usado, mas, na minha perspectiva, não põe em causa a fundação oriental do sítio, mas apenas evidencia que as relações entre colonos e indígenas existiam, como, aliás, era expectável e foi hipótese que nunca se descartou. Recorde-se que a mesma situação se verificou no Castillo de Doña Blanca, em Cádis, onde a escrita do Sudoeste está presente em fragmentos cerâmicos de engobe vermelho (Correa e Zamora, 2008), aliás em paralelo com outras inscrições em caracteres e língua fenícios (Cunchillos e Zamora, 2004). Não será portanto a existência do referido grafito que transforma Abul num sítio indígena, uma vez que, tal como foi defendido para Doña Blanca, poderá apenas traduzir o íntimo contacto "... de un ambiente (letrado) de base cultural fenicia en evidente contacto íntimo con la cultura indígena y su(s) lengua(s)..." (Correa e Zamora, 2008: 189).

Fig. 3. Inscrição em escrita do Sudoeste de Abul, segundo Correa, 2011.

Foi, todavia, de Alcácer do Sal que mais dados surgiram nos últimos anos, ainda que estes resultem de trabalhos que revisitaram materiais obtidos em escavações mais ou menos antigas e que permaneciam inéditos ou que estavam apenas referenciados.

No que diz respeito à necrópole, é necessário destacar, desde logo, o jarro piriforme de bronze, com corpo ovóide e colo tronco-cónico, com palmeta de 12 pétalas e caulículos laterais, que foi encontrado recentemente na área da necrópole, ainda que sem qualquer contexto arqueológico mais concreto (Arruda, Lourenço e Lima, no prelo). Trata-se de uma peça facilmente integrável no tipo 2 do Grupo A da tipologia de Jiménez Ávila (2002), com bons paralelos nos jarros de Las Fráguas e Niebla (*Ibidem*).

No contexto deste trabalho, vale ainda a pena referir alguns outros materiais que são provenientes das escavações que tiveram lugar nesta necrópole, durante o século XX, e que permaneciam inéditos ou estão publicados em obras de muito difícil acesso. Deixam-se pois de parte todos os que foram já dados a conhecer quer por Vergílio Correia (1925; 1928) quer por Cavaleiro Paixão (1970; 1983), os arqueólogos que escavaram no sítio, e ainda por Schüle (1969), Frankenstein (1997), Rouillard *et al*. (1988-89), Quesada Sanz (1997) e Almagro Gorbea e colaboradores (2008). Todavia, parece importante lembrar que a necrópole do Senhor dos Mártires foi um espaço funerário usado ao longo de uma ampla diacronia, desde o século VII ao IV a.n.e., onde se observam distintos rituais funerários (incineração em urna; incineração *in situ*) e diversos tipos de sepultura (urna depositada em fossas; sepulturas quadrangulares escavadas na rocha; sepulturas rectangulares escavadas na rocha, com canal central) (Arruda, 1999-2000).

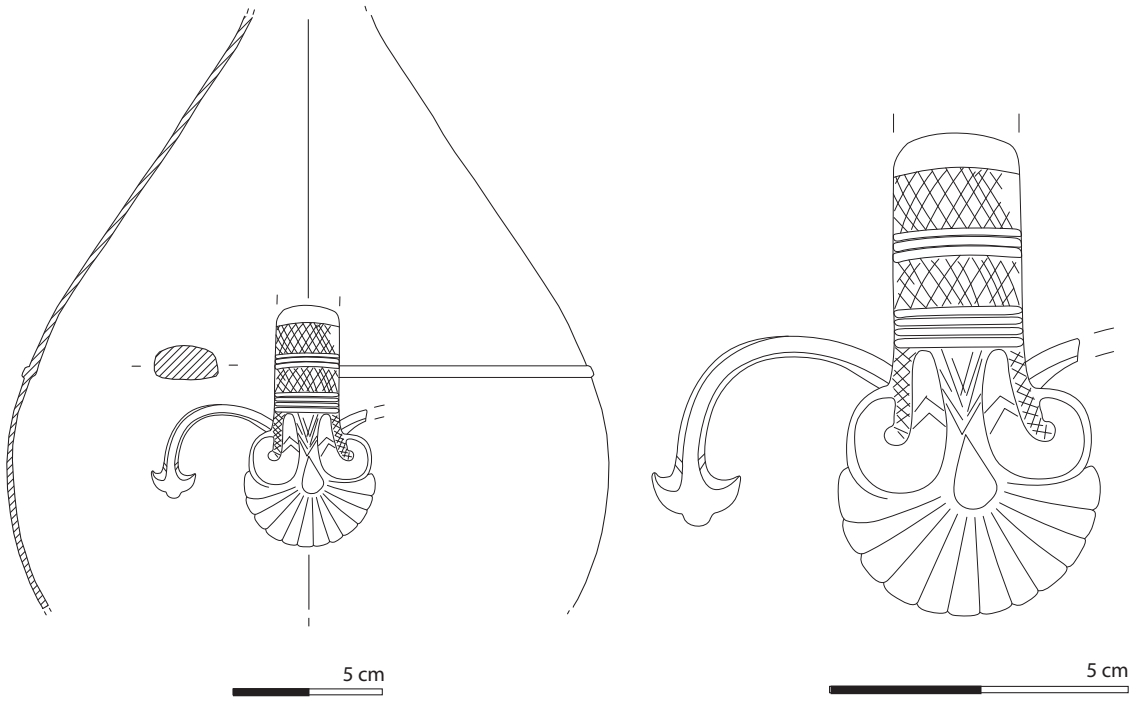


Fig. 4. Jarro de bronze da necrópole de Alcácer do Sal, segundo Arruda, Lourenço e Lima, no prelo.

Entre os espólios que importa destacar, conta-se os cubos de ferro de uma roda encontrados por António Cavaleiro Paixão numa das sepulturas rectangulares escavadas na rocha, onde se praticou a incineração *in situ*. Outras rodas de carro desta necrópole eram já conhecidos, concretamente as que Cabré descreveu pormenorizadamente (1924: 84) e que corresponderão, muito provavelmente, às que foram encontradas durante os trabalhos agrícolas que afectaram o sítio em 1874, e que Augusto Philipe Simões já tinha referido "o circulo de ferro da roda de um carro e o bucil de bronze que cobria uma das extremidades do eixo" (1896: p. 192-194). Não é improvável que a que Schüle publicou em 1969, e que está depositada no Museu Nacional de Arqueologia, seja uma delas (Schüle, 1969: Tafel 106). Nas escavações de Virgílio Correia, concretamente nas sepulturas de canal central terão sido recolhidas também rodas de um carro (Correia, 1925).

A importância da necrópole do Senhor dos Mártires de Alcácer do Sal, nomeadamente da sua fase mais antiga está também sugerida por outros espólios, concretamente os escaravelhos, as fíbulas, os fechos de cinturão, já relativamente bem conhecidos, e, sobretudo, pela existência de leitos funerários, documentados através dos elementos de *diphroi*, como tal identificados por Javier Jiménez Ávila (2008: p. 548-549; Figs. 658 e 659).

Da caixa de marfim que foi recuperada nos trabalhos agrícolas de 1874, nada se sabe actualmente, restando a descrição de Philipe Simões (1876: 194), "...combate de Cupido com leão...", que certamente corresponde a uma divindade alada com leão, cena que tem bons paralelos em peças de idêntico material e de contextos também sepulcrais, como é o caso de Medellín (Almagro Gorbea, 2008) ou de sítios do Guadalquivir (Aubet, 1978, 1980).

Do ovo de avestruz pouco se conhece acerca da proveniência concreta, e torna-se assim impossível associá-lo a qualquer das grandes fases da necrópole (arcaica – século VII-inícios do V a.n.e.; tardia IV a.n.e.). Contudo, o tipo decorativo, apenas com métopas, parece indicar uma cronologia relativamente avançada, talvez do momento mais tardio da 1ª fase.

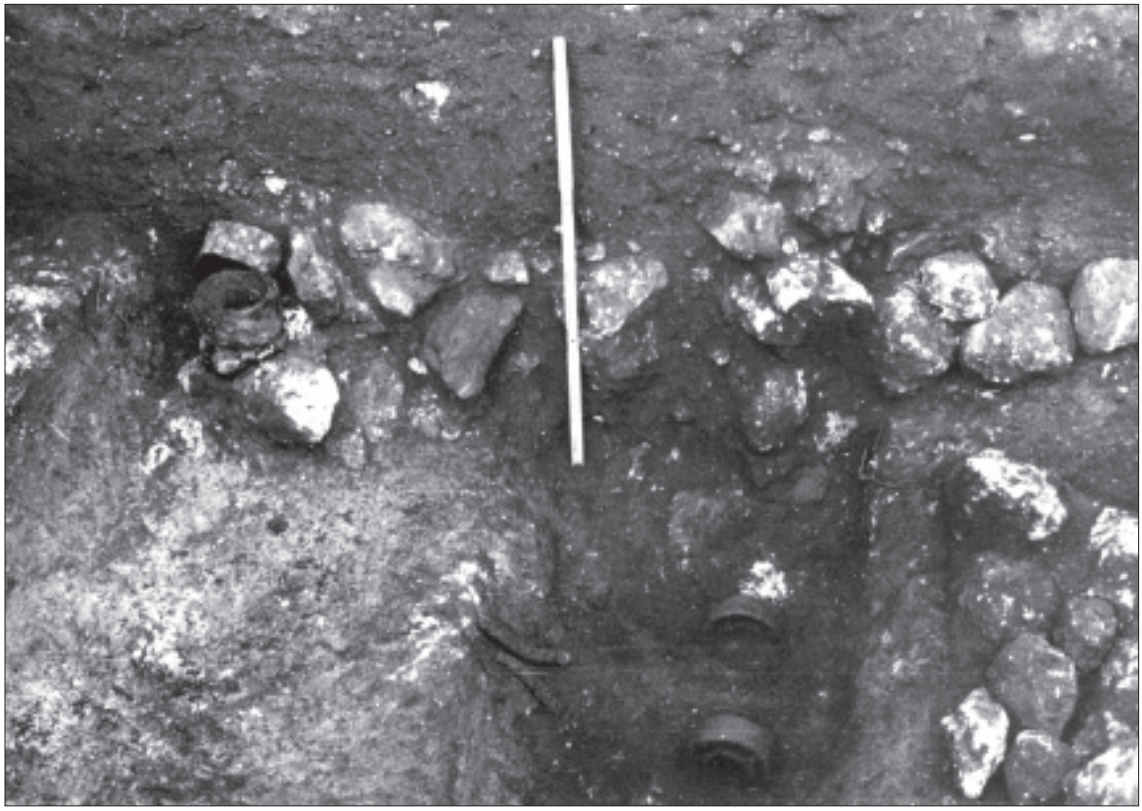


Fig. 5. Rodas de carro da necrópole de Alcácer do Sal, segundo Paixão 1970.

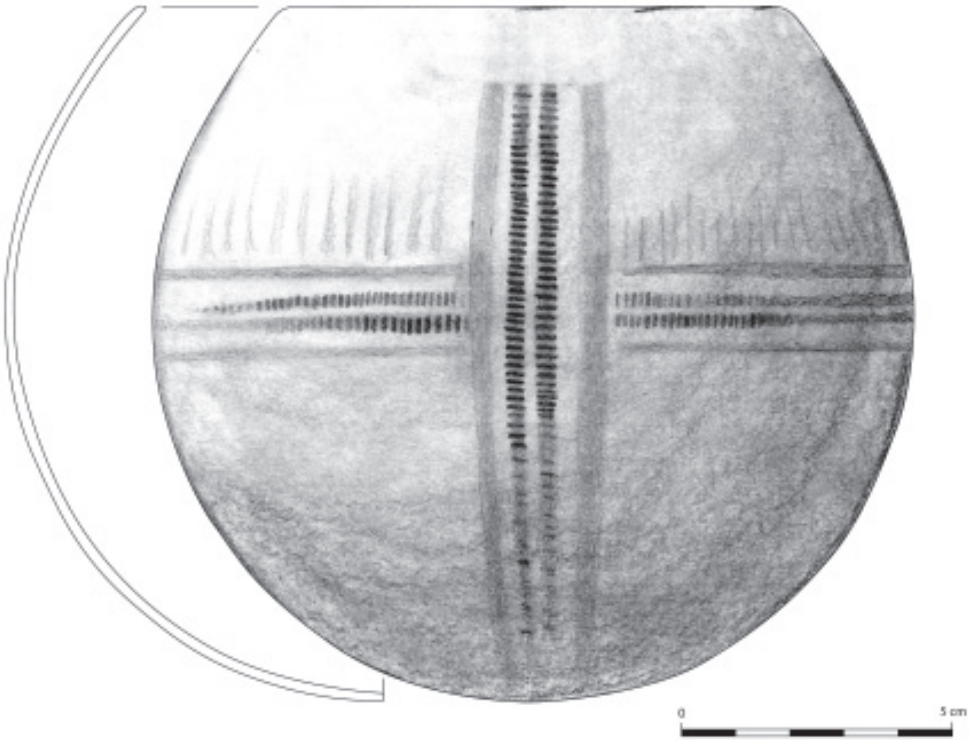


Fig. 6. Ovo de avestruz pintado da necrópole de Alcácer do Sal.

As escavações que na década de 90 do século passado tiveram lugar no Castelo de Alcácer, concretamente na área do convento de Aracelli, estão quase integralmente por publicar, ainda que haja dados que indicam a existência, neste espaço, de um santuário pré romano. Com efeito, a quantidade de espólios relacionados com o culto recolhidos numa área relativamente restrita e o facto de, no mesmo espaço, ter sido reconhecido um contexto cultual romano, que a *tabela defixionis* com um voto em que se pede a Átis e a Mégara a restituição de bens roubados e o respectivo castigo do ladrão (Encarnação e Faria, 2002; Guerra, 2003) testemunha, apontam neste sentido. Entre as peças da Idade do Ferro, destaca-se um conjunto de 23 bronzes, maioritariamente antropomórficos, femininos e masculinos, dos quais oito representam orantes (Paixão 2001; Gomes, 2008). Os zoomórficos incluem bovinos, equídeos e canídeos. Do mesmo contexto, são também provenientes dois ponderais de balança de forma cúbica (*Ibidem*) e ainda o pé de um *thymiaterium* (Gomes, 2008). Especial referência merece a placa de osso gravada, que recebeu numa das faces o *udja* e na outra um quadrúpede, possivelmente uma vaca (que representa Hathor) (*Ibidem*). Sendo o amuleto mais difundido no mundo oriental, e mesmo no Mediterrâneo central (Cartago, Sardenha), é raro na Península Ibérica, onde se reconheceu na necrópole de Medellín, onde foi datado da primeira metade do século VI a.n.e (Almagro Gorbea, 2008: 471, 506), e também em Gorham's Cave, Villaricos e Ampúrias (Padró, 1985). A associação do *udja* numa das faces e da vaca Hathor na outra é bem conhecida em amuletos de pasta vítrea de Ibiza, onde é, aliás, praticamente exclusiva (Fernández e Padró, 1986).

Outros bronzes antropomorfos e zoomórficos, dados como de Alcácer do Sal, integram as colecções do Museu Pedro Nunes (Gomes, 2008) e do de Évora, bem como as da Biblioteca Nacional (Alarcão e Delgado, 1969). Representam também maioritariamente orantes, havendo um touro que corresponde certamente à tampa de um *thymiaterim* (*Ibidem*: 18-20).

Fora do perímetro muralhado, junto ao rio, foi encontrado, numa intervenção de emergência, um notável conjunto de materiais (Arruda *et al*., no prelo), cujo estado de conservação e as características intrínsecas das próprias peças permitem admitir a hipótese de um outro espaço dedicado ao culto. O referido conjunto engloba cerâmicas, metais (bronzes e ferros) e artefactos de osso, cujo estudo permitiu avançar com uma cronologia dos últimos anos da segunda metade do século VI a.n.e. para o contexto escavado (*Ibidem*). Pela sua excepcionalidade, há que destacar a concha cipriota (*Ibidem*), de que conhecem apenas quatro exemplares em Chipre, havendo outros recolhidos em Rodes e na Síria, todos provenientes de contextos funerários ou cultuais. O exemplar espanhol, de Cástulo, não é de classificação segura, uma vez que está bastante incompleto (Jiménez Ávila, 2002). Os *thymiateria* são mais frequentes, estando o de Alcácer do Sal bastante fracturado, conservando-se parte da zona cilíndrica, bem como dois "capitéis" de pétalas (*Ibidem*).

Ainda de bronze é o prótomo de leão que serviria como o remate de uma peça de mobiliário, com paralelos nos exemplares da Hispanic Society of America e da colecção Calzadilla, podendo também estar associado a uma cama móvel, como a de Chipre, com a qual, aliás, Javier Jiménez paralelizou os elementos de Torrejon de Abajo (Jiménez Ávila, 1998, p. 84, Fig, 1, 91). Algumas pequenas placas com rebites podem ter pertencido a *diphroi*, ainda que não seja improvável que tenham integrado também o leito a que terá pertencido o prótomo de leão acima comentado. Parece assim possível defender que várias das peças que foram recuperadas tenham feito parte do mesmo móvel, provavelmente uma cama ou mesmo um banco ou trono.

Entre os metais, devem ainda salientar-se as peças que parece ter integrado um conjunto de artefactos relacionados com a ourivesaria. Entre eles destaca-se, desde logo, os que terão pertencido a uma balança, concretamente os dois pratos, bem como três ponderais, cúbicos, cujo peso (12,6 g.; 21,3 g.; 25 g.) indica a sua inserção em pelo menos duas unidades de referência, ainda que ambas fenícias de Tiro.

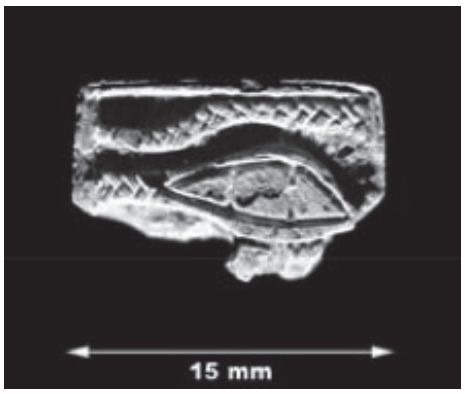


Fig. 7. *Udja* do santuário do Castelo de Alcácer do Sal, segundo Gomes 2008.

Fig. 8. Ponderal de bronze do santuário do Castelo de Alcácer do Sal, segundo Gomes 2008.

Fig. 9. Pé de thymiaterium do santuário do Castelo de Alcácer do Sal, segundo Gomes 2008.

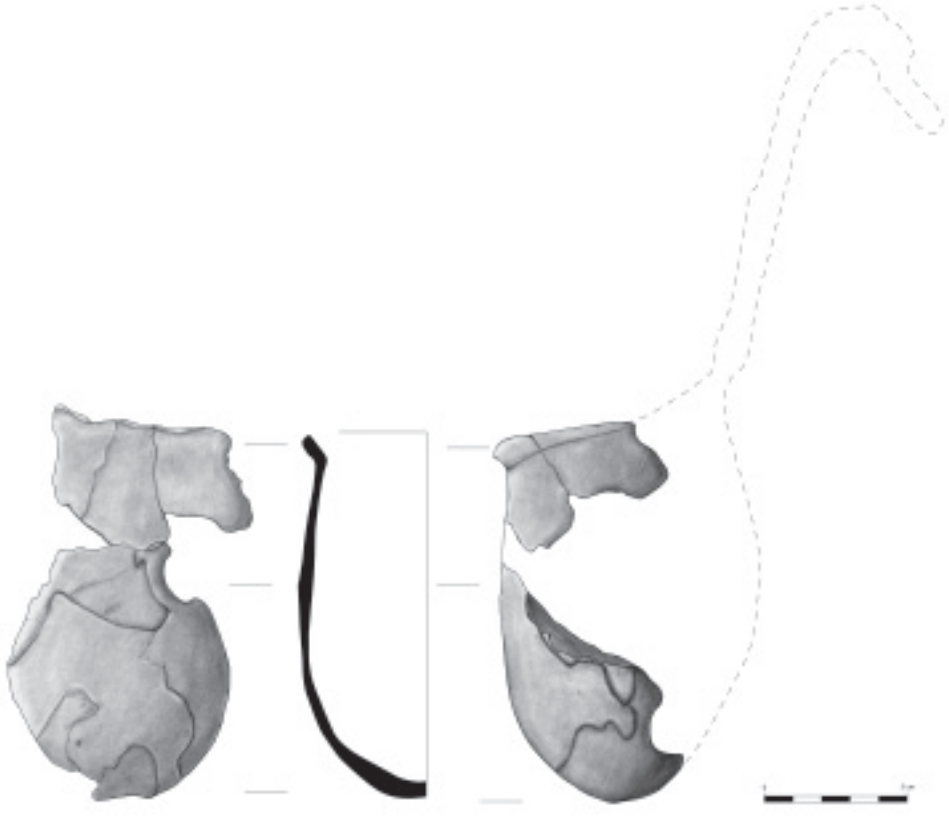


Fig. 10. Alcácer do Sal, santuário portuário da Rua do Rato: cazo, segundo Arruda *et al*., no prelo.

Fig. 11. Alcácer do Sal, santuário portuário da Rua do Rato: prótomo de leão, segundo Arruda *et al*., no prelo.

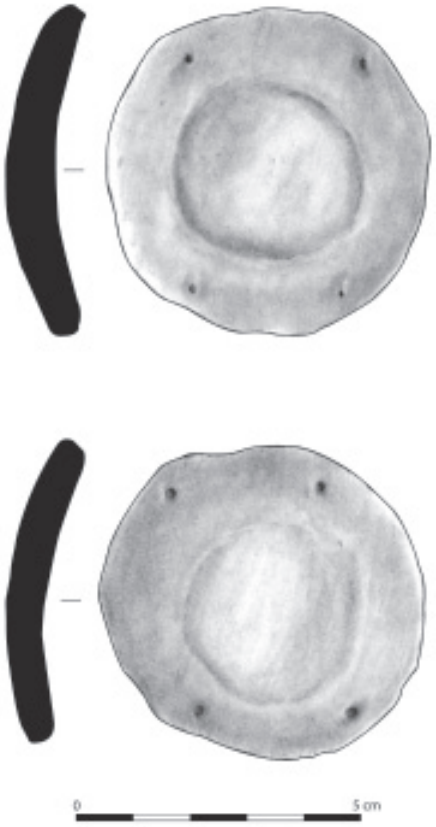


Fig. 12. Alcácer do Sal, santuário portuário da Rua do Rato: os dois pratos de balança, segundo Arruda *et al*., no prelo.

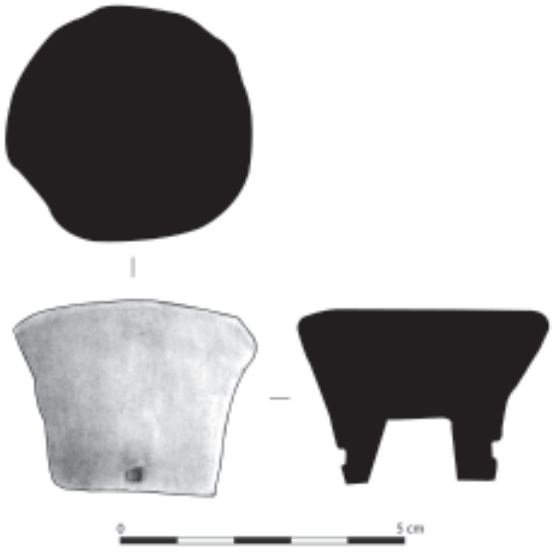


Fig. 13. Alcácer do Sal, santuário portuário da Rua do Rato: taz /bigorna, segundo Arruda *et al*., no prelo.

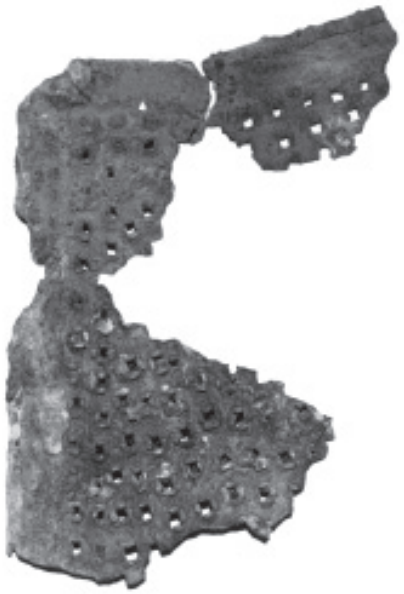


Fig. 14. Alcácer do Sal, santuário portuário da Rua do Rato: fieira / damasquilho, ou ralador, segundo Arruda *et al*., no prelo.

Duas pequenas bigornas ou tases e uma fieira ou damasquilho foram também recuperadas, bem como um conjunto de pequenos cabos muito possivelmente de punções e de outros instrumentos de ourives. Mais difícil de classificar quanto à função é a placa sub-rectangular, paralelepipédica, com três caneluras de secção em V, cuja largura se alarga progressivamente. A equiparação destes artefactos, de que se conhecem exemplos mais ou menos próximos em França, às bigornas de caneluras modernas foi já afastada (Eluère e Mohen, 1993: 18, 19 e 20), tendo-se proposto a sua utilização para a obtenção de fios de perfil triangular de diversas espessuras, o que em alguns casos dispensaria a utilização de uma qualquer fieira (*Ibidem*).

Não é frequente a identificação de conjuntos de instrumentos artesanais em geral e menos ainda de ourives. Habitualmente, esta situação ocorre em contextos sepulcrais, como é o já famoso caso da sepultura 100 da necrópole de Cabezo de Lucero, em Alicante (Éluère 1998; Uroz 1992; Uroz 2006; Perea e Armbruster, 2011), onde, aliás, muito dos artefactos de Alcácer encontram os melhores paralelos.

Entre as peças de osso encontradas contam-se três placas, com decoração incisa, uma das quais intacta, que, juntamente com outro fragmento, foram talhadas sobre diáfises de ossos longos de animal de grande porte, apresentando-se decorados com a Árvore da Vida, uma das temáticas mais representadas na iconografia mediterrânea, concretamente oriental. A palmeta superior é de tipo fenício, e a inferior parece ser uma variação peninsular deste mesmo tipo, ainda que das linhas convexas do centro interior da taça emane o que parece ser um flor de Lotus.

As placas de Alcácer apresentam secção encurvada, o que poderá indicar que revestiriam um recipiente cilíndrico, e cabem no Grupo IV definido por M. Eugénia Aubet (1978), grupo que apresenta um «…acusado carácter egiptizante en la decoración de estas piezas, unido a la concepción occidental en la combinación de motivos orientales, que han sido aislados de su contexto original fenicio…» (*Ibidem*: 73).

Duas placas circulares de pequeno diâmetro de osso polido decoradas com rosetas de dezasseis pétalas em baixo relevo deverão ser consideradas elementos de incrustação. As rosetas são quase inéditas na decoração dos marfins peninsulares, ainda que motivos iconográficos idênticos surjam na torêutica, como é o caso dos braseiros metálicos (Jiménez Ávila, 2002: 352). O mesmo motivo aparece, como já foi referido, nos remates metálicos e de marfim das dobradiças de *diphroi* de Medellín (Jiménez Ávila, 2008: 545, Fig. 653, 654) e da necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (*Ibidem*: 546, 548, Fig. 658, nº 5 e 6).

Um conjunto de nove astrágalos, pertencentes a *Bos taurus* (quatro), *Cervus elaphus* (um), *Ovis capra* (três) e *Ovis aries* (um) foi também recolhido. Esta situação não é rara em ambientes sepulcrais, quer no Oriente, onde são abundantíssimos (Almagro Gorbea, 2008: 483), quer no Mediterrâneo Central como é o caso de Cartago (Lancel, 1982 *apud in* Almagro Gorbea, 2008: 483). Na Península Ibérica, foram identificados nas necrópoles do Sudeste e Levante e nas do vale do Guadalquivir, como Cruz del Negro, e ainda na Extremadura, concretamente em Medellín (Almagro Gorbea, 2008: 483). Nesta mesma região, conjuntos significativos de astrágalos foram também identificados em contextos sacros, nomeadamente em Cancho Roano (Maluquer 1981: 365) e em La Mata (Rodríguez Dias, 2004).

A cerâmica deste contexto cabe, maioritariamente, na categoria da "cinzenta", integrando sobretudo vasos fechados, alguns dos quais correspondem a miniaturas, fenómeno que é recorrente em ambientes cultuais da Península Ibérica, nomeadamente nos santuários de Cancho Roano (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1993: 192; 196: 32, 43, 63, 77) e de Azougada (Antunes, 2005), havendo também exemplos em necrópoles, como é o caso de Medellín (Llorio, 2008: 705 e 706) e de Pajares (Celestino Pérez, 1999).

Fig. 15. Alcácer do Sal, santuário portuário da Rua do Rato: placa sub-rectangular destinada à obtenção de fios de perfil triangular de diversas espessuras, segundo Arruda *et al*., no prelo.

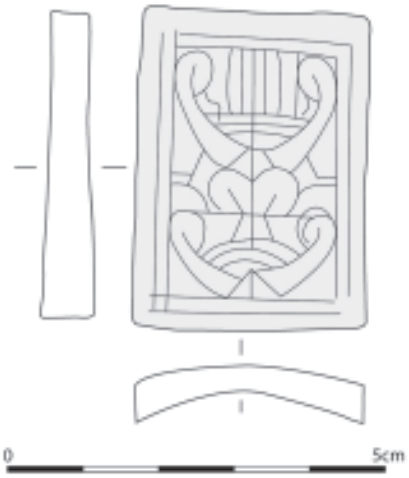


Fig. 16. Alcácer do Sal, santuário portuário da Rua do Rato: placa de osso decorada com a árvore da vida, segundo Arruda *et al*., no prelo.

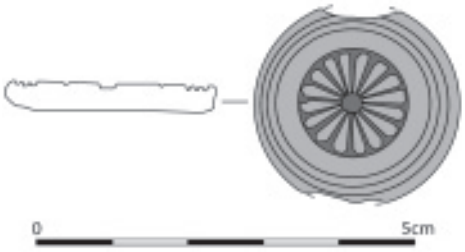


Fig. 17. Alcácer do Sal, santuário portuário da Rua do Rato: placa circular de osso decorada com roseta, segundo Arruda *et al*., no prelo.

O conjunto de materiais recuperado na Rua do Rato em Alcácer do Sal estava disperso por uma área relativamente restrita e, como já antes se referiu, encontra-se em excelente estado de conservação. Essas circunstâncias, aliadas a outros dados, concretamente aqueles que se relacionam com o tipo de artefactos e sobretudo a sua associação, permitem avançar, ainda que com algumas reservas, que o espaço estava destinado ao culto. Por um lado, nenhum osso humano, diminuto ou carbonizado, foi encontrado, afastando assim a hipótese de se tratar de uma necrópole, possibilidade que poderia ser levantada se as evidências fossem outras. Por outro, a localização neste local de uma área artesanal, concretamente de uma oficina de ourives (que podia ser defendida tendo em consideração o notável e inédito conjunto de artefactos relacionados com esta actividade), esbarra na existência de outras peças, que não podem ser assacadas a esta actividade. Assim, a hipótese de se tratar de um santuário permanece a mais defensável.

2.3. O estuário do Tejo

Os trabalhos arqueológicos que, nos últimos anos, se desenvolveram na área urbana de Lisboa trouxeram novos dados para o estudo e conhecimento da Idade do Ferro da foz do rio que importa aqui apresentar, ainda que sucintamente. Tal como tinha já sido pressentido (Arruda,

1999-2000), uma ocupação relativamente arcaica foi comprovada, havendo dados (cerâmicas e datações de 14C) que permitem admitir, sem reservas, que, pelo menos a partir da 1ª metade do século VII a.n.e., ou mesmo um pouco antes, a colina do Castelo já se encontrava ocupada (Filipe *et al.*, 2014, Pimenta *et al.*, 2014a e 2014b). Essa ocupação de carácter orientalizante parece ter sido implantada numa área até então inabitada, já que não existem, até ao momento, quaisquer elementos que comprovem a existência de níveis do Bronze final, estando os que existem localizados na encosta de Santana, portanto na outra margem da Ribeira de Arroios. Por outro lado, constatou-se que a presença de contingentes humanos com origem exógena se traduziu não apenas na importação de artefactos e de produtos alimentares da região do estreito de Gibraltar, mas também na plena adopção dos elementos do "pacote" mediterrâneo, o que implicou a própria produção local desses mesmos artefactos (forno de cerâmicas de engobe vermelho) e, pelo menos em parte, a adopção da língua fenícia, como ficou comprovado pela inscrição em caracteres fenícios incisos numa ânfora encontrada no Castelo de São Jorge. Importa ainda acrescentar que até aos meados do século V a.n.e. as relações inter-regionais se mantêm estreitas com as áreas de idêntica matriz cultural, concretamente o sul do actual território espanhol e restante fachada atlântica portuguesa, embora esse contacto se tenha perdido, ou diluído consideravelmente, a partir de então, seguindo a região, bem como aliás as restantes do litoral ocidental, um percurso independente e próprio, que mantém, no essencial, um relativo conservadorismo, pelo menos no que diz respeito à cultura material (Arruda, 1993; 1999-2000; 2005c; Sousa, 2011). Tal situação não é inédita na Península Ibérica, onde outras áreas regionais, antes integradas numa vasta *koiné*, desenvolvem trajectórias culturais distintivas e autónomas, como é o caso do mundo ibérico, no SE e NE, e do turdetano na Andaluzia ocidental e no Algarve. Assim, ainda que numa primeira fase todas estas regiões peninsulares estivessem marcadas por uma considerável unicidade, o processo que se desenvolve a partir dos finais do século VI a.n.e. levou a vias diferenciadas.

Para Almaraz, ainda na foz do estuário, não existem novos dados que possamos acrescentar aos que foram já divulgados (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993), no que se refere à arquitectura e materiais arqueológicos, mas as análises físicas e químicas dos metais mostraram uma tecnologia exógena, concretamente oriental (Valério *et al.*, 2012).

Para Santarém, na área mais a norte, as novidades são poucas, ainda que a ocupação do Bronze final tenha ficado recentemente muito bem documentada. Com efeito, o estudo dos resultados que permaneciam inéditos de uma escavação levada a efeito em 2001, permitiu identificar um conjunto de unidades estratigráficas do Bronze Final, onde a cerâmica de "tipo" Cogotas é muito significativa em termos numéricos, mas pouco diversificada em termos decorativos (Arruda e Sousa, no prelo). Quanto à Idade do Ferro, mantém-se o padrão já estabelecido nos trabalhos já publicados (Arruda, 2003; 1999-2000), com presenças antigas de cerâmicas de tipo fenício-ocidental, com os estratos do Ferro inicial a mostrarem uma muito significativa presença de cerâmica manual de tradição do Bronze final, mas sem qualquer vestígio de ligação à Meseta (Arruda e Sousa, no prelo). Tal como em Lisboa, o conservadorismo orientalizante é apanágio das fases mais tardias da Idade do Ferro. Na margem esquerda do Tejo, e praticamente diante de Santarém um outro povoado idêntico quanto à implantação, dimensão e diacronia da ocupação foi também já registado (Pimenta, Henriques e Mendes, 2012). No entanto, o sítio do Alto dos Cacos foi completamente destruído, sendo os materiais publicados referentes a recolhas de superfície.

Entre as duas áreas, com sítios de ampla dimensão implantados no topo de elevações com boas condições naturais de defesa, no que pode designar-se de médio estuário, desenha-se um povoamento denso, mas disperso. Na área de Vila Franca de Xira, têm vindo a ser descobertos espaços, ainda mal caracterizados do ponto de vista funcional (apenas um deles foi objecto de escavação), que se desenvolvem muito próximo das margens do antigo estuário e ao longo de ribeiras subsidiárias deste, como é o caso do Rio Grande da Pipa (Pimenta e Mendes, 2010/2011).

Trata-se de pequenos sítios, que poderão ter funcionado como casais agrícolas, mas também onde certas actividades "industriais", como a produção de cerâmica, podem ter ocorrido. Santa Sofia, Quinta da Marquesa (Vila Franca de Xira) e Setil (Cartaxo) encontram-se neste grupo. Tudo aponta para o século VII a.n.e. no que às primeiras ocupações sidéricas diz respeito, ainda que alguns deles tenham tido continuidade até momentos avançados do século IV a.n.e.

Na margem esquerda, núcleos de povoamento de idêntica implantação e de características aparentemente similares têm também vindo a ser identificados, alguns deles conhecidos pelas ocupações anteriores, como é o caso do Cabeço da Bruxa e Alto do Castelo(Alpiarça), Quinta da Alorna (Almeirim) ou de Porto de Sabugueiro (Salvaterra de Magos) (Arruda *et al*, no prelo).

No litoral a norte do Tejo, o quadro de referência traçado nos finais do século passado mantém-se actual, sem que haja novidades que valha a pena assinalar.

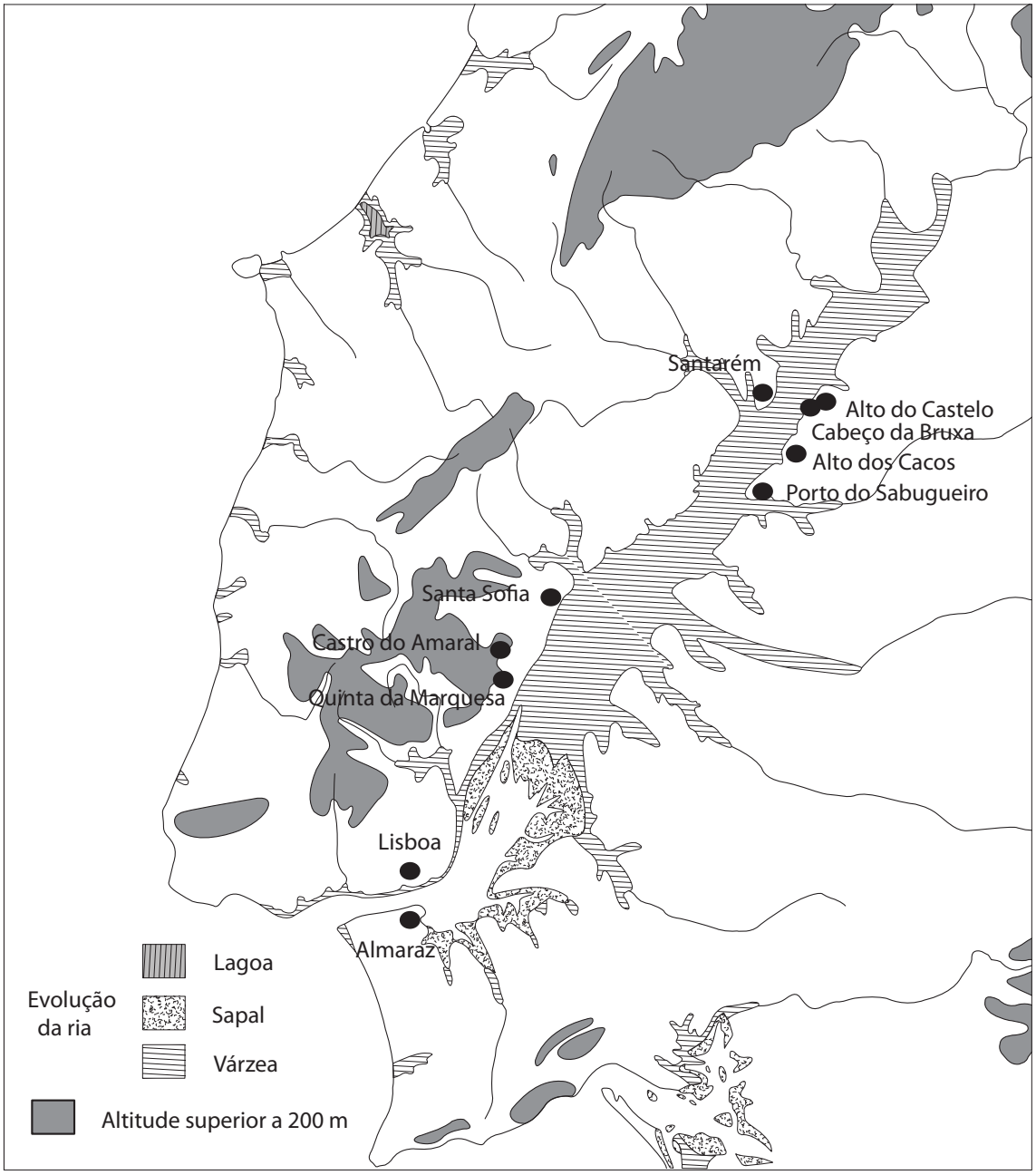


Fig. 18. Sítios orientalizantes do estuário do Tejo (Século VIII-VI a.n.e.), segundo Arruda *et al*., no prelo.

2.4. O interior

No território compreendido entre o Tejo e o Mondego, têm vindo a ser identificados sítios e materiais que configuram a utilização, em épocas recuadas, de um corredor natural que ligava o Baixo Tejo e ao Baixo Mondego e que, desde época romana e até aos finais do século XVIII, constituiu a principal via de comunicação terrestre entre Lisboa e Coimbra, através da célebre "estrada coimbrã".

Entre os escassos elementos mediterrâneos rastreados no Castelo Velho de Pedrógão, conta-se cerâmica cinzenta fina, e artefactos de vidro, concretamente um fragmento de um unguentário de vidro, assim como contas de colar do mesmo material (Santos e Batata, 2005). A datação mais concreta desta ocupação não é fácil de definir, uma vez que os materiais são de cronologia ampla, ainda que sempre da Idade do Ferro.

E em Figueiró dos Vinhos, prospecções realizadas em distintos momentos proporcionaram a recolha de cerâmicas com decoração brunida, dois escopros de bronze e um fragmento de espada tipo "língua de carpa" (inéditos), testemunhando uma ocupação do Bronze Final, a que se seguiu, ou não, uma outra da Idade do Ferro, documentada por diversas cerâmicas a torno, nomeadamente cinzentas, uma lâmina afalcatada de ferro, e contas de vidro oculadas (Coutinho, 1994). Não se torna fácil tentar compreender se entre uma e outra ocupação houve continuidade, ou se pelo contrário ambas estão separadas por um hiato. Talvez o estudo dos materiais, que, conjuntamente com Raquel Vilaça, tenho em curso, possa vir a esclarecer esta e outras questões.

Também em Ourém, no Morro do Castelo uma realidade idêntica em termos cronológicos e culturais foi recentemente identificada, destacando-se uma vez mais as cerâmicas cinzentas (Vilaça, 2008).

Em Leiria, na encosta do Castelo exumaram-se importantíssimos testemunhos datáveis de um período compreendido entre os sécs. IX e VI a. C. (Coelho, 2005). Dele dão conta as cerâmicas de "tipo Boquique" e com decoração brunida, *pithoi*, cerâmica industrial destinada à copelação e grafitos. Neste caso, a 1ª Idade do Ferro é uma possibilidade mais consistente que nos anteriores, ainda que se espere que a publicação dos resultados possa esclarecer melhor a cronologia sidérica, que poderá oscilar entre o século VII e o VI a.n.e.

Este povoamento parece localizar-se ao longo do caminho mais interior da região atlântica, entre o oceano e as terras altas, caminho que terá tido um importante papel no estabelecimento das relações norte/sul durante a Proto-história, relações efectuadas por intermédio das bacias do Baixo Tejo e do Mondego.

No entanto, estas realidades mantêm-se, quase completamente, inéditas, o que dificulta, substancialmente, a análise e a interpretação. Mas ignorá-las neste contexto por esse facto não parecia opção.

No interior alentejano, os dados são mais abundantes.

Convém contudo começar por referir que a grande maioria dos componente da Idade do Ferro do Alentejo tem características exógenas, mais concretamente mediterrâneas. Por outro lado, também parece ser importante não perder de vista que na região se observa um intenso povoamento do Bronze Final, materializado em numerosos povoados de altura e também de planície, que configuram uma densa malha de ocupação. Tais realidades evidenciam uma vitalidade considerável e uma demografia apreciável, nos finais do II milénio a.n.e. e nos inícios do seguinte. Quase todos estes sítios são abandonados em torno ao século VIII e VII , exactamente no momento em que os grupos fenícios chegaram e se instalaram no litoral, situação que, aliás, é também rastreável em outros territórios, como é o caso da Beiras, do Ribatejo e da própria Estremadura.

O Castro dos Ratinhos, em Moura, constitui-se como uma das pouquíssimas excepções a esta situação. Os resultados das intervenções concretizadas no sítio foram já objecto de várias publicações, estando disponível um volume monográfico (Berrocal-Rangel e Silva, 2010). Trata-

-se de um povoado fortificado, não particularmente extenso, cujo início da ocupação se data do século XI a.n.e. (*Ibidem*) Neste contexto, importa destacar a existência de níveis, construções e espólios da Idade do Ferro, de que é obrigatório evidenciar o edifício religioso construído na chamada "Acrópole", cuja planta corresponde a um plano arquitectónico relativamente complexo (*Ibidem*). O referido edifício, que foi considerado um santuário, possui características eminentemente orientais, seguindo um traçado clássico de tipo siríaco, que contudo é contemporâneo de cabanas circulares (*Ibidem*). O sítio foi abandonado no final do século VIII a.n.e.

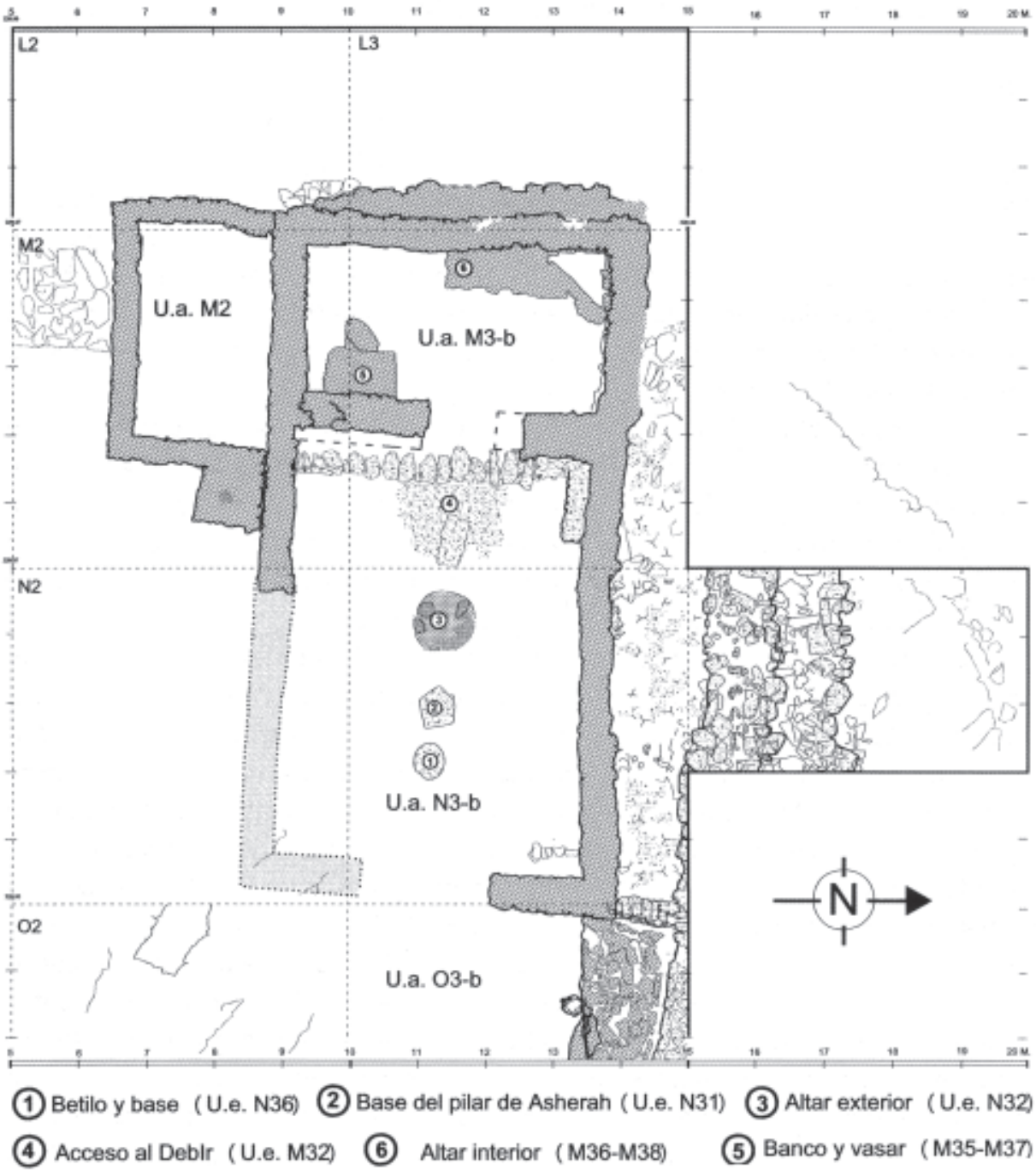


Fig. 19. Templo do Castro dos Ratinhos, segundo Berrocal e Silva, 2010.

Não é fácil interpretar estes dados, não apenas pelo seu ineditismo, mas sobretudo pelo facto de após a o referido santuário ter sido desactivado se terem ainda construído cabanas circulares de matriz indígena. E, contra a corrente (*Ibidem*), penso que a realidade do Castro dos Ratinhos evidencia não uma construção colonial, feita por colonos orientais, mas talvez um edifício construído pela comunidade indígena, ainda que a sua planta e as técnicas construtivas correspondam a modelos canónicos próximo-orientais. Esta hipótese baseia-se nos dados estratigráficos (cabanas de planta circular na mesma fase e na fase posterior) e mesmo nos materiais arqueológicos que os níveis correspondentes à fase de construção deste edifício ofereceram. Lembre-se que a percentagem de cerâmicas a torno é muito diminuta face às produções manuais, que mostram formas e esquemas decorativos do Bronze Final.

Será que perante a situação de abandono e decadência generalizados nas proximidades imediatas e longínquas, a comunidade que habitava o Castro dos Ratinhos terá tido uma última e desesperada tentativa de sobrevivência, que se consubstanciou na adopção de um segmento da componente exógena? É o que me parece mais provável, ainda que tudo indique que o esforço não tenha tido aparentemente os resultados esperados e o destino do Castro dos Ratinhos tenha sido o mesmo dos outros sítios: o total abandono.

Estas comunidades do Bronze Final do interior alentejano não sobreviveram pois ao impacto colonizador que atingiu o litoral, que teve sobre elas efeitos concretos, e de alguma forma devastadores, e que provocaram o colapso do Bronze Final e a desagregação de todo o sistema social e político vigente.

Os grupos dispersam-se pelo território, ocupando áreas de planície, sob a forma de pequenas quintas, de que são exemplo muitos do sítios que Rui Mataloto e Manuel Calado identificaram e escavaram no Alentejo Central, concretamente na Serra d'Ossa, mas também na região de Monsaraz e no entorno de Beja (Calado e Rocha, 1996-97; Calado *et al*., 2007; Mataloto, 2004, 2009), e ainda a sul, em Ourique (Arruda, 2001; Correia, 1999) e Castro Verde (Maia, 1988; Maia e Maia, 1986, 1996). Curiosamente, ou talvez não, e ao contrário das outras regiões como as Beiras ou o Alto Ribatejo, que apenas no final da Idade do Ferro voltam a ser ocupadas e ainda assim de forma muito esporádica e difusa, estas comunidades vão sobreviver ainda que com modelos económicos, sociais e políticos bem diversos dos que possuíam anteriormente e também distintos dos que vigoravam no litoral. Mas adoptaram, progressiva e paulatinamente, elementos mediterrâneos, incorporando espólios de matriz oriental e construindo de acordo com esses mesmo modelos. O que se compreende porque, ao contrário das áreas mais setentrionais, o espaço alentejano encontra-se "cercado" a sul, a este e a oeste por comunidades fenícias e /ou já profundamente orientalizadas.

Contudo, é no cenário da morte que a orientalização mais se manifesta, mas sobretudo ao nível dos espólios e não exactamente nas arquitecturas, que pouco têm de oriental. Quer nas necrópoles de Ourique, quer ainda nas que têm vindo a ser reconhecidas na região de Beja/Beringel, a orientalização destas comunidades está patente no conjunto dos espólios, mas os rituais e a arquitectura funerária parecem entrosar-se ainda no mundo indígena. É assim possível defender que a necessidade de perpetuar a imagem dos antepassados ou das gerações anteriores obrigasse a que o centro cosmogónico se relocalizasse na morte, que por um processo mental legitimava a ocupação das terras num dado território, providenciando protecção dos vivos, e a apropriação do espaço e do território, agindo os monumentos como um mapa existencial da comunidade (Lewis-Williams e Pearce, 2005:193). Por outro lado parece certo que estes espaços da morte sendo lugares de memória foram certamente de algum modo sítios de resistência.

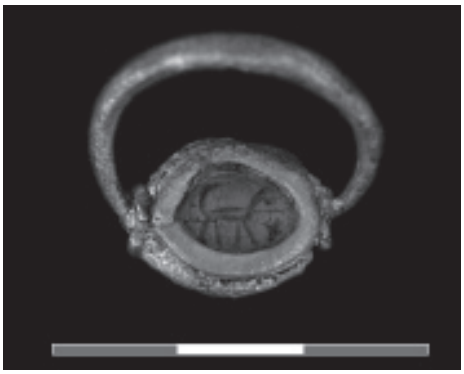


Fig. 20. Anel da necrópole da Vinha das Caliças (Beringel, Beja), segundo Arruda *et al*., no prelo.

Fig. 21. *Oil botle* da necrópole de Palhais (Beringel, Beja), segundo Santos *et al*., 2008.

3. Os modelos possíveis

Apresentados os novos dados e tendo presentes os já conhecidos, torna-se possível apresentar os modelos que podem explicá-los, admitindo desde já que bebemos inspiração nos que vão sendo construídos para o Neolítico Antigo.

Assim, e do meu ponto de vista, não parecem restar dúvidas que a orientalização do Extremo Ocidente se processou, num primeiro momento, através de grupos humanos com origem no Mediterrâneo, parecendo o *Modelo da difusão démic*a o que melhor se adapta às realidades do litoral. De facto, os dados dos estuários do Tejo, do Mondego, do Sado e do Guadiana evidenciam a presença de fenícios ocidentais a partir de meados do século VIII a.n.e., pelo menos para os dois primeiros, o que modificou substancialmente a paisagem urbana e rural, bem como os quotidianos conhecidos até então, através da adopção de novas tecnologias e de outros hábitos alimentares. Ainda assim, tudo indica que o início do processo pode ser integrado no que tem vindo a ser designado "*leapfrog colonization*", com grupos exógenos, num primeiro momento, a visarem especificamente áreas concretas, como fica evidenciado pela precocidade do fenómeno na área do Estuário do Tejo, frente à realidade algarvia ou sadina.

Contudo, sabemos bem da importância do povoamento do Bronze Final nestas mesmas áreas e inclusivamente em sítios que se orientalizaram, como é o caso, por exemplo, de Santarém e Lisboa, no Tejo, de Castro Marim e Tavira, no Algarve litoral e de Conímbriga, no Mondego. A existência de duas comunidades distintas étnica, cultural e socialmente em espaços comuns não é pois incompatível em certos casos, ainda que possamos assumir a separação em outras situações. A verdade é que se certos grupos assimilaram as novas tecnologias e incorporam elementos da comunidade exógena, outros mantiveram-se separados, o que configura, para os primeiros anos, uma distinção territorial concreta, o que está próximo do chamado *Modelo em mosaico* que prevê a existência de grupos humanos co-habitando em territórios vizinhos em estádios diferentes de desenvolvimento.

Porém, tudo indica que esta situação não é prolongada no tempo, uma vez que os sítios indígenas acabariam por sofrer um processo de retracção muito significativo, comprovado pelo abandono de muitos deles, como os dados da Estremadura portuguesa bem evidenciam. Os que

permaneceram ocupados são justamente os que receberam a população exógena, como se testemunha também em Alcácer do Sal e Setúbal, e, como já foi mencionado, em Lisboa, Santarém, Conímbriga, Castro Marim e Tavira.

No interior, a situação é distinta, ainda que, também aqui, se tenha verificado o abandono da grande maioria dos sítios ocupados durante o Bronze Final, o que, em meu entender, evidencia a fragmentação da "ordem" social e política existente. Os grupos indígenas não parecem também resistir ao impacto colonizador ocorrido no litoral, apesar de alguns deles terem tentado reagir, através da adopção de planos arquitectónicos e espólios mediterrâneos e inclusivamente de elementos de categorias que se enquadram ao nível da super-estrutura. Parece ser este justamente o caso do Castro dos Ratinhos, como se discutiu acima.

Assim, e ainda que, como é evidente, a eliminação total dos grupos indígenas não seja passível de defender em qualquer circunstância, a verdade é que quer no litoral quer no interior parece ter-se verificado o colapso total das formas de organização social e política do Bronze Final. "Orientaliza-te ou morre" pode efectivamente aproximar-se da realidade que os dados arqueológicos possibilitam ler, o que não obriga, necessariamente, a assumir que o papel das comunidades autóctones fosse absolutamente passivo, até porque o "pacote" oriental pode ter sido assimilado de forma pró-activa, sem que a identidade primogénita, pelo menos ao nível ideológico, se tenha perdido, como aliás foi já proposto para a realidade do Neolítico Antigo (Bernabeu Aubán, 2002: 209). Adiante-se que os espaços da morte, que funcionaram também como lugares de memória, serão justamente os que permitem esta leitura e poderão mesmo ter-se assumido, pelo menos numa primeira fase, como lugares de resistência. De facto, as necrópoles alentejanas que nos últimos anos têm vindo a ser identificadas e escavadas na área de Beringel (Beja) e as que foram estudadas na década de 80 do século passado na região de Ourique possuem características arquitectónicas e rituais funerários compatíveis com tradições indígenas, apesar da grande maioria dos espólios ser exterior ao território peninsular, quer na matriz ideológica, quer na própria tecnologia utilizada na sua confecção.

Assim, parece importante reafirmar que este *modelo de difusão démica* não pressupõe a negação absoluta do papel, mais ou menos dinâmico, que certamente as comunidades autóctones assumiram em todo o processo que as afectou directamente. Contudo, a verdade é que assumir que a colonização fenícia foi integradora, através de uma qualquer hibridização, entrosamento, ou emaranhamento, como têm vindo a propor os partidários das teses pós-coloniais, não pode ser lida nos dados arqueológicos que pude analisar. Pelo contrário, o que se torna claro é o facto de o referido processo provocar um colapso total dos sistemas sociais vigentes, que são substituídos por outros, consideravelmente mais complexos.

Estas reflexões finais merecem, naturalmente, ser continuadas num outro trabalho, apenas e só a elas dedicado, o que tenho a intenção de concretizar num futuro próximo. Com efeito, urge voltar a discutir a colonização fenícia no território actualmente português, tendo em consideração também os novos enquadramentos teóricos bebidos nas teses do pós colonialismo, que alguns arqueólogos ligados ao mundo anglo-saxónico e os do eixo peninsular Barcelona/Valência têm vindo a abraçar em anos recentes. Mas gostaria de adiantar, desde já, que me parece que o pós-colonialismo acaba, em última análise, por desculpabilizar, de forma excessiva, o colonialismo propriamente dito, atenuando a violência de que efectivamente se revestiu, e o carácter opressivo que sempre e em qualquer lugar objectivamente assumiu. Por outro lado, o excessivo protagonismo que é oferecido às comunidades nativas peninsulares, quando se pretende ver no início do processo estratégias ditadas por estas, apenas inverte os dados, o que acaba por revelar um esquema igualmente maniqueísta e dualista, agora de sentido inverso.

Assim, e parecendo-me óbvio que colonizadores e colonizados não vivem em mundos completamente separados, as relações entre os dois grupos que actuam no mesmo cenário são

objectivamente assimétricas e de dominação, penalizando as sociedades indígenas, ainda que naturalmente seja admissível pensar que estas não são constituídas por uma massa amorfa que apenas se aculturou, absorvendo a totalidade do "pacote" colonial.

Bibliografía

Alarcão, J. e Delgado, M. (1969) - *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa (1ª parte)*. Lisboa.

Almagro Gorbea, A. (2008) – *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos*. Madrid.

Amadasi Guzzo, M. G. e Zamora Lopez, J. A. (2008) - Un ostracon phénicien de Tavira (Portugal), *Vicino Oriente,* 14, p. 231-240.

Antunes, A. S. (2005) - *Um conjunto cerâmico da Azougada: em torno da Idade do Ferro Pós-orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana.* Lisboa.

Arruda, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais (Actas do Encontro "Os fenícios no território português")*, 4, p. 193-214.

Arruda, A. M. (1999-2000) - *Los Fenicios en Portugal*. Cuadernos da Arqueología Mediterránea, 5-6. Barcelona.

Arruda, A. M. (2001) – A Idade do Ferro pós-Orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4, 2, p. 207-291.

Arruda, A. M. (2005a) – Orientalizante e pos-orientalizante no Sudoeste peninsular: geografías e cronologías. In Celestino Pérez e Jiménez Ávila (Eds.) *El período orientalizante. Archivo Español de Arqueología, Anejos XXXV,* I, p. 277-304. Mérida.

Arruda, A. M. (2005b) - Ânforas R1 em Portugal. In *Ati del V Congresso Internazionale di Studi Fenici i Punici*, 3, p. 1311-1318. Palermo.

Arruda, A. M. (2005c) - O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*, 4, 23, p. 9-156.

Arruda, A. M. e Sousa, E. (no prelo) - Late Bronze Age in Alcáçova de Santarém (Portugal).

Arruda, A. M.; Covaneiro, J. e Cavaco, S. (2008) - A necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça (Tavira). *XELB*, 8, p. 141-160.

Arruda, A. M.; Ferreira, M.; Sousa, E.; Lourenço, P.; Lima, J. e Carvalho, A. (no prelo) - Contributos para o conhecimento da Idade do Ferro de Alcácer do Sal: os dados da Rua do Rato.

Arruda, A. M.; Lourenço, P. e Lima, J. (no prelo) – Um jarro piriforme de bronze de Alcácer do Sal.

Arruda, A. M.; Soares, A. M.; Freitas, V. T.; Oliveira, C. F.; Martins, J. M. e Portela, P. (2013) – A cronologia relativa e absoluta da ocupação sidérica do Castelo de Castro Marim. *Saguntum*, 45, p. 101-114.

Arruda, A. M.; Sousa, E.; Pimenta, J.; Mendes, H. e Soares, R. (no prelo) – A Idade do Ferro do Alto do Castelo, Alpiarça.

Aubet, M. E. (1978) - Los marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir: I. Cruz del Negro. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, 44, p. 15-88.

Aubet, M. E. (1980) - Los marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir: II Achebuchal y Alcantarilla. . *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, 46, p. 33-92.

Barros, L.; Cardoso, J. L. e Sabrosa, A. (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo: economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. *Estudos Orientais*, 4, p. 143–181.

Bernabeu Aubán, J. (2002) - The social and symbolic context of Neolithization. In E. Badal, J. Barnabeu e B. Martí (Eds.), *El paisaje en el Neolítico mediterráneo, Saguntum* Extra 5, p. 219-233.

Berrocal Rangel, L. e Silva, A. C. (2010) - *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007.* Suplemento do Arqueólogo Português, 6. Lisboa.

Cabré, J. (1924) - La rueda en la Península Ibérica (Papeletas para su estudio desde la época prehistórica hasta los tiempos de Augusto). In *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria,* 3. Madrid. p. 71-96..

Calado, M. e Rocha, L. (1996-97) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central, *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*, 1, p. 99-130

Calado, M.; Mataloto, R. e Rocha, A. (2007) - Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo do Alqueva (Alentejo, Portugal). In A. Rodríguez Díaz e I. Pavón Soldevila (Eds.), *Arqueologia de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular.* Cáceres, p. 129-179.

Celestino Pérez, S. (1999) – *El Yacimiento Protohistórico de Pajares. Villanueva de la Vera. Cáceres. 1. Las Necrópolis y el Tesoro Áureo*. Mérida.

Celestino Pérez, S. e Jiménez Ávila, J. (1993) - *El Palacio-Santuario de Cancho Roano IV. El Sector Norte.* Badajoz.

Coelho, R. G. (2005) – Leiria num tempo de mudança: aproximação à transição da Idade do Bronze Final para a Idade do Ferro. In S. Carvalho (Coord.), *Habitantes e habitats. Pré e Proto-história na bacia do Lis* – Catálogo. Leiria. p. 118-135.

Correa, J. A. (2011) – La leyenda indígena de las monedas de Salacia y el grafito de Abul (Alcácer do Sal, Setúbal). In *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Lisboa/Madrid, p. 103-112.

Correa, J. A. e Zamora, J. A. (2008) – Un graffito tartesio hallado en el yacimiento del Castillo de Doña Blanca (Puerto de Sta. María, Cádiz), *Palaeohispanica,* 8, p. 179-196.

Correia, V. (1925) - Uma conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos*, 1 (7), p. 347-363.

Correia, V. (1928) - Escavações realizadas na necrópole de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *O Instituto*, 75, p. 190-201.

Coutinho, J. E. R. (1994) - Monte de Figueiró. In I. Pereia (Coord.) *Idade do Ferro. Catálogo*. Figueira da Foz. p. 113-115.

Cunchillos, J.-L. e Zamora, J. Á. (2004) - La epigrafía fenicia del yacimiento del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz). *Palaeohispanica*, 4, p. 111-134.

Éluère, C. (1998) - Útiles de la tumba de orfebre de Cabezo Lucero. In C. Aranegui (ed.) *Los Iberos. Príncipes de Occidente.* Barcelona. p. 259-261.

Eluère, C. e Mohen, J. P. (1993) – Problèmes des enclumes et matrices en bronze de l'Age du Bronze en Europe occidentale. In *Outils et ateliers d'orfeèvres des temps anciens*. Saint Germain en Laye. p. 13-22.

Encarnação, J. M. e Faria, J. C. (2002) - O santuário romano e a *defixio* de Alcácer do Sal. In *Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa*. Lisboa. p. 259-263.

Fernández, J. H. e Padró, J. (1986) – *Amuletos de tipo egipcio del Museo Arqueológico de Ibiza*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza, 16. Ibiza.

Filipe, V.; Calado, M. e Leitão, M. (2014) - Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa: o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei. In *Actas do 6.o Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*.

Frankenstein, S. (1997) – *Arqueología del colonialismo. El impacto fenício y griego en el sur de la Península Ibérica y el suroeste de Alemania*. Barcelona.

Freitas, V. T. (2005) - *As cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. Produção, consumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante Peninsular*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 volumes, Lisboa.

García Teyssandier, E. e Cabaco Encinas, B. (2009) - Avance sobre el hallazgo de la necropolis "Hoya de los Rastros, de Ayamonte (Huelva). In: *Actas XIII Jornadas de Historia de Ayamonte*. Ayamonte. p. 203-214.

Gomes, E. (2008) - *Os ex-votos proto-históricos do Castelo de Alcácer do Sal*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 volumes, Lisboa.

González Prats, A.; García Menárguez, A. e Ruiz Segura, E. (1999) - La Fonteta, 1997. Memoria preliminar de la segunda campaña de excavaciones ordinarias en la ciudad fenicia de la desembocadura del río Segura, Guardamar(Alicante). In González Prats, A. (Ed.), *La cerámica fenicia en Occidente: sobre Temas Fenicios.* Alicante. p. 257-301.

Gruzinski, S. (1999) - *La Pensée metises*. Paris.

Guerra, A. (2003) - Anotações ao texto da *tabella defixionis* de Alcácer do Sal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8, 2, p. 335-339.

Jiménez Ávila, J. (1998) - El lecho funerario de época orientalizante de «el Torrejón de Abajo» (Cáceres). *Madrider Mitteilungen,* 39, p. 67-97

Jiménez Ávila, J. (2002) – *La touréutica orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid.

Jiménez Ávila, J. (2008) – Objectos de bronze e ferro. In M. Almagro Gorbea (Dir.), *La necrópolis de Medellín. II Estudio de los hallazgos*. Madrid. p. 513-566.

Lewis-Williams, D. & Pearce, D. (2005) - *Inside the Neolithic mind*. London.

Llorio, A. J. (2008) – Cerámica oxidante de "tipo gris". In M. Almagro Gorbea (Dir.), *La necrópolis de Medellín. II Estudio de Los hallazgos*. Madrid. p. 663-668.

Maia, M. (1988) - Neves II e a "Facies" Cultural de Neves-Corvo. *Arquivo de Beja*, 2ª Série, 3, p. 23-42.

Maia, M. (2000) – Tavira fenícia. O território para Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a. C.. In A. González Prats (Ed.), *Fenicios y Territorio. Actas del II Seminario Internacional sobre Temas Fenicios*. Alicante. p. 121-150.

Maia, M. (2003) - Fenícios em Tavira. –In *Tavira: território e poder*. Lisboa. p. 57- 72.

Maia, M. e Gómez Toscano, F. (2012) – Um achado da Idade do Bronze em Tavira. In J. Jiménez Ávila, (Ed.), *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Archivo Español de Arqueología, Anejos LXII.* Mérida, p. 327--344.

Maia, M. e Silva, L. F. (2004) - O culto a BAAL em Tavira. *Huelva Arqueológica,* 20, p. 173-194.

Maia, M. e Maia, M. (1986) - *Arqueologia da Área Mineira de Neves-Corvo. Trabalhos Realizados no Triénio 1982-84.* Neves-Corvo.

Maia, M. e Maia, M. (1996) - Arqueologia do Couto Mineiro de Neves-Corvo. In M. Rego (Coord.), *Mineração no Baixo Alentejo*. Castro Verde. p. 82-93.

Maluquer de Motes, M. (1981) - *El santuario protohistórico de Zalamea de la Serena (Badajoz). Proyecto de Investigaciones Protohistóricas IV. Andalucía y Extremadura.* Barcelona.

Mataloto, R. (2004) - *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I° milénio a.C. do Alentejo Central.* Lisboa.

Mataloto, R. (2009) - Através dos campos: arquitectura e sociedade na Idade do Ferro alto alentejana. In M. C. Belarte (Ed.), *L'espai domèstic i l'organització de la societat a la protohistòria de la Mediterrània occidental (Ier mil·lenni aC)*, p. 279-298.

Mayet, F. e Silva, C. T. (2000) – *L'établissement phénicien d'Abul. Portugal*. Paris.

Monteiro, J. P. (1980) – O acampamento do Bronze Final das Pontes de Marchil. In *Descobertas Arqueológicas do Sul de Portugal*. Lisboa.

Oliveira, C. F. (2008) - Produção e consumo de cerâmica manual no castelo de Castro Marim nos séculos VI e V a.n.e., In Jiménez Ávila, J. , (Ed.), *Sidereum Ana I. El río Guadiana en Época Post-Orientalizante. Archivo Español de Arqueología, Anejos XLVI,* p. 447-467, Mérida.

Oliveira, C. F. (2012) - O Castelo de Castro Marim durante a etapa final da Idade do Bronze. In Jiménez Ávila, J., (Ed.), *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Archivo Español de Arqueología, Anejos LXII.* Mérida. p. 327--344.

Paixão, A. C. (1970) – A *necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal - Novos elementos para o seu estudo.* Lisboa. Tese de Licenciatura.

Paixão, A. C. (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). *Arqueólogo Português,* 4, 1, p. 273-286.

Paixão, A. C. (2001) – Alcácer do Sal Proto-histórica no contexto mediterrâneo. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa. p. 149-172.

Perea, A. & Armbruster, B. (2011) - Tomb 100 at Cabezo Lucero: new light on goldworking in fourth-century BC Iberia. *Antiquity*, 85, 327, p. 158-171.

Philipe Simões, A, (1876) - *Escriptos diversos*. Coimbra

Philippe Simões, A. (1896) – *Escriptos diversos*. Coimbra.

Pimenta, J. e Mendes, H. (2010/2011) - Novos dados sobre a presença Fenícia no Vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 591-218.

Pimenta, J.; Calado, M. e Leitão, M. (no prelo) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça. In *Actas 6º Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*.

Pimenta, J.; Henriques, E. e Mendes, H. (2012) – *O acampamento romano do Alto dos Cacos*. Almeirim.

Pimenta, J.; Silva, R. B. e Calado, M. (no prelo) - Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: a intervenção arqueológica urbana da rua de São Mamede ao Caldas nº 15. In Actas do 6º Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos. Lisboa.

Quesada Sanz, F. (1997) - *El armamento ibérico: Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la cultura ibérica (siglos VI–I a.C.* Madrid

Rodríguez Dias, A. (2004) - *El edifício protohistorico de "La Mata" (Campanário, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres.

Rouillard, P.; Éric Gailledrat, E. e Sala Sellés, F. (2007) - *L'établissement protohistorique de la Fonteta : fouilles de la Rábita de Guardamar* II. Madrid.

Rouillard, P.; Paixão, A. C.; Villanueva-Puig, M. C. e Durand, J. L. (1988-89) - Les vases grecs d'Alcácer do Sal (Portugal). *Arqueólogo Português,* 4, 6/7, p. 45-108.

Santos, J. C. e Batata, C. (2005) – Elementos orientalizantes no vale do rio Zézere: o povoado fortificado de Nossa Senhora dos Milagres – Castelo Velho (Pedrogão Grande, Portugal). In S. Celestino Pérez e J. Jímenez Ávila (Eds.), *El periodo Orientalizante.* Anejos de Archivo Español de Arqueología XXXV, 2, p. 947-954.

Schüle, W (1969) - *Die Meseta-Kulturen. Der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschunguen. 3. Berlim.

Santos, F.; Antunes, A. S.; Grilo, C. e Deus, M. (2009) - A necrópole da Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência. In *Actas do IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva, p. 746-804.

Soares, J. e Silva, C. T. (1998) - From the collapse of the chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian península. In Jorge, S. (Ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico*? Lisboa. p. 231-245.

Sousa, E. (2011) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Sznycer, M. (2001) – Une ancienne inscription phénicienne découverte à Abul. *Semitica*, 50, p. 226-228.

Uroz Rodriguez, H. (1992) - Tumba del orfebre (Tumba nº 100). In *Cabezo Lucero. Necrópolis ibérica, Guardamar del Segura (Alicante). Catálogo de la exposición.* Alicante. p. 45-48.

Uroz Rodriguez, H. (2006) - *El programa iconográfico religioso de la Tumba del Orfebre, de Cabezo Lucero (Guardamar del Segura, Alicante)*. Monografías del Museo de Arte Ibérico del El Cigarralejo (3).

Valério, P.; Silva, R. J. C.; Araújo, M. F.; Soares, A. M. e Barros, L. (2012) - A multianalytical approach to study the Phoenician bronze technology in the Iberian Peninsula - a view from Quinta do Almaraz. *Materials Characterization,* 67, p. 74-82.

Vilaça, R. (2008) – Reflexões em torno da "presença mediterrânea" no Centro do território português na charneira do Bronze para o Ferro. In S. Celestino; N. Rafel e X. L. Armada, *Contacto cultural entre Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.). La precolonización a debate*. Madrid. p. 371-401.

ARQUEOLOGIA

SÍTIOS E MATERIAIS

THE PHOENICIAN KINGDOM OF SIDON IN THE LIGHT OF RECENT EVIDENCE FROM TELL EL-BURAK-LEBANON

Hélène Sader

American University of Beirut

Abstract

This paper traces the history of the Phoenician kingdom of Sidon from its origins until its conquest by Alexander the Great. It emphasizes the contribution of the Tell el-Burak excavations to the history of this kingdom by placing them in their historical context.

Résumé

Cette communication retrace l'histoire du royaume phénicien de Sidon depuis ses origines jusqu'à sa conquête par Alexandre le Grand. Elle place les fouilles récentes de Tell el-Burak dans leur contexte historique et met en relief leur contribution à l'histoire de ce royaume en comblant les lacunes laissées par les sources écrites.

In this paper, I shall try to trace the history of the Phoenician kingdom of Sidon from its origins until its conquest by Alexander the Great and along the way I shall emphasize the contribution of the Tell el-Burak excavations[1] to the history of this kingdom. In other words, I shall try to place the results of the Tell el-Burak excavations in their historical context.

Tell el-Burak or Tell el-Brāk is located on the shore of Addusiyye, 9 km south of Sidon and some 4 km north of Sarafand (Fig.1). Thomson, a 19th c. traveler, describes it as "*a huge hay-stack on the very margin of the sea*" (1864: 142). It is ca 19m high and measures 150m x 120m at its base (Fig.2).

The modern name of Tell el-Burak is clearly an Arabic toponym that the site owes to the near-by springs and cisterns (in Arabic *brāk* or *burak*), and which, unfortunately, does not betray the ancient toponym. The ancient name of the Tell should be looked for among the place names listed in ancient texts as belonging to the territory of Sidon, for Tell el-Burak is located at the heart of the Late Bronze and Iron Age Sidonian kingdom. I have argued elsewhere (Sader 1997: 367, 371-372) for a tentative identification of the Tell with either Little Sidon or Kar Esarhaddon, the capital of the Assyrian province.

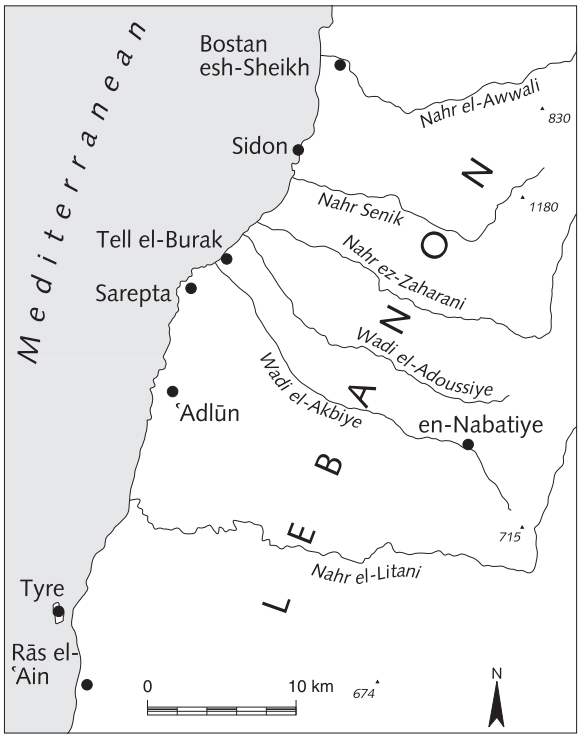


Fig. 1. Map showing the location of Tell el-Burak

Fig. 2. Tell el-Burak: view from the South

1 The Tell el-Burak Archaeological Project is a joint project of the American University of Beirut, the University of Tübingen and the German Archaeological Institute-Berlin.

Sidon, modern *Ṣayda* and ancient *Ṣidunu*, is not attested in ancient Near Eastern sources before the middle of the second millennium BC. However, archaeological excavations have partly compensated the total silence of the written records and have provided some information about the origins of the city. The settlement, which was excavated in the area of Dakerman (Saidah 1979), in the southern suburbs of the modern city, showed that Sidon was settled for the first time in the Late Chalcolithic period, sometime towards the end of the 4th millennium BC. This early village was abandoned at the beginning of the 3rd millennium BC, and it appears that the inhabitants moved to the neighboring hill southeast of the harbor, where remains of the Crusader land castle are still standing. On this hill, a British Museum excavation team recently found an Early Bronze Age settlement, consisting of domestic installations and tombs (Doumet-Serhal 1999: 195ff, 2000: 78ff, 2001: 155ff, 2002: 180ff; 2003: 177ff). The site of this modest Early Bronze Age village was abandoned at the end of the 3rd millennium BC and transformed into a vast burial ground in the Middle Bronze Age (Doumet-Serhal 2001: 162; 2002: 188ff; 2003: 179ff).

The abandonment of the Early Bronze Age settlement and the absence of any written information about Sidon until the middle of the second millennium BC, leaves us with a major gap in the city's history. Nothing is indeed known about the location, the nature, the extension, and the significance of Middle Bronze Age Sidon. Moreover, until the recent excavations of Tell el-Burak, no other city belonging to Sidon's later territory had yielded a Middle Bronze Age settlement. We were left with absolutely no hint as to how Sidon developed from a small Early Bronze Age village to a threatening political and economic power in the Late Bronze and Iron Age. The Tell el-Burak excavations have helped us bridge this gap in Sidon's history.

The Tell el-Burak Excavations: The Middle Bronze Age
(Kamlah-Sader 2003: 159ff and 2004: 131ff)

In Area 1 on the Tell summit (see Fig.3), directly below a Late Mamluk-Early Ottoman period house (Shehadeh 2005), which partly covered its remains, a massive mudbrick building (Fig.4) dating to the Middle Bronze Age was found (Kamlah-Sader 2003: Fig.22).

This building on the hilltop has been exposed for centuries to sun, rain and wind. As a result, all its walls and nearly all its floors have eroded. Together with the floors, the finds in all the rooms have also disappeared. What is preserved is basically the massive substructure, i.e. the foundation walls and the earthen fill they contained. The various fill layers, mainly those removed from soundings below the courtyard, contained substantial amounts of potsherds, which allowed us to date the building to the Middle Bronze Age. Indeed, the large majority of these sherds from the fill date to Middle Bronze Age II (Badreshany 2005 and Kamlah-Sader 2003: Pl. 3) and no sherd of more recent periods has been found. The conspicuous absence of Late Bronze or Iron Age pottery proves that the building was erected not later than Middle Bronze Age II. Additional evidence for this dating came from the burials (Kamel 2005) that were uncovered at the western outer corner of room 6 and which were laid when the mud-brick building was still in use. Amidst the badly preserved skeletons, some broken juglets were found: They clearly date to Middle Bronze Age IIB. One vessel, which was found outside the tomb, belongs to the typical Tell el-Yehudiyye pottery tradition and points also to this date.

The excavations allowed us to understand the building process of this structure. In the course of the Middle Bronze Age, immense amounts of earth were piled up on the site of Tell el-Burak in order to create an artificial mound. This mound was held in place by a cyclopean retaining wall built around the foot of the Tell, traces of which were found under the later Iron Age wall (Kamlah-Sader 2003: Fig.12). In the centre, a mud-brick building with an extension of *ca*. 32 by

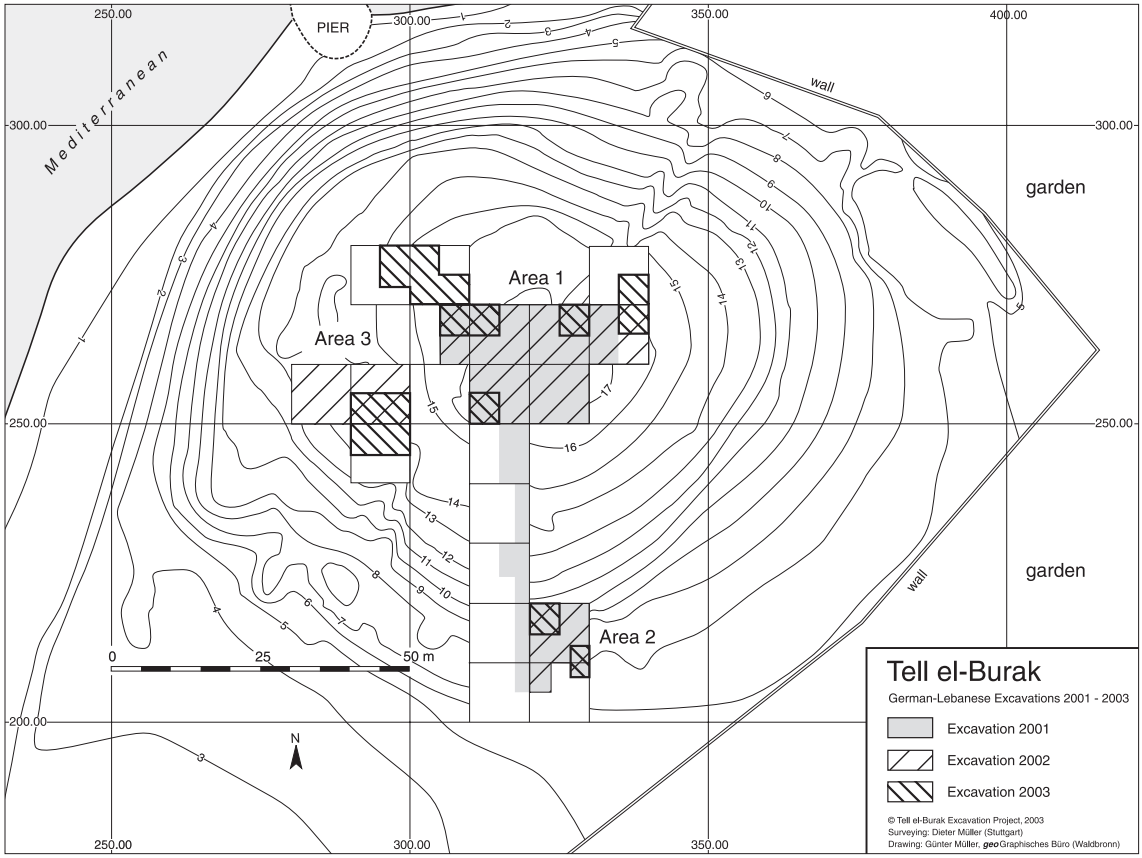


Fig. 3. Excavation areas on Tell el-Burak

40 m was erected. The layout of this structure as well as its foundations had already been put in place when the process of piling up the hill began. This explains why the foundations of its walls reach – at least in the area of the central courtyard – a depth of more than 11 m. (Kamlah-Sader 2003: Fig. 17). The walls have an average thickness of 1.20 m, the exterior walls sometimes up to 2 m. The module of the mud-bricks is 40 by 40 by 12 cm.

The building consists of rooms built around an inner rectangular courtyard, which was located at the back of the building (see Fig.4). The protruding walls of the corner rooms suggest that they were towers. Twelve rooms have so far been partly or entirely exposed. This building has also yielded the best-preserved wall paintings of Middle Bronze Age Levant: Over 2m high wall paintings with figurative, animal, and geometrical patterns were uncovered on the walls of room 10, which measures 14 x 7 m. (Pl. 1). Only the southeast corner of the room has been excavated and a complete picture of this outstanding feature will have to await the clearance of the whole unit.

To conclude: In the first half of the second millennium BC, Tell el-Burak clearly had a strategic importance. Its mud-brick building stands out by its size, by its design, and by the efforts that were made for its construction. It could have served as a fortified stronghold, as an administrative building, or simply as a prestige palace in the southern part of Sidon's fertile plain. Thanks to its raised position on top of a hill, one could see Sidon from the Tell el-Burak palace and could visually communicate with the mother city.

The underwater investigation (Pedersen forthcoming) has shown the lack of a good natural or man-made harbor on the shore of Tell el-Burak, which is unexpected for such an important site. According to Pedersen's field report "*The choice of the location of the fortress in back of*

Fig. 4. The Middle Bronze Age Palace after the 2005 excavations

the reef reinforces the defensive nature of the site. The shallowness of the reef at less than one meter provides the fortress with protection against marauders from the sea. Anyone attacking the fortress would be unable to pull their warships up directly under the Tell as the reef would rip open their bottoms. This new evidence adds support to the nature of the Middle Bronze Age settlement as a stronghold and defensive installation".

All the above-mentioned features indicate that this massive building must have been built by a nearby, strong, central power. The first and only one that comes to mind is the kingdom of Sidon. Tell el-Burak thus reveals new and crucial insights into the history of the Sidonian city-state and of its territory during the Middle Bronze Age. The evidence from Tell el-Burak clearly demonstrates that Sidon was a well-established economic and political power at the turn of the second millennium BC, with an extended territory protected and controlled by strongholds. It is quite strange that the existence of such a powerful government in Sidon went unnoticed in the contemporary Middle Bronze Age cuneiform and Egyptian texts.

These sources start mentioning the kingdom of Sidon towards the middle of the second millennium BC (Moran 1987, Nashef 1982: , Belmonte Marín 2001: 248-249). At that time and for reasons that remain to be cleared, the magnificent building and the whole site of Tell el-Burak

were abandoned (Kamlah-Sader 2003: 147). The abandonment of the stronghold of el-Burak and the almost simultaneous foundation of the industrial and harbor city of Sarepta (Anderson 1988: 422) may suggest a change in the political orientations or needs of the Sidonian kingdom. Unlike Burak, Sarepta had a natural harbor, which remains active until the present day (Pritchard 1978). Unlike Tell el-Burak, it had clearly an industrial and domestic purpose (Anderson 1988: 57ff; Pritchard 1978). Its foundation though clearly showing the continuing expansion and growth of the kingdom of Sidon during the Late Bronze Age, may indicate changing social conditions. "*As the metropolitan world of the Late Bronze Age progressed, international trade grew in importance. Thus, the deeper harborage at Sarepta would have been more favorable to the changing circumstances as ships grew larger and more numerous*" (Pedersen forthcoming).

In 14th c. BC Amarna letters (Moran 1987) as well as in other more or less contemporary texts such as those of Emar (Arnaud 1992) and Ugarit (Belmonte Marín 2001: 248-249), both the city and the land of Sidon are mentioned. Although these mentions are often restricted to a simple listing of the toponym, they nevertheless suggest that Sidon was in the Late Bronze Age a well-established and independent kingdom with the most active harbor of the Phoenician coast (Arnaud 1992). The recently published Late Bronze Age cemetery of Sidon Dakerman (Saidah 2004: Figs 51-54) has yielded large numbers of imported pottery, which clearly show the cosmopolitan character and the economic growth of the city during that period.

As for its territorial expansion, indirect evidence may be inferred from the above-mentioned Late Bronze Age texts. Information provided by Amarna letters 148 and 149 (Moran 1987), suggests that the southern boundary of Sidon's territory was the Litani River. In these letters Abimilku, king of Tyre, complains to Pharaoh about the military conquest of *Ushu,* the Tyrian territory facing the island of *Ṣurru*, modern Tyre, south of the Litani River, by Zimridda, king of Sidon. To the north, the existence of an independent kingdom of Beirut sets the northern limits of Sidon, most probably around river Damour, ancient Tamyras (Elayi 1982, Sader 2000: 238ff, Belmonte Marín 2003: 86-87). This coastal strip between Beirut and Litani formed the core territory of the Sidonian kingdom during the Late Bronze Age. The city under the ruins of Tell el-Burak was still included within the territory of Late Bronze Age Sidon.

In the first millennium BC, Sidon is repeatedly mentioned in the neo-Assyrian royal annals. From these records, it appears that the kingdoms of Tyre and Sidon formed at the end of the 9th c. BC one geo-political entity (Katzenstein 1973: 252), the territory of which extended from Anfe in the north to Mount Carmel in the south, excluding the kingdom of Byblos (Sader 2000: 241). When Sennacherib divided this united kingdom in 701 BC (Luckenbill 1927: 118 ff), Sidon kept the northern part of the territory as far south as Sarepta, which was cut off together with Ma'rubbu to be added to the Tyrian territory. In 677 BC, Asarhaddon destroyed the capital city Sidon, transformed its territory into an Assyrian province, and built a new capital of the province that he named Kar-Asarhaddon (Borger 1967: 48: D82).

Under the Achaemenid Persians, Sidon regained its autonomy and became the capital of the fifth satrapy. Its territory, the core of which probably still included the coastal strip between Beirut and Litani, was enlarged by the addition of the Palestinian cities of Dor and Jaffa, as we learn from the Eshmunazar inscription (Gibson 1982: 109). Sidon, like all other Phoenician cities, lost its autonomy and its territory to Alexander the Great. So Tell el-Burak remained all through the Iron Age part of the Sidonian kingdom.

While the scope of the Sidonian core territory and the kingdom's political significance during the Iron Age can be partly gained from the texts, little or nothing is known about its individual cities. The annals of the Assyrian kings Sennacherib and Esarhaddon list 16 toponyms, which belonged to the kingdom of Sidon, calling them "*his strong walled cities where there were supplies*" (Luckenbill 1927: 119). Before the Tell el-Burak excavations, little or nothing was known

about these cities from the available archaeological evidence. Although ancient tells had been spotted along the coast in Khalde, ancient *Ḫildua*, Naame, ancient *Inimme*, Jiyye, ancient *Gi'*, Rmayle, maybe ancient *Šikku*, Sidon, ancient *Sidunu*, Tell el-Burak, maybe ancient *Ṣidunu Ṣiḫru* or Little Sidon or the new Assyrian capital, Kar Asarhaddon, Sarafand, ancient *Sarepta*, and Adlun, ancient *Ma'rubbu*, none with the exception of Sarepta, had yielded a settlement of the Late Bronze and Iron Ages (for the identification of these toponyms see Sader 1997: 366 and Belmonte Marín 2003: 92 ff).

As for Sarepta, excavations have uncovered industrial quarters of the Late Bronze and Iron Age, mainly potter's workshops (Pritchard 1978: 111). Only fragmentary evidence for domestic buildings was reported from the stratigraphic sounding (Pritchard 1978: 71ff; Anderson 1988) while no defensive architecture was excavated.

Here again, the Tell el-Burak excavations, contributed substantial and new information about the Phoenician kingdom of Sidon by yielding an insight into the physical layout, function and economic situation of the Sidonian cities in the Late Iron Age.

In Tell el-Burak, Iron Age domestic buildings and a fortification wall were uncovered in area III and II respectively (Finkbeiner-Sader 2001: 186; Kamlah-Sader 2003: 148 ff). In Area III, Iron Age builders had to cope with a sloping ground the surface of which consisted of a thick layer of hard reddish soil: this is the glacis which was piled up during the Middle Bronze Age to receive the mudbrick building. This glacis was first leveled and terraced then the walls of the houses were built on top of it. The most ancient Iron Age structure in area III is a house of *ca*. 5 x 8 m (Fig.5) subdivided into a front and two back rooms (Kamlah-Sader 2003: Fig. 4). The structure of this house provides valuable insights into Iron Age domestic architecture and building techniques. Its layout shows thorough planning and adaptation to given geo-morphological conditions. The builders used large and well-hewn blocks in order to strengthen statically weak points, like the entrances and the intersections of the walls while the remaining parts of the walls were built of fieldstones. This is an early form of the 'pier-and-rubble' technique, which is a well-known and typical feature of Phoenician architecture during the Late Iron Age (Markoe 2000: 71). The floors were repaired several times as attested by the succession of white lime plaster and flag stone floors. The successful alteration of a difficult terrain, the symmetrical arrangement of the house, and the regularity of its walls attest the high quality of workmanship that prevailed during the earliest Iron Age occupation of Tell el-Burak.

At a later stage, the area west of this house was levelled and a structure consisting of two separate rooms of unequal size was built in front of the southwest corner of the first house (Fig.6). Both are paved with limestone blocs and are oriented in a slightly different manner than the earlier house, which underwent some modifications. The southwest wall of its front room was rebuilt three times, to be aligned with the new 'two-room-building' (Kamlah-Sader 2003: Figs 4 & 7). The walls of the latter consisted of segments of hewn blocks placed as headers and stretchers, alternating with segments of fieldstones. On the whole, one can observe a lower quality of workmanship with regard to the earlier phase. The excavations of Tell el-Burak have produced for the first time complete ground plans of Phoenician private dwellings from southern Lebanon.

The last building phase saw the crumbling and destruction of the earliest house. Its ruins were leveled and several fire pits were set on them. Contemporary with this later occupation phase is the burial of a dog (Kamlah-Sader 2003: Fig. 8), which was found outside the house under the sherds of a broken vessel. Such dog burials were common in the Phoenician cities of the Late Iron Age and are known from Beirut (Finkbeiner-Sader 1997: 130) and Khalde (Saidah 1967: 166). The largest dog cemetery was found in Ashkelon (Wapnish and Hesse 1993), on the south Palestinian coast.

Fig. 5. The Iron Age house of Tell el-Burak seen from the southwest

Fig.6. The Persian period two-room building in Tell el-Burak seen from the North

A considerable number of finds, in particular metal objects-knife, arrowheads, fishing hooks, fibulae, loom weights, and jewellery- as well as potsherds which include above all cooking pots, storage jars, *mortaria*, and lamps, and a few imported Greek vessels, were found in these houses (Kamlah-Sader 2003: Fig. 9 and Pl. 1 & 2). They all indicate the domestic character of the buildings.

A preliminary analysis of the pottery indicates that the Iron Age occupation of Area 3 stretched from the late 8th to the mid-4th c. BC.

In area 2, a fortification wall was found at the foot of the hill. It was built on the Middle Bronze Age retaining wall (Kamlah-Sader 2003: Fig. 13). These are the first Phoenician fortifications to be found in the region of Sidon and Tyre. The wall has a width of 3-4 m and both its inner and its outer face are made of fieldstones. To stabilize this construction, transversal segments of well-dressed blocks joined the two faces at regular intervals. We are hence dealing with the same 'pier-and-rubble' technique, which was already recognized in the domestic quarter.

The city wall collapsed at some point during the Iron Age. A massive layer of fallen building blocks was found in front of the outer façade. This layer contained various finds from the Iron Age, in particular an inscribed funerary stele. The thick layer of collapsed building stones was found on both the inner and the outer faces. Floors on top of this collapse date to the last Iron Age occupation of the Tell. It appears that during the last phase, the inhabitants continued to settle Tell el-Burak without rebuilding the collapsed city wall.

The layers above and below the collapse have yielded pottery sherds, which attest and confirm the same period of occupation of the domestic structures in Area 3: from the late 8th to the mid-4th c BC (Fig.7). The fortification itself must have collapsed earlier, i.e. in the 6th or 5th c BC. The fact that it was not rebuilt indicates the overall decline of the settlement in its last phase.

The progressive degradation of the site attested by the abandonment of the residential area as well as the lack of maintenance of the city wall, seems to confirm the political and economic degradation of the situation in the kingdom of Sidon at the end of Persian rule. In 345 BC, the tension between the Sidonians and the Persian occupant led to a rebellion, which was severely crushed by the Persians: part of the population was sent into exile and the Sidonian harbor was kept closed (Belmonte Marín 2003: 91). This dramatic situation had a serious impact on Tell el-Burak. This city did not survive the crisis that shook the kingdom and was definitively abandoned after this incident, towards the middle of the 4th c. BC. This archaeologically attested abandonment of Tell el-Burak puts an end to the speculations regarding the identification of the site with Ornithonpolis (see discussion in Sader 1997: 371 and Belmonte Marín 2003: 92), a city mentioned in the Classical Greek and Latin sources.

The Tell el-Burak excavations have greatly contributed to the history of the Phoenician kingdom of Sidon on the one hand, and they have substantially improved our understanding of Iron Age settlements of the motherland, on the other. Future excavations on the site will hopefully clarify the urban layout and features of this settlement and will explain its function and role. More such projects are needed to fill the gaps still hindering our reconstruction of the origins and formation processes of Lebanese coastal sites and of the causes behind their growth and decay.

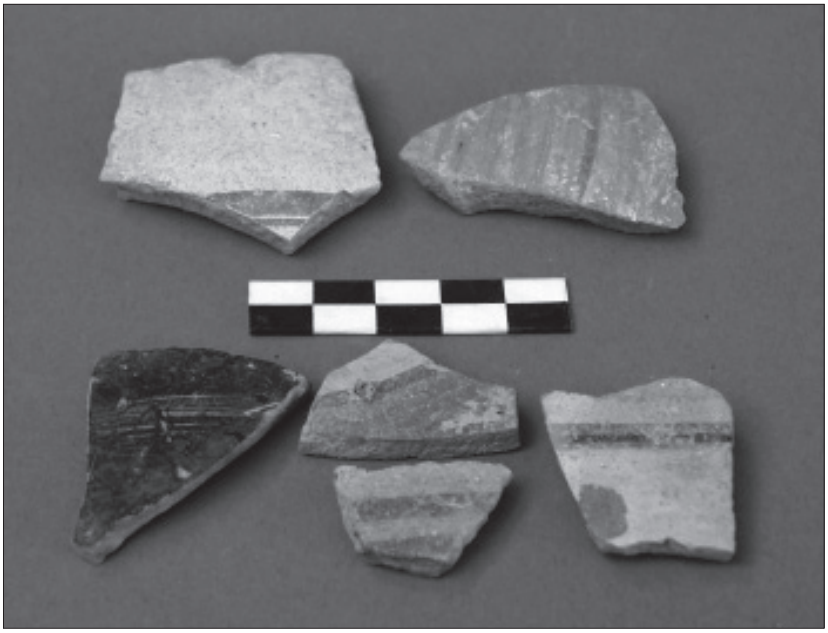


Fig. 7. Iron Age pottery from Tell el-Burak

Bibliography

Anderson, W. P. (1988) - *Sarepta I. The Late Bronze and Iron Age Strata of Area II, Y*. Beyrouth: Publications de l'Université Libanaise.

Arnaud, D. (1992) - Les ports de la "Phénicie" à la fin de l'âge du Bronze Récent (XIV-XIII siècles) d'après les textes cunéiformes de Syrie. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici.* 30. pp. 179-194.

Badreshany, K.P. (2005) - *The Middle Bronze Age Pottery of Tell el-Burak*. M.A. Thesis. Department of History and Archaeology. Beirut: American university of Beirut.

Belmonte Marín, J.A. (2001) - *Die Orts- und Gewässernamen der Texte aus Syrien im 2. Jt. V. Chr.* Répertoire géographique des textes cunéiformes. 12/2. Wiesbaden: Reichert Verlag.

Belmonte Marín, J.A. (2003) - *Cuatro estudios sobre los dominios territoriales de las ciudades-estado fenicias*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 9. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.

Doumet-Serhal, C. (1998-1999) - First Season of Excavation at Sidon. Preliminary Report. *Bulletin d'Architecture et d'Archéologie Libanaises.* 3. pp. 181-224.

Doumet-Serhal, C. (2000) - Second Season of Excavation at Sidon. Preliminary Report. *Bulletin d'Architecture et d'Archéologie Libanaises.* 4. pp. 75-122.

Doumet-Serhal, C. (2001) - Third Season of Excavation at Sidon. Preliminary Report. *Bulletin d'Architecture et d'Archéologie Libanaises.* 5. pp. 153-172.

Doumet-Serhal, C. (2002) - Fourth Season of Excavation at Sidon. Preliminary Report. *Bulletin d'Architecture et d'Archéologie Libanaises.* 6. pp. 179-210.

Doumet-Serhal, C. (2003) - Fifth Season of Excavation at Sidon. Preliminary Report. *Bulletin d'Architecture et d'Archéologie Libanaises.* 7. pp. 175-208.

Elayi, J. (1982) - Studies in Phoenician Geography during the Persian Period. *Journal of Near eastern Studies.* 41. pp. 83-110.

Finkbeiner, U. and Sader, H. (1997) - BEY 020. Preliminary Report of the Excavations 1995. *Bulletin d'Architecture et d'Archéologie Libanaises.* 2. pp. 114-166.

Finkbeiner, U. and Sader, H. (2001) - The Tell el-Burak Archaeological Project. A Preliminary Report on the 2001 Season. *Bulletin d'Architecture et d'Archéologie Libanaises.* 5. pp. 173-194.

Gibson, J.C.L. (1982) - *Textbook of Syrian Semitic Inscriptions III. Phoenician Inscriptions*. Oxford: Clarendon Press.

Kamel, D. (2005) - *The Middle Bronze Age Tomb of Tell el-Burak.* M.A. Thesis. Department of History and Archaeology. Beirut: American university of Beirut.

Kamlah, J. and Sader, H. (2004) - Deutsch-libanesische Ausgrabungen auf Tell el-Burak, südlich von Sidon. *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins.* 120. pp. 123-140.

Kamlah, J. and Sader, H. (2003) - The Tell el-Burak Archaeological Project. Preliminary Report on the 2002-2003 Seasons. *Bulletin d'Architecture et d'Archéologie Libanaises.* 7. pp. 145-173.

Katzenstein, H.J. (1973) - *The History of Tyre from the Beginning of the Second Millennium B.C.E. until the Fall of the Neo-Babylonian Empire in 538 B.C.E.* Jerusalem: the Schocken Institute for Jewish Research.

Luckenbill, D.D. (1927) - *Ancient Records of Assyria and Babylonia vol.* 2. Chicago: The University of Chicago Press.

Markoe, G. (2000) - *The Phoenicians*. London: British Museum Press.

Moran, W. A. (1987) - *Les lettres d'El-Amarna*. Paris: editions du Cerf.

Nashef, K. (1982) - *Die Orts- und Gewässernamen der mittelbabylonischen und mittelassyrischen Zeit*. Répertoire géographique des textes cunéiformes. 5. Wiesbaden: Reichert.

Pedersen, R. (*forthcoming*) - *Underwater Archaeological Survey at Tell el-Burak, Lebanon*. Field Report 2004.

Pritchard, J.B. (1978) - *Recovering Sarepta, a Phoenician City*. Princeton: Princeton University Press.

Sader, H. (1997) - Tell el-Burak: an Unidentified City of Phoenician Sidon. In Pongratz-Leisten, B.; Kühne, B. and Xella, P. (eds.) *Ana šadî Labnāni lū allik. Beiträge zu altorientalischen und mittelmeerischen Kulturen. Festschrift für Wolfgang Röllig*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. pp. 363-376.

Sader, H. (2000) - Le territoire des villes phéniciennes: reliefs accidentés, modèles unifiés. In González Prats, A. (ed.) *Fenicios y Territorio. Actas del II Seminario Internacional sobre Temas fenicios*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura "Juan Gil-Albert". pp. 227-262.

Saidah, R. (1967) - Chronique. *Bulletin du Musée de Beyrouth.* 20. p. 166.

Saidah, R. (1979) - Les fouilles de Sidon-Dakerman: l'agglomération chalcolithique. *Berytus.* 27. pp. 29-55.

Saidah, R. (2004) - *Sidon et la Phénicie méridionale au Bronze Récent. A propos des tombes de Dakerman*. Bibliothèque Archéologique et Historique. 170. Beyrouth: Institut Français du Proche-Orient.

Shehadeh, L. (2005) - *The Mamluk and Early Ottoman Occupation at Tell el-Burak, Lebanon*. M.A. Thesis. Department of History and Archaeology. Beirut: American University of Beirut.

Thomson, W.M. (1864) - *The Land and the Book*. London: T. Nelson and Sons.

Wapnish, P. and Hesse, B. (1993) - Pampered Pooches or Plain Pariahs? The Ashkelon Dog Burials. *Biblical Archaeologist.* 56/2. pp. 55-80.

TELL ABU HAWAM Y LOS PRIMEROS FENICIOS EN EL ATLÁNTICO *

Jacqueline Balensi [1]
Francisco Gómez [2]

[1]*CNRS*
[2]*Universidad de Huelva*

Resumen

Dos campañas de excavación realizadas por R.W. Hamilton en los años 1932 y 1933 en un pequeño tell situado al pie del Monte Carmelo, mostraron la existencia de un puerto fenicio en la Bahía de Haifa. Los informes publicados llevaron a la creencia de que el asentamiento, desde un punto de vista comercial, había sido tan importante en los inicios del I Milenio a.C. como en los siglos precedentes. La revisión del material de esas excavaciones por miembros de la *Mission Archéologique de Tell Abu Hawam*, así como otros trabajos de campo en el Tell en los años 1985 y 1986, permiten hoy asentar con una base empírica comparable a las conocidas de Tiro, Sarepta o Tell Keisan, la cronología de los materiales fenicios hallados en el occidente atlántico, en especial los excavados en Huelva o en el asentamiento fenicio occidental de Torre de Doña Blanca. En síntesis, el hecho de que Tell Abu Hawam no muestre en su registro arqueológico materiales sincrónicos con la última fase de Tiro, es un punto de partida para estimar un paralelismo coincidente con la fase fundacional de los fenicios en Occidente.

Abstract

Two campaigns of archaeological excavations, led by R.W. Hamilton in 1932 and 1933 on a small tell at the southern end of the Bay of Haifa, served to uncover a maritime trading-post located in the lee of Mount Carmel. The published reports let believe that this site had been commercially as important at the beginning of the first millennium B.C. as it had been during the previous centuries. Members of the *Mission archéologique de Tell Abu Hawam* re-assessed the older, British and Israeli archives and material collections; and jointly, they conducted a dig in 1985 and 1986, a successful salvage that has produced preliminary results. Together, these data form one empirical base, comparable to those of Tyre, Sarepta or Tell Keisan. As such, this set can be used to anchor the relative chronology of Phoenician pottery found on the Atlantic coast: in Huelva or on the Phoenician settlement of Torre de Doña Blanca. In brief, that the range of finds of Tell Abu Hawam shows no material synchronous with that of the last phase of Tyre, is a fact used as a starting point to bridge the eastern evolution with some Phoenician foundations in the West.

*Este trabajo se enmarca en los proyectos de investigación *Mission Archéologique de Tell Abu Hawam* (MATAH), Maison de l'Orient et de la Méditerranée – Jean Pouilloux, (UMR 5649, C.N.R.S.) y *Análisis de la implantación y evolución del fenómeno urbano en el S.O. peninsular: Arqueología Urbana en la Ciudad de Huelva* (Ministerio de Educación y Cultura. Código HUM 2004-0179).

Introducción

Desde la más tradicional investigación histórica de los fenicios se han propuesto motivos comerciales para su expansión a Occidente siempre relacionadas con el proceso histórico de la zona siropalestina. A pesar de que la razón de esos contactos no fuese expresada la mayoría de las veces, la fecha del II Milenio a.C. deducida del texto de Veleio Paterculo, que establecía la fundación de Gadir en Occidente ochenta años después de la Guerra de Troya, la inferida desde el texto de Reyes I por la relación de la Tharsis bíblica con el Occidente, la cual indicaría contactos con el Atlántico desde el reinado de Hiram I en Tiro y de Salomón en Jerusalén, así como otras posteriores debidas a la ocupación asiria de las costas del Levante mediterráneo y el pago de tributos, siempre se fundamentaron en la necesidad de obtener la plata occidental, una posibilidad que nunca se ha discutido.

Desde la segunda mitad del siglo XX, la investigación arqueológica puso de manifiesto que los restos fenicios documentados en Occidente impedían estimar cualquier contacto previo al siglo VIII a.C., lo cual llevó a imponer una fase teórica para las relaciones arcaicas de las que no se habrían conservado restos materiales. A esa fase previa -*precolonial*- seguirían las fundaciones más antiguas que se dedujeron del estudio de importantes *colonias* fenicias excavadas en el Sureste de la Península Ibérica, con una primera secuencia clara que aportaban Morro de Mezquitilla, Chorreras y Toscanos (Schubart y Arteaga, 1986), así como la divulgación del registro arqueológico del Castillo de Doña Blanca, tal vez la antigua Gadir (Ruiz Mata, 1999). A esa fase arqueológica antigua que hemos denominado *Fase Fundacional* (Gómez, 2004), seguiría otra posterior que ya podría definirse como *Fase Colonial*, la cual sólo significa la generalización de los contactos y la transformación de la sociedad occidental durante el Período Orientalizante.

En relación con la cronología de cada una de las fases, aunque se hayan barajado fechas que incluso podían abarcar un siglo, con los datos existentes pocos sitios pudieron remontarse más allá de los inicios del siglo VIII a.C., especialmente cuando desde la década de los años ochenta se conocen las excavaciones de Tiro (Bikai, 1978), Tell Keisan (Briend y Humbert, 1980), o Sarepta (Anderson, 1988), así como otros trabajos específicos de especialistas en el mundo griego como J. N. Coldstream (1983), o B. B. Shefton (1982). Desde esta perspectiva, resultaba claro que la *precolonización* no podía incluir viajes en el II Milenio a.C., ni tampoco en tiempos de la asociación de fenicios e israelitas en el siglo X a.C. siguiendo los textos bíblicos.

Desde la década de los años noventa, para resolver el problema, se comenzó a prestar atención a las primeras series de análisis radiocarbónicos, las cuales, se pensaba, podían aportar una indicación positiva acerca de la presencia de los fenicios en Occidente (Torres, 1998). Aunque nunca hemos dudado que la arqueometría ha de ser en el futuro la contribución que palie las dificultades cronológicas, en la actualidad el mayor problema reside en que las fechas de C_{14} hay que considerarlas un método propio y, por ello, un calendario matemático dependiente de sí mismo. Por esa razón, parece obvio la necesidad de atender al contexto de cada una de las muestras, y a la cronología relativa -estratigráfica- que aporte el hábitat en que se obtuvieron. Como ejemplo, a pesar de la antigua fecha que se otorga a la presencia fenicia partiendo del análisis cronométrico de Ronda-Acinipo (Carrilero *et al.*, 2002: 75), los materiales allí localizados podrían encuadrarse en alguna de las series tardías del período fenicio según el registro arqueológico del Castillo de Doña Blanca (Ruiz Mata y Pérez, 1995), un escollo difícil de eludir desde un punto de vista comparativo. Por otra parte, la búsqueda de apoyo en estudios dendrocronológicos en Italia para la cronología radiométrica que en su día hizo M. Torres (1998), ya ha sido cuestionada por M. Botto siguiendo trabajos recientes en el entorno del Bronce Final italiano (Botto, 2005: 589). De la misma forma, los problemas que se encuentran en el Próximo Oriente para adaptar la cronología radiométrica a la histórica habitual a través de la arqueología de los sitios históricos, tampoco auguran una rápida solución (Mazar y Carmi, 2001; Coldstream y Mazar, 2003), sobretodo porque la nueva crono-

logía *baja* establecida por I. Finkelstein (1999) parece más cercana a la propuesta para el mundo egeo (Coldstream, 2003). Como solución simple, tal como fue publicado en su día por Aharoni y Amiran (1958), el contenido del Hierro IIA podría basarse en la homogeneidad de la cultura material durante los siglos X-IX a.C., en vez de singularizar desde la Arqueología un período histórico: la Monarquía Unificada en Israel.

Tell Abu Hawam y su situación en la bahía de Haifa

El interés en Tell Abu Hawam ha residido en el hecho de haber sido excavado y publicado en un momento en el cual existían pocos ejemplos donde hacer comparaciones. En los años 1932 y 1933, R. W. Hamilton (1935) realizó dos campañas de excavación que parecían abarcar la totalidad del tell. Su situación en la bahía de Haifa, al pie del Monte Carmelo, entre los cursos del río Qishon y del *Wadi* Salman, habría determinado la atracción de flujos políticos, económicos y culturales de la zona, al tratarse de un cruce de caminos abierto al movimiento de gentes y mercancías por su condición de puerto natural bien protegido.

En el momento presente, su estudio está permitiendo incorporar a la investigación datos de la evolución morfológica y medioambiental (Balensi y Aznar, 2000), la formación de la isla en que se asentó el pequeño puerto al servir de plataforma para las actividades portuarias (Balensi *et al.*, 2002), y aspectos relativos a su identidad física y cultural (Balensi, 1998). En relación con el período fenicio, el *Stratum III* fue fechado por Hamilton *ca*. 1100-925 a.C. gracias a la aparición de cerámicas egeas y al hecho de que el registro arqueológico de esa fase terminara con un incendio que el arqueólogo británico puso en relación con la campaña punitiva del año 925 por el faraón Shishak I, desde la cual el pequeño asentamiento destruido permaneció abandonado hasta una nueva ocupación durante el período persa. Para estimar esa cronología fue fundamental la aparición de un escifo con semicírculos colgantes que entonces se juzgó pertenecer al período Protogeométrico (Heurtley, 1935). A lo largo del siglo XX, de acuerdo con las aportaciones de la arqueología oriental en general, tanto la cronología relativa del tell como la revisión del registro de esas dos campañas dieron lugar a diferentes puntualizaciones históricas y a revisiones del material publicado por R.W. Hamilton, que mantuvieron a Tell Abu Hawam en la cresta del debate científico.

En la década de los ochenta, en el seno de la *Mission Archéologique de Tell Abu Hawam* (Herrera y Gómez, 2004), se revisaron los materiales de época fenicia pertenecientes al tell y su necrópolis, y en 1985 y 1986 se llevaron a cabo dos campañas de excavación, atípicas pero muy fructíferas. En conjunto, estos trabajos permiten ahora admitir soluciones a la problemática cronológica y a la relación del tell con las importaciones egeas y fenicias (Gómez y Balensi, 1999; Aznar et *al.*, 2005).

En especial, resulta interesante la adaptación del escifo con semicírculos colgantes al conocimiento actual (Kearsley, 1986), la definición de un fragmento cerámico no publicado de la colección Hamilton como importación de la transición del Geométrico Medio al Reciente (Herrera y Balensi, 1986), así como la aparición de un nuevo fragmento geométrico en 1985 (Gómez y Balensi, 1999), que han permitido revisiones más ajustadas del papel desempeñado por Tell Abu Hawam en el contexto histórico de la costa siropalestina y, de ahí, a considerar al pequeño asentamiento una base firme donde estimar el comienzo de los contactos fenicios con el lejano Occidente.

La cronología de los primeros viajes fenicios a Occidente

La fecha de los primeros viajes fenicios en Occidente continúa animando el debate. Parece lógico que los datos arqueológicos obtenidos en ambos extremos del Mediterráneo, la Costa

Siropalestina y la Península Ibérica, deberán resaltar una evidencia positiva: algunas seriaciones de cultura material tienen que ser paralelas y sincrónicas en ambos extremos, mientras que otras sólo serán advertidas en ambientes locales. Ello indicaría que las últimas no fueron difundidas en el conjunto mediterráneo. Aunque una evidencia negativa nunca es una evidencia, en el hecho de la presencia en Occidente de unos materiales y la ausencia de otros debe estar la pauta que permita establecer en qué momento de la evolución relativa de ambas zonas se produjo el primer contacto de la sociedad oriental con la occidental.

En este sentido, hemos elaborado algunos trabajos cuyo fin era comparar los hallazgos de Tell Abu Hawam con el registro arqueológico occidental, especialmente los de Huelva por su antigüedad y cantidad y, obviamente, por su localización más allá de las Columnas de Hércules. Esos trabajos han permitido acercarnos al establecimiento de una fecha cada vez más coherente con los planteamientos históricos que se establecen para el mundo mediterráneo en general (Gómez y Balensi, 1999; Gómez, 2004). Para ello, y mientras que no se cuente con un mayor número de dataciones radiocarbónicas, utilizamos como base especulativa la cronología establecida por J.N. Coldstream (1968) para el Período Geométrico griego, al relacionarse estrechamente ésta con los *horizontes* propuestos para Chipre por P.M. Bikai (1987) desde el conocimiento de millones de ejemplos cerámicos de Tiro (Coldstream y Bikai, 1989), una secuencia también manejada para fechar una necrópolis del asentamiento tirio (Aubet, 2004).

De hecho, una reciente revisión de la cronología fenicia en el Mediterráneo, en la que se tienen en cuenta los datos radiocarbónicos y las cronologías históricas utilizadas de forma tradicional, indican que ...*la griglia cronologica stabilita dallo studioso israeliano conferma quella dello specialista inglese e non viceversa* (Botto, 2005: 593). En este discurso cronológico, como ejemplo, una fecha ...*entre el 950-825 AC* (Mederos, 2005: 335), otra entre 930-750 para Ronda-Acinipo (Carrilero et al., 2002: 75), o incluso la del último cuarto del siglo IX (Torres, 1998: 53), deberán tener su correspondencia histórica en el Próximo Oriente.

Por ello, desde este punto de vista ¿Puede la fecha propuesta por Mederos relacionarse con el texto de Reyes I como desde otros planteamientos se ha hecho para encuadrar históricamente recientes hallazgos de Huelva (González *et al.*, 2004: 209)? ¿Dan en realidad estos nuevos materiales la razón al texto bíblico?

Conclusiones

La secuencia establecida por M. D. Herrera (1990) en su Tesis Doctoral para el período fenicio (Figura 1), que nos ha llevado a datar el final del *Stratum III* entre el 732 a.C. (Gómez y Balensi, 1999) y el 759 a.C. (Aznar *et al.*, 2005), indicaría que en su Fase IIIB3 ya estaban presentes el escifo eubeo con semicírculos colgantes y el escifo y la crátera de la transición Geométrico Medio II-Geométrico Reciente en un momento cercano a la mitad del siglo VIII a.C., o en el tercer cuarto inmediatamente posterior si podemos continuar defendiendo la responsabilidad del incendio a la expedición punitiva de Tiglath Pileser III, que al menos sería válido para fechar el final de esa fase IIIB3.

Si observamos el material de las Fases IIIB2 y IIIB3 establecidas en su día (Herrera y Gómez, 2004), que no han sido modificadas drásticamente por el registro obtenido en las campañas de 1985 y 1986 (Aznar *et al.*, 2004), además de las cerámicas egeas mencionadas, hay que resaltar las últimas cerámicas bícromas de la serie fenicia y las de engobe rojo bruñido, entre las que no se incluye cualquier jarro con boca de seta conocido en la estratigrafía más reciente de Tiro (Bikai, 1978: Fig. I, 3; VI, 5), que implica que Tell Abu Hawam fue destruido y abandonado antes de la formación del *Stratum I* tirio, donde esas series cerámicas no están representadas. Así se abre una perspectiva en la evaluación cronológica de la presencia de los fenicios en el Atlántico:

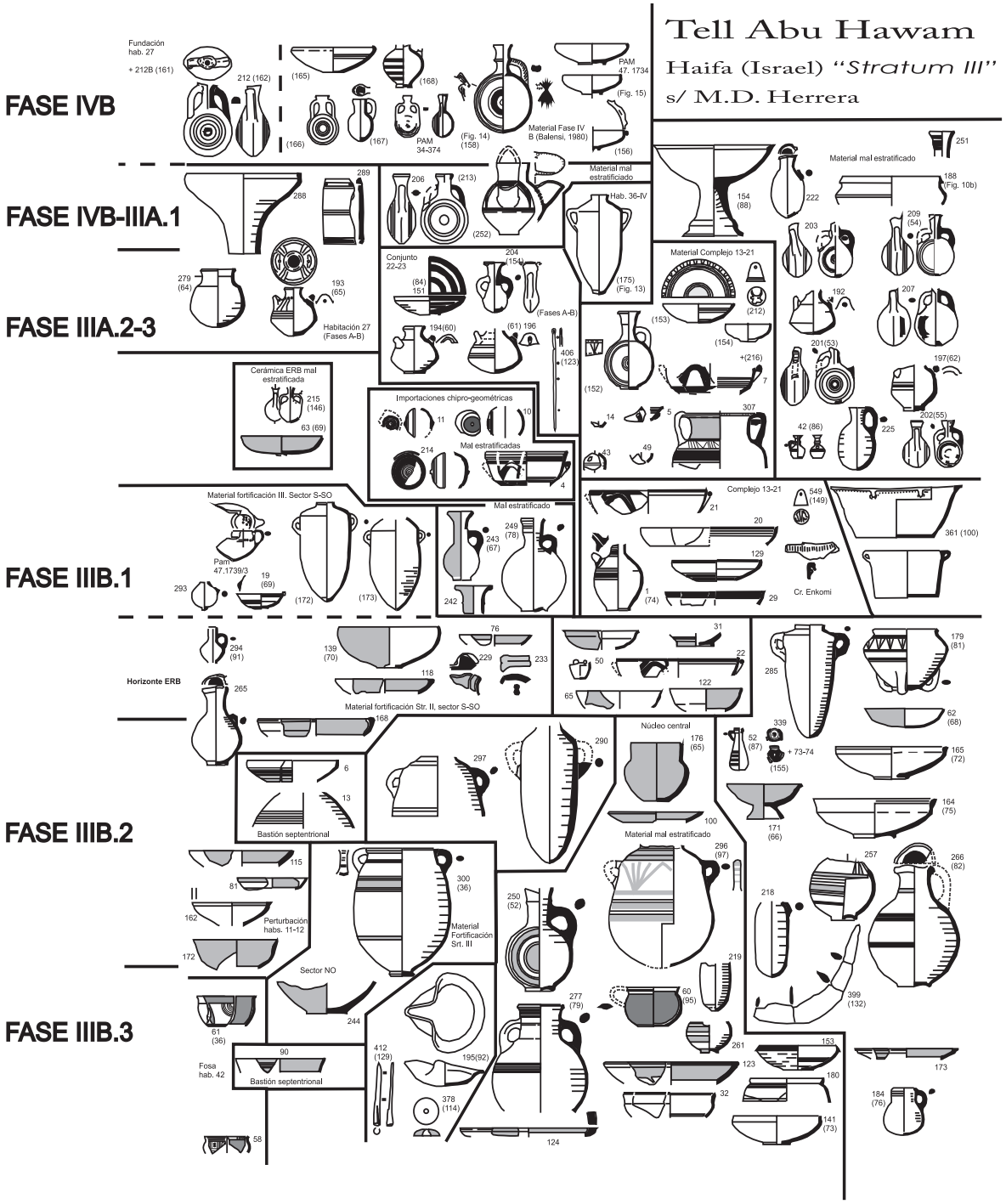


Fig. 1. Interpretación cronoestratigráfica del Stratum III de Tell Abu Hawam (s/ M.D. Herrera, 1990)

1) Básicamente, el final del *Stratum III* de Tell Abu Hawam, sus fases IIIB2 y IIIB3, contienen escasos ejemplos que aparecen en el *Período Fundacional* de los primeros asentamientos de carácter fenicio documentados en Occidente, tales como Castillo de Doña Blanca o Morro de Mezquitilla.

2) Por lo tanto, esos sitios debieron fundarse entre mediados del siglo VIII a.C. y, como muy tarde, a finales del tercer cuarto del mismo siglo.

3) Las series cerámicas que van a indicar la continuidad de esos asentamientos y las que aparecerán en múltiples sitios occidentales, tales como platos de engobe rojo bruñido, cerámica gris, jarras *Cruz del Negro* y *pithoi* con decoración bícroma, además de otras formas nuevas en el repertorio fenicio, sólo representan la cultura material de los fenicios occidentales, la cual se inicia a partir del último cuarto del siglo VIII a.C.

4) ¿Cuándo comenzó pues la *Fase Fundacional*? En cualquier caso, admitiendo que las importaciones del Egeo y las de Tiro no serán mucho más antiguas que los conjuntos del Geométrico Medio II/Horizonte Salamis chipriota (Bikai, 1987; Aubet, 2004, p. 465, fig. 312), considerar de nuevo un período más largo en la duración del Hierro IIA en Israel (Aharoni y Amiran, 1958) sólo es una solución diplomática que desfigura el desarrollo histórico.

5) De acuerdo con la secuencia de Tell Abu Hawam, el inicio de la Fase IIIB2-B3 de Herrera debería ser anterior al siglo IX a.C., ya que las fases previas IIIB1, comparable con el inicio del *Period III* de Hamilton, y IIIA, contemporánea ésta con cerámicas de tipo *Black-on-Red* y anterior a la introducción del engobe rojo bruñido, deberían corresponder al siglo X a.C.

Todo ello, unido a la renovación del urbanismo después de un incendio, debe reflejar un momento *Proto-Fundacional*, es decir, las décadas en que los navegantes orientales volvieron a casa después de esos primeros viajes al Atlántico. Demostrar la realidad de esos breves contactos no tiene que hallarse sólo de Occidente; se necesitaría autentificar la presencia de materiales del Bronce Final occidental en sitios como Tiro, Jerusalén, Hazor, Megiddo o Gezer.

Bibliografía

Anderson, W. P. (1988) - *Sarepta : The Late Bronze Age and Iron Age Strata of Area II, Y. The University Museum of the University of Pennsylvania : Excavations at Sarafand, Lebanon. Beyrouth* : Université Lbanaise de Beyrouth (Section des études archéologiques. 2).

Aubet, M.E. (2004) - The Phoenician Cemetery of Tyre-Al Bass. Excavations 1997-1999. The Iron Age Cemetery. *Bulletin d'Archéologie et d'Architecture Libanaises Hors-Série*. I. Beirut.

Aznar, C.; Balensi, J. ; Herrera, M. D. (2005) - Las excavaciones del Tell Abu Hawam en 1985-1986 y la cronología de la expansión fenicia hacia occidente. *Gerión*. 23:1. Madrid. pp. 17-38.

Balensi, J.; Aznar, C. (2000) - A late Bronze Age artificial island in a Eustatic *v.* tectonic, sensitive area: Tell Abu Hawam (Ancient Harbour of Haifa, Israel). In *American School of Oriental Research Annual Meeting : 1900-2000 ASOR Centennial Nashville TN December 2000 : Abstract Book.* [S.I.] : ASOR. p. 16, nº 66. Cf. Web archives through search engine : www.asor.org/AM/abstracts2000.pdf

Balensi, J.; Gómez, F.; Achituv, Y.; Artzy, M.; Baruch, I.; Raban, A.; Nir, Y; Rosenfeld, A. (2002) - Barrer un delta méditerranéen, en construisant sur le sable d'un graben ? Tell Abu Hawam, ville portuaire aux origines de Haïfa (Israël). In Fouache, E. (ed.) *Dynamiques environnementales et Histoire en domaines méditerranéens. Colloque international Paris-Sorbonne 24-26 avril 2002 : Volume de resúmés*. París : [s.n.]. p. 20.

Bikai, P. M. (1978) - The Pottery of Tyre. Warminster : Aris and Phillips.

Bikai, P.M. (1987) - *The Phoenician Pottery of Cyprus. Nicosia*. A.G. Leventis Foundation / J.P. Getty Museum.

Botto, M. (2005) - Per una riconsiderazione della cronologia degli inizi della colonizzazione fenicia nel Mediterraneo centro-occidentale. In Bartololoni, G.; Delpino, F. (eds.) *Oriente e Occidente: metodi e discipline a confronto. Riflessioni sulla cronologia dell'età del Ferro Italiana*. Pisa-Roma : Instituti Editoriali e Poligrafici Internazionali. pp. 579-628.

Briend, J.; Humbert, J. B. (1980) - *Tell Keisan (1971-76) : une cité phénicienne en Galilée*. Fribourg (Orbis Biblicus et Orientalis: Series Archaeologica. 1). Paris : Gabalda.

Carrilero, M.; Aguayo, P.; Garrido, O.; Padial, B. (2002) - Autóctonos y fenicios en la Andalucía mediterránea. In Costa, B. ; Fernández, J.H. (eds.) *La colonización fenicia en Occidente : Estado de la investigación en los inicios del siglo XXI*. Treballs del Museu Arqueologic d'Eivissa i Formentera. 50.Ibiza. pp. 69-125.

Coldstream, J.N. (1968) - *Greek Geometric Pottery : A survey of ten local styles and their chronology*. Londres : Methuen´s handbooks of archaeology.

Coldstream, J.N. (1983) - Gift exchange in the Eighth Century B.C. : tradition and innovation. In Hägg, R. (ed.) *The Greek Renaissance of the Eighth Century B.C.. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June 1981*. Acta instituti atheniensis regni Sueciae. Series in 4 ; 30. Stockholm : P. Aströms. pp. 201-207.

Coldstream, J.N. (2003) - Some Aegean Reactions to the Chronological Debate in the Southern Levant. *Tel Aviv*. 30: 2. Tel Aviv. pp. 247-258.

Coldstream, J.N.; Bikai, P.M. (1988) - *Early Greek Pottery in Tyre and Cyprus: Some Preliminary Comparisons*. Report of the Department of Antiquities. Cyprus: Nicosia. pp. 35-44.

Coldstream, J.N. ; Mazar, A. (2003) - Greek Pottery from Tell Rehov and Iron Age Chronology. Israel *Exploration Journal*. 53. Jerusalem. pp. 29-48.

Finkelstein, I. (1999) - Hazor and the North in the Iron Age : A Low Chronology Perspective. Bulletin of the American Schools of Oriental Research. Atlanta. GA (Scholars Press). 314, p. 55-70.

Gómez, F. (2004) - Cerámicas Fenicias en el Suroeste Atlántico Andaluz : Una reflexión crítica. *Revista de Prehistoria*. 3. Área de Prehistoria de la Universidad de Córdoba: Córdoba. pp. 63-114.

Gómez, F.; Balensi, J. (1999) - La colección de vasos egeos de Tell Abu Hawam (Haifa, Israel) y su relación con la cronología histórica de la expansión fenicia en Occidente. *Huelva en su Historia*. 7. Universidad de Huelva, Servicio de Publicaciones: Huelva. pp. 43-70.

González de Canales Cerisola, F.; Serrano Pichardo, L.; Llompart Gómez, J. (2004) - *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 900-770 a.C.)*. Madrid : Biblioteca Nueva.

Hamilton, R.W. (1935) - Excavations at Tell Abu Hawam. *The Quartely of the Department of Antiquities in Palestine*. IV. Jerusalem: London (Oxford University Press). pp. 1-69.

Herrera, M.D. (1990) - *Las excavaciones de R.W. Hamilton en Tell Abu Hawam, Haifa. El Sratum III. Historia del puerto fenicio durante los siglos X-VIII a.C.* Universidad de Cantabria: Servicio de Publicaciones (Micropublicaciones: Tesis doctorales). Santander

Herrera, M.D.; Balensi, J. (1986) - More about the Aegean Geometric Pottery at Tell Abu Hawam. *Levant*. XVIII. London: The British Academy. pp. 169-171.

Herrera, M. D.; Gómez, F. (2004) - *Tell Abu Hawam (Haifa, Israel) : El horizonte fenicio del Stratum III británico*. Biblioteca Salmanticensis. 260. Universidades de Huelva: Huelva / Universidad Pontificia de Salamanca.

Heurtley, W. A. (1935) - Note on fragments of two Thessalian Proto-Geometric vases found at Tell Abu Hawam. *Quarterly of the Department of Antiquities in Palestine*. IV. Jerusalem: London (Oxford University Press). p. 181.

Kearsley, R. A. (1986) - The Redating of Tell Abu Hawam III and the Greek Pendant Semicircle Skyphos. *Bulletin of the American School of Oriental Research*. ASOR. 262. [S.I.]. pp. 85-86.

Mazar, A.; Carmi, I. (2001) - Radiocarbon Dates from the Iron Age Strata a Tel Beth Shean and Tel Rehov. *Radiocarbon*. 43. [S.I]. pp. 1333-1342.

Mederos Martín, A. (2005) - La cronología fenicia: entre el Mediterráneo oriental y el occidental. En Celestino, S.; Jiménez, J. (eds.) *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida (Vol.1. Protohistoria del Mediterráneo Occidental)*. Anejos de Archivo Español de Arqueología. XXXV. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. pp. 305-346.

Ruiz Mata, D. (1999) - Visión actual de la fundación de Gadir en la bahía gaditana. El Castillo de Doña Blanca en El Puerto de Santa María y la ciudad de Cádiz. Contrastación textual y arqueológica. *Revista de Historia de El Puerto*. 21. Cádiz. pp. 11-87.

Schubart, H. y Arteaga, O. (1986) - El mundo de las colonias fenicias occidentales. *Homenaje a Luis Siret*. Sevilla: Junta de Andalucía. pp. 499-525.

Shefton, B.B. (1982) - Greeks and Greek Imports in the South of the Iberian Peninsula: the archaeological evidence. In Niemeyer, H.G. (ed.) *Phönizier im Westen*. Madrider Beitrage. 8. Maguncia: Verlag Philipp von Zabern. pp. 337-368.

Torres Ortiz, M. (1998) - La cronología absoluta europea y el inicio de la colonización fenicia en Occidente. Implicaciones cronológicas en Chipre y en el Próximo Oriente. Complutum. 9. Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense: Madrid. pp. 49-60.

VERS UNE DÉFINITION ARCHÉOLOGIQUE DU COTHON: PORT ARTIFICIEL CREUSÉ. DES ORIGINES A 146 AV. J.-C. *

Nicolas Carayon

Université Marc Bloch

Résumé

Ce travail aborde l'utilisation du mot Cothon et son application aux ports artificiels, de forme plus ou moins géométriques. Les techniques de construction sont discutées, et on fait aussi une relation de ces installations le long de la Méditerranée. Carthage, Mozia et Rachoun sont quelques exemples que peut valoriser pour discuter la chronologie de ces bâtiments, et aussi sa fonction.

Resumo

Neste trabalho discute-se a utilização do termo Cothon e a sua aplicação a portos artificiais, com formas mais ou menos geométricas. As técnicas construtivas são abordadas, fazendo-se também uma relação destes equipamentos ao longo do Mediterrâneo. Cartago, Mozia e Rachoun são alguns dos exemplos de que nos podemos servir para discutir também a cronologia destas construções, bem como, aliás a sua própria função.

---

* Nota do Editor:

Texto não revisto pelo autor. Todas as tentativas para contactar o autor de forma a que corrigisse as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

Le terme de *cothon*, durant l'antiquité, revêt diverses significations. Chez plusieurs auteurs grecs (par exemple Plutarque, *Lycurg.*, 9 ; Pollux, *Onomasticon*, VI, 16 ; Xénophon, *Cyropédie*, I, 2, 8), le κώθων désigne un vase à boire d'origine lacédémonienne, rond avec une seule anse horizontale, un rebord épais à l'embouchure et un col rentré à l'intérieur. Plusieurs exemplaires de ce type de céramique ont été mis au jour lors de fouilles archéologiques, notamment celles de l'agora d'Athènes (Sparkes et Talcott, 1970, pp. I, 8, 70, 180 ; II, pl. 44, fig. 11, n° 1337-1342).

Le nom de Κώθων est également donné par Appien (*Libyca*, 127, 605-606) au dernier port punique de Carthage, dans son récit de la prise de la ville par les romains en 146 av. J.-C. : « Au début du printemps, Scipion attaqua Byrsa et celui des ports qu'on nomme le Cothon (τῶν λιμένων τῳ̃ καλουμένῳ Κώθωνι) ; Asdrubal, de son côté, incendia à la faveur de la nuit la partie rectangulaire du Cothon (τὸ μέρος τοῦ Κώθωνος τὸ τετράγωνον). Mais comme il s'attendait encore à une attaque de la part de Scipion et que les Carthaginois avaient leur attention fixée sur ce secteur, il leur échappa que Laelius avait remonté de l'autre côté du Cothon, vers sa partie circulaire (τοῦ Κώθωνος ἐς τὸ περιφερὲς αὐτοῦ μέρος ἀελθών) ». Le texte d'Appien, basé sur le témoignage de Polybe, qui participa à la prise de la ville, a pu à maintes reprises être corroboré par les fouilles archéologiques des lagunes de Salammbô (Hurst, 1993 ; id. 1992 ; Hurst et Stager, 1978 ; Stager, 1992), et deux autres sources antiques mentionnent également le « Cothon » de Carthage : Diodore de Sicile, au Ier s. av. J.-C. (III, 44, 7-8) et Strabon (XVII, 3, 14) au tout début de l'ère chrétienne.

Le *Bellum Africum*, attribué à César, fait état à trois reprises de l'existence d'un *cothon* à *Hadrumetum*, actuellement Sousse en Tunisie (62, 5 ; 63, 4 ; 63, 5), port dans lequel se réfugient les navires de Varus. Le texte utilise ici le terme de *cothon* pour désigner, non pas le nom du port, mais un type particulier de bassin portuaire que plusieurs auteurs latins tardifs s'efforceront de définir. Ces derniers s'appuient sans aucun doute sur un passage de l'*Enéïde* de Virgile relatif à Carthage (I, 427) : « *Hic portus alii effodiunt* ». Deux commentateurs de l'œuvre définissent ainsi le terme : Servius (*In Verg. Aen.* I, 427) : « *Cothona sunt portus in mari, non naturales, sed arte et manu facti* » et Deutéro-Servius (*In Verg. Aen.* I, 427) : « *Portus effodiunt, ut portus scilicet faciunt. Et vere ait, nam Carthaginienses Cothone fossa utuntur, non naturali portus* ». Tous deux mentionnent le caractère artificiel du port et le Deutéro-Servius insiste sur le creusement du bassin en précisant que cela était une technique courante (« *ut portus scilicet faciunt* »). Deux grammairiens proposeront également une définition du *cothon* : Sextus Pompeius Festus : « *Cothones appelantur portus in mari interiores arte e manu facti* » (*De Verborum Significatu*, III) et Lactantius Placidus (*Glossae*, V, 19, 13) : « *Coton cubiculum graece* κοίτων *est. (cotonem) ergo quod Carthago habet, in quo naves clauduntur, recte cubiculum dicimus* ».

Si le complexe portuaire de la dernière Carthage punique, le *Cothon* donc, est relativement bien connu grâce aux fouilles archéologiques, le *cothon* d'*Hadrumetum* n'a jamais été dégagé (Foucher, 1964). L'analyse de l'unique exemple carthaginois corrobore cependant assez bien les définitions antiques que nous avons évoquées. En effet, comme l'ont montré les études géomorphologiques (Oueslati, 1993), la zone des lagunes de Salammbô était, aux alentours du IV^{ème} s. av. J.-C., une zone sablonneuse hors d'atteinte de l'élément maritime, parcourue par un chenal artificiel à vocation probablement portuaire, et occupée par diverses installations à caractère artisanal. L'aménagement du port rectangulaire (fin IV^{ème} - début III^{ème} s. av.), puis du port circulaire (c. 200 av. J.-C.), totalement artificiel, a ainsi nécessité le déplacement de, respectivement, 120 000 et 100 000 m^3 de substrat.

Mais, si on les compare au récit détaillé d'Appien et aux résultats des fouilles, les définitions antiques apparaissent clairement réductrices. Effectivement le complexe carthaginois se compose d'un premier bassin rectangulaire relié par deux chenaux, d'un côté à la mer et de l'autre au bassin circulaire au milieu duquel s'élève un îlot. Les définitions antiques n'abordent pas non plus,

l'aménagement architectural des berges en quai, comme cela a été démontré par les fouilles américaines du port rectangulaire, ou l'établissement en périphérie du bassin circulaire et sur l'îlot, de rampes pour haler les navires (*néosoikoi*) de la flotte punique.

Plusieurs autres sites maritimes antiques présentent également les vestiges d'un bassin portuaire, plus ou moins artificiel, aménagé en arrière de la ligne de côte : Mahdia en Tunisie, Phalasarna en Crète, Motyé en Sicile, Rachgoun en Algérie, Jezirat Fara'un en Israël, au fond du golfe d'Aqaba. Les archéologues en charge de l'étude de ces vestiges s'accordent, même si cela n'est pas mentionné dans les sources antiques, pour qualifier ce type d'aménagement de *cothon*, et le définissent comme un bassin portuaire creusé débouchant sur la mer libre par l'intermédiaire d'un chenal. Cette définition, qui n'englobe que le noyau structurel du *cothon* : le bassin et le chenal, ne rend pas compte de la diversité des structures reconnues et peut même être erronée en ce qui concerne la technique architecturale mise en oeuvre.

L'exemple le plus « basique » de ces *cothons* archéologiques se trouve à Rachgoun (Vuillemot, 1965), une petite île à quelques kilomètres en face de l'embouchure de la Tafna, en Algérie. Il est constitué d'un petit bassin rectangulaire (20 x 15 m) taillé dans le pouzzolane et dont le fond présente une légère pente vers le large. Le chenal qui lui donne un accès vers la mer libre est simplement constitué par une échancrure dans la roche large de 1,8 m. Cette structure, de dimensions très modestes et donc inaccessible pour les navires hauturiers, aurait été utilisé comme unique point d'échouage pour les barques des quelques habitants phéniciens de l'île, reconnus grâce aux fouilles de la nécropole (VIIe – VIe s. av. J.-C.).

L'existence d'un chenal secondaire, destiné non pas à la navigation mais à la création d'un courant d'eau à l'intérieur du bassin, est attestée à Mahdia (Tunisie) et à Phalasarna (Crète). Dans le cas de Mahdia (Lézine, 1965 ; Zaouali, 1999), à un bassin rectangulaire (130 x 65 m) et un chenal d'accès (40 x 20 m) s'ajoute un chenal de désensablement (40 x 5 m) perpendiculaire à l'axe longitudinal du basin et parallèle au chenal principal. A Phalasarna (Hadjidaki, 1988), le chenal d'accès est long d'une centaine de mètres, large de 10-12 m et le bassin, très grossièrement rectangulaire atteint 100 x 75 m. A la différence de Mahdia, le chenal de désensablement s'appuie sur le chenal d'accès, près de sa jonction avec le bassin, et n'est pas directement relié à la mer.

L'aménagement des berges du bassin présente également, selon les exemples, une diversité que les définitions traditionnelles et archéologiques du terme ne prennent pas en compte. Les bassins de Jezirat Fara'un, Motyé, Phalasarna et Carthage voient leurs berges construites en quais. Sur l'île de Jezirat Fara'un (Flinder, 1977), les vestiges de quais sont attestés au Nord du bassin par quelques blocs de taille encore *in situ*. A Motyé (Isserlin, 1974), un premier quai construit de boutisses occupe les berges du chenal d'accès et un second a été en partie conservé dans l'angle Sud-Ouest du bassin. A Phalasarna, un quai mettant également en œuvre des rangées de boutisses a été découvert le long de la paroi Sud du bassin. A Carthage, la totalité de la périphérie du complexe portuaire (bassins rectangulaire et circulaire, îlot central) a été munie de quais sur lesquels, seulement au niveau du bassin circulaire et une partie du port rectangulaire, ont été élevés des *néosoikoi*.

L'exemple carthaginois est le seul présentant de tels vestiges de cales à navires. A Mahdia, près de l'angle Ouest du bassin, un plan incliné taillé dans la roche a été aménagé, sans doute afin de faciliter le halage des navires mais qui n'est absolument pas comparable aux *néosoikoi* carthaginois. Il en de même à Rachgoun, où le fond pentu du bassin était sans doute destiné à faciliter l'atterrage des barques. Les vestiges du port de Mahdia présentent, de plus, dans la partie Est du bassin, des bornes d'amarrages taillés dans le substrat gréseux. Elles sont encore utilisées de nos jours.

Concernant la technique mise en œuvre pour aménager de tels complexes portuaires, selon le passage de Virgile « *hic portus alii effodiunt* », repris par le Deutéro-Servius « *Portus effodiunt* » et par certains archéologues, il apparaît que le *cothon* était un port creusé. A Carthage, les études paléoenvironnementales ont effectivement mis en évidence le creusement total du bassin. A Mahdia, la nature rocheuse du substrat (grès calcaire pliocène), la présence de parois taillées sur toute la périphérie du bassin et la longueur des deux chenaux nous invitent plutôt à la considérer comme totalement taillé. Il en est de même à Rachgoun, mais dans une moindre mesure étant donné les dimensions des structures et la possibilité que le chenal reprenne une échancrure naturelle. En revanche, la taille ou le creusement total des bassins n'est attesté ni à Jezirat Fara'un, ni à Motyé, ni à Phalasarna. A Jezirat Fara'un, une petite crique naturelle existait préalablement à l'aménagement du *cothon*. A Motyé, les Phéniciens auraient taillé le tuf argileux de l'île afin de régulariser une dépression lagunaire. A Phalasarna, le port fut établi dans une petite crique rocheuse par approfondissement de fissures naturelles reliant le bassin à la mer.

Deux techniques apparaissent ainsi distinctement. La première, illustrée à Carthage, Mahdia et Rachgoun, consiste à creuser (ou tailler selon la nature du substrat) un bassin portuaire en arrière de la ligne de côte, à l'emplacement d'un terrain sec, et de le mettre en eau grâce à un chenal. Cette technique, qui nécessite des moyens considérables, permet l'obtention de bassins à formes géométriques régulières (rectangulaire, circulaire) et trouve un parallèle à l'époque romaine à Ostie où le port de Trajan, de forme hexagonale, fut également totalement creusé. La deuxième technique met à profit les conditions naturelles du site. Des plans d'eau naturels, lagunes ou criques, furent aménagés de façon à constituer un bassin suffisamment étendue et profond pour permettre la navigation et l'amarrage des bateaux. Dans ce cas, le caractère artificiel du port est attesté car il apparaît que les conditions naturelles ne permettaient pas une utilisation portuaire du site sans action anthropique. Il ne s'agit cependant plus d'un port creusé en totalité. Il est souvent difficile de mettre en évidence le caractère artificiel d'un tel bassin et ainsi, plusieurs autres sites méditerranéens sont susceptibles d'être considéré comme *cothon*. En effet, à Séleucie de Piérie (Berchem, 1985), le bassin hellénistique ou romain fut établi artificiellement à quelques distances en arrière du rivage ; à Lattaquié (Sauvaget, 1934), une petite crique pourrait avoir servi d'appui au port hellénistique. Il en de même à Amathonte (Aupert *et al*. 1979), ou un bassin intérieur pourrait avoir été en partie creusé, ainsi qu'au *Lechaion* de Corinthe (Shaw, 1969). Si tous ces aménagements ont parfois été qualifiés de *cothon*, leur caractère artificiel n'a pas été clairement démontré et seule une étude paléoenvironnementale approfondie pourrait le définir. De tels travaux ont été déjà été réalisés à Kition (actuelle Larnaca à Chypre) et ont pu mettre en évidence le caractère naturel du bassin militaire de la cité d'époque perse, qui ne peut donc pas être considéré comme un *cothon* (Morhange *et al*. 2000).

Chronologiquement, les exemples clairement attestés de *cothon*, se répartissent durant tout le premier millénaire av. J.-C. C'est cependant à la période hellénistique que ce type d'aménagement apparaît de façon plus régulière (Carthage, Mahdia et Phalasarna, ainsi que probablement Lattaquié et Séleucie de Piérie). A Motyé et à Rachgoun, les aménagements ont été datés respectivement de la fin du VI^{ème} et du VII^{ème} s. et appartiennent tous deux au phénomène d'expansion phénicienne en Méditerranée occidentale. Le *cothon* de Jezirat Fara'un, si l'on doit accepter l'identification du site avec la station navale établie par Hiram I^{er} de Tyr et Salomon : Ezion Geber (I *R*. 9, 26-27 ; 10, 11-12 ; 10, 22 ; 2 *Ch*. 9, 10-11 ; 9, 21), remonterait aux première années du X^{ème} s. av. J.-C. Même si certains exemples se rapportent directement au monde phénico-punique, ce type de port ne peut être, dans l'état actuel de la recherche, considéré comme caractéristique de cette civilisation.

Concernant la fonction principale d'un tel type d'aménagement, il a été considéré comme une technique visant à créer un port sur une côte qui en était dépourvue (Blackman, 1982 ; Frost, 1995). Cependant, hormis à Rachgoun, l'approche maritime du *cothon* est constituée par un lieu propice au mouillage des navires, que ce soit une baie naturellement protégée des vents et des courants (Carthage et Phalasarna), une zone lagunaire (Motyé), le côté abrité d'un promontoire (Mahdia) ou d'une île (Jezirat Fara'un). De plus, le *cothon* n'est jamais l'unique port de l'agglomération. A Jezirat Fara'un, il vient compléter un bon mouillage et un port continental. A Motyé, la totalité de la périphérie de l'île est propice à l'échouage des barques et deux autres ports seront construits au V^{ème} s. av. J.-C. (Famà, 1995) A Carthage, Appien mentionne : « celui des ports que l'on nommait le Cothon », sous entendant l'existence d'autres hevres tels que la quadrilatère de Falbe, le lac de Tunis, la baie du Kram ou de la Marsa. De même à Rachgoun, l'embouchure de la Tafna, sur le continent en face de l'île constitue un port naturel qui sera mis en valeur à partir du III^{ème} s. av. J.-C.

En revanche, si la technique du *cothon* n'apparaît pas comme permettant de créer un port là où il n'en existe pas, elle semble destinée principalement à aménager un port *intra-muros*. En effet, cela ne fait aucun doute à Carthage, Mahdia, Phalasarna, Motyé, Jezirat Fara'un, ainsi qu'à Séleucie et Lattaquié. Le *Périple* du Pseudo-Scylax qualifie d'ailleurs le *cothon* de Phalasarna comme un port fermé (κλειστόν), ce qui selon K. Lehmann Hartleben (1923) équivaut à un port situé à l'intérieur de l'enceinte urbaine. A n'en pas douter, cette situation urbaine est en relation avec une utilisation spécifique d'un tel type de bassin. A Carthage, la fonction militaire du port circulaire justifie une telle situation, mais qu'en est-il pour le port marchand ? A Motyé, à Jezirat Fara'un et à Rachgoun, les faibles dimensions du bassin en interdisent l'accès aux navires de guerre et il semble préférable de leur attribuer une vocation commerciale. Nous avons déjà émis l'hypothèse selon laquelle le *cothon*, accessible à de petites embarcations, permettrait une protection des marchandises en transit par ce port (Carayon, 2005). Une question de première importance se pose alors, pourquoi ces marchandises n'étaient-elles pas déchargés dans les autres ports de l'agglomération ? Doit-on alors se tourner vers une spécificité des biens en transit dans le *cothon* ou bien des navires qui y avaient accès ? La question reste ouverte et malheureusement, peu d'éléments nous permettent d'étayer une telle hypothèse.

Finalement, concernant l'origine de la technique, outre la question de l'étymologie du terme qui reste énigmatique (Debergh et Lipinski, 1992), nous avons supposé (Carayon, 2005) que les bassins de type *cothon*, pourraient être mis en relation avec des bassins portuaires fluviaux, *intra-muros*, tel que ceux d'Ur à la fin du III^{ème} millénaire (Woolley, 1930) ou à Til Barsib aux IX^{ème}-VIII^{ème} s. av. J.-C (Thureau-Dangin et Dunand, 1936). Une autre hypothèse demande à être étudiée, il s'agit de l'aménagement artificiel de l'île de Tell Abu Hawam (Israël), réalisé par creusement de l'estuaire du Qishon et élévation d'une plate-forme. On pourrait alors retrouver ici, une technique similaire à l'aménagement du bassin circulaire de Carthage avec l'îlot de l'Amirauté en son centre, et ainsi quelques antécédents levantins à l'élaboration d'un type de port particulier (J. Balensi, comm. pers.).

Bibliographie

Aupert, P.; Hermary, A.; Tytgat, C.; Courtois, L.; Velde, B.; Parthas, C. et Iannis, S. (1979) - Rapport sur les travaux de la mission française à Amathonte en 1978. *BCH*. 103. pp. 725-763.

Berchem, D. van (1985) - Le port de Séleucie de Piérie et l'infrastructure logistique des guerres parthiques. *Bonner Jahrbücher*. 185. pp. 47-87.

Blackman, D.J. (1982) - Ancient Harbours in the Mediterranean, Part 2. *IJNA*. 11.2. pp. 79-104.

Carayon, N. (2005) - Le cothon ou port artificiel creusé. Essai de définition, dans Morhange, Chr.; Goiran, J.-Ph. et Marriner, N. (éd.) *Mediterranean Coastal Geoarchaeology*. (*Méditerranée*, 1-2). Aix-en-Provence. pp. 5-13.

Debergh, J. et Lipinski, E. (1992) - s.v. « cothon », dans Lipinski, E. (éd.), *Dictionnaire de la civilisation phénicienne et punique*. Brepols. p. 121.

Ennabli, A. (dir.) (1992) - *Pour sauver Carthage, exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine*. UNESCO/INAA. Paris-Tunis.

Famà, (1995) - Il porto di Mozia. *Sicilia Archeologica*. 28. pp. 171-180.

Flinder, A. (1977) - The Island of Jezirat Faraun, its ancient harbour, anchorage and marine defence installations. *IJNA*. 6,2. pp. 127-139.

Foucher, L. (1964) - *Hadrumetum*. Presses Universitaires. Tunis.

Frost, H. (1995) - Harbours and proto-harbours. Early levantine engineering, dans Karageorghis, V. et Michaelides, D. (éds.) *Cyprus and the Sea. Proceedings of the International Symposium (Nicosia 25-26 / 10 / 1993)*. Nicosia. pp. 1-22.

Hadjidaki, E. (1988) - Preliminary Report of the Excavations at the Harbor of Phalasarna in West Crete. *American Journal of Archaeology*. 92. pp. 463-479.

Hurst, H. (1992) - L'îlot de l'Amirauté, le port circulaire et l'avenue Bourguiba, dans Ennabli (dir.). pp. 79-94.

Hurst, H. (1993) - Le port militaire de Carthage. *Les Dossiers d'Archéologie*. 183. pp. 42-51.

Hurst, H. et Stager, L.E. (1978) - A Metropolitan Landscape: The Late Punic Port of Carthage. *World Archaeology*. 9,3. pp. 334-346.

Isserlin, B.S.J. (1974) - The Cothon at Motya : Phoenician Harbor Works. *Archaeology*. 27. pp. 188-194.

Lehmann Hartleben (1923) - *Die Antiken Hafenanlagen des Mittelmeeres, Beïtrage zur Geschichte des Städtbaues im Altertum*. Klio XIV. Dieterich'sche Verlagsbuch handlung: Leipzig.

Lézine, A. (1965) - *Mahdiya, recherche d'archéologie islamique*. Klincksieck: Paris.

Morhange, C.; Goiran, J.-P.; Bourcier, M.; Carbonel, P.; Le Campion, J.; Pyatt, B.; Prone, A.; Rouchy, J.-M.; Sourisseau J.-C. et Yon, M. (2000) - Recent Holocene Paleo-environmental Evolution and Coastline Changes of Kition, Larnaca, Cyprus, Mediterranean Sea. *Marine Geology*. 170. pp. 205-230.

Oueslati, A. (1993) - *Les côtes de la Tunisie*. Facultés des Sciences Humaines et Sociales: Tunis.

Sauvaget, J. (1934) - Le plan de Laodicée-sur-Mer. *Bulletin des Etudes Orientales*. 4. pp. 81-114.

Shaw, J. (1969) - A Foundation at the Inner Harbor at Lechaum. *American Journal of Archaeology*. 73. pp. 370-372.

Sparkes, B.A. et Talcott, L. (1970) - *Black and Plain Pottery of the 6th, 5th and 4th Centuries B.C., The Athenian Agora. Results of Excavations Conducted by the American School of Classical Studies at Athens*. vol. XII. The American School of Classical Studies at Athens: Princeton.

Stager, L.E. (1992) - Le tophet et le port commercial, dans dans Ennabli (dir.). pp. 73-78.

Thureau-Dangin, F. et Dunand, M. (1936) - *Til Barsib*. P. Geuthner: Paris.

Vuillemot, G. (1965) - *Reconnaissances aux échelles puniques d'Oranie*. Musée Rollin: Autin.

Woolley, C.L. (1930) - Excavations at Ur, 1929-1930. *The Antiquaries Journal*. 10,4. pp. 315-343.

Zaouali, L. (1999) - Mahdia, port et arsenal, dans *La Méditerranée : l'homme et la mer, dans le cadre du Projet National Mobilisateur : « Les villes-ports en Tunisie »*. Cahiers du CERES, série Géographique. n° 21. Tunis. pp. 219-239.

DOCUMENTI «PRECOLONIALI» DEI *PHOINIKES* NEL GOLFO DI ORISTANO (SARDEGNA CENTRO OCCIDENTALE)

Raimondo Zucca

Università degli studi di Sassari

RIASSUNTO

Nel golfo di Oristano (Sardegna centro-occidentale) sono attestati numerosi documenti «precoloniali», consistenti in beni e modelli levantini (ciprioti e filistei) in contesti indigeni anteriori la costituzione dei centri fenici di Tharros, Othoca, Neapolis, che traducono in ambito occidentale i modi urbanistici di tradizione vicino orientale o più precisamente tirii. La documentazione più rilevante è costituita da tripodi in bronzo di manifattura cipriota del Tardo Cipriota III che dà luogo anche a rielaborazioni locali, anche piuttosto recenziori rispetto ai modelli. Nell' entroterra del golfo di Oristano abbiamo un frammento di tripode bronzeo residuo nell' anello superiore decorato dal motivo a zig-zag da Samugheo ed un secondo frammento da Oristano- Palmas Arborea. A modelli del Tardo Cipriota III ugualmente devono riportarsi due tripodini miniaturistici, provenienti da un ripostiglio di bronzi nuragici di Solarussa.

RÉSUMÉ

Dans le golfe d'Oristano (Sardaigne du Centre-Ouest) sont documentées nombreux documents pré-coloniales, composées d'objets et modèles du Levant (chypriote et des Philistins) dans des contextes autochtones avant la création de centres phéniciens de Tharros, Othoca et Neapolis, qui traduisent par un contexte occidental les modes de tradition urbaine du Levant, ou plus précisément des Tyriens. La documentation pertinente est faite de trépieds en bronze de la fabrication LCIII qui donne également lieu à remaniement local, même plus récentes que les modèles. Dans l'arrière-pays du golfe d'Oristano, nous avons un fragment de trépied de bronze, de Samugheo, dont l'anneau est décoré par le zig-zag et un deuxième fragment provenant de Oristano - Palmas Arborea. A un prototype du trépied LC III sont modélisés deux miniatures du trépied, découvertes entre nombreux bronzes nuragique à Solarussa.

1. L' analisi dei documenti «precoloniali» dei *Phoinikes* nel golfo di Oristano impone una preliminare e rigorosa scelta terminologica. Infatti il termine greco dell' *epos* omerico *Phoinikes* compendia, in realtà, strutture del commercio e delle interrelazioni con il *milieu* indigeno profondamente diverse tra loro e attribuibili di volta in volta, e non necessariamente in scansione cronologica, a Ciprioti, Aramei, Filistei, Levantini delle città della Fenicia, in una fase antecedente l' assunzione del potere del re di Tiro sulla regione congiunta dei Tirii e dei Sidonii, ossia nella prima metà del IX sec. a.C., al tempo del re Ithobaal I (887-856 a.C.), fondatore secondo Giuseppe Flavio delle colonie di *Botrys* in territorio giblita (a nord di *Byblos*, in Libano) e di *Auza* nella *Libye*, ossia nell' Africa maghrebina.

I documenti «precoloniali» concernono, di conseguenza, le attestazioni di beni e di modelli levantini in contesti indigeni anteriori la costituzione di centri fenici di Tharros, Othoca, Neapolis, lungo la costa del golfo Oristanese, dalla seconda metà dell' VIII sec. a.C. che traducono in ambito occidentale i modi urbanistici di tradizione vicino orientale o più precisamente tirii.

L' uso del termine ambiguo di «precolonizzazione», che poniamo comunque tra virgolette, può essere accettabile solo nella consapevolezza del suo riferimento, come ha scritto Sandro Filippo Bondì, «a fenomeni e documenti non solo assai dispersi geograficamente, ma soprattutto difformi sotto il profilo qualitativo e tipologico (esportazioni, suggestioni tecnologiche, influssi sui modi di aggregazione sociale degli *ethne* a contatto»(Bondì, 1988, p. 243. Cfr. inoltre Bernardini, 1991, *passim*; Bondì, in Moscati *et al.*, pp. 10-13; Bernardini, 2001, pp. 27-30). D' altro canto per il versante strettamente fenicio è preferibile, con Piero Bartoloni, adottare la nomenclatura di «protocolonizzazione», con una precisa selezione cronologica e culturale dei documenti e dei fenomeni culturali (Bartoloni, 1998, pp. 341-345.

2. Il lunato golfo di Oristano si apre sulla costa centro occidentale della Sardegna, delimitato a nord e a sud rispettivamente dalle due piattaforme basaltiche del promontorio di San Marco e de La Frasca, che insisono su strati miocenici e pliocenici.

La complessità della geomorfologia del litorale del golfo di Oristano è determinata dalle due antiche valli würmiane del Rio Mare Foghe a nord e del Riu Sitzerri a sud, sommerse dalla ingressione marina versiliana. Successivamente la paleo-valle del Mare Foghe fu sbarrata da sedimenti versiliani e alluvionali determinando la laguna di Mar'e Pontis («stagno» di Cabras). Gli stagni di Mistras e di Mardini sono invece dovuti allo sbarramento di specchi marini da parte di cordoli sabbiosi. La paleo-valle del Riu Sitzerri ha dato luogo alla laguna di Marceddì, anche a causa degli apporti alluvionali dello stesso Riu Sitzerri e del Flumini Mannu. Al centro del golfo si presenta la rotonda insenatura di Santa Giusta, sbarrata da un cordone dunale certamente già allo scorcio del II millennio a.C., come si desume dall' esistenza del villaggio nuragico del Bronzo Finale di Sant' Elia, sulla riva sinistra del canale di Pesarìa che metteva in comunicazione, anche prima della rettifica del principio del secolo XX, lo «stagno» di S. Giusta con il mare. Resta aperto il problema del sistema deltizio del fiume Tirso che potrebbe avere avuto un ruolo nel consentire l' accesso allo «stagno» di Santa Giusta.

Questo golfo di Oristano costituisce una delle aree a maggiore concentrazione urbana fenicia dell' isola, con i già citati tre centri costieri di *Tharros* a nord, *Othoca* al centro e *Neapolis* a sud est.

Lo studio geomorfologico della costa del golfo, attualmente in atto, documenta notevoli variazioni per quanto attiene il livello del mare e il conseguente mutamento del litorale, anche in relazione alla variabile portata d' acqua dei fiumi che si gettano nel golfo ed alle trasformazioni di antiche insenature, trasformatesi in lagune a causa della formazione di barre litoranee e, talvolta, insuccessione di tempi interritisi.

3. Il territorio del golfo di Oristano è caratterizzato dalla piana alluvionale del Campidano settentrionale, in cui le maggiori limitazioni d' uso (alluvioni ciottolose) si riscontrano nel settore a sud del Fiume Tirso, caratterizzato da alluvioni ciottolose determinate dai corsi d'acqua che discendendo dal massiccio traco-andesitico del Monte Arci hanno alimentato un sistema idrografico di tipo lagunare, con la laguna di Santa Giusta arricchita dall' apporto del Rio Palmas, lo stagno di Sassu (oggi prosciugato) alimentato in origine dal Rio Mogoro, e con l'antica valle sommersa di Marceddì, in cui sfociano il Rio Sitzerri e il Flumini Mannu, che discendono dal plesso montano dell' Arcuentu e dei monti di Montevecchio, caratterizzati da estesissimi filoni di piombo argentifero.

A nord del Tirso-il massimo fiume della Sardegna- si hanno suoli ad alta feritilità caratterizzati tuttavia da antichi bacini lacustri, anche coltivati in antico come saline, e da un vastissimo compendio lagunare (Sa Mardini-Mistras-Mar'e Pontis-Mar'e foghe) alimentato dal Riu Mannu-Cispiri che cola dalle falde sudoccidentali del Monti Ferru, il maggiore degli edifici vulcanici sardi, interessato da amplissimi filoni ferrosi.

In questo territorio, gravitante sul golfo di Oristano, oggetto di accurate indagini di archeologia del paesaggio di Peter Van Dommelen per il settore centro meridionale, e di Alfonso Stiglitz per quello settentrionale, si coglie l' evidenza di un popolamento neolitico, eneolitico e dell' età del Bronzo tra i più cospicui dell' intera Sardegna.

Lo stanziamento nuragico tra Bronzo Medio (XVI sec. a.C.) e avvio della prima età del Ferro (IX sec. a.C.) si estende dalla fascia costiera, riguardando, seppure non continuativamente, tutti i siti del successivo popolamento fenicio e cartaginese (Othoca, Tharros, Neapolis), le aree lagunari, le piane agricole, i rilievi sfruttati con la zootecnia, la silvicoltura e l'attività mineraria.

Le comunità indigene si aprono al confronto con l'esterno almeno dal Bronzo Recente, come documenta un frammento ceramico del Miceneo III A, della fine del XV-inizi XIV secolo a.C., dall' area di Tharros, evidentemente ascrivibile allo stanziamento nuragico.

Ampio rilievo per focalizzare la problematica dei rapporti tra le varie comunità indigene e le componenti molteplici del mondo dei *Phoinikes* hanno i luoghi di culto nuragici, in particolare i templi a pozzo sia a struttura megalitica, sia a struttura isodoma, che conosciamo nel territorio di Guspini (Mitza Nieddinu), di Sardara (Santa Anastasìa), di Santu Antine-Genoni, di Arborea (Orri), di Cabras (Cuccuru is Arrius e Sa Gora 'e sa Scaffa), di Paulilatino (Santa Cristina), di Abbasanta (Losa), per fermarci ai principali. Si aggiungano gli edifici cultuali "a rotonda" che si connettono per la planimetria affine a quella dei templi a pozzo (Su Monte-Sorradile, Bruncu Suergiu-Genoni) al mondo del sacro canonico della civiltà nuragica.

La gran parte di queste strutture cultuali risale al Bronzo Finale e si mostrano luoghi eletti allo scambio, in forme cerimoniali, con i *partners* levantini.

4. Nell' ambito cronologico del XII-prima metà dell' XI secolo si verifica presso le comunità indigene della Sardegna una presenza materiale cipriota, costituita sia da ceramica (Lo Schiavo *et al.*, 1985, p. 5), sia e soprattutto da bronzi, tra cui specchi e, in particolare, tripodi (Catling, 1964, pp. 190-223; Matthäus,1985, pp. 299-340; Vagnetti, 1986, pp. 208-210; Demetriou, 1989, pp. 27-30, Oikonomides, 2003, pp. 432-434). La Sardegna è, infatti, interessata dalla circolazione di tripodi enei di manifattura cipriota del Tardo Cipriota III (1200-1050) (Lo Schiavo *et al.*, 1985, pp. 35-51; Lo Schiavo, 2003, p. 59) che dà luogo anche a rielaborazioni locali, anche piuttosto recenziori rispetto ai modelli.

Per quanto attiene il Golfo di Oristano (fig. 1), attraverso uno scalo indigeno costiero, dovette pervenire ad un insediamento nuragico di Samugheo, lungo la valle del fiume Tirso, a circa 32 km ad est della foce, un tripode bronzeo Tardo Cipriota III, residuo nell' anello superiore decorato dal motivo a zig-zag, ed un secondo frammento di tripode rinvenuto a Oristano-Palmas Arborea (fig. 3) e forse un tripode integro (coll. F. Abis) (fig. 2 A).

A modelli del Tardo Cipriota III ugualmente devono riportarsi due tripodini miniaturistici (fig. 2 B-C), provenienti da un ripostiglio di bronzi nuragici di Solarussa(SANNA, 2004, pp. 201-203), a 10 km a nord est della foce del Fiume Tirso, benché allo stato della ricerca non sia possibile escludere una importazionze da Cipro.

Il primo tripode di Solarussa (altezza cm 6; diam. anello cm 10) deriva dal tipo dei *Rod tripods* di Hector Catling e, più specificatamente, dal *Group II (Composite rings*) (Catling, 1964, pp. 192-5) Infatti l' anello superiore è costituito da diverse componenti saldate insieme, come nel caso del tripode del Museo di Nicosia L. 309 (Catling, 1964, p. 193, nr. 3). Il tipo di piede è simile a quello di Santa Maria in Paulis, che, a sua volta, parrebbe la semplificazione di un tipo di piede dei *Rod tripods* con le spirali ai lati della verga centrale atrofizzate(Catling, 1964, p. 198, pl. 30, f,).

Il secondo tripode di Solarussa è ridotto all' anello, appartenente al *Group II (Composite rings*), sia dei *Rod tripods,* sia dei *Cast tripods.* L' anello è costituito da due verghe orizzontali cui si saldano quattro *ox-hide ingots* miniaturistici, disposti verticalmente, e ornati a bulino come negli esempi di *ox-hide ingots* trasportati da uomini di due supporti ciprioti (Matthäus, 1985, pp. 314-5, nr. 704; 319-320, nr. 709). L' eccezionalità del decoro con gli *ox-hide ingots* per i tripodi (pur essendo note forme miniaturistiche degli ox-hide isolati (Catling, 1964, pp. 268-9, pl. 49, h), o come base di statuine cipriote o cretesi (Platon, 1979, p. 103, pls. VIII, 1; IX, 2) potrebbe accreditarne comunque una produzione cipriota, piuttosto che sarda.

La presenza, in contesti nuragici del Bronzo finale, di martelli, palette e molle da fonditore, oltre all' attestazione di *oxhide ingots(*Gale *et al.*, 1987, pp. 135-172; Lo Schiavo, 1999, pp. 499-518*)* interi (anche con marchi di scritture sillabiche egee e di segni «alfabetici» semitici (Bernardini, 1991, p. 26, n. 47)) e soprattutto frammentari offre un' ampia documentazione dell' arrivo in Sardegna di modelli, tecnologie e, probabilmente, artigiani ciprioti e levantini, anche in tempi posteriori al Tardo Cipriota III, poiché come ipotizzato da Paolo Bernardini appare verosimile che «questo materiale di pregio [come i tripodi] continui ad affluire nell' isola sulla scia della precolonizzazione fenicia» (Bernardini, 1991, p. 23).

La recentissima edizione di due frammenti di un tripode bronzeo di tipo cipriota dall' area di La Clota (Calaceite, Teruel) nella bassa Aragona, in un contesto che potrebbe risalire all' VIII secolo a.C., è un significativo indizio del possibile attardamento della circolazione di tali bronzi, che abbraccerebbe un' età già coloniale, benché non si esclude una data sensibilmente più alta (Fontanals, 2002, pp. 77-83).

Acquisiamo così la certezza dell' inserimento dell' isola in una rotta tra Oriente e Occidente di navi levantine del tipo di quelle naufragate a Ulu Burun (Parker, 1992, pp. 339-440, nr. 1193) e a Capo Gelidonia(Parker, 1992, pp. 108-9, nr. 208), sulle coste meridionali della Turchia, con carichi assortiti in cui prevalevano gli *oxhide ingots*.

La segnalazione di un relitto di nave con carico di *oxhide ingots* nelle acque dell' isola di Formentera (Parker, 1992, p. 181, nr. 418), la più sud occidentale dell' arcipelago delle Baleari suggerisce l' utilizzo di una rotta d' altura presumibilmente dalla Sardegna occidentale verso l' estremo occidente.

A confermare una sequenza dei traffici fra Cipro, già sede di stanziamenti fenici, e il Golfo di Oristano al principio del I millennio a.C. stanno anche le ceramiche rinvenute fuori contesto originario durante gli scavi di Tharros.

Si tratta in particolare di un frammento di brocchetta a corpo rigonfio globulare, decorata «con alberi sacri, volatili e strutture interpretabili come edifici o altari», attribuito al Cipro Geometrico I o II (1000-850 a.C.)(Bernardini, 1989, pp. 286-287). Più problematica ma probabile è la proposta di attribuzione dei frammenti di due anfore a decoro figurato acritte alle anfore cipriote della classe Bichrome III del Cipro Geometrico II-III (Bernardini, 1989, pp. 286-288).

Nella piena fioritura coloniale dei centri del golfo di Oristano, alla fine dell' VIII-inizi VII secolo a.C., si ascrivono il *thymiaterion* e il torciere cipriota di Othoca, il torciere dell' insediamento indigeno di S' Uraki- San Vero Milis, un frammento di torciere del ripostiglio indigeno di Tadasuni o forse meglio del santuario sardo di Su Monte Sorradile, nella media valle del Tirso, e a sud, i bacili eneicon anse a bocciolo di loto dal santuario indigeno di Sant' Anastasia di Sardara.

5. A *Phoinikes* vicino orientali dobbiamo ascrivere l' arrivo in uno scalo centrosettentrionale del golfo di Oristano sia dei celebri bronzi siro-palestinesi del tempio a pozzo indigeno di Santa Cristina di Paulilatino, ed in particolare la figurina femminile assisa con t*orques*, per i quali appare congrua una cronologia tra l' XI e il X sec., sia della statuina maschile ugualmente con *torques,* stante,dal pozzo sacro nuragico di Santu Antine di Genoni, a 38 km ad est del golfo di Oristano.

A rafforzare la *liaison* tra i *Phoinikes* e i Sardi di Genoni sta anche il rinvenimento nel pozzo di Santu Antine di un pugnale con immanicatura in avorio, di sicura provenienza levantina.

In questo contesto cronologico è plausibile che tra i *Phoinikes* attivi in qualità di *prospectors* in Sardegna si debbano riconoscere *in primis* i Filistei.

Giovanni Garbini ha voluto evidenziare in vari suoi contributi il ruolo che i *Peleset*-Filistei ebbero nel traffico del ferro della Sardegna verso i potentati vicino orientali sulla base di considerazioni filologiche, teonomastiche e toponomastiche.

Una base archeologica alla presenza filistea nell' isola, ed in particolare nel golfo di Oristano è stata assegnata convincentemente da Piero Bartoloni.

A parte il noto scarabeo tharrense che in piena età punica testimonia un teoforo formato dal massimo dio filisteo Dagon è rilevante per ammettere una presenza stanziale filistea in seno alla comunità indigena stanziata nel lembo sud orientale del golfo di Oristano, in località Santa Maria de Nabui, sede della futura Neapolis, il rinvenimento nel 1974 di un frammento fittile configurato, riconosciuto da Piero Bartoloni, pertinente ad un sarcofago antropoide filisteo.

Il frammento consente di ricostruire un contenitore subcilindrico di circa sessanta centimentri di diametro configurato superiormente a volto umano con le braccia anorganiche che recano le mani congiunte sotto la faccia, secondo un canonico schema dei sarcofagi filistei, del tipo ad esempio di Beth Shean (Bartoloni, 1997, pp. 97-103; Bartoloni, 2002, pp. 250-1).

La testimonianza archeologica acclara dunque l' interazione della componente filistea della «precolonizzazione» con gli indigeni di cultura nuragica, che poterono acquisire dagli stessi filistei, a giudizio dello stesso Piero Bartoloni, non solo gli *oxhide ingots* recati anche dai ciprioti, ma pure una forma vascolare quale la «fiasca da pellegrino» di origine levantina, largamente attestata nella produzione della Sardegna nuragica, anche nella stessa area neapolitana, e nota pure in riproduzioni miniaturistiche in bronzo (Bartoloni, 2005, pp. 60-2).

Bibliografía

Bartoloni, P. (1997) -Un sarcofago antropoide filisteo da Neapolis (Oristano-Sardegna). *Rivista di Studi Fenici*. XXV. pp. 97-103.

Bartoloni, P. (1998) - Protocolonizzazione fenicia in Sardegna, In Balmuth, M. S. and Tykot, R. H. (Eds.) *Studies in Sardinian Archaeology-V. Sardinian and Aegean Chronology. Towards the Resolution of Relative and Absolute Dating in the Mediterranean.* Oxford. pp. 341-5.

Bartoloni, P. (2002) - Gli Etruschi e la Sardegna. Camporeale, G. (ed.) *Etruria e Sardegna centrosettentrionale tra l' età del Bronzo Finale e l' Arcaismo (Atti del XXI Convegno di Studi Etruschi e Italici: Pisa-Roma)*. pp. 250-1.

Bartoloni, P. (2005) - Rotte e traffici nella Sardegna del Tardo Bronzo e del primo Ferro. Bernardini, P.; Zucca, R. (eds.) *Il Mediterraneo di Herakles. Studi e Ricerche*. Roma. pp. 60-65.

Bernardini, P. (1989) - Tre nuovi documenti d'importazione dalla collina di Murru Mannu. *Rivista di Studi Fenici*. XVII. pp. 286-288.

Bernardini, P. (1991) - Micenei e Fenici. Considerazioni sull' età precoloniale in Sardegna. *Orintis antiqui collectio*. XIX. Roma

BERNARDINI, P. (2001) - Precolonizzazione e colonizzazione, Aa. Vv., *Argyròphleps nesos. L' isola dalle vene d' argento. Esploratori, mercanti e coloni in Sardegna tra il XIV e il VI sec. a.C.*. Bondeno. pp. 27-30.

Bondì, S. F. (1988) - Problemi della precolonizzazione fenicia nel Mediterraneo centro-occidentale, Aa. Vv., *Momenti precoloniali nel Mediterraneo antico*. Roma. C.N.R.

Catling, H. W. (1964) - *Cypriot Bronzework in the Mycenaean World*. Oxford.

Demetriou, A. (1989) - Cypro-Aegean relations in the Early Iron Age. *Studies in Mediterranean Archaeology*. LXXXIII. Göteborg.

Fontanals, N. R. (2002) - Un tripode de tipo chipriota procedente de La Clota (Calaceite, Teruel). *Complutum*. 13. Madrid. pp. 77-83.

Gale, N. H. , Stoa GALE, Z.A. (1987) - Oxhide Ingots from Sardinia, Crete and Cyprus and Bronze Age Copper Trade, in Balmuth, M. (ed.) *Studies in Sardinian Archaelogy-III. Nuragic Sardinia and the Mycenaean World*. Oxford. pp. 135-172.

Lo Schiavo, F.; Mac Namara, E.; Vagnetti, L. (1985) - Late Cypriot Imports in Italy and their influence on local Bronzework. *Papers of the British School at Rome*. LIII pp. 1-71.

Lo Schiavo, F. (1999) - I lingotti oxhide nel Mediterraneo ed in Europa centrale, Aa.Vv., *Simposio Italiano di Studi Egei in onore di Luigi Bernabò Brea e Giovanni Pugliese Carratelli (Roma 1998)*. Roma. pp. 499-518.

Lo Schiavo, F. (2003) -Sardinia between East and West, in Oikonomides, N. (ed.) *Sea routes. From Sidon to Huelva. Interconnections in the Mediterranean 16th-6th B.C.*. Athens.

Matthäus, H. (1985) - *Metallgefässe und Gefässuntersätze der Bronzezeit, der geometrischen und archaischen Periode auf Cypern*. Prähistorische Bronzefunde. II, 8. München.

Moscati, S.; Bartoloni, P.; Bondì, S. F. (1997) - *La penetrazione fenicia e punica in Sardegna. Trent'anni dopo.* MemANL. IX, I. Roma

Oikonomides, N. (ed.) (2003) - *Sea routes. From Sidon to Huelva. Interconnections in the Mediterranean 16th-6th B.C.*. Athens.

Parker, A. J. (1992) - *Ancient Shipwrecks of the Mediterranean & the Roman Provinces*. BAR International Series. 580. Oxford.

Platon, N. (1979) - L' exportation du cuivre de l' île de Chypre en Crète et les installations métallurgiques de la Crète Minoenne. *Acts of the International Archaeological Symposium "The Relations between Cyprus and Crete, ca 200-500 B.C."*. Nicosia.

Sanna, G. (2004) - *Sardoa grammata*. Oristano: S' Alvure.

Vagnetti, L. (1986) - Cypriot Elements beyond the Aegean in the Bronze Age, Karageorghis, V. (ed.) *Acts of the International archaeological symposium "Cyprus between the Orient and the occident"*. Nicosia.

Fig. 1. Il golfo di Oristano (A. Lamarmora, *Voyage en Sardaigne*, Paris- Turin 1840)

Fig. 2. Tre tripodi dell' Oristanese: A (tripode della Coll. F. Abis- Oristano), B-C (tripodi di Solarussa)

Fig. 3. Frammento di tripode LC III da Oristano-Palmas Arborea

SOME REMARKS ON THE FUNCTION OF PUNIC POTTERY FROM THE SETTLEMENT OF SANT'ANTIOCO IN SARDINIA *

Lorenza Campanella

Università degli Studi della Tuscia - Viterbo

Abstract

The aim of this work is the analysis of a sample of domestic Punic pottery typologies recovered in the filling of an urban deposit (= Unit 500). The unpublished shapes were found inside a Phoenician water cistern discovered in the ancient colony of Sulcis, in Sardinia.

The vases are clustered in four main groups distinguished by their function: kitchen ware (a), table ware (b), storage and transport ware (c), large shapes used for mixing and grinding (d). Focus will be on wear-patterns and morphological issues in order to understand the function of these different shapes within alimentary habits.

Resumo

O objectivo deste trabalho é a análise de uma amostra de cerâmicas púnicas de carácter doméstico recuperadas no enchimento de um depósito urbano (= Unidade 500), em Sant'Antioco, Sardenha. As formas, inéditas, foram encontradas dentro de uma cisterna fenícia descoberta na antiga colónia de Sulcis.

---

* Nota do Editor:

Texto não revisto pelo autor. Todas as tentativas para contactar o autor de forma a que corrigisse as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

The unearthing of well preserved pottery from Sardinian Punic urban excavations is quite unusual due to the obvious habit to keep clean living areas, with the discharge of damaged and no more usable vessels, and as a result of the continuity of life within the same housing units; finally the frequent circumstance of modern urbanization in the same areas of the ancient settlements doesn't make easy the safeguard of the weak archaeological evidences. Two are therefore the stratigraphical occurrences that help the detection of ceramics in good conditions: sudden abandons and city dumps. The discovery of an urban dump represents a remarkable chance of investigation, especially in researches concerning alimentary habits of the past. Actually although these archaeological contexts usually offer few chronological data, their main interest is in the fact that they yield well preserved ceramic forms often still containing food residuals.

In this work I will examine some Punic pottery shapes recovered in the filling of an unpublished urban deposit discovered inside a Phoenician water cistern in the ancient colony of Sulcis, in Sardinia. The archaeological area, on which lays the modern town of Sant'Antioco, is quoted as "Area del Cronicario": it was included in the garden of the rest house known as "Cronicario" (the great building in the upper part of the aerial photo in Fig. 1). The first archaeological excavations, carried out by the Soprintendenza Archeologica di Cagliari e Oristano in 1983, unearthened a small part of the well preserved Imperial Roman settlement (1st AD) (Tronchetti 1988). Further excavations, directed by Paolo Bernardini - which I thank for having kindly suggested me to study the archaeological findings of the cistern -, reached archaic layers (750 - 650 BC) in Sector III (Bernardini, 1988). Today researches continue within a joint Archaeological Mission run by Sassari's University, CNR and Soprintendenza Archeologica di Cagliari e Oristano, headed by Piero Bartoloni, shouldered by Paolo Bernardini.

Fig. 1. Aerial photo of the archaeological area ("area del Cronicario") and the surrounding modern town of Sant'Antioco

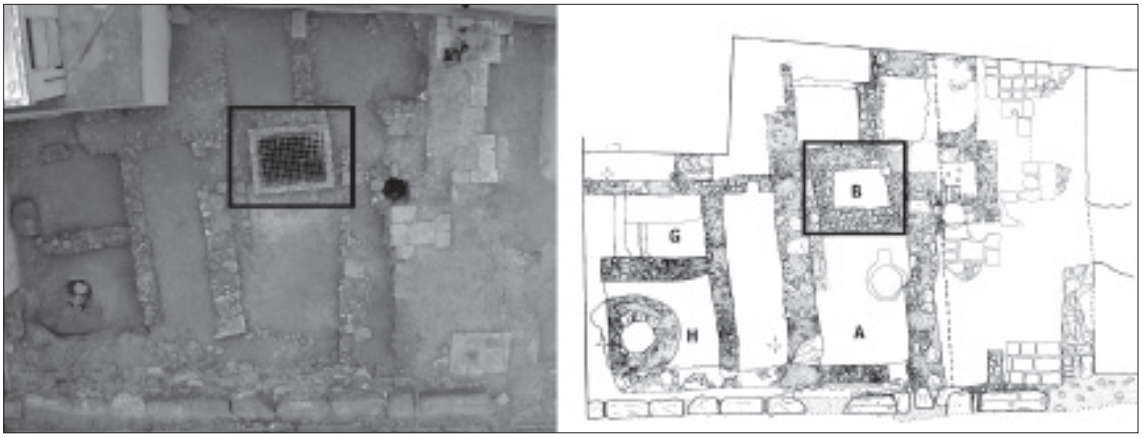


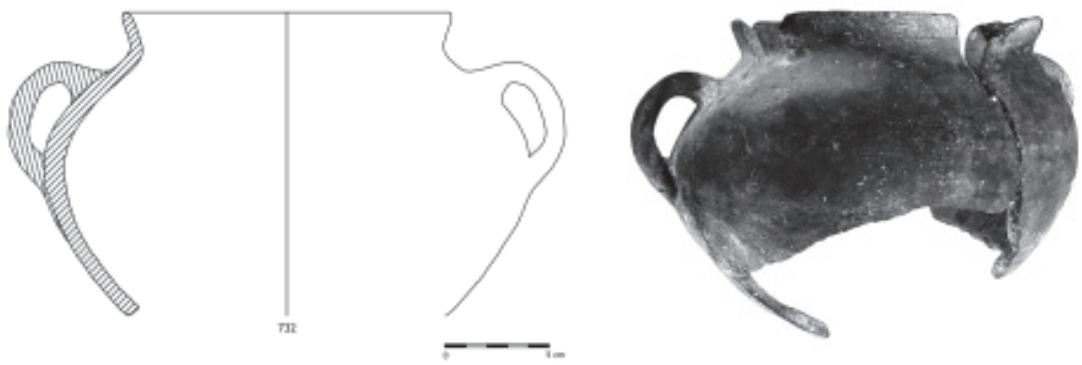
Fig. 2. Aerial photo and plan of Sector III

The filling of the Phoenician water cistern (=Unit 500) discovered in Sector III (Fig. 2) encloses few sherds of Prehistoric ceramic, a small amount of Phoenician shapes, and a fair number of Greek vessel (Tronchetti, 1990), although the majority of ceramics is Punic. As a matter of fact Unit 500 dump filled up the Phoenician cistern in Punic times according to important changes of the urban setting.

The aim of this work is the analysis of a sample of domestic Punic pottery typologies - locally manufactured - focusing on wear-patterns and morphological issues to understand the function of these shapes within the alimentary habits (Campanella, 2003). The vases presented here have been clustered in four main groups distinguished by their functions: kitchen ware (a), table ware (b), storage and transport ware (c), large shapes used for mixing and grinding (d).

Kitchen ware (a) includes globular cooking-pots, saucepans and pottery lids; these shapes allowed the transformation of raw food in a cooked stuff.

The main feature of Punic cooking-pots is a globular body with a rounded bottom (Fig. 3-4); compared to pots with flat bottom (for example Roman cooking-pots) the Punic shapes always require a pot-stand but allow exposition of a larger surface to the heat and uniform diffusion of warmth with no risk to burn food. Moreover a proper remixing of content was eased by some specific features as the lack of edges, the wide mouth and the two solid handles so to grab the vessel during cooking and carrying.



Figs. 3-4. Cooking-pot CRON 500/732 (second/third quarter of 4th cent. BC).

Therefore cooking-pots - fitted on pot-stands or simply placed in a bed of hot coals - were suitable for long-lasting heating as required by cereal and vegetable soups. These one-dish meals represented the daily food in Carthaginian time, hence Plautus's *pultiphagus* is clearly referred to the Punic eating habits (Spanò Giammellaro, 2004, p. 417-429). Globular cooking-pots were also used for boiling dried salted meat or fish, foodstuff largely widespread in Punic areas and otherwise uneatable.

The round bottom of cooking-pots was largely stressed (thermal and compression stress) and is hardly ever preserved. Burnt traces are often placed along one of the sides as if pots mainly bordered the glowing embers of fire (Fig. 4).

In food preparation the lid was necessary in order to avoid lack of water and to prevent food from sticking. Until the end of 5th century BC lids are quite unusual in Punic pottery typology and cooking-pots don't have grooved rims: they become common during 4th and 3rd centuries BC (Fig. 5). Evidence yielded by *tophet* shows that at beginning pots were mainly covered with plates (Bartoloni, 1982). Actually the earliest Punic plates found in Unit 500 very often have the external surface seriously damaged by cracks and leaks (Fig. 6) while the internal surface is always well preserved. A so marked spoil of the under surface can be explained with a prolonged contact with hot vapour released by cooking stuff.

Some globular pots bear on the shoulder a cylindrical filtered spout (Fig. 7). The spout is a loan from Greek *chytrai* (Sparkes - Talcott, 1970, p. 224-226) and has a double function: it allows the outlet of steam while the pierced wall favours the share-out of solid food from broth - rich of nourishing substances - so that it could be employed in new food preparations.

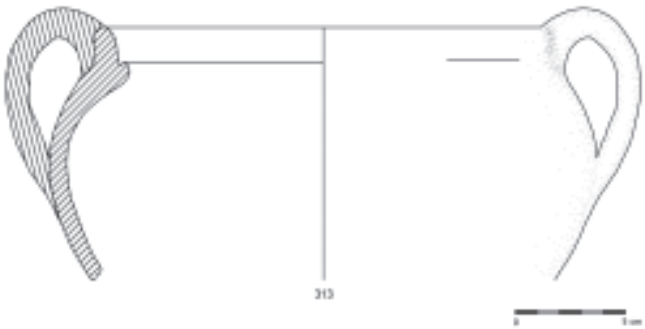


Fig. 5. Cooking-pot CRON 500/313 (3rd cent. BC)

Fig. 6. Cracks and leaks on the under surface of plate CRON 500/94

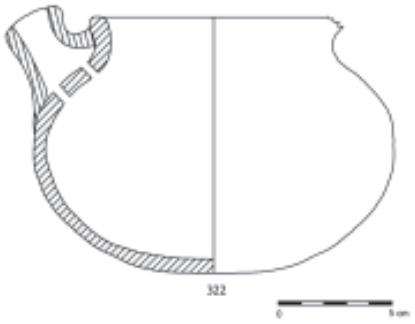


Fig. 7. Spouted cooking-pot CRON 500/322 (5th - 4th cent. BC)

Another cooking device - largely present in Unit 500 - is the shallow two handled round bottom saucepan. Smaller shapes, with diameters ranging from 14 to 18 cms, are proper for stewing, browning and frying solid food in presence of oil (Fig. 8). The red slip, always present in the internal surface, is basically a non-sticking layer; the use of a lid, attested by the flanged rim, helped to avoid the sticking (and burning) of food to the inside surface of the pot (Fig. 9). The lifting and moving of the saucepan was eased by rolled or ear handles set horizontally on the rim. Burnt traces are always concentrated in the centre of the external surface of the bottom. Larger and deep shapes, with rims over 30 cms diam., were also useful in parching cereals and pulses. In Pliny's Natural History (N.H., 18, 98) we find a Carthaginian recipe handed down by Mago: lentils are parched and afterwards grinded with plain bran; moreover many cereal varieties were actually roasted before grinding in order to help the drop of glumes.

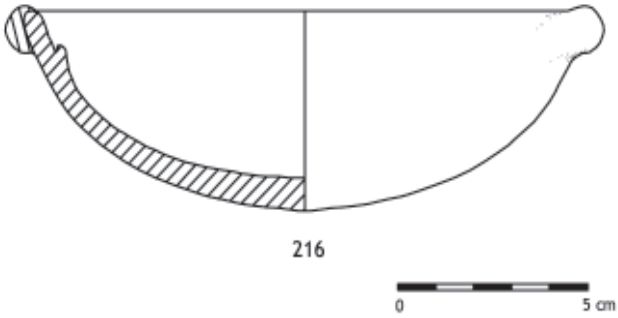


Fig. 8. Rounded bottom saucepan CRON 500/216 (end of 5th - 4th cent BC)

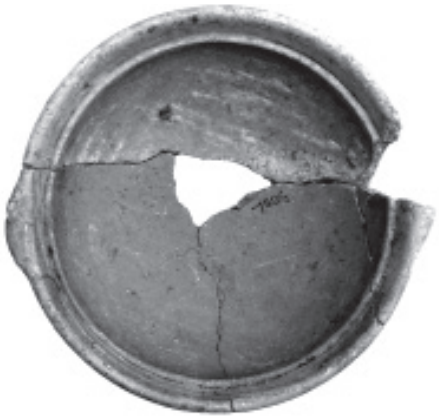


Fig. 9. Red-slipped floor of saucepan CRON 500/216

From 4th until 2nd century shallow-domed lids are very common; in Unit 500 there are mainly two shapes. The first (Fig. 10) has a large concave round knob, the second (Fig. 11) a conical knob which can bear a hollow. The central void is meant to help the steadiness of the lid when turned upside-down. As concerns functionality it is also quite interesting to observe that numerous lids are pieced at the centre of the knob (Fig. 12): the hole gradually leaked part of the steam during the cooking process and avoided the development of a heavy condensation inside the pan.

The second main group is represented by tableware (b), which includes vessel both for individual use and course dishes. Traces of use are quite common in tableware, most of all in red slip ware which often shows the resting surface clearly worn out (Fig. 13).

The main shape for individual consumption of solid food, in Punic times, is the hollowed plate with a broad sloping rim and a diameter of 15-16 cms (Fig. 14). The function of the small central depression is most likely the same of the hollow which characterizes the attic "fish-plates", that is to contain sauces (Sparkes - Talcott, 1970, p. 147-148).

Therefore the red slip layer that usually covers the small central depression in Punic plates (Fig. 15), as long as the larger hollow in Phoenician plates, was perhaps non only ornamental but useful to waterproof the centre of the floor in which juices were stagnant.

Amongst tableware pottery a very common shape is the incurving rim bowl, useful in the containment of liquid and semi-liquid foods but also suitable as drinking cup. Hemispherical cups are widespread throughout all Punic age: at first diameters range between 12 and 15 cms (Fig. 16),

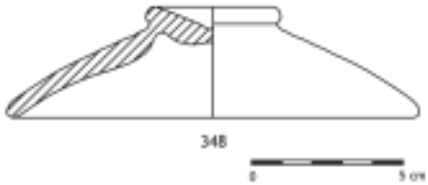


Fig. 10. Lid CRON 500/348 (4th - 3rd cent. BC)

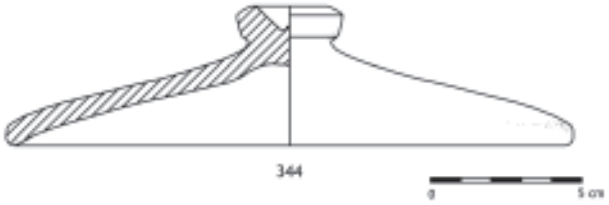


Fig. 11 - Lid CRON 500/344 (3rd - 2nd cent. BC)

Fig. 12. Lid CRON 500/343 (4th - 3rd cent. BC)

Fig. 13. Bowl CRON 500/332 (5th cent. BC)

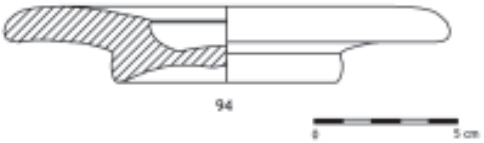


Fig. 14. Plate CRON 500/94
(second half of 4th - early 3rd cent. BC)

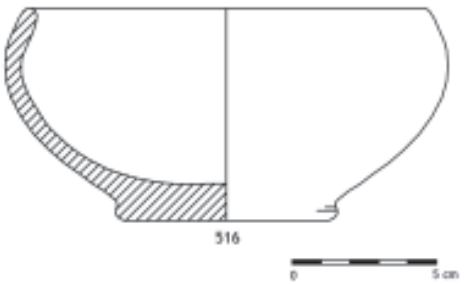


Fig. 16. Bowl CRON 500/516
(mid 5th - early 4th cent. BC)

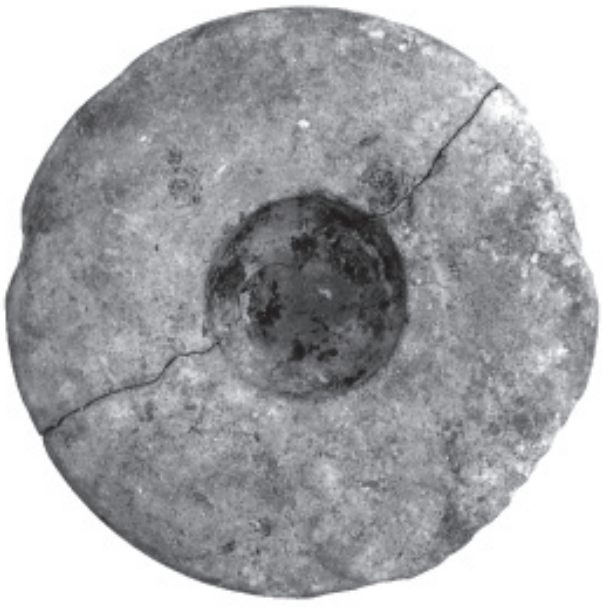


Fig. 15. Plate CRON 500/94

while in Hellenistic times the same shape is also manufactured in smaller shapes of about 8 cms diameter (Fig. 17). These small bowls, related to attic "salcellars", may reveal the embracing of new alimentary customs of Greek origin, based on the consumption, at the same time, of minute quantities of different foods served in small bowls (Athen., *Deipn.*, IV, 132a).

The Punic shapes that look proper for drinking are deep carinated cups with long sharp edges, thickened inside (Fig. 18), or with concave-convex outline rims (Fig. 19). The first seems to mark the maximum height that the content might reach while the second retained a shape of rim that suited the drinking purpose: the outside concavity supported lips and the inner convexity helped the correct outflow of the liquid.

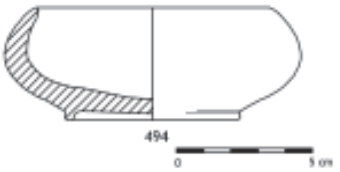


Fig. 17. Bowl CRON 500/494 (3rd - 2nd cent. BC)

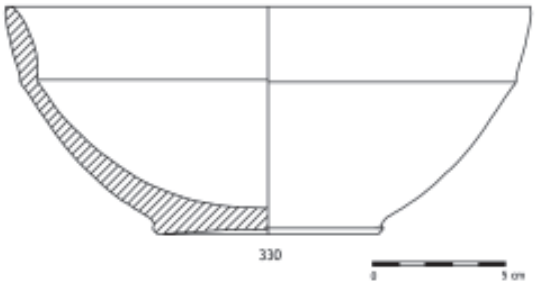


Fig. 18. Bowl CRON 500/330 (5th - 4th cent. BC)

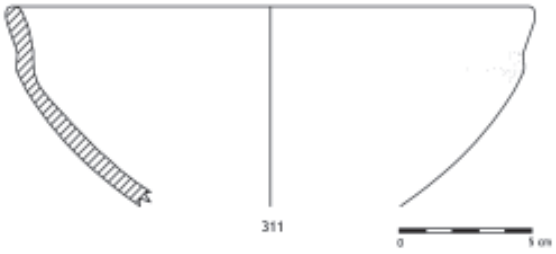


Fig. 19. Bowl CRON 500/311 (5th - 4th cent. BC)

Unit 500 also enclosed a great amount of small dippers, with rolled (Fig. 20) or trefoil rim, very common during the Punic period. These shapes were possibly used during meals as containers for seasonings.

Beverages, as water, milk or wine, were poured from trefoil mouthed jugs with rolled handles departing from the rim, very common shapes between the 6th and 5th centuries. Red-slipped trefoil jugs are often decorated with black and white painted lines, dots and big eyes drawn under the rim (Fig. 21): they probably contained wine.

Another common domestic jug is the deep ovoid jug, with thin neck, round-mouth rolled rim and high vertical handle (Fig. 22). These shapes do not fit pouring: the thin neck stops the outflow and the rounded rim without trefoil produces a chaotic overflow of the beverage. This shape looks more proper for other purposes as for instance oil storage. Moreover some jugs have a convex rim that looks proper to fit cork or clay caps (Fig. 23).

Transport amphorae (c) were used in houses as large and useful storage containers for water, oil, dried and salt fish or meat. Actually it is quite difficult to sort out a plain relationship between typology and content of Punic transport amphorae and several shapes were not manufactured in view of a specific food trade. The commonest transport amphorae in Unit 500 are Bartoloni D7 / Ramon T-4.1.1.4. (Bartoloni 1988, p. 50; Ramon Torres 1995, p. 186, 338, fig. 39 - end of 5th – 4th cent. BC) (Fig. 24), and Bartoloni D9 / Ramon T-5.2.2.1. (Bartoloni 1988, p. 52; Ramon Torres 1995, p. 197, 410, fig. 61 - 3rd cent. BC) (Fig. 25).

Fig. 20. Dipper CRON 500/329 (5th - 4th cent. BC)

Fig. 21. Trefoil jug CRON 500/314 (mid 6th - 5th cent. BC)

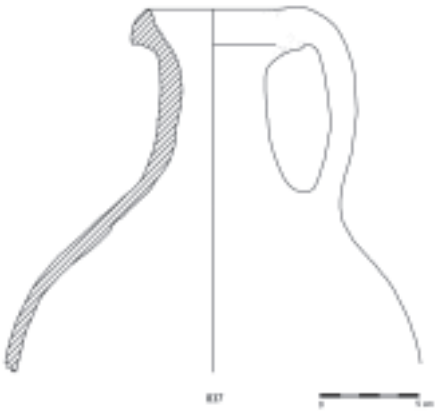


Fig. 22. Round-mouth jug CRON 500/837 (5th - 4th cent. BC)

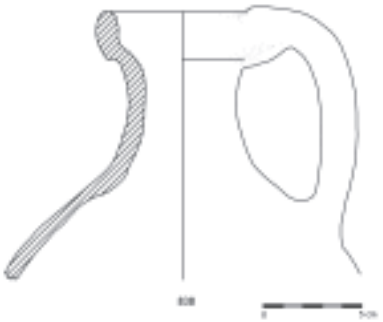


Fig. 23. Round-mouth jug CRON 500/838 (mid 6th - 4th cent. BC)

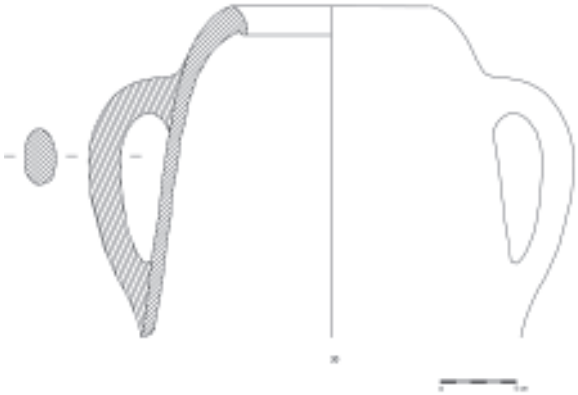


Fig. 24. Transport amphora CRON 500/30 (end of 5th - second half of 4th BC)

Fig. 25. Transport amphora CRON 500/85 (3rd cent. BC)

Two large high stemmed shapes, retrieved from Unit 500 and very common in Sardinia during Hellenistic age (Campanella 1999), may be considered halfway between tableware and mixing/grinding devices as they could fit the two purposes. Both are skilfully manufactured: the first, with a broad outcurving rim (Fig. 26), has an unglazed smoothed surface; the second, with a shallow spout and a thick rim, is decorated with lotus flower stamps (Fig. 27).

Amongst wide coarse wares used in food preparation (d) one of the commonest shapes during the 4th and the 3rd centuries is the large basin with a broad brim set horizontally under the thick and straight rim (Fig. 28) (Campisi 2000). The first rounded shapes are gradually replaced by more squared profiles (Fig. 29). These large and shallow basins, wide-mouthed (diameters range between 25 and 42 cms) and heavy-walled, surely fitted in mixing and stirring during food processing. Moreover, the frequent presence of burnt haloed traces on the inside surface and all along the brim may suggest the use of these pots as cooking devices, as cooking-plates or cooking-bells.

At last I want to focus on two interesting examples of faulty domestic pots reuse. The first one is a massive solid ring foot formerly belonging to a basin (Fig. 30). The floor is rough and bears circular marks of consumption; the crack looks smoothed. This suggests the use of the cracked basin as a mortar.

The second example is a cracked bottom of a Bartoloni D7 amphora with marked faults due to the cooking process that weakened the container and made it unfit for transport (Fig. 31). However the worn-out underside of the pointed bottom makes clear that the amphora was not discarded but cropped so to obtain an open vessel which could still be useful in a domestic context.

Bibliography

Bartoloni, P. (1982) - Monte Sirai 1981. La ceramica del *tofet*. *Rivista di Studi Fenici*. 10. Roma. pp. 283-290.

Bartoloni, P. (1988) - *Le anfore fenicie e puniche di Sardegna*. Studia Punica, 4. Roma: II Università degli Studi Roma

Bernardini, P. (1988) - S. Antioco: area del Cronicario (Campagne di scavo 1983-86). L'insediamento fenicio. *Rivista di Studi Fenici*. 16. Roma. pp. 75-89.

Campanella, L. (1999) - *Ceramica punica di età ellenistica da Monte Sirai*. Collezione di Studi Fenici. 39. Roma: CNR

Campanella, L. (2003) - L'uomo e il cibo. In Zamora, J.Á. (ed.) *El hombre fenicio. Estudios y materiales.* Escuela Española de Historia y Arqueología (Serie arqueológica, 9). Roma. pp. 113-125.

Campisi, L. (2000) - Nota preliminare sulla ceramica da cucina. *Rivista di Studi Fenici*. 28. Roma. pp. 161-176.

Ramon Torres, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Col.lecció Instrumenta. 2. Barcelona: Universitat de Barcelona

Spanò Giammellaro, A. (2004) - Pappe, vino e pesce salato. Appunti per uno studio della cultura alimentare fenicia e punica. *Kokalos*. 46. Palermo. pp. 417-464.

Sparkes, B.A.; Talcott, L. (1970) - *Black and Plain Pottery of the 6th, 5th and 4th centuries B.C.* The Athenian Agora. 12. Princeton: The American School of Classical Studies at Athens.

Tronchetti, C. (1988) - S. Antioco: area del Cronicario (Campagne di scavo 1983-86). La fase romana. *Rivista di Studi Fenici*. 16. Roma. pp. 111-119.

Tronchetti, C. (1990) - S. Antioco: area del Cronicario (Campagne di scavo 1983-86). La ceramica greca della cisterna US 500. *Rivista di Studi Fenici*. 18. Roma. pp. 99-102.

Fig. 26. High stemmed basin CRON 500/290 (2nd cent. BC)

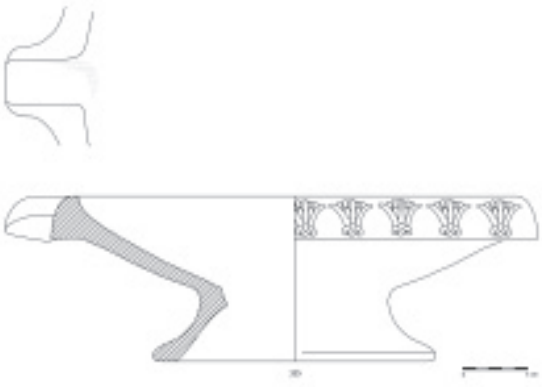


Fig. 27. High stemmed basin CRON 500/335 (first half 4th cent. BC)

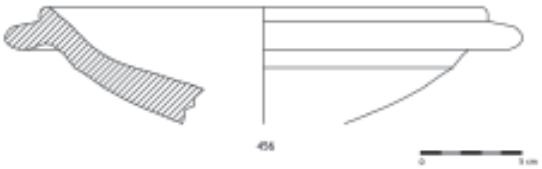


Fig. 28. Basin CRON 500/456 (4th cent. BC)

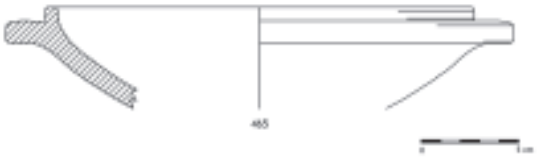


Fig. 29. Basin CRON 500/465 (4th - 3rd cent. BC)

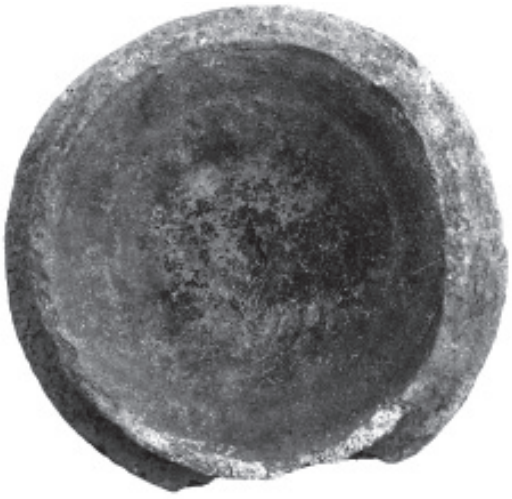


Fig. 30. Basin CRON 500/328 (5th - 3rd cent. BC)

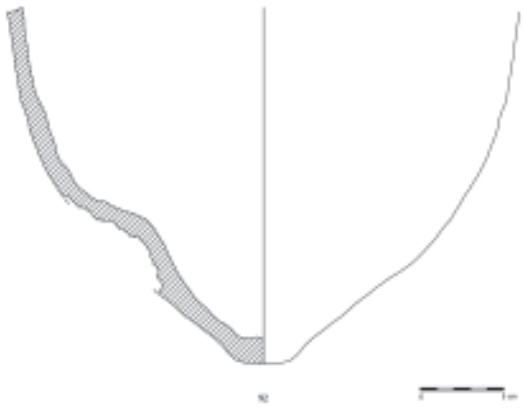


Fig. 31. Transport amphora CRON 500/92 (4th cent. BC)

I FENICI DI ... NEAPOLIS (CAGLIARI - SARDEGNA)

Elisabetta Garau

Riassunto

Le ricognizioni intensive svolte nell'area circostante l'antico centro di Neapolis, a sud del golfo di Oristano, hanno evidenziato una straordinaria densità di reperti inquadrabili tra l'età nuragica e il VI-VII secolo d.C. All'interno di questo palinsesto risalta la presenza di materiali fenici, in quanto spia di una fase ancora poco nota rispetto a quelle punica e romana.

La tipologia (per lo più ceramica d'uso comune) e la distribuzione di tali materiali indicano, dalla fine VIII-prima metà VII sec. a.C., una frequentazione "organizzata", favorita dalla posizione lagunare e dalla disponibilità di risorse minerarie, che induce a riconsiderare il ruolo di Neapolis rispetto alle contigue città fenicie di Othoca e Tharros, e la natura dell'impatto di Cartagine sul distretto del golfo di Oristano già interessato dalla presenza fenicia.

Abstract

Intensive surveys carried out around the ancient site of Neapolis (southern Gulf of Oristano) have highlighted an extraordinary density of finds dated from Nuragic age up to 6th-7th centuries A.D. In this context the presence of Phoenician materials stands out and suggests an almost unknown phase before the Punic and Roman ones.

The typology and the location of the Phoenician finds seem to indicate an organized presence from the end of 8th-1st half 7 th century B.C. for the lagoon position and the richness of mine sources. This presence allows to reconsider the role of Neapolis in respect to the Phoenician colonies of Tharros and Othoca and the approach of Carthage to the Gulf of Oristano already "colonized" by Phoenicians.

1. Premessa

L'area immediatamente circostante l'antico centro di Neapolis (Guspini-CA), localizzata a sud del golfo di Oristano (Zucca 1987; Zucca 1997), sulle rive di un complesso lagunare (Fig. 1, A), è stata recentemente interessata da un progetto di ricognizioni intensive volte a ricostruire il paesaggi e le relative trasformazioni occorse nel tempo (Garau 2003-2004), secondo i modelli della moderna *Landscape Archaeology* (Alcock, Cherry, Davis 1994; Bintliff 1997; Bintliff, Snodgrass 1985; Cherry, Davis, Mantzourani 1991).

Le ricerche hanno consentito di rilevare, nella straordinaria densità di reperti inquadrabili tra l'età nuragica (Bronzo medio) e l'età bizantina (VI-VII secolo d.C.), la presenza di materiali di orizzonte fenicio, costituiti prevalentemente da vasellame d'uso comune e, seppur con minore incidenza, da anfore commerciali. Si tratta di dati particolarmente interessanti - a cui si associano quelli provenienti dagli scavi attuali (Bernardini 2005, pp. 73-74) - in quanto indicatori preziosi riguardo una fase precedente la fondazione della città, avvenuta ad opera di Cartagine presumibilmente sul finire del VI secolo a.C. (Zucca 2005, con bibl. prec.).

2. I materiali

2.1. La ceramica

Dei reperti ceramici (circa cinquanta), ancora in corso di studio, si presenta in questa sede una notizia preliminare attraverso il repertorio delle classi, distinguibili (secondo le caratteristiche tecniche) in *Red Slip,* ceramica con vernice, ingobbiata, sovradipinta e priva di rivestimento, e dei principali tipi morfologico/funzionali, rappresentati esclusivamente da *forme aperte* (il cui apparato grafico non esaurisce la varietà tipologica).

- La tipica ceramica in *Red-Slip* è attestata da un frammento di orlo di *piatto*, esternamente ingrossato, a mandorla, con ingobbio rosso su entrambe le superfici; accostabile al tipo 8 di Tiro (Bikai 1978, pp. 23-24, tav. XVI, 21) e presente anche a Huelva (*Huelva*, tav. I, 27-28), il frammento parrebbe inquadrarsi nell'ambito dell'VIII secolo a.C., rappresentando così una delle attestazioni fenicie più antiche di Neapolis (Fig. 1, B).

- A una produzione con vernice rossa su ingobbio bianco è pertinente un frammento di *coppa* emisferica (Fig. 1, C) caratterizzato da un rivestimento di colore rosso, coprente, con tracce di vernice sulla breve tesa, decorata da una stretta banda nera dipinta: come il precedente è confrontabile morfologicamente con un esemplare di Tiro, anch'esso con pittura sull'orlo (Bikai 1978, pp. 23-24, tav. XVI, 12).

- La ceramica con ingobbio (Cuomo di Caprio 1985, pp. 98-100), quella più rappresentata, è caratterizzata da un rivestimento più o meno coprente, tendenzialmente opaco, di colore rosso/rosso tendente al cuoio o del colore simile a quello dell'argilla o infine (solo in un caso) di colore bianco, steso su entrambe le superfici (nei *piatti* e nelle *coppe*) ovvero più spesso sulla superficie interna e sull'orlo (nelle *coppe* e nei *bacini*). Sulle superfici ingobbiate si riconoscono talvolta tracce di politura.

Per quanto riguarda le forme attestate, alcune sono destinate alla mensa, altre, le più numerose, sono funzionali verosimilmente alla preparazione. Tra le prime figurano *piatti,* rivestiti, su entrambe le superfici, di un ingobbio cuoio o rosso tendente al marrone - riferibili a due tipi principali: 1 - con tesa appena bombata rivolta verso il basso e probabile vasca troncoconica (Fig. 1, D: 2/6-158), simile a un esemplare di Cartagine (interpretato però come tazza carenata) datato alla prima metà del VII secolo a.C. (Vegas 2000, p. 356, fig. 3, 10-11); 2) con orlo breve e convesso (Fig. 1, D: 2/6-142, 1/3a-182), che richiama (segnatamente il secondo) il tipo 2 di Tiro, cronologica-

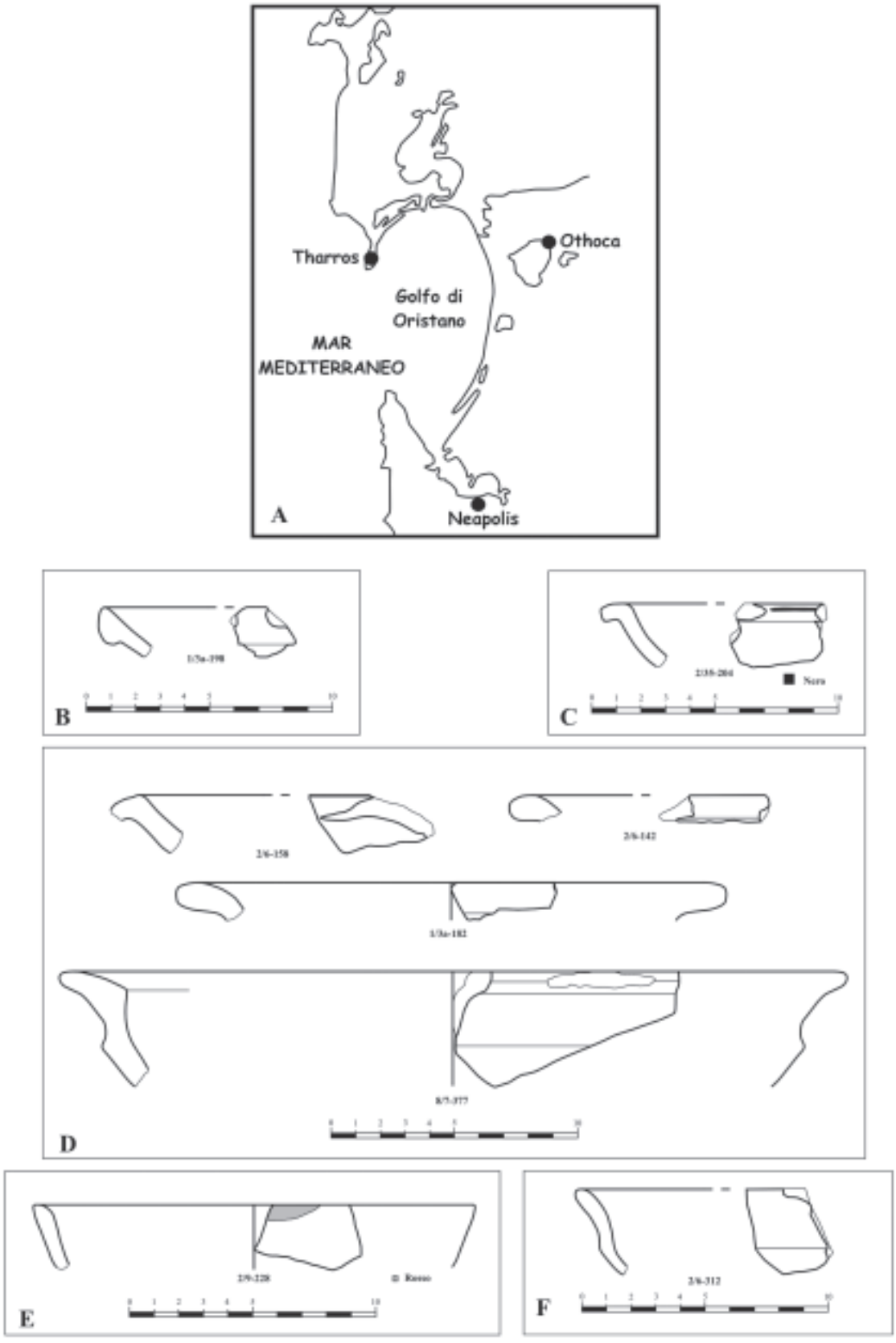


Fig. 1. A) Il golfo di Oristano: i centri di Tharros, Othoca e Neapolis; Neapolis. Ceramica fenicia: B) Red-Slip, piatto; C) ceramica con vernice, coppa; D, F) ceramica ingobbiata, piatti e coppe; E) ceramica dipinta, coppa

mente collocabile tra la seconda metà dell'VIII e il VII secolo a.C. (Bikai 1978, p. 22, tav. VIII, 24), rilevandosi altresì possibili affinità morfologiche con alcuni prodotti in ceramica grigia di area iberica (Gomez Bellard 2000, fig. 8, 5, p. 178; *Huelva, tav.* III, 29).

Al corredo da mensa appartengono inoltre alcune *coppe* carenate, recanti tracce di ingobbio chiaro e di politura, riconducibili a due tipi distinti sia per caratteristiche morfologiche sia per dimensioni: 1) quello di dimensioni ridotte è caratterizzato da orlo estroflesso e arrotondato e da pareti flesse (Fig. 1, F); i confronti morfologici rilevati sia in Sardegna, a Sulci (Bernardini 1990, fig. 2, e-f; Bernardini 2000b, fig. 14, 7) sia a Cartagine (Vegas 2000, p. 356, fig. 3, 12) suggeriscono di inquadrare l'esemplare di Neapolis verso i primi decenni-metà del VII secolo a.C.; 2) l'altro tipo, contraddistinto da proporzioni maggiori, mostra una tesa larga, pressoché rettilinea e confluente verso l'interno e una vasca troncoconica segnata da una carena a spigolo vivo (Fig. 1, D: 8/7-377).

La seconda categoria funzionale è rappresentata da *bacini*, segnatamente troncoconici (benché la ridotta porzione delle pareti non consenta di escludere per alcuni la forma emisferica), distinguibili in tre tipi: 1) con orlo ingrossato esternamente e arrotondato, ingobbiato di rosso come la superficie interna della parete, comprendente due varianti: a) appena rilevato superiormente (Fig. 2, A: 2/35-335), che trova un confronto, seppur non puntuale, con un tripode di Huelva (*Huelva,* p. 77, tav. XV, 2) inquadrabile cronologicamente - sulla base di confronti - tra la fine dell'VIII e il VII secolo a.C.; b) segnato al di sotto da una lieve gola, relativo a esemplari di varie dimensioni (Fig. 2, A: 1/3a-61; 1/3a-27); 2) con orlo esternamente ispessito, dalla forma vagamente sub-triangolare, marcato all'esterno da una gola a cui corrisponde all'interno una lieve rientranza; è possibile riconoscerne due varianti non solo per caratteristiche morfologiche ma anche per dimensioni: a) con profilo esterno pressoché rettilineo, lievemente pendulo e rivestito interamente da un ingobbio bianco (Fig. 2, A: 1/3a-99), che, accostabile a esemplari attestati a Cartagine (Vegas 2000, p. 362, fig. 9, 63; Bellelli, Botto 2002, p. 281, fig. 4, a), è inquadrabile nell'ambito della prima metà del VII secolo a.C.; b) col profilo esterno convesso, pertinente a un esemplare di dimensioni importanti ricoperto da un ingobbio chiaro (Fig. 2, A: 2/13-44), si confronta con un bacino provenienti dall'Etruria settentrionale datato attorno alla metà del VII secolo a.C. (Botto 2002, pp. 226-227, fig. 1, a con bibl. prec.); 3) con orlo a sezione triangolare dal profilo rettilineo, pendulo e sottolineato all'esterno da una profonda gola (il colore dell'ingobbio non è rilevabile a causa delle evidenti tracce di esposizione al fuoco del manufatto) (Fig. 2, A: 2/35-257).

- Tra le produzioni sovradipinte si segnala la *coppa emisferica*, di cui residuano l'orlo sbiecato, arrotondato verso l'interno e superiormente appuntito e l'inizio della parete dal profilo pressoché rettilineo; tracce di pittura rossa assimilabili a una sorta di colatura sono rilevabili sulla superficie esterna (Fig. 1, E). Il tipo trova un riscontro morfologico, seppur non preciso, con una coppa di Sulci dipinta in rosso e nero (Bernardini 1990, p. 86, fig. 5, b).

- Alla ceramica d'uso comune priva di rivestimento, oltre a una *coppa* carenata con pareti flesse (simile a quella illustrata nella fig. 1, F), le cui superfici dilavate non consentono tuttavia di escluderne la pertinenza alla ceramica con ingobbio, sono riferibili quasi unicamente *bacini*. Nell'ambito di tale forma sono riconoscibili almeno tre tipi: 1) con orlo dal profilo convesso, superiormente arrotondato e vasca emisferica (Fig. 2, B: 2/12-43), che trova indicativi riferimenti a Nora con un bacino inquadrabile tra il VII e la metà del VI secolo a.C. (Finocchi 2000, p. 289, tav. III, 5); 2) con orlo triangolare, superiormente appuntito e vasca troncoconica (Fig. 2, B: 8/7-46), riferibile al medesimo orizzonte cronologico del tipo 1 in base al confronto con un altro esemplare norense (Finocchi 2000, p. 289, tav. III, 4); 3) simile al secondo dei tipi ingobbiati, con orlo esternamente ispessito e profilo convesso, segnato all'esterno da una gola poco rilevata a cui corrisponde all'interno una lieve depressione; sono individuabili due varianti accomunate da una vasca poco profonda (il cui profilo non è ben distinguibile per l'esigua porzione di parete residua): a) con il margine superiore rivolto verso l'interno (Fig. 2, B: 2/10-40) e b) col margine superiore

pressoché diritto (Fig. 2, B: 1/8-22), inquadrabili nella prima metà del VII secolo a.C. per il parellelo con l'esemplare proveniente da Cartagine sopra citato (Vegas 1990, pp. 48-50, fig. 5, 62; Botto 2002, p. 281, fig. 4, a).

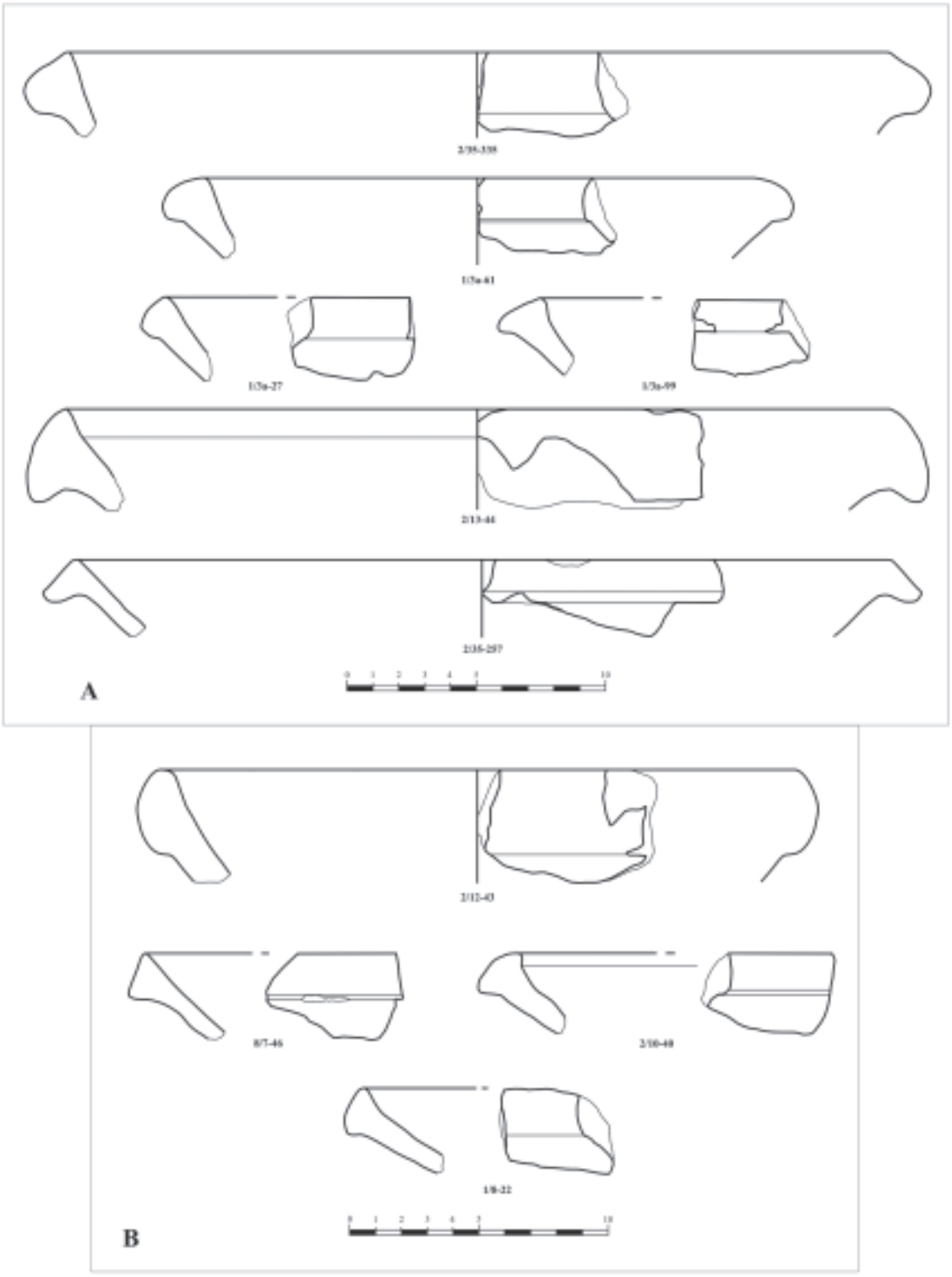


Fig. 2. Neapolis. Ceramica fenicia: A) ceramica ingobbiata, bacini; B) ceramica d'uso comune, bacini

Il quadro tipologico appena delineato, di cui si tratterà *in extenso* in altra sede, parrebbe ricondurre alle produzioni di ambito coloniale fenicio dei secoli VIII-VI a.C., tra le quali è ravvisabile una rete di rapporti sia con la Penisola Iberica (Botto 2000), sia con Cartagine.

Risalta perciò con particolare evidenza, nell'ambito dei contatti mediterranei, la presenza di un frammento di orlo in bucchero relativo presumibilmente a un *kantharos* (del quale per le ridotte dimensioni non è possibile isolare né la tipologia precisa né l'area di provenienza), databile tra la fine del VII e la metà del VI secolo a.C. (Garau 2003-2004; Garau c.s.; Garau, Zucca c.s.). Tale attestazione materiale, che si aggiunge al precedente rinvenimento di un piede ad anello relativo a una forma aperta (Zucca 1981, pp. 524-25), costituisce una testimonianza preziosa circa il coinvolgimento dell'area lagunare alla *facies* dell'orientalizzante, a cui sono fortemente interessati gli altri centri fenici sardi (Bernardini 2000).

2.2. Le anfore da trasporto

Nel panorama delle attestazioni materiali relative alla *facies* fenicia figurano altresì alcune anfore commerciali, databili tra la fine del VII e il VI secolo a.C. e pertinenti all'ambito culturale fenicio, greco ed etrusco. Tali prodotti d'importazione, pur non quantitativamente consistenti, assumono un particolare rilievo, come già osservato (Garau, c.s.; Garau, Zucca, c.s.. Per le schede dei materiali cfr. Garau 2003-2004; Garau, Zucca, c.s.) sia in quanto indicatori di canali commerciali differenziati (Circolo dello Stretto, Grecia d'Asia, Grecia continentale, Etruria meridionale), fenomeno, questo, pienamente corrispondente al *trend* dei traffici del Mediterraneo arcaico (Gras 1995; Gras 2000a, pp. 97-110; Gras 2000b, pp. 15-26), sia perché scarsamente note non solo a *Neapolis*, ma anche negli altri centri fenici della Sardegna.

Gli esemplari fenici sono i più antichi rinvenuti nell'area di Neapolis: riferibili al tipo a spalla carenata Ramón T-10.1.2.1., sono inquadrabili tra il VII e la prima metà del VI secolo a.C. (Garau c.s. con bibliografia relativa; Garau, Zucca c.s.). Si tratta di produzioni accostabili a quelle del cosiddetto "Circuito dello Stretto", pertinenti forse, per le caratteristiche dell'argilla (nucleo grigio e superfici rosse che tendono a sfumare verso l'arancio) al "Grupo Málaga" (Ramón Torres 1995, pp. 256-57).

A produzioni anforiche di Chio (Garau c.s. con bibliografia relativa e Garau, Zucca c.s.), appartiene un frammento di parete che rivestito da un ingobbio spesso di colore crema, e decorato da una banda dipinta in bruno, é ascrivibile alla prima metà del VI secolo a.C. (cronologia non meglio definibile a causa dell'assenza di parti diagnostiche).

Il ritrovamento di un frammento di anfora attica "À la brosse" (l'assenza dell'orlo non consente di attribuirlo a uno dei tipi specifici noti 1501-1503 dell'Athenian Agorà: Sparkes, Talcott, p. 192, tav. 64) suggerisce di inquadrare nell'ambito o verso la fine del VI secolo a.C. (Garau c.s. con bibliografia relativa e Garau, Zucca c.s.), l'inizio delle relazioni commerciali tra l'area lagunare e l'Attica, forse in coincidenza con l'arrivo dei primi manufatti a figure nere, destinati a intensificarsi nei secoli successivi (Zucca 1987, pp. 191-199, Tronchetti 2005, p. 133).

La presenza di anfore etrusche (la cui maggiore incidenza, sebbene non consistente, in Sardegna si registra al momento proprio a Neapolis), esemplificata dai tipi Py 3C e Py 4, documenta l'esistenza di rapporti commerciali tra le coste tirreniche e l'area lagunare, contribuendo a delineare un quadro più articolato circa le relazioni tra l'Etruria e i centri fenici della Sardegna, finora attestate quasi esclusivamente da vasellame di pregio, sia bucchero sia ceramica etrusco-corinzia (Bernardini 2000a, p. 179, nota 19). Per i tipi anforici suddetti, benché attestati dall'ultimo quarto del VI fino al primo venticinquennio del IV secolo a.C., è ragionevolmente da escluderne un commercio in Sardegna dopo la fine del VI secolo a causa della politica monopolistica con cui Cartagine applicherà un rigido meccanismo di controllo sui traffici (Garau c.s. con bibl. prec. e Garau, Zucca c.s.).

Le produzioni evidenziate, provenienti dalle aree del bacino mediterraneo note per questi secoli, rimandano a un quadro commerciale piuttosto vario. L'eterogeneità delle importazioni- il cui numero va incrementandosi grazie ai dati provenienti dagli attuali scavi in ambito urbano- documenta coerentemente il pieno inserimento del territorio lagunare nella rete dei traffici marini.

3. Osservazioni conclusive

Alcune considerazioni appaiono a questo punto opportune per le prospettive di ricerca che il complesso e la rilevanza dei dati acquisiti suggeriscono. Nell'ottica di una ricerca finalizzata all'interpretazione del paesaggio, occorre verificare da un'angolazione differente, all'interno di quel palinsesto in continua evoluzione che è appunto il paesaggio, la consistenza delle attestazioni materiali quali indicatori di frequentazione antropica su un dato territorio, per comprendere poi la fisionomia delle realtà insediative ipotizzabili sulla base delle attestazioni stesse.

- La presenza di materiali compresi tra l'VIII e il VI secolo a.C. unitamente alla distribuzione degli stessi sul territorio indagato (in tre aree differenti, ma contigue, pressoché in corrispondenza dei limiti urbani attualmente ipotizzati, dove peraltro, con la fondazione di Neapolis sullo scorcio del VI secolo a.C., si registra una sostanziale continuità di frequentazione nei secoli V-IV a.C.) ha indotto a riflettere con attenzione sulla natura di tali evidenze, convergendo verso una direzione pressoché univoca, ossia l'esistenza di una *precoce installazione*. Le tipologie di materiali riconoscibili nonché il contesto di rinvenimento parrebbero indicare, dalla fine dell'VIII-prima metà VII secolo, una frequentazione "organizzata", verosimilmente dietro la forte spinta di due fattori d'attrazione determinanti: la posizione lagunare e la presenza di un ricco bacino minerario immediatamente retrostante.

- *Quale fisionomia* ipotizzare per questa realtà demica? La conclusione delle ricerche ha indotto a rivedere le ipotesi precedentemente formulate, segnatamente sulla base di materiali d'importazione, riguardo all'esistenza di un fondaco di matrice fenicia (Garau c.s.; Garau, Zucca c.s.). Le recenti acquisizioni parrebbero infatti sottolineare con particolare evidenza il ruolo importante svolto anche dalla sponda meridionale del golfo di Oristano, che doveva aver attratto precocemente i mercanti fenici e ancora prima i navigatori orientali, come il sarcofago di probabile origine filistea parrebbe documentare (Bartoloni 1997; Bernardini 2005, pp. 67 ss.).

E' perciò ipotizzabile, almeno dalla seconda metà dell'VIII secolo a.C., una realtà (forse preceduta da una prima fase di frequentazione configurabile come un temporaneo *relais marittime*) organizzata come insediamento stabile, come suggeriscono chiaramente la significativa attestazione di vasellame di uso comune e la dislocazione topografica dello stesso. Si alluderebbe perciò a una *Palaiapolis,* un centro di matrice fenicia, assimilabile a una struttura coloniale, promotrice, ancor prima dell'intervento di Cartagine, dell'organizzazione e dello sfruttamento delle risorse naturali.

L'immagine che deriva dal quadro delle importazioni per i secoli VII-VI a.C. è, come già osservato (Garau, Zucca c.s.; Garau c.s.), quella di un centro dinamico, di un luogo di scambio e di contatto, presumibilmente però all'interno di un insediamento stabile, nella cui organizzazione economica un ruolo privilegiato è sicuramente riservato al commercio e quindi alla redistribuzione interna delle merci provenienti dalle varie parti del Mediterraneo. In accordo a questa ipotesi anche gli stessi prodotti d'importazione, rispetto a una lettura iniziale (Garau, Zucca c.s.), assumono un significato e un peso differente se inseriti all'interno di una realtà economico-commerciale più articolata piuttosto che intesi come indicatori di contatti affidati a un fondaco.

La scelta di un impianto a forte vocazione commerciale mette in evidenza il ruolo determinante dell'acqua, cioè del mare, nell'economia e nell'organizzazione del territorio. E la posizione

su una laguna, intesa come spazio di popolamento e di contatto, poteva altresì favorire questo centro fenicio nel ruolo di collettore per i metalli provenienti dal bacino del Guspinese. E tale potenzialità non doveva essere sfuggita ai mercanti fenici, ove si consideri che i tratti di costa più intensamente frequentati dovevano essere quelli che afferivano ai principali bacini minerari (Bartoloni 2000, p. 104).

- I *rapporti con i centri vicini*. Le recenti acquisizioni indurrebbero altresì a riconsiderare la posizione del sito lagunare nel quadro insediativo e di organizzazione delle risorse economiche delle città fenicie di Othoca e Tharros, estendendo dunque l'analisi in una prospettiva più ampia, relativa a una possibile gerarchia o comunque a un'organizzazione dell'espansione fenicia estesa a tutto il golfo di Oristano (Bernardini 2005). Quindi un areale, quello di Neapolis, che poté attrarre precocemente i commercianti fenici in ragione delle rilevanti potenzialità che offriva, favorendone un coinvolgimento nel circuito commerciale a cui partecipavano attivamente Tharros e Othoca. Il promettente ventaglio di requisiti e di potenzialità (risorse minerarie, saline, sfruttamento delle risorse ittiche, etc.) di cui l'area lagunare disponeva potrebbe suggerire d'altra parte per Neapolis il ruolo di *centro autonomo,* e non di polo supplementare per l'espansione fenicia nella Sardegna centro-occidentale.

Sulla scia di tali considerazioni la frequentazione "organizzata" nello spazio lagunare potrebbe allora inquadrarsi contestualmente alla fase dell'installazione coloniale delle vicine Tharros e Othoca, ipotizzando, nell'ambito di un programma di controllo e sfruttamento economico del golfo di Oristano, un *sistema "triangolare"* i cui vertici sarebbero costituiti dai due centri fenici sopra citati e da Neapolis. E in un ambito territoriale più ampio, "regionale", viene a delinearsi, con l'inserimento di Neapolis, un'organizzazione più complessa in quella rete di insediamenti fenici dislocati lungo il litorale sud-occidentale e occidentale della Sardegna, presso importanti e ricchi distretti minerari.

Il quadro che emerge relativamente ai secoli della *facies* fenicia, oltre a illuminare delle fasi, per l'area lagunare, finora scarsamente documentate archeologicamente (Bernardini 2005, p. 73), induce necessariamente da un lato a riconsiderare, in una luce profondamente diversa, la natura dell'impatto di Cartagine, verso lo scorcio del VI secolo a.C., su un distretto già fortemente interessato dalla presenza fenicia e presumibilmente già almeno in parte economicamente organizzato, dall'altro a riprendere in esame il problema del *Portus Neapolitanus* o degli *approdi* verso cui confluivano le merci dai vari mercati del Mediterraneo (Zucca 2005, pp. 125-130).

Nelle more di stampa sono stati pubblicati i seguenti lavori:

Garau, E. (2005) - Traffici mediterranei in un centro della Sardegna tra il VII e il IV secolo a.C.. In Bondì, S.F. ; Vallozza, M. (edd.) *Greci, Fenici, Romani: interazioni culturali nel Mediterraneo antico. Atti delle Giornate di Studio (Viterbo, 28-29 maggio 2004)*. Daidalos. 7. pp. 127-138.

Garau, E. (2006) - *Da Qrthdsht a Neapolis. Trasformazioni dei paesaggi urbano e periurbano dalla fase fenicia alla fase bizantina*. Ortacesus.

Garau, E. (2007) - *Disegnare paesaggi della Sardegna* (con un contributo di R. Zucca), Ortacesus.

Bibliografia

Alcock, S. E. ; Cherry, J. F. ; Davis, J. L. (1994) - Intensive survey, agricultural practice and the classical landscape of Greece. In Morris, I. (ed.) *Classical Greece: ancient histories and modern archaeologies*. Cambridge. pp. 137-170.

Bartoloni, P. (1997) - Un sarcofago antropoide filisteo da Neapolis. In Bernardini, P. ; D'Oriano, R. ; Spanu, P.G. (edd.) *Phoinikes B SHRDN, I Fenici in Sardegna (Catalogo della mostra)*. Oristano. pp. 136-137.

Bartoloni, P. (2000) - La Sardegna crocevia del commercio fenicio. In *Intercambio y Commercio Preclásico en el Mediterráneo. Actas del I colloquio del CEFYP (Madrid, 9-12 de novembre, 1998)*. Madrid. pp. 103-108.

Bartoloni, P. ; Campanella, L. (edd.) (2000) - *La ceramica fenicia di Sardegna. Dati, problematiche, confronti*. Atti del I Congresso Internazionale Sulcitano (S. Antioco, 19-21 settembre 1997). CSF. 40. Roma.

Bellelli, V. ; Botto, M. (2002) - *I* bacini di tipo fenicio-cipriota: considerazioni sulla diffusione nell'Italia medio-tirrenica di una forma ceramica fenicia per il periodo compreso tra il VII e il VI sec. a.C.. In *Etruria e Sardegna centro-settentrionale tra l'età del Bronzo Finale e l'arcaismo. Atti del XXI Convegno di Studi Etruschi e Italici (Sassari – Alghero – Oristano – Torralba, 13-17 Ottobre 1998)*. Pisa - Roma. pp. 277-307.

Bernardini, P. (1990) - La ceramica fenicia: forme aperte. In Bartoloni, P. ; Bernardini, P. ; Tronchetti, C. ; Usai, L. , S. Antioco: area del Cronicario (campagna di scavo 1983-86). *RivStFen*. XVIII, 1. pp. 81-98.

Bernardini, P. (2000a) I materiali etruschi nelle città fenicie di Sardegna. In Aa. Vv., *Μάχη, La battaglia del mare Sardonio. Studi e ricerche*. Cagliari-Oristano. pp. 175-194.

Bernardini, P. (2000b) - *I* Fenici nel Sulcis: la necropoli di San Giorgio di Portoscuso e l'insediamento del Cronicario di Sant'Antioco. In Bartoloni, P. ; Campanella, L. (edd.) *La ceramica fenicia di Sardegna. Dati, problematiche, confronti*. Atti del I Congresso Internazionale Sulcitano (S. Antioco, 19-21 settembre 1997). CSF. 40. Roma. pp. 29-61.

Bernardini, P. (2005) - Neapolis e la regione fenicia del golfo di Oristano In Zucca, R. (edd.). *Splendidissima civitas Neapolitanorum.* Roma. pp. 67-123.

Bikai, M. (1978) - *The Pottery of Tyre*. Warminster.

Bintliff, J. L. (1997) - Regional survey, demography and the rise of complex societies in Aegean. *JFA*. 24. pp. 1-38.

Bintliff, J. L. ; Snodgrass, A. M. (1985) - The Cambridge/Bradford Beotian Expedition. The first four years. *JFA*. 12. pp. 123-161.

Botto, M. (2000) - I rapporti tra le colonie fenicie della Sardegna meridionale e la Spagna attraverso lo studio della documentazione ceramica. *AIONArchStAnt*, n.s. VII. pp. 25-42.

Botto, M. (2002) - I contatti tra le colonie fenicie di Sardegna e l'Etruria settentrionale attraverso lo studio della documentazione ceramica. In *Etruria e Sardegna centro-settentrionale tra l'età del Bronzo Finale e l'arcaismo. Atti del XXI Convegno di Studi Etruschi e Italici (Sassari – Alghero – Oristano - Torralba, 13-17 Ottobre 1998)*. Pisa - Roma. pp. 226-247.

Cherry, J. F. ; Davis, J. L. ; Mantzourani, E. (edds.) (1991) - *Landscape archeology as Long-Term History. Northern Keos in the Cycladic Islands from Earliest Settlement until Modern Times*. Los Angeles.

Cuomo di Caprio, N. (1985) - *La ceramica in archeologia*. Roma.

Finocchi, S. (2000) - Nuovi dati su Nora fenicia e punica. In Tronchetti, C. (edd.) *Ricerche su Nora-I (anni 1990-1998)*. Cagliari. pp. 285-302.

Garau, E. (2003-2004) - *Da Qrthdst a Neapolis. Trasformazioni dei paesaggi urbano e periurbano dalla fase fenicia alla fase bizantina*. Tesi di dottorato. "Il Meditarraneo in etá classice. Storié e cultura (XVII ciclo". Universitá degli Studi di Sessari.

Garau, E. (c.s.) - *Traffici mediterranei a Neapolis (Guspini – CA) tra il VII e il IV secolo a.C.*

Garau, E. ; Zucca, R. (c.s.) - *Anfore d'importazione tra il VII e il IV secolo a.C.*

Gomez Bellard, C. (2000) - *La céramica fenicia de Ibiza.* In Bartoloni, P. ; Campanella, L. (edd.) *La ceramica fenicia di Sardegna. Dati, problematiche, confronti*. Atti del I Congresso Internazionale Sulcitano (S. Antioco, 19-21 settembre 1997). CSF. 40. Roma. pp. 175-191.

Gras, M. (1995) - *La Méditerranée arcaïque*, Paris 1995 (trad. It. *Il Mediterraneo nell'età arcaica)*. Paestum.

Gras, M. (2000a) - Gli scambi. In Torelli, M., *Gli Etruschi (Catalogo della mostra)*. pp. 97-110.

Gras, M. (2000b) - Il Mediterraneo in età Orientalizzante: merci, approdi, circolazione. In *Principi etruschi tra Mediterraneo ed Europa*. Venezia. pp. 15-26.

Gonzáles de Canales Cerisola, F. ; Serrano Pichardo, L. ; Llompart Gómez, J. (2004) - *El emporio fenicio precolonial de Huelva.* Madrid.

Ramón Torres, J. (1995) - *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo central y occidental.* Barcelona.

Sparkes, B. A. ; Talcott, L. (1970) - *Black and plain Pottery of the 6th, 5th and 4th Centuries B.C. The Athenian Agora XII.* Princeton.

Tronchetti, C. (2005) - Considerazioni sulle importazioni etrusche e greche a Neapolis. In Zucca, R. (edd.) *Civitas Splendidissima Neapolitanorum*. Roma. pp. 130-135.

Vegas, M. (1990) - Archaische Töpferofen in Karthago. *Madrider Mitteilungen.* XCVII. pp. 33-56.

Vegas, M. (2000) - Ceramica cartaginese della prima metà del secolo VII. In Bartoloni, P. ; Campanella, L. (edd.) *La ceramica fenicia di Sardegna. Dati, problematiche, confronti*. Atti del I Congresso Internazionale Sulcitano (S. Antioco, 19-21 settembre 1997). CSF. 40. Roma. pp. 355-370.

Zucca, R. (1981) - Neapolis (Guspini – Cagliari). Scavi e scoperte. *StEtr*. pp. 524-525.

Zucca, R. (1987) - *Neapolis e il suo territorio.* Oristano.

Zucca, R. (1997) - La città punica di Neapolis. In P. Bernardini, R. D'Oriano, P.G. Spanu (edd.), *Phoinikes B SHRDN, I Fenici in Sardegna (Catalogo della mostra)*. Oristano. pp. 131-135.

Zucca, R. (2005) - Il portus Neapolitanus. In Zucca, R. (ed.) *Civitas Splendidissima Neapolitanorum*. Roma. pp. 125-130.

SELINUNTE DAL 409 AL 250 A.C.
FONTI ARCHEOLOGICHE E NUMISMATICHE A CONFRONTO

V. Tusa †
A. Cutroni Tusa

Riassunto

Nel periodo compreso tra il 409 a.C. e il 250 a.C. la documentazione archeologica di Selinunte conferma il nuovo *status* della *polis* sotto il controllo e il dominio politico di Cartagine. La trasformazione dell'economia monetaria della città, protagonista della produzione di un numerario tipologicamente punico, ne attesta il ruolo assunto al centro di un vasto territorio unificato politicamente.

Résumé

Dans la période comprise entre le 409 a.C. et le 250 a.C. la documentation archéologique de Selinunte confirme le nouveau *status* de la *polis* sous le contrôle et la domination politique de Carthage. La transformation de l'économie monétaire de la ville, protagoniste de la production d'un numéraire typiquement punique, en atteste le rôle assumé au centre d'un territoire vaste et politiquement unifié.

1- Fonti archeologiche

(V.Tusa)

Il periodo di cui qui mi occupo si riferisce a quello nel quale, quasi ininterrottamente, Selinunte visse sotto il dominio punico-cartaginese dal 409 al 250 a.C. quando la città fu conquistata dai Romani: momentanee interruzioni si sono verificate all'epoca del tentativo di riconquista da parte di Agatocle(307 a.C.) e dell'assedio di Pirro (277 a.C.). A chi considera i templi che i Selinuntini eressero adornandoli delle famose metope e ne apprezza il preminente valore archeologico ed artistico, quale massima espressione della grecità occidentale, le trasformazioni di una *polis* greca in uno stanziamento punico potrebbero risultare difficili da accettare ed interpretare ma si tratta di una realtà storica da cui non si può prescindere se si vogliono conoscere le straordinarie vicende storico-archeologiche di questa *polis*.

Dati i rapporti pacifici tra le due comunità cartaginese e selinuntina quasi sorprende che si sia potuta verificare una guerra tra di loro, guerra che purtroppo finì male per Selinunte. Per comprenderne i motivi bisogna risalire alla guerra tra Atene e Siracusa (415-413 a.C.) conclusasi con la vittoria di Siracusa all'Assinaro; com'è noto (Tuc. VI, 65, 1; 67, 2; VII, 1, 3-5; 50, 1-2), Selinunte aiutò molto i Siracusani in questa occasione. Forse inorgoglita dal successo siracusano cui aveva tanto contribuito, la città aveva esteso prepotentemente il suo dominio, più di quanto la vittoria stessa non le consentisse, ai danni di Segesta. Questa si vide costretta a chiedere aiuto a Cartagine la quale, dimentica dell'aiuto che Selinunte le aveva prestato in occasione della battaglia del 480, accettò di intervenire, anche allo scopo di rinsaldare il proprio predominio nella Sicilia occidentale. Selinunte, a sua volta, si rivolse per aiuto a Siracusa ma questa, indebolita per la lotta sostenuta contro Atene o forse per qualche altro motivo, rimase neutrale o quasi.

A capo della spedizione contro Selinunte fu nominato Annibale, nipote dell'Amilcare sconfitto ad Imera e figlio di quel Giscone che era stato ospitato a Selinunte dove era morto. Dopo un tentativo di pacifica composizione delle controversie tra Selinuntini e Segestani, Annibale sbarcò con un grande esercito presso il promontorio Lilibeo, dove poteva contare su un'accoglienza amichevole e di là si diresse verso Selinunte che venne distrutta dopo un assedio e una furiosa battaglia. Così finiva la potenza selinuntina cominciata appena 240 anni prima. Vani risultarono i vari tentativi da parte dei Selinuntini di riconquistare la loro città anche sotto la guida e con l'aiuto di Ermocrate che ne aveva restaurate le mura. Selinunte finì per restare sotto il dominio politico cartaginese per un secolo e mezzo fino a quando, a seguito della sua conquista da parte dei Romani, furono smantellate le fortificazioni e gli abitanti rimasti, circa 5.000, trasferiti a Lilibeo. Secondo Diodoro (XIII, 54-55; 57-58) in questa occasione avevano perso la vita 16.000 cittadini mentre 5000 erano stati fatti prigionieri e 2.600 erano fuggiti verso Agrigento. Come vedremo, la documentazione archeologica conferma il nuovo *status* della *polis* sotto il controllo ed il dominio politico di Cartagine ma prima desidero accennare ad alcune testimonianze archeologiche più antiche che rivelano la tendenza a contatti con aree mediterranee orientali e presenze di elementi orientali in alcune manifestazioni artistiche selinuntine.

Alcuni anni fa, un tratto di mare di fronte a Selinunte ha restituito una statuetta di bronzo alta circa 36 cm., databile al XIII-XII secolo a.C., riproducente molto verosimilmente una divinità, forse Hadad, appartenente all'ambiente culturale ugaritico (Fig. 1). Ovviamente questa non si può considerare una testimonianza archeologica assolutamente valida ma non si può escludere neanche che il reperto sia stato disperso in quel tratto di mare da una imbarcazione fenicia: la qual cosa documenterebbe una frequentazione del sito da parte di navi provenienti da paesi dell'Oriente mediterraneo e quindi contatti tra genti del luogo ed orientali. Gli ambienti cui mi riferisco sono l'area siro-palestinese, la cipriota, la cretese-micenea. Le "assonanze orientali" dal piano storico-politico si ribaltano su quello artistico. Se consideriamo infatti il santuario selinuntino della Malophoros, notiamo come al suo interno si trovi un altro edificio sacro dedicato al culto di

Zeus Meilichios, una divinità attestata da tre iscrizioni greche trovate in situ ed identificata con divinità di ambiente siriano. Dal santuario della Malophoros, poi, provengono molti manufatti in faience rinvenuti da E. Gabrici il quale ha fatto notare come "la categoria degli oggetti di pastiglia invetriata di un leggiadro colore azzurrognolo, di importazione orientale, è assai limitata perché la maggior parte di essi o per l'umidità della sabbia o per i sali che questa contiene, furono ridotti ad un tale stato di disgregazione, che asciugandosi diventano polvere. In tal modo andarono distrutti molti scarabei, correnti di collana, *aryballoi* a striature incrociate ed oggetti di simile fatta". Tra gli oggetti che si conservano, oltre ai vari amuleti e pendagli, notevoli una figura umana diritta, di forme ben marcate e consistenti e le braccia piegate sul petto, un'altra accovacciata che suona il doppio flauto, un'altra ancora femminile, forse una divinità seduta, col figlioletto poppante sulle ginocchia, di tipo perfettamente egizio. Infine un'altra figura con le gambe piegate, il torso diritto, ha davanti a sé un grosso pithos su cui appoggia le mani ed il cui coperchio è costituito da una rana: è decorata sul dorso con tre serie di grossi punti ed è verniciata con colore azzurrognolo mentre gli ornati sono di colore bruno-scuro; è databile all'ultimo venticinquennio del VII sec. a.C. (Fig. 2).

Gli oggetti orientali cui abbiamo accennato finora, insieme ad alcune decine di vasetti di pasta vitrea ancora conservati, sono prodotti importati o direttamente dall'area siro-palestinese o dall'Egitto o mediati attraverso altri luoghi.

Motivi orientali troviamo anche in manifestazioni di tipo prevalentemente greco: un esempio può essere quello delle due metope rinvenute incastrate in una torre sul lato est della cinta muraria che corre intorno all'Acropoli perché usate come materiale da costruzione all'epoca in cui Ermocrate, nel tentativo di riportare Selinunte sotto l'egemonia siracusana, ricostruì in fretta il sistema difensivo dell'Acropoli (408-407 a.C.). Queste due metope rappresentano rispettivamente Demetra ed Hekate, che, con le fiaccole in mano, vanno incontro a Kore che esce dall'Averno pur essa con la fiaccola (Fig. 3) e Demetra e Kore che, su una quadriga, vanno all'Olimpo a rendere

Fig. 1. Statuetta del dio Hadad

Fig. 2. Figura infinocchiata con pithos

grazie a Zeus (Fig. 4). Entrambe presentano qualche motivo che sfugge al repertorio comune dell'arte greca quale noi conosciamo: mi riferisco in particolare al polos di Demetra nella prima metopa, decorato con raggi resi a bassorilievo e le punte rivolte verso l'alto ed allo schema araldico dei cavalli laterali della quadriga: sia per l'uno che per l'altro di questi motivi troviamo confronti solo nelle manifestazioni artistiche di provenienza orientale.

A questo punto mi si permetta una digressione che apparentemente si allontana dal tema che mi sono proposto ma che in realtà mi sembra utile per comprendere pienamente non solo le due metope ma, in una visione più ampia, il tema stesso che qui si tratta: a me pare che per tutta la scultura selinuntina sia vano parlare di "scuole" come avviene per la scultura greca, attribuendola, sia pure in parte, ora alla jonica ora alla dorica ora all'attica; a Selinunte si tratta piuttosto di cercare di comprendere quell'espressione artistica nel suo complesso ricercandone, sì, le varie componenti che indubbiamente esistono, ma non perdendo mai di vista l'unità espressiva nel suo complesso alla cui formazione hanno contribuito non solo le componenti "artistiche" greche ma anche le componenti ambientali in cui si formò e si estrinsecò: e dicendo "componenti ambientali" mi riferisco agli aspetti umani, sociali, politici, economici che bisogna conoscere e tenere in considerazione se si vuole effettivamente comprendere questa straordinaria manifestazione umana che è rappresentata dalla scultura selinuntina. A tal proposito mi piace riportare i giudizi di due illustri studiosi:"Artisti celebri venivano chiamati da un luogo all'altro per adornare le città coloniali favorendo lo scambio delle reciproche influenze tra le tradizioni delle varie stirpi greche" (R. Bianchi Bandinelli). E ancora: "Il quadro artistico della Sicilia è invece assai diverso, profondamente permeato dalla visione classica, ma sostanzialmente differente, con una discontinuità di ricerche e di valori che ne rende assai difficile la valutazione piena e pressoché impossibile l'inquadramento in un orientamento o indirizzo definito" (L. Breglia).

Fig. 3. Metopa con Demetra, Hekate, e Kore

Fig. 4. Metopa con Demetra e Kore

Per quanto riguarda le fonti archeologiche del periodo compreso tra il 409 ed il 250 a.C., nella nuova situazione in cui Selinunte venne a trovarsi, prima di ogni altra cosa si prospettò il problema della sistemazione viaria dell'Acropoli rimasta praticamente distrutta la quale però non subì variazioni notevoli nell'impianto urbanistico originario. Ma andiamo con ordine.

Sulla collina di Manuzza, sede della *polis* arcaico-classica, dopo il 409 a.C. sulle macerie spianate dello strato di distruzione e con i materiali recuperati, all'estremità nord del pianoro si provvide ad un rapido restauro ed alla costruzione, dopo la ritirata di Ermocrate, di povere case sulle quali a partire dal secondo venticinquennio del IV secolo, in coincidenza con la terza generazione successiva alla distruzione del 409 a.C., si impiantò una necropoli costituita da tombe puniche che occuparono anche alcuni tratti dei resti delle fortificazioni ermocratee erette precedentemente a difesa e protezione della collina stessa (Fig. 5): la loro cronologia è attestata dai corredi rinvenuti in due di queste tombe. Sulle pendici meridionali della collina, invece, è stato messo in luce un quartiere punico insistente su una necropoli arcaica ormai obliterata: a differenza del quartiere settentrionale cui ho accennato prima, dove gli edifici sorti sulle rovine dell'abitato precedente sono stati costruiti in modo sommario e senza tracce di fondazione; in questo settore più a sud si nota maggiore accuratezza nella tecnica di costruzione. Alla base del pianoro è stata scoperta anche un'area sacra punica di culto all'aperto con attestazioni di sacrifici animali: riconoscibili lo scannatoio, il bacile per la raccolta del sangue e la fossa votiva adibita ai resti del sacrificio. Questa documentazione riguarda l'area scavata finora ma non conosciamo ancora l'estensione e l'intensità dell'insediamento sorto sulla collina dopo il 409 a.C.

Al contrario si presenta maggiormente documentata la nuova situazione registrata negli impianti e negli insediamenti sull'Acropoli e gli interventi che hanno interessato i grandi santuari extraurbani.

Sull'Acropoli, a partire dal IV secolo, si distinguono diverse aree di rioccupazione e rifacimenti di abitazioni con costruzioni che, come ho già fatto notare prima, rispettano normalmente il precedente impianto ed orientamento urbanistico della vecchia sistemazione: infatti le ricostruzioni effettuate ex novo tendono ad utilizzare le fondazioni di quelle precedenti con riuso ed integrazione dei muri danneggiati. La ricostruzione vera e propria dovette avvenire dopo il trasferimento degli abitanti dalla collina di Manuzza sull'Acropoli e con l'organizzazione epicratica cartaginese della Sicilia occidentale, ed il conseguente stanziamento stabile di elementi punici africani nella nuova fondazione. Tutto questo risulta dalle ricerche archeologiche effettuate periodicamente e senza sosta sull'Acropoli che hanno messo in luce delle case lungo le vie principali nord-sud ed est-ovest (Fig. 6): si tratta di piccole abitazioni molto strette ed anguste, abbarbicate le une alle altre e spesso, come nel caso di quelle a sud-ovest del Tempio C, addossate quasi all'edificio preesistente. Lungo la strada principale nord-sud sorge qualche casa un pò più grande, con atrio al centro, ma senza peristilio come si trova invece a Solunto. Un certo schema organico, per il quale si potrebbe anche ipotizzare un sistema urbanistico punico, si trova a nord-est del Tempio C: su una stretta via in senso est-ovest si affacciano abitazioni abbastanza modeste costituite da complessi abitativi aventi muri in comune, formati da due o tre vani posti l'uno dietro l'altro e comunicanti attraverso strette aperture; in genere dal piccolo vano che si trova nel punto opposto della strada si diparte una scaletta che porta al piano superiore, oggi non più esistente: è probabile che il vano a livello di strada sia stato adibito a bottega. In quest'area, cioè, prende vita ex novo un impianto edilizio di tutto rispetto che dà luogo ad un complesso consistente in un edificio-mercato con botteghe aperte su un'area porticata, collegato in qualche modo con il tempio C e con la sua funzione di archivio mercantile della città (Fig. 7).

Fig. 5. Manuzza – Scavi nella cittá

Fig. 6. Acropoli –Pianta con i rifacimenti di età punica

Recentemente D. Mertens si è ricreduto sul termine "Garnisonstadt" da lui precedentemente usato, a favore di quello più esatto di "insediamento urbano", vero e proprio centro cittadino sorto sulle rovine della *polis* precedente. L'abitato fu ristrutturato e sistemato secondo un impianto urbano dalle caratteristiche già evidenziate nella rioccupazione del vecchio abitato della collina settentrionale di Manuzza ma qui perfezionato con strutture che richiamano la pianta urbanistica di Kerkouane, nel Nord Africa, e di Mozia.

Fig. 7. Edificio – mercato della città punica

Fig. 8. Un'area sacra

Fig. 9. Muro a telaio

Fig. 10. Muro a telaio

L'elemento forse più interessante della *facies* punica selinuntina, che interessa sia l'aspetto urbanistico che quello religioso, è costituito dalle aree sacre che sono state messe in luce, finora in numero di tre, in altrettanti quartieri della città. Le tre aree, a destinazione privata o di quartiere, hanno all'incirca la stessa conformazione: al centro uno o più ambienti all'aperto dove si compiva il sacrificio dell'animale (ovini, volatili, roditori, ecc.) i cui resti combusti, messi dentro un'anfora di tipo punico, venivano interrati (Fig. 8); intorno, altri ambienti destinati ai fedeli ed agli officianti, il tutto delimitato da un muro continuo. Le aree sono più o meno grandi: una di esse consta di dodici ambienti in due dei quali, al centro di tutta l'area, erano deposti i resti dei sacrifici e le offerte. Queste aree sacre sono di tipo orientale e costituiscono una caratteristica dell'Occidente mediterraneo (Fig. 9-10). Per tutte queste costruzioni, sia per le case che per le aree sacre, la tecnica adoperata è quella c.d. "a telaio", cioè a pilastri ricorrenti, a distanze varie, riempite con pietre di varia dimensione poste disordinatamente, la c.d. "opera a sacco": questa tecnica si trova in molte località puniche del Mediterraneo. In una delle case di epoca punica lungo la via principale est-ovest, su un pavimento di cocciopesto che si affaccia proprio sulla strada, alcune tessere musive di calcare bianco formano il segno di Tanit e i due caducei che normalmente affiancano il simbolo della nota divinità (Fig. 11). Un altro segno di Tanit, qui con un solo caduceo (Fig. 12), è stato rinvenuto in un altro ambiente posto all'interno del tempio A, nel pronao trasformato evidentemente in un edificio sacro di tipo punico (Fig. 13); il pavimento è pure di cocciopesto rosso e, oltre al segno di Tanit e al caduceo, reca, formato sempre da tessere musive di calcare bianco, una corona di foglie volte sia all'interno che all'esterno come simbolo del sole (Fig. 14); all'interno è riprodotta, frontalmente, una testa di toro, animale presente nella simbologia religiosa orientale (Fig. 15). Questi di Selinunte sono gli unici segni di Tanit su pavimento rinvenuti finora in Sicilia presenti invece in Sardegna e nell'Africa settentrionale.

Ritornando alla tecnica muraria c.d. "a telaio", da ricordare che essa ricorre pure sulla collina orientale in abitazioni messe in luce intorno al tempio E costruite nel IV secolo, dopo la distruzione della città (Fig. 16).

Per quanto riguarda gli oggetti mobili, a centinaia si sono contati le anse di anfore con bolli costituiti da lettere e segni punici rinvenute e raccolte in vari punti dell'Acropoli soprattutto negli scavi del secolo scorso e cretule di terracotta provenienti dal tempio C, con la riproduzione del segno di Tanit e del caduceo ed anche di leggende puniche come quella incisa su una di esse al di sopra di una protome equina. La lettura MSKT (nome proprio femminile), data inizialmente dal Lagumina, è da correggere in MSPT, probabilmente sostantivo significante "deposito, magazzino" (Fig. 17). Se questo è il vero significato della parola riportata sulla cretula, e l'autorità del prof. Garbini ci autorizza a crederlo, viene giustificata l'esistenza di alcune centinaia di queste cretule tutte in un posto (sul gradino inferiore del lato meridionale del tempio ed in prossimità dell'angolo corrispondente del pronao) ed inoltre potrebbe essere indizio, come ho già detto, di un qualche uso del tempio stesso in epoca punica. Oltre all'impiego di strutture e tipologie edilizie che impiegano la tecnica muraria in "opera a telaio", alla stuccatura delle pareti interne, ai pavimenti in cocciopesto, ai bolli anforari (Fig. 18), alle cretule, da ricordare le cisterne di forma ellittica ed absidata ubicate nei cortili delle case (Fig. 19) e la installazione di vasche fittili a destinazione privata nelle varie abitazioni.

Oltre ai tre santuari domestici o di quartiere impiantati nella zona più a sud dell'Acropoli ed alle attestazioni di culti punici sulle pendici meridionali del piano di Manuzza, bisogna prendere in considerazione la situazione che si è venuta a creare nella zona della Gaggera, là dove sorgevano il grande *temenos* della Malophoros, il tempio arcaico di Hera con il relativo altare, il recinto dello Zeus Meilichios, senza tralasciare il legame tra i culti punici ed il c.d. tempio di Empedocle o tempio B costruito sull'Acropoli a sud-est del tempio C. L'intervento più significativo è documentato dal recinto dedicato a Zeus Meilichios che, come abbiamo già visto, per la fase arcaica, è compreso nel *temenos* della Malophoros. Tutto il santuario, che meriterebbe nel suo complesso un pro-

fondo e dettagliato studio volto a chiarirci problemi di natura storico-religiosa e architettonica, fu interessato alla fase punica di Selinunte: vari edifici furono rifatti o ricostruiti e adattati ai nuovi riti o, piuttosto, alle nuove divinità (Fig. 20). Fu aggiunto un elemento di tipo punico, un altare bipartito installato nell'*adyton* del tempio dittero arcaico, presumibilmente dedicato a Tanit e Baal Hammon (Fig. 21-22), le due divinità raffigurate nelle stele gemine che in numero di circa un centinaio sono state rinvenute, agli inizi di questo secolo, dal Gabrici proprio nei pressi del recinto di Zeus Meilichios. Sulla punicità di queste stele ormai non c'è alcun dubbio, dopo gli studi e le ricerche recenti (Fig. 23-25): esse si inquadrano perfettamente in quella produzione artigianale che riscontriamo in vari centri punici del Mediterraneo, come Tharros in Sardegna ed ora anche Lilibeo dove, in una tomba intatta, è stata rinvenuta, insieme al normale corredo, una stele di arenaria molto simile alla maggior parte di quelle selinuntine. Questa stele non solo ci dà la prova della punicità delle stele selinuntine per lo stesso loro linguaggio espressivo, ma ci offre anche una valida indicazione cronologica: la tomba di Lilibeo infatti non può essere anteriore al IV sec. a.C.

Fig. 11. Segno di Tanit tra due caducei

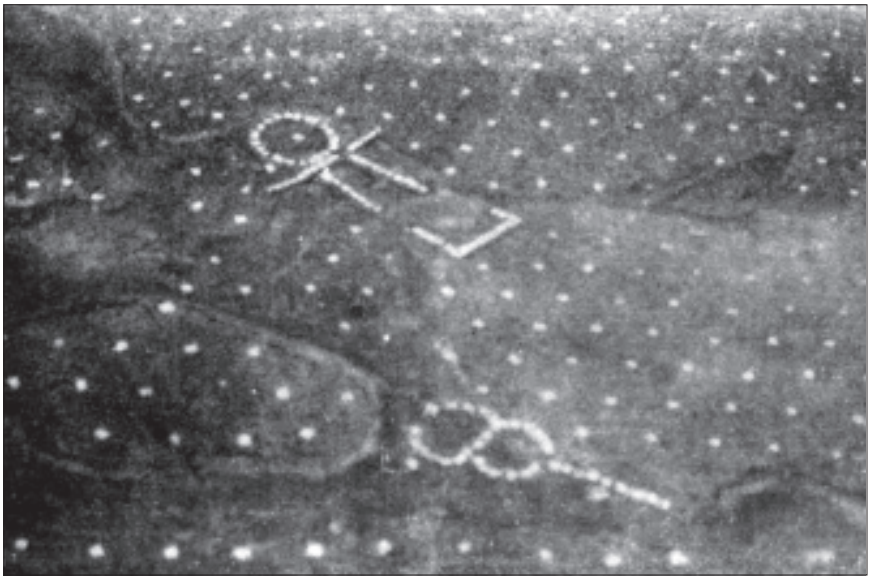


Fig. 12. Segno di Tanit e caduceo

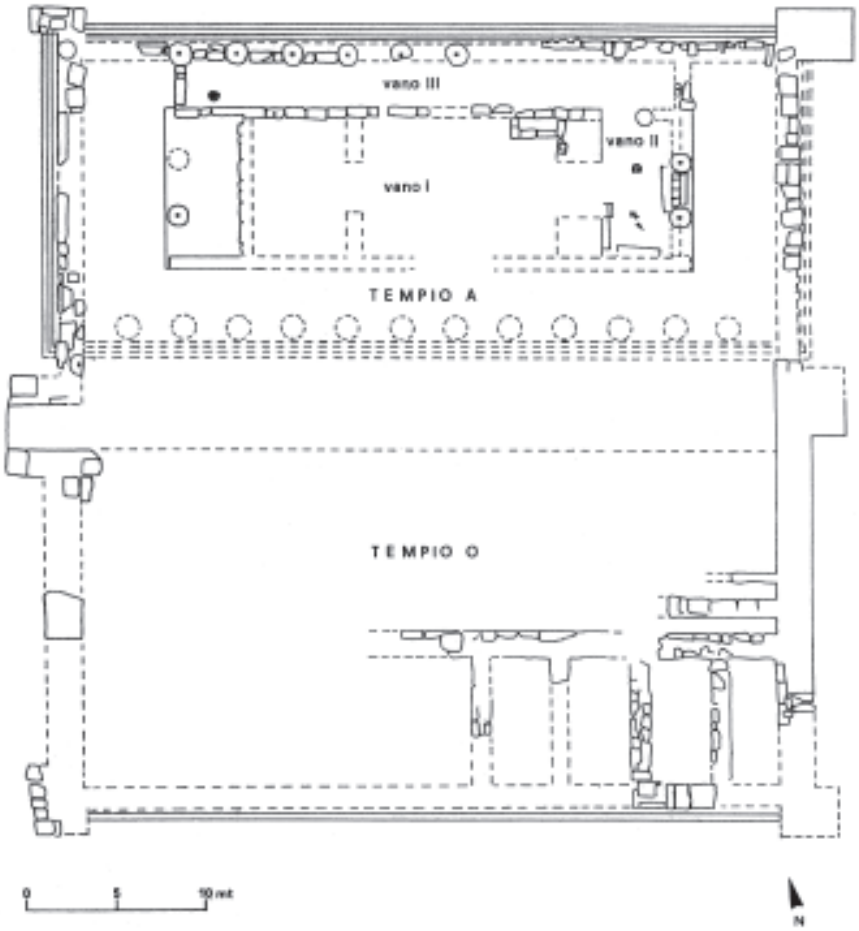


Fig. 13. Intervento di epoca punica nell'area dei Templi A e O (da D'Andria-Campagna)

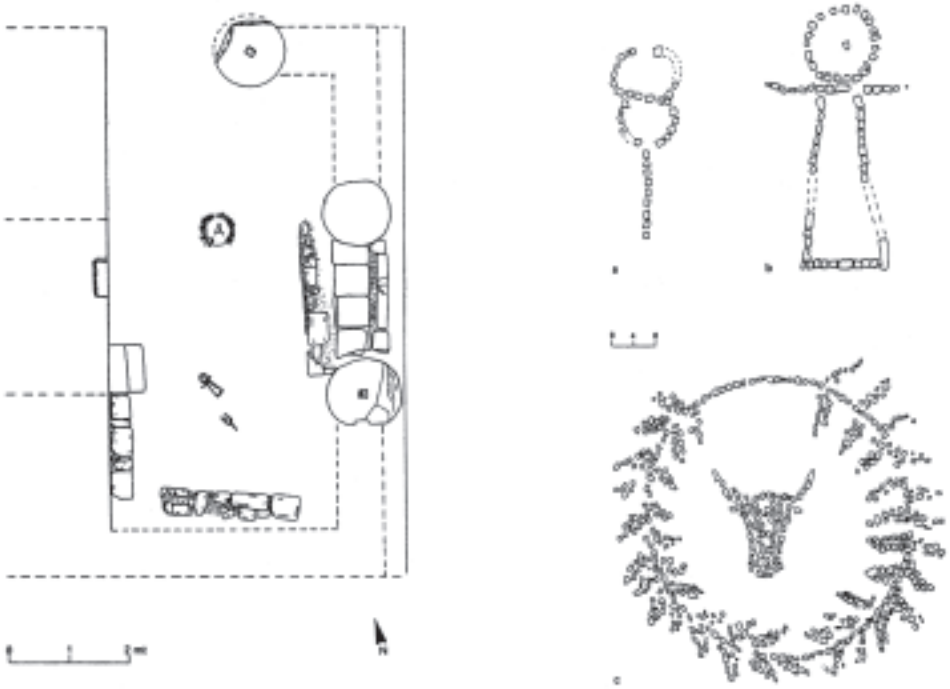


Fig. 14. I simboli pavimentali nel pronao del tempio A (da D'Andria-Campagna)

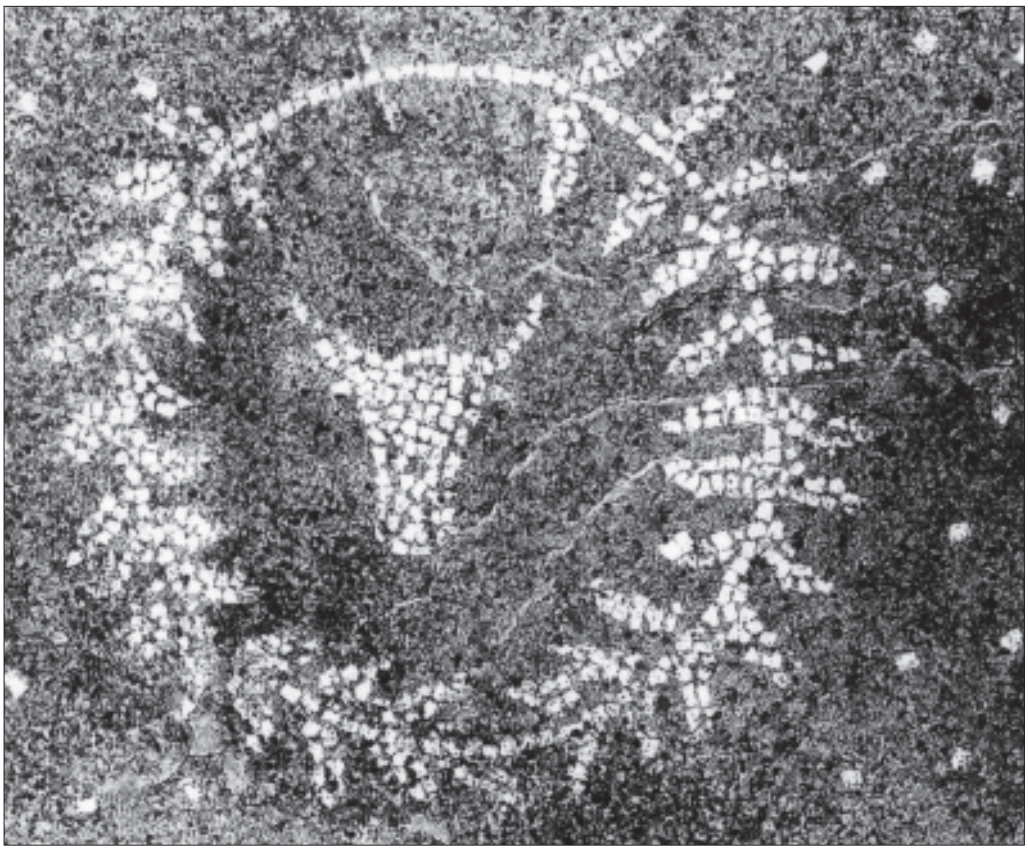


Fig. 15. Particolore della figura precedente (da D'Andria-Campagna)

Fig. 16. Muri a telaio nei pressi del tempio E

Fig. 17. Cretule con testa equina e inscrizione punica

Fig. 18. Ansa di anfora con caduceo e segno di Tanit

Fig. 19. Cisterna di etá punica

Fig. 20. Area del Meilichios con altare betilico in fondo

Fig. 21. Altare betilico bipartito nell' adyton del tempio arcaico di Hera (foto Mertens)

Fig. 22. Tempio arcaico di Hera: rimaneggiamenti (foto Mertens)

Fig. 23. Stele del Meilichios

Fig. 24. Stele del Meilichios

Fig. 25. Stele del Meilichios

Fig. 26. Stele grecizzante

Per le stele di Selinunte non abbiamo dati di scavo precisi, riteniamo però che insieme a queste stele di tipo punico siano state rinvenute quelle altre, una decina in tutto, che recano sempre una figura femminile ed una maschile, grecizzanti nell'espressione figurativa ed anche nel rendimento generale (Fig. 26): queste differenze nel rendimento generale e nell'espressione stilistica testimoniano la coesistenza e commistione di culti greci e punici praticati contemporaneamente nel santuario dove peraltro trovano posto anche altre divinità. A tal proposito mi piace ricordare quanto ha rilevato e puntualizzato D. White:

"The reconditioning was centered mainly on the old megaron where the rear chamber was completely rebuilt. Carefully duplicating the precisely cut masonry of the archaic structure, the builders reconstructed the adyton and replaced its pitched roof with a sturdily made barrel vault. They thickened and strengthened the peribolos wall behind the megaron to the west. The entire western end of the precinct was then systematically buried in earth to above the top of the barrel vault so that an illusion was created that the megaron disappeared into the hillside. The builders took care to prevent the lateral movement of wind-driven earth from inadvertently revealing the actual nature of their construction by binding the rear of the megaron to the earth dumped between it and the precinct's rear wall. The purpose of these activities seems to have been twofold. In the first place, the creation of an artificial entrace to Hades found its rationale in the mythic setting of Persephone's Sicilian cult. The motif accordingly had a special appropiateness for the traditional cult. But in addition, the vaulted windowless megaron, half-buried in the earth, had a strong appeal to the Carthaginian portion of Selinus' now mixed population, for the architectural arrangement echoed the traditional form of Punic burial, and Tanit, the other goddess venerated in the sanctuary, presided over Punic burial rites.

Perhaps simultaneously with the rebuilding of the megaron, more religious activity took place near by. This is attested by the field of stelai and by the later stratum of burned material, animal bones and post-fifth cuntury votives, comprising the Phoenician *tophet*. At some time after the accumulation of this material, a small secondary precinct was built close at hand, to the north of the main sanctuary. When its construction took place, relative to the rebuilding of the main megaron, unfortunately cannot at present be definitely determined. In any case, the Selinuntines built a small naos within this new precinct, of a design closely paralleled in Punic architecture. Because of the dual character of the subject matter of the carved stelai, and because of the double altars, it seems likely that both Ba'al Hammon and Tanit were worshipped in this shrine. There are the renderings of male and female subjects on the stelai, now properly identified as Phoenician, but these too, owing to the unimaginative and imitative canons of Punic religious art, do not conform to a tightly worked-out of either deity. ... While it remained to some degree a Greek polity, its people were without a doubt ethnically mixed. .... The absence of identifying inscriptions and of elaborate traditional votives honoring the divinities reflects a humbler way of life; it hints, however, together with other new and enigmatic signs of religious activity, at evolution and change. Perhaps it is not going too far to say that this kind of confusion and fumbling might have grown, if it had not been so shotlived, into a form of genuine synthesis between the two cults".

Riepilogando, la seconda fase di vita di Selinunte risulta caratterizzata dalla rioccupazione di grandi aree sul pianoro di Manuzza, da una parziale ristrutturazione dell'Acropoli con conseguente formazione, dalla metà del IV secolo ed oltre, di un impianto urbano strutturalmente nuovo nel quale l'articolazione funzionale originaria risulta alterata con caratteristiche diverse rispetto al periodo precedente. La ristrutturazione che ha investito soprattutto l'Acropoli in maniera più o meno intensiva nei vari punti della sua estensione non è ancora perfettamente quantificabile ma non possiamo sottovalutare l'importanza degli scavi condotti nella seconda metà del secolo scorso: essi hanno messo in evidenza una quantità rilevante e significativa di attestazioni archeologiche e ci hanno restituito la storia, non documentata dalle fonti storiche antiche, di una città profondamente trasformata culturalmente ma ancora viva e politicamente influente.

2- Fonti numismatiche

(A. Cutroni Tusa)

Punto di partenza di una mia lunga ricerca sull'economia monetaria di Selinunte sono stati l'osservazione e lo studio analitico del materiale che andava venendo alla luce dalle ricerche archeologiche iniziate dalla Soprintendenza alle Antichità di Palermo e Trapani a partire dagli anni cinquanta del secolo scorso.

A seguito degli scavi iniziati sull'Acropoli la prima cosa a colpirmi fu l'attestazione sempre più evidente di una continuità nella vita della *polis* dopo l'offensiva e la distruzione operate dai Cartaginesi nel 409 a.C..

L'interpretazione di questo avvenimento storico nei termini in cui ci era stato tramandato dalle fonti antiche ormai non funzionava più se interpretato nel senso letterale di distruzione totale della città ma doveva essere rimessa in discussione sulla base delle nuove evidenze archeologiche conseguenti agli scavi condotti secondo metodi e criteri più aggiornati ed organizzati più modernamente. I risultati di queste ricerche mettevano via via in risalto, infatti,una prevalenza, a tratti esclusiva, di emissioni puniche di bronzo successive alla distruzione della città: vi si riconoscevano le tre serie più attestate con testa femminile-cavallo al galoppo inizialmente priva di una precisa attribuzione, testa femminile-cavallo e palma, testa femminile-protome di cavallo (Fig. 27),

oltre le serie con protome di cavallo-palma e pegaso-palma. Intanto in base agli studi che andavo conducendo sulla monetazione punica (Tusa Cutroni, 1967), mi sono subito convinta che tutto questo materiale, anepigrafe ma databile a partire dagli anni posteriori alla distruzione della città, era perfettamente agganciabile alle varie serie monetali di argento organizzate in successione cronologica, cioè i tetradrammi, emessi da Cartagine in Sicilia in concorrenza con Siracusa ed impiegati nell'isola per il mantenimento delle sue truppe di occupazione e di presidio militare.

Fig. 27. Bronzi punici delle tre serie piú note

Secondo la norma, per il VI e V secolo nella circolazione interna della città il flusso monetario mi dava invece un quadro caratterizzato soprattutto ed in maniera prevalente, da monete di età classica trovate spesso a notevole profondità; invece negli strati superiori si sovrapponeva, come ho già detto, una massiccia quantità di emissioni puniche di bronzo la cui presenza doveva contribuire a farmi capire il profondo mutamento subito dalla città, nel caso specifico dall'Acropoli, subito dopo l'occupazione punica; nel complesso mi si presentava cioè un quadro in cui la produzione e la circolazione monetaria era costituita da un numerario ormai di IV e III secolo, nel periodo in cui Selinunte, divenuta sede d'uno stanziamento punico e feudo dell'*epicrateia* cartaginese, andava subendo un notevole rimaneggiamento urbanistico (D'Andria-Campagna, 2002).

Ne costituiva una visibile documentazione l'impianto di tutta una serie di quartieri costituiti da piccole costruzioni private in cui le caratteristiche fondamentali consistevano nel reimpiego di materiali più antichi e nella tecnica costruttiva dei muri c.d. "a telaio". Il mutamento dell'Acropoli veniva documentato anche dall'inserimento, nel nuovo assetto urbanistico-monumentale, di aree di culto di tipo punico, vedi il recinto delimitante i resti dei templi A ed O, e di un repertorio figurativo pavimentale, come quello ricavato nel pronao del tempio A: queste modifiche trovavano riscontro nel *pantheon* della religione cartaginese. Era chiaro inoltre il richiamo all'impianto urbano di Kerkouane, il centro punico di Cap Bon coevo a questa trasformazione e sistemazione nuova dell'Acropoli selinuntina successiva al 409 a.C. nella quale, ora, andava evidenziandosi una destinazione diversa di alcune aree che acquistavano funzioni nuove rispetto all'età precedente.

A questo punto la presenza del numerario punico veniva ad assumere una dimensione tale da far pensare ad una sua produzione in loco e quindi o all'istituzione di una nuova zecca, oppure alla riattivazione di una zecca della *polis* precedentemente in funzione, adibita ora a questa produzione monetale quantitativamente eccezionale. Debbo puntualizzare che la presenza di una zecca attiva a Selinunte anche dopo la distruzione della città, mi veniva suggerita, per altra via, dalle notizie del Cavallari (Cavallari, 1874; Cavallari, 1875). Si trattava del rinvenimento, sulla spiaggia sotto-

stante la collina orientale di Selinunte, di sette monete puniche di elettro trovate insieme con una verga di oro puro (IGCH 2172); a questa seguiva la notizia che nello stesso luogo sarebbero venuti alla luce altri dieci o dodici esemplari insieme con "un pezzo di oro purissimo zecchino a forma di parallelepipedo allungatissimo" (IGCH 2193). La presenza di metallo ancora non monetato ma chiaramente destinato alla coniazione, l'ulteriore notizia del rinvenimento di una ventina circa di monete puniche d'oro alla Gaggera nel 1903 (IGCH 2142=Noe 952) e quanto riportato in N.Sc. 1920, p. 59 (" dalla zona esterna al *temenos* vero e proprio di Demeter Malophoros, mescolate a materiali di tipo ellenistico, provengono monetine di bronzo puniche"), mi hanno convinto definitivamente che a Selinunte durante l'occupazione cartaginese doveva avere operato attivamente un atelier monetario destinato soprattutto alla eccezionale quantità del materiale proveniente dagli scavi. Per questo motivo, successivamente, ho prospettato la possibilità che la leggenda RŠMLQRT caratterizzante una serie di tetradrammi con testa femminile-quadriga (Fig. 28-29), potesse riferirsi al nome di quello stanziamento punico cui alludeva il testo di una epigrafe rinvenuta a Tharros, in Sardegna, dove un architetto proveniente da una località denominata RŠMLQRT si sarebbe recato per eseguire delle opere di carattere edilizio-architettonico. Mi è sembrato allora possibile che il termine RŠMLQRT considerato toponimo a tutti gli effetti dalla Amadasi (Amadasi Guzzo, 1992) che ha studiato l'epigrafe, potesse riferirsi al nome della seconda Selinunte, di età punica; qui, dopo la distruzione, avrebbero potuto operare architetti impegnati nella ristrutturazione della città. Il toponimo in questione poi, presente sulla serie dei tetradrammi punici cui ho accennato, con una corrispondenza perfetta avrebbe sostituito il toponimo greco delle emissioni selinuntine precedenti. Questo termine racchiudeva in sé il senso di una piena autonomia giuridica nei confronti di Cartagine ed al tempo stesso quello di una autonomia politica rispetto alle città greco-siceliote (Cutroni Tusa, 1995). È poiché questo termine è collegabile anche al nome di una delle più importanti divinità del *pantheon* fenicio-punico, si potrebbe pensare che a Selinunte si sarebbe perpetuato, trasformandolo, un culto precedente, in questo caso quello di Herakles, che ora veniva ad assumere nuove funzioni integrandosi nel nuovo sistema religioso della *polis*. Il modello greco sarebbe stato cioè rielaborato in rapporto alla nuova realtà religiosa locale nella quale l'elemento punico affermava la sua piena presenza politica: il greco Herakles sarebbe potuto rientrare nella rifondazione della città ormai gravitante in orbita punica: di conseguenza Herakles-Mlqrt diventava l'*oikistes* della nuova fondazione punica restando l'eroe per eccellenza in quanto "figura dialettica" di grande importanza nella fondazione dei valori della *polis*.

La pubblicazione delle mie periodiche relazioni sui rinvenimenti nei volumi degli Annali dell'Istituto Italiano di Numismatica tra gli anni 1956-1967 sorprendeva ed interessava L. Breglia che metteva in evidenza "la documentazione del bronzo punico che caratterizza il mutato aspetto della circolazione monetaria di Selinunte in quanto, rispetto al resto del numerario, si presenta nella proporzione di 4 a 1 se non ancor di più" (Breglia, 1958-1959).

Tengo a precisare che in passato, a parte i ripostigli, il materiale numismatico da scavo non era mai stato preso in considerazione, dando luogo così ad una grave lacuna di conoscenza dei dati cronologici relativi alla storia monetaria della città. Ai ripostigli farò riferimento ma prima desidero ricordare il ritrovamento di un ripostiglio di monete puniche in un'area prossima al tempio A, cioè là dove, come ho già detto, sono più visibili la riorganizzazione, il rimaneggiamento e la trasformazione dello spazio urbano di Selinunte dalla città arcaica e classica a quella punica, e dove è stato riconosciuto un complesso cultuale punico nell'area già occupata dai templi A ed O, con una concentrazione di impianti legati a nuovi culti. Il tesoretto, contenuto in un'*olpe* acroma, (Fig. 30) era costituito da 95 ess. di bronzo tutti della serie con testa femminile-protome di cavallo (Fig. 31) riconducibili ad una produzione siciliana da non confondere con un'analoga produzione sarda[1] (Cutroni Tusa, 1968).

1 Il ripostiglio è segnato col numero IGCH 2212.

Fig. 28. Tetradrammi a leggende RSMLQRT

Fig. 29. Tetradrammi a leggende RSMLQRT

Fig. 30. Olpe acroma contenente le monete del ripostigli IGCH 2212

Fig. 31. Parte delle monete del ripostigli IGCH 2212

Da ricordare anche i quattro esemplari della serie con testa femminile-cavallo e palma raccolti tra le falangi della mano sinistra di uno scheletro rinvenuto sull'Acropoli, sepolto in prossimità delle costruzioni laterali di una strada (Cutroni Tusa, 1958-1959). Oltre i ripostigli già citati ricordiamo i ripostigli IGCH 2178=Noe 946, IGCH 2213=Noe 948, IGCH 2214, IGCH 2247=Noe 947. Nel primo, inizialmente costituito dal 300 esemplari d'argento, prevalevano i tetradrammi con testa femminile-protome di cavallo e testa di Herakles-protome di cavallo, oltre ad esemplari a leggenda RŠMLQRT; esso fu trovato durante la grande campagna di scavo effettuata tra il dicembre 1876 ed il marzo 1877 tra i resti di una casa nella quale fu recuperato anche il ripostiglio IGCH 2247. Il tesoretto IGCH 2213, proveniente anch'esso da scavo, era formato da nove argenti a leggenda AIBYΩN; fu trovato durante gli scavi del 1873-74 eseguiti nell'area tra i templi C e D; il ripostiglio IGCH 2214, anch'esso da scavo, era costituito da 30 bronzi sardi con testa femminile-tre spighe di grano; infine ricordiamo il complesso IGCH 2247 rinvenuto verso la fine del 1876 nello stesso luogo dove fu trovato il ripostiglio IGCH 2178; esso era caratterizzato da 507 litre d'argento con testa di cavallo-palma e da una *hemidractma* punica con testa femminile-cavallo stante ed era custodito in un cassettino di piombo collocato nel muro di una casa ad ovest dal tempio C, tra questo e il tempio A. Il rinvenimento di questo gruppo di ripostigli, come attestato anche dalle fonti archeologiche, indica una forte presenza punica nella parte più a sud dell'Acropoli, cioè quella parte che in base alle ricerche finora eseguite, ad oggi risulta la più intensamente interessata ai rimaneggiamenti posteriori al 409 a.C., laddove si concentrano la presenza di nuove aree sacre ed i traffici commerciali collegati con le ristrutturazioni effettuate nell'area del tempio C. Purtroppo all'epoca delle grandi campagne di scavo ottocentesche tutti questi particolari sono sfuggiti e non è inverosimile, data la incertezza e la superficialità che si riscontra nelle relazioni riguardanti i rinvenimenti, che parte dei materiali soprattutto numismatici sia stata confusa ed irrimediabilmente dispersa e perduta. Resta però un dato inconfutabile e cioè che il maggior numero dei ripostigli punici di argento e bronzo, rinvenuti in Sicilia, è stato trovato proprio a Selinunte dove peraltro si sono avute anche le maggiori attestazioni di emissioni provenienti dalla fascia costiera mediterranea dell'Africa.

Ricollegandomi alle precedenti osservazioni riguardanti lo scardinamento e la trasformazione dell'economia monetaria di questa città greco-coloniale rifondata in chiave punica e protagonista della produzione di un numerario tipologicamente punico, si ha la sensazione che in questa seconda fase essa abbia costituito il centro di un vasto territorio unificato politicamente ed economicamente, caratterizzato da una diffusione capillare di emissioni di bronzo puniche che hanno dato luogo ad una circolazione uniforme ed unitaria. Questa massa di bronzo di emissione locale nei suoi vari raggruppamenti in serie, come ho fatto già notare, con una perfetta corrispondenza cronologica, risulta ancorata alla produzione dei tetradrammi emessi nell'isola da Cartagine, tetradrammi completamente tesaurizzati dopo l'esaurimento, con Dionisio I di Siracusa, del numerario greco-siceliota d'argento. Si ha l'impressione che proprio a Selinunte il mondo punico si sia aperto alla grecità siceliota ed alle influenze di età ellenistca. Il numerario punico, filiazione diretta di quello greco-siceliota per oltre un secolo e mezzo caratterizzerà la vera e propria circolazione territoriale di questa parte occidentale della Sicilia, centro dell'epicratea punica fino alla conquista romana. Ne nasce così un vasto territorio unitariamente monetizzato con emissioni che a Selinunte ed in altre aree della Sicilia Occidentale restano ancorate ad una "circolazione al vivo" mentre a Lilibeo, dove non si conoscono sufficienti materiali provenienti dall'abitato, le monete sembrano confluire in massa nei corredi tombali: qui, infatti, interi lembi di necropoli hanno restituito soltanto ed esclusivamente emissioni punico-siceliote di bronzo delle serie circolanti a Selinunte, con oltre il 30% delle tombe che presentano uno o più esemplari risalenti al numerario punico.

Bibliografia

AA.VV. (1982-1983) - I Cartaginesi in Sicilia all'epoca dei due Dionisii. *Kokalos*. XXVIII-XXIX. pp. 127-277.

Amadasi Guzzo, M.G. (1992) - Sulla dedica a Melqart da Tharros e il toponimo QRTHDST. *L'Africa romana (Atti del IX Convegno di studio, Nuoro 13-15 dicembre 1991)*. Sassari. pp. 523-532.

Bisi, A. M. (1967) - Anse di anfore con lettere puniche da Selinunte. *Oriens Antiquus*. VI, 2. pp. 245-257.

Breglia, L. (1958-1959) - Riepiloghi e considerazioni. *AIIN*. 5-6. pp. 331-335.

Cavallari (1874) - *Bullettino della Commissione di Antichità e Belle Arti della Sicilia*. 7. p. 18 ss..

Cavallari (1875) - *Archivio Storico Siciliano*. III. p. 529 ss..

Cutroni Tusa, A. (1958-1959) - *AIIN*. 5-6. p. 315.

Cutroni Tusa, A. (1967) - Ricerche sulla monetazione punica in Sicilia. *Kokalos*. XIII. pp. 73-87, tavv. XV-XX.

Cutroni Tusa, A. (1968) - Ripostiglio di monete puniche da Selinunte. *AIIN*. 15. pp. 71-76. tavv. IV-V.

Cutroni Tusa, A. (1995) - RŠMLQRT è Selinunte?. *AIIN*. 42. pp. 235-239.

D'Andria, F.; Campagna, L. (2002) - L'area dei templi A e O nell'abitato punico di Selinunte, Da Pyrgi a Mozia, Roma 2002, I, pp. 171-188.

Di Vita, A. (1953) - L'elemento punico a Selinunte nel IV e III sec. a.C.. *Arch. Class*. V, 1. pp. 39-47.

Di Vita, A. (1964) - Le stele puniche dal recinto di Zeus Meilichios a Selinunte. *Atti del Convegno di Studi Annibalici*. Annuario XII dell'Accademia etrusca di Cortona. pp. 235-250.

Famà, M. i Tusa, V. (2000) - *Le stele del Meilichios di Selinunte*. Accademia Mediterranea e del Vicino Oriente. Padova.

Fourmont, M. (1981) - Sélinonte: fouilles dans la région nord-ovest de la rue F. *Sic. Arch.* XIV, 46-47. pp. 5-26.

Gabrici, E. (1927) - Il Santuario della Malophoros a Selinunte. *MAL*. XXXII.

Garbini, G. (1967) - Catalogo delle iscrizioni fenicie conservate nel Museo Archeologico Nazionale di Palermo. *Kokalos*. XIII. pp. 66-72.

Mertens, D. (1997) - Griechen und Punier. Selinunt nach 409 v.Chr.. *RM*. 104. pp. 301-320.

Rallo, A. (1976-1977) - Scavi e ricerche nella città antica di Selinunte (Relazione preliminare). *Atti IV Cong. Int. di studi sulla Sicilia Antica*. Kokalos. XXII-XXIII. II2. pp. 720-733.

Tusa, V. (1966) - Aree sacrificali a Selinunte e a Solunto. In Ciasca, A. *et alii*, *Mozia II*. Roma. pp. 143-153.

Tusa, V. (1969) - Due nuove metope arcaiche da Selinunte. *Arch. Class.*. XXI, 2. pp. 153 -171.

Tusa, V. (1971) - Selinunte punica. *RIASA*. n. s., 18. pp. 47-68.

Tusa, V. (1973) - La statuetta fenicia del Museo Nazionale di Palermo. *RSF*. I, 2. pp. 173-179.

Tusa, V. (1976) - Segni di Tanit a Selinunte. *Revista de la Universidad Complutense (Homenaje a Garcia Bellido, II)*. XXV. pp. 29-35.

Tusa, V. (1979) - Edifici sacri in centri non greci della Sicilia occidentale. In Philias Charin, *Miscellanea di studi classici in onore di E. Manni*. Roma. vol. VI. pp. 2125-2137, Tav. III, figg. 4-5.

Tusa, V. (1981) - L'aspetto punico di Selinunte con particolare riferimento all'urbanistica. In *150 Jahre Deutsches archäologisches Institut 1829-1979*. Mainz am Rhein. pp. 99-107.

Tusa, V. (1982) - La presenza fenicio-punica in Sicilia. In *Phönizier im Western-Die (Beiträge des Int. Symposiums in Köln von 24 bis 27 April 1979)*. Mainz. pp. 95-112.

White, D. (1967) - The post-classical Cult of Malophoros at Selinus. *AJA*. 71. pp. 335-352.

NUEVAS INVESTIGACIONES EN ABDERA (ALMERÍA, ESPAÑA). PRIMEROS RESULTADOS *

José Luis López Castro[1]
Francisco Alcaraz Hernández
Ana Santos Payán[1]

[1] *Universidad de Almería, Grupo de Investigación HUM-741*

Resumen

En la comunicación se presentan los resultados preliminares de un muestreo en estratos fechados entre los siglos VIII a V a.C. obtenidos en una excavación efectuada en 2004, en los perfiles estratigráficos de los cortes 3 y 4 de la excavación de 1986 en el yacimiento. Se presentan también los resultados de dos dataciones de C14 procedentes de la fase más antigua del sitio.

Abstract

In the paper are presented the preliminary results of a sampling in strata dated from 8th to 5th centuries BC, obtained in an excavation carried out in 2004 on archaeological sections of squares 3 and 4 of 1986 excavation in the site. The results of two C14 dates from the oldest phase of the site are presented too.

* El presente trabajo es resultado del proyecto del MCYT BHA2000-1348, "*Abdera. Investigación y puesta en valor de una ciudad antigua del Sureste de la Península Ibérica*"

Situado junto a la ciudad almeriense de Adra en la costa de Andalucía Oriental (fig. 1 a), en la margen derecha del antiguo curso del río de Adra, el Cerro de Montecristo es una elevación de 49,38 metros sobre el nivel de mar, con una extensión de unas 5 hectáreas que corresponde al solar de la antigua Abdera mencionada por las fuentes clásicas (Tovar 1974: 83-84). Aunque se tenía noticia de diversos hallazgos arqueológicos en los siglos XVIII y XIX (López Castro 2006), la superficie del yacimiento fue objeto de un sistemático aterrazamiento para labores agrícolas en los siglos XIX y sobre todo XX con la consiguiente destrucción de los restos arqueológicos existentes.

No fue objeto de una excavación arqueológica hasta 1970 (Fernández-Miranda y Caballero 1975), conociéndose también materiales superficiales griegos y fenicios (Trías 1967-68: 448, Schubart 1982: 87). En 1986 se efectuó una excavación de urgencia (Suárez y otros 1989, López Castro y otros 1991), cuyos resultados pusieron de manifiesto la antigüedad y el carácter fenicio de la fundación colonial. La intervención puntual de 2004 (López Castro, Alcaraz y Santos 2009) tenía como objetivo completar la información arqueológica del yacimiento mediante una prospección con radar de superficie, así como la obtención de un completo muestreo paleobotánico y dataciones radiocarbónicas mediante el recorte de perfiles estratigráficos en dos cortes de la excavación de urgencia de 1986, los número 4 y 3 (figura 1 b), que cubrían respectivamente la secuencia fenicia en los siglos VIII y VI-IV a.C.. En esta contribución presentamos los resultados preliminares más relevantes.

Nuevos datos sobre la fase colonial antigua en Abdera

Esta fase se documenta principalmente en el corte 4, que documentó parcialmente una zona de habitación de época colonial y en buena parte a la zona exterior de un horno de adobes ya registrado en 1986, situado en el interior de una terraza de habitación del siglo VIII a.C. Varias unidades estratigráficas (figura 2 b) (UE 7, 6, 12 y 16 y 17) son deposiciones posteriores a la utilización del horno, mientras que las número 18 a 22 son estratos de deposición primaria correspondientes al uso y limpieza del mismo, posiblemente de carácter doméstico. Todos los estratos contenían abundantes cenizas y carbones, pequeños fragmentos de adobes quemados, así como restos de esteras de esparto. Las UE 18 a 24, más la 31 que sirve de base, son las más antiguas y presentan un alto porcentaje de cerámicas a mano autóctonas como bordes y fondos planos de ollas y fuentes de paredes verticales (fig. 3: a-c, ch) que refuerzan ese carácter doméstico o cotidiano del horno y las actividades con él relacionadas. Entre la cerámica de mesa, tenemos tres cuencos de cerámica gris de borde saliente (fig. 3: d-f), un amorfo de barniz negro griego (fig. 3: g) y varios fragmentos amorfos de barniz rojo fenicio (fig. 3: h,i) que son los materiales más antiguos documentados. Una datación radiocarbónica efectuada sobre semilla fecha el *terminus post quem* para el inicio del uso del horno en 770±30 cal BC, como extremo del intervalo al 90,1% de probabilidad [1]

En la segunda fase, posterior al uso del horno, se han registrado cerámicas a mano de cocina (fig. 3: m, k) y cuidadas como vasos carenados con las superficies bruñidas (fig. 3: j,l), y producciones a torno como ánforas T10 (fig. 3: n, ñ, o), urnas y *pithoi* con decoración a bandas en rojo y negro (fig. 3: p, q, r, s). La vajilla de mesa está representada por un cuenco de cerámica gris (fig. 5: t) y vasos y platos de barniz rojo (fig. 3: u, v). Una datación radiocarbónica sobre semilla aporta una fecha de 700±25 cal BC, como extremo del intervalo al 71,20% de probabilidad, para señalar el final del uso del horno.

1 Las dataciones absolutas (KIA-2141 y KIA 2142) han sido efectuadas por M. van Strydonck (Laboratorio de C14 del IRPA, Bruselas).

Fig. 1. a) Plano de situación con indicación de la antigua línea de costa;
b) planta del Cerro de Montecristo con localización de los trabajos

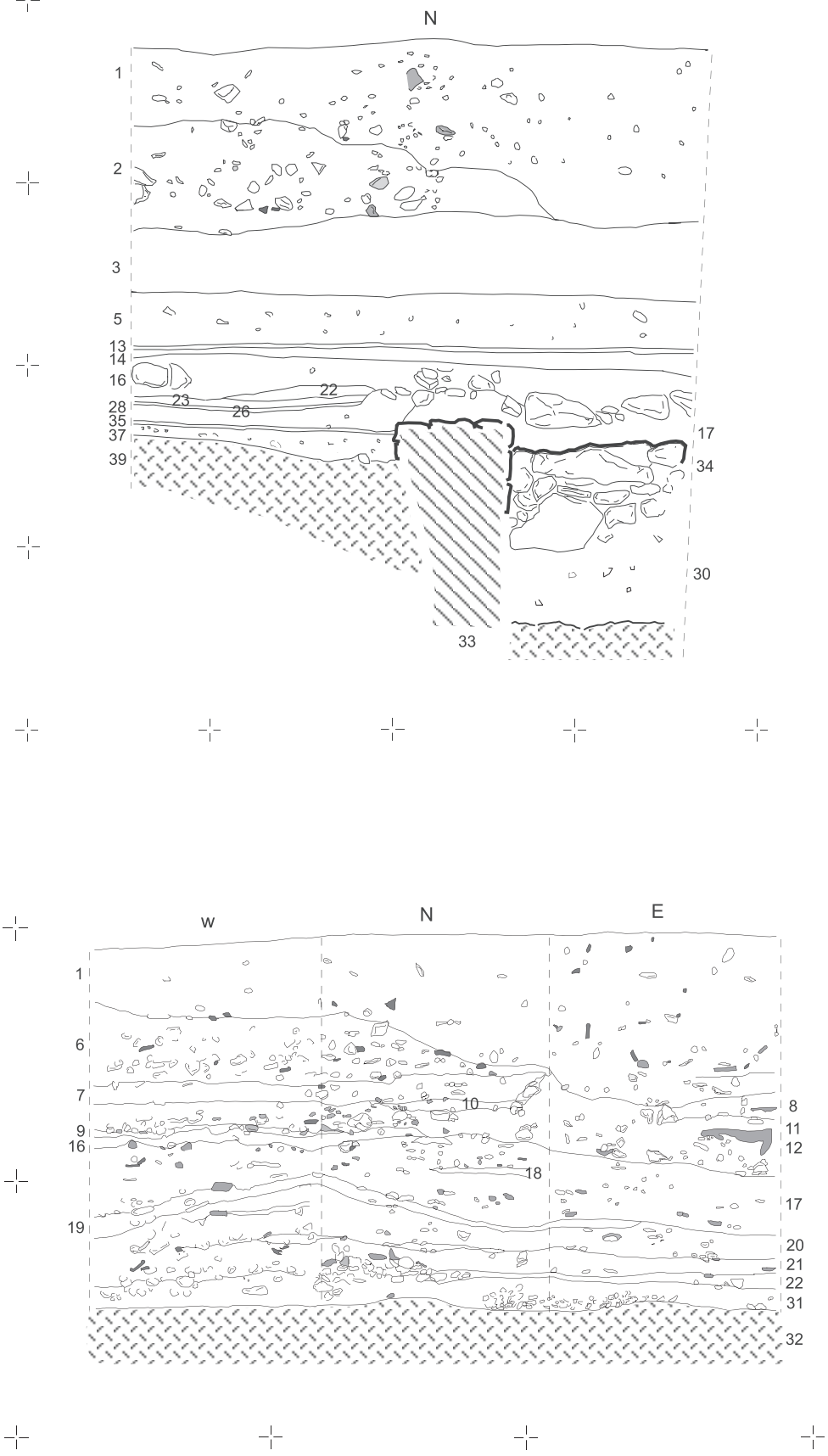


Fig. 2. a) Perfil de la limpieza estratigráfica del corte 3; b) Perfil de la limpieza estratigráfica del corte 4

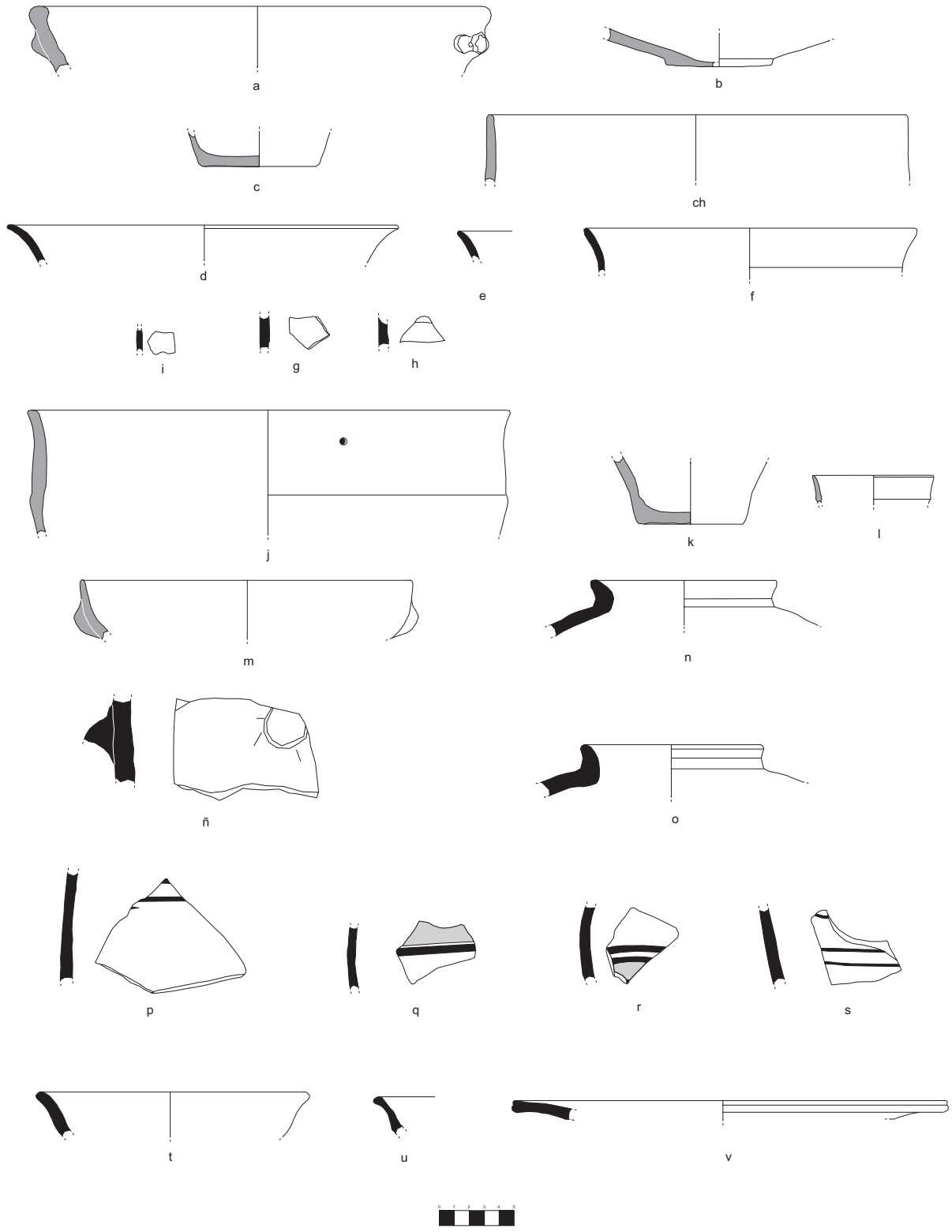


Fig. 3. Materiales arqueológicos del corte 4: materiales de las unidades estratigráficas correspondientes al uso del horno (a-i). Materiales de las unidades estratigráficas posteriores al uso del horno (j-v)

Aportaciones sobre la fase urbana en Abdera

Con esta denominación nos referimos a la fase comprendida entre los siglos VI y IV a.C. en que Abdera se estructura como ciudad estado, dentro de un fenómeno de formación de ciudades y reestructuración política que experimentaron los fenicios occidentales (López Castro 2003). En la intervención puntual de 2004 se documentó en el corte 3 de la excavación de 1986, donde se efectuó un recorte de un metro del perfil Norte (fig. 2 a).

La fase más antigua documentada está formada por las unidades estratigráficas 37 y 36 que contenían materiales cerámicos de finales del VII a.C. o muy comienzos del VI a.C. (fig. 4: a-ch), además de restos de escorias de producción metalúrgica. La unidad 36 fue cortada para la construcción de una terraza de habitación mediante el procedimiento de recortar la roca en sentido N-S, para levantar sobre el recorte un muro, la unidad estratigráfica 33, al que se le añadió un muro adosado en sentido E-W, la unidad 34.

Esta segunda fase está formada por la unidad estratigráfica 28, la más antigua, a la que se superponen sucesivas utilizaciones a lo largo del siglo VI a.C. hasta tal vez el V a.C., marcadas por pavimentos y hoyos de poste (unidades 22 a 27) hasta el derrumbe final constituido por la unidad estratigráfica 17. Los materiales de esta fase son cerámicas de cocina a mano (fig. 4: e, f), asas de ánfora de tipología fenicia (fig. 4: g, m) y fragmentos de cerámicas de almacenaje decoradas a bandas rojas y negras (fig. 4: d). Entre la cerámica de mesa existe una alta representación de piezas decoradas con bandas rojas y negras y círculos concéntricos (fig. 4: l, n) y cerámicas grises (fig. 4: h, i) y un un fragmento amorfo de una pieza griega de barniz negro posiblemente ática (fig. 4: ñ).

Una tercera fase más tardía se iniciaría sobre el derrumbe de la unidad 17, formada por las unidades estratigráficas 16 a 6, cuya utilización podría datarse en el siglo IV a.C. con cerámicas de cocina (fig. 4: o), decoradas con bandas rojas y negras (fig. 4: p, r) y cerámica ática de barniz negro estampillado (fig. 4: q).

Finalmente, la unidad estratigráfica 5 contiene materiales de los siglos II y I a.C. y de época altoimperial, formándose en consecuencia ya en época romana, conteniendo cerámicas de este periodo (fig. 4: s, t, u) y un punzón de hueso (fig. 4: v). Las capas superiores corresponden a la capa superficial antigua, formada en época tardorromana (unidad 3), anterior al aterrazamiento moderno que queda registrado en las unidades 1 y 2, formadas por rellenos modernos que contenían mezclados materiales arqueológicos de diferentes épocas.

Avance de los datos sobre la explotación de recursos

Los avances ofrecidos por los especialistas que se ocupan de los distintos análisis arqueobotánicos y arqueozoológicos[2] confirman la adopción de una estrategia subsistencial de los colonos fenicios basada en el cultivo de cereal con presencia mayoritaria de *hordeum* y en escasa proporción de *triticum* y la presencia de leguminosas. Se documenta también tempranamente la presencia de la *vitis vinifera* en la fase más antigua. La ictiofauna apunta a una gran variedad

2 El análisis antracológico se debe a M.O. Rodríguez Ariza (Universidad de Jaén), el análisis carpológico ha sido efectuado por G. Pérez Jordá (Universidad de Valencia). Un análisis palinológico efectuado por J. Carrión (Universidad de Murcia) arrojó, sin embargo, resultados negativos por la ausencia de pólenes en las muestras enviadas. De los estudios arqueozoológicos, el análisis de macrofauna está siendo efectuado por J.L. Cardoso (Universidade Aberta de Lisboa), el análisis malacológico corre a cargo de S. Porras (Universidad de Valencia), y la ictiofauna ha sido estudiada por R. Marlasca. Los análisis de pastas cerámicas y restos metalúrgicos mediante Difracción de Rayos X están siendo efectuados por A. Romerosa (Universidad de Almería). Los estudios completos serán incluidos en una monografía en curso de preparación.

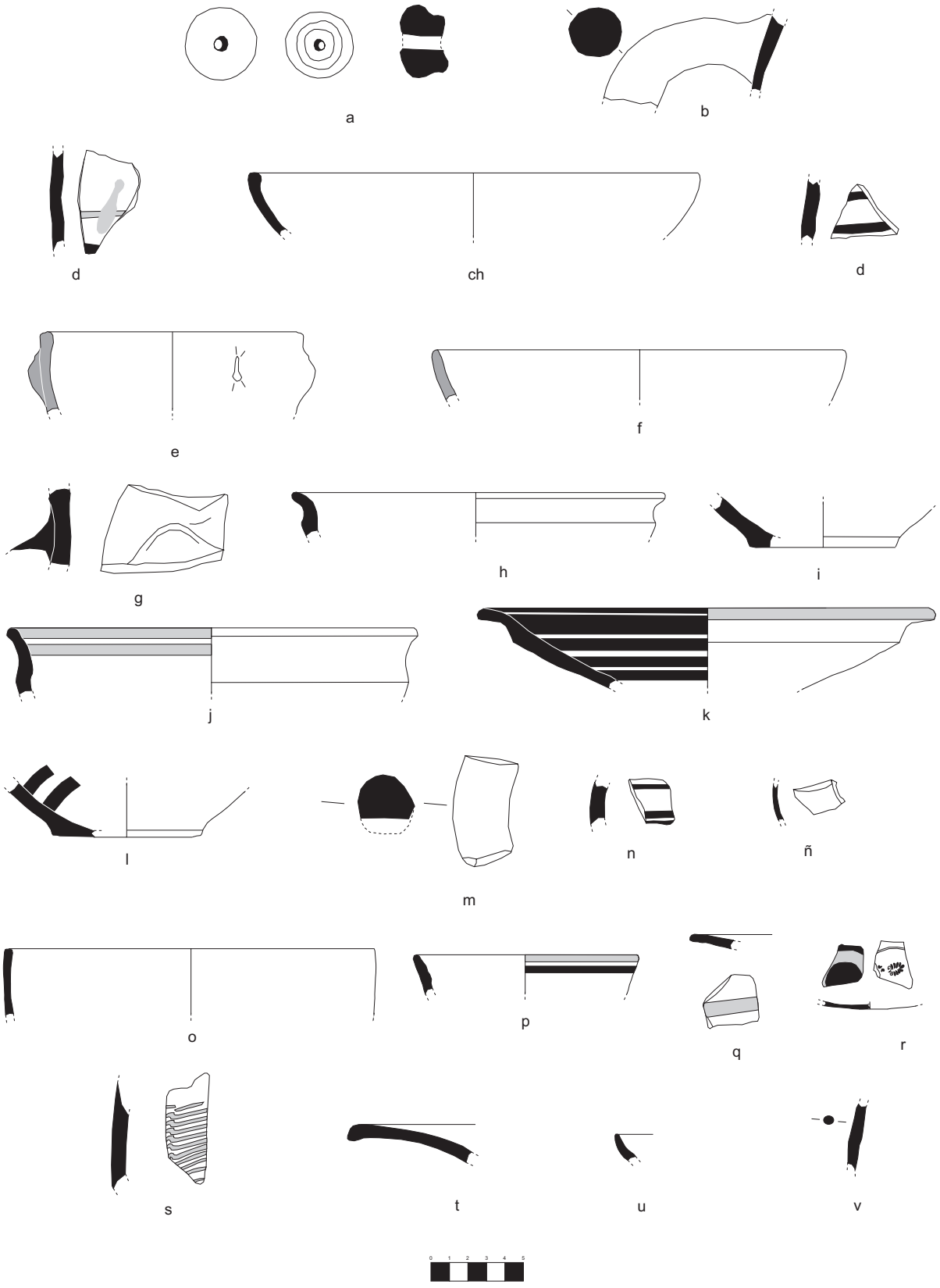


Fig. 4. Materiales arqueológicos del corte 3: fase I: a-ch; fase II: d-ñ; fase III: o-r: fase IV: s-v

de especies capturadas para el consumo, con predominio de las *sparidae* (pargos, brecas, etc.) y *cupleidae* sobre todo sardinas, mientras que la malacofauna plantea por primera vez posibles indicios de la producción de púrpura por la presencia de *hexaples trunculus y murex brandaris*.

La vegetación consumida en el asentamiento, según documentan los análisis antracológicos, indica la presencia de pinos y fresnos, entre otras especies arbóreas, así como especies cultivadas como el almendro y la vid.

Así mismo, los análisis de pastas por Difracción de Rayos X han permitido reconocer dos producciones locales de pastas cerámicas que, con algunas variantes, pervivieron a lo largo de la vida de la ciudad fenicia, lo que permitirá reconocer las exportaciones abderitanas en otras áreas del Mediterráneo.

Bibliografía

Fernández-Miranda, M. y Caballero Zoreda, L. (1975) - *Abdera. Excavaciones en el Cerro de Montecristo (Adra, Almería)*. Excavaciones Arqueológicas en España. 85. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia.

López Castro, J.L. (2003) - La formación de las ciudades fenicias occidentales. *Byrsa. Rivista di archeologia, arte, e cultura punica*. 2. pp. 69-120.

López Castro, J.L. (2006) - Abdera fenicia. Nueve siglos de Historia. *Farua Extra I. Miscelánea Abderitana*. 8. pp. 29-42.

López Castro, J.L.; Alcaraz, F. y Santos, A. (2009) - Intervención arqueológica en el Cerro de Montecristo (Adra, Almería). Informe preliminar. *Anuario Arqueológico de Andalucía 2004*. Vol, II. Actividades de Urgencia. pp. 1-18.

López Castro, J.L.; Aguayo, P.; Carrilero, A.; García, J.L.; San Martín, C. y Suárez, A. (1991) - La colonización fenicia en Abdera: nuevas aportaciones. *Atti del II Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici (Roma 1987)*. Vol. III. Roma: CNR. pp. 981-989.

Schubart, H. (1982) - Asentamientos fenicios en la costa meridional de la Península Ibérica. *Huelva Arqueológica*. 6. pp. 71-99.

Suárez, A.; Aguayo, P.; Carrilero, A.; López Castro, J.L. y San Martín, C. (1989) - Abdera: una colonia fenicia en el Sureste de la Península Ibérica. *Madrider Mitteilungen*. 30. pp. 135-150.

Tovar, A. (1974) - *Iberische Landeskunde. I. Baetica*. Baden-Baden.

Trías, G. (1967-68) - *Las cerámicas griegas de la Península Ibérica*. Barcelona.

FENICIOS Y PÚNICOS EN LA BAHÍA DE MAZARRÓN, DESDE LA PERSPECTIVA OCUPACIONAL DEL PROMONTORIO COSTERO DE PUNTA DE LOS GAVILANES *

María Milagrosa Ros Sala

Universidad de Murcia

Resumen

El objetivo de esta comunicación es presentar las novedades que sobre la presencia de Fenicios y Púnicos viene aportando el registro arqueológico del yacimiento de la Punta de Los Gavilanes (Bahía de Mazarrón, Murcia), además de proponer un modelo explicativo de las actividades económico-productivas asociadas a sus ocupaciones protohistóricas y su inserción en el paisaje histórico del territorio de dicha Bahía. El punto de partida son los datos del registro estratigráfico en conjunción con los aportados por la visión macroespacial de la zona.

Abstract

Developments are available about the presence of Phoenician and Punic is providing the archaeological record of Punta de Los Gavilanes site (Bahía de Mazarrón, Murcia, Spain), and propose a model explaining the economic and productive activities associated with their occupations protohistoric and its insertion into the historical landscape of the territory. The starting point is the data of these stratigraphic record in conjunction with those provided by the macro-view of the area.

* Este trabajo se enmarca en el Proyecto 01749/ARQ/05 auspiciado por la Fundación Séneca, dentro del Plan de Ciencia y Tecnología 2003-2006 de la CARM

La Bahía de Mazarrón como espacio histórico-arqueológico del Sureste Protohistórico

Las tres áreas convergentes en el ámbito físico, económico y cultural de la Bahía de Mazarrón -la comarca serrana del litoral meridional, el Valle interior y la llanura litoral aluvional de Las Moreras- muestran, ya avanzado el Bronce Final, indicios puntuales de la existencia de una población indígena asentada preferentemente en las terrazas de las principales ramblas que conectan el interior de las Sierras y el Valle con el mar -Parazuelos, Los Ceperos, Cabezo del Asno-, en elevaciones sobre el llano de inundación de las desembocaduras de algunas de ellas – Caraleño, Percheles- o en promontorios e islotes situados en la misma línea de costa - Punta de Gavilanes e Isla de Adentro-, y ya en el Valle interior de Mazarrón en alturas como el Cerro de Las Víboras, La Fuente Amarga o El Canal. Se trata, pues, de un amplio territorio vertebrado en torno a una compleja red hídrica que conectó fundamentalmente las tierras interiores con el mar, a la par que funcionó como viario intraterritorial que coadyuvó a matizar disimilitudes de raíz productiva que llevadas sensu estricto a ámbitos económicos, sociales e ideológicos parecerían como propias de esferas culturales diferenciadas y, en cierta forma, alejadas; pero la bibliografía arqueológica actual sobre el poblamiento prehistórico de la zona, apunta a que no fue así merced, en parte, al entramado de relaciones que desde dicho viario se entretejió, así como a la particularidad de que los acontecimientos que vive el Mediterráneo Occidental a partir del final del II y los inicios del I milenio a.C. propician la intensificación en la explotación de algunos de los recursos que ofrecía la amplia diversificación de su biogeografía. Tal es el caso del beneficio de minerales existentes en la zona y la idoneidad de la misma para otras explotaciones que en esos momentos configuraban la base de una política económica en la que el comercio sobre bienes de consumo y de prestigio adquirieron una valoración sin precedentes, dentro de los patrones en los que se había venido basando la esfera de intercambios de corte premercantilista que caracteriza a las comunidades prehistóricas avanzadas del Sureste Peninsular (Ros Sala, 2003, 219; íd. Ros Sala, 2005a, 43). Sobre esta nueva esfera socioeconómica y aunque ya formaba parte del paisaje económico y social de las comunidades prehistóricas (Ros Sala, 2005b), el papel que el medio marino jugó en los territorios vertebrados en torno a la Bahía de Mazarrón tomó relevancia en tiempos protohistóricos, tanto en lo que al incremento e incentivación de su explotación como fuente de recursos comportaba, como en lo que supuso para la ampliación de la red de relaciones intra e interterritoriales, siendo esta última circunstancia decisiva en la particular configuración del poblamiento entre los ss. VII y III a.C., asociado a dos etapas, si no consecutivas si cercanas en el tiempo, con desarrollos socioeconómicos próximos aunque relacionadas con esferas político-ideológicas diferentes. Y es en este entorno marítimo donde se inserta el asentamiento de La Punta de Los Gavilanes, próximo al Puerto de Mazarrón y a algo mas de 5 km. del polígono minero de Mazarrón, desde cuya información histórico-arqueológica recuperada hasta el momento partimos para intentar aproximar una perspectiva ocupacional del territorio asociado a esta Bahía en dichas etapas, teniendo en cuenta que la realidad transmitida por su dinámica estratigráfica puede constituirse, a día de hoy y a falta de mas datos contextualizados tanto en la costa como en el litoral y el interior, en espejo de lo que pudo ser la dinámica cultural de todo el territorio.

La definición del entorno inmediato al promontorio de Gavilanes: una aproximación a la diversidad biogeográfica y el potencial productivo del mismo

La Punta de Los Gavilanes se sitúa (Fig.1) en la línea de costa formada sobre una débil restinga de separación con respecto al Mediterráneo, que une diversos eslabones calizos -entre ellos el de Los Gavilanes- y cierra un área interior configurada como bajo sector inundable que se

extiende entre el Cabezo del Puerto y las inmediaciones de la desembocadura de la Rambla de Las Moreras en su margen izquierda; en ella se abrían hasta hace poco diversos canales o golas que ponían en comunicación un área lagunar interior explotada como salinas, al menos desde el s. XV y hasta 1961, y que arqueológicamente se retrotrae al cambio de era cuando las factorías de salazón cobran un importante auge en la zona que continúa hasta el s. IV d.C. Dicho cauce es el eje de comunicación entre la costa y el interior, donde se localizan los importantes recursos mineros del coto de Mazarrón y las tierras potencialmente cultivables del Valle y, mas al interior, la comarca prelitoral del Guadalentín; como caracteriza a las ramblas de tipo mediterráneo, sobresale su feroz dinámica erosiva con arrastre de materiales de variado calibre que a lo largo del tiempo han ido condicionando sus distintas líneas de desagüe, dentro de una morfogénesis en continua evolución. Los estudios geomorfológicos realizados sobre ella (Dabrio y Polo, 1981, p.225), indican que los cambios que llevaron a la configuración actual de su desembocadura afectaron también a la paleolínea de costa, de manera que la restitución paleotopográfica que proponen para el entorno del Puerto de Mazarrón gravita en torno a los efectos que la transgresión Flandriense tiene en las costas mediterráneas a partir de su máximo transgresivo, en torno al 6.200BP; para entonces el paleopaisaje de la zona recrea una línea de costa mas interior que la actual, bordeando las estribaciones de las Lomas de Sánchez, Las Herrerías y el Cabezo Blanco, a la vez que emergerían, frente a dicha costa, una serie de islotes que, tras la bajada del nivel marino asociada a la regresión postflandriense, han ido constituyéndose en los promontorios costeros actuales. Los aportes sedimentarios de la rambla provocaron la formación de una zona lagunar interior poco profunda, de carácter marino y aportaciones continentales, cuya línea de costa integró progresivamente esos islotes rocosos; posteriormente, la dinámica marina transversal dominante redistribuyó los materiales arrastrados por la rambla a la desembocadura, formando las actuales playas delimitadas por las puntas mencionadas y aledañas a las golas que permitirían la renovación del medio y la navegación por la laguna de barcos de poco calado.

En este ambiente, la Punta de Los Gavilanes se significa como un anclaje temporal sobre la configuración definitiva de la costa y, con ello, el decidido y primer aprovechamiento de los recursos marinos –el C. del Plomo quedaba, en las fechas propuestas para su desarrollo, algo alejada de la línea de costa -, a la vez que un posible apoyo a la navegación local necesaria en un ambiente todavía estuarino. Con el tiempo, la evolución de las márgenes de la laguna y de los caños que lo conectaban con mar abierto marcarían la dinámica del uso antrópico de la laguna, de manera que en una aproximación al paisaje ya del I milenio a.C., la ocupación de la Loma de Sánchez y de otras mas orientales ubicadas en la orilla norte de la misma, se debió producir cuando se delimita con mayor precisión el lagoon interior configurado en el área deprimida y al que desaguaba intermitentemente la rambla de Las Moreras mediante un paleocauce diferenciado a la altura de la actual Charca. De acuerdo con estos datos, la restitución de la paleotopografía del entorno de la Punta de Gavilanes una vez habitada, permite aproximar un marco físico marcado por un medio de albufera residual que configuraría en el área mas subsumida una laguna estrechamente ligada a una mas extensa desembocadura que la actual, lo que, en principio, facilitaría la comunicación entre los asentamientos de la costa, el litoral y el coto minero interior de Mazarrón (Fig.1).

Esta recreación del paisaje inmediato a Gavilanes, se corrobora en el patrón vegetativo que dibujan sus restos bióticos en las distintas ocupaciones, indicando, para los dos primeros horizontes de ocupación, una mayor presencia de bosque con especies arbóreas mediterráneas y fauna asociada, en connivencia con espacios inundados y áreas secas aluvionales que pudieron ser utilizadas como espacio agrario en el que se cultivaron cereales como los trigos y cebadas aparecidos junto a malas hierbas asociadas a campos de cultivo, si bien la mayor parte debieron ser obtenidos mediante intercambio con otros poblados del Valle interior de Mazarrón, en los que este tipo de producción parece que fue mas significativa que en Los Gavilanes de la Edad del Bronce.

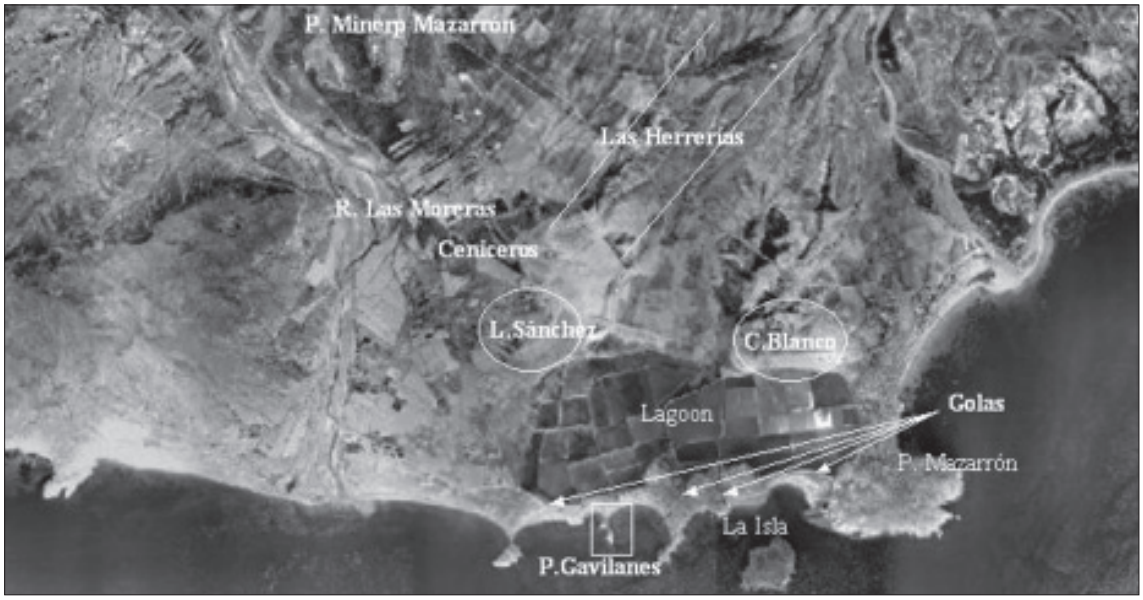


Fig. 1. Situación de la Punta de Los Gavilanes en relación a la laguna residual convertida en salinas, las Lomas de Sánchez y Herrerías, el área de Los Ceniceros y las minas de Mazarrón. Ortofoto vuelo 1956

Y es que, por el momento todo indica que el asentamiento estaba abocado al aprovechamiento de los recursos de mar abierto, pero también tuvo a su alcance la posibilidad de explotar una mayor variabilidad de recursos asociados tanto a los de la propia laguna como a los de un entorno de saladares en el que la explotación pecuaria parece tener un papel importante, sobre todo en el caso de la ganaderia de ovicaprinos y, en menor medida, suidos y bóvidos, que encontrarían una excelente base alimentaria en la vegetación de las áreas salobres; precisamente la explotación de la sal debió ser un importante incentivo de las factorías de salazón altoimperiales que se ubican en distintos enclaves de la barra litoral que ceñía el gran humedal, de la misma forma que ocurriría a partir del s. XV según la constancia documental existente al respecto; además, la presencia en Gavilanes II de tipos anfóricos de los ss. V-III a.C., considerados como envases de salazón, podría ser indicio de la explotación de este producto en la zona aunque también pueden ser solo residuos foráneos de una vía comercial con otras zonas salineras coetáneas próximas.

Síntesis de la dinámica estratigráfica constatada hasta el momento en el asentamiento

El promontorio de Gavilanes se ocupa por primera vez, con los condicionantes medioambientales vistos, en los inicios del II milenio a.C. en fechas calibradas, por gentes culturalmente adscribibles al Bronce Argárico del Sureste. Pese a la dificultad que ofrece la dinámica deposicional de un yacimiento de estas características –de muy reducida superficie con reocupaciones prácticamente continuas a lo largo de dos milenios reflejadas en remodelaciones espaciales y refacción de estructuras- sabemos que este Horizonte Prehistórico/Gavilanes IV conllevó diferentes reactivaciones del asentamiento asociadas a distintos momentos del II milenio a.C.,con una ocupación final ligada culturalmente a un Bronce Tardío o Final y muy arrasada por deposiciones posteriores, cuyos materiales aparecen desplazados entre el talud pétreo que configura la terraza superior conforme se van sucediendo las reocupaciones de la zona alta del islote. Los niveles posteriores, periodizados como Gavilanes III y II, pertenecen al Horizonte Protohistórico relacionándose el primero con la presencia de fenicios en las costas del

Sureste en los ss. VII-VI a.C., mientras que la segunda, ubicada cronológicamente en el ámbito prebárquida de los ss. IV-III a.C., parece ligada a la presencia comercial y poblacional púnica en el ámbito económico y político prebárquida y bárquida del mediodía peninsular.

Datos actuales acerca de la presencia fenicia en el promontorio de Gavilanes: el Horizonte Protohistórico de Gavilanes III en la Bahía de Mazarrón

Los datos del final de la Edad del Bronce y los inicios del Hierro son, a día de hoy, muy escasos y referidos a algunos restos constructivos y materiales conservados en la terraza superior del asentamiento, donde la remodelación que imponen las edificaciones industriales del s. IV-III a.C. tienen una importante incidencia sobre las construcciones inmediatas previas que, a su vez, destruyen otras mas antiguas pertenecientes a la ocupación del promontorio en esa etapa avanzada del Bronce, sin que por el momento podamos precisar mucho mas sobre la misma ante la parquedad de los datos y la desubicación estratigráfica de los materiales respecto de su deposición originaria. No obstante y en relación a los indicios de esta última, contamos en dicha terraza con elementos de la trama constructiva que mimetizan otros anteriores, junto con materiales adscribibles a un modelo normativo avanzado dentro de la Edad del Bronce del Sureste aparecidos entre las piedras del talud que sirve de plataforma a la terraza superior tal y como está configurada en tiempos protohistóricos, indicando así que dichas estructuras fueron en parte desmanteladas y arrasadas para el levantamiento de edificaciones en momentos posteriores que supusieron la ampliación de la terraza hacia el norte del asentamiento. Esta coincidencia estructural respecto de las edificaciones anteriores inmediatas, de los restos constructivos de una fase posterior protohistórica y de filiación cultural fenicia – tramos de zócalos pétreos conservados, agujeros de poste y zapatas en piedra y arcilla, basureros - apuntan a la continuidad del patrón edilicio en lo que a similitud de plantas y tamaños respecta; solo ciertas variaciones en la organización espacial del hábitat y la mayor presencia del adobe como material constructivo básico, diferencia el nuevo momento constructivo. Dicho patrón aproxima viviendas de planta rectangular, levantadas mediante la refacción de zócalos anteriores ahora continuados con adobe a los que se asocia la reubicación de los elementos de sustentación de las techumbres, especialmente en el caso de los postes del eje central, en una readaptación a la consecuente ampliación de la superficie de la terraza.

Antes de la realización de la última campaña de trabajos sabíamos que el arrasamiento de la zona mas alta de la terraza superior solo había preservado la huella de alguna de las estructuras negativas de estas edificaciones, conservadas sobre la amortización de las estructuras últimas del Horizonte Prehistórico y materializadas en una zapata de un muro posteriormente desaparecido, restos de una fosa-vertedero y los de una construcción cuadrangular preservada en el área suroeste y que también reutiliza en parte estructuras previas. El contexto material de estas unidades está en consonancia crono-cultural con otros aparecidos sobre los niveles de amortización de la ruina de un edificio industrial levantado en la terraza media y que, junto a otras dependencias posteriores en la terraza superior, configura la Fase de Gavilanes II a la que mas adelante aludiremos, reflejando un momento de habitabilidad del promontorio dentro del s. VII a.C. cuyos restos arrasados se vierten a la terraza media que eleva e iguala así su altura respecto de la superior. Estos contextos apuntaban a una funcionalidad sobre todo comercial del asentamiento en ese momento, apoyada en la continuidad que para el s. VI a.C. se entreveía en algunos materiales griegos aparecidos, junto con otros de barniz rojo y pintados o ánforas originarias fundamentalmente del Círculo del Estrecho, en la amortización del edificio industrial/ Gavilanes II de los ss. IV-III a.C. Destacan entre ellos una botella del tipo "oil bottle" que aunque

de origen fenicio oriental y chipriota, donde están presentes en contextos del VIII-VII a.C., parecen generalizarse en el Mediterráneo Central y Occidental a lo largo del s. VII a.C. citando a modo solo de ejemplos significativos los dos ejemplares hallados en Cartago, en la excavación Hamburgo bajo el Decumanus Maximus, en contexto cerrado fechado ca. 675 a.C. perteneciente al estrato IIIB-Casa C/D Fase III (Niemeyer y Dochter, 1998, p. 56,75,fig. 18) o en Ibn Chaabat (Vegas, 1998, p.145, fig.5), o los ejemplares mas cercanos de Fonteta III fechada en el intervalo central del s. VII a.C.(González Prats, 1998, p.203, fig.7) o de Sa Caleta (Ibiza) con cronología similar (Ramón Torres, 1999,p.165, fig. 6), además de varios ejemplares de ánforas T.10.1.1.1 y T.10.1.2.1, cuencos de barniz rojo, fragmentos de lucernas y de jarros de tipo Cruz del Negro.

En este contexto de los ss. VII-VI a.C., resulta ilustrativo a nivel territorial la localización de hallazgos de filiación fenicia en el entorno litoral de la Bahía de Mazarrón (Fig. 2), cuya ubicación eminentemente costera coincide curiosamente con puntos que en fases posteriores se relacionan con la explotación de minerales argentíferos procedentes del área mas occidental del polígono minero de Mazarrón. Las últimas prospecciones (Correa, 1997, p.715) avanzan la presencia de materiales del VII- VI a. C., la mayor parte de ellos de filiación fenicia occidental de posibles talleres malacitanos y gaditanos, localizados entre Playa de La Isla/isla de Adentro y Puntas de Calnegre, apuntando a una amplia red de establecimientos o puntos de atraque que en algunos casos -Caraleño, Alto de Cañadas de Gallego, La Grúa o Cueva Lobos- podrían estar relacionados con la consecución de plata/plomo procedente de las explotaciones mineras existentes en el sector mas occidental del Valle de Mazarrón, concretamente de Coto Fortuna y Pedreras Viejas, aunque también es cierto que estos establecimientos, dedicados a la explotación de otros recursos, simplemente pudieron anteceder a los metalúrgicos posteriores. Pero lo que si parece una realidad indiscutible es el papel creciente que el dominio marino va tomando en el paisaje económico y social de las comunidades de esta Bahía, configurándose como una importante herramienta en la transferencia económica y social de la explotación de los minerales argentíferos en el Sureste -en un momento en el que sabemos que precisamente se está incentivando la explotación de estos en el Suroeste y, como veremos, también en el Sureste-, destinada a la obtención de plata y probablemente también al beneficio del plomo excedentario, de manera que a fines del s.VII o inicios del VI a.C. podemos estar ante la introducción de la metalurgia del plomo en el paisaje productivo del Sureste asociado a la metalurgia de la plata; y es que detrás de la utilización del plomo metálico como elemento necesario de la explotación de la plata a mayor escala, sin lugar a dudas está el inicio de una explotación y beneficio específico del plomo en ambientes indígenas del litoral Mediterráneo peninsular, por lo que cabe plantear que quizás estemos ante el momento en el que la metalurgia de la plata y el plomo residual beneficiado inician una comercialización diferencial que implica, a su vez, la introducción de un nuevo factor en la trama productiva minerometalúrgica que pudo modificar el patrón o los patrones de la cadena operativa asociada al tratamiento de las galenas argentíferas entonces en explotación.

En este sentido es significativo el cargamento del barco fenicio Mazarrón-2, hallado en la cercana playa de La Isla (Figs 1 y 2) y fechado a fines del s.VII o inicios del s. VI a.C.; de cronología también próxima a la primera presencia de plata en La Fonteta, estaba formado por mas de 400 panes de plomo metálico o litargirio (Negueruela et alii, 2000, 1677) cuyo origen, a falta de datos isotópicos conocidos, podría ser el área minera próxima de Mazarrón cuyas menas argentíferas, ricas en plomo, producían plata y plomo metálico en la factoría metalúrgica próxima de Punta de Los Gavilanes; en efecto, antes del inicio de la última campaña de excavaciones en este enclave, creíamos que dicha actividad sólo se hacía dos siglos después, pero los resultados de la misma permiten adelantar que, no solo durante la fecha atribuida al pecio sino ya antes, se está copelando plata en este asentamiento. No obstante es esta una información, presentada como primicia, que necesita un análisis mas detenido de los distintos contextos detectados

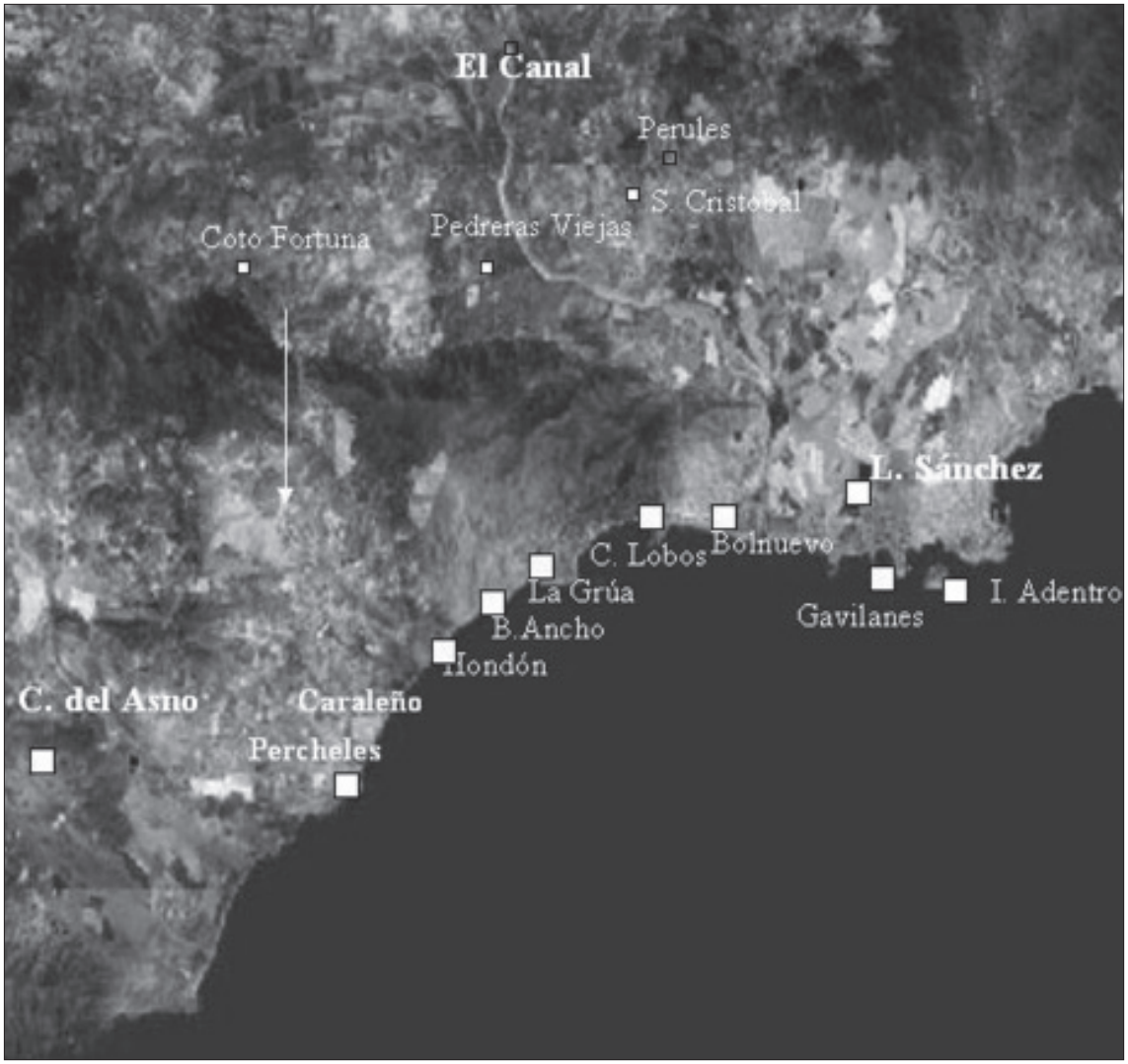


Fig. 2. Localización de establecimientos con material fenicio y púnico en la costa de la Bahía de Mazarrón, según Correa

recientemente, en los que aparecen restos de hornos y copelas; pero de corroborarse, ampliará la visión funcional productiva del Sureste Ibérico en el s. VII a.C. y el alcance de la interacción económica, social y política en la zona. Y es que la posibilidad acabada de apuntar y que para los ss. IV-III a.C. se vislumbra de forma mas clara en la definición propuesta para el paisaje productivo del área de la paleodesembocadura de la rambla de Las Moreras, según la interpretación que hacemos de la "fundición" de plata instalada sobre la Punta de Los Gavilanes en la fase II (Ros Sala et alii, 2003, 315; Ros Sala, 2005b, p. 53-55), se complementa con datos como la presencia de litargirio con un importante porcentaje de plata en el poblado ibérico de El Oral (Guardamar, Alicante) en contexto del s. VI a.C. y, ya algo después, en La Escuera (Abad Casal y Sala Sellés, 1993, p.200). Además, el plomo resultante como subproducto de la copelación comenzará a tener también aplicaciones funcionales al menos desde fines del s. VI e inicios del V a.C., estando presente en la cultura material doméstica y artesanal de poblados de ese período; es el caso de los pequeños objetos de plomo encontrados en viviendas de El Oral (Abad Casal y Sala Sellés, 1993, 201), o los plomos del s. IV a.C. hallados en Coimbra del Barranco Ancho, El Cigarralejo, Campello y Alcoi (Muñoz Amilibia, 1990, p. 89), de gran valor socioeconómico al estar inscritos en

caracteres griegos orientales y que son una muestra de la plena inserción de estos poblados en los circuitos de comercialización griegos de la Iberia mediterránea a la vez que un indicio mas del uso de este metal en la vida cotidiana de las comunidades ibéricas del SE. Ibérico, en razón tanto de sus propiedades como metal blando y dúctil, como de las posibilidades de aprovechamiento del plomo metálico excedente de la obtención de plata mediante copelación, posibilidad ya sugerida por Rovira (2000, p.217) refiriéndose expresamente a la posibilidad de su circulación hacia el núcleo productor de plata del Suroeste para su aprovechamiento.

Ciertamente, los datos que el registro arqueológico de la zona ofrece a este respecto son todavía escasos y en algunos casos necesitados de confirmación contextualizada, que aproxime posibles funcionalidades diversificadas que podría venir de la obtención de registros arqueológicos en los puntos documentados -Caraleño, La Grua, Covaticas o Alto de Percheles-, pero ya es significativo que los indicios sobre las formas de gestión del territorio reproduzcan en tiempo pasado formas sociales abiertas e integradoras entre los distintos territorios, basadas, como en fases prehistóricas, en una intervención equilibrada y ampliamente diversificada del medio en la que la actividad minera, si bien no parece representar un determinismo económico que generara formas de dependencia política entre unos y otros asentamientos, si es cierto que comienza a vertebrar el territorio bajo parámetros diferenciales en los que las labores mineras extractivas y transformativas cobran un papel cada vez mas notorio; papel que pudo suponer ya una interacción mas incidente de estas comunidades con su entorno, sustentada no solo en las labores propiamente mineras, sino también en la necesaria intensificación de la gestión agroganadera en unos territorios que iban soportando una presión demográfica cada vez mayor. Si se continúa corroborando la presencia de fenicios occidentales en la Bahía entre inicios del s. VII y el s. VI a.C y su conexión con la explotación de la plata entre otros factores económicos, sin duda estaríamos ante una intervención fenicios occidentales-indígenas que debió generar modificaciones en las estructuras sociales y económicas de estos últimos, pues para que esa continuidad se diera serían necesarias garantías sobre el abastecimiento de los recursos demandados lo que redundaría en el reforzamiento de los mecanismos de producción y, en sentido jerárquico, de las estructuras de poder garantes del mismo. En cualquier caso, el papel de las comunidades indígenas en esta faceta económica y en el campo de la interacción con Fenicios Occidentales y posteriormente púnicos, es hoy por hoy desconocido ante la ausencia de un registro fiable sobre establecimientos estables en la línea litoral interior de Mazarrón, como en cambio poco a poco vamos conociendo respecto del área afecta a Villaricos.

Sabemos que la metalurgia de la plata obtenida por copelación desde minerales procedentes de menas plomíferas comienza a evidenciarse en el mediodía occidental peninsular hacia mediados del VIII a.C. según los datos de Doña Blanca, aunque su generalización corresponde al s. VII a.C.(Ruiz Mata, 1993, p.182). En el SE. tenemos constancia del trabajo de la plata desde inicios del s.VI a.C. en la colonia fenicia de La Fonteta (González Prats, 1998, p. 203; íd. 1999, p.28); en el entorno de Herrerías las excavaciones en Cerro Virtud y Cabecico de Parra indican la presencia de labores transformativas muy tempranas que, extrapolando las observaciones de Siret en torno al hallazgo de materiales griegos en los escoriales antiguos de Herrerías y las escorias que encuentra durante sus excavaciones en distintas casas de la cercana Baria, perduran en los ss. V-IV a.C. (López Castro, 1994, p.81). Todo ello incide en la consideración del SE de Iberia como foco productor de plata en época Protohistórica y Prebárquida, donde surge la pregunta de si ya entonces determinados cotos ricos en minerales de plomo, uno de los cuales bien pudo ser el de Mazarrón, suministraban litargirio a otros centros productores de plata cuyas mineralizaciones fueran menos ricas en plomo, como ocurre con las almerienses, o con las onubenses y por tanto su comercialización hacia otros centros solo transformativos o bien productores/fundidores relativamente próximos, resultara rentable y factible al efectuar su traslado y distribución por vía marítima dada la dificultad

que conllevaría el trasiego de cargamentos de tal envergadura (Ros Sala, 2005b, p. 50). En este sentido, si los panes que configuran el cargamento del barco de Mazarrón son litargirios, como parecen confirmar los análisis realizados con un 90% de plomo (Negueruela et alii, 2000, p. 1672), no parece congruente hacerlos llegar de otro coto para ser utilizados en Mazarrón ya que en éste la riqueza en plomo de sus mineralizaciones no precisarían de la adición de plomo foráneo para sus copelaciones, dado que ya se tenía en abundancia por la composición de sus menas, circunstancia que en cambio sí parece que se requería con las mineralizaciones argentíferas de otros cotos mediterráneos y atlánticos; además, en aras de esta mayor rentabilidad en la explotación de recursos propios y ajenos, cabe asimismo preguntarse si estos plomos no surtirían otros puntos próximos del propio SE donde se sabe del uso de la copelación como técnica de tratamiento de la plata como es el caso de La Fonteta (Ros Sala, 2005b, p.50). Es mas, en este mismo contexto de comercialización de metal no acabado de transformar y subproductos metalúrgicos por vía marítima en el Sureste cobran sentido los lingotes de plomo hallados en el pecio del Bajo de la Campana, en Cabo de Palos (Guerrero Ayuso y Roldan Bernal, 1992, p.134), que parecen pertenecer al cargamento mas antiguo del pecio coincidente cronológica y culturalmente con las fechas y agentes que estamos manejando, o los mas tardíos aunque también problemáticos del cercano pecio de Cala Reona (Domergue, 1990, p.167). En este sentido encuentra explicación el hallazgo de 1.000 kg de plomo metálico almacenado en una habitación del barrio fenicio del Castillo de Doña Blanca, próximo al círculo minero onubense de jarositas argentíferas menos ricas en plomo, que en opinión de Ruíz Mata se emplearía en la copelación de plata o para ser comercializado en los poblados metalúrgicos del entorno (Ruíz Mata, 1993, 182); los análisis de componentes isotópicos realizados sobre estos litargirios gaditanos parecen ser consistentes con los de las mineralizaciones de Río Tinto y Aznalcóllar, pero no parece ocurrir igual con las composiciones de escorias de otros lugares del mismo círculo del suroeste que parecen indicar la presencia de plomo foráneo (Hunt Ortiz, 1998, p. 272-275).

No obstante, para poder hacer propuestas mas firmes al respecto, habrá que esperar a conocer los componentes isotópicos de los plomos del barco Mazarrón-2 y de otros plomos y escorias aparecidos en el Sureste, de manera que podamos inducir uso en destino y origen como materia prima en proceso de transformación (Ros Sala, 2005b, p. 51) . Este dato permitirá sin lugar a dudas valorar el alcance real que el medio marino y la minería extractiva y transformativa tuvieron en la caracterización del paisaje protohistórico de la Bahía de Mazarrón, porque la percepción que nos traslada el registro arqueológico y el entorno de Gavilanes-III es el de los prolegómenos y quizás la reproducción del patrón operativo que posteriormente aparece asociado al asentamiento de metalúrgicos fundidores de Gavilanes II en los ss. IV-III a.C.; para entonces el determinismo minero metalúrgico es ya claramente perceptible al menos en el territorio vertebrado en torno a la paleodesembocadura de Las Moreras-Valle de Mazarrón, si bien se confirma el aprovechamiento de los recursos marinos y lagunares, la sierra y la habilitación de nuevos espacios agrarios. En este sentido, el hallazgo último en niveles de Gavilanes III de restos de copelas y escorias, acumulaciones malacológicas, objetos de comercio secundario y suntuario, entre otros restos transmisores del entramado productivo de la zona, ampliara sin duda la percepción que ahora tenemos de esta fase en la zona. Sabemos no obstante, por los contextos originados en el arrasamiento de los restos de la Fase III, que esta debió tener un último horizonte entre la 2ª mitad del s. VI y buena parte del s. V a.C. donde son característicos individuos anfóricos originarios del Círculo del Estrecho, como las T.10.2.2.1 junto con distintos tipos del grupo T.11.2 sobre todo las T.11.2.1.3 y algunas T.11.1.1.

La presencia de púnicos en la Bahía de Mazarrón: el Horizonte Prebárquida-Bárquida de Gavilanes II

La restitución estratigráfica estructural de la edificación industrial de Gavilanes II ha deparado tres fases constructivas que responden a remodelaciones continuadas de la misma (Ros Sala et alii, 2003, p. 315). Los restos del primer horizonte de ocupación son los que arrasa, a mediados o ya en la segunda mitad del s. IV a.C., la construcción de un edificio que, aprovechando parte de las estructuras inmediatamente anteriores también relacionadas con la obtención de plata, albergaría nuevas instalaciones metalúrgicas destinadas a beneficiar este metal desde panes de óxido metálico que llegan al lugar ya procesados tras una primera fundición que, según los restos hasta ahora conocidos, no se efectuaba en el promontorio; el edificio perdura en sus elementos maestros aunque con distintas reestructuraciones hasta el último cuarto del s. III a.C. en que los acontecimientos relacionados con la toma de Kart-Hadast debieron precipitar el abandono temporal de este tipo de enclaves metalúrgicos en la costa mazarronera y la adopción de nuevas medidas administrativas respecto de la explotación del ager de Cartago-Nova, circunstancia esta que se refleja en una nueva y última ocupación del promontorio, en el s. I a.C., de la que se han conservado algunos restos muy deteriorados al quedar prácticamente en superficie. El panorama constructivo conocido está regido por el funcionamiento simultáneo de cuatro hornos, desde al menos la primera mitad del s. IV a.C. en función de los fragmentos de ánforas siciliotas tipo T.4.2.2.6. de Ramón y su relación con los fragmentos áticos hallados sobre el pavimento de la dependencia que alberga el horno 4; hacia fines de este siglo o inicios del s.III a.C. sufre una importante remodelación, configurándose un nuevo y último horizonte de uso de la factoría que implica la amortización del horno 4 es decir, el de construcción mas antigua respecto del conjunto de hornos hallados, junto con dos dependencias anexas concebidas dentro de una urbanística diferente y que configuran la única parte conservada del horizonte inicial tras la remodelación en la segunda mitad del s. IV del grueso de la fundición. Las tres dependencias son amortizadas por la construcción sobre ellas de una nueva gran estancia, sobreelevada sobre el resto de las tres unidades preexistentes de la factoría, a la vez que se repavimentan las dependencias mas orientales del edificio y se construye en la parte mas alta y meridional del promontorio otro horno que probablemente sustituye al amortizado en su función de horno refundidor de las placas de litargirio flotantes retiradas de cada uno de los hornos de copelación durante el proceso separador.

Las readaptaciones arquitectónicas que esta ampliación supone establecen una clara relación estratigráfica de continuidad entre los tres períodos de funcionamiento de la factoría, circunstancia importante en la valoración cronológica y socioeconómica de esta actividad productiva dentro, no solo del ámbito local y mas general del SE y del mediodía de la Península en época prebárquida, sino también en la situación de dicha actividad y su derivación comercial en la esfera global del Mediterráneo Occidental y de ésta con el Egeo, en un momento, el de fines del s. V e inicios del IV a.C., en que tras un período de estrechamiento de las relaciones del sur de Iberia con Atenas sobre la base de la comercialización de la plata y la salazón de aquélla, se vive una retracción de la producción de la primera en los centros mineros de Huelva que pudo suponer el definitivo relanzamiento de los del Sureste entre los que las fundiciones de Mazarrón debieron jugar un papel decisivo (Ros Sala, 1995b, 55). El final de la fundición, por abandono, se produce a fines del s.III a.C, atestiguándose un contexto material caracterizado por campanas A antiguas del III a.C. junto con ánforas originarias de centros feniciopúnicos del mediodía peninsular, presentes también en el horno III de Kouass como las T.4.2.2.5 (momento álgido 225-175 a.C), junto con las T.12.1.1.1 con origen en la misma área y cronología próxima, en un contexto muy similar al de destrucción de los niveles bárquidas en diversos puntos urbanos de la cercana Carthago Nova, previos a los momentos de su toma por Escipión (Martín Camino y Roldan Bernal, 1995, 86, lám. VII,1-8).

El patrón constructivo visto, la conformación y ubicación específica de los hornos, las analíticas practicadas a los restos de copelas amontonadas junto a los hornos y la ausencia de minerales de partida, indican que el proceso metalúrgico efectuado en estas instalaciones fue la copelación continua de plomo argentífero, ya oxidado en una fundición previa realizada en otro lugar, con la finalidad de conseguir una plata refinada que debió ser rentable en función de su escaso contenido en las copelas halladas, cuyas analíticas muestran solo trazas de este metal (Ros Sala et alii, 2003, p.322). La propuesta de restitución del funcionamiento de los hornos, cuyo fundamento metalúrgico reside en la obtención de mas cantidad de plata por tonelada de plomo mediante el enriquecimiento del plomo metálico por su aporte continuo, viene asimismo apoyada por la información que sobre el conocimiento de la copelación nos trasmite Plinio (Naturalis Historiae XXXIII, 95-108, XXXIV, 156-174) y, sobre todo, por los datos que sobre este proceso de obtención de la plata han proporcionado las minas atenienses de Laurion y Thoricos, cuya producción alcanza su punto álgido en los ss. IV-III a.C. (Conophagos, 1980, p.305). Precisamente la inserción de este específico proceso que muestra Gavilanes-II en su particular entorno, permite avanzar en el modelo de vertebración del territorio socioeconómico de la zona. Sabemos que la serie de colinas bajas conocidas como Lomas de Sánchez y de Las Herrerías jalonaban el borde septentrional de la laguna y que estuvieron habitadas desde época protohistórica hasta el cambio de Era, ligadas a la industria minera transformativa; el paraje, toponímicamente conocido como Los Ceniceros o Susaña, esta formado por tierras bajas de aspecto ceniciento debido a la remoción de los escoriales subyacentes que desde el s. XVI han sido beneficiados metalúrgicamente (Monasterio y Correa, 1845, p. 313); en él son innumerables los hallazgos de escorias y restos de pequeños establecimientos republicanos, que junto con los restos de hornos de fundición de plata mas tardíos y otros hallazgos, de los que destaca un lote monetal de 60 teserae de plomo, hacen pensar en la existencia de un importante núcleo metalúrgico asociado a un no menos interesante asentamiento humano – probablemente la Loma de Sánchez - relacionado con las sucesivas fases de poblamiento que hasta hoy se vienen conociendo en el entorno mas o menos inmediato a Mazarrón (Fig.1).

En este mismo sentido es interesante la identificación de la ceca de Gádor que García-Bellido (2001, p. 339) hace de la leyenda en alfabeto ibérico levantino que aparece en el reverso de uno de los plomos monetiformes hallados en este paraje (Guillén Riquelme, 1991, p.13), ya que sugiere que ese importante centro minero, extractor de galena en época republicana y bajo imperial, del entorno de la sierra minera almeriense de Herrerías, podría haber estado fundiendo su mineral en Mazarrón ya hacia fines del s. II a.C., quizás por que aquí la riqueza en plomo del mineral de partida era mayor que en aquéllas; esta circunstancia implicaría que ya entonces el coto extractivo y transformativo de Mazarrón pudiera especializarse, junto con Carthago Nova, en la fundición y metalurgia de estos minerales dentro del ámbito del SE (Ros Sala 2005b, p.56). En esta hipótesis también incide el dato que Monasterio y Correa (1845, p.313) transmite cuando afirma que los antiguos fundían en la Sierra de Cartagena con galenas ricas de otros lugares, explicándose así que no se encontraran restos de fundición en las explotaciones de la Sierra de Gador y pensando por ello que el mineral de plomo y plata ya concentrado llegaría en barcazas de cabotaje a Cartagena y Mazarrón. Estos datos y los arqueometalúrgicos obtenidos en el proceso de excavación, indican que Gavilanes se eligió y ocupó deliberadamente como eslabón final de una cadena operativa metalúrgica, dependiente de un núcleo poblacional importante situado mas al interior, a mitad de camino entre los puntos de extracción y los de salida por vía marítima de la plata. Esa cadena uniría, tras las operaciones de estrío, triturado, lavado y clasificación, el coto minero de Mazarrón con el punto intermedio principal -el área de la Loma de Sánchez-Susaña- donde se concentrarían las labores de tostación y fusión del mineral que, tras su traslado en barcazas de poco calado por la zona lagunar, se terminaría de transformar mediante copelación en los promontorios

costeros aledaños, uno de los cuales parece que fue la Punta de Los Gavilanes. Estamos pues ante un complejo patrón de asentamiento que en los ss. IV y III a.C. debió exigir una necesaria organización productiva inserta en una entidad administrativa cuya capacidad de gestión y control de la propia producción y de los medios sobrepasa la acción individual y/o societaria a la que las distintas fuentes aluden a partir de época republicana bajo administración romana, sin que ello implique que dichas formas de intervención no existieran, sino que muy al contrario pudieron perfectamente convivir como ocurre luego en fases republicana e imperial.

Es mas, los materiales contextualizados, en conjunción con el paisaje económico y social que acabamos de recrear, permiten hacer propuestas acerca del marco político en el que estas explotaciones pudieron verse incentivadas en función de la geopolítica mas amplia del Mediterráneo Occidental de los ss. V al III a.C; y en este sentido hay que decir, en primer lugar, que la procedencia de buena parte de los materiales indican que estamos ante una presencia cartaginesa prebárquida cada vez mas clara en la zona central del Sureste y entorno a la ciudad que a partir de un momento determinado se institucionaliza como capitalidad cartaginesa en Iberia. En segundo lugar, que los cambios detectados en el sistema productivo a partir de inicios del IV a.C., cuando se inicia la actividad fundidora de Gavilanes II, podrían relacionarse con la presencia de libiofenices a los que las fuentes hacen referencia y que López Castro asocia a una colonización cartaginesa de carácter agrícola que, con un carácter mas general, vendría refrendada por la política colonizadora estatal de Cartago (López Castro, 1995, p.78). Esta situación, ya indicada en su momento por Wittaker (1978, p.59-90), posteriormente reforzada por Barceló (1985,p.271) y que está siendo retomada por distintos investigadores para explicar la duplicidad de colonización fenicia y cartaginesa en el mediodía de Iberia, el Norte de Africa mediterránea y atlántica e Ibiza, tiene connotaciones no solo de ámbito cronológico diferenciador sino también social como ha argumentado Costa Fernández (1994, p.92-93). Si seguimos el modelo propuesto por Wittaker para explicar el imperialismo cartaginés de los ss. V a III, estaríamos ante una progresiva dependencia política y económica de estos territorios respecto de la metrópoli o de sus capas oligárquicas, en la que, como apunta López Castro (1994, p.78) las relaciones han de entenderse en términos de un sistema de alianzas y tratados recíprocos mas que en un dominio y explotación organizada.

Si en el futuro esto se llegara a confirmar expresamente para el Sureste y en otros ámbitos sociales y económicos del registro arqueológico, además del minero-metalúrgico al que aquí estamos haciendo referencia, estaríamos, en la fase mas antigua de la factoría, ante formas de gestión todavía alejadas, aunque no totalmente, de lo que conocemos para la etapa republicana una vez conquistada Kart-Hadast y la conversión de los territorios de Nova Cartago en ager publicus, dada la ausencia de indicios sobre sistemas de explotación tributarios y/o territoriales ligados a una administración provincial, aunque sin olvidar la posible relación de tales ciudadanos con las estructuras al menos económicas y comerciales de las comunidades locales y su incidencia en la jerarquización del paisaje social. Como propone Costa Fernández (1994, p.93) lo mas cercano en sentido comparativo lo tendríamos en la política seguida por la propia Cartago en Sicilia antes y después del tratado romano cartaginés del 348 a.C., donde alianzas políticas desiguales facilitaron la continuación de las actividades económicas coloniales, mientras que las remodelaciones que se producen ya en la segunda mitad del s. IV a.C. parece que podrían estar manifestando un mayor control económico y social ligado a una mayor intervención sobre el territorio que en cierta forma podría venir avalado por las directrices del 3° Tratado Romano Cartaginés en el que Cartago se asegura el comercio en el Mediterráneo Occidental. Así pues, en este marco de relaciones políticas, económicas y sociales que marcan las distintas ententes vividas por el Mediterráneo Occidental entre los ss. V- III a.C. parece que Mazarrón fue un punto no solo frecuentado y tenido en cuenta, sino vertebrador necesario de la compleja red de relaciones intraterritoriales

peninsulares e insulares que marcaron la época prebárquida a la par que lo serían Los Nietos o Villaricos y probablemente Cartagena, por citar establecimientos cercanos. Y en este sentido son significativos los varios centenares de monedas hispano cartaginesas que configuran el tesoro del Saladillo así como las monedas de igual filiación de Coto Fortuna, o el establecimiento de La Pinilla con niveles del III y II a.C., y los que se detectan en los niveles bajos de los establecimientos costeros de Rihuete y Alamillo, lo que incide en que ya al menos desde la segunda mitad del s. III a.C. probablemente Mazarrón formara parte del territorio administrado y vertebrado por Karthadast tras cuya conquista se convierte en ager publicus pasando a ser su territorio y recursos propiedad del Pueblo y Senado de Roma.

Bibliografía

Abad Casal, L. (1993) - Reflexiones sobre la metalurgia protohistórica: el poblado ibérico de El Oral (San Fulgencio, Alicante). In Muñoz Amilibia, A.M. *et alii* (eds.) *Metalurgia en la Península Ibérica durante el I milenio a.C.: Estado actual de la investigación.* Murcia: Universidad de Murcia. pp.189-203.

Barceló, P. A (1985) – Ebussus ¿Colonia fenicia o cartaginesa? *Gerión*. 3. Universidad Complutense. pp. 271-282.

Conophagos, C.E. (1980) – *Le Laurium Antique et la technique grecque de la production de l`argent*. Atenas.

Correa, C. (1997) – Prospecciones en las Ramblas de Las Moreras y Los Lorentes (Mazarrón). *Memorias de Arqueología*. 12. Comunidad Autónoma de Murcia. p.715.

Costa Fernández, B. (1994) – Ebessos, colonia de los cartagineses. Algunas consideraciones sobre la formación de la sociedad púnica-ebusitana. In *VIII Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica de Ibiza*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 33. pp.75-144.

Dabrio, C.J. y Polo, M.D. (1981) - Dinámica litoral y evolución costera del Puerto de Mazarrón (Murcia). *Bol. R. Soc. Esp. Hist. Nat. (Geol.)*. 79. pp. 225-234.

Domergue, C. (1990) – *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l`Antiquité Romaine*. Collection de l`École Française de Rome. 127.

García-Bellido, M. P. (2001) – Plomos monetiformes con el topónimo ibérico de Gador. *Paleohispánica*. 1. pp. 335-340.

González Prats, A. (1998) - La Fonteta. El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Segura (Guardamar, Alicante, España): Resultados de las excavaciones de 1996-97. *Rivista di Studi Fenici*. XXVI: 2. pp. 191-298.

Guerrero Ayuso, V. M. y Roldan Bernal, B. (1992) - *Catálogo de las ánforas prerromanas*. Cartagena: Museo Nacional de Arqueología.

Guillén Riquelme, M. (1999) – *Un modelo de acuñación minera en la Hispania Antigua, las monedas de plomo de Susaña*. Mazarrón.

Hunt Ortiz, M. (1998) – Plata prehistórica: recursos, metalurgia, origen y movilidad. In Delibes de Castro, M. (coord.) *Minerales y metales en la Prehistoria Reciente. Algunos testimonios de su explotación y laboreo en la Península Ibérica*. Studia Archeologica. 88. pp. 247-248.

López Castro, J.L. (1994) – Cartago y la Península Ibérica: ¿Imperialismo o hegemonía?. In *La caída de Tiro y el auge de Cartago: V Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 25. pp.73-84.

López Castro, J.L. (1995) - *Hispania Poena: Los fenicios en la Hispania Romana*. Barcelona: Crítica.

Martín Camino, M. y Roldan Bernal, B. (1995) - *Memorias de Arqueología de la CARM*. 3. p. 86.

Arana, R., Muñoz, A. M., Ramallo, S. y Ros, M. M. (1993) – *Metalurgia en la Península Ibérica durante el I milenio a.C.: Estado actual de la Investigación*. Universidad de Murcia. Murcia.

Niemeyer, H.G. y Dochter, R. F. (1998) - Excavación bajo el Decumanus Máximus de Cartago durante los años1986-1995: Informe preliminar. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*. 4. pp. 47-109.

Ramón Torres, J. (1999) - La cerámica fenicia a torno de Sa Caleta (Eivissa). In *La cerámica fenicia en Occidente: centros de producción y áreas de comercio*. p. 165, fig.6, XIII,8.

Ros Sala, M.M. (2003) - Panorama actual y perspectivas de investigación en torno a las comunidades del Bronce Tardío en el Valle del Guadalentín (Murcia). In Ramallo Asensio, (ed.) *Estudios de Arqueología dedicados a la Prof. Ana Mª Muñoz Amilibia*. Murcia: Universidad de Murcia. pp. 219-248.

Ros Sala, M.M., arana Castillo, R. y Antolinos Marín, J.A. (2003) – The metallurgical furnaces from IV-III century BC of Punta de Los Gavilanes (Mazarrón Port, Murcia, Spain): An aproximation to the cupellation process in the West Mediterranean. In *Archaeometallurgy in Europe: Proceedings of the International Conference*. Milán. pp.315-325.

Ros Sala, M.M. (2005a) – La Punta de Los Gavilanes en el contexto histórico de Mazarrón. *Carlantum: Actas de las II Jornadas de Estudio sobre Mazarrón.* Mazarrón: Universidad Popular de Mazarrón. pp.43-70.

Ros Sala, M.M. (2005b) – Metalurgia y sociedad en el Sureste prerromano. In *Bocamina: Patrimonio minero de la Región de Murcia*. Murcia: Museo de la Ciencia y el Agua. pp. 39-60.

Rovira, S. (2000) – Nontinuismo e innovación en la metalurgia Ibérica. In *III Reunió sobre economía en el Mon Ibéric*. Saguntum-PLAV. 3. pp.209-221.

Vegas, M. (1998) - La cerámica de importación en Cartago durante el período arcaico. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea.* 4. pp.145.

Whittaker, C.R. (1978) – Carthaginian imperialism in the fith and fourth centuries. In *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press. pp.59-90.

CARMONA TARTESIA ENTRE LA TRADICIÓN Y EL CAMBIO (SIGLOS VIII-VI A.C.) *

Maria Belén
Ana Rut Bobillo
Mª Carmen García Morillo
J. M. Román
J. Vázquez

Universidad de Sevilla

Resumen

Excavaciones recientes han puesto en evidencia la introducción en Carmona (Sevilla) durante la primera mitad del siglo VIII a.C. de la tecnología del hierro, junto con la arquitectura de muros rectos y la cerámica a torno, aspectos estos últimos ya bien documentados con anterioridad en la ciudad. Estas novedades, que constituyen la mejor expresión material del inicio del comercio fenicio en el Bajo Guadalquivir, se insertan en un ambiente en el que predomina la cerámica a mano de cocción reductora representativa de la cultura local de fines de la Edad del Bronce. En este trabajo presentamos unos hallazgos que insisten en señalar la importancia de la interacción cultural en la protohistoria de Carmona y analizamos la relación espacial, estratigráfica y funcional entre el complejo urbano que ahora se da a conocer, su arquitectura y sus materiales, y los restos exhumados hace algo más de una década en el solar de la casa-palacio del marqués del Saltillo.

Abstract

Recent excavations have revealed that iron technology, together with straight wall buildings and wheel thrown pottery were introduced during the first half of the eighth century BC in Carmona (Sevilla), although the latter aspects had been previously documented in the city. These innovations have become the best material expression of Phoenician trade in the Lower Guadalquivir, inserting in an environment dominated by reduction fired handmade pottery representative of the local late Bronze Age culture. In this paper we present various findings which insist on the importance of cultural interaction during the protohistory of Carmona and we analyse the spatial, stratigraphic and functional relations between the urban complex in reference, its architecture and materials, with the remains uncovered over a decade ago in the site of the palace of the Marquis of Saltillo.

* Grupo de Investigación HUM-650. Este trabajo se adscribe al Proyecto de Investigación BHA2003-05866 del Ministerio de Educación y Ciencia. Agradecemos a A. Jiménez el original de la figura 1 y a E. Conlin el dibujo de los materiales

La recuperación por Wagner y Alvar (1989) de la hipótesis de la colonización agrícola oriental en las tierras del valle bajo del Guadalquivir[1], provocó un debate en contra que con el tiempo ha ido perdiendo acritud e interés[2], pero las investigaciones que se vienen realizando desde principios de la década de los noventa pasados dejan pocas dudas sobre la presencia en la región de colonias fenicias, si así convenimos en llamar al componente oriental en su conjunto. Esta implantación tuvo en origen carácter principalmente costero[3] y respondía a un modelo comercial que apoyado en bases estables[4] sirvió sin duda para atraer a grupos humanos muy diversos en su origen y en sus intereses. En ese marco, y sin que fuera un proyecto prioritario ni de iniciativa estatal, no se descarta que inmigrantes semitas de procedencia rural se instalaran en los núcleos tartesios del interior y rentabilizaran el potencial agrícola de las vegas y campiñas del valle (Belén y Escacena, 1995, p. 91-92; Botto, 2002, p. 60; cf. Wagner, 2005).

Durante la última década se han producido importantes novedades respecto a las fechas y a las características del comercio fenicio en el suroeste peninsular. Los hallazgos de Huelva publicados recientemente (González de Canales *et alii*, 2004) prueban el inicio de intercambios sistemáticos y la presencia de artesanos orientales en el emporio tartesio a partir de principios del siglo IX a.C.[5] Algo más tarde, entre fines del IX y principios del VIII a.C., el entorno del paleoestuario del Guadalquivir se convertía asimismo en objetivo de la expansión colonial. Las excavaciones de urgencia practicadas durante los últimos años en Coria (Escacena e Izquierdo, 2001), El Carambolo (Fernández Flores y Rodríguez Azogue, 2005) y Alcalá del Río[6], han permitido documentar la existencia de barrios, santuarios y tumbas fenicias en los asentamientos portuarios tartesios o en su proximidad. Pero la presencia estable de comunidades semitas se advierte también desde el siglo VIII a.C. en los poblados indígenas del interior mejor situados en relación con las fuentes de recursos y las rutas de comunicación. Niebla y Tejada en los circuitos mineros, Carmona y Montemolín en las tierras del valle[7], fueron algunos de los enclaves tartesios del Bajo Guadalquivir que tuvieron una población mixta (Wagner, 2005, p. 159-160). En el caso de Carmona, la necrópolis de la Cruz del Negro, la estructura del hábitat y la composición de los repertorios cerámicos, ofrecen evidencias claras de la interacción cultural derivada de la cohabitación y la mezcla étnica. La in-

1 La vieja tesis de Bonsor (1899) fue retomada 75 años después por Whittaker (1974) en la línea argumental que desarrollarían más tarde los autores españoles.

2 Los propios genitores han introducido últimamente matices importantes que templan su formulación inicial (Wagner y Alvar, 2003).

3 Nos referimos a la línea de costa de principios del I milenio a.C., que llegaba hasta Sevilla y se prolongaba a través de un amplio estuario hasta *Ilipa*, unos 15 km al norte de la capital (Arteaga *et alii*, 1995). Pese a que hoy queda tierra adentro, Sevilla sigue ligada al mar por un Guadalquivir navegable que le permite mantener su condición de puerto internacional.

4 El modelo de implantación colonial en el Bajo Guadalquivir es diferente y más variado que el que conocemos en la costa mediterránea de Andalucía. Las comunidades fenicias tuvieron barrios propios en los emporios tartesios, tanto costeros como del interior (cf. Niemeyer, 2000, mapa p. 924).

5 Las fechas han sido aceptadas, e incluso elevadas, por otros autores (Torres, 2005; cf. Botto, 2005, p. 599-600). Por otra parte, hoy se acepta de forma casi unánime la existencia de una colonia fenicia en el puerto de la antigua Onoba (Pellicer, 1996; cf. Niemeyer *et alii*, 2000, mapa p. 924).

6 Los resultados de los trabajos han sido presentados por A. Fernández Flores y A. Rodríguez Azogue en la ponencia : Vida y muerte en la *Ilipa* tartésica, I Congreso de Historia de Alcalá del Río: *Ilipa* Antiqua de la Prehistoria a la época romana, celebrado en Alcalá del Río (Sevilla), 22-24 de Noviembre de 2006.

7 En sentido estricto, Niebla y Carmona no pueden considerarse interiores. La primera tiene salida al mar a través del río Tinto y en cuanto a la segunda, los resultados de investigaciones geoarqueológicas recientes le dan una dimensión marítima desconocida hasta ahora, por más que ya se había señalado (Izquierdo Egea, 1994, p. 87), y ahora se vuelve a insistir en ello, la dependencia del emporio fluvial del Cerro Macareno de la estructura geopolítica de *Carmo*. La llanura que rodea a Sevilla, situada pocos kilómetros al norte de la antigua desembocadura del Guadalquivir, era un medio lacustre-fluvial navegable cuya orilla oriental se extendía, probablemente, hasta el pie de la cadena de pequeños cerros que forman la región de Los Alcores, en cuyo extremo NE se levanta la fortaleza natural que ocupa Carmona (Arteaga y Roos, e. p).

corporación al comercio exterior y el contacto con los fenicios marcan con claridad un antes y un después en la evolución socioeconómica de este asentamiento.

La atalaya natural en la que se ubica Carmona se ocupó por primera vez hacia el 3000 a. C. (Conlin, 2003). Se ha documentado también implantación poblacional en las distintas fases de la particular secuencia de la Edad del Bronce de la región de Los Alcores, cuyo inicio se sitúa hacia el 1600 a.C., y durante el Bronce Final que precede al inicio de la expansión colonial (Jiménez, 2004). La opinión de los investigadores sobre cómo se gestó la cultura representativa de esta última y sobre su cronología está muy dividida y en pocos yacimientos se ha podido identificar con seguridad hasta ahora (cf. Escacena, 1995; Gómez Toscano, 1997). En Carmona su desarrollo parece tardío, poco anterior al s. IX a.C., aunque no hay elementos de datación seguros, y en su registro artefactual están ausentes las decoraciones geométricas, bruñidas y pintadas, que se encuentran en el horizonte posterior, ya asociadas a cerámica a torno (Jiménez, 2004, 512).

A partir del s. VIII a.C. el asentamiento se vinculó de forma estrecha al comercio fenicio, que pronto debió tener aquí infraestructura estable de personal y de medios. Como documentamos en otros muchos sitios tartesios, la proyección mediterránea y la presencia en el lugar de gentes de cultura urbana próximo-oriental, dinamizó la economía local y aceleró el proceso de su consolidación como ciudad. Sin embargo, la cultura tradicional, a juzgar por sus aspectos visibles en términos arqueográficos, mantuvo su vigencia durante todo el período Orientalizante. Parte de la población siguió viviendo, como suponemos que ocurría en la etapa anterior de fines de la Edad del Bronce[8], en modestas chozas circulares hechas con materiales endebles, agrupadas en pequeños núcleos dispersos por las laderas y cimas de los promontorios que conformaban por el sur la topografía original de la actual meseta (Fig. 1). La inestabilidad y fragilidad de estos hábitats de cabañas produce estratificaciones poco potentes y reduce con frecuencia las evidencias materiales a conjuntos de fragmentos de cerámica, que tienen formas y decoraciones muy parecidas a las de la fase pre-fenicia. No es raro, incluso, que esos materiales se encuentren en depósitos secundarios formados por acarreo desde zonas más altas. Sólo en la intervención arqueológica realizada en el solar de la C/. Arellano nº 7 se documentó parte de una estructura elíptica, excavada unos 40 cm en el terreno, que se interpretó como fondo de cabaña. Su entramado vegetal se superponía a un zócalo de 50 cm de ancho, hecho de barro y piedras de alcor[9] de mediano tamaño, que conservaba una altura de 35 cm. Junto a este zócalo, en el exterior, se registraron dos huecos en los cuales debían encajar sendos postes relacionados con la cubierta de la cabaña. En su interior se hallaron los restos de un hogar de barro con signos de combustión reiterada. Los materiales cerámicos recuperados en las capas de nivelación previas a su construcción y en las que certifican su abandono, no permiten precisar las fechas de uso de esta estructura, pero la presencia de algunos fragmentos de cerámica a torno en unas y otras, ha llevado a datarla, sin más precisión, en el Hierro I, es decir, a lo largo del Período Orientalizante.

En ese arco temporal comprendido entre los siglos VIII-VI a.C. el hábitat tradicional coexistió en el suroeste peninsular con la arquitectura de muros rectos (Izquierdo,1998). En Carmona, y desde la primera mitad del VIII a.C., constatamos el desarrollo coetáneo de un núcleo de población concentrada en el extremo noroeste del casco histórico intramuros, en un sector de unas 5 Ha. de extensión que por sus características topográficas constituía un reducto natural sólo vulnerable por su flanco occidental (Fig. 1). La zona tiene salida hacia el Guadalquivir, a través de varias cañadas de ganado; al borde de una de ellas, a la vista del hábitat, se extiende la necrópolis de la Cruz del Negro, que estuvo en uso entre el VIII y el V a.C. (Amores y Fernández Cantos, 2000). En torno a este núcleo inicial, el asentamiento adquirió pronto forma urbana de fisonomía

8 En realidad, no se conocen hasta el momento estructuras de habitación de la etapa pre fenicia (Jiménez, 2004, p. 512).

9 Calcarenita local.

oriental, siguiendo muy de cerca el modelo de la cercana colonia del Castillo de Doña Blanca. Casas construidas al modo fenicio se superponen en esta zona de Carmona a un horizonte de ocupación anterior del que no quedan más evidencias que la alfarería hecha a mano y algún indicio de prácticas económicas.[10] En los puntos más vulnerables de la topografía se construyeron obras de defensa, bastiones y cercas de piedra con zócalo en talud, cuyos restos son difíciles de identificar en los derrumbes de piedra que sirven de cimentación a construcciones posteriores. Tampoco ofrecen elementos de datación seguros, pero su fábrica – mampostería en seco o trabada con barro y paramentos sobre base en talud –recuerda la de las murallas de los siglos VIII-VII a.C. de Doña Blanca, Niebla y Tejada (Escacena y Fernández Troncoso, 2002).

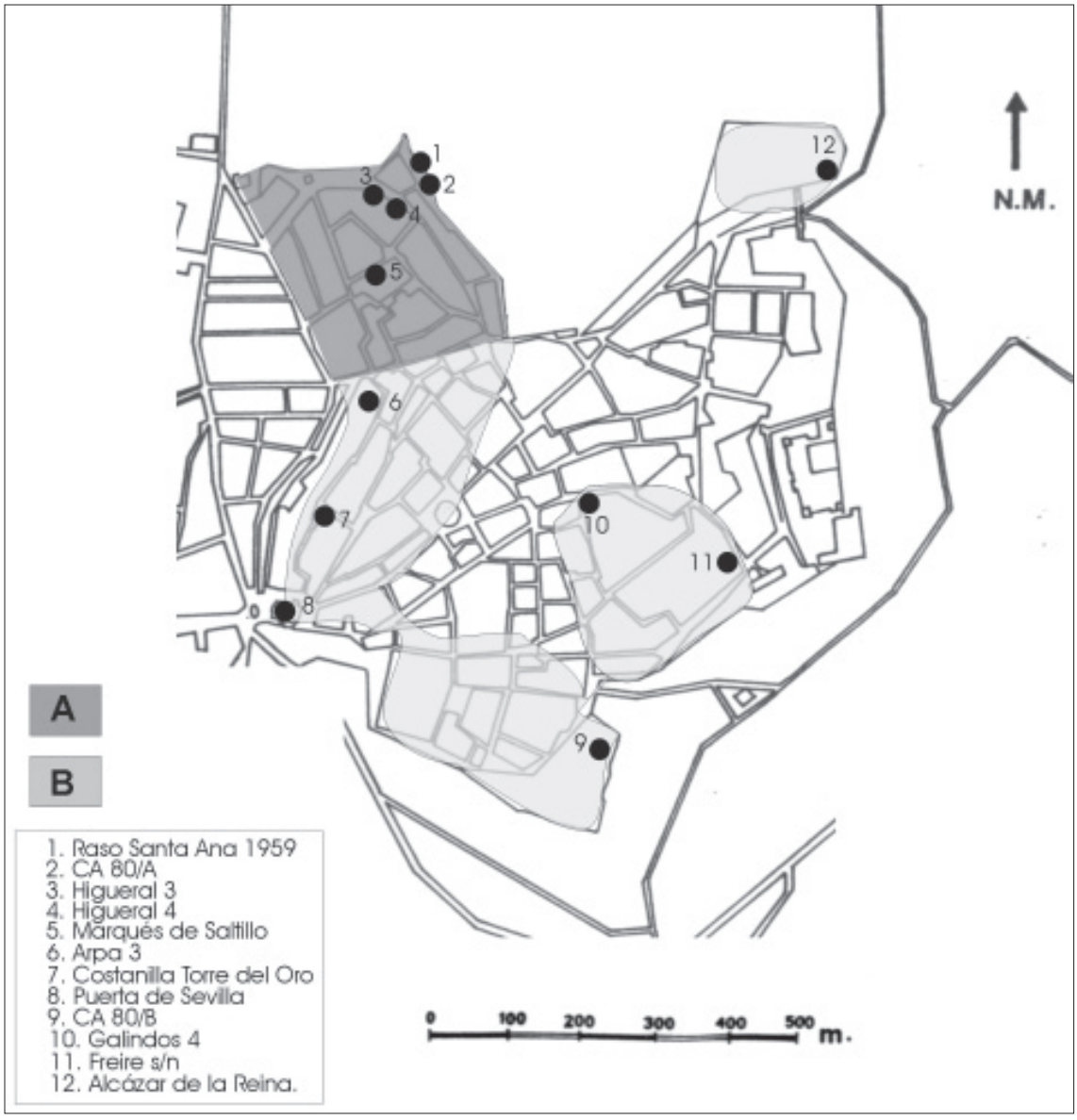


Fig. 1. Carmona tartesia. Núcleo urbano (A) y poblamiento disperso en cabañas (B). (A partir de Jiménez, 2004, fig. 32)

10 Análisis polínicos realizados por Y. Llergo y J.L. Ubera del Departamento de Botánica, Ecología y Fisiología vegetal de la Universidad de Córdoba, revelan la presencia en niveles pre fenicios de plantas asociadas a un medio muy antropizado con presencia de ganadería mayor. Las muestras se tomaron durante la excavación del solar de Diego Navarro 20 del que trataremos más abajo.

La matriz oriental del urbanismo protohistórico en esta zona norte de la ciudad y el aislamiento espacial de este núcleo respecto a los grupos de cabañas localizados en distintos puntos del sur del casco urbano actual, han llevado a identificar este sector norte con un enclave colonial situado en la cercanía de la población indígena, de la cual quedaba bien separado por una topografía difícil de franquear y una muralla que protegía el flanco accesible del reducto que ocupaba (Jiménez, 2004, fig. 32). No nos cabe duda de que había fenicios en Carmona y de que vivían en este sector, pero la hipótesis de que todo él sea un barrio fenicio nos parece poco razonada. Supone unas relaciones de poder muy desequilibradas que no cuadran con el papel hegemónico que se le reconoce a Carmona en el I milenio a.C. y pasa por alto datos arqueológicos que pueden contradecirla. Los distintos sectores poblacionales quedaban englobados por un cinturón defensivo que se prolongaba desde el flanco oeste del núcleo urbano hasta la vaguada de la Puerta de Sevilla, donde un potente bastión protegía el acceso hacia el interior y controlaba el paso natural del Alcor a la Vega del Corbones. Por otra parte, en las actuaciones arqueológicas que se han llevado a cabo en el sector norte se encuentran siempre asociados elementos de la tradición local - abundante cerámica a mano de superficies y decoraciones bruñidas - con novedades representadas, principalmente, por alfarería a torno y arquitectura oriental, una mezcla indicativa de situaciones de contacto y cambio cultural que no obligan a presuponer relaciones de dependencia a favor de unos u otros. La dualidad de patrones habitacionales coetáneos y la distinta composición de los repertorios cerámicos – a mano o a torno - que se asocian a cada uno de ellos, pueden tener su origen en disimetrías socio-económicas más que de otro tipo.

Las casas de muros rectos y la cerámica a mano no pueden usarse sin más como indicadores étnicos (Escacena, 1992). Nuestras conclusiones sobre el carácter semita del santuario de Saltillo se fundamentaron en aspectos rituales y en el simbolismo religioso de los grifos y de las cenefas florales que se representaron en los tres *píthoi* que hallamos en él (Belén *et alii*, 1997). Sin embargo, esa alfarería de lujo, y el juego de delicadas cucharas de marfil que la acompañaban, formaban conjunto con dos toscas vasijas a mano para usos de almacén y con dos copas de cerámica gris a torno, en las que se reconoce el gusto por las pastas oscuras de la alfarería tartesia y la innovadora tecnología introducida por el mundo colonial (Vallejo, 2005).

Recientemente hemos podido constatar una vez más esa dialéctica de tradición y cambios que marca la historia tartesia de Carmona en la excavación de un solar muy próximo a Saltillo, a través de una secuencia estratigráfica que arranca de tiempos pre fenicios estimados en la segunda mitad del s. IX a.C. y acaba en los comienzos de la etapa turdetana. Los primeros materiales a torno, muy escasos, se asocian a la construcción de una estructura formada por cuatro muretes rectos paralelos, muy próximos entre sí, relacionada con metalurgia de hierro, cuya introducción se documenta por primera vez en Carmona. La cerámica de las capas que la cubren pueden fecharse sin más precisión en el siglo VIII a.C. (Fig. 2). Sobre ella se documentaron restos de un edificio de adobes al que, a su vez, se superpuso un complejo constructivo de cierta entidad construido entre fines del VIII y principios del VII a.C. Este último edificio sufrió reformas de distinta envergadura durante una larga etapa de uso que acabó de forma poco natural hacia mediados del siglo VI a.C. (Fig. 3). No se ha podido delimitar en toda su extensión, al no encontrar los muros perimetrales, pero consta de varias habitaciones que parecen organizadas en tres módulos contiguos. Todas las paredes son de adobe y están enlucidas, igual que los suelos de tierra batida, con una lechada arcillosa de color rojo aplicada normalmente sobre otra previa de cal. El cuerpo central, que es el mejor conservado, nos ha permitido registrar las muchas reformas de que fue objeto el inmueble durante los cien años largos que estuvo en pie. Tiene planta cuadrada de 4.80 x 4.80 dividida en dos habitaciones comunicadas, a las que se accedía desde fuera del área excavada por un vano situado en la esquina noroeste, alineado con el que permitía el paso de una a otra. En la que se abría al fondo (A-2), que era algo más amplia, el zócalo de piedra de la zapata de cimentación sobresalía en principio del nivel del suelo y tenía, en una esquina, un banco de arcilla

compactada de planta ligeramente trapezoidal; posteriormente se recreció el piso hasta cubrir el zócalo. En cuanto a la anterior (A-1), el pavimento se había reformado y recrecido en varias ocasiones, alternando los de tierra coloreada de rojo con los de cantos rodados de pequeño tamaño. En una última etapa se hicieron obras en este sector del edificio que alteraron la planta original y las dimensiones de las dos habitaciones.

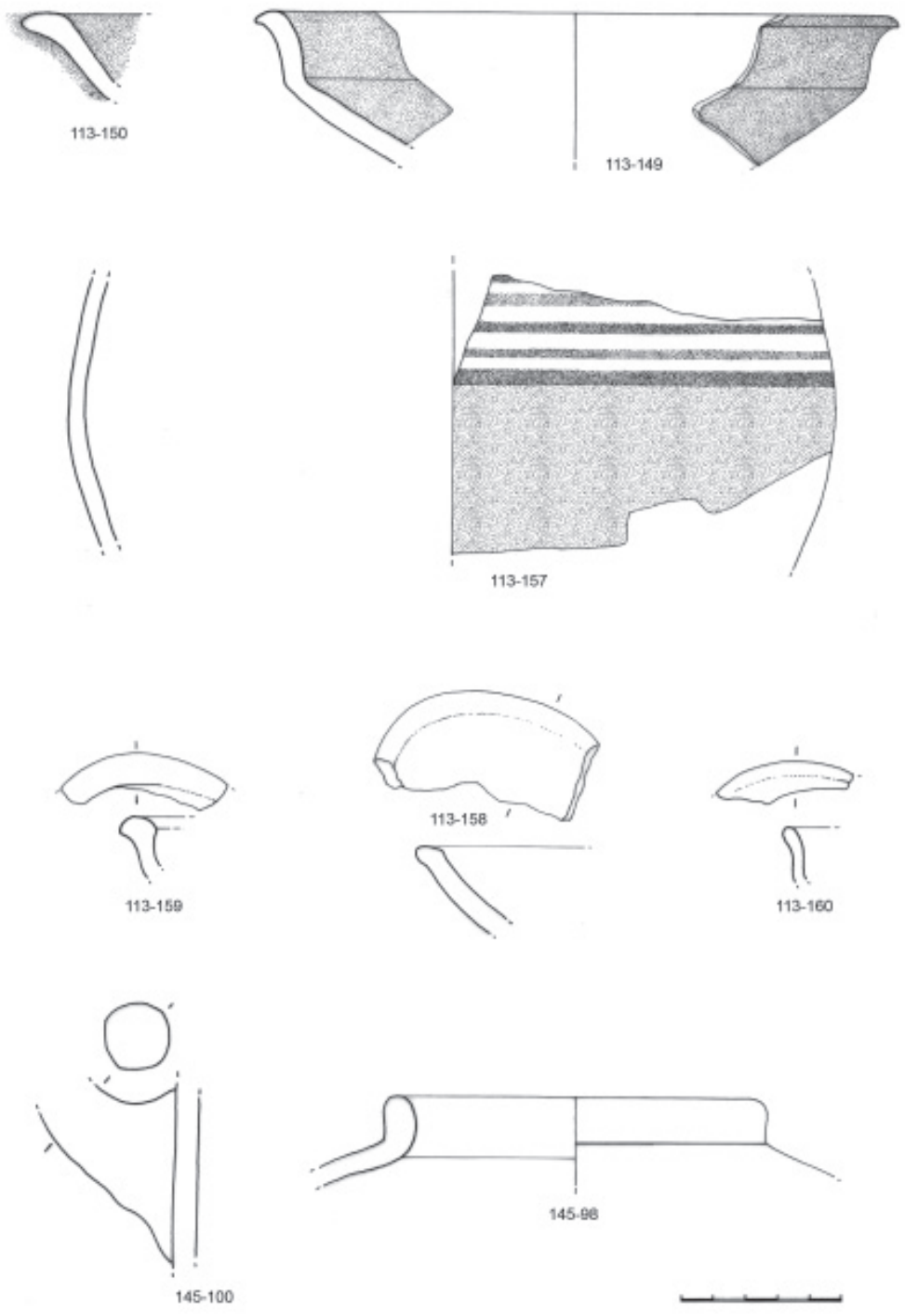


Fig. 2. Excavación de C/. Diego Navarro nº 20. Cerámica fenicia (s. VIII a.C.)

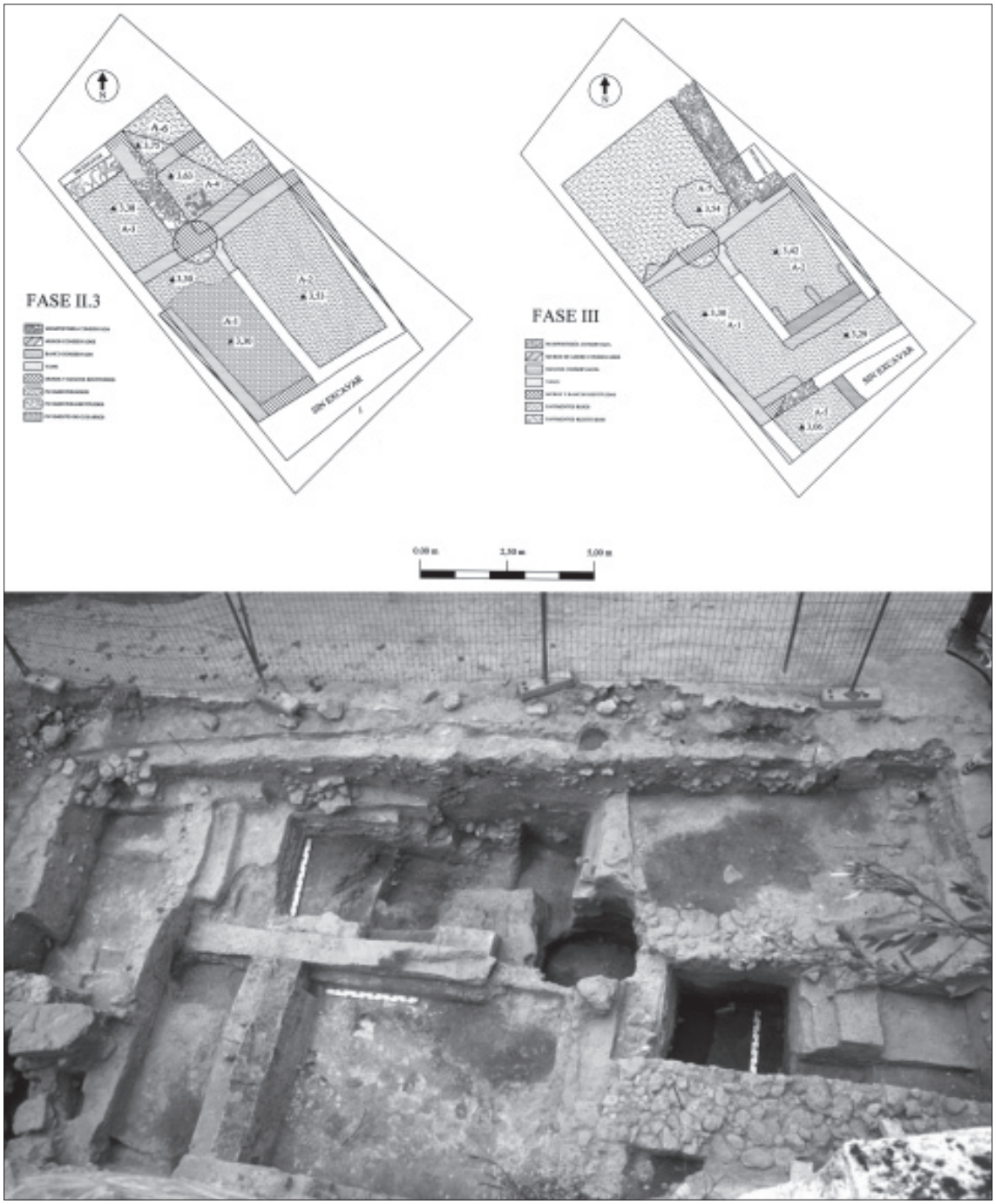


Fig. 3. Excavación de C/. Diego Navarro nº 20. Edificio de los siglos VII-VI a.C.

Sobre la pared sur de la pequeña estancia posterior se levantaron tres tabiques o pilares de barro equidistantes como soportes de un poyo de obra o quizá de una encimera de madera[11]. Junto a él, sobre un pequeño banco de tierra, se conservaba *in situ* un molino barquiforme hecho con piedra arenisca de cantera local. Sobre el piso de la habitación, entre otros vasos de cocina fragmentados, hallamos una olla de factura tosca con dos asas y una fuente de superficies bruñi-

11 Estructuras similares se han hallado en distintas excavaciones de la zona portuaria de Huelva (García Sanz, 1988-1989, 153)

das, ambas hechas a mano y casi completas (Fig. 4), y huesos de aves y parte de un cartílago de raya. Por su posición es evidente que las piezas estuvieron sobre el poyo antes de caer al suelo. Ahora bien, el hecho de que algunos restos de fauna se conservaran en conexión anatómica, significa que se dispersaron por el suelo antes de que se descarnaran, lo que podría indicar que el menaje y los alimentos que se preparaban, se arrojaron sobre pavimento de forma intencionada. En cualquier caso, estos materiales sugieren un abandono precipitado del edificio, que, por otra parte, no presenta ningún otro signo de violencia, sino que parece que se fue derrumbando lentamente tras un desalojo forzado. El lugar quedó abandonado y no se volvió a reedificar hasta principios del siglo V a.C.

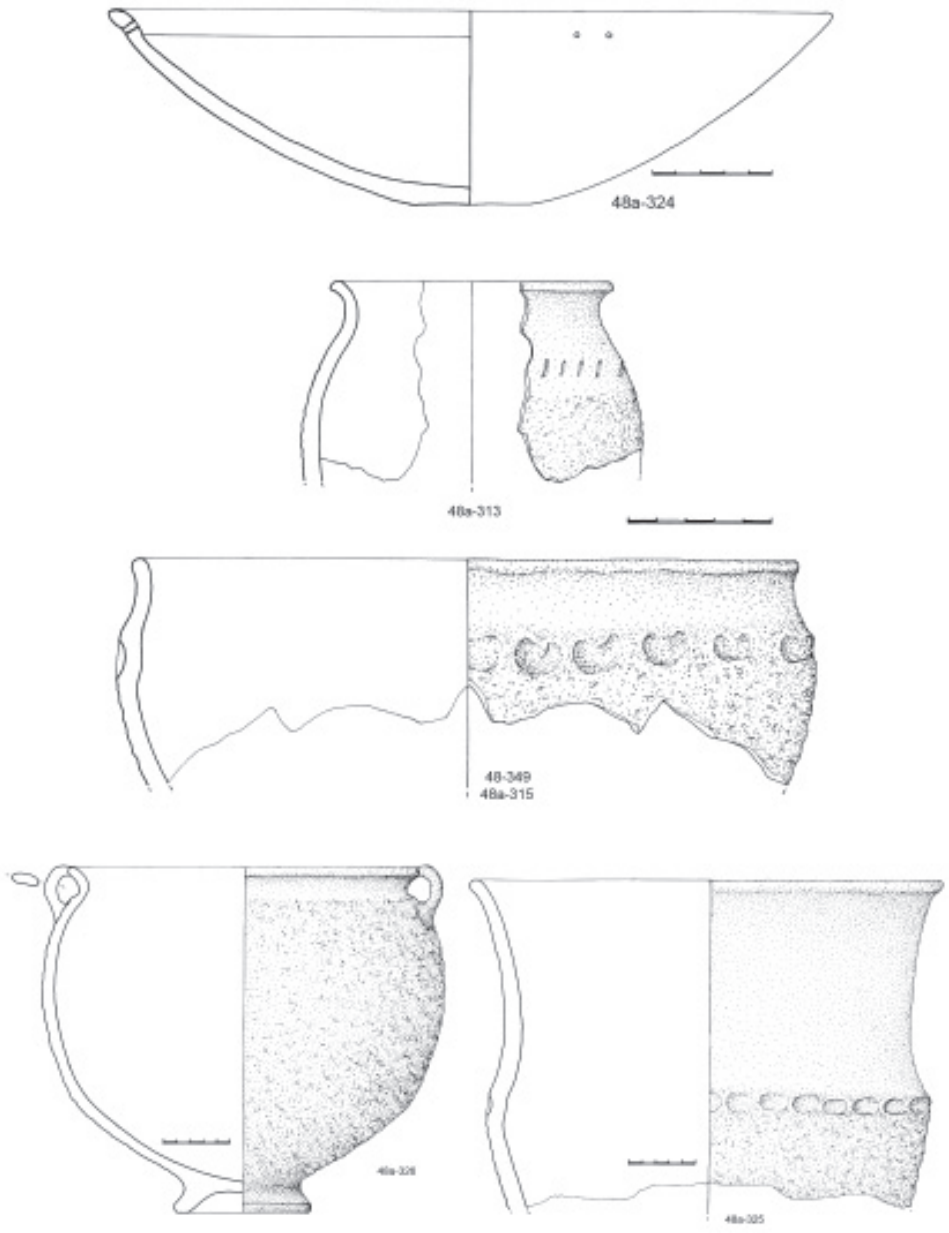


Fig. 4. Excavación de C/. Diego Navarro nº 20. Cerámica de cocina hallada sobre el suelo de la habitación A-2 (mediados del siglo VI a.C.)

El inmueble estaba construido prácticamente a la misma cota que el Ámbito 6 del vecino solar de Saltillo y también coinciden las fechas de mediados de VI a.C. que estimamos para el final de uno y otro, de modo que resulta inevitable asociar ambos episodios y, en consecuencia, establecer una relación entre ellos. Pero son estos hechos, y no la arquitectura, los que nos llevan a suponer que el edificio en cuestión debió estar integrado espacialmente en el complejo sacro de Saltillo, y desempeñar alguna función complementaria o derivada de la actividad del santuario, lo que explicaría que hubieran corrido la misma suerte. El aparente carácter local del menaje de cocina destruido al caer sobre el suelo de la estancia A-2 no nos parece un argumento en contra de esta hipótesis.

En resumen, la arqueología nos ha brindado una vez más evidencias de la presencia de una comunidad fenicia en Carmona y de su influencia en el pronto desarrollo de formas de vida urbana, sin que por ello desaparecieran el hábitat y los sistemas de producción tradicionales.

Bibliografía

Amores, F. y Fernández Cantos, A. (2000) - La necrópolis de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla). In Aranegui, C. (ed.) *Argantonio, rey de Tartessos*. Sevilla: Fundación El Monte. pp. 157-163.

Arteaga, O. y Roos, A. Mª. (e.p) - Carmona en el paisaje antiguo del Bajo Guadalquivir. In *Actas del V Congreso de Historia de Carmona. El nacimiento de la ciudad: la Carmona protohistórica*. Carmona: Ayuntamiento de Carmona.

Arteaga, O.; Schulz, H.D. y Roos, A. Mª. (1995) - El problema del `Lacus Ligustinus: Investigaciones geoarqueológicas en torno a las Marismas del Bajo Guadalquivir. In *Actas del Congreso conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular: Tartessos 25 años después*. Jerez: Ayuntamiento de Jerez. pp. 99-135.

Belén, M. y Escacena, J.L. (1995) - Interacción cultural fenicios-indígenas en el Bajo Guadalquivir. In De Miguel *et alii* (eds.) *Arqueólogos, Historiadores y Filólogos: Homenaje a Fernando Gascó*. tomo I. Kolaios, Publicaciones Ocasionales. 4. Sevilla: Kolaios. pp. 67-101.

Belén, M.; Anglada, R.; Escacena, J.L.; Jiménez, A.; Lineros, R. y Rodríguez, I. (1997) - *Arqueología en Carmona (Sevilla). Excavaciones en la Casa-Palacio del Marqués de Saltillo*. Sevilla: Junta de Andalucía.

Bonsor, G.E. (1899) - *Les colonies agricoles préromaines de la vallée du Betis*. Revue Archéologique. XXXV. París.

Botto, M. (2002) - Rapporti fra fenici e indigeni nella Penisola Iberica (VIII-VI sec. a.C). In Urso, G. (coord.) *Hispania terris omnibus felicior: Premesse ed esiti di un processo di integrazione. Atti del convegno internazionale (Cividale del Friuli, 27-29 settembre 2001)*. Pisa: Edizioni ETS. pp. 9-62.

Botto, M. (2005) - Per una reconsiderazione della cronologia degli inizi della colonizzazione fenicia nel Mediterraneo centro-occidentales. In Bartoloni, G. y Delpino, F. (eds.) *Oriente e Occidente: metodi e discipline a confronto. Reflessioni sulla cronologia dell'Età del Ferro Italiana*. Mediterranea. Quaderni dell'Istituto di Studi sulle Civiltà Italiche del Mediterraneo Antico. 1. Pisa-Roma: Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali. pp. 579-628.

Conlin, E. (2003) - Los inicios del III milenio a.C. en Carmona: las evidencias arqueológicas. *CAREL, Revista de Estudios Locales*. 1. Carmona. pp. 83-143.

Escacena, J.L. (1992) - Indicadores étnicos en la Andalucía prerromana. *Spal*. 1. Sevilla. pp. 321-343.

Escacena, J.L. (1995) - La etapa precolonial de Tartessos. Reflexiones sobre el «Bronce» que nunca existió. In *Tartessos 25 años después. 1968-1993*. Jerez de la Frontera : Ayuntamiento de Jerez de la Frontera pp. 179-214.

Escacena, J.L. y Fernández Troncoso, G. (2002) - Tartessos fortificado. *In Congreso internacional «Fortificaciones en el entorno del Bajo Guadalquivir» (Alcalá de Guadaíra, 2001)*. Alcalá de Guadaíra: Ayuntamiento de Alcalá de Guadaíra. pp. 110-127.

Escacena, J.L. e Izquierdo, R. (2001) - Oriente en Occidente. Arquitectura civil y religiosa en un barrio fenicio de la *Caura* tartésica. In Ruiz mata, D. y Celestino, S. (eds.) *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: Centro de Estudios del Próximo Oriente – CSIC. pp. 123-157.

Fernández Flores, A. y Rodríguez Azogue, A. (2005) - El complejo monumental del Carambolo Alto, Camas (Sevilla): Un Santuario Orientalizante en la paleodesembocadura del Guadalquivir. *Trabajos de Prehistoria*. 62 (1). Madrid. pp. 111- 138.

García Sanz, C. (1988-89) - El urbanismo protohistórico de Huelva. *Huelva Arqueológica*. X-XI (3). Huelva. pp. 143-175.

Gómez Toscano, F. (1997) - *El Final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir*. Huelva: Universidad de Huelva.

González de Canales, F.; Serrano, L. y Llompart, J. (2004) - *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 900-770 a.C.)*. Madrid: Biblioteca Nueva.

Izquierdo, R. (1998) - La cabaña circular en el mundo tartésico. Consideraciones sobre su uso como indicador étnico. *Zephyrvs*. 51. Salamanca. pp. 277-288.

Izquierdo Egea, P. (1994) – Setefilla y la crisis tartésica del siglo VI a.C.. In Sáez, P. y Ordóñez, S. (eds.)– *Homenaje al Profesor Presedo*. Sevilla: Universidad de Sevilla. pp. 81-93.

Jiménez, A. (2004) - La secuencia cultural del II milenio a.C. en Los Alcores (Sevilla). *CAREL, Revista de Estudios Locales*. 2. Carmona. pp. 425-590.

Niemeyer, H. G. (2000) - Phönizier Punier. In Cancik, H. y Schneider, H., *Der Neue Pauly. Enzyklopädie der Antike. Band 9 (Or-Poi)*. Stuttgart: Verlag J.B. Metzler. pp. 911-915.

Pellicer, M. (1996) - Huelva tartesia y fenicia. *Rivista di Studi Fenici*. XXIV, 2. Roma. pp. 119-140.

Torres, M. (2005) - Tartesios, fenicios y griegos en el Sudoeste de la Península Ibérica: algunas reflexiones sobre los recientes hallazgos de Huelva. *Complutum*. 16. Madrid. pp. 273-304.

Vallejo, J. I. (2005) - Las cerámicas grises orientalizantes de la Península Ibérica: una nueva lectura de la tradición alfarera indígena. In Celestino, S. y Jiménez, J. (eds.) *El Periodo Orientalizante*. Vol. I. Anejos de Archivo Español de Arqueología. XXXV. Mérida: CSIC. pp. 1149-1172.

Wagner, C. G. (2005) - Consideraciones sobre un nuevo modelo colonial fenicio en la Península Ibérica. In Celestino, S. y Jiménez, J. (eds.) *El Periodo Orientalizante*. Vol. I. Anejos de Archivo Español de Arqueología. XXXV. Mérida: CSIC. pp. 149-165.

Wagner, C.G. y Alvar, J. (1989) - Fenicios en Occidente: la colonización agrícola. *Rivista di Studi Fenici*. XVII, 1. Roma. pp. 61-102.

Wagner, C. G. y Alvar, J. (2003) - La colonización agrícola en la Península Ibérica: estado de la cuestión y nuevas perspectivas. In Gómez Bellard, C. (ed.) *Ecohistoria del paisaje agrario. La agricultura fenicio-púnica en los paisajes mediterráneos*. Valencia: Universitat de València. pp. 187-204.

Whittaker, C. R. (1974) - The Western Phoenicians: Colonization and Assimilation. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*. 200 (ns.20). Cambridge. pp. 58-79.

CEUTA, UN NUEVO ASENTAMIENTO DEL SIGLO VII A.C. EN EL NORTE DE ÁFRICA

Fernando Villada Paredes[1]
Joan Ramon Torres[2]
José Suárez Padilla[3]

[1] *Ciudad Autónoma de Ceuta*
[2] *Consell Insular de Eivissa i Formentera*
[3] *Arqueotectura S.L.L.*

Resumen

Aunque la posibilidad de la existencia de un yacimiento protohistórico en Ceuta había sido puesta de manifiesto en numerosas ocasiones, no existían evidencias que avalaran tal hipótesis. En una reciente excavación arqueológica en la Plaza de la Catedral pudieron ser identificados por fin niveles arqueológicos de este periodo.

Este artículo es un estudio preliminar de los principales niveles arqueológicos con los hallazgos más relevantes recuperados y los primeros datos sobre el paleoambiente y el paleoclima de esta region.

Este estudio contribuye al conocimiento de las relaciones entre fenicios e indígenas en el extremo más occidental norteafricano.

Abstract

Although the possibility of the existence of a Protohistoric site in Ceuta had been spotlighted many times, there were no evidences for such hypothesis. In a recent archaeological excavation in Cathedral's Square could be identified archaeological levels from this period.

This paper is a preliminary study of the these archaeological levels with the most relevant finds recovered and first data about paleo-environment and paleoclimate of this region.

This study contributes to the knowledge of the relationship between Phoenicians and Indigenous in the extreme Westnorthen Africa.

Ceuta, la *Septem Fratres* de época clásica, está edificada sobre una península situada en la embocadura sur del Estrecho de Gibraltar (Fig. 1). El terreno, accidentado, ofrece limitadas posibilidades desde el punto de vista del aprovechamiento agrícola. Las comunicaciones con el interior del continente se ven dificultadas por la abrupta orografía.

Frente a esta precariedad el mar, que la abraza casi por completo, ofrece un importante caudal de alimentos.

Su estratégica posición a la entrada del Mar Mediterráneo es otra de las claves fundamentales para entender su desarrollo histórico.

Presentamos en este artículo un primer avance de los resultados obtenidos en la excavación arqueológica realizada en los aledaños de la Catedral de Ceuta y que han permitido documentar, por vez primera, niveles datados en el siglo VII a.C.

La secuencia estratigráfica: el periodo protohistórico

En la excavación arqueológica preventiva practicada en el solar sito al Oeste de la Catedral de Ceuta se ha documentado, en unos 200 m investigados, una compleja y amplia secuencia estratigráfica, caracterizada por presentar evidencias sobre el sustrato geológico, de varios periodos de ocupación: protohistórico, medieval, moderno y contemporáneo. De todos ellos, sólo del primero se conservan restos constructivos con su secuencia deposicional asociada. El resto, que vienen a ocupar en planta más de la mitad del área investigada, se caracteriza por estar asociados exclusivamente a subtrucciones y a fosas con sus correspondientes rellenos.

Como consecuencia de ello, nos encontramos ante un yacimiento con una potencia máxima de 1 m, donde los niveles más arcaicos se encuentran prácticamente a la cota de la superficie actual, como consecuencia de los importantes rebajes practicados en el solar, y que además se han visto sometidos a las importantes remociones del subsuelo.

Fig. 1. Ceuta. Situación geográfica y ubicación de la excavación

En época medieval, directamente sobre los estratos de época protohistórica, se excavaron fosas (amortizadas posteriormente como basureros); se cimentaron edificios; se construyeron aljibes y en un determinado momento se usó este espacio como necrópolis. En época moderna se ubicó algún inmueble del que se conserva parcialmente el cimiento y se volvieron a realizar excavaciones colmatadas con desperdicios, y finalmente en época contemporánea se ubicaron osarios vinculados a la cercana Catedral. Por último, se dedicó este pequeño espacio a plaza pública, para cuya construcción se realizaron grandes fosas encaminadas a ubicar árboles ornamentales y mobiliario urbano e infraestructuras, incluyendo importantes canalizaciones de diversa naturaleza. La remodelación de esta plaza ha motivado precisamente la actividad arqueológica, que en un futuro está previsto integre los restos recuperados exhumados.

Como consecuencia de ello, se conserva una secuencia estratigráfica localizada en tramos muy fragmentados y en muchos casos inconexos, resultado de dichas afecciones, lo que obliga a realizar un gran esfuerzo de interpretación a la hora de valorarla adecuadamente. Esta circunstancia, unida a la cercanía en el tiempo a la finalización de los trabajos de campo, redunda en que las propuestas que a continuación presentamos deban ser tenidas en cuenta con las debidas reservas que serán definitivamente expuestas en la memoria de excavación que está siendo elaborada en estos momentos, aunque las consideramos válidas en general.

Pasamos a realizar una primera descripción de la secuencia fenicia, agrupada en fases constructivas con sus respectivos momentos de uso, abandono y amortización.

El Periodo protohistórico

Fase I: Primeros indicios del asentamiento (Finales del siglo VIII-primera mitad del VII a.C.)

A este momento inicial de la secuencia apenas pueden asociarse una serie de retazos de estratos de naturaleza deposicional, restos de vertidos domésticos que reposan directamente sobre el geológico y que en la mayoría de los casos no han podido asociarse a estructuras.

Sólo contamos en el sector más septentrional del área investigada (espacio especialmente afectado por substrucciones contemporáneas) con los restos de un suelo de cantos rodados (U.E. 163) directamente apoyado sobre el sustrato geológico, al que se le superpone un estrato con una potencia de unos 20-30 cm, de textura arcillosa, con restos de fauna y material cerámico (U.E. 151). En este nivel se han excavado unos hoyos, previsiblemente para ubicar postes, que están contorneados por un retazo, mal conservado, de lo que podría interpretarse como restos de un pequeño murete de barro endurecido (U.E.M. 015), posible refuerzo de un entramado vegetal que pudo definir la planta de una cabaña con tendencia ligeramente ovalada.

Con las debidas reservas, podríamos plantear la existencia de un primer momento de ocupación del sector del yacimiento por un hábitat disperso de estructuras perecederas, fechable en un momento indeterminado de la primera mitad del siglo VII, no muy separado en el tiempo de la fase siguiente, que supondrá la urbanización de este espacio a mediados de dicha centuria.

Fase II. La urbanización del sector. Mediados del siglo VII a.C.

En momentos de mediados del siglo VII, este espacio del asentamiento se presenta urbanizado, amortizándose los niveles y los restos de construcciones precedentes.

Los retazos de edificios conservados se articulan a partir de un espacio alargado, con unos cuatro m y medio de ancho, orientación N.-S., y pavimentado en grava en su mitad occidental (U.E. 114). Este ámbito será objeto de continuados vertidos de desechos domésticos (circunstancia que contrasta con los espacios intramuros, que aparecen prácticamente limpios), y será expuesto a sucesivas reparaciones del piso, realizadas a base de aportar nuevas tongadas de grava gruesa o

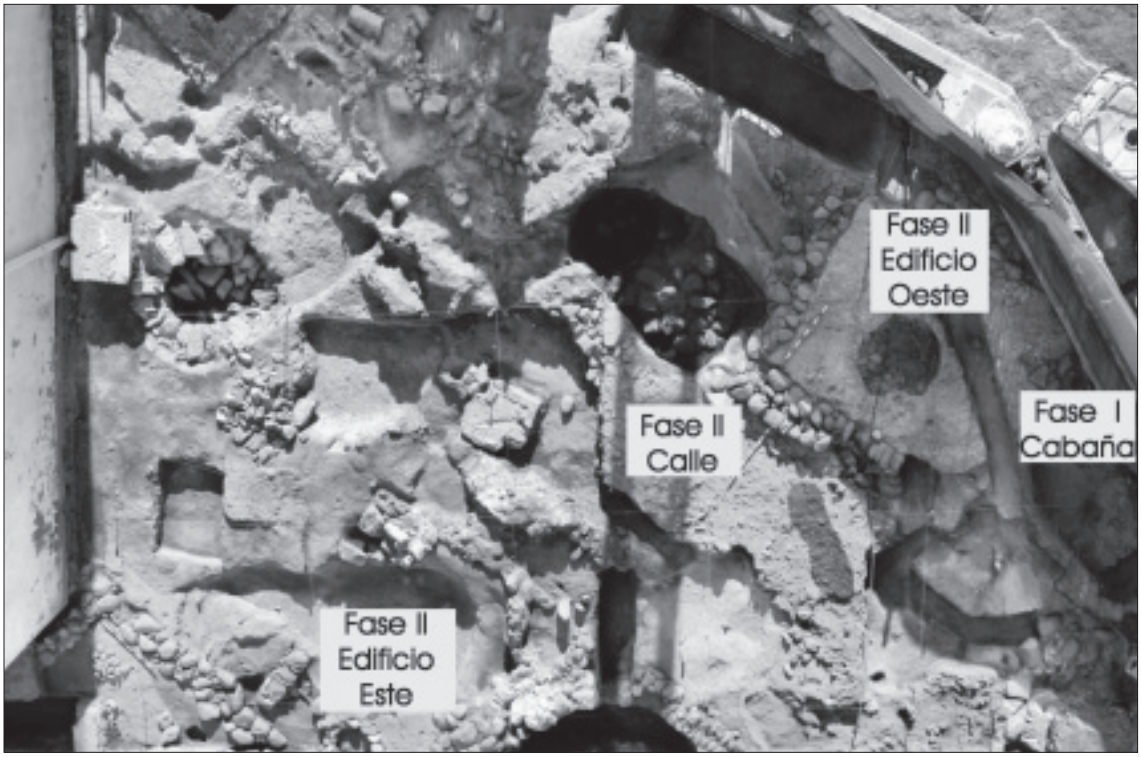


Fig. 2. Planta general de la excavación

arena. En algunos casos se ha podido documentar incluso la práctica de hogueras realizadas en la propia calle (U.E. 073), que serán amortizadas por nuevos aportes de basura (U.E. 051, 040).

En el sector que linda con el espacio constructivo situado al E., se localizan una serie de hoyos para poste, a cota de calle, sensiblemente paralelos a uno de los edificios ubicados limitando con la zona de paso. De dos de ellos se conservan las piedras que calzaban y reforzaban estos puntales. Pueden relacionarse con la existencia de un espacio porticado abierto hacia la calle y que apoyarían, previsiblemente, en la pared de uno de los inmuebles.

Hemos diferenciado los complejos constructivos por su ubicación con respecto a la calle, a la hora de proceder a la descripción de sus características básicas. El primer conjunto urbanístico, dispuesto al Este, presenta una serie de estructuras de mampostería cuya relación estratigráfica nos permite plantear la existencia de dos momentos constructivos, con orientación semejante, que indica la existencia de transformaciones urbanísticas relativamente frecuentes. A una primera fase corresponden los restos de dos paramentos, perpendiculares entre si, realizados con cantos rodados de pequeño y medio tamaño, dispuestos cuidadosamente formando dos hiladas paralelas, calzadas con pequeños ripios, y ligados con barro (U.U. E.E. M.M. 011-012). El espacio interior que delimitan dichas estructuras no se conserva, al haber sido afectado por la excavación de una fosa en época medieval. La materia prima usada para construir estos muretes es ligeramente distinta a la que se observará en fases posteriores, donde los mampuestos elegidos no son tan regulares ni están dispuestos de forma tan cuidada. A este edificio puede corresponder algunos fragmentos de muros inconexos, rotos o amortizados por el edificio que se le superpone en un momento inmediatamente posterior (U.U. E.E. M.M. 008 y 020).

Efectivamente, sobre los restos de este primer edificio, pero manteniendo aproximadamente su orientación, se localiza parte de una vivienda, en aceptable estado de conservación, que contaba con al menos cuatro estancias. Sus zócalos son de mampostería, dispuesta de forma irregular, con caras vivas, algo diferentes de la usada en el edificio precedente. Se conserva

un muro de mayores dimensiones, que debió ser de carga (U.E.M. 007=018), al que se adosan, ortogonalmente, otros paramentos ligeramente más estrechos y con ejecución menos cuidada (U.U. E.E. M.M. 014 y 019). Los suelos del edificio dispuestos al sur aparecen sobre el geológico, y los situados más al norte amortizan las estructuras de la fase precedente (U.E. 120-121). Están realizados con grava de pequeño tamaño, bien compactada (U.E. 088), que alterna con suelos de arcilla rojiza, con indicios de rubefacción (U.U. E.E. 080, 082, 193, 194). En algunos casos se observa como se repararon los suelos, sustituyendo los de barro por empedrados de pequeños chinos (U.E.M. 142). Una de las estancias presenta cercana a una de sus esquinas, una curiosa concentración de pequeños mampuestos insertos en el suelo, de difícil interpretación hasta el momento (U.E. 192). La presencia de niveles limpios de micaesquistos depositados sobre los suelos (U.E. 181) quizás pueda ponerse en relación con su uso en posibles cubiertas planas de los edificios, interpretación que ha sido usada en otros yacimientos en los que se ha documentado la presencia de niveles de naturaleza semejante sobre el suelo de viviendas, aunque correspondientes a periodos históricos distintos.

Al lado Oeste del tramo de calle investigado, se instaló otra vivienda, distinta a la comentada con anterioridad. Se trata de un edificio de planta rectangular, con 3 m. de ancho, y como mínimo 4 de largo, y que pudo estar constituido al menos por una estancia, quizás dos, aunque las grandes afecciones que sufre en sus límites norte y oeste no permiten confirmar con absolutas garantías este aspecto. Los muros, de unos 60 cm. de ancho, están realizados a su vez con grandes mampuestos rodados, traídos de la playa, y ligados con barro (U.U. E.E. M.M. 002=003, 005, 017). Los cantos se disponen formando dos líneas paralelas, en las que se intercalan ripios. La esquina sureste ha sido reforzada con varios mampuestos, posiblemente para evitar su deterioro al encontrarse lindando con una zona de paso. Para instalar el suelo se ha realizado un acopio de tierra limpia, que da lugar a que la cota de suelo esté unos 20 cm más alta que la de la calle. Sobre este nivel se realizó una pavimentación a base de guijarros de playa (U.U. E.E. 072=077, 158). En la estancia se dispuso un gran hogar circular, (U.E. 076), preparado rebajando el suelo e instalando una serie de mampuestos encaminados a mantener la temperatura. En un segundo momento, este hogar se amortizó, rellenándose de piedras hasta cota del suelo, perdiendo su función primigenia e integrándose en el piso de la estancia.

La presencia de edificios de diversa complejidad, insertos en un espacio separado por amplias calles, a las que se abre algún soportal, responde claramente a un patrón constructivo de origen oriental, habitual en los yacimientos fenicios coetáneos. Por ejemplo, en el yacimiento del Cerro del Villar, en la desembocadura del Guadalhorce (Málaga) (Aubet, 1997), se documentó el mejor y más cercano paralelo de indicios de urbanismo semejante. Allí se localiza una calle de 5 m, que separa edificios complejos de planta ortogonal, que en un caso presenta una estructura simple adosada a uno de los edificios y abierta a la calle. Soportales a base de hiladas de postes han podido ser documentados recientemente en el complejo industrial fenicio de la Pancha, yacimiento recientemente descubierto y ubicado en las inmediaciones de los centros de la desembocadura del río Vélez (Martín, 2005).

Fase III. El uso industrial de la zona

Sobre los niveles que amortizaban los edificios y la calle se instalaron una serie de estructuras, aparentemente relacionadas con actividades industriales. Los espacios residenciales han quedado definitivamente amortizados, y en ellos se excavan una serie de estructuras, algunas de ellas de difícil interpretación, con forma de cubetas revestidas de barro, y otras que se pueden interpretar como piroestructuras relacionadas con alguna actividad productiva. A pesar de no haberse conservado material cerámico datante asociado a esta fase, la continuidad estratigráfica existente entre los depósitos, así como la presencia de materiales de época púnica localizados

con carácter residual en fosas más tardías, nos permite plantear la continuidad del yacimiento en época posterior a la fenicia arcaica, aunque este aspecto debe ser contrastado en futuras intervenciones.

Los materiales cerámicos

El complejo vascular identificado en las distintas unidades estratigráficas de la excavación de la Catedral de Ceuta, igual que sucede con otros muchos aspectos de esta intervención, se halla en curso de procesamiento. Por este motivo, a pesar de resultar objetivamente razonable el avance de algunos datos y perspectivas, en general, se tratará de enfoques preliminares y generales, sujetos, en cierta medida, a las matizaciones o rectificaciones que imponga el estudio definitivo de la excavación en el ámbito de una memoria científica que se halla en proceso.

En todo caso, dos grandes criterios separan el complejo vascular: las piezas fabricadas a torno, por una parte y, por otra, los recipientes elaborados sin ayuda de dicho artilugio, es decir, lo que genéricamente se denomina cerámica a mano.

El material a torno

Salvo casos realmente excepcionales, que se comentarán después, toda la cerámica a torno es de fabricación fenicia. Entre ella se han distinguido individuos procedentes del Mediterráneo central y otros cuyo lugar de producción, seguramente, debe buscarse en Oriente.

Sin embargo, las producciones fenicias, que genéricamente se vienen denominando del extremo Occidente, constituyen dentro del bloque estudiado, la masa global de material cerámico a torno, fuera de la cual todo lo demás se acerca a porcentajes más bien anecdóticos.

Este complejo abarca prácticamente toda la gama vascular del momento, se trata de las categorías siguientes:

Ánforas de transporte.— Al margen de algunos especimenes atribuidos con claridad al T-10.111 (Lám. I, 1) (que, de otro lado, parecen atestiguar un inicio del asentamiento hacia el -700 o poco después) corresponden invariablemente al T-10121 (Lám. I, 2), como es habitual en horizontes del pleno siglo VII a.C. De otro lado, estos recipientes ofrecen las variables típicas de bordes, todas o la mayor parte de las cuales se encuentran el yacimiento de Ceuta, donde se detectan, a parte de los mayoritarios casos de formatos grandes y medianos, otros de tamaño más reducido.

Jarros y jarras.— En este grupo el panorama de Ceuta aparece dominado por los principales vasos medianos: las jarras de cuerpo globular y cuello cilíndrico —denominadas, de un modo demasiado genérico, jarras "Cruz del Negro"— y jarras de cuello muy corto y boca muy ancha, a veces cuatriansadas que se han divulgado en la literatura científica con el nombre de *pithoi* (Lám. I, 3). Los materiales de Ceuta, en general presentan asas de sección geminada y decoración pintada lineal de bandas y franjas, con la característica alternancia de tonos oscuros y rojizos.

Por otro lado, se han detectado individuos de jarros y jarras con el cuerpo total o casi totalmente cubierto de engobe rojo. Si bien se trata de un material extremadamente fragmentario, se han podido identificar jarras de borde vertical y espalda carenada, junto con jarros monoansados de cuello nervado, evidentemente entre otras.

Otros vasos de esta categoría, aunque claramente contenedores de perfumes y/o de aceites perfumados, son las ampollas de fondo convexo (*oil bottle*) (Lám. I, 4) y los denominados *dipper jug* (vaso vertedores), estos últimos, a diferencia de los anteriores, con el asa sobre el borde. Aunque diversas piezas de estos dos tipos parecen de producción oriental, otras ofrecen características típicamente occidentales.

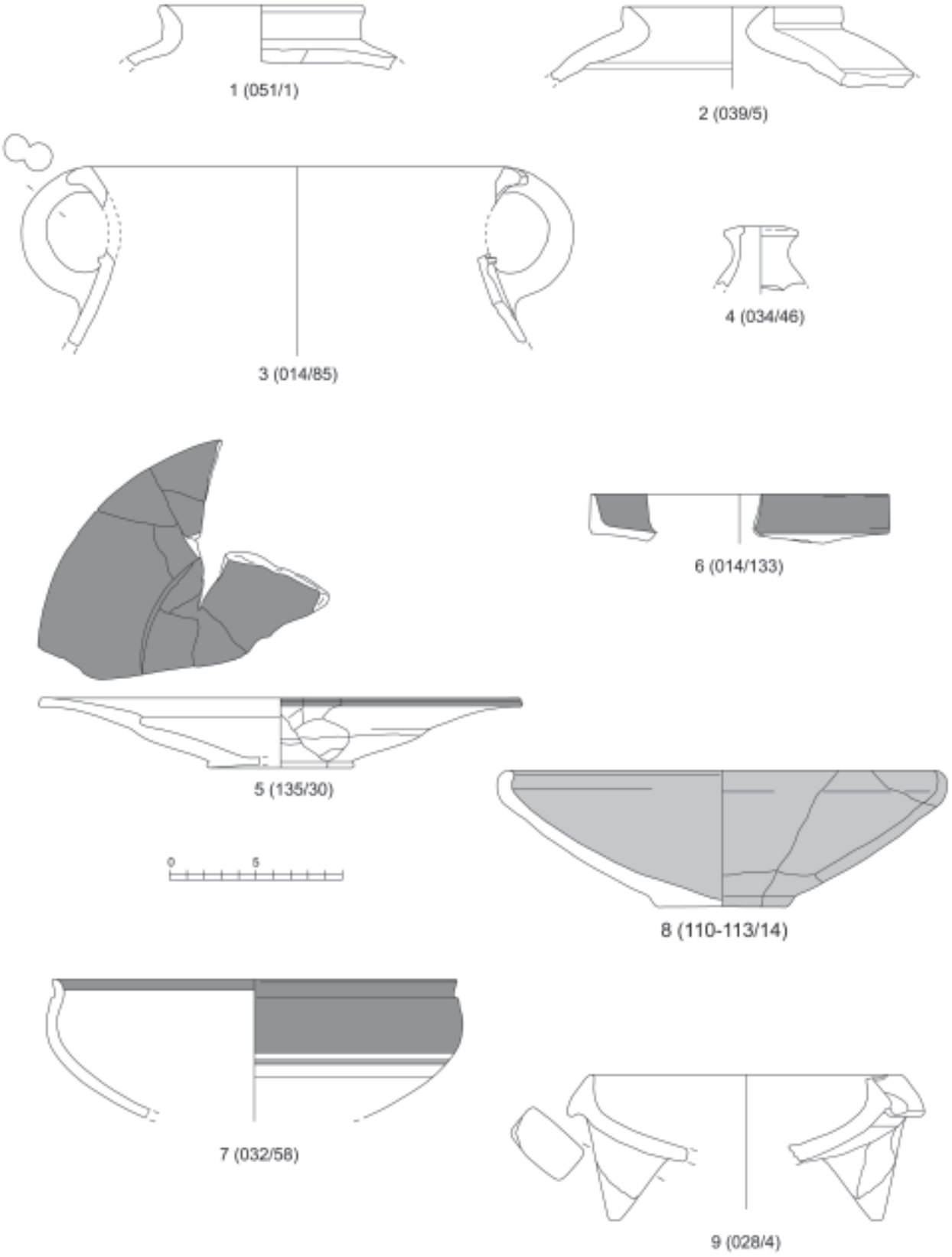


Lámina 1. Cerámicas a torno

Vajilla de mesa.— Se halla representada en el yacimiento objeto de la presente comunicación por la mayoría de las formas fenicias características del mundo fenicio occidental. En primer lugar, los platos de engobe rojo. Básicamente se documentan dos modelos, uno con el extremo del borde liso, o simple (Lám. I, 5), y el otro con una ranura o acanalación horizontal más o menos bien marcada en esta posición. No existen a torno platos de bordes estrechos comparables, por ejemplo a los de la denominada y suficientemente conocida *facies* Chorreras. En todos los casos computables, estos tienen concientes de proporción interna y medidas absolutas que entran de lleno en Toscanos III-IV (1964), en los ajuares y materiales de los rellenos de las tumbas de Trayamar de y la tumba 1E de la necrópolis de Puente de Noy, entre muchos otros.

Son también muy significativos los cuencos (Lám. I, 6). En cuanto a las piezas de cerámica oxidante y engobe rojo parcial o total, de un lado destacan los conocidos perfiles carenados de borde triangular exvasado, muy característicos en todos los establecimientos fenicios del siglo VII a.C.

Otros cuencos se caracterizan por su perfil en "S", es decir, borde de extremo generalmente simple debajo del cual el vaso ofrece una trayectoria oblicuo-cóncava que da paso a una carena más o menos marcada. Son también, aunque no muy abundantes, sí al menos significativos los cuencos hemisféricos con la zona inmediatamente por debajo del borde escalonada.

De modo particular, cabe señalar también de una serie de copas de perfil convexo con borde más o menos exvasado, previo un escalón de separación con el resto del cuerpo (Lám. I, 7). En algunos individuos, más que en otros, parece posible, cuando no evidente, una influencia de las copas griegas del grupo A1/A2 de Vallet y Villard sobre estas versiones fenicio occidentales, con todas las implicaciones económico-cultural que a partir de ahí se puedan derivar y que ahora quedan lejos de la presente síntesis.

Otro grupo es el de la cerámica de cocción reductora, es decir la vajilla de pasta gris. Sin poder aún dar cifras absolutas, cabe decir que su porcentaje es sensiblemente inferior al de la vajilla con engobe rojo, muy de acuerdo con lo observado generalmente en los yacimientos fenicios del extremo occidente. En cuanto a formas, la más característica y frecuente es la del cuenco de perfil convexo y borde de sección oval, más o menos engrosada, que la excavación de la Catedral de Ceuta ha llegado a proporcionar algunos ejemplares prácticamente completos (Lám. I, 8). Existen otros tipos de cuencos o platos-cuenco en pasta gris, de formas menos comunes.

Vasos de procesamiento.— En este grupo destacan los cuencos-mortero apoyados sobre tres pies piramidales, evidencia entre otras del uso del mazo en sentido giratorio. Existe en Ceuta al menos un ejemplar del tipo de borde engrosado y redondeado, con una acanalación externa. Muy común en asentamientos fenicios como Las Chorreras, se trata seguramente de uno de los morteros-trípode más antiguos del lote. Cabe señalar otro ejemplar, de pasta esquistosa, cuyo borde resulta por ahora del todo inusual. Sin embargo, el modelo más corriente —del cual la excavación de la Catedral ha proporcionado individuos bastante íntegros— es también aquí el de borde triangular perfectamente exvasado, igualmente corriente en los horizontes fenicios del siglo VII a.C. extremo occidentales (Lám. I, 9). Cabe añadir que las ollas a torno aquí son casi testimoniales, hecho en cuanto al tipo de asentamiento que se está estudiando.

En cuanto a materiales fenicios de producción centro-mediterránea, cabe citar algunos fragmentos de ánforas cuya pasta pertenece al grupo Cartago-Túnez. La grave fragmentación de este material —existe, al menos, un discoide tallado en uno de estos cuerpos— y la ausencia de bordes, o incluso asas, hace aventurada su clasificación tipológica estricta.

Por lo que atañe a vasos de origen oriental fenicio, en Ceuta, aunque de modo también muy minoritario, se ha detectado la posible presencia de algún ánfora de trasporte y ya se ha aludido a esta misma procedencia en el caso de algunas *oil bottle* y *dipper jug*.

Finalmente, cabe indicar la extrema rareza de vasos de fabricación griega. Al margen de algunos individuos de atribución más problemática, un corto número de fragmentos corresponden

como mínimo a una *black painted amphora*, cuya procedencia concreta para el caso que aquí se trata sigue siendo problemática (Lám. II, 1).

Los vasos a mano

Sin poder aún dar porcentajes definitivos de esta clase de producción vascular, si pueden anticiparse dos datos muy importantes. El primero es su abundancia cuantitativa en relación a la cerámica a torno. El segundo, su atribución a producciones artesanales que por su mineralogía (que entre otros elementos contiene mica dorada), cabe ubicar en el propio asentamiento de la Catedral de Ceuta o en su estricta proximidad.

Al margen de clasificaciones funcionales, cabe señalar que la cerámica a mano de Ceuta puede también dividirse, según se trate de imitaciones de formas a torno fenicias, o bien, de morfologías tradicionalmente inscritas en el bronce final y/o hierro antiguo del extremo occidente.

Salvo excepciones, se trata también de un material muy troceado, dificultando a menudo la percepción global de las formas.

En cuanto al primer grupo existen imitaciones de lucernas, tanto de un mechero (Lám. II, 2) como de dos. Otro lote, aunque mucho más escaso, son las imitaciones de platos fenicios de engobe rojo, aquí también decorados pero con pintura o almagra del mismo color. Se trata sin embargo de versiones de platos, no de borde ancho, como los que existen a torno el mismo yacimiento, sino de borde estrecho, cosa que plantea una serie de interesantes cuestiones sobre las cuales ahora no cabe extenderse. Cabría, finalmente citar posibles versiones a mano de los conocidos vasos a tulipa, o vasos "chardon", por el resto bien conocidos en otros ambientes protohistóricos atlánticos.

En cualquier caso, cabe indicar que los cuencos o platos están no sólo muy bien representados, sino francamente por encima de lo que sucede en los asentamientos andaluces estrictamente fenicios, observándose una serie de modelos distintos: hemisféricos de borde simple o engrosado (Lám. II,3), tanto al interior como al exterior, de bordes biselados, quebrados y aristados o cóncavo-convexos, las conocidas cazuelas de carena baja (Lám. II, 4), etc.

Por otra parte, los vasos a mano cerrados, o altos, son tanto o más abundantes. Destaca, por un lado, una gama morfológica con el denominador común de presentar un perfil cóncavo, generalmente invasado, aunque a veces también de tendencia más o menos vertical (Lám. II, 6), en su parte superior ofreciendo carenas a veces muy marcadas y otras casi inexistentes. Otras de estas ollas tienen perfiles prácticamente ovoides, es decir con el diámetro máximo un tanto desplazado hacia abajo y bordes con distinto grado de engrosamiento y morfología (Lám. II, 7). Otras variantes presentan bordes más o menos altos y a veces sensiblemente oblicuo-exvasados (Lám. II, 5).

En cuanto a decoraciones y elementos accesorios de estas piezas, son comunes, especialmente en los vasos cerrados, las bandas incisas y digitadas, algunos motivos geométricos, los muñones y mamelones de diferente morfología, a veces con perforación y los apliques semilunares o de herradura, entre otros. Frecuentemente presentan bruñidos o escobillado de sus paredes. Existen casos con tratamiento rojizo (almagra).

Cabe señalar, finalmente la presencia de algunos especimenes, que a juzgar par la parte conservada, debían constituir ollas de formato considerablemente grande. Se dispone también de multitud de bases que seguramente pertenecen no solo a vasos altos sino también, según en que casos, a cuencos diversos. Se observan perfiles no destacados del cuerpo inferior del recipiente, junto con otros que ofrecen concavidades, convexidades o incluso perfiles atalonados, aunque estos últimos no parecen ser los más abundantes. Generalmente su fondo externo es plano no faltando, sin embargo, piezas con éste rehundido o, incluso, con un pequeño umbo entrante.

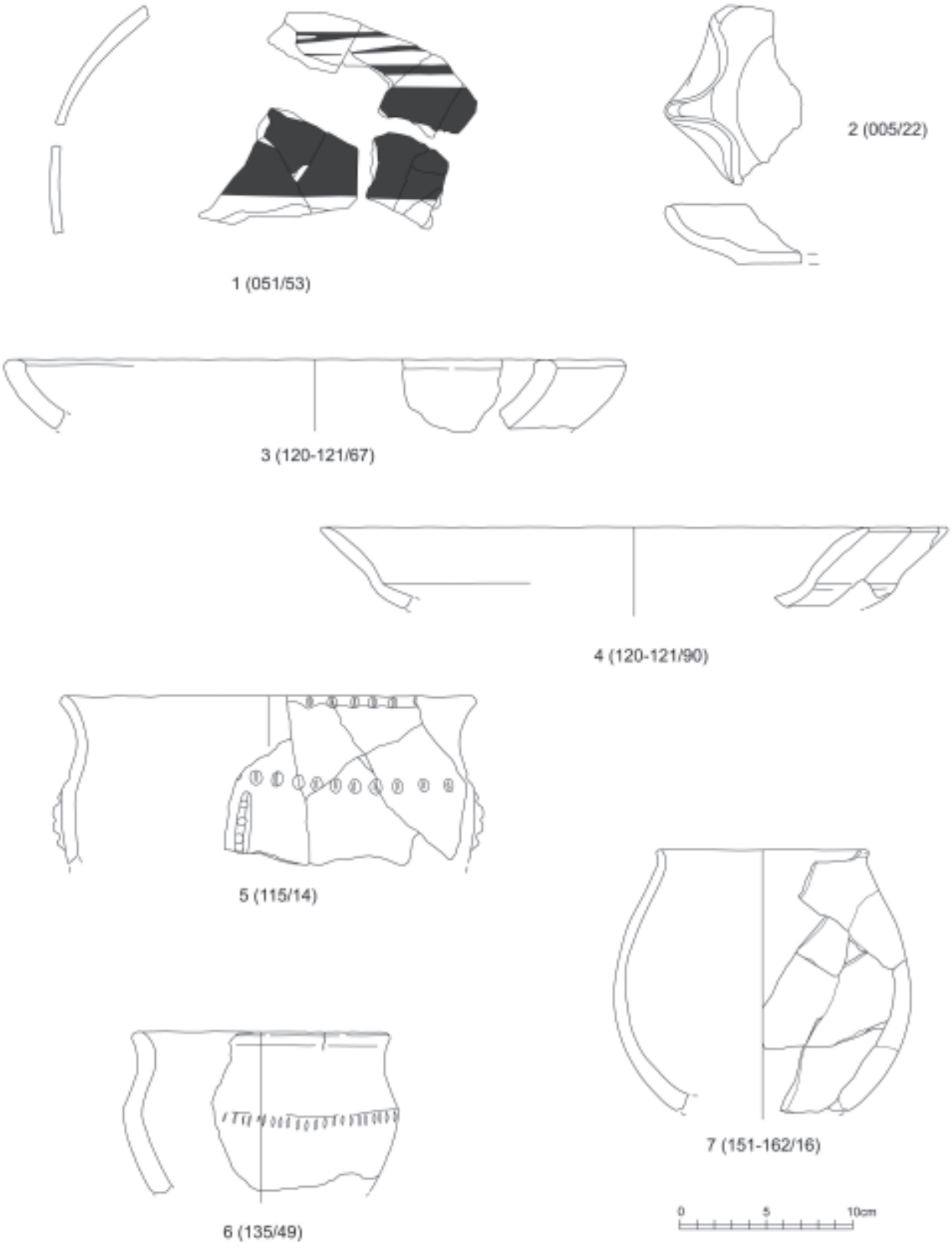


Lámina 2. Cerámicas griegas y cerámicas a mano

Se trata en cualquier caso de formas entroncadas con el bronce final y hierro antiguo del extremo occidente mediterráneo y del atlántico, tanto peninsular, como africano (este último mucho menos estudiado) de factura y producción evidentemente indígena, aunque en diversos aspectos influida y matizada por el factor colonial

Valoración preliminar del complejo cerámico

El conjunto de las cerámicas de la excavación de la Catedral de Ceuta, bajo diversos puntos de vista, aporta datos de no poco interés. Por un lado, el espectro cronológico. En este sentido cabe recordar la existencia de unos pocos individuos adscribibles al horizonte Chorreras (p. ej., ánforas T-10111 y morteros), que pueden situar un inicio del asentamiento entorno a finales del siglo VIII o inicios del VII a.C., hecho que la cerámica a mano, con las formas y características antes enunciadas y con ausencias significativas, como las retículas bruñidas, entre otras, corroboran plenamente.

Este mismo complejo indica que la fase, ya proto-urbana, con calles y estructuras sobre zócalos de piedra rectangulares, pudo implantarse poco antes, o hacia mediados del siglo VII a.C. y que, al menos toda su segunda mitad, significó un momento de plena ocupación.

Pero parecen faltar materiales que, en estricto, puedan adscribirse al siglo VI a.C. al menos a la plena primera mitad de esta centuria. En este sentido, no solo la cronología establecida de casi todos los tipos documentados, sino incluso la extrema rareza de importaciones griegas, apuntan claramente en este sentido.

Otro matiz, de suma importancia, derivado del análisis (preliminar) del complejo vascular de Ceuta, es el de la procedencia de la cerámica fenicia occidental, como se ha dicho, constituye con diferencia la masa de materiales de este conjunto. Sus características físicas y mineralógicas apuntan claramente a centros de lo que, genéricamente, se ha denominado grupo "Málaga-Granada", pero que en estricto ofrece similitudes directas con centros fenicios como Los Toscanos. Lo dicho abarca, tanto ánforas de trasporte, como jarros y jarras o vajilla de mesa y cocina-procesamiento.

Por lo que atañe a vasos fenicios centro-mediterráneos (en especial cartagineses) y orientales, no pueden ser considerados fuera de su normal presencia en los establecimientos occidentales.

En cuanto a la cerámica a mano, algunos de los datos antes enumerados son sin duda muy significativos, por lo que atañe a la filiación cultural del asentamiento protohistórico, que en cualquier caso nace ya desde sus orígenes bajo una clara presencia, al menos comercial, del factor fenicio malagueño.

Conclusiones

La excavación realizada en la Plaza de la Catedral de Ceuta ha permitido documentar por primera vez en la Ciudad la presencia de niveles de ocupación del siglo VII a.C. Hasta este momento los datos de que se disponían correspondían a ánforas procedentes de contextos submarinos que, en cualquier caso, no podían remontarse más allá del siglo V a.C. (Bernal, 2000 ; Ramon, 2004)

Los nuevos elementos de juicio, que aquí son presentados de un modo, como se ha dicho, muy preliminar, permiten conocer la existencia de un nuevo asentamiento en la orilla africana del Estrecho. Según los primeros análisis mantiene directas relaciones con las colonias fenicias del litoral malagueño de donde se presume que procede la inmensa mayoría de material cerámico torneado.

Se trata pues de un asentamiento de suma importancia en el marco geográfico donde se implanta y donde, junto con un innegable substrato autóctono, la presencia comercial y seguramente también física del factor fenicio, desde sus mismos comienzos y a lo largo de toda la secuencia observada, introducirá aspectos claves de algo, en realidad, mal estudiado: la actividad cultual y económica mixta y las fundaciones de asentamientos conjuntos, que obedecieron sobre todo a la conexión citada.

El estudio sistemático en curso, que abarca todas las técnicas modernas de análisis y sistematización del registro arqueológico, será sin duda clave para una comprensión del fenómeno en el sentido indicado.

Bibliografía

Aubet, M.E. (1997) - Un lugar de mercado en el Cerro del Villar. In Aubet, M. E. (coord.) *Los fenicios en Málaga*. Málaga: Universidad. pp. 197-213.

Bernal, D. (2000) - Hallazgos arqueológicos y estado de la cuestión sobre la presencia de fenicio-púnicos en Ceuta. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad de Cádiz. pp. 1137-1152.

Martin, E. (2005) - Nuevos yacimientos fenicios en el contexto de la costa de Vélez-Málaga (Málaga) In AA.VV. *XVII edición de los cursos de verano de la Universidad de Granada en Ceuta*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes. pp. 101-105.

Ramon, J. (2004) - Las ánforas fenicio-púnicas de Ceuta. In Bernal, D. (ed.) *Juan Bravo y la arqueología subacuática en Ceuta*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes. pp. 95-106.

LOS FENICIOS EN EL SUROESTE ATLÁNTICO. UNA REVISIÓN DESDE EL REGISTRO ARQUEOLÓGICO DE HUELVA *

Francisco Gómez Toscano

Universidad de Huelva

Resumen

A lo largo del pasado siglo XX, la investigación histórico-arqueológica de Huelva ha estado determinada por hallazgos fortuitos de gran importancia, los cuales condicionaron incluso la interpretación de la evolución física del asentamiento, en especial porque en los trabajos de campo subsiguientes se puso el énfasis en la descripción subjetiva de importantes restos materiales y no se prestó la debida atención a la información que suministraba el registro arqueológico. A pesar de que la mayor parte de la excavaciones arqueológicas realizadas desde la década de los noventa no han sido publicadas todavía de forma efectiva, la revisión de las más conocidas y nuevos hallazgos descontextualizados, así como la comparación con otros sitios sincrónicos del territorio más cercano, permiten estimar en qué momento de la evolución local se produjeron los primeros contactos con los fenicios históricos y el significado de ese encuentro para el período orientalizante posterior.

Abstract

The most part of last 20th century casual finds have determined modern historical research in the archaeological site of Huelva. These finds have even conditioned the physical explication of the site due that fild works results emphacized the subjetive description of archaeological items without offering an explanation of the archaeological record as a whole. Due that the most part of archaeological excavations conducted in the site as from 1990 have not been througly published, the revision of the known data, new casual finds, and also available information obtained in syncronic sites around the Mediterranean, allows to stimate the actual date of first contacts of local population with historical phoenicians and as both societies evolved in the next orientalizing period.

* Este trabajo se enmarca en el Proyecto *Análisis de la implantación y evolución del fenómeno urbano en el S.O. peninsular: Las campiñas onubenses* (Ministerio de Educación y Cultura. DGICYT PB96-1496)

La ocupación protohistórica de la ría de Huelva ha atraído siempre la atención de historiadores y estudiosos mucho antes de que comenzara su investigación arqueológica, toda vez que una gran parte de los restos que la han ido definiendo a lo largo del siglo XX ha sido fruto de hallazgos casuales y no precisamente de estudios sistemáticos ordenados y planificados, que han dado lugar a deficientes explicaciones históricas sólo recientemente criticadas (Gómez y Campos, 2001). En la década de los años veinte, en plena adaptación de su puerto a las necesidades de calado contemporáneo, una prueba de dragado por debajo de los límites normales puso al descubierto centenares de piezas de la Edad del Bronce acumuladas en el fondo del río Odiel, de las que unas trescientas reunidas, catalogadas y estudiadas, afortunadamente, fueron depositadas en el Museo Arqueológico Nacional donde se encuentran disponibles para su estudio (Ruiz Gálvez, 1995) No obstante, se sabe que otras muchas, como el casco griego, se apartaron del procedimiento oficial siguiendo diferentes derroteros. Años después, en la década de los años cuarenta, jóvenes estudiantes de bachillerato detectaron la presencia de una tumba antigua en los cabezos, tampoco la única al parecer, y guardaron las piezas localizadas hasta que fueron entregadas a los primeros arqueólogos que les dieron importancia, los cuales comenzarían sus campañas de excavación en la Necrópolis de la Joya (Garrido, 1989).

Entre 1968 y 1969, durante unos trabajos que se realizaban para preservar las laderas del Cabezo de San Pedro, el azar mostró por primera vez la completa y compleja estratigrafía arqueológica formada en una de las principales zonas del yacimiento de Huelva, que fue dada a conocer para mostrar elementos arqueológicos desconocidos hasta entonces (Blázquez et al., 1970). Pocos años después, en los inicios de los ochenta, J. P. Garrido interrumpió los trabajos en la Joya para atender a la aparición de un importante número de cerámicas griegas arcaicas que se habían descubierto al realizar los cimientos de un edificio de nueva planta en la calle Puerto (Olmos y Garrido, 1982), que inauguraba un catálogo compuesto ahora por varios miles de piezas comparables a las mejores localizadas en el conjunto del Mediterráneo (Stampolidis, 2003).

Como es lógico, la investigación arqueológica moderna ha procesado esa información obtenida por casualidad junto con la aportada por una investigación arqueológica que, en diferentes momentos y por distintos equipos que no tuvieron demasiada continuidad, sólo se inició en la década de los años sesenta, dando lugar a estudios casi siempre orientados a la investigación de la Protohistoria, en los que se olvidaban o relegaban otros período históricos (Gómez y Campos, 2001), hasta que la elaboración de una Carta del Riesgo de la Ciudad ha regulado y ordenado la investigación del sitio arqueológico de Huelva (Gómez y Campos, 2000), donde en los últimos años se han hecho más excavaciones preceptivas que las realizadas con anterioridad. En el momento presente, precisamente el desarrollo de una excavación de urgencia ha dado lugar a otro hallazgo que por sus características debemos incluir entre los casuales, ya que sus resultados, incluidos en el contexto ya conocido, a pesar de no corresponder a una excavación arqueológica normalizada, parecen de singular importancia en relación con la temprana presencia de los fenicios en Occidente.

Los fenicios en Occidente y su sincronismo con la evolución del Próximo Oriente

Tal como se ha expresado en las páginas precedentes, el conocimiento del asentamiento protohistórico de Huelva no se debe a unos pocos trabajos arqueológicos, sino que en la actualidad se cuenta ya con un importante registro donde incluir nuevas aportaciones por importante que ellas parezcan. No se trata pues de incorporar apresuradamente a ese registro unos materiales que puedan por sí mismos aclarar cuestiones trascendentales.

En recientes trabajos hemos defendido que la temprana presencia de los fenicios en Occidente sólo podía ser estimada tras un estudio comparativo que precisara la situación cronoespa-

cial del más antiguo registro arqueológico occidental en la evolución de la cultura material definida en los asentamientos de la costa siropalestina (Gómez, 2004). Partiendo en esos momentos de los, a nuestro juicio, más antiguos ejemplos conocidos en el hábitat prefenicio de Huelva, su análisis nos llevó a estimar que no existían importaciones que pudieran ser anteriores al *Stratum III* de Tell Abu Hawam (Herrera y Gómez, 2004), aunque unas pocas piezas claramente correspondían a momentos previos a la formación de los *Strata III-II* de Tiro (Bikai, 1978), las cuales, como uno de los jarros bícromos (Gómez, 2004: Fig. 2, 1) y un cuenco de *Fine Ware* (Gómez, 2004: Fig. 3, 1) podían incluirse en el *Salamis Horizon* (¿850-750? a.C.) definido por P.M. Bikai para las importaciones fenicias en Chipre (Bikai, 1987: 69). En cualquier caso, la presencia de los fenicios en Occidente no parecía ser demasiado anterior a la cronología otorgada por J.N. Coldstream al Geométrico Medio ático (Coldstream, 1968). Ahora, gracias a la aparición de una importante colección de materiales arqueológicos procedentes de Huelva (González et al., 2004), puede darse un paso más siguiendo nuestros planteamientos (Gómez, 2004), que en general quedan reforzados ante la nueva evidencia.

Las nuevas evidencias y su contextualización histórico-arqueológica

Las circunstancias del hallazgo hay que relacionarlas con una excavación que se realizaba en la calle Méndez Núñez (Osuna et al., 2000), en la cual se alcanzaron las aguas del freático y, como tantas veces en Huelva, al no poder trabajar con garantías, se interrumpió la actividad y se permitió operar a la empresa constructora. Los autores de la publicación (González et. al, 2004), comprobaron que los estratos profundos no excavados iban siendo destruidos con maquinaría pesada y los sedimentos extraídos, repletos de materiales arqueológicos, eran arrojados a los depósitos acondicionados para ello en las marismas actuales. Como los materiales más profundos estaban integrados en un sedimento negro característico, durante unos cuatro años se dedicaron a su recogida y estudio sistemático, salvando así un importante registro que de otra forma no hubiese incidido en la investigación arqueológica del hábitat onubense.

El estudio en su totalidad, como ya se ha manifestado (Torres, 2005), y se ha tenido la ocasión de comprobar en este Congreso, aporta un conjunto de materiales que puede elevar considerablemente la cronología que antes se estimaba para la temprana presencia de los fenicios en Occidente, posibilita ampliar las relaciones del hábitat local con otras zonas del Mediterráneo y, en general, muestra una amplia base donde sustentar nuevas hipótesis de trabajo que coadyuven una explicación coherente con el desarrollo de la Protohistoria peninsular y sus relaciones con el Mediterráneo Oriental y Central.

No obstante, precisamente la necesidad de explicar el marco temprano de las relaciones de la Península Ibérica con el Próximo Oriente tal vez ha llevado a los autores a desestimar el significado del aporte de la sociedad occidental, tanto en la conformación del hábitat como en el desarrollo de la ocupación previa a la presencia de fenicios en el Atlántico, que implica exponer claramente cuál fue el desarrollo de la convivencia entre indígenas y recién llegados.

A la hora de contextualizar la selección de materiales recogidos en la marisma en la evolución histórica del yacimiento arqueológico de Huelva, resulta transparente la propuesta cronológica y el carácter difusionista que enmarca la interpretación histórico-arqueológica propuesta por los autores, la cual está claramente dirigida a resaltar la importancia de los materiales de importación, los únicos considerados relevantes, para incluso desestimar la existencia de ocupación en la zona en momentos previos a esa cronología que implícitamente se adopta. Como muestra, en la introducción al estudio de las cerámicas que se estiman autóctonas, a los autores no les *...parece procedente plantear una tediosa discusión basada en paralelos más allá de un hecho de gran trascendencia en el caso de la antigua marisma de Huelva: su asociación a cerámicas áticas del*

Geométrico Medio II, eubeo-cicládicas subprotogeométricas, sardas, villanovianas y, masivamente, a vasos de tradición fenicia que pueden fecharse con anterioridad a la finalización del estrato IV de Tiro (González et al., 2004: 188)[1], sino que, simplemente, se establece una horquilla de los siglos IX-VIII a.C., si no es desde el X, para la formación de todo el estrato negro y, con ello, curiosamente la del hábitat de Huelva[2].

No obstante, en este sentido, resulta sorprendente que a los materiales publicados quiera dárseles el valor de un conjunto de restos obtenido en una excavación arqueológica sistemática. Como ejemplo, ya que en el estudio de las dos campañas de excavación sistemática de 1977 y 1978 tan sólo se estimaban 464 piezas (Ruiz Mata et al, 1981), ahora se exige una mayor credibilidad a sus conclusiones sólo por haber manejado diez veces más, es decir exactamente 4,703 fragmentos (González et al., 2004: 188). De cualquier forma, antes de esas dos campañas de excavación del Cabezo de San Pedro, el cuenco hemisférico con decoración bruñida, similar al Tipo 4 del hallazgo de 1999-2003, era muy frecuente en la ladera occidental (Blázquez et al., 1970: Lám. XXVI, D7 y E5) y, aunque esos materiales tampoco fueron excavados sistemáticamente, por su número y posición en la evolución general, habría que continuar considerándolo una forma tardía, como se hizo entonces a partir de una muestra mucho más amplia, muy cercana al momento en que pasará a ser la forma A.II.b (Ruiz Mata, 1995: Fig. 3; 54-59). Ello no significa pues, que todas las formas AIa, AIb o BI localizadas en la acrópolis del Cabezo de San Pedro, utilicémoslas como ejemplo, fuesen sincrónicas con las rescatadas ahora en la zona del Puerto; debió existir un lapso de tiempo en que esas formas se crearon desde unos precedentes originados en el Período Formativo (Gómez, 1997: Fig. 28).

Además, como ejemplo que incita a estimar la amplitud del período en que debe encuadrarse a todo el conjunto publicado, incluso en el II Milenio a.C., dos cuencos bruñidos (González et al, 2004: 194) se asocian al fenómeno de Cogotas I[3], que implicaría la necesidad de subir, muy por encima del siglo X, la horquilla cronológica en que debe enmarcarse el conjunto de cerámicas ahora publicado[4].

Por otra parte, hemos de recordar que la cronología de la Fase I del Cabezo de San Pedro, así como su enmarque histórico en la Protohistoria del Suroeste peninsular, ha sido revisada a lo largo del último cuarto de siglo. Si para el final del período lógicamente no existen demasiados problemas para adscribir ese momento a una fase avanzada de la convivencia entre autóctonos y fenicios que diese lugar a cambios substanciales en las formas cerámicas locales, nosotros hace casi diez años estimamos que la Fase I, el exponente de la sociedad Occidental durante el final de la Edad del Bronce, debía iniciarse en Huelva en los siglos finales del II Milenio a.C. y continuar luego desde el Período Formativo al Clásico hasta la presencia fenicia (Gómez, 1997: 237-241), con lo cual, aunque se acepte una fecha tan antigua como el siglo X para la presencia de los fenicios

1 El hallazgo de cerámicas de la Fase I del Cabezo de San Pedro fuera de su contexto histórico-temporal ha sido ampliamente comprobado en el conjunto de la excavaciones realizadas en Huelva, un hecho debido a los típicos procesos postdeposicionales existentes en cualquier sitio arqueológico, facilitados aquí por la específica constitución de la morfología topográfica del hábitat. En muchos casos su hallazgo se consideró perduraciones cuando en el mismo contexto aparecían otras formas protohistóricas más recientes.

2 Esta cronología coincide con la establecida por H. Shubart en 1971.

3 Estas cerámicas que pueden relacionarse con el Fenómeno Cogotas I, al menos en su fase final, no son ya extrañas en Huelva, como en otros sitios del Bronce Final prefenicio (GÓMEZ, 1997: Fig. 6, 19 y Fig. 12, 7), pues L. Serrano Pichardo entregó en el Museo Provincial de Huelva un fragmento recogido de las marismas, proveniente de los vertidos de material de desecho de las construcciones de nueva planta en la ciudad, aunque sin especificar cuál sería su procedencia específica.

4 De hecho, a partir de los materiales de Cogotas I y otros de las formas AIa y AIb del Bronce Final, hasta los fenicios más antiguos, debieron pasar varios siglos. Hemos de recordar que en el Horizonte de Cogotas I de Montoro aparecieron cerámicas micénicas fechadas en los siglos XIV-XV, que indicaría bien la amplitud del espacio en que se fabricaron esas cerámicas bien el tiempo que separa el final de la Edad del Bronce en el Egeo y el Período geométrico griego.

en Huelva, ello no puede implicar que el puerto atlántico no existiera desde al menos tres o cuatro siglos antes. Precisamente, debemos ser conscientes de que lo que persiste es el error de haber desestimado la importancia en el Suroeste peninsular de la fase previa a los contactos con los fenicios, cuando quiera y como quiera que ellos tuvieran lugar, ya que la fase en que se desarrolló la minería del cobre local, la importación del estaño y la metalurgia del bronce tuvo que ser un importante período en la conformación de la sociedad occidental (Gómez, e.p.) que dinamizó las estructuras sociales, políticas y económicas de la zona, donde se asistiría posteriormente a la llegada de los fenicios históricos, los cuales aprovecharon esta estructura en su propio beneficio.

Perspectivas de futuro en la investigación de Huelva

En futuras investigaciones relacionadas con el asentamiento protohistórico de Hueva, el conjunto de evidencias que conforman el registro arqueológico conocido debe ser la base en que se sustente cualquier interpretación histórica. El nuevo sumando que ahora ha aportado la arqueología (González et al., 2004), que permite establecer una cronología relativa de los principales materiales fenicios (Figura 1), procede de un importante registro salvado gracias únicamente al celo de los autores, debiendo destacarse, además, su competencia en el estudio de los materiales. No obstante, una pronta crítica a algunas de sus interpretaciones no sólo nos parece necesaria sino oportuna, especialmente en el seno del VI Congreso de Estudios Fenicios y Púnicos, por la repercusión que el hallazgo tiene en los planteamientos de los más tempranos contactos de la sociedad fenicia más allá de las Columnas de Hércules.

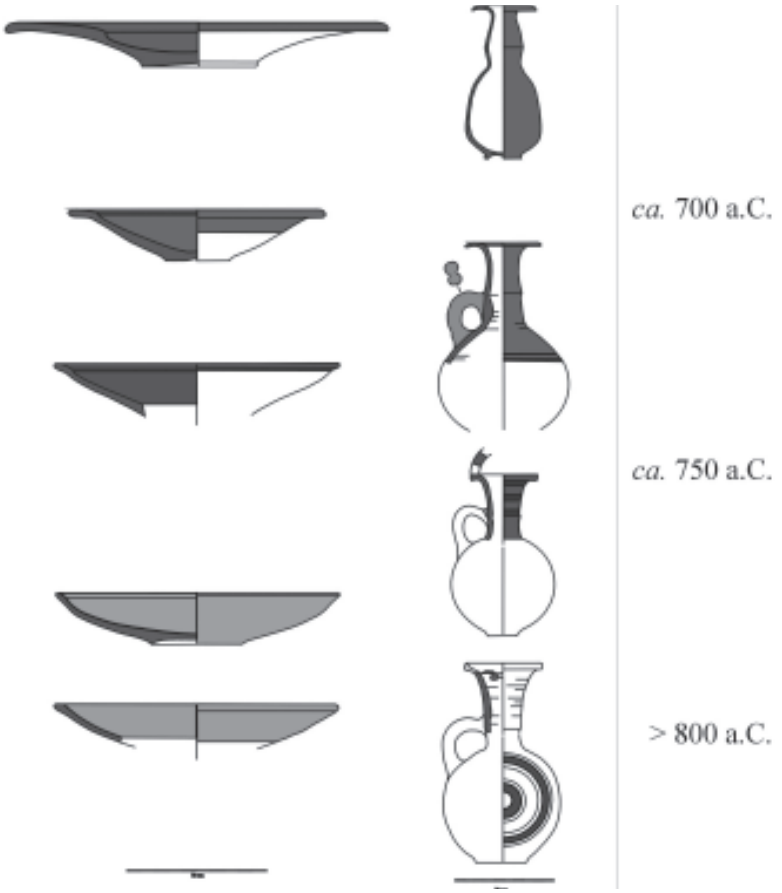


Fig. 1. Evolución de platos y jarros fenicios en Huelva

Lo más importante de todo, dada la cantidad, diversidad y calidad de materiales recuperados, es que ahora es posible situar en su justa medida ejemplos que antes parecía aventurado, entre otros el fragmento de marmita palestina conocido desde los años ochenta (Gómez, 2004: 81; Fig. 4, 5), sin dudas una pieza que ya confirmaba el asentamiento de gentes de la costa siropalestina en momentos muy antiguos, pero en el seno de un asentamiento local.

Bibliografía

Bikai, P. M. (1978) - *The Pottery of Tyre*. Warminster.

Bikai, P. M. (1987) - *The Phoenician Pottery of Cyprus*. Nicosia.

Blázquez, J.M.; Luzón, J.M.; Gómez, F. y Clauss, K. (1970) - *Huelva Arqueológica. Las cerámicas del Cabezo de San Pedro.* Madrid.

Coldstream, J.N. (1968) - *Greek Geometric Pottery. A survey of ten local styles and their chronology.* Londres.

Garrido, J.P. (1989) - La necrópolis y el hábitat orientalizante de Huelva. *Itinerarios de Monumentos*. Huelva. pp. 5-93.

Gómez, F. (1997) - *El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir. El territorio y su ocupación.* Huelva.

Gómez, F. (2004) - Cerámicas Fenicias en el Suroeste Atlántico Andaluz. Una reflexión crítica. En *Mirando al Mar. Perspectivas desde el Poniente Mediterráneo del II y I Milenios a.C.* Revista de Prehistoria. 3. Córdoba: Universidad de Córdoba. pp. 63-114.

Gómez, F. (en prensa) - El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir. Síntesis histórico-arqueológica según las más recientes evidencias. *Madrider Mitteilungen.*

Gómez, F. y Campos, J.M. (2000) - *Carta del Riesgo del Casco Antiguo de la Ciudad de Huelva*. Delegación Provincial de Huelva - Consejería de Cultura.

Gómez, F. y Campos, J.M. (2001) - *Arqueología en la Ciudad de Huelva (1966-2000).* Huelva: Universidad de Huelva. Servicio de Publicaciones.

González de Canales, F.; Serrano Pichardo, L. y Llompart Gómez, J. (2004) - *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 900-750 a.C.).* Madrid.

Herrera, M. D. y Gómez, F. (2004) - *Tell Abu Hawam (Haifa, Israel). El horizonte fenicio del Stratum III británico*. Huelva.

Olmos, R. y Garrido, J.P. (1982) - Cerámica griega en Huelva. Un informe preliminar. *Homenaje a Saenz de Buruaga*. Badajoz. pp. 243-264.

Osuna, M.; Bedia, J. y Domínguez, A.M. (2000) - El santuario protohistórico hallado en la calle Méndez Núñez (Huelva)". En Cabrera, P. y Santos, M. (Coord) *Ceràmiques jònies d'època arcaica: centres de producció i comercialització al Mediterrani occidental*. Barcelona. pp. 177-188.

Ruiz Gálvez, M.L. (1995) - *Ritos de paso y puntos de paso: La Ría de Huelva en el mundo del Bronce Final Europeo*. Madrid.

Ruiz Mata, D. (1995) - Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico. *Tartessos 25 años después. 1968-1993.* Jerez de la Frontera. pp. 265-313.

Ruiz Mata, D.; Blázquez Martínez, J.M. y Martín de la Cruz, J.C. (1981) - Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva). Campaña de 1978. *Huelva Arqueológica*. V. Madrid. pp. 149-316.

Schubart, H. (1971) - Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. 28. Madrid. pp. 3-32.

Stampolidis, N. C. (Ed.) (2003) - *Sea routes... fron Sidon to Huelva. Interconnections in the Mediterranean 16th - 6th c. B.C.* Museum of Cycladic Art. Atenas.

Torres Ortiz, M. (2005) - Tartesios, Fenicios y Griegos en el Sudoeste de la Península Ibérica: algunas reflexiones sobre los recientes hallazgos de Huelva. *Complutum. Noticias y Recensiones*. 16. pp. 273-304.

THE EARLIEST PHOENICIAN, GREEK AND SARDINIAN CERAMICS FOUND IN HUELVA: A SUPPORT FOR TASHISH IN 1 KINGS 10.22. *

Fernando González de Canales
Leonardo Serrano
Jorge Llompart

Huelva

Abstract

The finding in the city of Huelva, southwestern Spain, in a precolonial context, of an abundant array of Phoenician and autochthonous ceramics together with other ones of Cypriot, Greek, Sardinian and Italic origin, and the demonstration of activities leading to the manufacture of certain precious or semiprecious products, in opinion of the authors identifies without much shadow of a doubt, the site mentioned in Biblical texts as Tarshish (the Greek Tartessus).

Resumen

El hallazgo en un contexto precolonial de la ciudad portuaria de Huelva, en el suroeste de la Península Ibérica, de un abundante conjunto de cerámicas fenicias e indígenas, junto a otras de procedencia chipriota, griega, sarda e itálica, y la demostración de actividades dirigidas a la obtención de determinados productos preciosos o semipreciosos evidencia, en opinión de los autores sin demasiada sombra de duda, el lugar conocido en los textos bíblicos como Tarsis (Tarteso griego).

* We thank Dr. Roberto Novella (Madrid-Oxford) for correcting the English version.

In 1998, we took part in the excavation of an area located between Méndez Nuñez St 3-7, and Las Monjas Sq 12, in Huelva, a harbour town in Southern Spain (figs. 1-2). In the process of the excavation, only 7th century BC levels could be reached due to ground water, preventing us to cover the archaeological records in full. As an extension to the excavation, we proceeded to a selective recovery of materials within a secondary context, of a dark-grey stratum at some 2.5 m below the water table level, in which a first human settlement had been located according to observations along the digging of the area. A binocular analysis of this stratum proved to correspond to a salt marsh.[1]

Among the approximately 90.000 fragments examined, 8.009 were classified as follow: 4.703 of local tradition; 3.233 Phoenician; 33 Greek; 8 Cypriot; 30 Sardinian and 2 Villanovan. The number of Sardinian vessels could increase slightly while contemplating some Zentral-italische Amphoren (ZitA) as Nuragic productions (Docter, 1999, p. 93 and Table 4; Oggiano, 2000, p. 242).

In this paper, we will try to identify Phoenician, Greek and Sardinian vessels which could be dated back some time before c. 800 BC according to the chronological tradition of geometrical Greek vessels (Coldstream, 1968, p. 330) and to other dates, such as those established for Tyre strata during P.M. Bikai excavation (1978), the foundation of the first western Phoenician colonies by mid 8th century BC or the arrival of the Euboeans to Pitecusae c. 760 BC. We should however be aware of the frequent circular arguments on which these dates are based.

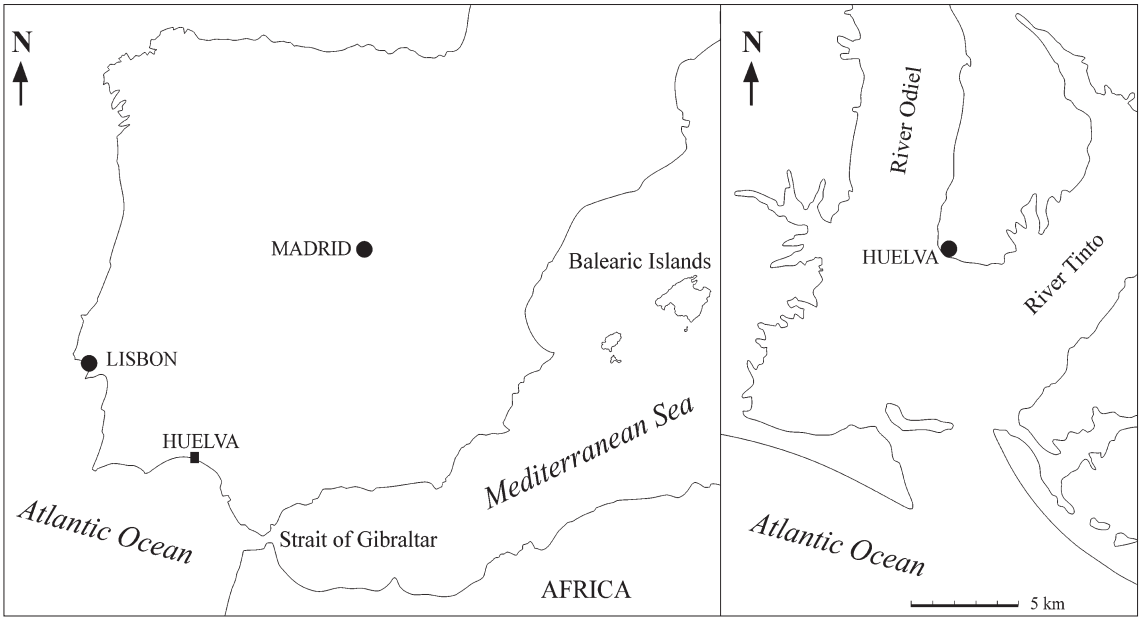


Fig. 1. Iberian Peninsula and Huelva Stuary c. VIII-VI BC

1 The circumstances surrounding the recovery, exposure and discussion of the mentioned findings are contained in *El emporio precolonial fenicio de Huelva: ca 900-770 a.C.* and, partly, in *Del Occidente mítico griego a Tarsis-Tarteso: Fuentes escritas y documentación arqueológica*. Both books were edited in December 2004 by Editorial Biblioteca Nueva, Madrid. A briefing in the English language has appeared in Bulletin Antieke Beschaving 81, 13-29, 2006, and a contribution to the Phoenician chronology of these findings, considering some possible historical dates related to the Greek Tartessos and Biblical Tarshish in *Beyond the homeland: markers in Phoenician Chronology*, edited by Claudia Sagona in Ancient Near Eastern Studies, Supplement 28, 631-655, 2008, published by Peeters Press, Louvain.

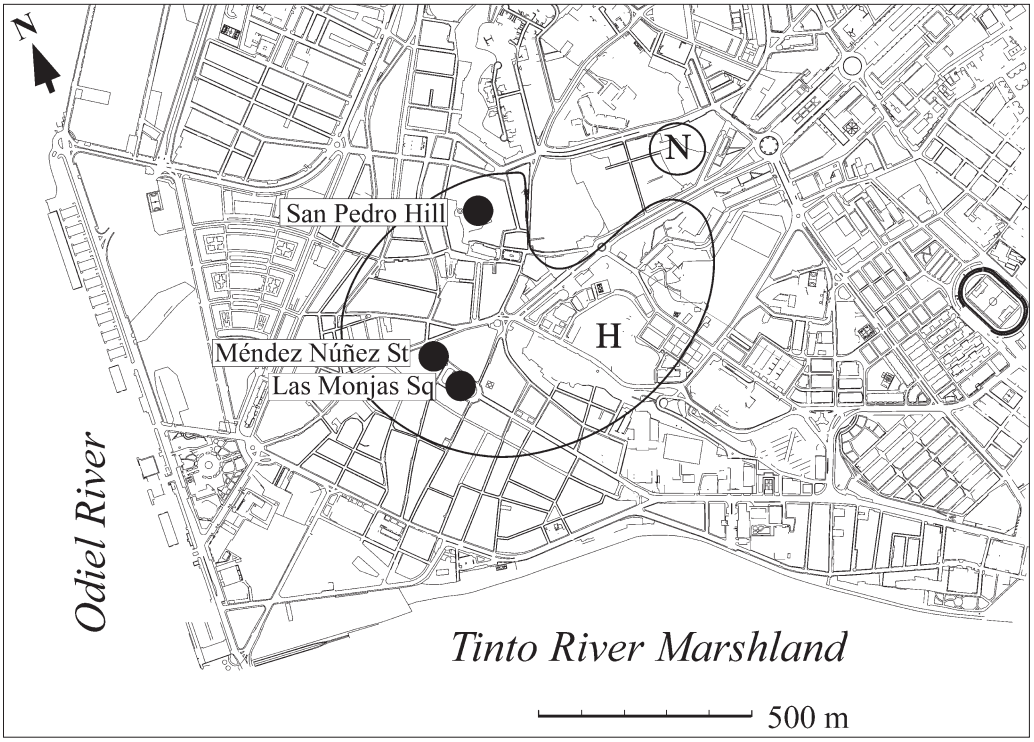


Fig. 2. H: Huelva habitat c. 750-540 BC; N: "La Joya" Necropolis, Sector A, c. 750-630 BC

It is important to mention the three radiocarbon dates available for the context investigated at Huelva. The mean-age of these dates is calibrated as 930 to 830 BC with a 94% probability (Nijboer & van der Plicht, 2006). It is therefore most likely that the Phoenicians crossed the whole Mediterranean, from Tyre to Huelva, from onwards the first half of the 9th century BC if not before. One of the radiocarbon dates presented fully covers the 10th century BC. In their paper, Nijboer and van der Plicht compare the results from Huelva with available high-quality radiocarbon dates of Carthage and other sites in the Mediterranean. An interpretation of these dates indicates that ceramics previously dated to the first half of the 8th century BC might actually have to be dated into the 9th century BC. According to this interpretation by Nijboer and van der Plicht, many vessels in the Huelva context probably should be dated prior to 800 BC, but those discussed in this paper as prior to 800 BC by Greek ceramics chronology would continue being the earliest.

Phoenician vessels: For historical reasons and typological similarities of ceramics, we shall adopt P.M. Bikai excavation of Tyre as our main reference. In this excavation, the year 800 BC approximately matches the transition between Strata VIII and VII (Bikai, 1978, p. 67-68).

1. Plates: Types 8, 9, 10, 11 and 13 of Tyre begin in strata preceding 800 BC, but they continue until more recent strata (Bikai, 1978, Table 3A). For this reason we cannot differentiate which items found in Huelva are actually older than 800 BC. Even so, as plates are the most widely represented kind of vessels, they should be the most abundant among the oldest ones.

In the 2004 catalogue, caution drove us to ignore some fragments of possible plates type 14 for chronological effects because of similarity between their rims with the lamps rims (González de Canales et al., 2004, p. 38 and 180). However, the lack of burnings and the different treatment of surfaces, compared to several hundred lamp remains documented, predisposes us to classify, at least, a couple of fragments as belonging to type 14 Tyre plates. As plate 14 is not recorded from Tyre stratum VIII onwards (Bikai, 1978, Table 3A), these two items must be dated before 800 BC (fig. 3).

2. Fine Ware: All fine ware plates/bowls reach recent strata at Tyre, so that none of the more than 800 fragments found can be attributed a chronology prior to 800 BC.

3. Bowls: One Tyre base type 10 (Bikai, 1978, p. 32 and pl. XCV,10) and 13 bases type 11:3 (Bikai, 1978, p. 32 and pl. XCV,11:3), whose presence ends up in Strata X-2 and VIII respectively (Bikai, 1978, Table 11A), were found (figs. 4-5), so that they must be considered prior to 800 BC.

4. Jugs: Most of the jugs documented belong to Tyre types 7 and 8, including Sarepta variations DJ-4 to DJ-10. Some body fragments decorated with concentric circles, ascribed to Tyre type 10, were also found. Like in other vessels, the persistence of these types up to recent Tyre strata (Bikai, 1978, Table 6A) tends to prevent its consideration. A specific comment is deserved to a fragment of rim and neck, with a groove beneath the rim, ascribed to Tyre type 9. It has a close parallelism to an item from the Limassol Museum, seemingly coming from Amathus, showing a similar groove (Bikai, 1987, nº 36 in p. 7 and pls. IV and XXIV). Although type 9 shows up in Strata VI and V, being its presence in more recent strata merely testimonial (fig. 6), most of the items documented in Cyprus are ascribed to the Kouklia horizon (Bikai, 1987, p. 62), dated c.1050-850 BC (Bikai, 1987, p. 69).[2] The same can be said about three fragments assigned, with some reservation, to spouted jugs (González de Canales et al., 2004, p. 64).

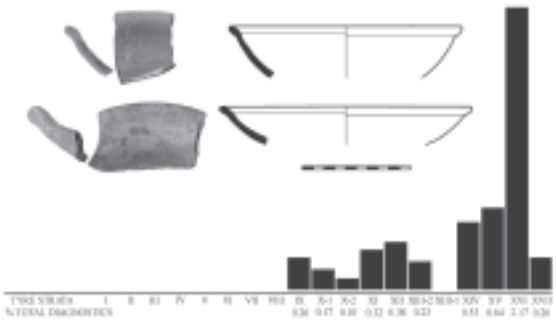


Fig. 3. Plate 14 of Tyre. Cases: 2

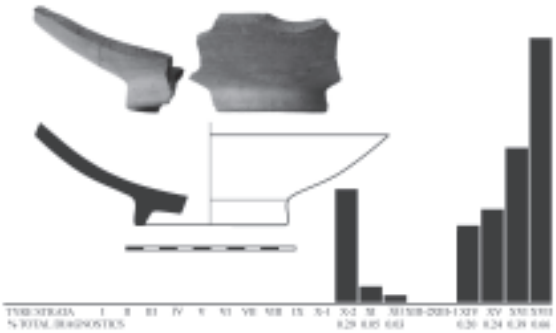


Fig. 4. Base type 10 of Tyre. Cases: 1

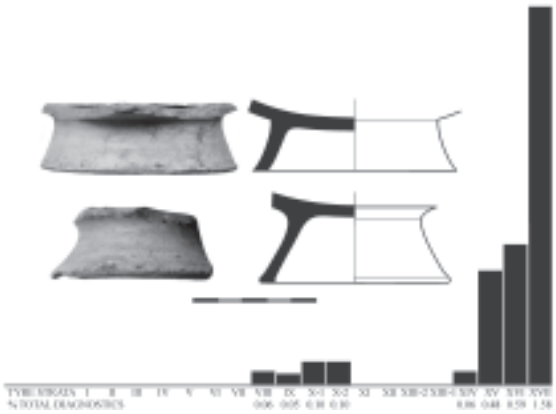


Fig. 5. Base type 11:3 of Tyre. Cases: 13

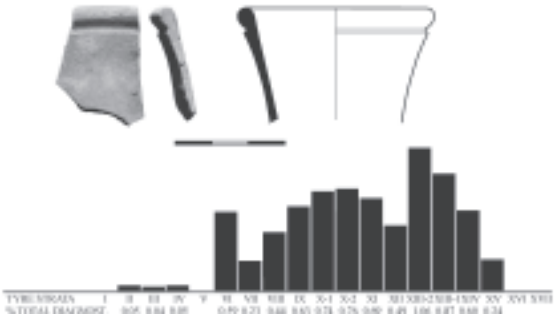


Fig. 6. Jug type 9 of Tyre. Cases: 1

2 We will not get into considering possible post-depositional problems which, like in any large city in plain activity, could affect Tyre's stratigraphy.

5. Amphorae: Eleven Tyre type 12 items characterized by an extremely high rim (Bikai, 1978, p. 45) can be attributed a chronology prior to 800 BC, given that their presence after Stratum IX is rare (fig. 7). At Sarepta, types SJ-7, SJ-8 and some examples of SJ-6, equivalents to Tyre 12 amphora, disappeared c. 950 BC, when D2 Substratum end (Anderson, 1988, p. 192-194, 398 and 407), but this chronology is considered too high. A great deal of interest acquires the presence of four items of Tyre type 9 amphorae with a thicker rim on the inside and similar grooves on the shoulder, like some Phoenician amphorae related to the final use of Temple A and the first part of Temple B at Kommos, in Southern Crete (fig. 8), dated c. 900-760 BC (Shaw, 2000, p. 1100 and fig. 8.2, 6, 8; Bikai, 2000, p. 308-310 and pls. 4.63, 2, 6, 8 and 4.64, 2, 6, 8). Similar grooves appear in other fragments of rimless shoulder preserved. Perhaps the final destination of the Phoenician ships stopping at Kommos, shall now be unveiled.

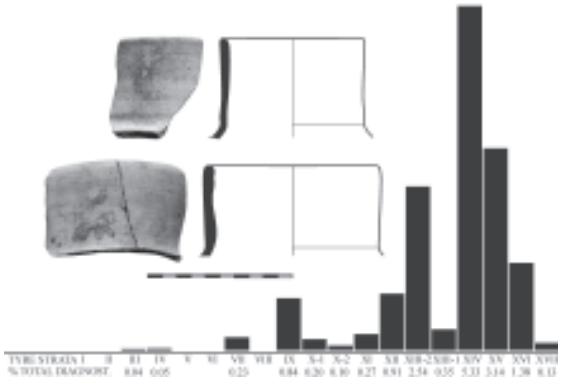


Fig. 7. Amphora 12 of Tyre. Cases: 11

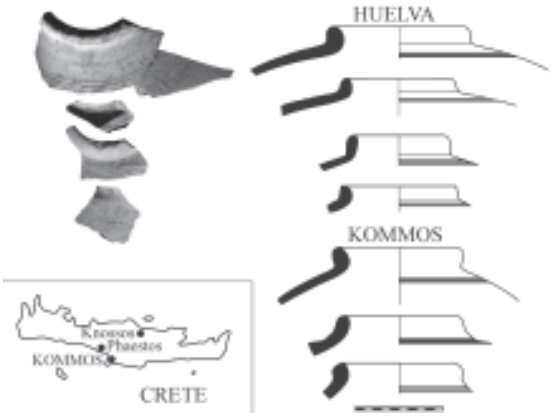


Fig. 8. Amphorae type 9 of Tyre, "Kommos variety"

Greek Vessels: The 33 fragments found proceed from GM-II Attic and SPG Cycladic-Euboean vessels. Amongst the 15 fragments of Cycladic-Euboean plates, eight include part of the rim and could be classified according to A. Nitsche's proposal (1986/87, p. 32). One B1 and two C1 items stood out as being ascribed to SPG I-II, dated c. 900-850 BC (fig. 9). The Indigenous-Phoenician context in which they appear not only does bind up these vessels to Phoenician commerce but shed some doubt about the fact that in other contexts similar Greek vessels could be attributed to the trade of pre-colonial Euboean navigators.

Sardinian Vessels: They are represented basically by askoi, vasi a collo and amphorae (previously ZitA). A fragment of herring-bone decorated askos handle suggested high dating through some references. However, detailed information thankfully received from Drs. Salvatore Sebis and Alfonso Stiglitz confirms the persistence of this kind of decoration well into Sardinian Iron I, hence the whole Sardinian set from Huelva may, in principle, be dated as far back as the first decades of the 8th century BC.

Conclusion: In brief, there is a group of Phoenician vessels which can be ascribed to the 9th century BC or, in some cases, even to the second half of the 10th century BC. This chronology is at least consistent with the one of three Cycladic-Euboean vessels and also with that of some Phoenician epigraphies read and dated by Prof. M. Heltzer (in González de Canales et al., 2004, p. 133-135).

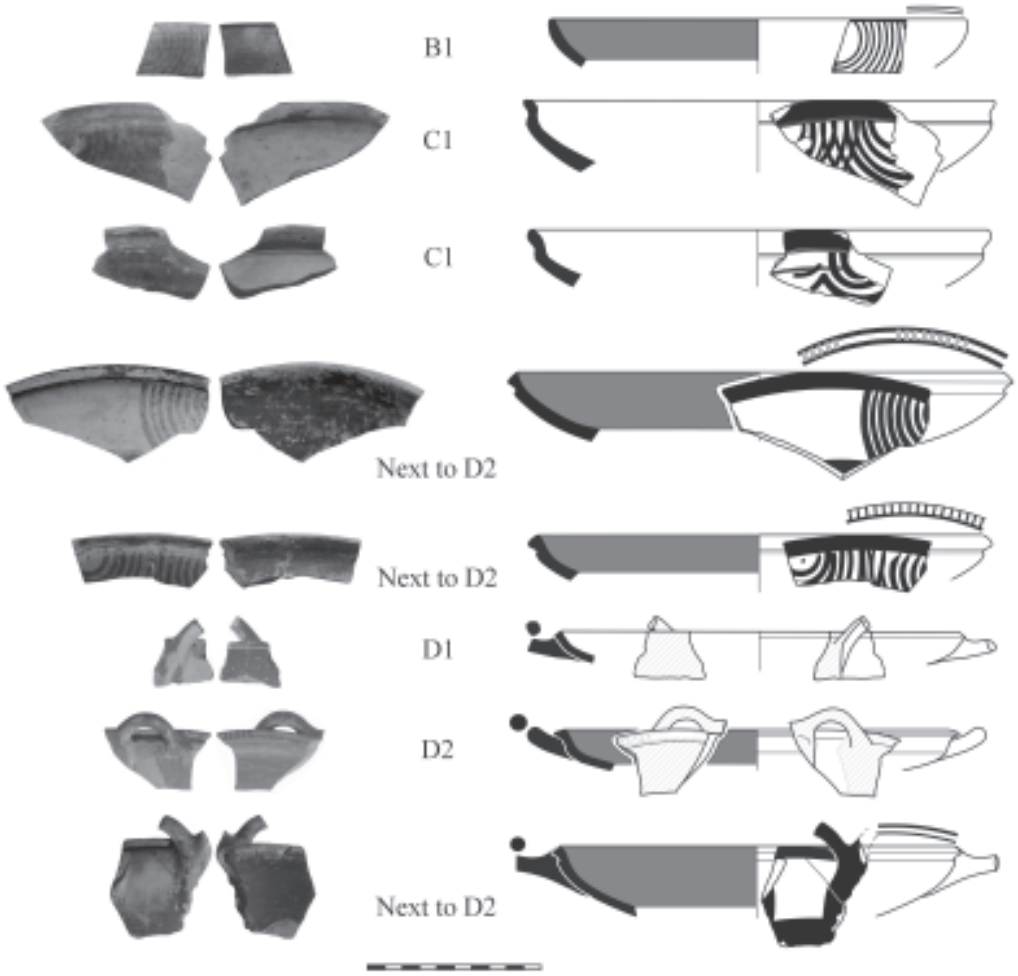


Fig. 9. Euboean-Cicladic plates and Nitsche classification

Historical significance: That this Indigenous-Phoenician settlement constituted an emporium from very early stages seems evident through numerous industrial and artisan activities depicted in the poster displayed at the Congress, *The Industrial Activities in the Pre-colonial Phoenician Emporium of Huelva*. Later on, some Greek sources that can be dated back to the 6th century BC define Tartessos, by then in full activity, as a city (Avienus, *Ora Maritima* 290), city-emporium (Scymnus 164) and commercial-emporium (Herodotus 4.152). By this time, Huelva's habitat had reached around 20 hectares and could be identified without major problems with this famous city thanks to the emergence of thousands of archaic Greek fragments, some of extraordinary quality, to other pieces possibly manufactured in Huelva itself by the Greeks and to graphites of the same origin, along with a critical reading of Tartessos geographical environment and its homonymous river from written sources (González de Canales, 2004, p. 279-332).

Now, is there any literary reference to this emporium during its first stages? This implies some three centuries before the arrival of the Greek to Tartessos towards the end of the 7th century BC (according to Herodotus 4.150-153 and to Greek archaeological findings).

In the Hebrew-Phoenician Biblical sources, we can find the word "Tarshish" mentioned 31 times: most often referring to a place, occasionally clearly from western origin; less often to a kind of commercial cargo ship and also pointing at an enigmatic stone (see poster displayed at the Congress, *The Riotinto Mines and the Tarshish Stone: a hypothesis*); only once referring to a dubious type of silver (*Jeremiah* 10.9) and, lastly, the term is used as an anthroponym (1

Chronicle 7.10). It seems logical that the ships would take their name from their most remarkable destination, the stone and the silver from its place of origin and the anthroponym, appearing in a later text, from the adoption of a term deserving certain popularity amongst Biblical readers. The first mention of Tarshish, in 1 *Kings* 10.22, can be dated back to the second half of the 10th century BC, after Ophir's voyage twenty years away from Hiram's gold delivery to Solomon (1 *Kings* 9.10-14). If the fleet had come back from Ophir with gold (1 *Kings* 9.28), Solomon would had paid his debt without giving in exchange twenty cities in Galilee to the Phoenician monarch (1 *Kings* 9.11). Consequently, the date is very close to the first Phoenician findings at Huelva.

"For the king (Solomon) had at sea the ships (fleet) of Tarshish with the ships (fleet) of Hiram; once every three years, the ships (fleet) of Tarshish came bringing gold and silver, ivory and apes and peacocks" (1 *Kings* 10.22).

Leaving aside the disputed figure of Solomon, probably overextended by Deuteronomists, and the possibility that the original verse would show not two fleets but just only one ship of Hiram (Bunnens, 1979, p. 63-64), the text is consistent with Tyre's enrichment and with mentions of Tarshish referred to at later dates. It is now our interest to compare the products transported by Phoenician ships with Huelva's findings:

Peacocks: The supposed mention of these birds would favour a Tarshish in India, where no Phoenician remains have been found. The Biblical term equivalent to peacock is not interpreted as such in the *Septuagint*, and Prof. Heltzer informed us that it is a *hapax*, which could mean practically anything. It is not interpreted either in such a way by some researchers who have dedicated attention to such question (Koch, 1984, p. 14).

Silver: Within the context of Huelva, a series of silver metallurgical activities are demonstrated. Silver was obtained through the cupellation technique using lead as a collector, as it is certified by the presence of free silica slag (fig. 10.1) and some other metallurgic remains such as a lead-silver button (fig.10.2). Starting from furnace wall bricks, a chimney furnace model could be rebuilt (fig. 10.3), similar to the one suggested at Laurion by Conophagos (1980, fig. 12.1) for silver cupellation. Undoubtedly, the argentiferous minerals came from the Iberian Pyrite Belt, among which stands up the gigantesque Roman and Pre-roman slag deposits of the Riotinto Mines, with a surface of over 2,500 m oriented E-W and 200 m oriented N-S and a volume of over 6,600,000 tons (García Palomero in Rothenberg et al., 1989, p. 66 and 69). Most of these are silver slag and reduced minerals are jarosites as well as a very rich silver gossan, as the silver content in the slag actually shows (González de Canales, 2004, p. 239). For the same period, the copper slag volume from Cyprus amounts to something over 4,000,000 tons (Bruce et al., 1937, p. 642), a volume considered matchless in the East (Knapp, 1999, p. 99).

Ivory: Numerous elaborated pieces and carving remains were found (fig. 11), so that carving specialists of that coveted product must have settled in the same habitat[3].

3 Out of the 816 pieces and ivory cut remains recovered, forty were sent to Madrid for analysis (Consejo Superior de Investigaciones Científicas and Universidad Complutense). Some time later, another sample looking like part of a horn core was also sent (poster for the Congress: "*The Industrial Activities in the Pre-colonial Phoenician Emporium of Huelva*"). All sample analyzed were identified as ivory. For this reason, in the original publication the former piece was described as belonging to an elephant tusk instead of a horn (see "*El emporio precolonial fenicio de Huelva: ca 900-770 a.C.*, p. 166). However, the (photographic) resemblance of this piece to another one found at Al Mina, which had also been confused as an elephant tusk until its further correct identification as a horn, and a kind letter from F. Poplin (Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris) has driven us to request a revision to our colleague in charge of the study. Just recently, we were told that the original sample was insufficient for a concluding analysis. As already said, we had understood that it belonged to ivory, as all the other ones analyzed. For its definitive identification, it seems prudent to wait for the verdict of the archeofauna specialists. Notwithstanding, should the Huelva piece correspond, as it seems, to the inner bony nucleus of a horn, we would be facing the *Bos genus* (*Bos primigenious*?).

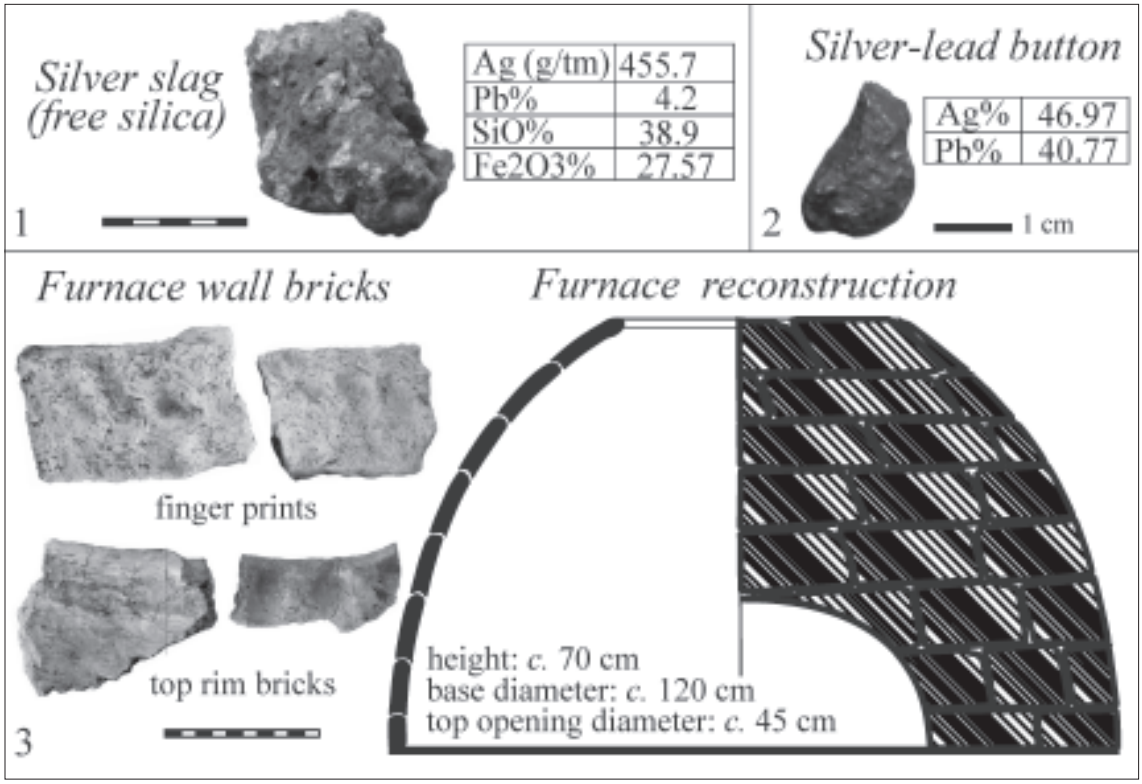


Fig. 10. Silver metallurgy

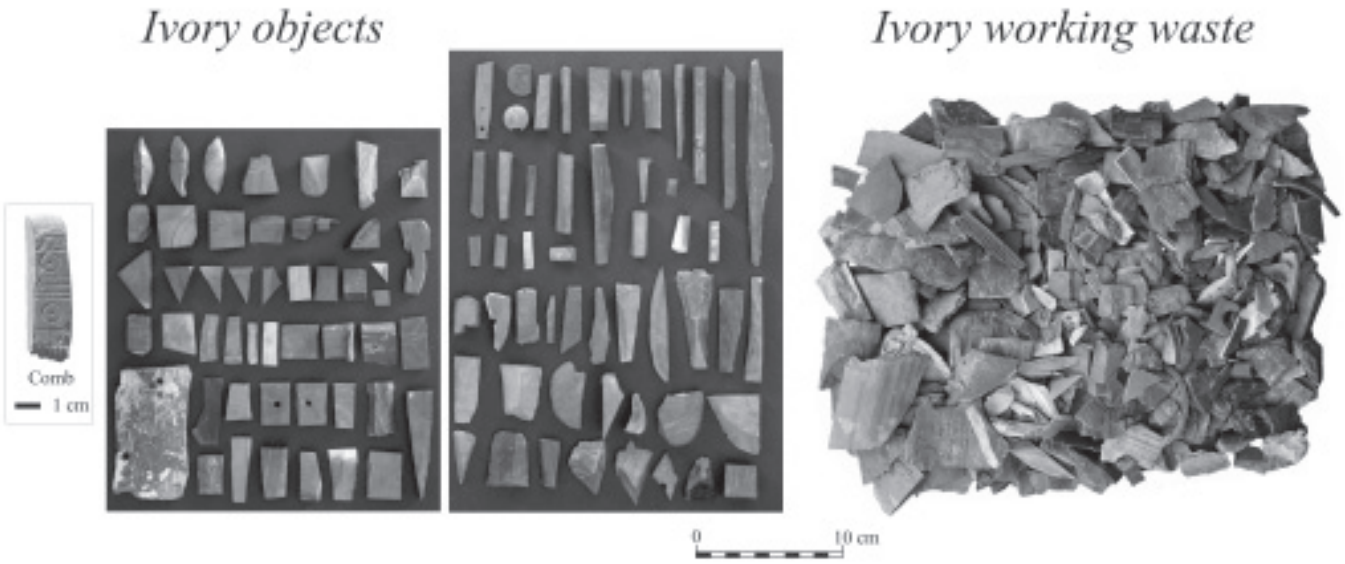


Fig. 11. Marfil workshop

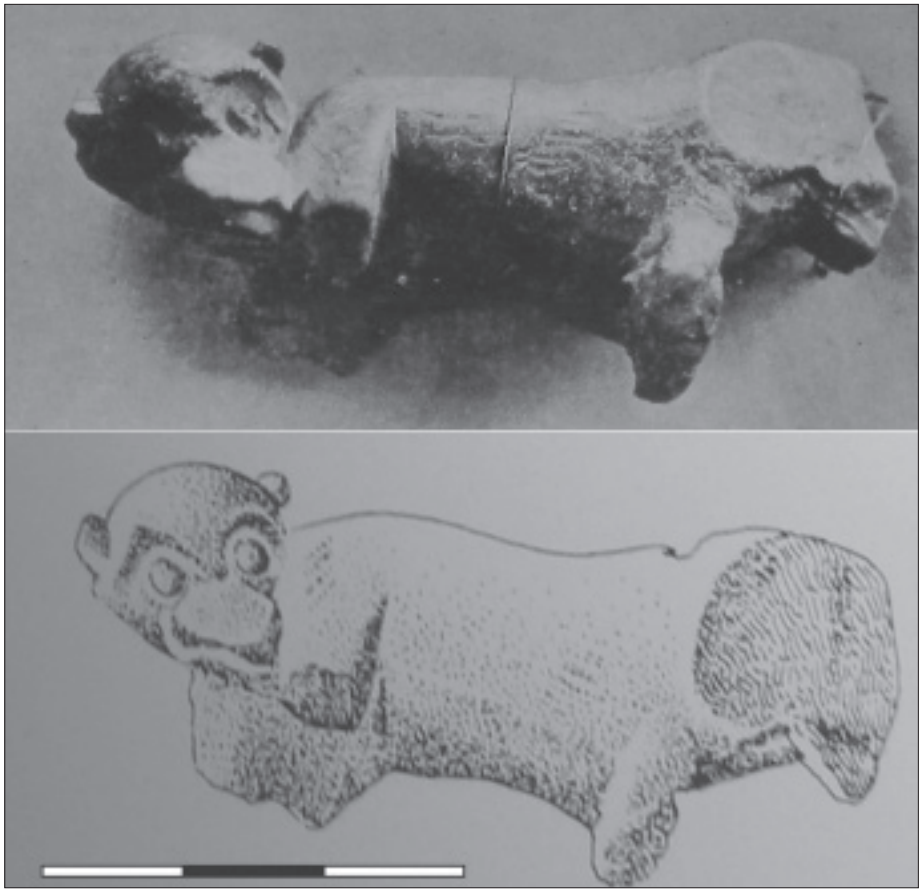


Fig. 12. Monkey stone sculpture (Garrido Roiz, 1970, pl. XLIX)

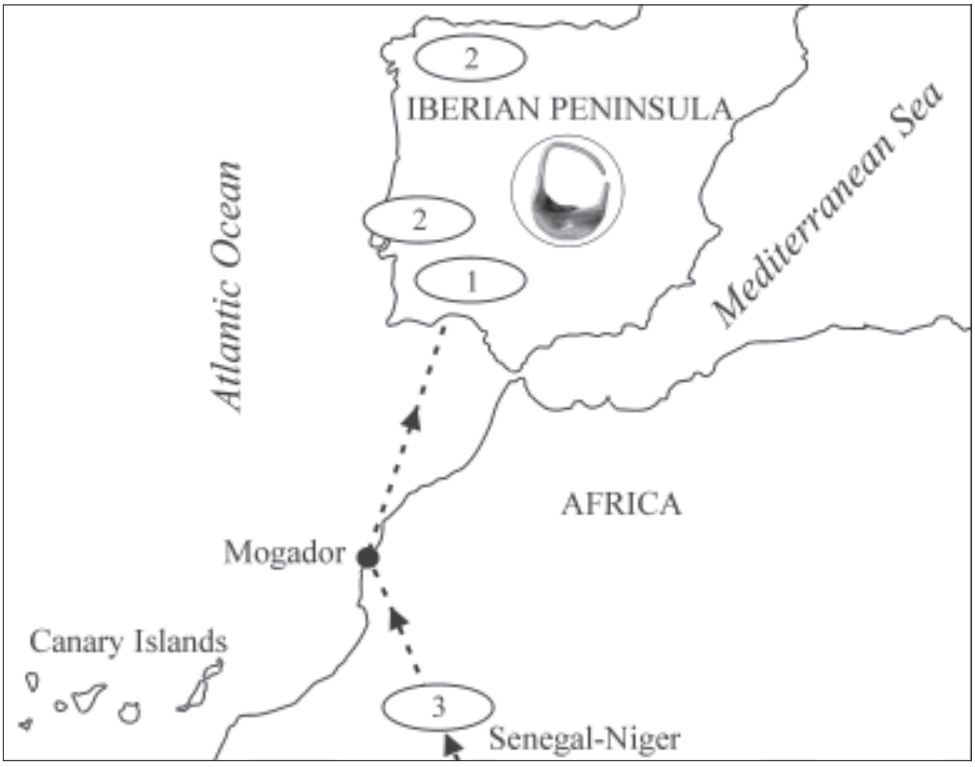


Fig. 13. Gold resources possibilities: 1. Iberian Pyrite Belt; Iberian auriferous rivers; 3. Africa

Apes: If ivory and ostrich eggs found in the excavation came from Africa, it does not seem difficult that apes might have come as well. A curious remark is the fact that, to the north of the extraordinary necropolis of La Joya, a little stone figure which could well represent a simian appeared (fig. 12). Notwithstanding, the meaning of the Hebrew term interpreted as "monkeys" meets some serious problems.

Gold: We are not aware of the origin of the gold which might have arrived in the site, where a golden earring was found. In principle, there are three alternatives (fig. 13):

1. The first one was the Iberian Pyrite Belt. Although there are auriferous quartzite mines, almost all gold is found in the same state of mineralization exploited to obtain silver: gossan and jarosites. The problem is that most of the specialists believe no technology was available in those days to obtain gold from such mineralization. It may well be so, but we should bear in mind that minerals exploited might have been much richer in precious metals than they are today and it is interesting that Hecateus (fr. 45 of Nenci: *Testimonia Hispaniae Antiqva* A, 23i) mentions Ibila as a Tartessian city with gold and silver mines (Rio Tinto's habitat?), and Diodorus (5.36, 2 and 4) refers to gold mining, together with silver and copper ones. Besides, we might be unaware of the nature of antique refining processes in depth.

2. Secondly, we have got the auriferous rivers of the Iberian Peninsula whose written references are abundant. Some rivers of the NW were exploited intensively during the Roman Period. It is important to point out the existence of gold metallurgy in the Tagus area and to the wide tradition of gold torcs and bracelets in Portugal.

3. Finally, we have the alternative of Africa. Herodotus (4.196) testimony about the Carthaginian's silent gold trade in Africa, which, for some reasons (González de Canales, 2004, p. 230), would mean the implication of the Phoenicians as well. In the Island of Mogador (Essaouira), on Morocco's Atlantic façade, Phoenician remains dating back to the 7th century BC have been found. Prof. López Pardo (2000) has proposed to identify Mogador with the Island of Kerne, mentioned in Greek sources from Pseudo-Skylax (*Periplous* 112 in GGM I, 93-94). Furthermore he believes that it most probably represents a terminus port in the alluvial gold trade transported in caravans from the Senegal-Niger auriferous regions.

After Hiram times, *Ezekiel* (27.12) accounts for the following products coming from Tarshish: silver, iron, tin and lead. Silver reduction by lead cupellation has already been mentioned. In the stratum analyzed, which also shows iron metallurgy, a tin sheet with perforations appeared and the tin richness of the European Atlantic façade and the Extremadura region is well known.

Addendum: Recent studies indicate that a certain number of ivory objects, in both Chalcolithic and Early Bronze contexts, of the Iberian Peninsula were elaborated from Asian instead of African ivory: Th.X. Schuhmaker, El marfil en España desde el Calcolítico al Bronce Antiguo, in Banerjee, A.; López Padilla, J.A.; Schuhmaker, Th.X. (eds.) *Elfenbeinstudien. Faszikel 1: Marfil y elefantes en la Península Ibérica y el Mediterráneo occidental, Iberia Archaeologica* 16 (1), 2012, pp. 45-68. Should this be the case for ivories made in the Huelva workshop, as commented herein, then, they could not be related to those obtained by the Phoenicians in Tarshish. However, it would be unthinkable that the Phoenician ivory specialists living in Huelva would not pay attention to the existence of raw ivory from elephants still roaming over the neighbouring North Africa.

Bibliography

Anderson, W. P. (1988) - *Sarepta I: The Late Bronze and Iron Age strata of Area II,Y*. Beyrouth: Publications de l'Université Libanaise.

Bikai, P. M. (1978) - *The Pottery of Tyre*. Warminster: Aris & Phillips Ltd.

Bikai, P. M. (1987) - *The Phoenician Pottery of Cyprus*. Nicosia: A. G. Leventis Foundation.

Bikai, P. M. (2000) - Phoenician Ceramics from the Greek Sanctuary. In Shaw, J. W.; Shaw, M. C. (eds.) *Kommos: An Excavation on the South Coast of Crete. Vol. IV: The Greek Sanctuary, Part 1*. Princeton and Oxford: Princeton University Press. pp. 302-312 and pls. 4.63-4.64.

Bruce, J. L.; Manglis, C. P.; Creveling, D. M. (1937) - *Antiquities in the Mines of Cyprus. The Swedish Cyprus Expedition, Vol. III: Appendix V*. Stockholm: The Swedish Cyprus Expedition. pp. 639-671.

Bunnens, G. (1979) - *L'expansion phénicienne en Méditerranée. Essai d'interprétation fondé sur une analyse des traditions littéraires*. Études de Philologie, d'Archéologie et d'Histoire Anciennes. XVII. Bruxelles-Roma: L'Institut Historique Belge de Rome.

Coldstream, J. N. (1968) - *Greek Geometric Pottery*. London: Methuen & Co. Ltd.

Conophagos, C. E. (1980) - *Le Laurium antique et la technique grecque de la production de l'argent*. Athenes: Ekdotike Hellados.

Docter, R. F. (1999) - Transport Amphorae from Cartaghe and Toscanos: an economic-historical approach to Phoenician expansion. In González Prats, A. (ed.) *Actas del I Seminario Internacional sobre Temas Fenicios, La cerámica fenicia de Occidente: centros de producción y áreas de Comercio (Guardamar del Segura, 21-24 November, 1997)*. Alicante: Direcció General d'Ensenyaments Universitaris i Investigació and Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert. pp. 89-109.

Garrido Roiz, J. P. (1970) - *Excavaciones en la Necrópolis de "La Joya", Huelva (1ª y 2ª Campañas)*. Excavaciones Arqueológicas en España. Madrid. 71.

González de Canales, F. (2004) - *Del Occidente mítico griego a Tarsis-Tarteso: Fuentes escritas y documentación arqueológica*. Madrid: Biblioteca Nueva.

González de Canales, F.; Serrano, L.; Llompart, J. (2004) - *El emporio fenicio precolonial de Huelva, ca. 900-770 a.C*. Madrid: Biblioteca Nueva.

Knapp, A. B. (1999) - The archaeology of mining: fieldwork perspectives from the Sidney Cyprus Survey Project (SCSP). In Young, S. M. M.; Pollard, A. M.; Budd, P.; IXER, R. A. (eds.) *Metals in Antiquity*. British Archaeological Reports, International Series. Oxford. 792. pp. 98-109.

Koch, M. (1984) - *Tarschisch und Hispanien: Historisch-Geographische und Namenkundliche Untersuchungen zur phönikischen Kolonisation der Iberischen Halbinsen*. Berlin: Walter and Gruyter & Co.

López Pardo, F. (2000) - *El empeño de Heracles: La exploración del Atlántico en la Antigüedad*. Madrid: Arco/Libros.

Nijboer, A.J.; van der Plicht, J. (2006) - An interpretation of the radiocarbon determinations of the oldest indigenous-Phoenician stratum thus far, excavated at Huelva, Tartessos (south-west Spain). *Bulletin Antieke Beschaving*. 81. pp. 31-36.

Nitsche, A. (1986-1987) - Bemerkungen zu Chronologie und Herkunft der protogeometrischen und geometrischen Importkeramik von Tyros. *Hamburger Beiträge zur Archäologie*. 13/14. Hamburg. pp. 7-49.

Oggiano, I. (2000) - La ceramica fenicia di Sant'Imbenia (Alghero-SS). In Bartoloni, P.; Campanella, L. (eds.) *Atti del Primo Congresso Internazionale Sulcitano, La ceramica fenicia di Sardegna: dati, problematiche, confronti (Sant'Antioco, 19-21 September, 1997)*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche. pp. 235-258.

Rothenberg, B.; García Palomero, F.; Bachmann, H-G.; Goethe, J. W. (1989) - The Río Tinto Enigma. In *Coloquio Internacional Asociado: Minería y Metalurgia en las Antiguas Civilizaciones Mediterráneas y Europeas (Madrid, 24-28 October 1985)*. Vol. 1. Madrid: Ministerio de Cultura. pp. 57-70.

Shaw, J.W. - (2000) - The Phoenician Shrine, *ca.* 800 a.C., at Kommos in Crete. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos (Cádiz, 2-6 October, 1995)*. Vol. III. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz. pp. 1107-1119.

AS CERÂMICAS PRÉ-ROMANAS DE FARO

Elisa de Sousa

Centro de Arqueologia
Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa

Resumo

A ocupação pré-romana da actual cidade de Faro era, até recentemente, mal conhecida. Escavações recentes, realizadas em área anexa ao Museu Arqueológico de Faro, permitiram a recolha de um considerável conjunto de materiais integráveis, cronologicamente, na segunda metade do I milénio a.C. Este artigo pretende apresentar, sintetizadamente, esse conjunto de materiais.

Abstract

The pre-roman occupation of the city of Faro was, until recently, poorly known. Recent excavations, performed in the annex area of the archeological Museum of Faro, allowed the recovery of a considerable set of materials, chronologically integrated in the second half of the 1st millennium b.C. This article intends to present, in briefly way, that set of materials.

1. Introdução

Os dados até ao momento disponíveis para o estudo da ocupação pré-romana da actual cidade de Faro, indicam que o povoado se localizaria na sua zona histórica, conhecida por "Vila-a-dentro". Esta área corresponde a uma pequena elevação, com uma cota máxima de 9m de altitude, que constitui, ainda assim, uma área destacada da paisagem. Integrada num ambiente lagunar, esta pequena colina parece ter-se configurado como uma ilha durante a Antiguidade, possuindo boas condições portuárias e um amplo domínio visual sobre o território envolvente.

As intervenções arqueológicas efectuadas nessa área são consideráveis, ainda que sejam escassos os dados publicados. Com, efeito, sobre a ocupação pré-romana da cidade só se conhecia, até à relativamente pouco tempo, a existência de dois pratos de peixe de cerâmica de "tipo Kuass", recolhidos em escavações realizadas por Abel Viana em inícios do século passado, e a referência a "cerâmica ibérica pintada, cerâmica Ática, (…), cerâmica de origem e influência púnica…" exumada em algumas intervenções dirigidas por T. J. Gamito (Gamito, 1994, p. 116).

Durante 2001 e 2002, foram efectuadas, em área anexa ao Museu Arqueológico de Faro, algumas sondagens dirigidas pelos Dr.s Dália Paulo e Nuno Beja. Essas escavações permitiram obter uma ampla estratigrafia de ocupação, que remonta desde a segunda metade do primeiro milénio a.C. até à época contemporânea. As sondagens eram de pequenas dimensões, totalizando a área de escavação 64 m2. A opção de não desmontar algumas estruturas modernas, relacionadas com edifícios históricos da cidade, assim como o objectivo de deixar permanecer vestígios de ocupação de todos os períodos identificados, com vista à musealização, condicionou a continuação da escavação em profundidade. A escavação dos níveis da Idade do Ferro, depositados directamente sobre o substrato geológico, foram afectados por esses factores, resumindo-se a pequenas extensões.

Alguns dos materiais pré-romanos exumados no decurso destas intervenções foram já alvo de estudo, como é o caso da cerâmica grega (Barros, 2005) e das ânforas pré romanas (Arruda, Bargão e Sousa, 2005). A análise destes conjuntos permitiram constatar que o início da ocupação humana na zona histórica da actual cidade de Faro parece não remontar além de meados do primeiro milénio a.C.

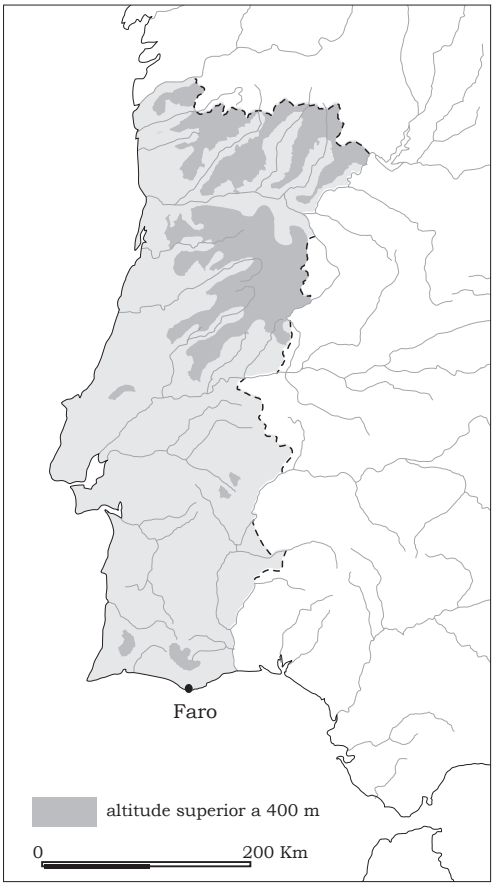


Fig. 1. Localização da cidade de Faro no actual território português (base cartográfica de Victor S. Gonçalves)

2. Os materiais

O conjunto analisado é constituído por um total de 556 fragmentos exumados nos níveis pré-romanos identificados nas escavações realizadas em área anexa ao Museu Arqueológico de

Faro. Destes, 334 indivíduos (58,9% do conjunto), pertencem a cerâmicas comuns feitas a torno; 120 indivíduos (21,2%) correspondem a contentores anfóricos; 92 indivíduos (16,2%) integram-se na categoria de cerâmica de "tipo Kuass"; 10 indivíduos (1,8%) pertencem a cerâmicas de fabrico manual.

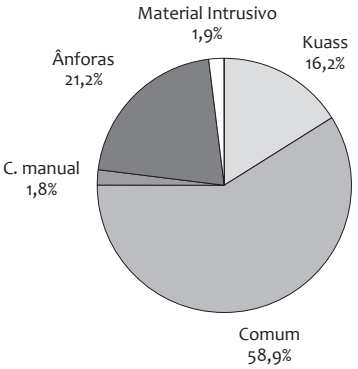


Fig. 2. Distribuição das categorias cerâmicas identificadas nos níveis pré-romanos das intervenções realizadas em área anexa ao Museu Arqueológico, em Faro

2.1. As ânforas

A maioria do conjunto das ânforas pré-romanas exumado nestas intervenções foi já estudada (Arruda, Bargão e Sousa, 2005). Aqui retratamos apenas os fragmentos exumados nos níveis conservados da Idade do Ferro, acrescentando apenas algumas indicações ao trabalho realizado.

Dentro dos contentores anfóricos, que consistem em 21,2% do espólio analisado, destaca-se a presença abundante do tipo B/C de Pellicer, pertencente, na sua maioria, às suas variantes evolucionadas, que compõem quase 50% do conjunto. Segue-se o tipo D de Pellicer, que representa 17,5% do conjunto dos contentores anfóricos. As ânforas de tipo Tiñosa, que traduzem outros 17,5 17% das formas identificadas, são uma presença também abundante. As ânforas de tipo Maña Pascual A4, ainda que também expressivas, são menos abundantes no conjunto, sendo representadas por 11,7%, apresentando todos os exemplares pastas características da baía gaditana. As ânforas de tipo Carmona têm, no contexto analisado, uma presença pouco significativa, traduzindo apenas 4,2% do conjunto. Ainda que com uma representatividade escassa, a presença deste tipo anfórico é relevante, sendo raros os casos, no território actualmente português, em que é identificado em níveis pré-romanos.

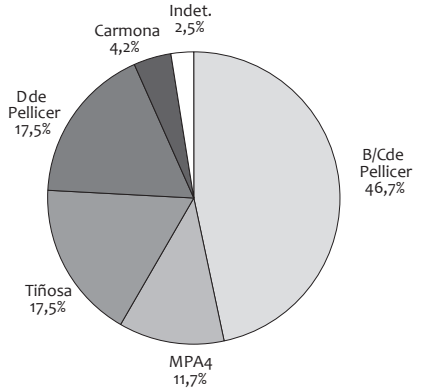


Fig. 3. Distribuição dos tipos formais anfóricos identificados nos níveis pré-romanos das intervenções realizadas em área anexa ao Museu Arqueológico, em Faro

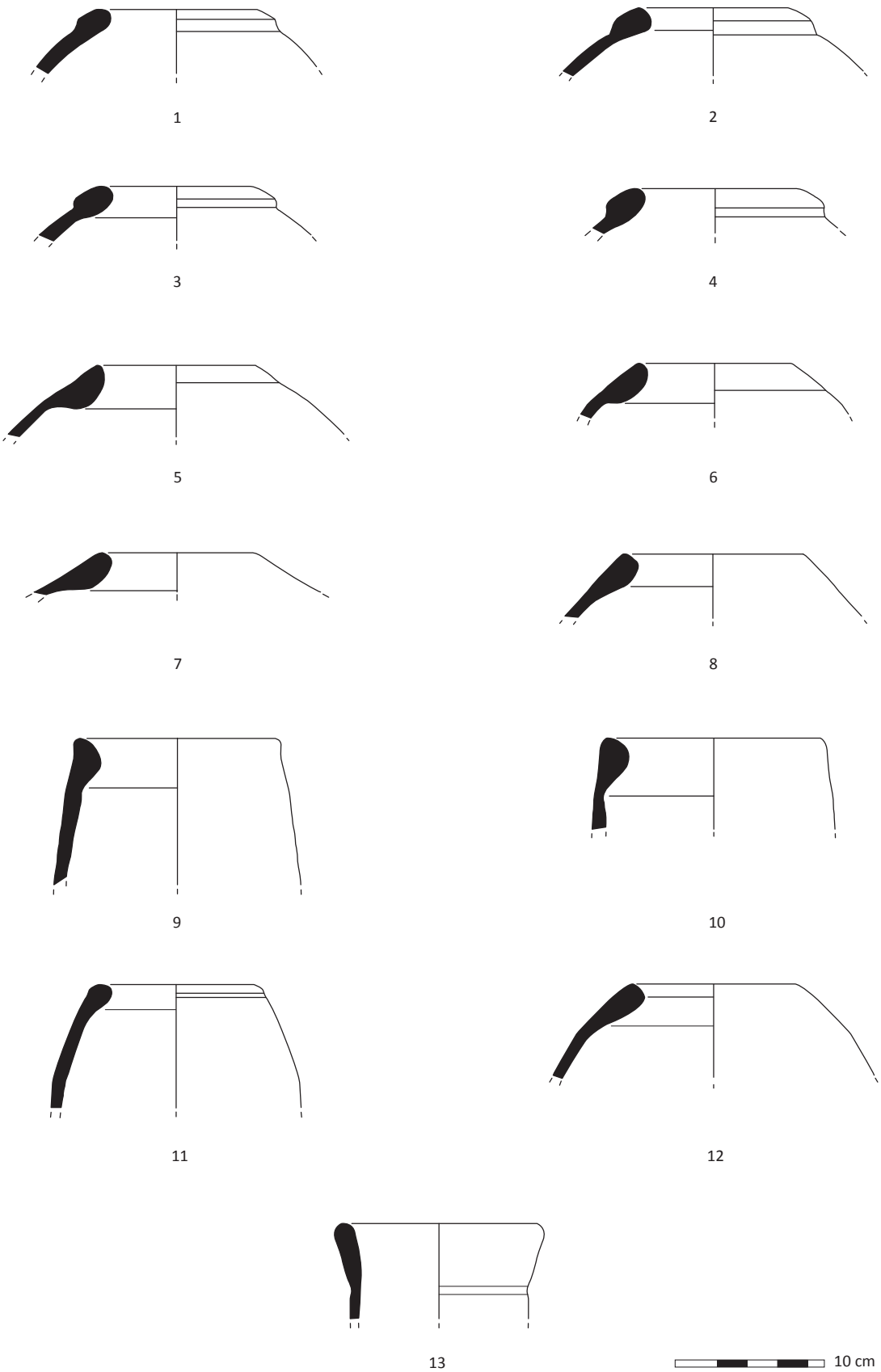


Fig. 4. Ânforas pré-romanas recolhidas em Faro: B/C de Pellicer (n.º1 a n.º 4), D de Pellicer (n.º 5 a n.º 8), Tiñosa (n.º 9 a n.º 10), Maña Pascual A4 (n.º 11 a n.º 12) e Carmona (n.º 13)

2.2. A cerâmica de "tipo Kuass"

Outro dos tipos cerâmicos bem representados em Faro é a cerâmica de "tipo Kuass". Esta produção, cujo início se encontra documentado a partir de finais do séc. IV a.C., encontra-se bem representada no conjunto, correspondendo a 16,2% de todo o material exumado. Os tipos mais representados são as formas II e IX-A de Niveau de Villedary (2003), que correspondem, respectivamente, a pratos de peixe e a pequenas taças globulares de bordo reentrante. Em menor número, estão também presentes as formas VIII, que engloba taças de bordo esvasado, IX-B e IX-C, que correspondem a taças pouco profundas. Cabe apenas destacar que a utilização desta cerâmica perdura, em Faro, ainda durante o período romano republicano, observando-se, nos materiais desta cronologia, uma clara influência de protótipos da cerâmica campaniense.

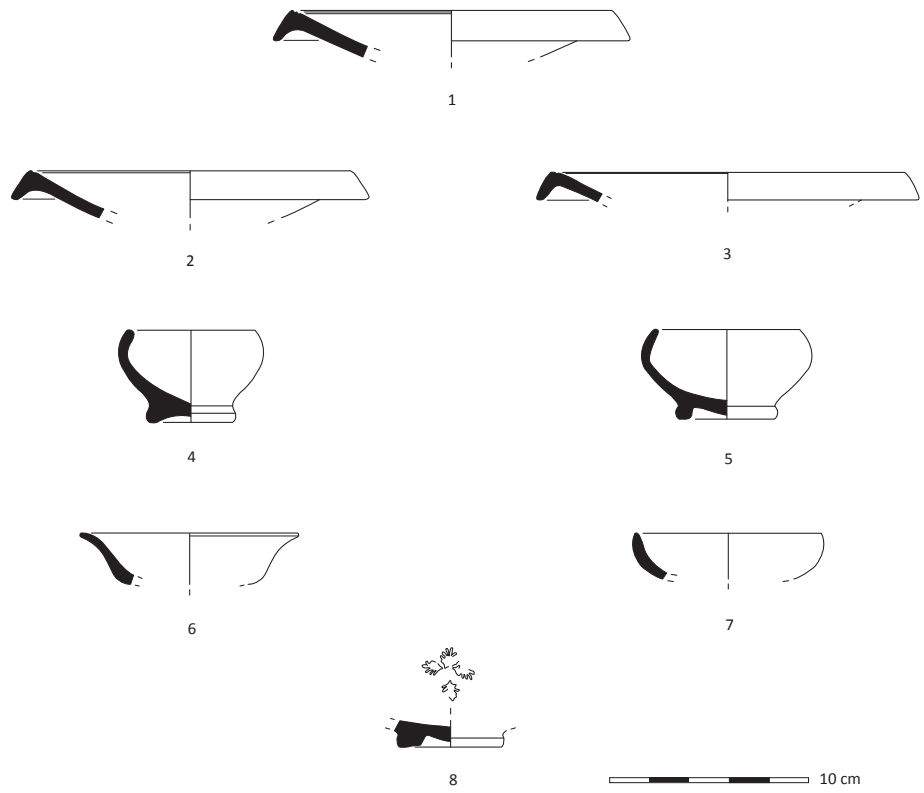


Fig. 5. Cerâmicas de "tipo Kuass" recolhidas em Faro: forma II (n.º1 a n.º 3), IX-A (n.º 4 a n.º 5), VIII (n.º 6), IX-B (n.º 7) e IX-C (n.º 8) de A. M. Niveau de Villedary y Mariñas

2.3. A cerâmica comum

A cerâmica comum consiste, naturalmente, na categoria mais expressiva do conjunto, traduzindo 58,9% do espólio analisado. As formas mais abundantes são as tigelas de corpo hemisférico, seguida por uma presença menos significativa de potes ou panelas de bordo esvasado, grandes recipientes abertos, genericamente designados por bacias/alguidares e almofarizes, além de uma presença escassa de pratos de peixe e pequenos potes.

A cerâmica comum de fabrico manual está escassamente representada, constituindo apenas 1,8% do conjunto. As únicas formas representadas resumem-se a fragmentos de tigelas de corpo hemisférico e a potes ou panelas. Destaca-se apenas que estes últimos fragmentos apresentam, com frequência, vestígios que indiciam a sua exposição ao fogo, parecendo assim consistir em recipientes destinados, particularmente, para cozinhar alimentos.

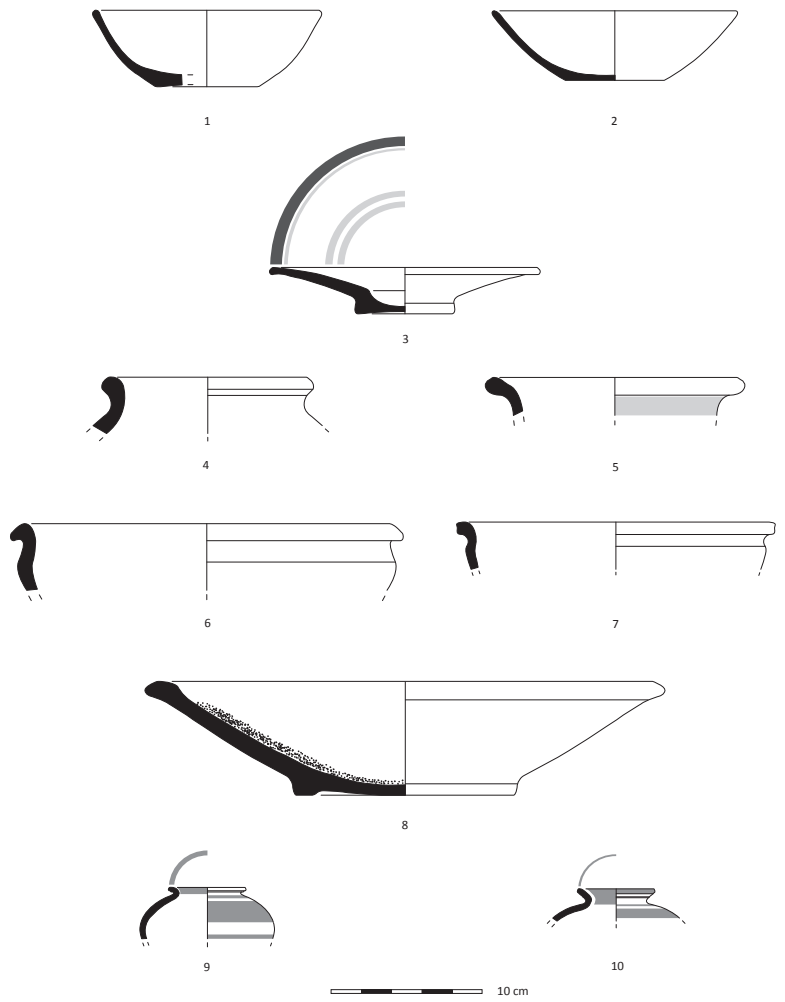


Fig. 6. Cerâmica comum recolhida em Faro: tigelas (n.º1 a n.º 2), pratos (n.º 3), potes/panelas (n.º 4 a n.º 5), grandes recipientes (n.º 6 a n.º 7), almofariz (n.º 8) e pequenos potes (n.º 8)

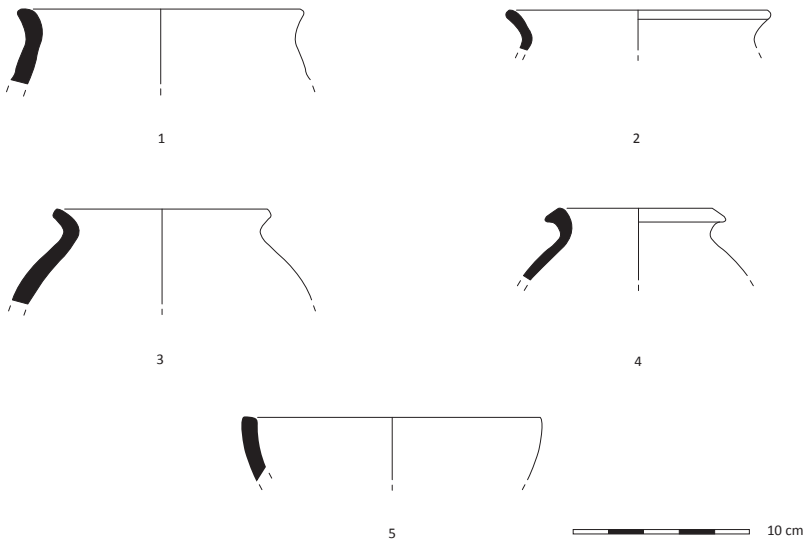


Fig. 7. Cerâmica comum de fabrico manual recolhida em Faro: tigelas (n.º1) e potes/panelas (n.º 2 a n.º 5)

3. Considerações finais

A análise destes materiais permite, uma vez mais, corroborar a possibilidade de que a cronologia do início da ocupação da actual cidade de Faro se centra em torno de meados do I° milénio a.C., provavelmente em momentos já tardios do séc. IV, como já se tinha verificado com os conjuntos da cerâmica grega de verniz negro (Barros, 2005) e das ânforas pré-romanas (Arruda, Bargão e Sousa, 2005).

Não deixa, contudo, de causar alguma perplexidade uma ocupação tão tardia na zona central algarvia, especialmente considerando que a área mais oriental teve um início de ocupação bem mais precoce, como indicam os dados das escavações realizadas em Tavira e em Castro Marim (Arruda, 1999/2000; Maia, 2003).

A explicação para esta ocorrência poderá, possivelmente, relacionar-se com a reestruturação económica que ocorreu no mundo fenício ocidental, encabeçada por Cádiz, a partir de meados do I milénio a.C., e cuja base seria a exploração intensiva da indústria de preparados piscícolas (López Castro, 1993, p. 353). A posição de *Gadir* a partir destes momentos parece ser definida como um centro hegemónico dentro da área do Estreito de Gibraltar, que, de certa forma, geria os seus recursos económicos, ainda que os restantes núcleos integrados pareçam manter uma plena autonomia (Arteaga, 1994). Toda esta reestruturação económica conduziu, naturalmente, a novos modelos de gestão e exploração do território, que provavelmente implicou a ocupação de novos espaços.

Faro e o seu território envolvente apresentam características propícias ao desenvolvimento desse tipo de actividades. O modelo de implantação do povoado privilegia o acesso às vias marítimas, estando localizado num ponto estratégico de rotas de migração de várias espécies piscícolas e com óptimas condições para a captação de sal. Contudo, até ao momento, ainda não se identificaram, em todo o território algarvio, evidências que as possam documentar em período pré-romano. Mesmo em Tavira, onde os resultados de escavações arqueológicas atestam a prática intensa de actividades piscícolas na segunda metade do I milénio a.C., a julgar pela abundante presença de restos de fauna ictiológica e malacológica, além da descoberta única de uma rede de pesca em excelente estado de conservação, ainda conectada a vários pesos de rede e associada à presença de vários anzóis de cobre (Maia, 2004), não são dados suficientes, a nosso ver, para afirmar a existência de indústrias de preparados piscícolas no local. Esse tipo de unidades reveste-se de uma série de características a nível arquitectónico que, até ao momento, não foi identificado em todo o território actualmente português em momentos anteriores à ocupação romana. Este facto também causa, contudo, uma certa perplexidade, especialmente tendo em consideração o desenvolvimento dessas actividades, depois do período augustano, em todo o território algarvio. Os sítios arqueológicos implantados na sua costa, com ocupação na segunda metade do I milénio a.C., situam-se em zonas com excelentes recursos marinhos, quer ao nível da captação de vários tipos de peixe como de sal, componente essencial para a sua conservação e transformação. A própria implantação de uma série de novos núcleos de povoamento, como se supõe que tenha ocorrido em não só em Faro, mas talvez também em Vila Velha de Alvor e em Monte Molião (Arruda, Bargão e Sousa, 2005, p. 205), em momentos coevos do intensificar da exploração desses produtos em todo o restante mundo peninsular meridional, fazia também supor o desenvolvimento de ditas actividades nas imediações dessas áreas. Talvez este desconhecimento se deva, não à inexistência de tais unidades, mas sim a lacunas de investigação ou mesmo ao carácter urbano que, na actualidade, reveste as zonas envolventes de muitos desses núcleos.

Outros sítios algarvios, ocupados em momentos coevos do período aqui estudado e cujos espólios artefactuais foram publicados, como Castro Marim (Arruda, 2000), Tavira (Maia, 2004) e Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993), apresentam uma cultura material muito homogénea, indicando uma mesma filiação, com profundas influências mediterrâneas, e extremamente

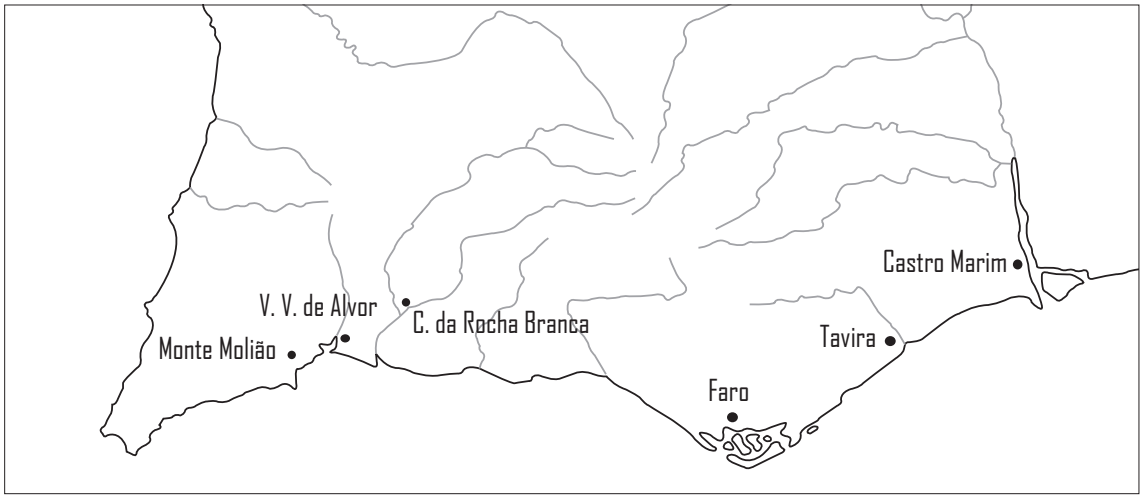


Fig. 8. Sítios localizados no território algarvio com ocupação durante a segunda metade do I milénio a.C.

semelhante à definida para a outra margem do Guadiana, no que é por alguns designado de horizonte "turdetano".

Assim, pelo menos ao nível do registo arqueológico, parece óbvia a existência de uma "identidade cultural" comum entre as duas zonas, que foi certamente condicionada pelas características geográficas da própria região algarvia, sendo a via marítima a mais favorecida, por oposição à penetração para o interior, dificultada pelos sistemas montanhosos.

Bibliografia

Arruda, A. M. (1999/2000) – *Los Fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Carrera Edició.

Arruda, A. M. (2000) – As cerâmicas de importação do Castelo de Castro Marim no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a.C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos (Cádiz, 1995)*. Cádiz: Universidad. Vol. II. p. 727 – 735.

Arruda, A. M.; Bargão, P.; Sousa, E. (2005) - A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Ministério da Cultura / Instituto Português de Arqueologia. Vol. 8, n.º 1. pp. 177 – 208.

Arteaga, O. (1994) – La liga púnico-gaditana. Aproximación a una visión histórica occidental, para su contrstación con el desarrollo de la hegemonía cartaginesa en el mundo Mediterráneo. *Cartago, Gadir, Ebusus y la influencia púnica en los territorios hispanos. VIII Jornadas de Arqueología fenicio-púnica de Ibiza. Ibiza, 1993*. Ibiza: Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 33. pp. 23 – 57.

Barros, P. (2005) – Cerâmicas áticas no Circuito do Estreito do Extremo-Ocidente Peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu do Rosário, Faro e Tavira.

Gamito, T. J. (1994) – Polícia Judiciária. *Informação Arqueológica*. Lisboa: IPPAR. 9. pp. 115 – 117.

Gomes, M. V. (1993) - O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais – Os fenícios no território português*. Lisboa: Instituto Oriental. IV. pp. 73 – 107.

López Castro, J. L. (1993) – La produccion fenícia occidental de salazón de pescado. In *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990)*. Coimbra. pp. 353 – 362.

Maia, M. (2003) – Fenícios em Tavira. In *Tavira. Território e poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp. 57-72.

MAIA, M. (2004) - http://www.arqueotavira.com/Estudos/PescaTavira.pdf

Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. (2003) – *Las Cerámicas Gaditanas "Tipo Kuass". Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica*. Cádiz: Universidad.

MÉRTOLA – PLATAFORMA COMERCIAL DURANTE A IDADE DO FERRO: A COLECÇÃO DE ESTÁCIO DA VEIGA

Pedro Barros

Arqueólogo. IGESPAR

Resumo

O objectivo deste trabalho consiste em sistematizar o conhecimento do património móvel encontrado em Mértola nas intervenções realizadas por Estácio da Veiga nos finais do século XIX – um prato de engobe vermelho e dois contentores cerâmicos tipo "Cruz del Negro" – que se enquadram na complexa teia de rotas comerciais/ mercados que durante a Idade do Ferro a um nível social, político-administrativo e económico se estabeleceram no Sudoeste da Península Ibérica, nomeadamente entre a segunda metade do século VII e a primeira do século VI a.C..

Abstract

This work aims to contribute for the knowledge of Mértola during the Iron Age. For this purpose three distinct ceramic elements are presented, namely a red slip plate and two ceramic containers type "Cruz del Negro", found in the surveys carried out by Estácio da Veiga in the late nineteenth century. These objects testify the complex trade routes/ markets that were establish in the southwestern Iberian Peninsula during this period, particularly between the mid-seventh century and first century BC.

Introdução

Localizada no Sudoeste Peninsular, a região de Mértola tem associadas três unidades geomorfológicas principais, "a peneplanície alentejana, relativamente homogénea, com superfícies aplanadas; os relevos residuais que constituem as Serras de Serpa e Mértola, (…) e os vales encaixados com declives acentuados por onde as principais linhas de água têm o seu percurso." (Lecoq, 2002, p. 31). Aqui se desenvolve a faixa piritosa ibérica onde convivem metais básicos e metais nobres (Oliveira e Oliveira, 1996, p. 11).

Implantada na margem direita, no topo de um esporão, na confluência do Rio Guadiana com ribeira de Oeiras, a poente, Mértola possui excelentes condições naturais de defesa fluvial e terrestre. Insere-se num troço de Rio com um vale encaixado, vertentes abruptas e percurso sinuoso (Feio, 1946 e 1983), apenas interrompido por um elemento hidro-geológico singular com um desnível de 15m de altura, que impede a progressão de embarcações para Norte – o Pulo do Lobo – e onde os ciclos das marés terminam, no final deste comprido, espraiado e profundo estuário. (Simplício, Barros e Garcia, 1999).

É neste amplo contexto natural que Mértola se insere e vai explorar o seu potencial de plataforma comercial entre um conjunto polifacetado de realidades, resumidas entre o mundo litoral e o interior (Fabião, 1998, p. 45).

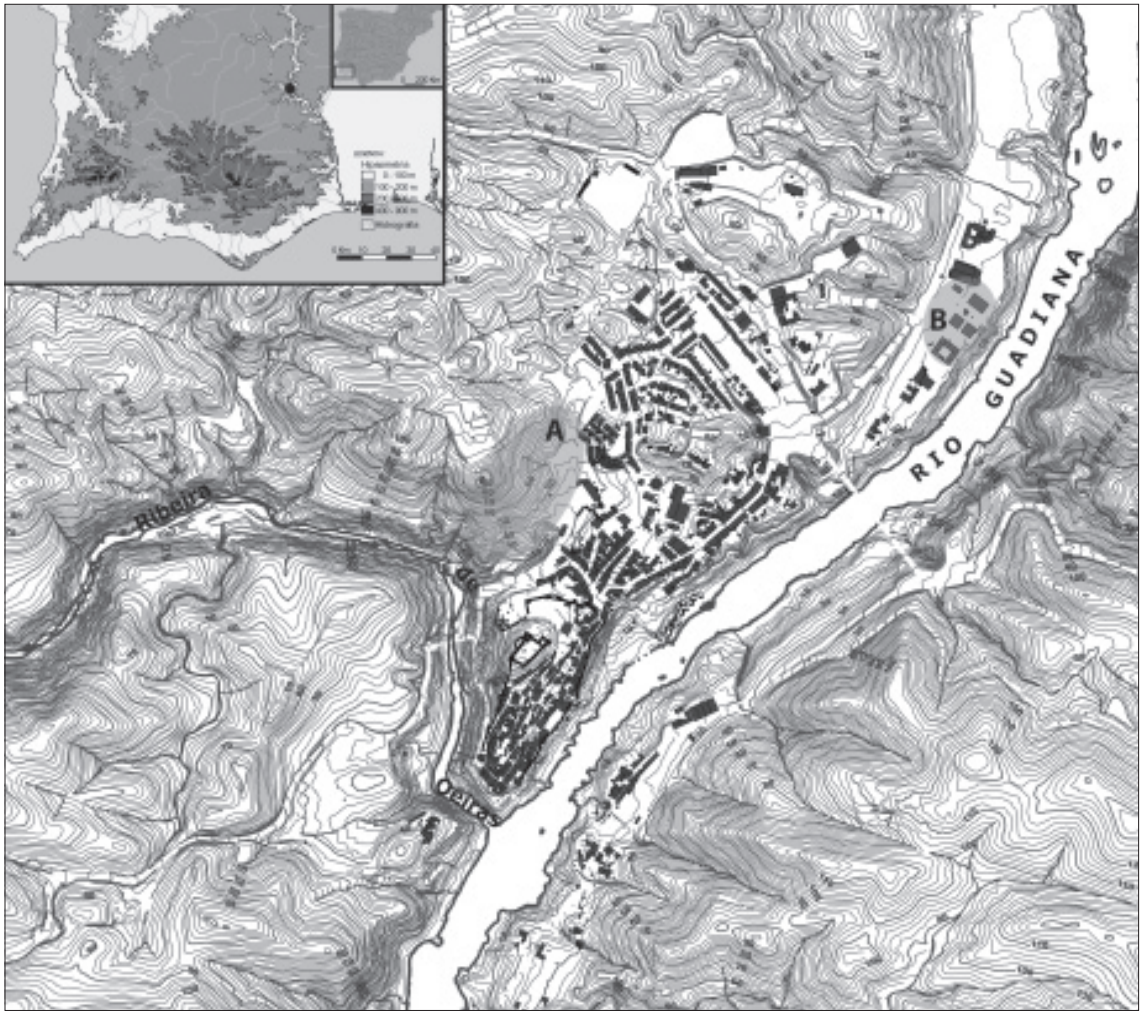


Fig. 1. Localização de Mértola e da zona dos achados: A) e B)

A colecção

Na 2ª metade do século XIX em Portugal assiste-se ao início da arqueologia científica que privilegia a escavação com base numa sequência estratigráfica segundo as leis geológicas. Contudo, a forma de escavar praticada limitou-se quase exclusivamente à abertura do terreno com o objectivo de atingir o máximo de metros ao dia e pela existência de crivos onde se recolhiam os artefactos mais apelativos.

Devido às intensas chuvas e consequentes cheias do Rio Guadiana ocorridas na vila de Mértola, o investigador Estácio da Veiga foi oficialmente encarregue de proceder ao reconhecimento de vestígios que haviam sido postos a descoberto ao longo das margens do rio junto a essa Vila, a que época correspondiam (Veiga, 1983, p. 1 e 3) e recolher os mais significativos. No dia 2 de Março de 1877 inicia os trabalhos que duraram apenas dez dias e que dá notícia nas "Memórias das Antiguidades de Mértola" em 1880.

A sua atenção recai sobre vários locais nas redondezas e na vila de Mértola. Incide sobre o Convento de S. Francisco, a Ermida de S. António, o Rossio do Carmo, o Castelo, a Cerca de S. Sebastião e as Ruínas romanas da necrópole de S. Sebastião. Se nos primeiros dois locais o arqueólogo apenas recolheu somente os dados necessários para os assinalar numa carta arqueológica, nos restantes realizou escavações onde classificou uma Basílica Paleocristã com uma necrópole associada, um mosaico romano com a representação de uma tartaruga e uma outra necrópole romana, respectivamente.

No âmbito da criação do Museu Nacional de Etnografia e Arqueologia José Leite de Vasconcelos, consolida a massa de factos publicada, sistematizando e organizando o inventário dos objectos recolhidos por Estácio da Veiga na vila de Mértola (Vasconcelos, 1917, p. 232 - 233).

Além da descrição das estruturas e dos materiais arqueológicos, por vezes de forma bastante generalista, Estácio da Veiga efectua alguns relatos mais pormenorizados (objectivos e adjectivados) dos diversos elementos postos a descoberto, devidamente catalogados e registados num inventário, no entanto, a atribuição de paralelos estilísticos e formais aos objectos recolhidos tinham um "muito atrazamento em que ainda se acha a classificação dos padrões ceramographicos propriamente peninsulares" (Veiga, 1983, p. 82), verificando-se escassa a informação contextual dos achados que se passa a enumerar.

O inventário realizado por José Leite Vasconcelos sobre o espólio de Estácio da Veiga depositado no Museu Etnológico, agora Nacional de Arqueologia, nos inícios do século XX atribuiu ao exemplar da Figura n.º 2 a designação de "[…] vaso de barro cozido em forma de prato de pouco fundo e largo bordo com grafito na base", encontrado na Ladeira da Nossa Senhora das Neves (Figura n.º 1, local identificado como A) e proveniente de uma sepultura de "incineração". Desta recolha e intervenção não há qualquer menção na obra de Estácio da Veiga.

O exemplar de prato de engobe vermelho agora estudado possui um diâmetro máximo de 12,9 cm, o bordo saliente, aplanado e de tendência obliqua inclinada para o interior. O lábio completo mede 4,8 cm, o pé é marcado por um ligeiro destaque e o fundo convexo com um grafito.

O engobe de cor laranja – avermelhado encontra-se mal conservado, denota pouca qualidade e cobre a quase totalidade das partes interna e externa da peça. A pasta apresenta tons semelhantes ao do engobe e abundantes elementos não plásticos de tamanho médio e fino.

Se tivermos em consideração a evolução morfológica nos sítios de Cerro del Villar (Aubet et al., 1999), Huelva (Rufete Tomico, 1989) e Castro Marim (Freitas, 2005), bem como outros sítios do Sul peninsular e Norte de África, nomeadamente no que diz respeito à forma e largura dos bordos, os pratos de bordo simples predominam claramente nos contextos dos meados do século VII a.C., representando mais de metade das formas desse tipo cerâmico, apesar de permanecerem no registo arqueológico durante todo o século VI a.C., mas em muito menor número.

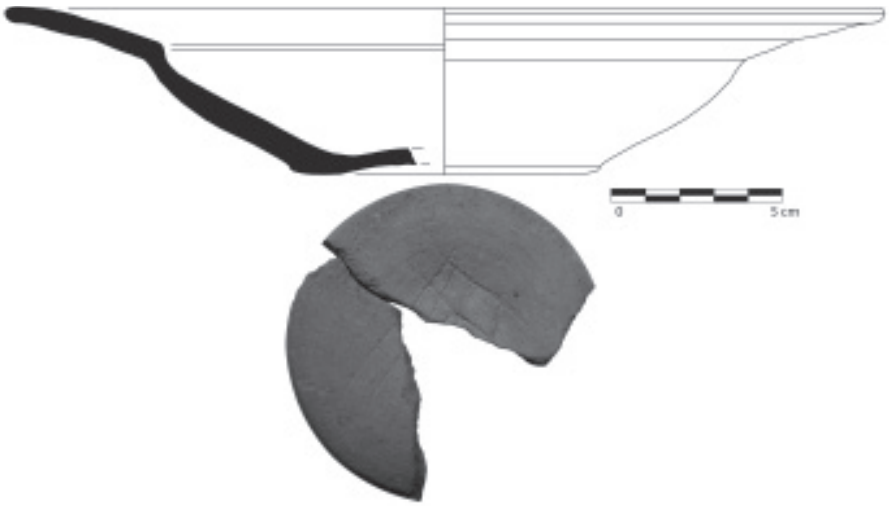


Fig. 2. Prato

Apesar do lábio completo, que auxilia na tentativa de classificação e de atribuição cronológica a partir deste elemento morfológico, a aferição destas datações não se deve basear apenas na presença de bordos estreitos, mas também na ausência de bordos largos e essa comparação fica limitada por apenas se registar um exemplar nesta colecção e proveniência.

Integrada nas cerâmicas pintadas em bandas, os contentores cerâmicos tipo "Cruz del Negro" são um dos indicadores que definem a cultura material dita "orientalizante", designada de diversas formas e inseridas em outras tantas tipologias. A designação aqui assumida não está isenta de problemas, mas a salvo de apreciações subjectivas (Jodin, 1966, p. 149; Aubet, 1976-78; Garrido Roiz e Orta García, 1978, p. 188; Schubart e Maass-Lindemann, 1984, p. 71; Belén e Pereira, 1985; Arruda, 1999-2000 e Martín Ruiz, 1995 e 2004).

O primeiro exemplar (Figura n.º 3) tem a indicação de proveniência do Cemitério de S. Sebastião, não sendo perceptível se foi encontrado no contexto de uma sepultura ou como um achado isolado (Figura n.º 1 local identificado como B). Aquando da sua publicação em 1880, foi descrito como um "vaso de barro cozido, claro; forma esférica quase rigorosa com duas pequenas asas" e atribuída ao período lusitano-romano (Veiga, 1983, p. 83). Numa intervenção mais recente, que abrangeu toda a extensão da necrópole, não se encontraram vestígios coevos (Boiça e Lopes, 1999).

Este encontra-se bastante bem conservado, praticamente inteiro, faltando-lhe apenas metade do bordo e a sua ligação ao colo. Num dos lados evidência brechas que poderão ter sido um defeito de cozedura devido ao tamanho dos elementos desengordurantes, dando-lhe um aspecto assimétrico.

Com um bordo saliente exvertido de secção triangular tendendo para formas arredondadas ligado a um colo baixo, ligeiramente troncocónico, estreitando até junto do bordo onde apresenta um ténue alargamento (tipo c de Schubart e Maass-Lindemann, 1984, p. 71), junto à ligação com o bojo da peça exibe um ressalto bem marcado de onde arrancam as duas assas bífidas (cada uma de secção circular). Estas assentam nos ombros de um bojo globular com uma ligeira tendência ovóide. O pé é marcado mas sem descontinuidade com o bojo e o fundo apresenta-se convexo com um ônfalo bastante pronunciado.

A pasta, de cozedura oxidante, é compacta, dura, de cor homogénea clara ocre amarelado, relativamente bem depurada, com elementos não plásticos de quartzo rolado e com uma aparência bem arenosa.

Fig. 3. "Cruz del Negro"

A decoração desta peça encontra-se bastante deteriorada, no entanto, revela uma superfície alisada e aparentemente ainda tem junto ao bordo, no bojo e sob as asas, do lado externo, vestígios do que parecem ter sido bandas com um engobe espesso, baço, mais ou menos aderente, de cor vermelho laranja/ acastanhado que pode ter sido aplicado directamente sobre a peça. O fundo encontra-se em reserva.

As suas características formais e decorativas indicam uma cronologia antiga, se tivermos em consideração o colo curto, as asas bífidas perpendiculares ao bordo, a carena junto do bojo, o pé pronunciado e fundo côncavo com ônfalo com paralelos em alguns exemplares de Carmona (Aranegui Gascó, 1980 e Garcia Alfonso, 1998), Medellín (Almagro-Gorbea, 1977), Cerro dos Infantes (Mendonza et al., 1981), Toscanos e Alarcón (Maass-Lindemann, 2002), Santa Olaia (Pereira, 1997), Senhor dos Mártires (Paixão, 1970 e Arruda, 1999-2000), Cruz del Negro (Aubet, 1976-78), Joya (Garrido Roiz e Orta García, 1978), Abul (Mayet e Silva, 2000). No entanto, exibe igualmente particularidades que apontam para que seja um exemplar mais tardio: bordo não triangular e exvertido, colo ligeiramente troncocónico e bojo tendencialmente ovóide alongado, com paralelos em Carmona, Santa Olaia, Cruz del Negro, Alarcón, Medellín, Abul e ainda no Morro de Mesquitilla (Aranegui Gascó, 1980).

Tendo em conta que a decoração se encontra bastante afectada e considerando apenas o engobe preservado externamente entre a asa e o bordo, os paralelos resumem-se a Medellín, Cruz del Negro, Toscanos, Joya, Senhor dos Mártires e Abul.

Por seu lado, a pasta induz para uma produção do baixo Guadalquivir com paralelos no exemplar de Cullera (Aranegui Gascó, 1980), apesar do defeito de cozedura ser idêntico a um exemplar de Medellín.

Desta forma, consideramos estar perante um exemplar datado entre os inícios e os meados do VI a.C..

Fig. 4. "Cruz del Negro"

O segundo exemplar encontrado genericamente em Mértola, sem uma localização concreta (Figura n.º 1 e 4), foi descrito por Estácio da Veiga no seu inventário como um "vaso de barro cozido de cor vermelha atijolada, bojo esférico, colo cilíndrico quase destruído e duas asas robustas na base daquele" e também classificado como uma louça lusitano-romana, proveniente de uma sepultura de "incineração" que continha restos humanos e pedaços de um vaso metálico.

Este encontra-se incompleto, faltando-lhe o bordo e com o colo bastante deteriorado. No entanto, pode verificar-se que o colo é de tamanho médio, paredes direitas, cilíndrico e alarga desde o estreitamento do colo até à aresta, aperta um pouco e volta novamente a aumentar até ao bordo (tipo b de Schubart e Maass-Lindemann, 1984, p. 71). Do lado externo tem um ressalto relativamente marcado, de onde arrancam as duas assas bífidas (cada uma de secção circular) e que vão assentar nos ombros de um bojo globular. O pé é bem marcado e o fundo convexo com um pequeno ônfalo.

A pasta é compacta, dura, de cor homogénea laranja, bem depurada com elementos não plásticos de quartzo, cal, mica, xisto.

A peça apresenta uma aguada alaranjada em toda a sua superfície. De cima para baixo, sobre a aguada, no bojo junto da ligação asa/ bojo apresenta uma decoração composta por uma fina linha de cor preta, uma banda larga de engobe vermelho, uma banda curta preta, outra banda larga vermelha e finalmente 3 linhas pretas alternadas com dois espaços em reserva. A pintura a preto é homogénea, espessa, aderente, baça e o engobe vermelho homogéneo, aderente, baço e fino. O final do bojo, pé e fundo encontram-se em reserva.

As características formais e decorativas apontam para momentos ligeiramente mais antigos relativamente ao primeiro exemplar e para locais de produção diferentes. Assim, o colo cilíndrico direito com a carena a meio, as asas robustas, a sua forma bastante globular, o pé bem marcado e o fundo apenas com um pequeno ônfalo são aspectos identificados em locais como

Santa Olaia (Pereira, 1997), Joya (Garrido Roiz e Orta García, 1978), Carmona, Mengabril e Cullera (Aranegui Gascó, 1980), Medellín (Almagro-Gorbea, 1977), Frigiliana (Arribas e Wilkins, 1969), Cruz del Negro (Aubet, 1976-78), Cerro de los Infantes (Mendonza et al., 1981), Alcácer do Sal (Paixão, 1970 e), Toscanos e Alarcón (Maass-Lindemann, 2002), Abul (Mayet e Silva, 2000), Lisboa (Arruda, 1999-2000) e Rachgoun (Vuillemot, 1955).

Apesar de até ao momento ainda não ter sido identificada nenhuma distinção cronológica para as decorações (Maass-Lindemann, 2002, p. 191), neste caso o tratamento de superfície e a decoração apresentam-se bastante bem cuidados idênticos aos exemplares de Santa Olaia, Carmona, Medellín, Joya, Cruz del Negro, Alarcón e ainda em Mogador (Jodin, 1966).

A pasta tem paralelos com as da costa de Málaga e Norte Africanas, nomeadamente em Mogador, Toscanos e nalguns exemplares da necrópole de Cruz del Negro.

Desta forma, julga-se que a cronologia para este segundo exemplar é da segunda metade do VII a.C..

Considerações finais

Apesar das parcas informações sobre a localização e contexto dos achados, o seu grau de conservação atesta que estes seriam utilizados e aceites por uma comunidade residente em Mértola no que parece ser uma utilização associada ao mundo funerário orientalizante tartéssico (tendo em consideração as sucintas descrições possivelmente num tipo de fossas simples de cremação), enquadrado cronologicamente entre a segunda metade do VII e a primeira do VI a.C..

Se o prato pode ter uma utilização como elemento do espólio sepulcral, nomeadamente como oferenda funerária, no que concerne às formas tipo "Cruz del Negro", estas teriam uma utilização/ funcionalidade como urnas onde se colocariam os ossos conservados após a cremação (Aubet, 1976-78, p. 268).

Apesar da sua origem formal ser oriental e de âmbito fenício, parece haver uma concentração destas formas no ocidente mediterrâneo, onde se reinterpretaram com a aceitação do modelo sobretudo em contextos funerários (Arruda, 1999-2000, p. 90; Ramón, 1999, p. 156), pelo que se encontram difundidas na Península Ibérica em sítios fenícios, indígenas, indígenas orientalizados (Aubet et al., 1999, p. 177) o que parece ocorrer durante o século VII (mais para Oeste) e no VI a.C. (no Levante, Costa Valenciana e Catalunha).

Até ao momento verificou-se a existência de duas áreas de concentração, no baixo Guadalquivir e na costa de Málaga, sendo igualmente importante ter em conta Mogador, Ibiza, Guardamar del Segura, os estuários do Tejo/ Sado, Extremadura e a Alta Andaluzia, estas duas últimas são as áreas mais interiores onde até ao momento ocorrem estas formas.

Constata-se que os exemplares mais antigos aparecem no repertório formal de sítios de habitat, no litoral, como Toscanos (Maass-Lindemann, 2002), Castillo Doña Blanca (Ruíz Mata e Pérez, 1995) e numa área de transição litoral-interior: Setefilla (Aubet Semmler et al., 1983), Cerro de la Mora (Carrasco, Pastor, Pachon, 1981) e nas necrópoles Jardín (Maass-Lindemann, 1995), Las Cumbres (Ruíz Mata e Pérez, 1995) e Les Moreres (González Prats, 2002).

Apesar destas ilações poderem ser condicionadas pelo diferente grau de estudo que até ao momento algumas áreas apresentam, os locais onde as formas tipo "Cruz del Negro" se encontram associadas a esta difusão sugerem que a Sudoeste estas foram bastante solicitadas para utilização nos contextos funerários apesar da dissonância do actual território português onde a sua presença se verifica maioritariamente em sítios de habitat, talvez por ausência de intervenções em necrópoles asso-ciadas aos povoados. Assim, em Portugal foram identificadas em Santa Olaia, Lisboa, Abul, Senhora dos Mártires, Castro Marim e Mértola.

Em Santa Olaia são dois os vasos atribuídos a formas tipo "Cruz del Negro" e terão pertencido a momentos diferentes, não só pela sua variabilidade formal, bem como por terem sido registados em dois momentos de ocupação distintos: um associado ao povoado mais antigo e inserido na primeira metade do século VII a.C. e o outro ao povoado médio, sendo-lhe atribuído uma datação na transição do VII para o VI a.C. (Pereira, 1997, p. 228; Frankenstein, 1997; Arruda, 1999-2000, p. 233).

Em Lisboa apenas quatro fragmentos foram classificados como sendo desta forma, três exemplares foram encontrados na Sé, um dos quais datado do século VII a.C. (Arruda, 1999-2000, p. 121). O quarto fragmento registou-se na Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15 com uma cronologia de meados do século VIII a.C. (Silva, Pimenta e Calado, 2005).

Em Abul são atribuídos dez exemplares a esta forma, registados nos níveis fenícios da Iª e da IIª fase (Mayet e Silva, 1997, p. 261 e 2000, p. 41) com uma cronologia entre meados do século VII e inícios do VI a. C. (Mayet e Silva, 2000, p. 68).

Na necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, são três as urnas desta forma (uma delas manual) apresentando características tardias, apesar de terem sido identificadas em associação com lucernas de um só bico, sendo-lhes atribuída uma cronologia da segunda metade do VI – primeira metade do V a.C. (Paixão, 1970, p. 238; Frankenstein, 1997, p. 321; Arruda, 1999-2000, p. 75 e 81).

Em Castro Marim foi identificado um exemplar na fase IV datada da primeira metade do 1º milénio a.C. (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo).

A assimilação por parte das comunidades locais de modelos exportados do oriente (Almagro-Gorbea, 1977; Ramón, 1999) devido à sua utilização em contextos de necrópole, nomeadamente no ritual funerário, remete para um mercado com alguma independência da área de ocupação fenícia. No entanto, a influência orientalizante não se pode dissociar da produção nestes contentores, relacionando estes sítios a uma homogénea "facies cultural indígena orientalizante" do Baixo Guadalquivir e Huelva, independentes das comunidades fenícias, com um certo poder de aquisição por parte de alguma população local e uma relação próxima com as rotas comerciais mediterrânicas (Aubet, 1976-78, p. 270, 279 e 281).

Apesar das dificuldades de aproximação ao porto de Mértola devido à topografia do leito do rio, aos afloramentos rochosos imersos até muito próximo da superfície, aos ventos encanados em meandros apertados, aos assoreamentos súbitos junto à foz dos afluentes e à força cíclicas das suas águas, esta navegação poderia ser realizada por quem as conhece numa base de utilização regular justificando-se esses riscos por um porto de escoamento de minério num primeira fase, mas que a partir do século V/ IV poderia ser também de distribuição de produtos agrícolas.

A comprovar-se a adopção de características estruturais do mundo funerário indígena com a utilização deste espólio orientalizante, bem como de outros elementos já publicados como a cerâmica ática e a cerâmica Kuass (Arruda, Barros e Lopes, 1998 e Rego, Guerrero e Gómez, 1996), aliada à localização estratégica do burgo de Mértola (possuindo excelentes condições naturais de defesa fluvial e terrestre, junto a explorações de recursos geológicos, com solos com boa capacidade produtiva e por ser o ponto extremo da navegabilidade do rio Guadiana), faz com que se torne num importante entreposto mercantil, numa relação estreita com Castro Marim, moldando a sua ocupação e a sua importância ao longo do tempo, em permanente contacto com um vasto território interno, mas sobretudo com o litoral da Andaluzia ocidental e do Algarve, o círculo do estreito de Gibraltar e o não menos vasto Mar Mediterrâneo.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Museu Nacional de Arqueologia pela cedência das peças apresentadas que permitiram a realização deste presente trabalho – nomeadamente ao seu director Dr. Luís Raposo e funcionários – e à Câmara Municipal de Mértola pela cedência de cartografia de pormenor.

Agradecimentos extensíveis à revisão de texto a Iola Filipe e à colaboração nos desenhos a Ana Cristina Ramos e às diversas contribuições que ajudaram na apresentação realizada no Congresso: nas notas de Rui Mataloto e Ana Sofia Antunes, na elaboração de mapas a Vera Freitas, bem como à Associação de Arqueologia do Algarve e ao Campo Arqueológico de Mértola. Saliente-se porém que todos estão isentos de responsabilidades nos erros ou omissões deste trabalho escrito em Setembro de 2005.

Bibliografia

Almagro-Gorbea, M. (1977) – El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura. *Biblioteca Prehistórica Hispana*. 14. CSIC-Universidad de Valencia.

Aranegui Gascó, C. (1980) – Contribución al estudio de las Urnas de tipo Cruz del Negro. *Saguntum*. 15. Valencia. pp. 99 – 118.

Arribas, A.; Wilkins, J. (1969) – La necrópolis fenicia del Cortijo de las Sombras (Frigiliana, Málaga). *Pyrenae*. V. Barcelona. pp. 185 – 244.

Arruda, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6.Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.

Arruda, A. M.; Barros, P. e Lopes, V. (1998) – Cerâmicas áticas de Mértola. *Conímbriga*. 37. Coimbra. pp. 121-149.

Arruda, A. M.; Freitas, V.; Oliveira, C. (no prelo) – Os Fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim. *III Colóquio Internacional del Centro de Estúdios Fenício y Púnicos "Las ciudades Fenício-Púnicas en el Mediterráneo Occidental" (Adra, Almería), 12 a 14 de Dezembro)*.

Aubet Semmler, M. E. (1976-78) – La cerámica a torno de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla). *Ampurias*. 38-40. Barcelona. pp. 267-287.

Aubet Semmler, M. E.; Carmona, P.; Curià, E.; Delgado, A.; Fernández Cantos, A.; Párraga, M. (1999) – *Cerro del Villar - I: El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. Arqueología Monografías. 5. Sevilla: Junta de Andalucía.

Aubet Semmler, M. E.; Remedios Serna; M.; Escacena, J. L.; Ruiz Delgado, M. M. (1983) – *La Mesa de Setefilla, Lora del Rio (Sevilla): Campaña de 1979*. Excavaciones Arqueológicas en España. 96. Madrid: Ministerio de Educación e Ciencia.

Belén, M.; Pereira, J. (1985) – Cerámicas a torno con decoración pintada en Andalucía. *Huelva Arqueológica*. VII. Huelva. pp. 307-359.

Boiça, J., Lopes, V. (coord.) (1999) – *A Necrópole e a Ermida da Achada de S. Sebastião*. Mértola: Escola Profissional Bento de Jesus Caraça e Campo Arqueológico de Mértola.

Carrasco, J.; Pastor, M.; Pachon, J. A. (1981) – Cerro de la Mora, Moraleda de Zafayona. Resultados preliminares de la segunda campaña de excavaciones (1981). El corte 4. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. 6. Granada: Universidad. pp. 307-354.

Fabião, C. (1998) – *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território português*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Feio, M. (1946) – Os terraços do Guadiana a Juzante de Ardila. Separata do *Tomo XXVII das comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa.

Feio, M. (1983) – *Le Bas Alentejo et l'Algarve*. Évora: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Frankenstein, S. (1997) – *Arqueología del colonialismo: El impacto fenicio y griego en el sur de la Península Ibérica y el suroeste de Alemania*. Barcelona: Crítica (Arqueología).

Freitas, V. T. (2005) – Observações Preliminares sobre as cerâmicas de engobe vermelho do Castelo e Castro Marim. *Anejos de Archivo Español de Arqueologia*. XXXV – 2. Mérida. pp. 911 – 918.

García Alfonso, E. (1998) – Dispersión de los vasos tipo Cruz del Negro en la Alta Andalucía: el ejemplar de Marbella (Málaga). *Homenaje al Profesor Carlos Posac Mon*. tomo I. Instituto de Estudios Ceutíes. pp. 115-129.

Garrido Roiz, J. P.; Orta García, E. M.ª (1978) – *Excavaciones en la necrópolis de "La Joya" Huelva II (3ª, 4ª y 5ª Campañas)*. Excavaciones Arqueológicas en España. 96. Madrid.

González Prats, A. (2002) – La necropólis de cremación de Les Moreres: Crevillente, Alicante, España (s. IX-VII a.C.). *III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios*. Alicante: Generalitat Valenciana.

Jodin, A. (1966) – *Mogador: comptoir phénicien du Maroc Atlantique*. Études et travaux d'archéologie Marocaine. II. Tanger: Editions Marocaines et Internationales.

Lecoq, N. (2002) – *Unidades de Paisagem da Zona Castro Verde – Mértola: Contributos para uma gestão ambiental eficiente*. Dissertação de mestrado em Gestão e Politicas Ambientais, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Edição policopiada.

Maass-Lindemann, G. (1995) – *La necrópolis de Jardín: III - Materiales*. Cuadernos de Arqueologia Mediterrânea. I. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra. pp. 121-213.

Maass-Lindemann, G. (2002) – Los Hallazgos Fenicios del Cerro del Alarcón. In *Toscanos y Alarcón: el assentamiento fenicio en la desembocadura del Río de Vélez, excavaciones de 1967-1984*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 8. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra. pp. 189 - 245.

Martín Ruiz, J. A. (1995) – *Catálogo documental de Los Fenicios en Andalucía*. Sevilla: Junta de Andalucía.

Martín Ruiz, J. A. (2004) – *Los Fenicios en Andalucía*. Sevilla: Junta de Andalucía.

Mayet, F.; Silva, C. T. (1997) – L'établissement phénicien d'Abul (Alcácer do Sal). In *Itineraires Lusitaniens: Trente annés de collaboration archéologique luso-française*. Paris: Diffusion de Boccard. pp. 255-273.

Mayet, F.; Silva, C. T. (2000) – *L'établissement phénicien d'Abul (Portuga): Comptoir et Sanctuaire*. Paris: Diffusion de Boccard.

Mendoza, A.; Molina, F.; Arteaga, O.; Aguayo, P. (1981) – Cerro de los Infantes (Pinos Puente, Provinz Granada). Ein Beitrag sur Bronze und Eisenzeit in Oberandalusien. *Madrider Mitteilungen*. 22. Madrid. pp. 171 – 210.

Oliveira, T. e Oliveira, V. (1995) – Síntese da Geologia da faixa piritosa em Portugal e das principais minerações associadas. In *Mineração do Baixo Alentejo*. vol. I. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde. pp. 8-27.

Paixão, A. C. (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal - Novos elementos para o seu estudo*. Lisboa, tese de Licenciatura, edição policopiada.

Pereira, I. S. (1997) – Santa Olaia et le comerse atlantique. In *Itineraires Lusitaniens: Trente annés de collaboration archéologique luso-française*. Paris: Diffusion de Boccard. pp. 209-253.

Ramón, J. (1999) – La cerámica fenicia a torno de sa Caleta (Eivissa). In *La Cerámica Fenicia en Occidente: centros de producción y áreas de comercio. Actas del I Seminario Internacional sobre Temas Fenicios (Guardamar del Segura 21-24 de Noviembre de 1997)*. Alicante, Generalitat Valenciana. pp. 149-214.

Rêgo, M.; Guerrero, O. e Gómez, F. (1996) – Una ciudad mediterránea en el contexto de la Edad del Hierro del Bajo Guadiana. *Actas de las primeras jornadas transfonterizas sobre la contienda hispano-portuguesa (2 a 4 de Junio de 1995)*. Tomo 1. Aroche: Escuela Taller Contienda. pp. 119-132.

Ruíz Mata, D.; Pérez, C. J. (1995) – *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. Biblioteca de Temas Portuenses. 5. El Puerto de Santa María: Ayuntamiento.

Rufete Tomico, P. (1989) – La cerámica con barniz rojo de Huelva. In *Tartessos - Arqueología Protohistorica del Bajo Gualdalquivir*. Barcelona: Editorial Ausa. pp. 247-286.

Schubart, H.; Maass-Lindemann, G. (1984) – Toscanos: El asentamiento fenicio occidental en la desembocadura del Río de Vélez, excavaciones de 1971. *Noticiario Arqueológico Hispánico*. 6. Madrid. pp. 40-217.

Silva, R. B. da, Pimenta, J. e Calado, J. (no prelo) – Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: a I.A.U. da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15. *VI Congresso de Estudos Fenicio Punicos*.

Simplício, M. C.; Barros, P.; Garcia, C. (1999) – Prospecções Arqueológicas no Rio de Guadiana - Porto de Mértola. *Almadan*. II - 8. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 54 – 62;

Vasconcelos, J. L. de (1917) – Coisas Velhas. *O Arqueólogo Português*. 22. Lisboa. pp. 231 – 233.

Veiga, S. F. M. E. da (1983) – *Memórias das Antiguidades de Mértola*. Edição fac-similada de 1880 pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda e Câmara Municipal de Mértola, Lisboa.

Vuillemot, G. (1955) – La nécropole punique du phare dans l'île Rachgoun (Oran). *Lybica*. III. pp. 7-76.

PRÁTICAS METALÚRGICAS NA QUINTA DO ALMARAZ (CACILHAS, PORTUGAL): VESTÍGIOS ORIENTALIZANTES *

Ana Ávila de Melo[1], Pedro Valério[2], Luís de Barros[3], Maria de Fátima Araújo[2]

[1]*Museu Nacional de Arqueologia*
[2]*Instituto Tecnológico e Nuclear*
[3]*Museu Municipal de Almada*

Resumo

O sítio arqueológico da Quinta do Almaraz (Cacilhas, Portugal) tem tido intervenções arqueológicas desde 1988 que incidiram sobretudo em estruturas negativas - uma fossa de detritos aberta no substrato rochoso cortando uma estrutura mais antiga e um fosso de 6,5 m de largura por 3,5 m de profundidade de geometria variável e cujo enchimento terá ocorrido num período de tempo curto, correspondendo ao crescimento do povoado para lá das linhas de muralhas. Grandes partes dessas estruturas encontram-se já datadas por radiocarbono . Do fosso foram recolhidos inúmeros artefactos metálicos, bem como restos de fundição, cadinhos e algaravizes, testemunhos directos da prática da metalurgia neste povoado. A tipologia dos artefactos metálicos aponta para um largo espectro cronológico que vai da Idade do Bronze até à colonização fenícia.

Desde 2001 que se têm desenvolvido trabalhos de investigação interdisciplinares sobre a "Arqueometalurgia na Quinta do Almaraz", com base na análise química não invasiva por espectrometria de fluorescência de raios X, dispersiva de energias (EDXRF), da colecção metálica (31 artefactos), bem como na pesquisa de vestígios de metais em cadinhos, algaravizes e escórias, testemunhos directos da prática da metalurgia neste sítio arqueológico. Os primeiros resultados obtidos encontram-se já publicados .

A complexidade da Quinta do Almaraz, bem patente na quantidade e heterogeneidade dos materiais exumados, reflecte-se de forma exemplar na metalurgia – foram identificados cobres, cobres arsenicais, ligas de cobre e estanho, com e sem adição de chumbo, para além de artefactos de ferro e chumbo (incluindo alguns ponderais) que indiciam já uma forte presença orientalizante no sítio, mesmo antes do estabelecimento dos fenícios na região. O estudo dos vestígios metalúrgicos deste sítio permitiu ainda identificar indícios da copelação da prata, bem como da metalurgia do ouro.

Abstract

The "Quinta do Almaraz" archaeological site lays on Miocenic limestone clay and sandstone formations and is located in Cacilhas (Almada) at the western Portuguese Coast. This site occupies an area of about 4ha and extends down the slope from a small hill on the left bank of the Tagus estuary.

The site has been excavated since 1988, by archaeologists of the "Museu Municipal de Almada". The enormous amount of recovered metal artefacts, slags, crucibles and other metallurgical remains constitutes the basis of Quinta do Almaraz Archaeometallurgical Project (Indígenas e Fenícios no Almaraz).

Previous investigations were focused on the non-destructive analytical study of metallic artefacts recovered from excavations and have identified bronzes with low and high Pb content, as well as iron artefacts. In the present work further metallic artefacts, some crucibles fragments and several slags were analysed and discussed.

The analysed collection was composed by metallic artefacts (fibulae, fish-hooks, needles, buckle, tweezers, knives and arrowheads), crucibles, slags and metallurgical remains.

The elemental composition of the metallic artefacts have made possible to identify different groups of artefacts belonging to distinct Prehistoric periods, from the Bronze Age (copper based alloys) till the Iron Age (copper and iron based alloys). The high variation in the Sn and Pb percentages in the copper based alloys point out to the existence of different metallurgical processes, despite the similar typological characteristics of the artefacts.

Semi-quantitative analysis on crucibles surfaces have permitted to identify particular metallurgical operations related with gold metallurgy and with the silver cupellation process, which indicates a strong oriental influence in this region, even before Phoenician occupation.

* Este trabalho foi parcialmente subsidiado pelo projecto "Indígenas e Fenícios no Almaraz" aprovado no âmbito do "Programa B – Caracterização de metais e ligas metálicas pré-históricas" do protocolo celebrado entre o Instituto Português de Arqueologia e o Instituto Tecnológico e Nuclear.

1. Introdução

Em 2000 foi iniciado o projecto *Indígenas e Fenícios na Quinta do Almaraz,* proposto por Luís de Barros, no âmbito do protocolo realizado entre o Instituto Português de Arqueologia e o Instituto Tecnológico e Nuclear para Investigação em Arqueometria, que se propunha efectuar o estudo arqueometalúrgico dos artefactos metálicos e vestígios metalúrgicos recolhidos ao longo de quase duas décadas de intervenções arqueológicas na Quinta do Almaraz[1]. As várias campanhas de trabalhos arqueológicos neste sítio permitiram caracterizá-lo como uma das primeiras fundações fenícias do ocidente peninsular (Barros *et. al.* 1993; Arruda 1999; Barros e Monge Soares, 2004).

A enorme quantidade recolhida de vestígios metalúrgicos – fragmentos cerâmicos, pingos de fundição, algaravizes, escórias e um molde de varetas, bem como um significativo número de artefactos metálicos, deixaram logo antever a Quinta do Almaraz como um importante centro de produção metalúrgica; a sua importância, porém, não se restringiu à fundação fenícia, tendo sido igualmente recolhidos artefactos que se inserem tipológica e cronologicamente na Idade do Bronze Final.

Até à presente data foram já analisados 79 artefactos e vestígios metalúrgicos (Quadro I), sendo que cerca de 70 % dos vestígios metalúrgicos apresenta elementos químicos que permitem identificar a operação metalúrgica a eles associada.

Uma parte significativa dos resultados encontra-se ainda inédita, nomeadamente os que se referem aos vestígios metalúrgicos e são agora apresentados pela primeira vez. Os resultados dos primeiros conjuntos de análises efectuados foram apresentados à comunidade científica em congressos internacionais[2] e publicados (Araújo *et al.*, 2004; Valério *et al.*, 2003). A continuação dos trabalhos arqueológicos na Quinta do Almaraz vai com certeza fornecer dados ímpares para a caracterização da produção metalúrgica da Idade do Ferro e do próprio processo de transição Bronze Final / Idade do Ferro, na Estremadura.

2. Metalurgia na Quinta do Almaraz

2.1 Artefactos e vestígios metalúrgicos

As primeiras campanhas de intervenções arqueológicas na Quinta do Almaraz incidiram, numa primeira fase, em estruturas negativas – fosso e fossa de detritos – e tiveram como objectivo principal a delimitação da área do sítio. Posteriormente os trabalhos estenderam-se ao sector situado no interior da primeira linha de muralhas, onde foram identificadas algumas construções de carácter habitacional (L. Barros *et al.*, 1993; L. Barros e A. M. Monge Soares, 2004).

Em todas as zonas intervencionadas foram recolhidos artefactos metálicos, com particular destaque para o fosso e fossa de detritos. A área habitacional, ao contrário do fosso e da fossa de detritos, não apresentou vestígios de produção metalúrgica, encontrando-se a maior concentração destes no fosso.

O conjunto de artefactos exumados e dos vestígios de práticas metalúrgicas abrange todos os tipos de produção – ligas de cobre, ferro, ouro e prata - e uma longa diacronia (Quadro I). Há um conjunto de artefactos que se inserem claramente no mundo do Bronze Final – pinça, fíbula de dupla mola helicoidal, bracelete – ou mesmo em períodos anteriores - caso da ponta de seta ou

1 Identificado em 1985 por técnicos do Núcleo de Arqueologia e História do Museu Municipal de Almada, os primeiros trabalhos no local iniciaram-se em 1987.

2 Respectivamente no *IRRMA-V, 5th International Topical Meeting on Industrial Radiation and Radioisotope Measurement Applications*, realizado em Bolonha de 9 a 14 de Junho de 2002 e na *International Conference Archaeometallurgy in Europe* realizada em Milão de 24 a 26 de Setembro de 2003.

do anzol simples. Já a asa de sítula, a agulha de coser redes, a fíbula de dupla mola bilateral (tipo Acebuchal), as facas de ferro e os ponderais remetem sem qualquer dúvida para a Idade do Ferro, ou mesmo para períodos posteriores, imediatamente anteriores à colonização romana.

A presença de uma faca de ferro com rebites de bronze é um dado de excepcional importância no âmbito dos contactos pré-coloniais. Em recentes intervenções arqueológicas em sítios de habitat do Bronze Final da Beira Alta e Beira Interior (Senna-Martinez, 2000; Vilaça, 1999) têm sido recolhidos vários exemplares de facas de ferro com rebites de bronze, artefactos esses interpretados como bens de prestígio, sem dúvida importações trazidas através dos circuitos comerciais mediterrânicos. Com efeito, embora sejam inequívocos os testemunhos da produção metalúrgica nesses povoados, esta restringia-se ao fabrico de artefactos em ligas de cobre, pelo que a presença de artefactos de ferro é um claro indício de contactos entre as comunidade indígenas do Bronze Final e o mundo cultural do Mediterrâneo central e oriental. No caso da Quinta do Almaraz, a leitura poderá também ser outra, dado que o sítio apresenta vestígios de metalurgia do ferro, mas a sua presença é inequívoca quanto à inserção desta estação – pelo menos numa primeira etapa da sua ocupação - na metalurgia da Estremadura e Centro de Portugal na transição do Bronze Final para a Idade do Ferro.

Liga		Artefactos Grupo	Artefacto	
Bronze	*19*	Utensílios	Anzol	*6*
			Punção	*1*
			Pinça	*1*
			Asa de sítula	*1*
			Agulha	*1*
		Adorno	Fíbula	*4*
			Bracelete	*3*
			Fivela	*1*
		Armamento	Ponta de seta	*1*
Ferro	*8*	Armamento	Faca	*6*
		Utensílios	Foice	*1*
		Indeterminados	Esfera	*1*
Chumbo	*5*	Utensílios	Peso	*5*
Ouro	*1*	Adorno	Conta	*1*
Vestígios metalúrgicos				
Fragmento cerâmico				*26*
Pingo de fundição				*11*
Algaraviz				*5*
Escória				*2*
Molde de varetas				*1*
Outros				
Coador ou queijeira				*1*

Quadro I – Distribuição de artefactos e vestígios metalúrgicos da Quinta do Almaraz

Alguns exemplares recolhidos podem ser considerados raros, como é o caso da pinça, achado invulgar e ainda mais em contexto habitacional, com o seu paralelo mais próximo na famosa pinça da Roça do Casal do Meio em Sesimbra (Spindler *et al.*, 1973/74). O conjunto de anzóis, bastante significativo, apresenta dois tipos distintos - com e sem barbela – a que provavelmente corresponderiam diferentes cronologias, se à especificidade tecnológica de cada tipo corresponder, de facto, uma evolução. A sua presença no Almaraz é facilmente explicável pela localização costeira do sítio.

Há também a realçar um conjunto de ponderais de chumbo, em parte inéditos, constituído por um peso discoidal, dois pesos cúbicos e um peso losânguico; o peso discoidal e o losânguico apresentam orifícios centrais. O ponderal cúbico (MAH9619-ALZ1796) pesa 6,4 g e apresenta uma marca zoomórfica, provavelmente de um quadrúpede, embora esta não seja totalmente identificável devido aos processos de alteração ocorridos na superfície do ponderal. O ponderal cúbico (MAH9620-ALZ1797) pesa 2,6 g e apresenta igualmente uma marca zoomórfica (porco ou ovelha?).

Este conjunto de ponderais remete, sem qualquer margem para dúvidas, para a ocupação fenícia do sítio. O peso discoidal é uma forma comum, aparecendo em outros sítios peninsulares coevos, como Cancho Roano ou La Bastida (Garcia Bellido, 2003), enquanto os pesos cúbicos têm paralelos próximos em Huelva (Canales Cerisola, Serrano Pichardo e Llompart Gomez, 2004, p. 154-155). Mais rara é a forma losânguica, para a qual ainda não encontrámos paralelo no nosso território, sendo no entanto uma forma conhecida nos materiais recolhidos nas escavações do naufrágio em Uluburun entre 1984 e 1994. Estes apontam para uma integração cronológica no Bronze Final mediterrânico, embora a sua proveniência seja bastante diversificada – desde vasos e joalharia cananita a cerâmica fina cipriota. Entre os muitos materiais recolhidos conta-se um conjunto de 149 ponderais e de pratos de balança. Os ponderais recolhidos em Uluburun, Turquia, datados do Bronze Final, especialmente os exemplares W5, W25 e W104 (Pulak, 2000, p. 252 e 255), são os que mais se assemelham a este exemplar da Quinta do Almaraz. Apresentam igualmente uma forma losânguica e orifício central, embora as pontas sejam menos aguçadas que o exemplar da Quinta do Almaraz. No entanto, este exemplar é constituído por chumbo, enquanto que os recolhidos do naufrágio em Uluburun são compostos por bronze ou hematite.

De qualquer modo, parece não haver muitas dúvidas quanto á influência orientalizante deste tipo de ponderal. Não foi, até à presente data, encontrado qualquer exemplar em liga de cobre na Quinta do Almaraz. De qualquer modo, o reduzido número de ponderais recolhidos e a sua diversidade tipológica não nos permitem uma clara reconstituição dos sistemas métricos em uso no sítio.

Os estudos arqueometalúrgicos que temos vindo a desenvolver na Quinta do Almaraz não nos permitem ainda tirar conclusões definitivas quanto à transição da metalurgia do Bronze Final para a Idade do Ferro. Porém não restam quaisquer dúvidas que temos um conjunto importante de artefactos em liga de cobre, perfeitamente enquadráveis na metalurgia do mundo indígena da Estremadura e Centro de Portugal. Por outro lado, os vestígios de operações metalúrgicas e alguns artefactos, como por exemplo o conjunto de ponderais, remetem para práticas metalúrgicas de época posterior, claramente da Idade do Ferro e directamente relacionada com a colonização Fenícia do sítio. Só futuras escavações permitirão detectar a existência ou não de uma ocupação indígena do Bronze Final anterior à colonização Fenícia. Por outro lado, a quantidade de escórias, pingos de fundição, cadinhos e algaravizes fazem-nos suspeitar da existência de uma oficina ou centro de produção metalúrgica, o qual só poderá ser identificado com a continuação dos trabalhos arqueológicos. Certo é que neste sítio existem vestígios de produção de diversos tipos de ligas metálicas – cobre, bronze, ferro, ouro e prata, relacionáveis com a instalação fenícia no estuário do Tejo.

Foi recentemente analisado um novo conjunto de artefactos – uma conta de ouro, um ponderal losânguico, um peso de rede, um molde de varetas, escórias, algaravizes e diversos fragmentos cerâmicos, incluindo cadinhos e um coador. São os resultados inéditos dessas análises que agora se apresentam e que, na sequência dos anteriormente obtidos, atestam a indiscutível importância da Quinta do Almaraz como centro de produção metalúrgica da Estremadura.

2.2 Estudo arqueometalúrgico

2.2.1 Metodologia

A caracterização química elementar e não invasiva dos artefactos metálicos e vestígios metalúrgicos da Quinta do Almaraz foi conduzida num espectrómetro de fluorescência de raios X, dispersivo de energias (Kevex 771). Os raios X característicos emitidos pelos elementos químicos presentes no artefacto são colimados a 90° e recolhidos num detector de Si(Li) com uma área activa de 30 mm^2 e uma resolução de 165 eV (Fe-Kα). O espectrómetro possui como fonte primária uma ampola de ródio, estando também equipado com diversos alvos secundários e filtros de radiação apropriados.

As condições de análise foram seleccionadas consoante o material em estudo. No caso dos artefactos em chumbo e ferro, utilizou-se o alvo secundário de prata e uma diferença de potencial de 35 kV, enquanto que os exemplares em cobre e ouro e os vestígios metalúrgicos foram ainda analisados com o alvo secundário de gadolínio a 57 kV. As intensidades de corrente e os tempos de contagens foram variáveis, dependendo da composição dos materiais. Os artefactos metálicos foram, sempre que possível, analisados em duas superfícies distintas, enquanto que os vestígios metalúrgicos foram examinados nas faces interna e externa.

A análise quantitativa foi efectuada com o programa EXACT (KEVEX, 1990), baseado no método dos parâmetros fundamentais (R. Tertian e F. Claisse, 1982), utilizando materiais de referência certificados, de acordo com o procedimento descrito por Araújo *et al.,* 1993.

2.2.2 Resultados e discussão

Artefactos

Apesar de, como se referiu anteriormente, os resultados referentes aos artefactos se encontrarem já publicados, achou-se pertinente fazer aqui um resumo dos mesmos, pelo menos no que diz respeito aos bronzes – a liga metálica melhor representada na colecção de artefactos da Quinta do Almaraz. Assim sendo, verificou-se que estes podiam ser divididos em diversos grupos consoante os seus teores em estanho e chumbo (Fig. 1). Dois dos artefactos podem ser considerados de cobre puro, sendo ambos provenientes da fossa de detritos e tendo sido um deles, a asa de sítula, exumado da sua camada mais recente, datada do séc. V/IV a. C. (Barros e Monge Soares, 2004, p.351). Seguem-se 5 exemplares (2 anzóis, 2 braceletes e 1 fíbula) em cobre e estanho e nos quais não foram encontrados vestígios de chumbo. De referir que o reduzido teor de estanho em alguns destes exemplares nos faz colocar a questão de se tratarem ou não de verdadeiros bronzes. Nos 8 artefactos seguintes (3 fíbulas, 2 anzóis, 1 punção, 1 fivela e 1 ponta de seta) o chumbo apresenta-se como impureza (<2 %), continuando alguns deles a apresentar teores reduzidos de estanho. Por último existem 4 artefactos, pertencentes ao grupo dos utensílios – 3 anzóis e 1 pinça, com teores elevados de chumbo, constituindo provavelmente ligas ternárias de bronze.

A existência de operações metalúrgicas relacionadas com a produção de ligas de ouro na Quinta do Almaraz encontra-se comprovada pela presença de um fragmento de cadinho estudado anteriormente (Araújo *et al*., 2004). Uma conta de ouro agora investigada, demonstrou possuir um elevado teor em prata (25 %), bem como uma significativa percentagem de cobre (2,5 %). Ligas com teores entre 11-15 % de prata e, sempre, com percentagens de cobre inferiores a 1 % são características do Bronze Final da península e distinguem-se claramente dos espólios orientalizantes, onde encontramos ligas de ouro purificado, ou seja, com teores mais elevados deste elemento (Caveda, 2005). Os artefactos proto-históricos em ouro do noroeste peninsular são dominados por ligas com teores elevados de prata (>20 %), contrariamente ao centro e sul, de influência mediterrânea, onde a maioria dos exemplares apresenta teores de prata inferiores a 10 %

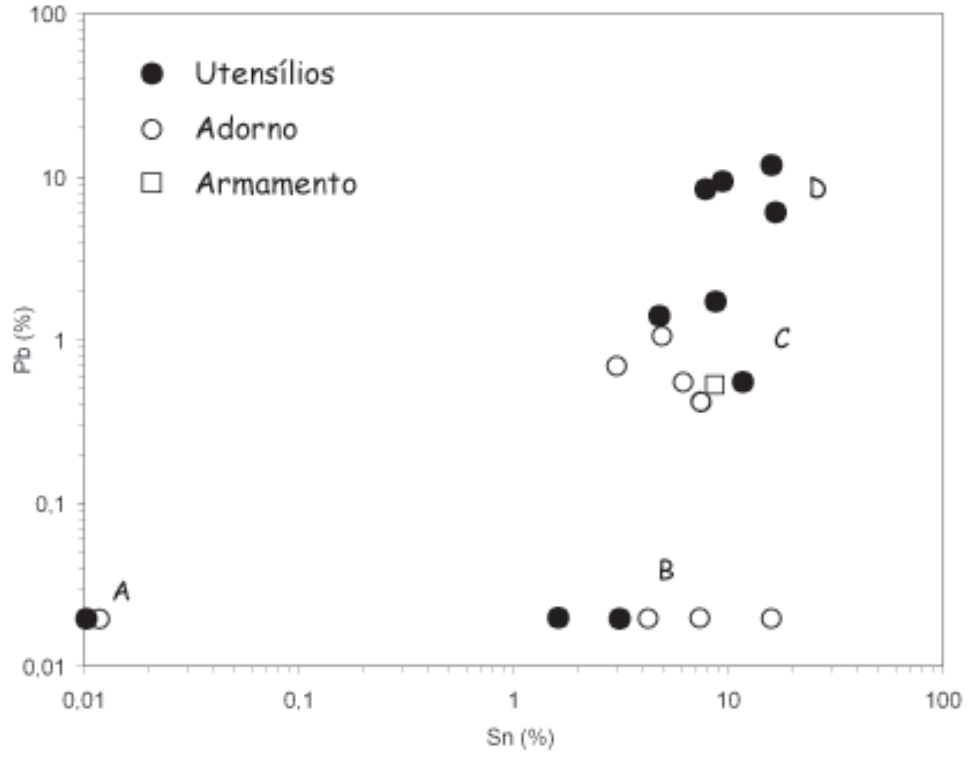


Fig. 1. Teores em estanho e chumbo nos artefactos em bronze da Quinta do Almaraz (A – cobres "puros"; B – bronzes sem vestígios de chumbo; C – bronzes com chumbo como impureza; D – ligas ternárias de bronze;) para fins de representação gráfica considerou-se: não detectado = ½ limite de detecção

(Monteiro e Rovira, 1991). Um bom exemplo disto é um torques proveniente da região de Chaves (Alves, Araújo e Monge Soares, 2002), cujos teores em elementos maiores (72-73 % Au, 26-27 % Ag e 1-2 % Cu) são bastante próximos do artefacto da Quinta do Almaraz. Para além disto, os artefactos em ouro do período orientalizante do sudoeste da Península Ibérica são caracterizados pela presença de percentagens relativamente mais elevadas de cobre (Hunt Ortiz, 2003), enquanto que o ouro nativo apresenta geralmente teores inferiores a 1,5 % (Alves, Araújo e Monge Soares, 2002), o que coloca algumas reservas sobre uma eventual utilização de ouro nativo.

O ponderal losânguico e o peso de rede em chumbo agora analisados possuem teores reduzidos de cobre [0,2-0,3%], tal como dois dos exemplares analisados anteriormente (Fig. 2). Na Península Ibérica os ponderais são normalmente constituídos por chumbo ou bronze (García-Bellido, 2003, p. 137), pelo que, dada a existência de chumbo na Quinta do Almaraz, como subproduto da metalurgia da prata, não será de estranhar a sua utilização para o fabrico destes exemplares.

Vestígios metalúrgicos

Os vestígios de operações metalúrgicas investigados incluem escórias, algaravizes, pingos de fundição, um molde de varetas, cadinhos e diversos fragmentos cerâmicos, alguns deles com vestígios evidentes da acção do calor, nomeadamente aderências e/ou áreas vitrificadas.

O molde de varetas não apresentou quaisquer vestígios de elementos químicos que possam indiciar o tipo de liga metálica dos artefactos que possam eventualmente ter sido nele fundidos. Do mesmo modo, nos algaravizes apenas foram identificadas algumas áreas vitrificadas que provam a sua utilização a altas temperaturas em operações metalúrgicas. Os pingos de fundição são constituídos por ferro pelo que se encontram relacionados com esta metalurgia.

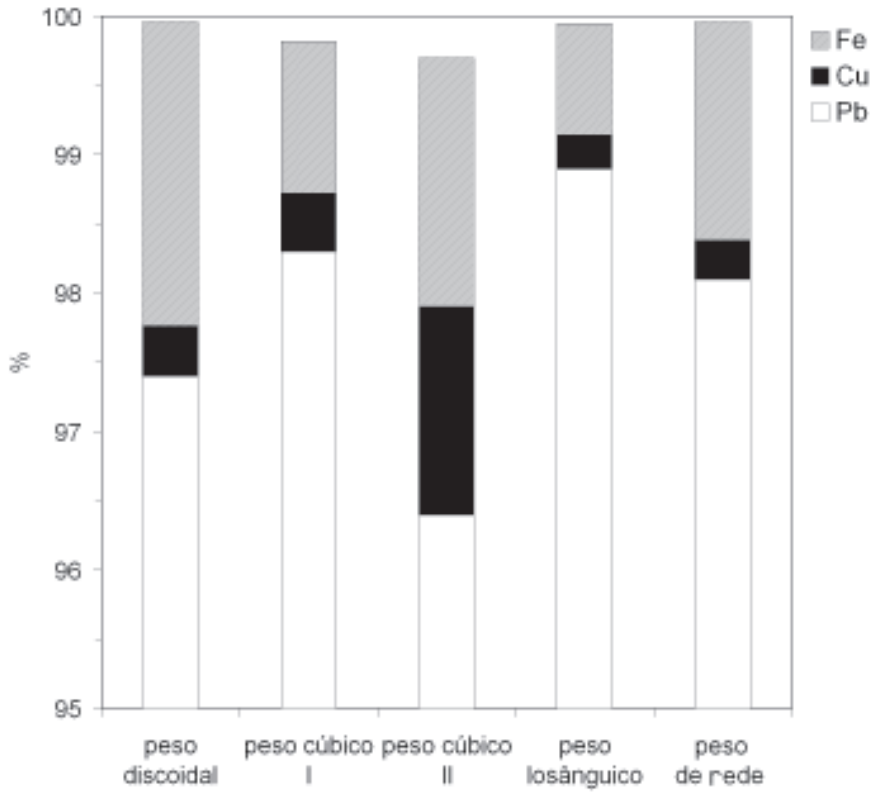


Fig. 2. Composição de artefactos em chumbo da Quinta do Almaraz

Foi igualmente analisado um coador ou queijeira, artefacto cerâmico com diversos orifícios, cujo aparecimento em variados sítios relacionados com a metalurgia da prata terá levado alguns autores a suspeitar da sua eventual utilização num processo de refinação deste metal (Hunt Ortiz, 2003, p. 366). No entanto, o exemplar da Quinta do Almaraz não apresentou quaisquer indícios de estar relacionado com operações metalúrgicas, devendo estar ligado à produção de lacticínios, tal como os exemplares encontrados em abundância nos povoados calcolíticos da Estremadura Portuguesa (Correia, 1980, p. 26).

Os fragmentos de escória apresentam elevados teores em ferro resultantes dos silicatos de ferro formados durante a redução do minério. Uma das escórias apresenta igualmente teores significativos de cobre (Fig. 3), comprovando a existência de operações de redução de minério deste metal na estação arqueológica.

No entanto, os estudos até agora efectuados na Quinta do Almaraz apontam a metalurgia da prata como a mais significativa. Os minérios argentíferos de chumbo (galena, cerusite e anglesite) e as jarosites argentíferas constituem as principais fontes de prata na pré-história (Craddock, 1995). Estas últimas são sulfatos mistos hidratados enriquecidos em prata devido à remoção selectiva de outros elementos do depósito primário, apresentando por isso uma composição variável.

A área mineira de Rio Tinto, localizada na Faixa Piritosa Ibérica, é o exemplo mais bem estudado de mineração de jarosites argentíferas em tempos remotos – primeiro pelos Fenícios e depois pelos Romanos, estando comprovada a obtenção da prata através de um processo metalúrgico relativamente complexo para a época (Craddock *et al.*, 1996). Este iniciava-se com a ustulação do minério de forma a remover o enxofre presente, continuando com a operação de redução, durante a qual o chumbo actua como um concentrador de prata e também de outras

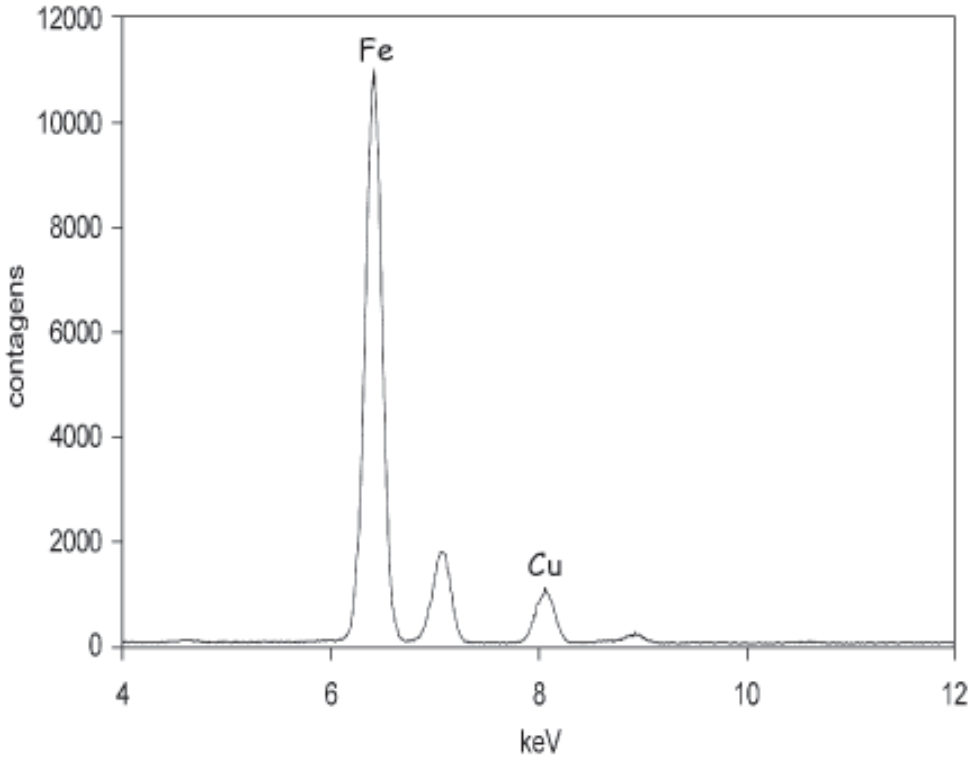


Fig. 3. Espectro de fluorescência de raios X de escória da Quinta do Almaraz evidenciando um teor significativo de cobre

impurezas, como o ouro, estanho, antimónio, bismuto e cobre. A prata é em seguida recuperada no processo de copelação, durante o qual a liga de chumbo-prata é aquecida a cerca de 1100 °C e submetida a um fluxo de ar. Como resultado dá-se a oxidação preferencial do chumbo a litargírio (PbO) e a remoção do estanho, antimónio e, em parte, do cobre. O régulo de prata formado contém ouro, cobre e bismuto, sendo este último particularmente difícil de separar da prata (Craddock *et al.*, 1996). O litargírio obtido durante a copelação seria posteriormente reduzido, podendo o chumbo metálico assim obtido ser eventualmente adicionado à carga inicial de redução do minério argentífero, caso o seu teor em chumbo fosse reduzido.

Um processo metalúrgico semelhante seria utilizado em Monte Romero (Huelva), um sítio especializado na extracção mineira e produção metalúrgica do período orientalizante (Perez Macias, 1996; Kassianidou, 2003), no qual a análise de minérios, escórias, chumbo, litargírio, cerâmicos e algaravizes provou a extracção da prata de filões polimetálicos (Kassianidou, 2003). Os fragmentos cerâmicos apresentavam na sua face interna teores elevados de chumbo e vestígios de cobre, arsénio, antimónio, ferro, silício e alumínio, sendo provenientes de um processo de refinação da liga de chumbo-prata formada na operação de redução.

A copelação da prata em território nacional encontra-se também comprovada durante a ocupação da II Idade do Ferro ou, mais tardiamente, em época Romana, no Castelo Velho de Safara (Moura). Vestígios desta metalurgia puderam ser associados a um pequeno bloco de litargírio e a um cadinho com teores elevados de chumbo e prata, contendo ainda vestígios de cobre (Monge Soares *et al.*, 1985). Mais recentemente, a análise de material aderente a um fragmento do fundo de um vaso cerâmico de tipologia comum em contextos da II Idade do Ferro demonstrou também a existência de operações relacionadas com a metalurgia do chumbo (Monge Soares *et al.*, 2005).

Na Quinta do Almaraz, trabalhos anteriores (Valério *et al*., 2003; Araújo *et al*., 2004) tinham já identificado vestígios de copelação de prata em três cadinhos cerâmicos recolhidos em camadas datadas por radiocarbono do século VII a.C. (Barros e Monge Soares, 2004). Entretanto foram estudados mais de duas dezenas de fragmentos cerâmicos, alguns deles já identificados como cadinhos, originários do fosso, tendo a grande maioria apresentado teores significativos de prata e/ou chumbo na sua face interna. A ausência de elevados teores em ferro nestes vestígios metalúrgicos afasta a hipótese de pertencerem à fase inicial de redução dos minérios argentíferos e coloca-os na fase posterior de refinação da liga de chumbo-prata. Os exemplares podem ser agrupados em três grupos consoante os teores relativos destes elementos: I) teores significativos de prata e vestígios de bismuto, cobre, chumbo e bromo; II) teores significativos de chumbo e prata e vestígios de cobre; III) teores significativos de chumbo e vestígios de cobre e, em alguns casos, de estanho e antimónio (Fig. 4).

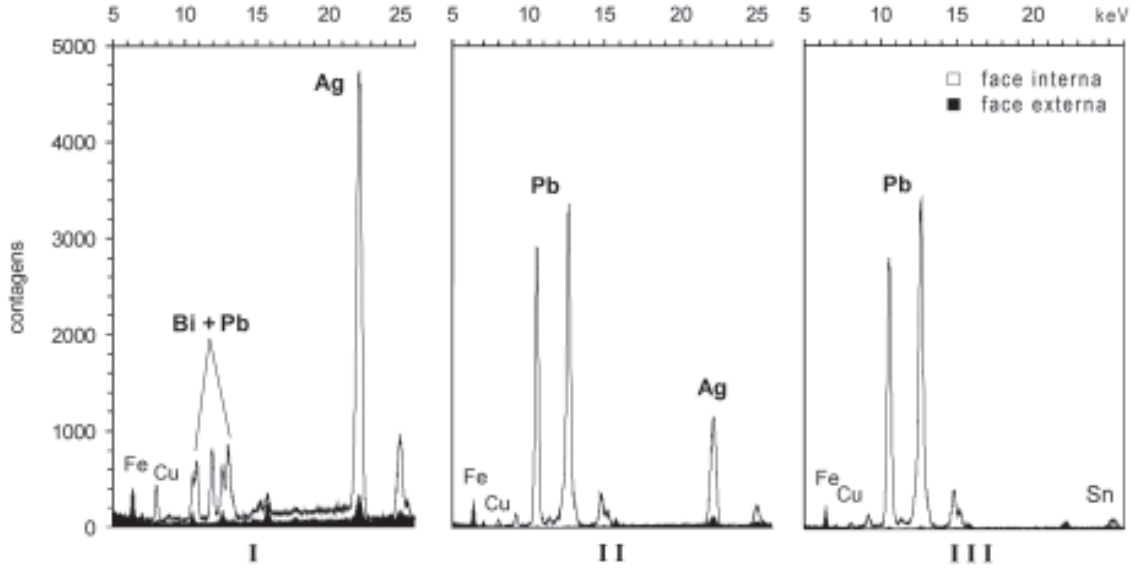
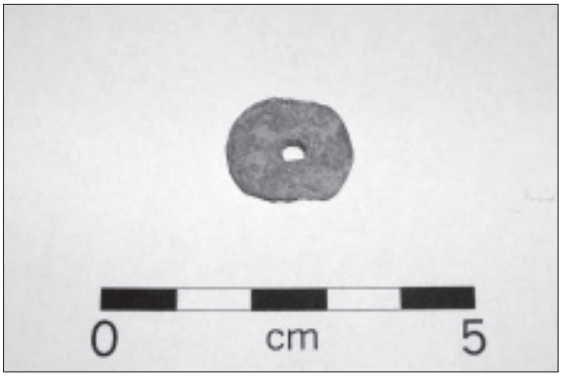


Fig. 4. Exemplos de fragmentos cerâmicos da Quinta do Almaraz com I) teores significativos de Ag e vestígios de Bi, Pb, Cu e Br (MMA10099.ALZ1832); II) teores significativos de Pb e Ag e vestígios de Cu (ALZ.QJ27/4.C15c); III) teores significativos de Pb e vestígios de Cu e Sn (ALZ.QJ27/4.C15g)

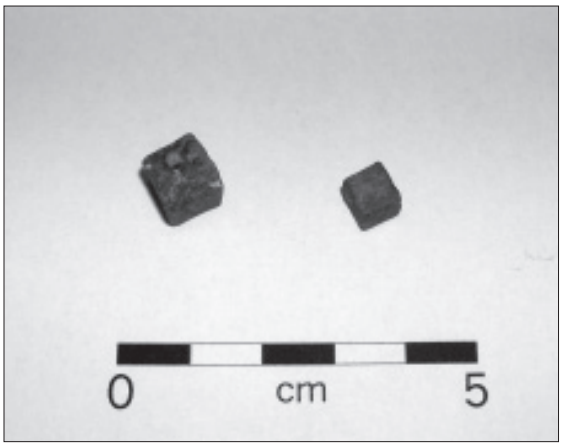
Os vestígios metalúrgicos estudados parecem enquadrar-se bem num esquema de refinação de prata semelhante aos anteriormente sugeridos para a época orientalizante e colonização fenícia do sudoeste da Península Ibérica. Os exemplares do grupo I, caracterizado por fragmentos de cadinho de dimensões mais reduzidas e teores elevados de prata, devem corresponder a um passo mais tardio de refinação da prata. A presença de bismuto e cobre resulta da difícil remoção destes elementos da prata, enquanto que o bromo terá origem no solo em que o artefacto esteve enterrado e resultará da elevada estabilidade dos halogenetos de prata então formados. Os fragmentos do grupo II pertencem a recipientes cerâmicos de maiores dimensões, resultando provavelmente de um passo preliminar de refinação da liga de chumbo-prata. Tal como em diversos outros sítios coevos do sudoeste da Península Ibérica, as operações de refinação seriam conduzidas em recipientes abertos de cerâmica comum (Hunt Ortiz, 2003). Os exemplares do grupo III podem resultar da redução de litargírio, de forma a adicionar o chumbo refinado à carga inicial de redução do minério argentífero. A existência de teores variáveis de estanho e antimónio nestes restos metalúrgicos reflectem a composição irregular dos próprios minérios processados.

O chumbo resultante da refinação de litargírio pode igualmente ter dado origem aos artefactos em chumbo aqui analisados, todos eles com teores mais ou menos reduzidos de cobre.

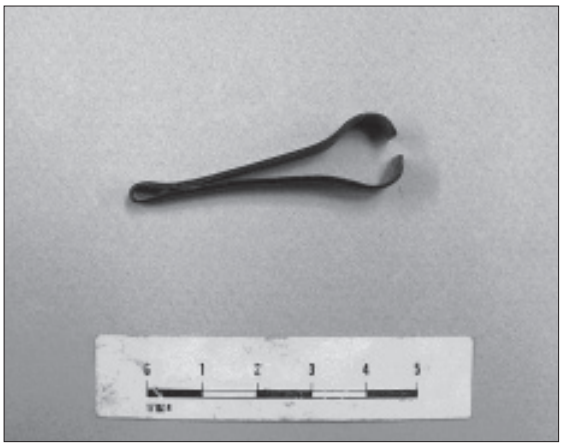
A ausência de minérios, escórias de redução, litargírio e outros produtos intermédios associados a este processo metalúrgico impede um estudo mais profundo do mesmo, tal como foi realizado nos dois sítios anteriormente referidos. No entanto, a composição dos fragmentos cerâmicos analisados não deixa qualquer dúvida quanto ao tipo de metalurgia por eles evidenciada.



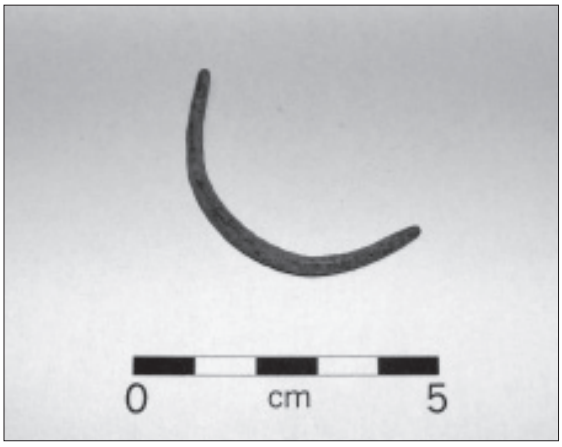
Peso discoidal MMA4409



Pesos cúbicos



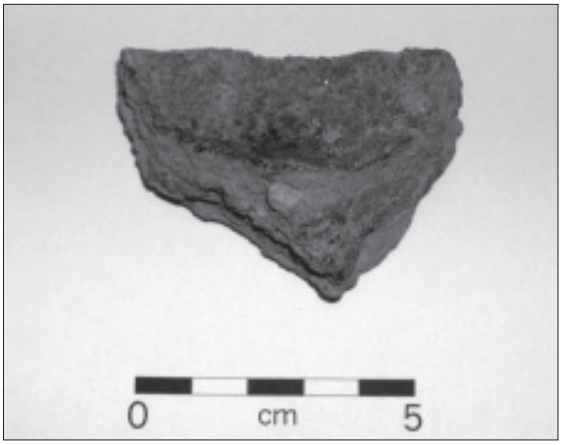
Pinça MMA4411



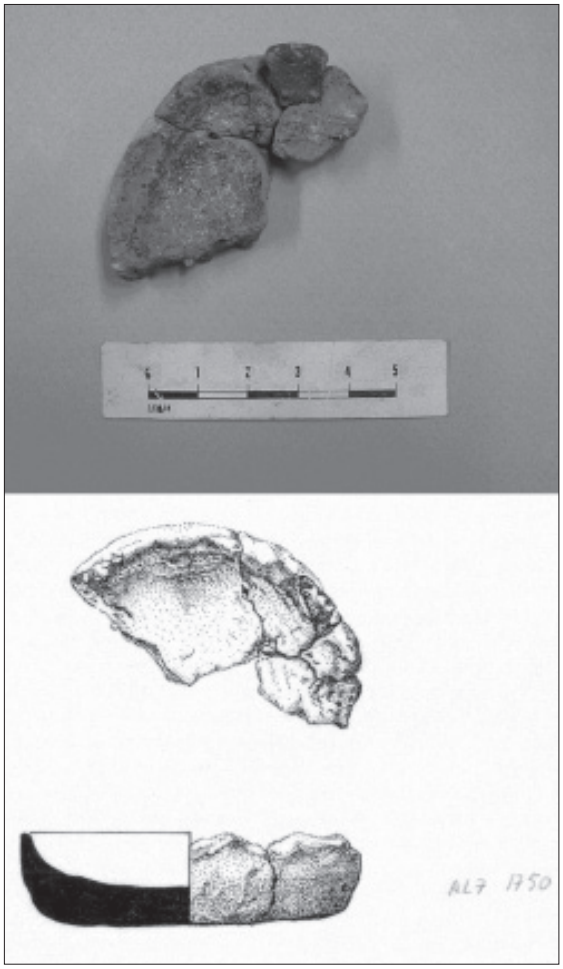
Bracelete QU453PL2C54

Bracelete MMA9605

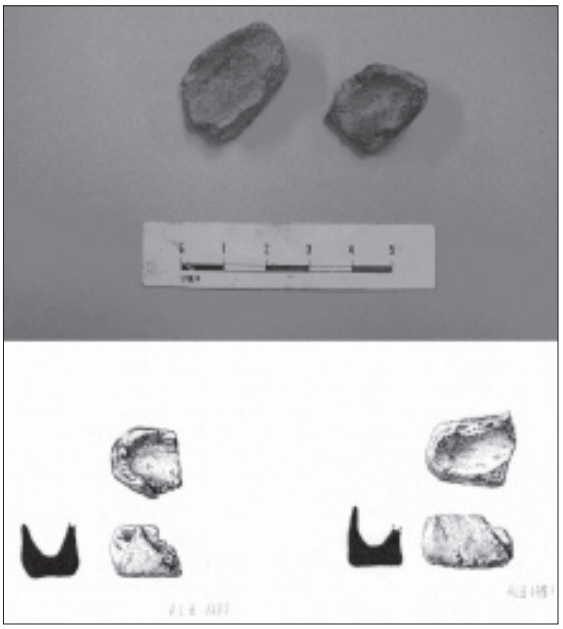
Cadinho MAH8236



Cadinho MMA4208



Cadinho MMA9434



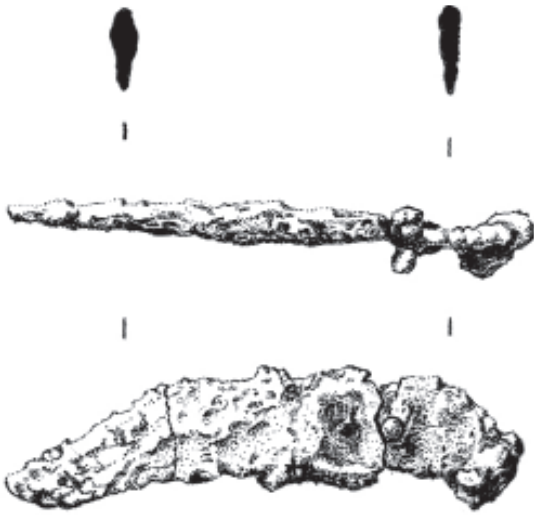
Cadinhos MMA9602 e MMA9435

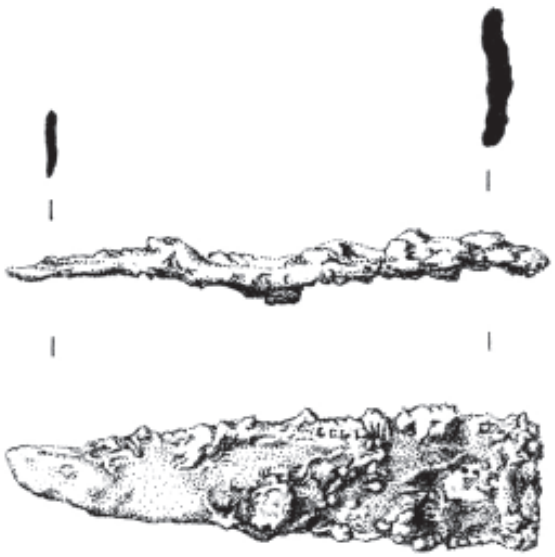
Escoria

Asa sítula MMA4403

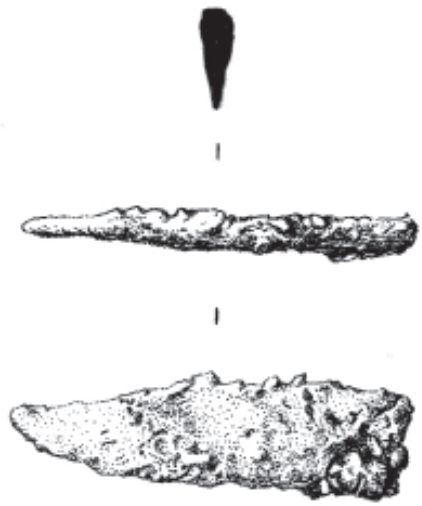
Fíbula MMA9621

Faca de ferro





Faca de ferro MMA9601



Facas de ferro MMA9437

3. Considerações finais

Os estudos arqueometalúrgicos que têm sido desenvolvidos na Quinta do Almaraz permitiram evidenciar a sua importância como cento produtor metalúrgico. Se numa primeira fase a investigação incidiu fundamentalmente nos artefactos em ligas de cobre, os trabalhos mais recentes direccionaram-se para o estudo de vestígios de operações metalúrgicas. Os resultados que temos vindo a obter permitem já – ainda que de forma algo incipiente - caracterizar este sítio como um centro produtor de prata e, provavelmente também de ouro, testemunhada pela recolha de cadinhos com vestígios de refinação destes elementos, bem como pela própria conta de ouro. A produção metalúrgica na Quinta do Almaraz, contudo, inclui também as ligas de cobre e o ferro. O conjunto de artefactos em liga de cobre, como já tivemos ocasião de referir, abrange uma diacronia vasta – da Idade do Bronze Final à do Ferro – e remete para mundos culturais distintos – as comunidades indígenas do Bronze Final e o mundo mediterrânico. Alguns dos artefactos integram-se tipologicamente nas produções metalúrgicas do ocidente europeu do Bronze Final, mais precisamente no que se convencionou designar por Bronze Atlântico, enquanto outros, como as facas em ferro com rebites de bronze, indiciam, se não a colonização fenícia, pelo menos contactos regulares com o Mediterrâneo.

Verdadeiramente notável é a imensa quantidade de pingos de fundição, escórias, algaravizes e fragmentos cerâmicos relacionados com operações metalúrgicas, recolhidos sobretudo numa área específica do fosso. Tamanha concentração leva-nos a suspeitar de que provavelmente estaremos na presença de uma ou várias oficinas – de ourives, pelas evidências demonstradas da refinação de prata e ouro no local, mas também de produção de cobre, ligas de cobre e ferro. Porém, só a continuação dos trabalhos arqueológicos no sítio e o alargamento da área escavada poderá esclarecer esta questão.

Bibliografia

Alves, L. C., Araújo, M. F., Monge Soares, A. M. (2002) – Estudo de um torques proveniente do noroeste peninsular - aplicação de métodos instrumentais de análise química não destrutivos. *O Arqueólogo Português*. S. 4. 20. Lisboa. pp. 115-134.

Araújo, M. F., Alves, L. C., Cabral, J.M.P. (1993) – Comparison of XRF and PIXE in the analysis of ancient gold coins. *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research.* B 75. pp.450-453.

Araújo, M. F. ; Barros, L. ; Teixeira, A. C. ; Melo, A. Á. (2004) – EDXRF study of Prehistoric artefacts from Quinta do Almaraz (Cacilhas, Portugal). *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research.* B 213. pp.741-746.

Arruda, A. M. (1999-2000) – *Los Fenícios en Portugal.* Cuadernos de Arqueologia Mediterrânea. 5-6. Barcelona: Publicaciones del Laboratório de Arqueologia de la Universidad Pompeu Fabra.

Arruda, A. M. (2005) – O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português.* S. 4. 23. Lisboa

Barros, L.; Cardoso, J. L.; Sabrosa, A. (1993) – Fenícios na margem sul do Tejo – Economia e integração cultural no povoado do Almaraz – Almada. *Estudos Orientais.* 4. Lisboa. pp.143-181.

Barros, L.; Soares, A. M. M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português.* S.4. 22. Lisboa. pp. 331-350.

Canales Cerisola, F.; Serrano Pichardo, L.; Llompart Gomez, J. (2004) – *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 900-770 a. C.).* Madrid: Biblioteca Nueva.

Cardoso, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a. C. Até à chegada dos romanos: um ensaio de História Regional.* Estudos Arqueológicos de Oeiras. 12. Oeiras: Câmara Municipal.

Caveda, A. P. (2005) – Relaciones tecnológicas y de poder en la producción y consumo de oro durante la transición Bronce Final-Hierro en la fachada atlántica peninsular. *III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. pp. 1077-1087.

Celestino pérez, S. (ed.) (2003) – *Cancho Roano IX. Los Materiales Arqueológicos II.* Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.

Correia, S. H. (1980) - Povoados calcolíticos da Estremadura Portuguesa - tentativa de abordagem económica. *Arqueologia*. 2. pp.24-29.

Craddock, P.T. (1995) – *Early metal mining and production.* Cambridge: The University Press.

Craddock, P.T. (1996) – The investigation of a small heap of silver smelting debris from Rio Tinto, Huelva, Spain. In Craddock, P.T.; Hughes, M. J (eds.) *Furnaces and Smelting Technology in Antiquity*. Londres: The British Museum Occasional Paper 48. pp. 199-218.

García-bellido, M. P. (2003) – Los ponderales y sus funciones economica y religiosa. In Celestino Pérez, S. (ed) *Cancho Roano IX. Los Materiales Arqueológicos II.* Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. pp. 127-155.

Hunt Ortiz, M. A. (2003) – *Prehistoric mining and metallurgy in south west Iberian Peninsula.* BAR International Series. 1188). Oxford: Archaeopress.

Kassianidou, V. (2003) – Early Extraction of Silver from Complex Polymetallic Ores. In Craddock, P.; Lang, J. (eds.) *Mining and Metal Production through the Ages.* Londres: The British Museum Press. pp. 198-206.

Kevex (1990) - Kevex XRF ToolBox II reference manual. USA: Kevex. pp. 50-61.

Monge Soares, A. M. ; Araújo, M. F. D. ; Cabral, J. M. P. (1985) – O Castelo Velho de Safara: vestígios da prática da metalurgia. *Arqueologia*. 11, p. 87-94.

MONGE SOARES, A. M.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F. (2005) – Um novo vestígio da prática da metalurgia no Castelo Velho de Safara (Moura). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2. pp. 215-224.

Monteiro, I.; Rovira, S. (1991) – El oro y sus aleaciones en la orfebrería preromana. *Archivo Español de Arqueologia*. 64. Madrid. pp. 7-21.

Perez Macias, J. A. (1996) – *Metalurgia extractiva prerromana en Huelva.* Huelva: Universidad de Huelva.

Ponte, S. (2004) – Retrospectiva sobre fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal. *Conímbriga*. 43. Coimbra. pp. 199-213.

Pulak, C. (2000) – The balance weights from the Late Bronze Age shipwreck at Uluburun. In Pare, C. F. E. (ed.) *Metals Make the World Go Round.* Oxford: Oxbow Books.

Senna-Martinez, J. C. (2000) – O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final da Orla Atlântica: Os dados do "Outeiro do Castelo dos Beijós" (Carregal do Sal). *Trabalhos de Arqueologia da EAM.* 6. Lisboa. pp. 43-60.

Spindler, K.; Castello-Branco, A.; Zbyszewsky, G.; Ferreira, O. V. (1973/74) – Le monument à coupole de lâge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 57. Lisboa. pp. 91-153.

Tertian, R.; Claisse, F. (1982) – *Principles of quantitative X-Ray Fluorescence analysis*. Londres: Heyden & Son.

Valério, P.; Melo, A. A.; Barros, L; Araújo, M. F. (2003) – Archaeometallurgical Studies of Prehistorical Artefacts from Quinta do Almaraz (Cacilhas, Portugal). In *Proceedings of the International Conference Archaeometallurgy in Europe.* Milão: Associazione Italiana di Metallurgia. Vol. 1. pp. 327-336.

Vilaça, R. (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze.* Trabalhos de Arqueologia. 9. Lisboa: IPPAR.

Vilaça, R.; Arruda, A. M. (2004) – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conímbriga.* 43. Coimbra. pp. 11-45.

NOVOS DADOS SOBRE A OCUPAÇÃO PRÉ-ROMANA DA CIDADE DE LISBOA. A INTERVENÇÃO DA RUA DE SÃO JOÃO DA PRAÇA

João Pimenta [1]
Marco Calado [2]
Manuela Leitão [3]

[1] *Arqueólogo. Museu Municipal Vila Franca de Xira*
[2] *Arqueólogo. Colaborador do Museu da Cidade, Lisboa*
[3] *Técnica Superior do Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa*

Resumo

A intervenção arqueológica efectuada na Rua de São João da Praça incidiu em pleno centro histórico da cidade romana de Lisboa, a urbe portuária de *Felicitas Iulia Olisipo*. Apesar da área intervencionada ser limitada, detectou-se um relevante troço da antiga muralha romana e o arranque de um torreão semicircular. Estando este possivelmente correlacionado com uma das portas da cidade.

A sondagem efectuada no interior do sistema defensivo, permitiu abrir uma janela sobre as ocupações mais antigas do povoado pré-romano que se desenvolveu desde inícios do primeiro milénio a.C. na colina do Castelo medieval de S. Jorge.

Abstract

The archaeological intervention at São João da Praça Street occurred in the historical centre of the roman city of Lisbon, the roman port of *Felicitas Iulia Olisipo*.

Although the intervention area was limited, it detected an excellent part of the roman defensive wall and the start of a tower possibly correlated with one of the doors of the city.

The excavation in the interior of the defensive system, allowed to opening a window on the oldest occupations of the pre-roman town that developed since beginnings of the first millennium B.C. in the hill of the medieval S. Jorge Castle.

1. Introdução

As intervenções arqueológicas de emergência realizadas na rua de São João da Praça, na área da antiga porta de São Pedro da muralha medieval, decorreram entre Agosto e Novembro de 2001, na sequência do projecto de substituição de infra estruturas de saneamento em curso[1].

Apesar de todos os condicionalismos inerentes a um estudo desta natureza, foi possível escavar níveis preservados de época pré-romana e romana republicana, tendo-se identificado uma ocupação contínua desde meados do século III a. C. até ao século XX.

A escavação da Sondagem n.º 2 teve como quadro de indagações prévio, obter uma leitura da estratigrafia interna do amplo troço de muralha romano detectado durante o decorrer do projecto. Esta sondagem, apesar de não ter sido possível atingir os níveis de base por questões de segurança, permitiu identificar uma ampla potência estratigráfica de cerca quatro metros, revelando estruturas relativamente bem preservadas.

Fig. 1. Planta com a localização da escavação da Rua de São João da Praça

1 A coordenação da Intervenção ficou sob a alçada da Divisão de Museus e Palácios da Câmara Municipal de Lisboa, sendo a direcção científica da competência da Dr.ª Manuela Leitão e Dr.ª Cláudia Costa.

2. A estratigrafia da Sondagem n.º 2

Sob o alicerce da muralha romana foi possível identificar quatro unidades estratigráficas correspondendo a três momentos distintos de ocupação[2].

A camada 14 equivale ao primeiro momento de ocupação que podemos definir para este espaço. Embora os condicionantes acima referidos não permitam esclarecer de uma forma definitiva a sua cronologia, alguns factores tais como, a ausência de importações Itálicas, a presença de ânforas do Tipo T. 4.2.2.5. de Ramon Torres (1995), assim como as características das cerâmicas cinzentas e comuns levam-nos a propor uma datação de meados do século III a.C.

Entre o espólio destaca-se quantitativamente os fragmentos de grandes contentores bojudos de armazenamento, com paralelos em contextos do século III/II a.C. na alcáçova de Santarém (Arruda, 2002a), no povoado do Castelo – Arruda dos Vinhos, (Gonçalves, 1997), na Quinta da Torre – Almada (Cardoso e Carreira, 1997/1998), Chibanes (Silva e Soares, 1997) e no povoado da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém) – (Silva, 1978)

Os exemplares exumados apresentam pastas compactas e granulosas com inúmeros elementos não plásticos de pequena média dimensão. O tom varia entre o amarelo avermelhado e o castanho claro. As suas superfícies já não evidenciam os acabamentos cuidados e pintura em bandas dos *phitoi* de influência meridional, sendo simplesmente alisadas do tom da pasta ou apresentando leves aguadas de tom bege. A concentração destes recipientes numa área tão restrita leva a que suponhamos estar perante uma área de armazenamento.

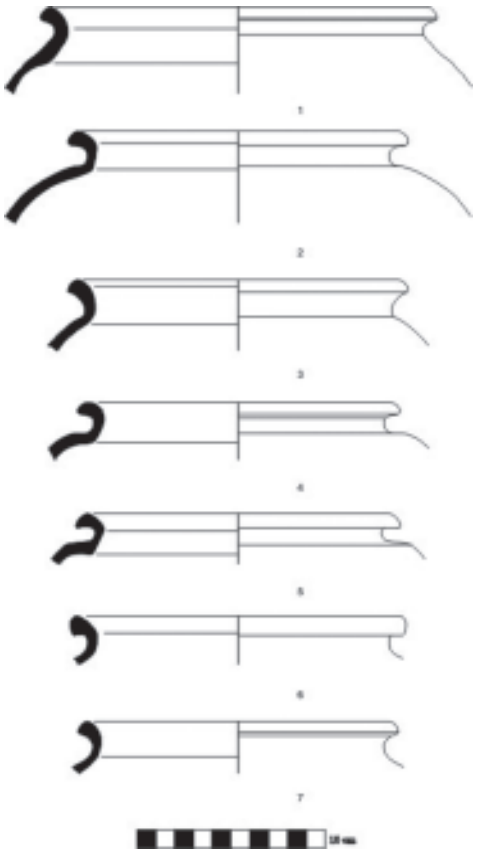


Fig. 2. Grandes contentores bojudos de armazenamento

2 Para uma descrição mais pormenorizada da estratigrafia ver Pimenta, Calado e Leitão, 2005.

A Camada 13A corresponde a uma camada de regularização. Nesta camada identificámos um conjunto quantitativamente relevante de cerâmicas comuns a torno cujas superfícies externas se apresentam muito queimadas, devido a uma utilização prolongada ao lume.

Estas peças apresentam paralelos em níveis dos finais da Idade do Ferro na alcáçova de Santarém (Arruda, 2002a), no povoado do Castelo – Arruda dos Vinhos, (Gonçalves, 1997), na Quinta da Torre – Almada (Cardoso e Carreira, 1997/1998), Chibanes (Silva e Soares, 1997) e no povoado da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém) – (Silva, 1978).

Os exemplares exumados apresentam pastas duras e granulosas com inúmeros elementos não plásticos de pequena e média dimensão. O tom varia entre o amarelo avermelhado e o castanho-escuro.

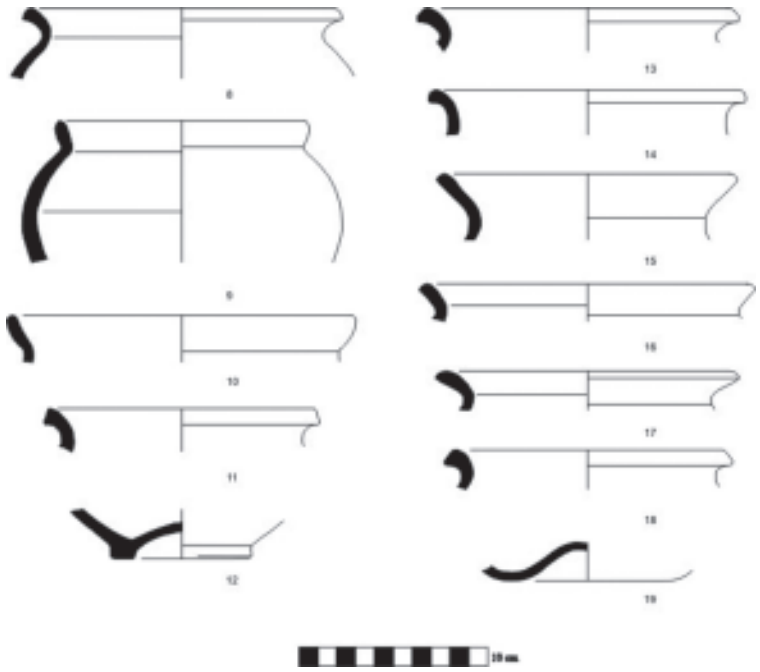


Fig. 3. Cerâmicas comuns a torno evidenciando demorada exposição ao lume

Sobre esta unidade estratigráfica foi possível identificar, apesar da dimensão da área intervencionada, uma série de estruturas pétreas que definimos como ambiente 1 e que corresponde ao segundo momento de ocupação deste espaço. Este ambiente é caracterizado por dois muros paralelos em pedra calcária de médio calibre, com ligante em argila, adoçando em ângulo recto a um bloco de grandes dimensões, delimitando uma área cuja funcionalidade não é clara.

O abandono deste ambiente encontra-se bem datado por importações Itálicas, nomeadamente ânforas vinárias Itálicas do Tipo Dressel 1 e cerâmica Campaniense do círculo da A, que nos permitem aferir uma cronologia de meados da segunda metade do século II a.C. (Pimenta, Calado e Leitão, 2005).

A camada 12 corresponde ao terceiro momento de ocupação. Trata-se de uma unidade estratigráfica de grande espessura que interpretamos como um nível de regularização deste espaço, colmatando os vestígios do "edifício" que designámos como ambiente 1.

A análise do espólio recolhido permite verificar, na formação desta unidade estratigráfica, a deposição secundária de sedimentos pré-existentes, materializados na coexistência de mate-

riais de cronologia pré-romana, bastante homogéneos e de cronologia antiga, com abundantes fragmentos de ânforas Itálicas do tipo Dressel 1 bem como cerâmica Campaniense do círculo da B (Fundo Tipo 133 de Morel, 1981).

3. Materiais orientalizantes

Os materiais pré-romanos exumados nesta camada apresentam evidentes contactos com o mundo fenício ocidental, remetendo-nos para a primeira fase do povoado pré-romano de Lisboa (séculos VIII-VI a.C.), já identificada em outras zonas da cidade (Arruda, 2002a e Pimenta, 2005). Embora não tenha sido possível escavar contextos preservados desta época, a recente intervenção do Palácio do Marques de Angenja (Nestas Actas), veio confirmar a existência de contextos e estruturas preservados da fase inicial do povoado de *Olisipo* nesta área da cidade.

Esses contactos com o mundo meridional materializam-se no espólio cerâmico onde se destacam alguns fragmentos de pratos de verniz vermelho (Fig. 4, n.º 21-23), um fragmento de "queima perfumes" (Fig. 4, n.º 20), uma taça carenada (Fig. 4, n.º 24), uma possível urna (Fig. 4, n.º 30), os contentores de tipo *pythoi* decorados com bandas bícromas vermelhas e negras (Fig. 4, n.º 25, 26-29 e 31-33), ânforas do Tipo 10.1.2.1. e 1.3.2.4. de Ramon Torres (1995) (Fig. 5), cerâmicas cinzentas finas e alguma cerâmica manual.

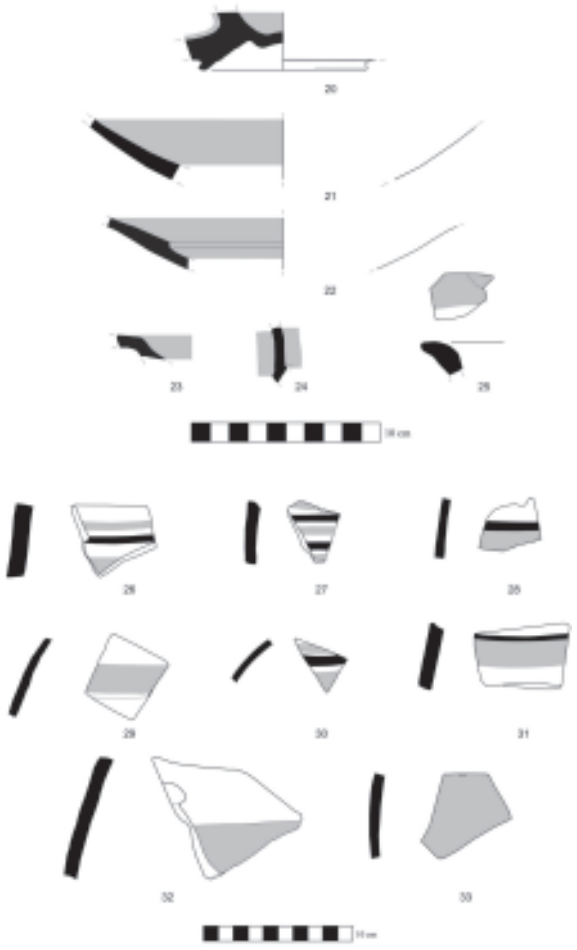


Fig. 4. Materiais orientalizantes

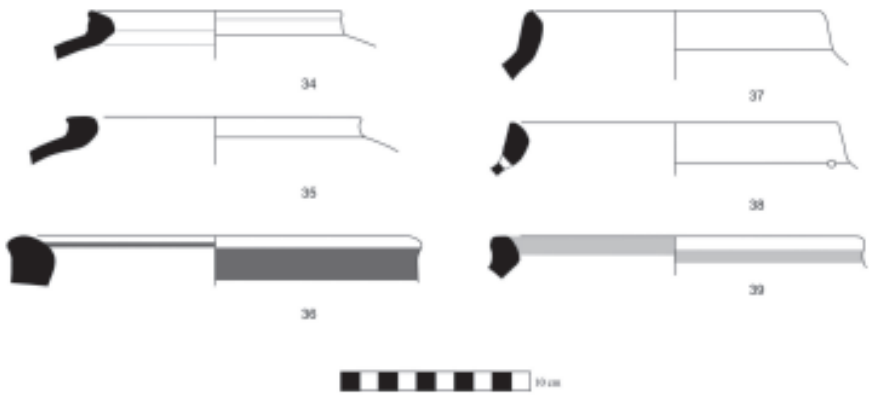


Fig. 5. Ânforas do Tipo 10.1.2.1. e 1.3.2.4

O fragmento de queima perfumes ou incensário, revestido internamente com verniz vermelho espesso e aderente (Fig. 4, n.º 20), é algo invulgar e merece breves considerações. De facto, no extremo ocidente peninsular, esta forma é relativamente rara encontrando-se documentada apenas no povoado de Santa Olaia (Pereira, 1997) e nos níveis mais antigos da alcáçova de Santarém (Arruda, 2002a, p. 215). Esta forma, encontra-se igualmente presente nos estratos antigos de Cartago e em estabelecimentos de fundação fenícia tais como na necrópole de Trayamar (Niemeyer y Shubart, 1975) e Jardín (Mass-Lindemann, 1995). Estes característicos recipientes perduraram até meados do século V a. C., ainda que os exemplares cobertos com engobe vermelho pareçam corresponder à fase mais antiga (Arruda, 2002a, p. 215).

4. Cerâmicas Cinzentas

Sobre esta denominação genérica englobamos um conjunto heterogéneo de produções cerâmicas com acabamento cuidado, - superfícies polidas, brunidas ou espatuladas - e um tom genericamente acinzentado resultado de cozeduras redutoras.

A cerâmica cinzenta fina polida, fabricada a torno é muito abundante em todos os níveis pré-romanos da cidade de Lisboa, facto que evidencia uma variabilidade formal que a caracteriza e distingue. A análise dos dados disponíveis, permite-nos afirmar que tal como em Santarém (Arruda, 2002a) e Alcácer do Sal (Silva et al. 1980-81) este grupo cerâmico está presente desde os primeiros níveis de ocupação sidérica alcançando os inícios da ocupação romana.

Na estratigrafia de São João da Praça, estas cerâmicas encontram-se bem representadas, sendo um dos tipos mais numerosos. A diversidade formal e decorativa identificada leva-nos a individualizar várias formas com distintas funcionalidades, na linha da proposta de distinção de Grupos formais avançado por Ana Arruda (2002a) e colaboradores (Arruda; Freitas e Vallejo Sànchez, 2000).

A forma mais abundante corresponde ás taças de bordo convexo engrossado internamente, presentes em todas as unidades estratigráficas exumadas (Fig. 6, n.º 40-45). No estudo das cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa (Arruda; Freitas e Vallejo Sànchez, 2000), estas taças foram inseridas na forma 1, sendo uma das formas mais características dos contextos orientalizantes peninsulares. As taças identificadas apresentam diâmetros variáveis entre os 26 e os 20 centímetros e fundos planos (Fig. 6, n.º 47 e 48).

Dentro do grupo das taças, um exemplar da camada 13A, apresenta características singulares que nos levam a isolá-la formalmente (Fig. 6, n.º 46). Trata-se de um fragmento de bordo

esvasado com paredes pouco espessas, acabamento cuidado e um diâmetro de 16 cm. Esta peça tem paralelos na alcáçova de Santarém (Arruda, 2002a, figura 136, n.º 4) onde foi englobada na forma 5 sub-tipo A.

Tal como no conjunto das cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa, identificámos igualmente um prato de bordo largo, horizontal aplanado que parece reproduzir o modelo dos pratos de engobe vermelho (Arruda, 2002a, p. 199) (Fig. 6, n.º 49). Corresponde ao Tipo 2 aí definido (Arruda; Freitas e Vallejo Sànchez, 2000), encontrando paralelos muito próximos na alcáçova de Santarém (Ver Arruda, 2002a, figura 136, n.º 1).

Dentro do conjunto das cerâmicas cinzentas, algumas peças apresentam problemas de classificação, tendo em conta o carácter inédito destas produções no extremo ocidente peninsular (Fig. 6, n.º 52 e 53). Na camada 13A e 14 identificámos dois fragmentos possivelmente da mesma taça, em cerâmica cinzenta com superfícies negras bem polidas imitando ou inspirando-se em protótipos exógenos. O seu perfil e a forma das suas asas, sugerem-nos uma imitação de uma "*Kylix*" ática.

Apesar de, no actual território Português, estas formas se encontrarem ausentes, em Santarém recolheu-se uma imitação de um "*Skyphos*", em cerâmica a torno com um intenso polimento, em níveis do século III a.C. (Arruda, 2002b, p. 157, n.º 155).

A produção de imitações de cerâmicas gregas apresenta-se bem documentada no mundo Ibérico (Page, 1985) e na Andaluzia (Carmen Sánchez, 1985), facto que demonstra o cariz apelativo destas cerâmicas de importação. Foi recentemente identificado na baía de Cádis, um centro

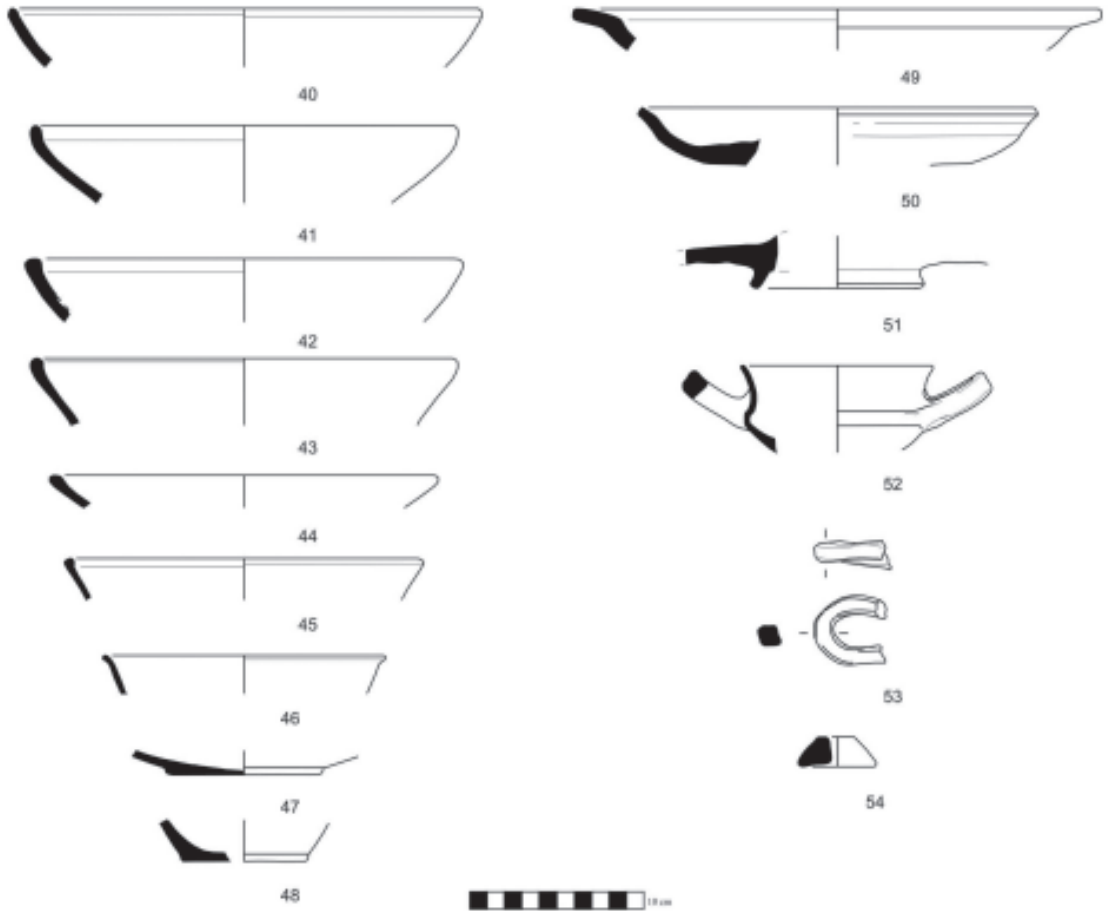


Fig. 6. Cerâmicas cinzentas finas

produtor, que entre outras formas produziu imitações de formas gregas, nomeadamente kylix com cozeduras redutoras. Embora ainda existam poucos dados acerca das produções dos fornos de Camposoto – Cádis, os paralelos são muito estreitos com esta peça, aqui apresentada (Gago Vidal et allí, 2000).

Na camada 14 identificaram-se dois fragmentos de uma taça de pé em anel com características que nos levam a sublinhar o seu carácter invulgar (Fig. 6, n.º 50 e 51). Ao contrário dos conjuntos de cerâmica cinzenta analisados, e que conhecemos da cidade de Lisboa, este exemplar apresenta paredes inusitadamente espessas e um acabamento imperfeito, denotando, a nosso ver, uma tentativa de ensaio de uma forma exógena. A peça parece ter sido fabricada a torno lento com um acabamento manual, apresentando na área do fundo imperfeições. As suas superfícies apresentam-se polidas em especial na área do bordo.

O tipo 4 da Sé de Lisboa (Arruda; Freitas e Vallejo Sànchez, 2000) encontra-se representado por dois fragmentos de bordo simples ligeiramente esvasado e paredes rectilíneas (Fig. 7, n.º 56 e 57). Apesar de ser possível integrar neste tipo 4, os exemplares que apresentamos na figura 7 (N.º 55 a 62), o seu perfil assim como a aplicação de molduras sob o lábio leva-nos a individualizá-los num novo grupo, que caracteriza os contextos mais recentes da Idade do Ferro até à época romana republicana.

Na esteira da proposta de distinção de Grupos formais avançado para as cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa (Arruda; Freitas e Vallejo Sànchez, 2000), isolamo-los no tipo 8. Ainda que não tenha sido possível reconstituir nenhum exemplar, este tipo parece corresponder a um recipiente fechado de perfil em "S", que podemos designar por pote. Estes apresentam lábios simples esvasados, e em alguns exemplares molduras bem marcadas sob o lábio. Esta forma encontra-se

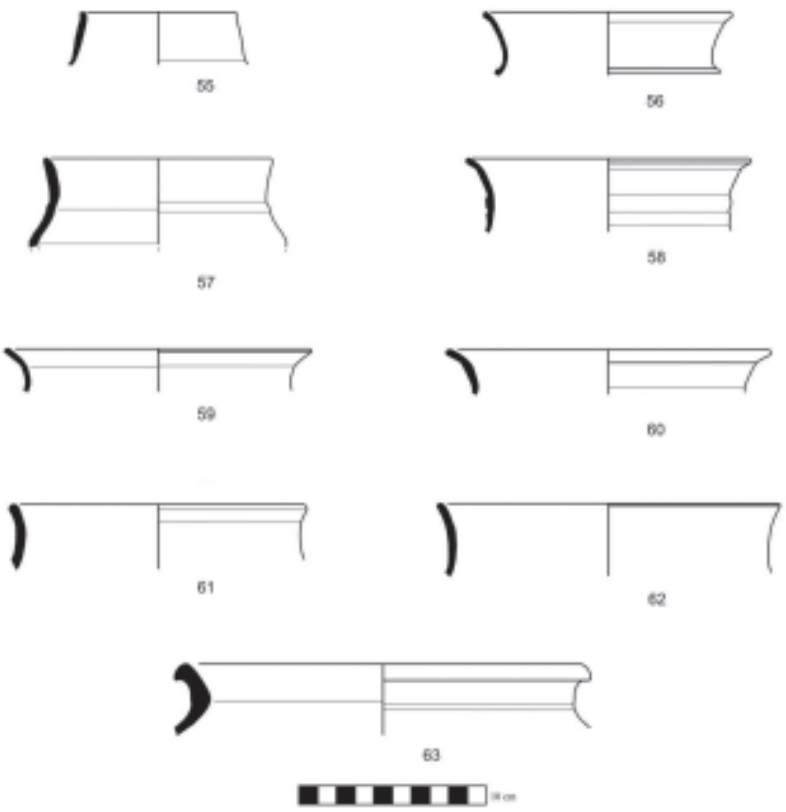


Fig. 7. Cerâmicas cinzentas finas

bem atestada na área do estuário do Tejo, nos ditos "povoados agrícolas" das zonas limítrofes do território de *Olisipo* - nomeadamente em Outorela (Cardoso, 1990, fig. 12) e nos Moinhos da Atalaia (Pinto e Parreira, 1977, fig. 2). Os dados destas duas estações permitem atribuir uma cronologia avançada para este tipo a partir de meados do século V a.C., sendo interessante a análise dos dados estratigráficos de São João da Praça onde estas formas estão bem representadas nas camadas 14 e 13A de meados do século III a.C. alcançando os níveis romanos republicanos.

Entre o conjunto da cerâmica cinzenta destacou-se desde o primeiro momento uma série de fragmentos de recipientes fechados, apresentando uma característica decoração em retícula brunida efectuada por polimento (Fig. 8). Embora não tenha sido possível a reconstituição de nenhum exemplar, a análise dos diversos fragmentos recolhidos permite identificar estas peças como jarros e integrá-los no Tipo 9. Caracterizam-se por um bocal trilobado, de lábio simples esvasado, de onde arranca uma asa maciça de secção circular. O colo é curto marcado por caneluras que fazem a transição para o corpo de perfil troncocónico, profusamente decorado, terminando num fundo em ônfalo.

Peças com decorações similares foram identificadas em Lisboa em contextos republicanos (Pimenta, 2005), bem como no vale do Tejo - Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002a), povoado do Castelo - Arruda dos Vinhos (Gonçalves, 1997), Freiria (Cardoso e Encarnação, 2000, p. 744), Quinta da Torre - Almada (Cardoso e Carreira, 1997/98)) e no baixo Sado - Chibanes, Setúbal (Silva e Soares, 1997) e Pedrão (Soares e Silva, 1973).

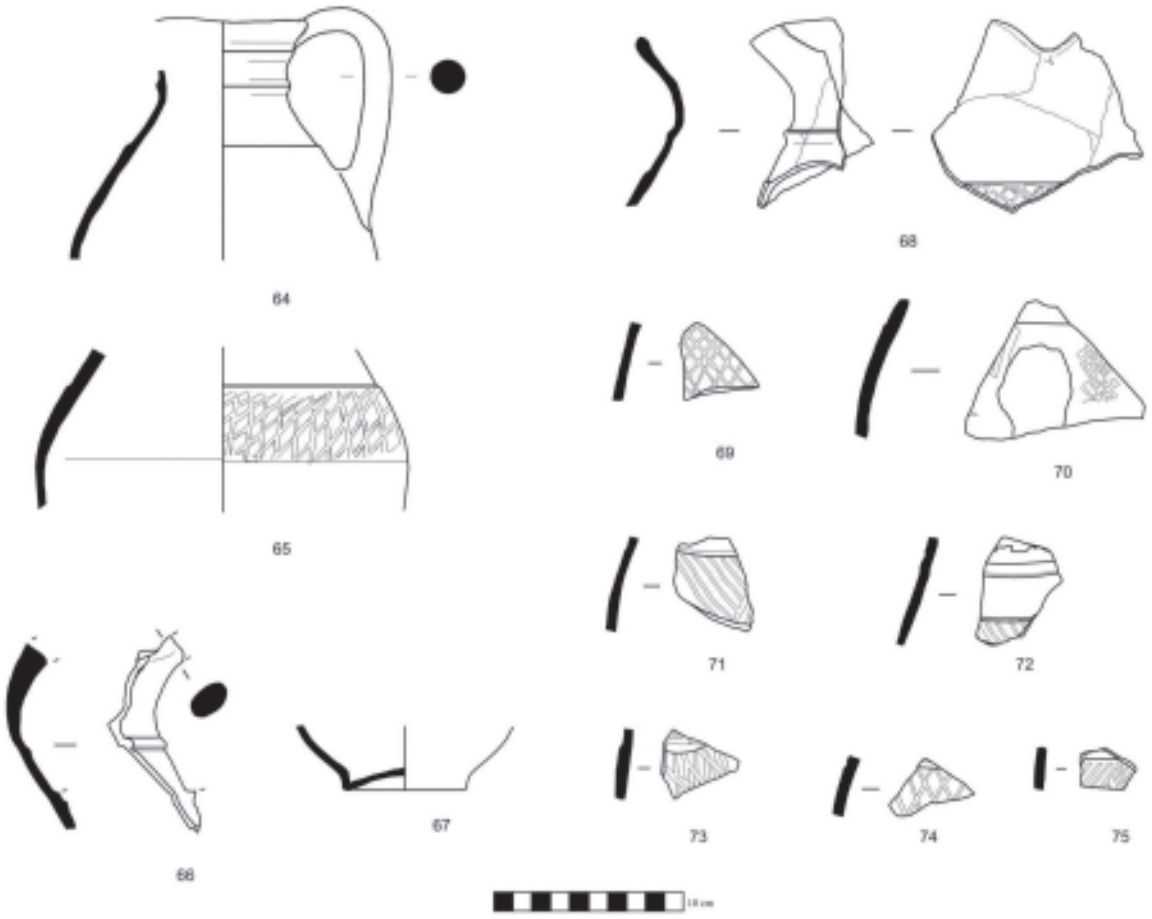


Fig. 8. Cerâmicas cinzentas finas

Embora estas peças convivam com primeiras importações Itálicas, os dados de São João da Praça permitem recuar esta cronologia para os finais do século III a.C. ou na primeira metade do século II a.C. (Pimenta, Calado e Leitão, 2005).

A par destes modelos, identificámos no primeiro momento de ocupação deste espaço, um exemplar bem preservado de jarro sem decoração (Fig. 8, n.º 64), com a superfície externa bem polida, exibindo um brilho metálico. A análise da estratigrafia e dos dados disponíveis levam-nos a supor que este tipo antecede os exemplares decorados com retícula brunida. De facto, o exemplar de São João da Praça encontra-se muito próximo do jarro exumado em Outorela (Fig. 9, n.º 2) e datado de meados do século V a.C. (Cardoso, 1990, fig. 12).

O jarro aqui apresentado, embora bem datado do século III a.C. é claramente uma evolução dos exemplares antigos, como o de Outorela, deixando antever uma continuidade dentro destas formas destinadas a conter e servir líquidos desde meados do século V a.C. até pelo menos o virar da era.

Serviriam estas peças para servir o vinho que circulava deste tempos remotos no vale do Tejo? A associação contextual em Lisboa destes recipientes a ânforas vinárias deixa em aberto esta hipótese.

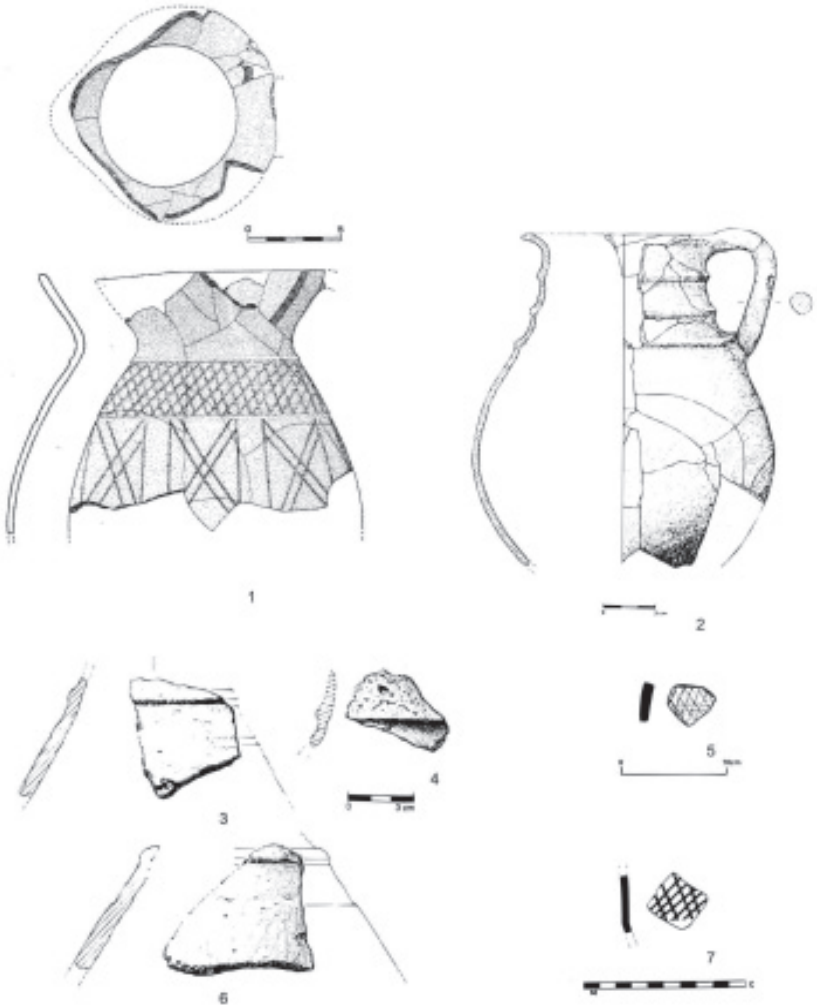


Fig. 9. N.º 1 Jarro com decoração em retícula brunida do Castelo - Arruda dos Vinhos (Gonçalves, 1997, p. 41); N.º 2 Jarro de Outorela (Cardoso, 1990, fig. 12 n.º 1); N.º 3, 4 e 6 Quinta da Torre - Almada (Cardoso e Carreira, 1997/98, fig. 11 n.º 5 a 7); N.º 5 Chibanes (Silva e Soares, 1997, fig. 13 n.º 7) e N.º 7 Pedrão (Soares e Silva, 1973, Est. 6 n.º 46)

Ainda que pouco frequentes, os contentores de armazenamento em cerâmica cinzenta, encontram-se representados por um fragmento de bocal (Fig. 7, n.º 63), com paralelos muito próximos na Alcáçova de Santarém, onde foi isolado sob a forma 9 (Ver Arruda, 2002a, figura 134, n.º 8). Por último, individualizamos alguns cossoiros em cerâmica cinzenta, documentando actividades ligadas à fiação (Fig. 6, n.º 54).

Considerações Finais

Os novos dados recentemente apresentados acerca da ocupação pré-romana da cidade de Lisboa, têm permitido vislumbrar a real dimensão do povoado da colina do Castelo desde meados do primeiro milénio a.C. (Arruda, 2002).

A pequena sondagem aqui em estudo, fruto de uma intervenção de emergência, proporcionou pela primeira vez uma leitura das ocupações antigas da encosta oriental do morro do Castelo, deixando antever boas perspectivas de trabalho no âmbito de futuras investigações direccionadas ao estudo do povoado pré-romano.

Ainda que os dados disponíveis não permitam esclarecer qual o tipo de ocupação dado a este sector do povoado, a sua implantação junto ao rio perto de um ancoradouro natural com abundantes nascentes, poderão corroborar a hipótese de estarmos perante uma área de cariz portuário, onde os armazéns e as actividades industriais deveriam pautar o enquadramento urbano.

A concentração de contentores de armazenamento na primeira fase definida, assim como a abundância de ânforas em todas as unidades estratigráficas poderá estar de acordo com esta hipótese. De facto, o material anfórico já apresentado (Pimenta, Calado e Leitão, 2005), permite atestar o precoce dinamismo económico do porto de *Olisipo,* desde meados do século VII a. C. até à chegada dos primeiros exércitos romanos ao vale do Tejo.

Bibliografia

Arruda, A. M. (2002a) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona.

Arruda, A. M. (2002b) – Skyphos. In *De Scallabis a Santarém*. Museu Nacional de Arqueologia. p. 157.

Arruda, A. M. ; Freitas, V. T. ; Vallejo Sánchez, J.I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 3-Número 2. Lisboa. pp. 25-59.

Barros, L.; Cardoso, J. L. ; Sabrosa, A. (1993) - Fenícios na Margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. In *Os Fenícios no território Português*. Estudos Orientais. IV. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 143-182.

Cardoso, G. ; Encarnação, J. (2000) – Notas sobre a ocupação proto-histórica na Villa romana de Freiria. In *Actas Congresso de Proto-história Europeia*. Revista de Guimarães. Volume Especial. N.º 2. pp. 741-756.

Cardoso, J. L. (1990) - A Presença Oriental no Povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. I. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 119-134.

Cardoso, J. L. (1995) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: Um ensaio. *Conimbriga*. XXXIV. Coimbra. pp. 33-74.

Cardoso, J. L. (2004) – *A baixa estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História Regional*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 12. Câmara Municipal de Oeiras.

Cardoso, J. L.; Carreira, J. R. (1997/98) – A ocupação de Época Púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos arqueológicos de Oeiras*. 7. Câmara Municipal de Oeiras. pp. 189-217.

Carmen Sánchez, J. P. (1985) – Imitaciones Ibéricas de vasos Áticos en Andalucia.In *Ceràmiques Gregues i Helenístiques a la Península Ibèrica*. Monografies Emporitanes. pp. 87-80.

Gago Vidal, M.; Clavaín González, I.; Muñoz Vicente, A.; Perdigones Moreno, L.; Frutos Reyes, G. (2000) – El complejo industrial de salazones Gaditano de Camposoto, San Fernando (Cádiz): Estudio preliminar. *Habis*. 31. Universidad de Sevilla. pp.

Gonçalves, J. L. M. (1997) – O sítio arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos) – Escavações de 1988 a 1993. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 3. pp. 5-52.

Maia, M. (2003) - Fenícios em Tavira. In *Tavira: território e poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp. 57- 72.

Maass-Lindemann, G. (1995) – La Necrópolis de Jardín (Vélez-Málaga): Los Materiales. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*. 1. Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona. pp. 121-213.

Mayet, F. e Silva, C. T. (2000) - *L'établissement phécicien de'Abul. Portugal*. Paris: Difusión de Boccard.

Morel, J. P. (1981) – *Céramiques Campanienne. Les Formes*. 2 Vols. Rome: École Française de Rome.

Niemeyer, H.G. ; Schubart, H. (1975) – *Trayamar. Die Phonizischen Kammergraber und die Niederlassund and der Algarrobo-Mundung*. MB. 4.

Niveau Villedary, A. ; Ruiz Mata, D. (2000) – El poblado de las Cumbres (Castillo de Doña Blanca): Urbanismo Materiales del s. III a. C. In In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad de Cádiz. pp. 893-903.

Page, V. (1985) – Imitaciones Ibéricas de Crateras y Copas Áticas en la Provincia de Murcia. In *Ceràmiques Gregues i Helenístiques a la Península Ibèrica*. Monografies Emporitanes. pp. 71-80.

Pellicer Catalán, M. ; Escacena Carrasco,J. L. ; Bendala Galán, M. (1983) – *El Cerro Macareno*. Excavaciones Arqueológicas en España. 124. Madrid.

Pereira, I. (1997) - Santa Olaia et le commerce atlantique. In *Itineraires Lusitaniennes*. Paris: Difusion de Bocard. pp. 209-253.

Pimenta, J. (2005) – *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Trabalhos de Arqueologia. 41. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Pimenta, J. ; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 8, Número 2. Lisboa. pp.

Pinto, C. V. ; Parreira, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*. Vol. 1. Lisboa. pp. 145-163.

Ramon Torres, J. (1995) – *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col.Lecció Instrumenta. 2. Barcelona: Publicacions universitat de Barcelona.

Ruiz Mata, D. e Pérez, C. J. (1995) – *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa Maria, Cádiz)*. Biblioteca de temas portuenses. Puerto de Santa Maria.

Silva, C. T. (1978) – Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. 4. Setúbal. pp.117-132.

Silva, C. T. ; Soares, J.; Beirão, C. de M. ; Dias, L. F.; Soares, A. (1980-81) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. 6-7. Setúbal. pp.149-218.

Silva, C. T. ; Soares, J. (1997) – Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. In *Estudos Orientais VI – Homenagem ao Professor António Augusto Tavares*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 33-66.

Soares, J.; Silva, C. T. (1973) - Ocupação do período Proto-Romano do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. Vol. 1. pp. 245-305.

Soares, J.; Silva, C. T. (1979) – A cerâmica pré-romana de Mirobriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. 5. Setúbal. pp.159-184.

Vallejo Sanchez, J. I. (1998) – Sobre el origen y extensión de la cerámica gris y las producciones occidentales. In Cunchillos, J.L.; Galán, J.M.; Zamora, J. A. (eds.) *Actas del Congreso El Mediterraneo en la Antiguidadd Oriente y Occidente*. Sapanu. Publicationes en Internet (http://www.labherm.filol.csic.es). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. II.

Vallejo Sanchez, J. I. (1999) – *La cerámica gris orientalizante del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María. Cádiz)*. Memoria de Licenciatura. Cádiz: Universidad.

SOBRE A OCUPAÇÃO PRÉ-ROMANA DE OLISIPO: A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA URBANA DA RUA DE SÃO MAMEDE AO CALDAS N.º 15 *

João Pimenta[1]
Rodrigo Banha da Silva[2]
Marco Calado[3]

[1] *Arqueólogo. Museu Municipal Vila Franca de Xira*
[2] *Arqueólogo. Museu da Cidade de Lisboa / Universidade Nova de Lisboa*
[3] *Arqueólogo. Colaborador do Museu da Cidade, Lisboa*

Resumo

Na sequência do projecto de reabilitação de um edifício oitocentista, em pleno centro histórico da cidade antiga de Lisboa, efectuaram-se trabalhos arqueológicos preventivos.

Apesar dos níveis de ocupação proto-históricos estarem muito perturbados pelas sucessivas ocupações do espaço, ao longo de quase três mil anos, foi possível identificar e escavar três contextos bem preservados da Idade do Ferro.

O estudo e análise do espólio aí identificado, em particular no contexto 1, permite pela primeira vez na história da arqueologia urbana da cidade, atestar sem margem de dúvidas uma fase recuada de ocupação ainda de inícios do primeiro milénio a.C.

Abstract

The rehabilitation of an old building in the historical centre of Lisbon motivated a rescue archaeological work on the site.

Although the proto-historic stratigraphy were very disturbed by later occupations, it was possible to identify and to excavate three well preserved contexts dated of the Iron Age.

For the first time in Lisbon´s urban archaeology, an occupation of the beginnings of the first millennium B.C. is confirmed, chronology based upon the study and analysis of the ceramics identified on this site, particularly those of context 1.

---

* Trabalho ampliado e revisto, originalmente apresentado como poster

Introdução

O projecto de reabilitação de um edifício oitocentista, na rua de São Mamede ao Caldas n.º 15 em pleno centro histórico da cidade romana e medieval de Lisboa, proporcionou novos dados sobre os primeiros momentos da ocupação sidérica do antigo povoado da colina do Castelo[1].

Apesar da extensão da área intervencionada, as acções derivadas da continuidade e intensidade da ocupação humana, onde se destacam os trabalhos de reconstrução da cidade após o grande sismo de 1755, provocaram a obliteração profunda do registo arqueológico, em especial o relativo aos momentos mais antigos do aglomerado. No entanto, foi possível identificar e escavar, em três áreas distintas, unidades estratigráficas preservadas, associadas a estruturas positivas que assentavam directamente sobre o substrato geológico.

Fig. 1. Mapa da Localização de Olisipo (Lisboa), na península Ibérica e no Vale do Tejo

1 A coordenação da Intervenção ficou sob a alçada da Divisão de Museus e Palácios da Câmara Municipal de Lisboa, sendo a direcção científica da competência do Dr. Rodrigo Banha da Silva, tendo participado nestes trabalhos o Dr. Vasco Leitão Santos, Dr.ª Sandra Pisco e Marco Calado.

Fig. 2. Fotografia aérea da colina do Castelo

Fig. 3. Planta da cidade de Lisboa com a localização do edifício n.º 15 da Rua de São Mamede ao Caldas

Fig. 4. Planta do edifício n.º 15 da Rua de São Mamede ao Caldas com a implantação dos contextos pré-romanos

Contexto 1:

Estrutura antrópica de contenção de plataforma da encosta, que nesta área da colina é constituída por areolas não consolidadas. Esta foi realizada através da aplicação de margas do substracto misturadas com matéria vegetal.

As unidades estratigráficas associadas a esta estrutura e que podemos correlacionar com o período da sua utilização/abandono, ofereceram abundante material arqueológico, do qual se destaca a cerâmica. O conjunto exumado é constituído maioritariamente por cerâmica manual (61%), tendo sido possível distinguir dois grandes grupos.

O grupo 1 caracteriza-se por pastas grosseiras com numerosos elementos não plásticos, evidenciando cozeduras redutoras e superfícies apenas alisadas ou com acabamento a "*cepillo*". Os fragmentos que podemos observar deste grupo, são essencialmente bojos, à excepção de três bocais (Fig. 7, n.º 20 a 22), correspondendo a vasos de armazenamento de perfil em esse, de dimensão variável. Este tipo de recipientes encontra-se bem representado na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002, p. 174, fig. 110), em Lisboa no Claustro da Sé (Arruda, 2002, p. 116) e nos Moinhos da Atalaia (Pinto e Parreira, 1977, fig. 2).

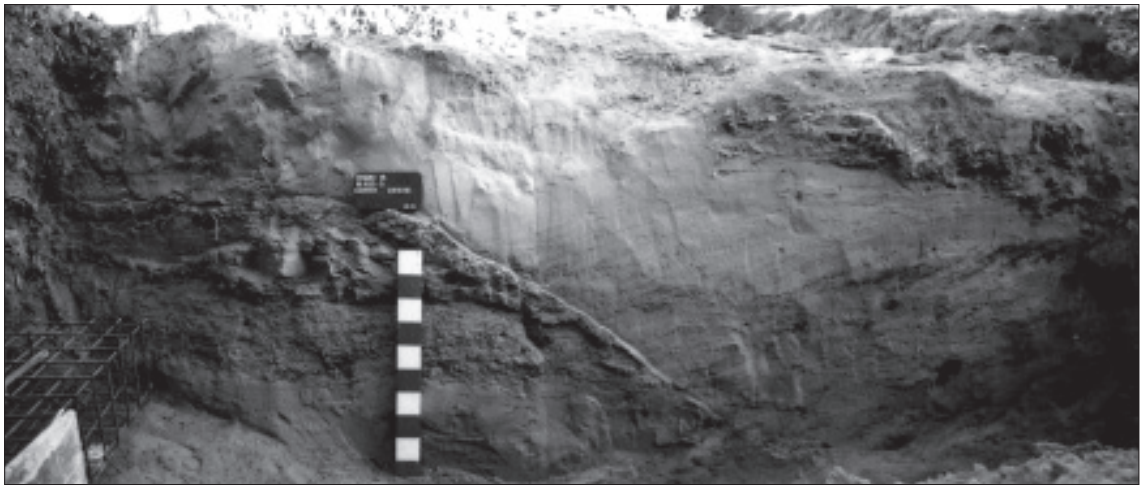


Fig. 5. Fotografia do corte da estrutura de contenção de plataforma da encosta

O grupo 2 distinge-se pelas suas pastas bem depuradas, apresentando escassos elementos não plásticos de dimensões reduzidas e bem distribuídos. As suas superfícies são cuidadosamente polidas e nalguns casos mesmo brunidas. As formas identificadas correspondem a taças carenadas com paredes muito finas e acabamento cuidado (Fig. 7 n.º 12 a 16 e 23). Este grupo encontra paralelos muito próximos em Santarém, onde foi individualizado como o Grupo 3 (Compare-se com Arruda, 2002, p. 174) e nos Moinhos da Atalaia, (Pinto e Parreira, 1977, fig. 2).

Um fragmento de bordo que incluímos neste grupo, apresenta características que nos levam a destacá-lo destas produções. Trata-se de um fragmento de taça carenada de paredes muito direitas, com arranque de carena bem marcada (Fig. 7 n.º 24). Do ponto de vista morfológico aproxima-se da cerâmica de tipo Medellín (Almagro-Gorbea, 1977), mas o seu estado de conservação não permite verificar se terá tido pintura nas suas superfícies. Produções similares ainda evidenciando pintura, foram recentemente detectadas no vale do Tejo (Arruda, 2005) e no Sado em Abul (Mayet e Silva, 2000, p. 38-39).

Por último, identificou-se um pequeno fragmento de taça carenada com decoração externa em ornatos brunidos tipo "Lapa do Fumo"(Fig. 7, n.º 17). Esta característica decoração é típica do Bronze final, mas parece ter-se prolongado até aos primeiros contactos com o mundo fenício (Cardoso, 1995).

Entre a cerâmica a torno sobressai a cerâmica de engobe vermelho (9%). A análise macroscópica das suas pastas e engobe permitiu definir um único grupo de fabrico. Este caracteriza-se por uma pasta compacta e bem depurada, de tom castanho (Mun. 2,5 YR 5/6), apresentando escassos elementos não plásticos bem distribuídos, de dimensões reduzidas. Estes são constituídos por quartzos, micas douradas e alguns vacúolos alongados. O engobe que cobre as superfícies destes recipientes é de boa qualidade, espesso e muito aderente, variando a sua tonalidade entre o vermelho (Mun. 10 R 5/6) e o castanho avermelhado (Mun. 10 R 5/4), sendo o resto da peça alvo de uma aguada do tom da pasta ou simplesmente alisada.

Os pratos constituem o grupo mais significativo (Fig. 6, n.º 6 a 10). Infelizmente da totalidade dos fragmentos recolhidos apenas dois conservam bordo, dificultando qualquer tentativa de classificação a partir deste elemento morfológico. O exemplar melhor preservado evidencia um lábio aplanado inclinado para o interior, com 3,1 cm de largura e um diâmetro de 21 cm (Fig. 6, n.º 7). Os exemplares desta forma podem-se incluir na forma P1 de Rufete Tomico (1988-89, p. 15-16), datados em cronologia tradicional entre a segunda metade do século VIII e a primeira metade do século VII a.C. No território actualmente Português, é precisamente no vale do Tejo, onde encontramos os melhores paralelos para os pratos de engobe vermelho, nos níveis mais antigos da Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002, p. 184-186) e em alguns exemplares do povoado do Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993).

Ainda que apenas representado por um fragmento, podemos detectar um invulgar bocal de contentor de tendência esférica com caneluras junto ao bordo, coberto externamente com engobe vermelho (Fig. 6, n.º 2). Esta forma encontra-se bem representada em contextos da primeira metade do século VII a.C. em Huelva (Forma C1a de Rufete Tomico, 1988-89), no Castillo de Doña Blanca (Ruiz Mata e Pérez, 1995, fig. 21) e em Mogador (López Pardo e Habibi, 2002, fig. 56). No extremo ocidente peninsular apesar de pouco frequente, encontra paralelos em Castro Marim (Freitas, 2005, Fig. 3 n.º 11), em Abul no horizonte 1C (Mayet e Silva, 2000, fig. 20 n.º 75) e em Santarém (Arruda, 2002, p. 187, fig. 119, n.º 5).

As cerâmicas decoradas em bandas bícromas vermelhas e negras estão atestadas por um fragmento de bojo e de colo com arranque de asa bífida que poderão pertencer a uma urna Tipo Cruz del Negro (Fig. 6, n.º 3 e 4) e por alguns fragmentos possivelmente de *phitoi* (Fig. 6, n.º 5).

As ânforas encontram-se representadas por um bordo bem preservado de ânfora do Tipo 10.1.1.1. (Ramon Torres, 1995), conservando um revestimento externo de engobe vermelho espes-

so e acetinado (Fig. 6, n.º 1). A análise macroscópica da pasta permite definir um tipo de fabrico de proveniência meridional, possivelmente do grupo "baía de Cádis" (Ramon Torres, 1995, p. 256). Este caracteriza-se por uma pasta dura e homogénea. Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos, compostos por alguns quartzos e elementos calcários. O tom da pasta é vermelho claro (Mun. 2.5 YR 6/8).

As cerâmicas cinzentas são raras, tendo-se apenas identificado um fundo (Fig. 6, n.º 11).

O espólio metálico encontra-se representado por um fragmento de mola de fíbula em bronze. Não sendo possível identificar com segurança o tipo, ainda que o arranque do arco permite sugerir estarmos perante uma fíbula de dupla mola.

Neste contexto recolheram-se ainda alguns materiais líticos, dos quais destacamos um núcleo em sílex cinzento e um artefacto em xisto com a extremidade distal cuidadosamente polida (Fig. 7, n.º 18 e 19).

Os dados cronológicos que o estudo do contexto 1 proporcionou, permitem com alguma segurança datá-lo em cronologia tradicional na segunda metade do século VIII a.C. primeira metade do século VII a.C. Infelizmente não foi possível recolher material orgânico que nos possibilitasse efectuar datações absolutas para corroborar esta nossa proposta.

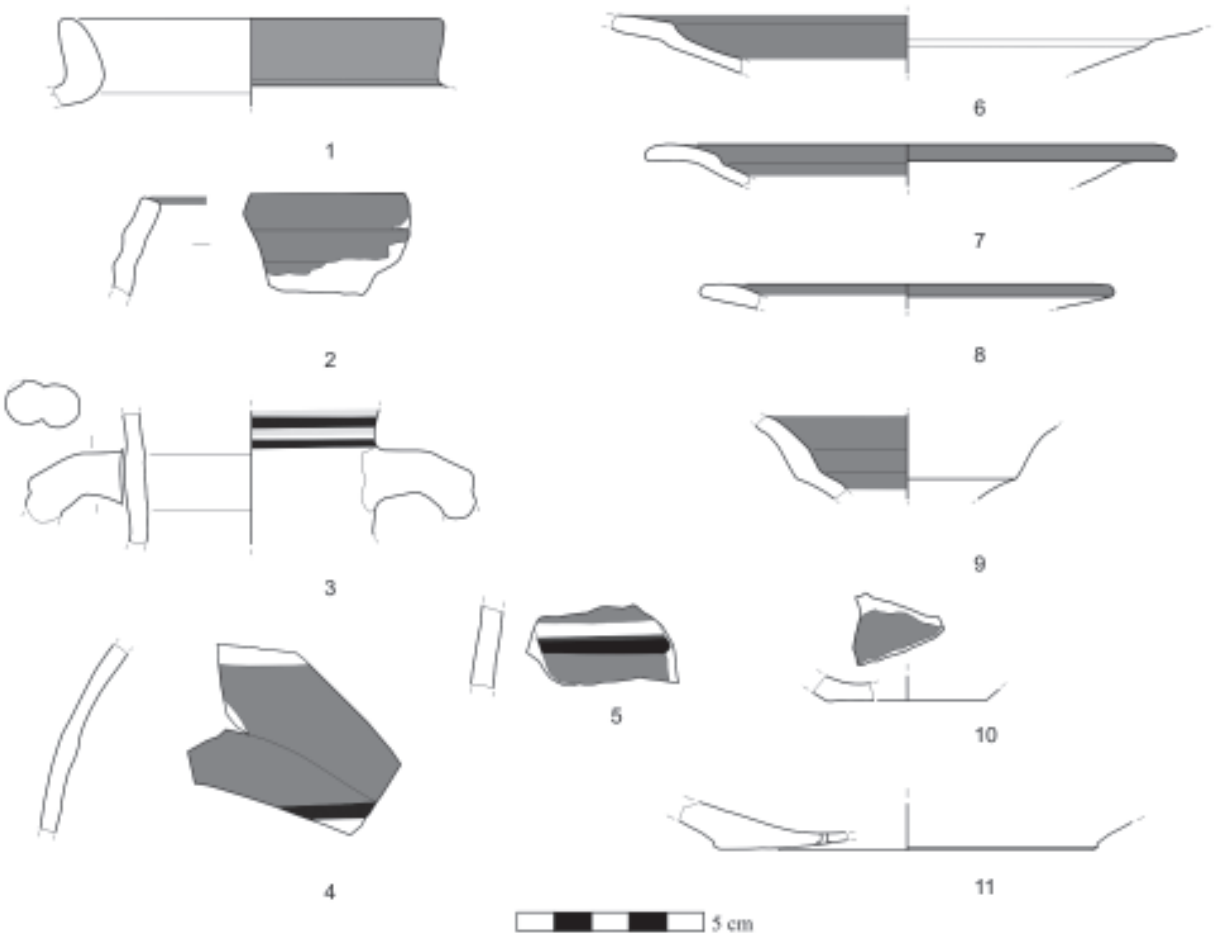


Fig. 6. Cerâmicas do Contexto 1

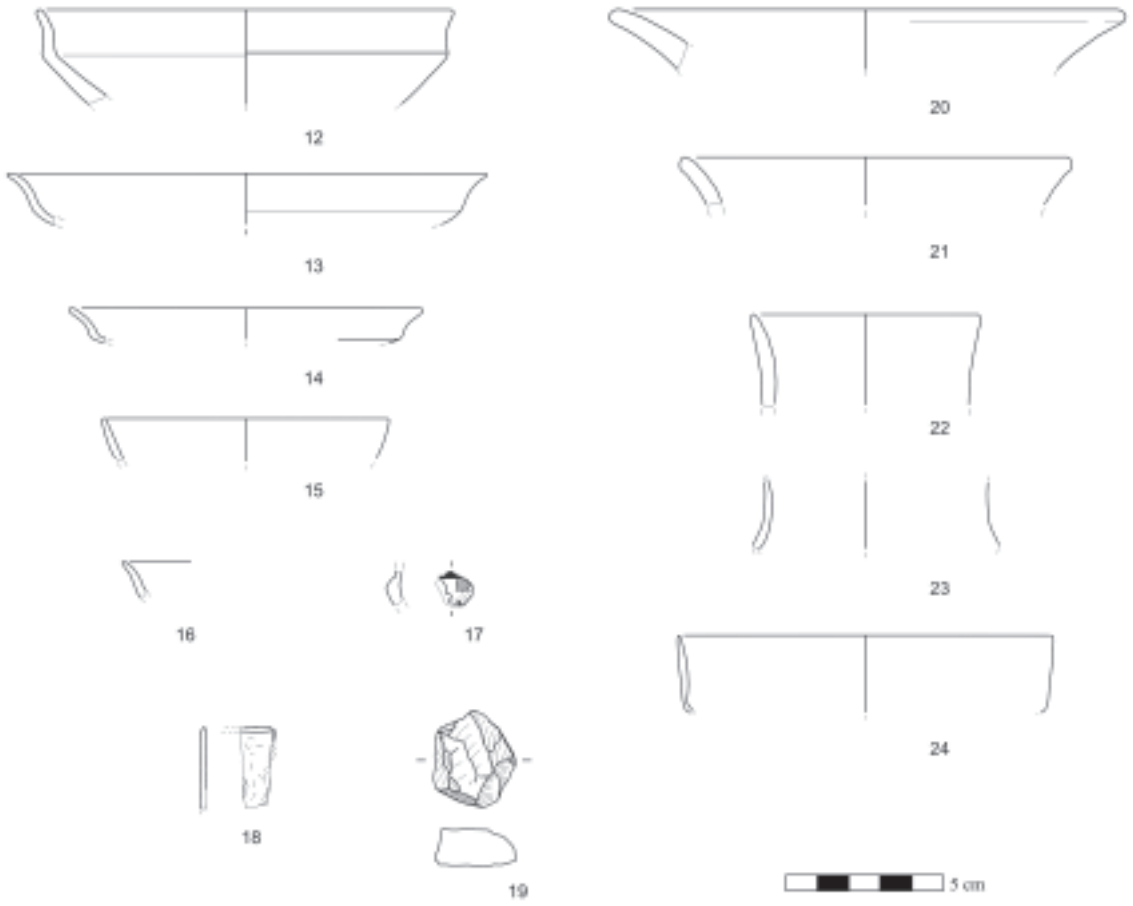


Fig. 7. Cerâmicas manuais e artefactos líticos do Contexto 1

Contexto 2

Estrutura de combustão que assentava directamente sobre o substrato geológico. Era composto por uma placa de argila cozida assente sobre fragmentos de recipientes cerâmicos, intencionalmente fracturados.

O espólio associado a esta estrutura era essencialmente cerâmico. Entre este domina a cerâmica a torno, sendo as produções manuais escassas, resumindo-se a alguns fragmentos de bojos incaracterísticos.

As cerâmicas de engobe vermelho estão bem atestadas, dominando tal como no contexto 1 os pratos. Estes apresentam bordos aplanados de tendência obliqua e lábios largos (Fig. 8, n.º 27-29), encontrando bons paralelos nos materiais do Claustro da Sé (Arruda, 2002, p. 118-119). As taças carenadas de parede vertical estão representadas por dois exemplares de inflexão bem marcada (Fig. 8, n.º 25 e 26)

Dois fragmentos permitem reconstituir uma taça em cerâmica cinzenta fina polida, de bordo convexo engrossado internamente que se integra na forma 1 definida para as cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa (Arruda; Freitas e Vallejo Sànchez, 2000) (Fig. 8, n.º 30-31).

As ânforas estão representadas por um fragmento de asa de secção circular, possivelmente do Tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, (1995). A análise macroscópica da pasta, permite-nos definir um grupo de fabrico de clara origem sul peninsular. Este caracteriza-se por uma pasta compacta

e homogénea. Os elementos não plásticos são abundantes e de pequena dimensão. Compostos por quartzos, micas, inclusões calcárias e elementos negros (Xistos?). O tom é castanho avermelhado (Mun. 2.5 YR 6/4), apresentando um núcleo cinzento azulado (Mun. GLEY 2 7/5B). As suas características levam-nos a sugerir uma proveniência sul peninsular possivelmente do grupo "Málaga" (Ramon Torres, 1995, p. 256).

Ainda que o espólio identificado, não seja conclusivo as características dos recipientes de engobe vermelho permitem-nos sugerir uma datação mais recente para este contexto, que situamos como hipótese de trabalho, em meados da segunda metade do século VII, primeira metade do século VI a.C., tendo em conta os dados do vale do Tejo (Arruda, 2002).

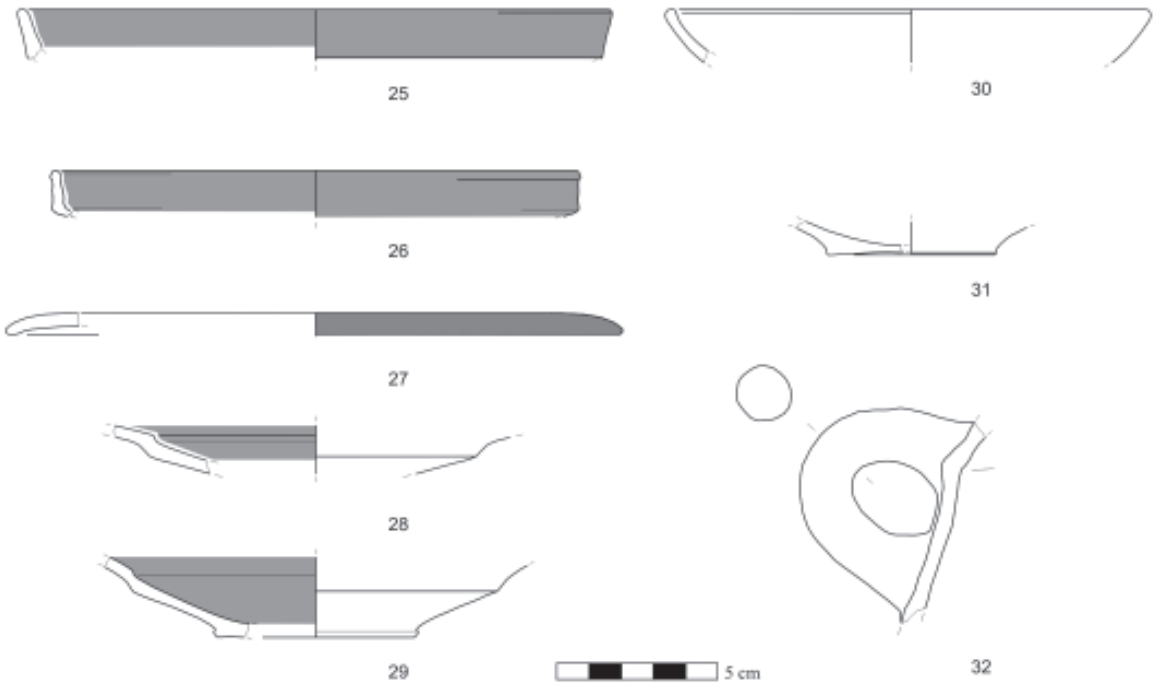


Fig. 8. Cerâmicas do Contexto 2

Contexto 3

Não foi possível aferir funcionalidades, dada a exiguidade da área intervencionada, no entanto identificaram-se elementos pétreos e fragmentos de argila cozida de revestimento que denunciam a existência de estruturas positivas.

Estas unidades estratigráficas revelaram-se bastante escassas em espólio arqueológico, tendo-se recolhido apenas fragmentos incaracterísticos de cerâmica a torno e manual a par de um fragmento decorado em bandas policromas vermelhas, negras e brancas e um bordo de ânfora do T. 10.1.1.1. (Ramon Torres, 1995). A análise macroscópica da pasta da ânfora, revelou tal como no fragmento de asa que tratámos do Contexto 2, um fabrico muito característico que nos permite propor uma proveniência sul peninsular possivelmente do grupo "Málaga" (Ramon Torres, 1995, p. 256).

Fig. 9. Cerâmicas do Contexto 3

Fig. 7. Planta topográfica da cidade de Lisboa, com a localização das intervenções em que foram detectados níveis pré-romanos e com a reconstituição hipotética da linha de costa e do esteiro do vale da baixa. O n.° 9, corresponde ao edifício n.° 15 da Rua de São Mamede ao Caldas

Enquadramento da intervenção

A localização privilegiada da colina em que se veio a erguer o povoado pré-romano de Lisboa (Figura, 2), desde cedo chamou a tenção das primeiras comunidades humanas. Como provam os materiais paleolíticos recolhidos nos anos quarenta no Castelo de São Jorge e as recentes descobertas provenientes das intervenções no vale da baixa, que vêm atestar a sua ocupação desde o Neolítico Antigo (Muralha, Costa e Calado, 2002, p. 245).

No entanto, apesar de recentemente ter vindo a ser proposta, a existência de um grande povoado da Idade do Bronze final, no morro do Castelo (Cardoso, 2002, p. 359 e Silva, 2005, p. 760), a informação disponível não permite confirmar ou desmentir essa hipótese. A presença humana desta época começa no entanto a estar documentado nas áreas adjacentes (Praça da Figueira e Encosta de Santana), permitindo supor o aproveitamento agrícola dos férteis vales em torno do planalto onde se vem a erguer a alcáçova Muçulmana.

Os primeiros dados fiáveis acerca do povoamento da colina do Castelo remontam à Idade do Ferro. Essa ocupação foi claramente demonstrada pelas escavações que nos anos noventa do século passado se efectuaram no Claustro da Catedral (Amaro, 1993) e no núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001). Sendo claro desde os primeiros estudos, a existência de uma forte ligação do povoado de *Olisipo* com o mundo meridional materializada nos vestígios arqueológicos, com claras influências orientalizantes (Arruda, 2002).

O multiplicar das intervenções no centro histórico da cidade romana e medieval, têm vindo nos últimos anos a aumentar os nossos conhecimentos sobre esta fase, possibilitando que se comece a percepcionar a área ocupada (Fig. 9), deixando antever uma superfície de grandes dimensões (cerca de 15 ha.) que, certamente, assumiu desde cedo um papel de lugar central no povoamento da foz do Tejo (Arruda, 2002).

Os dados da intervenção em epígrafe, em particular os elementos cronológicos que o estudo do contexto 1 proporciona, permitem afirmar que as influências orientalizantes chegaram cedo ao povoado da colina do Castelo. Podendo situar-se em cronologia tradicional na segunda metade do século VIII a.C. primeira metade do século VII a.C.

Esta primeira fase de ocupação, apresenta evidentes contactos com o mundo fenício ocidental, bem patentes no pouco que se sabe sobre a sua arquitectura assim como no seu espólio artefactual. A cerâmica a torno de filiação fenícia integra pratos de engobe vermelho de bordo estreito e altos coeficiente, urnas de tipo Cruz del Negro, *phitoi* pintados em bandas, ânforas do T. 10.1.1.1. e abundante cerâmica manual de clara tradição indígena.

O estudo da cerâmica manual e a presença de um fragmento de taça carenada com decoração externa em ornatos brunidos tipo "Lapa do Fumo", deixa em aberto a hipótese da existência de uma ocupação do bronze final no morro do Castelo. Essa proposta parece consolidar-se face à elevada percentagem de cerâmica manual que detectamos no contexto 1 (61%) e que se afasta claramente dos dados disponíveis para o Claustro da Sé, onde apesar da importância da amostragem já estudada estas são apenas residuais (Arruda, 2002, p. 116). De facto os materiais da Sé são maioritariamente datáveis do século VI a.C., apesar da presença de uma urna tipo Cruz del Negro e uma ânfora T. 10.1.1.1. já deixassem antever a possibilidade de existirem níveis mais antigos (Arruda, 2005), que se parecem consubstanciar nos dados estratigráficos que agora apresentamos.

Bibliografia

Almagro-Gorbea, M. (1977) – *El Bronce Final y el Período Orientalizante en* Extremadura. Biblioteca Praehistórica Hispana. 14. Madrid.

Amaro, C. (1993) – Vestígios Materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 183-192.

Arruda, A. M. (2002) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona.

Arruda, A. M. (2005) – Orientalizante e pós-orientalizante no sudoeste peninsular: Geografias e cronologias. In *Actas del III Simpósio Internacional de arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterrâneo Occidental. El Período Orientalizante*. Volume I. Anejos de AEspa. XXXV. Mérida. pp. 277-303.

Arruda, A. M. ; Freitas, V. T. ; Vallejo Sánchez, J.I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 3. Número 2. Lisboa. pp. 25-59.

Aubet, M. E. (1994) - *Tiro y las colonias fenícias de occidente. Edición revisada y puesta al día*. Barcelona: Crítica.

Barros, L.; Cardoso, J. L. ; Sabrosa, A. (1993) - Fenícios na Margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 143-182.

Barros, L. e Soares, A. M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz. *O Arqueólogo Português*. Série 4, 22. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp. 333-352.

Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva da peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Trabalhos da Arqueologia. 15. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Cardoso, J. L. (1995) – As cerâmicas de Ornatos brunidos da Lapa do Fumo. In *A Idade do Bronze em Portugal discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp. 88-89.

Cardoso, J. L. (2002) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.

Cardoso, J. L. (2004) – *A baixa estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História Regional*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 12. Câmara Municipal de Oeiras.

Cardoso, J. L. e Silva, I. M. (2004) – O povoado do Bronze final da Tapada da Ajuda (Lisboa): Estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Vol. 7. Número 1. Lisboa. pp. 227-271.

Freitas, V. T. (2005) – Observações preliminares sobre as cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. In *Actas del III Simpósio Internacional de arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterrâneo Occidental. El Período Orientalizante*. Volume II. Anejos de AEspa. XXXV. Mérida. pp. 911-918.

López pardo, F.; Habibi, M. (2001) – Le comptoir phénicien de Mogador: Approche chronologique et céramique a engobe rouge. In *Actes dês 1eres Journées Nationales d'Archéologie et du Patrimoine (Rabat, 1-4 Juillet 1998)*. SMAP 2: Préislam.

Maia, M. (2003) - Fenícios em Tavira. –In *Tavira: território e poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp. 57- 72.

Mayet, F. e Silva, C. T. (2000) - *L'établissement phécicien de'Abul. Portugal*. Paris: Difusión de Boccard.

Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) - Intervenções arqueológicas na encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). In *Al-Madan*. 2.ª Série. 11. Almada. pp. 245-246.

Pereira, I. (1997) - Santa Olaia et le commerce atlantique. In *Itineraires Lusitaniennes.* Paris: Difusion de Bocard. pp. 209-253.

Pimenta, J. (2005) – *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa).* Trabalhos de Arqueologia. 41. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.

Pimenta, J. ; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Vol. 8. Número 2. Lisboa. pp. 313-334.

Pinto, C. V. ; Parreira, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo. *In Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977).* Vol. 1. Lisboa. pp. 145-163.

Ramon Torres, J. (1995) – *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col.Lecció Instrumenta. 2. Barcelona: Publicacions universitat de Barcelona.

Rufete Tomico, P. (1988-89) - Las cerámicas con engobe rojo de Huelva. *Huelva Arqueológica*. X-XI, 3. Huelva: Diputación Provincial de Huelva. pp. 10-40.

Ruiz Mata, D. e Pérez, C. J. (1995) – *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa Maria, Cádiz)*. Biblioteca de temas portuenses. Puerto de Santa Maria.

Silva, C. T. (2005) – A presença Fenícia e o processo de orientalização nos estuários do Tejo e Sado. In *Actas del III Simpósio Internacional de arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterrâneo Occidental. El Período Orientalizante*. Volume II. Anejos de AEspa. XXXV. Mérida. pp. 749-765.

Silva, C. T. ; Soares, J.; Beirão, C. de M. ; Dias, L. F.; Soares, A. (1980-81) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. 6-7. Setúbal. pp.149-218.

Vilaça, R. e Arruda, A. M. (2004) - Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conimbriga*. 43. Coimbra. pp. 11-45.

VV.AA. (1995) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros.* Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.

EVIDÊNCIAS ORIENTALIZANTES NA ÁREA URBANA DE LISBOA: O CASO DOS EDIFÍCIOS NA ENVOLVENTE DA MÃE DE ÁGUA DO CHAFARIZ D'EL REI *

Victor Filipe[1]
Marco Calado[2]
Manuela Leitão[3]

[1] *Arqueólogo. Colaborador do Museu da Cidade, Lisboa*
[2] *Arqueólogo. Colaborador do Museu da Cidade, Lisboa*
[3] *Técnica Superior do Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa*

Resumo

No âmbito do projecto de reabilitação de um conjunto de edifícios localizados na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei foram realizadas algumas sondagens arqueológicas de avaliação. Numa das sondagens foram identificadas várias fases de construção e ocupação correspondentes à Idade do Ferro e Período Romano Republicano.

Abstract

In the context of the rehabilitation project of a set of buildings located in the surrounding area of the Mãe de Água do Chafariz d'El Rei, Lisbon, some archaeological test pits were carried out. In one of them were identified several phases of construction and occupation corresponding to the Iron Age and Roman Republican Period.

---

* Trabalho ampliado e revisto, originalmente apresentado como poster

1. Introdução

As recentes intervenções arqueológicas realizadas no casco urbano correspondente ao actual bairro de Alfama, área que integra a vertente Sul e Este do morro do Castelo, têm facultado informação de extrema relevância para o conhecimento da evolução urbana deste território.

Embora inseridas num programa de avaliação estrutural de vários edifícios, as últimas sondagens realizadas na Travessa do Chafariz d'El Rei (situada na vertente Sul) permitiram confirmar a intensa ocupação que este espaço sofreu pelo menos desde o século VII a.C..

O prosseguimento destes trabalhos, enquadrados numa metodologia que permita uma leitura mais abrangente das realidades arqueológicas preservadas, dependerá da resolução de vários problemas de ordem técnica.

2. Enquadramento da Intervenção Arqueológica

Um conjunto de três edifícios e a Mãe de Água do Chafariz d'El Rei, localizados entre a Rua de S. João da Praça /Largo Júlio Pereira e a Travessa do Chafariz d'El Rei (freguesia da Sé), encontra-se afectado por um fenómeno contínuo e grave de descompressão de solos.

A empreitada de emergência ainda em curso coordenada pela Unidade de Projecto de Alfama (Direcção Municipal de Conservação e Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Lisboa) pretende eliminar os movimentos de assentamento, através da consolidação estrutural e do reforço das fundações daquelas construções.

Foi neste âmbito que, entre os meses de Outubro de 2004 e Janeiro de 2005[1], se iniciou a primeira fase de intervenções arqueológicas, caracterizada sobretudo pela abertura de uma série de sondagens diagnóstico estabelecidas pela Equipa de Projectistas.

As sondagens em estudo encontram-se inseridas no espaço ocupado pelo antigo palácio Marquês de Angeja, de fundação seiscentista (Oliveira, 1899), ainda bem conservado ao nível do piso térreo voltado à Travessa do Chafariz d'El Rei. Situam-se igualmente na área intra-muros contígua ao início do lanço ribeirinho oriental da designada "Cerca Velha" (Silva, 1987).

3. Os dados arqueológicos

3.1. Sondagem 1

Nesta sondagem foram identificados três níveis de ocupação correspondentes a três muros sobrepostos, construídos em alvenaria de pedra de pequeno e médio calibre com ligante em argila, de funcionalidade ainda desconhecida (Fig. 5). O mais recente [133], orientado a SO-NE, localiza-se sob o soco de um muro de período romano republicano [58], facto que não permitiu perceber a sua espessura total. Associado a este muro foi registado junto ao perfil Oeste, um pavimento em argila de coloração alaranjada. Na U.E. [135] que cobria o referido pavimento, foram exumados materiais enquadráveis no século VII a.C. Note-se, porém, que este pavimento foi rompido por uma fossa [77] em período romano republicano, observada junto ao perfil Este e por uma grande vala [125] efectuada em época romana Alto-Imperial, registada junto ao perfil Sul, episódios que contribuíram para uma significativa redução da área preservada (Fig. 8). A abertura da fossa [77] rompeu também os níveis que envolviam um pequeno murete [83], localizado sob o muro [133] e perpendicular a este, composto por uma fiada de pedras unidas com argila.

1 A coordenação da intervenção foi assegurada pelos signatários Manuela Leitão (Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa) e Victor Filipe. Contou ainda com a participação dos Técnicos de Arqueologia Marco Calado e Jorge Almeida.

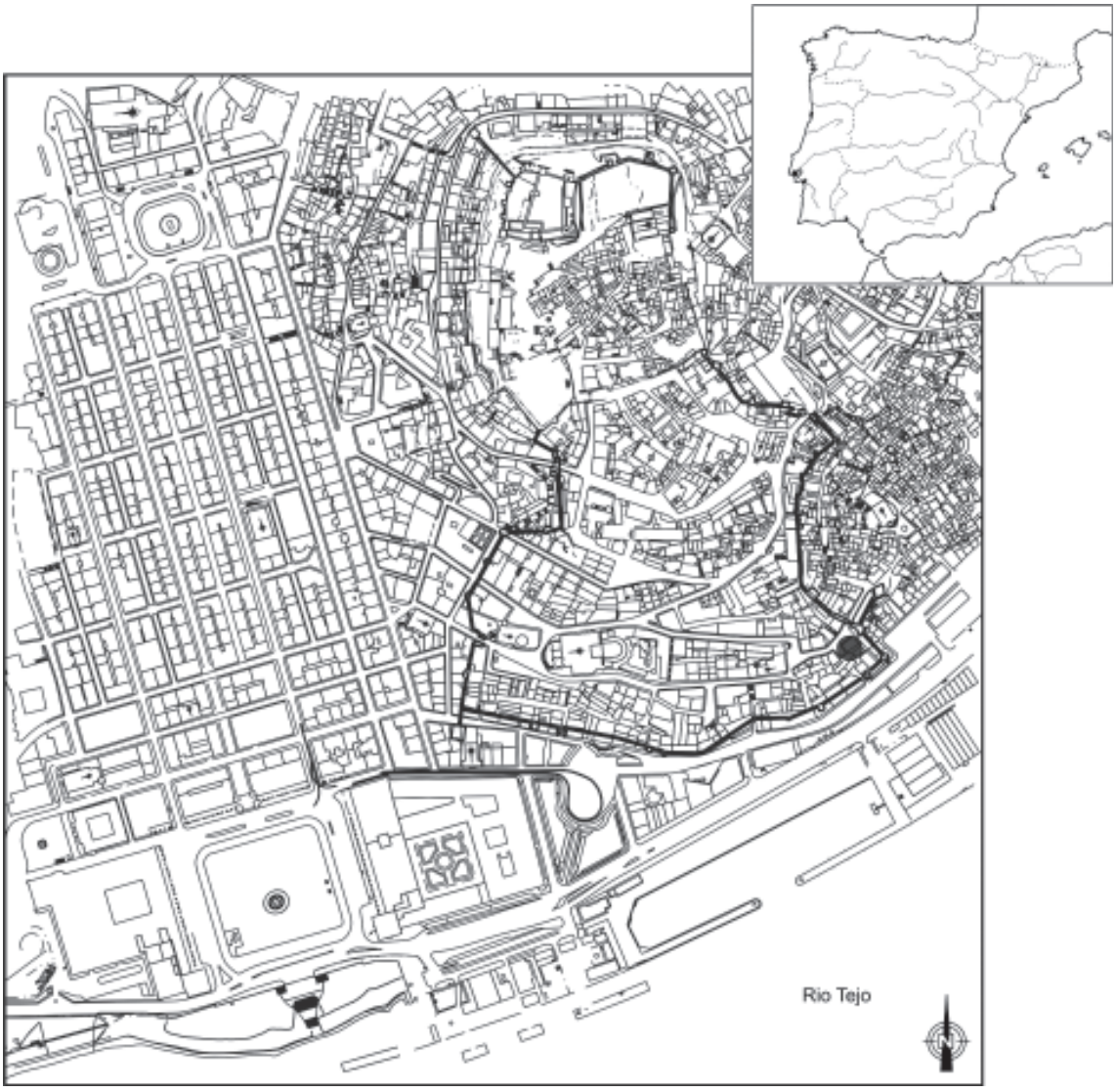


Fig. 1. Localização da intervenção arqueológica na cidade de Lisboa

Fig. 2. Localização da área em intervenção

Fig. 3. Localização das sondagens efectuadas no edifício nº 3 da Travessa do Chafariz d'El Rei

Fig. 4. Vista da Sondagem 1 inserida no antigo palácio do Marquês de Angeja

Fig. 5. Plano final da Sondagem 1

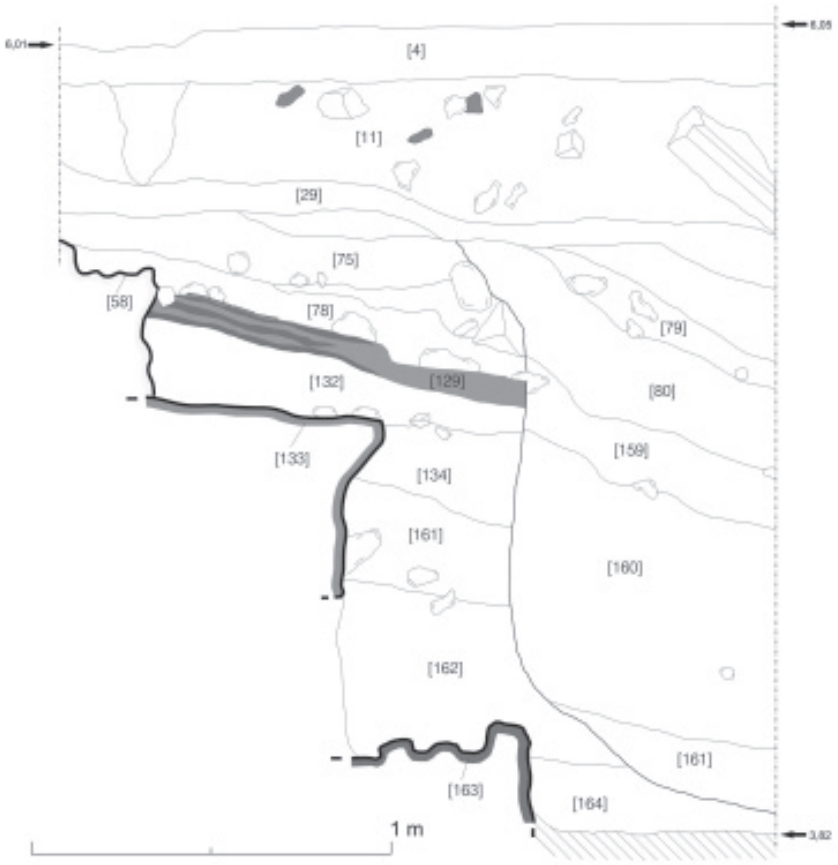


Fig. 6. Perfil Este da Sondagem 1

Sob o pavimento em argila foram escavadas duas unidades estratigráficas contendo materiais incaracterísticos que assentavam sobre um depósito que cobria uma estrutura [163] de orientação SO-NE de grandes dimensões, cuja largura total também não foi possível estabelecer. Uma vez mais, o espólio exumado revelou-se escasso e pouco significativo para uma correcta aferição cronológica relativa às fases de abandono daquela estrutura. Deste modo, apenas podemos afirmar que esta construção deverá, muito provavelmente, corresponder a uma fase recuada da Idade do Ferro.

Do material cerâmico contextualizado - unidade [135] - destacam-se os pratos de engobe vermelho, uma taça de tipologia análoga às recolhidas na Alcáçova de Santarém (Arruda, 1993), um fragmento de *pithos* com asa bífida e decoração bícroma a preto e vermelho no colo e ainda dois fragmentos de ânforas com carena sob o ombro e pintura de bandas, pertencentes ao grupo T-10.1.1.1 ou T- 10.1.2.1. (Fig. 7).

Quanto ao espólio inserido em deposição secundária salientam-se dois elementos correspondentes a bases/suportes em cerâmica comum provenientes das unidades [28] e [132], bem como outros dois fragmentos de secção circular em cerâmica cinzenta procedentes das unidades [28] e [80] (Figs. 8, 9 e 10). Apesar de conhecermos suportes anelares em cerâmica cinzenta não identificámos, até ao momento, paralelos para os de cerâmica comum, embora estes apresentem algumas semelhanças com os suportes de Cerro del Vilar (Aubet et al., 1999). Da unidade [29] salientam-se dois fragmentos de taças de cerâmica cinzenta idênticos aos recolhidos na estação de Moinhos da Atalaia (Parreira, 1977), dos séculos V e IV a.C. e ainda um bordo de ânfora do grupo T-4.2.2.5. inserido na unidade [160], datado da segunda metade do século III à primeira metade do século II a.C. (Figs. 8 e 10).

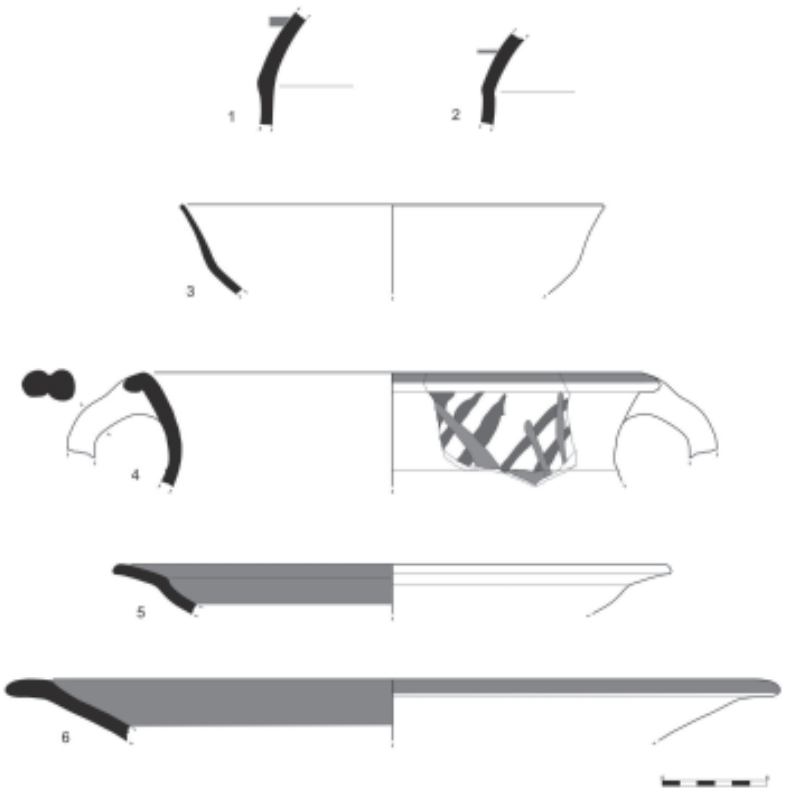


Fig. 7. Ânforas com carena sob o ombro (nº 1 e 2); taça com pintura a vermelho (nº 3); pithos (nº 4); pratos de engobe vermelho (nº 5 e 6). Materiais cerâmicos provenientes da U.E. [135]

Fig. 8. Fundo em cerâmica cinzenta (nº 1) e base/suporte em cerâmica comum (nº 2), materiais provenientes da U.E. [132]. Ânfora T-4.2.2.5. (nºs 3) e T-1.3.2.4. ? (nº 4), da U.E. [160]

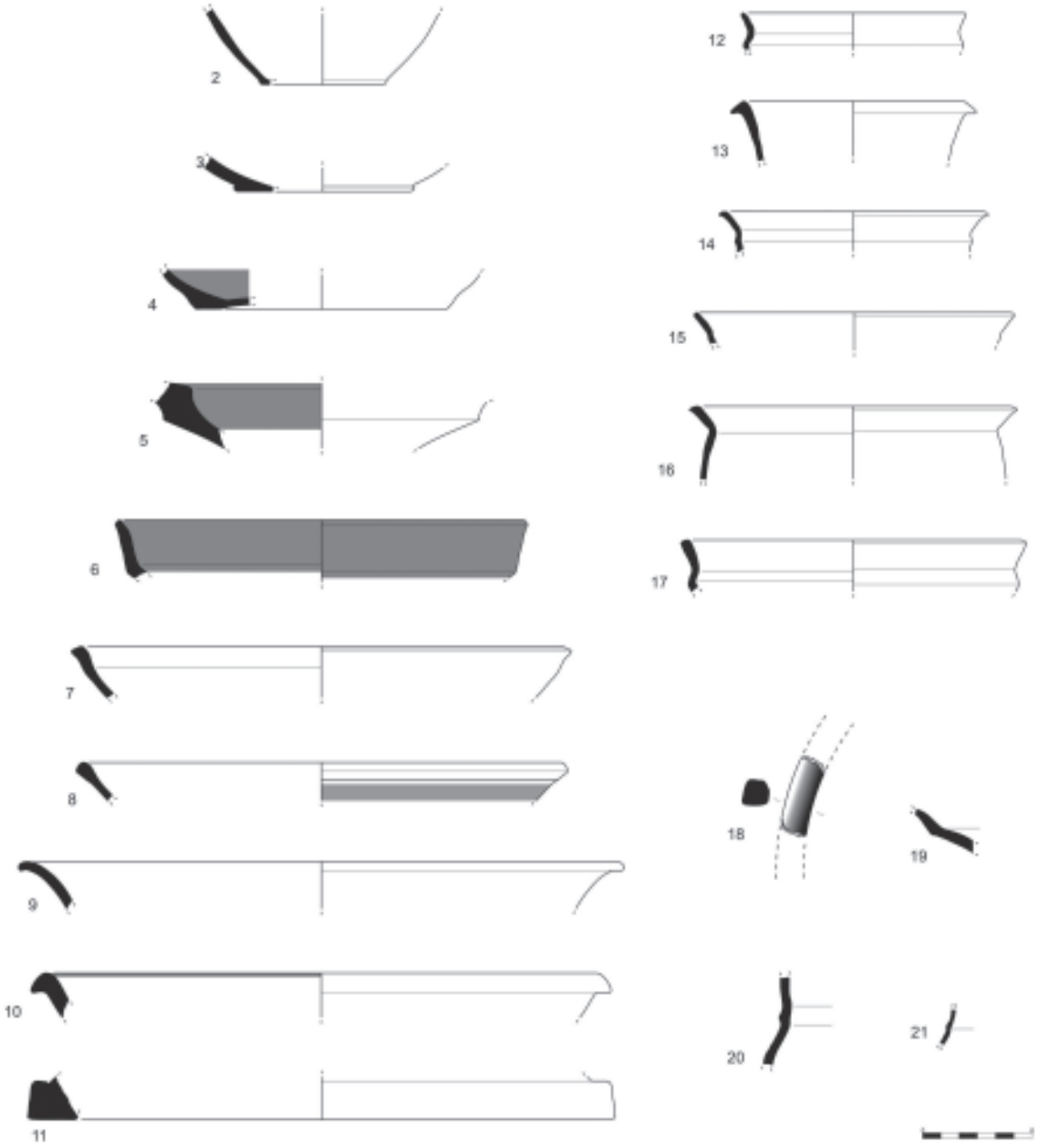


Fig. 9. Cerâmica cinzenta (nºs 1 a 3, nºs 12 a 18 e nº 20); cerâmica de engobe vermelho (nºs 4 a 6); cerâmica comum brunida (nº 8, 9 e 21); cerâmica comum (nº 7 e nºs 9 a 11). Materiais provenientes da U.E. [80]

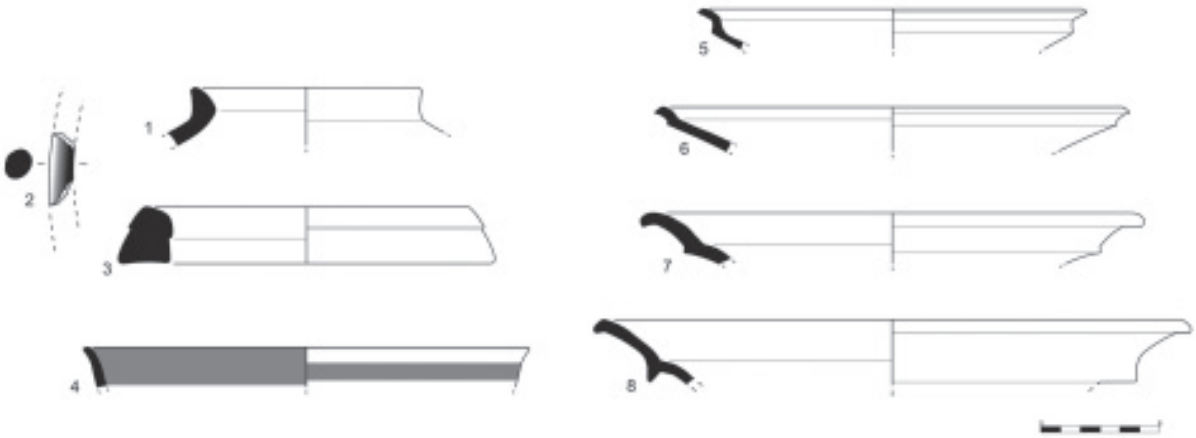


Fig. 10. Ânfora do grupo T – 10.1.2.1. (nº 1); base/suporte em cerâmica cinzenta (nº 2); base/suporte em cerâmica comum (nº3); cerâmica de engobe vermelho (nº 4). Materiais provenientes da U.E. [28]. Cerâmica cinzenta (nºs 5 a 8), da U.E. [29]

3.2. Sondagem 3

Neste espaço foi registada uma vala [70], possivelmente associada à construção de uma infra-estrutura de captação e condução de águas subterrâneas coetânea à construção do palácio do Marquês de Angeja, que alterou profundamente a estratigrafia do local. Nos últimos níveis escavados, foram identificados depósitos preservados cronologicamente atribuíveis ao século V a.C., não tendo sido detectadas estruturas associadas.

Os materiais que permitiram propor uma cronologia mais segura foram exumados nas unidades [145] e [155]. Na primeira unidade identificaram-se pratos e taças de engobe vermelho, com paralelos na fase III das escavações do Castelo de Alcácer do Sal, datados entre os séculos VIII e VI a.C. (Silva et al., 1980-1981; Mayet, Silva, 1993) e na Quinta do Almaraz datados pelos autores do século VI a.C.(Barros et al., 1993) (Fig. 12). A convivência destes materiais com ânforas do tipo C de Pellicer Catalán, presentes nos níveis 14 e 15 de Cerro Macareno (Pellicer Catalán et al., 1983), bem como as ânforas do Tipo 1.3.2.4. de Ramón Torres (1995), não permite recuar a cronologia para além do século V a.C..

Relativamente à unidade [155], a presença de ânforas T-1.3.2.3., T-1.3.2.4. e T-11.2.1.5. remete-nos para a cronologia da unidade [145], não obstante a existência de materiais tradicionalmente atribuíveis aos séculos VII e VI a.C. (Fig. 11); referimo-nos concretamente aos pratos de bordo largo, às taças carenadas de engobe vermelho, a um fragmento de *Pithos* e a um fragmento de bordo em cerâmica comum que parece imitar as taças de pé exumadas na Quinta do Almaraz (Barros et al., 1993).

4. Considerações Finais

A identificação de várias estruturas sobrepostas num espaço tão exíguo, localizadas junto à antiga linha de costa, cuja análise do espólio possibilita aferir uma diacronia de ocupação compreendida entre o século VII a.C. e a romanização, sugere um intenso desenvolvimento desta área certamente impulsionado pelos contactos com o mundo Mediterrânico.

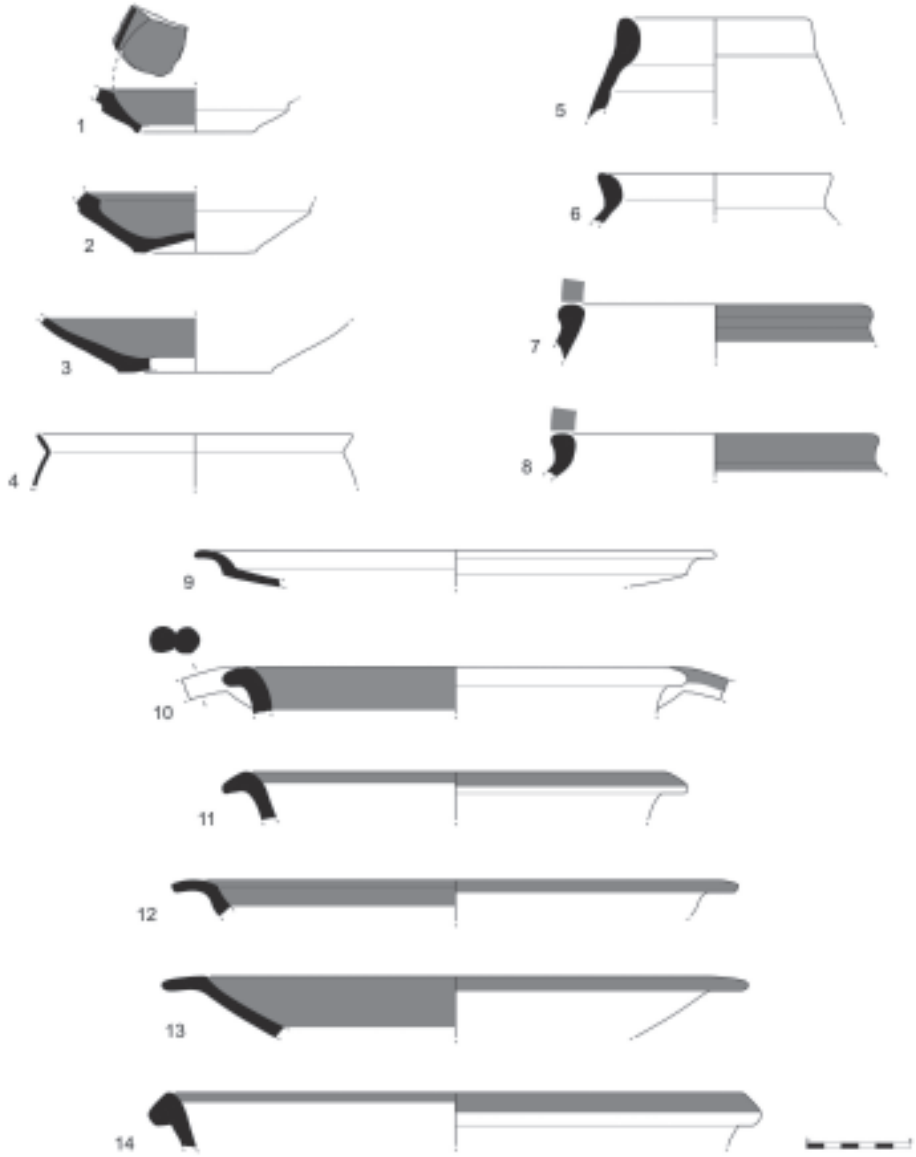


Fig. 11. Cerâmica de engobe vermelho (n°s 1 a 3 e n°s 12 a 13); cerâmica comum (n°s 4 e 9); ânfora T- 11.2.1.5. (n° 5), T-1.3.2.3 (n° 7), T- 1.3.2.4. ? (n° 8) e ânfora do grupo 10 de Ramon Torres (n° 6); Pithos com engobe enegrecido (n° 10); Pithos ? (n°s 11 e 14). Materiais provenientes da U.E. [155]

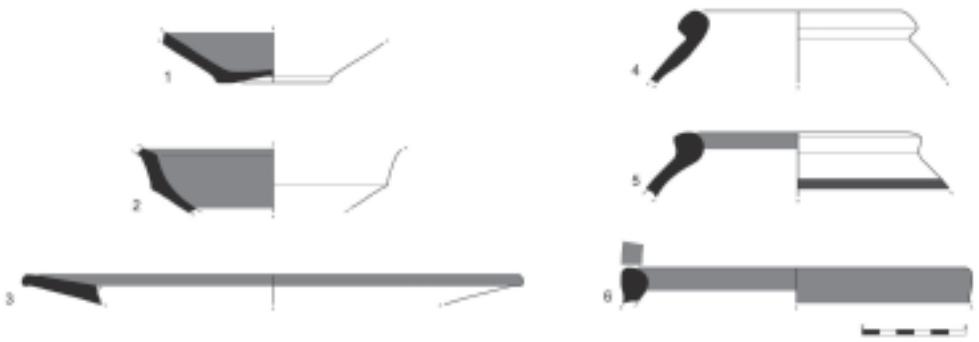


Fig. 12. Cerâmica de engobe vermelho (n°s 1 a 3); ânfora de Tipo C de Pellicer Catalán (n°4), ânfora T-1.3.2.4. (n° 5) e ânfora de tipologia indeterminada (n° 6). Materiais provenientes de U.E. [145]

Importa salientar que esta intervenção proporcionou sobretudo uma cultura material traduzida por artefactos domésticos - potes, taças, pratos e *pithoy* -, ao contrário dos dados revelados na intervenção realizada na Rua de S. João da Praça, cuja sondagem 2 ofereceu uma ampla variedade de elementos anfóricos (Pimenta et al., 2005). A diferença de funcionalidades dos materiais exumados não invalida a hipótese anteriormente avançada, de nos encontrarmos nas proximidades de uma área portuária (*ibidem*), proposta que só poderá ser confirmada com o prosseguimento dos trabalhos arqueológicos neste local.

A informação agora disponibilizada permite-nos reforçar a ideia da importância do povoado pré-romano de *Olisipo* como entreposto comercial no contexto da fachada atlântica.

Bibliografia

Amaro, C. (1993) – Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 183-192.

Amaro, C. (2002) – Percurso arqueológico através da Casa dos Bicos. In *De Olisipo a Lisboa. A casa dos Bicos*. Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos Portugueses. pp. 11-27.

Arruda, A. M. (1993a) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da Expansão Fenícia para a fachada atlântica Peninsular. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 193-214.

Arruda, A. M. (1994) - A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa. Lisboa Capital Europeia da Cultura 94. pp. 52-57.

Arruda, A. M. (2000b) – As cerâmicas de importação do castelo de Castro Marim: no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a. C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad de Cádiz. pp. 727-735.

Arruda, A. M. (2002) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona.

Arruda, A. M. ; Freitas, V. T. ; Vallejo Sánchez, J.I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 3. Número 2. Lisboa. pp. 25-59.

Aubet, Mª. E.; Carmona, P.; Curià, E.; Delgado, A.; Fernández Cantos, A.; Párraga, M. (1999) - *Cerro del Villar I – El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. S/l: Junta da Andalucia.

Barros, L.; Cardoso, J. L. ; Sabrosa, A. (1993) - Fenícios na Margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 143-182.

Barros, L.; Henriques, F. (2002a) – A última fase de ocupação do Almaraz. *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Almada 20-23 de Fevereiro de 1997. Monografias – Arqueologia. Câmara Municipal de Almada / Divisão de Museus. pp. 97-107.

Belén, M. (2000) – Ánforas de los siglos VI-IV A. C. En Turdetania. *REVÍ*. 4. pp. 15-51.

Cardoso, J. L. (1990) - A Presença Oriental no Povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. In Estudos *Orientais I*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 119-134.

Cardoso, J. L. (1996) - A Idade do Ferro no concelho de Almada. Estação da Quinta da Torre. *Al-Madan*. 2.ª Série, n.º5. Almada. pp. 200.

Cardoso, J. L. (1997) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras. *Estudos arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 6. pp. 361-366.

Fernandez Jurado, J. (1987) – *Tejada de laVieja – Una Ciudade Protohistórica*. Huelva Arqueológica. IX (2 Vol.). Diputación Provincial de Huelva.

Garrido, J. P.; Orta, E. M. (1994) – *El Habitat Antiguo de Huelva – La Primera Excavacion Arqueológica en la Calle del Puerto*. Madrid: Ministerio de Cultura-DGBAA.

MATA, R. (1993) – Los Fenícios de Época – Siglos VIII/VII a.C. – en la Bahia de Cadiz. In *Estudos Orientais I*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 23-72.

MAYET, F.; SILVA, C.T. (1993) - Presença Fenícia no baixo Sado. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. pp. 127-142.

OLIVEIRA, E.F. (1899) – *Elementos para a História do Munícipio de Lisboa*. Vol. X. Lisboa: C.M.L. pp. 181-182.

OLIVER, A.; GUSI, F. (1995) – *El puig de la Nau. Un Habitat Fortificado Ibérico*. Monografies de Pré-História, Arqueología Castellonenques. 4. S.I.A.P. – Diputacío de Castelló.

PELLICER CATALÁN, M. ; ESCACENA CARRASCO,J. L. ; BENDALA GALÁN, M. (1983) – *El Cerro Macareno*. Excavationes Arqueológicas en España. 124. Madrid.

PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) – Novos dados sobra a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 8, n.º 2. Lisboa. pp. 313-334.

PINTO, C. V.; PARREIRA, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*. Vol. 1. Lisboa. pp. 145-163.

RAMON TORRES, J. (1995) – *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col.Lecció Instrumenta. 2. Barcelona: Publicacions universitat de Barcelona.

SILVA, A. (1987) – *A Cerca Moura de Lisboa*. Lisboa: CML.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; BEIRÃO, C.; DIAS, L.; COELHO-SOARES, A. (1980/81) – Escavações Arqueológicas no Castelo de Alcácer (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. 6-7. pp. 149-218.

VV.AA. (1995) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros.* Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.

AS ÂNFORAS PRÉ-ROMANAS DA ALCÁÇOVA DE SANTARÉM

Patrícia Bargão

Centro de Arqueologia
Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa

Resumo

As escavações arqueológicas realizadas desde o início da década de 80 do século XX, na Alcáçova de Santarém, revelaram uma intensa ocupação da Idade do Ferro.

Embora a presença de ânforas pré-romanas esteja documentada desde o século VII a.C. até à ocupação romana, a presença destes contentores de transporte sofre profundas alterações a partir do início do século V a.C.

Com este estudo pretendemos caracterizar a evolução destes contentores de transporte, através das alterações de forma/fabrico e quantidade de exemplares exumados nas diferentes fases de ocupação.

Abstract

In the Alcáçova of Santarém the archaeological diggings made since the early 80's revelled a intense presence of the an Iron Age occupation.

Although the presence of pre roman amphorae is documented since the VII c. b.C. until the roman occupation, this transport container suffers deep changes, beginning in the V c. b.C..

With the presentation of this paper we aim to describe the evolution of the amphorae in this archeological site through its shape and fabric changes and its quantity through the different stages of the Iron Age occupation.

1. Introdução

Segundo os dados obtidos nas escavações da Alcáçova de Santarém, decorridas entre 1983 e 2001, sob a direcção da professora Ana Margarida Arruda, a ocupação pré-romana remonta pelo menos ao séc. VIII a.C.

A obtenção de datações de radiocarbono confirmaram uma presença orientalizante em época recuada segundo as cronologias tradicionais.

A circulação de bens e produtos para estas paragens efectuou-se com apreciáveis descontinuidades e com diferentes ritmos ao longo de mais de cinco séculos.

As análises efectuadas que passamos a apresentar denunciam algumas destas alterações ou tendências nos hábitos de consumo.

1.2. Localização e enquadramento geográfico

A cidade de Santarém situa-se na margem direita do Tejo, a aproximadamente 80 km da foz do rio. A Alcáçova possui um amplo planalto implantado no maciço calcário estremenho, sobranceiro ao rio Tejo escarpado nas vertentes sul, este e oeste.

O sítio possui uma acessibilidade favorável do ponto de vista fluvio-marítimo podendo ter funcionado na antiguidade como porto com acesso ao interior.

A sua proximidade do rio aliada à implantação em altura confere ao planalto uma posição estratégica fundamental, de grande domínio visual sobre o Tejo e as lezírias envolventes.

Actualmente o planalto abrange uma área de 4,5 Ha e atinge uma cota máxima de 106 metros acima do nível médio das águas do mar, é constituído fundamentalmente pelo Jardim das Portas do Sol e por alguns edificados de cariz religioso e habitacional (Arruda, 1999-2000).

Fig. 1. Localização de Santarém no território português (base cartográfica de V. S. Gonçalves)

2. As ânforas – Análise do conjunto

O conjunto em estudo corresponde aos contentores de transporte pré-romanos exumados nas campanhas de escavação decorridas entre 1983 e 1997. Na análise morfológica não foram equacionados os fragmentos de fundo e asa, tendo incidido a caracterização tipológica apenas nos 130 fragmentos de bordo existentes.

Embora não seja um conjunto muito numeroso de fragmentos ou de exemplares, trata-se de uma amostra diversificada no que respeita à forma e origem dos contentores, abrangendo um largo espectro cronológico.

A apresentação dos tipos existentes será efectuada segundo uma perspectiva cronológica, das formas mais antigas para as mais recentes. A análise macroscópica das pastas foi efectuada previamente tendo sido posteriormente integrada no estudo das formas presentes.

2.1.R1

As mais antigas importações anfóricas identificadas na Alcáçova de Santarém enquadram-se formalmente no tipo R1 ou "Ânforas de Saco".

A sua produção está atestada desde o séc. VIII a.C. até pelo menos ao séc. VII/VI a.C. embora algumas cronologias apontem para a existência de exemplares mais tardios de produção ocidental (Pellicer Catalán, 1978: 372).

A sua produção e comercialização em larga escala reflectiu-se nas múltiplas variações formais ao nível do bordo, o que originou uma sub-divisão formal partindo de um pressuposto cronológico.

Deste modo o T.10.1.1.1. de Ramon Torres representa o modelo anfórico mais antigo, o primeiro a ser fabricado nos centros fenícios do Estreito de Gibraltar (Ramon Torres, 1995: 229). A sua presença está atestada em toda a área de influência fenícia do Extremo Ocidente Peninsular, em contextos por vezes anteriores ao séc. VII a.C. (Ramon Torres, 1995: 277).

No que respeita aos conteúdos, esta forma é associada ao comércio de vinho, dada a sua importância no âmbito colonial (Ramon Torres, 1995: 279).

Na Alcáçova de Santarém foram exumados 14 fragmentos de bordo desta forma.

O tipo 10.1.2.1. é uma forma claramente inspirada no tipo anterior, que corresponde a uma evolução e diversificação do T.10.1.1.1., são contentores manufacturados em pequenas indústrias locais que se encontram dispersas por todo o Extremo Ocidente Mediterrâneo e Atlântico que tentaram reproduzir um "perfil ideal".

A diferenciação formal entre este tipo e o anterior nem sempre é clara, ambos possuem corpos, asas e fundos muito semelhantes, a distinção é feita sobretudo ao nível do bordo que se apresenta habitualmente com um lábio ligeiramente exvertido e espessado interiormente.

Ao nível dos conteúdos há uma certa indefinição podendo estes recipientes terem sido utilizados para transporte de vinho, conservas de peixe ou de carne (Ramon Torres,1995: 280). Na Alcáçova de Santarem o T.10.1.2.1. é claramente maioritário representando 73% do conjunto, enquanto que as T.10.1.1.1. representam apenas 27%.

Numa análise de conjunto pudemos verificar que ambos os tipos estão presentes nos mesmos grupos de fabrico, embora distribuídos de diferentes formas, sendo o fabrico 2 claramente dominante.

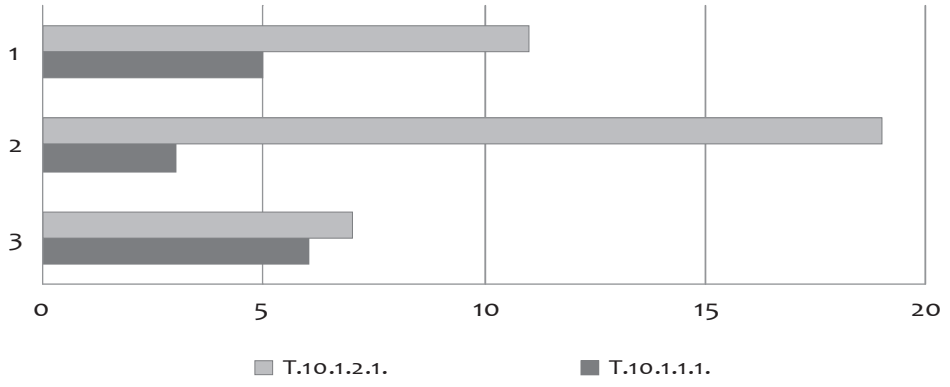


Gráfico 1. Fabricos identificados em ânforas R1

Cerca de 50 % dos exemplares apresenta um revestimento de engobe de cor castanha ou vermelha, aplicado sobre a superfície externa da peça. Estes revestimentos estão documentados quase exclusivamente em exemplares mais tardios.

Os contextos da Alcáçova de Santarém onde estas ânforas estão documentadas revelam que as ânforas R1 são claramente residuais nos estratos preservados, nunca ultrapassando os 15% do total dos materiais recolhidos.

Deste modo, embora o número de exemplares do tipo R1 seja expressivo no âmbito das importações anfóricas da Idade do Ferro é claramente residual quando comparado com outros tipos cerâmicos contextualizados, nomeadamente em relação à cerâmica manual e à cerâmica comum.

De um modo geral, no território português, estes recipientes estão presentes em todos os sítios com uma presença material de cariz orientalizante como no Castelo de Castro Marim, em Santa Olaia ou ainda em Abul (Silva et al., 1980-81).

2.2. A forma B/C de Pellicer

Optámos por integrar um conjunto de fragmentos de bordo no âmbito de um grupo mais vasto, denominado B/C. Trata-se de bordos engrossados no exterior, de tendência semicircular ou circular e reentrantes (Pellicer Catalán,1978). Na Alcáçova de Santarém esta forma está documentada em todas as suas variante: a variante B/C 1 de bordo trapezoidal é maioritária, representa 48% dos exemplares desta forma, a variante B/C 2 de bordo circular, bem documentada com 12 exemplares (33%) e a variante B/C 3 de bordo destacado, de secção ovalada 16%. Estas últimas surgem no Cerro Macareno entre a segunda metade do século V e o terceiro quarto do século IV a.C (Ibidem). A partir de este momento e até meados do século II a.C., encontram-se modelos mais evolucionados destas mesmas Formas B/C3 que representam apenas 3% da amostra.

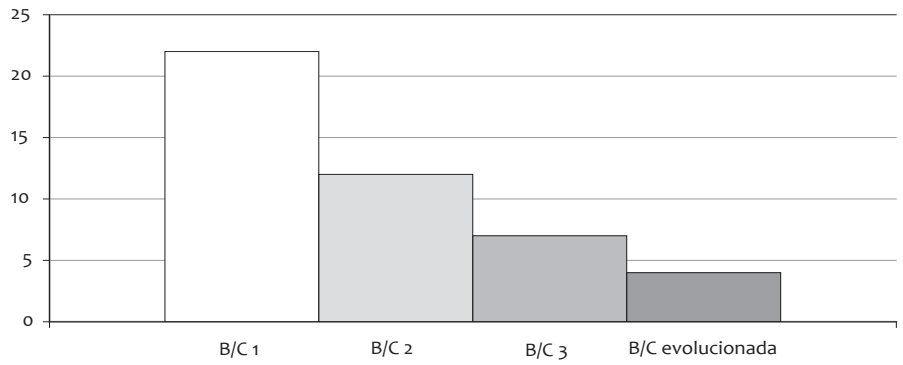


Gráfico 2. Variantes da forma B/C de Pellicer

Os fabricos parecem estar claramente associados às variantes formais e ao seu significado cronológico, deste modo, num momento mais recuado encontramos fabricos similares entre as variantes B/C1 e as T.10.1.21. de Ramon Torres, sendo os fabricos entre variantes B/C1, 2 3 e evolucionada claramente distintos.

No território actualmente português, podemos encontrar alguns sítios que forneceram ânforas do tipo B/C, sendo uma forma particularmente bem documentada nos sítios algarvios como em Tavira (Maia, 2004), no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993), em Vila Velha de Alvor (Gamito, 1998), em Castro Marim (Arruda et al., no prelo) e Faro (Arruda et al., 2005) ou no Moinho do Pinto (Odeleite) (Freitas e Oliveira, no prelo). Destaca-se ainda a recolha de exemplares em Miróbriga (Soares e Silva, 1979) e nos Chões de Alpompé (Diogo, 1993).

2.3. Forma D

Forma D corresponde a ânforas de tendência cilíndrica, sem colo, de boca estreita e com bordo muito reentrante, sem espessamento ou com um ligeiro engrossamento no exterior. O corpo é cilindróide com ombros que apresentam acentuada convexidade. Em alguns casos verifica-se um destacamento do bordo em relação ao corpo, através de uma canelura (Arruda, 2001: 76).

Na Alcáçova de Santarém esta forma está bem documentada tendo sido exumados 31 exemplares que correspondem a 23% do conjunto anfórico.

No que respeita às variantes da forma D, há um domínio da variante que apresenta uma canelura destacando o bordo em relação ao corpo, cerca de 70%, sendo claramente minoritária a variante D4.

No que respeita aos fabricos estamos perante três grupos de fabrico distintos, todos apresentam pastas grosseiras com elementos não plásticos variados e de grandes dimensões, tratando-se de possíveis produções locais. Deste modo, verifica-se uma ausância das importações da Baía Gaditana nesta forma.

O desconhecimento da produção de ânforas em época tão recuada nesta região, levou-nos a ponderar sobre a questão do conteúdo transportado. Não tendo sido identificados no território português ,até ao momento, industrias de preparados de peixe num momento anterior à presença romana, descartamos a associação directa destes fabricos a um conteúdo de piscícolas.

Na Alcáçova de Santarém documentam-se vários contextos com este tipo anfórico. A sua representação oscila entre os 5% e os 20%, em estratos onde a cerâmica comum é dominante e a cerâmica cinzenta e pintada em bandas está bem documentada.

Esta forma encontra-se maioritariamente em contextos finais da Idade do Ferro, contudo existem vários exemplares recolhidos em níveis republicanos, que atestam claramente a perduração desta forma na Alcáçova de Santarem até ao século I a.C.

Esta forma púnica, provavelmente produzida em contexto indígena, está documentada noutros locais do actual território português, nomeadamente no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993), Chões de Alpompé (Diogo, 1993), Castro Marim (Arruda et al., 2006) e em Lisboa (Pimenta, 2005).

2.4. O tipo 12.1.1.1 de Ramon Torres

As ânforas Mañá Pascual A4 recolhidas nas escavações da Alcáçova de Santarém são bastantes escassas. Foram exumados apenas três fragmentos de bordo que representam 2% do conjunto. Os fragmentos que apresentamos inserem-se na variante 12.1.1.1. de Ramon Torres. Esta é seguramente a forma pior documentada, não tendo sido recolhido nenhum exemplar em contexto.

Embora as ânforas Mañá Pascual A4 tenham sido produzidas durante um longo período de tempo, entre finais do século VI a.C. e o século I a.C., e que possam apresentar uma considerável variação formal registada ao nível do perfil do bordo; os exemplares scalabitanos não documentam essa diversidade registando-se apenas uma variante mais tardia.

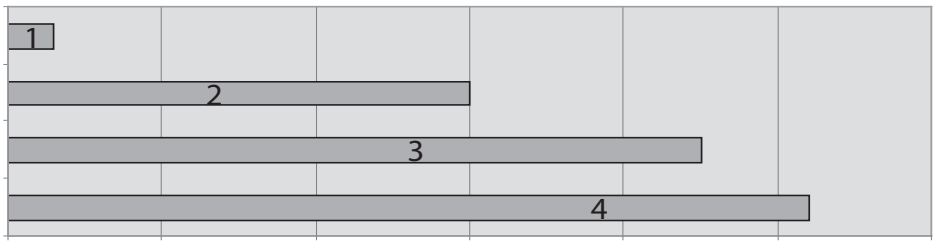
A produção desta forma está muito bem documentada em todo o Ocidente, existindo muitas evidências do seu fabrico na área da Baía gaditana. Com efeito, mais do que em qualquer outro local, é aqui que se localiza um apreciável conjunto de fornos que produziram maioritariamente ânforas Mañá Pascual A4. Os centros oleiros de Torre Alta (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1990), Pery Junquera (Gonzalez Toray et al., 2000) e Villa Maruja (Bernal et al., 2003) são bons exemplos desta produção.

Em Santarém esta forma T.12.1.1.1. apresenta apenas um fabrico enquadrável nas produções da Baía de Cádis.

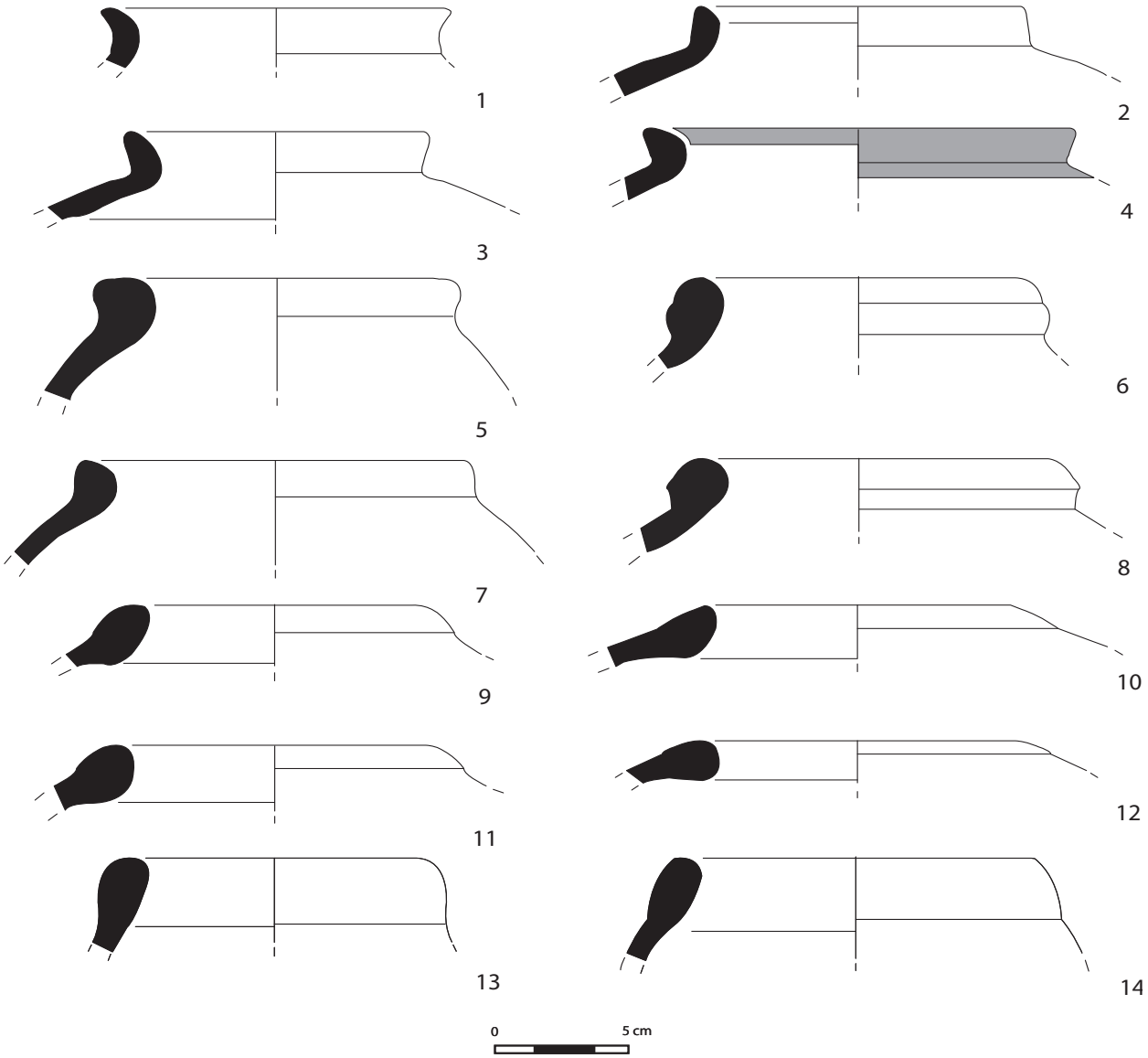
3. Considerações finais

O estudo deste conjunto anfórico, revela-nos dados importantes, que permitem por um lado caracterizar as importações ocorridas durante a Idade do Ferro, e por outro, confirmar os dados aferidos através da análise dos restantes materiais.

Ânforas pré-romanas da Alcáçova de Santarém : Os tipos representados



1-T-12.1.1.1.; 2-Forma D de Pellicer; 3-Forma B/C de Pellicer; 4-T10.1.1.1. e T10.1.2.1



Estampa I. 1 e 2: ânforas do tipo T.10.1.1.1 ; n.°s 3 e 4: ânforas do tipo T.10.1.2.1 ;
5 a 8 ânforas do tipo B/C de Pellicer; 9 a 12: ânforas do tipo D de Pellicer; 13 e 14 ânforas do tipo T.12.1.1.1.

Deste modo, e como já referimos, a Alcáçova de Santarém foi ocupada desde épocas muito remotas, os primeiros indícios da ocupação sidérica poderão remontar ao século IX, de acordo com as datações de radiocarbono efectuadas. O desfasamento existente entre a cronologia material e as datações de radiocarbono, já discutido neste trabalho, coloca alguns problemas, e exige por parte dos investigadores algum bom sendo de modo a uma articulação entre os dados existentes.

Apesar deste facto, não restam dúvidas de que o momento mais antigo da presença fenícia neste local é caracterizado pela presença das primeiras importações anfóricas R1, bem documentadas, trata-se da forma mais abundante de todo o conjunto (foram identificadas 51 ânforas R1 que representam 40% da amostra estudada).

Esta dinâmica comercial revela a importância da presença fenícia neste local, que deverá ter funcionado como um ponto de escoamento dos recursos ali existentes. A sua localização privilegiada (nas imediações de um rio navegável), e a existência de importantes recursos na região, tiveram seguramente peso na escolha deste local.

O primeiro momento de ocupação entre o sec.VII e VI a.C. está documentado não só pela presença de ânforas do tipo 10.1.1.1. e 10.1.2.1., mas também pela cerâmica cinzenta fina polida, e por *pithoi*.

O momento correspondente aos séculos V e IV a.C. é o período pior documentado. A ausência de contextos conservados que não permitiram realizar uma caracterização do urbanismo existente, aliada à quase total ausência de materiais característicos deste período, revela uma quebra acentuada nas importações quer de cerâmica fina, quer de produtos alimentares.

O total de cinco fragmentos de cerâmica ática exumada exclusivamente em deposições secundárias, aliada ao pequeno numero de ânforas características deste período, documentam esta realidade.

A escassez de importações torna-se uma realidade a partir da chamada II Idade do Ferro onde se verifica uma clara permanência de reportórios formais mais antigos de cariz orientalizante, nomeadamente a cerâmica de engobe vermelho e castanho, e cerâmica pintada em bandas.

A escassez de importações é em nosso entender uma evidência, não de qualquer tipo de abandono, mas de um fechar do sítio sobre si próprio de uma eventual redução das dimensões do povoado.

A partir do século III a.C. as produções anfóricas são constituídas quase exclusivamente por exemplares da forma D de Pellicer, que apresentam pastas escuras e grosseiras, frequentes nas produções locais ou regionais. No mesmo âmbito cronológico podemos enquadrar os exemplares do T.12.1.1.1. exumados, embora não haja registo de exemplares contextualizados, a importância destas importações prende-se com o facto de serem os únicos exemplares de importação Gaditana neste período.

A existência de ânforas de possível produção local ou regional da forma D de Pellicer, já sugerida por Ana Margarida Arruda para o Castelo de Castro Marim, coloca de novo a questão da produção de preparados piscícolas e dos respectivos contentores de envase para um período anterior à ocupação romana.

Os momentos posteriores ao século III a.C., já enquadrados no âmbito da ocupação romana estão igualmente mal documentados, registando-se apenas cinco fragmentos da forma CCNN e três fragmentos da forma recentemente individualizada Castro Marim 1.

Esta escassez na importação de produtos correspondente a um momento enquadrável entre o séc. III e II a.C. contrasta brutalmente com a realidade documentada em *Olisipo*, onde existem contextos bem característicos do sec. II a.C., com uma abundante presença de materiais béticos nomeadamente, o T.9.1.1.1 e as ânforas Maña Pascual A4.

Os vestígios da existência de intensas relações comerciais com a região da Andaluzia, bem documentados em época romana, pela presença de ânforas e cerâmica comum de origem Bética

na Alcáçova de Santarém encontra-se praticamente ausentes, em momentos imediatamente anteriores.

No futuro, juntamente com a análise de outros locais com níveis de ocupação da II Idade do Ferro desta região, será possível determinar os factores que condicionaram a presença destes produtos no estuário do Tejo.

Bibliografia

Arruda, A. M. (1999-2000) - *Los fenícios en Portugal: Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal*. Barcelona: Cuadernos de Estudios Mediterráneos.

Arruda, A. M. (2001) – Importações púnicas no Algarve: cronologia e significado. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente (Actas do Colóquio Internacional)*. Lisboa: Universidade Aberta. pp. 69-98.

Arruda, A. M.; Viegas, C.; Bargão, P.; Pereira, R. (2006) - As importações de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à época romana. *Setúbal Arqueológica*. 13. pp. 153-176.

Arruda, A. M.; Bargão, P.; Sousa, E. (2005) – A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos. RPA. vol 8, nº 1. pp. 177-208.

Bernal, D.; Díaz, J. J.; Expósito, J. A.; Sáez, A. M.; Lorenzo, L.; Sáez, A. (2003) – *Arqueología y urbanismo. Avance de los hallazgos de época púnica y romana en las obras de la carretera de Camposoto (San Fernando, Cádiz)*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz.

Diogo, A. M. D. (1993) – Materiais da Idade do Ferro provenientes de Chões de Alpompé. In *Os fenícios no território português*. Estudos Orientais. IV. Lisboa. pp. 215-227.

Freitas, V. T. ; Oliveira, C. (no prelo) - A ocupação proto-histórica do Baixo Guadiana.

Gamito, T. (1994): Polícia Judiciária. *Informação Arqueológica.* 9. Lisboa: IPPAR. pp. 115-117.

Gomes, M. V. (1993) - O estabelecimento fenício-púnico de Cerro da Rocha Branca (Silves). In *Os fenícios no território português*. Estudos Orientais. IV. Lisboa. pp. 73-107.

Maia, M. (2004): http://www.arqueotavira.com/Estudos/PescaTavira.pdf

Pellicer Catalán, M. (1978) – Tipologia y cronologia de las ánforas preromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*. 9. Sevilla: Universidade de Sevilha. pp. 365-400.

Perdigones Moreno, L.; Muñoz Vicente, A.; Pisano, G. (1990): La necrópolis fenicio-púnica de Cádiz, siglos VI-IV a.C. *Studia Punica*. 7. pp. 1-90.

Pimenta, J. P. (2004) – *As ânforas romanas do Castelo de S. Jorge (Lisboa)*. Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Ramón Torres, J. (1995) – *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central e occidental*. Barcelona: Universidade de Barcelona.

Silva, C. T. DA ; Soares, J.; Beirão, C. M.; Dias, L. F.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas do Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. 6-7. Setúbal: MAEDS. pp. 149-218.

Soares, J. ; Silva, C. T. (1979) - Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. 5. Setúbal: MAEDS. pp. 159 – 184.

LAS ÁNFORAS DE ÉPOCA REPUBLICANA DE LIXUS (LARACHE, MARRUECOS)

Carmen Aranegui[1]
Hicham Hassini[2]
Jaime Vives-Ferrándiz[3]

[1] *Universitat de València*
[2] *INSAP, Conservación de Lixus, Larache*
[3] *Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación de Valencia*

Resumen

Estudio de las ánforas de Lixus entre los siglos IV-I a.C. a partir de la documentación de las excavaciones marroco-españolas (1999-2003). Las actividades pesqueras e industriales destacan a lo largo de toda esta etapa, primero con una facies púnica e incorporando después elementos romanos. Existen semisótanos en las casas que plantean la participación de pequeños comerciantes en la economía pesquera.

Abstract

This paper deals with Lixus' amphorae of the 4th to 1st centuries BC coming from Morocco-Spanish excavations (1999-2003). Fishery and salting fish seem to be the main resource of this period; the oldest amphorae show Punic types but Roman types become prevailing in the 1st century. There are private houses with an underground cellar. Maybe they belong to salted fish merchants.

Introducción: las excavaciones en la Ladera Sur (1999-2003)

Este trabajo se enmarca en una colaboración científica del INSAP (Rabat) y la Universidad de Valencia, bajo la codirección de M. Habibi y C. Aranegui (Aranegui, 2001 y 2005), que, desde 1995, tuvo por objeto el estudio del periodo prerromano en un sector de Lixus (Larache, Marruecos). A partir de 2005 una segunda etapa, codirigida por C. Aranegui y H. Hassini, está explorando la cima de la colina lo que permitirá completar y ampliar algunas de las conclusiones que aquí presentamos.

Las excavaciones en la Ladera Sur del yacimiento, junto al Sondeo del Algarrobo (Tarradell, 1959, pp. 27-32), afectaron a un sector industrial periférico, situado por encima de las *cetariae* y del puerto, de modo que las ánforas son especialmente significativas en aquel registro, sobre todo entre los ss. II a.C. y I d.C. Sus contextos han sido objeto de análisis paleocarpológicos, antracológicos y faunísticos, complementarios a los tradicionales estudios tipológicos, por lo que contamos con una buena información para evaluar una etapa de los flujos comerciales lixitanos.

La base documental asciende a 1017 ánforas (31,48% de la cerámica inventariada), lo que permite abordar con ciertas garantías el tema enunciado, sin ser concluyentes en algunos aspectos. Planteamos este trabajo desde tres parámetros. En el primero se examinan los grupos de ánforas más numerosos por áreas de procedencia; el segundo relaciona las ánforas del *círculo del Estrecho* con un depósito o almacén excavado por nosotros y propone un modelo de gestión económica particular; el tercero contextualiza la documentación de Lixus el arco atlántico.

Las ánforas y los circuitos comerciales

Aunque la periodización de la excavación cuenta con una fase fenicia (ss. VIII-VI a.C.), otra púnica (325-175 a.C.) y otra mauritana (175 a.C.-50 d.C.), dividida a su vez en cinco horizontes, antiguo 1 (175-80 a.C.), antiguo 2 (130-80 a.C.), antiguo 3 (80-50 a.C.), medio (50 a.C.-10 d.C.) y reciente (10-50 d.C.), en este artículo vamos a tratar de las ánforas comprendidas entre el s. IV y el I a.C., cuando las ánforas suponen el 20-30% en relación al resto del material cerámico, si bien en la segunda mitad del s. I a.C. ascienden en torno al 40%, tal vez por la naturaleza de algunos de los depósitos tomados en consideración: habitaciones de pocos m^2 con decenas de ánforas (Aranegui *et al.*, 2004, pp. 363-378) que fuerzan el porcentaje. En todo caso, y obviando las causas de la sobrerrepresentación en los momentos finales de la monarquía mauritana, la relevancia del ánfora en la Ladera Sur queda clara, confirmando la función mercantil del puerto de la ciudad.

Las procedencias representadas mayoritariamente son, en este orden, el Estrecho-Extremo Occidente, el área púnica centromediterránea y la Península Itálica (Fig. 1). Entre el s. IV y el principio del I a.C. las tres procedencias están relativamente equilibradas aunque hacia el 130 a.C. las ánforas cartaginesas desaparecen y a partir del 80-50 a.C. suben las ánforas del Estrecho-Extremo Occidente. Las ánforas itálicas nunca son especialmente significativas (Aranegui *et al.* 2005: 107-140).

En nuestro registro la capacidad productiva del Estrecho-Extremo Occidente nunca se ve alterada y tiene su propia dinámica, que es constante. Ahora bien, la posible producción local de algunos tipos no puede ser demostrada con análisis seriados de pastas cerámicas pues siguen sin conocerse los alfares de Lixus -probablemente próximos al complejo salazonero, como ocurre en la Bahía de Cádiz (Lagóstena 2001)-, de modo que hemos partido de la hipótesis de la duplicidad de talleres a ambos lados del Estrecho, basándonos en la industria salazonera de las costas comprendidas entre Ceuta, el Lucus y hasta la desembocadura del Sebú, acompañada de múltiples hallazgos de ánforas para derivados de la pesca (Aranegui *et al.* 2004 y 2005).

Se dan en Lixus porcentajes muy elevados de ánforas de las series 11 o 12 de Ramon y, también, de las fenicias de la serie 10, desde la época colonial fenicia. De ello se infiere que la

explotación de la pesca y, en general, de los recursos naturales, se remonta al momento de su fundación en el s. VIII a.C. De hecho, en las campañas de 2001 y 2002 se han definido niveles púnicos datados entre el 325 a.C. (UE 3041) y el 175 a.C. con predominio del ánfora Mañá-Pascual A4 (S-12.0.0.0) que permite sospechar que su precedentes (las ánforas de la S-11.0.0.0.) también fueron mayoritarios en los ss. V y IV a.C., tal y como denuncian los ejemplares residuales hallados. La constatación arqueológica de estos envases y su producción en Marruecos, los más antiguos en Kuass (Kbiri-Alaoui 2004) y los evolucionados tanto en ese lugar como también, al menos, en Banasa (Aranegui *et al.*, 2004), probaría la contribución de Lixus al comercio de larga distancia de las célebres conservas púnicas extremo-occidentales.

En los alfares regionales, la sustitución tipológica de envases salazoneros púnicos del Estrecho por formas romanas se traduce en el paso desde las 12.1.0.0. a la T-7.4.3.3. y, de aquí, a las Dr. 12 y Dr. 7/11, tres grupos de ánforas mayoritarios a lo largo de los periodos mauritanos. En el paso del s. II al I a.C. el aumento considerable del ánfora 7.4.3.3. va parejo a una reactivación del comercio del área del Estrecho: aunque esta procedencia siempre predomina en nuestro material, entre el s. I a.C. y el I d.C., destaca con mayor amplitud en los conjuntos hasta que, en el periodo del 10 al 40 d.C., que no tratamos en este artículo, las Dr. 7/12 adquieren valores superiores mediante una sustitución más gradual que la de las ánforas 12.1.0.0. por las 7.4.3.3.

Se trata de la adopción del ánfora de tradición itálica, que se identifican en Lixus desde el segundo cuarto del s. I a.C. con la aparición de las Sala 1/Lomba do Canho 67. Las ánforas ovoides de cuellos largos quizá tienen más que ver con las naves de transporte y sus posibilidades de estiba que con las estructuras económicas pues su contenido sigue relacionado con la pesca. En Lixus se observa un franco predominio del tráfico salazonero y conservero sin solución de continuidad ante la entrada progresiva del comercio itálico. Sin embargo hay que señalar una fluctuación en las artes de la pesca puesto que, uniendo la información epigráfica y los análisis de ictiofauna (Aranegui *et al.*, e.p.), la conserva de atún es propia de una parte de las ánforas fenicias (S-10.1.0.0.; S-11.1.0.0.) así como de algunas de tipología itálica, principalmente B II, mientras que el grueso del conjunto de época romano-republicana contiene preparados a base de pescado de menor calibre, susceptible de ser capturado más cerca de la costa. Además podemos ampliar el conocimiento sobre los contenidos ya que tenemos ánforas T-7.4.3.3. asociadas mejillones conservados en salmuera y vinagre y a pepitas de uva recuperadas en espacios de almacenamiento donde no hay ánforas ovoides (Sala1/Lomba do Canho 67; Haltern 70…) lo que sitúa la mezcla de pescado y uva en una fecha ligeramente anterior a la hasta ahora señalada (García Vargas 1998), y en un ambiente de tradición púnica.

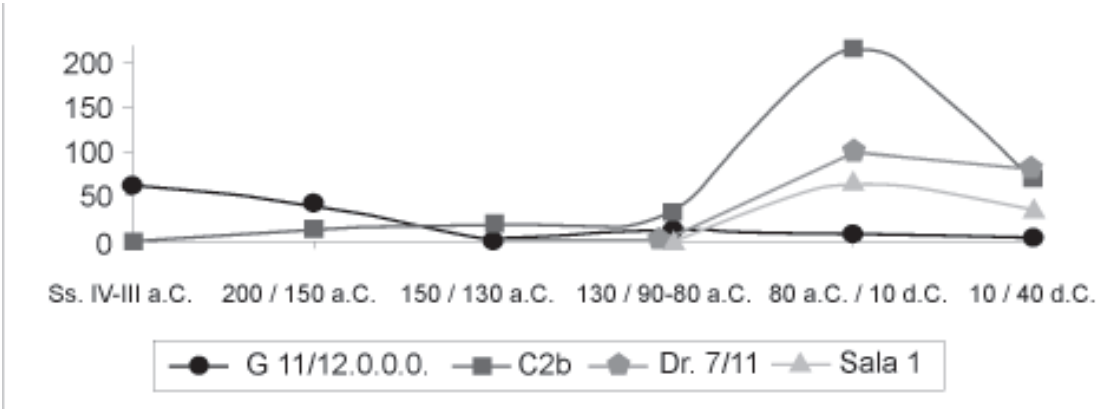


Fig. 1. Ladera Sur: tendencia de algunas ánforas del Estrecho en los horizontes púnico y mauritanos

Almacenes de ánforas

Sin entrar a valorar la posible existencia de almacenes portuarios de mayor capacidad, identificamos semisótanos en espacios domésticos mauritanos fechados a partir del 200 a.C. donde se acumularon, entre el 130 a.C. y el cambio de Era, envases para los derivados de la pesca de los tipos del *círculo del Estrecho*. Entre éstos destaca el ánfora T-7.4.3.3. de la que en una misma habitación encontramos una pieza con un signo precocción en forma de pez (¿) y otra con un sello en cartela rectangular en la que se inscribe, en positivo, *AMIS·E*. Éste es uno de los pocos sellos latinos de las 7.4.3.3. halladas en la Mauritania occidental frente a los inscritos en púnico; la necrópolis de S. Lorenzo de Melilla, con la marca *BA,* y Sala, con las marcas *FIGUL* y *BISV,* completan la nómina, siempre en contextos del segundo tercio del s. I a.C. (Aranegui *et al.*, 2004).

En Cádiz, en una cronología similar, para una marca idéntica se propuso la lectura de un nombre de persona semita (Muñoz, 1993, 328, fig. 17, 9; García Vargas, 1998, p. 221), alusivo a un probable propietario de alfar dependiente de un centro salazonero en cuya explotación participarían, en estas fechas, particulares -para Torre Alta (San Fernando), sin embargo, se supone la intervención del estado en la fabricación de ánforas (De Frutos y Muñoz, 1996)-. La interpretación de las estructuras exhumadas sería o bien una factoría de salazón o bien un vertedero próximo a un alfar de ánforas (García Vargas, 1998, p. 159), como parece probable, pero es evidente que existe una relación con Lixus.

Son escasos los ejemplos arqueológicos de semisótanos con ánforas en centros pesqueros aunque se conocen ejemplos en el Mar Negro (Fig. 2) relacionados eventualmente con el envejecimiento del producto previo a su salida al mercado (Kryžickij, 1982, p. 34). Desde los tiempos de las excavaciones de Tissot y La Martinière (1919, pp. 320-329) se conocen casas en Lixus en una de cuyas dependencias se amontonan ánforas (Tarradell, 1959, lám. 6) -con un volumen de ejemplares por debajo del centenar- que ponen de manifiesto un modelo unido a la casa propio de comerciantes que se beneficiaban del movimiento que generaba el puerto, implicados en la circulación de mercancías.

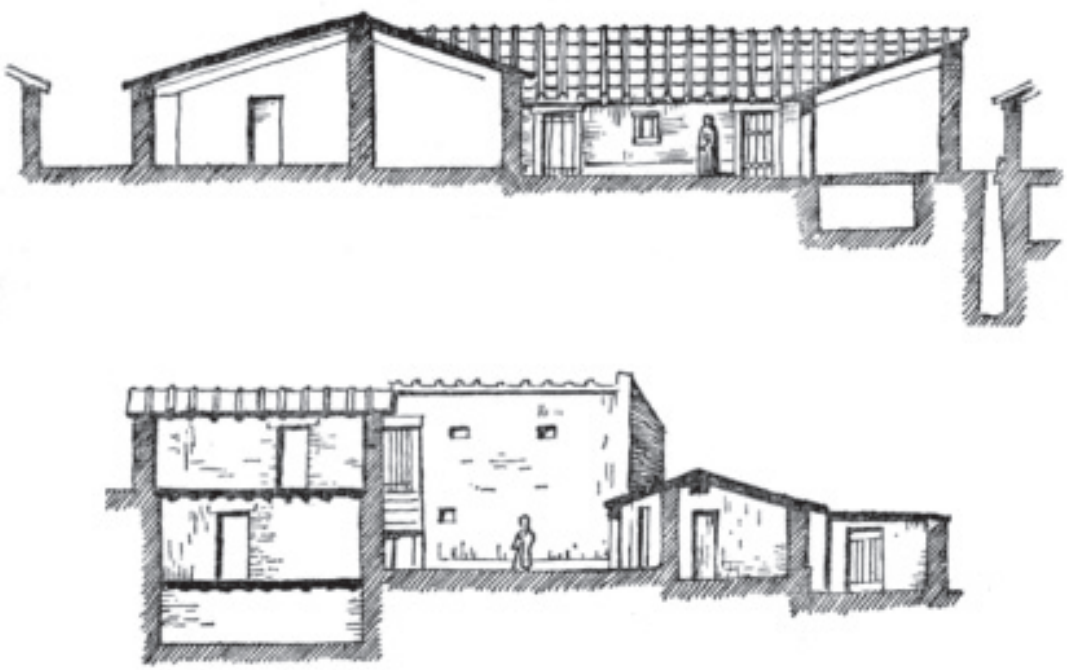


Fig. 2. Hipótesis de reconstrucción de espacios domésticos de Olbia del Mar Negro en los que se aprecian las estructuras en semisótano para envejecer productos envasados (según Kryžickij, 1982)

Espacios equivalentes con recipientes de tamaño mayor (del tipo *dolia*) han sido interpretados en Ostia como muestra de un comercio de vino al por mayor (Hesnard, 2001, 285-302). Pero en Lixus llama la atención que sean bodegas semienterradas, sin duda apropiadas, en principio, para dejar envejecer las salsas y conservas. Porque los *tituli* de algunas ánforas más tardías -Beltrán IIB- como la del pecio Gandolfo (Almería), dicen *co*(*r*)*d*(*ula*) *port*(*uensis*) *Lix*(*itana*) *vet*(*us*) *excel*(*lens*) *summ*(*aur*?) *annorum trium* (Liou 1993, 140), y en algún lugar tendría que suceder ese proceso que, en lo relativo al atún rojo de un año del Estrecho (*cordula portuensis*) (Liou y Rodríguez Almeida, 2000, 7-23), establece un consorcio del que forman parte, además de Lixus y Tánger, Cádiz, Málaga y Sexi, ciudades que, a excepción de Málaga, emitieron monedas con reversos de atunes con anterioridad al cambio de Era.

No podemos asegurar que tal procedimiento estuviera vigente con anterioridad al cambio de Era, aunque el almacén-bodega como infraestructura comercial queda en pie.

El Estrecho, el arco atlántico y Lixus

La gestión industrial de la pesca es , sin lugar a dudas, tan antigua en Lixus como en Cádiz donde ya Estrabón reconocía que había pescadores ricos y pobres (Str. II, 3, 4), con embarcaciones grandes y pequeñas, que iban a pescar al Lucus.

Al evaluar las ánforas y los flujos comerciales de Lixus a largo plazo se evidencia que el concepto *círculo del Estrecho*, acuñado por Tarradell huyendo de una lectura colonialista de los procesos históricos –a diferencia de lo habitual en las misiones europeas que actuaban en África en la primera mitad del s. XX como herederas de los colonizadores de la Antigüedad-, es hoy insuficiente. La geografía implicada en los fenómenos aludidos abarca no sólo ambas orillas del Estrecho sino también la mitad sur de Portugal puesto que las actividades en todas las riberas atlánticas muestran vínculos supraregionales, entre los que destacamos la industria pesquera porque es, quizá, la más representativa desde el punto de vista económico.

En este espacio no hay áreas subsidiarias o jerarquías porque es una entidad económica integrada y complementaria. Las jerarquías no se deben evaluar a partir del número de alfares y las áreas productoras claramente identificadas ya que son actividades complementarias cuyo registro arqueológico, además, depende del ritmo de la investigación en una u otra zona. Así, el estudio de las ánforas –especialmente las salazoneras- y las estructuras productivas asociadas –piletas de salazón, cisternas,- muestra que todo este ámbito participa integrado. De hecho se puede plantear la reciprocidad de las estructuras y los flujos comerciales en el que el patrón de cooperación es más adecuado que una jerarquía norte-sur poco inadecuada por lo visto con la investigación de los últimos años en el Magreb.

En definitiva, observamos un paralelismo entre las dos áreas del Estrecho que se extiende con amplitud a las fachadas atlánticas, configurando un escenario histórico que, no obstante, muestra también especifidades en cada área, tarea que la futura investigación debe encargarse de evaluar.

Bibliografía

Aranegui, C. (dir.) (2001) - *Lixus. Colonia fenicia y ciudad púnico-mauritana. anotaciones sobre su ocupación medieval*. Saguntum extra. 4. Valencia.

Aranegui, C. (dir.) (2005) - *Lixus-2 Ladera Sur. Excavaciones arqueológicas marroco-españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003*. Saguntum extra-6. Valencia.

Aranegui, C.; Kbiri Alaoui, M.; Vives-Ferrándiz, J. (2004) - Alfares y producciones cerámicas en Mauritania Occidental: Balance y perspectivas. En *Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.)*. BAR int. ser. 1266. Oxford. pp. 363-378.

Aranegui, C.; Vives-Ferrándiz, J.; Hassini, H. (2005) - La ocupación mauritana. III. Las ánforas. En Aranegui, C. (ed.) *Lixus-2 Ladera Sur. Excavaciones arqueológicas marroco-españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003*. Saguntum-PLAV extra-6. Valencia. pp. 107-134.

Aranegui, C.; Vives-Ferrándiz, J. (2005) - La ocupación púnica. III. Las ánforas. En Aranegui, C. (ed.) *Lixus-2 Ladera Sur. Excavaciones arqueológicas marroco-españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003*. Saguntum-PLAV extra-6. Valencia. pp. 148-153.

Aranegui, C.; Rodríguez, C. G., Rodrigo, Mª J. (e.p.) - Datos para la gestión pesquera de Lixus (Larache, Marruecos). *Cetarie 2005*. Cádiz.

De Frutos, G.; Muñoz, A. (1996) - La industria pesquera y conservera púnico-gaditana: balance de la investigación. Nuevas perspectivas. *Spal*. 5. Universidad de Sevilla. pp. 133-165.

García Vargas, E. (1998) - *La producción de ánforas en la Bahía de Cádiz en época romana (siglos II A.C.-IV D.C.)*. Sevilla.

Hesnard, A. (2001) - L'approvisionnement alimentaire de Rome à la fin de la République et au Aut.-Empire. *Pallas*. 55. pp. 285-302.

Kbiri Alaoui, M. (2007) - *Revisando Kuass (Asillah, Marruecos). Talleres cerámicos en un enclave fenicio, púnico y mauritano*. Saguntum extra 7. Valencia.

Kryžickij, S. D. (1982) - *Žilye doma antičnych gorodov Severnogo Pričernomor'ja (VI v. do n.e.- IV v. n.e.)*. Kiev.

La Martinière, (1919) - *Fouilles de Lixus, Souvenirs du Maroc. Voyages et missions 1882-1918*. París.

Lagóstena, L. (1996) - *Alfarerías romanas de la Bahía de Cádiz*. Cádiz.

Liou, B. (1993): Inscriptions peintes sur amphores de Narbonne (Port-la-Nautique). *Archaeonautica*. 11. pp. 131-148.

Liou, B., Rodríguez Almeida, A. (2000) - Les inscriptions peintes du Pecio Gandolfo (Almería). *Mélanges de l'École française de Rome, Antiquité*. 112. pp. 7-23.

Muñoz, A. (1993) - Las cerámicas fenicio-púnicas de origen submarino del área de La Caleta (Cádiz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de Castellón*. 15. pp. 287-333.

Tarradell, M. (1959) - *Lixus. Historia de la ciudad, guía de las ruinas y de la sección de Lixus en el Museo de Tetuán*. Tetuán.

BRONZE MALE DEITIES: ELEMENTS FOR THE IDENTIFICATION OF A PHOENICIAN GROUP IN MEDITERRANEAN

Javier Jiménez Ávila

Instituto de Arqueología de Mérida
(Junta de Extremadura-Consorcio de Mérida-CSIC)

Resumen

La aparición de un creciente número de figuras masculinas de bronce en pose y atuendo egipcios en el Sur de la Península Ibérica, favorece abordar el estudio de conjunto de este grupo e intentar establecer algunas de sus características fundamentales, así como verificar su extensión como serie de producción homogénea a lo largo del Mediterráneo fenicio, adscribiéndole otros elementos que inicialmente se habían relacionado con tradiciones artesanales distintas. En estas zonas se producirán, además, imitaciones locales bien diferenciables de los productos propiamente fenicios. La definición de este grupo, aparte de establecer criterios más firmes a la hora de valorar algunas figuras ya conocidas y de incorporar otras nuevas, permite aproximarnos a algunos aspectos relacionados con la artesanía, la iconografía y la religión fenicias.

Abstract

The emergence of an increasing number of bronze male figurines of Egyptian posture and outfit in the South of the Iberian Peninsula has favoured the study of this group and the definition of some of its fundamental characteristics. Moreover, it has enabled us to confirm its extension as a homogenous production series throughout the Phoenician Mediterranean and to ascribe to this group a number of elements which had been related to separate crafts traditions. In the areas concerned, local imitations were produced which were quite differentiable from the truly Phoenician products. The definition of this group, as well as establishing stronger criteria for the assessment of some of the known figurines and the incorporation of new ones, enables us to approach particular aspects of Phoenician craftsmanship, iconography and religion.

The emergence of an increasing number of bronze male figurines of Egyptian posture and outfit in the South of the Iberian Peninsula has favoured the study of this group and the definition of some of its fundamental characteristics. Moreover, it has enabled us to confirm its extension as a homogenous production series throughout the Phoenician Mediterranean and to ascribe to this group a number of elements which had been related to separate crafts traditions. In the areas concerned, local imitations were produced which were quite differentiable from the truly Phoenician products. The definition of this group, as well as establishing stronger criteria for the assessment of some of the known figurines and the incorporation of new ones, enables us to approach particular aspects of Phoenician craftsmanship, iconography and religion.

The Bronze Figurines of the Iberian Peninsula

The first figurine of this group is one which, quite dubiously, was recovered from Mérida (Badajoz) and is held in the Hispanic Society of New York since 1957 (Hibbs, e.p.; Bisi, 1986; Jiménez Ávila, 2002). This well made figurine could be used to define some of the main characteristics of the group: relatively homogenous dimensions (around 12 inches) and the presence of well-marked Egyptian traits, visible in both their dress, materialised in high crowns, *schenti* robes and pectorals, and in their hieratic position, often reinforced by the conventional forward stepping of the left foot (Fig. 3).

Another figurine that can be related to this group was published by M. Almagro Basch in 1980. It is of smaller size and displays a White Crown and smiting posture (Fig. 3).

As part of the Vives Collection, it is held in the Spanish "Museo Arqueológico Nacional" and appears to come from the area of Itálica, close to Seville. This geographical attribution of both early (the Astarté of the Carambolo) and recent (the excavation of the Carambolo site itself) finds, is much more understandable than that of Mérida, and places us in a more obvious relation to the areas of Phoenician colonisation of the Iberian Peninsula.

Two figurines of the same type were recovered from the nets of a fisherman in the 1970´s, in an area named Barra de Huelva (Huelva), on the sea-bed (Fig. 3). Both are made of bronze, contrary to what has been published about them (it was suggested that one was made of iron, something that would not have been technically possible at the time of production), and after many years in a private collection, they now belong to the Museum of Huelva, thanks to the intervention of the Civil Guard. These two figurines have been subjected to different cultural assignments: when first published by I. Gamer-Wallert (1982), it was suggested that they were an Egyptian product of the Saite Period, while further studies opened the possibility of their production in Syria, albeit without discarding the Egyptian option (Fernández-Miranda 1986). They were later assimilated to a Phoenician production, which is now commonly accepted (Falsone 1988; Jiménez Ávila 2002).

In order to relate these figurines with the Phoenician colonisation of the Iberian Peninsula, the recovery of the largest group in Cádiz, in the proximity of the island of Sancti Petri, a location traditionally associated with the famous temple of Melqart, has been decisive.

The bronzes of Sancti Petri already add up to 8 examples[1] (Fig. 3), a number that has increased since the publication by A. Blanco of the first three figurines 20 years ago up until the most recent finds (Blanco Freijeiro 1985; Acquaro 1988; Perdigones 1990; Jiménez Ávila 2002; Sáez *et al.* 2005). Moreover, rumours exist regarding the existence of further bronzes which have circulated on the antiquities black market.

1 As well as the seven statuettes shown in Figure 3, a further unpublished example is held in the Museum of San Fernando (Cádiz). We are grateful to Dr. J. Corzo for this information.

With all of these elements, we already have a sufficiently large collection on the basis of which to put forward a basic characterisation and to try to locate the existence of more figurines of this type throughout the Mediterranean.

If there is something that characterises these figurines, it is their poor iconographic fixation. This can be confirmed by the examination of the combinations that take place between their most significant distinguishing elements: the head dresses that cover their heads and their corporal poses, both of which are imbued with strong Egyptian traits as we mentioned above.

The head dresses correspond to three basic formats: 1) the White Crown of Higher Egypt, well known and characterised by its globular finish; 2) a bulbous crown, related to but different from the former, which I have named 'Mitre'; 3) the *Atef* Crown, the head dress of Osiris *par excellence*, which is the result of adding two ostrich feathers to either side of the White Crown.

On the other hand, the corporal poses of these figures correspond to four basic stereotypes which are fundamentally achieved through the position of the arms: 1) the arms fall alongside the body, a formula traditionally called the Egyptian posture; 2) the arms are held out, slightly bent, in front of the subject, sometimes holding weapons or other belongings, in a position named 'smiting' (Collon, 1972); 3) with one arm folded across the chest and holding an object in a ritual attitude; 4) showing the palm of the right hand open in a posture that we now identify with actions of greeting or blessing.

Apart from these stereotypical traits, the decoration, the *schenti*, the presence or not of pectorals, beards, etc, provide this group with great iconographic variety.

However, the most remarkable and interesting point, as I mentioned earlier, is the enormous variability that can be observed in the breakdown of the possible combinations of basic traits (head dresses and postures) as shown in Figure 1 which includes figurines from both the Iberian Peninsula and other areas of the Mediterranean and that can be associated with this group as we shall see below.

Practically all of the possible combinations are represented and when not, as is the case of the combinations between [mitre + Egyptian posture] or [mitre + ritual posture], their absence can be traced to the scarceness of a particular trait in the global assemblage. For instance, we have only 2 mitres associated with known postures and both correspond to distinct patterns.

This disinterest in iconographic fixation appears to be a fundamental character of this group of Phoenician figurines, and lies in contrast with the rigour observed, for example, in Egyptian imagery in which the identification of the different deities according to their formal attributes constitutes an almost automatic inference. This characteristic is much more alike to the Syrian-Palestinian representations of the Second Millennium and to the Phoenician production itself of the First Millennium, in which many deities whose specific traits enabled their identification in their original pantheons underwent a process of iconographic transformation which prevents their clear identification when they are found in Phoenician contexts.

Notwithstanding, and despite these affiliations, the truly Phoenician figurines, that are those of the First Millennium, are generally differentiated from the earlier forms through the increase of Egyptian traits and a greater frequency of figures in pacific attitudes.

It is also impossible to conclude as to whether the Phoenician deomorphs represent any particular deity. There are some very specific iconographic formulae, as for example the tripartite beard of one of the figurines from Cádiz, of which a surprisingly similar correlate can be found on a Eastern ivory head from Samos (Freyer Schauenburg, 1966), that suggest that we are faced with representations of the same mythological figures. But the lack of iconographic fixation must without doubt be added to the difficulties of identifying specific deities and which have marked the study of these figurines since their earliest recovery.

Posture / Crown	Egiptian	Smiting	Ritual	Benediction
White C.	Cadiz 17008	MAN 22665	Samos B-1219 Paris	Flumenlongu
Bulbous C.		Huelva 6975		HSA D-958
Atef C.	Cadiz 17004	Samos B-1212 Palermo	Huelva 6974 S. Fernando 430/90	

Fig. 1. Phoenician Bronze Male Deities. Correlation Between the different types of postures and crowns

The Mediterranean Group

The presence of this ample group of representations along the coastline of southern Spain suggests the existence of a wider craftsmanship which could have spread throughout the whole of the Phoenician Mediterranean. In order to locate it, it is necessary to review some of the known sculptures that have been the subject of diverse assessments in the territories of Phoenician presence: the Palestinian coast, Cyprus, the Aegean and Central Mediterranean.

It has become usual for studies of Phoenician crafts to underline the paucity of evidence from the Phoenician territory itself, that is, the current Lebanese coast. In the case of the bronze figurines, it is all the more surprising given the abundant records of bronze ex-votos belonging to the Second Millennium BC. The collections from sites such as Ugarit, and especially Biblos, form catalogues of several thousands of pieces (Negbi, 1976; Seeden, 1980).

In contrast to this abundance, examples of bronze male figurines from the First Millennium and documented in this area are extremely rare. Published examples are practically reduced to the one described by G. Falsone (1988) which is held in a private collection in Paris (France) and which presents a white crown in a ritual posture (Fig. 3).

The evidence is becoming a little more solid in Cyprus where the existence of similar representations is suggested by the presence of some sculptures which, whilst undoubtedly of local production, can be related to our series. However, for the purpose of the present study, the mention of a bronze torso held in the Museum of Nicosia and identified as number 1449 is of more interest. This figure, of unknown provenance, was published in the 1950´s by P. Dikaios who related it to the period of Egyptian influence in the island during the Saite period (Dikaios, 1953). Although incomplete, its main distinguishing traits are quite visible, such as its ritual posture and the advancing of the left foot. In the light of the finds of the Iberian Peninsula, this torso can be considered as a Phoenician sculpture belonging to the same series as the Iberian examples and thus with a date prior to the 6th century, as had been suggested. The identification of this sculpture as a Phoenician production of the 8th or 7th centuries BC could explain the imitations mentioned above that appear across the island and it could even be that the production of these bronze figures may have played some role in the development of the grand stone sculptures that are so characteristic of the Cypriot art of the following centuries.

In this same line of figures belonging to the Phoenician group, we also find a bronze figure recovered from the ruins of the Heraion of Samos and catalogued by U. Jantzen among the Egyptian products of this Greek sanctuary (Jantzen, 1972). The figure represents a male deity in the 'smiting' posture and with an *atef* crown (Fig. 3). From an iconographic point of view, it is difficult to identify this figure with any of the divinities of the Egyptian pantheon: whilst the *atef* crown is the head dress of Osiris *par excellence*, this figure certainly does not represent Osiris. The smiting position is in Egypt characteristic of the Assyrian god Reshef, but neither does this figure display the typical characters of Reshef in Egypt, such as the rear *infulae* or the gazelle protomes of its White Crown. It thus proves difficult to identify this figure through the application of the semiological criteria of Egyptian production. On the contrary, from the perspective of a Phoenician product, this deiform sculpture is much more understandable, given that we have already established the lack of iconographic fixation as one of the basic characteristics of this group.

The figure from Samos is of particular importance in establishing the chronology of these products since it appears in a well which became sealed at the end of the 7th century, thus provided an *ante quem* date for the existence of the group. In this 'Well G', a series of bronze figurines related to the Phoenician group were recovered, although generally of smaller size, alongside the famous ivory combs with incised decoration similar to those produced in the Phoenician workshops of the Iberian Peninsula and also dated to the 7th century BC (Walter and Vierneisel, 1959).

Finally, and in the light of these news finds, the controversial figure known as Melqart of Sciacca or Reshef of Selinumte (Fig. 3), recovered from the Sicilian Sea and held in the Museum of Palermo, must also be included in the Phoenician group. The cultural and chronological assessments derived from this famous figurine are broad and span from the Second Millennium up until the Phoenician period (Chiappisi, 1961; Bisi, 1967; Tusa 1973; Seeden, 1980; Falsone, 1988; Jiménez Ávila, 2002). In fact, there are few elements to suggest that this figurine corresponds to the Bronze Age series. The Egyptian-style outfit is a poorly represented characteristic of the products of Biblos and Ugarit (for example, the *atef* crown only appears on 0.3% of the Bronze Age figures recorded by H. Seeden), as are the large size and proportions of the figure, which are closer to those of the Spanish finds. A distinguishing trait of this figurine is the hollow working of the eyes in order to inlay a substance that would generate an impression of wealth or realism, and which is common for Second Millennium representations. While it is true that none of the other figurines of this series possess these facial applications, it is also so that a good part of the female deities dated to the Phoenician period (Qualat-Faqra, Ginebra, Samos...) display hollow eyes, thus showing that this technical resource was still used commonly in the First Millennium (Jiménez Ávila, 2002).

Local imitations

In all of the areas in which the existence of these Phoenician male figurines has been documented, the presence of imitations of these figures presenting similar traits and postures, although with specific characteristics which lead us to consider them as local products, has been detected. In Cyprus, for instance, some of the figurines from the sanctuary of Idalion stand out (Fig. 2.1), given that they show a transformation of the anatomical canon, as well as being more roughly shaped as is typical of some of the islands own products (Karageorghis, 1967). The presence of Egyptian elements on these figures breaks with the local traditions of the bronze figures of the Bronze Age, illustrated by figurines such as those of Enkomi (Seeden, 1980, 124 ss.), and can thus be considered as a Phoenician influence.

In the Central Mediterranean, there are some figures that, on the basis of their aspect, could equally be related to these local products, such as the Sardinian bronzes of Flumenlonghu or Galtelli, contrary to the way in which they have generally been defined as oriental products (Bisi 1977, 1980, 1986; Tore, 1981; 1983; Lo Schiavo, 1983). However, in the case of Sardinia, the issue is not so easy, since the figures stray from the habitual traits of the nuragic figurines, and their condition of local imitations can therefore only be suggested as a hypothesis.

Finally, a number of recent finds, such as the Bronze of Entrerríos (Badajoz) (Fig. 2.2) or a recently published figurine of the Gómez Moreno Collection, can be added to the list of figurines from the Iberian Peninsula recorded by M. Almagro in 1980 and which included the votive bronzes of the Iberian period (Jiménez Ávila, 2002; García Alfonso, 1998). Both of these new finds present sufficient similarities with the Phoenician group and sufficient elements of differentiation for them to be considered as imitations of those produced in the local sphere, although that of the Gómez Moreno Collection was initially considered as a Phoenician product. Indeed the general treatment of the figurine, its size (only 6 inches), the independent working of the head dress, the volute decoration of the robe, etc are unusual elements in figurative Phoenician bronzes. These peninsular imitations also appear to be later in date.

Fig. 2. Regional imitations. 1. Cyprus (s. Karageorghis 1967); 2. Entrerríos (Spain) (s. Jiménez Ávila 2002)

Conclusions

In the Mediterranean, there is a group of bronze figurines representing male deities that can be considered as the work of Phoenician craftsmen and can be related to the Semitic colonial expansion of the 8th and 7th centuries BC. This group has thus led us to the study of its geographical distribution throughout all of the areas of Phoenician presence and of its iconographic characteristics. Among the latter, the lack of fixation of the formal traits is remarkable. Moreover, these traits often appear combined in such a way that it is difficult to recognise particular figures, unlike the case of the distinguishing attributes of other iconographic traditions such as that of Egypt.

These figurines can be distinguished from there Second Millennium ancestors by their more careful manufacture, their regular size and the increase of Egyptian traits which appear in the clothing that they bear: crowns, pectorals and robes. In this aspect they are also different from the other artistic groups that developed in the East during the First Millennium, such as those documented in Israel which follow the giblite tradition, or the Neohitite and Aramaic sculptures which reproduce the roughness of the local stone sculptures (Moorey & Fleming 1984; Spycket, 1981).

The most numerous group is that recovered from Cádiz, associated with the temple of Melqart. Other parts of the Iberian Peninsula such as Huelva or the lower Guadalquivir have also yielded figurines of this same group.

On the basis of the characteristics of the Spanish figurines, examples belonging to the same series can be identified in Lebanon, Cyprus, East Greece and the Central Mediterranean. Despite the small number of figurines currently individualised, it can be hoped that future finds and bibliographic or museographic inspections will soon add to this list.

In the areas of Phoenician presence these representations were the object of local imitations which display specific characteristics in each region.

Although in this paper I have limited my discussion to the definition of this craft group and its extension throughout the Mediterranean, it has proved necessary to present some indications regarding their origin and their historical and cultural significance. The differences that are established between the original group and the local imitations thus suggest the oriental production of these figurines. In the Iberian Peninsula, we can observe how these figurines are found in the areas of Phoenician presence. This in turn contrasts with the patterns displayed by the set of Western-Phoenician bronze production, composed of jugs, bowls, incense burners etc., that tend to be consumed by part of the local inland aristocracies. These imported figurines are thus differentiated from the purely colonial products and their phenomenology.

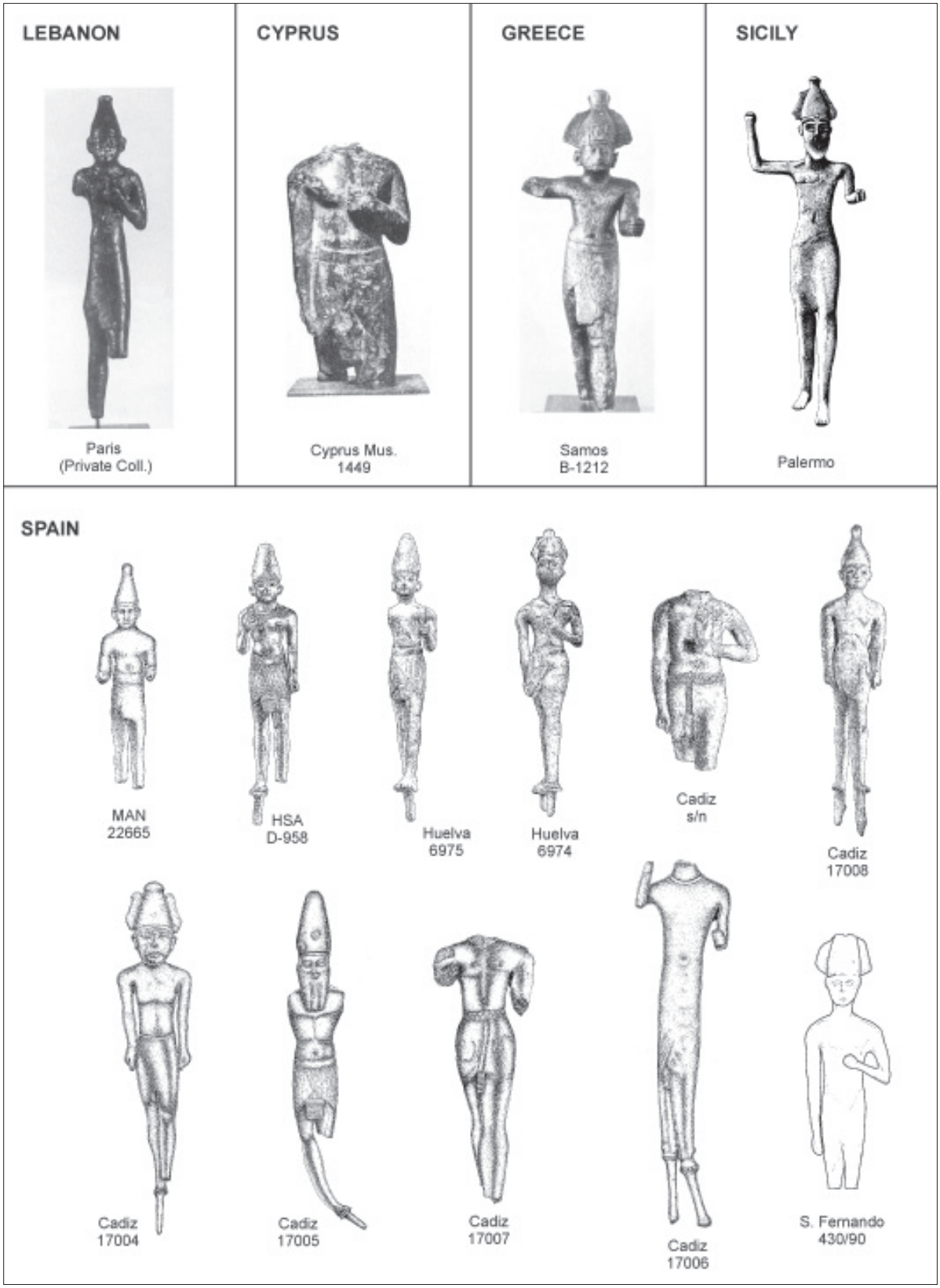


Fig. 3. Phoenician Bronze Male Deities Group in Mediterranean (s. Falsone 1988, Dikaios 1953, Jantzen 1972, Seeden 1980, Jiménez Ávila 2002 and Saez et al. 2005). Unequal Scales

Bibliography

Acquaro, E. (1988) - I Bronzi. *I Fenici*. Milano: Bompiani. pp. 472-490.

Almagro, M. (1980) - Un tipo de exvoto de bronce ibérico de origen orientalizante. *Trabajos de Prehistoria.* 37. pp. 247-308.

Bisi, A.M. (1967) - Fenici o Micenei in Sicilia nella seconda metà del II millennio a.C. (In margine al cosiddetto Melquart di Sciacca). *Atti e Memorie del I° Congresso Internazionale di Micenologia*. Rome. pp. 1156-1168.

Bisi, A.M. (1977) - L'apport phénicien aux bronzes nouragiques de Sardeigne. *Latomus.* XXXVI. pp. 909-932.

Bisi, A.M. (1980) - La diffusion du «Smiting God» syro-palestinien dans le milieu phénicien d'Occident. *Karthago.* XIX. pp. 5-14.

Bisi, A.M. (1986) - Le «Smiting God» dans les milieux phéniciens d'Occident: un reexamen de la question. *Religio Phoenicia. Studia Phoenicia.* IV. Namur. pp. 169-187.

Chiappisi, S. (1961) - *Il Melqart de Sciacca e la questione fenicia in Sicilia.* Rome.

Collon, D. (1972) - The Smiting God. A Study of a Bronze in the Pomerance Collection. *Levant.* IV. pp. 111-134.

Dikaios, P. (1953) - *A Guide of the Cyprus Museum.* Cyprus Museum: Nicosia.

Falsone, G. (1988) - Phoenicia as a Bronzeworking Centre in the Iron Age. In Curtis, J. (ed.) *Bronze-working Centres of Western Asia c. 1000-539 B.C.* London: Kegan Paul International Limited. pp. 227-250.

Fernández-Miranda, M. (1986) - Huelva ciudad de los tartesios. In Olmo, G. & Aubet, M.E. (eds.) *Los Fenicios en la Península Ibérica* II . Sabadell: Ausa. pp. 227-261.

Freyer-Schauenburg, B. (1966) - *Elfenbeine aus dem Samischen Heraion.* Hamburg.

Gamer-Wallert, I. (1982) - Zwei Statuetten Syrio-Ägiptischer Gottheiten von der «Barra de Huelva». *Madrider Mitteilungen.* 23. pp. 46-61.

García Alfonso, E. (1998) - Figurilla fenicia de bronce del Museo "Instituto Gómez-Moreno" de Granada. *Spal.* 7. Sevilla. pp. 183-192.

Jantzen, U. (1972) - *Ägyptische und Orientalische Bronzen aus dem Heraion von Samos.* Samos. VIII. Bonn.

Jiménez Ávila, J. (2002) - *La Toréutica Orientalizante en la Península Ibérica.* Bibliotheca Archaeologica Hispana 16. Madrid: Real Academia de la Historia.

Hibbs, V.A. (e.p.) - A Phoenician Bronze from Western Spain. *VIII Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular.* Córdoba 1976.

Karageorghis, V. (1967) - Chronique des fouilles et découvertes archéologiques à Chypre en 1966. *Bulletin de Correspondance Hellénique.* 91. pp. 275-370.

Lo Schiavo, F. (1983) - Un bronzetto da Galtelli. I *Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici.* Rome. pp. 463-469.

Moorey, P.R.S. & Fleming, S. (1984) - Problems in the Study of the antropomorphic Metal Statuary from Syro-Palestine before 330 B.C. *Levant.* XVI. pp. 67-90.

Negbi, O. (1976) - *Canaanite Gods in Metal.* Tel Aviv: Tel Aviv University.

Perdigones, L. (1991) - Hallazgos recientes en torno al santuario de Melkart en la isla de Sancti Petri (Cádiz). II *Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Rome. pp. 1119-1132.

Sáez, A.M.; Montero, A.I. & Díaz Rodríguez, J.J. (2005) - Nuevos vestigios en el santuario gadirita de Melqart en Sancti Petri (San Fernando, Cádiz). In Celestino, S. & Jiménez Ávila, J. (eds.) *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Mérida. Anejos de AEspA* XXXV. Madrid. pp. 873-878.

Seeden, H. (1980) - *The Standing Armed Figurines in the Levant.* Prähistorische Bronzefunde I.1B. Munich.

Seeden, H. (1982) - Peace Figurines from the Levant. *Archéologie au Levant. Recueil à la mémoire de Roger Saidah.* Lyon: Boccard. pp. 107-121.

Spycket, A. (1981) - *La statuaire au Proche Orient Ancien.* Leiden.

Tore, G. (1983) - I bronzi figurati fenicio-punici in Sardegna. *I Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici.* Rome. pp. 449-461.

Tusa, V. (1973) - La statuetta fenicia del Museo Nazionale di Palermo. *Rivista di Stdi Fenici.* I. pp. 173-179.

Walter, H. & Vierneisel, K. (1959) - Ägyptische und orientalische funde aus Brunnen G und dem Bothros. *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Institutes. Athenische Abteilung.* 74. pp. 35-42.

LOS MARFILES HISPANO FENICIOS DE MEDELLÍN (BADAJOZ, ESPAÑA)

Martín Almagro-Gorbea

Universidad Complutense
Real Academia de la Historia

Resumen

La necrópolis tartesia de Medellín ha proporcionado uno de los más importantes conjuntos de marfiles fenicios del Mediterráneo Occidental: 1 placa de ungüentos, 7 peines, 23 placas decoradas para cajitas o muebles, 6 placas con el *udja*, 8 piezas de incrustación para muebles, 5 clavitos, 1 escaraboide y un *flabellum* de bronce y marfil. Estos objetos han aparecido en 37 tumbas fechadas en sus respectivas generaciones entre el 650 y el 475 a.C., lo que ha precisado la cronología y la función de los marfiles hispano-fenicios en Tartessos.

La iconografía y el estilo de los marfiles de Medellín son del mayor interés, pues han permitido identificar diversos "talleres" de eboraria, de origen sirio más que fenicio. Además, la iconografía refleja una selección de temas que confirma su perfecta comprensión por las elites tartesias, lo que supone una importante aportación para comprender cómo la iconografía y la religión fenicias tuvieron un papel esencial en la formación de la iconografía y la religión de Tartessos, comparable a la del mundo griego en Etruria y Roma.

Abstract

The Tartesian necropolis of Medellín has provided one of the most important sets of Phoenician ivories in the West Mediterranean. It is composed by 55 decorated items: 1 cosmetic plaque, 7 combs, 23 plates for small boxes or for furniture, 6 plates decorated with *udja*-eye, 8 pieces of inlay furniture, 5 pins, 1 scaraboid, and other pieces for incrustation and an ivory object compound with bronze, probably a *flabellum*. These ivories appeared in 37 graves, dated between c. 650 and c. 475 BC. They precise the chronology of the Hispano-Phoenician ivories and their use among Tartessians.

The iconography and style of the pieces is very interesting. They allow identify diverse Hispano-Phoenician centers of ivory production, originated in Syria and sometimes in Phoenicia. Their iconography reflects a selection of topics that confirms its comprehension by Tartessian elites. Therefore, we understand how Phoenician iconography and religion played such an important role in the building of Tartessian iconography and ideology, just in the same way as the Greek ones did with respect to Etruria and Rome.

Metellinum (Medellín, Badajoz, España) es el *oppidum* de *Conisturgis* que controlaba un vado de la Vía de la Plata y las fértiles vegas del Guadiana (Almagro-Gorbea; Martín, 1994). Su necrópolis, excavada de 1969 a 1986, se sitúa en un brazo abandonado del río Guadiana, lo que indica el uso del río como lugar de tránsito al Más Allá (Almagro-Gorbea 1997; Almagro-Gorbea *et al.*, 2008).

Su estudio documenta dos fases. La fase I, c. 675-575 a.C., ofrece tumbas de incineración en urna y la fase II, c. 575-450 a.C., enterramientos en *busta*, con una transición lenta c. 625-550 a.C. Se trata de una necrópolis tartésica por su cultura material y ritos (Torres 2002), como confirman los hallazgos epigráficos (Almagro-Gorbea, 1991; 2004b).

Los numerosos objetos de marfil que formaban parte de los ajuares cremados han permitido precisar la fabricación y uso, por generaciones, de los productos ebúrneos hispano-fenicios entre el 675 y el 450 a.C., pues la tipología de los ajuares y la estratigrafía permiten fechar las tumbas en el lapso de una generación (<25 años).

Las 63 piezas de marfil halladas proceden de 30 ajuares, c. 20% de las sepulturas (cuadro 1, fig. 1) y constituyen uno de los conjuntos más importantes de eboraria fenicia del Mediterráneo Occidental: 1 paleta de ungir, 7 peines, 1 espantamoscas, 23 placas para cajitas, 6 placas con el *udja*, 8 piezas de taracea para incrustar, 5 pasadores perforados, 1 escaraboide, varios clavitos y 1 cacha de cuchillo, además de fragmentos indeterminados.

Ajuar	Fecha	Escarabeo	Pasador	Peine tipo 1	Peine tipo 2	Placas figuras	Piezas taracea	Placas rectan.	Paleta ungir	Placas indet.	Clavo	Placas *udja*	Cachas cuchillo	*Flabellum*	Piezas indeter.	Total
85B/14	650-625	1									2				1	4
85B/36	650-625			3												3
86G/45+47	650-625		2			3										5
85B/24-25	625-600				1											1
86H/20	625-600						1									1
86G/41	625-600		1													1
86I/En5	625-600					1										1
86C/16	625-575							1								1
85B/26	610-600														2	2
82/10	600-575							2								2
82/12	600-575								1							1
82/13a	600-575									1						1
86C/En13	600-550									1						1
86C/13	600-550					1		[1]			1					2
86G/20	575-550			1												1
86G/22	575-550					2										2
86C/14	575-550							4								4
86H/4bis	575-550					2	3	1		1		6				13
70/12b	575-550							1								1
85B/1bis	550-525						4									4
85B/30	550-525			1	1											2
85B/8	550-525														1	1
86H/1	550-500														1	1
85B/En7	525-500						1?									1
70/19	525-500												1			1
86G/7bis	525-500														1	1
70/8	500-475							1								1
70/9b	500-475													1		1
85B/2bis	500-475									1						1
85C/A-20	¿?														2	2
Total		**1**	**3**	**5**	**2**	**9**	**9**	**10**	**1**	**4**	**3**	**6**	**1**	**1**	**7**	**63**

Cuadro 1. Seriación cronológica de los ajuares con objetos de marfil de la Necrópolis de Medellín

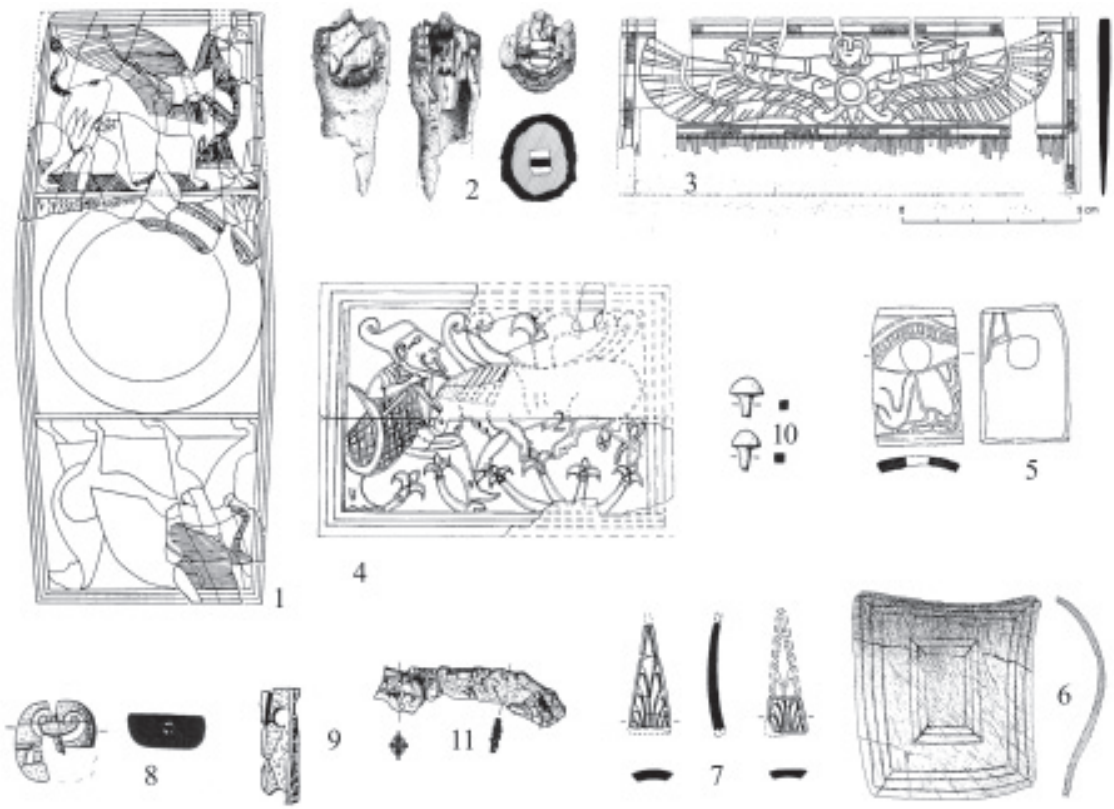


Fig. 1. Tipos de objetos de marfil hallados en la necrópolis de Medellín

La paleta de Medellín es la pieza más importante (Almagro-Gorbea, 2010). Sus asideros están decorados con sendos grifos que protegen el receptáculo circular central (fig. 1,1). Son de cuerpo alargado, cabeza con fuerte pico y cola alzada en forma de S; llevan *nemes* y collar; el ala sale del cuerpo, no de detrás de la pata y la pata posterior se adecua al ángulo recto del marco de la figura, etc. como en ortostatos de Tell Halaf, etc. (Orthmann, 1971, lám. 11,A3-151,153, 12,Ba3).

Es interesante que los cuartos traseros ofrecen la "*llama*" característicos del grupo "*Flame & Frond*" y una cuña oval sobre la paletilla como los marfiles de Nimrud (Herrmann, 1989), cuyos talleres estaban en el Norte de Siria, pues aparece en ortostatos de Tell Halaf y Zinzirli (Orthmann ann, 1971, lám. 12,Ba1 y Ba3 y 64,H3, etc.; Winter 1989) y en pateras de bronce de ese origen (Almagro-Gorbea, 2003). Las estrías en bajo relieve y el *nemes* del grifo aparece en esfinges del grupo "Collar & Crown" (Herrmann, 1992: nº 109, 123, 195), pero los 3 puntos del tobillo de la pata trasera que representan los tendones del animal de nuevo aparecen en ortostatos de Sakçagözü y Zinzirli (Orthmann, 1971, lám. 50,A11 y 64,G1 y H3). Estos detalles permiten considerar las paletas hispano-fenicias como creación de artesanos nordsirios de la zona entre Tell Halaf y Zinzirli del grupo *Flame & Frond*, trasladados a Occidente a fines del siglo VIII a.C., probablemente tras la conquista asiria al huir a Occidente parte de sus elites con sus artesanos. Estas paletas hispano fenicias ofrecen cuatro tipos a lo largo del siglo VII a.C.: *Alcantarilla, Medellín, Acebuchal* y *La Joya*, que representa el modelo final (Almagro-Gorbea, 2010).

Otro objeto de bronce y marfil formaría parte de un abanico o *flabellum* (fig. 1,2). En Oriente este objeto era símbolo de realeza y se documenta en estelas neohititas (Bittel, 1976, fig. 305) y en marfiles de Nimrud (Barnett, 1957: lám. 78-79), pero también se usaron en Occidente, como indican hallazgos de Cartago (Moscati, 1975, fig. 156) y de Cruz del Negro, en Carmona (Aubet, 1978, p. 57, lám. 8B).

De particular interés son los "peines" decorados, interpretables como "peinetas" usadas en pareja. Destaca el de la diosa Astart alada con el disco solar (fig. 1,3) y su rebaño de toros sagrados pastando lotos en el reverso, que aluden al carácter mítico de la escena (Almagro-Gorbea, 2004a). La diosa ofrece disposición protectora, como en tridracnas (Stucky, 1974), calderos (Herrmann, 1966, 27 s., 51 s.; Barnett, 1982, 89, n. 107) y en la escena del carro real de cuencos fenicio-chipriota como el de Preneste (Markoe, 1985, Cy7 y E2). Este peine procede del *taller del Zig-Zag*, caracterizado por dicha decoración accesoria. Procede del Norte de Siria, como evidencia la cola de Astart con sendas volutas con plumas entre ellas, como en marfiles de Nimrud (Mallowan; Herrmann 1974, p. 16 s., fig. 4, nº 1,2,8,9,11,12, 97-102), en relieves neohititas al Norte de Alepo entre el Eúfrates y Körkün, Sakçagözü y Zinzjirli (ann, 1971, lám. 38f, 49a, 50c y 51c y 66d) y en la placa de Samos de Hazael de Damasco (Kyrieleis 1988).

También los toros derivan de artistas nordsirios del grupo "*Flame & Frond*", con paralelos en marfiles de Nimrud y en cuencos de bronce (Almagro-Gorbea, 2003), lo que precisa su origen antes del 700 a.C., permitiendo seriar estas peinetas entre el 675 y el 575 a.C., aunque su uso perduró hasta el 550-525 a.C.

Otra peineta ofrece leones y cabras. Su estilo es similar a alguna del mismo taller de Cruz del Negro, en Carmona (Aubet 1978, fig. 5), pero de mano distinta y, probablemente, posterior, como otros peines de Medellín, ya que la seriación de ajuares de Medellín evidencia diversos talleres paralelos, entre los que destaca el del *Zig-Zag*, cuyos productos llegan desde Samos (Freyer-Schauenburg, 1966) a Cartago (Bisi, 1968) y a diversos yacimientos de Hispania (Aubet 1982a), hasta que estas peinetas decoradas desaparecen casi bruscamente a inicios del siglo VI a.C.

Otro conjunto interesante son las placas decoradas para adornar muebles. Destaca una con el mito de "Melqart y el Toro Celeste" (fig. 1,4), asociable a mitos de Melqart (Almagro-Gorbea, 2002) como los representados en la placa de Bencarrón (Aubet, 1982), en escarabeos y anillos fenicios (Culican, 1986, p. 261-264, lám. 5B y figs. 14C, 14B y 14A) y en las puertas del santuario en *Gades* (Silio Itálico, *Pun.,* 3,32-44; Tsirkin 1981). De este mito derivaría el de "Heracles y el Toro de Creta", relacionado con *Pasifa*-Astart como diosa lunar, y el de "Teseo y el Toro de Maratón". El tema es de origen oriental, pero sus características revelan un taller hispano-fenicio al servicio del mercado tartésico, que comprendía y demandaba este tipo de escenas mitológicas.

Otra placa ofrece una escena de corte con un personaje en pie ante otro entronizado, como en la estela del rey *Barrekab* de Zinzirli (Bittel 1976, fig. 305). Los lotos en las manos son cetros (ann, 1971, lám. 46 a, 63f, 66b, 76c, etc.; Lagarce, 1983, p. 551), atributo de realeza o divinidad, que indican el carácter mítico de la escena, relacionado con el Más Allá y con el culto a los antepasados, mientras que el "Árbol de la Vida", compuesto de flores de loto superpuestas, procede de las placas ebúrneas de Nimrud, Arslan Tash, Salamina, etc. (Barnett, 1957, nº G6a, S19; Mallowan, 1966, fig. 467, 477, 481, 482, 493, 495, 508; Herrmann, 1986, lám. 211,805 y 318,1223), confirmando su carácter mítico. Otra placa muestra un friso de personajes femeninos alados con lotos en las manos, como las representaciones de Isis y Neftis (Ciafaloni, 1992: 21 s., lám. IIIa). Estas divinidades suelen proteger el Árbol de la Vida en placas ebúrneas sirio-fenicias de Arslan Tash (*vid. supra*), aunque esta representación de Medellín pudiera ser una triple Astart como divinidad protectora, como en la citada placa de Hazael (Kyrieleis, 1988).

En el siglo VI a.C. son características las piezas decoradas con el *udja* (fig. 1,5), motivo de origen egipcio (Ciafaloni, 1992, lám. 4,b-c) de gran difusión por el mundo feno-púnico, especialmente en amuletos (Cintas, 1946, cuadro final; Hölbl, 1986, p. 100 s., 142 s., lám. 80-89). En Medellín se fechan en la primera mitad del siglo VI a.C. y se amortizaron antes del 550 a.C. Igualmente son del siglo VI a.C. las placas rectangulares con líneas paralelas (fig. 1,6), de origen oriental (Luschan 1943: 135 s., lám. 60), que en Cartago (Lancel 1983) y en Morro de Mezquitilla aparecen en el siglo VII a.C., pero en Cerdeña (Uberti 1975: 104, lám. 37, D17 y D18) e Hispania (Aubet 1978: 53 s., lám.

7C,1-9) parecen sustituir a las placas y peines decorados con escenas míticas, cambio que reflejaría la evolución ideológica y social del mundo hispano-fenicio y de Tartessos.

La producción ebúrnea hispano-fenicia la completan piezas de "taracea" para incrustar en muebles, cajitas y objetos de madera (fig. 1,7), pasadores de telar o collar (fig. 1,9), clavitos (fig. 1,10) y cabezas de ejes de *diphros* y cachas de cuchillos de hierro (fig. 1,11), que indican la variada producción eboraria hispano-fenicia al servicio de las elites tartésicas. También ha aparecido un escarabeo con doble flor de loto (fig. 1,8), similar a otro de El Palomar, Badajoz (Jiménez Ávila; Ortega, 2001). Estos escarbeos de marfil, raros en Egipto, Oriente, Egeo o Italia, son más frecuentes en Hispania. Este de Medellín es anterior al 650 a.C., pues se depositó en una urna enterrada en el 650-625 a.C.

La necrópolis de Medellín ha precisado la fabricación, uso y amortización de los marfiles hispano-fenicios, sus características iconográficas y su significado ideológico y social.

La cronología de las tumbas permite precisar el lapso entre la fabricación y amortización de estas piezas de marfil (Cuadro 2). La producción se iniciaría hacia el 700 a.C. o algo antes, pero la deposición en ajuares funerarios sólo se documenta hacia el 650 a.C., fluctuando entre un mínimo de 25 años (1 generación) y c. 150 años en el caso del *flabellum*, perduración que se documentan también en el palacio de Cancho Roano (Maluquer 1987, fig. 34 s.) e indica el uso de estas piezas durante varias generaciones, lo que supone la existencia de tesoros y *sacra gentilicia* entre las elites tartésicas.

	650-625	625-600	600-575	575-550	550-525	525-500	500-475	TOTAL
ESCARABEO	1							1
PASADOR	2	1						3
PALETA			1					1
CLAVO	2			1				3
PLACA DEC.	3	1		5				9
PLACA *UDJA*				6				6
PEINE 1	3			1	1			5
PEINE 2		1			1			2
TARACEA		1		3	5			9
CACHAS						1		1
PLACA RECTANGULAR		1	2	6			1	10
PLACA INDETERMINADA			1	2			1	4
ESPANTAMOSCA							1	1
TOTAL PIEZAS	**11**	**5**	**4**	**24**	**7**	**1**	**3**	**55**
Nº AJUARES	**4**	**7**	**4**	**7**	**5**	**4**	**5**	**36**

Cuadro 2. Cronología de los objetos de marfil de la Necrópolis de Medellín

No se conoce bien el uso de objetos ebúrneos según edad y sexo, dada la dificultad del análisis osteológico de las cremaciones. Sin embargo, estos bienes de lujo aparecen en tumbas de hombres, mujeres y niños, lo que indica una sociedad de clases hereditarias, como confirman otras tumbas orientalizantes femeninas, como la de Aliseda (Almagro-Gorbea, 1977, p. 204 s.) y otras (Martín, 1999: 122).

Los marfiles hispano-fenicios están trabajados en bajorrelieve y con grabado más o menos delicado. Su análisis estilístico permite diferenciar talleres y grupos, pero no individualizar "manos" de artistas, dada la exigua muestra conservada, calculada en menos del 1/1000 de la

producción originaria. El escaso grosor de las piezas denota cierta "pobreza" de materia prima, en contraste con el grosor de las de Oriente (Barnett, 1975; Mallowan, 1978; AAVV, 1985, Herrmann, 1992; Invernizzi, 2000, etc.), a pesar de la abundancia de marfil en Occidente procedente del Norte de África (Mederos; Ruiz Cabrero, 2004), como confirma la alta proporción de tumbas con marfil de Medellín, que casi llega al 20%. Si el escaso peso de las piezas labradas se compara con el de un colmillo de elefante, se deduce que la producción debió alcanzar cientos de miles de de pequeñas piezas ebúrneas. En Huelva, un fragmento de colmillo pesa 3265 g, frente a 2230 g de 816 fragmentos de talla con un peso medio de 2,75 g/fragmento (González de Canales; Serrano, 2004, p. 165 s., lám. 65-68), análisis que abren nuevos caminos para profundizar en la eboraria hispano-fenicia y en el artesanado y comercio orientalizantes.

Sin embargo, el aspecto de más interés es la iconografía. Los talleres hispano-fenicios usaban motivos y recursos estilísticos de origen sirio-fenicio y, en menor medida, fenicio-egiptizante. Los temas iconográficos son los habituales del mundo orientalizante (Aubet 1979; 1980; 1982; 1982a; D'Angelo 1991; Torres 2002, p. 249 s.; Almagro-Gorbea 2002; 2004a). Aunque el repertorio es más limitado que en Oriente, los marfiles de Medellín indican que este hecho es debido más a falta de hallazgos que a razones culturales. Entre los motivos aparece la esfinge y el grifo, con carácter apotropaico y regio. Más interés ofrecen las escenas que sintetizan poemas míticos (Almagro-Gorbea 2005, p. 63 s.), como "Melqart y el Toro Celeste" y el héroe en "lucha con el león o el grifo", "Astart y su rebaño sagrado", escenas de corte con "carro triufal" (Hibbs, 1979) y de adoración, "diosas con lotos (Astart?)", etc., además de animales, *udja,* lotos (D'Angelo 1983) y otros elementos apotropaicos (*vid. supra*). La repetición de los temas refleja su selección intencionada y confirma su comprensión por la clientela de las elites tartésicas a las que iban destinados estos productos suntuarios (Almagro-Gorbea 2002; 2004a; 2005).

Por ello, es interesante analizar el significado socio-ideológico de estos marfiles, cuyos motivos parecen originariamente vinculados a la monarquía sacra, como símbolos de "realeza" mítica en el Más Allá. Por ello, estos marfiles revelan elites principescas o regias, con rituales procedentes de los reinos sirio-hititas del Norte de Siria. Pero su adopción por los clanes gentilicios de Medellín y la rápida desaparición de estas representaciones iconográficas a inicios del siglo VI a.C. indican cambios ideológicos de gran interés para comprender la evolución socio-política e ideológica del mundo hispano-fenicio y del mundo tartésico, tan vinculado a éste último.

El análisis iconográfico y socio-cultural de los marfiles hispano-fenicios de Medellín permite concluir que la selección y preferencia por determinados temas fenicios en Tartessos prueba que los tartesios asimilaron mitos fenicios y que el significado de los motivos iconográficos fenicios era plenamente comprensible no sólo para los fenicios que los fabricaban, sino para los tartesios a los que iban destinados. Este hecho supone una profunda aculturación iconográfica e ideológica, por lo que la iconografía y religión fenicias jugaron el mismo papel respecto a Tartessos que la iconografía y religión griegas respecto a Etruria y Roma (Almagro-Gorbea 2004a; 2005).

En consecuencia, no se pueden aceptar ya el viejo tópico sobre el carácter meramente decorativo del arte fenicio, ya que estos marfiles y otros documentos, como los relieves de Pozo Moro (Almagro-Gorbea, 1983; López Pardo, 2006), prueban la existencia de una iconografía orientalizante tartésica, que documenta creencias y mitos transmitidos por medio de una literatura oral y escrita, como refiere Estrabón (3,1,6), semejante a la que ofrecen otras culturas urbanas del Mediterráneo durante el Periodo Orientalizante (Almagro-Gorbea, 2005), ya que la iconografía de estos marfiles indica la existencia paralela de una literatura mítica, cuyos temas, protagonistas y significado ideológico se puede llegar a conocer. Esta *Literatura Tartesia*, creada en el Bronce Final por aedos al servicio de las elites dirigentes, debió alcanzar su pleno desarrollo en el Período Orientalizante, cuando, a juzgar por los marfiles y demás documentos iconográficos, asimiló temas tan variados como narraciones cosmológicas, cantos, himnos y poemas épico-históricos

sobre las divinidades, el origen de la monarquía y los antepasados del dinasta y de las ciudades. La rica iconografía de los marfiles ofrece el interés de revelar episodios de esta desaparecida literatura, predominantemente oral en una sociedad básicamente analfabeta como la tartésica, en la que la iconografía jugaría un papel más importante que la escritura para la difusión de las ideas y la transmisión de los mitos.

La última conclusión de este proceso, que tan bien documentan los marfiles de Medellín, es que la mitología, la iconografía y la literatura fenicias influyeron tan profundamente en Tartessos como la mitología, la iconografía y la literatura griega lo hicieron en Etruria y Roma, hasta el punto de que la mitología tartésica puede considerarse "fenicia" como la mitología etrusca o romana se consideran "clásicas" (Almagro-Gorbea 2005).

Bibliografía

AA.VV. (1985) - *La terra tra i due fiumi. Venti anni di archeologia italiana in Medio Oriente. La Mesopotamia dei tesori* (catálogo de exposición). Torino.

Almagro-Gorbea, M. (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Bibliotheca Praehistorica Hispana. 14. Madrid.

Almagro-Gorbea, M. (1983) - Pozo Moro. El monumento orientalizante, su contexto socio-cultural y sus paralelos en la arquitectura funeraria ibérica. *Madrider Mitteilungen.* 24. pp. 177-392.

Almagro-Gorbea, M. (1991) - La necrópolis de Medellín. Influencia fenicia en los rituales funerarios tartésicos. En *I-IV Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica. Ibiza 1986-89*. Trabajos del Museo de Ibiza. 24. Ibiza. pp. 233-252.

Almagro-Gorbea, M. (2002) - Melqart-Heracles matando al Toro Celeste en una placa ebúrnea de Medellín. *Archivo Español de Arqueología*. 75. pp. 59-73.

Almagro-Gorbea, M. (2003) - Una pátera fenicia de Nubia y el comercio fenicio en los confines del Mundo Antiguo. *Complutum.* 14. pp. 7-32.

Almagro-Gorbea, M. (2004a) - Iconografía fenicia y mitología tartésica. El influjo fenicio en las creencias de Tartessos. En Acquaro, E. y Savio, G. (eds.) *Studi iconografici nel Mediterraneo antico: iconografía ed aspetti materiali*. La Spezia. pp. 11-64.

Almagro-Gorbea, M. (2004b) - Inscripciones y grafitos tartésicos de la necrópolis orientalizante de Medellín. *Palaeohispanica*. 4. pp. 13-44.

Almagro-Gorbea, M. (2005) - La literatura tartésica. Fuentes históricas e iconográficas. *Gerión*. 23. pp. 39-80.

Almagro-Gorbea, M. (2010) - Paletas de ungir ebúrneas hispano-fenicias. A propósito de una paleta con grifos de Medellín. Homenaje a M. Fantar. Tunis.

Almagro-Gorbea, M.; Lorrio, A.; Mederos, A.; Torres, M. (Eds.) (2006) - *La Necrópolis de Medellín*. Biblioteca Archaeologica Hispana. 26, 1-3. Madrid.

Almagro-Gorbea, M.; Martín, A. Mª. (1994) - Medellín 1991. La ladera Norte del Cerro del Castillo. En *Castros y oppida de Extremadura*. Complutum Extra. 4. Madrid. pp. 77-127.

Aubet, Mª.E. (1978) - Los Marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir. I, Cruz del Negro. *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología.* 44. pp. 15-88.

Aubet, Mª.E. (1980) - Los Marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir. II, Acebuchal y Alcantarilla. *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología.* 46. pp. 33-79.

Aubet, Mª.E. (1982) - Marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir. III, Bencarrón, Santa Lucía y Setefilla. *Pyrene.* 17-18. pp. 231-279.

Aubet, Mª.E. (1982a) - Die westphönizischen Elfenbeine aus dem Gebit des unteres Guadalquivirs. *Hamburger Beiträge zur Archäologie.* 9. pp. 15-72.

Barnett, R.D. (1957) - A Catalogue of the Nimrud Ivories (2ª ed., 1975). London.

Barnett, R.D. (1982) - *Ancient Ivories in the Middle East and adjacent Countries*. Qedem. 14. Jerusalem.

Bisi, A.Mª. (1968) - I pettini d'avorio di Cartagine. *Africa.* 2. pp. 11-73.

Bittel, K. (1976) - *Los Hittitas*. Madrid.

Ciafaloni, D. (1992) - *Eburnea Syro-phoenicia.* Studia Punica. 9. Roma.

Cintas, P. (1946) - *Amuletes puniques.* Tunis.

Culican, W. (1986) - *Opera selecta*, Göteborg.

D'Angelo, M.C. (1983) - Motivi floreali e vegetali negli avori fenici di Spagna. *Egitto e Vicino Oriente.* 6. pp. 107-132.

D'Angelo, M.C. (1991) - Aspetti iconografici degli avori fenici della Penisola Iberica", *II Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici, Roma-1987*, Roma, 1991: 797-812.

Freyer-Schauenburg, B. (1966) - Kolaios und die westphönizischen Elfenbeine. *Madrider Mitteilungen.* 7. pp. 89-107.

González de Canales, F.; Serrano, L. (2004) - *El emporio fenicio de Huelva (ca. 900-700 a.C.)*. Huelva.

Gran-Aymerich, J.; Puytison-Lagarce, E. (1995) - Recherches sur las période orientalisante en Étrurie et dans le Midi ibérique. *Comptes redus de l'Académie des inscriptions et belles-lettres*. pp. 569-604.

Herrmann, G. (1989) - The Nimrud Ivories I. The Flame and Frond School. *Iraq*. 51. pp. 85-109.

Herrmann, G. (1992) - *Ivories from room SW. Ivories from Nimrud IV.* London.

Herrmann, H.-V. (1996) - *Die Kessel der orientalizierenden Zeit (Olympische Forschungen VI)*. Berlin.

Hibbs, V.A. (1979) - A New View of two Carmona Ivories. *Archäologischer Anzeiger*. pp. 458-480.

Hölbl, G. (1986) - *Ägyptisches Kulturgut im phönikischen und punischen Sardinien*. Leiden.

Invernizzi, A. (2000) - L'avorio nei palazzi reali assiri. In Vivante, A. (ed.) *Assiri. L'arte, la guerra, il potere*. Milano.

Jiménez Ávila, F.J.; Ortega, J. (2001): El poblado orientalizante de El Palomar (Oliva de Mérida, Badajoz). Noticia preliminar. En Ruiz Mata, D. & Celestino, S. (eds.) *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid. pp. 227-248.

Kyrieleis, H. (1988) - Ein altorientalistischer Pferdeschmuck auns dem Heraion von Samos. *Athenische Mitteilungen*. pp. 37-61.

Lancel, S. (1983) - Ivoires phénico-puniques de la nécropole archaïque de Byrsa, à Cartage. *Atti I Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici (Roma 1979)*. Roma. pp. 687-692.

López Pardo, F. (2006) - *La Torre de las Almas*. Anejos de Gerión. 10. Baecelona.

Luschan, F. von (1943) - *Die Kleinfunde von Sendschirli (Ausgrabungen in Sendschirli V)*. Berlin.

Mallowan, M.E.L. (1966) - *Nimrud and its Remains*, I-II. London.

Mallowan, M.E.L. (1978) - *Nimrud Ivories*. London.

Mallowan, M.E.L.; Herrmann, G. (1974) - *Furniture from SW.7 Fort Shalmeneser, Ivories from Nimrud III.* London.

Maluquer, J. (1987) - El santuario protohistórico de Zalamea de la Serena, Badajoz, II. 1981-1982. *Andalucía y Extremadura*. Barcelona. pp. 2-152.

Markoe, G. (1985) - *Phoenician Bronze and Silver Bowls from Cyprus and the Levant*. Los Angeles: Berkeley.

Martín, A. M. (1999) - *Los orígenes de la Lusitania: el I milenio a.C. en la Alta Extremadura.* Biblioteca Archaeologica Hispana. 2. Madrid.

Mederos, A.; Ruiz Cabrero, L. A. (2004) - El pecio fenicio del Bajo de la Campana (Murcia , España) y el comercio del marfil norteafricano. *Zephyrus.* 57. pp. 259-277.

Moscati, S. (1975) – Les Phéniciens en Occident. En Parrot, A.; Chehab, M. H.; Moscati, S. (Eds.) *Les Phéniciens*. Paris. pp. 143-257.

Orthmann, W. (1971) - *Untersuchungen zur späthetitische Kunst.* Bonn.

Stucky, R.A. (1974) - The Engraved Tridacna Shells. *Dedalo.* 19. São Paulo. pp. 10-170.

Torres, M. (2002) - *Tartessos.* Biblioteca Arcaheologica Hispana. 14. Madrid.

Tsirkin, J.B. (1981) - The Labours, Death and Resurrection of Melqart as depicted on the Gates of the Gades'Herakleion. *Rivista di Studi Fenici.* 9. pp. 21-27.

Uberti, Mª. L. (1975) - Gli avori e gli ossi. En Acquaro, E.; Moscati, S.; Uberti, Mª.L. (eds.) *Anecdota tarrica*. Roma.

Winter, I. (1989) - North Syrian Ivories and Tell Halaf Reliefs: The Impact of Luxury Goods upon "Major" Arts. In *Essays in Ancient Civilizations Presented to Helene J. Kantor*. Chicago. pp. 321-337.

EL MORRO DE MEZQUITILLA EN EL SIGLO VIII A.C.: UN ASENTAMIENTO ORIENTAL EN TIERRA VIRGEN

Gerta Maaß-Lindemann

Instituto Arqueológico Alemán, Madrid

Resumen

El Morro de Mezquitilla, localizado en Málaga (España), en el Extremo Occidente, fue una de las primeras colonias fenicias fundadas a lo largo de la ruta hacia los puertos más importantes del territorio deTartesos. Ubicada en la desembocadura del río, durante el siglo VIII a.C., en un área anteriormente desocupada, no muestra señales de haber recibido influencias de su *hinterland*. Las cerámicas importadas, bien como las producidas localmente, evidencian intensos contactos con la metrópolis. Además de la cerámica fina de mesa, las importaciones consisten en vasos de almacenamiento y transporte, en particular, jarras, botellas y ánforas. Las importaciones de cerámica fina de mesa son preferentemente oriundas de las colonias occidentales, como es el caso de Cádiz. Hay también que señalar la ausencia de importaciones griegas del siglo VIII, como *Skyphoi* de Eubea *Kotylai* o proto-corintias en Cartago y Sulcis (Cerdeña), sobre todo porque las cerámicas áticas y eubeas de Huelva, que datan de la primera mitad del siglo VIII, muestran la conexión del Extremo Occidente con el mundo griego.

Abstract

This contribution deals with the situation of a phoenician colony, the Morro de Mezquitilla, east of Málaga (Spain), in the far west, which presumably belonged to the first permanent settlements of the Phoenicians on their way to Tartessos. Set up in no man's land on the mouth of a river during the 8th cent., there are no signs of any influence of the Hinterland. The imported pottery and the repertoire of the local made vessels point to intensive contacts with the mother country, but besides a few vessels of fine tableware the imports consist mainly in "packagings", i. e. amphorae, bottles and decanters. Imports of fine table ware seem to have come preferably from western sister colonies, for instance from the Cádiz area. The absence of 8th cent Greek imports like the Eubean skyphoi or early protocorinthian kotylai in Carthage and Sulcis (Sardinia) is remarkable, particularly as Eubean and Attic imports from Huelva dating not later than the first half of the 8th cent. testify their connections with the Greek world.

Nuevos hallazgos apuntan a que Huelva (González de Canales Cerisola et al. 2004) fue un importante emporio en el que se aprecia la existencia de contactos con el conjunto del Mediterráneo en los siglos IX y VIII a. C. Debió de ser un puerto de gran importancia cosmopolita en el que comerciaban también los fenicios, aunque desconocemos qué tipo de relación social mantenían en el lugar. Según se desprende de los hallazgos encontrados, podemos contar con la existencia de un numeroso grupo de fenicios que se estableció en la zona y que ejerció gran influencia, tanto en la ciudad como en el interior. En Torre de Doña Blanca (Ruíz Mata et al. 1995) los fenicios se establecieron en un sitio vinculado a nucleos indigenos. Puede que se tratara de una extensión de la factoría de Gades, centro de poder de los fenicios en la zona más occidental del Mediterráneo.

Junto a estos puertos cosmopolitas había, a lo largo de la costa, asentamientos mucho más pequeños que surgían en lugares no colonizados con anterioridad (Schubart, 2001, 283 – 304). A continuación intentaré describir cómo era uno de estos pequeños asentamientos que, probablemente, fue colonizado también por pioneros de la primera oleada colonizadora.

El asentamiento en el Morro de Mezquitilla - cerca de Málaga - es un ejemplo de dónde y de qué manera se establecía una colonia como sólido bastión a lo largo de la ruta hacia el oeste (Aubet, 1994, p.144 – 172) y de cuál era su aspecto en el siglo VIII a.C. La elección del lugar no dependía solamente de la posibilidad de acceder a una región con interesantes recursos, por ejemplo, minerales, o a un establecimiento comercial más importante, sino que se prefería igualmente un lugar no colonizado cuyo emplazamiento geográfico lo hiciera adecuado como puerto y que, a ser posible, estuviera también protegido. Además, el interior debía estar en condiciones de asegurar el suministro de los productos de primera necesidad.

Al principio, los colonos del Morro de Mezquitilla no participaban en otros flujos comerciales que no fueran los fenicios. Faltan las importaciones tempranas del mundo griego, los skyphoi eubeos hallados en Cartago (Vegas, 1998, p. 133 ss.) y Cerdeña (Bernardini, 1988, p. 76 ss.) y las antiguas Kotyloi protocorintias que caracterizan los asentamientos del siglo VIII a.C. Sin embargo, los pobladores de estos asentamientos de tan reducidas dimensiones se aferraban a una determinada "red metropolitana" –como podemos deducir de las numerosas importaciones procedentes de la metrópoli y de las ciudades hermanas–, situación - que se mantuvo durante mucho tiempo (Maaß-Lindemann, 1990)

Aquí se plantea la pregunta de qué camino seguían las conexiones: ¿llegaba la mercancía hasta el asentamiento directamente desde la metrópoli, gracias a la escala de algún barco que hiciera la ruta Levante – Tartesos, o debemos más bien pensar que la mercancía se distribuía a las colonias más pequeñas desde un puerto mayor, por ejemplo, Cádiz? ¿O acaso había entre los puertos más pequeños algunos de mayor importancia, desde los que se llevaba a cabo el posterior transporte de las mercancías a lugares menos relevantes?

El asentamiento que ahora nos ocupa no revela información acerca de cómo estaba conectado comercialmente. Los hornos de fundición de la primera fase colonizadora, por ejemplo, ¿satisfacían sólo la propia demanda o ya entonces se elaboraban objetos para comerciar con la metrópoli, con las ciudades hermanas o con el interior? ¿O se tenía que pagar tributo a la metrópoli o a alguna colonia hermana más importante?

Conocemos las importaciones, pero no sabemos qué se daba a cambio. ¿En qué consistían entonces estas importaciones?

Ciertamente, en esta época se carecía aún de artículos de lujo, de vino y de aceite, productos que en un principio no se podían conseguir in situ. Puede que también faltara carne y pescado en salazón. Así, en la fase más temprana del asentamiento, algo más del 40% de las ánforas procede de otros lugares. Alrededor de un 20% procede de Levante. De este 20%, la mitad corresponde al tipo 2, según Sagona (fig. 1; fig. 2, 4) (Sagona, 1982, p. 75 ss.) y pertenece a la cerámica denominada "crisp ware", que tuvo una amplia difusión en las zonas oriental y occidental del

Fig. 1. Distribución del anfora V tipo "Sagona 2 "

Mediterráneo en el siglo VIII a.C. y que parece ser una especie de marca de la ruta de los fenicios hacia el oeste, dejando casi de lado la parte central del Mediterráneo, es decir, Cartago, Cerdeña y Mozia.

Las restantes ánforas de proveniencia levantina son de nuestro tipo A I (fig. 2, 1), que no aparece en la cerámica "crisp ware", sino en los tipos que nosotros hemos denominado TK, TQ y, sobre todo, TT.

De las postrimerías del siglo VIII datan unos fragmentos que pertenecen a un ánfora y a la tapa de un ánfora de mesa A II (fig. 2, 2) hecha de arcilla TK – con mucha probabilidad de procedencia levantina. Alrededor del 8% de las ánforas procede de Cartago y, atendiendo a la forma, son de tipo centro-mediterráneo (fig. 2, 3). Apenas el 16% procede de otros lugares – probablemante occidentales - que hasta ahora no hemos podido determinar. Se trata de ánforas de nuestro tipo A I, cuyo centro de elaboración no estaba aún restringido en el siglo VIII al extremo más occidental. Principalmente son vasijas hechas de arcilla TS, material que hemos encontrado también en una fuente.

Los tipos de arcilla mencionados sólo los hemos analizado de forma macroscópica, por lo que aún debe hacerse un estudio científico de mayor envergadura.

Aparentemente, el suministro de aceite para ungir o perfumar llegaba siempre desde la metrópoli, tal como indican las botellitas (fig. 3, 1) elaboradas con tipos de arcilla que posiblemente provengan de Levante. La mayoría pertenece a nuestro grupo TL – con variantes –, muchas al TM y una al TQ.

De Levante se introdujo asimismo las jarras (TL) de boca pequeña y semicircular (fig. 3, 2) y con cuello de forma troncoconica (fig. 3, 3). Posiblemente se utilizara también como recipiente de líquidos –puede que aceite para lucernas (fig. 3, 4) –, pues la arcilla TL, propia de la cerámica "crisp ware", está presente sobre todo en botellas, jarras, lámparas y, como ya se ha dicho, es característica de las ánforas tipo Sagona 2 (fig. 2, 4).

Otras piezas de vajilla en forma de cuencos de cerámica fina ("fine ware"), calificables como objetos de lujo, eran algo excepcional, a juzgar por el número de hallazgos en el oeste. Puede que la forma de los cuencos con una carena muy marcada (fig. 4, 1), que no se consiguió elaborar in situ hasta transcurrido algún tiempo y ello de manera algo tosca, fuera demasiado di-

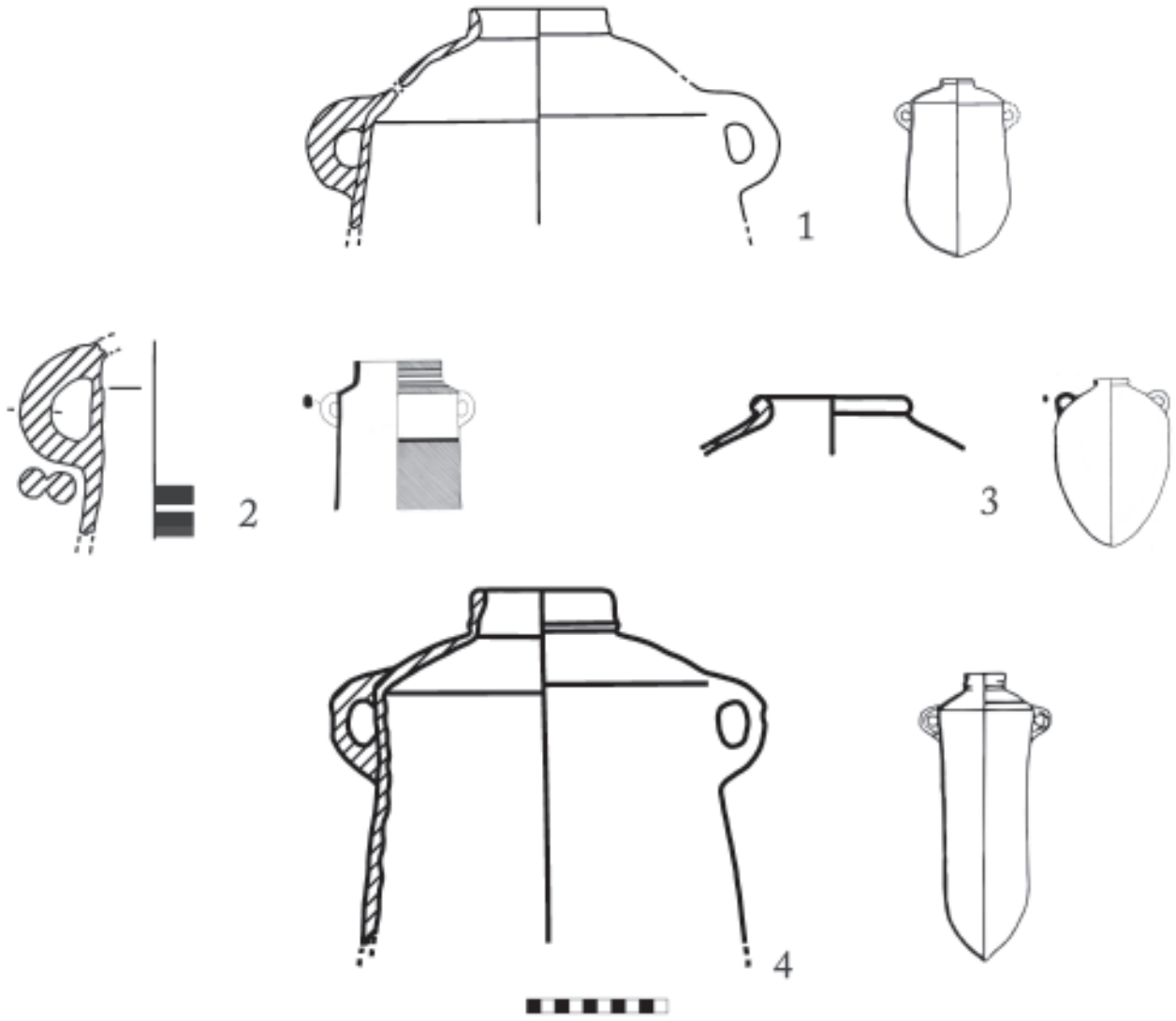


Fig. 2. Tipos de anfora

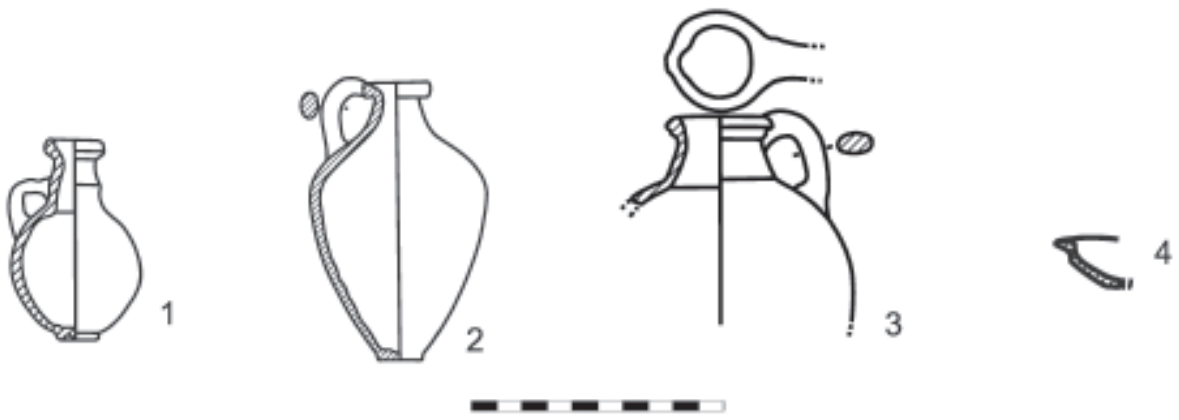


Fig. 3. Vasos hechos del tipo arcilla "TL"

Fig. 4. Cuencos de importación

fícil de conseguir, al igual que la forma de los cuencos con borde recto saliente y carena marcada (fig. 4, 2).

Más fácil de imitar resultaban los cuencos de casquete esférico (fig. 6, 10) que aunque no tenían paredes tan finas, se fabricaban con gran maestría. Del Morro de Mezquitilla existe un cuenco de casquete esférico, probablemente levantino, de excelente calidad en lo que a finura de la pared y factura del engobe rojo se refiere. La composición de la arcilla empleada para su elaboración es la "TM", composición que también hemos encontrado en algunos otros recipientes, sobre todo, botellas, aunque también hay una lucerna, una jarra y un plato muy pequeño sin engobe rojo. El gran número de cuencos de cerámica fina hallados en Huelva podría hacernos pensar que se trataba de un artículo de exportación caro que los colonos fenicios no podían permitirse fácilmente, que quizá estuviera destinado más bien al comercio con los extranjeros y que, debido a esto, sólo aparece en los asentamientos fenicios de forma esporádica.

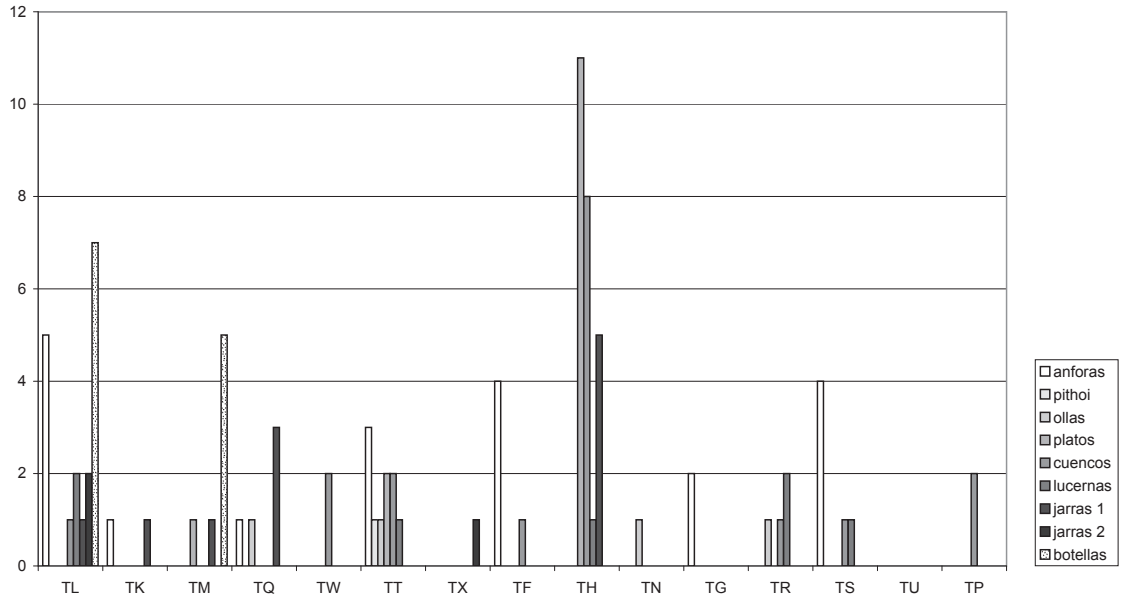


Fig. 5. Grafico: las importaciones TL –TX probablemente de origen levantino; TF Cartago; TH – TP occidental

Las vasijas de engobe rojo revelan ante todo un intercambio muy intenso con la región en torno a Cádiz –la arcilla TH y TN . Muchos cuencos, jarras y platos proceden de allí. Cabe sospechar que también llegaban ánforas desde ese lugar, aunque aún no hemos podido determinar la calidad de su arcilla.

El examen de las importaciones indica que los colonos recibían desde la metrópoli, sobre todo, vasijas cerradas, es decir, recipientes para mercancías inexistentes en el lugar, a lo que hay que añadir un número de lucernas relativamente elevado. Los platos o cuencos procedentes del

este constituyen una excepción y lo mismo ocurre con las importaciones de Cartago. Asimismo, todo parece indicar que era posible comprar vajilla de buena calidad en los alrededores, como demuestran los hallazgos de la región de Cádiz. Estos objetos presentan, por lo general, un engobe rojo más compacto y brillante que los de elaboración local.

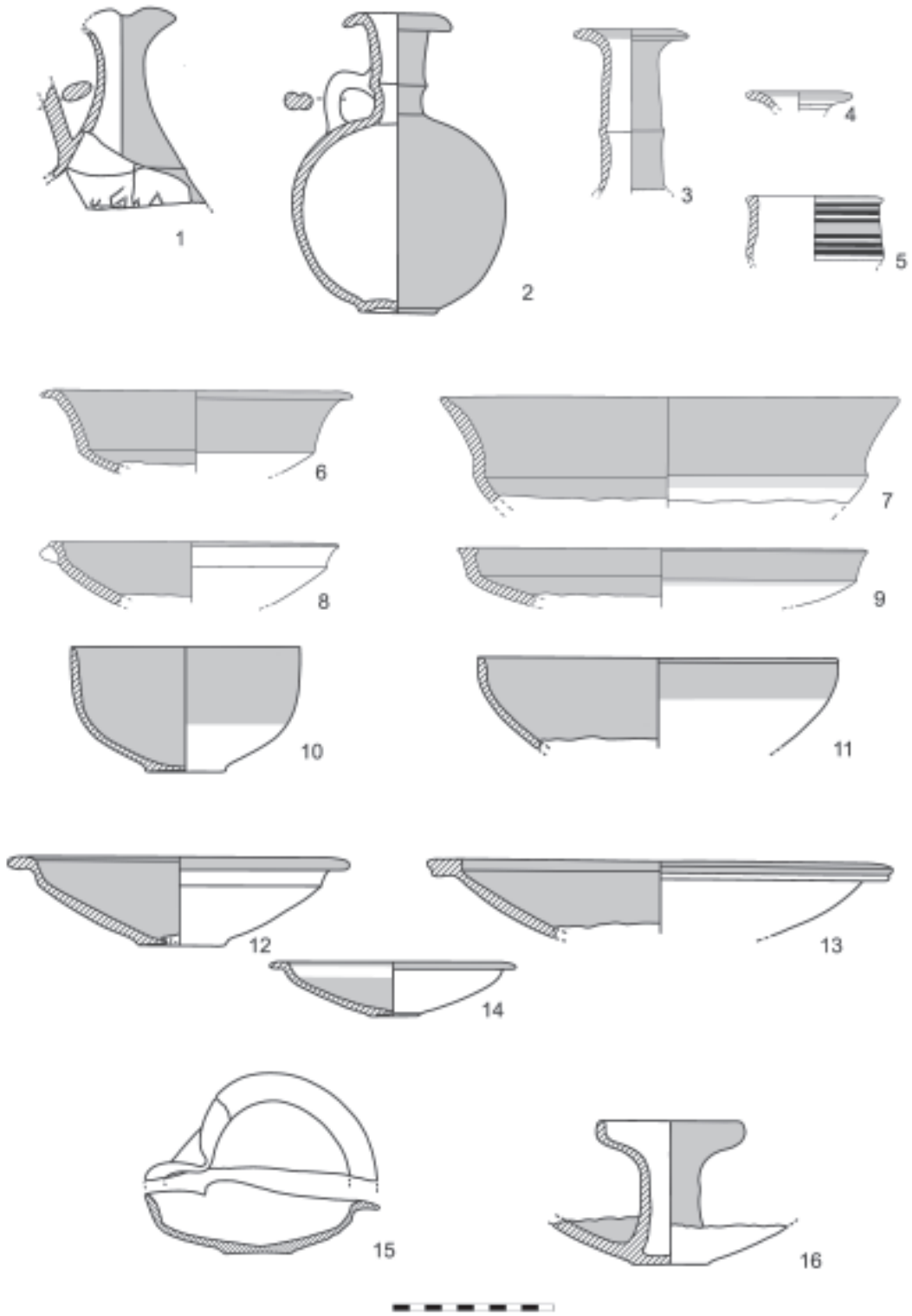


Fig. 6. Cuadro de conjunto de las vasijas mas importantes del siglo VIII a.C del Morro de Mezquitilla

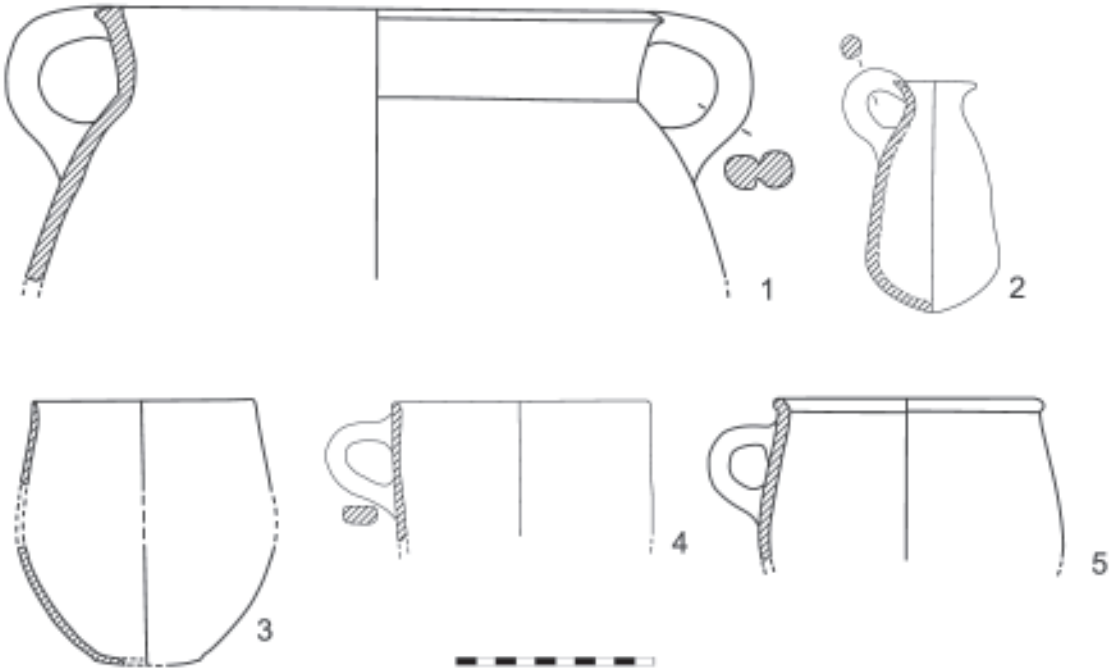


Fig. 7. Cuadro de conjunto de las vasijas más importantes del siglo VIII a.C del Morro de Mezquitilla

La diversidad de las vasijas de elaboración local (fig. 6 y 7) halladas en el Morro de Mezquitilla posee un aspecto levantino homogéneo Esto significa que los colonos siguieron elaborando las formas de su tierra de procedencia, al tiempo que se iban desarrollando variantes locales como, por ejemplo, el habitual uso del engobe rojo en platos y jarras o, como algo especial en la fase temprana, la forma de la olla de paredes rectas con borde simple exvasado, que apenas aparece en otros contextos. Si nuestros análisis de la arcilla son correctos, un ejemplar procedería del este y su arcilla sería del tipo TT, algo que ocurre también en dos cuencos con carena, dos lucernas, tres ánforas tipo I, dos platos y un fragmento con borde Pithos.

De momento no podemos establecer influencias del interior en nuestro repertorio de formas. Dicha influencia no se pone de manifiesto hasta una fecha posterior, por ejemplo, en la cerámica gris, que aparece más adelante, es decir, aproximadamente en tiempos de la colonización de Toscanos

Llama la atención el hecho de que en la cerámica gris abunden formas características de la cerámica de "retícula bruñida" de Tartesos, que, no obstante, se dan también en el acervo de formas fenicio (fig. 6, 7) (por los tipos vease Ruiz Mata 1995, fig. 14-16). Las formas de las piezas de vajilla de cocina (Fig. 7, 3-5) hechas a mano pertenecen al repertorio fenicio (Schubart 1983, p. 126 s.), mientras que otras vasijas, asimismo hechas a mano, forman parte del horizonte del litoral de finales de la Edad de Bronce. En el caso concreto del Morro de Mezquitilla pueden interpretarse como testimonio del contacto de la población con los habitantes del interior. Estos hallazgos han sido estudiados por la difunta Susana Puch y serán publicados por el Instituto Arqueológico Alemán.

Así pues, nos encontramos ante un asentamiento que mantenía contacto con los pueblos circundantes, pero que aún estaba firmemente anclado en el mundo fenicio o, dicho de otro modo, ante un asentamiento cuya cerámica local refleja claramente la imagen de la metrópoli, sobre todo en lo que atañe a las formas (fig. 6 y 7). También las importaciones ponen de manifiesto la existencia de vínculos muy estrechos con la metrópoli y el intercambio con las ciudades hermanas del oeste.

Bibliografia

Aubet, Mª.E. (2001) – *Tiro y las colonias fenicias de occidente*. Barcelona.

Bernardini, P. (1988) – S. Antioco: Area del Cronicario. L'insediamento fenicio. *Rivista di Studi Fenici*. 16,1. Roma. pp. 75 - 89

González de Canales Cerisola, F. ; Serrano Picardo, L. ; Llompart Gómez, J. (2004) - *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 900 – 770 a. C.)*. Madrid.

Maaß-Lindemann, G. - Orientalische Importe vom Morro de Mezquitilla. *Madrider Mitteilungen*. 31. pp. 169-177; versión castellana in Aubet, Mª. E. ed. (imp. 1997) – *Los Fenicios en Málaga*. Málaga. pp. 47-60.

Ruíz Mata, D.; Pérez, C. J. (1995) - *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. El Puerto de Santa María.

Sagona, A. G. (1982) – Levantine Storage Jars of the 13th to 4th Century B.C. *Opuscula Atheniensia*. Lund XIV:7. pp. 151 – 111.

Schubart, H. (1983) – Morro de Mezquitilla. Vorbericht über die Grabungskampagne 1982 auf dem Siedlungshügel an der Algarrobo-Mündung. *Madrider Mitteilungen*. 24. Mainz. pp. 104 – 131.

Schubart, H. (2001) – Die Phönizier an den Küsten der iberischen Halbinsel. In Blech, M.; Koch, M.; Kunst, M. et al. *Hispania Antiqua. Denkmäler der Frühzeit*. Mainz.

Vegas, M. (1998) – La cerámica de importación en Cartago durante el período arcaico. In Vegas, M. (ed.) *Cartago fenicio-púnica. Las excavaciones alemanas en Cartago 1975-1997*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 4. Barcelona. pp.133 - 145.

UN AMULETO FENOPÚNICO DEL GOLFO DE CÁDIZ
*
**

Juan José López Amador[1]
José Antonio Ruiz Gil [2]

[1] *Servicio de Arqueología y Restauración, Ayuntamiento de El Puerto de Santa María*
[2] *Universidad de Cádiz*

Resumo

Otolitos de corvina têm sido sistematicamente encontrados em ambientes que permitem relacionar este resto de peixe com um uso ritual, pelo menos a partir da época fenício púnica. O seu aparecimento em santuários e necrópoles da área gaditana permite esta leitura, não podendo perder-se de vista que ainda na actualidade os otolitos se usam, na região do Estreito de Gibraltar, como amuletos, quer em brincos quer como pendentes de colar.

Abstract

Otoliths of meagre have been consistently found in contexts that allow us to relate the rest of this fish with a ritual use, at least from the Phoenician-punic period. Its appearance in sanctuaries and necropolis of the gaditana area allows this hypothesis, but we must also remember that they are used, till today, in the region of the Strait of Gibraltar, as an amulet, either in earrings or as necklace pendants.

---

* Trabalho ampliado e revisto, originalmente apresentado como poster

** Nota do Editor:
Texto não revisto pelo autor. Todas as tentativas para contactar o autor de forma a que corrigisse as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

Introducción

Como producto de una larga vinculación que desde la Prehistoria tienen con el océano, los habitantes del área geográfica del Golfo de Cádiz dan un singular uso una pequeña parte de la corvina, un pez muy vinculado con las gentes del mar. Pues bien, aquí en la Bahía de Cádiz, aún se utilizan como amuleto los otolitos que lleva en la cabeza, que son bien conocidos para muchos de nosotros. Posiblemente, sea una de nuestras más antiguas manifestaciones mágico-religiosas con origen en el mundo marino. Desde antiguo, este hueso de aspecto alabastrino atrajo la atención de los marineros, que solían guardarlo como algo muy preciado.

El otolito mantiene su esencia como tradición marinera en toda la Bahía de Cádiz, particularmente en la ciudad El Puerto de Santa María, aunque hemos podido ver un uso extendido por la costa de Huelva y el Algarve portugués, fundamentalmente en el área geográfica del Golfo de Cádiz. Actualmente está distribuido por toda la geografía nacional, adquirido en la mayoría de los casos como adornos exóticos, sin saber que la tradición popular le dota de poderes sobrenaturales. La forma más común de llevarlo es trabada en hilos y cadena de oro, y colgada del cuello.

Aún se captura la corvina en nuestras aguas, y forma parte de nuestra gastronomía, especialmente en Cádiz y Huelva. Actualmente no es un pescado muy abundante y se encuentra en regresión por todo el litoral. Hace unos años se solían capturar en algunas almadrabas, al quedar atrapadas en el "copo" donde se pescaba el atún, pero siempre en una proporción muchísimo menor que el número de atunes (A.G.A.).

La corvina (*Argyrosomos regius*), en inglés *Meagre*, en italiano *Ombrina Boccadoro*, y en francés *Maigre*, es un pez, plateado, cuyo nombre, según la nomenclatura científica quiere decir "cuerpo de plata regio". Pertenece a la familia de los "esciénidos", orden de los perciformes, pudiendo alcanzar hasta 2 m de longitud y los 50 kilos de peso, a veces cerca de los 100 Kg, por desgracia estos súper-ejemplares son muy escasos. Vive entre 15 y 300 metros de profundidad, formando pequeños bancos distribuidos por las costas del Mediterráneo y parte oeste del mar Negro, llegando por el Canal de Suez hasta el mar Rojo, en el Atlántico occidental desde Noruega, normalmente desde el Canal de la Mancha, hasta Senegal y Congo.

Es un pez errático y muy voraz. Persigue a los bancos de mugílidos o clupeidos, peces más pequeños, sobre todo cerca de las costas arenosas. Motivo por el que puede llegar a entrar en los estuarios en busca de sus presas e incluso, los más jóvenes, en agua dulce, pues los alevines viven en la superficie marina cerca de los estuarios. En primavera y verano se reúnen en pequeños bancos cerca del litoral sur del Mediterráneo para la freza (tiempo del desove). Tiene la particularidad de emitir unos fuertes sonidos que se oyen a gran distancia.

Anatómicamente, muestra un cuerpo alargado, con el eje de la cola alto y el hocico redondeado. La mandíbula inferior destaca poco con dientes pequeños y puntiagudos, en una cavidad bucal de color dorado. El abdomen está ocupado por una gran vejiga. Las escamas son grandes. Se marca una línea lateral. En cuanto a las aletas, la dorsal es doble y apenas separada, la primera con 10 a 11 radios, duros y espinosos, la segunda con 27 a 29, blandos; la caudal es prácticamente recta; mientras que la anal tiene 2 radios espinosos y 9 blandos; la pectoral es corta; la ventral tiene un radio espinoso y el resto blandos. Las aletas son de color entre gris y marrón, mientras que el dorso es algo más claro, los flancos quedan entre el dorado y el plateado, mientras que el vientre es plateado.

La carne se destina a la venta directa y no a la conserva. Se prepara en forma de filete o rodajas aprovechando para su corte la separación de las vértebras: la cabeza, que contiene el otolito, una vez seccionada se vende aparte y a buen precio, según los pescaderos. La mayoría de las corvinas que hoy se venden provienen del "Moro", zona geográfica que comprende la banda atlántica de Marruecos y el norte de las islas Canarias (Ferrer 1993). Es de esta zona de donde pro-

vienen los ejemplares de mayor tamaño, llegando incluso a pesar desde los 12 a los 20 kilogramos. Los capturados actualmente en el Golfo de Cádiz tienen un porte menor, aunque hay constancia de la pesca de ejemplares de gran peso en Sancti Petri (A.G.A.).

Los otolitos de corvina como amuletos

Los otolitos, denominación originaria del griego: oûs-otos, oreja, y lithos, piedra, los tiene la corvina en su cabeza. Los otolitos de los peces son unos cuerpos calcáreos situados en el aparato vestibular (oído interno de los peces teleósteo) análogos a la otoconias de otros vertebrados (A. Luque T. Ramírez. 2.000). El biólogo pesquero considera el otolito como una unidad de almacenamiento de información, en él quedan registrado todos los acontecimientos de las distintas edades del pez. Permiten él calculo de las edades, también la longitud del pez, así como la maduración, cambios de habitad, y las migraciones. Además, analizando la proporción de oxigeno 16 y de su isótopo 18, se puede calcular la temperatura del agua en cada año de vida del pez, otros átomos, como el estroncio y el calcio, indica en que masas de agua evoluciono el individuo (Pérez-Gandaras Pedrosa 1997). Los otolitos se han convertido para muchos investigadores, en una pieza clave en el estudio de la dinámica de poblaciones, grado de crecimiento, la mortalidad, comportamiento migratorio de una población, etc, (A. Luque T. Ramírez 2.000).

Para saber que virtudes contiene, y que cuenta la tradición, hemos utilizado la sabiduría de personas mayores relacionadas con el mar. Así mismo hemos llevado un otolito con nosotros, y se ha preguntado lo que sabían a las respecto a personas que lo llevaban, a joyeros, en muelles, en mercados, en un recorrido por ciudades y pueblos como Algeciras, Tarifa, Barbate, Conil, Cádiz, El Puerto de Santa María, Sanlúcar, Huelva, Isla Cristina, Ayamonte, Vila Real de San Antonio, Tavira, Faro, Sagres etc.

A nuestro amuleto se le atribuyen cualidades y propiedades curativas sobre cefaleas o dolores de cabeza, y buena fortuna, según la gran mayoría de las consultas que se han efectuado. Es verdad que hay muchas versiones de sus poderes mágicos, pero en general, la base de todas gira en torno a las mencionadas anteriormente en especial fortuna. Antiguamente, y de ello tenemos constancia, los otolitos de corvina eran transportados en bolsitas de tela o, incluso, sueltos en los bolsillos.

De los amuletos hay que decir que han sido empleados en todas las culturas y épocas de la historia por sus supuestos poderes sobrenaturales. Las costumbres y tradiciones populares dan singular relevancia a la magia, y en especial a los amuletos. Estos suelen ser objetos generalmente portátiles y unipersonales a los que supersticiosamente se les atribuyen alguna virtud sobrenatural: preservar de algunos males, evitar y sanar enfermedades, o traer suerte. Para R. H. Laarss (1997), la palabra *amuleto* es tal vez originaria de Oriente, los árabes llaman *Hamalet* (colgantillo o pendiente) a la piedra y a la ficha que, sujetadas por un cordón, llevan al cuello. Este mismo autor ve la diferencia entre talismán y amuleto en la producción de influencias benéficas en el primer caso, mientras que en el segundo se rechazan los malos influjos (Laarss 1997).

Entre estos amuletos hemos incluido los otolitos. El portador considera que el amuleto posee propiedades para ahuyentar el mal y los maleficios. Esta creencia forma parte de esa idea consustancial en el hombre de atribuir poderes sobrenaturales a elementos de la naturaleza, astros, animales, plantas, rocas, etc. Al pez se le atribuyen poderes sobrenaturales, se le considera como un ser psíquico, dotado de poder ascensional de lo inconsciente, tiene sentido fálico, es símbolo de fecundidad, etc. (Cirlot 1969). Otras culturas le atribuyen un simbolismo espiritual, como ocurría entre los chinos, babilonios, asirios y fenicios. En la actualidad se esta comenzando a conocer la importancia de la participación de animales marinos en ofrendas rituales en templos y necrópolis como la de Cádiz (Niveau de Villedary e.p.).

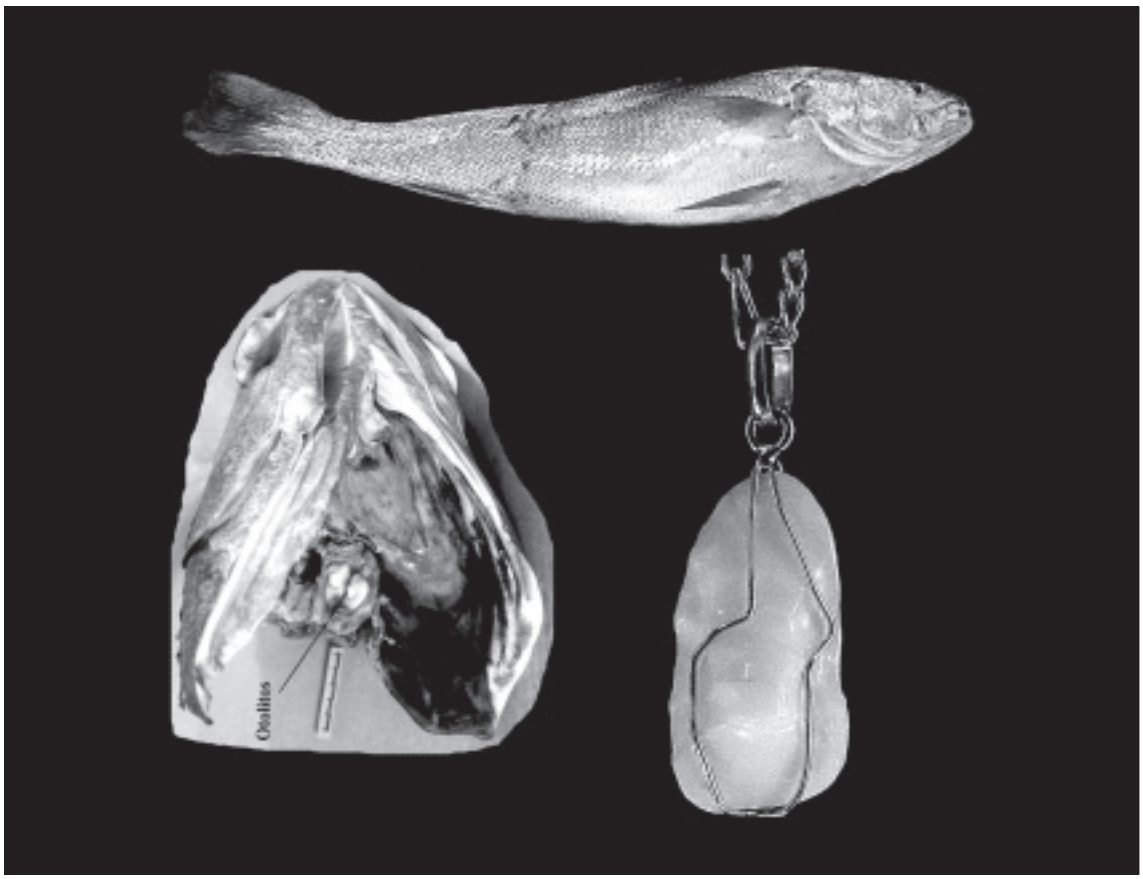


Fig. 1. Corvina, cabeza de corvina con la ubicación de los otolitos, colgante de oro con otolito

Hasta ahora se había dado una versión actual del uso de este amuleto, pero desconocemos qué valor podría tener cuando aparece en contextos arqueológicos, ofrendado en ritos del abandono de una cabaña, formando parte del ajuar personal y de los ritos funerarios de ciertos enterramientos, o depositados como ofrenda en los santuarios. Estamos convencidos de que si la corvina fue apreciada por su carne, también lo fue, y posiblemente más, por estos objetos de aspecto extraño.

Arqueología de los otolitos de corvina

Es difícil su seguimiento como hallazgo arqueológico. Debemos tener en cuenta que por su aspecto -parece una pequeña piedra blancuzca, a veces de tono marfil- es fácil que pase inadvertida enterrada en la tierra. Los otolitos forman parte de la estructura ósea de la cabeza, sin embargo aparece individualizado en la mayoría de los casos. Su hallazgo en varias excavaciones arqueológicas, especialmente en espacios sagrados, se relaciona con los poderes sobrenaturales que le suponen los marineros.

En la Bahía de Cádiz, concretamente en Puerto Real, han sido hallados otolitos, en el yacimiento del Retamar, fechado por ^{14}C en 6.370 +- 80 años BP (5.025 Cal). Parece tratarse del primer asentamiento estacional frecuentado por una sociedad tribal comunitaria que desarrolla un modo de economía recolectora –la pesca-, y una explotación del medio natural marino. En principio, no están relacionados con ningún ritual, se trata de cuatro otolitos localizados en los hogares 11, dos pertenecientes al mismo individuo, 12 y 13, estos dos últimos de individuos distin-

tos (Ramos y Lazarich 2002). Por tanto, son tres los individuos localizados en el yacimiento, todos en el interior de hogares y, significativamente, no se han hallado otros restos que pertenezcan a la corvina (*Argyrosomos regius*).

Restos de corvina han sido hallados en el cabezo de San Pedro, en Huelva, pero ninguno de ellos corresponde a otolitos. También hay despojos de corvinas en Toscanos (Málaga), también sin otolitos (Morales, Roselló, Moreno, Cereijo, y Hernández 1995). En Castro Marim (Portugal), la corvina es la segunda especie en abundancia, con mas de cuatrocientos restos. En este lugar, la abundancia de corvina, notoria a principios del 1er milenio antes de nuestra era, aumenta hacia la mitad de este milenio, y baja de nuevo a finales de la Edad del Hierro, comunicación personal de D. Arturo Morales Muñiz. En este yacimiento la corvina es el segundo pescado por número de capturas; sin embargo, no hay ningún otolito, en este caso la ausencia no parece casual, pues quien manipulara estos pescados antes de tirar sus restos extrajo los otolitos. Su valor parece ser conocido.

Uno de los lugares más antiguos donde los hemos encontrado, es el fondo de cabaña del Bronce Final en Pocito Chico. Está fechado por ^{14}C en torno al año 1.000 a.C. cal. (Ruiz y López 2001). Se trata de una gran cabaña de cubierta vegetal, semiexcavada en la marga, usada durante largo tiempo. Pues bien, una vez perdió su utilidad y sus moradores decidieron abandonarla, realizaron una serie de rituales, hasta rellenar en varias etapas el hueco excavado que ocupaba la choza y, justo en ese relleno, junto a otros elementos como un pequeño cuchillo de hierro, copas a torno, cuentas de collar de cornalina, etc., encontramos otolitos, nuestro amuleto, formando parte de las ofrendas que allí se depositaron, y que posiblemente pertenecían a una de las personas vinculadas a esta cabaña.

Fig. 2. Excavación en Pocito Chico, cerámica indígena junto a copas a torno, elementos de cornalina, y fragmento de estela de guerrero con casco de cuernos

En otro lugar, también muy cercano y conocido por todos, el Castillo de Doña Blanca (Ruiz Mata 1988, 1986-1989, 1994) se encontró en una de las tumbas excavadas en el Túmulo 1 de la Necrópolis de Las Cumbres, un otolito que formaba parte de los rituales funerarios en la tumba principal del túmulo, la fenicia (información que agradecemos a la subdirectora de la excavación Carmen J. Pérez Pérez). El otolito se situaba bajo los vasos cerámicos que contenían las cenizas de una persona incinerada junto a sus objetos personales: cuentas de oro y alabastro, pendientes de plata, anillos, vasos de alabastro, etc., fechados en el siglo VIII a. C. En este caso, y en el de Huelva como veremos, al tratarse de tumbas, el hallazgo de estos otolitos cobra una singular importancia, ya que nos hacen presuponer un uso similar al actual. De no ser así, sí quedaría claro que se trata de un elemento de uso personal.

De nuevo en el poblado de Doña Blanca, pero en las excavaciones de la ciudad, hallamos nuestro amuleto. En esta ocasión su contexto es urbano por lo que no podemos atribuirle ningún uso sacro predeterminado, únicamente reseñar su aparición en una ciudad tan marinera como esta. Hay recogidos un total de 8 otolitos, según se desprende del estudio que sobre la fo.30 hicieron E. Roselló y A. Morales en 1994, localizados en los niveles del XVII al VI, fechados entre los siglos VIII al V a.C.

Fig. 3. 1, Excavación en el Túmulo 1 de la Necrópolis de las Cumbres, tumba fenicia y algunos elementos del ajuar. 2, joyas y jarro de la tumba 5 dela Necrópolis de La Joya. En ambas tumbas se encontraron otolitos de corvina

La aparición en el mismo casco urbano de Huelva nos habla de que es en el marco del Golfo de Cádiz donde se usa este amuleto, coincidiendo tanto en la Antigüedad como en la actualidad. Como decimos, se halla en Huelva en la magnífica necrópolis de época tartésica de La Joya, siglo VII a. C. Sus tumbas son bien conocidas por los ricos ajuares metálicos: jarros, soportes, braseros, adornos de carro, etc. En concreto, en la Tumba n1 5, su ajuar contenía además de un jarro de bronce decorado típico de Rodas, un brasero también de bronce, fragmentos de un recipiente de plata, un anillo de oro macizo con una representación de grifos en el sello, un fragmento de hierro, un fragmento de marfil con decoración grabada, cuentas de collar de ámbar y vasos cerámicos, etc. "dos cartílagos de pescado marino de color blanco y aspecto alabastrino", según su excavador, J. P. Garrido Roiz (1970), que, como hemos comprobado, son dos otolitos de corvina, nuestro amuleto.

También en las excavaciones urbanas de Huelva encontramos dos otolitos en Puerto 29, uno completo y otro fragmentado, procedentes del estrato 8, fechado entre el 650 y 625 a C. (Roselló 1990). Recordemos que en el cabezo de San Pedro no había otolitos. Así mismo, han sido hallados en el reciente estudio de los materiales arqueológicos procedentes de en Huelva (González, Serrano y Llompart 2004, lám. LXXII).

En las recientes excavaciones arqueológicas en Gorham's Cave, en Gibraltar (comunicación personal que agradecemos al codirector del proyecto de investigación, D. Francisco Giles Pacheco), sabemos que han sido hallados varios otolitos, en los niveles del santuario fenicio. Aparecen depositados como ofrenda junto a otros elementos como cerámicas, escarabeos egipcios, anillos, etc. Están repartidos en diferentes depósitos estratigráficos, con cronología que abarca desde el siglo VIII al III a.C.

Hay en Sanlúcar de Barrameda un yacimiento situado en el pinar de la Algaida, que parece ser un santuario, dedicado al Lucero del Atardecer (Venus), ubicado junto al antiguo *Lacus Ligustinus*. Por la gran cantidad y calidad de los materiales recuperados, debió de ser un lugar muy frecuentado por los pescadores de la época, entre los siglos V al II a.C. Como hemos podido comprobar al estudiar los restos en el Museo de Cádiz, la mayoría de los objetos que se han extraído en el transcurso de las intervenciones arqueológicas son personales, como pendientes, collares de cuentas de cornalina y numerosísimos anillos con sellos.

Detengámonos un instante en estos anillos. Generalmente están decorados con figuras en bajorrelieve por su parte exterior, algunas veces suelen ser figuras o animales mitológicos. Un ejemplo de esto lo encontramos también en un anillo de plata hallado en el río Guadalete, con la figura de Hércules. En muchas ocasiones son peces o mariscos claramente identificables: así podemos distinguir, mojarras, atunes,

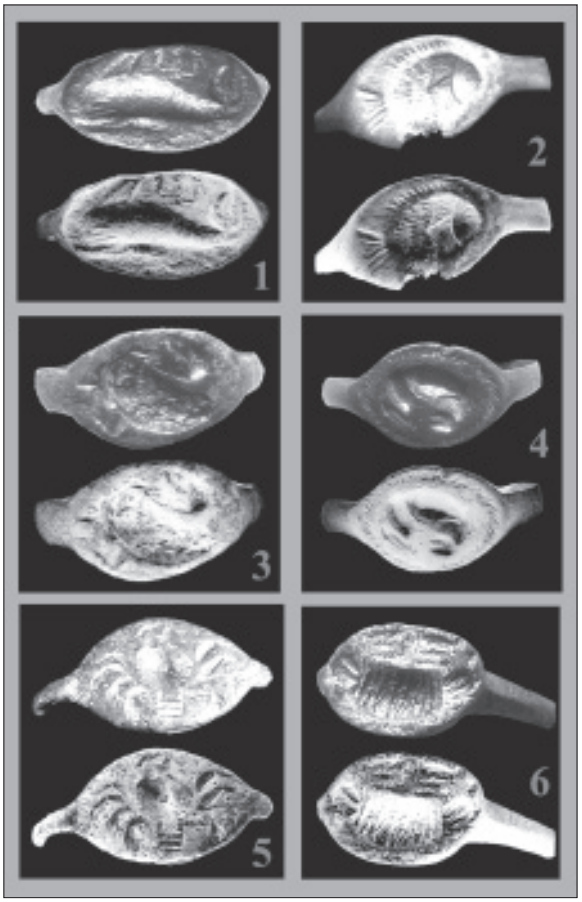


Fig. 4. Anillos con sellos de la Algaida, 1 delfín con tridente, 2 mojarra, 3 pejesapo, 4 buey de mar, 5 langosta, 6 centollo

sargos, calamares, pulpos, etc; queda claro, como vemos, que se trata de especies características del Golfo de Cádiz. Pues bien, desde nuestro punto de vista, estos bajorrelieves son los sellos que representan los anagramas comerciales de los propietarios o concesionarios de pequeñas factorías pesqueras, que desde al menos el siglo VI a.C. están elaborando conservas de pescado por toda la Bahía de Cádiz, preferentemente desde la desembocadura del río Guadalete al Guadalquivir.

Continuamos con los hallazgos del santuario. También se encuentran vértebras de pescado, y otros tantos moluscos perforados, junto a otros tipos de exvotos, vasos de cerámica, terracotas, figurillas de bronce -algunas de procedencia etrusca-, y pendientes de metal. Junto a todo ello, un total de 49 otolitos de distintos tamaños, que fueron depositados, al igual que los otros objetos, como ofrendas.

La cercanía de este santuario a las factorías púnicas pesqueras portuenses relaciona, desde nuestro punto de vista, la cantidad de otolitos encontrados en el santuario de La Algaida, y la ausencia de restos de cabezas en las corvinas encontradas en la Factoría nº 6 de El Puerto de Santa María. Su considerable tamaño, junto a la sección de la cabeza –donde se alojaban los otolitos-, demostraría que la necesidad de abastecer de estas ofrendas compensaría económicamente el derroche que se produce al tirar una importante pesca de una misma especie, como más adelante veremos. Nuestra opinión es que las ofrendas del santuario de La Algaida están estrechamente vinculadas a los marineros que habitaban, trabajaban o arribaban a nuestras costas en relación a las factorías conserveras. Iban allí a depositar sus ofrendas en agradecimiento a los favores otorgados.

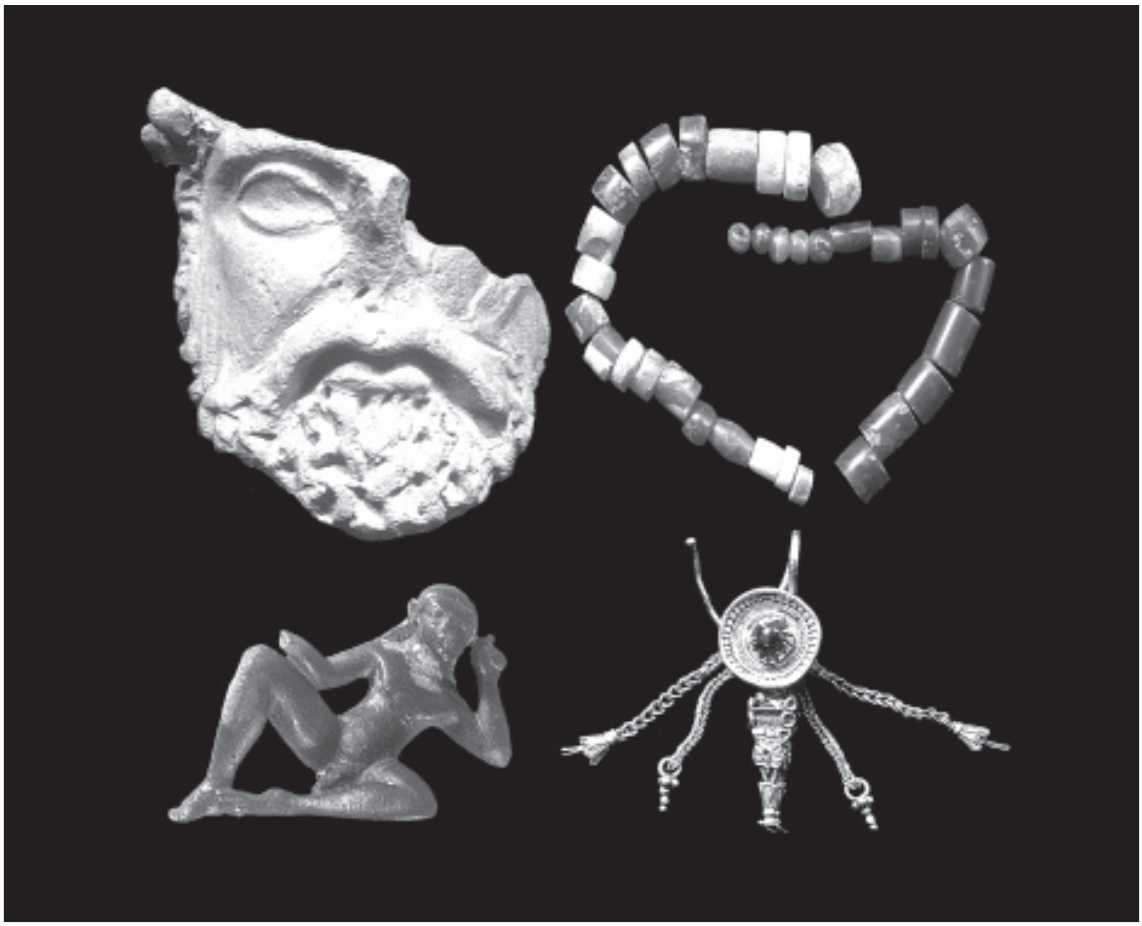


Fig. 5. Ofrendas recuperadas junto a otolitos en La Algaida

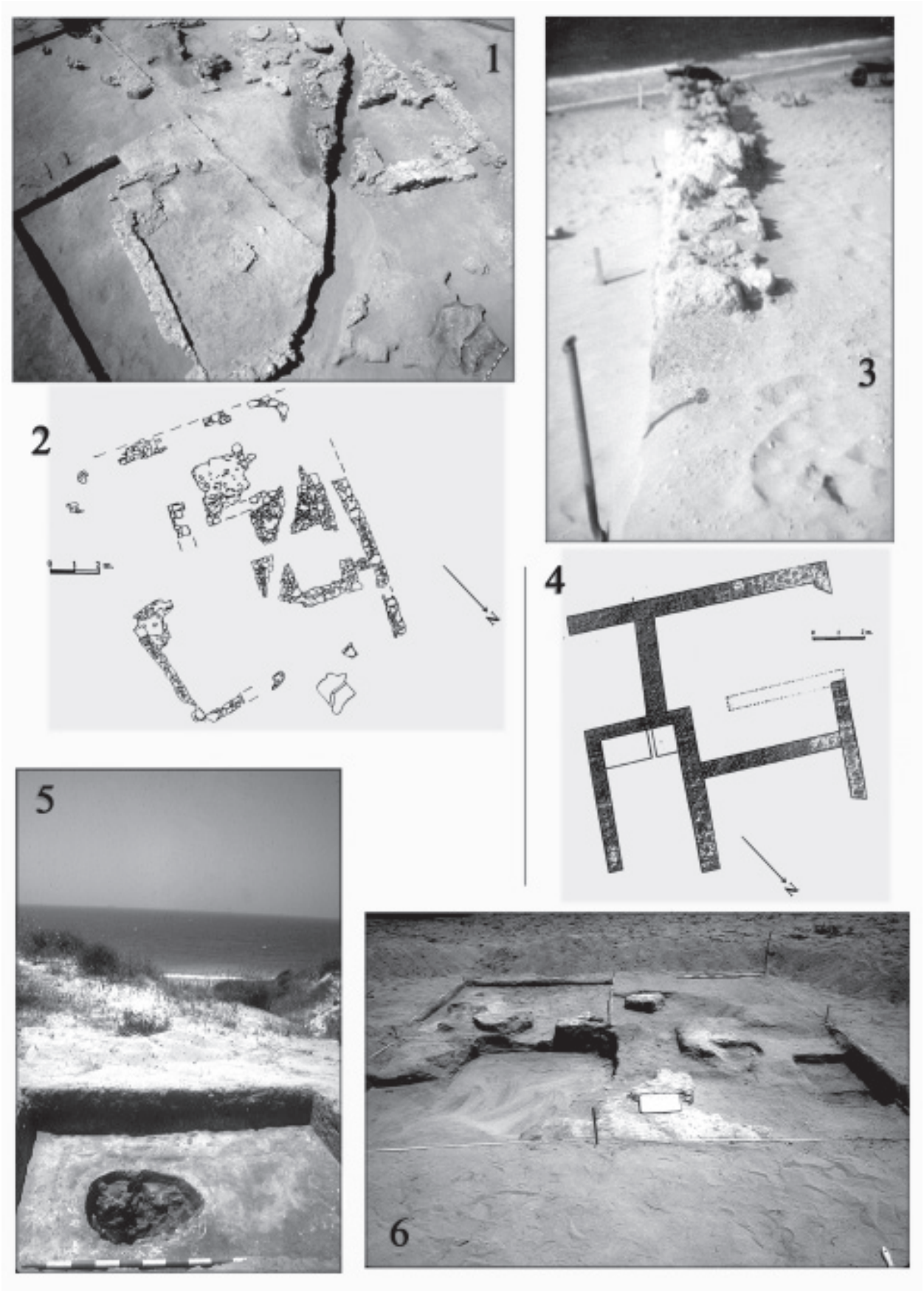


Fig. 6. Factorías pesqueras Púnicas de El Puerto de Santa María

En el estudio de los restos óseos de pescado recuperados de una fosa en una de las factorías pesqueras en El Puerto de Santa María, la n1 6, de época púnica -siglo IV a. C.-, realizado por A. Morales y E. Roselló en 1990, se llegó a la conclusión de que todos los restos pertenecían a una sola especie, la corvina. Del estudio osteométrico se conoce aproximadamente el buen tamaño de estos ejemplares, entre 1 y 2 metros, conservándose muy completos. Llama la atención de estos dos autores el tipo de manipulación que los pescadores de la época hacían sobre los individuos capturados. La cabeza aparece seccionada por el puente óseo de la cintura pectoral, en su zona más frágil.

Hoy en día, se descabeza este pez siguiendo tal descripción, pero el resto del pescado se corta en rodajas utilizando la separación entre vértebras. De haberse seguido esta forma de corte en los restos de la Factoría nº 6, es lógico pensar que no hubieran aparecido los restos enteros. Es muy significativo, entonces, que en el conjunto de huesos encontrados no aparezca ni una sola parte de la cabeza del pescado. Quizá porque se destinaba a otro tipo de práctica.

Discusión

Aún son pocos los datos que tenemos de este singular objeto arqueológico, aunque los que poseemos concuerdan en la coincidencia de su rastro. Este rastro nos conduce a una serie de evidencias a tener en cuenta. Su aparición siempre forma parte de las ofrendas en distintos ritos, delimitados claramente en el tiempo. En el momento más antiguo participa en el relleno ritual de una choza junto a materiales orientales; en los ritos funerarios de dos tumbas, una del siglo VIII, y otra del VII a. C., ambas de posible origen fenicio; también en el siglo VIII a. C., y en adelante, en este caso en las ofrendas del santuario fenicio de Gorham's Cave en Gibraltar. En un segundo momento, a partir del siglo VI a. C., y hasta el III-II a. C., sólo aparece como ofrenda en los santuarios. Resulta decisivo que la gran cantidad de tumbas de estos siglos excavadas en Cádiz, no haya proporcionado ningún otolito hasta el momento.

Así pues, al menos podemos definir claramente su uso en época fenopúnica, adaptándose y superviviendo desde la fundación de Gadir hasta la llegada de los Romanos. A partir de aquí los marinos delas Gadeiras en sus creencias y tradiciones lo han mantenido. Es posible que el primitivo uso no fuese el mismo, aún así su uso continua siendo mágico-religioso.

Seguro que en presentes y futuros trabajos irán apareciendo más otolitos, sobre todo en el área geográfica que tratamos. Evidentemente no se trata de una arqueología espectacular, pero pudiera ser que al menos sirviera para contarnos algo de lo que ha permanecido en el espacio y el tiempo.

Para finalizar queremos decir, que nos gustaría poder ofrecer alguna teoría más al respecto, su procedencia, su uso, etc. Pero como es lógico son aún pocos los datos que poseemos. Gracias a la tecnología y los análisis actuales como el ADN y otros, tal vez muy pronto sepamos la procedencia geográfica de alguna de las personas que en la antigüedad utilizaban nuestro amuleto, y esto junto a otros datos nos aclaren un poco más sobre este singular patrimonio.

En la actualidad este amuleto tan arraigado en el Golfo gaditano, se ha visto trasladado a otras zonas de Andalucía, y también de España, como adorno personal, pero aquí ha quedado como parte de nuestro ajuar personal y nuestra tradición oral.

Sea como fuere, este amuleto se distribuye en una región geográfica concreta como es el Golfo de Cádiz. Con una función creadora, en un sistema de relación hombre-objeto de manera muy compleja, especificándose creencias religiosas en relación con el medio natural, escondiendo viejos ritos bajo creencias tradicionales, que por fortuna perduran hasta la actualidad.

Fuentes

A.G.A.: ARCHIVO GENERAL DE LA ADMINISTRACIÓN, Agricultura 886-888, Alcalá de Henares, Madrid.

Bibliografía

Blanco Freijeiro, A. y Corzo Sánchez, R. (1984) - Monte Algaida; un santuario púnico en la desembocadura del Guadalquivir. *Historia*. 16. Año VIII. N 87. pp.123-128.

Cirlot, J. E. (1969) - *Diccionario de símbolos*. Ed. Labor.

Ferrer Andrade, J. (1993) - La motorización de la flota pesquera portuense. *Revista de Historia del Puerto*. 11. Puerto de Santa Maria. pp.53-75.

Garrido Roiz, J. P. (1970) - *Excavaciones en la necrópolis de La Joya, Huelva*. Excavaciones Arqueológicas en España. 71. Madrid.

Giles Pacheco, F.; Finlayson, C.; Gutiérrez, J. M.; Santiago, A.; Finlayson, G.; Reinoso, C.; Giles Guzmán, F.; Allul, E. (2001) - Investigaciones Arqueológicas en Gorham`s Cave (Gibraltar). Resultados preliminares de las campañas de 1997, 98 y 99. *Almoraima. Revista de Estudios Campogibraltareños*. nº25- abril. Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar.

González de Canales Cersola, F.; Serrano Pichardo, L. y Llompart Gómez, J. (2004) - *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 900-770 a.C.)*. Madrid: Biblioteca Nueva.

Gutiérrez López, J. M. (1999) - Aportaciones a la producción de salazones de Gadir: La factoría púnico-gaditana "Puerto 19". *Revista Historia del Puerto*. 24. Puerto de Santa Maria. pp.11-46.

Gutiérrez López, J. M.; Reinoso, M. C.; Giles, F.; Finlayson, C. (2001) - Nuevos estudios sobre el Santuario de Gorham`s Cave (Gibraltar). *Almoraima. Revista de Estudios Campogibraltareños*. nº25-abril. Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar.

Laarss, R. H. (1997) - El secreto de los amuletos y talismanes. Barcelona: Editorial Humanitas S.L.

López Amador, J. J. (2.003) - Un amuleto de posible origen protohistórico. *Revista de Historia del Puerto*. 31. Puerto de Santa Maria. pp.11-22.

López Amador, J. J. y Bueno Serrano, P. (1995) - Un hueso de corvina, amuleto popular. *Mar*. n1332. I.S.M. Madrid. pp. 46-49.

López Amador, J. J.; Bueno Serrano, P.; RUIZ, J. A. ; PRADA, M. (1996) - *Tartesios y fenicios en Campillo (El Puerto de Santa María, Cádiz). Una aportación a la cronología del Bronce Final en el Occidente de Europa*. El Puerto de Santa María.

Luque, A. y RAMÍREZ, T. (2.000) - *Otolitos: una introducción a su potencial uso para el estudio de la biología de los peces*. En www.ciencias.uma.es.

Morales, A. y Roselló, E. (1990) - *Puerto 6 (Cádiz): consideraciones osteométricas y culturales de la ictiofauna*. Huelva.

Morales, A.; Roselló, E.; Moreno, R.; Cereijo, M. A.; Hernández, F. (1.995) - Bases de subsistencia de origen animal en el sudoeste peninsular durante el primer milenio a C. En *Tartessos 25 años después 1968-1993. Actas de Congreso Conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*. Jerez de la Frontera. pp. 523-548.

Niveau de Villedary, A.M. (e.p.) - Ofrendas de peces y moluscos en la Necrópolis Púnica de Cádiz una aproximación. En *I Conferencia Internacional sobre la Historia de la pesca en el ámbito del Estrecho (El Puerto de Santa María 2004)*.

Perez-Gandaras Pedrosa (1997) - *Los otolitos de los peces*. En www.llm.csic.es.

Ramos muñoz, J.; Lazarich González, M., (2.002) - *Memoria de las excavaciónes arqueológicas en el asentamiento del VIº milenio a.n.e. de "El Retamar" (Puerto Real, Cádiz)*. Arqueología Monografías. Junta de Andalucía, Consejeria de Cultura.

Roselló, E. (1990) - Puerto 29, Huelva, La Ictiofauna. *Huelva Arqueológica*. XII. Diputación de Huelva. p. 157.

Roselló, E. & Morales, A.(1994) - *Castillo de Doña Blanca. Archeo-environmental investigations in Bay of Cádiz. Spain (750-500 B.C.)*. BAR International Series. 593. Oxford.

Ruiz Gil, J. A. (1991) - Cronología de las factorías de salazones púnicas de Cádiz. En *Atti del II Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. III. Consiglio Nazionale delle Ricerche. Roma. pp. 1211-1214.

Ruiz Gil, J. A. y Ruiz Fernández, J. A. (1987) - Excavaciones de urgencia en El Puerto de Santa María. *Rev. Arqueología*. 74. pp. 5-12.

Ruiz Gil, J. A. y López Amador, J. J. (2000) - Sobre el origen prehistórico de la industria pesquera gaditana. *Revista de Arqueología*. 232. Madrid: Zugarzo Ediciones. pp. 24-33.

Ruiz Gil, J. A. y López Amador, J. J. (2001) - *Formaciones Sociales Agropecuarias en la Bahía de Cádiz. 5000 años de adaptación ecológica en la Laguna del gallo, El Puerto de Santa María. Memoria Arqueológica de Pocito Chico I, 1997-2001*. El Puerto de Santa María: Arqueodesarrollo Gaditano S.L.

Ruiz Mata, D. (1988) - El poblado orientalizante del Castillo de Doña Blanca. *Rev. de Historia del Puerto*. n1. El Puerto de Santa María. pp.9-24.

Ruiz Mata, D. (1986-89) - El Túmulo 1 de la Necrópolis de Las Cumbres. En *I-IV Jornadas de Arqueología fenicio-púnica*. Ibiza. pp. 207-220.

Ruiz Mata, D. (1994) - La secuencia prehistórica reciente de la zona occidental gaditana, según las recientes investigaciones. En *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva. pp. 279-328.

Vallejo, J.I.; Córdoba, I.; Niveau de Villedary, A.M. (1999) - Factorías de salazones en la Bahía Gaditana: economía y organización espacial. En *XXIV Congreso Nacional de Arqueoogía (Cartagena, 1997)*. vol.3. pp.107-114.

COLGANTES DE PASTA VÍTREA EN FORMA DE CABEZA NEGROIDE

Jordi H. Fernández
Benjamí Costa
Ana Mezquida

Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera

Resumen

En este trabajo pretendemos llamar la atención sobre un tipo de colgante en pasta vítrea, del que en la necrópolis del Puig des Molins (Eivissa) han aparecido diez ejemplares. Se trata de una pequeña cabecita masculina en bulto redondo, fabricado con molde bivalvo y claros rasgos negroides. Si bien se trata de un tipo de colgante bastante raro, algunos ejemplares están presentes en diversos lugares del Mediterráneo antiguo. Sin embargo, los rastreos bibliográficos realizados y las múltiples consultas efectuadas parecen indicar que es en la isla de Ibiza y en Chipre donde se han encontrado un mayor número de piezas de este tipo.

Abstract

In this paper we aim to call the attention on a type of glass pendant, of which ten specimens have been found at the necropolis of Puig des Molins (Eivissa, Balearic Islands). It is a small male head in all-round volume, with clear Negroid traits, made in a two valves mould. Although it is a quite scarce item, some have been found in several places of the Ancient Mediterranean. However, the bibliographical researches as much as the many consultations we have done, seem to indicate that it is in the islands of Ibiza and Cyprus where the larger number of these glass heads have appeared.

1. Introducción

En este trabajo pretendemos llamar la atención sobre un tipo de colgante fabricado en pasta vítrea, no muy abundante, pero presente en diversos lugares del Mediterráneo antiguo. Se trata de una pequeña cabecita masculina en bulto redondo, con claros rasgos negroides.

En Ibiza se ha encontrado un notable número de ejemplares, todos ellos procedentes del Puig des Molins, que en la actualidad se conservan en distintos museos españoles[1]. Así, el Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera (MAEF) conserva cinco ejemplares; otros dos se encuentran en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid (MAN), el Museu Nacional d'Arqueologia Catalunya (MNAC) conserva dos ejemplares más, y otra cabecita se encuentra en el Museu del Cau Ferrat (MCF), en Sitges (Barcelona).

2. Descripción de las piezas

1. Colgante que representa la cabeza y parte del cuello de un varón de raza negra. Con anilla de suspensión en la cabeza. De cabello ensortijado y rasgos típicamente negroides. Fabricado con molde bivalvo, en vidrio de color negro. De técnica buena, muy bien conservado y con los rasgos muy nítidos. Altura 2,05 cm; anchura 1,01 cm; grosor 0,97 cm. MAEF nº 4.165; nº 114 de la campaña de 1923, hipogeo nº 22. (Fernández, 1992, p. 192 nº 515; fig. 108, lám. XCIV nº 515).

2. Colgante similar al anterior. Conservación regular y de rasgos poco nítidos a causa de la degradación del vidrio, que ha adquirido una tonalidad grisácea. Altura 1,79 cm; anchura 0,94 cm; grosor 0,86 cm. MAEF nº 4.166; nº 115 de la campaña de 1923, hipogeo nº 22. (Fernández, 1992, p.192 nº 516, fig. 108, lám. XCIV nº 516)

3. Colgante similar al anterior. La anilla de suspensión está engarzada por otra de plata muy oxidada. Muy bien conservado y de técnica excelente. Altura 2,07 cm; anchura 1,4 cm; grosor 1,1 cm. MAEF nº 4.387; nº 14 de la campaña de 1924, hipogeo nº 2 (Fernández, 1992, p. 248 nº 736, fig. 138, lám. CXXV nº 736).

4. Colgante similar a los anteriores. De factura irregular por ligero desplazamiento de las valvas del molde. Anilla de suspensión rota en parte. Bien conservado, con los rasgos muy nítidos. Altura 2 cm; anchura 0,94 cm; grosor 0,91 cm. MAEF nº 6360.

5. Colgante similar a los anteriores. Conservación regular, le falta parte de cuello. Vidrio degradado que ha adquirido una tonalidad grisácea. Altura 1,74 cm; anchura 0,91 cm.; grosor 0,75 cm.; MAEF nº 6361.

6. Colgante similar a los anteriores. Bien conservado. Anilla de suspensión rota.

Altura 2 cm; anchura 1,1 cm; grosor 0,90 cm. MAN nº 1973 / 36 / 686.

7. Colgante similar a los anteriores. De técnica buena, bien conservado y con los rasgos nítidos. Altura 2 cm; anchura 1 cm; grosor 1 cm. MAN nº 1973 / 36 / 687.

8. Colgante similar a los anteriores. Desgastado y mal conservado, con abundantes irisaciones blanquecinas. Falta la anilla de suspensión. Altura 1,5 cm; anchura 0,9 cm. MNAC nº 9.286.

9. Colgante similar a los anteriores. Muy desgastado. Falta la anilla de suspensión. Altura 1,6 cm; anchura 0,9 cm. MNAC nº 31.256.

10. Colgante similar a los anteriores. Mal conservado por la descomposición del vidrio, con irisaciones azuladas. Falta la anilla de suspensión. Altura 2,1 cm; anchura 1,1 cm; grosor 0,9 cm. MCF nº 30345 (Carreras y Doménec, 2003, p. 52 nº 50).

1 Queremos agradecer la amabilidad de las Dras. Magdalena Barril y Esperanza Manso, Conservadora Jefe y Ayudante del Departamento de Protohistoria y Colonizaciones del MAN respectivamente; a la Dra. Mª Teresa Llecha, Conservadora Jefe del MNAC y a la Dra. Elisenda Casanova del Departamento de Documentación del MCF, así como a sus respectivos Directores, su gentileza por remitirnos las fotografías e información de los ejemplares conservados sus Museos y las facilidades para su publicación.

1-MAEF 4165

2-MAEF 4166

3-MAEF4387

4-MAEF 6360

5-MAEF 6361

6-MAN 1973/36/686

7–MAN- 19734/36/687

8–MNAC 9286

9-MNAC 31256

10-MCF 30345

Lámina 1

3. Paralelos

Llama la atención el escaso número de ejemplares que hemos podido localizar en la bibliografía. Seguramente, su reducido número sea debido a la falta de publicación de las piezas que puedan existir en los fondos de museos; pero, por otra parte, hemos de aceptar también nuestras limitaciones en la búsqueda bibliográfica. Todo ello nos impide evaluar en su justa medida su origen y dispersión geográfica, así como su frecuencia, sus contextos y su datación cronológica.

Para intentar paliar este vacío en la investigación, nos pusimos en contacto con diversos colegas y responsables de museos que, por sus excavaciones y su línea de investigación, o por el contenido de sus fondos museísticos, era posible que tuvieran conocimiento de este tipo de colgante[2]. En el caso de la mayoría de investigadores y conservadores que han tenido la gentileza de contestar a nuestras cartas, la respuesta ha sido por lo general negativa[3]; pero, felizmente, en otros - aunque los menos - positiva.

En la mayoría de casos, se trata de objetos procedentes de colecciones, sin lugar de procedencia y, por consiguiente, sin información contextual alguna. Es el caso de la cabecita del Museo del Vidrio de Lieja[4], la que se encuentra en el Museo Cívico de Arqueología de Génova[5] publicada por A. M. Pastorino (1989, p. 41, nº 161, fig. 40) o la que recoge D. F. Grosse (1989, p. 365, nº 645 a y b), depositada en el Toledo Museum of Art. Por último hemos de citar otros tres ejemplares publicados en el catálogo nº 5 de Numismatic Art & Ancient Coins (1987, p. 61, nº 294), datados en el siglo II d.C., sin otras referencias.

De otros amuletos conocemos tan solo su lugar de origen. Es el caso de las siete cabecitas procedentes de Egipto, sin otros datos, que se conservan en el Fitzwilliam Museum de Cambridge[6], de las que tan solo dos han sido publicadas (Catalogue, 1978, p. 43, fig. 85, a). También conocemos otras cuatro cabecitas halladas en Chipre[7], sin datos de tres de ellas en cuanto a su exacta procedencia. Dos se conservan en el Metropolitan Museum of Art de New York, otra en la Pierides Foundation Museum de Lanarca y la cuarta fue hallada en Katô Paphos, ingresando en 1968 en el Museo de Paphos (Karageorghis, 1969, p. 478 nº 4, fig. 89 a-b, nº Inv. 1921; *idem*, 1988, p. 46, nºs 40-43 42), y a todas se les atribuye una datación ya en el período romano. Por su parte, F. Neuburg (1949, lám. XXXI, nº 104, 2º por la derecha) publica un ejemplar de su colección, procedente de Palestina, sin otros datos. Otros dos ejemplares de la Colección Dobkin, tal vez procedentes de Egipto, se encuentran en el Museo de Israel, recogidos por Maud Spaer, (2001, p. 162 y 168 nº 325-326, lám. 26), quien publica también otra cabecita hallada en las excavaciones de Tel Anafa

2 A lo largo del mes de abril de 2003 nos dirigimos a The Corning Museum of Glass, New York; Royal Ontarium Museum, Toronto; Musée National du Bardo y Musée National de Carthage, Tunis; Musée du Lovre , Departament des Antiquités Orientales; Museo Archeologico de Oristano y Museo Archeologico de Villa Sulcis de Carbonia, Cerdeña, sin obtener respuesta a nuestra consulta.

3 Queremos agradecer a la Dott.ssa Rosalia Camerata del Museo Archeologico Regionale "A Salinas" de Palermo; al Dr. Mhamed Fantar, Titulaire de la Chaire du Président Ben Alí pour le Dialogue des Civilisations et des Religions; al Dr. Fréderic Husseini, Director General des Antiquités du Musée de Beyruth; al Prof. Dr. Francesco Nicosia del Museo G.A. Sanna di Sassari; a la Prof. Dott.ssa Antonella Spanò, Università di Palermo; al Dr. Jefrey Spencer, Deputy Keeper, Department of Ancient Egypt and Sudan, British Museum; a la Prof. Dott.ssa Mª Luisa Uberti, Università degli Studi di Bologna; al Prof. Dott. Raimondo Zucca, Università degli Studi di Sassari, por la pronta respuesta aunque ésta haya sido negativa.

4 Agradecemos al Dr. Jean-Paul Philippart, Director Asistant de le Musée Curtius, Musé du Verre de Liege, su información y la remisión de las imágenes que le habíamos solicitado.

5 Damos las gracias a la Dott.ssa Daniela Ferrari de de la Universidad de Bolonia que gentilmente nos ha proporcionado algunas referencias bibliográficas de cabecitas de negro publicadas.

6 Queremos agradecer a la Dr. Sally-Ann Ashton, *Assistant Keeper* del *Departament of Antiquities*, la información que ha tenido la gentileza de proporcionarnos y la remisión de las fichas informatizadas de los siete amuletos negroides conservados en el museo.

7 Agradecemos al Prof. Dr. Vasos Karageorghis por la información proporcionada, que nos ha permitido conocer la existencia de estos ejemplares chipriotas.

(*Eadem*, 2001, p. 162, fig. 74) depositada en el Kesley Museum of Archeology de Michigan, datada a finales del siglo II a.C.. Además cita como paralelos otros ejemplares, cuya bibliografía, lamentablemente, no hemos podido consultar[8]. Por último, en la colección del Dott. Enzo Cammarata se conserva otra pieza procedente de Montagna di Marzo, en Sicilia (Amata, 1992, p. 40; *idem*, 1996, p. 147-148 nº 5, lám. IV, 2), fechada por el contexto del yacimiento entre los siglos IV-III a.C.

En lo que se refiere al hallazgo de estos colgantes de cabecita de negro en un contexto arqueológico, a excepción de algunos de los ejemplares de Ibiza sobre los que más tarde volveremos, conocemos tan sólo el ejemplar publicado por P. Cintas, hallado en la fosa nº 2 de sus excavaciones en Tipasa (Cintas, 1948, p. 43, fig. 13), que apareció junto a varias cuentas de collar igualmente negras y un recipiente en forma de cantimplora. Cintas llama la atención al hecho de que nunca se haya encontrado –hasta la fecha de publicación de su trabajo- un amuleto igual en Cartago, señalando su presencia en Chipre a partir de los citados en la obra de A. Ridder (1909, p. 272, 276-277 nºs 627-635, sin representación gráfica), procedentes de la Colección de Clercq.

La cantimplora es un modelo antiguo, frecuente en Chipre y en el Próximo Oriente en época fenicia, pero presente en el N de África sólo en época más tardía. Cintas recoge en su forma 364 un ejemplar de la necrópolis de Areg El-Rhazouani, fechándolo entre los siglos V-IV a.C (Cintas, 1950, p. 159, lám. XXXI). Una cantimplora de las mismas características, sin especificación de contexto, procede de la necrópolis de Gouraya (Glauckler, 1915, p. 323, lám. CCLXI, 2ª por la derecha), cuyos materiales tienen un marco cronológico entre el siglo IV a.C. y el cambio de era. Otra cantimplora fechada en la primera mitad del siglo IV a.C. fue hallada en una sepultura de la necrópolis de Ard el Morali, excavada por Merlín en 1917 (Cintas, 1949, p. 46-47).

Otras dos cabecitas proceden de la sepultura infantil en ánfora T19 de la necrópolis de Tuvixeddu (Salvi, 2000, p. 70, láms. XIX, XX y XXIII), en cuyo interior se hallaron algunos restos humanos y algunos dientes que sitúan en menos de diez años la edad del difunto. El ánfora es clasificada por la autora en el tipo D7 de Bartoloni (1988, p. 50, fig. 10), que se fecha en el siglo IV a.C. Además de las cabecitas negroides, se hallaron un amuleto de hueso representando el símbolo de Tanit, dos pendientes cónicos de metal, siete cuentas esferoidales de pasta vítrea, algunos aritos de hueso y metal y una concha marina. Estos materiales, tal vez unidos por un hilo, habían sido depositados después de la cubrición de la tumba, apoyados en pequeñas piedras.

4. Área de procedencia

La homogeneidad en la morfología y dimensiones de estos colgantes, lleva a plantear que se trata de un tipo altamente estandarizado. Sobre todo si tenemos en cuenta que, entre las conocidas, no existen dos piezas que puedan atribuirse a un mismo molde. Sin embargo, si sumamos también la identidad en la materia prima, que casi siempre es una pasta vítrea muy definida, de color azul muy oscuro o negro, ello invita a pensar en una única área de producción y, por tanto, en un grupo seguramente reducido de talleres ubicados en un área concreta.

Con los datos actuales, resulta ciertamente aventurado intentar identificar dicha área de producción, aunque con toda verosimilitud ésta deba situarse en el Mediterráneo Oriental. Por tanto, la costa sirio-palestina o Egipto, dada su larga tradición en la producción de objetos de pasta vítrea, sin descartar completamente la isla de Chipre, podrían ser los lugares de origen de estos colgantes.

8 Petrie y Gardner, 1886: 43 (no ilustrado); Crowfoot et alii, 1957: 420, lám. 26,7; Smith, 1957: nº 191a; Ettinghausen, 1962: fig. 60; Filarska, 1962: nº 9, lám. 3a; Weinberg, 1972: 15, fig. 10 centro; Alekseeva, 1978: Tipo monócromo 196, lám. 34: 44-45; Constable-Mexwell Collection, 1979 nº 188; Vollenweider, 1979: nos 79-80; Tatton-Brown, 1990: 113, lám. 22a-c; Nenna (*en prensa*): E177

5. Cronología

Como hemos podido ver la mayor parte de estos colgantes proceden de colecciones, sin un contexto que permita establecer su cronología y en su mayor parte sin ni siquiera referencias a su lugar de hallazgo.

De los ejemplares de Ibiza únicamente las cabecitas nos 1, 2 y 3 tienen contexto. Las nos 1 y 2 se hallaron en el hipogeo nº 22 de la campaña de 1923, (Fernández, 1992, p. 191-192, fig. 108, lám. XCIV nos 515 y 516), que se encontraba muy saqueado, ya que, al margen de las cabecitas, únicamente se encontró un plato de pocillo decorado con franjas rojas, muy frecuentes desde finales del siglo V hasta mediados del IV a.C., y un ungüentario de vidrio de la forma Issing 26a/28a, que se fecha en la 2ª mitad del siglo I d.C., evidenciando la utilización de este hipogeo, cuando menos en estos momentos. Sin embargo, la propia escasez de objetos, por la causa mencionada, no invalida la posibilidad de que esta sepultura haya sido utilizada en otros momentos cronológicos intermedios aunque no tengamos materiales que lo señalen.

La cabecita nº 3 procede del hipogeo nº 2 de 1924 (Fernández, 1992, p. 246-252, fig. 138, lám. CXXV nº 736), que por los materiales hallados en su interior revela una larga utilización como sepultura, desde mediados del siglo V a.C. hasta el siglo II a.C.. La fase más antigua correspondería a finales del siglo V a.C., por la presencia de una lucerna ática del tipo 21 B del Ágora fechada *circa* 430-420 a.C. (Howland, 1958, p. 46-47, fig. 6, lám. 34 nº 168). Este hipogeo acogió otras deposiciones en el siglo IV a.C., como lo evidencia el ajuar que los acompañaba, entre los que encontramos dos colgantes de figuras femeninas de pasta vítrea, un busto femenino de terracota y un lecitos aribalístico. Nuevos enterramientos tuvieron lugar a lo largo del siglo III a.C., como nos lo indican lucernas próximas al tipo 32 (Howland, 1958, p. 99-101, lám. 15 y 41) y al 25 B del Ágora (Howland, 1958, p. 72-74, lám. 10 y 38). Las últimas deposiciones se realizaron en la fosa del centro, datada por sus materiales en el siglo II a.C.

Vemos por tanto, que no resulta fácil, con los datos que manejamos y la escasez de ejemplares con una clara datación, establecer una cronología clara para estos colgantes con representación de cabeza negroide. Con frecuencia la fecha que se les asigna es tardía, aunque no se tengan referencias a contextos seguros, e incluso a algunos se les da dataciones tan opuestas como la de Grose, entre el siglo III-I a.C., o la que figura en el catálogo de subastas de Numismatic Art, con una cronología del siglo II d.C.

Entre las que tienen contexto, llama la atención la cronología de la cabecita procedente del yacimiento de Tel Anafa en Israel, fechada a finales del siglo II a.C. y cuya datación no podemos evaluar al habernos sido imposible consultar la publicación. En el caso de la hallada en Montagna di Marzo, en Sicilia, se fecha por el contexto general del yacimiento, lo que no ofrece una garantía absoluta sobre la datación propuesta. La cabeza de Tipasa fue hallada en el interior de una fosa aparentemente intacta, y su datación en el siglo IV a.C. nos viene proporcionada por la cronología de la cantimplora que le acompañaba, cuya datación se confirma con la fecha de las procedentes de las necrópolis de Areg El-Rhazouani, Gouraya o Ard el Morali.

Por último, las dos cabecitas de Tuvixeddu aparecidas en un contexto que no puede ofrecer muchas dudas en cuanto a su datación en el siglo IV a.C.

Las cabecitas ibicencas nos 1 y 2, halladas en el hipogeo 22 de 1923, creemos que pueden datarse a principios del siglo IV a.C. como parece indicar el plato de pocillo decorado con franjas rojas fechado en estos momentos. Igualmente, la hallada en el hipogeo nº 2 de 1924 debe tener la misma datación, porque creemos que sería contemporánea de las figuras femeninas de pasta vítrea en posición de dar a luz del mismo hipogeo (MAEF 4390 y MAEF 4406), que ya fueron objeto de un trabajo anterior (Fernández, 1996). Una figurita femenina de este tipo, se halló formando parte del ajuar intacto del hipogeo 14 de la campaña de 1922 en el Puig des Molins, que se

fecha entre el 425-400 a.C. (Fernández, 1992, p. 114-118, fig. 17, 58-59, láms. LIV-LVI). Esta datación la hemos de hacer extensiva a los colgantes femeninos del hipogeo 2 de 1924 y también a la cabeza negroide nº 3, si efectivamente, como pensamos, formaba parte de la misma deposición funeraria.

Por todo lo anterior, nos inclinamos a fechar los colgantes de cabeza negroide, al menos los ejemplares ibicencos, tipasitano, sardo y probablemente siciliano, en el siglo IV a.C.. Ello no excluye que este modelo de colgante se haya fabricado a lo largo del tiempo sin apenas cambios, por lo que es posible que su uso hubiese tenido una cierta perduración, que sólo la publicación de los contextos en los que han sido hallados podrá dilucidar y determinar con exactitud.

6. Propuesta de interpretación

Las representaciones de negros sobre distintos soportes son una constante entre los pueblos del Mediterráneo, primero en Egipto y más tarde entre otras culturas ribereñas, siendo frecuentes las representaciones en vasos plásticos, en figuras de terracota o en imágenes pintadas en la cerámica griega (Vecoutter *et alii* 1976).

Sus representaciones en terracota son también abundantes en el mundo fenicio-púnico. Ciñéndonos a Cádiz, podemos mencionar como ejemplos significativos la máscara negroide descubierta en las excavaciones de P. Quintero (1932, p. 22 y lám. IX; Ferrer, Simón y Mancheño, 2000, p. 596 y lám. II, 1), o la de un joven negro hallada en la Punta de la Nao, (Ramírez y Mateos, 1992), fechada en el siglo VI a.C.

Tampoco podemos dejar de mencionar las representaciones de negros en la glíptica, especialmente en escarabeos (Boardman, 1995). Si nos centramos solamente en los hallazgos de Ibiza, hemos de citar seis escarabeos con representaciones de negro, de los que sólo el MAEF 3659, conservado en el Museo de Ibiza tiene datación, al proceder del hipogeo nº 15 de las excavaciones de 1921 del Puig des Molins, (Fernández y Padró, 1982, p. 149-152 nº 53 y 202 nº 83; Fernández, 1992, p. 76-78, fig. 38, lám. XXXII, nº 53), en un contexto de finales del siglo V o inicios del IV a.C. Los otros cuatro se encuentran en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid, aunque uno se encuentra perdido (Boardman, 1984, p. 55-56, nºs 112-117).

Sin embargo, cabe puntualizar que estos colgantes encuentran su exacto parangón en algunas representaciones de negros en pendientes rematados con cabezas humanas, como los hallados en la propia Cartago (Cintas, 1976, vol. II, lám. LXXIX), o los conservados en el Louvre, con cabecitas de negro talladas en ámbar y cabellera con espirales de hilo de oro (Snowden, 1976, p. 194, ill. 245). Nada tiene de extraño, por tanto, que las sociedades fenicio-púnicas incorporarán sin ninguna dificultad un icono representando una cabeza de negro a su repertorio de colgantes de pasta vítrea, dada la larga tradición que tenían las representaciones de tipos negroides en la plástica y la glíptica.

Su hallazgo en contextos funerarios, junto con otros elementos a los que podemos otorgar la categoría de amuletos (dios Bes, mujer parturienta...), sugiere esta misma consideración para estas cabecitas. Por otra parte, la identidad morfológica de estos colgantes en pasta vítrea con las cabecitas que aparecen en los pendientes sugiere que ambos pudieron tener similar, sino idéntico simbolismo.

En este sentido, hemos de llamar la atención sobre los pendientes rematados con cabecitas que podemos ver en dos terracotas ibicencas, una en el Museo de Ibiza y la otra en el Museu d'Arqueologia de Catalunya (Almagro, 1980, p. 136, lám. LXXVI, 1 y 3), de las que nos ocupamos en otro lugar (Costa y Fernández 2002-2003), y que deben interpretarse como Tánit en su papel de divinidad funeraria. Por ello, en la medida en que sea correcta la equiparación de las representaciones de los pendientes de dichas figuras con las cabecitas de pasta vítrea en general, como

ya propuso Seefried (1982: 56), y con las cabezas negroides en particular, parecería acertada su interpretación en contextos funerarios como un símbolo relacionado con la muerte, protegiendo el alma del difunto en su tránsito al más allá (Costa y Fernández, 2002-2003: 70).

Bibliografía

Alekseeva, E.M. (1978) - *Ancient Beads of the Northen Black sea litoral 2*. Archeology of the USSR. G1-12. Moscow.

Almagro, Mª. J. (1980) - *Corpus de las terracotas de Ibiza*. Bibliotheca Praehistorica Hispana. Vol. XVIII. C.S.I.C. Madrid.

Boardman, J. (1984) - *Escarabeos de piedra procedentes de Ibiza*. Catálogos y Monografías. nº 8. Museo Arqueológico Nacional. Madrid.

Boardman, J. (1995) - Some Negroes in Classical Phoenician Scarabs. *Eirene*. 31. pp. 62-68.

bartoloni, P. (1988) - *Le anfore fenicie e puniche di Sagdegna*. Studia Punica. 4. Roma.

Catalogue (1978) - *Glass at the Fitzwilliam Museum*. Cambridge University Press.

Carreras, T. y Doménech, I. (2003) - *Museu Cau Ferrat. La Col·lecció de vidre*. Consorci de Patrimoni de Sitges. Girona.

Cintas, P. (1948) - Fouilles puniques à Tipasa. *Revue Africaine*. XCII. pp. 262-323.

Constable-Maxwell collection of ancíent glass (1979) - Sotheby Parke Bernet auction catalogue. London.

Costa, B. y Fernández, J. H. (2002-2003) - Consideraciones sobre las cabecitas de pasta vítrea fenicio-púnicas: dos piezas singulares de la necrópolis del Puig des Molins. *Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. nº 42. Madrid. pp. 59-79.

Croufoot, J.W. y Croufoot, G.M. (1957) - *Samaria-Sebaste III. The Objets from Samaria*. P.E.F. London.

Eettinghausen, R. (1962) - *Ancient Glass in the Freer Gallery of Art*. Smithsonian Publications. 4509. Washington.

Fernández, J.H. (1992) - *Excavaciones en la necrópolis del Puig des Molins (Eivissa).Las campañas de D. Carlos Román Ferrer: 1921-1929*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. nº 28-29. Ibiza. 3 vols.

Fernández, J.H. (1996) - Colgantes en pasta vítrea con representación femenina desnuda del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera. In *Alle soglie della classicità. Il Mediterraneo tra tradizione e innovazione. Studi in onore di Sabatino Moscati*. Vol. II. Pisa-Roma: Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali. pp. 741-752.

Fernández, J.H. y PADRÓ, J. (1982) - *Escarabeos del Museo Arqueológico de Ibiza*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. nº 7. Madrid.

Ferrer, E.; Sibón, J.F. y Mancheño, D. (2000) - Máscaras púnicas de Gadir. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos (Cádiz, 2 al 6 de Octubre de 1995)*. Vol. II. Cádiz: Universidad de Cádiz. pp. 593-605.

Filaska, B. (1962) - *Szkia starożytne, Starożytne Ozdoby 1, Elementy Dekoracji w Szkle*. Muzeum Narodowe w Warzawie. Warsaw.

Glauckler, P. (1915) - *Nécropoles Puniques de Carthage*. II Vols. París.

Grose, D.F. (1989) - *The Toledo Museum of Art. Early Ancient Glass*. New York.

Howland, R. H. (1958) - *Greek lamps and their survivals. The Athenian Agora*. Vol. IV. Princenton.

Karageorghis, V. (1969) - Chronique des fouilles et découvertes archéologiques a Chipre en 1968. *Bulletin de Correspondance Helenique*. 93. nº 2. pp. 431-569

KArageorghis, V. (1988) - *Blacks in Ancient Cypriot Art*. Melin Foundation. Houston, Texas.

Nenna, M.D. (en prensa) - *Les Verres. Exploration archeologique de Delos*. Paris.

Neuburg, F. (1949) - *Glas in Antiquity*. London.

Numismatic Art & Ancient Coins (1987) - *Catalogue nº 5. Ancient Art of the Mediterranean Wold*. Numismatic Art & Ancient Coins. Zurich

PETRIE, W.M.F. y GARDNER, A. (1886) - *Naukratis I*. London.

QUINTERO, P. (1932) -*Excavaciones efectuadas por cuenta del Excelentísimo Ayuntamiento de Cádiz en los años de 1930 y 1931*. M.J.S.E.A. nº 117. Madrid.

RAMÍREZ, J. R. y MATEOS, V. (1992) - Terracota negroide de la Punta de la Nao (Cádiz). *Boletín del Museo de Cádiz*. V. Junta de Andalucía. Cádiz. pp. 31-36.

SALVI, D. (2000) - Tomba su tomba: Indagini di scavo condotte a Tuvixeddu nel 1997. Relazione preliminare. *RstFen*, XXVIII,1, pp. 57-78, tav. VII-XXIII.

SEEFRIED, M. (1982) - *Les pendentifs en verre sur noyau des pays de la Médierranée antique*. École Française de Rome. 57. Paris.

SMITH, R.W. (1957) - Glass from the Ancient World: The Ray Winfield Smith Collection. New York: Corning.

SNOWDEN JR., F. M. (1976) - Témoignages iconographiques sur les populations noires dans l'Antiquité gréco-romaine. En VERCOUTTER, J. et alii, *L'image du noir dans l'art occidental. I Des Pharaons a la chute de l'Empire Romain*. Fribourg.

SPAER, M. (2001) - *Ancient Glass in the Israel Museum. Beads and Other Small Objects*. The Israel Museum. Jerusalem.

TATTON-BROWN, V. (1990) - Notes on Some Glass Pendant and Bangles from Cyprus. *Archaeologia Cypria*. 2. pp. 113-114.

VERCOUTTER, J. et alii (1976) - *L'image du noir dans l'art occidental. I Des Pharaons a la chute de l'Empire Romain*. Fribourg: Office du Livre.

VOLLENWEIDER, M.L. (1979) - *Catalogue raisonné des sceaux, cylinders, intailles et camées II*. Musée d'Art et d'Histoire de Gèneve. Mainz.

WEINBERG, S.S. (1972) - Tel Anafa 72: The Fourth Season. *Muse*. 6. pp. 9-18

ESTUDIO PALINOLÓGICO DE CASTRO MARIM *

Ana Mª. Hernández Carretero

Escuela Forestal de Plasencia
Universidad de Extremadura

Resumen

El análisis palinológico realizado en el asentamiento arqueológico de Castro Marim ofrece una valiosa información paleoambiental y paleoetnológica. A nivel paleoambiental, los cambios detectados en la vegetación, obedecen posiblemente, a condiciones climáticas diferentes. A nivel paleoetnológico destaca la intensa deforestación del medio natural como consecuencia de la ocupación y aprovechamiento agrícola de este territorio desde la Edad del Bronce. Actividades agroganaderas que debieron incrementarse a lo largo de las siguientes etapas culturales, acelerando con ello el proceso de deforestación.

Abstract

The pollen analysis carried out in the arqueological settlement of Castro Marim, offers valuable paleoenvironmental and paleoethnological information. To a paleoenvironmental level, the detected changes in the vegetation are possibly due to different climatic conditions. To a paleoethnologica level, the intense deforestation of the natural milieu is enhanced as a consequence of the agricultural progress and occupation of this territory since the Bronze Age. The agricultural and farming activities, which most likely increased during the next cultural stages, thus accelerated the deforestation process.

---

* Trabalho ampliado e revisto, originalmente apresentado como poster

Localización geográfica

El asentamiento de Castro Marim se ubica sobre un cerro de 42 m. de altitud, en la margen derecha del río Guadiana, muy cerca del delta de su desembocadura. El arrastre de materiales y su paulatina sedimentación ha dado lugar a la formación de terrenos aluviales, de gran capacidad agrícola. Otros materiales como las calizas, arenas, conglomerados han dado lugar a suelos más pobres, dedicados en la actualidad a la explotación de pastos para el aprovechamiento ganadero.

El paisaje está rodeado por sierras, barrocales y el litoral. Los puntos más elevados corresponden a la Sierra de Caldeirão, con altitudes máximas en torno a los 900 m. Otras elevaciones de menor altitud se corresponden con la Sierra de Alcaria do Cume, con cotas en torno a los 550m. de altitud, donde se encajan pequeños arroyos creando un paisaje agreste, caracterizado por fuertes pendientes. En estas sierras se desarrollan formaciones vegetales que pertenecen al orden *Quercetalia ilicis*, formados por árboles esclerófilos perennifolios (*Quercus ilex, Q. rotundifolia, Q. suber*); en las zonas más elevadas y de barlovento, donde la influencia atlántica es mayor, estas especies se acompañan o son sustituidas por árboles caducifolios (*Q. faginea* o *Q. canariensesis*) (Rivas Martínez, 1974). Sobre el barrocal se extienden los encinares y alcornocales acompañados de elementos más termófilos tales como acebuches, lentiscos, etc. En la actualidad estas formaciones están muy alteradas, dominando las jaras, los brezos, etc. Por último, en el litoral las condiciones más salinas crean un ecosistema más específico, caracterizado por pequeños desiertos salgados.

Las orillas del río Guadiana y de otros pequeños riachuelos que no sufren estiaje se pueblan de alisos, fresnos, sauces, etc., especies que desaparecen en los arroyos que se secan durante el verano, con condiciones más adecuadas para el desarrollo de adelfas, tamarices, etc. En la actualidad estas series hidromorfas están muy alteradas ya que sobre ellos se asientan, en gran parte, los regadíos de las vegas del Guadiana.

Valoración cultural

Las intervenciones arqueológicas que, bajo la dirección de la Dra. D. A.M. Arruda, se han realizado a lo largo de seis campañas de trabajo, documentan una ocupación del cerro desde el Bronce Final hasta época romana, con pervivencia durante la Edad Media y Moderna. Su privilegiada situación estratégica, localizado en la desembocadura del río Guadiana, sirvió de vía de penetración y contacto entre las poblaciones del área ribereña y el interior peninsular. Ello explica los intensos contactos que, a partir de la segunda mitad del siglo VII a.n.e., inicia y mantiene con los comerciantes fenicios instalados en las tierras del Estrecho de Gibraltar (Arruda, 2002). Fruto de esos contactos se han recuperado cerámicas de barniz rojo, trípodes fenicios, ánforas fenicias, etc., es decir, un considerable número de productos manufacturados fenicios en función de los que se argumenta la posibilidad de una estructura social jerarquizada, económica y políticamente, que mantendría y controlaría estrechas relaciones comerciales entre las poblaciones del interior del valle del Guadiana y el Mediterráneo Oriental a través del comercio gaditano. Estos flujos comerciales parecen estar encaminados a los recursos metalíferos de las regiones interiores con importantes potencialidades mineras (Arruda, 2002: 53).

Material y metodología

El análisis palinológico se ha realizado sobre un total de quince muestras, cinco tomadas en diferentes unidades estratigráficas de la excavación (Tabla 1), mientras que la columna polínica pertenece al Sector 1, Perfil Noroeste-Sudeste (Fig. 1) donde se tomó una muestra cada diez

centímetros. Cuatro de los análisis polínicos han resultado estériles, concretamente los correspondientes a los 20 y 30 cm. de la columna polínica y los del Corte 21-22, uno de ellos adscrito al Bronce Final y otro al Periodo Orientalizante, por lo tanto, la mayoría de los resultados polínicos se adscriben a la etapa de la II Edad del Hierro. Ello nos impide valorar la evolución de la vegetación y los cambios paisajísticos a lo largo de la ocupación del cerro.

	CORTE	ESTRATO	N°. MUESTRA	FASE CULTURAL
Muestra 19	C-21-22	ue. 1253		Fase II (P. Orientalizante)
Muestra 20	C-21-22	Bajo muro (1 estrato)		Fase I (Bronce Final)
Muestra 21		ue. 897	N°. 140	Fase II (P. Orientalizante)
Muestra 35		ue. 1011	N°. 157	Fase IV (Hierro II)
Muestra 36		ue. 983	N°. 154	Fase IV (Hierro II)

Tabla 1. Muestras polínicas de Castro Marim

La determinación de los tipos polínicos se basó en las claves de Valdés *et al.* (1987), Moore *et al.* (1991) y Reille (1992). Los microfósiles no polínicos los identificamos según la tipología numérica establecida por la Escuela del Dr. B. van Geel de la Universidad de Ámsterdam (Holanda) y por los trabajos del Dr. López Sáez (López Sáez *et al.,* 2000) del Instituto de Arqueobotánica del CSIC.

Los resultados palinológicos se representan en un diagrama polínico, donde se recogen los valores de cada palinomorfo obtenidos en relación con la Suma Base Polínica (SBP), formada por el número total de árboles, arbustos (AP) y herbáceas (NAP), quedando excluidas las esporas de criptógramas, los palinomorfos de especies hidro-higrófitas y los microfósiles no polínicos. La suma base de cada muestra supera, al menos, un total de 200 pólenes y un mínimo de 20 taxones diferentes, valores indicativos de un estudio estadísticamente fiable (Sánchez Goñí, 1993).

Los procesos físico-químicos los realizamos en el Laboratorio Agrario de la Junta de Extremadura en Cáceres. Se utilizó la metodología clásica (Girard & Renault-Miskovsky, 1969) con las mejoras introducidas en el Laboratorio del Instituto de Arqueobotánica del CSIC, que supone la eliminación de los carbonatos con ácido clorhídrico, de la materia orgánica con NaOH al 20% al baño maría y la concentración de los palinomorfos en licor de Thoulet, filtrados después a través de filtros de fibra de vidrio. Con posterioridad, se utiliza FH al 48% para destruir la fibra de vidrio y los silicatos.

Resultados y discusión

La única muestra no estéril adscrita a la etapa Orientalizante revela un reducido porcentaje del grupo de árboles y arbustos (AP), que apenas alcanza un 10%, lo que indica amplios espacios abiertos en los que se desarrollan especies herbáceas características de espacios muy antropizados. El conjunto arbóreo está constituido básicamente por *Quercus ilex type*, acompañado por algunos taxones arbustivos que constituyen las etapas seriales de la degradación de esta asociación vegetal, *Viburnum, Daphne*, etc. La documentación de especies pirófitas como *Helianthemum type* revela la práctica de fuegos en las inmediaciones del hábitat.

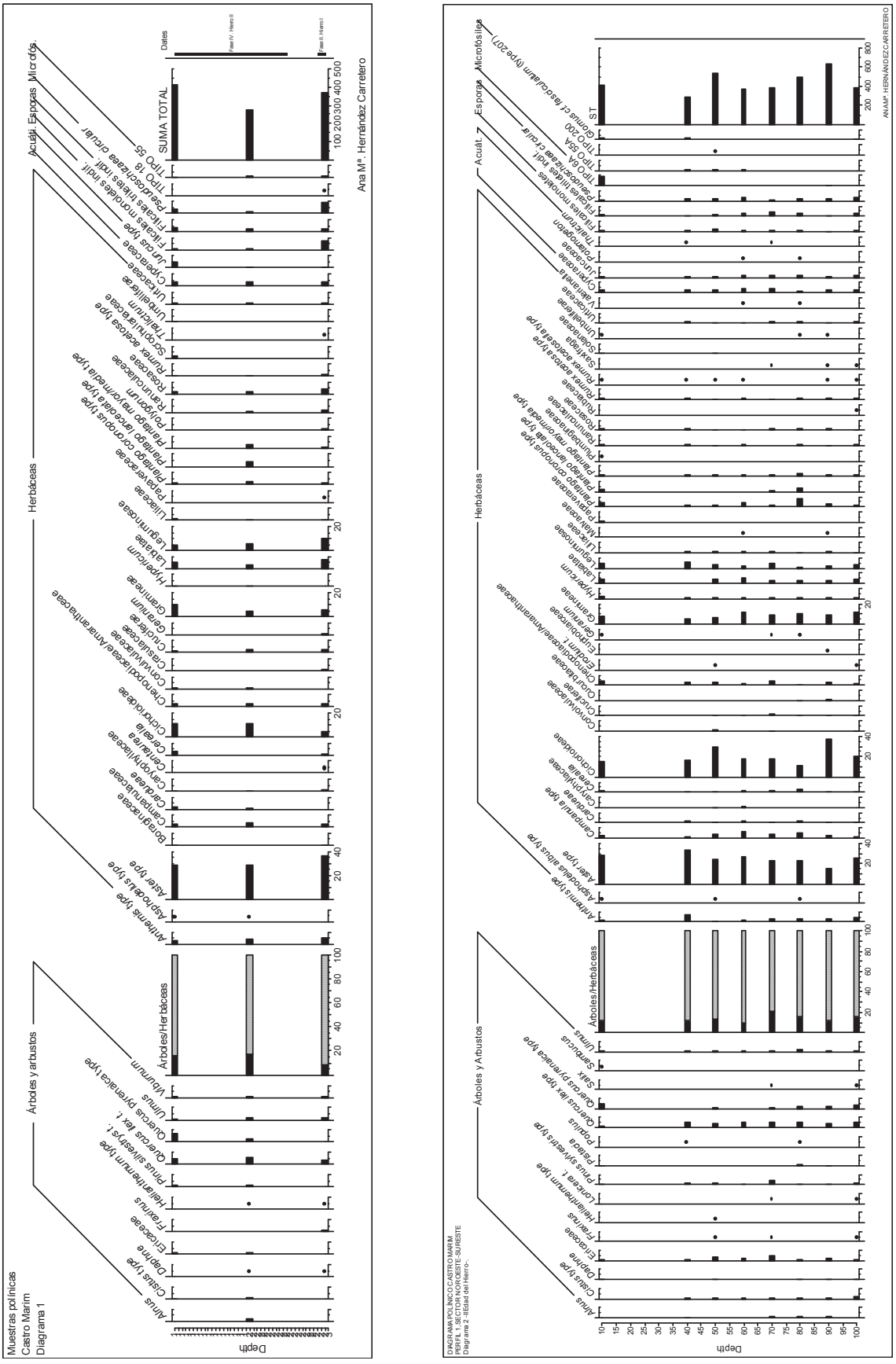


Fig. 1. Diagramas polínicos de Castro Marim

Olmos y fresnos poblarían las orillas del río Guadiana, pero su presencia, casi puntual, refleja la alteración de estas ripisilvas, seguramente como consecuencia de la explotación agrícola de estos suelos aluviales de mayor capacidad agrícola.

El grupo herbáceo (NAP) domina el conjunto polínico, son mayoritarias las especies nitrófilas como *Cichoiroideae, Aster type, Anthemis type*, etc., que, por lo general, aparecen sobrerrepresentadas en los yacimientos arqueológicos asociados a los fenómenos antrópicos. Entre la flora herbácea destacamos la importancia de *Cerealia* para valorar los aspectos paleoeconómicos del hábitat de Castro Marim. Sus valores, aunque bajos, son suficientes para asegurar la práctica de actividades de cerealicultura en zonas más o menos próximas al poblado (Behre, 1981; López García *et al*. 1997). Junto al cereal se identifican otras especies arvenses que crecen como malas hierbas en los campos de cultivos – *Centaurea, Plantago coronopus type, Rumex acetosella type*, *Polygonum*, etc. Teniendo en cuenta los bajos valores que presente *Cerealia* hay que plantear que los campos de cultivos se ubicarían a cierta distancia del poblado, ocupando, con toda seguridad, los fértiles suelos próximos al río Guadiana, ello, afectaría a la serie edafófila lo que explica la escasa importancia de la ripisilva.

A la actividad agrícola se debía sumar las prácticas de pastoreo, cuyos pastizales estarían formados por Gramineae, Plantaginaceae, Fabaceae, Chenopodiaceae/ Amaranthaceae, etc. En este mismo sentido, mencionamos la identificación de algunas esporas de especies de hongos coprófilos como el Tipo 55A (López Sáez et al., 2000) que indican la existencia de ganado en el entorno.

En las muestras correspondientes al Hierro II se documenta un incremento del grupo AP, que llega a alcanzar valores próximos al 20 %, índices representativos de un bosque más o menos denso, de tipo dehesa. El aumento de este conjunto está motivado, fundamentalmente, por la presencia de *Quercus pyrenaica type*, quercínea adaptada a condiciones ambientales más húmedas, que, probablemente, ocuparía las áreas de mayor altitud y más influenciados por las situaciones atlánticas, donde las precipitaciones son más intensas. También se constata un ligero crecimiento de *Quercus ilex* t., así como la presencia de otros taxones como *Pinus sylvestris t.* y de elementos arbustivos – Ericaceae, *Cistus type* -. Igualmente es posible constatar un incremento porcentual de las especies riparias en las muestras de la II Edad del Hierro, a la vez que se identifican mayor variedad de especies - *Alnus, Ulmus, Fraxinus, Populus*, algunas enredaderas como *Lonicera* que treparían por los troncos de los árboles-. Somos conscientes de lo arriesgado que es cotejar estos datos con los correspondientes al Periodo Orientalizante, son necesarias un mayor número de muestras para determinar posibles cambios en el paisaje. Tan sólo señalamos que este incremento del grupo arbóreo no parece obedecer a un retroceso de las actividades humanas sobre el medio, lo que, evidentemente, conllevaría una recuperación de la vegetación natural. La identificación de especies herbáceas nitrófilas que alcanzan valores muy altos, de otras consideradas como malas hierbas, así como de microfósiles no esporo-polínicos, son testimonios de la pervivencia de las actividades humanas iniciadas en etapas anteriores, e incluso de una intensificación de las mismas. Si es cierto que este aumento de AP podría estar motivado por unas condiciones climatológicas más húmedas, lo que explica la identificación de *Quercus pyrenaica type, Alnus, etc.,* en el mismo sentido se puede valorar, igualmente, la importancia de herbáceas asociadas a suelos edafófilos, como Cyperaceae, Juncaceae, *Potamogeton, Thalictrum*, etc. que poblarían las orillas del río Guadiana, así como de los diferentes tipos de filicales.

A nivel paleoeconómico, las actividades agropastoriles siguen teniendo un papel fundamental en la base económica del poblado. La identificación de palinomorfos de cereal y de otras herbáceas que acompañan a los cultivos cerealísticos como *Plantago coronopus type, Rumex acetosella type*, Valerianella, así como de algunos microfósiles no esporo-polínicos, tales como el Tipo 207 (*Glomus* cf. *fasciculatum*), microfósil que parece habitar en los terrenos erosionados, provoca-

dos por la roturación de las tierras en los procesos de cultivos, revelan el desarrollo alcanzado por la agricultura. La identificación de algunos hongos carbonícolas, como el Tipo 6, así como de palinomorfos de *Asphodelus albus type* y *Helianthemum type*, revelan el uso del fuego en las cercanías del hábitat, quizá relacionado con la práctica de incendios locales para abrir claros en el bosque donde ubicar los campos de cultivos (López Sáez *et al.,* 2000). En cuanto a la ganadería complementaría la base económica de estas poblaciones. La cabaña ganadera aprovecharía los pastizales formados por diversas especies de gramíneas, leguminosas, de *Plantago major/menor, Plantago lanceolada*, *Campanula type*, etc. Cuando la presión ganadera sobre estas praderas es más elevada aparecen otros elementos herbáceos más nitrófilos, tales como Urticaceae, *Cardueae*, etc. No obstante, atendiendo a los datos polínicos, con valores más bajos de las especies zoógenas, consideramos que tendría un puesto más secundario en la vida económica del hábitat.

Bibliografía

Arruda, A.M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona.

Behre, K.E. (1981) - The interpretation of anthropogenic indicators in pollen diagrams. *Pollen et spores*. 23. pp. 225-245.

Girard, M. & Renault-Miskovsky, J. (1969) - *Nouvelles techniques de préparation en Palynologie appliquées à trois sédiments du Quaternaire final de L'Abri Cornille (Istres, Bouches-du-Rhône)*. Bull. de L'A.F.E.Q. 4.

López, P; Arnanz, A.M.; Uzquiano, P y López, J.A. (1997) - Los elementos antrópicos en los análisis arqueobotánicos como indicadores de los usos del suelo. En García Ruiz, J.M. y López García, P. - *Acción humana y desertificación en ambientes mediterráneos*. Instituto Pirenaico de Ecología. Zaragoza. pp. 41-59.

López sáez, J.A.; Van Geel, B. y Martín Sánchez, M. (2000) - Aplicación de los microfósiles no polínicos en Palinología Arqueológica. En Oliveira Jorge, V. (Coord. Ed.) *Contributos das Ciências e das Technologias para a Arqueologia da Península Ibérica. Actas 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila-Real, Portugal, setembro de 1999)*. Vol. IX. Porto: Adecap. pp. 11-20.

Moore, P.D.; Webb, J.A. & Collinson, M.E. (1991) - *Pollen analysis*. London: End. Edition. Balckwell. Scientific Publications.

Reille, M. (1998) - *Pollen et spores d'Europe et d'Afrique du nord. Supplement 2*. Laboratoire de Botanique Historique et Palynologie. Marseille.

Rivas-Martínez, S. (1974) - La vegetación de la clase Quercetea Ilicis en España y Portugal. *Anal. Inst. Bot. Cavanilles.* 31 (2). pp. 205-259.

Sánchez Goñí, M.F. (1993) - Criterios de base taxonómica para la interpretación de análisis palinológicos en cueva: el ejemplo de la región cantábrica. En Fumanal, M.P. y Bernabeu, J. (Eds) *Estudio sobre Cuaternario, medios sedimentarios, cambios ambientales, hábitat humano*. Universidad de Valencia. pp.117-130.

Valdés, B.; Diez, M.J. y Fernández, I. (1987) - *Atlas polínico de Andalucía Occidental*. Instituto de Desarrollo Regional de la Universidad de Sevilla.

ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIO

SOBRE LA LLAMADA GEOGRAFÍA SAGRADA FENICIA EN EL EXTREMO OCCIDENTE: OTRAS PERSPECTIVAS DE ESTUDIO

Mireia López-Bertran

Universitat Pompeu Fabra (Barcelona)

Resumen

Este artículo analiza de forma crítica las implicaciones que tiene el uso de la terminología "geografía sagrada" en el estudio de los espacios sacros fenicio-púnicos. El concepto de "geografía sagrada" conlleva una definición unitaria y homogénea no sólo de los templos y santuarios sino también del paisaje. Propongo reflexionar sobre estos términos sobre la base de que crean una división entre paisajes percibidos como cotidianos y otros percibidos como sacros, división que, desde mi punto de vista, es cuestionable. De esta manera, abordaré la complejidad del análisis del paisaje en torno a unas cuevas-santuario en el Mediterráneo central y occidental (Ras-il Wardija, Grotta Regina, Es Culleram y Gorham's cave) en tanto que espacios políticos y sociales que se construyen y reproducen mediante las prácticas diarias.

Abstract

This paper focuses on a crytical analysis of the concept of "sacred geography" as aplied to Phoenician and Punic studies. The so-called "sacred geography" is a label which tends to define temples, shrines and even landscapes from a single and unique perspective and does not account for a variety of perceptions within them. It is my intention to discuss the use of this concept and to criticise the artificial division between daily and sacred landscapes that are built up from it. I will precisely concentrate on the complexity of the landscapes as both a political and a social construction which were created and maintained through daily activities. I will do so by analysing several caves-shrines in the Central and Western Mediterranean (Ras il-Wardija, Grotta Regina, Es Culleram and Gorham's cave) as practical examples to develop these ideas.

1. Introducción[1]

Con la expresión "geografía sagrada" la investigación ha definido un espacio cerrado que engloba el conjunto de lugares religiosos que comparten las mismas características físicas. Dentro de ésta se han incluido cuevas, accidentes geográficos, que por sus rasgos naturales y monumentales se sacralizan, y templos urbanos y extra-urbanos que se ubican en los puntos más elevados de los asentamientos, o en zonas portuarias y artesanales. Tales templos y santuarios se han analizado bajo criterios funcionales en relación con las actividades religiosas -adscripción de divinidades, delimitación sanctasanctórum etc.-, con las económicas -como garantes de los intercambios comerciales y de las producciones locales- o con las políticas -como legitimadores de la presencia fenicio-púnica en los centros locales del Mediterráneo. Asimismo, en muchos de los casos, se ha destacado su funcionalidad religiosa y ritual en base no sólo al material hallado, sino también en relación con la información que transmiten las fuentes greco-latinas (Ferrer, 2002).

Con todo, la "geografía sagrada" incluye una variedad de fenómenos que comporta una visión homogénea no sólo de tales lugares sino también del paisaje. En efecto, éste se estudia como ente abstracto, compartimentado y contemplado como un objeto pasivo que se explica en términos objetivos (Johnston, 1998, p. 57; Bender, 1993, p. 15; Hirsch, 1995, p. 1; Lemaire, 1997; Thomas, 1998 y 2002). En este sentido, este artículo se centra en el caso de las cuevas-santuario y las analiza con otro marco que permita cuestionar el concepto de "geografía sagrada".

La sacralidad de las cuevas es un hecho constatado a lo largo del tiempo y el espacio. Como otros elementos del paisaje (fuentes, árboles o ríos), las cuevas son lugares en los que el mundo exterior se comunica con el de las profundidades y, así, adquieren unas connotaciones mágicas y especiales al estar alejadas y, a veces aisladas, de los centros urbanos o espacios domésticos y ser lugares oscuros, subterráneos y con poco oxígeno (Bradley, 2002, p. 27-28). Por lo tanto, éstas se convierten en ambientes propicios para comunicarse con las divinidades, sobre todo las ctónicas, vinculadas con la fecundidad.

Las grutas fenicio-púnicas se han definido como santuarios rupestres utilizados principalmente por navegantes de modo que "las cuevas pasarán a acoger los cultos marinos y ofrecerán su protección a los navegantes" (Gómez Bellard y Vidal González, 2000, p. 122). Tal lectura se basa en el hecho que las cuevas se sitúan en lugares estratégicos y que no pasan desapercibidas desde el mar, enfatizando que se realizarían prácticas rituales ligadas a las divinidades protectoras de la navegación para desear o agradecer las llegadas y partidas de los marineros. En consecuencia estas prácticas se adscriben a una religiosidad popular realizada por una población de supuesto "estrato social bajo" que vive de los recursos marítimos (Coacci et al., 1979, p. 16).

En este artículo pretendo reflexionar sobre dos cuestiones suscitadas a raíz de lo dicho en la investigación. En primer lugar, propongo el estudio de las cuevas dejando de lado la separación implícita que existe entre lo marítimo y lo terrestre. En este sentido, cabe preguntarse otras cuestiones que tengan en cuenta por qué la religiosidad de determinados grupos se vincula al uso de las cuevas. En segundo lugar, reflexionaré sobre la denominación de "geografía sagrada" ya que con este término se crea una división entre unos paisajes percibidos como cotidianos y otros percibidos como sacros, división que, desde mi punto de vista, es al menos cuestionable. De esta manera, abordaré la complejidad del análisis del paisaje en tanto que espacio político y social que se construye y reproduce mediante las prácticas diarias (Bender, 1993, p. 8; Thomas, 1998, p. 28; van Dommelen, 1999).

1 Entre el tiempo transcurrido desde la entrega de este trabajo hasta su publicación he ampliado sustancialmente estas cuestiones en mi Tesis Doctoral (López-Bertran 2007).

2. Presentación y análisis del material

Para la realización de tal análisis me centro en cuatro cuevas del Mediterráneo Occidental: Gorham's Cave (Gibraltar), Es Culleram (Ibiza), la Grotta Regina (Sicilia) y Ras il-Wardija (Gozo) a través de tres criterios de análisis: en primer lugar, la situación, el acceso y la visibilidad; en segundo lugar, los materiales y su usos y, finalmente, la presencia o no de agua dulce en sus proximidades.

Gorham's Cave (ss. VII-II a.C.)

Situación, acceso y visibilidad: Esta cueva se sitúa en un promontorio natural, tiene un acceso directo por mar y se encuentra cerca de otras cavidades naturales que albergan materiales prehistóricos. Asimismo, ofrece una buena visibilidad de la bahía de Algeciras (Belén y Pérez, 2000; Gómez Bellard y Vidal González, 2000).

Materiales y uso: Abarcan un amplio arco cronológico, pues hay materiales desde el Paleolítico hasta época romana. Del período fenicio-púnico destacan ánforas, lucernas, botellitas, platos, cuencos-lucerna, escudillas, morteros, ungüentarios, una cuchara de arcilla, cerámica a mano, escarabeos y restos de hogueras y malacofauna (Culican, 1972; Belén y Pérez, 2000; Posadas, 1988; Waetcher, 1951, 1953).

Agua: No se conocen ni fuentes de agua dulce ni estructuras para su deposición en la cueva.

Es Culleram (ss. IV-II a.C.)

Situación, acceso y visibilidad: Situada en el interior del valle de San Vicente, a 1,5 km del mar, presenta un acceso difícil y es poco visible desde el exterior. No obstante, se encuentra en un lugar estratégico en el camino que comunica el interior de la isla con la cala de San Vicente, un fondeadero natural excelente; además, desde ella se tiene una amplia visión del mar y de la pequeña isla de Tagomago (Aubet, 1982; Gómez Bellard y Vidal González, 2000).

Materiales y uso: No hay testimonios de uso anterior al periodo púnico. Los materiales púnicos más destacados son las terracotas y los pebeteros; además, hay cerámica de cocina púnico-ebusitana, ánforas, lucernas, anillos, cuchillos y monedas; todo ello junto a una capa de cenizas y huesos de fauna calcinados (Aubet, 1982; Gómez Bellard y Vidal González, 2000; Morales Pérez, 2003).

Agua: Hay construcciones artificiales de cisternas en el exterior de la cueva (Aubet, 1982).

Grotta Regina (ss. V-I a.C.)

Situación, acceso y visibilidad: Situada a 130 m.s.n.m. a los pies del Monte Gallo, domina visualmente el tráfico marítimo de la zona de Palermo y su identificación y acceso no es fácil (Bisi et al., 1969).

Materiales y uso: De amplia cronología (desde el Neolítico hasta época Medieval). Los materiales fenicio-púnicos son ánforas púnicas, un jarro de boca de seta, una copita, un plato pequeño e imitaciones locales de formas griegas; además, se ha hallado mucho material orgánico tanto huesos quemados como malacofauna. Destacan las inscripciones y dibujos de carácter religioso interpretados como la petición de bendición a una divinidad de carácter salutífero (Bisi et al., 1969; Bartoloni, 1978; Coacci et al., 1979; De Simone, 1996, p. 67).

Agua: Se desconoce la presencia de agua dulce.

Ras il-Wardija (ss. III a.C.-II d.C.)

Situación, acceso y visibilidad: De difícil acceso, se localiza en Gozo, en la cima de promontorio aislado con una gran visión tanto del mar como del interior de la isla. Destaca por ser un santuario excavado en la roca (Buhagiar, 1988; Gómez Bellard y Vidal González, 2000, p. 109).

Materiales y uso: Poco numerosos; se documentan lucernas púnicas, una jarra de borde trilobulado, cerámica púnico-romana decorada con bandas rojas y grafitos interpretados como Tanit o cruces cristianas (Buhagiar, 1988).

Agua: Existen cisternas en el exterior y canalizaciones en el interior de la cueva, a pesar de que la cueva se ubica en la zona más seca de la isla.

Estos criterios de análisis son susceptibles de una lectura crítica. En primer lugar y hasta la fecha, la descripción de las cuevas-santuarios se ha hecho dando por sentado la separación entre lo marítimo y lo terrestre. Ahora bien, a través del análisis de las primeras variables (situación, acceso y visibilidad) se evidencia que el mar y las cuevas cercanas a él también forman parte de un territorio determinado. Así, no hay que plantearse el espacio marítimo como una entidad separada y definida en contraposición a lo terrestre; de la misma manera que no hay que definir la gente que las usa en términos excluyentes, es decir como marineros o no-marineros.

En este sentido, los rasgos que siempre se han definido como relevantes para los navegantes -todas las cuevas están en accidentes geográficos perceptibles y tienen una buena visibilidad del mar- son significativos para la gente que vive en las proximidades, puesto que estos atributos se perciben también por la gente que vive cerca, de modo que forman parte de su concepción cotidiana del paisaje (Thomas, 2002). De la misma manera, la buena visibilidad marítima y territorial es un punto relevante para tales poblaciones al permitirles controlar, por ejemplo, el tráfico marítimo.

En segundo lugar, la mayor parte de los materiales no son especialmente significativos para determinar un uso sacro de las cuevas. Con ello no pretendo rechazar tal función sino poner el acento en las prácticas. A través de este enfoque, la ritualidad y religiosidad de las cuevas se convierte en una cuestión de grado (Bell, 1992) y así, por ejemplo, la cerámica de mesa se usa de forma distinta en una casa y en una cueva, aunque en ambos casos se utilice para consumir alimentos.

Igualmente, también se ha afirmado que en las cuevas se realizarían cultos relacionados con la fertilidad marítima al vincularse de forma casi exclusiva con el mar en tanto que entidad separada de la tierra. Sin embargo, el caso de la gruta de Wasta, en el Líbano (Beaulie y Monteurde, 1947, p. 48), muestra que también se usan estos lugares en zonas no costeras para mantener una relación especial con las divinidades ctónicas.

Asimismo, se ha dicho que las cuevas se utilizarían por parte de una población de tipo rural y popular (Coacci et al., 1979; Gómez Bellard y Vidal González, 2000). En este sentido, el énfasis en las prácticas también permite cuestionar esta afirmación: el hecho que las cuevas no se consideren estructuras monumentales y que se encuentran en contextos rurales, no significa que se utilicen exclusivamente por parte de estos grupos sociales. Lo que hay que plantearse es qué características tienen estos espacios que los hacen válidos para unas determinadas actividades rituales y para unos grupos específicos, sean o no populares y rurales. Así, la identificación de los rituales de las cuevas se presenta como algo más dinámico y complejo, que no incumbe únicamente ni a los marineros ni a la búsqueda de la fecundidad del mar.

En tercer lugar, se ha afirmado que en la mayoría de las grutas existen fuentes de agua dulce, característica muy importante por dos motivos: por un lado y desde una visión práctica, se supone que serían puntos de avituallamiento para las embarcaciones y, por otro lado, desde un enfoque religioso, el agua dulce es necesaria para una buena realización de las prácticas religiosas como elemento purificador y como símbolo de la fertilidad (Gómez Bellard y Vidal González, 2000, p. 116). En este sentido, sólo dos de las cuevas que presento -Es Culleram y Ras il-Wardija- tienen cisternas en el exterior y canalizaciones de agua; pero en cuanto a las otras dos cuevas -Gorham's Cave y Grotta Regina- no se conocen fuentes de agua dulce en las cercanías. Con ello es

cuestionable la interpretación que *todas* sean lugares de avituallamiento para las embarcaciones. Además, cabe plantearse la posible realización de rituales sin el consumo de agua dulce. En definitiva, se trata de estudiar casos concretos para evitar una generalización interpretativa a partir de conceptos no adecuados.

3. De la geografía sagrada al paisaje como construcción social

La terminología de la "geografía sagrada" tiene unas implicaciones analíticas significativas para el enfoque del estudio de las actividades cultuales. Por un lado, con el término "geografía" se concibe el espacio como una pantalla estática que recibe de forma pasiva las actividades que en ella se realizan; además este concepto conlleva directamente el estudio de los aspectos formales y físicos de los espacios sagrados sin tener en cuenta la participación en otros aspectos de las dinámicas sociales. Por otro lado, el término "sagrado" reafirma estos rasgos al compartimentar las actividades rituales en un medio específico, creando una clasificación funcional de los lugares que no permite plantearse otras cuestiones que los vean como un espacio en el que se vive y en el que se tienen todo tipo de experiencias, tanto cotidianas como sagradas. Es por ello por lo que creo que hay que abandonar la noción de geografía por la de paisaje ya que éste es un instrumento de análisis que recoge la relación entre la cultura y la naturaleza (Gosden y Head, 1994, p. 113-114; Hirsch, 1995, p. 8).

Entender el paisaje como construcción social en el marco de los estudios religiosos y rituales es, desde mi punto de vista, enriquecedor. Así, el paisaje ya no forma parte de la dualidad entre sujeto y objeto -entendido como espacio/contenedor- sino que se considera que existe y se define en tanto que ha sido habitado por el sujeto, es decir que éste ha tenido experiencias en él; de este modo, el paisaje no es una realidad objetiva que hay que percibir y analizar sino que está condicionado por las variables sociales, ecológicas y culturales que las personas tienen, de tal modo que cada grupo percibe el paisaje de forma diferente (Thomas, 1996 y 2002).

El uso de las cuevas es un modo de marcar el paisaje ya que se otorga relevancia a lugares con características específicas, en este caso son zonas con buena visibilidad y en accidentes geográficos preciados. Esta estrategia no representa sólo una manera de marcar rutas para los marineros, sino que tiene unas implicaciones más profundas al socializar el paisaje ya que se establece una relación específica con aquellos que lo marcan, al mismo tiempo que es un método para establecer su acceso y su control (Taçon, 1994). De esta manera, la señalización del medio es importante al permitir a determinados grupos definir lo que les rodea y, así, poder definirse a sí mismos. Con ello, la utilización de las cuevas crea identidades y memorias (Knapp y Ashmore, 1999, p. 13-19).

Las cuevas son un elemento activo de la construcción de la identidad en tanto que vinculan unas determinadas actividades rituales a un espacio específico y para un grupo determinado de personas que asocian este lugar con los cultos de la fertilidad y las divinidades ctónicas. Además, los materiales de las cuevas muestran que existe una continuidad: un uso anterior, como muestran los casos de Gorham's Cave y de Grotta Regina, y posterior, como es el caso de las cuatro cuevas presentadas. Con ello no quiero decir que exista un conocimiento sobre el tipo de actividades que se hacían en otros momentos, pero sí que estos lugares se perciben como espacios con significado en diferentes periodos no sólo por su posición priviliegada en el paisaje, sino también porque debe existir algún vínculo con el pasado. En esta línea se puede explicar la presencia de grafitos medievales en la Grotta Regina o la misma presencia fenicio-púnica en grutas con actividad durante la Edad del Bronce. Por lo tanto, la percepción y uso de las cuevas crea memoria al reforzar su continuidad mediante la reutilización, reinterpretación o reconstrucción (Bradley, 2002, p. 35; Carmichael et al., 1994).

Con todo lo dicho hasta ahora, se puede decir que las cuevas no son propiamente espacios naturales ya que una vez se perciben y se usan pasan a formar parte de los paisajes definidos a través de las prácticas sociales (Richard, 1999, p. 90; Knapp, 1999, p. 231). De igual forma, a lo largo de su vida, las cuevas se modifican artificialmente por las características que contienen -creadores de memoria, identidad o control de zonas singulares-, reflejándose en la monumentalización de sus rasgos. Por ejemplo, en Es Culleram se construyen cisternas en el exterior y se modifica el interior para facilitar las actividades cultuales; o el caso extremo de Ras il-Wardija, donde la cueva es en sí misma una construcción. En la misma línea cabría interpretar la compartimentación del espacio que se propone en Gorham's Cave con la parte anterior de la cueva como sanctasanctórum y el exterior como zona de las actividades rituales (Belén, 2000, p. 61). En este sentido, el registro material no permite ver si dentro de las cuevas habría altares -sólo se ha documentado uno en Es Culleram con dos piedras cónicas interpretadas como betilos (Aubet, 1982)- u otro tipo de construcción, aunque también hay que tener en cuenta que para tal fin se podrían haber usado las particularidades naturales de las grutas.

4. A modo de recapitulación

Plantear el análisis de las cuevas en tanto que "geografía sagrada" y vinculadas a los usos marítimos pasa por alto otras perspectivas interpretativas. Así, me parece más enriquecedor incluir su estudio dentro de una visión que no sólo tenga en cuenta las divisiones funcionales, sino también las prácticas que se realizan y las experiencias que se tienen en las cuevas. Con ello, la noción de "geografía sagrada fenicia" es insuficiente para dar cuenta de la diversidad de elementos que definen y construyen los paisajes en tanto que construcciones polisémicas. En este sentido, se han propuesto los conceptos de "*ideational landcape*" o "*associative landscape*" (Alcock, 2001; Ashmore y Knapp, 1999) para expresar el vínculo que existe entre la experiencia del paisaje, la memoria y las emociones. Por lo tanto, hay que observar qué relación se establece entre los usos de las cuevas y cada comunidad que percibe y vive el paisaje específico de una determinada manera. Con ello, ni los términos de "geografía sagrada" ni de "paisaje sagrado" responden a la diversidad de las relaciones que se establecen entre las cuevas y las personas ya que no responden a las dinámicas culturales que participan en la creación de un paisaje determinado.

Esta propuesta muestra que las cuevas no sólo forman parte de las actividades rituales, sino que también participan en las construcciones sociales como el poder -control, conocimiento y visibilidad del territorio-, la identidad -vinculan las actividades de un grupo a un determinado espacio- y la memoria -se perciben como espacios con significado con testimonios de usos anteriores- y, así, se establece un punto de partida para mirar de forma distinta actividades y lugares tan significativos.

Bibliografía

Alcock, S.E., (2001) - Reconfiguration of Memory in the Eastern Roman Empire. In Alcock, S.E.; d'Altroy, T.; Morrison, K.D.; Sinopoli, C.M. (eds.) *Empires: Perspectives from Archaeology and History*. Cambridge. pp. 323-350.

Aubet, M.E. (1982) - *El santuario d'Es Culleram*. Treballs del Museu Arqueològic d'Eivissa. Ibiza.

Bartoloni, P. (1978) - Le navi puniche della Grotta Regina. *Rivista di Studi Fenici*. IV. Roma. pp. 31-36.

Beaulie, A.; Monteurde, R. (1947-48) - La grotte d'Astarté a Wasta. *Mélanges Université St. Joseph*. 27. pp. 1-30.

Belén, M. (2000) - Itinerarios Arqueológicos por la geografía sagrada del Extremo Occidente. In Costa, B.; Fernández, J.H. (eds.) *Santuarios fenicio-púnicos en Iberia y su influencia en los cultos indígenas. XIV Jornadas de arqueología fenicio-púnica (Ibiza, 1999)*. pp. 57-102.

Belén, M.; Pérez, I. (2000) - Gorham's Cave, un santuario en el estrecho. Avance del estudio de los materiales cerámicos. *Actas IV CIEFP*. II. Cádiz. pp. 531-539.

Bell, C. (1992) - *Ritual Theory, Ritual Practice*. Oxford.

Bender, B. (1993) – Introduction. In Bender, B. (ed.) *Landscape: Politics and Perspectives*. Oxford. pp. 1-18.

Bisi, A.M.; Guzzo Amadasi, M.G.; Tusa, V. (1969) - *Grotta Regina I. Rapporto preliminare della Missione congiunta con la Sopraintendenza alle Antichità della Sicilia Occidentale*. Roma.

Bradley, R. (2002) - *An Archaeology of Natural Places*. Londres.

Buhagiar, M. (1989) - Two Archaeological Sites: Ras ir-Raheb, Malta and Ras il-Wardija, Gozo. *Melita Historica*. X: I. pp. 69-87.

Carmichael, D.; Hubert, J.; Reeves, B. (1994) – Introduction. In Carmichael, D.; Hubert, J.; Reeves, B. (eds.) *Sacred Sites, Sacred Places*. One World Archaeology. 23. pp. 1-8.

Coacci, G.; Guzzo Amadasi, M.G.; TUSA, V. (1979) - *Grotta Regina II. Le inscrizione puniche*. Roma.

Culican, W. (1972) - Phoenician Remains from Gibraltar. *Australian Journal of Biblical Archaeology*. 1: 5. pp. 110-145.

De Simone, R. (1996) - Presenze puniche a Capo Gallo. In Aa.Vv., *Palermo Punica*. Palermo. pp. 66-67.

Ferrer, E. (2002) - Topografía sagrada del Extremo Occidente: santuarios, templos y lugares de culto en la Iberia púnica. In Ferrer, E. (ed.) *Ex Oriente Lux: las religiones antiguas en la Península Ibérica*. SPAL Monografías. II. Sevilla. pp. 185-218.

Gómez Bellard, C.; Vidal González, P. (2000) - Las cuevas-santuario fenicio-púnicas y la navegación en el Mediterráneo. In Costa, B.; Fernández, J.H. (eds.) *Santuarios fenicio-púnicos en Iberia y su influencia en los cultos indígenas. XIV Jornadas de Arqueología fenicio-púnica (Ibiza, 1999)*. pp. 103-146.

Gosden, C.; Head, L. (1994) - Landscape – a usefully ambiguous concept. *Archaeology of Oceania*. 29. pp. 113-116.

Hirsch, E. (1995) - Introduction. Landscape between Place and Space. In Hirsch, E.; O'Hanlon, M. (eds.) *The Anthropology of Landscape. Perspectives on Place and Space*. Oxford. pp. 1-30.

Johnston, R. (1998) - Approaches to the perception of landscape. Philosophy, theory, methodology. *Archaeological Dialogues*. 8: 1. pp. 54-68.

Knapp, A.B.; Ashmore, W. (1999) - Archaeological landscapes: constructed, conceptualized, ideational. In Knapp, A.B.; Ashmore, W. (eds.) *Archaeologies of Landscape*. Londres. pp. 1-32.

Knapp, A.B. (1999) - Ideational and Industrial Landscape on Prehistoric Cyprus. In Knapp, A.B.; Ashmore, W. (eds.) *Archaeologies of Landscape*. Londres. pp. 229-252.

Lemaire, T. (1997) - Archaeology between the invention and the destruction of the landscape. *Archaeological Dialogues*. 4: 1. pp. 5-21.

López-Bertran, M. (2007) - *Ritualizando cuerpos y paisajes: un análisis antropológico de los ritos fenicio-púnicos*. Tesis Doctoral, Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. http://www.tesisenred.net/TDX-0513108-170353.

Morales Pérez, J.V. (2003) - Estudio de la fauna de la cueva-santuario púnica de Es Culleram (Sant Joan, Eivissa). *Saguntum*. 35. pp. 113-122.

Posadas, J.L. (1988) - Amuletos y divinidades egipcias en el Estrecho de Gibraltar preromano. Nueva valoración de su influencia religiosa en el medio colonial. *Actas del Congreso Internacional "El Estrecho de Gibraltar" (Ceuta, 1987,)*. vol. I. Madrid: UNED. pp. 517-527.

Richard, J.E. (1999) - Conceptual Landscapes in the Egyptian Nile Valley. In Knapp, A.B.; Ashmore, W. (eds.) *Archaeologies of Landscape*. Londres. pp. 83-100.

Taçon, P. (1994) - Socialising landscapes: the long-term implications of signs, symbols and marks on the land. *Archaeology in Oceania*. 29: 3. pp. 117-129.

Thomas, J. (1996) - *Time, Culture and Identity*. Londres.

THOMAS, J. (1998) - The Politics of Vision and the Archaeologies of Landscapes. In BENDER, B. (ed.) *Landscape. Politics and Perspectives*. Oxford. pp. 19-48.

THOMAS, J. (2002) - Archaeologies of Place and Landscape. In HODDER, I. (ed.) *Archaeological Theory Today*. Cambridge. pp. 165-186.

VAN DOMMELEN, P. (1999) - Exploring everyday places and cosmologies. In KNAPP, A.B.; ASHMORE, W. (eds.) *Archaeologies of Landscape*. Londres. pp. 277- 285.

WAETCHER, J. d'A. (1951) - Excavations at Gorham's Cave, Gibraltar. Preliminary Report for the seasons 1948-1950. *Proceedings of the Prehistoric Society*. XVII: 1. pp. 83-92.

WAETCHER, J. d'A. (1953) - The Excavation at Gorham's Cave and its relations to the Prehistory of Southern Spain. *Archivo de Prehistoria Levantina.* IV. pp. 21-24.

NUEVAS DIMENSIONES (GEOGRÁFICAS E HISTORIOGRÁFICAS) DEL FENÓMENO PÚNICO-GADITANO

Juan Carlos Domínguez Pérez

Grupo de Investigación P.A.I. HUM-440
Junta de Andalucía

Resumen

La entidad, las características y las dimensiones globales "genéricas" del círculo púnico-gaditano han sido muy estudiadas en los últimos años. Con esta comunicación se pretende romper ciertos prejuicios historiográficos estableciendo aquellos elementos materiales propios esenciales a la hora de caracterizarlo económica y culturalmente (contenedores anfóricos, cerámica de mesa, orfebrería,...) durante los siglos IV y III AC con el objetivo explícito de establecer la presencia de los intereses de *Gadir* en los amplios territorios analizados (Bahía de Cádiz y Costa atlántica gaditana, Costa mediterránea andaluza y africana, Costa atlántica africana, Costa onubense, Algarve y Costa atlántica portuguesa, Costa gallega y Costa cantábrica).

Por otro lado, aunque la difusión específica de estos materiales tiene su ámbito primario reconocido en la zona de *Gadir-Carteia-Tingis-Lixus*, con cierta prolongación hasta los principales centros comerciales feno-púnicos de la costa onubense y del litoral ibero-mediterráneo, un análisis pormenorizado de los recientes hallazgos en yacimientos del Atlántico sur, el Algarve y la costa atlántica portuguesa, así como sobre los denominados *castros marítimos* del litoral gallego y el Cantábrico muestra tambien una presencia de intereses comerciales de *Gadir* en enclaves atlánticos extremos.

Con ello se presenta un cuadro muy significativo que trasciende ampliamente las dimensiones y los límites del fenómeno púnico-gaditano comúnmente aceptados y que puede aportar un factor esencial incluso en el debate sobre "lo púnico" y lo cartaginés en este Extremo Occidente básicamente atlántico.

Abstract

In the last years the entity, the characteristics and the global size of the Punic circle of Gadir have been very studied. With this paper we are trying to break certain historiographical prejudices studying the distribution of all those material remains (amphorae, table ware, jewellery) along the 4th and 3rd centuries with the purpose of establishing an economical and cultural explanation which can be used to defend the existence of interests of Gadir along the studied regions.

In the other hand, an exhaustive analysis of recent findings in Southern Atlantic Sea, Portuguese Algarve and Atlantic coast, beside the new studies about the so-called *maritime hillforts* of the Galician coast can too demonstrate the real existence of these commercial interests in such extreme sites.

Finally a new and very expressive picture is presented here to overcome the traditional explanations which are very settled in our comprehension of this historical process and, above all, to progress in the meaning of which we can consider Punic and Carthaginian in the Extreme Atlantic West.

Elementos materiales para la definición de estos límites

A la hora de definir la potencialidad de este círculo productivo proponemos su estudio a través de la difusión material, básicamente, de los contenedores anfóricos utilizados para la distribución y consumo de los bienes alimenticios, especialmente las Ramón 12.1.1.1/2 y las 9.1.1.1 púnico-gaditanas, las 8.1.1.2, 8.2.1.1 y 4.2.2.5, del entorno global del Sinus Tartesius, además de otras producciones coetáneas como las vajillas ática de figuras rojas y barniz negro y la púnico-gaditana de barniz rojo "tipo Kouass". Con todo, no menos reseñable en este territorio es la comercialización simultánea por parte de los fenicios de *Gadir* de otras producciones foráneas como las transportadas en las ánforas púnicas del Mediterráneo Central, las monedas griegas, siciliotas o cartaginesas, elementos de adorno personal y exvotos, objetos de vidrio, algunos de cuyos modelos han podido ser identificados en el área propia de Cartago, Aiboshim y la mayoría de los centros comerciales mediterráneos.

Dimensiones geográficas del fenómeno púnico-gaditano

El Atlántico Sur: la costa africana y las Islas Canarias

Tingis y especialmente, Ksar Seguir son las primeras poblaciones que muestran, la primera, evidencias de una fundación a finales del siglo V AC, mientras que la segunda apunta claramente condiciones de ser una factoría pesquera de época ya abiertamente púnica (López Pardo, 1996, p. 264-265). Ya en pleno Atlántico, se encuentra Djebila en el Cabo de Ras Achakar. En ella se han encontrado fragmentos de cerámica griega del siglo VI y comienzos del V AC junto a ánforas Mañá-Pascual A4 (López Pardo, 1990, p. 36). En Kouass se documentaron un conjunto de alfares destinados a la fabricación de ánforas Mañá-Pascual A4, aunque también posiblemente las del 4.2.2.5 y ollas y jarras de tradición ibérica, además de la existencia de platos y cuencos de barniz rojo, cerámica ática del siglo IV AC e imitaciones de terracotas púnicas. En la antigua *Zilil,* en Dchar Jdid, se han encontrado, junto a las Mañá-Pascual A4c y A4f y a los famosos platos de pescado de barniz rojo, urnas decoradas con bandas negras y rojas, de tradición ibero-púnica (López Pardo, 1990, p. 17-23).

En *Lixus*, Larache, los niveles correspondientes a nuestro período de estudio parecen atestiguarlos fragmentos de cerámica ática, tipo Kouass y restos de ánforas 8.1.1.2 (Niveau, 2003, p. 239-240). Más al sur, *Banasa* demostró, por otra parte, que las Mañá-Pascual A4 representan una constante en el repertorio de esta ciudad junto a pendientes y aretes de oro, cerámicas áticas e ibérica y algunos modelos de ánforas Mañá C2 (Girard, 1984, p. 38-70). En Azenmour, ya en plena desembocadura del Oumm er Rebia, se recogieron numerosos fragmentos de cerámica púnica (López Pardo, 1996, p. 260). Pero en Mogdoul, la antigua *Mogador,* se han documentado desde *graffitti* y cerámica fenicios y vasos griegos (López Pardo, 1996, p. 262), a ánforas Mañá-Pascual A4a arcaicas (Mederos; Escribano, 1999, p. 100). Más al sur todavía se han encontrado nuevos restos púnicos en Cabo Ghir, a treinta kilómetros al norte de *Agadir* mezclados con cerámica ibérica e indígena hecha a mano (López Pardo, 1996, p. 262).

En los últimos años se viene defendiendo con insistencia la evidencia de frecuentaciones de las Islas Canarias por los mismos navegantes fenicios y púnicos basándose, entre otros argumentos, en la existencia en las islas más occidentales del archipiélago de imitaciones locales realizadas a mano de tipologías anfóricas del Círculo de *Gadir* como son las 8.1.1.2 (González, 2004, p. 27-29), aunque no faltan propuestas de identificación también de las 8.2.1.1 (Atoche et al., 1997, p. 15) ó las 9.1.1.1. A estos testimonios se han sumado las representaciones rupestres de embarcaciones vinculables con la tradición fenicio-púnica como los dos *hippoi* de El Cercado (Garafía, La Palma) y

dos embarcaciones más del Barranco de Tijonay (Fuerteventura): una con vela cuadrada plegada y otra cubierta "de tradición tartésica" (González et al., 1998, p. 49).

La costa africana mediterránea

Desde un principio la aparición en la Bahía de Benzú de ánforas Mañá-Pascual A4c y A4e (López Pardo, 1996, p. 265) supuso un hallazgo crucial geográfica e históricamente. También se pueden constatar estas producciones en los yacimientos marroquíes de la costa mediterránea como el de Sidi Abselam del Behar**,** que nos ha proporcionado en los niveles más recientes platos de barniz rojo (Niveau, 2003, p. 240-241), ánforas Mañá C y *kalathoi* ibéricos, y tal vez algunos fragmentos de Mañá-Pascual A4 (López Pardo, 1996, p. 267). En otro de los asentamientos de esta zona, el de Kudia Tebmain, en Emsá, se ha identificado la cerámica Kouass (Niveau, 2003, p. 241) junto a lucernas helenísticas y gran cantidad de ánforas Mañá-Pascual A4 (López Pardo, 1990, p. 39-41). En la antigua *Russadir*, Melilla, recogida con este nombre en el Periplo de Pseudo-Escílax (párr. 111), se constata la presencia de ánforas Mañá-Pascual A4f y la de platos de barniz rojo (Niveau, 2003, p. 241-242), junto a un conjunto de monedas de Cartago (López Pardo, 1996, p. 269). Rachgoun albergó desde el siglo VII hasta el V AC un pequeño hábitat con necrópolis, en el que se han podido documentar un interesante conjunto de armas, escarabeos, anillos giratorios, colgantes y un medallón (López Pardo, 1996, p. 270). Ya más al este, encontramos las fundaciones de Mersa Madakh, Mersa Bou Zedjar y Les Andalouses, ésta última con restos reconocidos de Mañá-Pascual A4, a los que habría que añadir recientes identificaciones de cerámica tipo Kouass que han aparecido junto a fragmentos ibéricos (Niveau, 2003, p. 242).

El Algarve y la costa portuguesa

Las ánforas púnico-gaditanas aparecen regadas por todo el Algarve. Las encontramos en el Castello de Castro Marim un importante testimonio del comercio con *Gadir* sobre ánforas del tipo 8.1.1.2, que aparecen acompañadas, de las D4 de Pellicer y las 11.2.1.3 y 12.1.1.1 (Arruda, 2001, p. 74-77). Materiales similares encontramos en otros yacimientos del Algarve portugués como Faro, Cerro da Rocha Branca-*Cilpes* (Arruda, 2001: p. 80), en el Cabo Sardão (Alves et al., 2001, p. 243). Más al norte, también podemos encontrar producciones similares en el Santuario de Abul B (Mayet; Tavares, 2001, p. 181-184), Alcácer do Sal (Alves et al., 2001, p. 244), la Travessa dos Apóstolos-Setúbal (Arruda, 2002, p. 95) y Alcáçova de Santarém. Proceso similar podemos observar con otro tipo de ánforas distribuidas también desde el Estrecho. Así, encontramos de las Pellicer D y E en la desembocadura del Río Arade (Tavares; Coelho; Soares, 1987: p. 208); en la Alcaçova de Santarém, con una singular concentración de ánforas 8.1.1.2 y 9.1.1.1 (Arruda, 2002, p. 210-211); en Chões de Alpompé, donde aparecen también fragmentos de ánforas 9.1.1.1 y 7.3.2.1 (Arruda, 2000, p. 60); en Santa Olaia-Figueira da Foz y, por último, en San Estevâo da Facha (Carballo, 1987, p. 142).

Junto a estos contenedores también aparece, desde mediados del IV y durante toda la centuria posterior, la vajilla de barniz rojo púnico-gaditana especialmente en sus dos formas más características: los cuencos y copas (Lamb. 27) y los platos de pescado (Lamb. 23). También en este caso ha podido ser identificada en los yacimientos de Castro Marim (Arruda, 2001, p. 78-80), Faro (Arruda, 2001, p. 78-80), Cerro da Rocha Branca-Silves (Arruda, 2001, p. 80), Mértola (Niveau, 2003, p. 236) y Santiago do Cacem-*Miróbriga* (Arruda, 2001, p. 78-80). Los pocos restos que han aparecido de esta cerámica gaditana más al norte prácticamente se limitan a los dos fragmentos (un borde y un fondo) de platos de pescado identificados en la Alcaçova de Santarém (Arruda, 2002, p. 212).Y, bajo el concepto genérico de "cerámicas púnicas", también han sido identificadas producciones similares en el Castro de Romariz, en el Castelo de Gaia, *Cale*, Citania de Sanfins, Castro de S. Domingos, Suvidade de Recesinhos, Cividade de Terroso, Castro de Santo Estêvão y Coto da Pena (Coelho; Mendes, 2001, p. 233-234).

Por otro lado, también encontramos una difusión muy parecida en las últimas importaciones de figuras rojas y barniz negro, que, sin duda, son comercializadas en la zona por los mismos navegantes de *Gadir* como últimos intermediarios del comercio de Cartago. Han podido ser identificados en Castro Marim, Tavira, Faro (Arruda, 2002: p. 34-48), Mértola (Niveau, 2003, p. 236) y el Cerro da Rocha Branca-Silves (Arruda, 2001, p. 81); en el Santuario de Azougada (Moura), en un grupo de kylices de figuras rojas del Pintor del Grupo de Viena 116; en Alcácer do Sal (Arruda, 2002, 71), así como en la necrópolis de Senhor dos Mártires (Arruda, 2002, p. 81-86); en la Calle Augusta-BCP de Lisboa (Arruda, 2002, p. 128); y en la Alcaçova de Santarém (Arruda, 2002, p. 212). En el estuario del Mondego han aparecido en Santa Olaia (Arruda, 2002, p. 237). Ya mucho más al norte y cerca de la desembocadura del Duero, en el Castro de Romariz, en *Cale*, en el Castro de Pernices, y ya cerca del territorio costero gallego, en el Castelo de Faria, en el Monte de S. Lorenço, San Estêvão, Coto da Pena e, incluso, en áreas del interior como el Castro de Palheiros (Coelho; Mendes, 2001, p. 232-233; Carballo, 1987, p. 141).

La costa gallega atlántica y cantábrica

La continuidad del fenómeno distributivo que venimos analizando puede seguirse a través del mapa resultante en territorios aún más alejados de los influjos mediterráneos. Así, por ejemplo, Castro da Forca (A Guarda, Pontevedra), en un emplazamiento probablemente dedicado a la explotación intensiva de las riquezas pesqueras, marineras y concheros de la zona (Carballo, 1987, p. 10), deparó la identificación de un significativo (aunque escaso) repertorio fragmentos de ánforas y cerámica "ibero-púnica" (*sic*) del sur peninsular. Paralelamente, a los fragmentos descontextualizados de cerámica ática de figuras rojas y de barniz negro (Carballo, 1987, p. 9), se sumaron dos nuevos fragmentos de cerámica ática en el cercano Castro de Fozara, en el de Santo Estêvão (Ponte de Lima, Viana do Castelo), en el norte de Portugal y, ya más al sur, en Alcácer do Sal (Carballo, 1987, p. 111).

Otro importante yacimiento es el de A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra). Una vez más nos encontramos aspectos extraños a la cultura castreña como la aparición simultánea de edificios circulares con otros que combinan lo curvo y lo recto y un último de forma rectangular con las esquinas redondeadas. Todo ello además de haberse contrastado la realización de actividades productivas relacionadas como la pesca y el marisqueo a través de variados restos de moluscos documentados (Suárez; Fariña, 1990, p. 312-317). Aquí también el estudio de los materiales ha dado pruebas de la existencia de cerámica ática del siglo IV AC junto a ánforas ibero-púnicas, a fragmentos de Mañá-Pascual A4 e imitaciones locales de barniz rojo (Suárez; Fariña, 1990, p. 327). No menos significativos son los hallazgos anfóricos en la Bahía de A Coruña de un fragmento de Mañá D1a centro-mediterránea (Naviero, 1982, p. 68-69) y varios restos de la Mañá-Pascual A4c (Naviero, 1982, p. 72). También es considerada "púnica" la cerámica encontrada en los Castros de Troña (Pontevedra) y Campa Torres (Asturias) (Coelho; Mendes, 2001, p. 234). Estos conjuntos materiales vienen complementados con otra serie de hallazgos dispersos como las monedas púnicas halladas en la Estaca de Bares (Carballo, 1987, p. 142). Junto a estos restos púnicos son llamativos también hallazgos como el del aríbalos de O Castro Pequeño do Neixón, en La Coruña (Carballo, 1987, p. 142). Materiales áticos se han encontrado igualmente en Peñalba y Castromao; en Cidade de Caneiro, A Lanzada y Alobre, en Recarea (Carballo, 1987, p. 141-142), así como en los castros de Borneiro y Elviña (La Coruña) y en Campa Torres (Gijón) (Coelho; Mendes, 2001, p. 233).

No obstante, el hallazgo más importante en esta línea es el recientemente realizado en el castro de Alcabre, en la misma ciudad de Vigo, con motivo de las obras de construcción del futuro Museo del Mar. En éste se ha podido identificar un riquísimo conjunto de más de 2.000 fragmentos de ánforas y cerámica fenicias y púnicas datables entre el siglo VII y el III AC, lo que confiere al yacimiento una importancia excepcional puesto que es la primera vez que se pueden registrar tan al norte una presencia masiva de materiales de clara procedencia fenicio-púnica.

Entre los materiales ya se han podido identificar contenedores anfóricos adscritos directamente a *Gadir* (12.1.1.1), junto a otras mercaderías de origen mediterráneo. Pero más trascendencia aún ha tenido para nuestro estudio el sorpresivo hallazgo de un grupo de tres piedras hincadas (de las cuatro originales) rodeadas de una estructura rectangular que los arqueólogos José Suárez e Iván Negueruela, han identificado como las bases de un altar púnico similar a los encontrados en otros puntos del Mediterráneo (Mosquera, 2005).

Nuevas dimensiones historiográficas

La difusión esencial de las producciones púnico-gaditanas demuestra que entre los siglos V al III AC *Gadir* contaba con una dinámica de mercado verdaderamente sólida caracterizada esencialmente por una destacada presencia en enclaves comerciales atlántico-mediterráneos. Lógicamente esta dinámica es ambidireccional. *Gadir* no está exenta, ni comercial ni culturalmente, de recibir las mismas influencias que desde la tradición del Bronce Atlántico incorpora estos territorios del Extremo Occidente, sus producciones y sus propios valores culturales a la *koiné* del Mediterráneo. Cuestión aparte es la de los límites geográficos de este modelo. A expensas de una redefinición del concepto de "penetración de intereses fenicios y púnicos en el Atlántico", parece ya poco sostenible mantener la frontera del río Mondego (Arruda, 2002, p. 257-265).

Por otro lado, el cuadro que hemos presentado pone de manifiesto que el importante número de yacimientos expuestos no son simples escalas náuticas hacia las Casitérides. En alguno de ellos se han podido identificar incluso millares de fragmentos de cerámica y de recipientes anfóricos; en otros, estructuras habitacionales estables completamente extrañas a las tradiciones locales. Esto no debe tampoco llevarnos a la conclusión de que todos estos centros eran factorías permanentes. Es evidente que estas relaciones –inicialmente comerciales- modificaron sustancialmente al menos el modelo tradicional de poblamiento y sus modos de vida y explotación del territorio cercano, generando nuevos modelos con importantes desarrollos urbanísticos. Tampoco es de extrañar que estos cambios incidieran de manera singular en la conformación de diferencias sociales a favor de los grupos privilegiados, cuya distancia aumentaba en virtud del uso político y económico de los bienes de uso y prestigio llegados por el Atlántico.

Bibliografía

Alves, F.; Dias, A. M.; Cardoso, J. P. (2001) - Considerações sobre os dois grandes cepos de âncora em chumbo com alma de madeira, do séc. V-IV a.C., provenientes do ancoradouro natural da Ilha Berlenga (Peniche) e sobre os achados de ânforas de "tipo púnico" em águas portuguesas. En *Os púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa. pp. 239-260.

Arruda, A. M. (2001) - Importaçôes púnicas no Algarve: cronologia e significado. En *Os púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa. pp. 69-98.

Arruda, A. M. (2002) - *Los fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona.

Atoche Peña, P.; Martín Culebras, J.; Ramírez Rodríguez, M. A. (1997) - Elementos fenicio-púnicos en la religión de los mahos. Estudio de una placa procedente de Zonzamas (Teguise, Lanzarote). *Eres (Arqueología)*. 7 (1). pp. 7-38.

Carballo Arceo, L. X. (1987) - *Castro da Forca. Campaña 1984*. Arqueología / Memorias 8. A Coruña.

Coelho Ferreira da Silva, A.; Mendes Pinto, J. M. (2001) - Comércio púnico com o Noroeste. En *Os púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa. pp. 229-238.

González Antón, R. (2004) - Los influjos púnicos gaditanos en las Islas Canarias a través de hallazgos relacionados con actividades pesqueras. En *Las industrias alfareras y conserveras fenicio-púnicas de la Bahía de Cádiz*. Córdoba. pp. 13-37.

González Antón, R. *et al.* (1998) - El poblamiento de un archipiélago atlántico: Canarias en el proceso colonizador del primer milenio A.C. *Eres Arqueología*. 8 (1). pp. 43-100.

López Pardo, F. (1990) - Sobre la expansión fenicio-púnica en Marruecos. Algunas precisiones a la documentación arqueológica. *Archivo Español de Arqueología*. 63. pp. 7-41.

López Pardo, F. (1996) - Los enclaves fenicios en el África noroccidental: del modelo de las escalas náuticas al de colonización con implicaciones productivas. *Gerión*. 14. pp. 251-288.

Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2001) - O Santuário de Abul B. Uma presenta púnica no Baixo Sado? En *Os púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa. pp. 173-195.

Mederos, A.; Escribano, G. (1999) - Pesquerías gaditanas en el litoral atlántico norteafricano. *Revista di Studi Fenici*. 27, I. pp. 93-113.

Mosquera, J. (2005) - Los arqueólogos necesitan dos años más para catalogar las 20.000 piezas del Museo del Mar. *Faro de Vigo*, domingo 12 de Junio de 2005.

Naveiro, J. (1982) - As ánforas romanas de A Coruña (II). *Brigantium*. 3. pp. 63-74.

Niveau de Villedary, A. M. (2003) - *Las cerámicas gaditanas "tipo Kuass". Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica*. Madrid.

Suárez Otero, J.; Fariña Busto, F. (1990) - A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra), definición e interpretación de una yacimiento castreño atípico. Apuntes para un estudio de los intercambios protohistóricos en la costa atlántica peninsular. *Madrider Mitteilungen*. 31. pp. 309-337.

Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A.; Soares, J. (1987) - Nota sobre material anfórico da Foz do Arade (Portimão). *Setúbal Arqueológica*. 8. pp. 203-219.

EL CONCEPTO DE *HINTERLAND* Y SU APLICACIÓN AL MUNDO FENICIO ARCAICO

Eduardo García Alfonso

Museo de Cádiz

Resumen

La utilización del término alemán *Hinterland* aplicado al mundo fenicio tiene el riesgo de hacer un uso ahistórico, al ser concepto tomado de la moderna geopolítica. Hablamos aquí de *Hinterland* como área de captación de recursos hacia un punto focal, donde también se ponen en marcha una serie de prácticas sociales entre élites diversas, que garantizan un beneficio mutuo, pero netamente desequilibrado a favor del grupo que dispone de una economía de mayor escala. Desde Tiro a Gadir, en las diversas áreas con presencia fenicia observamos una estrategia de este tipo, que va a caracterizar al periodo arcaico. La decadencia de este modelo se acentuará progresivamente desde finales del siglo VI a.C., con la generalización de nuevas formas de explotación y de implantación territorial en todo el Mediterráneo.

Abstract

The use of the German word *Hinterland* in the Phoenician world has got the risk of non-historic considerations, since it is a concept from modern geopolitics. We speak about *Hinterland* like a territory where the resources are exploited and they are taken to a focal point. Also, in this area, social practices between elites are done with mutual profits, but there is an unequal situation, always in favour of the human group with a bigger economy of scale. From Tyre to Gadir, in the different areas where the Phoenician were settled, we can see this type of model, characteristic for the Archaic Period. The decadence of this strategy was produced from the end of 6th century B.C.E. and late. The cause is the introduction of new models for exploitation and territorial control all over the Mediterranean.

En los últimos veinte años se ha generalizado el uso del término *hinterland* referido a la colonización fenicia en el Mediterráneo. Como todo neologismo incorporado al vocabulario arqueológico de una forma un tanto indiscriminada ha provocado cierta confusión. La voz alemana *Hinterland* –tierra interior– tiene varias acepciones, todas ellas creación de la moderna geografía. En el sentido que nos interesa, una definición sencilla sería el territorio vecino a una franja costera; *hinterland* se opone a litoral. Como concepto económico equivale al área de influencia de un puerto, ya sea marítimo o fluvial.

La idea de traspaís susceptible de explotación está presente en la estrategia colonial europea desde finales del siglo XVI y principios del XVII. La presencia de los primeros tratantes de esclavos en las costas de Guinea y la instalación de los comerciantes de especias y té en el Sureste asiático señalarían el nacimiento de la idea de *hinterland* como territorio suministrador de recursos, aunque no controlado directamente. Dotado de contenido jurídico, el *hinterland* nace en la Conferencia de Berlín (1884-1885), que sancionó el reparto europeo de África. En dicha reunión, las potencias coloniales acordaron que cualquier nación que estableciera posiciones en la franja costera de dicho continente tenía derecho a reivindicar las tierras interiores colindantes con aquélla. Pero dos son las condiciones para hacer efectiva la soberanía sobre el hinterland: la ocupación efectiva del espacio costero y la comunicación inmediata de la misma a los países firmantes del acuerdo. Así, no será la exploración ni la instalación de unas precarias bases en el litoral lo que da derecho a anexionarse el traspaís interior, aunque éste fuera el primer paso, sino la capacidad real de control de la costa y de su población indígena. De este modo, en Berlín se produjo un cambio con respecto a las estrategias de explotación colonial anteriores: el *hinterland* dejó de ser un "territorio económico", donde varios agentes externos rivales competían en la extracción de riqueza, para convertirse en un "territorio político", con derechos en exclusiva.

1. El hinterland como mecanismo económico fenicio

La introducción del concepto de *hinterland* en la investigación sobre la expansión fenicia se debe a M.E. Aubet (1986, 28; 1994, 114 y 300-302). El *hinterland* es el soporte principal de la economía fenicia, tanto en la metrópoli, como en Occidente. La capacidad de conexión entre diferentes redes comerciales es la clave para explicar el elevado grado de prosperidad económica de las ciudades de la costa libanesa. Los reinos fenicios de Biblos, Sidón y Tiro dispusieron de un territorio político muy exiguo y cambiante a lo largo del tiempo. Este dominio efectivo se extendía por la franja costera vecina a la sede de cada monarquía y terminaba en la ladera occidental de la cordillera del Líbano. Sin embargo, el "territorio económico" era mucho más amplio, con una diversificación en la captación de recursos que permita, por un lado, el suministro de subsistencias y, por otro, el acceso a determinadas mercancías susceptibles de ser transformadas y/o comercializadas, de acuerdo con la demanda de los potenciales clientes (García Alfonso, 2000, 23-31).

Por tanto, el *hinterland* englobaría aspectos complementarios. En lo geográfico tiene un sentido de territorio elástico, sin límites fijos, que además pueden variar a lo largo del tiempo según las circunstancias. En lo económico es un área de captación que suministra recursos; por tanto, el núcleo que capitaliza un determinado *hinterland* depende en gran medida de él, no pudiendo ser autónomo al carecer de un territorio político amplio. Las repercusiones sociales y culturales del fenómeno adquieren un gran protagonismo. Las actividades fenicias en el *hinterland* provocarán una serie de interacciones con los grupos que lo habitan, en el sentido de reforzar la jerarquización, ya que los beneficios de explotación se canalizan siempre a nivel de las élites. Reflejo de esta situación sería la utilización de la lengua fenicia en ámbitos ajenos a su territorio natural -Karatepe- o la implantación del culto a ciertas divinidades -presencia de Melqart en Da-

masco-. Las ventajas de las que gozan los agentes fenicios en el *hinterland* no se entienden sin que exista un acuerdo con los poderes locales, independientemente de su grado de organización. Estos pactos se formalizaron tanto con organizaciones de carácter estatal –reinos del Próximo Oriente y ciudades griegas–, así como con grupos organizados con un menor grado de jerarquización –Península Ibérica y norte de África–.

Estos mecanismos explicarían el éxito de los fenicios en su expansión, a pesar de la relativa modestia de los contingentes demográficos que movilizaron, en contraste con la colonización griega. Una diferencia fundamental entre ambos modelos estriba en el papel que jugaron los indígenas en la estrategia colonial: mientras que la mayoría de las fundaciones griegas se desarrollaron en una situación de enfrentamiento crónico con los "bárbaros", la clase dirigente fenicia logró establecer una "entente cordial" con las élites locales, con una convergencia de intereses, lo cual no quiere decir que no hubiera momentos de cierta tensión. Por ello, como dice M.E. Aubet (1994, 300), la colonización fenicia "*se nutría de las distintas relaciones de cada asentamiento con su entorno respectivo*". Por tanto, para la supervivencia de una colonia fenicia sería mucho más importante una buena interacción con el *hinterland* que el auxilio de la metrópoli.

2. El *hinterland* como estructura flexible

En el marco de la expansión fenicia no existe un modelo único de *hinterland*. Si algo caracteriza a las actividades fenicias es su versatilidad, su capacidad de adaptación a diferentes situaciones. Por tanto, la relación con el *hinterland* no es unívoca, sino que prácticamente cada asentamiento establece sus mecanismos específicos de relación con el entorno inmediato y lejano. Más que a situaciones impuestas por la geografía, la diferencia se establece en el *modus operandi*, en cómo se canalizan los recursos hacia el "punto focal". Las circunstancias aquí pueden variar sensiblemente, de manera que haya que utilizar formas de relación diferentes aún en entornos cercanos. En ello influyen factores diversos, tales como la naturaleza de los recursos a captar, su disponibilidad y canales de distribución, la mayor o menor distancia, los poderes indígenas con los que hay que tratar y sus demandas...

Tiro es el ejemplo más paradigmático de economía sostenida por territorios muy diversos, que M. Liverani (1995, 547-549) denominó "franjas comerciales", bien reflejadas en los célebres oráculos del libro de Ezequiel (27, 4-25) y que abarcan tanto el Próximo Oriente como el Mediterráneo. M.E. Aubet (1994, 114-117) no duda en atribuir a cada uno de estas áreas geográficas, progresivamente más alejadas, un carácter de *Hinterländen* tirios, auténticas esferas de intereses directos. La fecha de eclosión de esta red de captación de recursos debe situarse a finales del siglo VII y principios del siglo VI a.C., data de la "profecía" de Ezequiel. Una red comercial tan compleja no se improvisa. En los últimos momentos del Bronce Final el reino de Sidón había consolidado diferentes relaciones a larga distancia, bien estudiada por J.A. Belmonte (2002), al tiempo que aumentaba su dominio territorial directo en la costa libanesa en detrimento de Tiro, en estos momentos un núcleo secundario aunque gobernado por una dinastía local. Parece que será la consolidación del sistema monárquico entre los hebreos lo que convierte a Tiro, entre las demás ciudades fenicias, en el interlocutor privilegiado con sus vecinos del sur. La recién creada monarquía hebrea estaba interesada en entablar relaciones de igualdad y legitimidad con las casas reales "históricas" de la región, en un momento en el que la acción de las grandes potencias se había minimizado bastante. De acuerdo con el relato bíblico, será Hiram I el soberano tirio que inicie la expansión comercial de la ciudad, en un momento coetáneo a David y Salomón –siglo X–, proceso que continuó con sus sucesores, especialmente bajo Ithobaal I (887-856 a.C.), cuando Tiro impone su hegemonía a Sidón (Aubet, 1994, 48-51). Finalmente, la consolidación del poder

asirio garantizó a Tiro un trato privilegiado y una seguridad en la circulación de determinados recursos, aunque los nuevos dueños del Próximo Oriente cobraban cara su contribución a la prosperidad de la metrópoli fenicia, en forma de cuantiosos tributos. Sabiendo muy bien que otra opción hubiera sido un suicidio, la clase dirigente de Tiro adoptó una inteligente "real politik": otros poseían el dominio territorial del *hinterland* de tierra firme, mientras que ella obtenía beneficios en la explotación de parte de los recursos de éste. Evidentemente, tuvo que haber una coincidencia de intereses entre la aristocracia tiria y la monarquía asiria.

A semejanza de Tiro, la fundación eubea de Pitecusa, en Ischia, resulta un ejemplo significativo de creación de un *hinterland* en tierra firme desde una pequeña isla cercana a la costa. Pitecusa es la primera colonia griega en el Mediterráneo occidental, por lo que tiene una serie de características que la convierten en un enclave muy especial, más próximo en su dinámica a las instalaciones fenicias arcaicas que a los asentamientos griegos posteriores del sur de Italia y Sicilia. No se trata de una fundación encaminada a la búsqueda de tierras fértiles, ya que Ischia es una isla rocosa y volcánica de sólo 46 km^2. Igualmente, Pitecusa albergó una importante comunidad de orientales, donde no faltaron los fenicios, que debieron convivir sin ningún problema con los eubeos, ya que la cooperación beneficiaba a ambas partes (Aubet, 1994, 214; Ridgway, 1997, 134-145; Domínguez Monedero, 2000, 246-247). La vida de Pitecusa fue breve: la colonia fue fundada hacia los años 770-760 a.C., abandonándose poco después del 700. La decadencia del asentamiento isleño cabe atribuirla a diferentes causas naturales, como un terremoto y una erupción volcánica (Estrabón, V, 4, 9), pero, especialmente, a la fundación de Cumas hacia el 725 a.C. en tierra firme. El lugar elegido para la nueva ciudad se encontraba frente al litoral de Ischia y contaba con un promontorio delimitado por una playa fácilmente abordable y por la zona pantanosa del río Volturno.

La instalación de los eubeos en Cumas se hizo mediante la destrucción de un asentamiento indígena anterior, situado sobre el promontorio, pero todo indica que la fundación de la colonia en el continente se efectuó con el consentimiento de los grupos dirigentes de los dos principales núcleos indígenas inmediatos, Capua y Pontecagnano (Coldstream, 1994, 56; d'Agostino, 1996, 536). Con estos sectores sociales emergentes la élite de Cumas mantendrá una relación privilegiada. A pesar de que Cumas marca un cambio en la estrategia de la colonización griega en el sur de Italia, no parece que la nueva ciudad tuviese durante los primeros tiempos de su existencia una intención clara de dominio territorial, más bien debió seguir desempeñando el mismo papel que antes había correspondido a Pitecusa. Un aspecto interesante es señalar que la convivencia entre eubeos y fenicios no tuvo porque interrumpirse a causa del traslado a tierra firme, como ha señalado G.E. Markoe (1996, 24-25). Por tanto, a lo largo de los siglos VIII-VII a.C. el binomio Pitecusa–Cumas logró captar los recursos un amplio hinterland. Sus intereses abarcaban desde los cotos mineros de la isla de Elba y las *Colline Metallifere* de Etruria hasta las subsistencias obtenidas en las llanuras campanas del Volturno y el Sele. El testimonio material de las interacciones que se produjeron entre los colonos y las élites indígenas queda evidenciada por los materiales de lujo claramente importados que aparecen diversos lugares: Populonia, Vetulonia, Falerii, Praeneste, Pontecagnano y Capua. Ridway (1997, 170-172) ha señalado que los grupos emergentes que se observan en la zona meridional de Etruria a fines del período villanoviano deben bastante a sus contactos con Pitecusa–Cumas. Además de los objetos exóticos de su comercio, los extranjeros les proporcionaban determinados servicios, especialmente la presencia de especialistas, entre ellos los diferentes artesanos fenicios que convivían con los eubeos. La compensación que pedían los colonos era el acceso a los recursos que necesitaban.

El caso de Cerdeña resulta muy ilustrativo respecto a la versatilidad fenicia respecto al territorio inmediato a una colonia. Aquí, más que un *hinterland* económico, encontramos un dominio territorial efectivo, que sería un rasgo propio de la presencia fenicia en la isla. El proceso se inicia

en época arcaica pero culminará cuando Cerdeña se incorpore a la órbita de Cartago (Aubet, 1994, 208-213; Stiglitz, 1997, 11-12). La intención de dominar territorialmente el *hinterland* se explica por su riqueza minera y sus posibilidades agrícolas, pero el resorte habría que buscarlo en la atomización de un mundo indígena nurágico con recursos demográficos limitados. Durante el período fenicio arcaico sólo en Sulcis se documenta un claro dominio de las tierras circundantes. La colonia se funda a mediados del siglo VIII en la isla de Sant'Antioco, a 2 km. de la costa sudoeste de Cerdeña. Durante el siglo VII, los fenicios comienzan a levantar una serie de fortificaciones en tierra firme, para controlar el valle del río Palmas, rico en plata y en tierras cultivables. Entre los bastiones que se construyen en estos momentos cabe señalar Pani Loriga, Monte Crobu, Porto Pino y, sobre todo, Monte Sirai. M.E. Aubet señala que a pesar de este despliegue, las relaciones entre fenicios e indígenas eran pacíficas, en lo que coincide con C. Tronchetti (1995, 720). Este último autor señala que la primera instalación de los fenicios en Cerdeña se hará en aquellos lugares donde la presencia nurágica está menos organizada, de modo que fue más fácil ocupar una determinada porción de territorio.

En el Extremo Occidente la estrategia del *hinterland* es bastante evidente en la articulación de la presencia fenicia. Los fenicios llegan inicialmente al sur de la Península Ibérica atraídos por el metal que circulaba por las rutas del Bronce Final Atlántico y la riqueza minera de Andalucía Occidental. Cádiz viene a reproducir el modelo de Tiro: zonas complementarias, amplias y alejadas geográficamente, de las que se obtienen recursos diversificados, canalizados por vía marítima, fluvial y terrestre. Serían los casos de la depresión del Guadalquivir, Sierra Morena, Extremadura, centro y sur de Portugal, costa atlántica de Marruecos... Evidentemente, Cádiz no controló políticamente estos territorios debido a varios factores: debilidad demográfica de la propia colonia, existencia de diferentes estructuras organizativas indígenas y, en muchos casos, considerable distancia entre la ciudad y sus áreas de captación de recursos. No obstante, como veíamos en el caso de Tiro, para garantizar las subsistencias y la prosperidad económica gaditana no era necesaria la existencia de un territorio político, sino la colaboración de los poderes locales, lo que evitaba el enfrentamiento y proporcionaba importantes beneficios a las élites. La clase dirigente gaditana buscaba socios, no enemigos. La posición estratégica de Cádiz le permitió actuar como bisagra entre diferentes áreas ricas en metales, así como en recursos agropecuarios y pesqueros. Esta conexión con los diferentes *Hinterländen* fue la clave para asegurar el éxito de la empresa colonial fenicia en el Atlántico. Es lo que M.E. Aubet ha denominado "modelo mercantil de Gadir" (1994, 300-302).

Bibliografía

Aubet, M.E. (1986) – Los fenicios en España: estado de la cuestión y perspectivas. En Olmo, G. del y Aubet, M.E. (eds.) – *Los fenicios en la Península Ibérica*. vol. I. Sabadell: Ausa. pp. 9-38.

Aubet, M.E. (1994) – *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. 2ª ed. Barcelona: Crítica.

Belmonte, J.A. (2002) – Presencia sidonia en los circuitos comerciales del Bronce Final. *Revista di Studi Fenici*. 30: 1. Roma. pp. 3-18.

Coldstream, J.N. (1994) – Prospectors and pioneers: Pothekhoussai, Kyme and Central Italy. En Tsetskhladze, G.R. y Angelis, F. de (eds.) *The archaology of Greek colonization. Essais dedicated to Sir John Boardman*. Oxford: Oxford University, Committee for Archaeology. 40. pp. 47-59.

D'Agostino, B. (1996) – La recontre des colons grecs avec les autres populations de la Campanie. En Pugliese, G. (ed.) – *Les grecs en Occident. De l'âge micénien à la fin de l'Helenisme*. Milán: Bompiani. pp. 533-540.

Dominguez Monedero, A.J. (2000) – Algunos instrumentos y procedimientos de intercambio en la Grecia Arcaica. En Fernández Uriel, P.; González Wagner, C. y López Pardo, F. (eds.) *Intercambio y comercio preclásico en el Mediterráneo. I Coloquio del Centro de Estudios Fenicios y Púnicos*. Madrid: Signifer. pp. 241-258.

García Alfonso, E. (2000) – *El impacto colonial fenicio arcaico en el hinterland de Andalucía Mediterránea (siglos VIII-VI a.C.). El mundo indígena y las transformaciones del Hierro Antiguo.* Tesis doctoral, Universidad de Málaga, ed. electrónica.

Liverani, M. (1995) – *El antiguo Oriente. Historia, sociedad y economía*. Barcelona: Crítica.

Markoe, G.E. (1996) – In pursuit of silver: Phoenicians in Central Italy. En *Die Akten des Internationalen Kolloquium "Interactions in the Iron Age: Phoenicians, Greeks and Indigenous Peoples of the Western Mediterranean" (Amsterdam, 1992)*. Hamburger Beiträge zur Archäologie. 19-20. Maguncia. pp. 11-31.

Rigdway, D. (1997) – *El alba de la Magna Grecia. Pitecusa y las primeras colonias griegas de Occidente*. Barcelona: Crítica.

Stiglitz, A. (1997) – Gli spazi di relazione nella Sardegna punica: appunti per un'analisi geografica. En *Encuentros culturales y expansiones coloniales*, Cuadernos de Arqueología Mediterrénea. 3. Barcelona. pp. 11-30.

Tronchetti, C. (1995) – Sardaigne. En Krings, V. (ed.) *La civilisation phénicienne et punique. Manuel de recherche*. Leiden: Brill. pp. 712-742.

EL COMERCIO PÚNICO EN *SPAL*

Eduardo Ferrer Albelda
F. J. García Fernández
D. González Acuña

Universidad de Sevilla

Resumen

Sobre la hipótesis de una fundación fenicia de *Spal*, exponemos los argumentos sobre la función del asentamiento como emporio en los siglos V-II a.C. Nos basamos en una revisión de los contextos arqueológicos de las excavaciones realizadas en la ciudad de Sevilla con materiales datados en esta cronología. El resultado de este estudio evidencia que la mayoría de las ánforas halladas en *Spal* son importadas, en un alto porcentaje de *Gadir*, y contenían salazones de pescado, aceite y, probablemente vino. Otras ánforas procedían de Campania y del Mediterráneo central púnico (siglo III a.C.), aunque tuvieron a *Gadir* como escala intermedia. *Spal* se convirtió por tanto en un centro redistribuidor de mercancías de origen púnico en el Bajo Guadalquivir.

Abstract

On the hypothesis of a Phoenician foundation of *Spal*, we present the arguments for the function of the settlement as an emporium in the 5th-2nd centuries BC. We base our arguments on a review of the archaeological contexts of the excavations carried out in the city of Seville that contain materials belonging to this chronology. The result of the study is that most of the amphorae recovered from *Spal* were imported, a high percentage from *Gadir*, and contained salted fish products, oil and probably wine. Other amphorae came from Campania and the Punic central Mediterranean (3rd century BC), although they appear to have passed through *Gadir* as an intermediary port of call. *Spal* thus became a redistribution centre of merchandise of Punic origin in the Lower Guadalquivir.

I. Introducción: Sobre los orígenes de *Spal*

Hasta bien entrado el siglo XX, los historiadores no han dispuesto de otros datos que los relatos legendarios para elucubrar sobre los orígenes prerromanos de Sevilla[1]. Esta situación empezó a cambiar a raíz de la primera excavación sistemática realizada por F. Collantes de Terán en 1944 en la Cuesta del Rosario, cuyos resultados se publicaron tres décadas después. La excavación confirmaba tímidamente la existencia de un asentamiento prerromano, pero no aportaba ningún dato definitorio sobre los orígenes de la ciudad, carencia que fue suplida por la intuición del autor y por el estudio paleotopográfico del subsuelo, los cuales contribuyeron a proponer una sugerente hipótesis, hoy plenamente vigente en sus planteamientos generales, aunque apenas haya tenido seguidores en las décadas posteriores.

Las circunstancias que motivarían la fundación de Sevilla serían, según Collantes de Terán (1977, 44-49), la existencia de un pequeño altozano en la margen izquierda del Guadalquivir, un lugar "inmejorable para el establecimiento de un emporio: aparte de la facilidad de su acceso desde el mar,..., se hallaba en el centro de una rica región agrícola y ganadera; pero sobre todo su proximidad a las zonas mineras de Sierra Morena acercaba extraordinariamente a los barcos los codiciados metales...". Sevilla surgiría como "puerto de transbordo, es decir, aquellos en que se verifica el traslado de mercancías que viene del interior en embarcaciones de pequeño calado...", y al estar ubicada en la llamada zona marítima del río, debía ser incluida en la categoría de "emporio litoral". Además de estas circunstancias, intervendrían en esta consideración el topónimo *Hispal*, que autores como Arias Montano o S. Bochart habían considerado fenicio (llanura o llanura verde), o la misma tradición medieval que atribuía la fundación de la ciudad a Hércules, identificado con el Melkart fenicio.

Esta hipótesis, sin embargo, apenas ha sido considerada porque paralelamente, y a raíz del descubrimiento del tesoro de El Carambolo y de las excavaciones de los "poblados" alto y bajo, situados frente a Sevilla, estaba naciendo el "paradigma tartesio"[2]. Los estudios posteriores se han adaptado a un esquema secuencial casi canonizado en la mayoría de los asentamientos del Bajo Guadalquivir que contempla un período tartésico precolonial, una fase orientalizante y un período ibero-turdetano (Carriazo, 1980; Escacena, 1983 y 1987; Escacena y Belén 1991; Campos *et al.*, 1988, 20 ss.; Pellicer, 1996). Sin embargo, la única secuencia estratigráfica que podía argumentar el origen precolonial del asentamiento, además de la Cuesta del Rosario, ha sido la problemática excavación de San Isidoro (Campos *et al.*, 1988). Aún así, Pellicer (1996, 92) estima que la primera población de Sevilla tendría lugar en la segunda mitad del siglo VIII a.C., como suburbio portuario y comercial del rico núcleo tartésico del Carambolo.

Esta interpretación está siendo cuestionada desde hace algunos años a raíz de la revisión de las antiguas excavaciones (Blanco, 1989; Amores, 1995; Blázquez, 1995; Belén y Escacena,

1 "Todos los historiadores están de acuerdo en que Sevilla fue fundada por un navegante fenicio que procedente de Tyro, y después de haber pasado algún tiempo en Egipto, cruzó el Mediterráneo, remontó el Guadalquivir que todavía conservaba su aspecto de lago y construyó una factoría comercial, a la que daría el nombre de Híspalis. Este navegante... Hércules, no solamente realizó el admirable viaje cruzando el mar, aún ignoto, sino que trajo a la Península Ibérica la religión fenicia, y creó importantes lazos comerciales, principalmente adquiriendo el monopolio de las pieles de toro de la región Bética" (Mena, 1970). "Todos los historiadores" a los que el autor se refiere son los transmisores de las invenciones ideadas por los falsarios medievales y modernos (Carriazo, 1980, 25) para dotar a la ciudad de una historia prerromana ilustre que la ausencia de textos antiguos legítimos le negaba. Lógicamente contribuyó al mantenimiento de tales mentiras la posición preeminente de la ciudad en los Siglos de Oro, de forma que su fundación no podía concebirse si no era a través de un personaje tan insigne como Hércules, mediante el recurso habitual de evemerización de un mito clásico.

2 Como ha descrito M. Álvarez (2005, 151 ss.), El Carambolo fue el primer yacimiento "tartésico" que respondía a la búsqueda del componente indígena en los objetos orientalizantes y a la necesidad de definir un registro arqueológico acorde a una noción "nacionalizada" de Tarteso, proporcionando una "imagen profundamente esencialista de Tarteso, que deviene en la defensa de su carácter netamente indígena".

1997; Belén, 2000) y de las nuevas campañas en El Carambolo (Fernández y Rodríguez, 2005a y b; Rodríguez y Fernández, 2005; Fernández Flores, 2005), que confirman una cronología colonial muy arcaica del yacimiento y su función como santuario. Asimismo, la excavación de otro santuario fenicio en la antigua *Caura* (Escacena e Izquierdo, 2001; Escacena, 2002) hace patente que el esquema secuencial aún vigente debe ser obligatoriamente revisado, así como la función y adscripción étnica de algunos de los asentamientos integrados territorialmente en el entorno inmediato de *Spal*: *Ilipa*, Cerro Macareno, El Carambolo, *Caura* y *Orippo*. En este sentido, todos los datos, incluidos los toponímicos (Díaz Tejera, 1982, 20; Lipinski, 1984, 100-101; Correa, 2000, 190), parecen indicar que la habitación de Sevilla se pudo inaugurar con el establecimiento de un emporio fenicio a orillas del río, como ya propusiera Collantes de Terán (1977, 44 ss.).

No obstante, nuestro objetivo en este trabajo no es exponer las circunstancias históricas de la hipotética fundación, pues no podemos aportar novedad alguna a lo ya expuesto, sino analizar el comercio púnico y su evolución hasta el siglo II a.C. a partir de la revisión de las secuencias estratigráficas publicadas e inéditas registradas en la ciudad, otorgando el protagonismo a los envases anfóricos y, en menor medida, a otros productos característicos de los intercambios como las importaciones griegas o la cerámica "tipo Kuass". Esta introducción nos ha servido, pues, para destacar por un lado el carácter empórico del asentamiento desde su génesis y, por otro, su temprana dependencia del comercio fenicio, factores que hacen comprensible su posterior evolución.

II. Contextos arqueológicos y ánforas púnicas

Esta contribución se inserta en un proyecto de mayor envergadura orientado al estudio del fenómeno urbano en la ciudad de Sevilla, desde sus orígenes hasta finales de la Antigüedad[3]. Para ello hemos revisado las intervenciones arqueológicas realizadas en el solar de la antigua *Hispalis*, seleccionando aquellos contextos que por sus características o por los materiales asociados permiten definir las diferentes fases cronológicas y culturales, así como las actividades desarrolladas en la ciudad. Hay que advertir, no obstante, que para la elaboración de este estudio se han tenido en cuenta todos los contextos en los que han identificado recipientes anfóricos de origen púnico o "púnico-turdetano", incluyendo también los niveles arbitrarios procedentes de excavaciones antiguas y las unidades deposicionales secundarias, resultado de aterrazamientos y colmataciones, donde los materiales se encuentran en la mayor parte de las ocasiones revueltos (García y González, 2007).

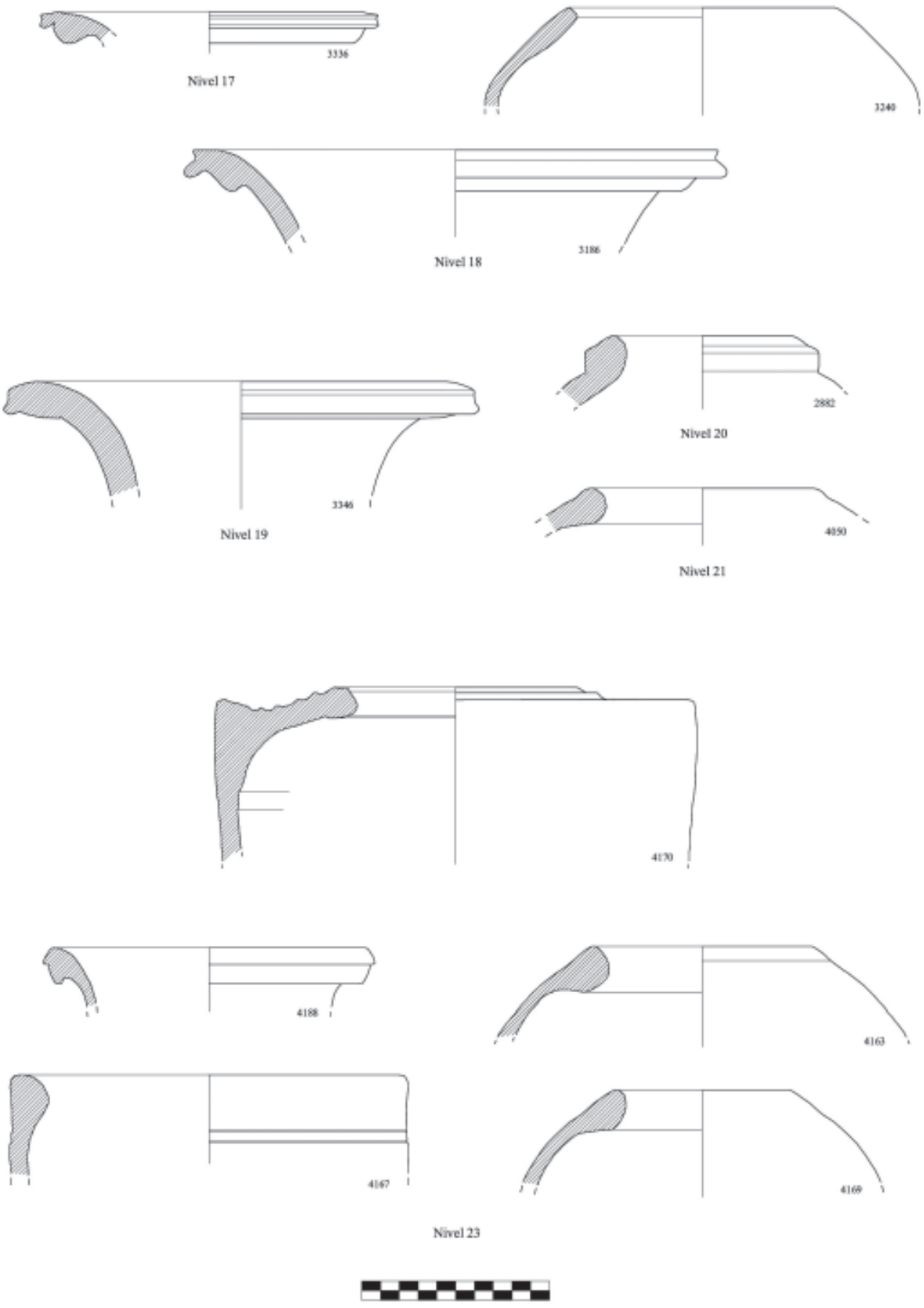
C/ Argote de Molina 7 (Campos, 1986)

-Nivel 26: La datación propuesta inicialmente, de fines del siglo IV a.C. (Campos, 1986, 22), debe ser rebajada a fines del siglo III o principios del II a.C. por la documentación de ánforas tipo Pellicer D, un ejemplar de T-9.1.1.1 y una grecoitálica (Lám. II).

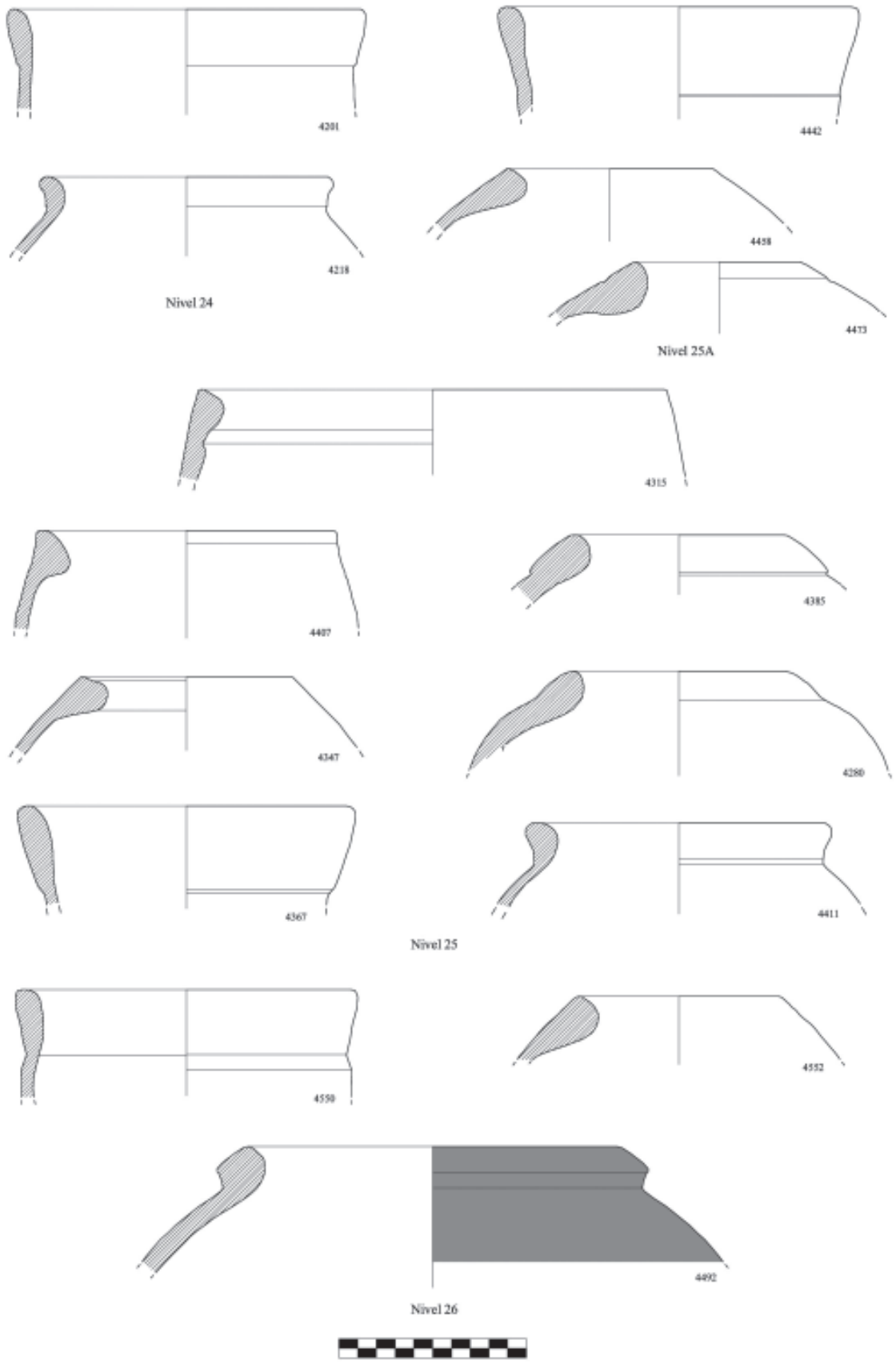
-Niveles 25-23: Amortización de una estructura de habitación. Ánforas: varios envases clasificables en las formas Pellicer D (variantes 8 y 2: Niveau 2002, 237-239), T-8.1.1.2, T-8.2.1.1 y, sobre todo, T-9.1.1.1. También se registraron dos ejemplares de producción púnica centromediterránea, T-5.2.3.1 y T-7.2.1.1., y, en el nivel 25, un plato de pescado "tipo Kuass" (forma II de Niveau, 2003, 246) (Lám. I y II).

-Niveles 19-17: Variantes más tardías del tipo Pellicer D y tres ejemplares de Mañá C2 (T-7.4.3.1 y T-7.4.3.3), lo que permiten atribuir una cronología relativa de fines del siglo II o inicios del I a.C. (Lám. I).

3 Trabajo en el que participan también E. García Vargas y J. Vázquez Paz.



Lám. I. C/ Argote de Molina 7: niveles 17 al 23



Lám. II. C/ Argote de Molina 7: niveles 24 al 26

C/ San Isidoro 21-23 (Campos et al., 1988)

-Nivel 17: Dos ejemplares del T-8.2.1.1 y dos de la forma Pellicer D. Desde fines del siglo IV a finales del III a.C. (Lám. III).

-Nivel 14: Ánforas T-8.2.1.1 y T-11.2.1.4 (Lám. III)

-Nivel 11: Ánfora Pellicer D, ejemplar de Pellicer B-C y grecoitálica. Fines del siglo III o principios del II a.C. (Lám. III).

-Nivel 10: Ánforas T-8.2.1.1 y T-4.2.2.5 (Lám. III).

C/ Mármoles 9 (Escudero y Vera, 1988)

La secuencia estratigráfica está muy alterada por las fosas de expolio que, al ser excavadas con niveles arbitrarios, ocasionaron la contaminación de los estratos. No obstante, se han podido aislar dos estratos que nos interesan (García y González, 2007):

-Estrato 7: T-8.1.1.2 , ánfora grecoitálica. Primera mitad del siglo III a.C. (Lám IV: 1902).

-Estrato 6: ánfora Pellicer D (variante 4 de Niveau, 2002, 238), fragmento atípico de cerámica "tipo Kuass". Atribuimos una cronología del siglo III a.C.

-Estrato 5: ánfora T-8.1.1.2, de finales del siglo III o principios del siglo II a.C. (Lám. IV: 1768).

C/ Abades 41-45 (Jiménez, 2002)

-Fase constructiva 2, UE 431: ánfora T-12.1.1.1, segunda mitad del siglo IV y siglo III a.C. (Lám. IV).

-Depósitos de colmatación de la fase constructiva 3 (UUEE 422 y 423): ánforas T-8.1.1.2 y T-8.2.2.1. Primera mitad del siglo III a.C. (Lám. IV).

-Fase constructiva 4 (UE 418): ánfora Pellicer D (Lám. IV).

-Depósitos de colmatación (UUEE 412 y 404): ánforas T-8.1.1.2 (Lám. IV).

-Amortización del pavimento de la fase constructiva 5 (UE 380): ánfora Pellicer D (variante 2 de Niveau) y fragmento atípico de campaniense A. Primera mitad del siglo II a.C.

-UUEE 372 y 371: ánforas Pellicer D y T-9.1.1.1, mediados a fines del siglo II a.C. (Lám. IV).

Palacio Arzobispal, sector Archivos (sondeo 2)

-UE 91: ánforas T-10.1.2.1, T-11.2.1.4 y T-12.1.1.1. Cronología de fines del siglo V e inicios del IV a.C. para el primer ejemplar, y segunda mitad del IV y todo el siglo III a.C. para el tipo más tardío.

-UE 80: ánfora T.9.1.1.1, de fines del siglo III y siglo II a.C.

III. Discusión y conclusiones

La revisión de las estratigrafías parece indicar que después de la pujanza de los siglos VII y VI a.C. (Pellicer, 1996, 93), el emporio disminuyó su actividad hasta casi desaparecer, como ocurre en otros asentamientos cercanos, como El Carambolo o el "barrio fenicio" de *Caura* (Escacena, 2002, 43 y 70), y no se recuperó hasta fines del siglo V o principios del siglo IV a.C. Los siglos IV y, sobre todo, III a.C. son indicativos del auge del puerto y de su dinamismo comercial, si utilizamos como indicadores la febril actividad edilicia y la importación de alimentos contenidos en los envases anfóricos (García y González, 2007).

Un aspecto a destacar es que la mayoría de los recipientes de transporte son importaciones. Las ánforas[4] T-11.2.1.4 y T-12.1.1.1 eran producciones del área de la bahía de Cádiz destinadas a

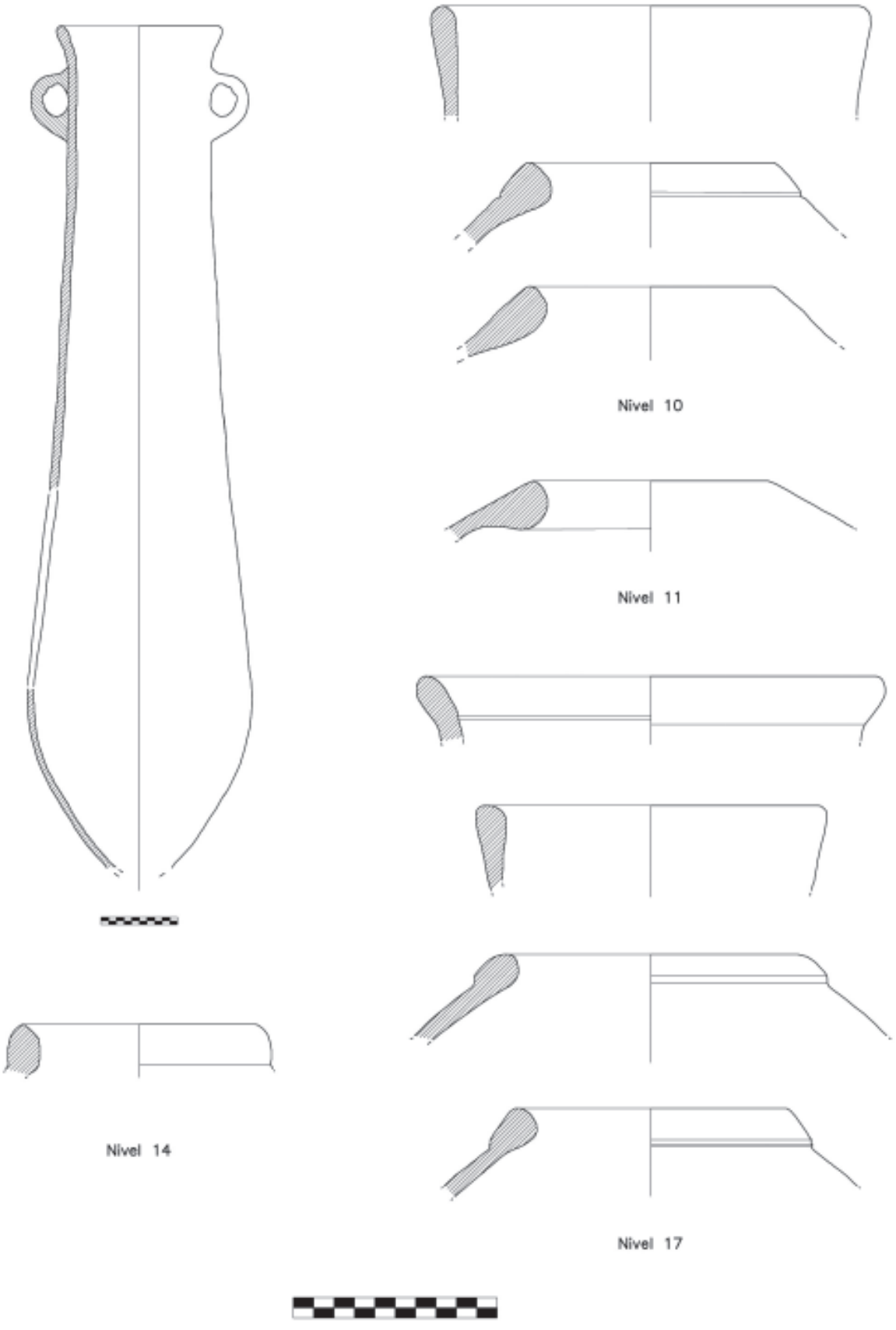
4 Utilizaremos la tipología y cronologías propuestas por J. Ramón (1995).

transportar salazones y salsas saladas de pescado, que circularon en los siglos IV y III a.C. respectivamente. Compartían el mismo origen y el mismo contenido los envases T-9.1.1.1, pero con una datación posterior, desde fines del siglo III hasta el siglo I a.C. En los siglos IV y III a.C. el emporio fue abastecido del aceite almacenado en las ánforas T-8.1.1.2, procedentes de la campiña gaditana según los estudios recientes de P. Carretero (2005); y compartieron los mismos mercados que los recipientes T-8.2.1.1, también provenientes de la campiña gaditana e hipotéticamente contenedores de vino (Carretero, 2005), aunque su fabricación se documenta igualmente en los talleres gadiritas y fueron destinados al transporte de salazón de pescado. Otro grupo lo componen las ánforas greco-itálicas, que transportaban vino de cierta calidad de Campania y del sur de Italia. Por último, en un momento muy concreto, después de la conquista cartaginesa y durante la segunda Guerra Púnica, en el último cuarto del siglo III a.C., llegaron a *Spal* importaciones púnicas centro-mediterráneas clasificables como Mañá D (T-5.2.3.1) y Mañá C2 (T-7.2.1.1).

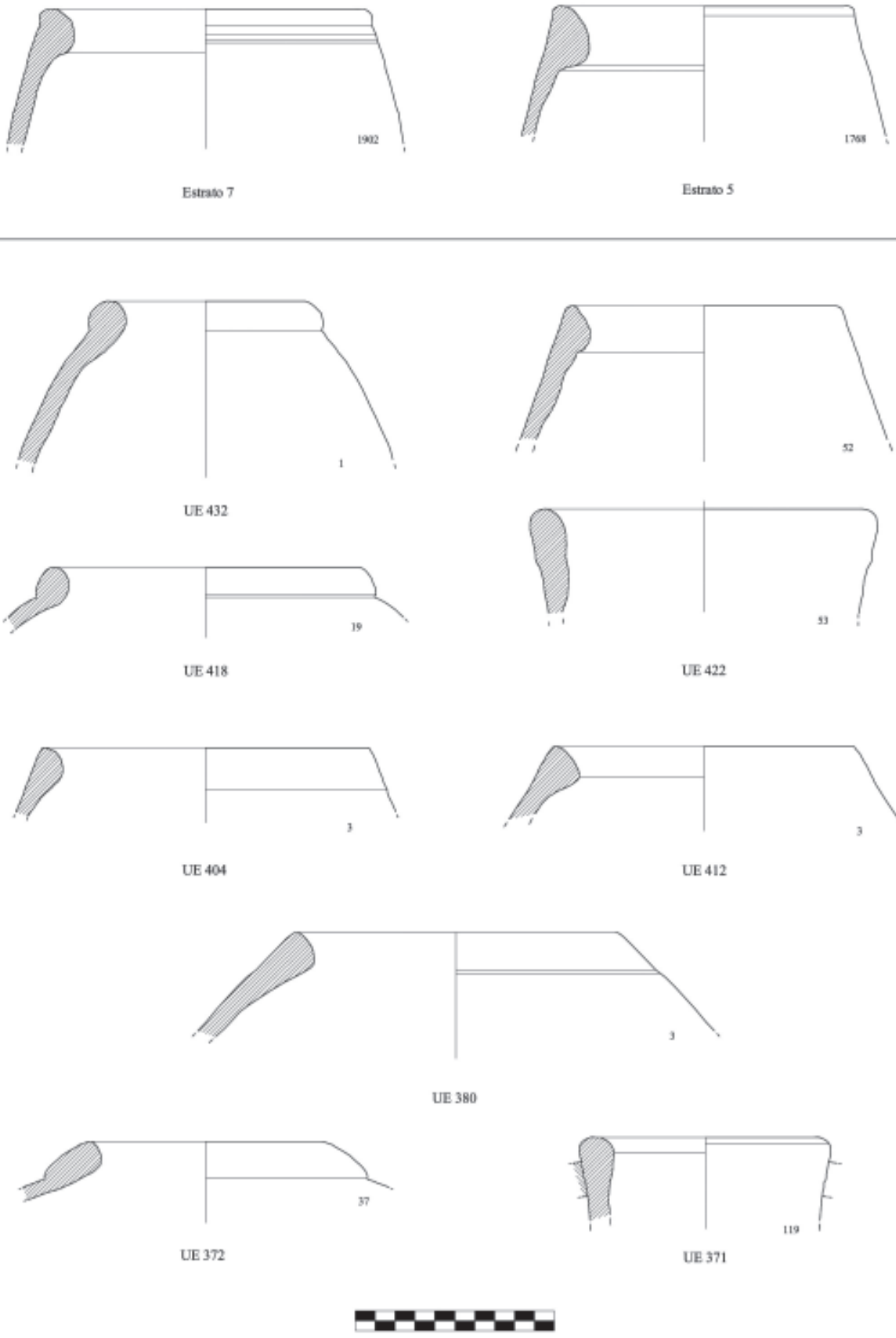
Las ánforas "turdetanas" están representadas por los tipos Pellicer B-C, con pocos ejemplares, y Pellicer D (T-4.2.2.5), muy abundante en *Spal* y característico de los contextos del Bajo Guadalquivir y del litoral atlántico del siglo III, con perduraciones en el siglo II a.C. J. Ramón (2004, 78) considera que procede de talleres extra fenicios-púnicos, pero, como ha señalado Nivaeu (2002, 242), su presencia –no necesariamente su fabricación- en el horno III de Kuass y en los alfares de Pery Junquera, así como su distribución, permiten albergar dudas sobre su origen y filiación, que no quedarán zanjadas hasta que no se conozcan los talleres de fabricación.

Otro aspecto que invita a reflexionar es el paralelismo sintomático entre el repertorio anfórico de la *Spal* de los siglos IV-III a.C. y el de los de otras áreas cercanas o lejanas pero integradas en el "Círculo del Estrecho". No es extraño que en los asentamientos ribereños del *lacus Ligustinus* (Cerro Macareno, Pajar de Artillo) o de la campiña gaditana (Doña Blanca, Las Cumbres, Cerro Naranja, Mesas de Asta, *Asido*, etc.) se recibieran las mismas producciones, dada la cercanía de los primeros al emporio, y porque en la segunda área, al menos dos de éstas (T-8.1.1.2 y T-8.2.1.1), se fabricaron en sus alfares. Pero el hecho de que repertorios muy similares se identifiquen en el litoral onubense (Niebla, Huelva, La Tiñosa), en el Algarve (Castro Marím, Cerro da Rocha Branca) y en la costa atlántica marroquí (Kuass, *Lixus*), permiten conjeturar que todas estas áreas compartían una misma estructura comercial, una misma red de distribución en la que *Gadir* debió jugar el papel de puerto receptor de las importaciones mediterráneas (cerámica griega) y difusor de sus propios productos (cerámica "tipo Kuass"), mientras que otros emporios de menor rango, como *Spal* o Castro Marím actuaron como redistribuidores en sus respectivas áreas de influencia y como consumidores del aceite, vino y salazones de procedencia gadirita.

La recuperación económica de *Spal* durante los siglos IV y III a.C. no debe interpretarse, por tanto, como un fenómeno aislado, sino como una manifestación más de una reactivación económica y comercial del área atlántica que algunos autores, como P. Carretero (2005, 443 ss.), han interpretado como producto de una planificación de Cartago en la que intervendrían colonos "libio-púnicos", enfocada hacia la producción intensiva de aceite y vino. Por nuestra parte, dudamos de la implantación de colonos norteafricanos en el área (Ferrer, 2000) y de la responsabilidad de Cartago en el proceso, independientemente de su papel activo en Iberia, y creemos que es un desarrollo económico generado desde las comunidades turdetanas y púnicas de Occidente, como se infiere, entre otros aspectos, de la distribución geográfica de los productos contenidos en las ánforas.



Lám. III. C/ San Isidoro 21-23



Lám. IV. C/ Mármoles 9: estratos 5 y 7; C/ Abades 41-45

Bibliografía

Álvarez Martí-Aguilar, M. (2005) – *Tarteso. La construcción de un mito en la historiografía española*. Universidad de Málaga.

Amores, F. (1995) – La cerámica pintada estilo Carambolo: Una revisión necesaria de su cronología. En *Tartesos. 25 años después 1968-1993*. Jerez de la Frontera. pp. 159-178.

Blanco freijeiro, A. (1984) – *Historia de Sevilla. I. La ciudad antigua (De la prehistoria a los visigodos)*. Sevilla.

Blázquez, J.M. (1995) – El legado fenicio en la formación de la religión ibera. En *I Fenici: ieri oggi domani*. Roma. pp. 107-117.

Belén, M. (2000) – Itinerarios arqueológicos por la geografía sagrada del extremo occidente. En *Santuarios fenicio-púnicos en Iberia y su influencia en los cultos indígenas*. XIV Jornadas de Arqueología fenicio-púnica. Ibiza, pp. 57-102.

Belén, M. y Escacena, J.L. (1997) – Testimonios religiosos de la presencia fenicia andalucía occidental. *Spal*. 6. Sevilla. pp. 103-131.

Campos Carrasco, J.M. (1986) – *Excavaciones arqueológicas en la ciudad de Sevilla. El origen prerromano y la Híspalis romana*. Sevilla.

Campos, J.M.; Vera, M.; Moreno, M.T. (1988) – *Protohistoria de la ciudad de Sevilla. El corte estratigráfico San Isidoro 85-6*. Sevilla.

Carretero, P. (2005) – *Las ánforas tipo "Tiñosa" y la explotación agrícola de la campiña gaditana entre los siglos V y III a.C.* Tesis Doctoral inédita. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.

Carriazo, J. DE M. (1980) – *Protohistoria de Sevilla*. Sevilla: Guadalquivir.

Collantes de Terán, A. (1977) – *Contribución al estudio de la topografía sevillana en la Antigüedad y en la Edad Media*. Sevilla.

Correa, J.A. (2000) – El topónimo *Hispal(is)*. *Philologia Hispalensis*. 14. Sevilla. pp. 181-190.

Díaz Tejera, A. (1982) – *Sevilla en los textos clásicos greco-latinos*. Sevilla.

Escacena, J.L. (1983) – Problemas en torno a los orígenes del urbanismo a orillas del Guadalquivir. *Gades*. 11. Cádiz. pp. 39-83.

Escacena, J.L. (1987) – El poblamiento ibérico en el Bajo Guadalquivir. En *Iberos. Actas de las I Jornadas sobre el mundo ibérico*. Jaén: Junta de Andalucía. pp. 273-298.

Escacena, J.L. (2002) – Dioses, toros y altares. Un templo para Baal en la antigua desembocadura del Guadalquivir. En *Ex Oriente Lux. Las religiones orientales antiguas en la Península Ibérica*. Sevilla: Universidad de Sevilla. pp. 33-75.

Escacena, J.L. y Belén, M. (1991) – Sobre la cronología del horizonte fundacional de los asentamientos tartésicos. *Cuadernos del Suroeste*. 2. Huelva. pp. 9-42.

Escacena, J.L. e Izquierdo, R. (2001) – Oriente en Occidente. Arquitectura civil y religiosa en un barrio fenicio de la *Caura* tartésica. En *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. CEPO-CSIC, pp. 123-157.

Escudero, J.; Vera, M. (1990) – Excavaciones arqueológicas en la calle Mármoles n. 9. La problemática del sector. *Anuario Arqueológico de Andalucía 1998*. III. Sevilla. pp. 407-410.

Fernández Flores, A. (2005) – *Tartesos y El Carambolo: Revisión e interpretación del yacimiento a partir de los datos arqueológicos*. Tesis de Licenciatura. Universidad de Sevilla.

Fernández flores, A. y Rodríguez azogue, A. (2005) – El complejo monumental del Carambolo Alto, Camas (Sevilla). Un santuario orientalizante en la paleodesembocadura del Guadalquivir. *Trabajos de Prehistoria*. 62. Madrid. pp. 111-138.

Fernández flores, A. y Rodríguez azogue, A. (2005) – Nuevas excavaciones en el Carambolo Alto, Camas (Sevilla). Resultados preliminares. En *El período orientalizante*. Anejos de AEspA XXXV. Mérida. 843-862.

Ferrer albelda, E. (2000) – "Nam sunt feroces hoc libyphoenices loco": ¿Libiofenicios en Iberia?. *Spal*. 9. Sevilla. pp. 421-433.

García Fernández, F.J. y González acuña, D. (2007) – Secuencias estratigráficas y contextos culturales en la Sevilla prerromana. En *El nacimiento de la ciudad: La ciudad protohistórica. V Congreso de Historia de Carmona*. Carmona. pp. 525-566.

Jiménez, A. (2002) – Excavación en C/ Abades 41-43 (Sevilla); del siglo III a.C. al siglo IV. *Romula*. 1. Sevilla. pp. 125-150.

Lipinski, E. (1984) – Vestiges phéniciens d'Andalousie. *Orientalia Lovaniensia Periódica*. 15. Lovaina. pp. 81-132.

Mena, J.M. de (1970) – *Historia de Sevilla*. Sevilla.

Niveau de Villedary, A.M. (2002) – Las ánforas turdetanas del tipo Pellicer-D. Ensayo de clasificación. *Spal*. 11. Sevilla. pp. 233-252.

Niveau de Villedary, A.M. (2003) – *Cerámicas gaditanas "tipo Kuass"*. Bibliotheca Archaeologica Hispana. 21. Madrid.

Pellicer, M. (1996) – La emergencia de Sevilla. *Spal*. 5. Sevilla. pp. 87-100.

Ramon, J. (1995) – *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Barcelona: Universidad de Barcelona.

Ramón, J. (2004) – La producción anfórica gaditana en época fenicio-púnico. En *Las industria alfareras y conserveras fenicio-púnicas de la bahía de Cádiz. XVI Encuentros de Historia y Arqueología*. Córdoba. pp. 63-100.

Rodríguez Azogue, A. y Fernández Flores, A. (2005) – El santuario orientalizante del Cerro del Carambolo, Camas (Sevilla). Avance de los resultados de la segunda fase de intervención. En *El período orientalizante*. Anejos de AEspA. XXXV. pp. 863-872.

NUEVAS PERSPECTIVAS SOBRE LA PRODUCCIÓN CERÁMICA DEL ALFAR GADIRITA DE TORRE ALTA (SAN FERNANDO, CÁDIZ): ALGUNAS FORMAS «EXCEPCIONALES» DE SU REPERTORIO *

Antonio M. Sáez Romero

Universidad de Cádiz

Resumen

El alfar tardopúnico de Torre Alta se ha configurado desde los inicios de su investigación, hace ya casi dos décadas, como punta de lanza del análisis de la industria alfarera de *Gadir* en los ss. –III/-II. Recientes excavaciones acometidas en los años 2001-2003 han dado como resultado la excavación completa del taller y han brindado la posibilidad de definir la secuencia de producción. En el presente trabajo realizaremos un balance y estado de la cuestión de la investigación sobre el taller cerámico condensando la información de todas las intervenciones acometidas, lo cual nos servirá de introducción al estudio de algunas categorías cerámicas singulares de su repertorio que merecen un análisis detallado. En concreto, focalizaremos nuestra atención en la manufactura de lucernas y en algunas formas del repertorio de barniz rojo del alfar, definiendo algunas cuestiones de orden tipo-cronológico sobre las mismas y realizando algunas consideraciones sobre la producción de estos tipos en los ss. –III y –II en *Gadir*.

Abstract

The late-punic pottery workshop of Torre Alta has been set since the beginning of its research, almost two decades ago, the 'spearhead' for the analysis of the ceramic industry of Gadir in 3rd/2nd c. BC. Recent excavations undertaken during 2001-2003 have resulted in the complete excavation of the workshop and as well have provided the opportunity to define the local industrial sequence. In this paper we will show a balance and state of the research on the ceramic workshop condensing the information of all archaeological interventions undertaken (1987-2003), which will serve as an introduction to the study of some unusual categories of its ceramic repertoire that deserve detailed analysis. In particular, we focus our attention on the manufacture of lamps and some forms of the repertoire of red-glazed pottery, defining type-chronological issues about them and making some historical-archaeological observations on the production of these types in late-punic Gadir.

* Trabalho ampliado e revisto, originalmente apresentado como poster

1. Introducción[1]

Las excavaciones realizadas entre 1987 y 2003 en el yacimiento alfarero gadirita de Torre Alta han dado a conocer en sucesivas etapas por vez primera un taller de producción cerámica completo perteneciente a la fase tardopúnica de la ciudad extremo-occidental. Las recientes actuaciones arqueológicas relacionadas con la musealización *in situ* del complejo alfarero (Sáez, 2004 y 2007; Sáez *et alii*, 2004 y 2005) han permitido completar definitivamente la secuencia de actividad del centro industrial y añadir nuevos hornos y testares a los ya exhumados en intervenciones anteriores (1987-1997; *vid.* De Frutos y Muñoz, 1994; Arteaga *et alii*, 2001), así como complementar el análisis de las categorías cerámicas torneadas, tanto anfóricas como comunes o barnizadas-pintadas. En relación a este último aspecto del yacimiento, cabe señalar que los estudios realizados han permitido confirmar la manufactura de un espectro cerámico mixto, centrado en la fabricación de envases anfóricos de transporte (T-12.1.1.0, T-8.2.1.1, T-9.1.1.1 e imitaciones de diversos perfiles grecoitálicos), pero con un fuerte componente barnizado de tipo helenístico (Niveau, 2004a) y común (Sáez, 2008), así como terracotas y otros elementos de uso doméstico-artesanal (pesas de red, fusayolas, grandes recipientes abiertos de uso artesanal, etc...).

Las líneas maestras del análisis de las estructuras del taller y de sus producciones han sido ya abordadas preliminarmente en varios trabajos anteriores que han intentado dar una visión global de su problemática, y están siendo objeto de una atención monográfica más amplia en la actualidad (Sáez, 2008), por lo que hemos creído oportuno en esta ocasión fijar nuestra mirada sobre algunos tipos que este proceso de estudio ha revelado como «excepcionales» dentro de sus repertorios. Esta característica se basa no tanto en su en ocasiones exigua representatividad cuantitativa en el conjunto del alfar, sino más bien en el escaso conocimiento que hasta el momento se tenía de ellas como formas locales (bien por ser atribuidas a talleres exógenos, por problemas de definición formal, de encuadre cronológico, etc...) y por su proyección más allá de las fronteras de Torre Alta al responder a una problemática extensible en general al resto de alfa-rerías insulares tardopúnicos gadiritas.

1.1.- Síntesis de la secuencia productiva del alfar

Los resultados de las más recientes investigaciones han dejado vislumbrar un panorama crono-secuencial insospechado hasta el momento, aportando datos decisivos no sólo para las etapas más antiguas del taller sino también para la ordenación de la actividad industrial de las restantes. Un breve acercamiento al horizonte productivo desarrollado en Torre Alta en los ss. –III/-II a través de estas novedades aportará las bases necesarias para encuadrar en su contexto de fabricación las diversas categorías vasculares sobre las cuales gira este artículo. Dicha secuencia puede perfilarse a grandes rasgos en cinco fases sucesivas (una síntesis más desarrollada en Sáez, 2004):

-Un inicio de la actividad del alfar relativamente tímido, con la instalación al parecer de un único horno de grandes proporciones (en H-4) probablemente asociado a un testar medio (denominado MC-I) ubicado algunos metros al norte, que podemos situar en un momento de incipiente recuperación económica de la ciudad encuadrable en las décadas de los ¿sesenta? o más posiblemente cincuenta del s. –III. En esta fase inicial, mal conocida, parece que la actividad se centró casi exclusivamente en el torneado de ánforas, especialmente de los tipos T-12.1.1.0 y T-8.2.1.1, y quizá algunas formas comunes básicas.

-Entre –240 y –230 se realizaría una primera reestructuración del centro industrial, con el fin de la actividad del Horno 4 y la amortización del testar MC-I. Con escasa anterioridad quizá al abandono de dichas estructuras, se procedió a la renovación del alfar con la construcción de un

1 Grupo de Investigación HUM-440 del IV Plan Andaluz de Investigación. *Pesca en la Antigüedad*.

nuevo horno de líneas tecnológicas más evolucionadas (el H-3) y la utilización del área de trabajo del H-4 como un gran testar (denominado MC-II), continuando al parecer sin cesuras la actividad productiva. Este nuevo conjunto funcional del taller (horno-testar) perduró hasta probablemente un momento cercano al inicio del segundo conflicto romano-cartaginés, según indica la evidencia cerámica y crono-estratigráfica. En esta etapa la producción del taller sería más diversificada, creciendo la importancia y variedad del elenco común y apareciendo los primeros testimonios de manufactura de tipos barnizados en rojo.

-Esta fase media del alfar supuso su *floruit* productivo si tomamos en consideración tanto el volumen de desechos documentado en los testares como el mayor número de estructuras fornáceas en actividad simultánea. De nuevo debió repetirse el proceso de sustitución de estructuras, pues abandonados el H-3 y la escombrera MC-II, se procedió a la construcción de un nuevo conjunto de hornos (H-1, H-2 y H-5), de menores dimensiones pero agrupados en un trío que compartía la carga de trabajo, situados al este de los ya amortizados. De inmediato se generaron testares, localizados en las excavaciones de 1995 al sur de los hornos (Sectores I y II), en algún caso con enormes cantidades de desechos cerámicos y faunísticos. La producción de esta fase puede calificarse ya como completamente diversificada (barniz rojo helenístico, común, de cocina, productos de uso artesanal, terracotas, etc...), si bien las ánforas seguirían adquiriendo una primacía indiscutible en el elenco manufacturado (T-12.1.1.1/2, T-8.2.1.1, T-9.1.1.1 y perfiles grecoitálicos). Hacia el –200 el Horno 5, perteneciente a la característica clase definida como de «*praefurnium escalonado*», cesaría su actividad dando fin a esta etapa.

-Sin embargo, la siguiente fase puede calificarse como de completa continuidad en el alfar, con los Hornos 1 y 2 (Perdigones y Muñoz, 1990; De Frutos y Muñoz, 1994) y los testares asociados, quizá con una ligera reducción del volumen total y con la peculiaridad en el registro anfórico del rápido ascenso cuantitativo de las T-9.1.1.1. Con una vida útil muy dilatada, hacia el inicio del segundo cuarto del s. –II los hornos 1 y 2 vieron finalizada su actividad, en un proceso de abandono aún mal conocido.

-De igual forma, puede considerarse deficientemente conocido el enlace o *hiatus* (de haberlo) con la postrera fase del alfar, determinada por el abandono total de todo el sector ocupado y explotado desde el s. –III y el traslado de las instalaciones más al suroeste, con la construcción de dos nuevos hornos con rasgos tecnológicos evolucionados (Arteaga *et alii*, 2001) y probablemente con la gestación de nuevas escombreras que las actividades arqueológicas en el entorno no han podido documentar. La producción cerámica de esta fase, escasamente divulgada hasta el momento, parece revelar una dualidad lógica a tenor de su situación cronológica, con cierto apego a "lo tradicional" pero sintiendo con cada vez más fuerza la influencia latina. Asimismo, algunos hallazgos numismáticos (Arévalo, 2004) y los restos de algún enterramiento hallados en su entorno inmediato avalan estas apreciaciones cronológicas, que parecen situar el final de la producción cerámica en el lugar en un momento no demasiado alejado de –150 o poco más. Tras el abandono del taller y su colmatación el área debió ser frecuentada para la reutilización de las canteras de arcilla o la reutilización de materiales constructivos u otros fines menores, si bien dichas actuaciones no alteraron significativamente las secuencias estratigráficas del alfar de los ss. –III/-II.

2. Análisis de algunas producciones del taller

Las categorías cerámicas cuyo estudio monográfico trataremos en este trabajo se insertan en las fases de máximo esplendor productivo de la alfarería situada en Torre Alta, especialmente en las fases 2-3 durante las cuales el volumen y diversificación alcanzados fueron realmente notables. Como avanzamos en la introducción decidimos incidir en estos tipos manufacturados en

el taller ante su desconocimiento casi total y su importancia para completar el elenco material local de la época. Debemos no obstante distinguir dos grandes grupos en las formas seleccionadas: por un lado, la fabricación de lucernas de tipo tradicional en cerámica común, y por otro la confirmación de la manufactura gadirita de diversos tipos barnizados en rojo de su repertorio de corte helenístico. Se trata de formas claramente pertenecientes a ámbitos productivos del taller distanciados pero que responden de igual forma a la premisa planteada acerca de su escasa definición formal y cronológica.

2.1. La perduración de la manufactura de lucernas de tipo tradicional

La producción y uso de las populares lucernas de uno o dos picos en la metrópolis gadirita es bien conocida especialmente a partir de los trabajos realizados en las áreas funerarias de los ss. –VI/-V del actual solar gaditano (una síntesis en Perdigones *et alii*, 1990 y Muñoz, 1998), formando estos elementos de iluminación parte habitual de los ajuares de numerosos enterramientos (también Muñoz, 1982). Los trabajos de las últimas décadas en las alfarerías insulares han confirmado la fabricación de este tipo, ayudando a perfilar un primer acercamiento a su evolución formal en el seno de los talleres gadiritas, desde las formas estilizadas con espeso engobe rojo de la fase arcaica y tardo-arcaica hasta las nuevas tendencias productivas detectadas a partir del s. –IV, con la proliferación de individuos más toscos y usualmente sin cubierta policroma ni barniz (proceso bien ejemplificado por alfarerías isleñas como Villa Maruja, *vid.* Bernal *et alii*, 2003). Probablemente desde la etapa arcaica, estas lucernas de tipo semita convivieron con importaciones e interpretaciones locales de ejemplares griegos, generalmente abiertos, cuya huella ha sido delatada con claridad por centros industriales como Sector III Camposoto, en un proceso de interacción por lo demás extensible a otras muchas categorías cerámicas locales.

Sin embargo, la información sobre las lucernas tradicionales disponible para la etapa tardopúnica de la ciudad era hasta el momento exigua, careciendo de contextos en que su uso o producción estuviesen suficientemente constatados. Al contrario de lo percibido en otros importantes centros semitas del ámbito mediterráneo como Ibiza, Cartago o las áreas magrebíes costeras, la presencia en Gadir de estas lucernas no era conocida o había sido pasada por alto por la investigación hasta el momento para los ss. –III/-II, existiendo en aquellos centros contextos funerarios e industriales suficientemente amplios para advertir su perduración. En este punto, los hallazgos de la alfarería de Torre Alta aportan indicios clave para el análisis de los últimos pasos de estas lucernas a la vez que demuestran indiscutiblemente su utilización y manufactura en época tardopúnica.

La evidencia material procede en el caso del alfar de Torre Alta esencialmente de varios depósitos diferenciados correspondientes a las fases 2-3 del taller: ejemplares cuantitativamente escasos de los niveles de abandono del Horno 4 propios de un momento temprano de la etapa bárcida junto a un conjunto mucho más amplio procedente de los testares asociados a la actividad de los hornos 1, 2 y 5, abarcando el resto del s. –III y los inicios del –II. Otras piezas fragmentarias recuperadas en contextos dudosos o en superficie en diversos puntos del yacimiento podrían corresponder a la cuarta fase de actividad del alfar. En todos los casos las piezas responden a un mismo esquema formal, careciendo de decoración policroma o barniz alguno. Se trata de pequeños platitos de escasa profundidad de unos 8-12 cms de diámetro, con pies escasamente diferenciados y labios de anchura variable moldurados, a los que se han realizado unos pliegues a fin de dotarlos de las piqueras para su función iluminadora. Algunos ejemplares presentaban superficies alisadas cuidadas y en ocasiones cubiertas de engobes o barbotinas muy líquidas del color de la pasta, si bien el acabado en general suele ser tosco, teniendo también algunos de los individuos huellas de haber sido utilizadas por los propios alfareros como parte de su impedimenta cotidiana.

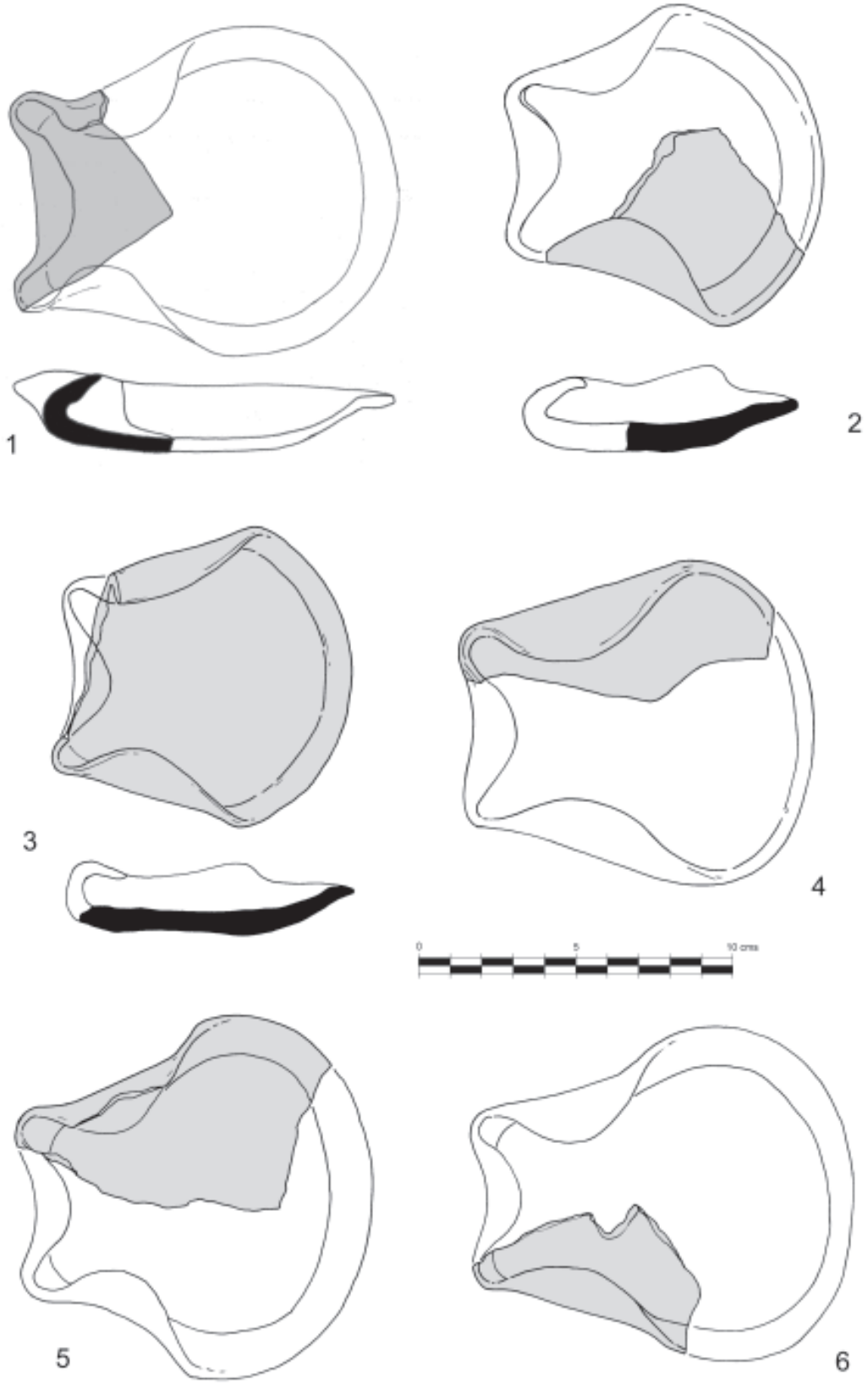


Fig. 1. Lucernas en cerámica común de doble piquera producidas en los alfares de Centro Atlántida (1) y Torre Alta (2-6)

Fig. 2. Lucernas de dos picos, en alguna ocasión con evidentes huellas de uso, documentadas en el taller de Torre Alta (fotografía A. Sáez Espligares)

Por tanto, los hallazgos de Torre Alta (figs. 1-2) confirman con piezas en contextos estratigráficos bien datados y fiables tanto la continuidad de la fabricación de este tipo de lucernas hasta al menos las primeras décadas del s. –II como su uso habitual entre los gadiritas, en este caso entre los artesanos del alfar. Otros talleres insulares gadiritas como Centro Atlántida han proporcionado indicios de que esta perduración de la fabricación de lucernas de dos picos sin barniz es extensiva a buena parte de estas instalaciones tardopúnicas, señalando una demanda de cierto nivel. Este tipo debió convivir y competir, como sus predecesoras, con imitaciones locales de perfiles helenísticos en barniz rojo (amén de con las propias importaciones, *vid.* Niveau, 2003), pero por el momento carecemos de depósitos estratigráficos que proporcionen una información suficiente para ahondar en cuestiones de supremacía cuantitativa o selección funcional de las piezas. En conclusión, creemos que los ejemplares de lucernas analizadas en este trabajo fabricadas en el alfar de Torre Alta vienen a completar la visión que hasta el momento se había ofrecido del repertorio de iluminación gadirita, más diversificado de lo vislumbrado, intentando sentar una primera base que permita en los próximos años estudiar esta problemática a través de los registros de otros puntos de la bahía gaditana.

2.2. La producción de cerámicas barnizadas: generalidades

Las investigaciones que desde el año 2001 venimos realizando acerca del alfar de Torre Alta (Sáez, 2004; Sáez *et alii*, 2004), con la excavación de nuevas estructuras y contextos y la revisión de los hallazgos previos, nos ha permitido constatar la manufactura en el alfar de cerámicas barnizadas en rojo de tipo helenístico, cuestión insinuada por otros autores (De Frutos y Muñoz, 1994; Niveau, 2003 y 2004a). Asimismo, el estudio detallado de estas producciones en determinados contextos del alfar (Sáez, 2008) ha permitido determinar que formas correspondientes a esta vajilla gadirita barnizada fueron fabricadas en Torre Alta, definiendo su repertorio propio e introduciendo matices sobre los esquemas formales genéricos introducidos en la reciente sistematización de esta categoría cerámica (Niveau, 2003). Pero además, ha permitido completar en cierta medida el espectro de formas barnizadas realizadas por los talleres gadiritas gracias a la documentación de nuevos individuos en buenas condiciones de conservación y e incluidos en contextos arqueológicos datados y fiables de tipos de los que poco o nada se conocía con anterioridad. En las páginas siguientes incidiremos en el análisis de algunas de estas categorías escasamente conocidas y faltas de ejemplares completos hasta el momento, con objeto de completar las propuestas sistematizadoras vigentes.

2.2.1. Novedades sobre la forma Niveau XV: oenocoes y «lécitos aribalísticos»

De entre las formas peor caracterizadas del repertorio barnizado la XV de la reciente sistematización acometida por A. M. Niveau (2003) es sin duda una de las menos conocidas debido a la escasez de ejemplares disponibles y a la fragmentación de los mismos. Se trata de una agrupación tipológica y quizá funcional heterogénea de formas cerradas de tamaño en general bastante reducido, funcionalmente centradas en la contención y vertido de sustancias líquidas probablemente selectas. Nuestras aportaciones respecto a este tipo barnizado gadirita girarán fundamentalmente en torno a dos subgrupos principales: los "*ungüentarios de boca de seta*" del tipo XV-C y los singulares oenocoes de la forma XV-D, cuya manufactura en Torre Alta ha podido ser constatada, contribuyendo con la difusión de nuevos ejemplares al catálogo morfológico general de las cerámicas barnizadas locales. Por otro lado, debemos citar también la confirmación del torneado de otro subgrupo de este tipo, el XV-A-1 (lécitos de pequeñas dimensiones de pie anular con boca abombada y cuerpo con decoración gallonada), en base a la identificación de algunos fragmentos de dicha forma. Se trata en todos los casos de tipos escasamente representativos a nivel porcentual no sólo respecto a la producción total del taller, sino incluso dentro de la producción de cerámicas barnizadas del taller isleño.

Fig. 3. Aplique antropomorfo (carátula barbada) perteneciente al arranque de un asa de un oenocoe de la forma XV del repertorio gadirita de barniz rojo

2.2.1.1. La fabricación de oenocoes con decoración aplicada en las asas (Niveau XV-D)

La manufactura de estos recipientes ha podido ser confirmada gracias a la documentación de varias carátulas (fig. 3), en algún caso adosadas al asa, de las usadas para decorar los arranques inferiores de sus asas. Se trata, según ha definido Niveau (2001 y 2003) a partir de un ejemplar completo documentado en un pozo de la necrópolis gaditana localizado en la Avda. López Pinto, de jarras de boca trilobulada relativa-

mente estilizadas (con unos 20 cms de altura y alrededor de 10 de anchura) con asas simples de sección aplanada y usualmente acanaladas, con pies anulares poco desarrollados y cuerpo con decoración gallonada. Esta forma sería una producción local con una evidente influencia de producciones etruscas (Niveau, 2001 y 2003; formas M-5611 y M-5612), que quizá habrían adoptado este tipo de decoraciones inspirados en producciones áticas precedentes y en la imitación de jarros de bronce usualmente decorados de esta forma. En cualquier caso, los contextos alfareros en que fueron hallados los nuevos ejemplares de apliques antropomorfos (barbados, si bien resulta difícil de precisar en algún caso debido al deterioro de las piezas) además de confirmar su fabricación, sitúan con cierta precisión su desarrollo en un momento no alejado de –200 y quizá los primeros años del s. –II, señalando una etapa similar a la evidenciada por el único ejemplar íntegro conocido exhumado en el pozo gaditano.

2.2.1.2. Una nueva producción gadirita: los *guttus type of askos*

La otra gran novedad que los estudios del alfar de Torre Alta han aportado al análisis de la forma XV radica en la identificación de la manufactura de los recipientes denominados "*ungüentarios de boca de seta*" (Niveau, 2003) con cronologías similares a los oenocoes del tipo XVD. Efectivamente, conjugando los datos del ejemplar divulgado por Niveau (2003) y los aportados por los nuevos hallazgos de Torre Alta, ahora podemos caracterizar estas piezas como pequeños lécitos (según Morel), *askoi* con apariencia de *guttus* (según Sparkes y Talcott, 1970) o *lagynoi* (Arribas *et alii*, 1987: 352-353) de unos 10-11 cms de altura y 9-10 cms de diámetro máximo, con boca estrecha en forma de seta con labios ciertamente exvasados, baquetón simple en el inicio inferior del cuello, pie anular poco desarrollado, cuerpo bajo con marcada carena normalmente aristada en el punto del diámetro máximo y asa de factura cuidada acanalada (doble o triple) de sección pseudo-rectangular y forma aproximada al círculo, adosada en la zona media del cuerpo sobre la carena (fig. 4, 1). El barnizado, realizado como suele ser habitual en las producciones gadiritas a pincel, es desigual según la pieza, careciendo de él la zona interna de los vasos y la parte inferior del mismo en el área delimitada por el pie; asimismo, suele presentar tonalidades y espesores desiguales, con áreas rojizas y otras con tonos acastañados de intensidad variable. Es una forma realmente atípica en el repertorio gadirita, sin otros hallazgos que nos informen acerca de la verdadera funcionalidad y dispersión del tipo.

Al margen de la diversidad de nomenclaturas con que han sido designados estos recipientes, cabe señalar que se trata en origen al parecer de un prototipo ático fabricado por los talleres atenienses al menos durante buena parte del s. –IV, especialmente en su segunda mitad (Sparkes y Talcott, 1970: pl. 39, nºs 1192-1196). Estos ejemplares áticos se caracterizan por cuerpos abombados y de líneas redondeadas, con baquetones en el inicio del cuello, bocas en forma de seta, pies anulares anchos y ausencia de carenas aristadas, existiendo ocasionalmente decoraciones gallonadas en el cuerpo, con asas de sección aplanada normalmente estriadas. Estos contenedores de ungüentos y perfumes debieron tener éxito en su distribución hacia Occidente, como señala la manufactura de tipos similares en talleres magnogrecos-sicilotas[2] (¿y acaso etruscos?) o su presencia en diversos yacimientos terrestres como Adria (Bonomi, 2000: 97) o Arles (Arcelin y Rouillard, 2000: 163), pero sobre todo destaca su presencia en el navío documentado en El Sec (Arribas *et alii*, 1987: 352-353). Todos estos ejemplares, así como los referidos por Morel (1981), reflejan una llegada de estos lécitos hacia occidente razonablemente amplia y regular, aunque como una categoría vascular muy minoritaria dentro del espectro de importaciones griegas hacia el Mediterráneo centro-occidental. La cronología de dicho tráfico comercial se sitúa principalmente durante el s. –IV y los inicios del –III, momentos para los que no está documentada

2 Según sugieren los datos proporcionados por J. P. Morel acerca de la series 5451 y 5456 (1981: 364-366), y algunos hallazgos como ejemplares documentados en las necrópolis de la ciudad tunecina de Kerkouane (Fantar, 1998: 84), atribuidos a talleres greco-itálicos.

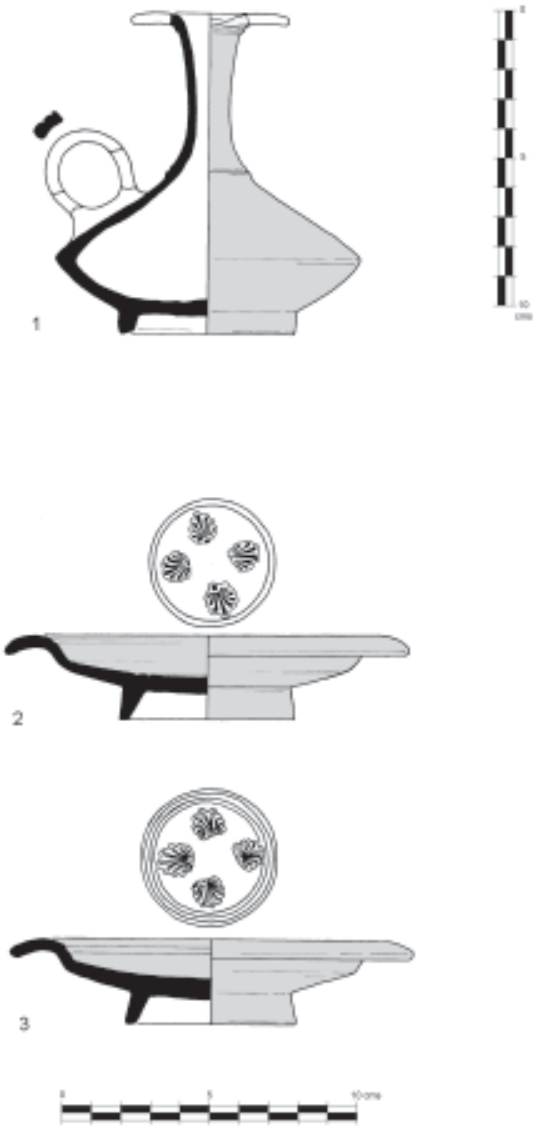


Fig. 4. Ejemplar de guttus type of askos producido en el taller de Torre Alta (1) (reconstrucción a partir de diversos fragmentos), y pequeñas páteras cercanas a L-36 de similar procedencia (2-3)

su imitación en las alfarerías de Gadir, al menos por el momento. Las interpretaciones de estos lécitos documentadas en el taller de Torre Alta corresponden a un momento mucho más tardío, situado en la transición de los ss. –III a –II, o todo lo más los últimos años del –III, momento álgido de su actividad fabril, que coincide con el ejemplar documentado en el CDB-Las Cumbres dado a conocer por Niveau (2003). Formalmente, los individuos gadiritas se encuentran muy próximos a un ejemplar documentado en Capua (M-5451f , en Morel, 1981: 365) quizá perteneciente a las producciones de Gnathia, pero sobre todo a un individuo que el autor señala como cercano a las áreas productoras púnicas sicilianas o hispanas documentado en La Albufereta en Alicante clasificado como M-5456a (Morel, 1981: 366), citando ejemplares similares de Palermo y Lilibeo. Los individuos fabricados en Gadir se incluyen por tanto dentro de esta corriente de manufactura centro-occidental de esta forma, en un momento tardío respecto a los talleres griegos y greco-itálicos/sicilianos, bebiendo probablemente tanto de la inspiración formal de unos como de otros hasta configurar un esquema genérico adoptado por los talleres locales.

La funcionalidad de los lécitos gadiritas, cuyos prototipos en origen estaban destinados a contener aceites perfumados y ungüentos, nos es por el momento desconocida dada la escasez de hallazgos y la inexistencia de éstos en contextos como el funerario, práctica para la cual contamos con paralelos en el Mediterráneo Central (Morel, 1981: 365) incluso en el ámbito púnico (Fantar, 1998: 84). El análisis futuro de nuevos hallazgos del entorno de la bahía no correspondientes a contextos alfareros deberá determinar este aspecto de esta nueva categoría barnizada local.

2.2.2. Interpretaciones gadiritas de páteras L-36

También los resultados de las excavaciones en el alfar de Torre Alta han aportado interesantes novedades en relación con la manufactura de pequeñas páteras o platitos relacionados con la forma campaniense L-36 (fig. 4, 2-3), englobada por A. M. Niveau (2003) en su forma V de la clasificación de las producciones de barniz rojo gadirita. Tal como sugiere esta autora, formalmente estas producciones recuerdan vivamente los perfiles de los *broad rim plates* áticos de los ss. –VI/-V, si bien la distancia cronológica sin duda obliga a buscar cauces indirectos para entender la gestación de dicha relación morfológica. Los paralelos más directos en este sentido pertenecen, por un lado a producciones nord-itálicas y especialmente a individuos del taller de las Pequeñas Estampillas (especie 1320; *vid.* Morel, 1981: 105-106), y por otro, algún ejemplar documentado en el alfar marroquí de Kouass (Ponsich, 1969: 67, fig. 7) incluido en el tipo M-1272a1 barnizado en rojo.

Ambas vertientes responden a cuestiones y momentos cronológicos-productivos netamente diferenciados, pues los primeros representan una probable vía de captación de la forma por los alfareros gadiritas, mientras los hallazgos de Kouass se relacionan con una problemática más amplia sobre el carácter comercial del enclave y su vinculación a algún núcleo urbano del Estrecho (Sáez, Díaz y Sáez, 2005). Las piezas de Torre Alta, correspondientes al menos a las fases 3 y 4 de su actividad industrial (es decir, manufacturadas entre la II Guerra Púnica y los inicios del s. –II, careciendo de datos para la fase final del alfar), son pequeños platitos de borde diferenciado por una carena estriada al interior, redondeados, con líneas generales finas y cuidadas. Los diámetros suelen ser reducidos (alrededor de 10-14 cms), con escasa profundidad y altura total del vaso (3-4 cms) y pies desarrollados lisos al exterior altos y con un diámetro normalmente amplio (cercano a la mitad del total). El cuerpo suele ser de paredes finas bien acabadas, carenado en la zona media bajo el labio. La decoración es repetitiva, con conjuntos de cuatro palmetas enmarcados por dos círculos concéntricos incisos en la zona central del fondo interno. El barniz rojizo como es usual fue aplicado a pincel, quedando en reserva la zona del fondo, donde en ocasiones se documentan gotas aisladas casuales. Se trata de formas pequeñas y delicadas bien acabadas cuya presencia porcentual en los testares de Torre Alta no fue testimonial en las postrimerías del s. –III y los inicios del –II.

Su adopción en un momento avanzado del s. –III dentro del repertorio barnizado local quizá debemos relacionarla con la creciente importancia de las importaciones itálicas hacia Occidente en esas décadas (Domínguez, 2003) y a la interacción con otros repertorios helenísticos semitas centro-occidentales (Cartago, Ibiza, etc...). Los ejemplares de Kouass, cronológicamente al parecer coetáneos a los gadiritas, bien pudieran ser parte de esta tendencia, manifestada en esta ocasión arqueológicamente con amplitud en ambas orillas del Estrecho. No cabe duda de la íntima relación de este taller con las producciones gadiritas, si bien aún resta definir en que sentido se definió esta relación en la Protohistoria de la zona, siendo probablemente los talleres de la bahía gaditana los que marcasen las tendencias seguidas por este tipo de centros "periféricos" del área del Estrecho.

La producción de estos platitos fue, según ha propuesto acertadamente Niveau (2004b: 682), el primer paso para la fijación en el repertorio local de interpretaciones de la forma itálica

L-36, tradicionalmente asociada a la categoría de barniz negro Campaniense A. Este proceso ha podido aislarse con cierta claridad en el alfar de Pery Junquera, en el que se encuentran representados tanto los momentos más antiguos sincrónicos a las piezas de Torre Alta como los modelos evolucionados de labios más macizados y diámetros más amplios (Niveau, 2004b: 681-686). Sin duda, los perfiles dados a conocer en este trabajo van a contribuir de forma destacada a definir los parámetros de dicho proceso evolutivo representando la etapa inicial del mismo, hasta el momento apenas conocida.

2.2.3. Platos de borde acanalado con decoración estampillada

Cerrando el capítulo de novedades relacionadas con la manufactura de elementos barnizados en el alfar hemos situado una nueva clase de platos de tamaño medio (20-30 cms de diámetro), escasamente conocidos en el ámbito local con anterioridad a las intervenciones acometidas en el alfar de Torre Alta (fig. 5), que por su propia técnica se encuentran "a medio camino" entre los elementos barnizados y pintados fabricados en el taller. Se trata de platos de escasa profundidad, con labios levemente engrosados de tendencia horizontal, en todos los casos provistos de una marcada hendidura en la zona media superior. El galbo es relativamente grueso y uniforme, con un buen alisado, rematando (según señalan algunos ejemplares fragmentarios) en bases de pie anular desarrollado, en ocasiones alto, de diámetro variable. El acabado general de las piezas suele ser bueno, con un alisado de las superficies cuidado y un primer baño con un engobe usualmente del color de la pasta muy líquido y adherente. La decoración de estos platos, además de la hendidura ancha ya comentada situada sobre el labio, se desarrolla tanto al interior como al exterior: en éste último caso se trata de agrupaciones simples de líneas concéntricas, normalmente situadas por parejas en tramos regulares de la pieza hasta llegar a las cercanías de la base. En el interior este esquema se repite, si bien se muestra mucho más complejo, al servir estas circunferencias concéntricas dobles de marco para la impresión en toda su longitud de sucesivas tramas de ovas dotadas de un apéndice externo en la zona izquierda o tramas compuestas por ovas y palmetas alternativamente. Finalmente, el esquema decorativo se remata tanto al exterior (con menor profusión) como al interior, con un desordenado conjunto de puntos de barniz rojo aplicados mayoritariamente mediante digitaciones (algunas parecen corresponder a gotas, quizá accidentales), que cubren buena parte de la superficie de la pieza de forma desigual, sin guardar patrón alguno en cuanto a su disposición, tamaño o morfología. Esta peculiar manera de decorar estos platos, que utiliza el mismo barniz que en el resto de piezas es aplicado masivamente a pincel, es una rareza no sólo en el alfar de Torre Alta, sino en general entre las producciones gadiritas de la época, no encontrando al menos por el momento paralelos locales de este elemento. Las ovas por el contrario sí son elementos ya relativamente bien conocidos entre las producciones cerámicas gadiritas, destacando su presencia en determinados tipos de cazuelas fabricadas tanto en el propio Torre Alta como en otros centros (Sáez, 2005a), formando tramas continuas en la superficie externa de los labios. El contexto de hallazgo de estas piezas parece situar el periodo de apogeo de la producción hacia el último tercio del s. –III y los inicios del –II, quizá con un mayor protagonismo anterior a la conquista romana, nunca porcentualmente demasiado elevado ni siquiera dentro de los elementos pintados-barnizados manufacturados en el alfar.

En cuanto al origen morfológico de estas producciones, recientemente se la ha relacionado (esencialmente en base a su programa decorativo estampillado) con producciones itálicas del área de Teano (Niveau, 2004a), resaltando de nuevo la ya amplia conexión de la vajilla gadirita con los aires formales de los centros productores centromediterráneos en estos momentos avanzados del s. –III y destacando la peculiar forma de aplicación de la decoración polícroma. En cualquier caso, y como ya resaltamos anteriormente (Sáez, 2005a), la presencia de acanaladuras y ovas formando amplias tramas regulares son elementos también presentes en producciones del

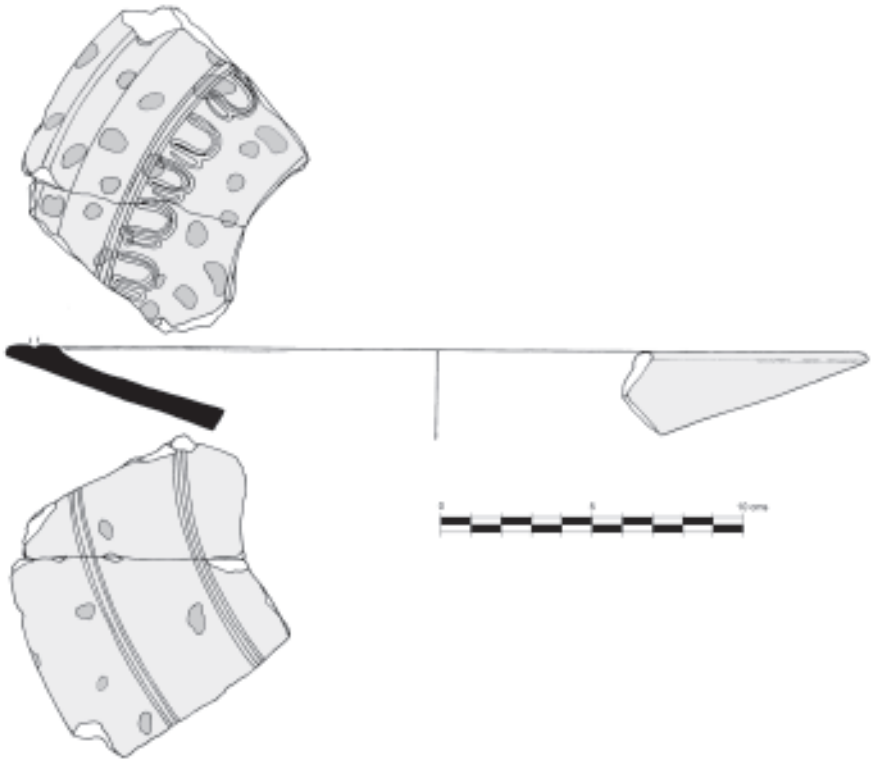


Fig. 5. Plato de borde moldurado con decoración polícroma y estampillada localizado en el alfar de Torre Alta

área cartaginesa o de sus propios talleres metropolitanos durante los ss. –III/-II (Lancel, 1987), por lo que no podemos descartar un origen púnico centromediterráneo para la configuración de esta serie de platos gadiritas. De cualquier forma, y como en la mayor parte de casos del repertorio barnizado local, parece tratarse de una adaptación de carácter localista de un esquema exógeno, perfectamente amoldada a los gustos locales pero aplicando nuevas tendencias de importación.

3. Valoraciones

3.1. La perduración frente a la innovación: el caso de las lucernas

Los contundentes indicios mostrados por diversos depósitos del alfar de Torre Alta señalan inequívocamente la continuidad hasta al menos mediados del s. –II de la fabricación y uso de las lucernas de tipo tradicional en el enclave gadirita, con un volumen de producción probablemente similar o superior a las imitaciones de modelos de tipo helenístico pertenecientes al repertorio barnizado de los talleres locales (Niveau, 2003). Se trata de una destacada novedad en el panorama ceramológico tardopúnico de Gadir, donde hasta el momento este fenómeno permanecía inédito, en claro contraste como ya resaltamos con otras áreas púnicas especialmente del Mediterráneo central como Cartago o Ibiza. Estos nuevos hallazgos han de servir para poner el acento en la necesidad de profundizar en la investigación de esta forma cerámica tanto en el ámbito local como regional (pues es muy presumible que otras áreas del Estrecho como la franja mediterránea andaluza o la fachada atlántica marroquí también produjesen estas lucernas de forma tardía), constituyendo por el momento una primera referencia formal y cronológica acerca de este tipo.

3.2. La influencia exógena sobre los repertorios de barniz rojo gadiritas

Las novedades expuestas en este trabajo en relación con la vajilla de barniz rojo tardopúnica de Gadir nos brindan la oportunidad de esbozar brevemente la problemática genética y cronológica que en momentos recientes se está planteando a raíz de su primer intento de sistematización (Niveau, 2003) y del desarrollo de la investigación en las alfarerías locales (Bernal y Sáez,2007). Se ha definido esta producción barnizada como la vajilla protocampaniense propia de la ciudad de Gadir durante el lapso temporal definido entre finales del s. –IV (cuando comenzaría tímidamente la producción) y un momento incierto probablemente tardío del s. –II (en que finalmente sucumbiría frente a la competencia de las importaciones itálicas y el cambio en los gustos locales), cuya inspiración morfológica vendría de la mano directamente de la vajilla ática con escasas aportaciones tardías de otras áreas púnicas y de las "campanienses universales", apareciendo principalmente a consecuencia de la demanda generada por la desaparición de los productos griegos de los mercados occidentales por causas diversas a partir de mediados del s. –IV (Niveau, 2003: 151-160). Se ha establecido asimismo, sobre bases arqueológicas pretendidamente fiables y sólidas, establecer una periodización de la producción que ha establecido cuatro fases principales dentro del lapso temporal ya mencionado: una inicial "de tanteo" con formas básicas, una larga etapa de apogeo durante el s. –III en la que se fijaría el repertorio, una decadencia hacia finales del –III y primera mitad del s. –II y una perduración minoritaria y adaptada a la irrupción itálica durante buena parte del s. –II (Niveau, 2003: 175-195; Niveau, 2004b).

A la luz de las novedosas y cada vez más numerosas evidencias crono-estratigráficas aportadas por los alfares insulares gadiritas cabe plantear la existencia de otros modelos viables para explicar la gestación, nacimiento y evolución de la vajilla de barniz rojo local, dentro de una dinámica industrial más integradora de esta clase cerámica dentro de la propia tradición de los alfares gadiritas. En síntesis (un desarrollo amplio de esta propuesta en 2008), nuestros planteamientos señalan la inexistencia de una innovación en momentos avanzados del s.–IV centrada en la imitación de prototipos griegos para abastecer la nueva demanda generada, pues dicha imitación es palpable en las producciones locales desde al menos los inicios del s.–V, y solo cabe hablar de un incremento de esta tendencia en esta fase y de la fijación de algunas de las formas comerciales entre el repertorio local, pero siempre en porcentajes muy bajos y con técnicas aún toscas poco estandarizadas y funcionales para una producción a una escala considerable. Cabe asimismo plantear la nula coincidencia entre la propuesta de periodización enunciada y la información arqueológica suministrada por los alfares, que cada vez con más fuerza señalan un apogeo de la actividad desarrollado entre momentos centrales del s. –III y la primera mitad o dos primeros tercios del –II, momento de supuesta decadencia de la producción barnizada local. Por nuestra parte, creemos que dicha suposición refleja un espejismo arqueológico fruto del escaso conocimiento que hasta fechas muy recientes se tenía de la realidad industrial tardopúnica gadirita, que sugiere precisamente un momento de máxima expansión de la producción barnizada local con la etapa bárcida y las décadas subsiguientes, quizá con mayor intensidad antes del cambio de centuria. Finalmente, en relación directa con las novedades mostradas en este artículo, cabe plantear una injerencia mayor de la sospechada sobre el repertorio local de las importaciones itálicas y de otras de raigambre púnica (como las ibicencas o cartaginesas) a partir de momentos avanzados del s. –III. La configuración más tardía de lo supuesto del repertorio local, no anterior a mediados o tercer cuarto del s. –III aparentemente, reafirma este mayor protagonismo de formas exógenas no griegas (lo que no invalida el indudable apego a los prototipos áticos, especialmente en algunas formas, como ha subrayado A. M. Niveau), que es fácilmente perceptible por ejemplo en las pequeñas páteras inspiradas en las L-36, en los oenocoes con asas con apliques antropomorfos o en los platos con profusa decoración estampillada que presentamos en este trabajo, así como en otras formas como boles (tipo X), platos moldurados (tipo I) o simples (ti-

pos IV-VI) o algunas formas "excepcionales" como un *guttus* emparentado con producciones de la Campaniense A (Niveau, 2003: 158-159; Niveau, 2004a). Este peso de las morfologías itálicas no haría sino acentuarse con el transcurso del s. –II según señalan las más recientes novedades (Niveau, 2004b; Sáez, 2008), por lo que parece necesario replantear la evolución de la producción local al menos en este tramo de su devenir histórico, abriendo más el abanico de influencias que contribuyeron a su gestación y restando importancia al "factor morfológico griego", que aunque presente no parece constituir más que un residuo de la amplia tradición de interacción entre ambas vajillas desde época púnica.

3.3. Perspectivas de la investigación

La definición de los horizontes cerámicos de Gadir, tanto de época tardopúnica como de momentos precedentes, está cobrando cierto auge en la última década, con un mayor número de estudios que se han centrado en la divulgación no sólo de diversos contextos (esencialmente alfareros) sino también en el estudio monográfico de ciertos tipos o categorías concretas. Como destacamos en la introducción, la etapa tardopúnica aparece por el momento como la más intensamente investigada, con un nivel de conocimientos relativamente amplio que en buena medida debemos al buen número de alfares conocidos para dicha fase histórica en el ámbito de la bahía gaditana (sendas síntesis en Bernal *et alii*, 2005; Bernal y Sáez, 2007). Sin embargo, como ponen de relieve los nuevos datos mostrados en este trabajo, son muchos aún los matices de índole formal y crono-estratigráfica que es posible sumar a las grandes líneas tipológicas ya delineadas, lo que contribuirá a definir con mayor exactitud los elementos muebles habituales en la época y a precisar con más detalle la cronología de los diversos yacimientos.

Bibliografía

Arcelin, P. y Rouillard, P. (2000) - Premier aperçu sur la composition de la céramique attique d'Arles (Bouches-du-Rhône) au IVe s. av. J-C.. En *La céramique attique du IVe siècle en Méditerranée occidentale, Actas del Coloquio Internacional de Arles (1995)*. Nápoles (Colección CJB 19-Travaux CCJ 24). pp. 159-165.

Arévalo, A. (2004) - Sobre la presencia de moneda en los talleres alfareros de San Fernando (Cádiz). *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.)*. BAR International Series. 1266, II. Oxford. pp. 515-526.

Arribas, A.; Trías, M. G.; Cerdá, D. y De Hoz, J. (1987) - *El barco de El Sec (Costa de Calviá, Mallorca). Estudio de los materiales*. Mallorca.

Arteaga, O.; Castañeda, V.; Herrero, N. y Pérez, M. (2001) - Los hornos tardopúnicos de Torre Alta (San Fernando, Cádiz). Excavación de urgencia de 1997. *Anuario Arqueológico de Andalucía/1997*. vol. III. Sevilla. pp. 128-136.

Bernal, D.; Díaz, J. J.; Expósito, J. A.; Sáez, A. M; Lorenzo, L. y Sáez, A. (2003) - *Arqueología y Urbanismo. Avance de los hallazgos de época púnica y romana en las obras de la carretera de Camposoto (San Fernando, Cádiz)*. Jerez de la Frontera.

Bernal, D.; Sáez, A.; Sáez, A. M.; Díaz, J. J.; Lorenzo, L. y Toledo, F. (2005) - *Carta arqueológica municipal de San Fernando (Cádiz)*. Serie Monografías. Sevilla: Junta de Andalucía.

Bernal Casasola, D. y Sáez Romero, A. M. (2007) - Saladeros y alfares en Gadir. La perspectiva productiva de las ciudades fenicio-púnicas del Extremo Occidente. En López Castro, J. L. (Ed.) *Las ciudades fenicio-púnicas en el Mediterráneo Occidental*. Madrid: CEFYP.

Bonomi, S. (2000) - Ceramica attica da corredi tombali del IV sec. a.C. di Adria. En *La céramique attique du IVe siècle en Méditerranée occidentale, Actas del Coloquio Internacional de Arles (1995)*. Nápoles (Colección CJB 19-Travaux CCJ 24). pp. 93-98.

De Frutos, G. y Muñoz, A. (1994) - Hornos Púnicos de Torre Alta (San Fernando, Cádiz). *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana (Encuentro de Arqueología del Suroeste, Huelva-Niebla)*. pp. 396-414.

Domínguez Pérez, J. C. (2003) - *La elaboración del Círculo Productivo Romano como Imperio Mediterráneo (348-218 AC). Materiales arqueológicos para una historia crítica del periodo medio-republicano*. BAR International Series. 1137. Oxford.

Fantar, M. H. (1998) - *Kerkouane. Cité punique au pays berbère de Tamezrat*. Túnez: Alif.

Lancel, S. (1987) - La ceramique punique d'epoque hellénistique. *Cerámiques Hellénistiques et Romaines II*. Annales Littéraries de l'Université de Besancon. 331. París. pp. 99-137.

Morel, J. P. (1981) - *Céramique Campanienne. Les formes*. BEFAR. 244. 2 vols. Roma.

Muñoz Vicente, A. (1982) - Una lucerna de dos picos en la necrópolis gaditana. *Bol. Museo Cádiz*. III. Cádiz. pp. 43-46.

Muñoz Vicente, A. (1998) - Notas sobre la necrópolis fenicia de Cádiz. Homenaje al profesor Carlos Posac Mon. vol. I. Instituto de Estudios Ceutíes. Ceuta. pp. 131-149.

Niveau, A.M. (2001) - Pozos púnicos en la necrópolis de Cádiz: evidencias de prácticas rituales funerarias. *Rivista de Studi Fenici*. XXIX, 2. CNR. Roma. pp. 183-230.

Niveau, A. M. (2003) - Las cerámicas gaditanas "tipo Kuass". Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica. *Bibliotheca Archaeologica Hispana*. 21. Madrid.

Niveau, A. M. (2004a) - La producción de cerámicas barnizadas «tipo Kuass» en la Bahía de Cádiz. *Actas de los XVI Encuentros de Historia y Arqueología de San Fernando. Las industrias alfareras y conserveras fenicio-púnicas de la Bahía de Cádiz (Noviembre de 2000)*. San Fernando. pp. 171-200.

Niveau, A. M. (2004b) - La producción de barniz púnico-gaditano en el s. II a.C. Nuevos datos aportados por el conjunto alfarero de Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.)*. BAR International Series. 1266, II. Oxford. pp. 677-690.

Perdigones, L. y Muñoz, A. (1990) - Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos de Torre Alta. San Fernando, Cádiz. *Anuario Arqueológico de Andalucía/1988*. Vol. III. Sevilla. pp. 106-112.

Perdigones, L.; Muñoz, A. y PISANO, G. (1990) - La necrópolis fenicio-púnica de Cádiz. *Studia Punica*. 7. Roma.

Ponsich, M. (1969) - Les céramiques d´imitation. La campanniene de Kouass. *AEspA*. 42. Madrid. pp. 56-80.

Sáez Romero, A. M. (2004) - El alfar tardopúnico de Torre Alta. Resultados de las excavaciones de 2002-2003. *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.)*. BAR International Series. 1266, II. Oxford. pp. 699-712.

Sáez Romero, A. M. (2005a) - Aproximación a la tipología de la cerámica común púnico-gadirita de los ss. III-II. *Spal*. 13. Sevilla.

Sáez Romero, A. M. (2007) - Novedades sobre los talleres cerámicos de Gadir: el alfar de Torre Alta (San Fernando, Cádiz). *IV Congreso Peninsular de Arqueología (Faro, Septiembre de 2004)*.

Sáez Romero, A. M. (2008) - *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos -III/-I)*. Bar International Series. 1812. Oxford.

Sáez Romero, A. M. y Díaz, J. J. (2007) - La producción de ánforas de tipo griego y grecoitálico en Gadir y el área del Estrecho. Cuestiones tipológicas y de contenido. *Zephyrus*. Salamanca.

Sáez Romero, A. M.; Díaz, J. J. y Sáez, A. (2005) - Nuevas aportaciones a la definición del Círculo del Estrecho: La cultura material a través de algunos centros alfareros. Gerión. 22.1 (2004). Universidad Complutense de Madrid. pp. 31-60.

Sáez Romero, A. M.; Montero, A. I.; Díaz, J. J. y Montero, R. (2005) - Un taller de época tardopúnica en Gadir: el alfar de Torre Alta. *XXVII Congreso Nacional de Arqueología (Huesca 2003)*.

Sáez Romero, A. M.; Sáez, A.; Montero, A. I.; Díaz, J. J.; Montero, R.; Toboso, E.; Pérez, C. y Belizón, R. (2004) - Control arqueológico de urgencia en los Hornos Púnicos de Torre Alta (San Fernando, Cádiz). Informe preliminar. *Anuario Arqueológico de Andalucía/2001*. III. Sevilla. pp. 99-110.

Sparkes, B. A. y Talcott, L. (1970) - *Black and Plain Pottery of the 6th, 5th and 4th centuries B.C. (The Athenian Agora, XII)*. Princeton.

LA PRODUCCIÓN ANFÓRICA TARDOPÚNICA DE GADIR (S. II–I A.C.): NUEVOS DATOS APORTADOS POR EL ALFAR DE C/ ASTEROIDES (SAN FERNANDO, CÁDIZ) *

Antonio M. Sáez Romero
Darío Bernal Casasola
Ana I. Montero Fernández

Universidad de Cádiz

Resumen

El objetivo de este trabajo es realizar una revisión de la presencia de ánforas gaditanas de tradición púnica en contextos de época romano-republicana (II-I a.C.), valorando sus últimos momentos productivos. Para ello se realiza un muestreo de los contextos publicados en los últimos años, incidiendo en las propuestas cronológicas que permiten plantear el final de los envases de los tipos T-8.2.1.1, 9.1.1.0 y 12.1.1.0 de Ramon y las populares Maña C2b (T-7.4.3.2/3). Al mismo tiempo, trataremos de realizar algunas precisiones tipo-cronológicas de dichos tipos, en especial de estas últimas, para lo cual se presenta un avance de una serie de contextos inéditos procedentes de recientes excavaciones arqueológicas en San Fernando, en la Bahía de Cádiz. Especialmente, nuestro guión se centrará en los resultados correspondientes al taller alfarero excavado en el año 2004 en la C/ Asteroides, en cuya fase más tardía se han documentado varios perfiles anfóricos completos asociados a dos horizontes republicanos diferenciados. Asimismo, otros talleres cerámicos del área insular gadirita nos proporcionarán información adicional al respecto. Todos estos nuevos datos permiten plantear una propuesta actualizada sobre la perduración de estas últimas producciones anfóricas de tradición púnica hasta época inmediatamente anterior a momentos augusteos.

Abstract

The aim of this paper is to review the presence of punic-traditional gadiritan amphorae in roman-republican contexts (2nd-1st c. BC), measuring up their last moments of production. Our analysis is based in sampled the contexts published in recent years, focusing on proposals that deal specifically about the chronological end of vessels of these types (T-8.2.1.1, T-9.1.1.0 and T-12.1.1.0 and Maña C2b/ T-7.4.3.2/3). At the same time, we will try to introduce some chronological and typological nuances of these types, especially on T-7.4.3.2/3, for which we present a preview of unpublished contexts offered by recent archaeological excavations in San Fernando, in the Bay of Cadiz. Especially, our paper will focus on results for the 2004 campaign in the pottery workshop of C/Asteroides, in which later stage have been documented multiple complete profiles of these amphorae included in two different republican deposits. Also other ceramic workshops of the insular area of Gadir/Gades will provide us with additional information. All these new data allow developing an updated proposal on the survival of some these last traditional punic amphora types until immediately decades to Augustan times.

---

* Trabalho ampliado e revisto, originalmente apresentado como poster

1. Introducción[1]

La caracterización a nivel formal y de distribución comercial de la producción anfórica de una metrópolis portuaria destacada como *Gadir* posibilita un mejor acercamiento al análisis de la evolución económica de la urbe y de sus relaciones externas, por lo que se convierte en un instrumento histórico-arqueológico de capital importancia. Hasta fechas recientes, el estudio de estos envases comerciales gadiritas debía basarse en buena parte en el análisis de los hallazgos correspondientes a los lugares de amortización foráneos o de la propia bahía, siendo desconocidos los centros de producción y escasos los contextos arqueológicos bien fechados que permitiesen establecer seriaciones detalladas. A pesar de notables avances en este campo en las últimas dos décadas en el caso gadirita, derivados esencialmente de los trabajos de A. Muñoz (1987) y J. Ramon (1995 y 2004), el cada vez más grueso caudal de datos aportado por la excavación de diversos centros alfareros insulares está permitiendo matizar algunas de las hipótesis vigentes e introducir nuevas propuestas en el debate crono-tipológico.

En este contexto debemos situar este trabajo, en cuyas páginas nos centraremos en la realización de un avance de los destacados resultados derivados de la intervención arqueológica practicada en 2004 en el alfar localizado en la calle Asteroides de San Fernando, en pleno núcleo industrial periurbano de *Gadir*, el cual ha aportado decisivos contextos relacionados con la manufactura alfarera tardopúnica y especialmente con la producción de envases de transporte. Las estructuras y vertederos cerámicos exhumados han permitido definir con amplitud la *facies* local y de importación de la fase tardopúnica de la ciudad, especialmente desde fines del s. II a mediados del s. I a.C. El análisis de estas estructuras y de los conjuntos materiales asociados documentados en este taller nos servirá de hilo conductor para la introducción en la problemática de los últimos compases de la producción anfórica de inspiración semita en la ciudad, cuya evolución es claramente perceptible en los diversos contextos del alfar de C/ Asteroides, sentando de paso base crono-estratigráficas sólidas para la definición de los diversos horizontes.

Estas importantes novedades, en conjunción con los datos ofrecidos por otros alfares insulares coetáneos, posibilita en la actualidad plantear nuevas líneas de análisis de estas importantes piezas del comercio ultramarino gadirita, no sólo sobre su evolución formal interna dentro del ámbito de cada serie morfológica, sino también el más complejo proceso de la sustitución de todas estas categorías "tradicionales" por nuevas morfologías más acordes con la imparable romanización de la urbe extremo-occidental agudizada desde las postrimerías del s. II a.C. y cada vez más palpable durante la primera mitad del s. I a.C., y especialmente desde la etapa cesariana y augustea inicial. Se trata de un cambio sustancial en las estructuras económicas de la urbe, denunciado a nivel arqueológico por la evolución de los contenedores anfóricos, que parece estar señalando modificaciones más profundas en su seno.

2. El alfar de c/ asteroides: un centro de producción republicano

2.1. Situación geográfica y aproximación paleotopográfica

Los restos del alfar de C/ Asteroides fueron localizados en la parte baja de la ladera oriental de una suave elevación situada en la ribera del caño de Sancti Petri, en un punto muy cercano a uno de los lugares de atraque más importantes de dicha vía acuática como es el actual puerto de Gallineras, ubicado a unos 200 mts al sur. Tanto en relación a la ocupación prehistórica como a la

1 Este trabajo se inserta en el marco de desarrollo del Grupo de Investigación HUM-440 del IV Plan Andaluz de Investigación de la Junta de Andalucía.

púnica y tardopúnica documentadas en el solar, debemos señalar que la elección del lugar parece responder a un patrón de asentamiento relacionado con la accesibilidad al medio marino y la existencia de abundantes recursos naturales en el entorno. En la primera fase de ocupación–datada en la Edad del Bronce- el lugar correspondía a un reborde costero arenoso-marismeño en el que resultaba fácil un aprovechamiento de los recursos marinos[2], esencialmente la recolección de moluscos (bivalvos de especies diversas, múrices, etc…). Posteriormente, ya en la fase tardopúnica y romano-republicana, esta zona costera se habría retraído un tanto, rellenándose este reborde tanto con aportaciones de fangos grises de marisma como con aportes de áridos quizá procedentes de la ladera próxima, pero continuando en una ubicación muy cercana a la costa adecuada para el trasiego de mercancías que implicaba el establecimiento de alfarerías que se llevó a cabo en el entorno del solar al menos entre los siglos IV y I a.C.

En relación con la temática específica de este trabajo, debemos resaltar que esta alfarería se integraría en el cada vez más nutrido grupo de talleres ubicados en el entorno insular gadirita, especialmente abundantes en el solar de la actual San Fernando, que según las más recientes investigaciones paleogeográficas constituyó la zona meridional del "archipiélago" gaditano transmitido por las fuentes. Las alfarerías de época púnica plena y de la etapa tardopúnica documentadas en la C/ Asteroides pueden ser incluidas sin reservas en la larga nómina de asentamientos industriales de este tipo instalados en el término isleño en dichos momentos, en lo que parece fue la razón principal y casi única de la ocupación protohistórica del solar isleño, dentro de un programa de organización territorial de la ciudad de *Gadir* más amplio que parece incluía la distribución de las áreas habitacionales, funerarias e industriales de manera selectiva y complementaria por toda la bahía gaditana. La elección del lugar para la instalación de los hornos refleja por una parte la necesidad de establecerse en una ubicación óptima para el trasiego de los productos (en las cercanías del caño y de un punto de atraque natural) y por otra la necesidad de recursos como arcillas o combustible vegetal, los cuales debían ser abundantes en la zona.

2.2. Resultados de la intervención arqueológica

El alfar de C/ Asteroides representa uno de los escasos ejemplos de alfarerías tardopúnicas excavadas con cierta extensión y estudiadas en el ámbito de *Gadir*, pues por el momento la arqueología se ha mostrado esquiva con este tipo de instalaciones. Debemos señalar en este sentido la excepcionalidad de los contextos aportados por este nuevo alfar, que arrojan nueva luz sobre una etapa transicional crítica como parece configurarse la transición al s. I a.C., sobre la cual los datos arqueológicos eran especialmente parcos. Por ello, el centro productor de C/ Asteroides parece poder configurarse como un nexo y complemento a la información mostrada por alfares como Pery Junquera (González *et alii*, 2001; Carretero, 2004; Niveau, 2004; Bustamante y Martín, 2004) o Avda. de Portugal (Bernal *et alii*, 2004) para la segunda mitad del s. II a.C. y la aportada por el taller gaditano de C/ Gregorio Marañón (García, 1998) para buena parte del s. I a.C. En este contexto, resalta el reciente hallazgo de esta nueva alfarería, cuya fase de actividad más reciente se enmarca, con gran riqueza arqueológica, en esta *facies* helenística gadirita tardía, constituyendo uno de los principales referentes al respecto en el estado actual de la investigación.

La actuación arqueológica que puso al descubierto el yacimiento fue realizada entre Abril y Mayo del año 2004 con motivo del descubrimiento de restos cerámicos en el perfil de un solar que había sido previamente vaciado sin control arqueológico en la confluencia de la Avda. Buen Pastor con la calle Asteroides (fig. 1). Los trabajos desarrollados en el yacimiento una vez establecida

2 La fase datable en la Prehistoria Reciente se encuentra en fase de estudio a cargo del Dr. J. Ramos Muñoz y su equipo (Universidad de Cádiz). Asimismo, se ha realizado una toma de muestras y un análisis de la geología y la geomorfología del lugar *in situ* por parte del Dr. J. Gracia, de la Universidad de Cádiz, que será publicada detalladamente en el futuro.

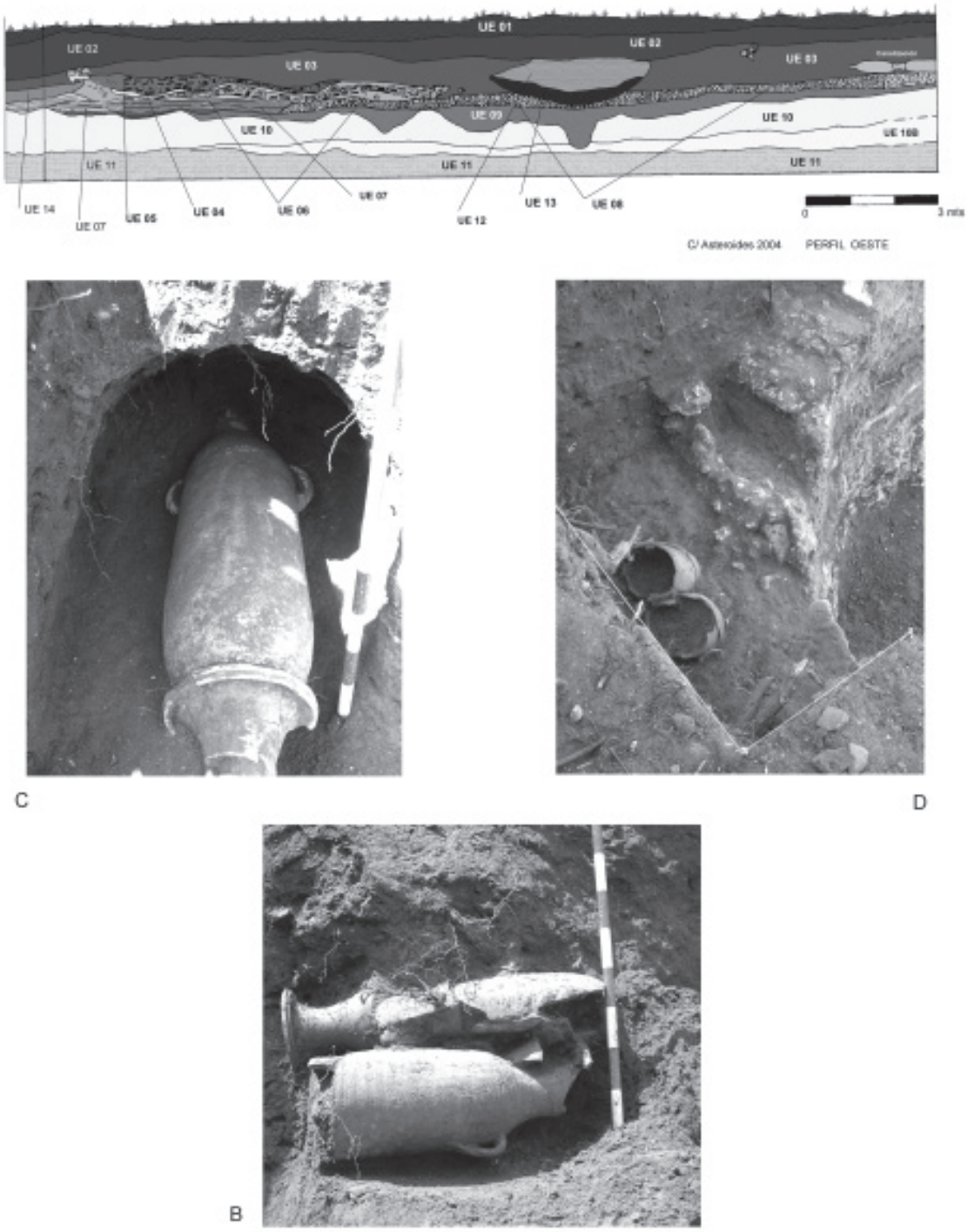


Fig. 1. Perfil estratigráfico obtenido en la excavación del taller alfarero de C/ Asteroides (A), con detalle de la escombrera tardopúnica (B), la canalización anfórica (C) y las estructuras murarias del cuadro 1 (D)

la necesidad de la realización de una actuación arqueológica por parte de la Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía consistieron en el perfilado, limpieza y excavación del corte situado en el lateral oeste de la parcela, donde se apreciaban seccionados los restos de diversas estructuras y varias escombreras cerámicas de época púnica y romano-republicana, así como niveles prehistóricos (II milenio a.C.) evidenciados por cerámicas a mano, malacofauna y restos líticos (Bernal *et alii*, 2007).

La intervención en extensión de todo el perfil (18x2 mts aprox.) permitió diferenciar varias estructuras todas ellas pertenecientes al alfar: por un lado, dejó entrever que hasta cuatro ánforas documentadas en el extremo norte (Cuadro 3) formaban parte de una alineación anfórica del tipo T-7.4.3.3 (Mañá C2b), que se encontraban dispuestas horizontalmente machihembradas formando una canalización (los extremos de los pivotes habían sido fragmentados *ex profeso* y las uniones se encontraban reforzadas por argamasa arcillosa). Por otro, esta actuación permitió la documentación en la zona central del perfil de dos sectores de vertederos de alfar diferenciados. El más reciente, de forma lenticular y menor extensión, contaba con materiales que lo databan entre las postrimerías del s. II y los inicios del I a.C., mientras el infrayacente se extendía por una amplia franja de reducida anchura con marcada horizontalidad situada entre el anterior y una estructura muraria localizada en la zona sur (Cuadro 1), con numerosos materiales datables entre los siglos V y III a.C. Los primeros sondeos se plantearon en los extremos norte (C-3) y sur (C-1) del perfil sobre las estructuras mencionadas (canalización y muros, respectivamente), junto a otro sondeo planteado con la intención de excavar en detalle la escombrera de cronología más reciente (C-2). Una vez finalizada la excavación de dichos sondeos se intervino el resto del perfil, documentándose en extensión tanto la escombrera púnica como la ocupación prehistórica infrayacente detectada a todo lo largo del corte. La excavación de los restos dejados tras el vaciado incontrolado del solar ha permitido recuperar una importante información sobre las actividades industriales prerromanas y republicanas en la zona, sospechadas con anterioridad (Fernández *et alii*, 2001), aportando las primeras evidencias de un área de producción alfarera que parece extenderse por una amplia extensión al norte y al oeste del solar excavado en 2004. Una nueva actuación arqueológica de urgencia realizada por el museo municipal en 2005 sobre el solar anexo -situado al este del intervenido en 2004- ha permitido descartar la extensión de la actividad alfarera hacia esta zona, pero ha aportado de nuevo precisos datos paleotopográficos y acerca de la dinámica de ocupación del área durante los últimos compases de la Prehistoria Reciente, confirmando el intenso aprovechamiento de los recursos marinos que debió realizarse por parte de estas comunidades en una amplia franja costera ribereña del actual caño de Sancti Petri.

2.3. El taller alfarero de época romano-republicana (ss. II-I a.C.)

La escombrera documentada en la zona central del perfil del solar (C-2), fechable de forma preliminar en la transición de los siglos II y I a.C. y la variedad y riqueza del material exhumado confirman la continuidad de las actividades artesanales alfareras hasta estos momentos avanzados en el mismo solar tras una larga actividad prerromana, de nuevo en directa vinculación con las necesidades de la industria salazonera local, pero ya con una clara influencia itálica a nivel material perceptible en la presencia de importaciones itálicas o en la introducción de novedades constructivas como el *opus signinum* o el ladrillo. Se trata de un depósito de morfología lenticular excavado en el suelo que alteró los depósitos alfareros infrayacentes, diferenciándose dos niveles: una capa situada en el fondo de la estructura (U.E. 13), muy ennegrecida producto de la deposición de gran cantidad de cenizas y carbones fruto de la limpieza de los hornos cercanos, y otra capa superior de textura arcillosa rojiza (quizá debido a la descomposición de los adobes de horno, U.E. 12) en la que se encontraba el grueso del material fragmentado o vitrificado que había sido desechado. Ambos niveles, aunque de matriz sedimentaria distinta, no parecen diferenciar dos fases de colmatación, sino más bien un distinto origen dentro de las cotidianas actividades de limpieza de las estructuras de cocción que deben encontrarse situadas en las proximidades.

Los materiales cerámicos recuperados fueron realmente abundantes y significativos, destacando cuantitativamente la presencia de tipos anfóricos locales[3] (T-7.4.3.3, T-12.1.1.2 y T-9.1.1.1)

3 En el nivel U.E. 12 fueron localizados *in situ* dos ejemplares de T-7.4.3.3 casi completos que habían sido desechados, aparentemente tras el consumo de los productos contenidos (ante la falta de signos de deformación o vitrificación que avalen su producción en el propio taller).

junto a envases de importación diversos: itálicas Dr. 1A y 1C, ebusitanas T-8.1.3.2/3, turdetanas T-4.2.2.5, rodias, tripolitanas antiguas, etc… En cuanto a las categorías no anfóricas, es necesario reseñar el hallazgo de algunas lucernas itálicas casi completas de tipo republicano, barniz negro itálico Camp. B/B-oide (L-6, L-5, etc…), cerámicas comunes y de cocina locales e itálicas, abundantes desechos de cocción, varios fragmentos de *opus signinum* y gran cantidad de adobes de horno, tanto correspondientes a las paredes (cuadrangulares de gran tamaño) como al revestimiento de las mismas o a la parrilla (plano-convexos de tipo radial). Asimismo, se documentaron fragmentos de roca ostionera trabajada de tamaño mediano-pequeño (algunos con huellas de exposición al fuego) y cantos de arenisca y de cuarcita de pequeño tamaño que quizá fueron utilizados para la obtención de desgrasantes o como útiles de alfarero (¿alisadores?). Además, en el transcurso de la excavación se documentaron aglomeraciones de carbones de tamaño variable (algunos de gran tamaño), de los cuales se tomaron muestras para su posterior análisis. Asimismo, como suele ser habitual en los vertederos de este tipo, destaca el hallazgo de varios defectos de cocción de grandes proporciones (más de un metro de longitud), uno de ellos resultado de la sucesiva acumulación de las gotas cerámicas semivitrificadas en la base de un horno (lo que refuerza la hipótesis acerca de que la procedencia de buena parte de los materiales debamos buscarla en los procesos de limpieza y/o reparación de hornos cerámicos cercanos), y otro formado como consecuencia del fundido y vitrificación de al menos dos ejemplares de T-7.4.3.3. Especialmente el nivel superior (U.E. 12), de matriz arcillosa, pero también el estrato negruzco ceniciento que era la base del testar (U.E. 13) liberaron gran cantidad de materiales de estas categorías que muestran con cierta amplitud los horizontes materiales de la época en *Gadir*.

Este nivel de ceniza inferior (U.E. 13) fue depositado en el fondo de la fosa, que había sido excavada en su parte inferior perforando el nivel de arenas-gravilla perteneciente a la ocupación prehistórica (U.E. 08), dominando cuantitativamente las ánforas locales T-7.4.3.3 junto a algunas importaciones itálicas. Debemos destacar que, insertos en el testar en contacto con este nivel U.E. 13, se documentaron un adobe cuadrangular de gran tamaño y una destacable concentración de mampuestos irregulares de roca ostionera, elementos aparentemente pertenecientes a la estructura desmontada de un horno. El material cerámico recuperado, en espera de un estudio más detallado, parece indicar con claridad la vinculación de este vertedero con la industria alfarera local, situando la actividad del taller evidenciado por este vertedero del C-2 en un momento cercano a fines del siglo II o los primeros años del I a.C., en cualquier caso en una etapa pre-sertoriana de la ciudad.

Sin embargo, la actividad (dentro del ámbito del mismo alfar o de nuevas instalaciones que lo sustituyeran o renovasen) debió continuar durante algunas décadas más en el entorno de C/ Asteroides. En este contexto de continuidad de las actividades parece que debemos incluir la canalización del C-3 realizada a base de ánforas T-7.4.3.3 documentada en la zona norte del perfil. Ésta, contando con las ánforas que pudimos recuperar procedentes de los destrozos producidos por el vaciado incontrolado del solar, más las documentadas *in situ* durante la intervención, estaba compuesta en la zona afectada por al menos un total de cuatro ánforas del tipo T-7.4.3.3, continuando las estructura con seguridad en dirección norte bajo la finca contigua. Las ánforas se localizaron machihembradas, unidas entre sí con una compacta argamasa de arcilla para impermeabilizar las uniones, y con los pivotes recortados o perforados de manera intencional para permitir el paso del líquido. Además se situaban sobre una capa formada por una especie de fango endurecido de coloración grisácea dispuesta sobre las arenas del nivel prehistórico (U.E. 08), que debió constituir una capa de nivelación de la canalización que asimismo facilitaba la estabilidad de las uniones. Del mismo modo, se observaron aplicaciones de este mismo fango en todas las uniones entre las ánforas para impedir las filtraciones de agua en el conducto subterráneo. La tipología de los envases utilizados parece diferir de la observada en los localizados en el testar (UU.EE. 12-13), con cuerpos y pivotes más alargados y labios colgantes y más desarrollados. La

datación de esta instalación hidráulica, probablemente relacionada con la evacuación de aguas o con el abastecimiento del centro industrial, parece a tenor de los elementos cerámicos asociados y de la posición estratigráfica algo posterior al testar, quizá ya en la segunda mitad del s. I a.C. De una cronología similar parece que datan las estructuras documentadas en el C-1, en el que se localizaron los restos de un muro junto al cual se disponían en paralelo al menos cuatro ánforas de tipo ovoide hincadas en vertical en el terreno, quizá con una función de almacenaje relacionada con las labores alfareras. Estas ánforas, cercanas a la tipología de la familia de las Dr. 7/11 dominadora de los contextos productivos locales desde la etapa cesariana-augustea inicial, fueron documentadas asociadas aún a otros ejemplares fragmentarios de T-7.4.3.3, lo que parece confirmar la perduración de estos envases de tradición púnica en el ámbito gadirita hasta los últimos compases de la etapa republicana.

La escombrera, debió formar parte de un complejo alfarero de cierta envergadura que caracteriza con depósitos cerrados y un amplio catálogo de materiales locales e importados la última fase del sistema de explotación tradicional desarrollado en la bahía gaditana, antes de la proliferación de la actividad privada siguiendo el modelo de *villae* de clara influencia latina (Lagóstena 2001; Montero *et alii*, 2004; Sáez, 2008). Al igual que en el caso de los testares de época púnica, el análisis final de los niveles del vertedero y de los diversos contextos cerámicos va a convertirse en un punto de apoyo crono-tipológico de gran importancia para definir cuestiones materiales referentes a esta época y ahondar a partir de ello en temas de gran calado como el proceso de romanización de la economía de *Gades*.

3. El ocaso de las ánforas gadiritas de tipología semita

La producción anfórica tardopúnica de *Gadir* sufrió un proceso de diversificación tipológica desde fines del s. V a.C., especialmente acusado desde las postrimerías del s. III a.C., el cual fue progresivamente ampliando el número de familias morfológicas fabricadas por los talleres locales y comercializadas conteniendo sus productos. La recuperación de la maquinaria industrial gadirita tras la etapa de crisis de buena parte del s. IV y la reintegración en los circuitos comerciales internacionales parece que fueron un estímulo decisivo en este sentido, al tener que competir las producciones gadiritas de nuevo con productos que hasta entonces raramente llegaban al extremo-occidente y adecuarse otra vez a nuevos mercados, un fenómeno que en el ámbito de la producción alfarera puede hacerse extensible también a otras producciones como la cerámica de barniz rojo. Tomando como pilar básico de partida las familias anfóricas de tipología tradicional que ya se encontraban en producción, los alfares de la ciudad hubieron de desarrollar nuevos tipos adaptados a las necesidades mercantiles generadas por esta nueva encrucijada histórica, en ocasiones innovando respecto de sus propios diseños y en otras realizando la imitación de diversas formas foráneas de éxito. Por ello, al menos desde la segunda mitad del s. III a.C. podemos hablar de una coexistencia de tres grandes grupos anfóricos en los talleres locales: por un lado, las series tradicionales o derivadas de dicha tradición (T-12.1.1.0, T-8.2.1.1 y T-9.1.1.1); por otro, las imitaciones de tipos grecoitálicos (en constante adaptación a la evolución de los prototipos foráneos); finalmente el trío se completaría, a partir del último tercio del s. II a.C., con la fabricación de interpretaciones de envases del área cartaginesa (T-7.4.3.2/3), que cobrarán de inmediato un enorme protagonismo en el panorama comercial gadirita. Las relaciones cuantitativas y evolución morfológica desarrolladas durante los siglos II-I a.C. por estos tipos entre sí y dentro de cada una de las series marcó el ritmo comercial de la ciudad, pero también permite a nivel arqueológico rastrear cambios más profundos en el sistema socio-económico gadirita en relación a complejos procesos como sus relaciones con Cartago en el periodo de entreguerras o el progreso de la romanización en este destacado puerto atlántico.

3.1. Consideraciones acerca de la tipología y cronología de los envases gadiritas

3.1.1. Las familias de tipo tradicional

Las series morfológicas de este grupo (fig. 2) constituyeron, hasta las reformas acometidas en el panorama alfarero local en momentos avanzados del s. II a.C., el grueso de la producción anfórica local, alcanzando desde la aparición de las T-9.1.1.1 en el s. III a.C. porcentajes equilibrados entre las tres formas dominantes durante gran parte de la centuria siguiente. Sin embargo, esta aparente unidad cultural y cronológica de las producciones más apegadas a las raíces semitas de la ciudad encierra matices más profundos y concretos, pues cada una de dichas series anfóricas sufrió hasta su desaparición un continuo proceso de evolución interna, en ocasiones fruto de su propia longevidad "vital" como tipo independiente, de la adaptación a nuevas necesidades o capacidades, de la influencia de otros envases exógenos o de la propia dinámica de relevo generacional de los artesanos. Entre estas familias tradicionales podemos asimismo distinguir dos bloques principales: por un lado, las T-12.1.1.0, derivadas de los envases fenicio-occidentales arcaicos y más directamente de las T-11.2.1.0, vehículo de transporte habitual de las salazones gaditanas en centurias anteriores y que en desde el último tercio del s. III a.C. derivó cada vez a perfiles más acilindrados y menos cuidados (T-12.1.1.2). Por otro, las bicónicas T-8.2.1.1 (innovación introducida probablemente hacia los inicios del s. IV a.C. con claros matices centromediterráneos) y las T-9.1.1.1, rama tardíamente desgajada de la anterior y que hasta mediados del s. II parece que no estabilizó una morfología propia estandarizada a la mayor parte de alfarerías. De cualquier forma, su producción pareja en los mismos talleres y en ocasiones por las mismas manos hizo que todos estos tipos compartiesen pequeños rasgos técnicos y morfológicos que evidencian una matriz común indiscutible. En general estas tres series compartieron desde el fin del segundo conflicto romano-cartaginés un destino común, ligado indisolublemente al sistema productivo tradicional, variando durante el s. II a.C. la importancia de unas sobre otras (con el claro declive de las T-8.2.1.1) pero sucumbiendo todas ellas durante los primeros compases del s. I a.C. a las nuevas tendencias socio-económicas lideradas por los envases T-7.4.3.2/3.

3.1.2. Las innovaciones en el repertorio local: la influencia cartaginesa

Como es ya bien conocido, la irrupción de estas tipologías entre la producción anfórica occidental supuso un punto de inflexión no sólo en el panorama de los envases destinados a la exportación salazonera, según parece no sólo en *Gadir* sino también en numerosos centros del área atlántica y mediterránea del Estrecho. Además de los envases de corte tradicional y como resultado de la combinación de una serie de factores en la *Gadir* republicana relacionados probablemente con la migración de contingentes poblacionales cartagineses tras el 146 a.C. (y la consiguiente desaparición de un destacado competidor) y con cambios en el sistema comercial así como con el progreso del proceso romanizador (Sáez, 2008), en los alfares gaditanos se comienzan a modelar en la segunda mitad del s. II a.C. los tipos T-7.4.3.2 y T-7.4.3.3. La cronología precisa del inicio de esta producción es aún controvertida. Algunos autores han planteado un inicio temprano de la manufactura de esta forma en algunos talleres gaditanos, especialmente en el de Torre Alta, ya durante la primera mitad de la centuria (García, 1998; Muñoz y De Frutos, 2004). Sin embargo, las evidencias aportadas por las más recientes investigaciones en dicho alfar y en la generalidad de los talleres parecen contradecir estos supuestos, o al menos plantea la enorme puntualidad y escaso protagonismo de dicho temprano fenómeno imitador (Sáez, 2004 y 2008). En cualquier caso, sí parece posible retrasar un poco la propuesta inicial de J. Ramon de situar el inicio de la producción hacia 110/100 a.C. (Ramon, 1995), situando el inicio de la manufactura a gran escala de estos envases en la década 140/130 a.C. según sugieren el estudio actualizado del registro de los alfares tardopúnicos gaditanos conocidos (Montero *et alii*, 2004; Ramon, 2004; Sáez, 2008) y la propia dinámica histórica de la urbe extremo-occidental.

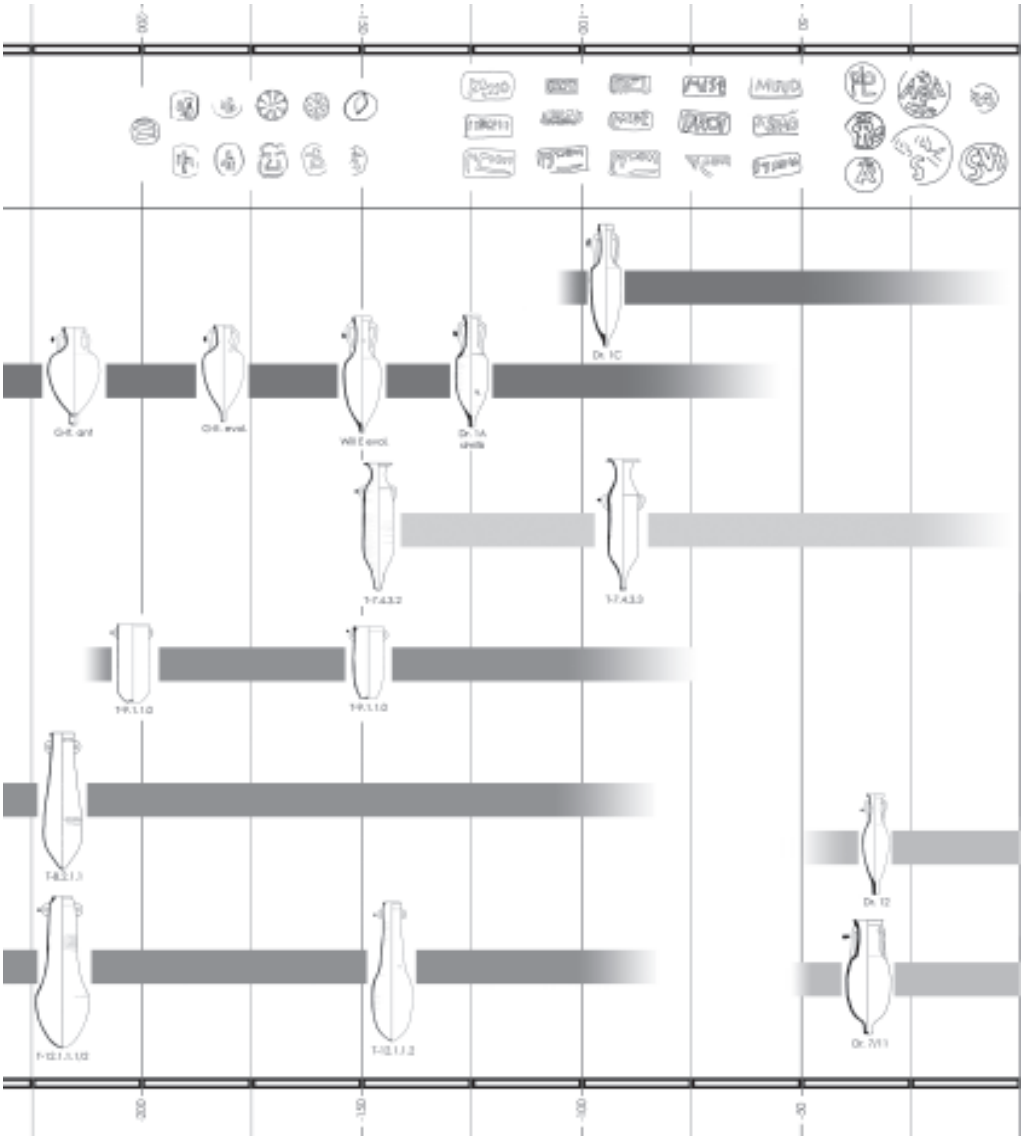


Fig. 2. Familias anfóricas gadiritas (según Sáez, 2008)

En estos primeros compases la tipología de las interpretaciones extremo-occidentales, basadas fundamentalmente en el esquema de los alfares metropolitanos de Cartago de las T-7-.4.2.1/7.4.3.1, estarían muy apegadas a los prototipos foráneos, respetando en gran medida las proporciones volumétricas (cuerpos acilindrados, diámetros de boca estrechos, cuellos cortos y gruesos, pivotes indiferenciados no muy prolongados, etc…). Se gestaría entonces el modelo T-7.4.3.2, que presenta evidentes afinidades con los últimos envases cartagineses, si bien en escaso tiempo la gran diversidad de artesanos y talleres fabricantes (no sólo en *Gadir*, sino en buena parte del Estrecho) sin duda ayudó a "occidentalizar" la forma, generando las primeras variantes del T-7.4.3.3. Ambos modelos parecen coexistir hasta un momento entorno a 100/90 a.C., al menos, en aparente paralelismo con el proceso de desaparición de los modelos anfóricos locales de tradición semita, lo que quizá esté evidenciando una sustitución generalizada de antiguos usos en estos momentos. A partir de estos inicios de la I centuria a.C. y hasta el abandono de su torneado casi un siglo más tarde, el modelo dominante será el T-7.4.3.3 (fig. 3), si bien podemos advertir no sólo en *Gadir* sino en toda el área del Estrecho una cierta diversidad de variantes sobre el esque-

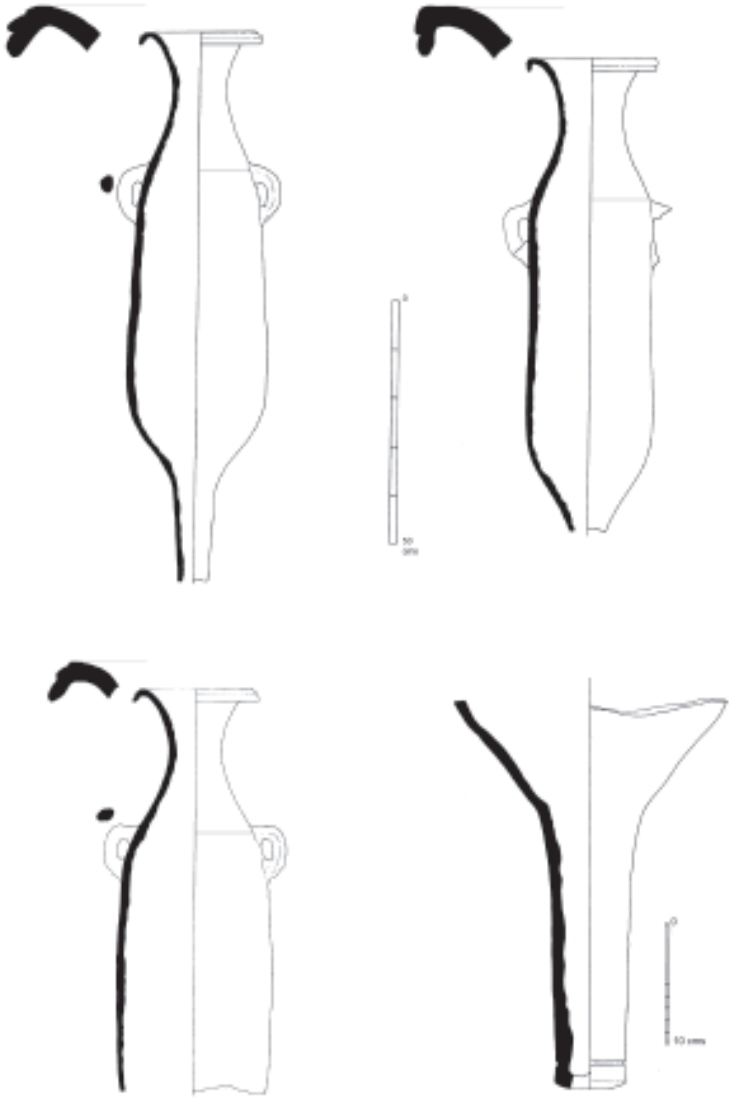


Fig. 3. Ejemplares del tipo T-7.4.3.3 recuperados en la canalización del alfar gaditano de C/ Asteroides

ma básico, sin duda debida a la proliferación de zonas productoras en este lapso. De cualquier forma, parece que la exportación de este contenedor multiusos (al menos en la parte final de su trayectoria productiva) se incrementó a partir de las postrimerías del s. II a.C., manteniendo altas cotas de producción y difusión durante al menos los dos primeros tercios de la siguiente centuria (Lagóstena, 1996).

3.1.3. La continuidad de la *interpretatio* gadirita de envases itálicos

La producción de envases de imitación itálica (fig. 4) no fue, tal como se planteó en los albores de la investigación de la cuestión, un hecho puntual en el tiempo ni en talleres concretos, sino que se puede enmarcar a la luz de los nuevos datos disponibles en una larga tradición manufacturera local iniciada al menos hacia fines del s. VI a.C. con la imitación de perfiles griegos jonio-massaliotas y corintios como complemento a las tipologías locales (Bernal *et alii*, 2003 b; Sáez y Díaz, 2007), dinámica por lo demás extensible a otras categorías como el barniz rojo. Hasta fechas recientes, el deficiente conocimiento de la *facies* alfarera local de los siglos IV-III a.C. había

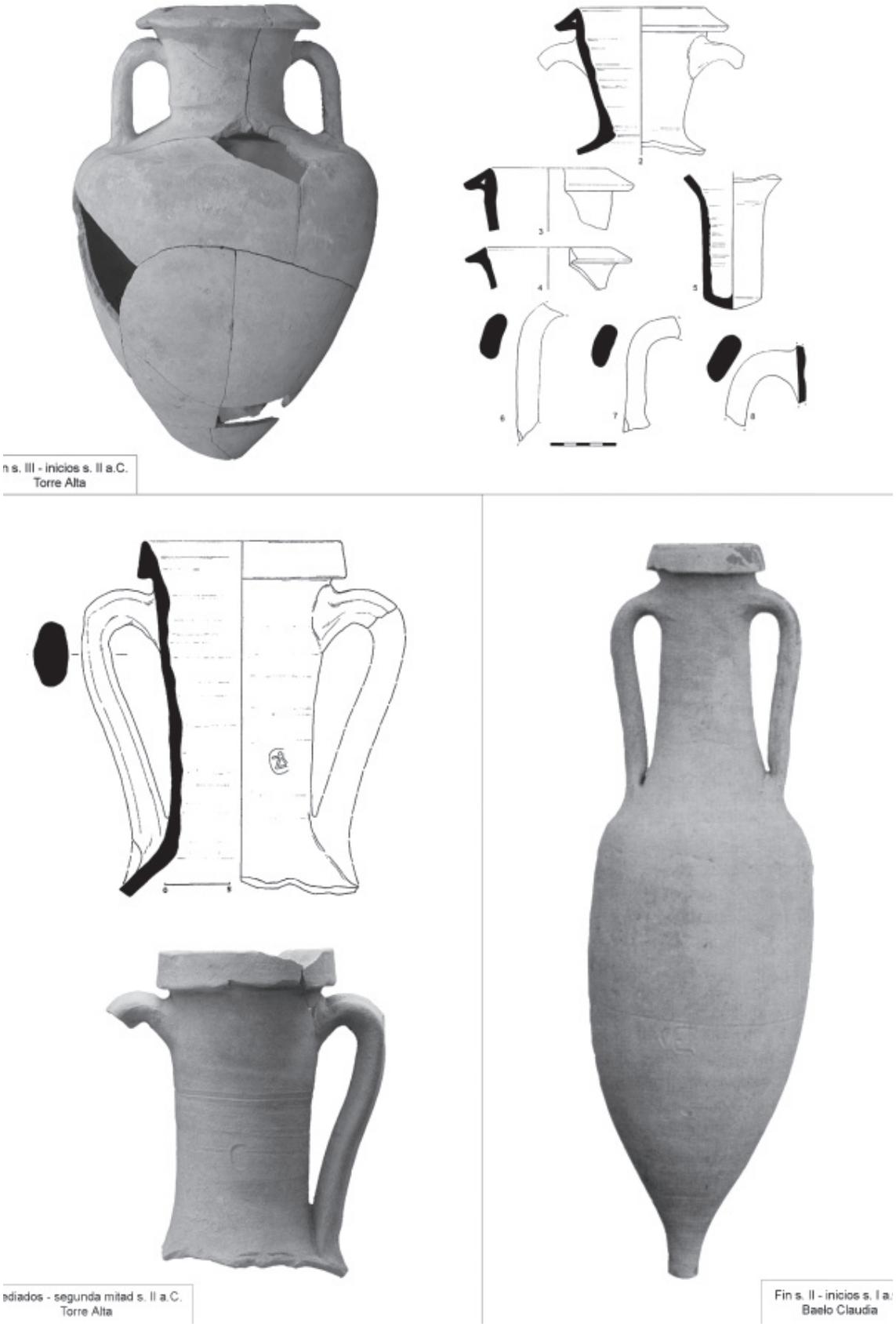


Fig. 4. Cuadro sinóptico de las imitaciones de envases grecoitálicos en Gadir entre los ss. III-I a.C. (imágenes extraídas de Sáez, 2004 y 2008 y Bernal *et alii*, 2003a)

determinado, por extensión, una prácticamente nula información acerca de la producción de imitaciones previas al dominio romano en el sur peninsular. Las investigaciones desarrolladas en las últimas décadas, en especial en el alfar de Torre Alta, están permitiendo definir para la etapa tardopúnica el proceso de transición entre la imitación de modelos griegos y romano-republicanos, aportando los primeros perfiles y contextos válidos para su análisis.

La información disponible, especialmente abundante en los alfares de Torre Alta y Pery Junquera, señala cómo durante el s. III se imitaron en varios formatos perfiles asimilables a la forma Will A, fenómeno que continuó con una suave evolución formal durante el primer cuarto o tercio del s. II a.C. A partir de entonces, adaptándose a la cada vez más estilizada tipología de las producciones grecoitálicas, las imitaciones gaditas experimentan una evolución hacia perfiles más cercanos a Will C-E, adquiriendo ya hacia los años 150-140 la morfología de las denominadas «grecoitálicas tardías» bien caracterizadas en contextos como los Campamentos Numantinos (Principal, 2000). La fase productiva de la segunda mitad del s. II y los inicios del I a.C. es actualmente una de las mejor conocidas, en base a contextos como la fase republicana de los saladeros de *Baelo Claudia* (Arévalo, Bernal y Álvarez, 2002)[4] o las escombreras y estructuras de algunos alfares gaditas (Montero *et alii*, 2004), especialmente las del localizado en C/ Asteroides (Bernal *et alii*, 2007). La producción de perfiles tendentes a la morfología de las Dr. 1A continuaría durante al menos el primer tercio del s. I a.C., al menos en los alfares tradicionales que languidecieron en estos momentos finales del sistema económico tradicional de la ciudad. Pronto, los cambios observados en otros tipos anfóricos habrían de sobrevenir a las imitaciones de ánforas itálicas, tanto para los alfares asentados en las áreas continentales de la bahía de Cádiz (cada vez más numerosos) como para los situados en las propias islas, alcanzado ciertas cotas de producción destacadas las imitaciones de perfiles de Dr. 1C antiguas, que con perfiles evolucionados serían fabricadas al menos hasta momentos cercanos al cambio de Era.

Bibliografía

Arévalo, A.; Bernal, D. y Álvarez, A. (2002) - La factoría de salazones de Baelo Claudia (Tarifa, Cádiz). Intervenciones arqueológicas. *Revista de Arqueología*. 251. Madrid: Zugarto Ed. pp. 22-31.

Bernal, D.; Arévalo, A.; Lorenzo, L. y Aguilera, L. (2003a) - Imitations of italic amphorae for fish sauce in Baetica. New evidence from the salt-fish factory of Baelo Claudia (Hispania). In *Rei Cretariae Romanae Favtorvm Acta*. 38. Abingdon. pp. 305-313.

Bernal, D.; Díaz, J. J.; Expósito, J. A.; Sáez, A. M; Lorenzo, L. y Sáez, A. (2003 b) - *Arqueología y urbanismo. Un avance de los hallazgos de época púnica y romana en las obras de la Carretera de Camposoto (San Fernando, Cádiz)*. Jerez de la Frontera: Cajasur.

Bernal, D.; Lorenzo, L.; Expósito, J. A.; Sáez, A. M. y Díaz, J. J. (2004) - Las innovaciones tecnológicas en la alfarería gadirita (s. II a.C.). A propósito del taller anfórico de la Avda. de Portugal. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. BAR International Series. 1266. vol. II. Oxford. pp. 621-632.

Bernal, D.; Montero, A. I.; Sáez, A. M.; Lagóstena, J. y LORENZO, L. (2007) - Novedades sobre la producción anfórica púnico-gaditana (ss. V-I a.C.). Avance del taller alfarero de la C/ Asteroides (San Fernando, Cádiz). In *IV Congreso Peninsular de Arqueología (Faro, septiembre de 2004)*.

4 En los sondeos realizados se ha podido documentar en un estrato fechado a finales del s. II a.C. un conjunto de ánforas entre las cuales se localizaron dos envases completos correspondientes a grecoitálicas tardías, en las que el análisis macroscópico de las pastas parece situar algún taller de la bahía gaditana como centro productor (Bernal *et alii*, 2003a). Estos envases, documentados en asociación a grecoitálicas tardías y Dr. 1A itálicas, parecen remarcar el carácter arcaizante a nivel morfológico de este tipo anfórico en los talleres alfareros gaditas de la época.

Bustamante, M. y Martín-Arroyo, D. (2004) - La producción de ánforas grecoitálicas de imitación y su evolución en la bahía gaditana durante el s. II a.C.: los contextos de la Avda. Pery Junquera en San Fernando (Cádiz). In *Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.) (Cádiz, noviembre 2003)*. BAR International Series. 1266. II. Oxford. pp. 441-446.

Carretero, P. A. (2004) - Producciones cerámicas de ánforas tipo Campamentos Numantinos y su origen en San Fernando (Cádiz): los hornos de Pery Junquera. In *Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.) (Cádiz, noviembre 2003)*. BAR International Series. 1266. II. Oxford. pp. 427-440.

Fernández, J. A.; Díaz, J. J.; Sáez, A. M.; Toboso, E. y Montero, R. (2001) - La evolución de las industrias alfareras de San Fernando (Cádiz) durante la Antigüedad. *Nivel Cero*. 9. Santander. p. 123-138.

García Vargas, E. (1998) - *La producción anfórica en la Bahía de Cádiz en época romana (s. II a.C. – IV d.C.)*. Écija. Ed. Gráficas Sol.

González, B.; Torres, J.; Lagóstena, L. y Prieto, O. (2001) - Los inicios de la producción anfórica en la bahía gaditana en época republicana: la intervención de urgencia en Avda. Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). In *Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae*. I. Sevilla-Écija. pp. 175-186.

Lagóstena, L. (1996) - Explotación del salazón en la Bahía de Cádiz en la Antigüedad: Aportación al conocimiento de su evolución a través de la producción de las ánforas Mañá C. *Florentia Iliberritana*. 7. Granada. pp. 141-169.

Lagóstena, L. (2001) - *La producción de conservas y salsas saladas de pescado en la Hispania romana (ss. II a.C. – VI d.C.)*. Col.lecció Instrumenta. 11. Barcelona: Universidad de Barcelona.

Montero, A. I.; MONTERO, R.; SÁEZ, A. M. y DÍAZ, J. J. (2004) - Innovaciones, transformaciones y pervivencias. Evolución de la alfarería gadirita durante los ss. III-II a.n.e.. In *Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.) (Cádiz, noviembre 2003)*. BAR International Series. 1266. II. Oxford. pp. 413-426.

Muñoz Vicente, A. (1987) - Las ánforas prerromanas de Cádiz (Informe Preliminar). *Anuario Arqueológico de Andalucía/1985*. II. Sevilla. pp. 472-478.

Muñoz Vicente, A. y De Frutos, G. (2004) - El comercio de las salazones en época fenicio-púnica en la Bahía de Cádiz. Estado actual de las investigaciones: los registros arqueológicos. In *XVI Encuentros de Historia y Arqueología «Las industrias alfareras y conserveras fenicio-púnicas de la Bahía de Cádiz» (San Fernando, Diciembre de 2000)*. Córdoba: Fundación Municipal de Cultura. pp. 131-167.

Niveau, A. M. (2004) - La producción de barniz púnico-gaditano en el s. II a.C. Nuevos datos aportados por el conjunto alfarero de Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). In *Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.) (Cádiz, noviembre 2003)*. BAR International Series. 1266. II. Oxford. pp. 677-690.

Principal, J. (2000) - Vajilla de barniz negro de los campamentos del cerco numantino (Garray, Soria). In Aquilué, X.; García, J. y Guitart, J. (Coords.) *La cerámica de vernís negre dels segles II i I aC. Centres productors mediterranis i comercialització a la Península Ibérica. Taula Rodona (Ampurias, 4-5 junio de 1998)*. Mataró. pp. 269-279.

Ramon, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Central y Occidental.* Col.lección Instrumenta. 2. Barcelona: Universitat de Barcelona.

Ramon, J. (2004) - La producción anfórica gaditana en época fenicio-púnica. In *XVI Encuentros de Historia y Arqueología «Las industrias alfareras y conserveras fenicio-púnicas de la Bahía de Cádiz» (San Fernando, Diciembre de 2000)*. Córdoba: Fundación Municipal de Cultura. pp. 63-100.

Sáez Romero, A. M. (2004) - El alfar tardopúnico de Torre Alta. Resultados de las excavaciones de 2002-03. In *Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.) (Cádiz, noviembre 2003)*. BAR International Series. 1266. II. Oxford. pp. 699-712.

Sáez Romero, A. M. (2006) - Uso y producción de askoi en Gadir. Una posible evidencia del culto a Tanit. *Congreso Internacional L'Africa Romana XVI (Rabat, diciembre de 2004)*.

Sáez Romero, A. M. (2008) - *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos -III/-I)*. Bar International Series. 1812. Oxford.

Sáez Romero, A. M. y DÍAZ, J. J. (2007) - La producción de ánforas de tipo griego y grecoitálico en Gadir y el área del Estrecho. Cuestiones tipológicas y de contenido. *Zephyrus*. Salamanca.

ARQUITECTURA E URBANISMO

VIVER NO CAMPO: O SÍTIO DA HERDADE DA SAPATOA 3 E O POVOAMENTO RURAL CENTRO ALENTEJANO EM MEADOS DO Iº MILÉNIO A.C.

Rui Mataloto [1]
Carla Matias †

[1] *Câmara Municipal do Redondo*

Resumo

Com este trabalho pretende-se efectuar um ponto da situação da investigação na Herdade da Sapatoa, enquadrando-a nas grandes tendências da dinâmica histórica da realidade centro alentejana ao longo do Iº milénio a.C.

Abstract

This work intends to present the state of research at the archaeological site of Herdade da Sapatoa which fits into one of the great trends that transpired in a historically dynamic region of the Central Alentejo during the first millennium B.C.E.

A Carla Matias

In Memoriam
... mais que uma promessa, uma certeza

0. No fio do horizonte ...

Quando na primeira campanha, num chuvoso fim de semana de Novembro, me surgiu, num grupo inseparável de alunas da Faculdade de Letras de Lisboa, a Carla Matias, franzina, sóbria e tímida, não perspectivei desde logo que teria ali um braço de trabalho de um vigor a toda a prova. No Verão seguinte, a perseverança e impetuosidade com que aquela jovem de porte frágil trabalhava com a picareta, apenas era suplantada pela argúcia das leituras estratigráficas, o rigor e rapidez do desenho, a acutilância do humor e o simbolismo das refeições. Mas aqui ficou bem claro em mim a capacidade e a qualidade do trabalho desta jovem aluna, para quem seria fácil perspectivar um porvir de grande reconhecimento. Quando se começou a perspectivar a eventualidade de uma nova campanha em 2004, Carla Matias foi desde logo uma possibilidade de grande certeza para acompanhar e coordenar os trabalhos; circunstâncias diversas assim acabaram por ditar que fosse, dando-se início, em Julho desse ano, à terceira campanha de escavação, que magnificamente levou a efeito. Ficará para sempre a sua firmeza e determinação, tal como a sua diplomacia e bonomia; da Sapatoa 3 será sempre **Carla Matias** inseparável, como se estivesse, tal como no último dia de trabalho do Verão de 2004, no fio do horizonte, desenhando alçados a uma velocidade estonteante, sob o sol abrasador do Alentejo profundo ...

Fig. 1. Equipa de escavação na Campanha 3/2004

1. Viver no campo: a ocupação rural na Idade do Ferro do Sul peninsular

A vivência do espaço rural, entendido aqui como o resultado da presença e acção do Homem sobre o meio, constitui, ao menos desde os tempos neolíticos e até à consagração da época industrial, o elemento estruturante da sociedade humana de características iminentemente agrícolas e pecuárias. Todavia, a instalação humana em meio rural permanece, ainda hoje, como um dos modelos de ocupação menos conhecido na Península Ibérica durante o I° milénio a.C.. A tradição de investigação da Idade do Ferro peninsular centrou-se, desde cedo, nos grandes aglomerados populacionais, em detrimento de sítios de menor entidade visível, acabando por estruturar uma visão do campo exclusivamente na dependência e periferia daqueles.

O sudoeste peninsular, e em particular o Baixo Alentejo, constituiu uma área pioneira no estudo destas realidades, na sequência da análise dos testemunhos epigráficos, continuando a representar ainda hoje, e apesar da escassez de estudos sistemáticos, uma das áreas onde o povoamento rural foi mais extensamente escavado. As intervenções levadas a efeito no âmbito do Plano de Minimização de Impactes do empreendimento de Alqueva, vieram alargar ainda mais o fosso já existente, ampliando o número de sítios intervencionados para mais de duas dezenas neste quadrante peninsular (Mataloto, 2004; Calado, Mataloto e Rocha, n.p.).

Neste quadrante da península seria, contudo, o estudo da área extremenha a conferir um largo destaque às realidades em espaço rural, principalmente de meados do I° milénio a.C.. Se a intervenção de Cancho Roano trouxe para a ribalta a existência de edifícios de índole aristocrática em meio rural, não deixou de introduzir alguma resistência à análise do campo, ao assegurar-se desde cedo o seu carácter único. Apenas na segunda metade da década de 90, com identificação de diversas realidades arqueológicas similares a Cancho Roano, os chamados Túmulos "post-orientelizantes", se começou a entender o Campo extremenho como um entramado complexo de instalações diferenciadas, organizadas em torno de estruturas de índole aristocrática ou de prestígio (Jiménez Ávila, 1997; Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 1998). Assim, desde então, tem sido cada vez mais assumida a relevância e complexidade do Mundo rural face à ocupação concentrada, tanto no espaço extremenho (Rodriguez Díaz e Enríquez Navascués, 2001, p. 233; Rodríguez Díaz, 2004; Jiménez Ávila, 1997, p. 154), como também no interior sul de Portugal (Mataloto, 2004; Arruda, 2001, p. 288; Fabião, 1998, vol.I, p. 392; Correia, 1997, p. 75). A reavaliação dos pequenos núcleos rurais de Castro Verde e Ourique, em particular de Neves I, Corvo I e Fernão Vaz (Arruda, 2001, p. 281; Jiménez Ávila, 2001, p. 221; Fabião, 1998, vol I, p. 274; Correia, 1996, p. 83), deixou patente o destaque que alguns destes poderão ter desempenhado em termos sociais, simbólicos ou mesmo económicos.

A investigação proto-histórica do Sul e Levante peninsular parece ainda dominada pela vertente concentrada do povoamento, onde o processo urbano ganhou um relevo e uma evolução sem paralelo a nível peninsular, o que não obsta à presença de uma ocupação rural, por vezes de particular intensidade (Molinos Molinos, Ruiz Rodríguez, Serrano Peña, 1995, p. 239). Todavia, a dita área "ibérica" apresenta uma enorme diversidade de modelos de interacção do povoamento, onde os pequenos sítios rurais parecem vir a assumir um relevo cada vez maior. Aqui, os estudos territoriais têm vindo a delinear um espaço rural particularmente complexo e hierarquizado para a segunda metade do milénio, com uma diversidade de modelos de agregação humana em contexto rural, que vão desde as pequenas quintas, por vezes fortificadas, a aldeamentos com algum grau de complexidade arquitectónica e social (Bonet Rosado e Mata Parreño, 2001).

Na Andaluzia, e principalmente no que diz respeito ao espaço e tempo "tartéssico", o cerne da abordagem à ocupação rural permanece focado na "questão colonial" e na relevância do impacto fenício na exploração do campo; por outro lado, o forte desenvolvimento urbano conhecido pelas sociedades sidéricas desta região condicionou e focalizou desde sempre o percurso da

investigação. Todavia, começam a esboçar-se os primeiros estudos territoriais onde esta vertente de investigação ganha um verdadeiro destaque, deslocando o eixo do discurso do povoado central "proto-urbano" para o território e seu modo de exploração (Ferrer Albelda e Bandera Romero, 2005).

Há mais de duas décadas que se começou a esboçar a relevância do meio rural na envolvente imediata do Mundo colonial fenício do Sul peninsular, retomando teorias bastante anteriores (Alvar e Wagner, 1988). O percurso conturbado da investigação colonial, com fortes oscilações sobre a origem do processo colonial, a par da escassa investigação directamente relacionada para averiguação desta realidade, acabou por determinar uma aceitação bastante lenta desta realidade, que começa a ganhar efectivamente outros contornos, continuando a ser defendida como um vector estratégico da própria instalação fenícia (Wagner, 2005). Assim, em todo o espaço andaluz a ocupação rural parece ser a regra, apresentando, no entanto, ritmos e características bastante diversas (Mataloto, 2004, p. 149), oscilando entre a complexidade de grandes conjuntos arquitectónicos multifuncionais instalados no interior, caso de Calañas de Marmolejo (Molinos, et al. 1994) e a simplicidade dos designados "fundos de cabana" da área colonial de Cádiz (Ruiz Mata e González Rodriguez, 1994).

Assim, o Mundo rural assume-se, de modo indiscutível, como uma vertente essencial da ocupação do território em toda a área mediterrânea da península.

2. A intervenção na Herdade da Sapatoa 3

Os trabalhos na Herdade da Sapatoa tiveram o seu início em 1999, com a intervenção de emergência no sítio 1 da Herdade da Sapatoa, que se encontrava em acentuado processo de desmantelamento pela oscilação do nível da barragem da Vigia.

No decurso dos trabalhos de escavação foi-nos possível identificar dois outros, e posteriormente um terceiro, nas suas imediações. Quando a intervenção se encontrava quase finalizada uma lavoura profunda afectou o sítio 3 desta Herdade, revolvendo grandes pedras, muito provavelmente resultantes da desagregação de estruturas. No âmbito do plano de trabalhos para o sítio 1 foi pedida, e concedida, uma intervenção de emergência para o sítio 3, dando início ao projecto de escavação de mais esta instalação na Herdade da Sapatoa.

Os trabalhos iniciaram-se em Setembro de 2002, em paralelo com a intervenção do sítio 1, ajustando-se a área a escavar à zona onde surgiam mais blocos levantados pela lavoura; apresentava, então, uma área de 7mx4m, com um total de 28m^2, aos que se acrescia uma pequena vala de sondagem com cerca de 8m^2. As incógnitas deixadas pelo facto de termos intervencionado uma área aparentemente exterior, plurifaseada, com estruturas bastante desmanteladas, conduziram ao continuar dos trabalhos.

Na campanha de 2003 os meios disponíveis assentiam o alargamento em área, expandindo-se a mais de uma centena de metros quadrados, permitindo identificar um pequeno conjunto edificado, composto por vários espaços aparentemente cobertos. A intervenção em profundidade efectuou-se dentro dos Ambientes I, II e III.

No ano seguinte, a escassez de meios e os resultados dos trabalhos anteriores, impuseram uma ligeira alteração dos objectivos, visando-se agora um maior conhecimento de cada um dos espaços identificados e a pontual delimitação total das estruturas construídas.

Neste momento, os trabalhos encontram-se interrompidos, ficando por caracterizar suficientemente as mais antigas fases construtivas, particularmente para sudeste do conjunto da última fase.

2.1. A Herdade da Sapatoa: localização e trabalhos anteriores

A Herdade da Sapatoa localiza-se na área Sul do concelho do Redondo, distrito de Évora, em ambas as margens da Ribeira de Vale de Vasco, pertencente à bacia da margem direita do Rio Degebe e, desde logo, à bacia do Guadiana.

A paisagem, de grande individualidade fisiográfica, é caracterizada por um relevo muito ondulado, por vezes declivoso, que se abre, a espaços, em amplas rechãs junto das principais linhas de água, como a Ribeira de Vale de Vasco e da Alcorovisca.

Fig. 2. Localização do sítio 3 da Herdade da Sapatoa na CMP 462-1:25000

O solo, pobre, surge-nos particularmente pedregoso e pesado, derivado da cascalheira terciária assente no substrato xistoso, que caracteriza geologicamente a área envolvente, abrindo-se junto das principais linhas de água pequenas várzeas de solos mais leves, facilmente agricultáveis.

Um montado denso, com abundantes espécies arbustivas (estevas, giesta, etc.), apenas pontualmente agricultado em regime de sequeiro, caracteriza o actual coberto vegetal da Herdade da Sapatoa, tendo o curso das citadas ribeiras sido acompanhado por uma galeria ripícola (choupos, freixos, faias, etc), entretanto eliminada pela construção de uma barragem. Os resultados das análises antracológicas, dos poucos vestígios recolhidos nos sítios 1 e 3 da Herdade da Sapatoa, permitiram verificar a presença de azinheira e esteva (Queiroz e Leeuwaarden, 2004), que poderá indiciar a presença de uma paisagem de bosque aberto, de clara origem antrópica. No mesmo sentido parecem apontar os estudos palinológicos, ao revelarem uma baixa densidade arbórea, acompanhada pela presença de espaços abertos de pastagens e campos de cereal, a par de escassos indícios de videira (Hernández, 2005).

A Herdade da Sapatoa localiza-se, assim, nas imediações, para Sul, de um caminho natural que, marginando a aba meridional da serra d'Ossa, interligaria em pouco mais que uma jornada, através do Alentejo Central, o curso descendente do Guadiana à desembocadura do Tejo e do Sado.

Na realidade, o longo corredor centro alentejano, onde as realidades sidéricas da Herdade da Sapatoa se inserem, interliga duas entidades histórico-geográficas de marcada individualidade ao longo do I° milénio a.C., a Baixa Extremadura e o Baixo Tejo e Sado.

Assim, será da correlação destas existências que se irá formar e estruturar a realidade que nos foi possível detectar na Herdade da Sapatoa.

A escavação do sítio 1 permitiu identificar um conjunto arquitectónico, apenas parcialmente conservado, com cerca de uma centena de m^2 de área edificada, com vários compartimentos de planta quadrangular, aparentemente estruturados em torno de um pátio interior. Em termos construtivos, a arquitectura caracterizava-se pela utilização de uma técnica mista, com pedra de xisto e quartzo, para o embasamento, e recurso à terra para o desenvolvimento em altura da parede; os pisos são de terra e de argila vermelha, ruborescida, de clara tradição mediterrânea.

Os diversos espaços individualizados apresentavam características distintas, que permitiram uma aproximação à sua funcionalidade.

Foram detectados dois espaços de cariz iminentemente residencial (Ambiente I e II), de planta rectangular, com uma área coberta na ordem dos 15 a 20m^2, com lareira central, aos quais se encontravam associados, em anexo, dois outros espaços de reduzidas dimensões, 4 a 6m^2 (v. fig. 3). Os conjuntos artefactuais recolhidos nestes compartimentos sugeriam uma utilização multifuncional, relacionada com uma armazenagem quotidiana e com o consumo de alimentos. Adjacente ao Ambiente I situava-se um outro espaço coberto (Ambiente III), que funcionava como uma área de distribuição da circulação e de preparação/confecção dos alimentos, atendendo às presenças cerâmicas de grandes formas abertas e outras de armazenagem quotidiana. Seria através deste espaço que se faria a circulação a partir do exterior, através de um pequeno vestíbulo, dando acesso quer ao espaço interior não coberto (Ambiente IX), quer a um outro espaço de cozinha/armazenagem (Amb. V), para além do já comentado Ambiente I. No pátio detectou-se uma estrutura circular de embasamento pétreo, interpretada como silo ou forno.

Fig. 3. Planta geral do sítio 1 da Herdade da Sapatoa

Como se terá oportunidade de constatar, o conhecimento deste conjunto arquitectónico revelar-se-á essencial para compreender e interpretar o edifício detectado no sítio 3 da Herdade da Sapatoa.

Por outro lado, não será alheia à leitura destes sítios a presença de duas outras instalações rurais na sua envolvente imediata: o sítio 2, implanta-se entre os sítios 1 e 3, enquanto o 4 se localiza cerca de 1km a montante do sítio 1. Cerca de 2km mais a Norte, num pequeno cerro sobre a ribeira da Alcorovisca detectou-se igualmente outra pequena instalação. Assim, mais que uma ocupação rural isolada, do tipo "monte" (Mataloto, 2004), começamos a encontrar uma pequena comunidade, eventualmente de base familiar, estruturada ao longo das margens da ribeira.

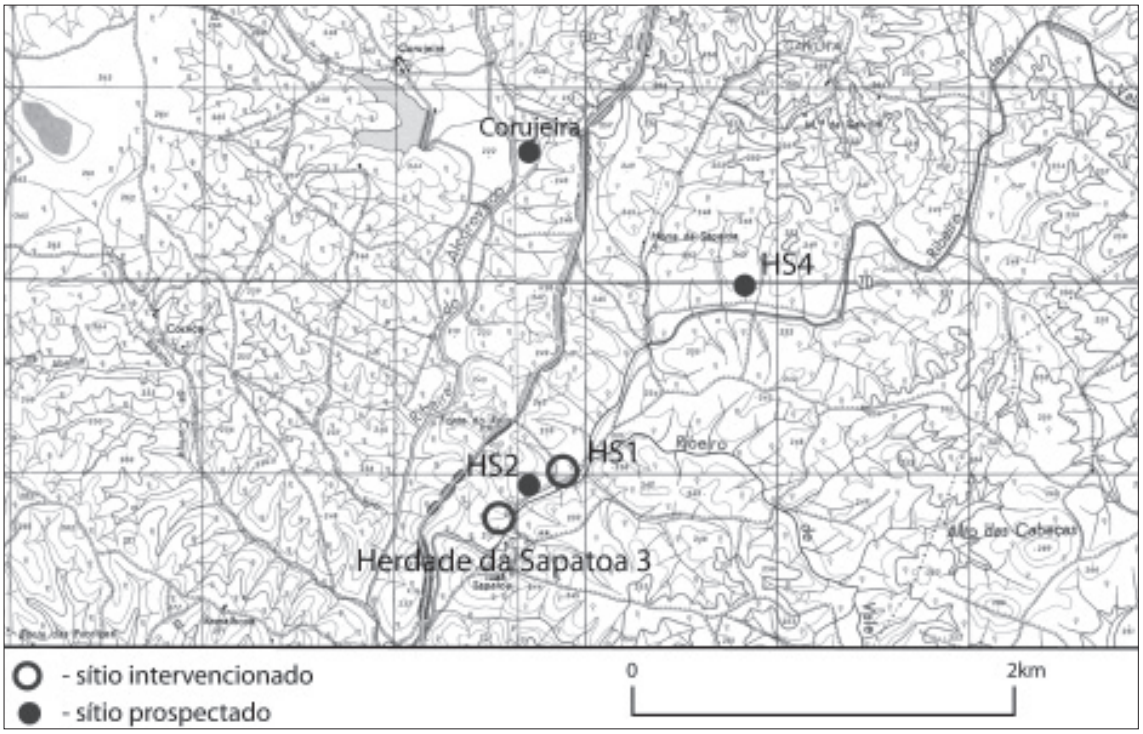


Fig. 4. Localização dos sítios da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa e envolvente

2.2. Arquitectura do sítio 3 da Herdade da Sapatoa: caracterização e evolução

O conjunto edificado da Herdade da Sapatoa 3 apresenta, claramente, dois momentos construtivos distintos, resultantes de ligeiras alterações do espaço edificado. No entanto, a nível técnico, a construção segue soluções absolutamente semelhantes nas duas fases, concordantes, aliás, com o conhecido noutras ocupações rurais sidéricas centro alentejanas. A construção fazia uso de uma técnica mista, com recurso a pedra e terra, sendo o embasamento das paredes em pedra recolhida nas imediações, de maiores dimensões na base, sobre o qual se desenvolvia um muro em terra, tal como nos indica a presença de estratos argilosos, com frequente cascalho, sobre os pisos. Os vestígios das coberturas são nulos, ainda que a detecção de algum barro cozido associado a entramados de materiais perecíveis carbonizados poderá estar a remeter para as soluções utilizadas na cobertura. Os pisos apresentam constituições variadas, como por exemplo a simples terra batida sem qualquer especificidade, passando pelos pisos de argila vermelha ruborescida ou pelos lajeados, utilizado neste caso num espaço exterior.

O conjunto arquitectónico identificado na Herdade da Sapatoa 3 resultou de ao menos dois momentos de construção/reconstrução, de que derivou um único edifício.

Fig. 5. Vista geral das estruturas da Fase B, no final da Campanha 3/2004

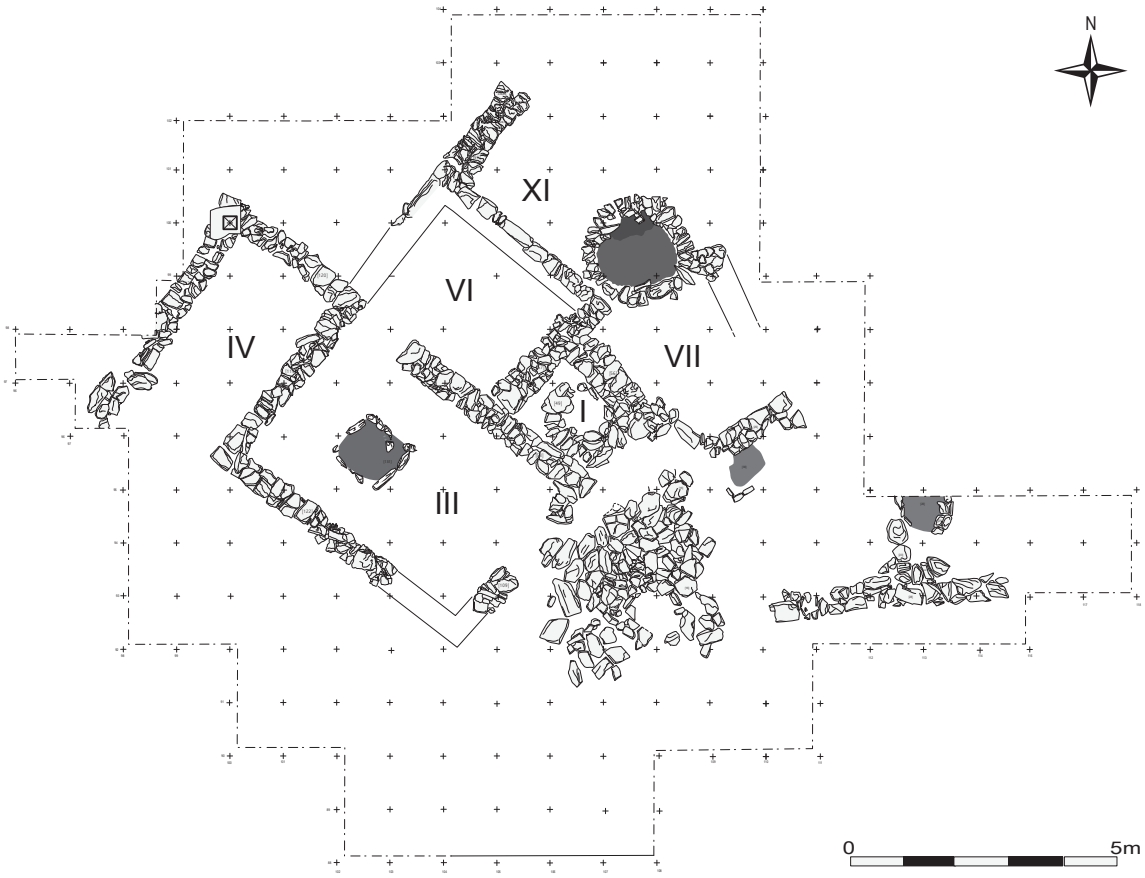


Fig. 6. Planta geral da Fase A do sítio 3 da Herdade da Sapatoa

A fase construtiva mais antiga, designada como A, teria sido a mais extensa, ainda que permaneça a menos conhecida. O edifício compunha-se, na área já intervencionada, por quatro compartimentos bem delimitados, aos que se associavam outros menos bem caracterizados, além de áreas aparentemente exteriores. O Ambiente I, de planta quadrandular, correspondia a um pequeno alpendre, com cerca de 2,5m², em cujo interior se construiu, em lajes de xisto dispostas na horizontal, uma estrutura de planta circular, de funcionalidade desconhecida, que ocupava todo espaço disponível. O Ambiente VI, de planta igualmente rectangular, apresentava uma área de cerca de 5,5m², encontrando-se relacionado com o Ambiente III através de um vão posicionado no canto sudoeste, não tendo sido registado qualquer indício de correspondência funcional. O Ambiente III era o maior de todos, tendo sido igualmente o primeiro a ser edificado, adossando-se os restantes a ele. Apresentava uma planta rectangular alongada, com cerca de 16m², com um vão virado a sudeste, com cerca de 1,5m de largura; no interior, axializada com o vão de entrada, mas descentrada para o fundo do compartimento, detectou-se uma lareira estruturada com pedras de xisto, de planta quadrangular, com cerca de 1m², que, de certo modo, organizaria a vivência do espaço. O Ambiente III deveria, então, desempenhar uma função eminentemente residencial, ainda que tivesse conhecido múltiplas utilizações associadas à vida quotidiana. Este compartimento, associado a um outro de menores dimensões, neste caso o Ambiente VI, e mais tarde Ambiente II, conhece paralelos exactos nos Ambientes I e II do sítio 1 da Herdade da Sapatoa, devendo corresponder à célula habitacional base, nestes conjuntos rurais, sem que tenha sido possível registá-la, com clareza, em outras ocupações rurais escavadas no Alentejo Central (Calado, Mataloto e Rocha, n.p.). Não sendo uma unidade arquitectónica ampla (c. 20/25m²), deveria acolher apenas um núcleo familiar restrito, que dificilmente se poderia alargar para além dos laços mais directos (pais/filhos).

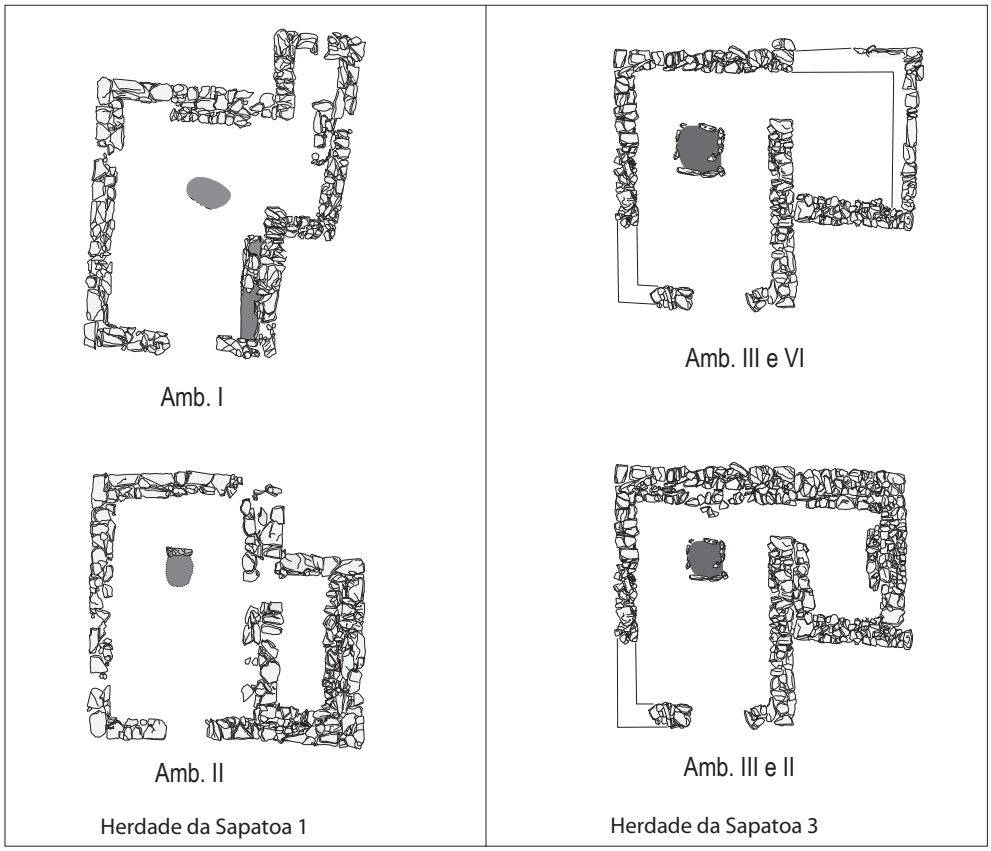


Fig. 7. Modelo arquitectónico da célula habitacional base

O Ambiente IV situa-se nas traseiras, a poente, do Ambiente III, constituindo um espaço rectangular, com cerca de 8m^2, aparentemente aberto a sudoeste, ainda que as condições de preservação não permitam ser taxativos a este respeito. Nada no seu interior indicia a funcionalidade do espaço, ainda que seja sugestiva a reconstituição como alpendre avançada por Varela Gomes (Gomes, 1992), para um espaço de características semelhantes detectado em Neves II, Castro Verde (Maia, 1988).

Para além destes compartimentos foi possível detectar, para esta Fase A, outros espaços estruturados, que apenas o avançar dos trabalhos permitiria melhor caracterizar.

No canto nordeste dos compartimentos já apresentados edificou-se, logo nesta fase, uma grande estrutura circular, com cerca de 2m de diâmetro, aparentemente maciça, com um piso em argila ruborescida, que se devia desenvolver em altura através de uma estrutura em barro cozido, de que se encontrou o derrube. A funcionalidade deste tipo de estruturas não se encontra ainda devidamente esclarecida, surgindo duas hipóteses, mutuamente excluentes, a de forno e a de silo (Mataloto, 2004, p. 55). Em território alentejano são conhecidas diversas estruturas similares em sítios rurais, tão próximos como o sítio 1 da Herdade da Sapatoa ou um pouco mais distantes como o Espinhaço de Cão, junto ao Guadiana (Calado, Mataloto e Rocha, n.p.). Igualmente nos últimos anos têm vindo a ser detectadas diversas estruturas similares no vizinho território da Extremadura espanhola, em sítios de índole urbana como El Palomar (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2001) ou aldeão como El Chaparral (Jiménez Ávila, Ortega Blanco e López-Guerra, n.p.). Estas encontram-se, usualmente, inseridas em espaços abertos, ainda que no caso aqui em estudo deva ter-se edificado inicialmente no interior de um pequeno compartimento, Ambiente VII. Nas traseiras deste espaço, virado a Norte, parece ter existido um alpendre, ainda que o estado de afectação não permita esclarecer se se trataria, de facto, de um outro compartimento.

Fronteiro ao Ambiente III desenvolvia-se um terreiro parcialmente lajeado, com uma lareira de argila ruborescida.

Numa fase ainda indeterminada, mas posterior ao momento inicial, edificou-se, adossado ao canto sudoeste do Ambiente III, o Ambiente V que se trata de um pequeno espaço, de construção tosca, de planta rectangular, aparentemente interligado com aquele, com uma área coberta não superior a 2m^2. No seu interior registou-se a presença de um pequeno poial, possivelmente relacionado com o desenvolvimento de alguma actividade doméstica, eventualmente a moagem, como houve oportunidade de constatar em "La Mata" (Rodríguez Díaz, 2004, p. 208). Este compartimento também não haveria de chegar ao fim da ocupação deste conjunto arquitectónico, sendo eliminado ainda com o sítio em uso.

O Ambiente VI viria a conhecer uma pequena alteração, eventualmente coincidente com a construção do Ambiente V, abrindo-se um vão virado a Norte, favorecendo a circulação com esta área. Também a parede sudoeste do Ambiente III conheceu uma pequena alteração, aparente no distinto aparelho empregue.

A este momento intermédio sucede-se uma remodelação mais alargada, aqui designada de Fase B, que afecta principalmente o espaço do Ambiente VI, dando origem ao Ambiente II. Este apresenta características semelhantes ao Ambiente anterior, seguindo-lhe inclusivamente a planta; no seu interior erguem-se três poiais adossados às paredes, excepto a sudeste. O conjunto artefactual aqui recuperado, tratado em seguida, confirma a sua utilização como espaço de armazenagem. Nos restantes espaços as alterações são menos sensíveis. No Ambiente I fecha-se o lado sudeste, transformando o alpendre em compartimento fechado, amortizando-se, simultaneamente a estrutura circular . No Ambiente III edifica-se um banco corrido na parede do fundo, sobrelevando-se o piso, que perde a sua cor muito vermelha e a textura de argila ruborescida. O Ambiente VII, que enquadrava a estrutura circular, é eliminado na totalidade ou em parte, continuando a dita estrutura em utilização. No terreiro exterior o lajeado é amortizado e as lareiras abandonadas, surgindo outras ali próximo. Igualmente no terreiro, e muito próximo do edifício

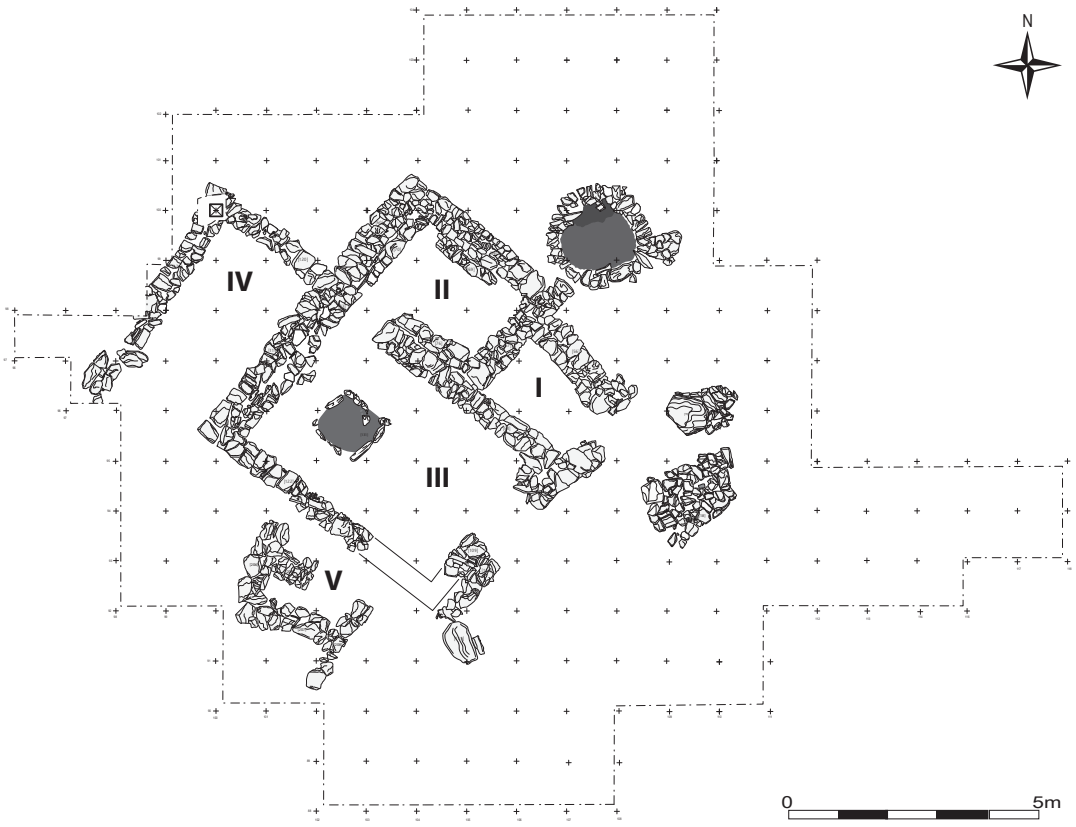


Fig. 8. Planta geral da Fase B do sítio 3 da Herdade da Sapatoa

erguem-se duas estruturas de pedra, maciças, de planta quandrangular, a [15] com 1,4mx0,85m e a [18] com 1,7mx1,25m, de funcionalidade desconhecida. Deveriam apresentar um desenvolvimento em altura fazendo uso de terra e materiais perecíveis, atendendo aos derrubes de blocos de barro cozido, com marcas e vestígios de pequenos troncos de esteva, como evidenciou a análise antracológica (Queiroz, 2004), detectados na sua imediação. Estas poderiam ter sido sequenciais, sendo a estrutura [18], a de maiores dimensões, a mais antiga, sendo substituída em determinado momento desta ultima Fase pela estrutura [15]. Os paralelos para estas estruturas exteriores não são abundantes, mesmo entre os sítios rurais centro alentejanos; no sítio rural andaluz de Calañas de Marmolejo, em Jaén, registaram-se diversas destas estruturas, de dimensões algo menores, tendo sido genericamente relacionadas com a produção oleira, bem atestada por outros vestígios no local (Molinos et al., 1994, p. 22).

Esta última fase caracteriza-se, principalmente, por uma evidente redução da área edificada, mantendo, ou mesmo recuperando, a organização arquitectónica inicial. Na realidade, e atendendo ao conhecido na área escavada, a superfície coberta resumir-se-ia a cerca de 30m^2.

Esta última fase, a melhor caracterizada, apresenta uma menor complexidade construtiva que a fase anterior, sendo ambas, aparaentemente, menores e menos complexas que o conjunto edificado detectado no sítio 1 da Herdade da Sapatoa.

2.3 - Espaço e presenças cerâmicas na Herdade da Sapatoa 3

O conjunto cerâmico do sítio 3 da Herdade da Sapatoa pode, genericamente, subdividir-se em dois grandes grupos: o das cerâmicas abandonadas com o sítio, geralmente fracturadas em conexão, e as resultantes da utilização diacrónica e quotidiana do edifício, usualmente bastante fragmentadas.

O abandono do sítio 3 da Herdade da Sapatoa processou-se, tal como no sítio 1 (Mataloto, 2004), de um modo rápido, deixando grande parte das cerâmicas da última fase no contexto de uso; foram, então, registados recipientes fragmentados em conexão em três áreas distintas: terreiro exterior, Ambiente II e Ambiente III.

No espaço exterior recolheu-se um grande pote, elaborado a torno, fracturado sobre a estrutura [18], ou o que restava dela. No interior do Ambiente II registou-se um interessante contexto de abandono, na medida em que permite não só uma aproximação à funcionalidade do espaço, como eventualmente à distribuição do recipientes. Assim, foram aqui identificadas com clareza duas ânforas, um grande pote manual, de bordo denteado, e um pequeno copo manual, morfologicamente semelhante ao anterior; sem que se possa ser peremptório, registou-se também mais um pote e uma tigela. O grande pote deveria encontra-se sobre o poial Nascente, [70], enquanto as ânforas deveriam encontrar-se sobre os poiais Norte, [69], e Sul, [76]. Estas enquadram-se dentro do tipo CR-I (Guerrero Ayuso, 1991), por sua vez derivado das ânforas de saco do tipo R-1 de Vuillemot ou da Série 10 de J. Rámon (Ramon Torres, 1995).

No Ambiente III, próximo do canto Sul, detectou-se, igualmente, um grande pote manual, que continha uma tigela no seu interior, servindo eventualmente para extrair o seu conteúdo, muito provavelmente sólido, atendendo à utilização deste recipiente para o efeito. Neste mesmo Ambiente, mas em fase anterior ao abandono, foi amortizado sob um dos pisos um pote manual, facto igualmente constatado no interior do Ambiente III do sítio 1 da Herdade da Sapatoa (Mataloto, 2004, p. 43).

Um pequeno balanço sobre este conjunto permite traçar um espectro geral muito próximo ao registado no sítio 1 da Herdade da Sapatoa, principalmente na relação espaço/função onde, uma vez mais, se verifica a presença de recipientes manuais de armazenagem e confecção de alimentos nos espaços habitacionais, como é o caso do Ambiente III do sítio 3, ou do I no sítio 1; por outro lado, ficou pela primeira vez clara a atribuição funcional dos pequenos espaços anexos aos

Fig. 9. Vista geral do conjunto cerâmico [45], fracturado em conexão no interior do Ambiente II

compartimentos residenciais, ao detectar-se uma concentração de recipientes de armazenagem no Ambiente II. Por outro lado, não deixa de se estranhar a quase total ausência de recipientes de consumo individual, atestado, ainda que em número reduzido, no espólio de abandono do sítio 1.

Em termos cronológicos, é impossível de momento, com base nas evidências cerâmicas, tentar estabelecer qualquer diacronia de abandono entre o sítio 3 e o sítio 1 da Herdade da Sapatoa, não sendo descabido, atendendo ao contexto e tafonomia das realidades recuperadas, sugerir-se uma acção coordenada de abandono.

O segundo grupo cerâmico é ainda bastante difícil de caracterizar de modo satisfatório, na medida em que se encontra apenas parcialmente tratado; todavia, creio já possível assinalar que, tal como seria de esperar, se aproxima bastante do recolhido no sítio 1 da Herdade da Sapatoa. Por outro lado, é de igual forma razoavelmente semelhante ao recuperado na fase de abandono, evidenciando uma possível curta diacronia de ocupação. Na realidade, a ausência, até ao momento, de formas de cariz arcaizante, como mamilos alongados, carenas e fundos em ônfalo, pode remeter para um momento de ligeira posteridade da sua fundação relativamente ao sítio 1.

Perante o cenário traçado, cremos que a ocupação do sítio da Herdade da Sapatoa 3 se deve ter desenrolado entre os finais do séc. VI a.C. e principalmente dentro da primeira metade do século seguinte.

A sustentação económica deste pequeno aglomerado estaria, com bastante probabilidade, estreitamente relacionada com as disponibilidades da paisagem envolvente; assim, e atendendo aos indícios palinológicos e antracológicos, é de supor uma economia local agro-silvo-pastoril, com cultivo de cereais e pastoreio, podendo o facto de termos identificado a presença de um pote meleiro indiciar a exploração ou recolha de mel, também suposta, a partir do mesmo indício, para o sítio 1.

3. Aproximação integrada ao processo humano na primeira metade do Iº milénio a.C. do Alentejo Central

A ocupação rural do espaço centro alentejano começou a ser reconhecida como um verdadeiro fenómeno de instalação humana apenas nos finais da década de 90 do século passado, sendo até então unicamente conhecidos alguns sítios abertos (Calado e Rocha, 1997). No entanto, a implementação de diversos estudos sistemáticos, relacionados principalmente com grandes obras públicas, como a barragem de Alqueva, permitiu alterar substancialmente o panorama conhecido (Calado, Barradas e Mataloto, 1999), constatando uma intensa ocupação do espaço rural centro alentejano ao longo do primeiro milénio a.C., que conta actualmente com cerca de uma centena de sítios identificados (Mataloto, 2004).

É desde já possível afirmar que a primeira metade do Iº milénio a.C. conheceu o arranque e auge de uma intensa ocupação do espaço rural, entendido na sua vertente ecológica (Mataloto, 2004, p. 35). Não me parece adequado referir este processo de instalação humana em meio rural como colonização agrícola ou agrária, como foi proposto para outras áreas peninsulares, caso da Andaluzia (Ferrer Albelda e Bandera Romero, 2005, p. 566). Não creio que este processo tenha sido desencadeado, na região alentejana, de modo dirigido e coordenado, como se esperaria dos processos de colonização; por outro lado, dá-se, neste momento, a intensa ocupação de áreas de solos esqueléticos e pouco produtivos, como os das margens do Guadiana, devendo o sustento, e sucesso, das instalações relacionar-se maioritariamente com o desenvolvimento de actividades pecuárias e não agrícolas. Assim, creio ser mais adequado, e menos comprometido, definir este processo como **ocupação do espaço rural**, ao menos neste momento e para o Alentejo Central.

Ainda que sejam conhecidas pequenas instalações do final da Idade do Bronze dispersas no campo (Calado e Rocha, 1996-1997), o verdadeiro processo de instalação rural parece ter-se

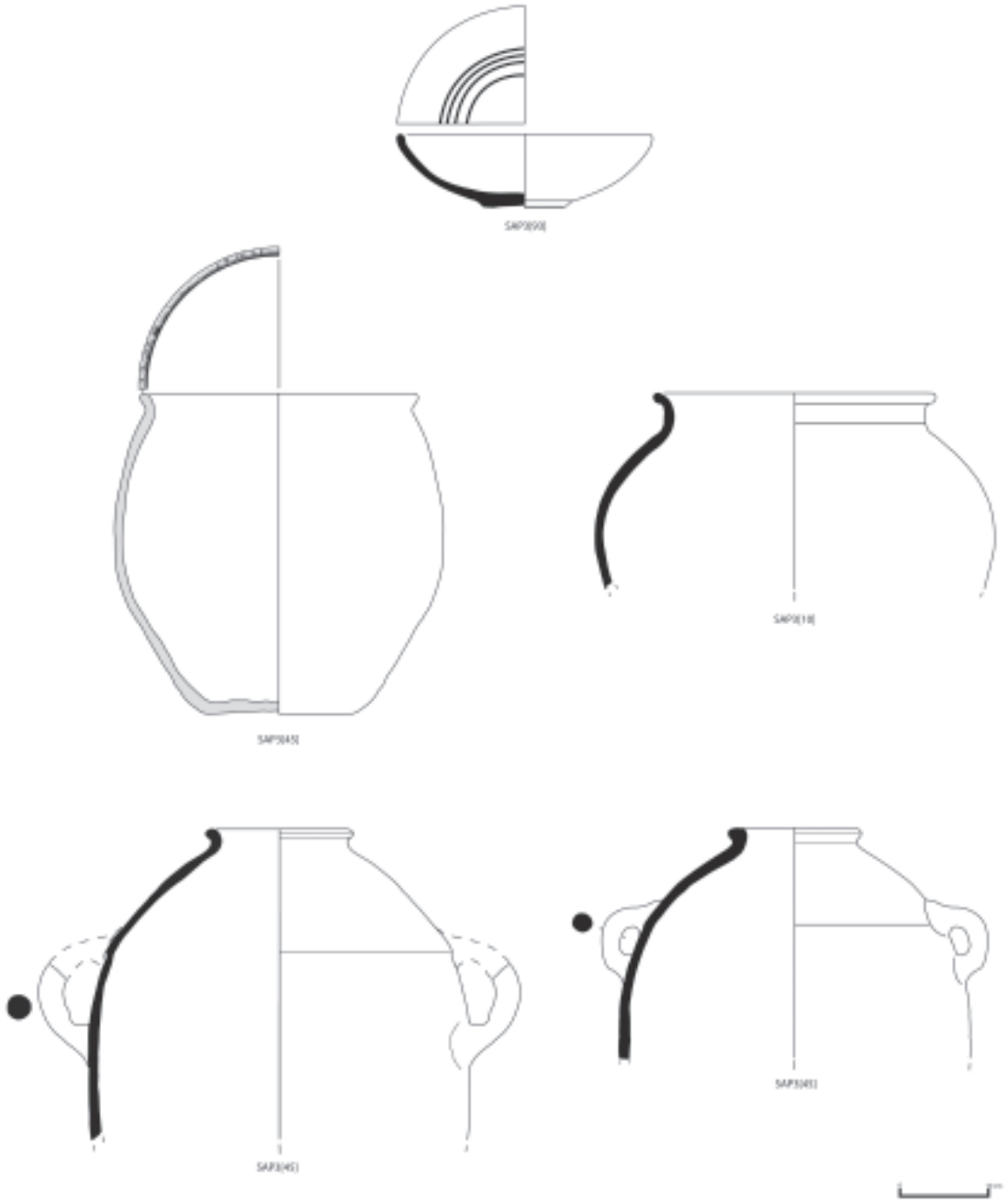


Fig. 10. Cerâmicas das unidades [10], [45] e [93] da Herdade da Sapatoa 3

iniciado nos meados/finais do séc. VII a.C. (Calado, Mataloto e Rocha, n.p.), coincidindo com o abandono dos grandes povoados fortificados do final da Idade do Bronze, processo desencadeado, provavelmente ainda na centúria anterior. Na realidade, o reforço da componente humana dispersa no campo surge claramente por oposição a um abandono generalizado dos grandes povoados, sendo raras ou quase desconhecidas, grandes instalações humanas no Alentejo Central para o período entre os finais do séc. VIIa.C. e os meados do milénio.

A intervenção recente num extenso povoado aparentemente do final da Idade do Bronze, São Gens (Redondo), permitiu constatar, na área intervencionada, uma única ocupação aparentemente do séc. VII a.C., que se teria extinguido quanto muito nos inícios do século seguinte,

revelando claros indícios de interacção com as realidades introduzidas no litoral pelas presenças coloniais (Mataloto, 2004a).

Os dados resultantes de escavações recentes e antigas de amplos povoados do final da Idade do Bronze do Alentejo Central, ou imediações, parecem apontar em igual sentido, sendo o abandono inclusivamente anterior, tendo em conta que apenas a presença de fíbulas de dupla mola parece remeter para contextos do início da Idade do Ferro; esta situação foi reconhecida nas intervenções da Coroa do Frade (Arnaud, 1979), Castelo de Arraiolos (Fabião, 1998, e materiais das intervenções de Gustavo Marques em depósito no MNA), para além dos recentes dados do Castro dos Ratinhos (Silva e Berrocal, 2005).

A instabilidade das grandes ocupações ao longo do Iº milénio a.C. acabará por se traduzir numa extrema dificuldade de estruturação territorial das realidades humanas, ao invés do que sucede na Andaluzia, onde a permanência dos grandes centros permitiu, desde cedo, a organização de espaços territoriais nos quais a ocupação rural se implementaria de modo aparentemente concertado (Ferrer Albelda e Bandera Romero, 2005).

Assim, pensamos que a ocupação rural centro alentejana acabará por se coordenar, em grande medida, entre si, gerando hierarquias e organizando-se em torno de territórios que se vão estruturando ao longo do tempo. Creio ser neste contexto que acabarão por surgir unidades sociais como as registadas na Herdade da Sapatoa, que poderíamos designar de tipo aldeão, interligada por laços familiares.

A possibilidade de estudar uma área relativamente extensa nas margens do Guadiana permitiu melhor caracterizar uma verdadeira comunidade ribeirinha que se estruturou ao longo do rio durante o Iº milénio a.C. (Calado, Mataloto e Rocha, n.p.). A identificação de mais de três dezenas de pequenas instalações, e a escavação parcial de uma dezena, permitiu perspectivar a enorme diversidade de que se podem revestir estas instalações. Assim, parecem distender-se na diacronia com um dinamismo e uma constância de que resulta um panorama particularmente rico, onde algumas ocupações se esgotam, enquanto outras consolidam e expandem, chegando a conhecer importantes conjuntos edificados com várias centenas de metros quadrados de área coberta, como acontece no Espinhaço de Cão. A par destes, ou na sua sequência, emergem grandes conjuntos edificados em contexto rural, com evidentes características de destaque, como a organização tripartida do espaço residencial, caso do sítio da Malhada das Taliscas 4, à imagem do conhecido nos complexos de prestígio do Médio Guadiana, como Cancho Roano (Celestino, 1996) e La Mata (Rodríguez Díaz, 2004). Não deixa de ser interessante verificar que os quatro sítios de maiores dimensões, Espinhaço de Cão, Casa das Moinhola 3, Malhada das Taliscas 4 e Gato se encontram espaçados sensivelmente de igual modo entre si (cerca de 3 a 5km), gerando aros de influência eventualmente semelhantes, isto se, efectivamente, tivessem sido todos ao menos parcialmente contemporâneos, como pode ter acontecido. Uma vez mais encontramos aqui uma concentração elevada de pequenas instalações, com algumas claramente destacadas faces às restantes, sendo relativamente simples vislumbrar alguma hierarquia interna do conjunto, quer em termos sociais quer produtivos; assim, instalações como o Espinhaço de Cão, com várias centenas de metros quadrados de área edificada, com espaços residenciais e possivelmente cultuais, poderia coordenar e originar outros, como o Moinho novo de Baixo, com reduzidas áreas edificadas. Uma vez mais, a organização deste tipo de comunidades ribeirinhas, espaçadas ao longo do rio, poderia responder a soluções do tipo aldeamento disperso, não tendo que ser lidas como elementos isolados, mas sim interdependentes.

No entanto, quer a rede de povoamento detectada na margem do Guadiana, quer a reconhecida na Herdade da Sapatoa, se instalam em áreas marginais face aos territórios de maior fertilidade agrícola, certamente mais atractivos para este tipo de instalações rurais; todavia, o ingente povoamento romano conhecido nestas áreas acaba por dificultar bastante a obtenção de uma imagem fidedigna do povoamento proto-histórico, que nos surge aqui bastante mais espar-

so. Estas seriam as zonas onde deveriam emergir centros de maiores dimensões, instalados em meio rural, capazes de gerar e coordenar uma satelitização do povoamento no seu entorno. São escassos os sítios a que poderíamos atribuir funções deste calibre, contudo, existem, apresentando mesmo uma enorme diversidade entre si.

Não conhecemos entidades arquitectónicas que se possam integrar no tipo mais característico do médio Guadiana, os ditos "túmulos post-orientalizantes" (Jiménez Ávila, 1997). O sítio da Silveira, ou Horta da Ribeira (Calado e Bairinhas, 1995) apresenta algumas características que não deixam de remeter para este tipo de realidades; assim, instala-se numa área aplanada, junto de uma linha de água, sendo actualmente visível uma estrutura de planta quadrangular, com 16m de lado, realizada em grandes blocos de granito, que não deixa de ter fortes semelhanças com a designada "terraza" de Cancho Roano A3 (Celestino e Jiménez Ávila, 1996; Celestino, 2001). O escasso conjunto material recolhido à superfície não difere grandemente do entregue pelas instalações rurais de meados do Iº milénio a.C.. A presença de um conjunto de 3 painéis com várias centenas de covinhas, no sítio e suas imediações, introduz na leitura um elemento diferenciador, eventualmente justificativo da sua localização.

Um modelo algo distinto é apresentado pelo povoado fortificado do Castelão das Nogueiras, cujo abandono deve coincidir igualmente com os meados do milénio. Este implanta-se numa área aplanada, de solos particularmente férteis e abundantes aquíferos, estando muito certamente dotado de uma estrutura de fortificação perimetral, que delimita uma área de cerca de 1ha. A sua localização privilegia não só a adjacência de bons solos, mas também a proximidade a um importante caminho natural que margina a serra d'Ossa pelo lado Norte.

Já o sítio de Nossa Senhora de Machede parece representar um modelo algo distinto do anterior, ainda que se encontre, tal como este, aparentemente rodeado por um circuito de muralhas. Com uma planta rectangular, e uma área de cerca de 0,5ha, implanta-se num esporão rochoso dotado de alguma defensabilidade natural e adjacente ao rio Degebe. O conjunto artefactual afasta-o dos característicos "castros de ribeiro", com os quais partilha o modelo de instalação, aproximando-o das instalações rurais de meados do Iº milénio a.C.

Estes modelos de instalação diferenciados poderiam, eventualmente, coordenar territórios de exploração, nos quais se coordenavam e distribuíam pequenas instalações rurais subordinadas, num modelo de exploração agro-pecuária próximo ao proposto para a bacia média do Guadiana (Jiménez Ávila, 2001; Rodríguez Díaz, 2004). No campo alentejano têm vindo a surgir, a espaços, alguns claros indícios de diferenciação dos grupos, tais como o braseiro de mãos do Vale da Moura (Évora) (Teichner, 2000), os indícios de literacia recolhidos no sítio do Outeiro dos Castelinhos 2, adjacente ao vale do Guadiana (Gomes; Brazuna e Macedo, 2002) ou os recipientes de vidro polícromo da necrópole da Tera (Rocha, 2003) e Malhada das Taliscas 4 (Calado, Mataloto e Rocha, n.p.), revelando provavelmente uma hierarquização inter e intra-grupal.

Todavia, parece-me particularmente redutor ler toda esta enorme densidade de pequenas instalações rurais apenas na superintendência das unidades diferenciadas, sendo a realidade bem mais complexa, no entrecruzar dos vários modelos de instalação. Assim, grandes complexos rurais como o Espinhaço de Cão poderiam gerar e controlar diversas outras entidades menores, enquanto outras ainda se organizariam, na margem dos territórios mais férteis, em pequenas comunidades relativamente isonómicas e interligadas por laços familiares, como poderia ser o caso da Herdade da Sapatoa, que no total poderia envolver várias dezenas de pessoas. Não creio ser particularmente problemática a aceitação de um certo grau de autarcia nestas comunidades rurais, que ocupam, como nunca antes, todo o agro alentejano.

As aglomerações de maiores dimensões são ainda pouco ou nada conhecidas. Destas, apenas podemos situar com clareza no séc. V a.C. a ocupação do Alto Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo), onde se detectou a presença de cerâmica ática, nomeadamente taças "Cástulo" (Gibson, Correia e Burgess, 1998). Os níveis de base do Castelão de Rio de Moinhos (Borba) en-

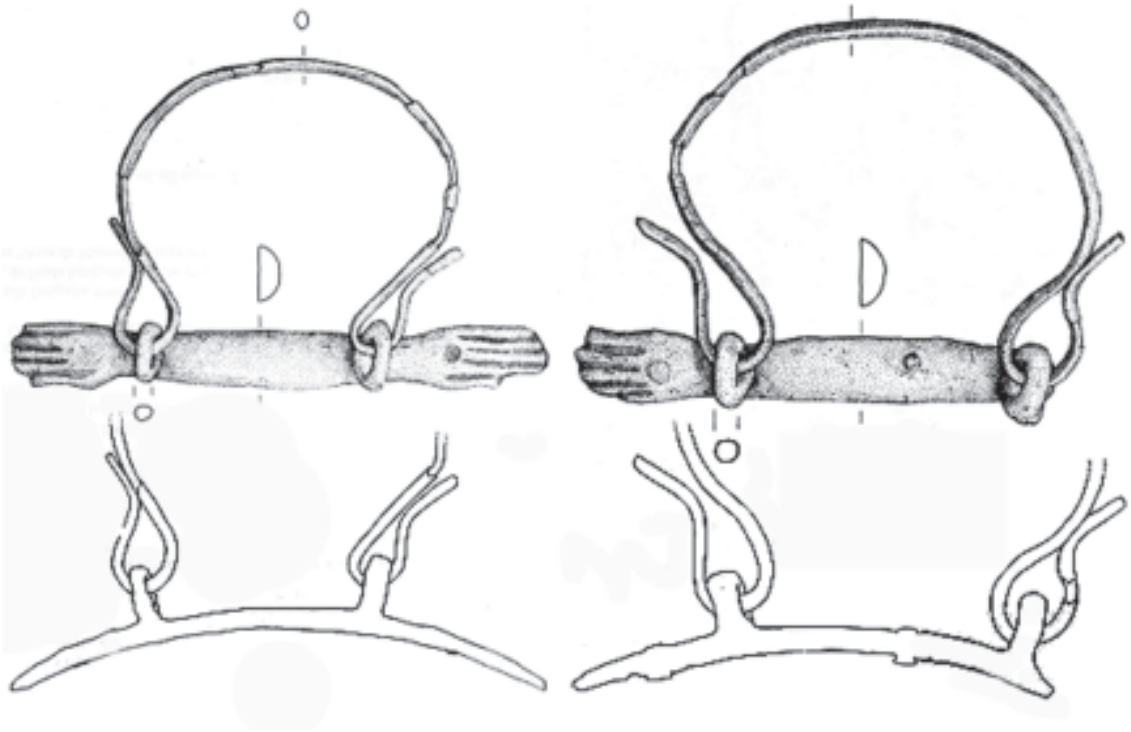


Fig. 11. Asas de mãos provenientes do Vale de Moura (Évora) (seg. Teicnher, 2000)

tregaram um número elevado de cerâmica pintada, entre as quais várias polícromas (Calado e Rocha, 1997), que poderão apontar para um momento antigo do séc. IV a.C. ou mesmo do séc. V a.C.. Na realidade, não creio que os possíveis aglomerados populacionais de maiores dimensões, a existirem, tenham jogado um papel relevante na estruturação do povoamento, ao menos antes de finais do séc. V a.C.. No entanto, a recente identificação, na Extremadura espanhola, de importantes unidades de cariz urbano ou aldeão, instaladas em zonas planas, como Palomar (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2001) ou El Chaparral (Jiménez Ávila, Ortega Blanco e López-Guerra, n.p.), impõe algumas reservas, atendendo ao facto de algumas das instalações rurais de maiores dimensões poderem, eventualmente, corresponder a este tipo de aglomerações.

Em meados do séc. V a.C. parece consolidar-se um processo de concentração populacional em povoados fortificados, instalados em alcantilados rochosos, num verdadeiro encastelamento, que estará em grande medida concluído nos meados do século seguinte. Este processo, provavelmente resultante de uma acção de cinecismo, acabará por representar o abandono de grande parte das instalações em meio rural do espaço alentejano; todavia, o campo continuará a ser ocupado, inclusivamente por grupos socialmente destacados, como se pode deduzir dos importantes espólios guerreiros detectados na necrópole da Herdade das Casas ou da Cardeira (Fabião, 1998, p. 389; Calado e Mataloto, 2001, p. 144; Mataloto, 2004, p. 178).

Não será impossível, atendendo a alguns dados que têm vindo a emergir nos últimos anos, que nos finais do milénio, o povoamento rural conheça alguma intensificação, já após a conquista romana, sendo, no entanto, completamente substituído mais tarde pela colonização romana, que ditará novas regras, reorganizando por completo a estruturação das redes regionais de povoamento.

Redondo, Inverno de 2005/2006

Bibliografia

Alarcão,J. (1996) - Os círculos culturais da Iª Idade do Ferro no Sul de Portugal. In Villar, F. e Encarnação, J. (Eds) *La Hispania Prerromana*. Actas do VI Colóquio sobre Línguas e Culturas Prérromanas de la Península Ibérica. pp.19-36.

Alvar, A.; González Wagner, C. (1988) - La actividad agrícola en la economia fenicia de la Península Ibérica. *Gérion*. Madrid. 6. pp. 169-188.

Arnaud, J.M., (1979) - Coroa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos Arredores de Évora - Escavações de 1971-1972. *Madrider Mitteilungen*. 20. Mainz. pp. 56-100.

Arruda, A. M. (1999-2000) - *Los fenícios en Portugal*: *Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal*. Cuadernos de Estudios Mediterráneos. Barcelona.

Arruda, A. M. (2001) - A Idade do Ferro pós-Orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 4. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. pp. 207-291.

Arruda, A. M.; Guerra, A.; Fabião, C., (1995) - O que É a IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal. *Iº Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993). Actas VI.* Trabalhos de Antropologia e Etnologia. 35 (2). pp. 237-257.

Beirão, C.M. (1986) - *Une Civilization Protohistórique du Sud de Portugal - Ier Age du Fer*. Paris: Diffusion E. de Boccard.

Beirão, C. M.; Gomes, M. V. (1980) - *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal Epigrafia e Cultura*. Lisboa: SEC/MNAE.

Berrocal-Rangel, L. (1992) - *Los Pueblos Célticos del Suroeste de la Peninsula Ibérica*. Complutum Extra. 2. Madrid: Universidade Complutense.

Berrocal-Rangel, L. (1994) - El Oppidum de Badajoz. Ocupaciones Prehistoricas en la Alcazaba. In Almagro Gorbea, M.; Martín, A.M. (eds.) *Castros y Oppida en Extremadura*. Complutum Extra. 4. Madrid: UniversidadeComplutense. pp. 147-187.

Bonet Rosado, H.; Mata Parreño, C. (2001) - Organización del territorio y poblamiento en el País Valenciano entre los siglos VII al II a.C.. In Berrocal-Rangel, L. ; Gardes, P. (eds.) *Entre Celtas e Íberos. Las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania.* Biblioteca Arqueológica Hispânica. 8. Madrid: Real Academia de História/Casa de Velázquez. pp. 175-186.

Calado, M. (1991) - *O povoado da II Idade do Ferro do Castelão de Rio de Moinhos. Campanha 1*. Relatório de escavação. Policopiado.

Calado, M. (1993) - Carta Arqueológica do Alandroal. Alandroal: Câmara Municipal do Alandroal.

Calado, M. (2002) - Povoamento Pré e Proto-Histórico da margem direita do Guadiana. *Almadan*. IIª série. Nº 11. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 122-127.

Calado, M.; Barradas, M.; Mataloto, R. (1999) - Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central. *Actas do Congresso de Proto-História Europeia*. Vol. I. Revista de Guimarães, volume especial. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. pp. 363-386.

Calado, M.; Mataloto, R. (2001) - *Carta Arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.

Calado, M.; Mataloto, R.; Rocha, A. (no prelo) - Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). *Actas do Curso de Verão Arqueologia de la Tierra (Castuera, Julho de 2005).*

Calado, M.; Rocha, L. (1996/1997) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. IIª Série. nº2-3. Évora. pp. 35-55.

Calado, M.; Rocha, L. (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. 1. Reguengos de Monsaraz. pp. 99-130.

Celestino Pérez, S. (Ed.) (1996) - *El Palacio Santuario de Cancho Roano V - VI - VII. Los Sectores Oeste, Sur y Este*. Badajoz: Junta de Extremadura/B. Gil de Santa Cruz.

Celestino Pérez, S. (2001) - Los Santuarios de Cancho Roano. Del indigenismo al Orientalismo Arquitectónico. In Ruiz Mata; D.; Celestíno Pérez, S. (eds.) *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. S/l: CEPO/CSIC. pp. 17-56.

Celestino Pérez, S.; Jiménez Ávila, F. J. (1993) - *El Palacio-Santuario de Cancho Roano IV. El Sector Norte*. Badajoz, B. Gil Santacruz.

Correia, V. H. (1997) - Um modelo Historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua Arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 37 (3-4). Porto. pp. 41-85.

Correia, V.H. (1999) - Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica. *Vipasca*. 8. Aljustrel: UAAL/Câmara Municipal de Aljustrel. pp. 23-31.

Díes Cusí, E. (2001) - La influencia de la arquitectura fenicia en las arquitecturas indígenas de la Península Ibérica (VIII-VII). In Ruiz Mata; D.; Celestíno Pérez, S. (eds.) *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. S/l: CEPO/CSIC. pp.69-121.

Enríquez Navascués, J.; Rodríguez Díaz, A. (2001) - *Extremadura Tartéssica: Arqueología de un proceso periférico*. Barcelona: bellaterra-arqueología.

Enríquez, J.; Valdés, F.; Pavón, I.; Rodríguez Díaz, A.; López del Álamo, P. (1998) - La estratigrafia del "Sector de Puerta de Carros-2 (SPC-2) de Badajoz y el contexto poblacional del "Valle Médio del Guadiana" en la Edad del Hierro. In Rodríguez Díaz, A. (coord.) *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, economia y poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura. pp. 201-246.

Fabião, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. 3 Vol., policopiado.

Fabião, C. (2001) - Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do I° milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta. pp. 197-228.

Ferrer Albelda, E.; Bandera Romero, Mª L. (2005) - El orto de Tartessos: la colonización agraria durante el período Orientalizante. In Celestino Pérez, S.; Jiménez Ávila, J. (eds) *Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Anexos del Archivo Español de Arqueologia. XXXV. Vol. I. Mérida: IAM/CSIC. pp. 565-574.

Guerrero Ayuso, V. M. (1991) - El Palacio-Santuário de Cancho Roano (Badajoz) y la comercialización de ánforas indígenas. *Rivisti di Studi Fenici*. Vol. XIX, 1. Roma. pp. 49-82.

Gomes, M. V. (s/d [1992]) - Proto-História do Sul de Portugal. In Silva, A. C. F.; Gomes, M. V. (coord.) *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta. pp. 101-185 e 240-275.

Gomes, S.; Brazuna, S.; Macedo, M. (2002) - Ocupações romanas na margem direita do Guadiana. *Almadan*. IIª série. N° 11. Almada. pp. 134-138.

Gibson, C.; Correia, V.; Burgess, C. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excations at the late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Vol. 0. Porto: ADECAP. pp. 189-244.

Hernández Carretero, A. (2005) - *Estudio Palinológico de la cuenca baja del Guadiana (Alentejo)*. Relatório inédito, estruturado no âmbito dos estudos das intervenções do Bloco 8 do PMI de Alqueva.

Jiménez Ávila, J. (2001) - Los Complejos monumentales Post-Orientalizantes del Guadiana y su integraciónen el panorama del Hierro Antiguo del Suroeste Peninsular. In Ruiz Mata, D. e Celestino Pèrez, S. (eds.) *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: C.E.P.O. e CSIC. pp. 193-226.

Jiménez Ávila, J. (1997) - Cancho Roano y los Complejos Monumentales Post-Orientalizantes del Guadiana. *Complutum*. 8. Madrid. pp.141-159.

Jiménez Ávila, J. e Ortega Blanco, J. (2001) - El poblado Orientalizante de El Palomar (Oliva de Mérida). Noticia preliminar. Ruiz Mata, D. e Celestino Pèrez, S. (eds.) *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: C.E.P.O. e CSIC. pp. 226-248.

Jiménez Ávila, J.; Ortega Blanco, J.; López-guerra, A. (no prelo) - *El poblado de "El Chaparral" (Aljucén) y el asentamiento del Hierro antiguo enla comarca de Mérida*.

Maia, Mª. P. (1988) - Neves II e a "Facies" Cultural de Neves-Corvo. *1° Encontro de Arqueologia da Região de Beja*. Arquivo de Beja. 2ª série, 3. Beja. pp.23-42.

Maia, Mª. P.; Correa, J. (1985) - Inscripción en Escritura Tartesia (o del SO) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueologico. *Habis*. 6. Sevilla. pp. 243-274.

MAIA, Mª; MAIA, M. (1996) - Arqueologia do Couto mineiro de Neves-Corvo. In Rego, M. (dir.) *Mineração no Baixo Alentejo*. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde. pp. 82-93.

MATALOTO, R. (2004) - *Um "monte " da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no Iº milénio a.C. do Alentejo Central*. Trabalhos de Arqueologia. 37. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

MATALOTO, R. (2004a) - Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da serra d'Ossa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 7, nº 2. Lisboa. pp 139-173.

MOLINOS MOLINOS, M; RÍSQUEZ CUENCA, C.; SERRANO PEÑA, J.L.; MONTILLA PÉREZ, S. (1994) - *Un problema de fronteras en la periferia de Tartessos: las Calañas de Marmolejo (Jaén)*. Jaén: Universidad de Jaén.

PARREIRA, R. (1995) - Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior. In *A Idade do Bronze em Portugal -discursos de poder*. Lisboa: IPM/Museu Nacional de Arqueologia. pp. 131-134.

PELLICER, M. (2000) - El processo Orientalizante en el Occidente Ibérico. *Huelva Arqueológica*. Vol. 16. Huelva. pp. 89-134.

PÉREZ MACÍAS, J. (1996) - La transición a la Edad del Hierro en el suroeste peninsular. El problema de los *Celtici*. *Spal*. Vol. 5. Sevilha: Universidade de Sevilha. pp. 101-114.

QUEIROZ, P.; LEEUWAARDEN, W. (2004) - *Estudos de arqueobotânica no povoado da Idade do Ferro da Herdade da Sapatoa (Redondo/Évora)*. Trabalhos do CIPA. 73. Lisboa: IPA.

RAMÓN TORRES, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universitat de Barcelona.

ROCHA, L. (2003) - O monumento megalítico da I Idade do Ferro do Monte da Tera (Pavia, Mora): Sectores 1 e 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 6, nº 1. Lisboa. pp. 121-129.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (Ed.) (2004) - *El edifício protohistorico de "La Mata" (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura. 2vols.

RUIZ ZAPATERO; G.; LORRIO, A. (1986) - Casas redondas y rectangulares de la Edad del Hierro: aproximación a un análisis comparativo del espacio doméstico. *Arqueología Espacial*. Vol. 9. Teruel. pp. 79-101.

SILVA, A.; BERROCAL-RANGEL, L. (2005) - O Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 8, nº 2. Lisboa. pp. 129-176.

TEICHNER, F. (2000) - Dois fragmentos de "recipientes rituais" da fase orientalizante, provenientes do Alto Alentejo. *A Cidade de Évora*. IIª Série. nº4. Évora. pp. 83-98.

ARQUITECTURA DOMÉSTICA EN EL CERRO DEL VILLAR: USO Y FUNCIÓN DEL ESPACIO EN EL EDIFICIO 2 *

**

A. Delgado
M. Ferrer
A. Garcia
M. López
M. Martorell
G. Sciortino

Universitat Pompeu Fabra

Resumen

En esta comunicación se presenta el análisis de uno de los espacios residenciales excavados en el yacimiento del Cerro del Villar, el edificio 2, con el objetivo de realizar una lectura social de este ámbito. Nuestro estudio presenta una descripción de cada uno de los espacios junto con una interpretación de los mismos y de la relación que se establece entre ellos. Esta interpretación se basa en un análisis de la distribución espacial de los materiales registrados en cada una de las estancias de este edificio teniendo en cuenta los datos arquitectónicos y estratigráficos.

Resumo

Nesta comunicação apresenta-se a análise de um dos espaços residenciais escavados no Cerro del Villar, o edifício 2, com o objectivo de realizar una leitura social de este contexto.

O nosso estudo apresenta uma descrição de cada uno dos espaços, juntamente com uma interpretação dos mesmos e da relação que se estabelece entre eles. Esta interpretação baseia-se na análise da distribuição espacial dos materiais registados em cada um dos compartimentos de este edifício, tendo em conta os dados arquitectónicos e estratigráficos.

---

* Trabalho ampliado e revisto, originalmente apresentado como poster.

** Nota do Editor:

Texto não revisto pelos autores. Todas as tentativas para contactar os autores de forma a que corrigissem as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

Introducción

La colonia fenicia del Cerro del Villar se sitúa en el sudeste de la Península Ibérica, en la bahía de Málaga. Con una altura de poco más de 5 m sobre el nivel del mar en su momento de abandono y una superficie de unas 10 ha, en los siglos VIII y VII a.C. era una pequeña isla fluvial en el río Guadalhorce dentro de un paraje de humedales salpicado de estanques y lagunas deltaicas (Carmona, 1999, p. 33-41).

La intervención arqueológica llevada a cabo en el asentamiento fenicio del Cerro del Villar durante el año 2003, dirigida por los doctores M.E. Aubet, A. Delgado y E. García, se centró en un área residencial situada en el sudeste del asentamiento, muy próxima a la antigua orilla del río Guadalhorce. Esta zona corresponde a los denominados sectores 2 y 6 excavados parcialmente durante las actuaciones arqueológicas de los años 1989 y 1991, en que se identificaron tres edificios que datan del siglo VII a.C.: el edificio 2, el edificio 5 y el edificio 6[1].

El edificio 2: arquitectura y construcción

El edificio 2 es una compleja construcción ortogonal que consta de siete estancias y ocupa una superficie aproximada de 75 m^2 construidos (Fig. 1). Su forma reproduce una estructura típicamente oriental, propia de las casas del área levantina durante la Edad del Hierro antiguo (Braemer, 1982; Díes Cusí, 1995).

La construcción de este edificio sigue patrones propios de la arquitectura fenicia arcaica: muros de mampostería, mayoritariamente de caliza local que aparece mezclada en algunos tramos con otros materiales de menor calidad. La piedra está simplemente trabada con barro y los muros aparecen recubiertos en su cara interna y externa con una espesa capa de arcilla. De los alzados de adobe que se erigían sobre ellos apenas se han conservado vestigios mientras que los zócalos de piedra se han preservado prácticamente intactos, con alturas que alcanzan hasta 1,09m.

El interior de las estancias se rellenó con sucesivas capas de arcilla sobre las que se construyeron los suelos de las habitaciones, que se elevan casi un metro de altura respecto a la base de la construcción. Este sistema de construcción, que se documenta en la arquitectura doméstica del Próximo Oriente ya desde tiempos neolíticos, responde a la necesidad de aislar los espacios de habitación de la humedad y de otros fenómenos medioambientales como crecidas fluviales o inundaciones (Molist, 1991, p. 142).

El edificio 2: uso y función del espacio

La estancia principal del edificio 2 es el denominado espacio 1, como evidencia su tamaño, sus características constructivas y los materiales localizados en ella. Esta habitación, situada en la zona oeste del edificio, es la mayor de toda la casa con 13,30 m^2 de superficie construida. Dispone en tres de sus lados de bancos corridos de adobe que se apoyan directamente sobre un suelo de tierra apisonada. Éste es el único nivel de ocupación: un sedimento arenoso de color gris oscuro resultado de una importante concentración de material orgánico. Directamente sobre este suelo se encontró una gran acumulación de materiales: vasijas cerámicas prácticamente completas, objetos metálicos, así como restos de malacología y fauna.

1 Este trabajo se inscribe en el Proyecto General de Investigación Arqueológica "Cerro del Villar II: sociedad y economía coloniales", aprobado por la Dirección General de Bienes Culturales de la Junta de Andalucía. Este segunda fase de investigación tiene como objetivo el análisis social de un ámbito colonial fenicio a partir de la identificación, excavación y estudio de distintos sectores residenciales, productivos y administrativos del asentamiento.

Fig. 1. Planta y distribución de materiales del Edificio 2 del Cerro del Vilar (Málaga)

Todo el material hallado en este espacio alude a un contexto totalmente doméstico. Se trata básicamente de formas cerámicas relacionadas con el almacenamiento, el consumo y la manipulación de alimentos: platos de engobe rojo y cuencos a mano, que aparecieron junto a ollas a mano y a torno y fragmentos de ánforas. Los objetos de metal identificables – dos cuchillos afalcatados de hierro- responden a idéntica función.

Estos materiales, la abundancia de desechos de materia orgánica y las banquetas de adobe indican que este es un espacio destinado principalmente al consumo de comida, al descanso y a la reunión. No hay elementos de trabajo, ni tampoco estructuras de combustión u otras evidencias asociadas con la cocción de alimentos.

Esta estancia principal se orienta al este lo que le proporciona abundante luz que entra desde la calle. La entrada a este espacio, sin embargo, se realiza desde un patio interior, el denominado espacio 5 situado al norte de la casa. El suelo de este patio aparece empedrado con guijarros de pequeño tamaño y sus paredes conservan la capa de arcilla que recubre la piedra de los muros y un grueso revoque de cal de unos 4 cm de espesor. Arcilla y cal son materiales aislantes que protegen a las estancias que rodean al patio de la humedad ambiental, al mismo tiempo que la cal favorece la iluminación de esos espacios.

La parte noroeste está cubierta por un porche. Éste se sostenía en una de las paredes de la estancia contigua (espacio 3) y en una estructura de adobe adosada al muro exterior. En línea con la pared que separa dos de los espacios que dan al patio (1 y 2) se hallaron cuatro piedras en forma de L. Dos de ellas presentaban orificios en los que debieron encajarse postes de madera que sostenían esta cubierta. En la otra parte del patio se concentran los materiales que aparecen prácticamente completos y rotos contra el suelo. Las vasijas cerámicas son mayoritariamente formas relacionadas con el almacenamiento: grandes contenedores como ánforas –se han registrado un mínimo de 8 ejemplares en este área-, un pithos y un vaso *à chardon* a mano. También se han hallado residuos orgánicos -malacología y fauna- junto a una olla a mano con señales de combustión en su base.

Como otros patios interiores orientales, el espacio 5 es una estancia multifuncional: actúa como distribuidor dando acceso a los distintos espacios, facilita la iluminación de los mismos y se utiliza como lugar de almacenamiento de la casa.

Una de las singularidades de este espacio es la presencia de un pavimento de conchas que se encuentra bajo el porche y que marca el acceso al espacio 2. Este pequeño suelo muestra una ligera inclinación formando una especie de rampa, reproduciendo el mismo sistema de circulación entre espacios visto en las casas de la Cartago arcaica, donde los umbrales de las puertas aparecen señalados por una elevación de las margas del suelo (Rakob, 1998, p. 28). Este pavimento está formado por moluscos de la especie *Glycymeris glycymeris* que, al margen de su significado simbólico, se utilizan en la arquitectura doméstica levantina de la Edad del Bronce y del Hierro para ayudar al drenaje de las aguas (Bar-Yosef, en prensa).

El espacio 2 es un cubículo rectangular de 3,20 m de largo y 1,78 m de ancho. Tres de sus laterales están cubiertos por espesas capas de barro de más de 20 cm de espesor, que a su vez están revocadas por una gruesa capa de cal. El suelo de este espacio presenta un preparado de cal blanca que cubre toda la estancia y se asienta sobre un enorme relleno de arcilla de más de medio metro de espesor. El grosor del revestimiento de barro, la elevación del suelo y el encalado permitieron la perfecta impermeabilización de este espacio, por lo que pudo ser utilizado como cisterna o aljibe para almacenar líquidos. Estas construcciones se documentan en el mundo ibérico donde sirvieron para guardar aceite o agua con fines artesanales o domésticos (Bonet, 1998, p. 91; Blasco y Rafel, p. 1995).

El patio interior también da acceso a los espacios 3 y 4 situados en el extremo oriental de la casa. El espacio 3 es una pequeña habitación con un suelo de barro apisonado sobre el que aparecen dispersos algunos guijarros de pequeño tamaño. La enorme concentración de restos de com-

bustión y residuos orgánicos en la esquina noroeste relaciona este espacio con tareas de cocción y procesamiento de alimentos. Otros materiales inciden en el mismo uso de este espacio: ollas a torno y a mano, ánforas para el almacenamiento a pequeña escala, dos botellitas y un plato con engobe, a los que cabe añadir restos de algunos objetos de metal. En el espacio 3 probablemente se ubicó una de las entradas de la casa puesto que se encontró un suelo de conchas en el exterior de este espacio. Como en el caso anterior podría estar señalizando un umbral de entrada a la casa.

El área oriental del edificio, formado por los espacios 1, 2, 3, 4 y 5, está articulado entorno al patio interior, que facilita el acceso a todos estos espacios dedicados a actividades de mantenimiento, consumo y descanso. En el Próximo Oriente este tipo de arquitectura doméstica aparece ya en el IV milenio y responde a una ideología que plasma en la forma de las casas las relaciones de género.

Por otro lado, las dos estancias más occidentales de la casa, los espacios 6 y 7, no parecen tener acceso directo desde estas habitaciones. Tanto las estructuras como la distribución del material localizado indican que se entraría en ellas directamente desde la calle. Esta segregación podría estar relacionada con el uso no residencial de estos dos espacios.

El espacio 6 es un taller artesanal dedicado a trabajos metalúrgicos a pequeña escala. Desechos de producción, restos de minerales y una estructura de combustión son evidencias del desarrollo de actividades relacionadas con el trabajo del plomo. En la esquina oeste de la habitación se registró el área de combustión. Se trata de un rectángulo de tierra rubefactada, elevado algunos centímetros respecto al suelo de esta estancia, junto al que aparecen pequeños carbones y algunas manchas de cenizas. Esta estructura conserva parte de su pared exterior: un pequeño arco formado por arcilla y piedras cerrado por la boca de un ánfora. Aproximadamente a un metro de esta zona, se encuentra una concentración de desechos metalúrgicos –escorias de plomo y galena argentífera-. En este espacio no existen evidencias de actividades domésticas. La cerámica está muy fragmentada y totalmente rodada por lo que la mayoría de estos hallazgos corresponden a deposiciones secundarias.

La habitación 7, contigua al espacio 6, presenta un carácter completamente diferente al resto de la casa. Es la estancia más pequeña del edificio 2 y consta de una superficie útil de tan sólo 2 m^2. Dispone de un material totalmente singular que nos remite a prácticas rituales. Dos huevos de avestruz, con restos de ocre en su interior, se apoyaban en una de las paredes de la estancia y tres lucernas casi completas se disponían en forma de U alrededor de la habitación. Otros elementos que remiten a este tipo de prácticas relacionadas con la cremación de esencias aromáticas son dos conchas de la especie *Glycymeris glycymeris*, una de las cuales conservaba todavía restos de carbón. Esta asociación viene marcada asimismo por la similitud morfológica entre este molusco y lámparas fenicias con una sola mecha. Además se depositaron un pendiente de plata en forma de creciente lunar y restos de objetos de bronce entre los que destacan varios fragmentos de una vasija quemada.

A modo de conclusión

Tradicionalmente los ámbitos domésticos han sido espacios marginados en la arqueología fenicia, no sólo desde una vertiente interpretativa, sino incluso desde la simple aproximación empírica. Sin embargo, su estudio constituye uno de los elementos esenciales para aproximarse a la organización social y económica de las sociedades del pasado. En este sentido, el estudio del edificio 2 incide en el importante peso que tuvieron comerciantes y, especialmente artesanos, en la comunidad que habitó esta colonia, como evidencia el taller metalúrgico identificado en la casa. El análisis de este edificio constituye el punto de partida para realizar una aproximación a la composición social de un asentamiento colonial fenicio como el Cerro del Villar.

Bibliografia

Alaimo, R.; Bistolfi, F.; De Cesare, M.; Famà, M. L.; Iliopoulos, I.; Mammina, G.; Michelini, C.; Montana, G.; Rossoni, G.; Toti, M. P.; Vecchio, P. (2002) - *Mozia. Gli scavi nella "Zona A" dell'abitato*. Bari: Edipuglia.

Aubet Semmler, M. E. (1991) - Cerro del Villar 1989. Informe de la segunda campaña de excavaciones en el asentamiento fenicio de la desembocadura del Guadalhorce (Málaga). *Anuario Arqueológico de Andalucía*. 2. Sevilla. pp. 377-381.

Aubet Semmler, M. E.; Carmona, P.; Curià, E.; Delgado, A.; Fernández Cantos, A.; Párraga, M. (1999) - *Cerro del Villar-I. El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. Sevilla: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.

Bar-Yosef Mayer, D. (in press) - From Statue Decoration to Floor Foundation: The Role of Glycymeris in the Levant. In *9th Conference of the Internacional Council of Achaeozoology (ICAZ, 23rd-28th August 2002, Durham)*. Oxford: Oxbow Books.

Bazzana, A.; Delaigue, M.-C. (1995) - *Ethno-archéologie Méditerranéenne. Finalités, démarches et résultats*. Madrid: Casa de Velázquez.

Blasco i Arasanz, M.; Rafel i Fontanals, N. (1995) - El taller tèxtil de Coll del Moro de Gandesa (Terra Alta). *Tribuna d'Arqueologia*. 1993-1994. Barcelona. pp. 37-50.

Bonet Rosado, H. (1998) - Tècniques constructives. In *Els Ibers. Prínceps d'Occident*. Barcelona: Association Française d'Artistique, Ministerio de Educación y Cultura, Fundació "La Caixa", Kunst- und Austellungshalle der Bundesrepublik Deutschland. pp. 90-91.

Bonet Rosado, H.; Guérin, P. (1995) - Propuestas metodológicas para la definición de la vivienda ibérica en el área valenciana. In *Ethno-archéologie Méditerranéenne. Finalités, démarches et résultats*. Madrid. pp. 85-104.

Braemer, F. (1982) - *L'architecture domestique du Levant à l'Age du Fer*. París: Éditions de Recherche sur les Civilisations.

Carmona, P. (1999) - Evolución paleogeográfica y geomorfológica del entorno del Cerro del Villar. In *Cerro del Villar-I. El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. Sevilla: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura. pp. 33-41.

Díes Cusí, E. (1995) - *La arquitectura fenicia de la Península Ibérica y su influencia en las culturas indígenas*. Barcelona: Universitat de València, Facultat de Geografia i Història.

Díes Cusí, E. (2001) - La influencia de la arquitectura fenicia en las arquitecturas indígenas de la Península Ibérica (s. VIII-VII). In *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. pp. 69-121.

Fusaro, D. (1982) - Note di architettura domestica greca nel periodo tardo-geometrico e arcaico. *Dialoghi di Archeologia*. 4:1. Roma. pp. 5-23.

Herrera González, M. D. (1991) - El urbanismo fenicio en el Próximo Oriente en el 1er. milenio. In *I-IV Jornadas de arqueología fenicio-púnica (Ibiza 1986-89)*. Eivissa: Museu Arqueològic d'Eivissa, Direcció General de Cultura, Conselleria de Cultura, Educació i Esports, Govern Balear. pp. 151-156.

Mata Parreño, C. (1998) - Les activitas productives en el món ibèric. In *Els Ibers. Prínceps d'Occident*. Barcelona: Association Française d'Artistique, Ministerior de Educación y Cultura, Fundació "La Caixa", Kunst- und Austellungshalle der Bundesrepublik Deutschland. pp. 95-101.

Molist Montañà, M. (1991) - Orígenes del urbanismo en el Próximo Oriente. Notas en torno a la arquitectura, el espacio y el hábitat en el desarrollo de los primeros poblados agrícolas. In *I-IV Jornadas de arqueología fenicio-púnica (Ibiza 1986-89)*. Eivissa: Museu Arqueològic d'Eivissa, Direcció General de Cultura, Conselleria de Cultura, Educació i Esports, Govern Balear. pp. 139-150.

Murdock, G. P.; Provost, C. (1973) - Factors in the Division of Labor by Sex: A Cross-Cultural Analysis. *Ethnology*. 12, 2. Pittsburgh. pp. 203-225.

Rakob, F. (1998) - Cartago. La topografía de la ciudad púnica. Nuevas investigaciones. En *Cartago fenicio-púnica: las excavaciones alemanas en Cartago 1975-1997*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 4. Barcelona. pp. 15-46.

Ramon, J. (1991) - El yacimiento fenicio de Sa Caleta. In I-*IV Jornadas de arqueología fenicio-púnica (Ibiza 1986-89)*. Eivissa: Museu Arqueològic d'Eivissa, Direcció General de Cultura, Conselleria de Cultura, Educació i Esports, Govern Balear. pp. 177-196.

Sanmartí, J. (1998) - La casa ibèrica. In *Els Ibers. Prínceps d'Occident*. Barcelona: Association Française d'Artistique, Ministerior de Educación y Cultura, Fundació "La Caixa", Kunst- und Austellungshalle der Bundesrepublik Deutschland. pp. 92-95.

LES FOUILLES TUNISO-BELGES DU TERRAIN BIR MASSOUDA (2002-2005) : CONTRIBUTION À LA CONNAISSANCE DE LA TOPOGRAPHIE DE CARTHAGE À L'ÉPOQUE ARCHAÏQUE

B. Maraoui Telmini [1]
F. Chelbi [2]
Roald F. Docter [3]

[1] *Université de Tunis*
[2] *INP - Tunis*
[3] *Université de Gand, Belgique*

Résumé

Le terrain de Bir Massouda à Carthage-Dermech fait l'objet, depuis trois ans, d'un programme de recherche Tuniso-Belge dont les résultats contribuent à une meilleure connaissance de l'urbanisme de Carthage à l'époque archaïque. En effet, dans la première configuration urbaine de la Cité phénicienne, ce secteur se trouvait *extra muros*, abritant une vieille nécropole à incinération, antérieure au cimetière de Junon et datable du plein VIIIe s. av. J.-C. Les investigations menées au sud de ce terrain ont permit de reconnaître neuf *pozzi* à incinérations, creusés dans la roche mère. Ceux-ci ont été perturbés depuis l'Antiquité, lors de l'installation d'un groupement d'ateliers métallurgiques qui, du fait de leur caractère polluant, avaient été relégués en dehors de la ville, à la place du vieux cimetière phénicien. Les fouilles Tuniso-Belges ont permit aussi de retrouver, à quelques dizaines de mètres au nord de ces *pozzi*, les restes de la muraille archaïque de Carthage, constituée d'un bastion en relation avec deux murs parallèles reliés par des murets transversaux : type de mur à casemates. Il s'agit sans doute d'un tronçon de la muraille de la Cité archaïque partiellement visible dans les fouilles allemandes de la rue Ibn Châbaat.

Abstract

The bilateral excavations of the INP (Tunisia) and Ghent University (Belgium) on the Bir Massouda site in the centre of Carthage have yielded the remains of an Early Punic (Archaic) necropolis, dating to the full 8th century BCE and, hence, prior to the Junon necropolis. Nine *pozzi* dug into the bedrock have been found, which are interpreted as the lower parts of cremation burials of the first generation settlers in Carthage. By the beginning of the 7th century BCE the necropolis had to make place for the installation of metallurgical workshops, in the course of which the burials had respectfully been cleared out. The Tuniso-Belgian investigations have revealed several indications relating to this metallurgical activity testifying to a long period of use. Only by the last quarter of the 5th century BCE a transformation of the metallurgical area of the Bir Massouda site into a fully-fledged residential quarter took place. Farther north of these *pozzi*, the excavations have given evidence of fortifications forming the southern boundary of Carthage during the Early Punic (Archaic) period. They consist of a bastion in connection with and partly formed by parallel walls joined by transverse walls: a type of casemate wall. It is probable that these constructions are to be linked with the still visible city wall in German excavations of the Rue Ibn Châbaat.

Introduction

Le terrain de Bir Massouda à Carthage-Dermech (1,4 hectares) est situé en contrebas du versant est de la colline de Byrsa, entre la ligne du TGM et l'avenue H. Bourguiba[1]. Le secteur sud de ce terrain **(fig. 1)** a fait l'objet, durant quatre ans, d'un programme de recherches Tuniso-Belges : Institut National de Patrimoine (Tunis), Université de Tunis et Université de Gand (Belgique), qui s'articule autour d'une problématique relative à la topographie de la Cité punique de Carthage. Les nouvelles investigations ont permis de mettre au jour un système défensif d'époque archaïque consistant en un tronçon de muraille casematée et les vestiges d'un bastion rénové au cours du Ve s. av. J.-C.. Les restes de neuf *pozzi* ont été aussi retrouvés, attestant l'existence, à la périphérie sud de la Cité phénicienne, du plus ancien secteur funéraire découvert actuellement à Carthage.

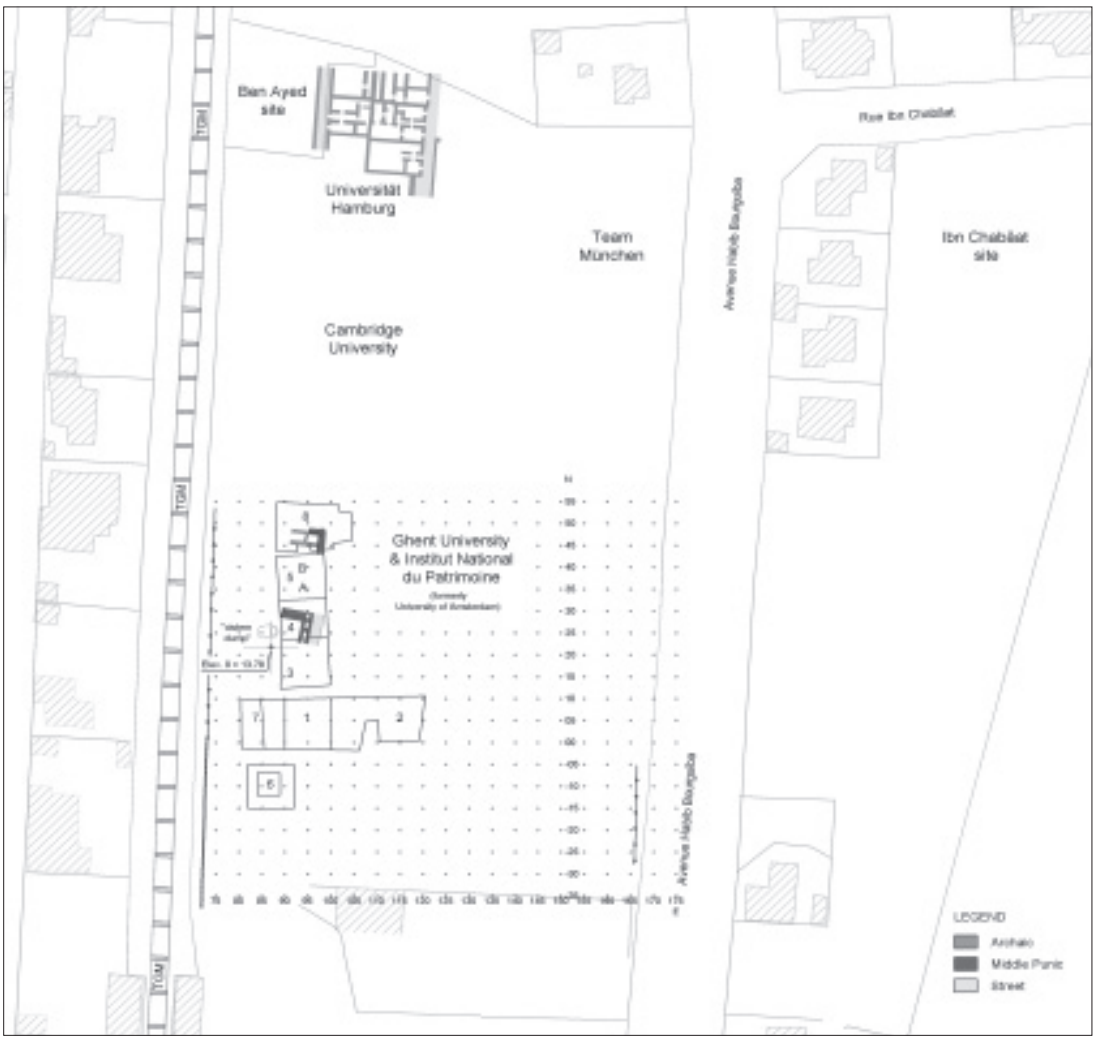


Fig. 1. Le site de Bir Massouda : fouilles de l'Université de Hambourg au nord, fouilles Tuniso-Belges au sud et fouilles allemandes à l'est (site Ibn Chabaat).
(AutoCAD, Vandamme, 2005 ; plan : Université d'Amsterdam ; UGent/INP-Société Athar)

1 Des photos aériennes montrant ce terrain en 1950, 1962 et 1970 sont publiées dans R. F. Docter, 2003, p. 30, fig. 2, 3 et 4. Par rapport à la cadastration romaine, ce terrain est situé au sud du Decumanus Maximus, délimité à l'ouest par le Cardo IX, à l'est par le Cardo XI, et au sud par le Decumanus I sud, cf. F. Chelbi, B. Maraoui Telmini, R. F. Docter, 2006a et b, fig. 2.

I - Problématique liée au terrain

En 1988, les travaux d'une équipe tunisienne de l'INP[2], effectués dans un secteur limité de Bir Massouda (F. Chelbi, B. Maraoui Telmini, R. F. Docter, 2006a, fig. 1)**,** avaient abouti à la mise au jour de restes de fours métallurgiques et d'un matériel archaïque comprenant des tessons de céramique à faciès funéraire, notamment des fragments de bobèches d'oenochoés, à engobe rouge. Au nord et au nord-est de ce terrain, les fouilles de l'Institut Archéologique Allemand de Rome et de l'Université de Hambourg ont permis de documenter les restes d'un quartier résidentiel qui remonte au milieu du VIIIe s. av. J.-C. (H. G. Niemeyer, R. F. Docter et al., 1993 ; H. G. Niemeyer, R. F. Docter et al., 1995 ; H. G. Niemeyer, R. F. Docter et al., 2002; H. G. Niemeyer et al., 2007). Du côté est de l'avenue H. Bourguiba, en face du terrain de Bir Massouda, les fouilles allemandes de la rue Ibn Châbaat ont dégagé les restes d'un habitat d'époque archaïque, adjacent à une zone métallurgique. Ces fouilles ont révélé, entre les deux secteurs, la présence d'un grand mur fait de deux murs parallèles reliés par des murets transversaux : type de mur «à casemates» (R. F. Docter, 2002-2003, p. 123-124 et fig. 6 ; R. F. Docter, 2003, p. 23). Enfin, les fouilles Internationales de l'Université d'Amsterdam permirent de confirmer l'existence, dans le secteur sud de Bir Massouda, d'une activité métallurgique datable des VII-VIe s. av. J.-C. (R. F. Docter, 2002-2003, p. 123-124 et fig. 6 ; R. F. Docter, 2003, p. 23).

L'ensemble de ces éléments, et le fait que l'emplacement du secteur funéraire le plus ancien de Carthage n'était pas encore connu, permirent à R. Docter de conjecturer l'existence d'une nécropole archaïque, dans le secteur sud de Bir Massouda et de placer, par la même occasion, sur ce site, la muraille de la cité archaïque dont un tronçon est visible dans les fouilles allemandes du terrain Ibn Châbaat (voir *supra*).

II - Les fouilles Tuniso-Belges (2002/2005) : principaux résultats (fig. 2)

1)- Un système défensif d'époque archaïque :

*** Le tronçon d'une muraille type « à casemates » (Sondage 8)**

Dans le sondage 8, durant la campagne de 2002, puis celle de 2003, ont été découverts deux murs parallèles orientés est-ouest, reliés par des renforcements transversaux. L'ensemble a été identifié comme étant le tronçon sud d'une muraille carthaginoise d'époque archaïque, du type « à casemates » (R. F. Docter et al., 2003, p. 46 ; R. F. Docter, F. Chelbi., B. Maraoui Telmini et al., 2006, p. 48-50 et fig. 2.), dont la largeur atteint au moins 3,36m **(fig. 2 et 3)**. Les restes de cette muraille double se trouvent à la périphérie nord d'un secteur industriel consacré à des activités métallurgiques, notamment au travail du fer. Cette construction défensive a été datée du milieu du VIIe s. av. J.-C. (R. F. Docter, F. Chelbi, B. Maraoui Telmini et al., 2006, p. 51). Elle remonte par ailleurs, à l'époque de l'installation du secteur métallurgique, à la périphérie sud de la Cité phénicienne (R. F. Docter, F. Chelbi, B. Maraoui Telmini et al., 2006, p. 49).

Une coupe illustrant les différents points de niveaux du sol vierge rencontré à Bir Massouda, dans une série de tranchées de direction nord-sud **(fig. 4),** permet d'observer que le point le plus élevé dans cette zone se situe dans la tranché 8, ce qui aurait parfaitement convenu à l'érection, par les Carthaginois, de la partie méridionale de leur muraille sur cet emplacement stratégique.

2 Sondage effectué durant les mois de juillet et août par F. Chelbi, avec la participation de A. Ferjaoui et de T. Redissi. Les résultats de cette fouille demeurent non publiés.

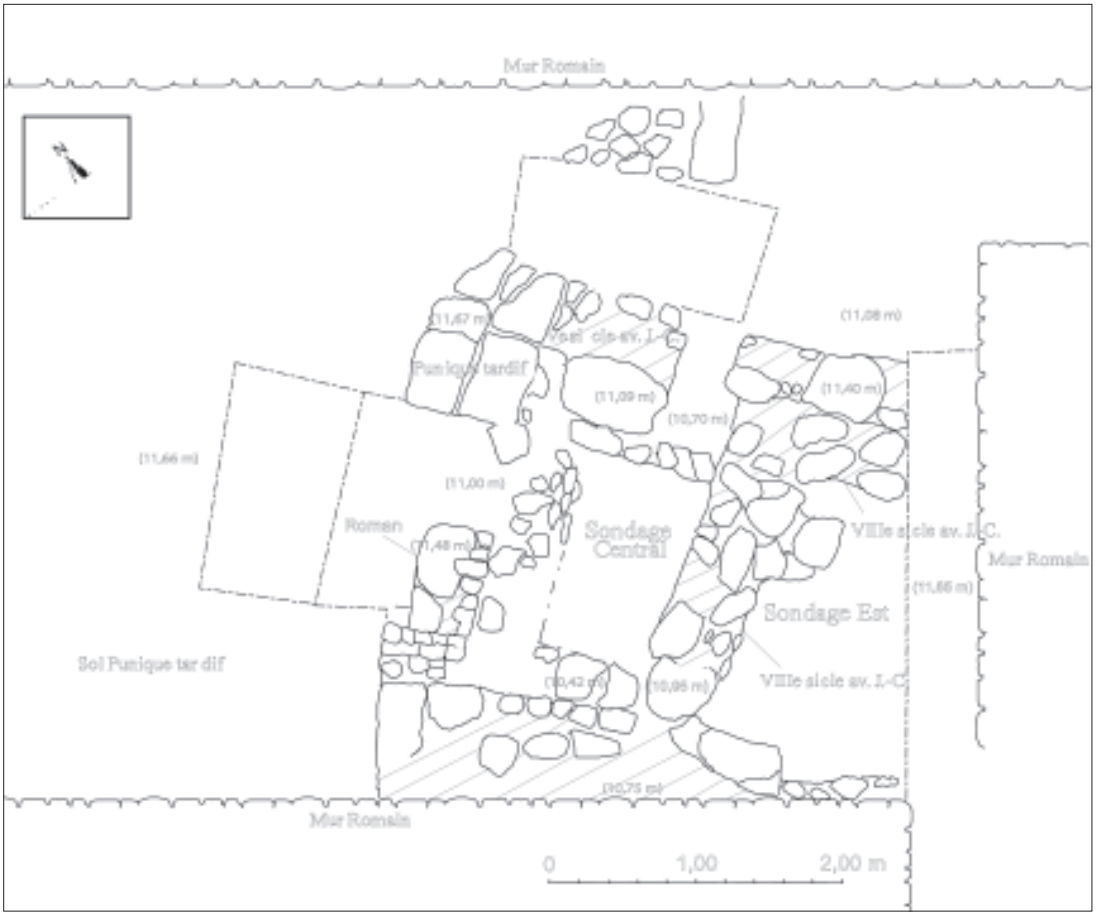


Fig. 2. Sondage 8 : plan du secteur ouest, fouille 2003 ; les restes de la muraille à casemate (dessin E. Deweirdt et L. Verdonck)

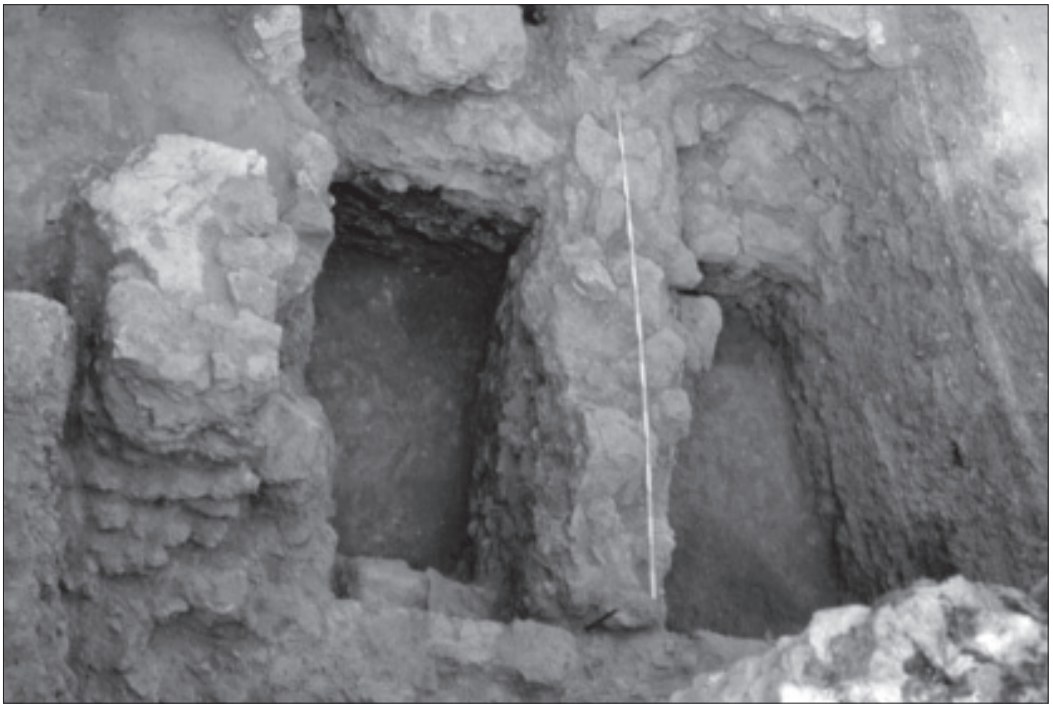


Fig. 3. vue de la muraille à casemates du sondage 8, (photo Ugent/INP)

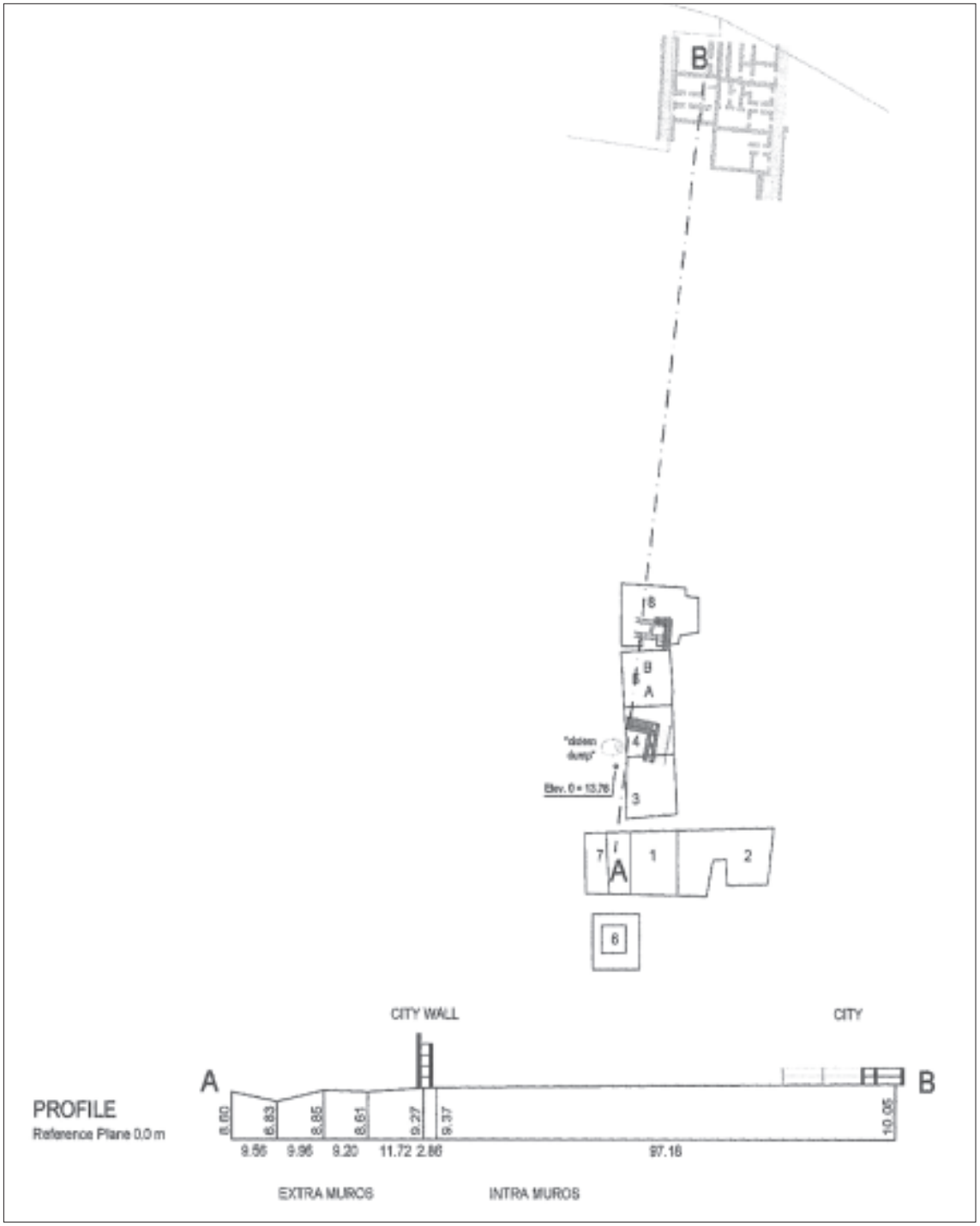


Fig. 4. le site de Bir Massouda : section nord-sud représentant les points de niveau par rapport au niveau de la mer (AutoCAD, Vandamme, 2005)

Enfin, les dernières investigations dans le sondage 8 montrent que cette muraille a été édifiée aux dépends d'un habitat antérieur dont nous avons retrouvé les traces d'un sol en « torba » ainsi que trois pans de murs datables de la deuxième moitié du VIIIe s. av. J.-C. ou de la première moitié du VIIe s. av. J.-C. (R. F. Docter, F. Chelbi, B. Maraoui Telmini et al., 2006, p. 50, fig. 2 et p. 51, fig. 5.) (**fig. 5**). Il s'agit vraisemblablement d'une construction domestique qui fut incorporée à la muraille carthaginoise.

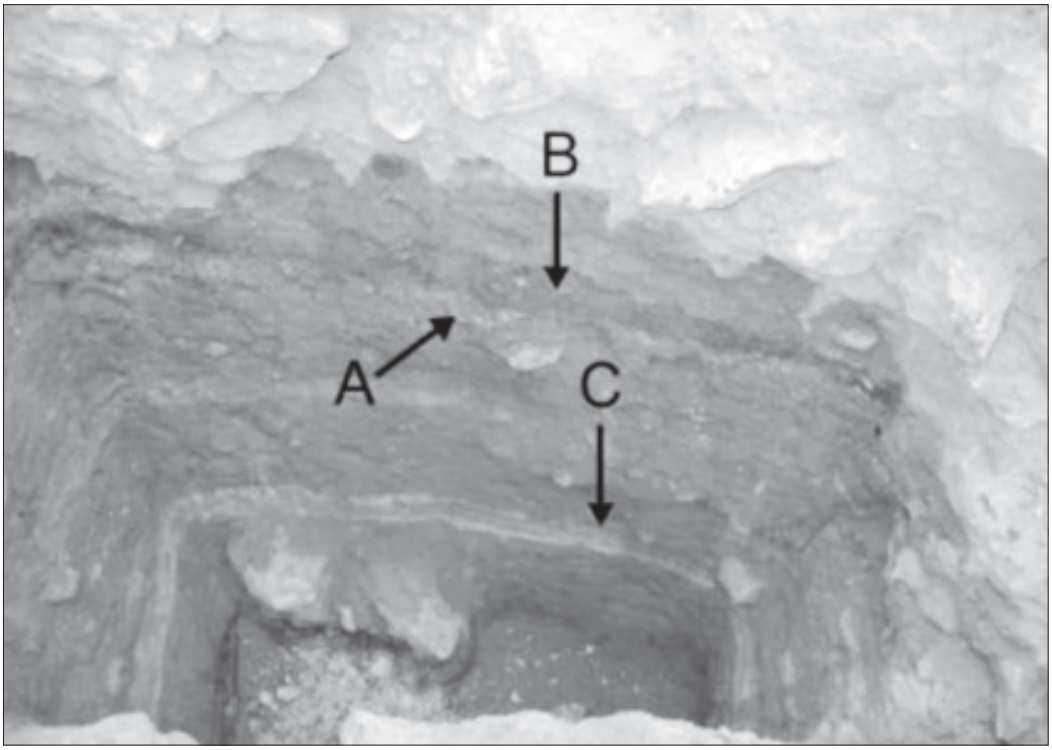


Fig. 5. vue des sols de *torba* attestant une occupation antérieure à l'édification de la muraille casematée (photo UGent/INP)

*** Le bastion : (sondage 4)**

Dans le sondage 4, durant les campagnes de 2004 et de 2005, ont été retrouvés les murs d'un bastion d'époque punique moyenne, dont le côté Est, est constitué de deux murs parallèles liés par des murets transversaux **(fig. 6).** Une couche de débris de pierre utilisée pour la construction de ces murs, permet de les dater du Ve s. av. J.-C. A la base de cette couche, les fondations de l'ensemble de ces murs accusent un retrait notable **(fig. 7),** ce qui serait inhabituel pour des fondations destinées à supporter une construction aussi imposante qu'une tour ou un bastion. Il est remarquable en outre, que la couche d'égalisation, constituée de remblai archaïque redéposé au Ve s. av. J.-C.[3], est précédée par deux niveaux de sols superposés, d'époque archaïque, arrivant jusqu'aux fondations **(fig. 8)**. Il apparaît ainsi, que les murs du bastion du Ve s. av. J.-C. reposent sur les restes d'un bastion d'époque archaïque, réutilisés comme fondations.

2)- Une nécropole à incinération ? : (Sondages 1 et 7)

Dans les tranchées 1 et 7 ont été découverts 9 *pozzi* taillés dans la roche mère **(fig. 9)**, à une profondeur de 4,31m par rapport au sol moderne, soit 8,60m au-dessus du niveau de la mer. Violées ou transférées depuis l'Antiquité, ces excavations renfermaient un remblai cendreux ou charbonneux avec quelques fragments de céramiques et quelques ossements d'animaux. Par ailleurs, il est remarquable que dans toutes les tranchées à Bir Massouda, ont été retrouvés, en nombre considérable, des fragments de céramique à faciès funéraire tels que des fragments de bobèches (voir *supra*), des bords et des fragments d'urnes ou d'oenochoés, ainsi que des fragments d'œufs d'autruches (Docter R. F., F. Chelbi, B. Maraoui Telmini et al., 2006, p. 54, fig. 12-13), signes probables d'une nécropole perturbée depuis l'antiquité dans les environs de ce secteur *extra muros* sud de la Cité.

3 Couche attestée dans tout le secteur environnant.

Fig. 6. côtés Nord et Est du bastion ;
ce dernier est constitué de deux murs parallèles liés par des murets transversaux (photo B. Maraoui Telmini)

Fig. 7. les fondations des murs du bastion du Ve s. av. J.-C.
accusent un rétrécissement notable par rapport à leur élévation (photo B. Maraoui Telmini)

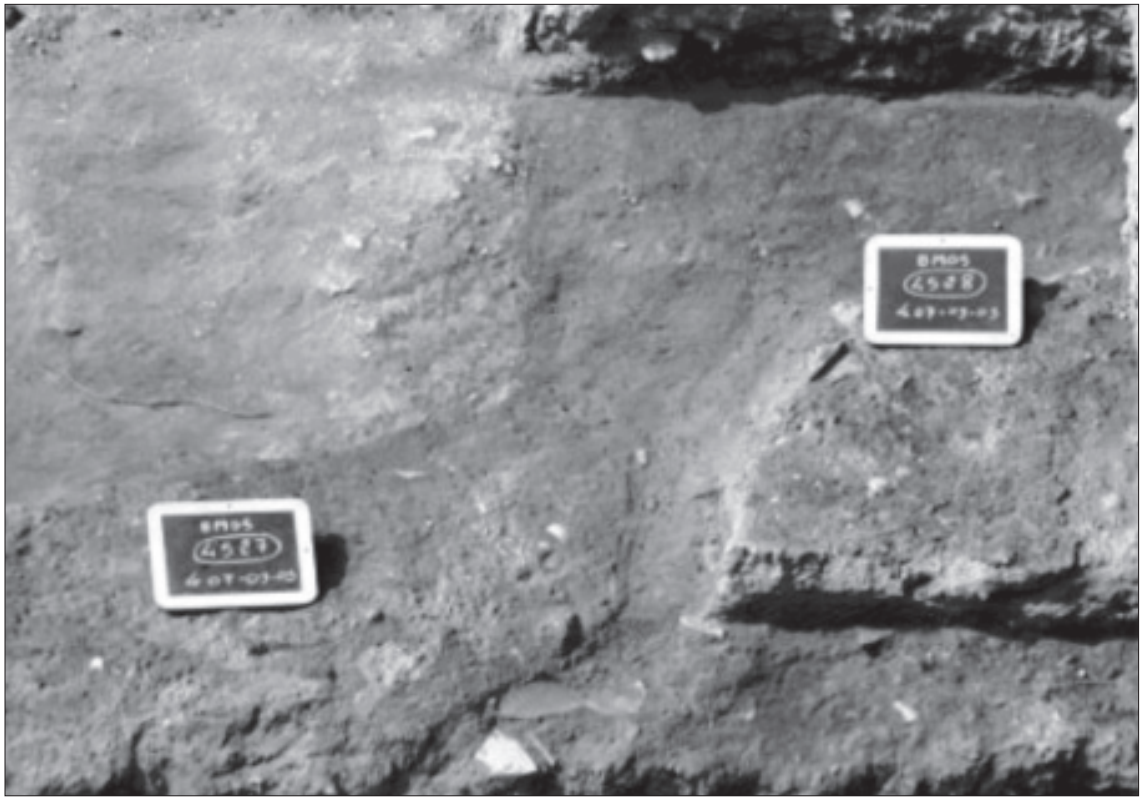


Fig. 8. vue des deux sols superposés en rapport avec les fondations du bastion du Ve s. av. J.-C. (photo B. Maraoui Telmini)

Fig. 9. la nécropole à *pozzi* du terrain de Bir Massouda (vue vers le sud) (photo B. Maraoui Telmini)

Il est à souligner également la présence, bien que dans une position secondaire, de quelques fragment de crânes humains, aussi bien dans la couche du terrassement déposée directement au-dessus des *pozzi*, que dans le remblai archaïque déposé aux environs **(fig. 14)**.

L'analyse de la céramique recueillie à l'intérieur de ces *pozzi* (F. Chelbi, B. Maraoui Telmini, R. F. Docter, 2006a) permet de constater qu'ils ont été perturbés vers le milieu du VIIe s. av. J.-C., vraisemblablement en rapport avec l'installation des activités métallurgiques dans ce secteur (R. F. Docter, F. Chelbi, B. Maraoui Telmini et al., 2006, p. 55; voir *supra*).

Cette céramique est marquée par une remarquable proportion d'importations de provenance levantine, siciliote, nuragique et du Cercle du détroit de Gibraltar. Les formes recensées sont des plus anciennes, confinées dans une chronologie de la première moitié du VIIe s. av. J.-C. et au cours du VIIIe s. av. J.-C.. Citons à titre indicatif des bases type Peserico B1-II (A. Peserico, 2002, p. 53-56, fig. 12 et pl. 11 a) **(fig. 10)**, des bords de plat type Peserico P1-III (A. Peserico, p. 59-63 et pl. 3.) **(fig. 12)** en céramique à engobe rouge locale, et un fragment de bord de plat type 'Samaria' typiquement du VIIIe s. av. J.-C. **(fig. 11)**.

Conclusion

La phase la plus ancienne dans ce secteur sud de Bir Massouda remonterait au VIIIe s. et à la première moitié du VIIe s. av. J.-C., elle est attestée par les restes de l'habitat archaïque dont nous avons retrouvé des pans de murs et des sols de « torba » (sondage 8), ces vestiges seraient contemporains aux restes de la nécropole à *pozzi*, située à la périphérie sud du premier noyau de la Cité phénicienne.

Au milieu du VIIe s. av. J.-C. la nécropole a été désaffectée au profit d'installations métallurgiques, et une séparation, consistant en une muraille casematée, munie de tours ou de bastions, a été mise en place.

Vers le milieu ou au dernier quart du Ve s. av. J.-C., la Cité a du s'étendre aux dépends des installations métallurgiques d'époque archaïque, ces dernières qui seront supplantées par un quartier résidentiel dont nous avons retrouvé quelques vestiges dans le sondage 7 (R. F. Docter, F. Chelbi, B. Maraoui Telmini et al., 2006, p. 58, fig. 19 et 20).

Enfin, nous croyons que ce secteur sud de Bir Massouda est assez proche de l'Agora des Magonides, si l'on considère que de l'autre côté de l'av. H. Bourguiba, les fouilles allemandes de F. Rakob ont mis au jour les restes d'un grand édifice public, certainement situé à la périphérie de cette Agora.

Bibliographie

Chelbi, F.; Maraoui Telmini, B.; Docter, R. F. (2006a) - Découverte d'une nécropole du VIIIe s. av. J.-C. à Carthage (Bir Massouda) : Rapport préliminaire sur les fouilles de l'Institut National du Patrimoine (Tunis) et l'Université de Gand. *CEDAC*. 22. pp. 13-25.

Chelbi, F.; Maraoui Telmini, B.; Docter, R. F. (2006b) – Bilan des fouilles du terrain de Bir Massouda (Carthage) : campagnes 2002 à 2004. *Séances Académiques de l'INP, AFRICA, Nlle série, Séances Scientifiques*. III. pp. 207-225.

Docter, R. F. (2000/2001) - Carthago : opgravingen van de Universiteit van Amsterdam in 2000 en 2001. *TMA Tijdschrift voor Mediterrane Archeologie*. 26. pp.43-49.

Docter, R. F. (2002-2003) - The topography of archaic Carthage. Preliminary results of recent excavations and some prospects. *TALANTA*. XXXIV-XXXV. pp. 113-133.

Fig. 10. fragments de céramique Sarde-Nurragique du *pozzo* n° 2 ; en bas, à droite, un fond de plat type Peserico B1-II

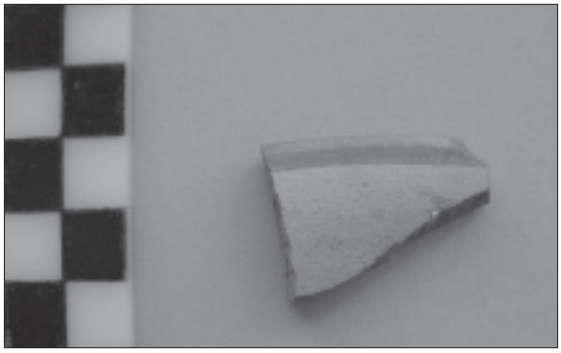


Fig. 11. fragment de bord de plat à engobe rouge d'importation levantine, type 'Samaria', (*pozzo* n° 5)

Fig. 12. sélection de quelques fragments de la céramique du *pozzo* n° 3 ; en bas : bord d'un plat à engobe rouge local, type Peserico P1. III ; en haut : fragments de céramique Sarde-Nurragique; à droite : fragments d'amphores CdE1 (Docter)

Fig. 13. sélection de quelques fragments de la céramique du *pozzo* n° 7 ; à gauche : fragments à engobe rouge d'importation levantine, à droite : fragments de céramiques commune et modelée d'importation Sarde-Nurragique

Fig. 14. fragment de crâne humain in situ, du sondage 3

Docter, R. F. (2003) - Excavations by the Universiteit van Amsterdam (UVA) in 2000 and 2001. *CEDA*C. 21. pp. 29-34.

Docter, R. F.; Chelbi, F.; Maraoui Telmini, B. *et al*. (2003) - Carthage Bir Massouda : Preliminary report on the first bilateral excavations of Ghent University and the Institut National du Patrimoine (2002-2003). *BABesch*. 78. pp. 43-70.

Docter, R. F.; Chelbi, F.; Maraoui Telmini, B. *et alii* (2006) - Carthage Bir Massouda: Second preliminary report on the bilateral excavations of Ghent University and the Institut National du Patrimoine (2003-2004). *BABesch*. 81. pp. 47-99.

Rakob, F. (1984) - Deutsche Ausgrabungen in Karthago. Die punischen Befunde. *Römische Mitteilungen*. 91. pp. 1-22.

Niemeyer, H. G.; Docter, R. F. *et alii* (1993) - Die Grabung unter dem Decumanus Maximus von Karthago, Vorbericht über die Kampagnen 1986-1991. *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts Römische Abteilung*. 100. pp. 201-244.

Niemeyer, H. G.; Docter, R. F.; Rindelaub, A. (1995) - Die Grabung unter dem Decumanus Maximus von Karthago. Zweiter Vorbericht. *Römische Mitteilungen*.102. pp. 475-502.

Niemeyer, H. G.; Docter, R. F. *et alii* (2002) - Excavación bajo el Decumanus Maximus de Cartago durante los años 1986-1995 : informe preliminar. In Vegas, M. (ed.) *Carthago fenicio-púnica. Las excavaciones alemanas en Cartago 1975-1997*. Quadernos de Arqueología Mediterránea. 4. Barcelona: [1998]. pp. 47-109.

Niemeyer, H.G.; Docter, R.F.; Schmidt, K.; Bechtold, B. et alii (2007) - *Karthago. Die Ergebnisse der Hamburger Grabung unter dem Decumanus Maximus*. Hamburger Forschungen zur Archäologie. 2. Mainz a.R.

Peserico, A. (2002) - Die offenen Formen der Red Slip Ware aus Karthago. *Untersuchungen zur phönizischen Keramik im westlichen Mittelmeerraum (Hamburger Werkstattreihe zur Archäologie.* Veröffentlichungen des Archäologischen Instituts der Universität Hamburg, Arbeitsbereiche Vor- und Frühgeschichte Europas und Klassische Archäologie 5). Münster, Hamburg, London.

Rakob, F. (2002) - Cartago. La topografía de la ciudad púnica. Nuevas investigaciones. In Vegas, M. (ed.) *Carthago fenicio-púnica. Las excavaciones alemanas en Cartago 1975-1997*. Quadernos de Arqueología Mediterránea. 4. Barcelona: [1998]. pp. 47-109.

ROME "LA SAPIENZA" UNIVERSITY RENEWED EXCAVATIONS AT MOTYA (2002-2005) *

Lorenzo Nigro

Rome "La Sapienza" University

* Nota do Editor:
Texto não revisto pelo autor. Todas as tentativas para contactar o autor de forma a que corrigisse as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

1. Introduction

Rome "La Sapienza" Expedition to Motya (Trapani, Sicily) resumed its archaeological activity in year 2002 after nine years of interruption, during which the former Director of the Expedition, our beloved Prof. Antonia Ciasca, had passed away[1]. During four seasons (XXII-XXV, 2002-2005) excavations were focused on three main scientific goals: 1. investigation of the architecture, stratigraphy, chronology and function of the so-called Kothon (Area C); 2. establishment of a general stratigraphic periodization of the site, matching basic data already collected by A. Ciasca in the Tophet and the City-Walls, with new information obtained in the step trench on the west flank of the Acropolis (Area D); 3. study of the urban plan and the fortification system, by means of the excavation of the West Gate and the adjacent Western Fortress (Area F)[2]. Moreover, the Expedition has displaced a fixed grid on the site, and redrawn the overall plan of the city[3] (fig. 1).

To investigate the history of the island during its Phoenician and Punic occupation between the 9th and the 4th century BC, by deepening the diachronic insight with strategic stratigraphic soundings, is, thus, the major goal of this renewed phase of archaeological research at Motya, and several interesting results have been achieved, the most promising of which are summarized below.

2. Area C. The Temple of the Kothon (6th-5th century BC) and the overlying Sanctuary (4th century BC)

Area C is located on the eastern side of the Kothon (fig. 2), just in front of the South Gate and the nearby quarter excavated by the British Expedition directed by the late Prof. Isserlin[4]. Here, within an excavated area of almost 1000 sqm, a huge a building was brought to light, which turned out to be a courtyard temple, with a major entrance opening towards the south, facing the city gate[5]. The temple, which had two major constructive phases, respectively called Temple C1 and Temple C2, was erected in the second half of the 6th century B.C.[6], when the whole area of the Kothon underwent a major reconstruction, due to the building of the city-walls. Its original rectangular plan (24 x 16 m), was characterized by the monumental entrance L.1, flanked by two *antae*, each shaped as a *parasta* surmounted by an Aeolic capital[7], and with a couple of small pillars on both sides of the passage, recalling a distinguished tradition of Phoenician religious

1 The history of La Sapienza at Motya is linked with a decisive phase of the history of archaeology in Sicily. Its protagonists are Sabatino Moscati, the founder of Semitic Studies at Rome, Antonia Ciasca, the earliest teacher of Phoenician and Punic Archaeology in an Italian University, and Vincenzo Tusa, a very active and Inspector of the Superintendence of Western Sicily, afterwards renamed Trapani Superintendence, he also trained at the School of Specialization in Archaeology of Rome "La Sapienza" University. The initiative of Moscati and the fruitful and friendly cooperation of Antonia Ciasca and Vincenzo Tusa brought to the birth in 1964 of a joint expedition and Motya was chosen as a very promising site for Phoenician and Punic Archaeology. In that year excavation started at the Tophet, a puzzling evidence, of the greatest interest. It was the capacity and abnegation of Antonia Ciasca to transform such a complicated archaeological material in a perspicuous and intelligible witness of the most typical Punic funerary and religious institution: the Tophet.

2 Nigro, 2004a, p. 23-25.

3 Nigro, 2004a, p. 20, fig. 1.1.

4 See Isserlin, 1970, p. 560-579. Isserlin, 1971a, p. 770-784.

5 Nigro; Vecchio, 2004, p. 68-69, fig. 2.25. 2.26.

6 Nigro, 2004b, p. 72-73.

7 Nigro; Vecchio, 2004, p. 69, fig. 2.28. Actually, only one of the two *parastae* has been reconstructed, due to the retrieval in the sacred well P.53 inside the temple of the basis of a column and the corresponding capital. Nigro 2003, 87, fig. 4. Nigro; Vecchio, 2005 (Mozia XI)... About the Aeolic capitals found at Mozia: Nigro, 2001-2003, p.567-577 with preceding bibliography.

architecture[8] (fig. 3). The original plan was subdivided into wings by rows of rectangular pillars, many of which were removed after the destruction of the sacred building at the beginning of the 4th century BC (the majority of the bases, however, embedded into the floor, remained *in situ*)[9]. At its reconstruction, during the first quarter of the 5th century (Temple C2), the intervals in between the pillars were closed by means of partition walls, delimiting at least three rooms, which were devoted to the cult[10]. In the centre there was a rectangular courtyard, with its longest side on the east-west orientation, which in its middle axis hosted an array of cult devices: the sacred well, with a square mouth made of roughly rectangular slabs, oriented according to the cardinal points[11]; just aside the well a stone built platform with a hole in the middle was possibly intended to host a obelisk[12], which was found broken into three pieces and buried into a huge *Favissa* (F.864) a few meters far to the north (the same sacred pit also contained various architectural elements from the dismantling of the temple, after its destruction)[13]; a *stelae* standing upon a basis embedded into a square platform, with a hole for libations on its northern side (fig. 4); the basis for a second *stelae*, which was however in use only in Temple C1[14] (as it was found concealed under the floor of Temple C2); a niche and a podium possibly for a statue or another cult installation against the eastern short side of the courtyard[15]. Each installation was surrounded by offering deposits[16], mainly consisting of sea-shells[17] (most commonly *Acanthocardia tubercolata* and *Cerithium rupestre*). On the northern side of the Temple, parallel to the courtyard and with an entrance aligned with the main gate of the complex, there was the cella, a 8..long room, with a raised adyton on its eastern short side. To the south a second cult room hosted a series of benches (possibly for offerings or worshippers) and a hole in a pierced sandstone block, again recalls the performance of libations. A third cult device was discovered in year 2005 in the western wing of the temple, where a couple of bottoms of pottery vases were embedded into the floor, facing a raised platform[18].

The eastern wing of the temple was apparently a long hall, stretching north-south, and opened towards the east through two symmetric doors. In the second phase of use of the temple a further line of rooms (a porch?) was added to the east.

The Temple of the Kothon was destroyed by a fierce fire during the Syracusan sack of the city in 397/6 BC; the ruins were raised and levelled short after the destruction. Remains of cult devices and installations were ritually buried partly in the sacred well, the mouth of which was transformed in a monument with a sort of betyl on it[19], partly in the 5 m-wide and 3 m-deep *Favissa* F.864, where the obelisk originally placed behind the sacred well was found. Upon the temple a open cult area was erected (Sanctuary C3, Phase 3, 4th century BC)[20], delimited by a temenos wall, with an encircled compound for offering deposits, a square altar, a bothros, an metal melting oven, and a series of platforms. The most interesting feature of the Sanctuary is a number of

8 Stern, 1992, p. 302-309.
9 Nigro, 2004c, p. 72. Nigro, 2005, p. ... fig.
10 Nigro, 2004c, p. 74, fig. 5.
11 Nigro; Vecchio, 2004, p. 79-80, fig. 2.41, 2.42.
12 Nigro, 2005, p.
13 Nigro, 2005, p.
14 Nigro, 2005, p
15 Nigro, 2006, p
16 Nigro, 2004b, p. 75-76, fig. 6.
17 Gullì; Pignatelli, 2006, p.
18 An overall presentation of finds and structures of the Temple of the Kothon is in Nigro, 2005.
19 Nigro, 2004b, p. 74-75. Nigro; Vecchio 2004, p. 57-58, note n. 66, fig. 2.20.
20 Nigro, 2003, p. 88.

offerings deposits[21], including animal bones[22] (e.g. deer horns, wild boar teeth, sheep and goats or bovine *astragali*, etc.), small pottery vessels (especially black ware miniature vases)[23], sea-shells, and especially metal objects[24] (lead, iron, bronze, silver plaques, ingots, nails, pegs, coins, etc.), which hint at the ctonian natura of the deity worshipped in the sanctuary, who, so far, remained unidentified[25].

3. The eastern quay of the Kothon and the structure of the artificial basin

Excavation on the eastern side of the Kothon allowed to bring to light a stone paved quay in use during the latest phase of Temple C2 (L.810) and a successive ramp made of limestone chops and cobbles, attributed to the same phase of Sanctuary C3 (M.820) (fig. 5). Embedded in between the slabs of paving L.810, there were large boulders possibly belonged to buildings earliest than the Kothon as reconstructed in the second half of the 6th century BC, together with Temple C, while in the overlying strata, numerous successive utilizations of the basins were recorded, dating back from the late Roman period (when the Kothon possibly served as pool for fish), to the Byzantine, Islamic, Norman and Modern Periods, when it basically was a *salina* (salt producing pool), as it was shown by the latest border wall, called "muro della salinella", which still preserved channels and outlets for emptying and filling it[26] (see the attached poster).

During the 25th season of excavations (2005), the Kothon has been emptied from water and its perimeter wall has been cleared, in order to better understand its structural and architectural status (fig. 6). This task had been already partially accomplished by B.S.J. Isserlin, even though the major efforts of the British Expedition were concentrated on the channel apparently connecting the Kothon to the Marsala Lagoon[27]. The 155 ashlar boulders of the uppermost preserved course of the wall delimiting the basin were, thus, brought to light, and it turned out that the Kothon was closed on all sides, including the southern one, beyond which was the oblique channel passing through the city-walls the function of which has still to be clarified. The dimensions of the pool were 100 x 70 royal cubits (52,5 x 36,75 m) and an orientation with its corners located according to the cardinal points was adopted. At the centre of the north-eastern side (i.e. the side opposite to the Lagoon) a berm made of protruding blocks for a length of 15 cubits was unearthed, already known from previous excavations. This built device was interpreted by Isserlin as a platform for transport[28]. However, some days after the basin was emptied, a small flow of fresh water started to drop from these blocks, thus revealing the original function of the berm (it became also evident the reason of the polished upper surface of such blocks): a small cascade of drink water caught from the underground water stream[29] (fig. 7). This discovery strongly support the interpretation of the basin as a sacred pool, related with the adjacent temple, which accordingly had the sacred well in the middle oriented exactly like the Kothon, and erected where a spring created a pool a few meter inland of the shore of the island. Even though this hypothesis needs

21 Nigro; Vecchio, 2004, p. 53-56, fig. 2.15, 2.17, 2.18.

22 Alhaique (o come si scrive), 2006, p.

23 Catalogo ceramica (come si cita?).

24 Gullì; Pignatelli, 2006, *cit*. Franchi; Musella, 2006, p. .

25 Nigro, 2005, p.

26 For a summary of the archaeological investigations at the Kothon from the end of the XIX th century, see Nigro; Vecchio, 2004, p. 35-40. whit preceding bibliography.

27 Isserlin, 1971b, p. 179.

28 Isserlin, 1971b. Isserlin, 1974.

29 Nigro; Vecchio, 2005, p.

further investigation to be confirmed, the discovery of Temple C and of the Spring of the Kothon has shed a new light on this area of Motya, which presumably was that where the first Phoenician settled in the island, attracted by the availability of fresh water[30].

4. Area D: Stratigraphic Investigations on the Western Flank of the Acropolis

Excavations in Area D started with the aim of building up a stratigraphic sequence by means of a step-trench, cutting layers down to the foot of the Acropolis and the Lower Town[31].

In the first two season much of the effort was devoted to the exploration of an aristocratic residence, called the "House of the Domestic Shrine"[32] (see attached poster), while during the last two seasons (2004-2005), a second building was discovered, denominated "Southern Basement" in a very poor preservation state, which was made of large boulders on its southern façade. In a corner room of the building a foundation deposit was discovered including a Black Figured *kylix* of the last quarter of the 6th century (fig. 8). In the square facing the "House of the Domestic Shrine" a deep sounding was excavated, which under several strata dating from the 5th and 6th century, reached the earliest Phoenician strata dating back from the second half of the 8th century BC, with Early-Corinthian *kotylai*, and underneath impressive remains of a prehistoric settlement (fig. 9).

Up to now, excavations in Area D, under the modern agriculture layers (Phases 1-2), provided scanty remains (a pit and an oven) from the 4th century BC occupation of the island (Phase 3), which had cut the major stratum of destruction of the "House of the Domestic Shrine" (Phase 4), set on fire in 397/6 BC, built and used during the last quarter of the 5th century BC (Phase 5)[33]. This residency was erected over earlier buildings built with large sandstone boulders and orthostats, one of which was preliminary reconstructed and called "Southern Basement" (Phase 6; see above) Earlier layers were reached only in the stratigraphic sounding and, as stated, allow to notice an earliest fully Phoenician layer with Phase 10, which on the basis of the analysis of ceramic remains is dated to the second half of the 8th century BC (fig 10).

5. Area F: the West Gate and the Western Fortress

Excavations in Area F were carried out with the aim of studying the fortification and urban topography of the north-western sector of the island, as a continuation of previous work by Antonia Ciasca at the city-walls[34]. The West Gate, already identified by J. Whitaker[35], was brought to light in the XXIInd season (2002)[36]; in the following year (2003) the exploration of a huge building abutting on the inner side of the city-wall just west of street L.450 begun (fig. 12), which appeared to be a fortress with a courtyard and a row of room flanking the city-wall[37], built of large sandstone ashlar blocks[38]. The Western Fortress had been fiercely destroyed at least two times

30 Ciasca 1980a, p. 501-513. Prometto che al più presto porterò l'articolo fotocopiato dal germanico.

31 Nigro, 2004c, p. 141-143.

32 Nigro, 2003, p. 89-92. Nigro, 2004d, p. 84-88. Quello che ho scritto sull'ala orientale della casa non so come citarlo.

33 Nigro, 2004c, p. 145-159.

34 Ciasca, 1976;1977; 1978; 1979; 1980b; 1986; 1992; 1993; 1995; 1998.

35 Whitaker, 1921.

36 Rossoni 2004a, p. 355-356

37 Rossoni 2004b, p. 93, fig. 5.

38 Rossoni 2004a, p. 368-369; 372-373; 379.

and the remains of such terrible destructions were concealed within the excavated rooms of the building[39] (fig. 11). These strata provide a very rich assemblage of materials, including pottery, working tools and other finds[40] (see attached poster), in a very clear stratigraphic sequence, covering the last quarter of the 5th century BC, and the first half of the 4th century BC (fig. 13).

Bibliography

Ciasca, A. (1976) - Scavi alle mura di Mozia (campagna 1975). *Rivista di Studi Fenici*. IV. pp. 69-79.

Ciasca, A. (1977) - Scavi alle mura di Mozia (campagna 1976). *Rivista di Studi Fenici*. V. pp. 205-218.

Ciasca, A. (1978) - Scavi alle mura di Mozia (campagna 1977). *Rivista di Studi Fenici*. VI. pp. 227-245.

Ciasca, A. (1979) - Scavi alle mura di Mozia (campagna 1978). *Rivista di Studi Fenici* VII. pp. 207-227.

Ciasca, A. (1980a) - Mozia. Note sull'architettura religiosa. In AA.VV. *Φιλίας χάριν. Miscellanea di studi classici in onore di Eugenio Manni*. Roma. pp. 501-513.

Ciasca, A. (1980b) - Scavi alle mura di Mozia (campagna 1979). *Rivista di Studi Fenici*. VIII. pp. 237-252.

Ciasca, A. (1986) - Fortificazioni di Mozia (Sicilia). Dati tecnici e proposta preliminare di periodizzazione. In Leriche, P.; Tréziny, H., (éds.) *La fortification dans l'histoire du monde grec. Actes du colloque international "la fortification et sa place dans l'histoire politique, culturelle et sociale du monde grec (Valbonne, décembre 1982)*. Paris. pp. 221-227.

Ciasca, A. (1992) - Mozia in Sicilia. Un esempio di cinta urbana in area coloniale fenicia. In AA.VV. *Lixus. Actes du colloque organisé par l'Institut de science de l'archéologie et du patrimoine de Rabat (Larache, 8-11 novembre 1989)*. Collection de l'Ecole française de Rome. 166. Rome. pp. 79-84.

Ciasca, A. (1993)- Sulle mura di Mozia. In AA.VV. *Studi sulla Sicilia Occidentale in onore di Vincenzo Tusa*. Padova. pp. 27-31.

Ciasca, A. (1995) - Il sistema fortificato di Mozia (Sicilia). In Fantar, M.H.; Ghaki, M., (éds.) *Actes du IIIe congrès international des études phéniciennes et puniques (Tunis 11-16 novembre 1991)*. Tunis. pp. 271-278.

Ciasca, A. (1998) - Mozia: fortificazioni dell'insediamento fenicio. In Drago Troccoli, L. (a cura di) *Scavi e ricerche archeologiche dell'Università di Roma "La Sapienza"*. Studia Archaeologica. 96. Roma. pp. 207-209.

Gullì, R.; Pignatelli, V. (2006) - Catalogo dei reperti malacologici. In Nigro, L. (a cura di) *Mozia - XI*. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. 2. pp.

Isserlin, B.S.J. (1970) - Motya (Trapani) - Rapporto preliminare sugli scavi degli anni 1961-1965. *Notizie degli Scavi di Antichità*. Serie VIII, XXIV. pp. 560-579.

Isserlin, B.S.J. (1971a) - Mozia (Trapani). Scavi eseguiti nel 1970. *Notizie degli Scavi di Antichità*. Serie VIII, XXV. pp. 770-784.

Isserlin, B.S.J. (1971b) - New light on the Cothon at Motya. *Antiquity*. 45. pp. 178-186.

Isserlin, B.S.J. (1974) - The Cothon at Motya. Phoenician Harbor Works. *Archaeology*. 27. pp. 188-194.

Nigro, L. (2001-2003) - Un arredo in terracotta conformato a capitello eolico da Mozia. *Scienze dell'Antichità. Storia, archeologia, antropologia*. 11. pp. 567-577.

Nigro, L. (2003) - Nuovi scavi a Mozia dell'Università di Roma 'La Sapienza' (XXII campagna, agosto-ottobre 2002). *Sicilia Archeologica*. 101. pp. 85-98.

Nigro, L. (2004a) (a cura di) - *Mozia X.* Rapporto preliminare della XXII campagna di scavi - 2002 condotta congiuntamente con il Servizio Beni Archeologici della Soprintendenza regionale per i Beni Culturali e Ambientali di Trapani. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. I. Roma.

39 Rossoni 2004a, p. 359-364

40 Nigro, 2006, p.

NIGRO, L. (2004b) - Il tempio del Kothon (Zona C). In NIGRO, L.; ROSSONI, G. (a cura di) - *"La Sapienza" a Mozia. Quarant'anni di ricerca archeologica, 1964-2004 (Catalogo della Mostra, Università di Roma "La Sapienza", Facoltà di Scienze Umanistiche, Museo dell'Arte Classica, Roma 27 febbraio-18 maggio 2004)*. Roma. pp. 72-77.

NIGRO, L. (2004c) - Zona D. Le pendici occidentali dell'Acropoli. In NIGRO, L. (2004a) (a cura di) - *Mozia X.* Rapporto preliminare della XXII campagna di scavi - 2002 condotta congiuntamente con il Servizio Beni Archeologici della Soprintendenza regionale per i Beni Culturali e Ambientali di Trapani. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. I. Roma. pp. 141-224.

NIGRO, L. (2004d) - Le pendici occidentali dell'Acropoli (Zona D): la "Casa del sacello domestico". In NIGRO, L.; ROSSONI, G. (a cura di) - *"La Sapienza" a Mozia. Quarant'anni di ricerca archeologica, 1964-2004 (Catalogo della Mostra, Università di Roma "La Sapienza", Facoltà di Scienze Umanistiche, Museo dell'Arte Classica, Roma 27 febbraio-18 maggio 2004)*. Roma. pp. 84-89.

NIGRO, L. (2005) (a cura di) - *Mozia XI*. Rapporto preliminare delle campagne di scavi XXIII e XXIV (2003 - 2004) condotta congiuntamente con il Servizio Beni Archeologici della Soprintendenza regionale per i Beni Culturali e Ambientali di Trapani. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. II. Roma.

NIGRO, L. (2006) - Un pithos dipinto dalla Fortezza Occidentale di Mozia. *Scienze dell'Antichità*. in press.

NIGRO, L., VECCHIO, P. (2004) - Zona C. Il Kothon. In NIGRO, L. (2004a) (a cura di) - *Mozia X.* Rapporto preliminare della XXII campagna di scavi - 2002 condotta congiuntamente con il Servizio Beni Archeologici della Soprintendenza regionale per i Beni Culturali e Ambientali di Trapani. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. I. Roma. pp. 32-88.

ROSSONI, G. (2004a) - Zona F. La porta ovest. In NIGRO, L. (2004a) (a cura di) - *Mozia X.* Rapporto preliminare della XXII campagna di scavi - 2002 condotta congiuntamente con il Servizio Beni Archeologici della Soprintendenza regionale per i Beni Culturali e Ambientali di Trapani. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. I. Roma. pp. 356-386.

Rossoni, G. (2004a) - La porta ovest e la Fortezza Occidentale (Zona F). In NIGRO, L.; ROSSONI, G. (a cura di) - *"La Sapienza" a Mozia. Quarant'anni di ricerca archeologica, 1964-2004 (Catalogo della Mostra, Università di Roma "La Sapienza", Facoltà di Scienze Umanistiche, Museo dell'Arte Classica, Roma 27 febbraio-18 maggio 2004)*. Roma. pp. 90-93.

STERN, E. (1992) - The Phoenician Architectural Elements in the Late Iron Age and the Persian Period. In KEMPINSKI, A.; REICH, R. (eds.) - *The Architecture of Ancient Israel from the Prehistoric to the Persian Periods*. Jerusalem. pp. 302-309.

WHITAKER, J.I.S. (1921) - *Motya, A Phoenician Colony in Sicily*. London.

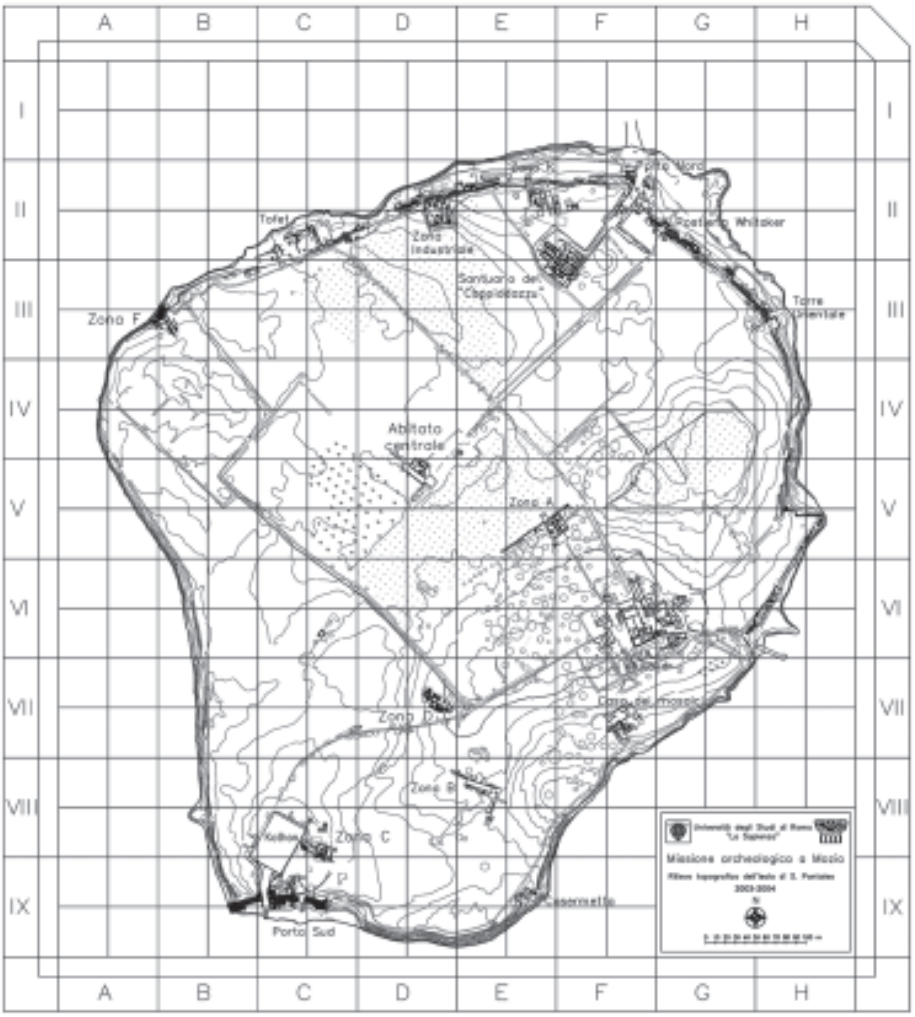


Fig. 1. General plan of Motya with topographical grid and indications of the excavations areas

Fig. 2. Motya, Area C: aerial view of excavation area in the south-west corner of Motya island with the monumental Temple C; the stone paved quay and the artificial basin emptied from water

Fig. 3. Motya, Area C: the monumental entrance L.1 of Temple C, flanked by two antae and the rectangular courtyard with the sacred well (on the right)

Fig. 4. Motya, Area C: the stelae M.961,founded in the centre of Temple C courtyard near the square platform; it was a cult installation for offerings deposits (mainly sea-shells)

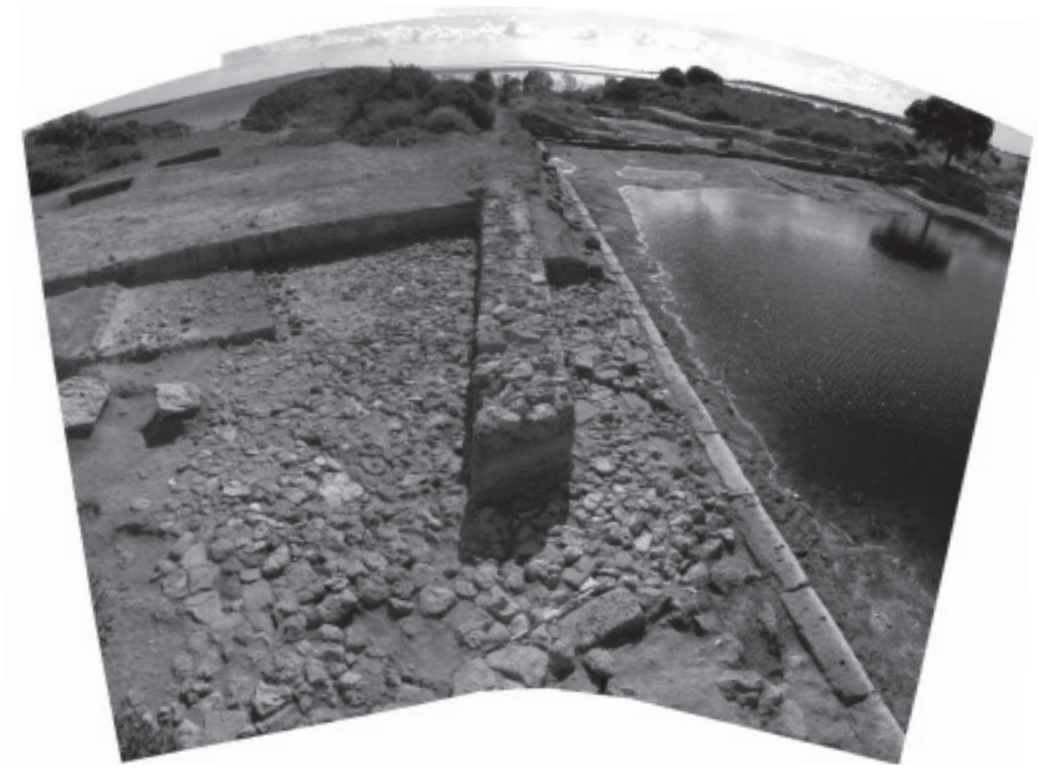


Fig. 5. Motya, Area C: the stone paved quay of Temple C2 on the eastern side of the Kothon basin during the XXV season of excavation (2005)

Fig. 6. Motya, Area C: an aerial view of the emptied Kothon basin; on the left the Sanctuary C3 during the XXV season of excavation (2005)

Fig. 7. Motya, Area C: the north-eastern side of the Kothon basin with the protruding blocks and the cascade of drink water

Fig. 8. Motya, Area D: Black Figured kylix (last quarter of the 6th century BC) of foundation deposit in a corner room of the "Southern Basement"

Fig. 9. Motya, Area D: collapsed layer over floor L.1410; on the left ceramic remains dated to the second half of the 8th century BC; on the right the installation B.1414

Fig. 10. Motya, Area D: finds from the House of the Domestic Shrine: head of a terracotta figurine (top left), bone inlay in form of a palmette (top right), and finds from L.1044 (low): loom weights, incense altar, arms of a terracotta cult statue coated with gold foil, end of 5th century BC.

Fig. 11. Motya, Area F: western Fortress: the upper floor collapsed inside the L. 1230 from south

Fig. 12. Motya, Area F: general plan of the Western Fortress and the Gate (second half of the 4th. century B.C.)

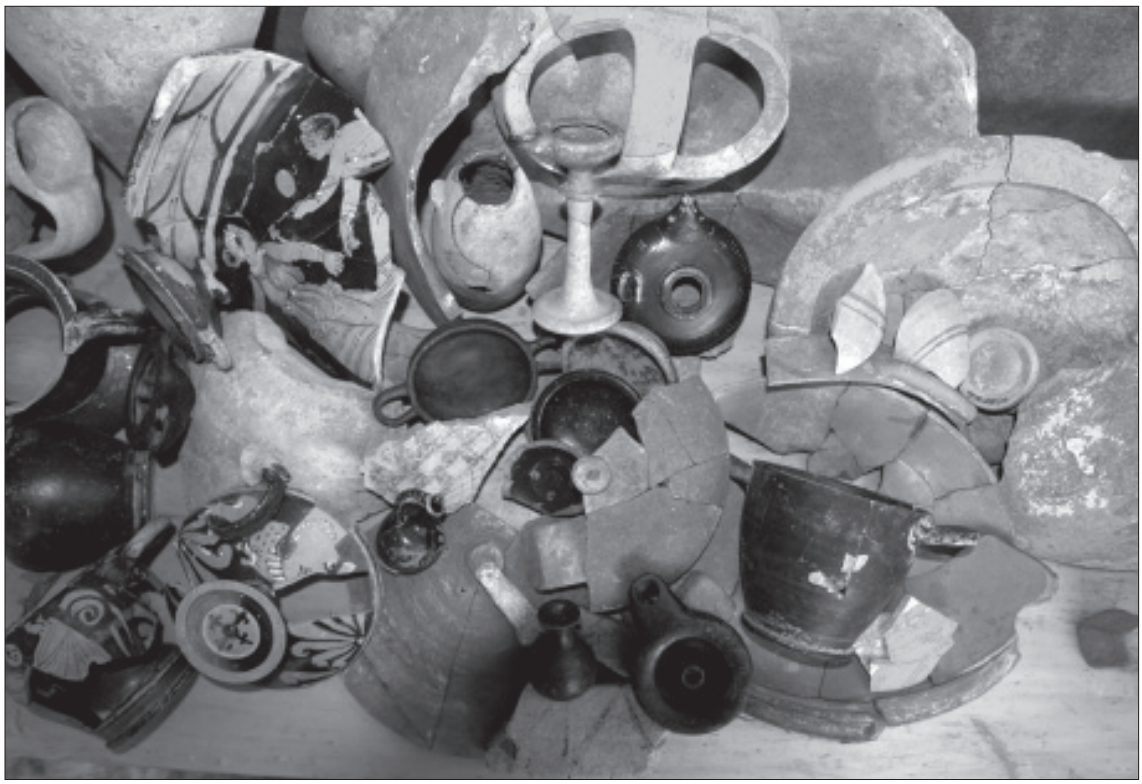


Fig. 13. Motya, Area F: western Fortress: a punic painted pithos from room L. 1224 (4th century BC), founded with a rich assemblage of materials (pottery, metals)

MOTYA, AREA F: THE WEST GATE AND WESTERN FORTRESS
*
**

Gabriele Rossoni
Fabio Catracchia
Tatiana Pagnani

Rome "La Sapienza" University

* Trabalho originalmente apresentado como poster

** Nota do Editor:
Texto não revisto pelo autores. Todas as tentativas para contactar os autores de forma a que corrigissem as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

Three years of excavation in Area F have brought to light a city-gate, smaller in respect of the two already known monumental entrances to the ancient city (the North and South Gates), however, of a certain importance, being connected by a bridge to a quay, made of huge limestone ashlar blocks, located 20 m. just in front of the gate itself in the Lagoon.

The street (fig.1) running at the foot of the city walls all around them from the East Gate to the North Gate, and, from the latter further west to the Tophet, ended at the West Gate, where a bent axis approach introduced into the city.

The street entering the city (L.450) was excavated for a length of 25 m., being flanked by buildings on both sides: to the east a series of domestic units were present, while, to the west a huge public building has been identified and partially excavated: the Western Fortress (fig. 1).

The entrance to the Fortress was indicated by a monumental threshold, made up of two big orthostats; a vestibule introduced in a courtyard, while a 12 m. long staircase led to the upper storey.

Excavations were focused in the part of the building abutting on the inner side of the city-walls, where a row of rectangular rooms was brought to light: a main rectangular hall with two central pillars (L.1230), a smaller room (fig. 2) next to it (L.1224), and a long corridor adjacent to the city-wall (L.1228).

They were filled in by a thick layer of collapsed materials (US 1263, US 1267) (fig. 4), sealed by the floors of the upper storeys.

In the collapse filling a number of complete pottery vessels (figg. 3 e 4) and other objects were retrieved.

Among them a terracotta *arula* (fig. 4) decorated by the well known motive of the two griffins attacking a horse, a louterion, and a set of Black Ware vessels (fig. 4) testify to the dating of the destruction which destroyed the re-used Fortress: mid of the 4th century BC.

Fig. 1. Area F, aerial view of the Western Fortress and North-West Gate (4th century BC)

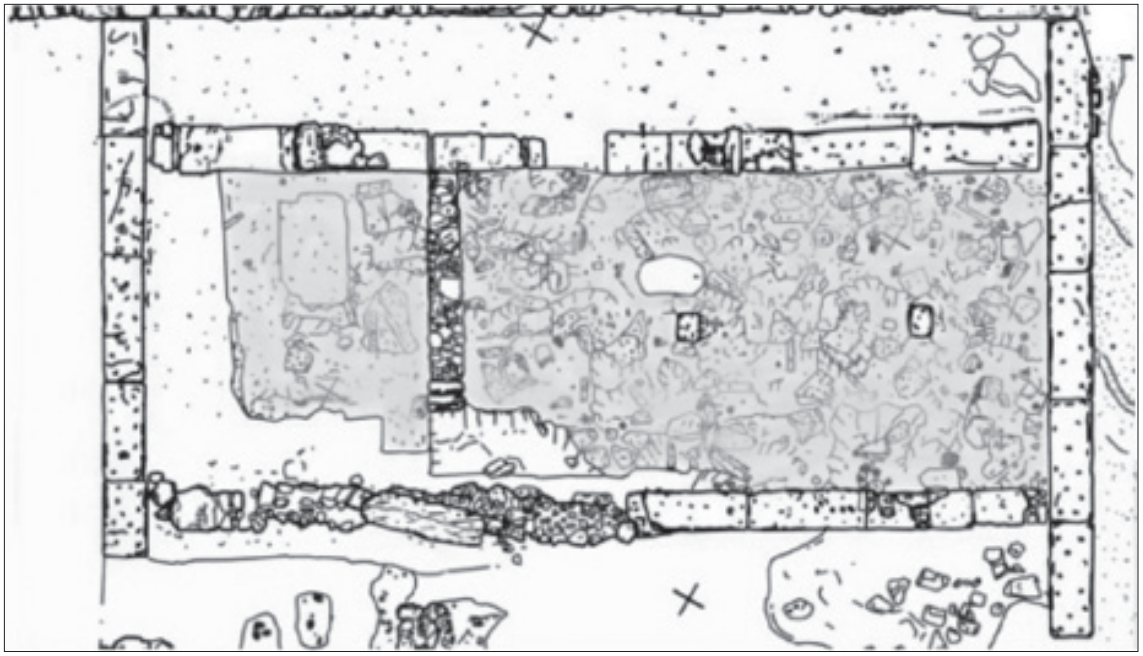


Fig. 2. Area F, Western Fortress: detailed plan of rooms L. 1224 and L. 1230 (4th century BC)
Note in light grey the upper floor collapsed

Fig. 3. Area F, Western Fortress: finds from room L. 1224 (4th century BC): Jug.
Lid of a Red-Figured lekanis. Punic painted pithos. Detail of the painted decoration of the pithos

Limited traces have, in fact, been found of the previous destruction of Motya, that of 397/6 BC so far, even though it is clear that the Fortress had undergone a major reconstructive intervention (many blocks of the foundation had been replaced over the original floors, etc.).

The discovery of the Western Fortress, from the one side has allowed to know a major – 40 x 40 m. – defensive building of the ancient city, from the other side, has again confirmed that after the fierce destruction of 397/6 BC, Motya was resettled and its main buildings were reconstructed.

Fig. 4. Area F, Western Fortress, finds from room L. 1230 (4th century BC): the arula broken in two parts at its retrieval. Particular of the decoration of a louterion. Figured arula with struggle between two griffins and a horse. Selection of Black Ware pottery from the Western Fortress. Selection of finds from the Western Fortress. Lamp with high pedestal

MOTYA, AREA C WEST: THE EASTERN QUAY OF THE KOTHON
*
**

Lorenzo Nigro
Valentina Pignatelli
Pier Franceso Vecchio

Rome "La Sapienza" University

* Trabalho originalmente apresentado como poster

** Nota do Editor:
Texto não revisto pelo autores. Todas as tentativas para contactar os autores de forma a que corrigissem as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

Renewed excavations at Motya by Rome "La Sapienza" University include among their most strategic goals the investigation of the architecture, function, stratigraphy & chronology of the artificial basin called "Kothon". Such a pool, around 2 m deep, measures 52,5 x 35,7 m (100 x 70 cubits), and it is connected with the Lagoon by means of a channel, fully excavated by the British Expedition directed by B.S.J. Isserlin (fig.1). The Kothon is one of most typical Punic architectural structures, known from a few preserved examples in the Mediterranean (namely Carthage and Motya). The basin is partly cut in the local limestone bedrock, partly built of finely dressed limestone blocks, the upper courses of which were at some spots dismantled and robbed in the past during the long utilization of this area of the island[1].

The function of the Kothon has not yet been fully understood, notwithstanding the efforts of many scholars. For this reason, and due to the importance of such structures in Phoenician and Punic architecture, the Expedition started the exploration of Area C, on the eastern side of the Kothon, in order to check if the hypothesis of an empty area all around the basin put forward by previous excavators was correct. The investigation began from a spot where two trenches had been excavated across the eastern wall of the Kothon (fig.2). An emerging wall (M.699), with a thickness of 0.8 – 1.2 m, belonged to the so-called "Salinella", a basin for salt production active with many restorations from the 12th to the 19th century AD, was thus detected[2] (fig. 3). Iron tools for grasping and accumulating salt have been found in the corresponding stratum. Below this wall, in the stratigraphic sequence, various superimposed strata of clay, each corresponding to a re-utilization of the basin either as salina or fish cultivation pool, provided archaeological materials spanning from the late Roman period (4th century AD) to the 12th century AD (fig. 4).

Fig. 1. Area C West: detail of M820+M610+M640+M840

1 Nigro; Vecchio, 2004, p. 68-69.

2 Nigro; Vecchio, 2004, p. 71.

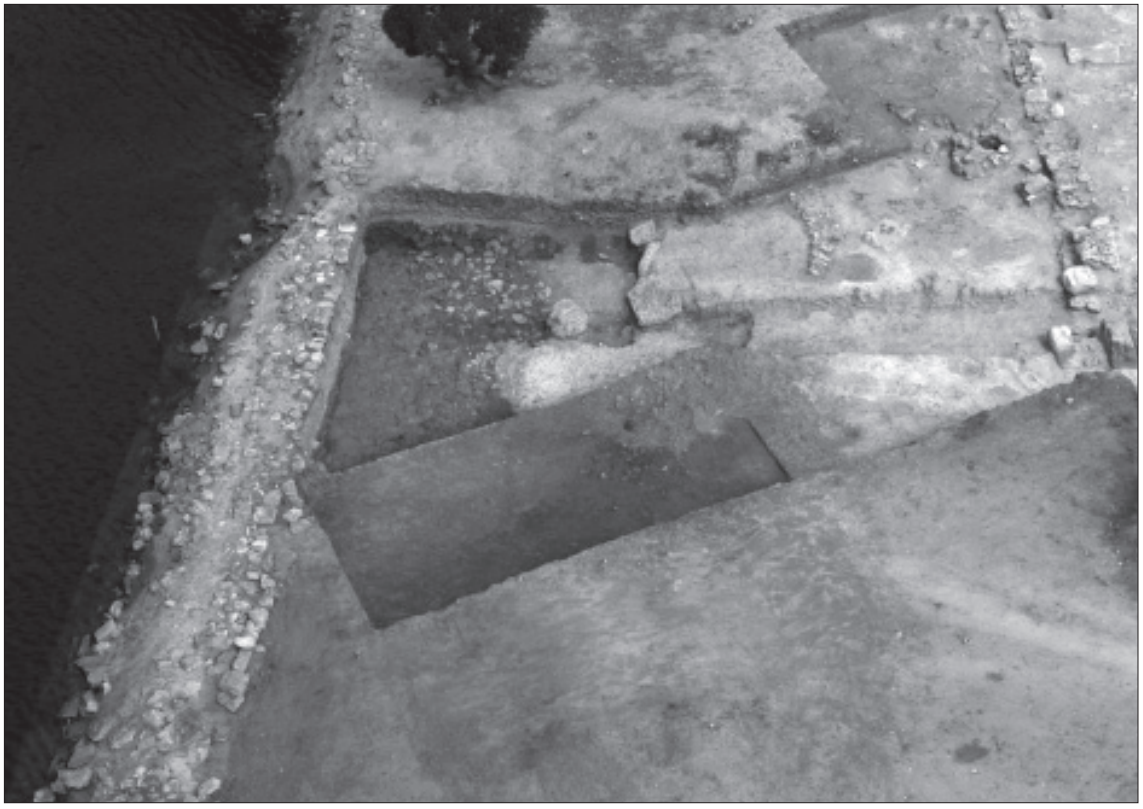


Fig. 2. Area C West: aerial view of the Eastern Quay of the Kothon

Fig. 3. Area C West: the wall (M.699) belonged to the so-called "Salinella", a basin for salt production active (from the 12th to the 19th century AD)

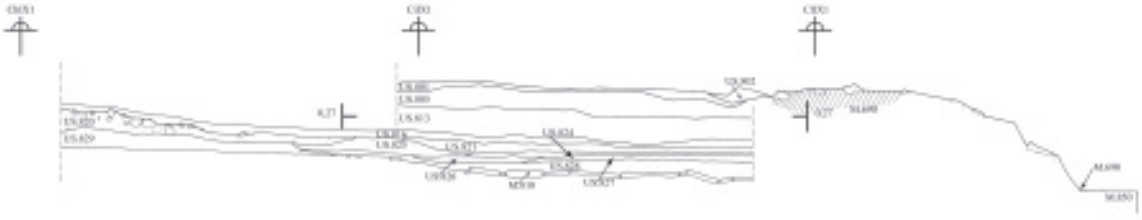


Fig. 4. Area C West: South section of the square CiVIII20+ClVIII20

The latest reuse of the original full built up pool, however, was during the 4th century BC, when Motya was reconstructed after the fierce destruction brought about by the army of Syracuse in 397/6 BC, and in the area east of the Kothon there was a sacred area (Sanctuary C3). Large blocks belonged to the temenos of Sanctuary C3 were identified at the eastern limit of Area C West, and a cobble-stones flooring of the eastern quay of the Kothon of this phase was brought to light (fig.5). Below this floor, a solid paving, made up of small slabs and flat stones, was the original floor of the quay (L.810), connected with the eastern wall of the Kothon made of ashlar blocks, in use in the 6th and 5th century BC. This floor was apparently also connected to the street which run towards the South Gate, in front of which the monumental entrance of the huge temple discovered in Area C East (Temple C) opened.

Fig. 5. Cobble-stone with a carved punic letter

Bibliography

Nigro, L.; Vecchio, P. (2004) - Zona C. Il Kothon. In Nigro, L. (a cura di), Mozia - X. *Rapporto preliminare della XXII campagna di scavi - 2002 condotta congiuntamente con il Servizio Beni Archeologici della Soprintendenza regionale per i Beni Culturali e Ambientali di Trapani*. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. I. Roma. pp. 32-88.

Nigro, L. (2004b) - Il Kothon (Zona C). In Nigro, L.; Rossoni, G. (a cura di) *"La Sapienza" a Mozia. Quarant'anni di ricerca archeologica, 1964-2004*. Catalogo della Mostra, Università di Roma "La Sapienza" (Facoltà di Scienze Umanistiche, Museo dell'Arte Classica, Roma 27 febbraio-18 maggio 2004). Roma. pp. 68-71.

Nigro, L. (2006) - Archeo

MOTYA, AREA D: THE "HOUSE OF THE DOMESTIC SHRINE" *

**

Lorenzo Nigro
Alice Caltabiano
Federica Spagnoli

Rome "La Sapienza" University

* Trabalho originalmente apresentado como poster

** Nota do Editor:
Texto não revisto pelo autores. Todas as tentativas para contactar os autores de forma a que corrigissem as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

Area D was opened on the western slope of the Acropolis of Motya in order to investigate the stratigraphy of the ancient city. Just below the surface, a large building was brought to light, which appeared to be a patrician residency, called "House of the Domestic Shrine" (fig. 5), which has provided a very rich inventory of materials, having been completely set on fire in the destruction of 397/6 BC. The residency opened towards a main street connecting the Acropolis and the Kothon. Its plan was articulated on four main wings displaced around a central courtyard (fig. 1).

The main entrance (L.251) (fig. 2) in the south-western corner was indicated by a threshold made up of two ashlar blocks (L.251); in a hole just underneath the threshold a foundation deposit (fig. 2) was buried. The entrance hall (L.240) had a refined pavement plastered with whitish marl and mudbrick benches on both sides. A Red-Figured crater, attributed to the school of the Meleager Painter was found in this room, as a witness of the wealth of the owner of the House.

A vestibule (L.228) on the northern side of the hall lead either to the central court (to the right), or to a storeroom (L.238) (to the left), where a series of *amphorae* were lined on a bench. In the inner part of the vestibule, a domestic shrine (fig. 4) was identified (L.300), hosting cult furniture an *arula* (fig. 4), some votive objects and a terracotta stand for an incense-burner, surmounted by a painted Aeolic capital (fig. 4). In year 2003 the arms of a terracotta cult statue, possibly a deity, since they were coated with a gold foil, were found, in the collapse layers of another room of the house, a bathroom (L.264).

Fig. 1. General plan of excavated area in Area D during the 2004 season

Fig. 2. Motya, Area D, House of the Domestic Shrine: the threshold L.251 and the juglet of the foundation deposit under it, from south-east, end of 5th century BC. On the left: pottery from entrance hall L.240. Red-Figured lid of lekanis (top), and the foundation deposit D.277 (low)

In the north-western corner of the building was discovered a paved with fine hydraulic plaster painted in red and equipped with two Punic *amphorae* laying aside a rectangular basin. The central court (L.220) was characterized by the presence of a cistern in the corner (P.200), to which several drains were connected. The mouth of the well was beautifully carved from a single block of limestone. On the eastern side of the court a porch introduced into a reception hall (L.1000), a *triclinium*, entered through a flight of steps made of dressed limestone slabs. An example of the rich decoration of the House is provided by a bone inlay (a palmette) possibly belonged to a piece of furniture. Aside the hall, there was a rectangular room (L.1028) with a round oven (fig. 3) in the middle, interpreted as a kitchen (fig. 3). A further room (L.1044), located in the corner of the court, was found in a very dramatic situation: a burnt hand loom had collapsed in front of a door, completely set on fire; on the floor among charcoal and ash several loom weights were grouped. The impression of the burnt loom was visible in the collapse layer on top of which a miniature limestone altar was also retrieved. Architectural features, such as the thickness of main walls, the location of ashlar pillars, and two staircases, confirm the presence of at least two stories.

All around the court the presence of balconies is also indicated by wooden columns, and by the finding of large amount of storage pottery, either collapsed or piled in the porch. The "House of the Domestic Shrine" is one of the most complete private residencies excavated in Motya; it is characterized by the presence of the shrine and by several finds pointing at cult activities which took place in it or in its nearby.

Fig. 3. Motya, Area D, House of the Domestic Shrine: oven FR.1015 in kitchen L.1028, from the east, end of 5th century BC; note in the foreground wall M.1013 and remains of the original floor made of slabs around the oven

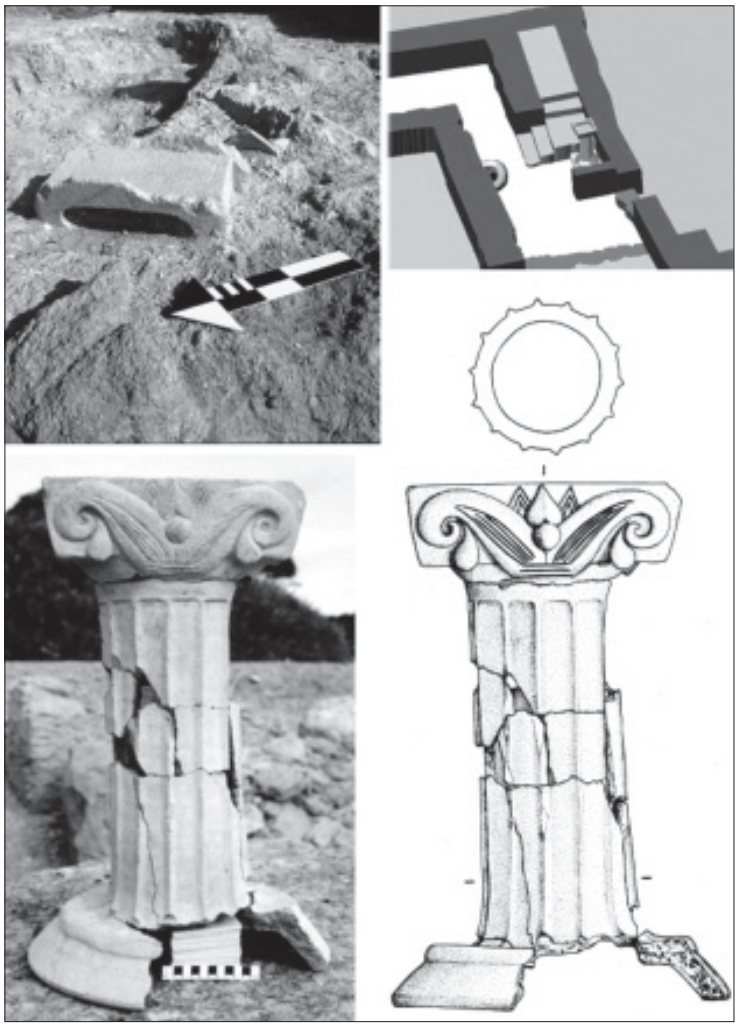


Fig. 4. Motya, Area D, House of the Domestic Shrine: reconstruction of the Domestic Shrine L.300 (top left), and cult furniture: the stand surmounted by an Aeolic capital (left) and the arula at the moment of excavation (low right); end of 5th century BC

Fig. 5. Motya, Aerial view of Area D

Bibliography

Nigro, L. (2004d) - Le pendici occidentali dell'Acropoli (Zona D): la "Casa del sacello domestico". In Nigro, L.; Rossoni, G. (a cura di) *"La Sapienza" a Mozia. Quarant'anni di ricerca archeologica, 1964-2004*. Catalogo della Mostra, Università di Roma "La Sapienza" (Facoltà di Scienze Umanistiche, Museo dell'Arte Classica, Roma 27 febbraio-18 maggio 2004). Roma. pp. 84-89.

Nigro, L. (2004c) - Zona D. Le pendici occidentali dell'Acropoli. In Nigro, L. (a cura di), Mozia - X. *Rapporto preliminare della XXII campagna di scavi - 2002 condotta congiuntamente con il Servizio Beni Archeologici della Soprintendenza regionale per i Beni Culturali e Ambientali di Trapani*. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. I. Roma. pp. 141-224.

LILIBEO: UN ESEMPIO DELL'URBANISTICA PUNICA IN SICILIA *

Enrico Caruso

Palermo

Resumo

Neste trabalho analisam-se as estruturas urbanas da antiga cidade de Marsala, apresentando-se novas propostas para os conjuntos arquitectónicos identificados. O modelo urbanístico do Lillibeo é assim lido em função não só dos estudos cartográficos antigos, mas também do que alguns trabalhos arqueológicos recentes têm vindo a identificar.

Abstract

In this work the urban structures of the ancient city of Marsala are analyzed, and new proposals for architectural complexes identified are presented. The urban model of Lillibeo is read not only in the oldest cartographic studies, but also with the results of some recent archaeological work.

---

* Nota do Editor:

Texto não revisto pelo autor. Todas as tentativas para contactar o autor de forma a que corrigisse as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

Dopo il 397 a.C., anno della distruzione di Mozia, la riconquista del territorio occupato dai Siracusani, avvenuta nella primavera del 396 a.C., pose ai Cartaginesi il problema del controllo della Sicilia occidentale. Dimostrata l'indifendibilità del centro insulare, data la fallimentare difesa di Mozia le cui fortificazioni erano state costantemente e inutilmente ammodernate, l'attenzione si volse altrove, verso la terraferma: il promontorio roccioso che chiude a sud la laguna (Fig. 1).

Il sito prescelto, lievemente eminente sul mare e di solida roccia calcarenitica, ricco di preziose risorse idriche, permetteva una piena integrazione della nuova città con la laguna e le sue originarie otto isole (CARUSO, c.s. b) nonché il riuso delle strutture portuali moziesi e, al contempo, il rapporto diretto con il mare aperto garantiva agli abitanti la facilità di approvvigionamento e una via di fuga ai navigatori esperti del luogo, data l'esistenza dei noti bassifondi sabbiosi.

La città di Lilibeo, che intorno all'XI secolo compare nei documenti ufficiali con il nuovo nome di Marsala (AMICO, 1855-56, p. 609; AMARI, 1880, n. 1), comincia ad essere indagata per il suo antico disegno nei primi studi eruditi già dall'Ottocento (SCHUBRING, 1866, p. 62-75) ma gli aspetti del suo impianto urbano originario e delle sue sopravvivenze nella città contemporanea, saranno approfonditamente analizzati solo attraverso la fotointerpretazione nel 1963 da G. Schmiedt (SCHMIEDT, 1963, p. 49-72), quando il colonnello dell'Istituto Geografico Militare Italiano, individuava i tratti residui dell'antico fossato e rivelava la tracce sepolte dell'antico impianto e le sue sopravvivenze nella città medievale di Marsala (Fig. 2).

Fig. 1. Il promontorio di Lilibeo, lo Stagnone e le sue isole nel 1584

Lo studio pionieristico era però viziato da una lettura basata a priori su alcuni presupposti che qui vorremmo riconsiderare. In primo luogo il raffronto con la pianta di Cartagine, considerato il modello di riferimento, e poi l'utilizzo dell'*actus* romano, pari a metri 35,52, come misura base dell'isolato, misura che Ferdinando Castagnoli riteneva ricorrente in molti impianti antichi (CASTAGNOLI, 1956, *passim*.). Basandosi su questi presupposti, Giulio Schmiedt, riteneva che questa misura "universale" fosse riscontrabile in tanti centri antichi distanti geograficamente, cronologicamente e culturalmente; così nell'individuazione degli isolati punici conservati nella città medievale di Marsala, il colonnello pur individuando le persistenze e confermando quindi la misurazione in *actus* non ha però proceduto affatto alla loro misurazione diretta né a verificare che la media degli isolati raramente supera i 32 metri.

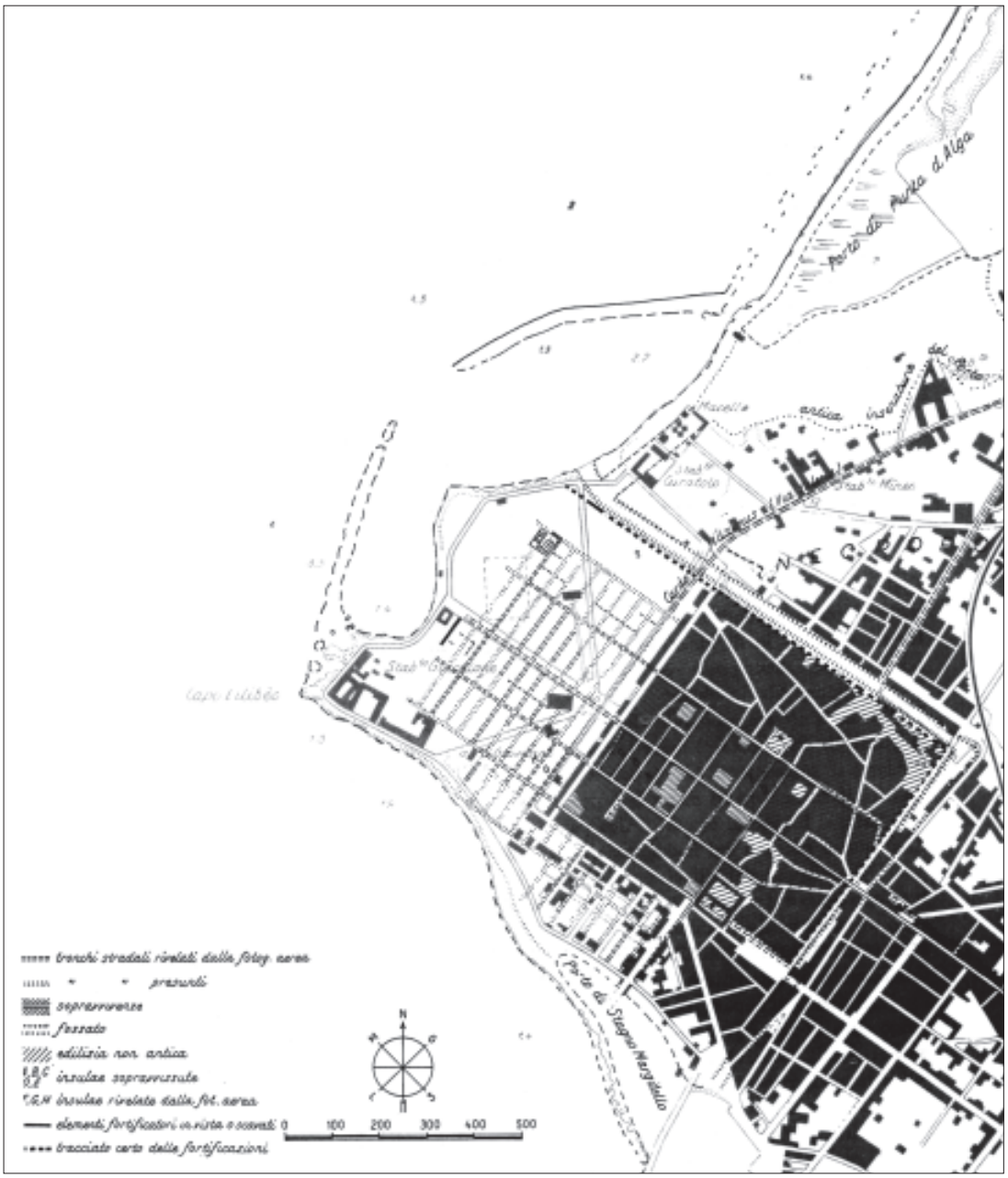


Fig. 2. L'impianto di Lilibeo e la planimetria della città di Marsala.
(da SCHMIEDT, 1963 - Contributo della fotografia aerea alla ricostruzione della topografia antica di Lilibeo)

In un mio recente studio ho potuto verificare che il lato inferiore dell'isolato non dovrebbe superare di molto i 30,50 metri, misura peraltro rilevabile all'interno dell'unico isolato scavato a Marsala e cioè la vasta *domus* romano-imperiale (CARUSO, 2003b, p. 153-164; IDEM, 2005, p. 777-785) cui accenneremo in seguito.

Il disegno della città antica letto da G. Schmiedt nell'area libera ad occidente della città medievale e moderna, è invece in linea di massima corretto, salvo che per la parte settentrionale che la foto aerea non poteva mostrare con chiarezza e che la lettura con geomagnetometro, eseguita nel 2000 dal Centro Internazionale di Studi Fenici, Punici e Romani di Marsala, ha messo bene in evidenza (C.I.S.FE.PU.R., 2000, s. p.).

La lettura effettuata sotto la guida del Prof. Giuseppe Pucci (IBIDEM; PUCCI, 2006), ha mostrato la piena corrispondenza tra lo studio del 1963 e quello moderno, ad eccezione di un particolare disegno, in parte letto da G. Schmiedt, e cioè una vistosa rotazione delle *insulae* nord dell'impianto. Rotazione assente nella città di Cartagine.

Lo studio dell'impianto urbano di Lilibeo redatto alla luce degli ultimi ritrovamenti archeologici, ha consentito di rivedere l'organizzazione planimetrica della città e di acclarare finalmente la sua adesione ai piani urbanistici di tipo ortogonale (CARUSO, c.s. a) detti per *strigas* (CASTAGNOLI, 1956, p. 55) a matrice greca (GRECO *et al.*, 1983, p. 238 sgg.) e non romana, come fin qui universalmente accettato (SCHMIEDT, 1963, p. 49-72; DI STEFANO, 1981, p. 872-873; EADEM, 1984; EADEM, 1993, p. 27-29).

La città, ampia circa 68 ettari, possiede un ordinato sistema di *strigae* individuate da *plateiai* con direzione NW-SE, parallele alla costa meridionale, di cui sei principali e non meno di tre secondarie, e da 23 *stenopoi* ortogonali alle prime (Fig. 3).

Gli isolati hanno un modulo di tipo sessagesimale: il lato minore, ampio 60 cubiti, è posto sulle vie principali; l'isolato che ricorre con maggiore frequenza ha un rapporto pari a 1 x 3,3 (60 x 200 cubiti) mentre quello maggiore, posto in posizione quasi centrale è 1 x 4 (60 x 240 cubiti) (CARUSO, c.s. a). Le strade presentano due diverse dimensioni ricorrenti : le *plateiai* 12 cubiti (circa 6,00-6,50 m)[1] e gli *stenopoi* 10 cubiti (5,00-5,20 m)[2].

Gli isolati settentrionali sono ruotati di 90° rispetto a quelli del settore sud della città (C.I.S.FE.PU.R., 2000, s. p.; PUCCI, 2006) e separati da tre plateiai. Ciò si verifica in particolare tra le plateiai A e B ed è dovuto alla particolare ripartizione effettuata da plateiai secondarie, AI-AI.I-AII; una quarta plateia, la A0, fin qui sconosciuta, è invece apparsa nella lettura effettuata con il geomagnetometro. Lo sviluppo planimetrico della platea A0 appare al momento di limitata estensione ma essa interseca lo *stenopos* 5 quasi a ridosso delle mura, dove recenti ricerche archeologiche hanno messo in luce la prima porta urbica (CARUSO, 2006, p. 289; CARUSO et al., c.s.).

Il diverso orientamento degli isolati della periferia settentrionale rispondono a motivi elementari legati allo sviluppo altimetrico del sedime su cui sorgeva la città, quale lo smaltimento delle acque superficiali secondo le principali direttive di deflusso lungo la massima pendenza. I dati di scavo provenienti dalla zona in esame, però, mostrano la presenza di materiali del III - II sec. a. C. (DI STEFANO, 1976-1977, p. 765) ed un'attività edilizia nei settori indagati databile al II sec. a. C. (DI STEFANO, 1976, p. 30-31) ragion per cui risulta abbastanza verosimile attribuire tale diversa organizzazione planimetrica all'arrivo dei selinuntini a Lilibeo. Ragioni di carattere strategico e difensivo nel corso della I Guerra Punica costrinsero, infatti, i Cartaginesi a distruggere nel 250 a. C. il centro greco-punico di Selinunte difficilmente difendibile e deportarne gli abitanti a Lilibeo (Diodoro, XXIV 1, 1), principale città dell'eparchia punica e illustre piazzaforte militare particolarmente munita. Il numero dei selinuntini dovette essere imponente: l'inserimento degli immigrati

1 Questa larghezza si rileva nelle *plateiai* messe in luce nei pressi della nota *insula* I di Lilibeo.

2 Tratti di *stenopoi* sono venuti alla luce in diversi punti della città; la loro larghezza è abbastanza ricorrente così come il fondo stradale quasi sempre in terra ben compressa.

non poteva essere assorbito se non tramite una risistemazione spaziale dell'abitato, con una riorganizzazione urbana realizzata all'interno di un'area tradizionalmente libera posta all'interno del circuito murario (CASTAGNOLI, 1956, p. 55 e 59; MARTIN, 1974, p. 120 e segg.) e che fin dall'origine costituiva la cosiddetta "area di rispetto", la cui esistenza nelle città antiche è ampiamente attestata dagli studi di G. Nenci (NENCI, 1979; NENCI, 1982; MUGGIA, 1997).

Ma quale poteva essere il modello urbanistico della città di Lilibeo?

Fig. 3. Planimetria di Lilibeo (da CARUSO, 2003b).
Lilibeo (Marsala), l'insula I di Capo Boeo: eccezione urbanistica e monumentale domus urbana

Non certo la fenicia Mozia dove l'impianto di tipo regolare immaginato da Isserlin (ISSERLIN, 1973, p. 139; IDEM *et al.*, 1974, p. 31-39, 85-87; tav. 7) è invece di tipo irregolare e con canoni arcaici, come da pochi anni si comincia a delineare grazie agli studi di M. L. Famà (FAMÀ, 2002, p. 23-34, tav. 17 e 27), più vicino alla città ellenistica di Kerkouane (FANTAR, 1984, p. 119-124, *plan d'ensemble*), il cui disegno tardo fatica a rientrare entro canoni di regolarità ippodamea, che a quello lilibetano.

Della Solunto menzionata da Tucidide e posta sulla penisola di Sòlanto, distrutta insieme a Mozia da Dionisio il Grande, conosciamo troppo poco ma il suo impianto doveva essere arcaico, quindi non molto diverso da quello moziese. La Solunto posta sul monte Catalfano è della seconda metà del IV secolo a.C., successiva quindi alla fondazione di Lilibeo e pertinente piuttosto a un modello di città di tipo ellenistico, più vicino nei rapporti 1 x 2 degli isolati alla Byrsa cartaginese.

Panormo, la cui Neapolis risale alla seconda metà del VI e il cui impianto è stato riletto da Oscar Belvedere (BELVEDERE, 1987, p. 296) mostra una città di piccola estensione incentrata su un asse principale, l'odierno Cassaro, e su numerose strade trasversali che confluivano su un'arteria perimetrale, o via pomeriale, bordante le mura: questo disegno individuava un tessuto di isolati stretti e allungati, forse con *ambitus*, il cui modello è però troppo distante dal lilibetano.

Fin qui i centri punici. In ambito greco, invece, in un'area di frontiera prossima a Lilibeo ecco il sito di Selinunte (Fig. 4), colonia megarese, che stranamente mostra parecchie analogie con l'impianto lilibetano (CARUSO, 2003a, p. 176-177).

Com'è noto la città greca fu distrutta dai Cartaginesi nel 409 a.C. e dopo di ciò fu ridotta notevolmente nella sua estensione, concentrata solo sulla cosiddetta Acropoli.

Non possiamo ancora attribuire con certezza la paternità di questa scelta urbanistica che ha condotto alla sostanziale contrazione dell'abitato greco. Furono greci o punici gli autori?

Secondo Dieter Mertens le fortificazioni della città post 409 a. C. sono dovute ad Ermocrate che ha ripreso possesso del territorio: esse sono quindi greche (MERTENS, 2005, p. 150-151).

Ma come non osservare alcune analogie evidenti tra gli impianti di Lilibeo (Fig. 3) e Selinunte (Fig. 4), innanzi tutto la marcata rotazione degli isolati del settore sud rispetto a quelli nord e un vistoso angolo retto ad est, nel muro della I fase di fortificazione post 409 a. C.

Il suo uso a Selinunte (Fig. 4) potrebbe avere ispirato il disegno dell'impianto lilibetano realizzato *ex novo*, fortemente e decisamente connotato dall'angolo retto delle fortificazioni e del fossato (Fig. 3).

A Lilibeo un'ulteriore ristrutturazione parziale del sistema urbanistico avverrà solo con la realizzazione di un vasto isolato quadrato, l'*insula I* (CARUSO, 2003b, p. 154-157; CARUSO, 2005, p. ****) il cui modulo, afferente al tipo di urbanistica in cui gli isolati sono "quadrati o non molto lontani dal quadrato" (CASTAGNOLI, 1956, p. 88), è romano (Fig. 5).

L'*insula* I di Capo Boeo, è l'isolato meglio conosciuto di Lilibeo perché l'unico scavato per esteso e per la presenza di una vasta zona termale, nonché di notevoli mosaici tardo-imperiali (BOVIO MARCONI, 1939). Vale la pena ricordare l'isolato per gli aspetti dimensionali che conservano il modulo punico nelle misure di base: metri 45,30 x 44, cioè circa 90 x 88 cubiti.

I 90 cubiti di lunghezza dell'isolato sono il multiplo di un sistema modulare di 30 cubiti, corrispondente ad una maglia di poco più di metri 15, che si possono ritenere alla base anche dell'impianto dell'isolato. Al suo interno si può ben distinguere un piccolo isolato autonomo (1 x 2), come a Byrsa (LANCEL, 1983, p. ****), con due unità residenziali di tipo italico (Fig. 6, A e B); le diverse unità sono state accorpate per formare un solo complesso architettonico e monumentale al momento di una consistente "rifondazione" dell'*insula*. L'archeologia ne conferma la fondazione nel II sec. a.C. mentre la sua organizzazione monumentale appartiene al pieno II-III sec. d.C. (DI STEFANO, 1976, p. 30-31; EADEM, 1976-1977, p. 766-767; WILSON, 1990, p. 121-124; CARUSO, 2003b, p. 154-161). Dunque i canoni estetici e dimensionali non sono più "punici" nel risultato finale ma romani, sebbene sia possibile ancora riscontrare nella struttura architettonica l'adozione del cubito punico come unità di misura.

Fig. 4. Pianta di Selinunte
(da MERTENS, 1988) - Le fortificazioni di Selinunte. Rapporto preliminare (fino al 1988))

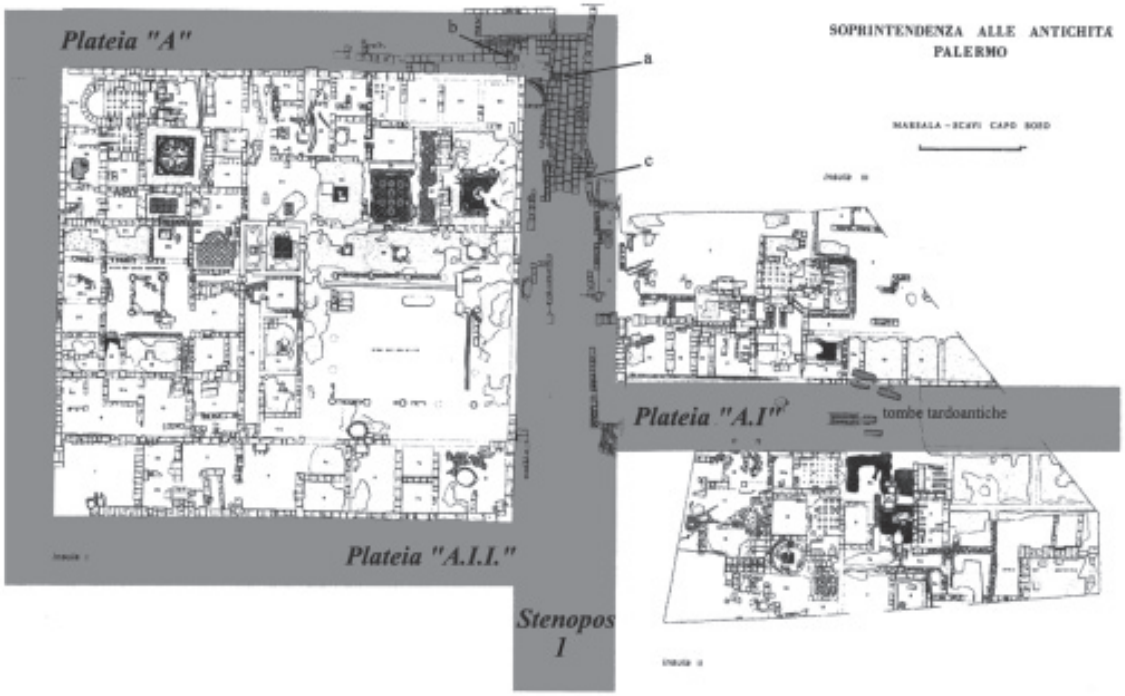


Fig. 5. Le insulae I, II e III del settore settentrionale di Lilibeo
(da CARUSO, 2003b) – Lilibeo (Marsala), l'insula I di Capo Boeo: eccezione urbanistica e monumentale domus urbana)

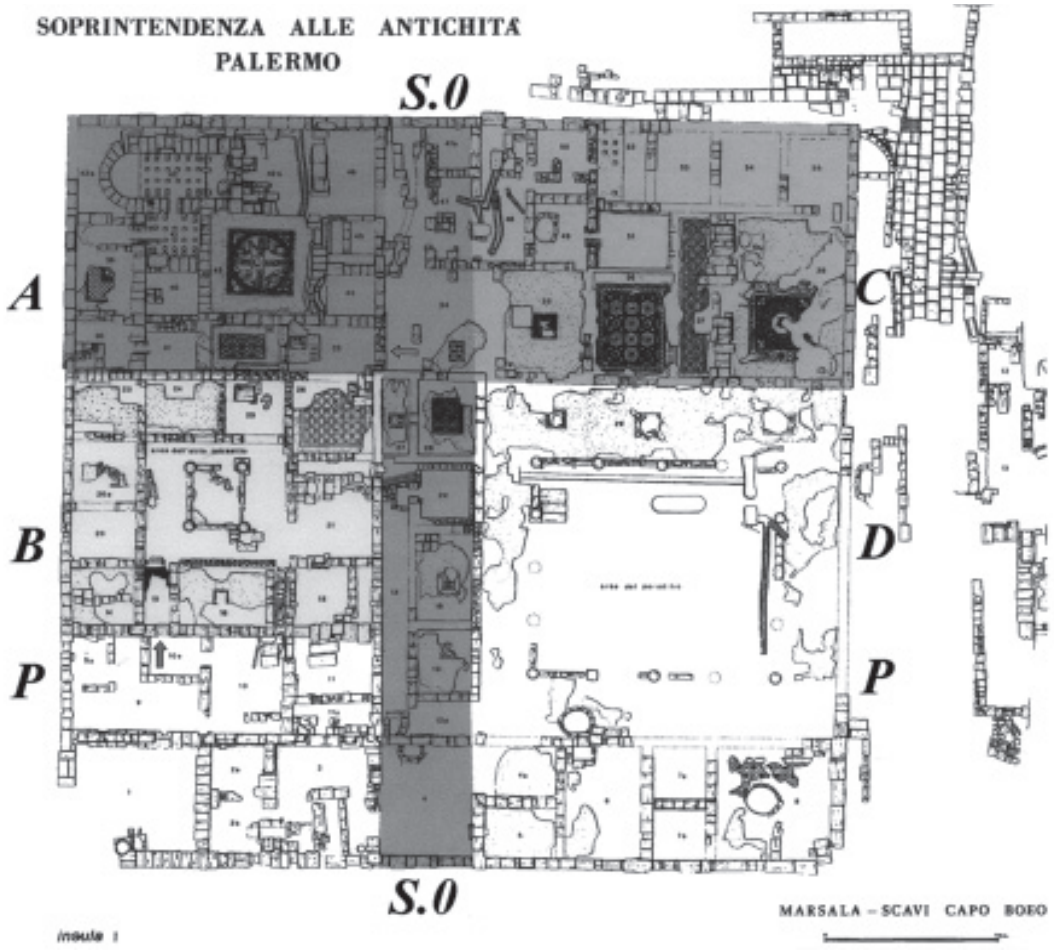


Fig. 6. L'insula I, le unità abitative originarie e le strade fagocitate all'interno dell'isolato in età imperiale (da CARUSO, 2003b) – Lilibeo (Marsala), l'insula I di Capo Boeo: eccezione urbanistica e monumentale domus urbana)

L'*insula* I è assolutamente originale nell'impianto di Lilibeo sia per la sua estensione che per i suoi esiti monumentali, dovuti in larga misura alla sua riorganizzazione di età imperiale (III-IV sec. d. C.). Non a caso essa si inquadra in quel grande fenomeno di rinnovamento urbanistico che nel II-III sec. d. C. investirà la città, grazie forse all'adduzione della *Colonia Helvia Augusta Lilibitanorum*.

Dalle indagini effettuate negli isolati centrali dell'antica città, emerge la corrispondenza planimetrica tra l'impianto punico originario e quello romano: ciò conferma anche in Sicilia un fenomeno osservato nelle città magnogreche (MERTENS *et alii,* 1996, p. 262) e cioè l'evidente continuità degli impianti più antichi in età romana.

Restano infine da osservare le straordinarie e originali fortificazioni lilibetane così fortemente connotate dal fossato e dalle mura (CARUSO, 2003a, p. 171-207, Tavv. XXI-XXXIII e CCXIV-CCXLVII) (Fig. 7). Il fossato, asciutto, era profondo circa 6 metri (dodici cubiti) ed era composto da due bracci lunghi rispettivamente metri 900 (circa 1800 cubiti) quello meridionale e metri 1000 (circa 2000 cubiti) quello settentrionale. Quest'ultimo possedeva un tratto terminale che divergeva leggermente verso nord lungo circa 200 metri (circa 400 cubiti) denominato Fossa delle Navi, nome che ha contribuito a lungo alla diffusione dell'immagine della città di Lilibeo staccata dal circostante territorio da un canale navigabile che rendeva la città simile ad un isola. Ma nel punto più alto della città, a circa 20 metri sul livello del mare, dove è stata individuata la nota galleria che passava sotto il fossato, il fondo è a quota 13 metri sul livello del mare, per cui il "canale" non poteva funzionare a meno di non ricorrere ad un dispendioso quanto inutile sistema di chiuse.

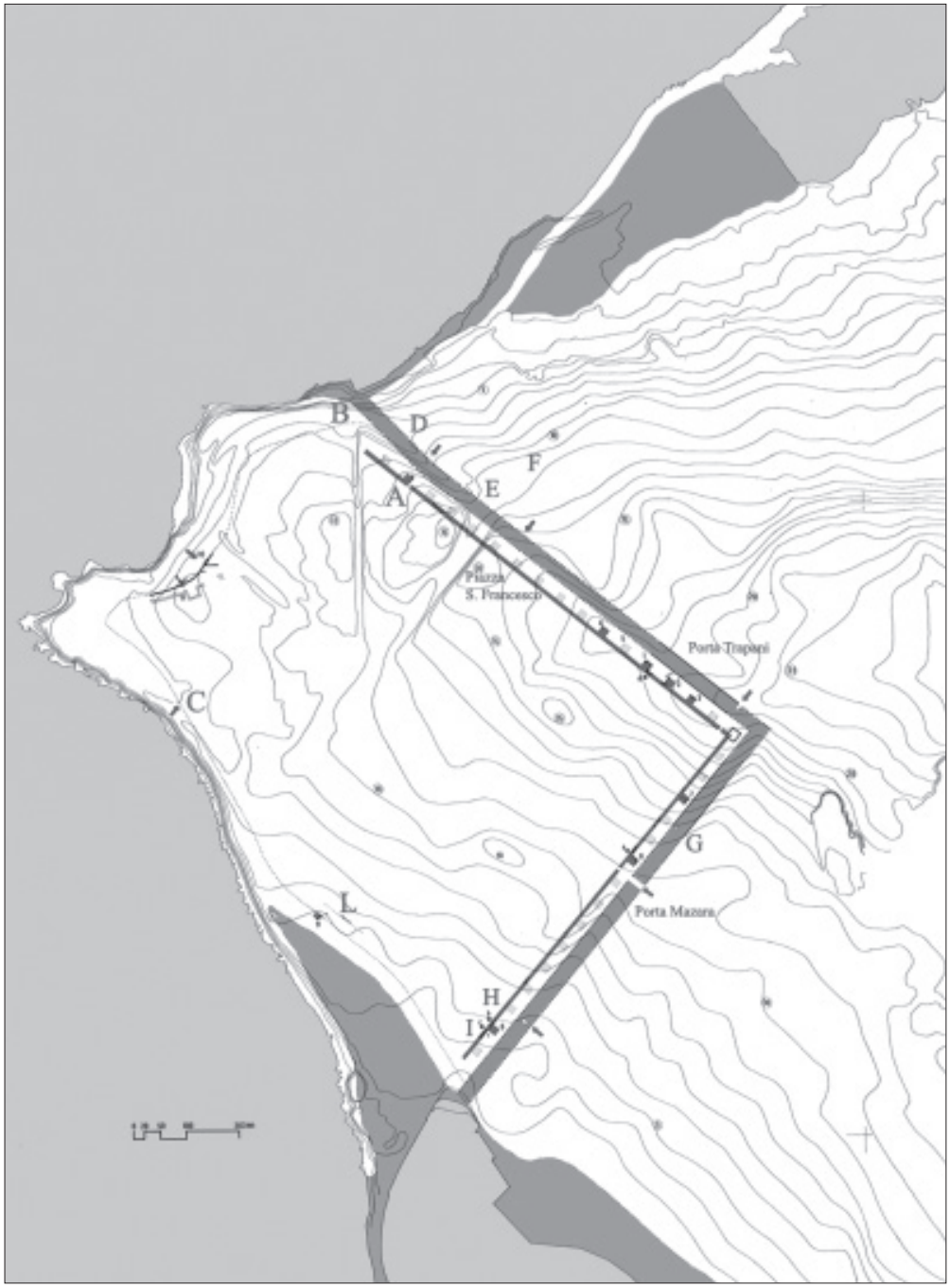


Fig. 7. Pianta delle fortificazioni di Lilibeo
(da CARUSO, 2006) – Le fortificazioni di Lilibeo: un monumentale esempio della poliorcetica punica in Sicilia)

Il fossato, scavato nella roccia calcarenitica che distingue il promontorio lilibetano, è stato la cava da cui sono stati tratti i conci utilizzati per la costruzione delle mura e delle possenti torri. La notizia diodorea della realizzazione del fossato al momento dell'assedio di Pirro (Diodoro XXII, 10, 5-7) è stata smentita dalla presenza di materiale ceramico del IV secolo dentro la nota galleria: fossato, galleria e mura sono contestuali e quindi del IV secolo e non del III. Del resto sarebbe impensabile immaginare una città così importante priva di mura e che rimanesse tale per più di un secolo, riuscendo nonostante questa grave lacuna a respingere nel 368 a. C. l'assalto di Dionisio il Grande che aveva distrutto Mozia, una città fornita di solide mura.

Diverse, com'è noto, sono del resto le imprecisioni di Diodoro riguardo le dimensioni del fossato di Lilibeo di cui riporta la misura errata di 40 cubiti di profondità (20 metri) contro ai 12 (6 metri) realmente riscontrabili! Probabilmente, il fossato potrebbe essere stato ampliato in previsione dell'attacco di Pirro nel 276 a. C. e del resto è abbastanza ricorrente l'opera di aggiornamento delle difese dei centri antichi. A Megara Hyblaea, centro siceliota il fossato passerà dai tre metri originari, come attesta Henry Tréziny, ai 12 metri (TRÉZINY, 2005, p. 97).

Il fossato di Lilibeo correva a circa 27-30 metri (60 cubiti) dalle mura che erano ampie 5,80 metri (circa 12 cubiti) nel settore sud-orientale, 7,00 (14 cubiti) sul settore nord-orientale e 2,00 (4 cubiti) sui lati del mare. In opposizione all'originaria ipotesi della presenza di torri dislocate solo in prossimità delle porte urbiche, i risultati dell'archeologia ed il rilievo d'alcune parti delle fortificazioni mi hanno consentito di dimostrare la presenza di torri poste a distanza regolare di metri 38 l'una dall'altra, secondo un modello ampiamente attestato in oriente e, in Sicilia, a Mozia (CIASCA, 1992, p. 83-84; EADEM, 1993, p. 29-30, tav. VI; EADEM, 1995, p. 274-276, tav. 2-3) e ad Erice (SALINAS, 1882; IDEM, 1883), città elima fortemente connotata dal mondo fenicio-punico (CARUSO, c.s. c).

Le mura nord-orientali di Lilibeo erano larghe 7 metri in un rapporto 1:2 rispetto alle massicce torri collegate, ampie m 13,50 x 14,30; un rapporto 1:2 rispetto alle torri si riscontra poi anche nella distanza media di circa 28 metri tra le mura e il fossato e nella sua larghezza. Mura e torri, distanza delle mura dal fossato e la sua ampiezza sono quindi realizzati in un rapporto 1:2 dell'uno rispetto all'altro: risultano così rispettati a Lilibeo i dettami della manualistica di Filone di Bisanzio (GARLAN, 1974, p. 284) che nel III secolo raccomandava una corretta applicazione dei rapporti dimensionali per un'efficace difesa delle città. Le fortificazioni di Lilibeo sembrano confermare così l'attribuzione della paternità fenicia dell'invenzione delle più avanzate tecniche di difesa e delle macchine di assalto (TRÉZINY, 1996, p. 350).

Le mura erano fornite di merli a terminazione tonda di tipo moziese (WHITAKER, 1921, p. 139-140, fig. 20), uno dei quali ritrovato in proprietà Arini (DI STEFANO, 1976-1977, p. 762; CARUSO, 2006, p. 285, tav. 98-100), e di postierle, di cui si conoscono ormai ben 4 attestazioni e sulle quali rimando alla bibliografia più recente (CARUSO, 2006, p. 290-291, tav. 97 e 102).

Una porta del tipo "a tenaglia" è stata evidenziata nel corso della lettura con geomagnetometro (C.I.S.FE.PU.R., 2000, s.p.) ed essa è simile per impianto a quella messa in luce dalla missione Rakob a Cartagine (RAKOB, 1991, p. 185-189; tav. 37), la cui ricostruzione può essere immaginata come possibile anche per Lilibeo.

Delle vie d'accesso alla città emerge il ponte di roccia risparmiato dall'escavazione del fossato a ridosso dell'angolo delle fortificazioni (CARUSO, 2003a, p. 190-191, tav. XXXIII, CCXLIV e CCXLVI) e non si esclude che un'altro ponte non possa venire alla luce in futuro nei pressi della "Fossa delle Navi", dove il margine esterno del fossato, evidenziato nel corso degli scavi recentemente condotti da Sebastiano Tusa, con la collaborazione di chi scrive, mostra l'inizio di una interruzione del bordo (CARUSO, 2006, p. 286).

La porta, il cui studio è appena agli inizi (CARUSO *et alii,* c.s.) (Fig. 8)[3], si trova all'estremità dello *stemopos* 5 e potrebbe, sebbene sia prematuro parlarne al momento, essere una ristrutturazione monumentale di una postierla di uscita, trovandosi a destra della torre punica. Essa era sormontata da un arco i cui conci radiali furono reimpiegati nell'angolo meridionale della torre medesima (CARUSO, 2006, p. 289, tav. 105-106).

L'unica porta di cui si aveva memoria a Lilibeo era la porta scavata nel 1896 da Antonino Salinas e divulgata da Ettore Gabrici (GABRICI, 1941, p. 273-275, tav. 16-17). Ma nel 2000 ho avuto modo di osservare che essa era pertinente ad un secondo circuito murario (CARUSO, 2003a, p.

3 Desidero ringraziare il Prof. Sebastiano Tusa per avermi consentito di presentare al VI Congresso di Studi Fenici e Punici, per la prima volta, le foto dello scavo.

Fig. 8. La Porta settentrionale "S 5" e lo *stenopos* 5 con il basolato pedonale tardo antico

Fig. 9. La Porta meridionale rinvenuta nei pressi della Chiesa di S. Giovanni al Boeo e l'antistante basolato tardo-antico e medievale

185), un *proteichisma*, che circondava la città murata la cui esistenza era attestata da Diodoro a proposito dell'assedio romano di Lilibeo (Diodoro XXIV, 1).

Il nuovo circuito murario, il cui percorso nel settore nord-occidentale è stato evidenziato dalla lettura con geomagnetometro, recingeva le fortificazioni del IV secolo bordando il fossato, come dimostra Ignazio Valente nello scavo di Vicolo Infermeria (VALENTE *et alii,* 1988, s.p.; KENNET *et alii,* 1989, p. 613), e proseguiva a circa m 10,00 dalle mura più antiche lungo i lati del mare, secondo un disegno che asseconda la linea di costa (CARUSO, 2003a, p. 185-187 e 191-195, tav. XXXV e CCXLVII; IDEM, 2006, p. 295 - tav. 90 e 92-93).

A questo secondo muro e non al più antico circuito va attribuita la torre messa in luce da Carmela Angela Di Stefano nel 1980 nel settore meridionale e assegnata sulla base dei materiali rinvenuti al III secolo a.C. (DI STEFANO, 1981, p. 121-122; fig. 1-3).

Sempre al medesimo circuito va attribuita infine l'ultima porta (Fig. 9) emersa negli scavi recenti condotti sotto la direzione scientifica di Sebastiano Tusa a ridosso della Chiesa di S. Giovanni al Boeo, chiesa nota per il cosiddetto "antro della Sibilla". Questa piccola porta (CARUSO *et alii,* 2004, p. 105-106), posta tra torri rettangolari e del tutto simile a quella Salinas, contribuisce al completamento topografico del circuito del muro di terzo secolo (CARUSO, 2006, p. 290, tav. 107-108) ed attesta ancora una volta una similitudine con il centro di Selinunte dove il secondo muro incompleto di III secolo è attribuito, da Dieter Mertens, all'opera di Agatocle (MERTENS, 1988, p. 581-585, fig. 1c).

Da una più attenta rilettura dunque dei canoni proporzionali e del disegno della città Lilibeo appare saldamente legata all'area punica, specie per l'utilizzo del cubito punico usato come unità di misura come a Byrsa (LANCEL, 1983, p. 27), per il rito delle sepolture riscontrabile nella vasta necropoli che circondava ad oriente la città (CARUSO, 2000, p. 219-234) e per la presenza di culti importanti e di santuari quali il *tofet*, ubicato nel settore sud nei pressi del porto meridionale (CARUSO, 2000, p. 234-240, tav. CXCIII). Fortissimo è tuttavia l'evidente legame con il vicino mondo greco rappresentato da Selinunte.

Nella concezione del sistema difensivo, invece, Lilibeo si rivela pienamente ancorata alla tradizione orientale ed all'esperienza moziese e cartaginese divenendo un luogo privilegiato ove mettere a frutto le più evolute tecniche poliorcetiche in un'area di frontiera ove diverse volte si è scontrato ma, soprattutto, dove ben più a lungo si è incontrato il mondo punico con quello greco.

Bibliografia

Amari, M. (1880) – *Biblioteca arabo-sicula*. Torino-Roma. p. 187.

Amico, V. (1855-56) – *Dizionario topografico della Sicilia, Palermo*. Trad. dal latino e annotato da Di Marzo, G. Voll. I-II. Ristampa anastatica Palermo (2000), *ad vocem* Lilibeo. pp. 609-611.

Belvedere, O. (1987) – Appunti sulla topografia antica di Panormo. In Aa. Vv., *Palermo in età imperiale romana*. Kokalos. XXXIII. pp. 289-303.

Bovio Marconi, J. (1939) – *Marsala: Villa romana. Le Arti: II*. pp. 389-391.

Caruso, E. (2000) – Documenti e problemi di topografia storica nelle città fenicio-puniche della Sicilia occidentale: la necropoli ed il tofet di Lilibeo (Marsala). In *Atti delle Terze Giornate Internazionali di Studi sull'Area Elima (Gibellina-Erice-Contessa Entellina, 23-26 ottobre 1997)*. Pisa-Gibellina. pp. 217-262.

Caruso, E. (2003a) – Lilibeo-Marsala: le fortificazioni puniche e medievali. In *Atti delle Quarte Giornate Internazionali di Studi sull'Area Elima (Erice, 1-4 dicembre 2000)*. Pisa. pp. 171-207.

Caruso, E. (2003b) – Lilibeo (Marsala), l'insula I di Capo Boeo: eccezione urbanistica e monumentale domus urbana. *Sicilia Archeologica*. XXXVI: 101. Roma. pp. 153-164

Caruso, E. (2005) – L'insula I di Capo Boeo nell'impianto urbanistico di Lilibeo. In Spanò Giammellaro, A. (a cura di) *Atti del V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici (Marsala-Palermo, 2-8 ottobre 2000)*. Vol. I-III: II. Palermo. pp. 777-785.

Caruso, E. (2006) – Le fortificazioni di Lilibeo: un monumentale esempio della poliorcetica punica in Sicilia. In *Guerra e pace in Sicilia e nel Mediterraneo antico: Arte, prassi e teoria della pace e della guerra: Atti delle Quinte Giornate Internazionali di Studi sull'Area Elima e la Sicilia occidentale nel contesto mediterraneo: Workshop "G. Nenci" (Erice 12-15 ottobre 2003)*. Pisa. Vol. I-II: I. pp. 283-325.

Caruso, E. (c.s. a) – L'impianto urbanistico di Lilibeo: una revisione dei dati. In *Annali Scuola Normale di Pisa*.

Caruso, E. (c.s. b) – Isole dell'isola. In *Atti delle Seste Giornate Internazionali di Studi sull'Area Elima e la Sicilia occidentale nel contesto mediterraneo (Erice, 13-16 ottobre 2006)*.

Caruso, E. (c.s. c) – Le fortificazioni di Erice e di Segesta. In *Atti del Convegno "Selinunte e i popoli anellenici della Sicilia occidentale" (Marsala-Castelvetrano, 15-16 dicembre 2006)*.

Caruso, E. ; Tusa, S. (2004) – Il culto di Afrodite a Lilibeo. Scavi archeologici presso la chiesa di San Giovanni al Boeo e l'antro della Sibilla a Marsala: La scoperta della statua marmorea di Afrodite Callipigia. *Sicilia Archeologica*. XXXVII: 102. Roma. pp. 97-106.

Caruso, E. ; Tusa, S. (c.s.) – *Le fortificazioni di Lilibeo alla luce delle recenti scoperte*.

Castagnoli, F. (1956) – *Ippodamo da Mileto e l'urbanistica a pianta ortogonale*. Roma. pp. 55

Ciasca, A. (1992) – Mozia in Sicilia: un esempio di cinta urbana in area coloniale fenicia. In *Lixus: Actes du colloque organisé par l'Institut des sciences de l'archéologie et du patrimoine de Rabat avec le concours del l'École française de Rome (Larache, 8-11 novembre 1989)*. Roma. pp. 79-84.

Ciasca, A. (1993) - Sulle mura di Mozia. In Aa. Vv., *Studi sulla Sicilia Occidentale in onore di Vincenzo Tusa*. Padova. pp. 27-31.

Ciasca, A. (1995) - Il sistema fortificato di Mozia (Sicilia). In *Actes du III Congrès International des Études Phéniciennes et Puniques (Tunis, 11-16 novembre 1991)*. Tunis. pp. 271-278.

C.I.S.FE.PU.R. (2000) – *Centro Internazionale di Studi Fenici, Punici e Romani*. Marsala : [s.n.]. s. p.

Di Stefano, C. A. (1976) – Marsala: ricerche archeologiche al Capo Boeo. *Sicilia Archeologica*. 32. Trapani. pp. 25-31.

Di Stefano, C. A. (1976-1977) – Marsala: scoperte archeologiche effettuate negli anni 1972-1976. *Kokalos*. XXII-XXIII: II-2. pp. 761-774.

Di Stefano, C. A. (1981) – Marsala: ricerche archeologiche dell'ultimo quadriennio. *Kokalos*. XXVI-XXVII: II, 2. pp. 870-876.

Di Stefano, C. A. (1981) – Marsala. Interventi nella zona archeologica di Lilibeo. *Beni Culturali e Ambientali Sicilia*. II: 1-2. pp. 121-126.

Di Stefano, C. A. (1984) – Topografia. In Aa. Vv., *Lilibeo: Testimonianze archeologiche dal IV sec. a. C. al V sec. d.C.* pp. 18-19.

Di Stefano, C. A. (1993) – *Lilibeo punica*. Marsala.

Famà, M. L. (2002) – *Mozia: Gli scavi della "Zona A" dell'abitato*. Bari.

Fantar, M. (1984) – *Kerkuane: Cité Punique du Cap Bon (Tunisie)*. I. Tunis.

Gabrici, E. (1941) – Rinvenimenti nelle zone archeologiche di Panormo e Lilibeo. *Notizie Scavi Antichità*. pp. 261-302.

Garlan, Y. (1974) - *Recherches de poliorcétique grecque*. Paris.

Greco, E. ; Torelli, M. (1983) – *Storia dell'urbanistica: Il mondo greco*. Roma-Bari.

Isserlin, B.S.J. (1973) – Some common features in Phoenician/Punic Town planning. *Rivista Studi Fenici*. 1:2. pp. 135-152.

Isserlin, B.S.J.; Du Plat Taylor, J. (1974) – *A Phoenician and Carthaginian city in Sicily: Field work and excavation*. Lieden.

Kennet, D. ; Sjostrom, I. ; Valente, I. (1989) - Uno scavo urbano a Vico Infermeria, Marsala. *Archeologia Medievale*. XVI. Firenze. pp. 613-636.

Lancel, S. (1983) – *La colline de Byrsa à l'époque punique*. Paris.

MARTIN, R. (1974) – *L'urbanisme dans la Grèce Antique*. Paris.

MERTENS, D. (1988) - Le fortificazioni di Selinunte. Rapporto preliminare (fino al 1988). *Kokalos*. XXXIV-XXXV: II. pp. 573-594.

MERTENS, D. ; GRECO, E. (1996) – Urbanistica della Magna Grecia. In PUGLIESE CARRATELLI, G. (a cura di) *I Greci in Occidente*. Milano. pp. 243-262.

MERTENS, D. (2005) – L'architettura militare in Sicilia nel IV-III sec. a.C. In AA. VV., *Urbanistica e architettura nella Sicilia Greca*. Palermo. pp. 149-152.

MUGGIA, A. (1997) – *L'area di rispetto nelle colonie magno-greche e siceliote*. Palermo.

NENCI, G. (1979) – Spazio civico, spazio religioso e spazio catastale nella Polis. *Annali Scuola Normale di Pisa: III*. Vol. IX: 2. pp. 459-477.

NENCI, G. (1982) – Il "Pelargico" e la "zona di rispetto" nelle città greche arcaiche. In APARCHAI, *Nuove ricerche e studi sulla Magna Grecia e la Sicilia antica in onore di Paolo Enrico Arias*. Vol. I. Pisa. pp. 33-43.

PUCCI, G. (2006) – Prospezioni a Lilibeo. In *Guerra e pace in Sicilia e nel Mediterraneo antico: Arte, prassi e teoria della pace e della guerra: Atti delle Quinte Giornate Internazionali di Studi sull'Area Elima e la Sicilia occidentale nel contesto mediterraneo: Workshop "G. Nenci" (Erice 12-15 ottobre 2003)*. Pisa. Vol. I-II: I. pp. 555-559.

RAKOB, F. (1991) – Seemauer, Tor und Äusserer Torplatz. In AA. VV., *Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago*. Mainz am Rhein. pp. 185-189.

SALINAS, A. (1882) – Lettere fenicie nelle mura di Monte San Giuliano. *Archivio Storico Siciliano: Nuova Serie*. VII. pp. 410-414.

SALINAS, A.(1883) – Le mura fenicie di Erice. *Notizie Scavi Antichità*. pp. 142-148.

SCHMIEDT, G. (1963) – Contributo della fotografia aerea alla ricostruzione della topografia antica di Lilibeo. *Kokalos*. IX. pp. 49-72.

SCHUBRING, J. (1866) – Motye – Lilybaeum. *Philologus*. XXIV. Goettingen. pp. 49-82.

TRÉZINY, H. (1996) - L'architettura militare greca in Occidente. In PUGLIESE CARRATELLI, G. (a cura di) *I Greci in Occidente*. Milano. pp. 347-352.

TRÉZINY, H. (2005) - Le fortificazioni di Megara Hyblaea. In AA. VV., *Urbanistica e architettura nella Sicilia Greca*. Palermo. pp. 97.

VALENTE, I.; MACARIO, F. (1988) – Notizia preliminare sullo scavo di Vico Infermeria (Marsala). In *Atti del Convegno Aspetti urbanistici dell'archeologia urbana per una fruizione quotidiana della Storia della Città*. Marsala. s.d.. s. p.

WHITAKER, J.I.S. (1921) – *Motya: A phoenician Colony in Sicily*. London (Traduzione a cura di E. Niceta Palmeri, Palermo 1991).

WILSON, R.J.A. (1990) – *Sicily under the Roman Empire*. Warminster.

I PAVIMENTI A TESSERE FITTILI IN CONTESTI PUNICI: QUESTIONI DI TERMINOLOGIA, TIPOLOGIA E DIFFUSIONE

Antonella Mezzolani

Università di Bologna

Riassunto

Il tipo pavimentale preso in considerazione risulta frequentemente diffuso in area cartaginese, in particolare nella fase tardo-punica, e manifesta una continuità d'uso nella stessa regione per tutta l'epoca romana, come dimostrano le attestazioni di Utica.

Il proposito del contributo è quello di affrontare la questione terminologica relativa a tale sistema pavimentale, prendendo in esame le definizioni impiegate in antico e le diverse denominazioni adottate da autori di età moderna. Una ulteriore questione è quella dell'inquadramento di questo genere pavimentale all'interno di un più ampio quadro tipologico dei sistemi pavimentali in uso in aree puniche. Infine, si intende valutare la portata della diffusione dei pavimenti a tessere fittili, che pare essere circoscritta alla regione di Cartagine, ma che trova singolari corrispondenze in area italica.

Résumé

Le type de pavement en examen résulte très répandu dans la région de Carthage, surtout pour la période punique tardive, et il semble trouver une continuation à l'époque romaine aussi.

En premier lieu, on prend en considération la question de la terminologie ancienne et moderne du type, dans le cadre d'une plus ample typologie des pavements puniques. Ensuite, on regarde aussi à la diffusion de ce genre de pavement à tesselles de terre cuite, qui, en plus que à Carthage, semble être employé souvent dans l'Italie tyrrhénienne.

Gli studi sui sistemi pavimentali nell'architettura punica prendono generalmente le mosse dalla glossa di Festo sui *pauimenta poenica*[1], tanto invisi a Catone perché simbolo del lusso cartaginese e di una deprecabile tendenza all'acquisizione di modelli di vita allogeni da parte delle alte classi romane. Il passo, sottilmente analizzato sul piano filologico da vari autori, seppure con diverse risultanze (Bruneau, 1982; Gaggiotti, 1988), non fornisce comunque per i pavimenti sotto accusa una precisa connotazione tipologica, se non per la discussa menzione di *marmore Numidico constrata*, ma pare rinviare ad un'ampio e indistinto panorama di realizzazioni, che solo grazie alle attestazioni archeologiche si è rivelato ormai in maniera più differenziata. Non si è elaborato ancora, però, uno schema di classificazione unanimemente accettato per valutare i differenti tipi pavimentali individuati in contesti punici, benché non siano mancate proposte per una loro valutazione complessiva (Dunbabin, 1978; Fantar, 1984, p. 499-512; Lancel, 1985; Rakob, 1991); allo stesso modo si avverte l'assenza di un glossario che, sulla scorta di quanto già realizzato, ad esempio, per le decorazioni geometriche nel mosaico romano (Balmelle et al., 1985), fornisca, per le lingue più comunemente impiegate negli studi punici, definizioni e descrizioni dei diversi tipi di rivestimento pavimentale archeologicamente documentati.

Per rispondere, quindi, ad un'esigenza sempre più avvertita, un lavoro complessivo sui sistemi pavimentali punici è in corso di preparazione da parte di chi scrive, e, in questa sede, si è voluto offrire una serie di annotazioni preliminari su un particolare sistema pavimentale, assai usuale a Cartagine, ma, di certo, non inseribile tra i tipi più pregiati o costosi individuati nella metropoli nordafricana: il pavimento a tessere fittili poste in piano, con o senza inserzione di cubetti di marmo.

Nonostante la relativa modestia, il tipo offre spunti per alcune riflessioni di carattere metodologico, a cominciare dalla correttezza terminologica: la definizione *opus figlinum*, comunemente impiegata per individuare tale tessitura pavimentale, per quanto accettabile come dicitura convenzionale (Tang, 2005, p. 189), analogamente a quanto avviene per il cosiddetto *opus signinum* (Dunbabin, 1994, p. 30 nota 14), non pare trovare corrispondenza nelle realizzazioni strutturali descritte dagli autori classici. Proprio rileggendo le fonti, infatti, si può notare come *opus figlinum* sia, in realtà, una definizione oltremodo generica per la tecnica della lavorazione dell'argilla o degli oggetti fittili (Jamot, 1896, 1118; Ginouvès; Martin, 1985, p. 46), che in campo architettonico si riferisce non ad un sistema pavimentale, bensì ad un rivestimento fittile di volte o false-volte, come si può evincere dai passi di Vitruvio[2] e di Plinio[3]. In senso lato, dunque, *opus figlinum* potrebbe definire un rivestimento pavimentale, ma non evidenzia certo le specificità del tipo: infatti, nel significato generico di realizzazione pavimentale in terracotta, tale locuzione potrebbe adattarsi, oltre che ai nostri esemplari, sia ai commessi in laterizi, per i quali si utilizzano mattoni di varie fogge, sia ai pavimenti con frammenti fittili posti di lato, prototipi di rozzi orditi a canestro, e forse anche alle stesure pavimentali realizzate con mattocini posti di taglio a spina di pesce, più specificamente chiamate *opus spicatum*. Se, poi, nel *Répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*, l'*opus figlinum* è un «*sol en éléments de terre cuite, de forme rectangulaire, groupés deux par deux ou trois par trois, alternativement couchés et dressés*» (Balmelle et al., 1985, p. 21), nel *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine*, individua di volta in volta un «*appareil de tuileaux*» ossia una generica struttura in frammenti di tegole e malta (Ginouvès;

1 Sextus Pompeius Festus, *De verborum significatione quae supersunt* (Festi fragm. E Codice Fran. L. XVI, 242, QU. XII, 12, 17-22): «*Pavimenta Poenica marmore numidico constrata significat Cato, cum ait in ea, quam habuit, ne quis Cos. bis fieret:"dicere possum, quibus villae atque aedes aedificatae, atque expolitae maximo opere citro atque ebore atque pavimentis Poenicis stent"*».

2 M. Vitruvius Pollio, *De Architectura*, V, 10, 3: «*Concamarationes vero si ex structura factae fuerint, erunt utiliores sin autem contignationes fuerint, figlinum opus subiciatur, sed hoc ita erit faciendum.*

3 C.Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, XXXV, 189: «*Pulsa deinde ex humo pauimenta in camaras transiere uitro. Nouicium et hoc inuentum, Agrippa certe in thermis, quas Romae fecit, figlinum opus encausto pinxit in calidis, reliqua albario adornauit, non dubie uitreas facturus camaras, si prius inuentum id fuisset…* ».

Martin, 1985, p. 100), un tipo pavimentale equivalente all'*opus testaceum* di Vitruvio VII, 1, 7 (con sotto-tipi quali il pavimento con mattoncini di taglio a spina di pesce, il mosaico a frammenti fittili di taglio, il mosaico a frammenti fittili in piano e il mosaico a rondelle di anse di anfore: Ginouvès; Martin 1985, p. 151-152), ma anche un rivestimento in placche di terracotta per le *concamerationes* di cui parla Vitruvio (Ginouvès, 1992, p. 138, 213).

In questo panorama di definizioni talvolta contraddittorie o dai molteplici adattamenti, tutte contemplate nella semplice locuzione *opus figlinum*, forse la strada più utile da percorrere è quella prospettata con esemplare chiarezza da F. Guidobaldi già alcuni anni or sono, ossia l'abbandono dei termini antichi non esattamente corrispondenti alle emergenze archeologiche e l'impiego di espressioni che, pur nella loro maggiore lunghezza, meglio identificano il prodotto pavimentale di cui s'intende trattare (Guidobaldi, 1995): in accordo con tale proposta, si è preferito definire il tipo in esame come «pavimento a tessere fittili», evidenziando in primo luogo gli elementi compositivi (tessere) e il loro materiale (ceramica). Certo, l'individuazione dei pavimenti potrebbe essere corredata da ulteriori precisazioni, che possono però trovare corretta collocazione in schede analitiche delle singole attestazioni: ci si riferisce, ad esempio, all'indicazione della positura in piano o di taglio delle tessere e del loro ordito (ortogonale, obliquo o, per attestazioni già di piena età romana come quelle di Utica, a canestro), alla forma (quadrata o rettangolare) più o meno regolare degli elementi che compongono la tessitura pavimentale, all'indicazione di tessere litiche inserite per delineare una trama decorativa.

La questione terminologica si lega strettamente alla definizione tipologica, per la quale, ancora una volta, gli studiosi si sono orientati in maniera differenziata, privilegiando di volta in volta o la tecnica esecutiva o il materiale impiegato nelle stesure pavimentali. Alla prima posizione rimanda la classificazione proposta da S. Lancel, che inserisce i pavimenti a tessere fittili nella **categoria 2**, che riunisce tutte le pavimentazioni la cui superficie, in tessere o schegge irregolari, risulta distinta rispetto allo strato di allettamento e, dunque, oltre al nostro tipo, anche il tessellato e il cosiddetto «*terrazzo*» (Lancel, 1985, 162-164). Diversa la scelta di K. M. D. Dunbabin, che pone i pavimenti a tessere fittili in un gruppo autonomo di «*ceramic pavements*», considerandoli una classe separata e caratterizzata dall'impiego di elementi più o meno regolari in terracotta, posti in piano o di taglio (Dunbabin, 1978, p. 176-178), anche se, in un contributo più recente sui sistemi pavimentali in antico, l'autrice propone una suddivisione in due classi sulla base della tecnica di realizzazione, simile a quella di S. Lancel, all'interno della quale il cosiddetto *opus figlinum* diviene un sotto-tipo dei pavimenti a mosaico (Dunbabin, 1996, p. 287-288). Una proposta mediata fra queste due classificazioni, pienamente condivisa da chi scrive, è poi quella presentata di recente da B. Tang, che inserisce l'*opus figlinum* tra i pavimenti a mosaico, cioè a superficie distinta, evidenziando però la specificità del materiale usato (Tang, 2005, p. 189).

La documentazione archeologica a tutt'oggi disponibile per i pavimenti punici a tessere fittili poste in piano pare testimoniare un utilizzo del tipo prevalentemente a Cartagine, senza riscontri, ad esempio, a Kerkouane, dove sono i pavimenti cementizi a godere di grande fortuna (Fantar, 1966); non potendo analizzare con ampiezza i diversi spunti che la tipologia offre, ci si limiterà a considerare la cronologia, le caratteristiche funzionali e gli esiti decorativi delle attestazioni a disposizione.

La maggior parte dei pavimenti a tessere fittili di Cartagine può essere attribuita alle fasi più tarde della metropoli punica, ma vi sono anche attestazioni risalenti al IV sec. a.C.. Un lacerto pavimentale a tessere fittili e fascia a mosaico, recuperato in un sondaggio all'angolo tra rue Didon e rue Arnobe, è stato attribuito al IV sec.a.C. sulla base del materiale ceramico rinvenuto al di sotto (Chelbi, 1985, p. 82-83; Chelbi, 1992, p. 71). Più dubbia l'appartenenza al IV sec.a.C. dell'edificio posto in luce a Trik Dar Saniat, sulla base di quanto proposto dallo scopritore (Renault, 1913, p. 47 ; per una pertinenza dell'edificio al III-II a.C.: Fantar 1985, p. 14), dove due cortili erano corredati da pavimenti a tessere fittili ed uno, in particolare, risultava decorato da un punteggiato regolare a

tessere bianche e da una fascia a mosaico con motivo a scacchiera nera e bianca (Renault, 1913, p. 21-22; p. 23 fig. 11). Più sicura sembra invece l'attribuzione cronologica di un pavimento rinvenuto nell'area degli scavi sotto il *Decumanus maximus* condotti dall'Università di Amburgo[4]: il corridoio G^{SUD} della casa I^{NORD}, nella fase VIIa, fu corredato da un pavimento a tessere fittili che rimase in uso per un lungo periodo, cioè dal 390 a.C. fino almeno al 250 a.C., quando fu sostituito da un'ulteriore stesura pavimentale sempre a tessere fittili (Schmidt, 2007, p. 207). Se una datazione così alta può parere insolita per questo sistema pavimentale, ben si accorda con i più antichi esemplari di realizzazioni a tessere litiche, come il frammento ormai famoso di Kerkouane attribuito da J.-P. Morel al V sec. a.C. (Morel, 1969, p. 499-500, fig. 28), con una datazione secondo alcuni dubbia (Rakob 1981, p. 129 nota 26; Fantar 1984, p. 512), e il mosaico a tessere in marmo bianco rinvenuto a Cartagine nel corso di un sondaggio in rue Septime Sévère in associazione con materiale ceramico della seconda metà del IV sec. a.C. (Rakob, 1989, p. 183).

Dal III sec. in poi il tipo sembra diventare sempre più usuale, tant'è che per la metà del III sec. a.C.- metà del II sec. a.C risulta documentato sul fondo di un bacino nella stanza P7 nella casa Ib del *Quartier Magon* (Wiblé, 1991, p. 98) e da due pavimenti scoperti negli scavi sotto il *Decumanus maximus*, rispettivamente nel corridoio G^{SUD} della casa I^{NORD} e nella stanza E e parte dell'adiacente stanza C della casa I^{SUD} (fase VIII) (Schmidt, in corso di stampa). Al II sec. a.C., infine, sono da riferire i pavimenti a tessere fittili rinvenuti nel *Quartier Hannibal* sulla collina di Byrsa, nei corridoi d'accesso di C1b (Lancel, 1985, fig. 12), C2 (Ferron; Pinard 1960-1961, p. 97; Lancel, 1979, p. 90-91), D2 (Lancel, 1985, fig. 12) e nelle piccole sale da bagno di C4 (Ferron; Pinard, 1960-1961, pl. XLI-XLIV; Lancel; Thuiller 1979, p. 235 nota 42), C5b (Lancel; Thuiller, 1979, p. 234) ed E1 (Lancel, 1982, p. 117). Sempre al II sec. a.C. possono riportarsi gli esemplari posti in luce nel *Quartier Magon* nella sala da bagno P79 della casa IV (Teschauer, 1991, p. 158), nella sala da bagno P41 (Stanzl, 1991, p. 17, 20) e nel corridoio d'accesso P30-30b-49-49a-49b della casa VI (Stanzl, 1991, p. 27-31, 47) e il pavimento scoperto dalla Missione canadese sulla collina dell'Odeon (Wells et al., 1998, p. 13-15), così come quello che riveste i vani 2-3, probabilmente una sala da bagno, dell'abitazione punica rinvenuta all'angolo tra rue Astarté e rue 18 Janvier (Chelbi, 1980, p. 31-33; Chelbi, 1984, p. 23-25). Inoltre, è verosimile che alla medesima epoca debba attribuirsi il pavimento a tessere fittili scoperto da M. Vézat a Dermech (Picard, 1946-1969, p. 677), quello rinvenuto a Le Kram, più genericamente attribuito a età ellenistica (Ben Abdallah et al., 1980, p. 17) e l'esemplare, a tessere irregolari e ordito rozzo, della villa di Gammarth (Fantar, 1985, p. 53 pl. IX, b).

Quanto alle caratteristiche funzionali dei pavimenti a tessere fittili, si nota agevolmente che questa tipologia risulta impiegata per lo più in vani particolarmente esposti all'umidità, quali le sale da bagno, e non provvisti di copertura, come corridoi d'accesso e, in misura minore, a cortili: se il materiale stesso delle pavimentazioni giustifica una connessione con tali ambienti, può essere interessante notare un'analogia di impiego e cronologia con realizzazioni di area etrusca e laziale del III-II sec. a.C., in cui, però, pur nell'utilizzo di una positura in piano, le tessere risultano visibilmente più grandi (circa 4-6 cm di lato) - fatta eccezione per un lacerto pavimentale da Roma, con tessere di 2,5 cm di lato (Morricone, 1973, p. 604) – e di maggiore spessore, tanto che si potrebbe ipotizzare una corrispondenza fra questi esemplari e i pavimenti in cotto «*ex tessera grandi*» di Vitruvio VII, 1, 7 (Becatti, 1961, p. 258; Morricone, 1970, p. 604). Anche in area italica i pavimenti in tessere fittili poste in piano sono impiegati per lo più in aree di servizio come le sale da bagno, pubbliche (bagni di Musarna, fine II sec. a. C.: de Cazanove; Jolivet, 1984, p. 531; Broise; Jolivet , 1991, p. 89) e private (Villa Prato, Sperlonga: Lafon, 1991, p. 105. Villa nei pressi di Campino: De Rossi 1979, p. 64, p; 65 fig. 64. Vano ad est della casa del Criptoportico a Vulci: Broise; Jolivet 1991, p. 88). Inoltre, anche dal punto di vista decorativo si riscontrano analogie con gli

4 I dati relativi ai pavimenti dello scavo sotto il *Decumanus maximus* mi sono stati forniti, con estrema cortesia e liberalità, ancor prima della pubblicazione, dall'amica e collega Karin Schmidt e dal prof. Hans Georg Niemeyer, a cui va il mio ricordo commosso.

esemplari punici nell'uso del punteggiato regolare o nell'inserzione di fasce o riquadri di soglia a scacchiera bicroma (Villa Prato, soglia tra vano A7 e vano A8: Lafon, 1991, p. 105. Museo di Villa Guinigi, Lucca: Ciampoltrini; Rendini, 1996, p. 576, p. 585 fig. 6). L'affinità tra esemplari cartaginesi e attestazioni italiche è senza dubbio suggestiva e potrebbe essere valutata anche alla luce di quanto ipotizzato da M. Gaggiotti a proposito di un apporto della manodopera cartaginese nella realizzazione tecnica di pavimenti in *opus signinum* in area laziale, proprio nel II sec. a. C. (Gaggiotti, 1989, p. 218-219).

Tornando agli esemplari cartaginesi, una breve annotazione sull'ornamentazione di questo tipo pavimentale: oltre alle stesure più semplici, che trovano una resa non monotona solo con la differenza cromatica delle singole tessere, i pavimenti in esame sono spesso ravvivati dall'inserzione ad intervalli regolari di cubi in marmo o calcare bianco, con un punteggiato che ha spesso un andamento obliquo e le tessere poste talvolta di spigolo, conformemente a quanto si vede anche nei pavimenti cementizi. Numerosi sono gli esemplari già noti, ma, per aggiornare la lista, in questa sede si propone un'attestazione ancora inedita proveniente dallo scavo condotto a Bir Messaouda da R. Docter[5]: il pavimento, con tessere in calcare o marmo bianco disposte di spigolo a formare un punteggiato regolare, è ancora in fase di studio, per cui non si è ancora in grado di chiarire né la pertinenza funzionale, difficilmente ipotizzabile anche per la sovrapposizione di una cisterna di epoca bizantina che ne ha in parte obliterato la stesura, né l'esatta cronologia (Fig. 1). Sicuramente un maggiore effetto decorativo sortiscono le fasce in mosaico giustapposte o interposte nei pavimenti a tessere fittili, che propongono motivi in genere molto semplici e geometrici, quali la scacchiera e i triangoli dentellati: esempi di questo tipo sono forniti dal pavimento di Dar Saniat, limitato da una fascia a scacchiera in tessere litiche bianche e nere, da quello rinvenuto all'angolo tra rue Didon et rue Arnobe e conservato al Musée National de Carthage, con banda a scacchiera a tre colori alternati (nero, bianco e rosso) (Fig. 2), dalla soglia in tessellato bianco con punteggiato a tessere nere che sottolinea l'ingresso alla sala da bagno dell'unità C4, nel *Quartier Hannibal*, dal riquadro di soglia che separa le stanze 2 e 3 nell'abitazione di rue Astarté, dove triangoli dentellati a tre colori (neri, rossi e bianchi) si susseguono a formare anch'essi una scacchiera. A tutti questi esemplari, ampiamente noti in letteratura, si può aggiungere un pavimento rinvenuto nello scavo sotto il *Decumanus Maximus* (Schmidt, 2007, pp. 207-209): la stesura a tessere fittili, ravvivata da un punteggiato regolare obliquo in tessere bianche, vede al suo centro anche l'inserzione di un bel pannello geometrico in tessere litiche e fittili (Fig. 3), composto da un quadrato centrale in nero, una fascia in tessere bianche a sua volta circondata da una fascia a scacchiera bianca e rossa, rifinita da un'alta banda monocroma bianca (Fig. 4). L'esemplare, di estrema sobrietà, sottolinea, ancora una volta, una predilezione punica per una decorazione pavimentale con motivi lineari e geometrici ; interessante è anche il fatto che l'emblema sia contenuto da lamine sottili di piombo, secondo una tecnica ellenistica assai impiegata in area greca, ma che già ha trovato un riscontro a Cartagine nella soglia a mosaico di rue Astarté (Chelbi, 1980, p. 32; Chelbi, 1984, p. 24 ; Schmidt, 2007, pp. 207-208).

Per concludere, rammentiamo che molti altri sarebbero gli aspetti da analizzare anche per queste realizzazioni pavimentali assai modeste: per quel che riguarda la tecnica, ad esempio, la preparazione delle tessere (tagliate da grosso vasellame o appositamente plasmate: Lancel 1992, p. 117 nota 10) e le loro dimensioni, le peculiarità dell'ordito più o meno regolare, la composizione dei sottofondi pavimentali. Per quanto riguarda la diffusione e la continuità di questa tipologia, invece, ci si dovrebbe chiedere perché essa sembra attestata per lo più in area cartaginese e non pare trovare riscontro in altre aree puniche, e occorrerebbe valutare anche la continuità che questo sistema pavimentale sembra avere in area nordafricana, ad esempio, nella stessa Cartagine

5 Ringrazio Roald F. Docter per avermi consentito di presentare in anteprima un'immagine di questo pavimento.

(ad esempio Neuru, 1992, p. 136), ad Utica (Alexander et al. 1976, p. 66-67) e Thuburbo Maius (Alexander; Ben Abed Ben Khader, 1994, p. 146), con attestazioni che giungono fino al II sec. d.C. e funzionalità sempre legata a contesti di servizio e bacini.

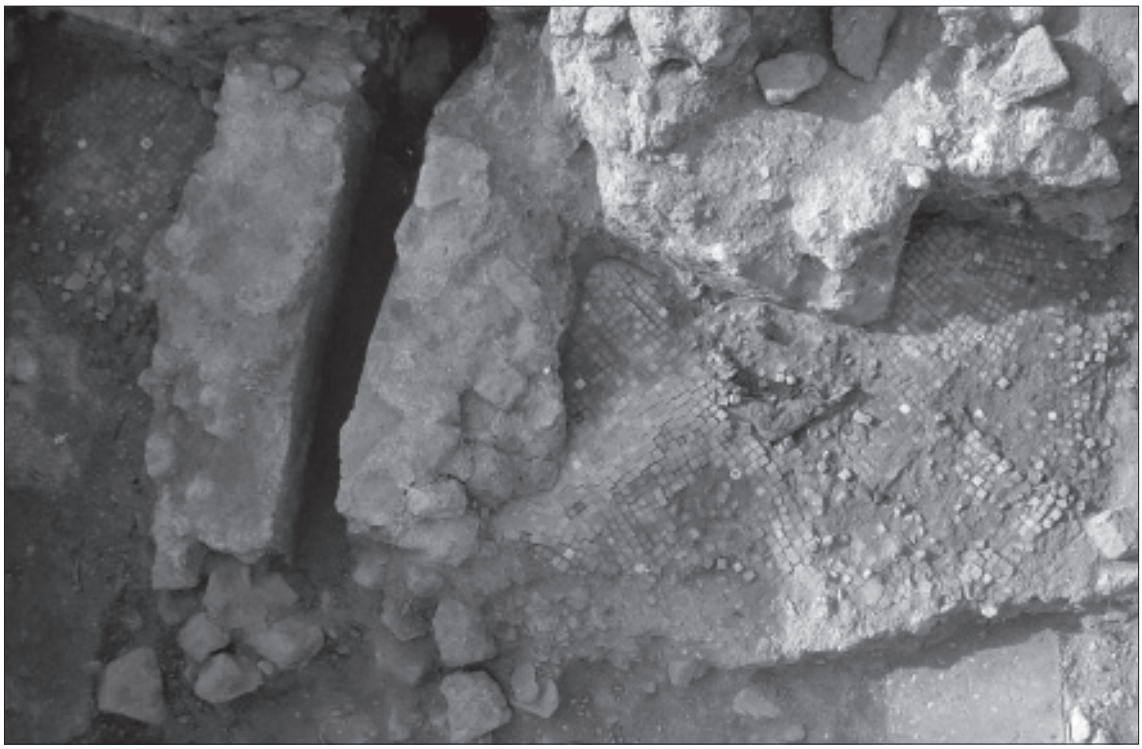


Fig. 1. Cartagine, Bir Massouda: pavimento in tessere fittile e punteggiato regolare in tessere bianche (fotografia di R.F. Docter)

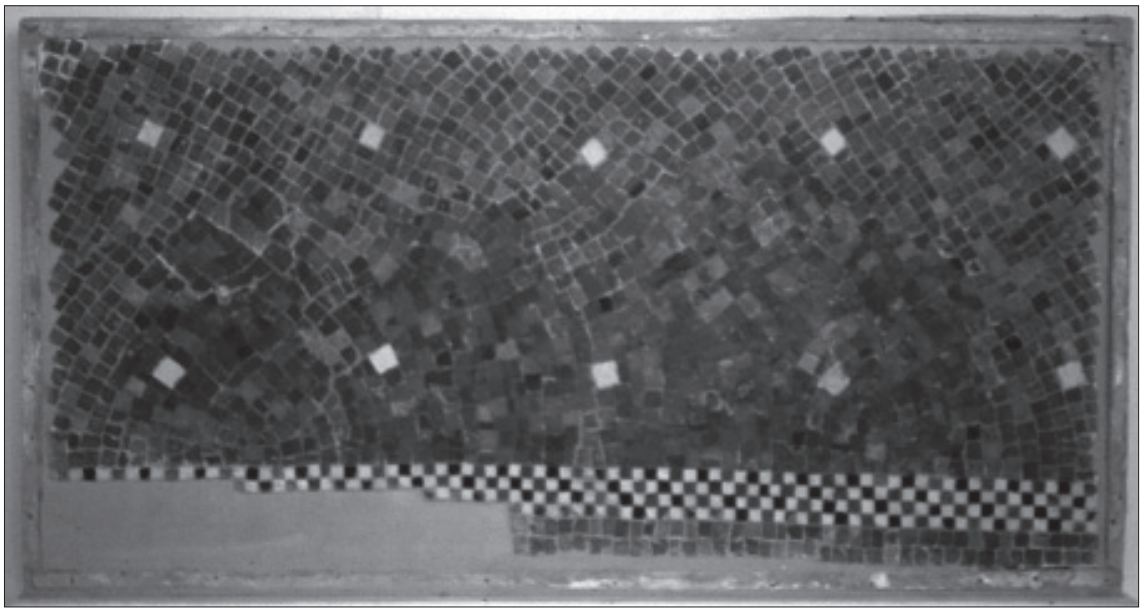


Fig. 2. Cartagine, Musée National de Carthage: pavimento in tessere fittili con inserzione regolare di cubetti di marmo bianco e fascia bicroma a scacchiera (fotografia dell' autore)

Fig. 3. Cartagine, scavi sotto il Decumanus Maximus: pavimento a tessere fittili e punteggiato regolare in tessere litiche bianche. Al centro, pannello geometrico in tessere litiche e fittili (fotografia di R. F. Docter)

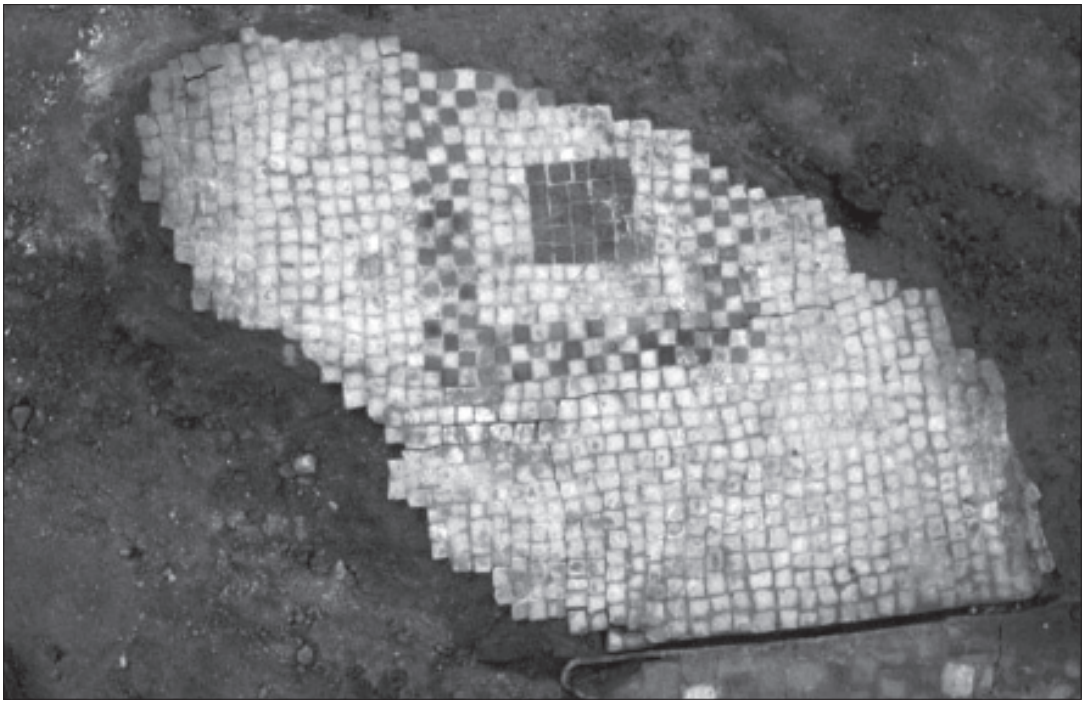


Fig. 4. Cartagine, scavi sotto il Decumanus Maximus: emblema geometrico in tessere litiche e fittili, visibilmente delimitato da lamine di piombo (fotografia di R. F. Docter)

Bibliografía

Alexander, M. A. et al. (1976) – *Utique. Les mosaïques sans localisation precise et El Alia*. Corpus des mosaïques de Tunisie. I, fascicule 3. Tunis: Institut National du Patrimoine.

Alexander, M. A.; Ben Abed Ben Khader, A. (1994) – *Thuburbo Majus. Les mosaïques de la région est. Mise à jour du catalogue de Thuburbo Majus et les environs. Les mosaïques de Ain Mziger, Bir Chana, Draa Ben Jouder et Zaghouan*. Corpus des mosaïques de Tunisie. II, fascicule 4. Tunis: Institut National du Patrimoine.

Balmelle, C. et al. (1985) – *Le décor géometrique de la mosaïque romaine. Répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*. Paris: Picard.

Becatti, G. (1961) – *Scavi di Ostia. Mosaici e pavimenti marmorei*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.

Ben Abdallah, Z. et al. (1980) – Découverte d'un quartier punique au Kram. *CEDAC Carthage Bulletin*. 3. Tunis. pp. 17-18.

Broise, H.; Jolivet, V. (1991) – Le bain en Étrurie à l'époque hellénistique. In *Les Thermes Romains. Actes de la table ronde organisée par l'École Française de Rome (Rome, 11-12 novembre 1988)*. Rome: École Française de Rome. pp. 79-95.

Bruneau, P. (1982) – «Pavimenta poenica». *Mélanges de l'Ecole Française de Rome. Antiquité*. 94:2. Rome. pp. 639-655.

Chelbi, F. (1980) – Découverte d'un habitat punique sur le flanc sud-est de la colline de Byrsa. *CEDAC Carthage Bulletin*. 3. Tunis. pp. 29-39.

Chelbi, F. (1984) - Découverte d'un habitat punique sur le flanc sud-est de la colline de Byrsa. *Bulletin archéologique du Comité des travaux historiques et scientifiques*. Nouvelle série, 17 (Année 1981. Fascicule B. Afrique du Nord.) Paris. pp. 21-30.

Chelbi, F. (1985) – Quelques aspects de la civilisation carthaginoise à l'époque hellénistique. In *Carthage VI. Actes du Congrès international sur Carthage (Trois-Rivières, 10-13 octobre 1984)*. Cahiers des études anciennes. 1. Trois-Rivières, Québec: Presses de l'Université du Québec. pp. 157-170.

Chelbi, F. (1992) – Fouilles d'urgence. In *Ennabli*, A. (ed.) *Pour sauver Carthage*. Paris; UNESCO, Tunis; INAA. pp. 69-71.

Ciampoltrini, G.; Rendini, P. (1996) – Pavimenti in *signinum* e *scutulatum* dall'Etruria centro-settentrionale. Recenti acquisizioni. In Guidobaldi, F.; Guiglia Guidobaldi, A. (éds.) *Atti del III colloquio dell'Associazione Italiana per lo Studio e la Conservazione del Mosaico (Bordighera, 6-10 dicembre 1995)*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri. pp. 573-590.

De Cazanove, O.; Jolivet, V. (1984) – Musarna (Viterbe): la cité étrusque. *Mélanges de l'École Française de Rome. Antiquité*. 96; 1. Rome. pp. 530-534.

De Rossi, G. M. (1979) – *Formae Italiae. Regio I – Volumen XV.* Bovillae. Firenze: Leo S. Olschki.

Dunbabin, K. M. D. (1994) – Early pavement types in the West and the invention of tessellation. In Johnson, P. et al. (eds.) *Fifht International Colloquium on Ancient Mosaics (Bath, England, September 5-12,1987)*. Journal of Roman Studies. Supplementary series, 9, Part One. Ann Arbor: Cushing-Malloy Inc. pp. 26-40.

Dunbabin, K. M. D. (1996) – *s.v.* Pavimentum. In *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Supplemento 1971-1994*. Roma: Istituto della enciclopedia italiana. pp. 287-290.

Dunbabin, K.M.D. (1978) – The pavements fragments and their typology. In Humphrey, J. H. (ed.) *Excavations at Carthage 1976 conducted by the University of Michigan, volume IV*. Ann Arbor: Kelsey Museum - The University of Michigan. pp. 169-180.

Fantar, M. (1966) – *Pavimenta punica* et signe de Tanit dans les habitations de Kerkouane. *Studi Maghrebini*. 1. Napoli. pp. 57-65.

Fantar, M. (1984) – *Kerkouane. Cité punique du Cap Bon (Tunisie). Tome I*. Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art.

Fantar, M. (1985) - *Kerkouane. Cité punique du Cap Bon (Tunisie). Tome II*. Architecture domestique. Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art.

Ferron, J.; Pinard, M. (1961-1961) - Les fouilles de Byrsa (suite). *Cahiers de Byrsa*. Tunis. pp. 77-170.

GAGGIOTTI, M. (1988) – "Pavimenta Poenica marmore Numidico constrata". In MASTINO, A. (ed.) *L'Africa romana. Atti del V convegno di studio (Sassari, 11-13 dicembre 1987)*. Ozieri: Il Torchietto. pp. 215-221.

GINOUVÈS, R. (1992) – *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine. II. Êléments constructifs: supports, couvertures, aménagements intérieurs*. Collection de l' École Française de Rome. 84. Rome: Ècole Française de Rome.

GINOUVÈS, R.; MARTIN, R. (1985) – *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine. I. Matériaux, techniques de construction, techniques et formes du décor*. Collection de l' École Française de Rome. 84. Rome: Ècole Française de Rome.

GUIDOBALDI, F. (1995) – Per la strutturazione di una nuova terminologia convenzionale per la individuazione tipologica dei pavimenti antichi. *Bollettino dell'Associazione Italiana per lo Studio e la Conservazione del Mosaico*. 2. Roma. pp. 2-3.

JAMOT, P. (1896) – *s. v.* Figlinum ou fictile opus. In DAREMBERG, C.; SAGLIO, E. (éds.) *Dictionnaire des antiquités grecuqes et romaines d'après les textes et les monuments. Tome deuxième. Deuxième partie (F- G)*. Paris: Hachette. pp. 1118-1136.

LAFON, X. (1991) – Les bains privés dans l'Italie romaine au IIe siècle av. J.-C.. In *Les Thermes Romains. Actes de la table ronde organisée par l'École Française de Rome (Rome, 11-12 novembre 1988)*. Rome: École Française de Rome. pp. 97-114.

LANCEL, S. (1979) – Le secteur A (1974-1975). In LANCEL, S. (ed.) *Byrsa I. Rapports préliminaires de fouilles (1974-1976)*. Rome: École Française de Rome. pp. 59-96.

LANCEL, S. (1982) – I. 5. L'îlot E. In *LANCEL*, S. (ed.) *Byrsa II. Rapports préliminaires sur les fouilles 1977-1978: niveaux et vestiges puniques*. Rome: École Française de Rome. pp. 105-141.

LANCEL, S. (1985) – Les *Pauimenta punica* du quartier punique tardif de la colline de Byrsa. In *Carthage VII: actes du Congrès international sur Carthage (Trois-Rivières, 10-13 octobre 1984, deuxième partie)*. Cahiers des études anciennes. 17. Trois-Rivères, Québec: Presses de l'Université du Québec. pp. 157-170.

LANCEL, S.; THUILLIER, J.-P. (1979) – Rapport préliminaire sur la campagne de 1976 (niveaux puniques). In LANCEL, S. (ed.) *Byrsa I. Rapports préliminaires de fouilles (1974-1976)*. Rome: École Française de Rome. pp. 187-270.

MOREL, J.- P. (1969) – Kerkouane, ville punique du Cap Bon. Remarques archéologiques et historiques. *Mélanges de l'École Française de Rome*. 71; 2. Rome. pp. 473-518.

MORRICONE, M. L. (1973) – s.v. Pavimento. In *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Supplemento 1970*. Roma: Istituto della enciclopedia italiana. pp. 601-605.

NEURU, L. (1992), Le secteur nord-est de la ville. In ENNABLI, A. (ed.) *Pour sauver Carthage*. Paris; UNESCO, Tunis; Institut National AA. pp.135-142.

PICARD, G. Ch. (1946-1949) – Fouille de Dermech. *Bulletin archéologique du Comité des travaux historiques et scientifiques*. Paris. pp. 676-678.

RAKOB, F. (1981) – Deutsche Ausgrabungen in Karthago. *In 150 Jahre Deutsches Archäologisches Institut 1829-1979 (Festveranstaltungen und internationales Kolloquium 17-22 April 1979 in Berlin)*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern. pp. 121-132.

RAKOB, F. (1989) – Karthago. Die frühe Siedlung. Neue Foschungen. In Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts, Römische Abteilung. Rom- Berlin. 96. pp. 155-194.

RAKOB, F. (1991) – Pavimenta punica und ausstattungselemente der punischen und römischen Häuser. In RAKOB, F. (ed.) *Karthago I. Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern. pp. 220-225.

RENAULT, J. (1913) – Les Bassins du Trik Dar-Saniat. *Cahiers d'archéologie tunisienne*. 1. Tunis. n. s.

SCHMIDT, K. (2007) - Zur Baulichen Ausstattung der Häuser. In NIEMEYER, H. G. et al. (eds), *Karthago. Die Ergebnisse de Hamburger Grabung unter dem Decumanus Maximus. Teilband I: Grabungs- und Baubefund, Häuser und Straßen, die Funde I; Beilagen*. Hamburger Forschungen zur Archäologie. 2. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern. pp. 199-213.

STANZL, G. (1991) – IV. Mittelabschnitt. Areal C-E/2-4 und CD/4-6. In RAKOB, F. (ed.) *Karthago I. Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern. pp. 8-63

TANG, B. (2005) – *Delos, Carthage, Ampurias. The Housing of Three Mediterranean Trading Centres*. Rome: «L'Erma» di Bretschneider.

Teschauer, O. (1991) – VIII. Nordabschnitt. Punische Perioden 1 und 2. In Rakob, F. (ed.) *Karthago I. Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern. pp. 135-189.

Wells, C. et al. (1998) – The construction of *decumanus* VI N and the economy of the early colony of Carthage. In *Carthage papers. The early colony's economy, water supply, a public bath, and the mobilization of state olive oil*. Journal of Roman Archaeology. Supplementary series, 28. Porthsmouth, RI.: [s.n.]. pp. 7-63.

Wiblê, F. (1991) – VII. Südabschnitt. Areal A-D/1-2. In Rakob, F. (ed.) *Karthago I. Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern. pp. 93-134.

UN QUARTIER D'HABITAT ET D'ATELIERS HELLENISTICO-PUNIQUES SUR L'ACROPOLE DE SELINONTE, SICILE

Martine Fourmont

CNRS
Institut de Recherche sur l'Architecture Antique (IRAA)

Résumé

L'investigation systématique de plus de la moitié d'un îlot, l'îlot FF1 Nord, sur l'acropole de Sélinonte (Sicile) permet aujourd'hui d'avoir une idée d'ensemble sur l'évolution de l'habitat depuis la fondation de la colonie grecque jusqu'à sa deuxième destruction, en 250 av. J.-C.

Après la destruction de 409 av. J.-C., Sélinonte, avec de nombreuses vicissitudes, passe à l'éparchie carthaginoise et les maisons qui composent les îlots aujourd'hui visibles sont en grande partie habités par les Puniques. Si certains « modèles » helléniques inspirent encore les formes de l'habitat de la zone fouillée, certaines caractéristiques de l'architecture et du mobilier de cette période sont directement liées au monde punico-carthaginois. Les fouilles ont entr'autre donné une idée précise de l'assaut romain sur le flan Ouest de l'acropole.

Riassunto

L'investigazione sistematica di oltre la metà di un isolato, l'isolato FF1 Nord, sull'acropoli di Selinunte (Sicilia) consente oggi di farsi un'idea d'insieme sull'evoluzione dell'abitato dalla fondazione della colonia greca fino alla sua seconda distruzione, nel 250 a.C.

Dopo la distruzione del 409 a.C., Selinunte, con diverse vicende alterne, passa all'eparchia cartaginese e le case che compongono gli isolati oggi visibili sono in buona parte abitate dai Punici. Se alcuni "modelli" ellenici ispirano ancora le forme abitative della zona interessata dallo scavo, altre caratteristiche dell'architettura e dei reperti di tale periodo sono direttamente legati al mondo punico-cartaginese. Gli scavi hanno, tra le altre cose, dato un'idea precisa dell'assalto romano al fianco Ovest dell'acropoli.

Jusqu'à la fin des années '50, les publications d'histoire et d'archéologie considéraient l' « acropole »[1] sélinontine (fig. 1), telle que nous la voyons aujourd'hui, comme le cœur de la colonie grecque fondée par les Mégariens de Megara Hyblaea, près de Syracuse.

La vision pionnière de Jole Bovio Marconi[2], qui remarque l'aspect très punique de certaines structures et du matériel céramique de Sélinonte[3], trouvera son accomplissement dans l'oeuvre d'une vie, celle d'un jeune archéologue, Vincenzo Tusa[4], qu'elle appelle à ses côtés. Une fois devenu surintendant, Vincenzo Tusa développera sans relâche cette thèse d'une Sélinonte punique. Nous savons aujourd'hui, à la suite du grand programme de recherches qu'il a mis sur pied, que l'acropole et sa fortification, telles que nous les voyons, ont abrité une vie largement « punicisante « et que la cité classique s'étendait bien au-delà vers le Nord, descendait jusqu'aux deux fleuves, le Modione, à l'Ouest, et le Cotone, à l'Est, et jusqu'à la zone des deux ports.

Fig. 1. Sélinonte (Sicile), l'acropole depuis le Sud

1 Il convient de préciser immédiatement que le mot « acropole » est le mot d'usage et ne correspond pas à l'habituelle définition de l'acropole à la grecque.

2 D'après Jole Bovio Marconi, *Sic. arch.*, 60-61, XIX, 1986, p. 109-110.

3 Inconsistenza di una Selinunte romana, *Kokalos*, 3, 1957, p. 70-78. J. B. M. réfute dans cet article la présence de traces d'époque romaine sur l'acropole - nous aurons prochainement à revenir sur ce sujet. Mais elle aborde également la question du maintien de la vie sur l'acropole et apporte pour preuve la construction des propylées, de petits temples, de portiques avec magasins et le développement d'un habitat.

4 C'est Vincenzo Tusa qui, dans les années '70, a conçu un vaste programme de recherche sur Sélinonte. Il n'a pas, alors, hésité à faire appel aux grands spécialistes de l'époque, italiens, mais aussi étrangers, préfigurant avec trois décennies d'avance ce que serait un jour la recherche européenne.

Si les conclusions des travaux de Dieter Mertens invitent à reconnaître dans la fortification de l'acropole l'œuvre d'Hermocratès[5], il est difficile de faire de l'habitat de cet éperon rocheux une ville purement grecque.

La fouille que j'ai pu mener, au sein de l'équipe de Roland Martin, sur l'îlot FF1 Nord (fig. 2), situé dans le proche voisinage de la limite Nord du *temenos*, avait pour premier but de définir les transformations d'un îlot de la période de fondation jusqu'à sa destruction. Il s'est donc agi d'une exploration relativement étendue, qui a touché toute la façade Sud de l'îlot (fig. 3), quelques points dans sa moitié Nord, et intégré l'extrémité Est, jadis dégagée en surface par Jole Bovio Marconi. Cette investigation visait à compléter et à donner le contrepoint à l'étude du développement urbain et du réseau des rues qui nous avait été confiée.

Il est aujourd'hui possible de démontrer, à la suite de Juliette de La Genière[6] et de l'enquête géomorphologique réalisée par l'Université de Kiel à la demande de Dieter Mertens[7], que l'îlot correspondant à la grande implantation urbaine, vers 600 av. J.-C., et au classicisme du V^e^ siècle, « passe « sous la muraille et continue sur la pente jusqu'au port occidental[8]. La Sélinonte grecque est beaucoup plus étendue que l'acropole.

Dans sa dernière phase antique, l'îlot FF1 Nord, tel qu'on le voit aujourd'hui, est donc considérablement raccourci vers l'Ouest.

- La division en 2 bandes, Nord et Sud, est maintenue, mais son tracé présente de nombreuses irrégularités[9].

- Sauf vers l'Ouest[10], les « constructions « recouvrent à peu près le plan de l'habitat du V^e^ siècle, mais avec une interprétation souvent assez laxiste.

- Les techniques de mise en œuvre des murs sont parfois de bonne facture, lorsqu'il s'agit d'un mur bien conservé ou bien remonté, mais, dans l'ensemble, les détails révèlent une indifférence assez marquée à l'art de construire qui caractérise l'architecture grecque de l'époque classique. En fait, on observe un remploi constant des blocs qui présentent donc généralement une bonne technique de taille, mais à côté, selon le besoin, apparaît un bouchon. L'isodomie est parfois reniée, comme le montre un mur de la Maison au portique.

Dans l'esprit et dans les formes de plan, l'habitat se rattache pleinement à l'architecture grecque. Dans le détail, il semble toutefois évident que les nouveaux constructeurs copient, interprètent : ils bâtissent sur les ruines des maisons détruites en 409, mais ils n'observent pas à la lettre les principes de construction helléniques et adoptent des formes architecturales que l'on retrouve sur d'autres sites puniques de Sicile.

La façade Sud de l'îlot - post 409 - est occupée par 6 maisons, mais l'espace laissé pour la 6^e^ maison, vers l'Ouest, au bas de la rue FF1, n'est pas suffisant pour l'y reconstruire avec une égale superficie : une rue la recouvre désormais en partie (fig. 4, Ouest) et côtoie la nouvelle muraille

5 *Selinus*, 1, Rome, 2004, p. 97-118 et 260.

6 Sélinonte, Recherches sur la topographie urbaine (1975-1981), *Annali della Scuola normale superiore di Pisa*, Classe di Lettere e Filosofia, serie III, XII,1, 1982, p. 469-479, pl. X-XV.

7 *Selinus*, 1 (DAI, *Sonderschriften*, 13), Beilage 10.

8 On trouve la même situation pour le versant oriental de l'acropole où les rues d'époque archaïque et classique descendent jusqu'au fleuve Cotone. Voir *Selinus*, 1, Beilage 3. L'embouchure des deux fleuves abritait deux ports. Ces fleuves pouvaient alors être remontés en bateau sur quelques kilomètres.

9 Principalement à partir de la moitié de l'îlot, en descendant vers l'Ouest.

10 Voir ci-dessus n. 5-6.

Fig. 2. Sélinonte (Sicile), l'îlot FF1 Nord depuis l'Est

Fig. 3. Sélinonte (Sicile), l'îlot FF1 Nord et la rue FF1 depuis l'angle Sud-Ouest

sur sa face interne. Dans ce cas, cette sixième maison se rapproche des plans de l'habitat au Sud de l'acropole, là où il s'est implanté dans une zone dont la fonction était précédemment en majeure partie cultuelle. La « demi maison » Sud-Ouest sort en cela de la typologie plus hellénisée pour trouver des parallèles dans l'habitat proprement punique[11].

D'Ouest en Est, nous avons donc pu définir six espaces de forme approximativement carrée, d'environ 15 à 16 m de côté, sur lesquels sont construites des maisons «à la grecque» :

. Maison à portique (fig. 4,5), précédée vers l'Ouest par la demi-maison Sud-Ouest (fig. 4,6),

. Maison du *sacellum* (fig. 4,4),

. Maison à *pastas* (fig. 4,3),

. Maison-atelier (fig. 4,2) reliée à la

. Maison de l'angle Sud-Est (fig. 4,1).

Dans la moitié N, s'y ajoutent la Maison de l'angle Nord-Est, également à portique, (fig. 4,7) et une partie de deux autres habitations.

La Maison à portique (fig. 4,5) se développe autour d'une cour à laquelle on accède par une entrée monumentale vraisemblablement ornée de deux colonnes. Le côté Ouest a subi de gros remaniements à l'époque médiévale et l'on y reconnaît difficilement les différentes pièces. Le côté Est conserve ses ouvertures et la première volée d'un bel escalier qui menait à l'étage, vers les appartements privés. Au fond, vers le Nord, un portique donne accès à deux pièces de dimensions réduites. La cour elle-même est partiellement empierrée de dalles qui forment une sorte de *drômos* menant à une zone avec vasque, foyer et fosse à cendre[12]. Le dispositif était parfaitement lisible lors de la fouille. J'ai alors comparé la Maison à portique aux ensembles de corporation connus en Méditerranée orientale, à Chypre[13], en particulier, mais aussi à Solonte / Solunto[14], près de Palerme.

À côté, vers l'Est - je décris l'îlot en remontant la rue -, une deuxième demeure, dont le plan et les éléments de décor caractérisent une maison réellement luxueuse : la **Maison du *sacellum*** (fig. 4,4), elle aussi fortement perturbée dans sa moitié basse, à l'Ouest, a conservé les traces de deux colonnes et de deux pilastres sur le stylobate qui donne accès à l'espace ouvert de la cour sous laquelle une grande citerne a été creusée. Cet espace à colonnes et pilastres est à la fois portique et véranda : il était couvert et ouvrait vers le soleil couchant. Il servait de vestibule à deux petites pièces, vers le Nord ; vers le Sud, on accédait à une grande salle. Trois de ces quatre pièces ont encore un pavement en *opus signinum* fait de tesselles blanches noyées dans un mortier de tuileau rose. Les parois de la véranda ont conservé des restes de stucs – et des couleurs -, avec moulures pour l'encadrement des ouvertures.

11 Nous attendons avec grand intérêt le volume en cours de publication de la part de Sophie Helas sur cet habitat Sud, à paraître dans S. Helas, *Selinus*, II, *Die punischen Häuser* (titre provisoire).

12 Fourmont, Sélinonte : Fouille dans la région Nord-Ouest de la rue F, *Sic. arch.*, 46-47, 1981, p. 5-26, plus particulièrement fig. 7, p. 12 ; *ead.*, Santuari punici in Sicilia, dans *I Cataginesi in Sicilia all'epoca dei due Dionisi (4/6-VI-1981)*, *Kokalos*, XXVIII-XXIX, 1982-1983, p. 195-203.

13 *Loc. cit.*, p. 15 et n. 50-51.

14 *Ibid.*, p. 15. et n. 46 qui renvoie à l'article de Maria Luisa Famà. Voir aussi Santuari punici in Sicilia… , cit. ci-dessus n. 12, fig. 2.

Fig. 4. L'habitat post 409 av. J.-C. sur l'îlot FF1 Nord :
4,1 - Maison de l'angle Sud-Est ; 4,2 - Maison-atelier ; 4,3 - Maison *à pastas* ; 4,4 - Maison du *sacellum* ; 4,5 – Maison à portique ; 4,6 – « Demi-maison » Sud-Ouest ; 4,7 – Maison de l'angle Nord-Est

Au fond de la cour, une grande pièce abritait trois bases (fig. 5) : la plus petite, dans l'angle Nord, a été détruite lors de la réfection des murs à l'époque médiévale[15] ; la base centrale, de plan carré, est stuquée sur une âme de terre ; la base de l'angle Sud, enfin, est en pierre, et stuquée. Elle porte sur la face supérieure un cercle en relief qui servait à caler une statue ou un autel circulaire en terre cuite comme on en trouve tant en Sicile[16]. En 2004, lors d'une campagne de restauration, le fragment postérieur d'une statue (fig. 6), de grandes dimensions, a été retrouvé dans la cour. Il porte deux belles boucles et pourrait appartenir à la statue honorée dans ce sanctuaire privé.

En remontant la rue, nous poussons un troisième portail qui ouvre sur une maison dont le plan est celui de la **Maison à *pastas*** (fig. 4,3), type architectural bien connu depuis les fouilles d'Olynthe[17] et utilisé dans les demeures puniques[18]. Avec l'aide de l'Architecte Enrico Caruso[19], nous avons pu procéder à une anastylose partielle (fig. 7) de cette cour : ainsi, les touristes qui visitent Sélinonte voient aujourd'hui autre chose que les temples, certes majestueux. Il reste à fixer les chapiteaux sur les pilastres à l'arête carénée. Le *pastas* abritait du soleil et des intempéries les pièces situées au Nord de la cour. Ici encore, les restes d'un escalier confirment la présence d'un étage, sur la partie Sud-Ouest au moins.

L'unité suivante est différente (fig. 4,2). Les structures antérieures n'y ont pas été fidèlement reconstruites. Deux fours de potier[20] ont été relevés. Ils sont distribués de part et d'autre d'un corridor. Dans l'espace situé immédiatement à l'Est du couloir, la base d'un tour et une vasque (fig. 8) permettent d'évoquer l'artisan au travail avant de cuire sa fournée. Des pastilles de couleur – bleu et jaune d'ocre - ont été recueillies et devaient servir à décorer les figurines de terre cuite et / ou les vases, même si la production locale de vases dans le style de Gnathia n'est pas encore assurée à Sélinonte[21].

Le four situé à l'Ouest (fig. 9) a été retrouvé chargé de ses vases, surcuits et déformés sous les parois elles-mêmes fondues, la grille détachée du pilastre central. Le potier n'a pas eu le temps d'arrêter la cuisson avant de fuir devant l'assaut des Romains, sous la pluie des lithoboles (fig. 10) qui gisaient à cette hauteur de la pente.

Cet atelier communique avec la **Maison de l'angle Sud-Est** (fig. 4,1) dont une partie devait être occupée par une ou des boutique(s)[22]. Située au croisement avec le grand axe Nord / Sud, cette maison occupe un emplacement idéal pour le commerce. Elle est pourvue d'un sinon de deux escalier(s) et comporte donc, au moins en partie, un étage. Ici encore, les ouvertures, portes et fenêtres, sont relativement bien préservées.

15 Fourmont, Selinunte medievale. L'acropoli alla luce degli scavi sull'isolato FF1 Nord, *Schede medievali*, 44, 2006, p. 211-238. La présence médiévale sur FF1 Nord avait déjà été mentionnée dans l'article cité ci-dessus, n. 12.

16 Sur tous les sites de même époque, et dans l'ensemble des musées de l'île. On se reportera aussi à l'article ci-dessus, n. 12, fig. 34-35.

17 David M. Robinson, J. Walter Graham, *Excavations at Olynthus*, 8, *The Hellenic House* (*Johns Hopkins University Studies in Archaeology*), 1938, p. 147 sq.

18 Voir Solonte.

19 E. Caruso a participé aux campagnes de fouilles des années 1985-86 et continue aujourd'hui à collaborer à la recherche sur l'îlot FF1 Nord. Qu'il trouve ici l'expression de mes remerciements.

20 Fourmont, Recherches sur les activités artisanales d'un quartier de Sélinonte, *Sic. arch.*, 76/77, (Anno XXIV), 1991, p. 7-41, et plus particulièrement fig. 19, p. 33 ; *ead.*, Les ateliers de Sélinonte (Sicile), dans *Les ateliers de potiers dans le monde grec aux époques géométrique, archaïque et classique, Actes de la Table ronde organisée à l'École française d'Athènes (2 et 3 octobre 1987)*, *BCH*, Suppl. 23, 1992, p. 57-68 et plus particulièrement p. 60 et fig. 3-4, p. 59.

21 *Ead.*, Les ateliers de Sélinonte…, p. 65-66 et n. 31-32.

22 Nombreuses ouvertures dans la façade sur la rue FF1.

Fig. 5. Maison du *sacellum* (4,4), pièce Nord, partie Est. Trois bases

Fig. 6. Maison du *sacellum* (4,4). Partie postérieure d'une grande statue féminine en terre-cuite

Fig. 7. Maison au portique (4,5), angle Nord-Ouest. Anastylose partielle du mur de fond

Il serait en fait tout à fait possible de procéder à l'anastylose partielle de cet îlot, comme nous avons commencé à le faire[23] pour le mur de fond de la Maison à portique (fig. 7), dont pratiquement toutes les assises gisent vers le Nord et ont été ultérieurement employées comme dallage à l'époque médiévale.

23 Campagne de mars 2004. Je remercie particulièrement la Surintendance BB CC AA de Trapani, Servizio per i Beni archeologici, qui a rendu possible ces travaux de restauration et d'anastylose, indispensables à la préservation des structures de l'îlot FF1 Nord. Il serait souhaitable qu'une deuxième tranche de travaux permette d'appliquer à la partie basse le traitement de sauvegarde que nous avons fait porter sur sa moitié plus orientale.

Fig. 8. Maison atelier (4,2). Cour avec vasque et base de tour de potier

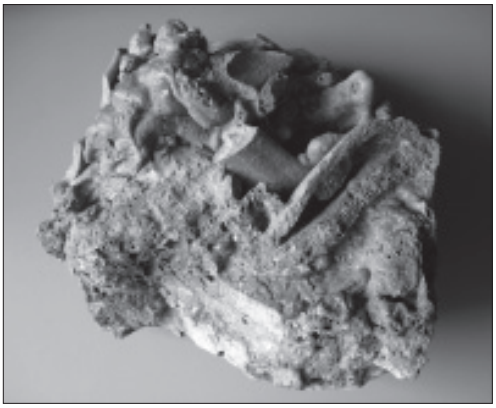


Fig. 9. Maison atelier (4,2). Four Ouest, avec fournée de vases fondus et vitrifiés

Fig. 10. Lithoboles lancés sur l'îlot FF1 Nord depuis l'Ouest de la muraille

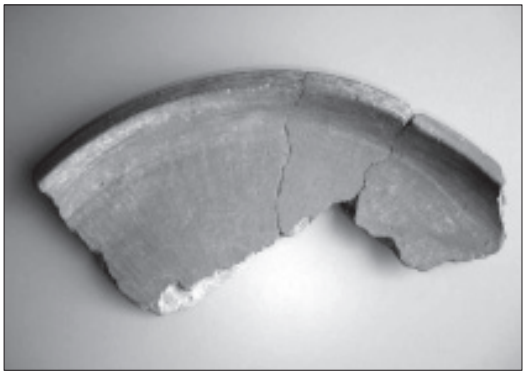


Fig. 11. Plat rouge de production punique inv. 2004/684. Carré 2004/5+6, au Nord de la maison du *sacellum*, SAC 2004/68+73+79

Si la centaine de tombes fouillées par Antonia Rallo dans la partie Nord de la ville intérieure, sur la colline de Manuzza, et datées entre 409 et 380[24], présente majoritairement le rite funéraire de l'inhumation, très développé dans la culture grecque, mais présent à Carthage à cette époque, nous ne connaissons pas les nécropoles de la dernière période – jusqu'en 250 av. J.-C. Et s'il faut bien sûr tenir compte de la faible épaisseur de terre vers le plateau Sud-Est de Manuzza – où les travaux agricoles ont pu effacer les strates les plus récentes -, on remarquera aussi que les fouilles allemandes pratiquées dans cette région du site, à proximité de la grande *agora* grecque[25] d'époque archaïque et classique, n'ont livré que peu de structures datables du III^e^ siècle[26], la plupart des maisons et édifices datant des VI^e^ et V^e^ siècles. Dans cette zone, un petit sanctuaire, indéniablement punique, a jadis été découvert par A. Rallo[27].

Si, enfin, un noyau de maisons s'est construit autour des temples E et F – sur E également - à l'extérieur de l'enceinte, il s'agit peut-être désormais d'un autre groupement d'habitat[28], indépendant et distinct de la ville située sur l'ancienne « acropole ».

Il semble en effet que l'habitat de l' « acropole » sélinontine concentre la vie après 409 av. J.-C., changeant ainsi le faciès de la ville, plaçant des sanctuaires d'une autre culture dans les temples grecs eux-mêmes, comme le montre le lieu de culte construit sur le temple A[29] et la mosaïque au signe de Tanit[30].

J'ajouterai qu'outre un très exceptionnel plat rouge (fig. 11), le matériel céramique recueilli dans les strates correspondant à la vie des maisons de l'îlot FF1 – post 409 – se réfère nettement aux habitats de la zone punique : la présence de bols de l'atelier latial ou romain des petites estampilles, étudié par Jean-Paul Morel[31], caractérise l'aire du commerce romain en zone carthaginoise, mais il n'existe pas d'exemplaire connu en zone sous contrôle grec. Il en existe à Mothiae et à Lilybée[32].

Jacques Heurgon[33] rappelait qu'aux environs de 279 av. J.-C., un traité romano-punique « remit en vigueur les clauses d'un traité précédent » : « Désormais défense est faite aux Romains de commercer en Sardaigne et en Afrique, sauf à Carthage. Ils conservent le *ius commercii* dans la Sicile cathaginoise ». Il en va de même pour la céramique dans le style de Gnathia, bien représentée dans les strates correspondant à cette période, et qui caractérise essentiellement les sites sous contrôle carthaginois et est donnée comme une production de Lilybée par Anna Maria Bisi[34].

24 A. Rallo, Scavi e ricerche nella città antica di Selinunte (Relazione preliminare), *Kokalos*, XXII-XXIII, 1976-1977, p. 724 et 728-729. La zone urbaine fouillée par A. R. dans la région Nord du plateau de Manuzza présente une brève phase de réoccupation post 409, avec un arrêt vers 380. Dès le deuxième quart du IV^e^ s., un groupe de tombes est implanté sur les maisons abandonnées. Les tombes 27 et 80, les plus anciennes - deuxième quart du IV^e^ s. – sont suivies par une centaine de sépultures sur tout le IV^e^ et le début du III^e^ av. J.-C.

25 Principalement *Selinus*, 1, *op. cit*. ci-dessus n. 7, p. 54-57 et fig. 42-43.

26 Au moment où remettons cette étude nous attendons la publication, très prochaine, du quartier Sud de l'agora qui devrait témoigner de la présence d'un habitat plus tardif.

27 A. Rallo, fouilles des années 1973-1974, région Sud du chantier.

28 Fouilles de la Surintendance de Palerme, puis de l'Équipe de Giorgio Gullini , de l'Université de Turin.

29 J. Marconi Bovio, Inconsistenza…, *loc. cit*. ci-dessus n. 3 ; Francesco D'Andria, Lorenzo Campagna, L'area dei templi A ed O nell'abitato punico di Selinunte, dans M. G. Amadasi Guzzo, M. Liverani, P. Matthiae éd., *Da Pyrgi a Mozia, Studi sull'archeologia del Mediterraneo in memoria di Antonia Ciasca* (*Vicino Oriente*, Quaderno 3/1), Rome, 2002, p. 171-188. V. Tusa, L'attività…1968-1971, dans *Atti del III congresso intern. di Studi sulla Sicilia antica, Kokalos*, XVIII-XXIX, 1972-1973, p. 407-408 et fig. 1.

30 *Ibid*., fig. 2 et pl. 1,2.

31 J.-P. Morel, *Céramique campanienne, Les formes* (*BÉFAR*, 244), Rome, 1981, par ex. forme 2981, p. 243-244 et pl. 84.

32 Mothiae, Musée Withaker ; Marsala, Musée de Capo Boeo. Voir Babette Bechtold, *La necropoli di Lilybaeum*, Palerme, 1999, par ex. pl. L.

33 *Rome et la Méditerranée occidentale jusqu'aux guerres puniques*, Paris, 1969, p. 388.

34 Nuovi scavi nella necropoli punica di Lilibeo (Marsala), II, I corredi, Conclusioni, *Sic. arch*., 14, juin 1971,

Les séries monétaires sont elles aussi majoritairement, et de façon presque monotone, constituées de types puniques, principalement et par ordre chronologique[35] des :

- Têtes féminines / cheval en course
- Têtes féminines / protome de cheval
- Têtes féminines / cheval + palme.

En conclusion, je ferai deux remarques :

- L'îlot FF1 Nord rend bien l'aspect de la ville d'après 409 av. J.-C., jusqu'à sa chute devant les Romains en 250. Tous les éléments semblent réunis pour y reconstituer l'assaut depuis le flanc Ouest de la muraille : destruction violente des bâtiments, pluie de flèches et de lithoboles (fig. 10) lancés depuis les machines de guerre placées en contrebas.

- L'élévation même des édifices est relativement bien conservée et permettrait de remonter les murs, de redéfinir les espaces et de proposer ainsi au visiteur d'entrer pour un instant dans la vie et les activités des Sélinontins qui devaient pour le moins être d'une double origine, grecque pour ceux qui auraient survécu et seraient restés après la conquête de 409 - ou revenus sous Agathocle - , et punique pour ceux qui s'y sont fixés. C'est cette mixité que reflète l'ensemble de la documentation recueillie pour les 159 années de vie de cette proue de navire ancré sur la côte occidentale de la Sicile, parfait relais vers le littoral africain, à quelques encablures de Lilybée et de Mothiae.

Enfin, le débat sur la nature et la culture de Sélinonte, que certains continuent de reconnaître comme grecque et majoritairement grecque, est fortement lié au cursus d'études suivi par les chercheurs. Passé le temps d'Hulot et Fougères[36], du début du XX[e] siècle, nous pourrions imaginer aller vers un temps de connaissance réciproque des cultures, et admettre que le mélange est plus proche de l'homme, du Sélinontin et du Sicilien, que les grandes catégories abstraites ne sauraient représenter.

p. 17-24.

35 Information fournie par Aldina Cutroni Tusa qui étudie les monnaies issues des fouilles françaises. Qu'elle soit ici remerciée.

36 Jean Hulot, Gustave Fougères, *Sélinonte, La ville, l'Acropole et les Temples*, Paris, Librairie générale de l'architecture et des arts décoratifs / Massin, 1910. L'allusion à ces auteurs concerne l'époque à la quelle ils ont vécu car leurs observations démontrent qu'ils ont eu une vision très moderne de l'ensemble des questions qu'ils ont abordées.

GLI SCAVI DI GENNARO PESCE A THARROS: RILETTURE E RIFLESSIONI A PARTIRE DAL GIORNALE DI SCAVO
*
**

Mauro Medde

Cagliari

Riassunto

Gli scavi di Gennaro Pesce, condotti a Tharros tra il 1956 ed il 1964, costituiscono, per estensione, il più rilevante intervento archeologico nell'antica colonia fenicia del Sinis. La "riscoperta" del giornale di scavo relativo a queste ricerche consente di proporre un organico discorso sulla città e di restituire alla ricerca archeologica una messe di dati, anche minuti, che permettono di avere un quadro più preciso del primo scavo di Tharros. Le aree monumentali, dal tempio a pianta semitica a quello delle semicolonne, possono essere valutate attraverso un puntuale riesame dello scavo ivi condotto e dei materiali archeologici collegati. Tra i dati più rilevanti emerge la conferma dell'ipotesi originaria dell'esistenza di un'area sacra a monte delle fortificazioni della torre di S. Giovanni cui possono ora essere, con sicurezza, riferiti materiali di indubbia valenza votiva. L'indagine costituisce un'evidente prova della validità della ricerca archivistica, quando essa sia condotta senza preconcetti.

Resumo

As escavações de Gennaro Pesce, realizadas em Tharros entre 1956 e 1964 , são , pela sua extensão, a intervenção arqueológica mais importante na antiga colónia fenícia de Sinis. A "redescoberta " do caderno de campo referente a essa pesquisa permite um discurso orgânico sobre a cidade, bem como restituir à pesquisa arqueológica então concretizada uma riqueza de dados, que possibilita a obtenção de um quadro mais preciso sobre a primeira escavação de Tharros. As áreas monumentais podem ser avaliadas através de uma análise detalhada das escavações ali conduzidas e de materiais arqueológicos nelas recuperados. Entre os dados mais relevantes emerge a confirmação da a existência de uma área sagrada a montante das fortificações da torre de St. John , que agora pode ser, com segurança relacionada, com materiais de indubitável valor votivo. A pesquisa fornece uma clara prova da validade da pesquisa de arquivo quando é efectuada sem preconceitos.

---

* Trabalho ampliado e revisto, originalmente apresentado como poster

* Nota do Editor:
Texto não revisto pelo autor. Todas as tentativas para contactar o autor de forma a que corrigisse as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

Gli scavi condotti dal Soprintendente Gennaro Pesce a Tharros, tra il 1956 ed il 1964, rappresentano l'intervento di più ampia portata, per estensione, nell'antico centro del Sinis. Tra i monumenti messi in luce in quegli anni solo il tempio monumentale è stato compiutamente pubblicato dallo scopritore[1]; gli edifici indagati nel corso del "primo scavo di Tharros" sono stati editi in una veste preliminare[2], mentre il resto della città, così come emerso dai suoi scavi, è stato illustrato dallo studioso in brevi cenni preliminari[3] e sotto la veste di una guida per i tipi dell'editore Fossataro[4].

Il giornale di scavo[5], conservato presso l'Archivio Storico della Soprintendenza Archeologica di Cagliari e dal cui esame scaturisce questa riflessione[6], costituisce, pertanto, una fonte primaria di notizie relative all'indagine archeologica condotta a Tharros in quegli anni. Molteplici sono gli spunti di interesse offerti, sia in relazione alla ricostruzione di situazioni stratigrafiche oggi non più documentabili che alla documentazione di particolari contesti mai editi o, ancora, alla precisazione di dettagli sulle strutture e sugli oggetti rinvenuti. Naturale complemento di questa indagine ed imprescindibile strumento di conferma di ogni ipotesi è l'esame dei materiali mobili rinvenuti durante gli scavi di G. Pesce, pubblicati soltanto in minima parte.

Dalla ricerca condotta emerge la produttività di un riesame del giornale di scavo oltre che come fonte di dati inediti come strumento imprescindibile di controllo e conferma di qualsivoglia lettura dei monumenti della città messi in luce nel corso degli anni 1956-1964[7]. Indagini di questo tipo non possono che confermare la validità delle ricerche d'archivio non come sterile esercizio antiquario ma come recupero di dati che, al di là del metodo di scavo applicato e delle note carenze, sono stati spesso considerati inutilizzabili nella loro totalità. Piuttosto che ribadire le deficienze di questo tipo di documentazione attraverso critiche talvolta aprioristiche appare euristicamente più utile un lavoro minuzioso di ricerca operato sul giornale di scavo che, anche attraverso gli allegati grafici e fotografici, rivela la sua condizione di fonte primaria, non inquinata da letture fuorvianti o non più condivisibili. La ricerca attuale, se non può ricostruire completamente contesti di scavo compromessi al momento del primo intervento, ha, pertanto, la possibilità di arricchirli di dettagli e precisazioni tanto più rilevanti nel caso di quei monumenti che non hanno avuto nessun tipo di edizione scientifica al momento della scoperta.

1 Pesce, 1961.

2 Pesce, 1958.

3 Pesce, 1961a; *id.*, 1963; *id.*, 1964.

4 Pesce, 1966.

5 Nella forma attuale consta di oltre settecento cartelle, per la maggiorparte manoscritte dagli assistenti di scavo Salvatore Busano e Francesco Soldati. Alla parte descrittiva, con indicazione delle misure degli ambienti indagati, segue un elenco dei materiali mobili rinvenuti, puntualmente ricondotti ad una specifica area di scavo. Estremamente interessante è la documentazione grafica allegata che consiste in piante di grande formato e in numerosi schizzi, anche di piccole dimensioni, riprodotti all'interno dei taccuini di scavo, con grande accuratezza.

6 La "riscoperta" e l'esame completo del giornale di scavo di Gennaro Pesce relativo alle sue ricerche a Tharros tra il 1956 ed il 1964 ha costituito l'oggetto della tesi di specializzazione in archeologia discussa dallo scrivente nel 2004 presso l'Università degli studi di Cagliari. Non è ovviamente possibile condensare l'ampio lavoro ivi condotto in questa sede; si darà cenno, pertanto, solo di alcuni degli elementi di maggior interesse emersi nell'indagine. Un breve sunto è già in Medde, cs. Per l'accesso agli archivi della Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari ed Oristano, per la liberalità dimostrata nel favorire la consultazione del giornale di scavo e degli altri materiali d'archivio relativi e nel concederne la pubblicazione ringrazio la Dott. Maurizia Canepa ed il Soprintendente Dott. Vincenzo Santoni.

7 Il primo intervento di scavo iniziò nel giugno del 1956, concludendosi nel mese di ottobre dello stesso anno, e riguardò tre aree: le terme n°1, le terme n°2 ed il *castellum aquae*. La seconda campagna, di durata ridotta, fu condotta nel 1957 con un residuo dei finanziamenti accordati l'anno prima e permise, tra l'altro, la messa in luce di un tratto della strada romana compresa tra le terme n°1 ed il *castellum aquae*. Nel più ampio intervento del 1959 e del 1960 fu scavato il quartiere del tempio delle semicolonne doriche e quello prospiciente il golfo di Oristano, l'area delle "due colonne", il tempio a pianta semitica. Nel 1961 si indagò, tra l'altro, l'area del tempietto "K". Il 1962 portò alla scoperta del *tofet* la cui rilevanza fece dirottare su di esso i finanziamenti già in programma per completare l'indagine nel settore abitativo. Sul finire della campagna del 1962 e nel corso della seguente le ricerche si volsero verso l'area delle fortificazioni sull'altura della torre di S. Giovanni. Ricordiamo che, nel 1958, vi fu anche lo scavo, sotto la guida di Ferruccio Barreca, del tempietto di capo S. Marco.

Una metodologia che appare validamente utilizzabile nel contesto in esame nasce dal confronto tra gli inventari di scavo, cronologicamente e topograficamente sufficientemente puntuali, e le edizioni scientifiche, apparse in anni più recenti, di alcuni dei materiali mobili rinvenuti nel corso degli scavi tharrensi di Gennaro Pesce[8]. In tal modo questi oggetti, in gran parte editi senza poterli riferire ad un contesto di scavo topograficamente individuabile, trovano nel giornale di scavo, per il tramite della data apposta su di essi al momento della scoperta e per l'indicazione dell'area in cui si rivennero, una collocazione spaziale quantomeno attendibile mentre almeno alcuni dati del giornale stesso escono dalla loro dimensione di sterile elenco di manufatti per acquisire la veste di uno scientifico inquadramento tipologico e cronologico.

Gli elementi più interessanti scaturiti dall'indagine sembrano essere quelli relativi all'area delle fortificazioni meridionali attraverso la conferma dell'ipotesi, già formulata dal Pesce[9], sulla presenza di un probabile contesto votivo nella regione a mezza costa dell'altura della torre di S. Giovanni[10]. A quest'area è oggi possibile riferire, applicando la metodologia suddetta, numerosi materiali di valenza votiva quali *kernophoroi*[11], terrecotte figurate maschili[12], femminili[13] e zoomorfe[14], frammenti anatomici[15], frutti fittili[16].

Inedita appare anche la rilettura dei dati relativi al tempio "a pianta di tipo semitico" con l'esame dell'eccezionale "contesto chiuso" costituito dai materiali rinvenuti nel pozzo del santuario. L'esame del giornale di scavo[17], unitamente allo spoglio delle schede di catalogo relative a quest'area e conservate nell'archivio della Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari e Oristano[18], permette di meglio calibrare la notizia formulata dal suo editore di un pozzo contenente duecento vasi punici, non meglio definiti[19]. Preliminarmente è oggi possibile individuare, tra i materiali recuperati all'interno del pozzo, forme ceramiche (anfore, brocche, boccali) attribuibili, in gran parte, ad età tardo-punica[20].

8 Tra le altre: Acquaro *et al.*, 1975, *passim*; Acquaro *et al.*, 1990; Acquaro, 1989; Sotgiu, 1987; Serra, 1998, p. 341, nota 81, p. 343-346; Pani Ermini, Marinone, 1981, *passim*.

9 Ipotesi già formulata in fase di scavo, si veda il giornale di scavo del 16. 10. 1962: "NNE vecchia casetta (…) avevo azzardato l'ipotesi fin prima d'iniziare la campagna di scavo di poter rintracciare una bottega artigiana per la preparazione di terrecotte figurate (…) e non lontano dalla bottega artigiana un santuario".

10 Pesce, 1966, p. 166; *id.*, 1966a, p. 802.

11 Tra le altre: Acquaro *et al.*, 1975, A 60, A 67, A 81, A 86, A 87, A 88, A 89, A 96, A 97, A 98, A 99, A 112, A 116, A 124, A 131; Acquaro *et al.*, 1990, A 90, A 95, A 112.

12 Ad esempio: Acquaro *et al.*, 1990, A 57, A 62, A 64, A 66, A 68, A 70, A 73.

13 Tra le altre: Acquaro *et al.*, 1990, A 5, A 13, A 14, A 30, A 33, A 40, A 48.

14 Ad esempio: Acquaro *et al.*, 1975, A 155, A 156, A 160.

15 Tra le altre: Acquaro *et al.*, 1975, A 145; Acquaro *et al.*, 1990, A 152, A 158.

16 Giornale di scavo del 13. 7. 1963: " NNO vecchia casetta (…) si sono rinvenuti (…) limone ex-voto"; giornale di scavo del 6. 10. 1962: "N vecchia casetta (…) durante lo scavo si sono rinvenuti (…) mandorla votiva in terracotta"; giornale di scavo del 11. 6. 1962: "NNO vecchia casetta (…) durante lo scavo rimescolati con la terra si sono rinvenuti (…) mandorla in terracotta votiva"; giornale di scavo del 1. 7. 1963 : "NNO vecchia casetta (…) si sono rinvenuti (…) mandorla votiva".

17 Il giornale di scavo riporta un elenco (incompleto) dei vasi rinvenuti all'interno del pozzo. Ad esempio, giornale di scavo del 24. 11. 1960: "Pozzo n°3, Pozzo votivo del santuario,… I vasi rimessi in luce oggi (…) vengono descritti qui di seguito: elegante brocchettina in terracotta gialliccia fondo piano, corpo snello, a ansa a nastro impostata nella spalla e sull'orlo, bocca circolare leggermente frammentaria, altezza m. 0,155; balsamario piriforme, manca dell'ansa e del collo, altezza m. 0,11; vasetto in forma di trottola, in terracotta gialliccia, ben conservato, elegante, altezza m. 0,19; come sopra, manca del peduncolo, altezza m. 0, 165; brocca decorata a vernice rossa, biansata, manca delle anse parte del corpo ed il collo, altezza m. 0, 22; piccolo vaso in terracotta rossiccia, fondo piano labbro espanso, altezza m. 0, 06."

18 Si tratta di schede redatte dal compianto prof. Giovanni Tore negli anni'70. Ringrazio la dott. Emerenziana Usai che ne ha permesso la consultazione.

19 Pesce, 1966, p. 143-144.

20 Dal giornale di scavo sembra emergere che i frammenti ceramici rinvenuti nel pozzo non fossero attribuibili esclusivamente ad età punica, come affermato dal suo editore e sempre ribadito, successivamente, in letteratura. Si veda il giornale di scavo del 25. 11. 1960: "pozzo n°3 (…) vasi restituiti oggi dal pozzo (…) una metà

La rilettura del più illustre monumento tharrense, il tempio monumentale (fig. 1) la cui eccezionale rilevanza già Gennaro Pesce aveva riconosciuto al punto da dedicargli, unico monumento della città, uno studio monografico, se conferma la difficile lettura dell'area ribadisce, per ciò stesso, la problematicità di ogni sua ricostruzione[21]. In tal senso possono apportare elementi di una certa chiarezza le pagine del giornale di scavo ad esso relative, corredate da schizzi degli elementi architettonici rinvenuti nell'area (fig.2) e con la precisa indicazione del punto di rinvenimento[22].

Non va trascurata la possibile rilettura di quel settore, in larga parte ancora oggi enigmatico, il cui nome "area delle due colonne"palesa la difficoltà a proporne una interpretazione funzionale sicura[23].

Ad emergere in maniera più ampia è il recupero di una punicità complessiva dell'impianto tharrense che emerge non solo nelle strutture monumentali più compiutamente riportabili a tale dimensione cronologica ma anche in alcune di quelle aree, a partire dagli edifici termali[24], nelle quali il predominante aspetto romano, con la monumentalità ancora oggi evidente, rischia di nascondere la preesistenza di strutture che, scenograficamente meno appariscenti, sono, non

d'una coppa aretina"; giornale di scavo del 26. 11. l960: "pozzo n°3 (…) si sono rinvenuti inoltre i sottoelencati oggetti (…) metà di grande coppa in terracotta aretina".

21 Si pensi alla collocazione dei leoni in arenaria rinvenuti dallo scavatore il primo nel cosiddetto "tardo quadrilatero", come emerge nel giornale di scavo del 28. 1. 1959: "ambiente n° 39 (…) nell'angolo N è stato riscontrato la statua di un leone scolpito in pietra arenaria, coricato sul fianco destro (…) lunghezza della statua m. 1,47", il secondo circa 300 metri al di fuori del muro del lato SO del *temenos*, cf. Pesce, 1961, col. 386, nota 2. L'originale corretto posizionamento dei due leoni non può che essere proposto in maniera del tutto ipotetica, come già ricordato in Acquaro, Mezzolani, 1996, p. 42 e, pertanto, con grande cautela vanno considerate ricostruzioni del tempio nelle quali il posizionamento delle due statue, come di altri elementi architettonici, appare definito oltre ogni dubbio.

22 Valga, a titolo d'esempio, il caso dei blocchi con rappresentazione di serpenti urei. Dal giornale di scavo del 27. 1. 1959, infatti, emerge che uno di essi fu rinvenuto all'interno del "tardo quadrilatero", ovvero dove si rinvenne anche uno dei leoni in arenaria: "ambiente n°39 prosegue il lavoro di abbassamento dello scavo entro l'altare (…) nella parte interna dell'altare sono stati rinvenuti numerosi blocchi di arenaria (…) un frammento di stela nella cui parte centrale si nota una decorazione di non chiaro significato." Nella stessa pagina è riportato uno schizzo di tale frammento architettonico che permette di identificarlo come un blocco con decorazione rappresentante la parte inferiore di un serpente ureo. Il punto in cui si rinvenne il blocco, nel riempimento al di sopra del quale si imposta la terza fase, di età romana, del santuario, sembra chiaramente indicativa della pertinenza dei blocchi con rappresentazione di serpenti urei al tempio di età punica.

23 L'ipotesi della collocazione in questo settore del *Capitolium*, datato ad età cesariana, è ultimamente ribadita in Zucca, 2002, p. 43. Il giornale di scavo, a proposito di quest'area, sottolinea il ritrovamento di numerosi manufatti che sembrerebbero suggerire una valenza sacra dell'area. Tra di essi va rilevata un'ara in arenaria (cf. Zucca, 1993, p.104) con due modanature e due acroteri; alcuni elementi piramidali, in pietra, definiti "altarini" dagli scavatori, e per i quali si veda il giornale di scavo del 15. 6. 1960: "altarino in forma piramidale, altezza m. 0,58 decorato su tre facce da una incisione centrale, mentre nell'altro lato da due incisioni, le quali danno l'impressione della stessa decorazione praticata nelle stele di Nora e di Sulcis….altro come il precedente, frammentario (…) altezza m. 0,58 questo è decorato da disco solare? Il quale mantiene ancora tracce di colore rosso." Vennero anche rinvenuti altri elementi architettonici due dei quali, secondo gli scavatori, cf. giornale di scavo del 27. 6. 1960: "vogliono rappresentare una testa taurina". Si ricordi, infine, il ritrovamento di materiali di valenza votiva, tra i quali una decina di bruciaprofumi, nella grande cisterna localizzata nell'area delle due colonne. Si veda, in particolare, il giornale di scavo del 20. 10. 1960, del 22. 10. 1960, del 25. 10. 1960.

24 Nel caso delle terme n°1 il nucleo della fase preromana sembra localizzabile nell'area intorno alla cisterna le cui murature isodome già G. Pesce ipotizzava fossero attribuibili ad età punica, cf. Pesce, 1966, p. 146. La cisterna sarebbe stata collocata, in età preromana, in un'area che, già allora, aveva valenza pubblica e monumentale. In tal senso Morigi, 1999, p. 165, nota 21 e Morigi, 2004, p. 1201-1202. Ad età punica risalirebbero anche la sostruzione, in blocchi di arenaria, della strada tangente le terme, nonché l'organizzazione spaziale riscontrabile negli ambienti del settore nord-orientale delle terme, cf. Morigi, 2004, p. 1205. Ringrazio la dott. Alessia Morigi per avermi consentito la consultazione di questo lavoro ancora in bozze. In relazione all'area delle terme n°2 strutture preesistenti si rinvennero in corrispondenza degli ambienti definiti "latomie" dal Pesce; in particolare al di sotto dell'ambiente identificato col numero XXI dallo scopritore era visibile un muro intonacato, un tempo a vista, la cui edificazione era avvenuta intagliando il piano di roccia naturale, cf. giornale di scavo del 1. 10. 1956: "questo muro a due filari di blocchi nella parte interna conserva ancora l'intonaco riscontrando su tutta la lunghezza che è di m. 4,40, i due filari di blocchi sono collocati sulla roccia ove è stato ricavato il piano di posa mentre il tratto (…) i blocchi sono mancanti ed è ben visibile che al piano di posa la roccia è stata intagliata di m. 0,12."

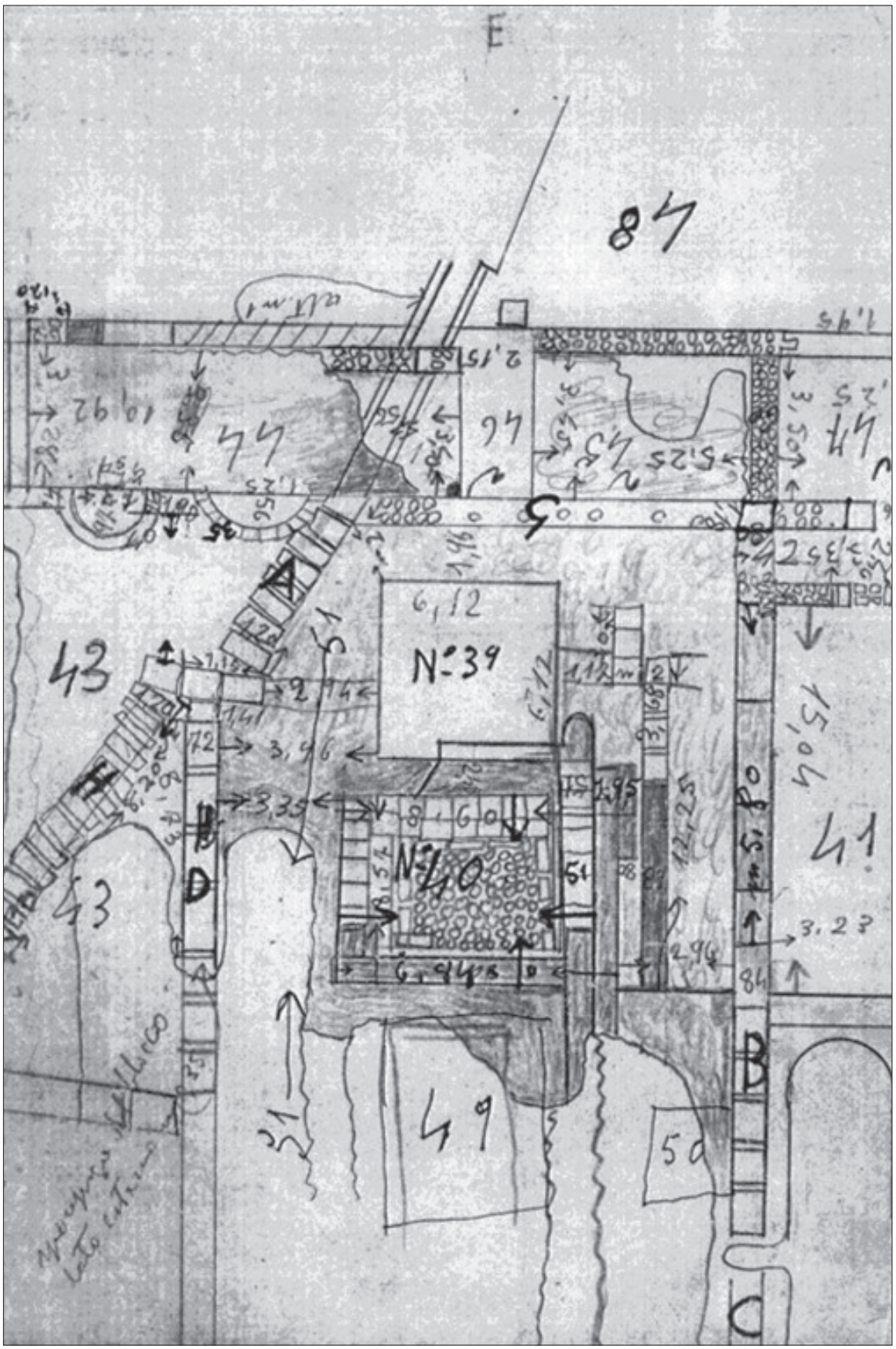


Fig. 1. Pianta del tempio monumentale in fase di scavo.
(Archivio storico Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari e Oristano)

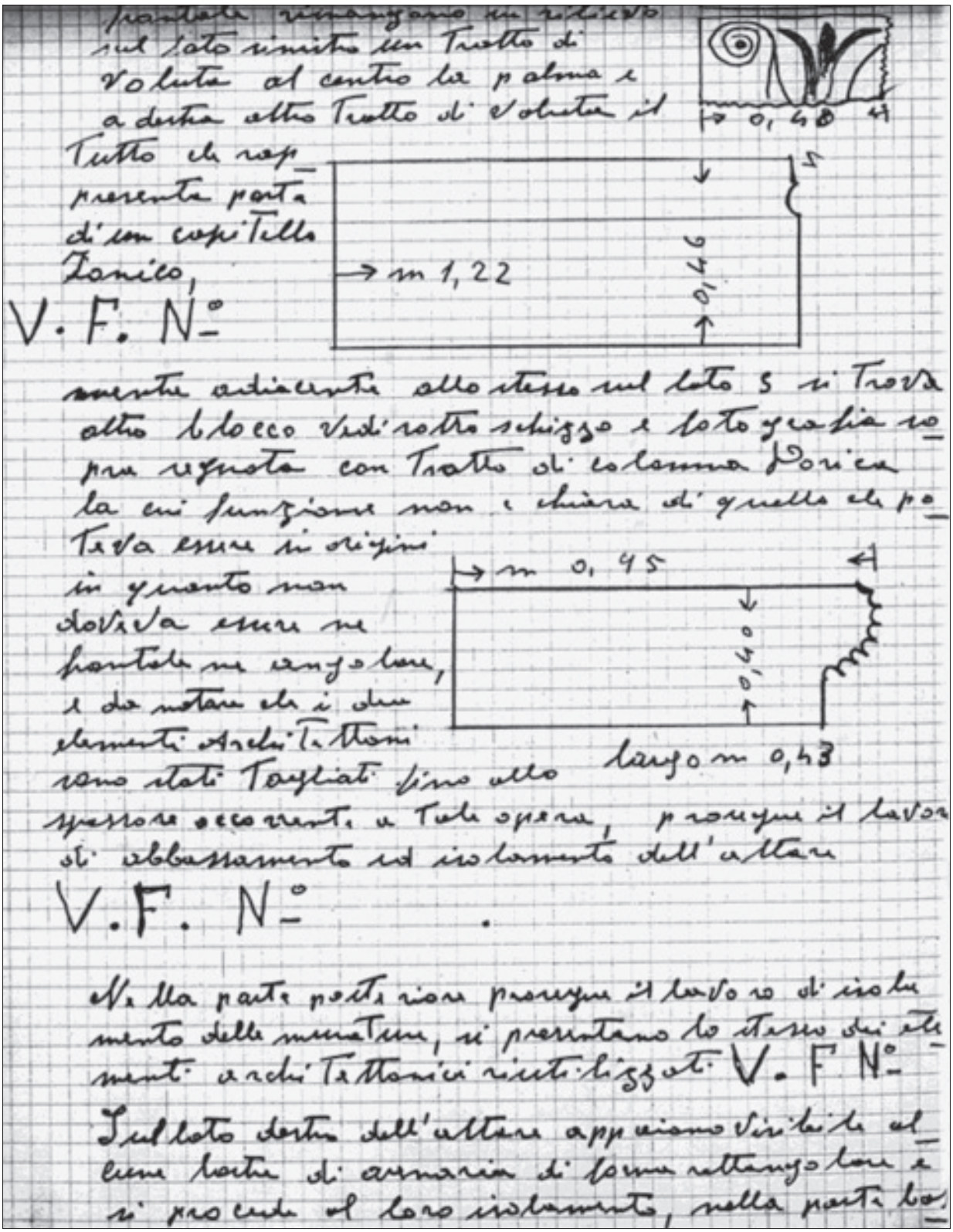


Fig. 2. Pagina del giornale di scavo con schizzo relativo ad alcuni elementi architettonici rinvenuti nello scavo del tempio monumentale. (Archivio storico Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari e Oristano)

di meno, scientificamente rilevanti (fig. 3). L'esame, attraverso il giornale di scavo, delle infrastrutture idriche e fognarie permette il recupero di una documentazione (non ultimi i parametri dimensionali delle cisterne e dei pozzi[25] e la tipologia dei materiali rinvenuti nel corso del loro svuotamento) tanto più rilevante a fronte dell'odierno degrado idrogeologico dell'area che non permette più di recuperare alcuni dati evidenziati negli scavi 1956-1964[26].

Fig. 3. Terme n. 1: murature seriori rispetto all'impianto termale e probabilmente da far risalire ad età punica. Lo stesso Gennaro Pesce è visibile nella foto. (Da Pesce, 1958, tav. XIX, fig. 38)

25 Cf. Bultrini *et al.*, 1996, *passim*. Dal confronto tra i dati dimensionali delle cisterne ivi proposti e quelli desunti direttamente dal giornale di scavo si ottengono le misure complete di cisterne oggi non più documentabili nei loro parametri dimensionali completi per via del degrado sopraggiunto ed emerge anche una notevole accuratezza nel registrare le dimensioni di esse al momento dello scavo; quando confrontabili, infatti, le dimensioni registrate allora differiscono solo minimamente da quelle rilevate circa quaranta anni più tardi.

26 Ad esempio nella cisterna della casa indicata dal Pesce come numero 64, cf. Pesce, 1966, p. 136 gli scavatori individuarono, su uno dei lati maggiori di essa, una figura di felino graffita di profilo, si veda Pesce, 1966, p. 136 e, soprattutto, giornale di scavo del 29. 11. 1960: "il professor Pesce illustra i vari monumenti, gli faccio presente che questa mattina durante lo scavo della cisterna n°4 in una parete in graffito è rappresentata una tigre, tanto è vero che tutti sono scesi entro la cisterna per rendersene conto da vicino". Di tale "graffito" non è fatta menzione nell'esame della stessa cisterna condotto in Bultrini *et al.*, 1996, p. 117-118, ove, tuttavia, si sottolinea il pessimo stato di conservazione dell'intonaco che può far pensare ad una perdita del suddetto "graffito". L'impatto del degrado sulla conservazione delle strutture appare evidente anche nel caso della cisterna indicata come numero 3 nella campagna del 1958 e corrispondente alla numero 2 della catalogazione proposta in Bultrini *et al*., 1996. Essa, al momento della scoperta, restituì al suo interno due lastre con incisioni semicircolari combacianti da riferire al pozzetto di attingimento, cf. giornale di scavo del 27. 6. 1958 mentre in un recente censimento, cf. Bultrini *et al.*, 1996, p. 111, è stata rinvenuta solo una delle sue lastre.

Le ampie attività di scavo portate avanti tra il 1956[27] ed il 1964 pongono fine all'immagine di Tharros come città abbandonata da secoli[28] facilmente depredabile da parte di chi solo voglia avventurarvisi ed aprono la strada alla ricerca scientifica, che pure nella stessa città, ma in relazione precipuamente all'area sepolcrale[29], aveva conosciuto precedenti illustri, uno per tutti quello di Filippo Nissardi.

Bibliografia

Acquaro, E.; Moscati, S., Uberti, M.L. (1975) - *Anecdota Tharrhica*. Collezione di studi fenici. 5. Roma: Herder.

Acquaro, E.; Manca di Mores, G., Manfredi, L.I.; Moscati, S. (1990) - Tharros: La collezione Pesce. Collezione di studi fenici. 31. Roma: Herder.

Acquaro, E.; Mezzolani, A. (1996) - *Tharros*. Itinerari. 13. Roma: Istituto poligrafico e zecca dello stato.

Acquaro, E. (1989) - Scavi al "tofet" di Tharros. Le urne dello scavo Pesce-I. Collezione di studi fenici. 29. Roma: Herder.

Bultrini, G.; Mezzolani, A.; Morigi, A. (1996) - Tharros-XXIII. Approvvigionamento idrico a Tharros: le cisterne. *Rivista di studi fenici*. 24: supplemento. Roma. pp. 103-127.

Medde, M. (cs.)- *Gli scavi di Gennaro Pesce a Tharros: nuove letture*. Aristeo. 2. Cagliari.

Morigi, A. (1999) – Tharros cristiana. In Acquaro, E.; Francisi, M.T.; Kirova, T.K.; Melucco Vaccaro, A. (edd.) - *Tharros nomen*. La Spezia: Agorà. pp. 159-178.

morigi, A. (2004) - Le terme n°1 di Tharros. In *Atti del XV Convegno internazionale di studi L'Africa Romana (Tozeur, 11-15 dicembre 2002)*. Roma: Carocci. pp. 1193-1216.

Pani Ermini, L.; Marinone, M. (1981) - *Museo archeologico nazionale di Cagliari, Catalogo dei materiali paleocristiani e altomedioevali*. Roma: Istituto poligrafico dello stato.

Pesce, G. (1958) - Il primo scavo a Tharros (1956). *Studi sardi*. 14-15. Cagliari. pp. 307-372.

Pesce, G. (1961) - *Il tempio monumentale di Tharros*. Monumenti antichi dei Lincei. 45. coll. 337-440. Roma.

Pesce, G. (1961a) - *Tharros, S. Giovanni di Sinis (Sardinia, Cagliari)*. Fasti archeologici. 13, col. 2425. Firenze.

Pesce, G. (1963) - Scavi e scoperte puniche nella provincia di Cagliari. *Oriens antiquus*. 2 : 1. Roma. pp. 142.

27 L'inizio delle campagne di scavo a Tharros fu decisione presa ben prima del 1956. Nell'archivio della Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari e Oristano è stato rintracciato un carteggio nel quale il Pesce, in data 25. 11. 1950, comunica al Ministero della pubblica istruzione il previsto avvio dell'esplorazione scientifica nella successiva primavera. A tale missiva replica un'altra del Ministro che, in data 17. 1. 1951, reputa"veramente opportuno" l'inizio dell'attività di scavo a Tharros nella seguente primavera come indicato dal Pesce. Per motivi non chiari, però, l'inizio delle ricerche slitterà, ancora, di cinque anni.

28 In conclusione appare i grande rilievo segnalare il ritrovamento, da parte dello scrivente, di un rarissimo documento audiovideo relativo agli scavi condotti da Gennaro Pesce a Tharros. Si tratta di un breve filmato, inserito in un cinegiornale della serie "La Settimana Incom", datato al 23. 7. 1958 e nel quale si vede lo stesso Gennaro Pesce far da guida tra i resti, che allora iniziavano ad emergere, della città che egli aveva iniziato a scavare due anni prima. Il documento è conservato presso l'Archivio dell'Istituto Luce e rappresenta un'eccezionale testimonianza filmata delle ricerche condotte in quegli anni a Tharros. Il suo inserimento in un cinegiornale nazionale è evidente prova della risonanza, anche fuori dall'isola, che andavano ottenendo gli interventi a Tharros.

29 Tra i materiali della "Collezione Pesce" sono conservati dei fittili di palese valenza funeraria; tale circostanza ha suggerito che gli interventi di scavo dovettero, in qualche modo, interessare anche l'area della necropoli, cf. Acquaro *et al.*, 1990, p. 114. A tale proposito si segnala la notazione posta all'inizio del giornale di scavo del primo anno di intervento, datata al giugno 1956: "D'ordine del Soprintendente alle Antichità della Sardegna, prof. Pesce Gennaro, e con fondi assegnati dalla Cassa del Mezzogiorno è stata intrapresa una campagna di scavo nell'antica città punico-romana di Tharros. Gli scavi verranno eseguiti nell'acropoli con saggi di scavo nella necropoli, essendo quest'ultima profanata in più riprese."

PESCE, G. (1964) - Scavi e scoperte puniche a Tharros (Sardegna). *Oriens antiquus.* 3 : 1. p. 137-138. Roma.

PESCE, G. (1966) - *Tharros*. Cagliari : Fossataro.

PESCE, G. (1966a) - Tharros. In BIANCHI BANDINELLI, R. (ed.) *Enciclopedia dell'arte antica classica e orientale*. Roma: Treccani. pp. 800-804.

SERRA, P.B. (1998) - Ceramiche d'uso e prodotti dell'industria artistica minore del Sinis. In *La ceramica racconta la storia. Atti del 2° convegno di studi "La ceramica nel Sinis dal neolitico ai giorni nostri" (Oristano-Cabras, 25-26 ottobre 1996)*. Oristano: Condaghes. pp. 335-401.

SOTGIU, G. (1987) - Parva epigraphica Sardiniae. I. Tharros Instrumentum domesticum (in particolare dagli scavi G. Pesce, aa. 1956-1964). *Quaderni della Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari e Oristano*. 4: 2. Cagliari. pp. 21-31.

ZUCCA, R. (1993)- *Tharros*. Oristano.

ZUCCA, R. (2002)- I culti pagani nelle civitates episcopali della Sardinia. In SPANU, P.G. (ed.) I*nsulae Christi. Il cristianesimo primitivo in Sardegna, Corsica e Baleari*. Oristano: S'Alvure. pp. 37-56.

ARQUEOLOGIA SACRA

EL SANTUARIO PÚNICO DE SA CAPELLETA (EIVISSA)

J. Mª López Garí
R. Marlasca Martín
Mª J. Escandell Torres

Posidònia S.L.

Resumen

Recientes excavaciones en la isla de Eivissa han puesto al descubierto un nuevo yacimiento púnico situado entre la necrópolis del Puig des Molins y la ciudad antigua. Las características de las estructuras, excavadas en el substrato natural, y el depósito material, indican que puede tratarse de un edificio dedicado a actividades cultuales, quizás un santuario relacionado con el culto a la diosa Tanit.

Abstract

Recent archaeological excavations on the island of Ibiza have revealed a new Punic site located between the Punic necropolis of Puig des Molins and the Old city. The characteristics of the structures so far excavated down to the natural substratum and the ceramic material found indicate that we may be dealing with a building dedicated to cult activities, perhaps a sanctuary related to the worship of the goddess Tanit.

Entre los años 2002 y 2005 se han realizado en dos solares contiguos de la calle Capelleta, los nº 10 y 12, en la ciudad d'Eivissa, diferentes campañas arqueológicas que han puesto al descubierto un nuevo yacimiento de época púnica (López Garí *et allí,* 2005). La excavación se vio interrumpida de forma irregular e injustificada por parte del Consell d'Eivissa i Formentera, poco antes de la celebración del congreso, y no pudimos finalizar con la misma.

La localización

Estos solares se encuentran en una zona intermedia entre la ciudad antigua d'Eivissa, Dalt Vila, donde se situaba la acrópolis fenicia, a unos 200 m. en dirección este, y de la necrópolis púnica del Puig des Molins que esta a unos 100 m. en dirección oeste.

La situación topográfica y espacial del yacimiento tiene sin duda un valor fundamental a la hora de definir su funcionalidad. Entre los dos principales accidentes geográficos de la zona, ocupados por la ciudad y la necrópolis, este yacimiento se encuentra en la falda de una pequeña elevación que no es sino la continuación de la ladera del Puig des Molins. De este modo, se puede decir que se encuentra en el que debió ser un camino de la acrópolis a la necrópolis, y al mismo tiempo a una cierta altura respecto a otras edificaciones que debían conformar el barrio industrial. Hoy podemos ir perfilando este barrio a raíz de algunas excavaciones que se han ido realizando en los últimos 30 años, que lo sitúan en un terreno llano, dominado entonces visualmente por la acrópolis, la necrópolis y también por el edificio que aquí presentamos.

Tanto las características físicas del yacimiento, su peculiar entramado arquitectónico y constructivo, como el depósito material cerámico hallado están fuera de lo común y definen claramente el edificio como una construcción particular, que consideramos cabe englobar en el ámbito de lo cultual y religioso.

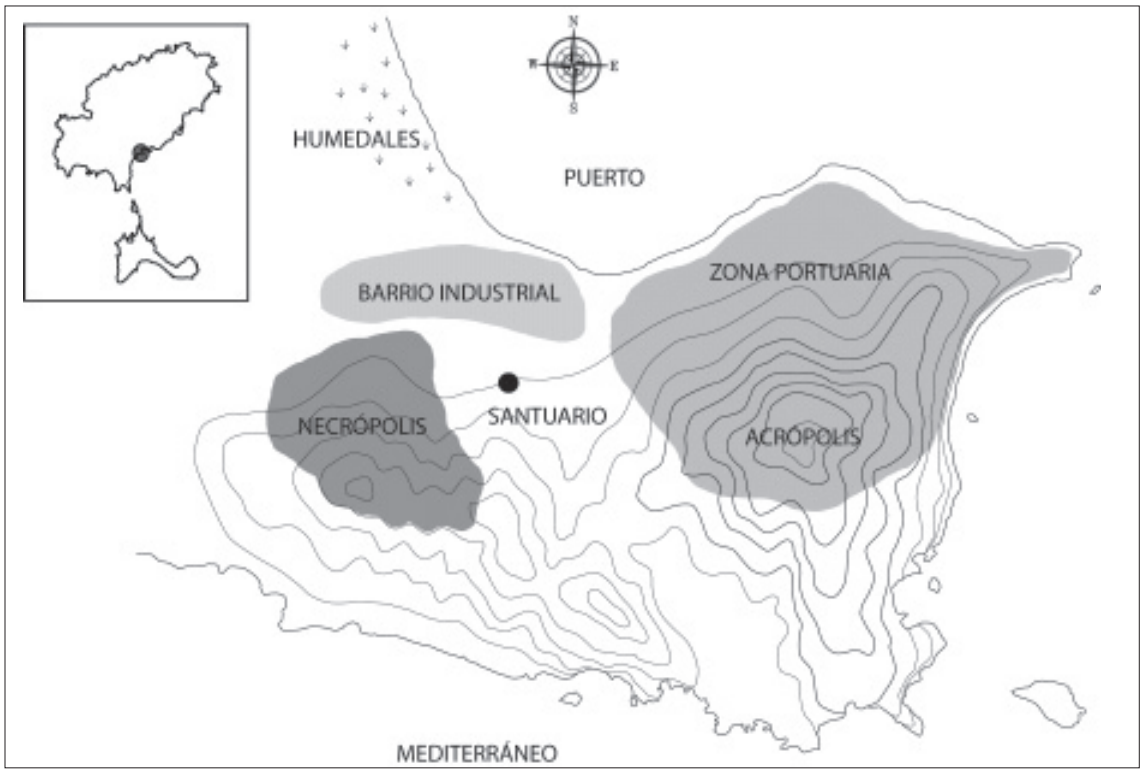


Fig. 1. Esquema de la ciudad púnica de Eivissa (con la antigua linea de costa), y la situación del santuario

Por ello destacaremos los principales rasgos constructivos del edificio y el depósito de material (Hay que tener en cuenta que el estudio de los materiales se encuentra todavía en un estado incipiente y que por otra parte es aún demasiado pronto para presentar resultados de otro tipo).

El complejo constructivo

Si debemos describir brevemente la construcción excavada, los dos rasgos fundamentales que cabe destacar por su rareza y originalidad son, por un lado la planta compleja que forman el edificio y las estructuras relacionadas con él, y por otro el hecho de que tanto el edificio como estas estructuras estén construidos básicamente mediante la excavación del substrato natural.

Como hemos dicho el edificio se encuentra en la falda de un pequeño desnivel natural. El substrato geológico de esta ladera esta compuesto por unos limos margosos cubiertos por una pequeña capa calcárea de poco grosor. Esta capa es resistente pero, una vez extraída se llega a las margas que son blandas y de fácil excavación, lo que permitió plantear aquí una construcción semisubterránea, con unas garantías mínimas de resistencia. El complejo que en adelante describiremos se encuentra pues excavado en el substrato natural, formando más o menos un dibujo cuadrangular, ocupando una superficie mínima de unos 275 m^2.

A pesar de que no se han podido excavar completamente los dos solares, por las dificultades puestas por el Consell, y de que contamos por ello con una imagen o planta parcial del yacimiento, esta se presenta ya como un extraño puzzle compuesto por muy diferentes ámbitos o estructuras.

Podemos decir que hay al menos, por las características físicas, tres tipos de ámbitos en el edificio.

Por una parte, en la zona Oeste, se concentran las estructuras excavadas en el substrato de dimensiones pequeñas o medianas y cuya funcionalidad es difícil de precisar todavía. Se trata de estructuras de diferentes características. Algunas de ellas tienen un aspecto rectangular, de "fosas", con unas dimensiones variables de unos 2 m. de largo por 50 cm. de ancho y una profundidad de entre 40 y 70 cm., y con una relación física entre ellas, ya que están una a continuación de la otra, a excepción de una que se encuentra en una de las habitaciones pero muy cerca también de las demás. Además ha aparecido una cubeta de 1'20 m. de largo por 60 cm. de anchura y 1 m. de fondo, algo más profunda que las "fosas" anteriores, y ocupando una zona central en un pasillo. Por último hay que destacar un gran recorte irregular, de 2 m. de diámetro y una profundidad de 2 m. que podía haber sido una especie de covacha artificial. Probablemente la excavaron desde un lateral, quedando en su parte superior cubierta por el terreno natural, y esta ha desaparecido en parte por una remodelación posterior del edificio, y también por la excavación en este lugar de una calle de época islámica. Se trata de una estructura subterránea con las paredes muy mal desbastadas, e incluso con el suelo poco trabajado, ya que se dejaron algunos bloques de roca natural sin extraer. Como las otras estructuras mencionadas, no tiene ningún tipo de revestimiento en las paredes. Parece por lo tanto probable que no se trate de estructuras relacionadas con la producción o con algún tipo de proceso industrial. La localización de estas estructuras en una zona muy precisa y su relación espacial pone en evidencia una funcionalidad determinada que daría un sentido al conjunto. Estas recuerdan por las características y dimensiones a unas estructuras excavadas en el santuario de "illa Plana" de las que solo tenemos una somera descripción (Pérez Cabrero, 1911).

Otro tipo de ambientes son las habitaciones. Estas parecen encontrarse alineadas en la zona sur del edificio, marcando quizás el límite meridional de la construcción ya que sus paredes coinciden por este lado con el recorte. Se encuentran una junto a la otra y separadas por muros

construidos en piedra seca y ligados con tierra. Se han podido excavar dos de estas habitaciones. La habitación más occidental esta en contacto con el pasillo donde se encuentra uno de los depósitos y la covacha y tiene unas dimensiones de 2'50 m. por 2'40 m. (6m^2). La otra tiene 2 m. por 3'30 como mínimo, ya que esta habitación no ha podido se excavada en su totalidad. La primera de ellas, además de los muros laterales tiene también un muro construido en al lado Sur, donde se recortó el substrato natural de forma algo rudimentaria. De hecho, ha sido el relleno con el que se colmató el espacio que quedaba entre la roca natural y este muro el que nos ha permitido datar la construcción del edificio en el siglo IV a.n.e.., al menos de esta zona, ya que no se han encontrado por el momento otros depósitos de este tipo, relacionados con el momento de edificación.

La otra habitación excavada no tiene un muro de este tipo, sino que aparece en su parte meridional el substrato natural muy bien recortado. Hay que decir que estas habitaciones están excavadas hasta un metro de profundidad en el suelo, y es difícil saber si esta altura podía haber sido algo mayor, y haber sido alterada después, con algún rebaje de época islámica. Lo que si queda claro es que la zona donde se encuentran las habitaciones es también donde la roca natural tenía mayor altura, ya que como hemos dicho el terreno va adquiriendo pendiente a medida que nos acercamos al lado sur, precisamente donde se encuentran las habitaciones.

Se puede confirmar así la existencia de al menos tres habitaciones, aunque solo se han podido excavar dos, separadas entre ellas por muros de los que se conserva aproximadamente 1m. de altura. Si bien por el lado oeste no parece que haya más ámbitos de este tipo, en el lado este podría existir alguna más.

Por último, en lo que sería la parte norte de todo el complejo, se sitúa una gran zona también rebajada, con un recorte recto justo en la parte norte por donde probablemente se entraba al recinto. De hecho aparece en relación a este recorte otro rebaje de 80 cm. de anchura, que podría pertenecer a una puerta. En esta zona han aparecido diferentes depósitos y estratos que ponen en evidencia la complejidad del proceso de colmatación en ella; lamentablemente la cantidad de estructuras de época islámica que se encuentran encima han impedido una mejor comprensión de todo este ambiente y del proceso de colmatación.

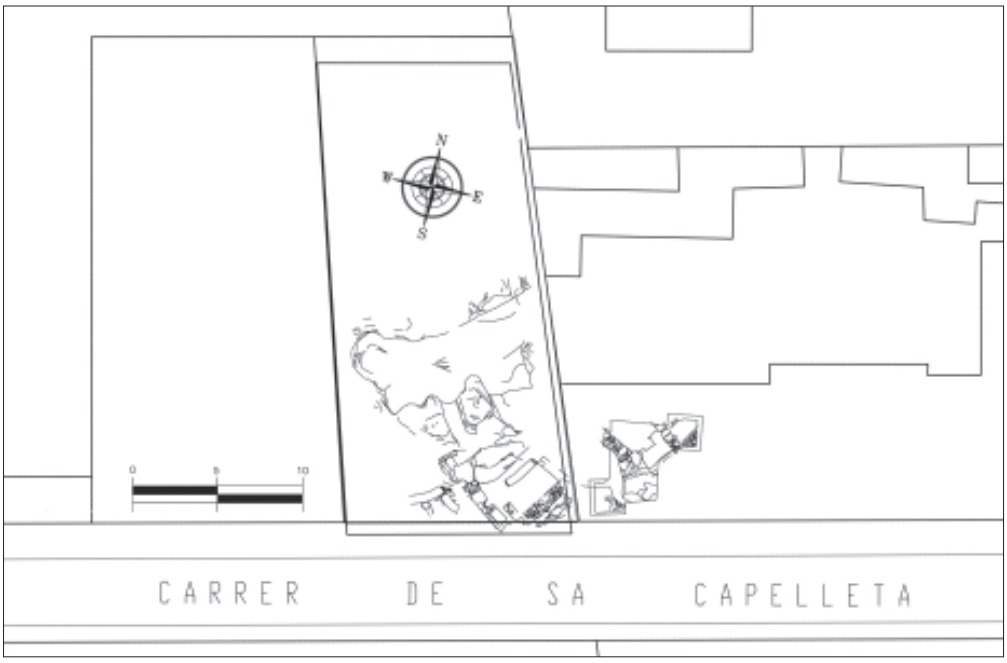


Fig. 2. Plano de los solares excavados con el edificio púnico en la zona sur

Los materiales

A pesar de la breve descripción que nos permite este artículo, queríamos al menos hacer una aproximación al rico y variado conjunto de materiales, especialmente cerámicos, que ha aportado la excavación del edificio.

Todos los depósitos hallados pertenecen a la amortización del edificio en torno a mediados del siglo II a.n.e. Estos sedimentos son los que rellenaban todo el complejo y se mantuvieron más o menos intactos, solo alterados por las fosas de cimentación de los muros islámicos y algunos otros rebajes de época romana y medieval. De entre los diferentes estratos identificados, destaca uno en el que se concentraba una gran cantidad de materiales cerámicos, que parecen haber sido recogidos expresamente de algún otro sitio, y tirados casi enteros en este lugar. Este nivel apareció rellenando parte de la covacha, del depósito cercano a esta y del pasillo, como si lo hubiesen tirado desde la habitación. La importancia de este nivel no radica solo en la cantidad y calidad de los materiales que contenía, sino que además estos tienen una cronología muy precisa, de finales del S. III a.n.e., y son ligeramente más antiguos que los que aparecen en el resto de los estratos que amortizan la construcción. Los materiales de todos estos niveles se pueden distribuir en diferentes categorías.

Los contenedores cerámicos

Destaca el grupo de importaciones de la vajilla de mesa. De hecho, sin contar el riquísimo conjunto del Puig des Molins en el que por razones obvias se encuentra el conjunto más abundante de las islas, en la excavación ha aparecido un repertorio completísimo de lo que era la vajilla doméstica en circulación de origen itálico de barniz negro. En el nivel del que hablábamos antes se encontraron una docena de recipientes semi completos, entre los que hay diversos tipos de cuencos, platos y alguna copa con asas. Otros recipientes de producción itálica encontrados pertenecen a ánforas grecoitálicas y a vajilla de cocina. En cuanto a las otras importaciones, destacan algunas producciones de la costa catalana, como por ejemplo algunos fragmentos de diferentes *kalathoi* y de alguna jarra de cerámica gris, que vienen a aumentar el repertorio ya clásico de producciones de esta zona aparecidas en las islas. De origen norte africano también aparecieron cerámicas de cocina y algunos fragmentos de ánforas.

En cuanto a las producciones ebusitanas, está representado un amplio repertorio, se hallaron muchas de las formas ya conocidas en otros yacimientos, pero también aparecen formas no documentadas. Encontramos recipientes de almacenamiento como ánforas, abundante y variada representación de elementos de vajilla de mesa, cuencos, platos, jarros y jarras de tipologías muy diversas. Por lo que se refiere a la cerámica de cocina, abundan ollas y cazuelas, morteros y grandes lebrillos con asas. **FIG 3**

Hay que destacar también la aparición de fragmentos de *thymiateria* y numerosos fragmentos de lucernas, ya que no resultan muy frecuentes en contextos domésticos, pero que si son más comunes en contextos cultuales o funerarios.

Las terracotas

Sin duda entre las producciones locales sobresale por su significado el grupo formado por las terracotas. Se han encontrado numerosos fragmentos, que pueden pertenecer aproximadamente a unos 80 ejemplares. La tipología representada es muy diversa, y los distintos ejemplares pertenecen al variado repertorio producido en la isla. Por los fragmentos aparecidos, se puede decir por ejemplo que estamos ante el grupo de pebeteros de cabeza femenina más numeroso de la isla, con casi 20 ejemplares. También se encontraron ejemplares de un grupo de terracotas planas representando a una figura femenina sosteniendo o una antorcha o algún pequeño animal.

Fig. 3. Algunos materiales ebusitanos del yacimiento

Fig. 4. Muestra de las terracotas encontradas

Otros elementos bien representados son las placas, de las que se han encontrado algunos ejemplares, tanto de moldes como de positivos. Los motivos representados son geométricos y figurados, similares o idénticos a los aparecidos en la cercana necrópolis del Puig des Molins. Pero entre ellas hay que resaltar a un molde de magnífica factura de 16 cm. de diámetro, en el que aparece representado el busto de una divinidad femenina que, como suele pasar en ámbito púnico, posee los rasgos iconográficos del mundo griego, de donde posiblemente provenga el molde original. Por último mencionar un *askos* de posible producción magno griega representando un carnero y de excelente manufactura que no tiene paralelos en la isla.

Otros materiales

Elementos que sin duda llaman la atención y ponen aún más en relieve el carácter especial del edificio son por ejemplo los restos de numerosas molduras y estucados encontrados. Estos son muy poco comunes en otro tipo de ámbitos, y resaltan la calidad que debieron tener los acabados de la construcción. Se han hallado de diferentes tipos, algunos de desgrasante muy fino y delicado, y otros más gruesos. Muchos conservan molduras e incluso la pintura que los recubría en diferentes colores.

Para finalizar cabe mencionar un bloque de piedra que se encontraba reutilizado entre los muros de época islámica, y que probablemente perteneció al edificio púnico. Se trata de roca de la zona, pero recortada y con unas molduras recorriendo su extremo en la parte superior, por lo que creemos que podría tratarse de un elemento arquitectónico decorativo.

Interpretación

Como ya se ha ido comentando, parece evidente que nos encontramos ante un edificio peri-urbano dedicado a actividades cultuales, seguramente un santuario. Sus características físicas (excavada en la roca natural, presencia de una cueva o covacha), el depósito material y su proximidad a la necrópolis y a la ciudad recuerdan bastante a las que definen otro recinto de este tipo, el de Baria, excavado en Villaricos y puesto en relieve recientemente (López Castro, 2004). También parece compartir con este edificio su cronología de uso e incluso el momento aproximado de su amortización. Por otra parte aún es pronto para tratar de ver si nuestro edificio y las actividades que se llevaban a cabo en él tenían una relación con la necrópolis cercana, aunque parece muy probable.

Por nuestra parte, creemos que se puede aventurar la posibilidad de que se trate, con el santuario de Villaricos - quizás hubiera otro en el Puig d'en Valls, Eivissa (Román Ferrer, 1913 p. 122)-, de un tipo específico de edificios de tipo semisubterráneo, creados casi simultáneamente en este caso, y ejemplos de una importante reorganización religiosa promovida desde Cartago. Ambos pudieron estar dedicados al culto de Tanit, una divinidad de carácter agrario y ctónico de raigambre oriental, que adquirirá desde el siglo IV a.n.e. y en los siglos siguientes un gran protagonismo, y que fue la escogida para tutelar la importante explotación agrícola que hubo en ámbito púnico en el Mediterráneo Occidental, por su relación con la fertilidad y la primavera (Marlasca, 2004). La excavación del subsuelo asimilaría el edificio a las características de la diosa, allá donde no se encontrase un lugar natural, como una cueva, idóneo para su culto.

Bibliografía

López Castro, J. L. (2004) - Un santuario rural en Baria (Villaricos-Almeria). Estudios Orientales. 5-6. *El mundo púnico. Religión, antropología y cultura material*. pp. 77-89.

López Garí, J. Mª.; Escandell Torres, M.ª Jº. y Marlasca Marín, R (2005) - El subsòl de sa Capelleta: Un tresor arqueològic a salvaguardar. Excavacions arqueològiques 2002-2005. *Fites*. 5. Eivissa. pp. 17-26.

Marlasca Martín, R. (2004) - Tanit en las estrellas. Estudios Orientales. 5-6. *El mundo púnico. Religión, antropología y cultura material*. pp. 119-132.

Pérez Cabrero, A. (1911) - *Ibiza Arqueológica*. Barcelona.

Román Ferrer, C. (1913) - *Antiguedades Ebusitanas*. Barcelona.

EL CARAMBOLO, UN SANTUARIO ORIENTAL EN LA PALEODESEMBOCADURA DEL GUADALQUIVIR

Álvaro Fernández Flores
Araceli Rodríguez Azogue

Arqueología y Gestión S.L.L.

Resumo

As recentes escavações realizadas em El Carambolo (Sevilha) permitiram uma nova análise sobre o sítio, tendo ficado claro que o mesmo se pode interpretar como um santuário oriental relacionado com o paleo estuário do Guadalquivir. As características construtivas, a planta dos edifícios e os materiais arqueológicos recuperados durante os novos trabalhos de campo tornam, de facto, pouco credíveis as hipótese de o conjunto arquitectónico ter sido construído por elites indígenas aculturadas.

Abstract

The recent excavations carried out in El Carambolo (Seville) allowed a new analysis of the site, and it became clear that it could be interpreted as an oriental sanctuary related with the ancient estuary of Guadalquivir. The data recovered during the new field works show how inappropriate is hypothesis that the architectural ensemble was built by indigenous and acculturated elites.

I. Introducción. Antecedentes

Las recientes intervenciones arqueológicas llevadas a cabo en el cerro de El Carambolo (Camas, Sevilla) (Fig. 1) han permitido la revisión de uno de los yacimientos clave de la Protohistoria de la Península Ibérica, en tanto que la cultura material correspondiente al "fondo de cabaña" exhumado en 1958 a raíz del hallazgo del tesoro del Carambolo, significó la "materialización" de Tartessos. Dicho horizonte cultural, hasta aquel momento sólo conocido a través de las fuentes clásicas, quedó prácticamente definido desde la arqueología a partir de aquella intervención y la posterior excavación en el Carambolo Bajo (Carriazo 1973). Los materiales, arquitectura, patrón de asentamiento, etc., asociados a los estratos inferiores del "fondo de cabaña" documentado en la zona más alta del cerro fueron atribuidos al mundo indígena previo a las colonizaciones orientales, mientras que los estratos superiores del mismo y sobre todo las estructuras y materiales de El Carambolo Bajo, constituían la expresión del contacto de aquellas culturas con los colonos orientales (Barceló 1994: 565; Escacena 2000: 131-136; Morgenroth 2004: 43).

A lo largo de la segunda mitad del siglo XX, las distintas secuencias estratigráficas realizadas en el Suroeste andaluz tomaron a El Carambolo como referente o paradigma del tránsito del Bronce Final al Hierro. Por tanto, las cerámicas propias de este yacimiento ("tipo Carambolo" y "de retícula bruñida" básicamente), fueron utilizadas como fósiles guía para la definición del mundo indígena precolonial y colonial en las secuencias estratigráficas que, realizadas fundamentalmente a partir de la década de 1970, han servido y sirven como referentes para la adscripción cronocultural de los yacimientos del área tartésica.

La escasa extensión de la presente publicación no nos permite profundizar más en la problemática del yacimiento, remitiéndonos a las publicaciones previas a la presente en las que, por otro lado, se han ido exponiendo de forma preliminar los resultados de las dos primeras fases de excavación y la secuencia ocupacional del enclave (Fernández Flores y Rodríguez Azogue 2005a: 113-115; 2005b: 843-862; Rodríguez Azogue y Fernández Flores 2005: 863-871). De lo anteriormente expuesto deriva la trascendencia de las nuevas excavaciones llevadas a cabo en el yacimiento. Éstas han permitido la reexcavación del "fondo de cabaña", y por tanto la revisión de la datación del mismo tanto en cronología relativa como absoluta; así como una intervención global en la cima del cerro, en la que se ha exhumado una gran edificación de carácter monumental; mientras que por las laderas de la elevación se desarrollaron, al amparo de este edificio, una serie de construcciones menores que engloban al denominado "Carambolo Bajo". La evolución de estas edificaciones se ha ido definiendo a lo largo de tres campañas de excavación; no obstante, en el presente artículo nos centraremos en definir la funcionalidad de la construcción principal atendiendo a una serie de criterios como son la ubicación, orientación, materiales constructivos, planta, instalaciones y elementos muebles, destacando en éstos la dispersión y carácter de los mismos, siendo estos factores de análisis los que, comúnmente, permiten establecer la funcionalidad de una edificación desde el análisis arqueológico.

II. Análisis funcional del edificio

A continuación analizamos los distintos aspectos que antes señalamos de cara a establecer la funcionalidad del edificio, aunque debido a las dimensiones del presente trabajo no podamos realizar un análisis exhaustivo en función de las distintas fases documentadas. En el caso de El Carambolo, las propias dimensiones de la construcción y los caracteres antes señalados, pronto nos llevaron a la búsqueda de paralelos en los edificios de culto y santuarios documentados en el área Sirio-Palestina.

II.1. Ubicación

El yacimiento se sitúa en la cola del paleoestuario del Guadalquivir (Fig. 1), sobre una elevación con una cota máxima de 85 m.s.n.m. en el punto más alto y de 60 m sobre la Vega de Triana, y por tanto, sobre la antigua llanura de inundación del Guadalquivir, tratándose de uno de los cerros más altos de la alineación que forma el borde ribereño del Aljarafe. Se halla separado en parte de dicha meseta por la pequeña vaguada del arroyo del Pantano o del Repudio, que lo circunda por el noroeste y norte, mientras que por el este quedaría delimitado por el estuario del Guadalquivir. Presenta una fuerte pendiente en estas direcciones y un único acceso fácil desde el sur-suroeste. La cima del cerro, aunque amesetada, presenta un leve buzamiento hacia el oeste, lugar en que se emplaza la edificación, mientras, el extremo este estaría ocupado por un promontorio hoy prácticamente arrasado. Entre ambos extremos se documenta un desnivel de aproximadamente 5 m.

El estudio de la ubicación del yacimiento de El Carambolo, en contraste con los datos consultados sobre el carácter sacro de distintas elevaciones de oriente y enclaves coloniales (De Vaux 1992: 370-373, Ruiz de Arbulo 2000: 18-26), nos lleva a plantear un patrón de asentamiento afín a la tradición próximo-oriental relacionado directamente con la navegación del paleoestuario del Guadalquivir, apoyando de este modo la hipótesis propuesta por Escacena y Belén respecto al carácter sagrado de este enclave (Belén y Escacena 1997: 111-114; Belén 2000 57-77, Escacena e Izquierdo 2001: 148; Escacena 2002: 68-71).

II.2. Orientación

La construcción exhumada se orienta durante todas sus fases constructivas hacia el este, en dirección al promontorio citado y a la salida del sol en el solsticio de verano, hallándose los vanos de acceso abiertos en esta dirección. Se documenta por tanto una alineación edificio-promontorio-orto, con una dirección E-NE 55°. Durante las sucesivas reformas del edificio se mantiene la orientación general del mismo, adaptándose el eje de los espacios de culto para mantener la disposición antedicha. Similar alineación se registraba en el templo de Salomón, estando ocupado el promontorio por el altar de los holocaustos erigido por David (De Vaux 1992: 417-418).

En el caso de la península Ibérica, se documenta asimismo entre los edificios de culto del Suroeste una orientación similar E-NE de (50°-55°), que se desvía hasta los 80° en edificios como Cancho Roano, situado en una latitud más septentrional, pero estando asimismo relacionada con la salida del sol. La relación de esta orientación astral con el culto a Baal ha sido estudiada por J.L. Escacena para el cercano santuario de Coria, planteando la existencia de un santuario fenicio en este enclave (Escacena 2002: 68-71, 2001: 92; Escacena e Izquierdo 2001: 148).

II.3. Materiales

Los muros fueron realizados en adobe, careciendo la primera fase de cimentación, mientras las restantes recurren a la realización de cimientos-zócalos de mampuestos sobre los que se desarrolla el muro asimismo en adobe. En determinadas reformas los nuevos alzados asientan directamente sobre los pavimentos de las fases previas. Destaca la regularidad de los aparejos y el cuidado tratamiento de los acabados en suelos y paramentos, con enfoscados de color blanquecino revestidos con finas lechadas de color rojo intenso. En las estancias abiertas se recurre para la pavimentación a suelos de arena y gravilla rojiza que puede presentar encanchados de drenaje a base de cantos rodados. Los espacios de tránsito como vanos, escalones o zonas porticadas aparecen pavimentados con conchas marinas (*Glycimerys s.p.*) con formatos regulares y llagueadas de pigmento rojo. Destaca el tratamiento de las gradas de dos de las estancias documentadas por tratarse de motivos decorativos polícromos, en damero rojo, negro y reserva en un caso (A-40), y en fajas roja, blanca y roja en otro (A-1). Los materiales, aparejos y acabados se diferencian notablemente del conjunto de construcciones que se desarrollan por la ladera noroeste, donde son

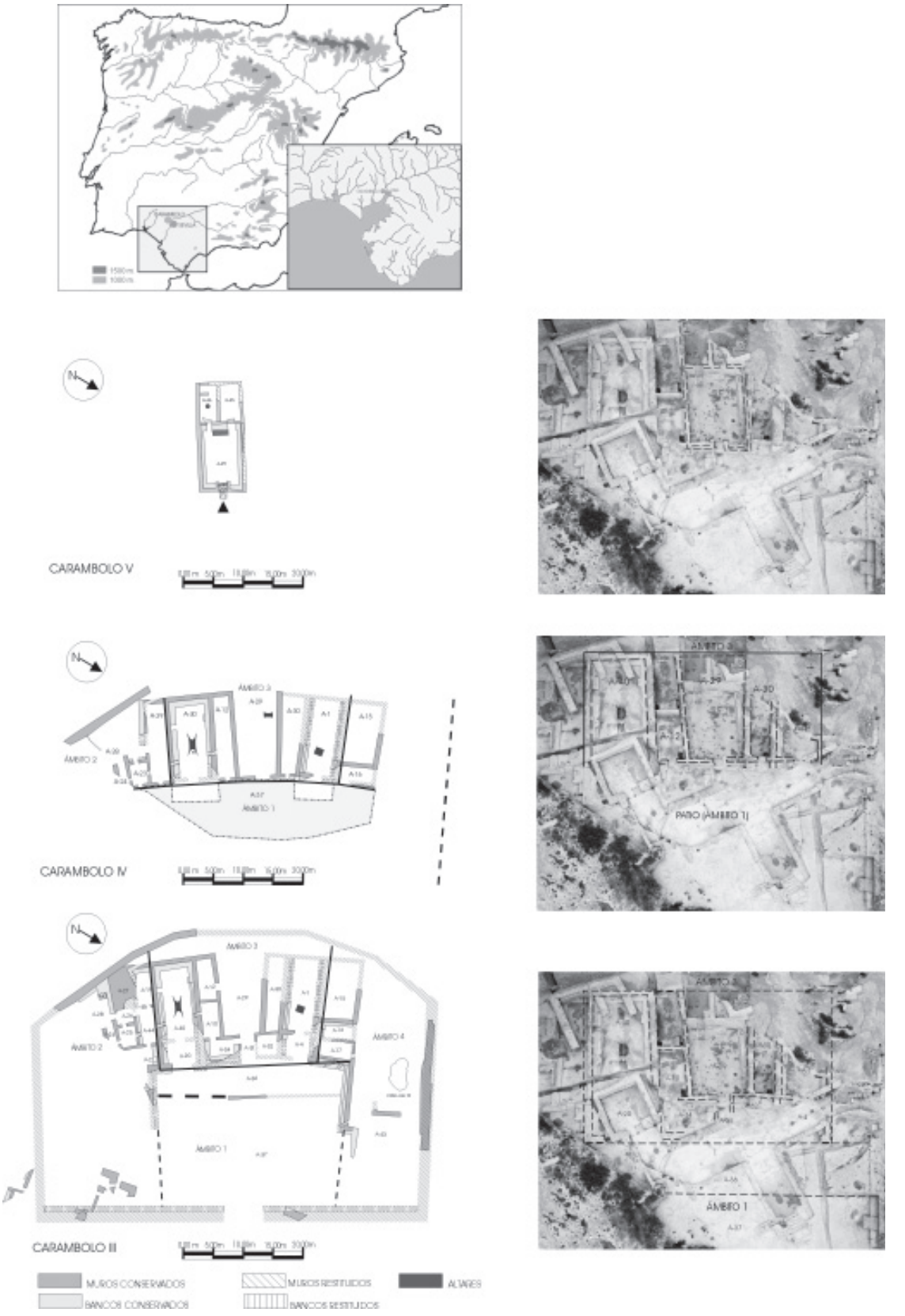


Fig. 1. Ubicación de El Carambolo y reconstrucción paleotopográfica. Planta del santuario inicial Carambolo V y evolución del mismo: Carambolo IV y III. Vista general de la estancia 29

mucho menos cuidados e irregulares. Resulta indudable que los materiales, técnicas constructivas y acabados son de tradición próximo-oriental y que aunque estos elementos no constituyen un criterio diferenciador de funcionalidad en la arquitectura de Próximo Oriente, lo cierto es que en los edificios de culto sí que se puede destacar la calidad de los mismos en contraste con la arquitectura profana (Margueron 1982: 23-24; Dies Cusí 2001: 69-72).

II.4. Planta

El edificio principal presenta una compleja evolución desde su construcción, datada entre 1020-810 a.C. en cronología absoluta y entre fines IX-mediados VIII a. C. en cronología relativa, hasta su amortización, fechada en torno a mediados o fines del VII a. C.

Se han documentado cinco grandes fases constructivas con pequeñas reformas dentro de cada una de ellas, aunque el proceso se caracteriza por una progresiva ampliación del espacio ocupado por el edificio. La construcción es arrasada antes de cada reforma hasta unos 50-60 cm sobre la rasante de los pavimentos, reutilizándose los antiguos alzados como cimentación de los nuevos muros y respetándose, por tanto, las antiguas alineaciones, en un proceso análogo al documentado en otros enclaves coetáneos de la península como Coria, Saltillo, Montemolín, Cancho Roano, etc.

El edificio se caracteriza en líneas generales por la presencia de un núcleo de edificaciones que se va ampliando, precedido de un espacio abierto o atrio y rodeado por un *peribolos* que se abriría al este, y que al menos hacia el sur-suroeste y coincidiendo con el único lugar de acceso, en las fases finales, estuvo dotado de un talud y foso defensivo. El edificio y las estancias principales que lo conforman poseen un desarrollo longitudinal con acceso desde el lado corto este. El conjunto presenta en la fase mejor conocida una planta en U con las estancias dispuestas alrededor de un gran patio central y unas dimensiones mínimas documentadas en excavación de 2.500 m^2 y probables de 4.500 m^2, en función de las reconstrucciones posibles en base a la documentación anterior (Fig. 1 y Fig. 2).

La planta presenta claros paralelos en Próximo Oriente en su primera fase (Carambolo V), como el templo de Tell Taya, del Bronce Medio (Margueron 1991: 1232), el templo fenicio de Tell el-Ghasshil (Dies Cusí 2001: 78); o determinados ámbitos del templo filisteo de Tell Quasile, siglo XI-X a.C.(Wright 1985: fig. 159). Por otra parte, la entrada protegida presenta paralelos en el templo de Astarté de Kition (Wright 1992: 105, 106)). En las restantes fases, fruto de la ampliación del edificio anterior y por tanto de un proceso particular, los paralelos con Oriente se reducen a la planta de los lugares de culto y en la concepción general del santuario. Encontramos concomitancias con los santuarios de Baal y Astarté de Emar, siglos XIV-XII a. C. (Margueron 1982: 28, 1986: 192) y el templo de Tell Tayinat, siglo IX a. C. (Perra 1996: 207), ambos para la fase IV, y plantas en todo similares en Tell Halaf o en las restituciones del propio templo de Salomón para la fase III (Margueron 1986: 193; Perra 1996: 206 y 208). Las fases más recientes, Carambolo II y I, muestran una compartimentación de los edificios que, en principio, parece responder a una evolución particular de la edificación que servirá de arquetipo para otros edificios peninsulares más tardíos como Cancho Roano o La Mata.

II.5. Instalaciones

A lo largo de la evolución del edificio se documentan una serie de instalaciones más o menos comunes, como bancos y gradas en las distintas estancias, pero también otro tipo de estructuras más singulares como plataformas o altares. Entre éstos cabe destacar el altar circular localizado en la estancia A-46 de Carambolo V, el altar en forma de piel de toro de A-40/A-20 de Carambolo IV y III (Fig 2), en los tres casos con *focus*, y los restos del altar de A-1. En estas dos estancias, de notables dimensiones y planta arquetípica, las instalaciones se asociaban a las

gradas con decoración polícroma arriba comentadas. Por otro lado, podríamos destacar elementos como las plataformas, exentas o adosadas, detectadas en distintas estancias, algunas de las cuales presentaban huellas de fuego. Asimismo se documentaron numerosos hogares y algunos hornos, concentrados en algunas de las habitaciones del complejo.

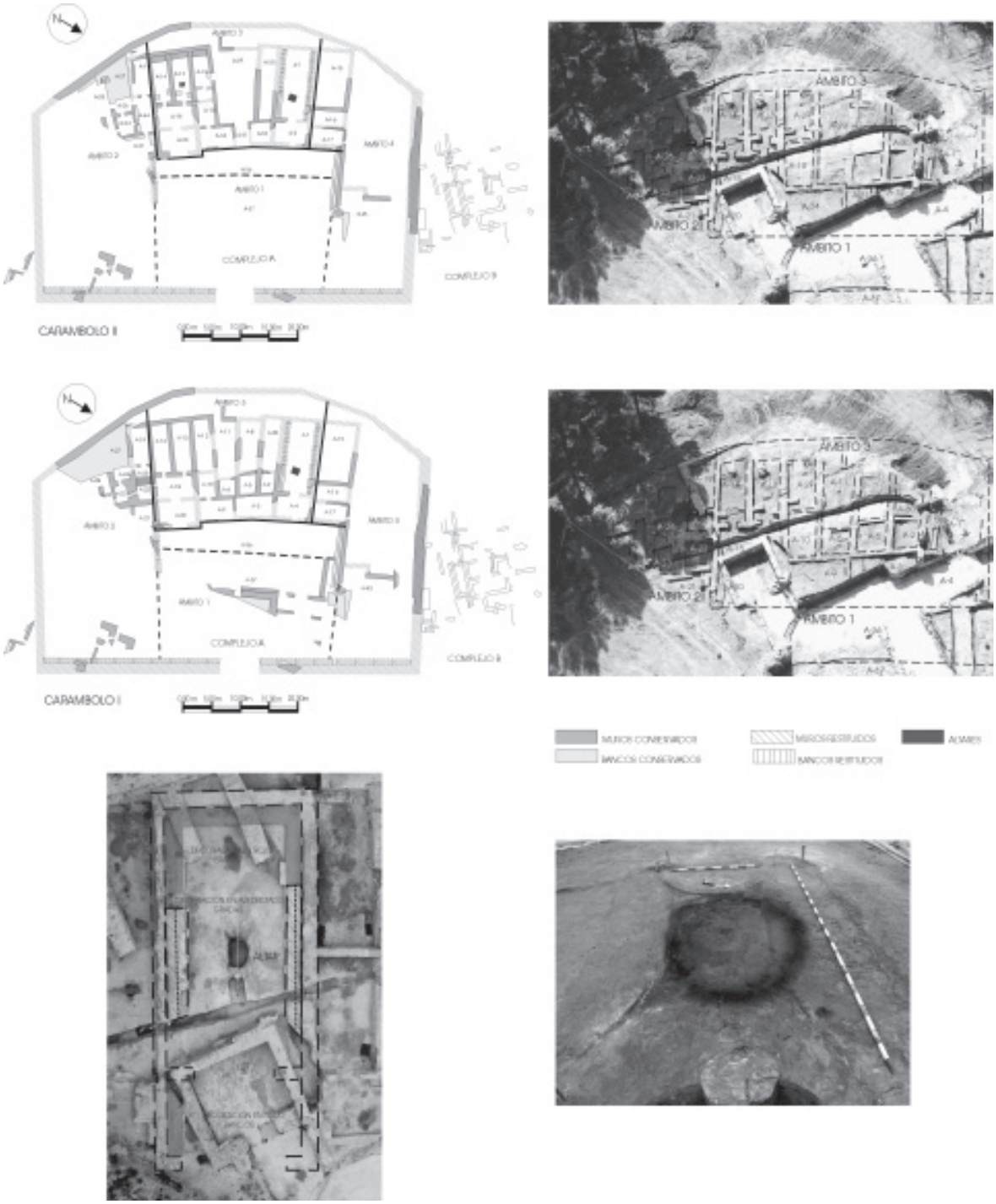


Fig. 2. Planta de Carambolo II y I. Detalle de la estancia de culto A-40/A-20 y altar en forma de piel de toro

Por otro lado, se exhumaron un tipo de instalaciones cuya función viene determinada básicamente por el contenido que presentan. Se trata de fosas colmatadas con deshechos que aportan materiales singulares análogos a los documentados en determinadas zonas del edificio. En cuanto al "fondo de cabaña", la excavación de la zona de seguridad que dejó Carriazo y aquellas áreas que no pudo excavar por encontrarse con infraestructuras de desagüe, contrastada con los datos de la intervención de éste y de Maluquer (Maluquer 1994), nos ha permitido comprobar que los depósitos que Carriazo interpretó como correspondientes a los pavimentos de un fondo de cabaña y su derrumbe no eran más que algunos de los múltiples depósitos que, vertidos desde el noreste, colmataban una gran fosa de casi dos metros de profundidad, planta irregular y sección en U, donde no aparecen niveles de uso ni pavimentos, no registrándose tratamiento de las paredes ya que éstas se muestran completamente irregulares. Por otro lado, la fosa corta una serie de depósitos que, a su vez, se superponen a un muro de adobes. En cuanto a su cronología, en el estrato de base, identificable con el nivel IV de Carriazo, se documentan casi treinta fragmentos atípicos hechos a torno, ofreciendo una cronología relativa que data la fosa en torno a la primera mitad del VII a. C., mientras que los estratos correspondientes al edificio inicial (Carambolo V), ofrecen una cronología de siglo IX a. C. En cuanto a cronología absoluta, el análisis de los carbones del estrato inferior sitúan éste entre 791-506 A. C. cal., en contraste con la fecha aportada por el C14 de los carbones correspondientes a la construcción del primer edificio (1020-810 A.C. cal). Hemos documentado una fosa similar a unos 20 metros de ésta también con materiales singulares, que aporta una cronología relativa de mediados del VIII a. C. Tampoco en este caso se documentaron huellas de pavimento, postes, niveles de uso con hogares, tratamiento de las paredes, etc., por lo que no tenemos ningún argumento para considerarlos como fondos de cabaña y sí como fosas de vertidos. El carácter sacro de estas fosas ya es un asunto de interpretación (*favissa*), pero la excavación estratigráfica nos muestra unas infraestructuras comunes a distintas épocas, con una función concreta: la de vertedero y lugar de amortización de los elementos que han servido para el culto.

La presencia de las instalaciones citadas resulta característica de los edificios de culto en Próximo Oriente para el periodo que nos ocupa, en tanto que definen "el espacio cultual" en el que tiene lugar la ofrenda ("lugar de la ofrenda"), y el "espacio sacrificial", o lugar de preparación de la misma, que se subdivide en el "lugar de la inmolación" y el "lugar de la cocción de los alimentos" (Margueron 1991b: 235-236). Dentro de las instalaciones descritas destaca el altar en forma de piel de toro de Carambolo IV y III, elemento también documentado en edificios de culto como Coria o Cancho Roano (Escacena 2001: 131-135; Celestino 2001 a: 39-41) que para el caso de Coria estarían para Escacena e Izquierdo (2001: 148) en relación con el culto a Baal.

II.6. Objetos litúrgicos y materiales singulares

En el yacimiento se ha exhumado una serie notable de objetos singulares, algunos de ellos procedentes de estas fosas, como un exvoto de terracota en forma de embarcación con prótomo de caballo, otros exhumados en las estancias del edificio, como una pila de piedra, y algunos muy significativos como el ya citado "tesoro del Carambolo", o el exvoto dedicado a Astarté con inscripción fenicia, fruto de hallazgos casuales muy anteriores a las presentes campañas de excavación. A estos elementos hay que sumar las cerámicas recuperadas por Carriazo en la excavación del fondo de cabaña del Carambolo Alto y Carambolo Bajo, analizados por Escacena y Belén, y los recuperados en la presente actuación tanto en las citadas fosas como en las estancias dedicadas a la preparación de ofrendas. La aparición de estos objetos singulares resulta comprensible por su inclusión en un contexto sacro, y el carácter litúrgico de alguno de ellos ya fue puesto de relieve con anterioridad a los recientes hallazgos (Bandera 1989: 73-75; Blázquez 1995: 111 y 115; Amores y Escacena: 2003: 54-61).

II.7. Análisis espacial

El análisis de la dispersión de los restos muebles citados junto con las instalaciones descritas nos muestra la diferenciación de dos espacios funcionalmente distintos a lo largo de la evolución del edificio. Mientras una serie de construcciones, que en general perpetúan su carácter en las distintas fases, las que ocupan la zona central del conjunto, muestran unas repavimentaciones constantes, que sellan pavimentos en muy mal estado de conservación, amortizados con deshechos de tipo orgánico (huesos animales y moluscos) y cerámicas de cocina y servicio de alimentos, junto a numerosos hogares y fogatas; otras estancias presentan los pavimentos perfectamente conservados y completamente limpios de cualquier resto orgánico o inorgánico aunque muestran también constantes repavimentaciones. El estudio conjunto de la dispersión de objetos muebles e instalaciones nos lleva a diferenciar perfectamente los espacios cultuales y sacrificiales dentro del conjunto de estancias, observación apoyada por la utilización de plantas arquetípicas para los lugares de culto. Estas áreas se concentran en el denominado Ámbito 3 del conjunto de construcciones que conforman el edificio, constituyéndose las habitaciones extremas de este conjunto como los dos lugares de culto (A-40/ A-20 y A-1/A-4), y las centrales como áreas destinadas a la preparación de ofrendas. La existencia de dos estancias singulares dotadas de altares nos lleva a plantear la posibilidad de un doble culto que, teniendo en cuenta la aparición en el entorno del exvoto dedicado a Astarté y los paralelos en Oriente y en otros enclaves coloniales, pudieron estar bajo la advocación de una divinidad masculina, Baal o Melqart, y otra femenina, en este caso indudablemente Astarté (Belén y Escacena 1997: 111-117).

III. Síntesis

El Carambolo, después de las recientes excavaciones, ha de ser interpretado como un gran santuario oriental relacionado con la navegación del paleoestuario del Guadalquivir y con la fundación de *Spal*, y coetáneo a las primeras fundaciones coloniales de la Península Ibérica. A este respecto, el patrón de asentamiento que muestra esta ocupación cuadra perfectamente con el de las colonias fenicias asentadas en estuarios y desembocaduras de ríos tanto de la costa mediterránea peninsular como de enclaves de Cerdeña y África (Pellicer y otros 1977: 221; Aubet 1994: 265-268; Gras y otros 1991: 69).

La cronología fundacional del enclave (1020-810 A. C. cal, fines IX-mediados VIII a. C.) y las características antes señaladas, hacen poco creíble que el conjunto se erigiese por parte de las élites "indígenas" aculturadas o que sea una obra de encargo a artífices fenicios por la "aristocracia tartésica", pues estamos en un momento antiguo donde aún no podemos plantear fenómenos de aculturación entre colonos fenicios y poblaciones residentes que, por otra parte, tras la revisión de los materiales procedentes del fondo de cabaña han de ser definidas de nuevo arqueológicamente, puesto que el repertorio cerámico adscrito a estas poblaciones resulta ser el de un enclave oriental singular tras una evolución de al menos un siglo desde su fundación.

Bibliografía

Amores, F. y Escacena, J.L. (2003) - De toros y de tesoros: simbología y función de las joyas de El Carambolo. In *Fiestas de Toros y Sociedad*. Sevilla. pp. 41-68.

Aubet, M. E. (1994) - *Tiro y las colonias fenicias de Occidente* (Edición ampliada y puesta al día). Barcelona: Editorial Crítica.

Bandera, M.L. De La (1989) - *La joyería prerromana en la provincia de Sevilla*. Arte Hispalense. 49. Sevilla.

Barceló, J.A. (1994) - Sociedad y economía en el Bronce Final tartésico. En *Tartessos 25 años después.* Jerez de la Frontera. pp. 561-589.

Belén, M. (2000) - Itinerarios arqueológicos por la geografía sagrada del extremo occidente. En *Santuarios Fenicio-Púnicos en Iberia y su influencia en los cultos indígenas, XIV Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica*. Eivissa. pp. 57-102.

Belén, M. (1997) - Testimonios religiosos de la presencia fenicia en Andalucía Occidental. *SPAL*. 6. Sevilla. pp. 103-131.

Blázquez, J.M (1995) - El legado fenicio en la formación de la religión ibera. En *I Fenici: ieri oggi domani*. Roma. pp. 107-117.

Carriazo Arroquia, J. de M (1973) - *Tartessos y el Carambolo*. Madrid.

Celestino Pérez, S. (2001a) - Los santuarios de Cancho Roano. Del Indigenismo al Orientalismo Arquitectónico. En Ruiz Mata, D. y Celestino, S. (Eds.) *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid.

De Vaux, R. (1992) - *Instituciones del Antiguo Testamento*. Barcelona.

Díes Cusí, E. (2001) - La influencia de la arquitectura fenicia en las arquitecturas indígenas de la Península Ibérica (s.VIII-VII). En Ruiz Mata, D. y Celestino, S. (Eds.) *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. pp. 69-121.

Escacena, J. L. (2000) - *La arqueología protohistórica del sur de la Península Ibérica*. Madrid.

Escacena, J. L. (2001) - Fenicios a las puertas de Tartessos. *Complutum*. 12. Madrid. pp. 73-96.

Escacena, J. L. (2002) - Dioses, Toros y Altares. Un templo para Baal en la antigua desembocadura del Guadalquivir. En *Ex Oriente Lux: Las religiones orientales antiguas en la Península Ibérica*. Sevilla. pp. 33-75.

Escacena, J. L. e Izquierdo, R. (2001) - Oriente en Occidente: arquitectura civil y religiosa de un barrio fenicio en la Caura tartésica. En Ruiz Mata, D. y Celestino, S. (Eds.) *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. pp. 123-157.

Fernández Flores, A. y Rodríguez Azogue, A. (2005a) - El Complejo monumental del Carambolo Alto, Camas (Sevilla). Un santuario orientalizante en la paleodesembocadura del Guadalquivir. *Trabajos de Prehistoria*. 62. pp. 111-138.

Fernández Flores, A. y Rodríguez Azogue, A. (2005b) - Nuevas excavaciones en el Carambolo Alto, Camas (Sevilla). Resultados Preliminares. En Celestino Pérez, S. y Ávila, J. J. (Eds.) *El Periodo Orientalizante en la Península Ibérica. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Anejos de Archivo Español de Arqueología. Vol. II. Mérida: CSIC. pp. 863-871.

Gras, M.; Rouilard, P. y Teixidor, J. (1991) - *El universo fenicio*. Madrid.

Maluquer de Motes, J. (1994) - Excavaciones de El Carambolo, Sevilla. Notas y experiencias personales 1958 (Ed. Facsímil). *Clásicos de la Arqueología de Huelva 5/1992*. Huelva. pp. 15-29.

Margueron, J. (1982) - Architecture et urbanisme. *A l´occasion d´une exposition Meskene-Emar. Dix ans de travaux.1972-1982*. Paris. pp. 28-32.

Margueron, J. (1986) - El templo sirio: prototipo del templo de Salomón. En *Gran Atlas de Arqueología*. Barcelona. pp. 192-193.

Margueron, J. (1991a) - Sanctuaires semitiques. *Suplement au Dictionaire de la Bible*. Fasc. 64B-64B-65. Paris. pp. 1216-1256.

Margueron, J. (1991b) - L'espace sacrificiel dans le Proche-Orient Ancien. En Étienne, R. y Le Dinamet, M.T. (eds.) *L´espace sacrificiel dans les civilizations Mediterranéens de l´antiquité*. Paris. pp. 235-245.

Morgenroth, U. (2004) - *South Iberia in the Early Iron Age*. BAR International Series. 1330. Oxford.

Perra, C. (1996) - *L´architettura templare fenicia e punica di Sardegna: Il problema delle origini orientale*.

Rodríguez Azogue, A. y Fernández Flores, A. (2005) - El santuario Orientalizante del cerro del Carambolo, Camas (Sevilla). Avance de los resultados de la segunda fase de la Intervención. En Celestino Pérez, S. y Ávila, J. J. (Eds.) *El Periodo Orientalizante en la Península Ibérica. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: CSIC. pp. 863-871.

Ruiz de Arbulo, J (2000) - El papel de los santuarios en la colonización fenicia y griega de la Península Ibérica. En *Santuarios fenicio-púnicos en Iberia y su influencia en los cultos indígenas. XIV Jornadas de Arqueología Fenicio-púnica*. Eivissa. pp. 9-56.

Wright, G.R.H. (1985) - Ancient Building in South Syria and Palestine. Tomo I y II. Colonia: Leiden.

Wright, G.R.H. (1992) - Ancient Building in Cyprus. Tomo I y II. Colonia: Leiden.

DEPÓSITOS FUNDACIONALES PÚNICOS DE CARTAGO

Karin Mansel

Archäologische Staatssammlung München

Resumen

Nuevos hallazgos de depositos fundacionales en el yacimiento púnico de Cartago arrojan nueva luz sobre los actos rituales en el mundo fenicio-púnico que tenían lugar durante la construcción de edificios. Los depósitos se diferencian tipológicamente – sacrificios vegetales de holocausto, libaciones, ofrendas de comida, de ungüento o de pigmento rojo – y se diferencian según la posición, la composición y la cronología.

Abstract

New finds of foundation deposits from the punic settlement-area of Carthage cast a new light of ritual acts during building activities in the Phoenician-Punic world. The deposits vary according to the type – vegetable holocaust- or smoke-sacrifice, libation, food-, unguento- or red ocker-sacrifice – their position, combination and chronology.

Depósitos fundacionales son ofrendas votivas depositadas en estructuras arquitectónicas durante la construcción de un edifício. En la fase de utilización del edificio los depósitos quedan sellados y ocultos. En el mundo fénico-púnico los depósitos fundacionales[1] están cada vez mejor documentados, como indican los hallazgos recientes de Lixus[2], Carteia[3], Mozia[4] o Cartago. A continuación examinamos el conjunto de los depósitos fundacionales de Cartago[5], considerando su posición en la estructura arquitectónica, su composición y el tipo de ofrenda.

En el asentamiento de la pendiente oriental de la colina de Byrsa (fig. 1) han sido hallados al menos siete depósitos fundacionales.[6] Cinco de ellos fueron identificados en la excavación de la Universidad de Hamburgo bajo el decumano máximo y el cardo X (fig. 2, 1–5; 3–9).[7] Uno proviene de las excavaciones en la Rue Ibn Chabâat, del Instituto Arqueológico Alemán de Roma (fig. 2, 6; 10; 11)[8] y otro de las excavaciones en la zona Bir Massouda de la Universidad de Gent y del Instituto Nacional de Bienes Culturales de Túnez (fig. 2, 7; 12; 13)[9].

El depósito más antiguo procede de la casa 1 de la excavación de la Universidad de Hamburgo (fig. 3; 4). Bajo una nivelación (estrato IIb1), realizada en el último cuarto del siglo VIII, para construir el recinto de un pozo, se halló una ligera depresión del terreno excavada en la tierra virgen con dos objetos: una lámpara de tres picos y, sobre ella, un cuenco, lleno en sus tres cuartas partes de ceniza vegetal (fig. 2, 1a.b; 5). Estas piezas, hechas a mano y de factura local, delatan, por su forma y por el acabado, modelos fenicios realizados con torno. El cuenco, con superficie bruñida y de color rojo, tiene paralelos en el tipo Vegas 3.1 de la cerámica a torno con engobe rojo, y data del siglo VIII[10]. La lámpara, en cambio, es una pieza única, dado que sus modelos a torno presentan normalmente sólo uno o dos y muy esporádicamente siete picos[11]. El carácter excepcional de nuestra lámpara está sin duda relacionado con su uso como objeto ritual. En efecto, la lámpara posiblemente fue utilizada en una práctica ritual que de algún modo tuvo lugar en la oscuridad. Curiosamente, el pozo (fig. 4) presenta características que recuerdan a las entradas de tumbas cartaginesas[12] y las lámparas son parte regular de las ofrendas funerarias púnicas[13]. Entre los depósitos fundacionales de Cartago sólo éste, a causa de la ceniza vegetal en el cuenco, indica que hubo una ofrenda con fuego. La ausencia de manchas de fuego en el cuenco, como las que se puede ver en la lámpara, indica que el cuenco no fue utilizado como quema-perfumes, sino solamente como recipiente para cenizas procedentes de la combustión en otro lugar.

1 Mansel 2003.

2 I. Pascual – J. L. de Manaria en: Aranegui Gasco 2001, 46s.; H. Bonet Rosado – M. Kbiri Alaoui en: Aranegui Gasco 2001, 56–61; G. Pérez Jordà en: Aranegui Gascó 2001, 196. 197 fig. 1; M. P. Iborra Eres en: Aranegui Gascó 2001, 201s.; I. Caruana – I. Izquierdo Peraile en: Aranegui Gascó 2001, 237. 245 fig. 3; Mansel 2003, 136.

3 Bendala et al. 2005.

4 Véase en las actas de este congreso: L. Nigro, La Sapienza University Renewed Excavations at Motya 2002-2005: the Temple of the Kothon and the 'House of the Domestic Shrine'.

5 Mi agradecimiento cordial a los directores de las excavaciones – Roald Docter, Fethi Chelbi, Hans Georg Niemeyer, Friedrich Rakob y Bouteina Telmini – por su información y por haber puesto a mi disposición mapas y hallazgos inéditos.

6 No nombramos aquí dos posibles depósitos fundacionales de que tenemos sólo informaciones insuficientes; un depósito con un plato y una botellita (KA 91/121-18): Mansel 2003, 131.142 fig. 4, 8; Mansel 2007 (nr. 5); ánfora atica (K 90/X): Vegas 1998, 142 fig. 36. – Las dos ánforas de Mende (Docter en: Niemeyer, Docter, Rindelaub 1995, 499–502) no se puede interpretar como depósito fundacional por el contexto.

7 Mansel 2003, 130–134 con bibliografía; Mansel 2007.

8 Rakob 1992, 170s.; Vegas 1998, 142 fig. 36; Mansel 2007.

9 Docter, Chelbi, Telmini 2006.

10 Vegas 1999a, 140–142; 141 fig. 29, 5; fig. 30; Peserico 2002, 59s.; lám. 13A.

11 Peserico 2002, 86; lám. 17 L3: Utika (Henchir Bou Chateur, Túnez), Monte Sirai (Carbonia, Cagliari, Cerdeña), Mozia (Trapani, Sicilia); el último ejemplar se puede identificar también como depósito fundacional; Mansel 2003, 131s.

12 Benichou-Safar 1982, 88 fig. 45A; 92. 95.

13 Véase p. e. Byrsa II 362s. fig. 601.

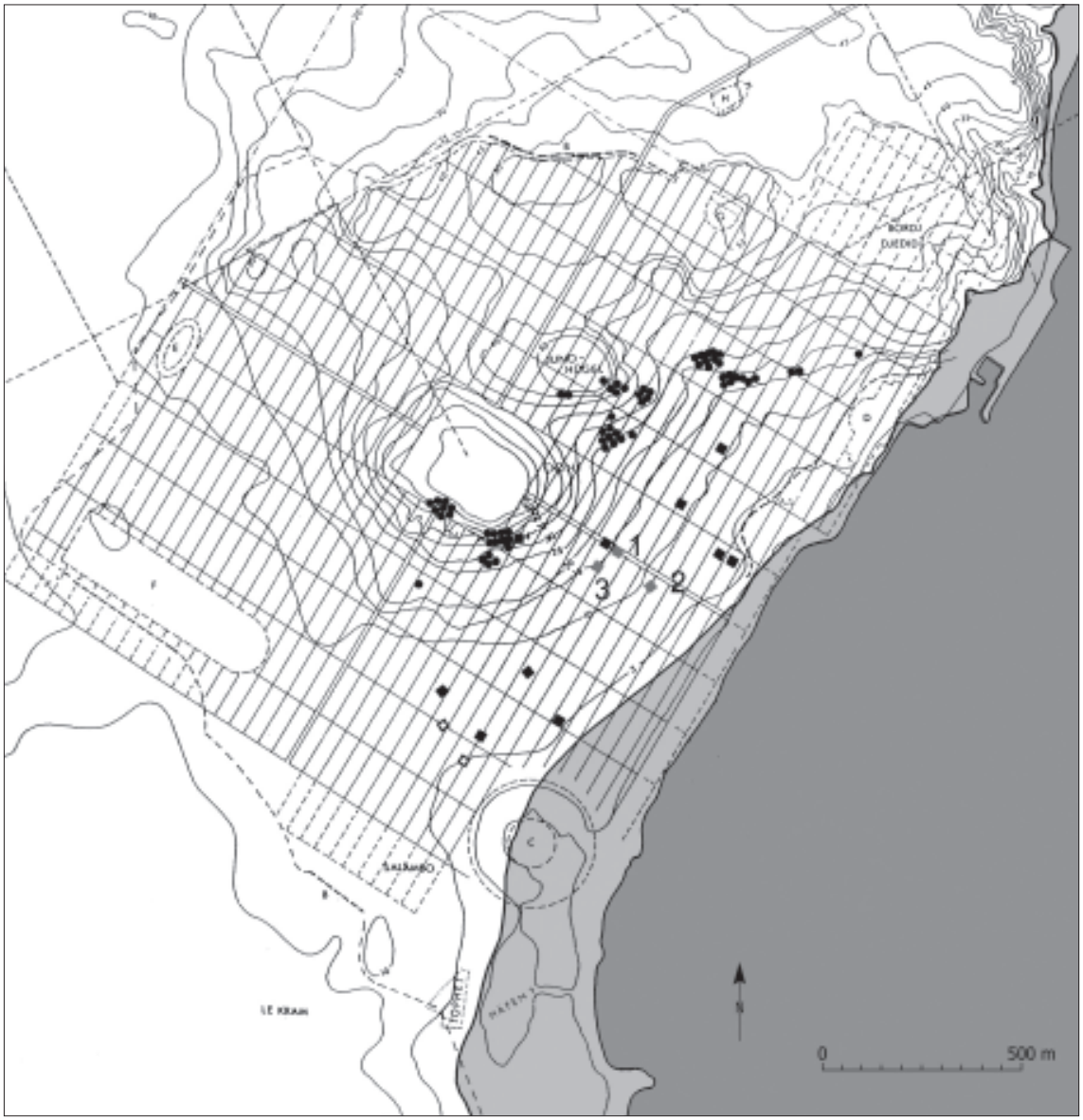


**Fig. 1. Cartago: 1 Decumano máximo y cardo X (Universidad de Hamburgo);
2 Rue Ibn Chabâat (Instituto Arqueológico Alemán de Roma);
3 Bir Massouda (Universidad de Gent y Instituto Nacional de Bienes Culturales de Túnez).
Según F. Rakob, R. Docter, B. Taverniers**

Durante una transformación de la casa 1, que tuvo lugar en los primeros años del siglo VII (estrato IIIa1, 700–675), otro tipo de depósito fundacional fue colocado directamente bajo el pavimento, junto a un muro de separación de ladrillo, entre las habitaciones B y F (fig. 6; 7). Se trata de una botella (fig. 2, 2) que estaba en posición vertical, y falta el cuello. Fue encontrada vacía y tapada con una piedra (fig. 7). A juzgar por la calidad de la arcilla, esta botella de cerámica común fue importada de Levante.[14] La ausencia del cuello parece indicar que en el momento de su colocación ya no contenía la substancia importada originaria, sino que fue elegida por ser un recipiente raro y particularmente preciado, posiblemente para contener un líquido.

14 Tyros (Líbano): Bikai 1978, 13. 33 lám. 5, 1–8. 13. 18; p. 67; Amathus (Limassol, Chipre): Bikai 1987, 27s. nro. 328–333; 68s. lám. 10, 329–332.

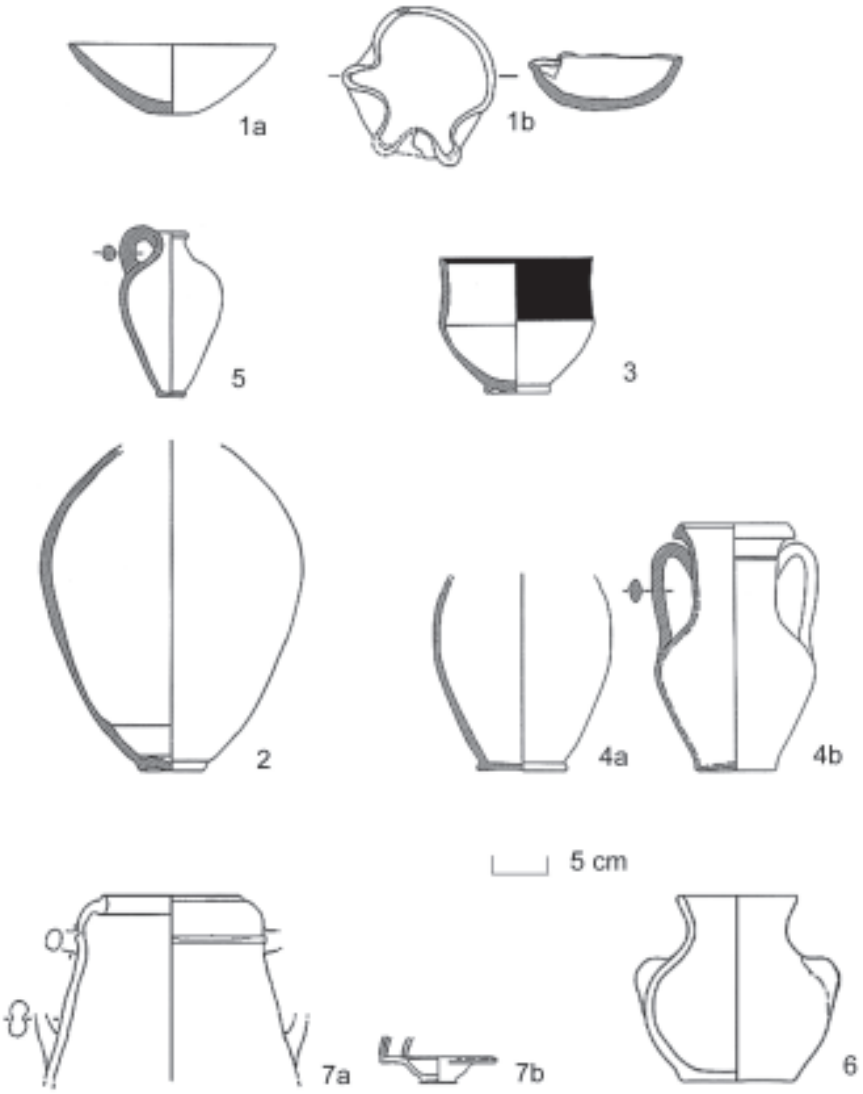


Fig. 2. Recipientes de los depósitos fundacionales: 1a cuenco hecho a mano local, 1b lámpara hecho a mano local, 2 botella de cerámica común levantina, 3 vaso para beber de pintura roja local, 4a jarra de cerámica común local, 4b ánfora de cerámica común local, 5 jarrita de cerámica común levantina (?), 6 recipiente cerrado hecho a mano importado, 7a ánfora de cerámica pintada sardo-púnica, 7b plato de cerámica pintada local

Durante las obras de transformación, en el segundo cuarto del siglo V (480–450), con que se dividió la habitación A en la parte norte de la casa 1, fue depositada una ofrenda votiva (fig. fig. 8; 9). En una nivelación (estrato VIa1), bajo los cimientos de un muro de separación junto a una puerta, se halló un vaso para beber colocado en posición vertical (fig. 2, 3). Está bien conservado, salvo una fractura de época antigua en el borde. El vaso para beber es de producción local y presenta falsa base anular y pintura roja. Se trata de una rara variante más reciente de una forma con engobe rojo bien conocida en Cartago.[15] Probablemente se trataba de un modelo ya pasado de moda, pues a partir del siglo V esta forma de vaso fue adoptada en el repertorio de la cerámica pintada de líneas horizontales.[16]

15 Vegas 1999a, 151s. (forma 15); Peserico 2002, 30 fig. 5; p. 32s. 69s.

16 Vegas 1999a, 152 (form 16); Peserico 2002, 32s.

A comienzos del siglo IV, la habitación E de la casa 1 sufrió una transformación (VIIb1, 390–250). En el relleno del pavimento (VIIb1), sobre un antiguo banco adosado a un muro, se encontraron dos recipientes para líquidos de cerámica común local (fig. 8): un ánfora de base plana completamente conservada, aunque fragmentada, y una jarra, también fragmentada, cuyo cuello falta (fig. 2, 4a.b). El ánfora de mesa es un tipo común en Cartago desde el siglo IV hasta la primera mitad del siglo III.[17] La jarra data posiblemente de la misma época.

Como depósito fundacional puede interpretarse también un hallazgo en otra casa de la excavación de la Universidad de Hamburgo (fig. 8). En el ángulo noroccidental de la habitación U, al pie del muro exterior de la casa 8, en el relleno del pavimento de comienzos del siglo VII (IIIa1, 700–675), se halló una jarrita entera de cerámica común (fig. 2, 5). No es una forma cartaginesa corriente. [18] La boca, con apertura estrecha y labio engrosado, la relaciona con las botellitas importadas del Levante para ungüento y perfume.[19]

En el área próxima a la excavación del decumano máximo y el cardo X, en la Rue Ibn Chabâat (fig. 1), sólo se ha podido indentificar con seguridad un depósito fundacional. Se trata de un recipiente hecho a mano de forma cerrada y completamente conservado (fig. 2, 6). Fue colocada cerca de un muro de la habitación K1, en un espeso relleno para el pavimento del siglo VII (fig. 10; 11). La calidad de la arcilla de esta olla indica que no es un producto local, aunque por el momento no es posible establecer su procedencia. Este tipo de recipiente, normalmente de arcilla local, está documentado en Cartago sólo en el siglo VII y era utilizado para el almacenaje de pequeñas cantidas de alimentos.

El depósito fundacional de Cartago que procede de las excavaciones de la zona Bir Massouda fue hallado recientemente en el 2003 (fig 1).[20] El depósito fue parcialmente destruido por obras de época tardo-púnica y romana, pero puede reconstruirse en parte. Consiste en una cista de losas de piedra, de la que se ha conservado la esquina nororiental y una piedra de la cubierta en el flanco noroccidental (fig. 12). El pavimiento de época púnica media no se ha conservado porque en época tardo-púnica fue sustituido por un pavimento de terrazo. Las medidas interiores de la cista son 85 cm de longitud, 60 cm de anchura y 45 cm de altura. La cista fue colocada en el ángulo suroccidental de una habitación, como indican dos fosas de expolio de época romana, que verosímilmente eliminaron los muros púnicos. El suelo de la cista es rectangular y está cubierto de guijarros. En la sección inferior del relleno rojizo, en posición más bien horizontal, había un pequeño plato lleno de ocre rojo natural y un ánfora de base plana (fig. 2, 7a.b), conservada en su parte superior, de 21 cm de altura y muy fragmentada. Según la datación de los dos recipientes indicado por Babette Bechtold, el depósito fue realizado en la primera mitad del siglo IV. El plato corresponde a una forma de la cerámica pintada local del tipo Vegas 1.3. El ocre rojo está documentado como ofrenda funeraria en varias tumbas cartaginesas y posee un alto valor simbólico. Este pigmento rojo natural proviene con mucha probabilidad de los alrededores de Cartago. El ánfora de base plana está pintada con flores de loto esquemáticas. Es un ánfora de Cerdeña, sin duda obra de un taller de Tharros activo en el siglo IV.[21] La destrución parcial del depósito nos impide conocer el estado de conservación y la posición en que fue depositada el ánfora. En mi opinión, la fractura exacta y horizontal puede indicar que fue intencionalmente fragmentada en su mitad antes de ser depositada, a lo mejor, en posición yaciente[22].

17 Bechthold en: Niemeyer et al. 2007, cat. nro. 2167-2171, subtipo B y C de las ánforas de base plana con borde engrosado, muchos provienen de contextos de la fase VIIb.

18 En la publicación no está indicado un posible orígen levantino. Niemeyer, Rindelaub, Schmidt 1996, 57 Nr. 48. – Ni figura en Cintas 1950, ni en Vegas 1999a y Vegas 1999b.

19 Vegas 1999a, 170–172 (forma 38).

20 Docter, Chelbi, Telmini 2006.

21 Bechtold, en: Docter, Chelbi, Telmini 2006.

22 Como el kalathos ibérico en la cista fundacional de Lixus; H. Bonet Rosado – M. Kbiri Alaoui en: Aranegui Gasco 2001, 61 fig. 7.

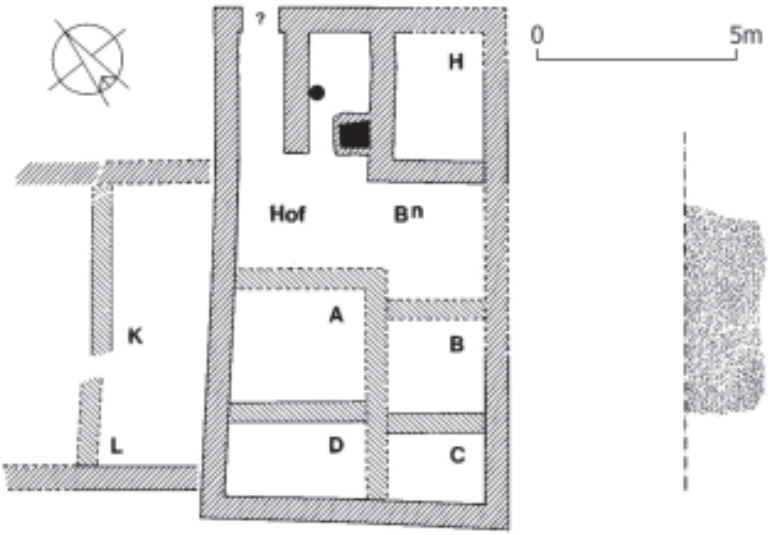


Fig. 3. Decumano máximo y cardo X; casa 1, depósito fundacional en el recinto de pozo, estrato IIb (725-700): cuenco y lámpara (nro. 1a.b)

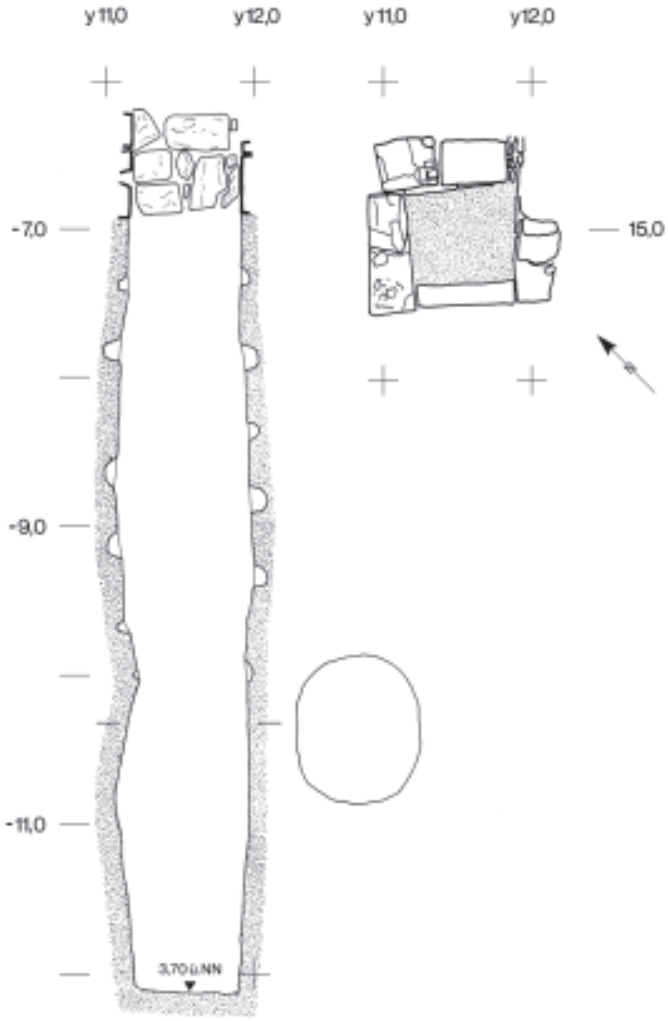


Fig. 4. Decumano máximo y cardo X; pozo

Fig. 5. Decumano máximo y cardo X;
depósito fundacional en el recinto de pozo, fase IIb (725-700): cuenco y lámpara (nro. 1a.b)

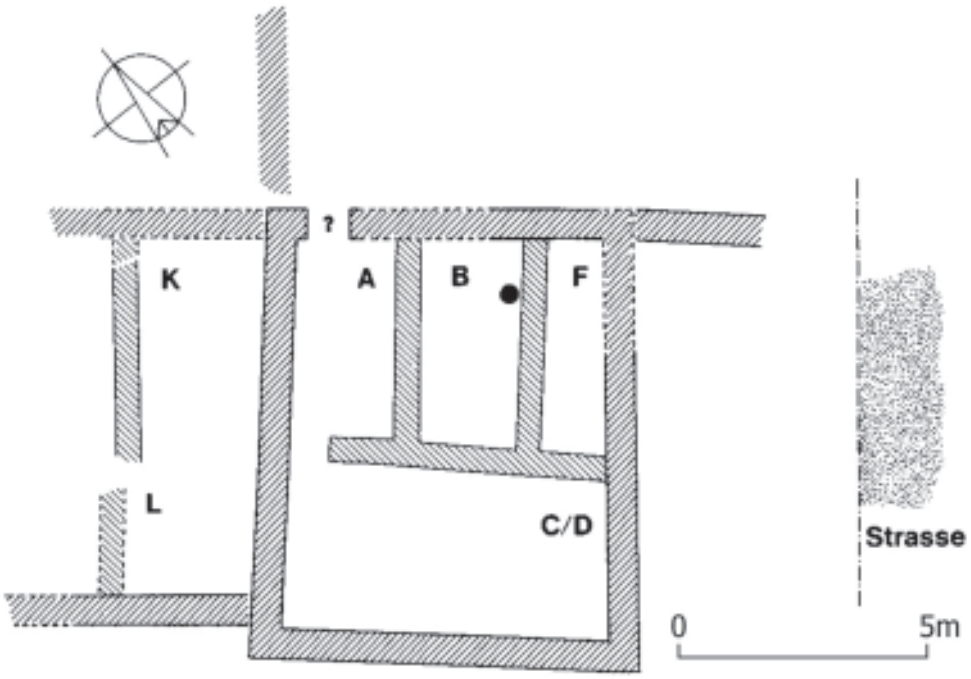


Fig. 6. Decumano máximo y cardo X; casa 1, depósito fundacional, estrato IIIa1 (700-675): botella (nro. 2)

Fig. 7. Decumano máximo y cardo X; depósito fundacional (nro. 2)

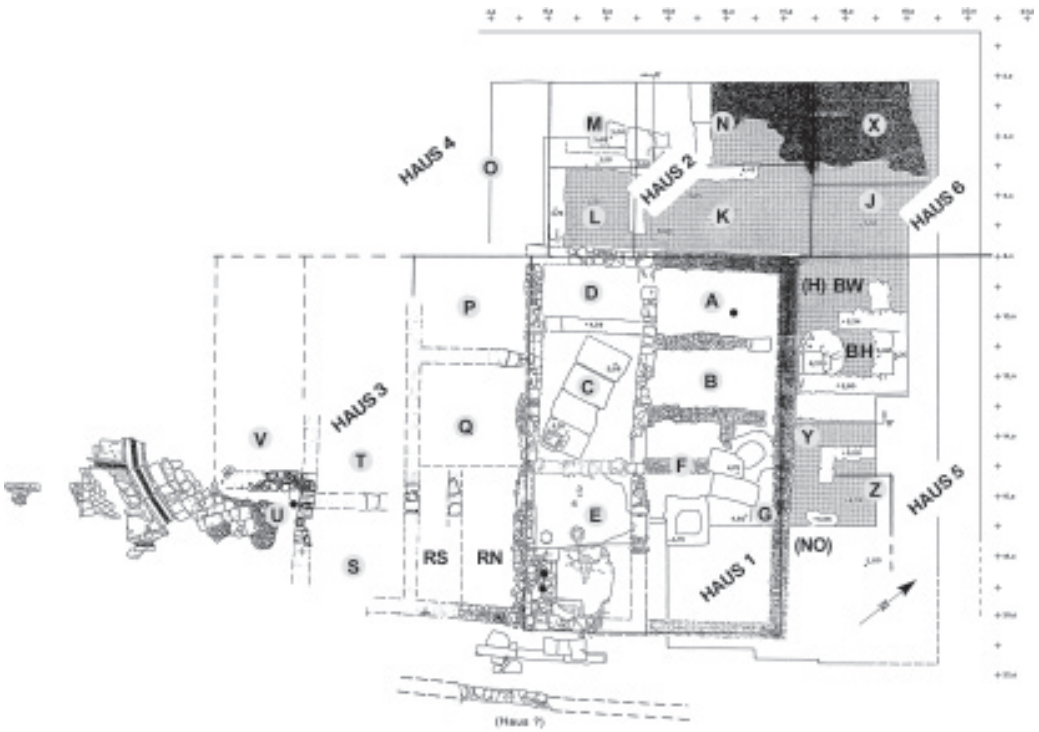


Fig. 8. Decumano máximo y cardo X con los depositos fundacionales: botella (nro. 3, habitación A, estrato VIa1: 480–450), jarra y ánfora de base plana (nro. 4, habitación E, estrato VIIb1: 390–250), jarrita (nro. 5, habitación U, estrato IIIa1: 700–675)

Fig. 9. Decumano máximo y cardo X; casa 1, depósito fundacional: vaso para beber (nro. 3), estrato VIa1 (480–450)

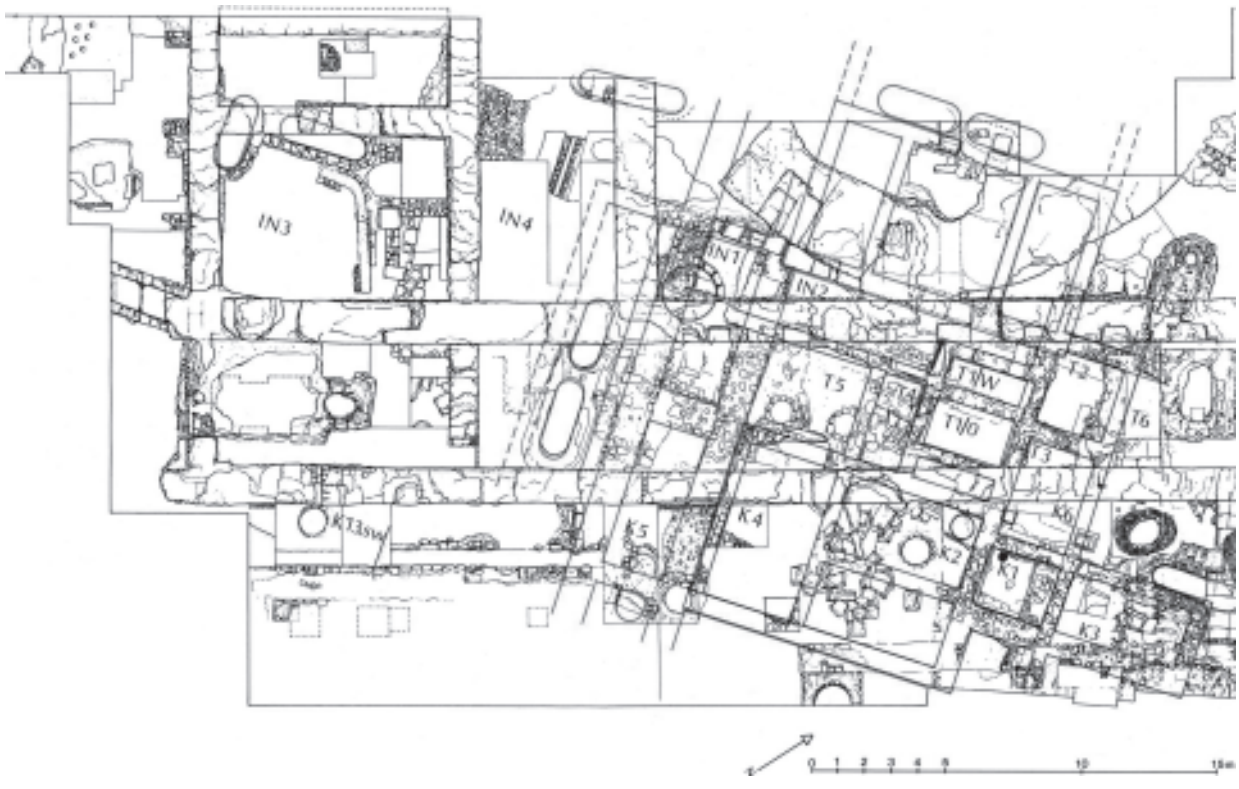


Fig. 10. Rue Ibn Chabâat; depósito fundacional de la habitación K1, s. VII: recipiente cerrado (nro. 6)

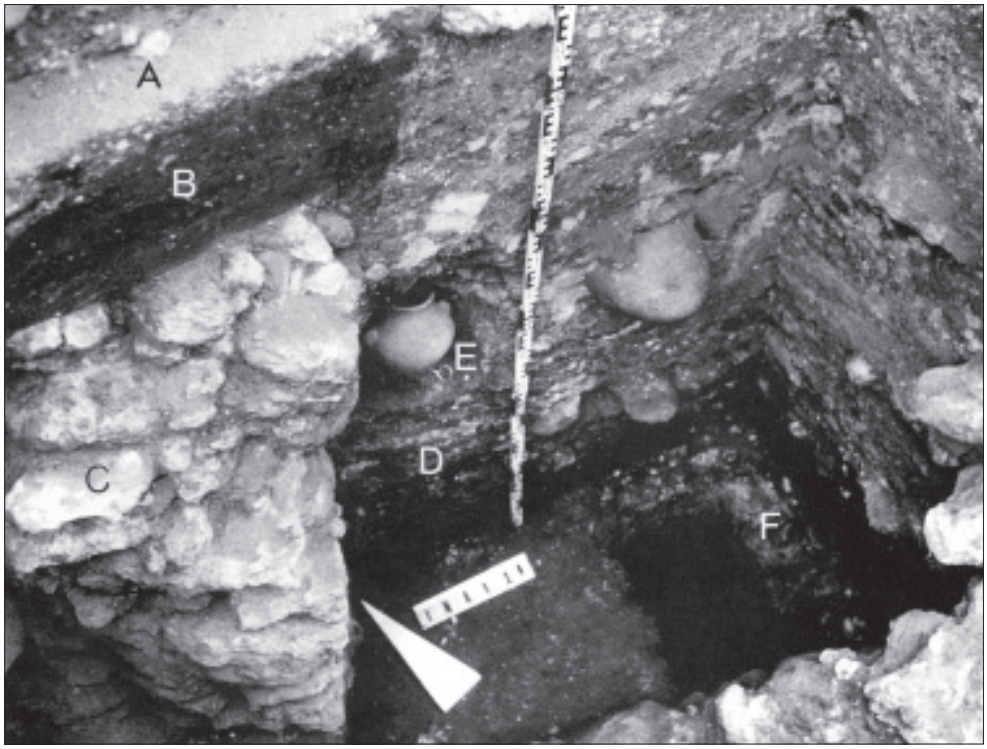


Fig. 11. Rue Ibn Chabâat; depósito fundacional (nro. 6) de la habitación K1

Fig. 12. Bir Massouda; depósito fundacional de cista con ánfora y plato (nro. 7a.b), 400–350

Fig. 13. Bir Massouda; ánfora (nro. 7a)

Todo lo dicho nos permite constatar una serie de características de los depósitos fundacionales de Cartago presentados, datados entre finales del siglo VIII hasta el siglo IV.

Los depósitos fueron colocados con ocasión de transformaciones arquitectónicas importantes, a saber: antes de realizar una nivelación (fig. 2, 1a.b), en el relleno de un pavimento (fig.13, 2. 4a.b. 5. 6. 7a.b) o directamente bajo los cimientos de un muro (fig. 2, 3). Siempre aparecen en las proximidades de un muro, a veces en esquinas (fig. 2, 5) o cerca de una puerta (fig. 2, 3). Los depósitos fundacionales de Cartago proceden todos del interior de viviendas. En un caso se constata una relación con el abastecimiento de agua (fig. 2, 1a.b). Sólo una vez un depósito está protegido por una arquitectura propia, una cista de piedra (fig. 2, 7a.b).

Los depósitos consisten en uno o dos recipientes de cerámica, generalmente puestos en pie. Los recipientes están intactos, aunque parte del borde o el cuello pueden haberse perdido (fig. 2, 2. 3. 4a). En un caso parece haber sido depositado un recipiente que fue intencionadamente fragmentado y puesto en posición horizontal (fig. 2, 7a).

La presencia de importaciones (fig. 2, 2. 5. 6. 7a), de cerámica hecha a mano (fig. 2, 1a.b, 6) y de formas poco comunes (fig. 2, 1b. 2. 5) parece indicar que los recipientes fueron especialmente seleccionados para la ofrenda. El contenido del recipiente parece haber sido parte esencial del depósito. Se constata una ofrenda vegetal quemada (fig. 2, 1a), una ofrenda de pigmento rojo (fig.13, 7b), de ungüento o aromas (fig. 2, 5) y de alimentos sólidos (fig. 2, 3). Varias ofrendas apuntan a libaciones (fig. 2, 2. 3. 4a.b. 7a). No se documentan huesos de animales, es decir: en Cartago no hay indicios de sacrificios cruentos o de banquetes rituales en el contexto de la construcción de un edifício.

Característica de las ofrendas de Cartago es su heterogeneidad. Ésta puede deberse al carácter individual de la ofrenda y/o a la diferente finalidad y/o a las diversas circunstancias en que tuvo lugar el depósito. El destinatario y la intención de estas ofrendas votivas nos son desconocidos. Un motivo verosímil de su colocación en estructuras arquitectónicas fue sin duda el deseo de garantizar un buen término a la construcción y protección al futuro edificio.

Bibliografía

Aranegui Gascó, C. (ed.) (2001) - *Lixus*. Saguntum Extra. 4. Valencia.

Bendala, M. *et al.* (2005) - *Carteia*.

Deneauve, J. (1969) - *Lampes de Carthage*.

Benichou-Safar, H. (1982) - *Les tombes puniques de Carthage*.

Bikai, P. M. (1978) - *The Pottery of Tyre*.

Bikai, P. M. (1987) - *The Phoenician Pottery of Cyprus*.

Lancel, S. (ed.) (1982) - *Mission archéologique française à Carthage. Byrsa II*.

Cintas, P. (1950) - *Céramique punique*.

Docter, R. F.; Chelbi, F.; Telmini, B. M. (2006) - Carthage Bir Massouda: Second preliminary report on the bilateral excavations of Ghent University and the Institut National du Patrimoine (2003–2004). *BABesch*. 81. pp. 1-53.

Mansel, K. (2003) - Zeremonielle und rituelle Handlungen bei Baumaßnahmen. Zu phönizisch-punischen Bauopfern. En Metzner-Nebelsick, C. *et al*. (ed.) *Rituale in der Vorgeschichte, Antike und Gegenwart*. Studien zur Vorderasiatischen, Prähistorischen und Klassischen Archäologie, Ägyptologie, Alten Geschichte, Theologie und Religionswissenschaft, Interdisziplinäre Tagung. Berlin. pp. 129–148.

Mansel, K. (2007) - Bauopfer. En Niemeyer, H. G. *et al*. *Karthago. Die Ergebnisse der Hamburger Grabung unter dem Decumanus Maximus*. pp. 213-217.

Niemeyer, H. G.; Docter, R. F. (1993) - Die Grabung unter dem Decumanus Maximus von Karthago. Vorbericht über die Kampagnen 1986-91. *Römische Mitteilungen*. 100. pp. 201-244.

Niemeyer, H. G.; Docter, R. F. y Rindelaub, A. (1995) - Die Grabungen unter dem Decumanus Maximus von Karthago. Zweiter Vorbericht. *Römische Mitteilungen.* 102. pp. 475-502.

Niemeyer, H. G.; Rindelaub, A. y Schmidt, K. (1996) - *Karthago. Die alte Handelsmetropole am Mittelmeer*. Ausstellungskatalog Hamburger Museum für Archäologie und die Geschichte Harburgs. Helms-Museum.

Niemeyer, H. G.; Docter, R. F. y Schmidt, K. *et al*. (2007) - *Karthago. Die Ergebnisse der Hamburger Grabung unter dem Decumanus Maximus.*

Peserico, A. (2002) - *Die offenen Formen der Red Slip Ware aus Karthago. Untersuchungen zur phönizischen Keramik im westlichen Mittelmeerraum.*

Rakob, F. (1991) - Ein punisches Heiligtum in Karthago und sein römischer Nachfolgebau. Erster Vorbericht. *Römische Mitteilungen*. 98. pp. 33-80.

Rakob, F. (1992) - Neue Ausgrabungen in Karthago. *Antike Welt*. 1992/2. pp. 165–176.

Vegas, M. (1998) - *La cerámica de importación en Cartago durante el periodo arcaico*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 4. Barcelona.

Vegas, M. (1999a) - Phöniko-punische Keramik aus Karthago. In Rakob, F. (ed.) *Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago III*. pp. 93–219.

Vegas, M. (1999b) - Eine archaische Keramikfüllung aus einem Haus am Kardo XIII in Karthago. *Römische Mitteilungen*. 106. pp. 359–43.

UN ALTARE BRUCIAPROFUMI PUNICO DALLA "CASA DEL SACELLO DOMESTICO" (MOZIA)

Federica Spagnoli

Università degli Studi di Roma "La Sapienza"

Riassunto

Le recenti indagini archeologiche effettuate dalla Missione Archeologica a Mozia dell'Università di Roma "Sapienza" presso la Zona D, situata alle pendici occidentali dell'acropoli, hanno portato alla luce un piccolo altare/bruciaprofumi appartenente ad una tipologia ben attestata sia nell'occidente punico che in Fenicia. L'analisi del contesto di rinvenimento di tale reperto fornisce interessanti spunti per l'approfondimento degli aspetti cultuali legati a questo tipo di installazioni.

Abstract

Recent Excavations at Motya by "Sapienza" - University of Rome to the western slope of the Acropolis (Area D, "House of the domestic shrine") have brought to light a small altar/incense burner which illustrates a well attested typology of domestic cult devices of Phoenician-Punic tradition. The context of the cult installation provides some interesting hints at its religious utilizations.

Le campagne di scavo effettuate continuativamente negli anni 2002-2005 a Mozia dall'Università di Roma "La Sapienza" sotto la direzione del Prof. Lorenzo Nigro[1], nell'area denominata Zona D, alle pendici occidentali dell'Acropoli (fig. 1), hanno portato alla luce un vasto edificio interpretato come una residenza aristocratica in uso nell'ultimo decennio del V secolo a.C. (fig. 2), dato alle fiamme durante la distruzione dionigiana del 397/6 a.C. Proprio questa evenienza storico-archeologica ha fatto sì che gli oggetti e gli arredi in uso al momento del saccheggio siracusano siano rimasti conservati nello strato di crollo che si estendeva su tutte le rovine dell'edificio. La residenza, denominata "Casa del sacello domestico" per via di un interessante ritrovamento effettuato al suo interno, si articola attorno ad una corte rettangolare ed ha l'ingresso in un angolo, aperto su una strada che discende dall'acropoli nella città bassa, non lontano dal Kothon[2].

Dall'ampio portale, segnato da una soglia in blocchi di calcarenite, sotto la quale era un deposito di fondazione costituito da un'olpetta in ceramica comune (fig. 3)[3], si accedeva ad un'ampia sala d'ingresso con banchine e sedili in mattoni crudi intervallate da pilastri portanti e un fine pavimento in marna calcarea pressata e argilla (fig. 4). Già nella prima campagna di scavi era stato notato l'elevato status del proprietario della "Casa del sacello domestico", segnalato dal rinvenimento, proprio in questa sala, di alcuni vasi a figure rosse in frammenti, come due crateri, uno dei quali a campana di produzione siceliota attribuito al Pittore di Meleagro o ai ceramografi della sua cerchia e quindi ascrivibile alla fine del V o agli inizi del IV secolo a.C. (fig. 5)[4], e uno skyphos a vernice nera (fig. 6)[5]. Dalla sala d'ingresso si passava ad un vestibolo con funzioni di ambiente di distribuzione dal quale si accedeva rispettivamente ad ovest ad un magazzino nel quale sono state rinvenute numerose anfore puniche, e a nord ad un piccolo ambiente (L.300) caratterizzato dalla presenza di alcune installazioni di carattere cultuale (fig. 7): un arredo fittile conformato a capitello eolico[6], un'arula in terracotta[7], un astragalo, una grappa in ferro e una moneta[8] interpretabili come offerta votiva, una coppetta miniaturistica a vernice nera[9], una coppetta in ceramica comune punica e un incensiere frammentario[10]; di fronte era collocato un apprestamento semicircolare in argilla con evidenti tracce di bruciato all'interno[11]. Su un piano rialzato rispetto al sacello era un bagno del quale si conservano, oltre alla pavimentazione, il rivestimento parietale in intonaco idraulico rosso, la vasca in argilla a *sabot* e due anfore puniche originariamente ad essa appoggiate (fig 8.)[12]. Sempre dallo stesso vestibolo si accedeva ad est alla corte centrale, sulla quale presumibilmente si affacciavano una serie di ballatoi del piano superiore (è stato infatti identificato il vano cieco che ospitava la scala per il piano superiore)[13].

1 Desidero ringraziare il Professor Lorenzo Nigro, Direttore della Missione Archeologica a Mozia, per avermi affidato lo studio e la pubblicazione del reperto e del suo contesto di rinvenimento, oggetto di questo studio.

2 Nigro, 2003, p. 89-93; Nigro, 2004a, p. 143, fig. 3.1.

3 Nigro, 2004a, p. 167, figg. 3.20-21, tavv. LXIII, LXXXVII.

4 MD.02.216/31: Nigro, 2004a, p. 344-346, tavv. XCI-XCII.

5 MD.02.206/9: Nigro, 2004a, tav. XCIV.

6 Nigro, 2001-2003, p. 567-570; Nigro, 2004a, p. 201-204, MD.02.69, tavv. LV-LVIII.

7 Nigro, 2004a, MD.02.73: arula in terracotta di forma rettangolare con doppia cornice in alto e in basso, cava all'interno: altezza 0,154 m, base 0,288 x 0,158 m; spessore 0,28 m; Nigro, 2004a, tav. LI.

8 Nigro, 2004a, MD.02.72, tav. LII (astragalo); MD.02.42, tav. XLVII (grappa); MD.02.62, tav. XLVII (moneta).

9 Nigro, 2004a, MD.02.227/7, tavv. LXXIX, XCVI.

10 Nigro, 2004a, MD.02.227/2; nota 111, MD.02.281/1.

11 Nigro, 2004a, p. 200-202, B.234, tavv. LI, LV-LVIII.

12 Nigro, 2004a, p. 205, fig. 3.59, tav. LIII.

13 Nigro, 2004a, p. 211.

Fig. 1. Mozia, Acropoli: collocazione della zona D-"Casa del sacello domestico" e delle zone C-Kothon e F-Porta Ovest, indagate dalla Missione Archeologica dell'Università di Roma "La Sapienza"

Fig. 2. Pianta dettagliata della "Casa del sacello domestico", zona D

Fig. 3. Olpetta in ceramica comune MD.02.277/1 (Nigro, 2004a, tav. LXXXVII)

Fig. 4. "Casa del sacello domestico", da ovest: in primo piano, soglia e sala di ingresso con pavimento in marna calcarea pressata e argilla

Fig. 5. cratere a figure rosse, Pittore di Meleagro (Nigro, 2004a, p. 344, tav. XCII)

Fig. 6. skyphos a figure rosse MD.02.206/9 (Nigro, 2004a, tav. XCIV)

Fig. 7. oggetti cultuali e votivi dal sacello domestico L.300 (Nigro, 2004a), tav. LI

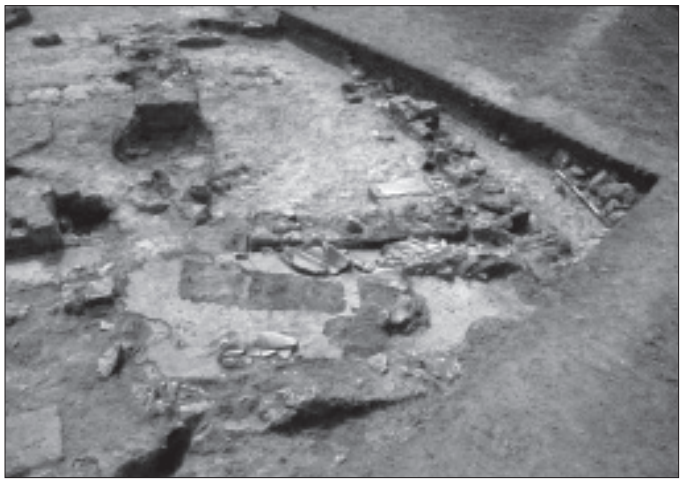


Fig. 8. sulla sinistra, il sacello domestico L.300; in primo piano il bagno L.264; sul pavimento, frammenti di anfora e l'orlo della vasca a sabot. Da nord

I lati orientale e meridionale della corte davano accesso rispettivamente alle sale di rappresentanza e al settore privato dell'abitazione: ad est si apriva una sala da ricevimento con ampio ingresso porticato e pavimentazione in intonaco calcareo, fiancheggiata da una cucina a cielo aperto con un forno all'interno, a sua volta adiacente ad un ambiente con funzioni probabilmente di servizio analoghe, tuttora in corso di scavo (fig. 9).

Nella stanza, denominata L.1044, che si apre nell'angolo sud-orientale della corte (fig. 10), sono stati effettuati, nel corso della campagna di scavi del 2003, degli interessanti ritrovamenti, tra i quali l'altare bruciaprofumi oggetto di questo studio.

L'ambiente in questione era coperto da uno spesso strato di crollo (US.1034) composto da mattoni crudi e carboni, risultanti dalla violenta conflagrazione che distrusse l'edificio. Tale strato aveva sigillato, schiacciandoli sul pavimento, gli oggetti e gli utensili presenti nella stanza al momento dell'incendio, insieme a quelli conservati nel piano superiore, rinvenuti, infatti, più in alto nello stesso strato di crollo (fig. 11). L'utensile principale rinvenuto in L.1044 era un telaio ligneo verticale da tessitura (fig.12), di cui rimaneva chiara impronta sul pavimento nella parte occidentale, e resti carbonizzati in quella orientale; vicino, un'anfora punica conteneva i pesi del telaio, 37 in totale, ritrovati sia dentro l'anfora che davanti al contenitore schiacciato (fig.13). Nell'angolo sud orientale dello stesso ambiente erano invece numerosi vasi a vernice nera di produzione attica e siceliota, soprattutto *skyphoi* e coppette, nonché alcuni frammenti di ceramica acroma di produzione siceliota, *olpai* e brocchette (fig. 14).

L'altare bruciaprofumi MD.03.330 era coricato su un lato al centro della stanza. Si tratta di un arredo cultuale realizzato da un blocchetto di calcarenite alto circa 0,19 m, con base quadrata (0,14 x 0,18 m) e fusto troncoconico, che presenta un listello centrale sormontato da una cornice a gola egizia e un incavo circolare del diametro di 0,084 m ricavato nella superficie superiore (fig. 15). È interessante segnalare il rinvenimento, nelle immediate vicinanze dell'altare, delle braccia di una statua in terracotta (MD.03.338, figg. 16, 18) di grandezza circa 1:3 del vero, con tracce di rivestimento in foglia d'oro (fig. 17)[14], che potrebbe lasciar supporre la presenza di una statuetta cultuale associata al bruciaprofumi, in maniera analoga a quanto raffigurato in alcune stele[15]. Sul significato della collocazione di un altare-bruciaprofumi in un ambiente utilizzato evidentemente la tessitura (data la presenza di un telaio e dei relativi pesetti), si dirà in seguito.

L'altare bruciaprofumi rinvenuto a Mozia si inscrive perfettamente in una tradizione religiosa e cultuale di ambito quasi esclusivamente funerario che vede oggetti di questo tipo ampiamente diffusi nel mondo fenicio orientale e in quello punico come installazioni indipendenti o come elementi compostivi o decorativi nelle stele, e in elementi architettonici pertinenti alla sfera funeraria[16]; le basi-sostegno di idoli/simboli religiosi e i sostegni delle stele a edicola o dei cippi trono, rappresentati nelle stele fenicie[17] e in quelle puniche, rinvenute nei tofet e nelle necropoli, hanno una conformazione simile ma una funzione e diversa[18], simbolica questi ultimi, cultuale e rituale gli altri, e pertanto sono escluse dal presente studio. Ugualmente, gli altarini rinvenuti nelle necropoli sarde inseriti nel tetto a doppio spiovente delle tombe[19], per i quali si può soltanto ipotizzare una effettiva utilizzazione nell'ambito dei rituali funerari di sepoltura e in onore dei

14 Nigro, 2004b, p. 87, fig. 11.

15 Bisi, 1967, tav. LVIII, 1; Moscati; Uberti, 1981, tav. CLXXXV, 1010.

16 Nell'affrontare questo argomento non si può prescindere dai preziosi studi effettuati da Giovanni Tore, che ha realizzato una tipologia degli "altarini bruciaprofumi" (tipo D e sottotipi, 1 a/b, 2 a/b), considerati cippi a livello morfologico, altarini a livello funzionale: Tore, 1989, p. 109-110; Tore, 1992, p. 181.

17 Stele a *naìskos*, Sidone: Aimé-Giron, 1934, tavv. I-II.

18 Tore, 1973, p. 92, nota 75.

19 Tore, 1973, tav. XXVI; Tore, 1992, p. 179-180, nota 9.

Fig. 9. sala da pranzo e cucina con forno, da est

Fig. 10. pianta dell'ambiente L.1044

defunti[20], non verranno trattati[21].

I bruciaprofumi a gola egizia rinvenuti in contesti sacri o relativi ad un ambito funerario, molto diffusi in tutto il mondo punico tra il VI e il II secolo a.C., identificati dal loro ruolo funzionale per presenza di una apposita cavità nella parte sommitale, possono definirsi "altari di medie e piccole dimensioni, generalmente a basamento troncopiramidale e con modanature nella parte superiore, con apposito spazio alla sommità destinato a rituali funerari"[22], collocati generalmente nelle necropoli, all'interno della tomba o all'esterno, vicino all'ingresso[23], o nei tofet, e potevano essere "a tutto tondo" o addossati alla parete (in questo caso erano lavorati soltanto su tre lati, e il quarto, quello appoggiato al muro, rimaneva appena sbozzato)[24].

Fig. 11. lo scavo del crollo che ricopriva L.1044: il rinvenimento dell'altare bruciaprofumi

Fig. 12. l'impronta del telaio sul pavimento di L.1044. Da sud ovest

20 Nell'area levantina è possibile trovare queste installazioni sui tetti delle abitazioni, dove erano verosimilmente utilizzate per l'offerta di sostanze aromatiche o incenso. Un altare bruciaprofumi rinvenuto ad Ascalona è realizzato in pietra calcarea, ha base quadrata, fusto liscio, cornice aggettante, vasca scavata nella superficie superiore ed è privo di corna (VII sec. a.C.): Stager, 1996, p. 66, fig. 8.

21 Nelle stele puniche la stessa tipologia di altari bruciaprofumi è rappresentata a rilievo, nel campo figurativo centrale o nella nicchia, dove queste installazioni sono rappresentate nel loro uso come altari indipendenti nel culto, a fianco del personaggio raffigurato; nei cippi e nei cippi-trono i bruciaprofumi sono realizzati a tuttotondo o con un solo lato, quello posteriore, legato ai braccioli che fiancheggiano il simbolo religioso, generalmente l'idolo a bottiglia: in entrambi i casi hanno base quadrata, fusto parallelepipedo leggermente rastremato, toro e corpo superiore conformato a gola egizia con aggiunta, in qualche caso, di una ulteriore vasca rialzata collocata all'interno di tale incavo: Bisi, 1967, fig. 9, tav. XVIII, 1; fig. 10.

22 G. Tore individua due tipologie di altari bruciaprofumi, delle quali la prima (D.1) comprende altari costituiti da un solo elemento, la seconda (D.1/a) arredi con modanatura semplice o multipla: Tore, 1999, p. 417-418.

23 Tore, 1999, p. 418.

24 Si vuole ricordare, in generale, che le varianti morfologiche degli altari bruciaprofumi "a tuttotondo" o rappresentati a rilievo sulle stele, sono molteplici e non sempre attribuibili ad una cronologia differente, ad una diversa funzione all'interno del culto o ad ambiti culturali regionali diversi, e che le tre classi sopra enunciate sono categorie dai confini sfumati e assolutamente permeabili; tuttavia si tenterà, prendendo in esame alcuni degli esempi più significativi, di operare una distinzione funzionale di massima che tenga conto di questi fattori e che, proprio in virtù delle numerose varianti, consideri che molto spesso la diversa realizzazione dei manufatti non dipende da una intenzionale volontà di differenziare l'oggetto ma dall'abilità e dal gusto dell'artigiano: Tore, 1989, p. 109-110; Tore, 1992, p. 180.

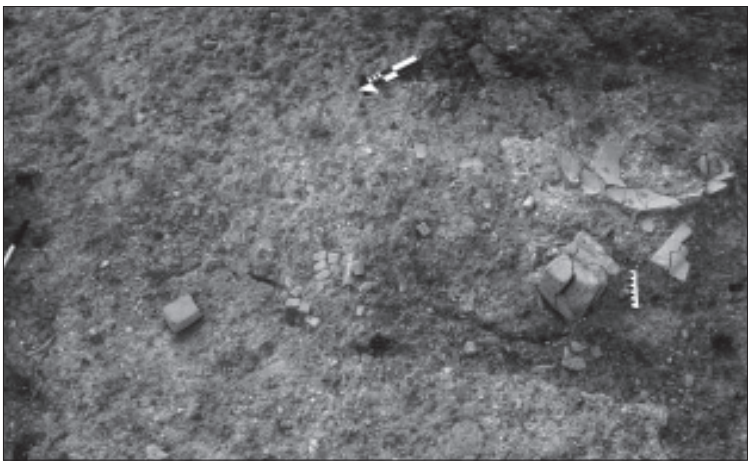


Fig. 13. anfora punica e pesi da telaio, originariamente in essa contenuti, schiacciati sul pavimento di L.1044

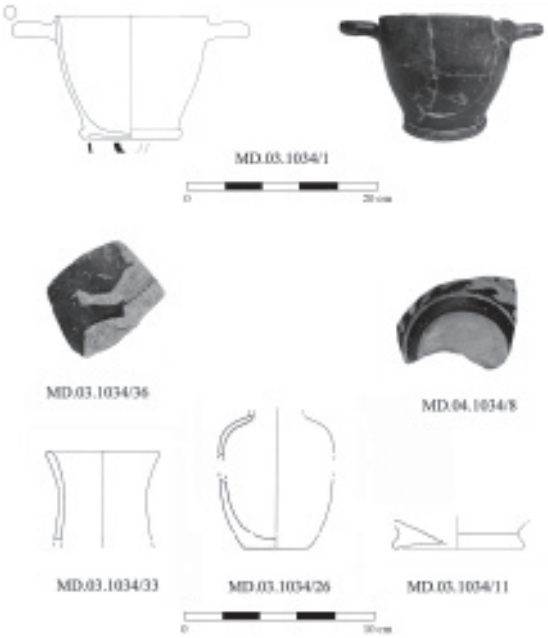


Fig. 14. ceramica a vernice nera, a figure rosse e in ceramica comune dall'ambiente L.1044 (US.1034)

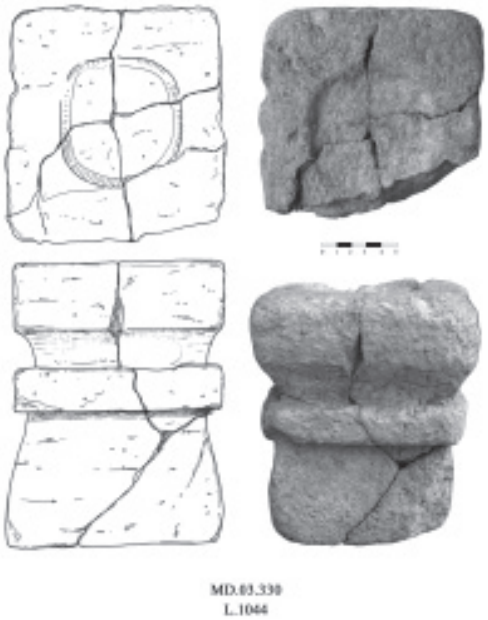


Fig. 15. Altare bruciaprofumi MD.03.330, "Casa del sacello domestico" Zona D, Mozia

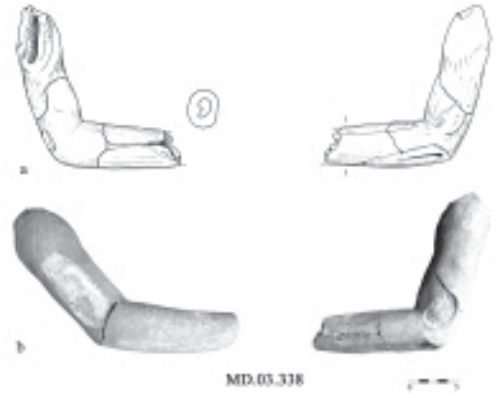


Fig. 16. Braccia in terracotta originariamente rivestite in foglia d'oro MD.03.14 rinvenute in L.1044

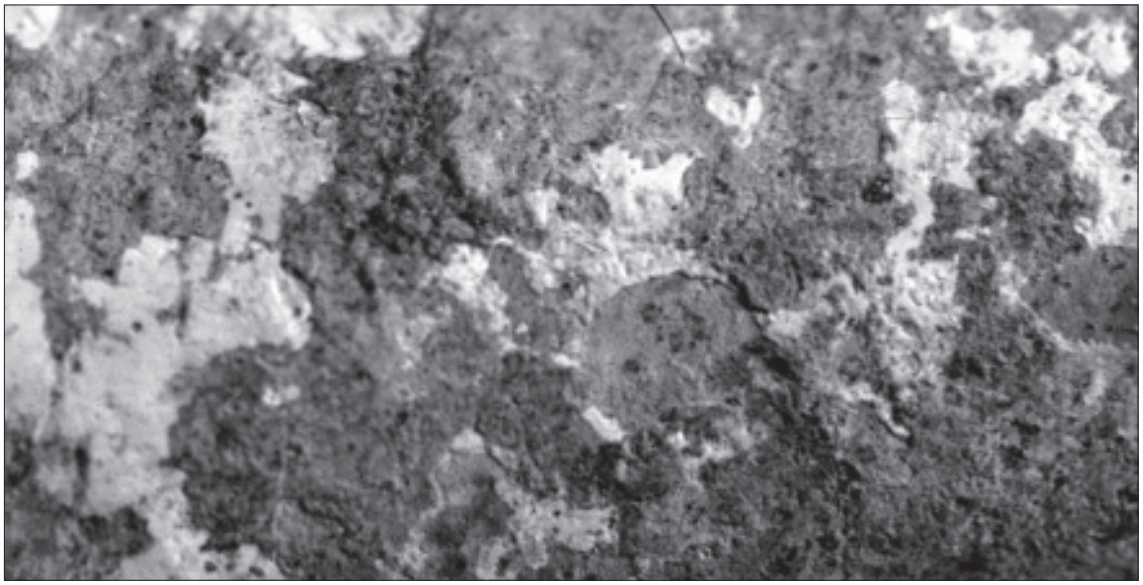


Fig. 17. Particolare del rivestimento in foglia d'oro

Fig. 18. oggetti rinvenuti schiacciati sul pavimento di L.1044.
I chiodi in bronzo sono pertinenti al telaio originariamente collocato al centro della stanza

All'interno di questa classe di arredi cultuali così frequentemente attestata nei contesti sopra descritti, quello rinvenuto nella "Casa" di Mozia costituisce l'unico esempio finora noto di installazione adibita al culto privato e rinvenuta all'interno di una abitazione, ascrivibile al V sec. a.C.: il tipo di arula domestica più frequentemente attestato nell'isola, infatti, anche all'interno della "Casa del sacello domestico" stessa, tra gli oggetti di culto del sacello domestico L.300[25], è quello di tradizione siceliota a base rettangolare, fusto parallelepipedo con doppia cornice, in alto e in basso, incavo sulla superficie superiore e raffigurazioni a rilievo sulla faccia anteriore, queste due ultime caratteristiche non sempre presenti[26].

25 Nigro, 2004a, p. 200-201.

26 Famà, 1989, p. 81-82; Belvedere, 1982, p. 67-68.

A Mozia altari bruciaprofumi a gola egizia sono presenti nel tofet sia come installazioni cultuali indipendenti[27], sia come basi-sostegno di un oggetto di culto (fig. 19): in quest'ultimo caso la superficie superiore è forata da un incasso rettangolare[28], verosimilmente concepito per l'incastro di un betilo o di un idolo a bottiglia, come suggeriscono reperti di tipologia affine rinvenuti nel tophet di Cartagine[29]. Queste installazioni possono essere datate al VI secolo a.C.[30].

Altarini a gola egizia sono attestati anche nella necropoli punica di Palermo: dagli scavi eseguiti negli anni 1953-54 da Jole Bovio Marconi e pubblicati da Ida Tamburello nel 1967[31] provengono tre installazioni cultuali (figg. 20-22) a base troncoconica, cornice aggettante e gola egizia, due delle quali hanno la variante della doppia modanatura superiore: il primo altare bruciaprofumi (fig. 20) è datato al VI-V sec. a.C., in base ai materiali rinvenuti nella Tomba 63 cui apparteneva[32], mentre gli altri due costituirebbero esempi più tardi della stessa tipologia: uno di questi[33] (fig. 21) è stato rinvenuto all'esterno della Tomba 185 priva di corredo, ed è dunque di datazione incerta, ma ascrivibile, in base al confronto con un altro rinvenuto nella stessa necropoli di cui parla la Bovio Marconi[34], al III sec. a.C, l'altro[35] (fig. 22) è quasi certamente più tardo, perché pertinente, secondo la Tamburello, al periodo di reimpiego della Tomba 269, quindi alla seconda metà del III sec. a.C. Gli scavi condotti nelle necropoli palermitane negli anni '70 e '80 hanno portato al rinvenimento di otto altri altari bruciaprofumi, realizzati, come quelli precedentemente descritti, in calcarenite locale e appartenenti alla stessa tipologia[36].

La celebrazione di culti praticati in ambito domestico, espressione di una religiosità vissuta nel chiuso dell'intimità familiare, è attestata a Solunto dal rinvenimento di questa categoria di reperti all'interno delle abitazioni di età ellenistica e romana: i piccoli altarini bruciaprofumi in calcare stuccato, di dimensioni minuscole e di forme decorative assai semplificate, provengono dalle abitazioni di età ellenistica, dove sono attestati sia il più comune tipo circolare[37], sia quello

27 Moscati; Uberti, 1981, p. 32-33, nn. 1013, 1014, tav. CLXXXVI.

28 Mozia, tofet, strato IV, muro T2, n. inv. S281, calcarenite; altezza: 0,22 m; larghezza: 0,32 m, spessore: 0,20 m; base rettangolare sagomata a plinto sormontato da gola egizia su listello a sezione rettangolare. Sulla superficie superiore, foro rettangolare d'incastro (0,07 x 0,06 x 0,085 m). Integro. Datazione: metà VI-V sec. a.C.: Ciasca, 1970, 79-80; Moscati; Uberti, 1981, p. 32-33, n. 1012, tav. CLXXXVI.

29 Bartoloni, 1986, n. 30, tav. VIII; anche a Nora (Sardegna) è attestata una base modanata con incasso superiore: Moscati-Uberti, 1970, n. 83, tav. XLII. Nel caso specifico della base rinvenuta nel tofet di Mozia, l'incavo sulla superficie superiore potrebbe essere funzionale (date la forma e le dimensioni) all'incasso di una vaschetta metallica: in questo caso si tratterebbe di un altare bruciaprofumi simile a quelli rappresentati davanti ai braccioli nei cippi-trono.

30 Ciasca, 1970, p. 79-80.

31 Tamburello, 1967, p. 362, nota 2, fig. 21.

32 Tomba 63, a camera, necropoli di Palermo (saggio VI, 2-XI-1953), S1, n. inv. 33797, calcarenite; altezza: 0,355 m; base inferiore: 0,22 x 0,17 m; base superiore: 0,145 x 0,14 m; base rettangolare, fusto rastremato, doppia gola egizia, incavo nella superficie superiore. La parte inferiore era probabilmente interrata. La superficie superiore presenta delle macchie scure, forse tracce di bruciato. All'altare bruciaprofumi era associato un corredo ceramico arcaico. Datazione: VI-V sec. a.C.: Tamburello, 1967, p. 362, nota 2, p. 372, fig. 21,a.

33 Tomba 185 (vuota), a camera, necropoli di Palermo (saggio XVIII, 3-XII-1953), S10, n. inv. 2875, calcarenite; altezza: 0,445 m; parte inferiore cubica, con base sottostante aggettante 0,003 m circa, originariamente interrata, doppia gola egizia e incavo profondo sulla superficie superiore. Parte posteriore non lavorata. Abraso. Datazione: III sec. a.C.: Tamburello, 1967, p. 362, nota 2, p. 372, fig. 21,c.

34 Forse si tratta dell'altare n. cat. 132, privo di contrassegni ma presumibilmente riferibile allo stesso contesto dei precedenti: Tore, 1999, p. 417.

35 Tomba 269, a camera, necropoli di Palermo (saggio XIX, 19-V-1954), S2, n. inv. 33798, calcarenite; altezza: 0,245 m; base inferiore: 0,08 x 0,10 m; base superiore: 0,11 x 0,13 m; base rettangolare, fusto rastremato verso il basso, doppia gola egizia, incavo nella superficie superiore. Abraso e rotto nella parte inferiore. Datazione: III sec. a.C.: Tamburello, 1967, p. 362, nota 2, p. 372, fig. 21,b.

36 Tore, 1999, p. 422-423, figg. p. 427.

37 Hvidberg-Hansen, 1984, p. 25-48.

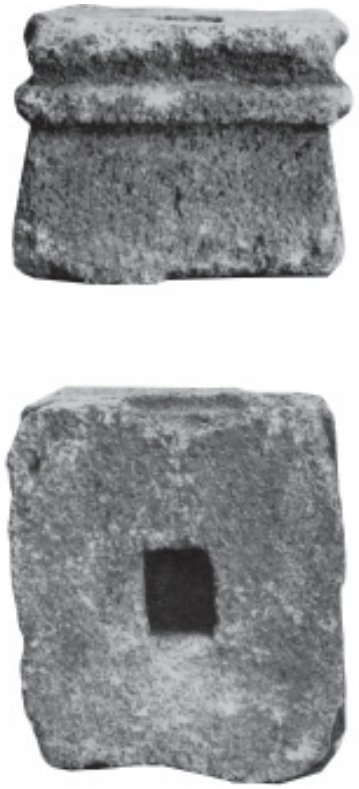


Fig. 19. Base-sostegno (n. 1012) rinvenuta nel tofet di Mozia (Moscati; Uberti, 1981, tav. CLXXXVI)

Fig. 20. Altare bruciaprofumi dalla tomba 63, necropoli di Palermo (Tamburello, 1967, fig. 21,a)

Fig. 21. Altare bruciaprofumi dalla tomba 185, necropoli di Palermo (Tamburello, 1967, fig. 21,c)

Fig. 22. Altare bruciaprofumi dalla tomba 269, necropoli di Palermo (Tamburello, 1967, fig. 21,b)

quadrato, che riprende il modello di altare-bruciaprofumi a gola egizia (fig. 23)[38]. Gli scavi alla necropoli di Solunto testimoniano, tuttavia, un utilizzo e una diffusione di queste installazioni, pur se in ambito funerario, anche più antichi (fig. 24)[39].

Numerose sono le attestazioni di questa tipologia in Africa del Nord: dalla Corte II del Santuario di Kerkouane proviene l'"altare egittizzante"(fig. 25)[40] realizzato in pietra calcarea, di dimensioni simili a quello della "Casa del sacello domestico"di Mozia, ed esposto al museo di Kerkouane[41], mentre un bruciaprofumi esposto al Museo di Cartagine (fig. 26) presenta una doppia gola egizia e vasca rialzata, proviene dalla tomba L.13 della necropoli di Byrsa e può essere datato, in base ai materiali del corredo funerario di cui era parte, all'inizio del VI sec. a.C.[42].

La tipologia dell'altare bruciaprofumi con toro e gola egizia è ancor più largamente attestata nel tofet di Cartagine: qui gli altari rinvenuti hanno un'altezza variabile compresa tra 0,5 m e 1 m, base generalmente quadrata, fusto alto e stretto, toro e parte superiore diversamente articolata, con gola egizia doppia o tripla, con o senza *pyramidion*, o con sponde laterali rialzate (figg. 27-29).[43]

Il panorama sardo offre molte attestazioni della stessa tipologia nei tofet e nelle necropoli[44], dove, come accennato in precedenza, tali installazioni erano presenti anche come parte (inserita ad incastro) del tetto a doppio spiovente che ricopriva le tombe a camera[45]. A Nora, a Tharros e nelle necropoli del cagliaritano si hanno alcuni esempi di altari bruciaprofumi a toro e gola egizia di dimensioni ridotte rispetto a quelli sopra mostrati dal tofet di Cartagine, e analoghe a quelle del bruciaprofumi della "Casa" di Mozia. L'esemplare in pietra tenera proveniente da Nora (fig. 30), rinvenuto nel pozzo del "Tempio della Dea", il *c.d.* tempio di Tanit nel corso degli scavi G. Pesce,

38 Altare bruciaprofumi (II-I sec. a.C.) a fusto parallelepipedo in calcare ricoperto di stucco bianco, cornice e parte superiore "con sponde" rialzate, al centro delle quali vi sono evidenti tracce di bruciato. La forma è del tutto simile a quella dell'altare con sponde conservato al Museo Archeologico Nazionale Baglio Anselmi di Marsala (TR) di provenienza incerta, ma che può essere attribuito al II sec. a.C.: Spagnoli, 2003, p. 169, nota 8, fig. 5.

39 All'interno dell'Antiquarium del sito è infatti esposto un altare bruciaprofumi con fusto parallelepipedo, privo di cornice, doppia gola egizia e vasca scolpita nella superficie superiore, proveniente dalla necropoli e ascrivibile al V-IV sec. a.C.

40 Per la presenza di installazioni simili in Egitto a partire dal IV-III sec. a.C.: Soukiassian, G.(1983) - Les autels 'à cornes' ou 'à acrotères' en Egypte. *BIFAO* 83, p. 317-333, figg. 16-22.

41 Kerkouane, Santuario; calcare tenero; base quadrata: 0,14 m (inf); 0,128 m (sup); altezza complessiva: 0,221 m; altezza fusto: 0,107 m; installazione composta da un supporto troncopiramidale a base quadrata, listello a sezione rettangolare e gola egizia soprastante. Frammentario. Datazione: IV-III sec. a.C.: Fantar, 1986, p. 184; pl. XCVI.

42 Cartagine, necropoli di Byrsa, tomba L.13; altezza: circa 0,15 m; altarino bruciaprofumi a base rettangolare, fusto rastremato verso l'alto, toro e doppia gola egizia. Sulla superficie superiore, vasca con incavo rettangolare, all'interno della quale sono visibili tracce di bruciato. Angolo del toro e vasca superiore danneggiati. Abraso. Datazione: inizio VI sec. a.C.: Lancel, 1986, p. 13 ("Petit pilier "djed").

43 Cartagine, tofet; arenaria giallastra; altezza: 0,58 m; base: 0,22 x 0,18 m; altezza rilievo: 0,03 m; altare bruciaprofumi a base rettangolare, fusto rastremato, cornice aggettante e gola egizia. Abraso. Angoli inferiori mancanti. Datazione: VII-VI sec. a.C.: Bartoloni, 1976, p. 85, n. 43, tav. XII.

Cartagine, tofet ; arenaria; altezza: 0,79 m; base: 0,225 x 0,19 m; altezza rilievo: 0,025 m; altare bruciaprofumi a base rettangolare, fusto leggermente rastremato, cornice aggettante e gola egizia con lieve incavo sulla superficie superiore. Abraso. Datazione: VII-VI sec. a.C.: Bartoloni, 1976, p. 85, n. 44, tav. XII.

Cartagine, tofet; arenaria giallo-rosata; altezza: 0,59 m; base: 0,175 x 0,175 m; altezza rilievo: 0,055 m; altare bruciaprofumi a base quadrata, fusto dritto, cornice e gola egizia molto aggettante, con *pyramidion* alla sommità. Abraso, punta del *pyramidion* mancante. Datazione: VII-VI sec. a.C.: Bartoloni, 1976, p. 85, n. 46, fig. 2, tav. XIII.

44 Per gli altari bruciaprofumi provenienti dalle necropoli e dai tofet sardi: Tore, 1973, tav. XXV; Tore, 1989, tav. IV.

45 Tore, 1989, tav. I, 20.

Fig. 23. Altarino bruciaprofumi dall'abitato ellenistico di Solunto (foto autrice)

Fig. 24. Altare bruciaprofumi dalla necropoli punica di Solunto (foto autrice)

Fig. 25. "Altare egittizzante" dal Santuario di Kerkouane (Fantar, 1986, pl. XCVI)

Fig. 26. Altare bruciaprofumi dalla tomba L.13 della necropoli di Byrsa, Cartagine (foto autrice)

Fig. 27. Altare n. 43 dal tofet di Cartagine (Bartoloni, 1976, tav. XII)

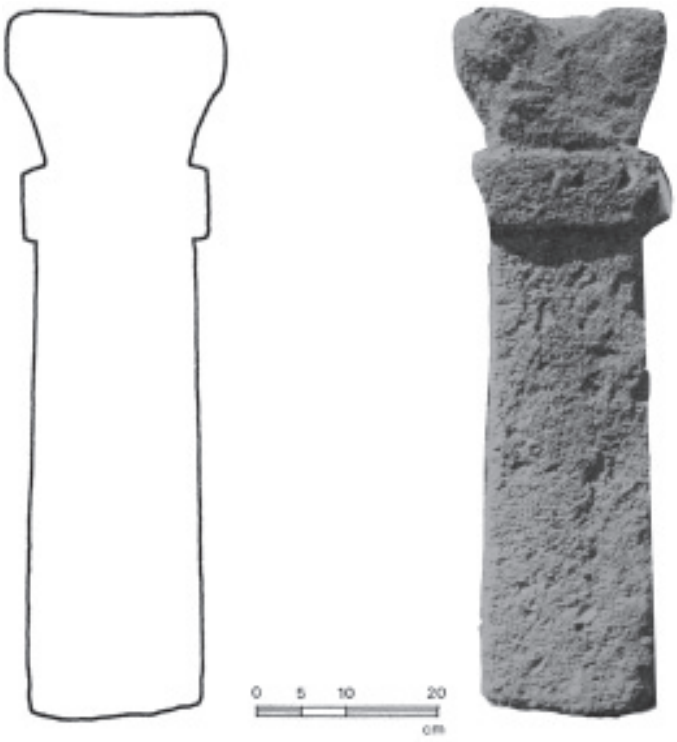


Fig. 28. Altare n. 44 dal tofet di Cartagine (Bartoloni, 1976, tav. XII)

Fig. 29. Altare n. 46 dal tofet di Cartagine (Bartoloni, 1976, tav. XII)

Fig. 30. Altare bruciaprofumi dal tempio di Tanit, Nora, Sardegna (Tore 1973, tav. XIX,2)

presenta tracce di fuoco all'interno della vasca superiore ("dadetto")[46]. Anche nel tofet di Tharros è stato rinvenuto un altare bruciaprofumi di dimensioni simili (fig. 31)[47] e già interpretato da Tore come altare votivo[48], dato che sembra ora comprovato dalla somiglianza tra questo e l'altare della "Casa del sacello domestico", e dall'analogia con quelli rinvenuti nelle necropoli di Palermo e di Cartagine. Dalla necropoli occidentale di Karalis e quella di San Avendrace provengono altri due bruciaprofumi dello stesso tipo (figg. 32, 33)[49].

Anche in Spagna il tipo è presente con tre esemplari, due rinvenuti fuori contesto in alcune tombe a camera della necropoli di Villaricos (figg. 34, 35)[50], l'altro in una tomba presso le miniere di Tarsis a Huelva (fig. 36)[51], tutti presumibilmente ascrivibili al VI sec. a.C. in base al confronto con gli esemplari nord africani; il primo e il terzo sono infatti del tutto simili a quelli rinvenuti nel tofet di Cartagine e nelle necropoli puniche della Sardegna, con base quadrata e fusto alto e stretto, il secondo è più piccolo e di forma leggermente variata, senza toro e con gola egizia sormontata elemento a parallelepipedo in pietra.

Il tipo dell'altare bruciaprofumi a gola egizia è dunque ampiamente diffuso nel mondo punico sin dal VII sec. a.C., come mostrano i ritrovamenti più antichi del tofet di Cartagine, e doveva essere presente in Fenicia come tipo affine, se non di derivazione, alla tipologia degli altari a corna diffusa nell'area siro-palestinese fin dal X sec. a.C., attestato nei centri fenici di Sidone e Tiro nella forma di basi-sostegno di stele[52], e negli altari bruciaprofumi rinvenuti nelle necropoli e nei santuari ciprioti e levantini.

46 Nora, Tempio di Tanit; calcare; altezza 0,14 m; base: 0,06 x0,055 m; aggetto della base: 0,01 m; altezza della base 0,02 m circa; aggetto della cornice inferiore: 0,01 m; larghezza della cornicetta superiore: 0,01 m; dimensioni del dadetto: 0,075 x 0,07 m; altezza del dadetto: 0,02 m; massima profondità del dadetto: 0,015 m; altare bruciaprofumi con base a sezione quadrangolare, con doppia risega residua solo in parte su un lato. La parte superiore della base è leggermente spiovente verso il basso e aggetta rispetto alla parte centrale [...]. Parte centrale parallelepipeda con tracce di graffiti su ogni lato. Pare potersi individuare un motivo a festoni molto stilizzato (triangolari, a più linee convergenti verso l'alto), chiaramente, almeno su due lati, mentre negli altri residuano solo tracce indistinte[...]. Al di sopra del parallelepipedo aggetta una cornice che descrive una forma piuttosto dolce (tipo "a gola egizia" piuttosto semplificata) che è sormontata da un'altra cornice "a gola egizia". Le due cornici sono sormontate da due modanature piatte. La sommità presenta un dadetto rilevato circondato su ogni lato da una cornicetta lievemente inclinata verso il basso. All'interno il dadetto è cavo [...]. Tracce di fuoco sui bordi del dadetto (descrizione da Tore, 1973, p. 90). Soltanto un lato è conservato integralmente; abraso su tutta la superficie. Datazione: III sec. a.C.: Tore, 1973, nota 81, tav. XIX, 2.

47 Tharros, tofet, altare 167; arenaria eolica. altezza: 0,17 m; base: 0,11 x 0,10 m; altare sagomato sulle facce anteriore e laterali a plinto sormontato da gola egizia su listello. Integro. Datazione: VI-inizi IV sec. a.C.: Moscati; Uberti, 1985, p. 127, n. 167, tav. LXXI.

48 Tore, 1992, p. 181, nota 11.

49 Necropoli di Predio Ibba (necropoli occidentale di Karalis, Cagliari), pozzo di accesso della tomba 63, n. inv. 32922; calcare; altezza: 0,23 m; larghezza: base 0,15 m, sommità 0,115 m, listello 0,105 m; spessore: 0,09 m; aggetto del listello: 0,02 m; altare a fusto troncopiramidale, toro a sezione rettangolare molto aggettante, gola egizia e vasca superiore con incavo rettangolare. Fortemente danneggiato alla base e alla sommità. Datazione: IV-III sec. a.C.: Tore, 1973, p. 104-105, tav. XXIV, 1.

Necropoli punica di S. Avendrace (Cagliari), n. inv. 43510; calcare; altezza: 0,155 m; larghezza: base 0,08 m, sommità 0,063 m, listello 0,105 m; spessore: 0,07 m; aggetto del listello: 0,01 m; altare a fusto troncopiramidale, toro a sezione rettangolare molto aggettante, gola egizia e vasca superiore con incavo rettangolare. Fortemente danneggiato alla base e alla sommità; incompleto. Datazione: V-IV sec. a.C.: Tore, 1973, p. 105-106, tav. XXIV, 2.

50 Villaricos, necropoli; calcare; altare bruciaprofumi a base rettangolare, fusto rastremato, toro e gola egizia. Datazione: incerta, VI sec. a.C.: Astruc, 1951, p. 69, nota 476, làm. L, 1.

Villaricos, necropoli; calcare; altarino bruciaprofumi a base rettangolare, fusto fortemente rastremato, cornice aggettante e vasca rialzata sulla superficie superiore. Datazione: incerta, VI sec. a.C.: Astruc, 1951, p. 69, nota 476, làm. L, 4.

51 Provenienza incerta: sepolcro presso le miniere di Tarsis, Huelva; calcare; altezza: 1,0 m; base: 0,63 m; base quadrata, fusto troncopiramidale, cornice aggettante a sezione rettangolare, gola egizia. Abraso. Datazione: incerta, VI sec. a.C.: Garcìa y Bellido, 1942, p. 294, fig. 57.

52 Bisi 1967, tav. I, tav. II, 1, con bibliografia.

Fig. 31. Altare bruciaprofumi dal tofet di Tharros (Moscati; Uberti, 1985, tav. LXXI)

Fig. 32. Altare bruciaprofumi dalla necropoli di Karalis (Tore, 1973, tav. XXIV,1)

Fig. 33. Altare bruciaprofumi dalla necropoli di San Avendrace (Tore, 1973, tav. XXIV,2)

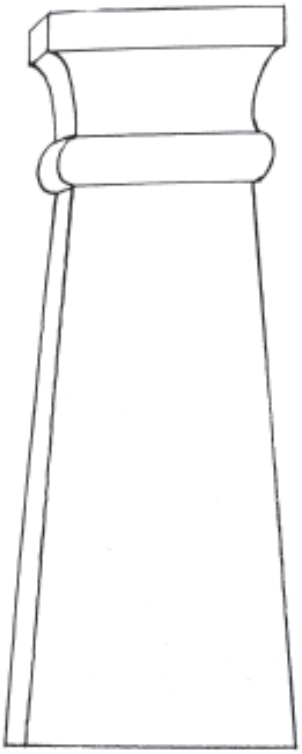


Fig. 34. Altare bruciaprofumi dalla necropoli di Villaricos (Astruc, 1971, làm. L,1)

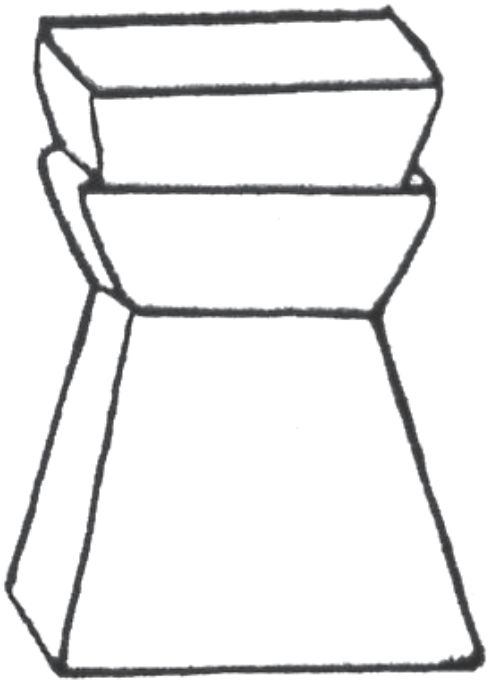


Fig. 35. Altare bruciaprofumi dalla necropoli di Villaricos (Astruc 1971, làm. L,4)

Fig. 36. Altare bruciaprofumi da Huelva (Garcìa y Bellido, 1942, fig. 57)

Nella regione siro-palestinese altari bruciaprofumi a base rettangolare o quadrata, con alto fusto liscio rastremato verso l'alto, con cornice aggettante e parte superiore con vaschetta scavata nella superficie o munita di corna angolari, si trovano frequentemente all'interno dei santuari: si ricordano gli altari con corna angolari rinvenuti a Megiddo[53], a Tell Kedesh[54], i due altari bruciaprofumi collocati all'ingresso dell'"Alto Luogo" di Arad[55], i numerosi altari rinvenuti fuori contesto, pertanto difficilmente databili con precisione, nel santuario di Eshmun a Sidone (fig. 37)[56], i due altari rinvenuti nella corte del santuario dell'"Ingot God", a Cipro, del XII sec. a.C.[57], gli altari 258 e 38 risultanti dagli scavi dellamissione francese a Kition-Bamboula[58].

Rispetto ai più comuni altari bruciaprofumi rinvenuti in contesti sacri nel mondo punico e in quello fenicio orientale, l'arredo di Mozia presenta dimensioni diverse ed è più piccolo di circa un terzo: si può quindi tentare, in linea ipotetica e in assenza di puntuali confronti nel mondo punico con altri provenienti da contesti domestici, una distinzione[59] tra un tipo "ufficiale" e collettivo di altare bruciaprofumi con fusto alto e stretto, cornice a circa tre quarti dell'altezza e gola egizia poco elevata rispetto a questo, e un tipo destinato al culto domestico "privato" o di natura votiva[60], di dimensioni minori e con un diverso rapporto proporzionale tra gli elementi compositivi[61]. La distinzione è parzialmente verificabile nell'area siro-palestinese e cipriota, dove molti degli altari con le corna rinvenuti ad Ekron-Tell el-Muqanna', datati al VII-VI secolo a.C., e rinvenuti nella zona industriale del sito, negli ambienti adibiti alla molitura delle olive[62] sono, rispetto ai più antichi esemplari di Megiddo e della zona settentrionale della costa siro-palestinese, e rispetto a quelli originariamente collocati in luoghi di culto, più bassi e larghi, con cornice arrotondata e parte superiore spesso priva di corna; di dimensioni ridotte sono anche tre altari (presenti nel tempio come *ex-voto*) portati alla luce durante gli scavi al santuario di Kharayeb, effettuati alla fine degli anni '60[63] e datati con probabilità al VI secolo a.C.; la stessa osservazione trova riscontro anche

53 May; Engberg, 1935, pl. XII,10,11; Loud, 1948, pl. 254,1-2. Datazione: X sec. a.C.

54 Stern; Beit Arieh, 1979, pl. 1,2. Datazione: VIII sec. a.C.

55 Aharoni, 1967, pl. 46. Datazione: VII sec. a.C.

56 Sidone, Santuario di Eshmun; calcare; altezza: 0,88 m; base: 0,22 m; installazione a base quadrata, con fusto troncoconico, listello a sezione rettangolare, gola egizie soprastante, con rialzo sulla superficie superiore. Completo: Stucky, 1993, p. 75, n. 62, Abb. 5.

Sidone, Santuario di Eshmun; calcare; altezza 0,70 m; base: 0,29 m; installazione a base quadrata, con fusto troncoconico, cornice listello a sezione rettangolare, gola egizia soprastante con incavo circolare sulla superficie superiore. Completo: Stucky, 1993, p. 75, n. 63, Abb. 5, pl. 16.

Sidone, Santuario di Eshmun; calcare; altezza 0,70 m; base: 0,29 m; installazione a base quadrata, fusto parallelepipedo, listello a sezione rettangolare poco aggettante, parte superiore conformata a capitello dorico, superficie superiore con incavo circolare. Completo: Stucky, 1993, p. 75, n. 64, Abb. 5, pl. 16.

57 "Autel inferieur": altezza: 0,80 m; base: 0,47 x 0,32 m; "Autel superieur": altezza: 0,72 m; base: 0,47 x 0,29 m. Datazione: LC IIIB:1: Courtois, 1971, p. 186, 190, figg. 30-35.

58 Altare 258, Santuario di Kition-Bamboula: calcare; altezza: 0,85 m; base 0,30 x 0,20 m. Base rettangolare, fusto liscio rastremato verso l'alto, vaschetta rettangolare scavata nella superficie superiore; integro. IX sec. a.C.

Altare 38, Santuario di Kition-Bamboula: calcare; altezza: 1,0 m; base: 0,60 x 0,62 m. Base rettangolare, toro a sezione circolare, parte superiore mancante. IV sec. a.C.: Yon; Raptou, 1991, pl. III, b, c, f.

59 Pur con le dovute cautele, come già accennato in nota 24.

60 Come già affermato da G. Tore: Tore, 1992, p. 181, nota 11. A questo gruppo darebbero ascrivibili: l'altare egittizzante di Kerkouane, quello dalla tomba L.13 di Byrsa, il bruciaprofumi stuccato di Solunto, quelli dalla necropoli di Palermo, l'altare 167 del tofet di Tharros e l'altare dal pozzo del tempio di Tanit a Nora,i due provenienti dalle necropoli del cagliaritano (Karalis e S. Avendrace), e l'altare più piccolo dei due rinvenuti nella necropoli d Villaricos.

61 Non sempre questo si verifica: vedi il piccolo bruciaprofumi di Byrsa o quello rinvenuto nella Corte II del santuario di da Kerkouane: il fattore che rimane costante è la diminuzione delle dimensioni.

62 Gitin, 1989, p. 57-67; Gitin, 1992, p. 43-49.

63 Santuario di Kharayeb; pietra tenera locale; 0,49 x 0,31 m; 0,30 x 0,19 m; 0,29 x 0,305 m; tre altari frammentari, dei quali il meglio conservato presenta base quadrata, fusto leggermente rastremato, cornice a sezione rettangolare e parte superiore a blocco con incavo rettangolare sulla superficie superiore. Frammentari, molto danneggiati. Datazione: VI sec. a.C. Nel rapporto di scavo non si danno indicazioni più precise circa l'originaria

negli altari bruciaprofumi rinvenuti fuori contesto nella rampa d'assedio del Santuario di Afrodite a Palaepaphos (fig. 38)[64], per i quali si può ipotizzare una funzione simile.

Il tipo rappresentato dall'altare bruciaprofumi della "Casa del sacello domestico"a Mozia è dunque un prodotto derivato da un modello levantino ampiamente diffuso nelle culture del Mediterraneo orientale, che si installa nell'isola fin dall'epoca arcaica e che si perpetua pressoché invariato nelle tradizioni religiose e figurative locali e più in generale del mondo punico.

Circa la specifica funzione dell'altare bruciaprofumi della "Casa del sacello domestico" si possono avanzare alcune ipotesi interpretative che non trovano, data la mancanza di dati più precisi circa l'esatto contesto di rinvenimento di molti degli altari punici provenienti sia da necropoli che da aree sacre sopra citati, un puntuale riscontro, ma che sono suffragate dai dati provenienti dall'analisi del contesto stratigrafico di rinvenimento dell'installazione all'interno della "Casa" e della ricostruzione della vita della residenza moziese.

La prima considerazione riguarda appunto il luogo di rinvenimento dell'altare: probabilmente l'ambiente L.1044 non era la collocazione originaria dell'arredo, dal punto di vista funzionale; nel contesto sigillato dal crollo non è infatti stato individuato alcun tipo di supporto, sia ligneo[65] che di altro materiale, su cui questo sarebbe dovuto essere collocato[66], insieme alla statua di culto; si può quindi ipotizzare che l'altare-bruciaprofumi sia stato spostato in L.1044, una delle stanze più interne e quindi protette dell'edificio, forse poco prima della violenta distruzione dell'edificio del 397/6 a.C., magari prelevandoli dal vicino sacello domestico.

La seconda osservazione riguarda la specifica funzione dell'oggetto nell'ambito dei culti domestici comunemente praticati. Come è emerso dagli esempi di altari-bruciaprofumi noti, nel mondo punico l'uso di questo tipo di installazioni è connesso ad un ambito funerario; anche nel caso si tratti di oggetti votivi, questi sono comunque legati alla sfera funeraria, sia nel caso facciano parte del corredo funebre, sia che si trovino in santuari. Si potrebbe ipotizzare dunque un uso di questo oggetto nel culto libatorio praticato in casa e dedicato ai defunti[67]: l'altare bruciaprofumi di Mozia non presenta segni di bruciato sulla superficie superiore e proprio nei pressi dell'altare sono stati rinvenuti (pur se in collocazione probabilmente non originaria), raggruppati nell'angolo sud occidentale della stanza, vasi potori a vernice nera connessi verosimilmente alla pratica del culto.

collocazione e la funzione di queste installazioni; è probabile, comunque, che si tratti non di installazioni cultuali ma, più verosimilmente, di oggetti votivi: Kaoukabani, 1973, p. 41-42, 54, pl. XVIII, 3.

64 Esposti al Museo di Kouklia, VI-V sec. a.C.

65 A differenza dei resti lignei carbonizzati del telaio (con relativi chiodi in bronzo) rinvenuti ben visibili in impronta sul pavimento L.1044 coperto dal crollo.

66 Gli oggetti cultuali in L.300 erano collocati su di un blocco di pietra: Nigro, 2004a, p. 200, figg. 3.49, 3.50; Nigro, 2004b, p. 86, figg. 6, 7, 15.

67 Tore, 1999, p. 417.

Fig. 37. Altari bruciaprofumi dal Tempio di Eshmun, Sidone (Stucky, 1993, pl. 16)

Fig. 38. Altarino bruciaprofumi dal Santuario di Afrodite, Kouklia Palaepaphos (foto autrice)

Bibliografia

Aharoni, Y. (1967) - Excavations at Tell Arad. *Israel Exploration Journal*. 17. pp. 233-249.

Aimé-Giron, N. (1934) - Un naos phénicien de Sidon. *BIFAO*. 34. pp. 31-42.

Astruc, M. (1951) - *La Necropolis de Villaricos*. Informes y Memorias. 25. Madrid.

Bartoloni, P. (1976) - *Le stele arcaiche del tophet di Cartagine*. Roma.

Bartoloni, P (1989) - Riti funerari fenici e punici nel Sulcis. In Bernardini, P. (a cura di) *Riti funerari e di olocausto nella Sardegna fenicia e punica. Atti dell'incontro di studio Sant'Antioco (3-4 ottobre 1986)*. Quaderni 6-Supplemento. Cagliari. pp. 67-81.

Belvedere, O. (1982) - Tipologia e analisi delle arule imeresi. In Allegro, N.; Belvedere, O.; Bonacasa, N.; Waele, J. de; Di Stefano, C.A.; Gulì, A.; Tusa, V.; Tusa Cutroni, A. (a cura di) *Secondo Quaderno Imerese*. Studi e Materiali. Istituto di Archeologia - Università di Palermo. 3. Roma. pp. 61-113.

Benichou-Safar, H. (1982) - *Les tombes puniques de Carthage*. Paris.

Berger, Ph. (1900) - *Musée Lavigerie, Ie série, Antiquités Puniques*. Paris.

Ciasca, A. (1970) - Lo scavo del 1979. In Ciasca, A.; Guzzo Amadasi, M.G.; Moscati, S.; Tusa, S.; (a cura di) *Mozia - VI. Rapporto preliminare della Missione congiunta con la Soprintendenza alle Antichità della Sicilia Occidentale*. Studi Semitici. 37. Roma. pp. 65-81.

Courtois, J-C. (1971) - Le Sanctuaire du Dieu au Lingot d'Enkomi-Alasia. In Schaeffer C.F.A. et alii, *Alasia I. Première Série publié à l'occasion de la XX campagne de Fouilles à Enkomi-Alasia (1969) sous la direction de C.F.A. Schaeffer*. Paris. pp. 151-362.

Delattre, A.L. (1915) - *Nécropoles puniques de Carthage, I*. Paris.

Downey, S.B. (1977) - *The stone and plaster sculpture (The excavations at Dura Europos. Final Report III, Part 1, Fascicle 2)*. Los Angeles.

Famà, M.L. (1989) - Arule e louteria. In Ciasca, A. et alii, *Mozia (Itinerari IV)*. Roma. pp. 81-82.

Fantar, M.H. (1986) - *Kerkouane, cité punique du Cap Bon (Tunisie), Tome III, Sanctuaires et cultes. Societé-economie*. Tunis.

Garcìa y Bellido, A. (1942) - *Fenicios y Cartagineses en Occidente*. Madrid.

Gitin, S. (1989) - Incense Altars from Ekron, Israel and Judah: context and typology. *Eretz Israel*. 20. pp. 57-67.

Gitin, S (1992) - New Incense Altars from Ekron: context, typology and function. *Eretz Israel*. 23. pp. 43-49.

Hvidberg-Hansen, F.O. (1984) - Due arule fittili di Solunto. *Analecta Romana*. 13. pp. 25-48.

Kaoukabani, B. (1973) - Rapport préliminaire sur les fouilles de Kharayeb, 1969-1970. *Bulletin du Musée de Beyrouth*. 26. pp. 41-60.

Lancel, S. (1986) - Equipe Punique. Rapport sur les travaux d'une mission de courte durée, fin juin-débout juillet 1985. *CEDAC*. 7. pp. 12-14.

Loud, G. (1948) - *Megiddo II. Seasons of 1935-1939*. Chicago.

May, H.G.; Engberg, R.M. (1935) - *Materials remains of the Megiddo Cult*. OIP. 41. Chicago.

Moscati, S. (1975) - Un bruciaprofumi da Tharros. *Rivista degli Studi Orientali*. 49. pp. 31-33.

Moscati, S.; Uberti, M.L. (1970) - *Le stele puniche di Nora nel Museo Nazionale di Cagliari*. PCFP. 5. Roma.

Moscati, S.; Uberti, M.L. (1981) - *Scavi a Mozia. Le stele*. PCFP. 23; Serie Archeologica-25. Roma.

Moscati, S.; Uberti, M.L. (1985) - *Scavi al tofet di Tharros. I monumenti lapidei*. Collezione Studi Fenici. 21. Roma.

Nigro, L. (2001-2003) - Un arredo in terracotta conformato a capitello eolico da Mozia. *Scienze dell'Antichità. Storia, archeologia, antropologia*. 11. pp. 567-577.

Nigro, L. (2003) - Nuovi scavi a Mozia dell'Università di Roma 'La Sapienza' (XXII campagna, agosto-ottobre 2002). *Sicilia Archeologica*. 101. pp. 85-98.

Nigro, L. (a cura di) (2004a) - *Mozia - X. Rapporto preliminare della XXII campagna di scavi - 2002 condotta congiuntamente con il Servizio Beni Archeologici della Soprintendenza regionale per i Beni Culturali e Ambientali di Trapani*. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. I. Roma.

Nigro, L. (2004b) - Le pendici occidentali dell'Acropoli (Zona D): la "Casa del sacello domestico". In Nigro, L.; Rossoni, G. (a cura di) *"La Sapienza" a Mozia. Quarant'anni di ricerca archeologica, 1964-2004. Catalogo della Mostra (Università di Roma "La Sapienza", Facoltà di Scienze Umanistiche, Museo dell'Arte Classica, Roma 27 febbraio-18 maggio 2004)*. Roma. pp. 84-89.

Spagnoli, F. (2003) - Altari punici nei santuari della Sicilia Occidentale. *Sicilia Archeologica*. 101. pp. 169-190.

Stager, L.E. (1996) - Ashkelon and the archaeology of destruction. *Eretz Israel*. 25. pp. 61-74.

Stern, E.; Beit Arieh, I. (1979) - Excavations at Tell Kedesh. *Tel Aviv*. 6. pp. 1-7.

Stucky, R.A. (1993) - *Die Skulpturen aus dem Eshmun-Heiligtum bei Sidon. Griechische, römische, kyprische und phönizische Statuen und Reliefs vom 6.Jahrhundert vor Chr bis zum 3.Jahrhundert nach Chr*. Siebzehntes Beiheft zur Halbjharesscherift Antike Kunst. Basel.

Tamburello, I. (1967) - Palermo. La necropoli: l'esplorazione 1953-54. *Notizie degli scavi di Antichità*. XXI. pp. 354-378.

Tore, G. (1973) - Due cippi-trono dal tophet di Tharros. *Studi Sardi*. 22 (1971-1972). Sassari. pp. 2-152.

Tore, G. (1975) - Su alcune stele funerarie sarde di età punico-romana. *Latomus*. 34: 2. pp. 293-318.

Tore, G. (1989) - Cippi, altarini e stele funerarie nella Sardegna fenicio-punica (nota preliminare). In Bernardini, P. (a cura di) *Riti funerari e olocausto nella Sardegna fenicia e punica. Atti dell'incontro di studio (Sant'Antioco 3-4 ottobre 1986)*. Quaderni 6 - Supplemento. Cagliari. pp. 109-117.

Tore, G. (1992) - Cippi, altarini e stele funerarie nella Sardegna fenicio-punica: alcune osservazioni preliminari a duna classificazione tipologica. In AA.VV. Sardinia Antiqua. *Studi in onore di Piero Meloni in occasione del suo settantesimo compleanno*. Cagliari. pp. 177-194.

Tore, G. (1999) - Cippi, altarini, stele e arredi. In Di Stefano, C.A. (a cura di) *Palermo Punica (Museo Archeologico regionale Antonino Salinas, 6 dicembre 1995 - 30 settembre 1996)*. Palermo. pp. 417-427.

Vento, M. (2000) - *Le stele dipinte di Lilibeo*. Marsala.

Vercoutter, J. (1945) - *Les objets égyptiens et égyptisants du mobilier funéraire carthaginois*. Paris.

Yon, M. (1984) - Fouilles françaises à Kition-Bamboula, 1976-1982. *CRAI*. pp. 80-99.

Yon, M.; Raptou, E. (1991) - Autels de Cypre. In Etienne, R. (ed.) *L'espace sacrificiel dans les civilisations méditerranéennes de l'antiquité (Actes du colloque, Lyon 4-7 juin 1988)*. Publications de la Bibliothèque Salomon-Reinach. 5. Lyon. pp. 167-173.

MOTYA, AREA C EAST: OFFERING DEPOSITS IN SANCTUARY C3
*
**

Lorenzo Nigro
Daniela Franchi
Valentina Musella
Fiammetta Susanna

Rome "La Sapienza" University

* Trabalho originalmente apresentado como poster

** Nota do Editor:
Texto não revisto pelo autor. Todas as tentativas para contactar os autores de forma a que corrigissem as provas tipográficas do seu artigo não tiveram sucesso.

Recent excavations in Area C – the Kothon – have brought to light a sacred area (fig. 1), 35 x 50 m wide, built over the ruins of previous huge temples of the 6th and 5th century BC (Temple C1 and C2).

The sacred area, delimitated by a *temenos*, was called "Sanctuary C3", and included several cult installations, which were in use during the 4th century BC[1].

In a well delimited area inside the Sanctuary, at least 40 offering deposits (fig. 2) were identified and excavated. They usually consists of small pits (0.4 – 1.1 m in diameter), filled in with offerings (metals, pottery vessels, animal bones and shells), and closed by means of sherds, tiles, stone slabs or blocks. Some others were related to cult installations erected in the Sanctuary, such as altar M.22, with the nearby *bothros* P.635, or monument M.51, erected on the sealed mouth of sacred well P.53, or platforms M.19, etc., and in some cases can be considered foundation deposits (D.43).

In the "votive field", located just above the collapsed *cella* (L.660) and the inner courtyard (L.667) of the previous temples dedicated to cult actvities, offering deposits usually include the following distinguishing items:

- metal objects: bronze nails, pegs, rivets or plaques, almost always bent or folded in order to ritually state their votive dedication.

- metal residuals: iron and lead plaques or ingots;

- pottery vessels, especially Black Ware miniature vases, such as lekythoi (fig.4), pixides, lekanides, salt-cellar cups, carinated bowls, but also Red-Figured craters or fish-dish bases deliberately perforated for ritual purposes (libation) (figg. 3 e 5)

- animal bones: usually selected bones, such as *vertebrae*, *astragali* , theets, horns, tusks, of sheep, goats, cows, deer and wild boars. In one case (D.649) offerings were grouped all around a big deer antler, buried in an oval pit lined by small flat stones. Deposits were delimited by stones, big pottery sherds (belonged to amphorae or pithoi), and tiles, also used sometimes like coverings, while they were indicated by river-pebbles or cobbles (fig. 3) or reemployed limestone boulders or ashlar blocks fixed standing in the ground, conveying a mnemonic and symbolic significance.

Sea-shells were very common offerings (fig. 5), and in the majority of cases they were isolated and directly associated to cult installations, such as platforms and votive pits (for example *bothros* P.635).

An almost unique case is that of altar M.22, in front of which a deposit was buried with two young deer horns and a pierced base of a fish-dish, used for libation (D.72). Other shells, such as murexes, bivalves or foraminiferas, and mother-of-pearl were found included in all types of deposits[2].

The great number of metal items found in the offerings and cult installations in the Sanctuary point at a ctonian deity as the main titular god worshipped in the Sacred Area of the Kothon. However, since up to now no inscribed objects or documents were found, it is still impossible to put forward a definitive identification of such deity.

Bibliography

Nigro, L. (a cura di) (2004a) - (a cura di), Mozia - X. *Rapporto preliminare della XXII campagna di scavi - 2002 condotta congiuntamente con il Servizio Beni Archeologici della Soprintendenza regionale per i Beni Culturali e Ambientali di Trapani*. Quaderni di Archeologia Fenicio-Punica. I. Roma.

Nigro, L. (2004b) - Il tempio del Kothon (Zona C). In Nigro, L.; Rossoni, G. (a cura di) *"La Sapienza" a Mozia. Quarant'anni di ricerca archeologica, 1964-2004*. Catalogo della Mostra, Università di Roma "La Sapienza" (Facoltà di Scienze Umanistiche, Museo dell'Arte Classica, Roma 27 febbraio-18 maggio 2004). Roma. pp. 72-77.

1 Nigro, 2004b, p. 74-76.

2 Nigro, 2004a, p. 53-57.

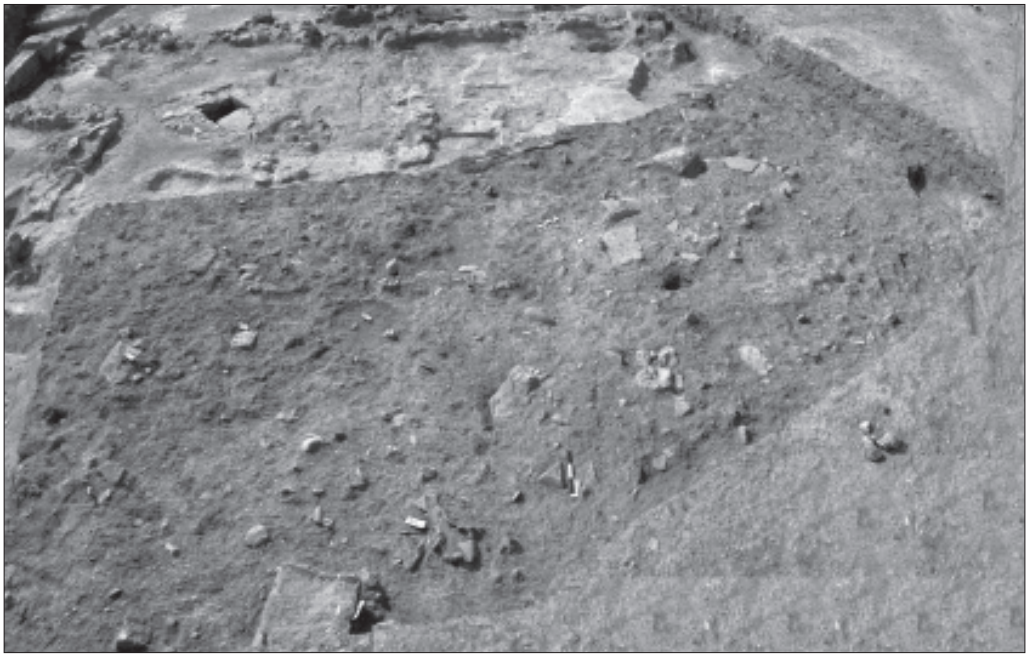


Fig. 1. Votive field discovery during the excavations: evident elements were the visual "ensign" of few deposits like D.923 stone-cube that seems like a "pyramidion" and few ceramic fragments like the upside-down D.909 lekanis. Some of these deposits were founded near squared stone block already visible in this phase

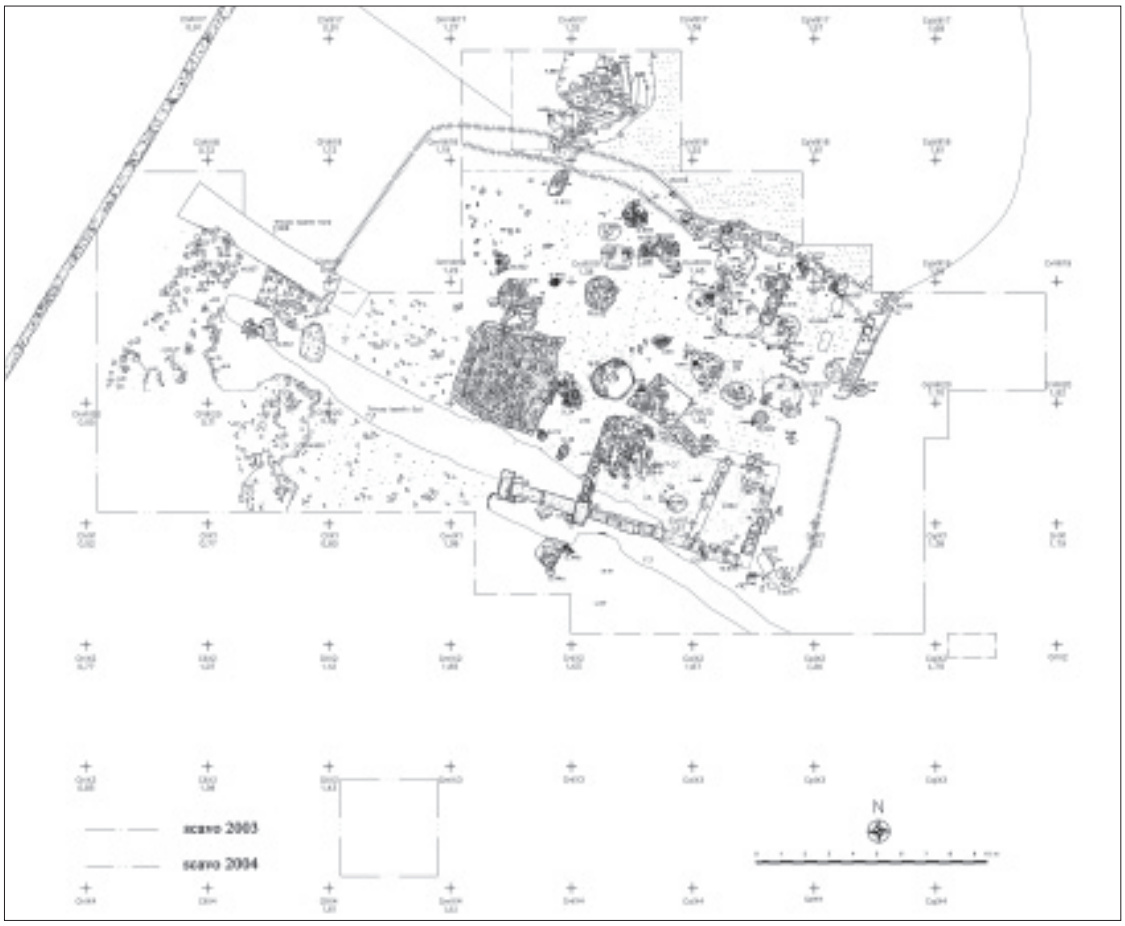


Fig. 2. Deposit's autocad plan

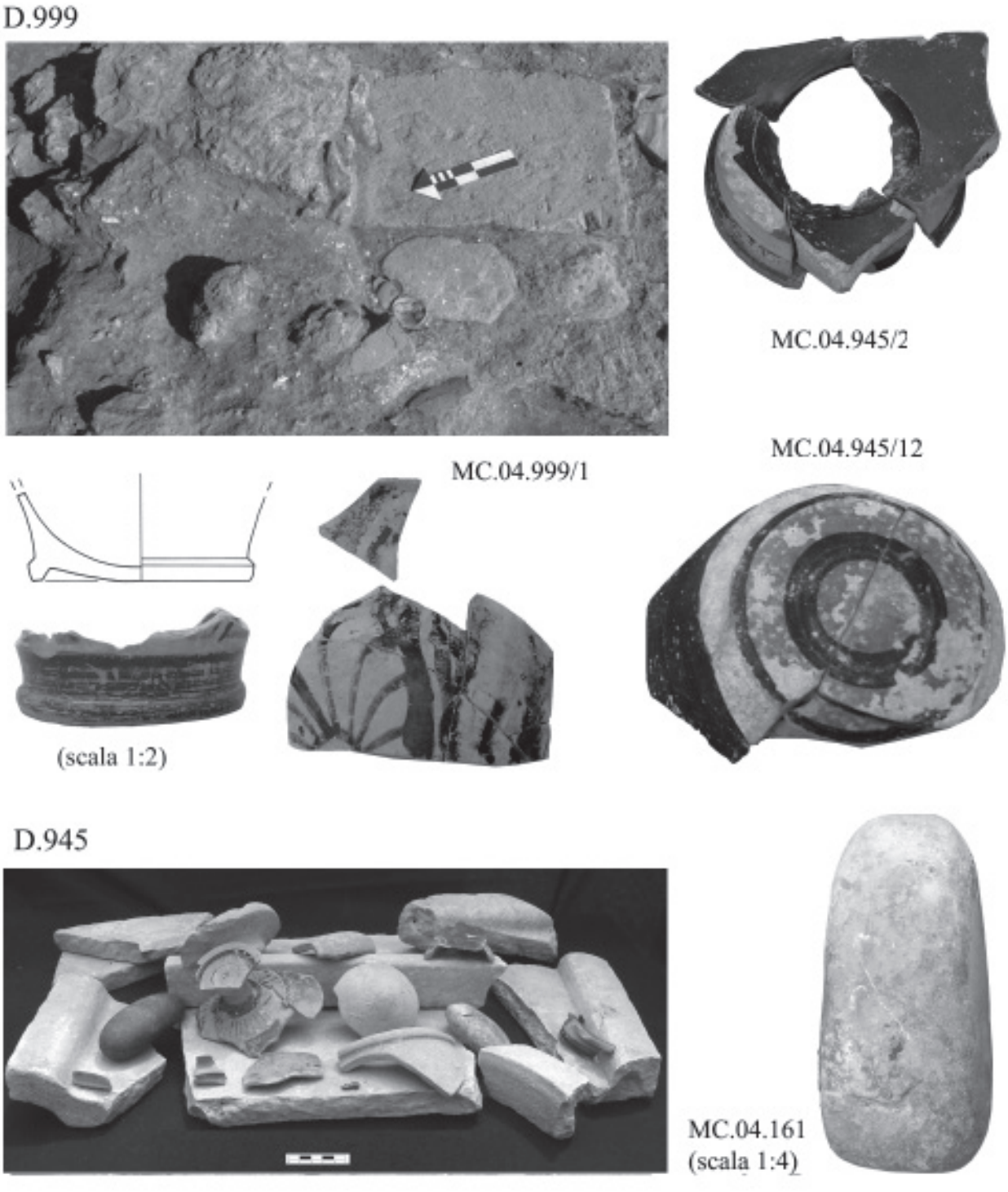


Fig. 3. Upper photo: D999, a black figure skyphos was founded on a stone block inside the temenos foundations Lower photo: D.945: the votive objects were photographed over some pieces of broken tile used as covering. MC.04.999/1: red figure skyphos; MC.04.945/2: perforated black ware cup base; MC.04.945/12: perforated black ware skyphos base; MC.04.161: a big cobble-stone used like "ensign" (segnacolo)

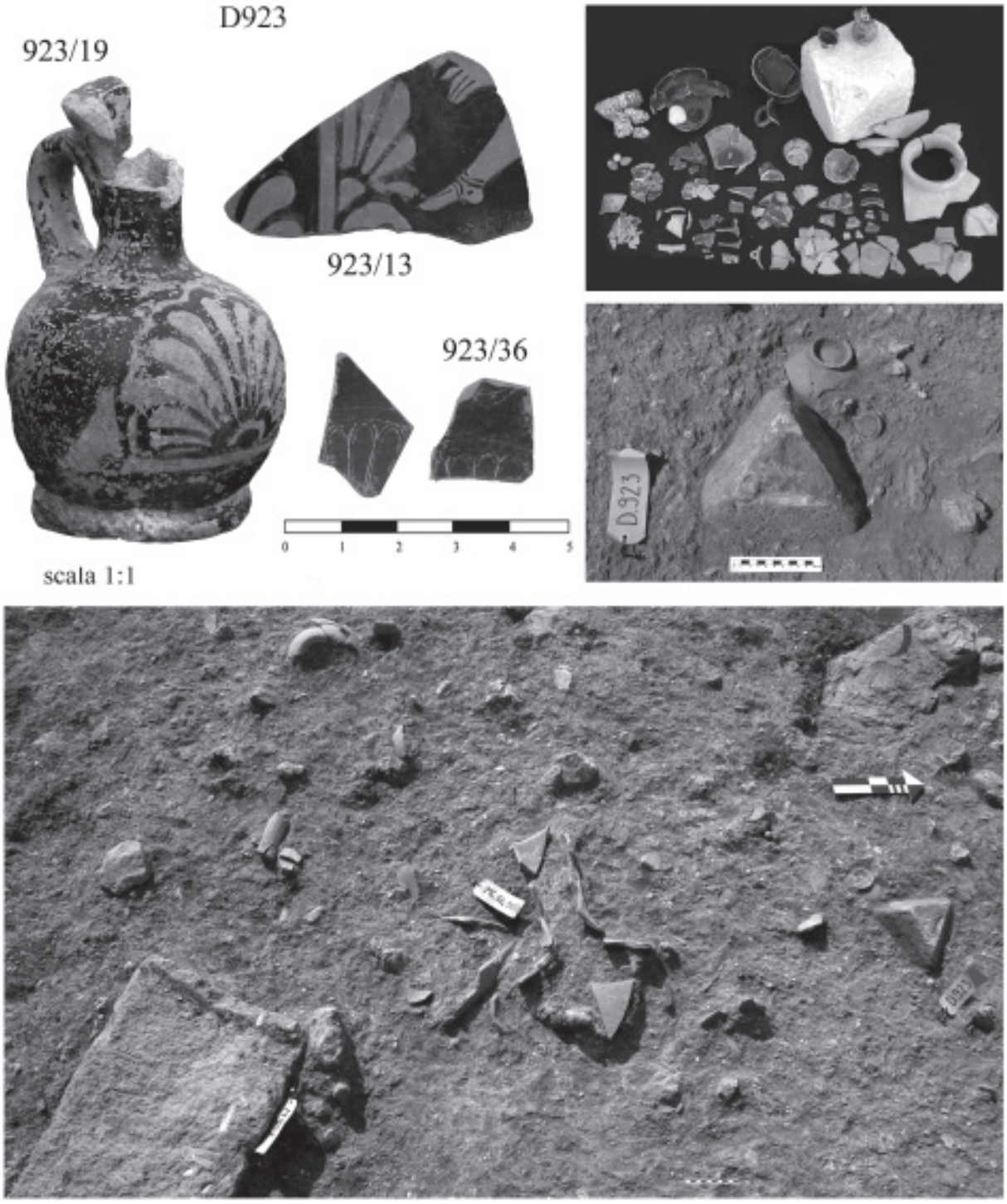


Fig. 4. Upper photo: D.923: in foreground there are a black ware aryballic lekythos and few red figures and black ware cups fragments; on the right all offering objects founded around the cube block. Lower photo: D.923 in situ: stone blocks and ceramics amphorae in foreground

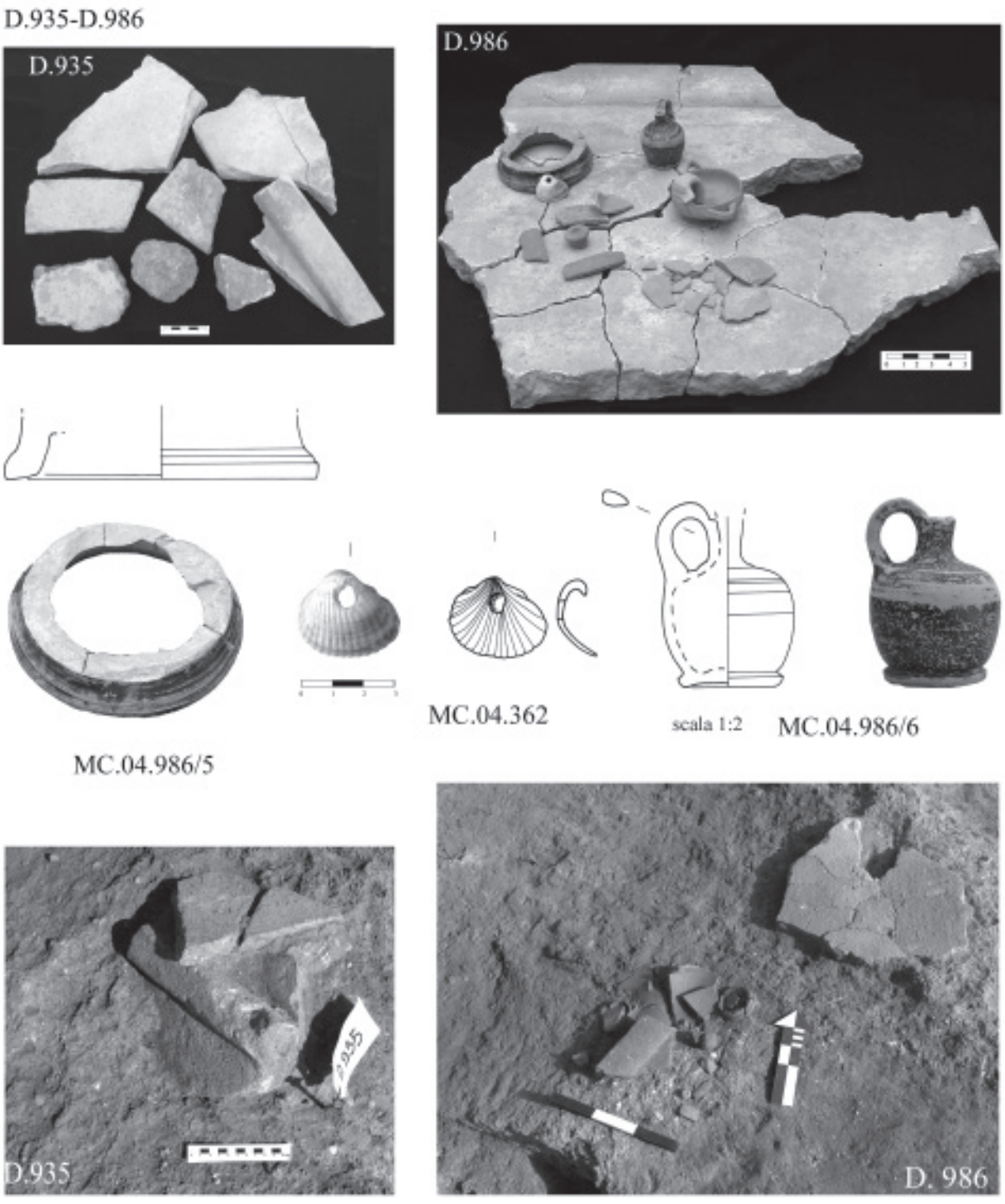


Fig. 5. Upper photo: D935 (left side) and D986 (right side): all offering objects founded in association with a large amount of broken tiles (D935) and a very big tile (D986). In the middle a perforated shell probably used as a pendant (MC.04.369), a black ware skyphos base (MC.04.986/5) used for libations and a red figure aryballic lekythos (MC.04.986/6)

ALGUNOS INDICIOS SOBRE LA (POSIBLE) PRÁCTICA DE SACRIFICIOS HUMANOS EN CÁDIZ *

A. M. Niveau de Villedary y Mariñas

Universidad de Cádiz

Resumen

El reciente hallazgo en el relleno de un pozo ritual de época bárcida de un individuo presumiblemente arrojado de forma violenta a su interior, nos lleva a reflexionar sobre la posibilidad de la existencia de sacrificios humanos en *Gadir*.

Tradicionalmente se ha considerado que Cicerón alude a estas prácticas cuando habla de la abolición por la ley romana de ciertas "costumbres bárbaras" de los gaditanos (*Pro Balb*. 43; *Ad Fam*. 10, 32, 3). Al igual que en Tiro, los sacrificios podrían estar relacionados con la inmolación de víctimas humanas en las ceremonias que anualmente conmemoraban la muerte y resurrección de Melqart; aunque, dado el contexto cronológico (segunda mitad del s. III a.C.), preferimos pensar que se trate de una muerte ritual de carácter extraordinario, en relación con el desarrollo de la Segunda Guerra Púnica.

Abstract

The recent discovery of a human being in the filling of a barcide ritual well, presumably thrown out with violent, leads us to think about the possibility of the practice of human sacrifices in *Gadir*.

Cicero's comments about the abolition of certain "barbarian manners" typical of the population of Gadir (*Pro Balb*. 43; *Ad Fam*. 10, 32, 3), have traditionally considered as a reference to these practices. Like in Tiro, the sacrifices could be related to the immolation of human beings in the annual ceremonies dedicated to the death and the resurrection of Melqart; however, the archaeological context (second half of IIIrd century BC) leads us to think about an exceptional death ritual, related to the development of the II Punic World.

* Este trabajo se inscribe en el marco de actuación del Grupo de Investigación «*Phoenix Mediterranea*». *Protohistoria del Mediterráneo Occidental* (HUM-509) dentro del Plan Andaluz de Investigación.

1. Introducción

Al contrario de lo que ocurre con el emplazamiento de la fundación tiria de *Gadir*, de la que apenas existen vestigios en el solar de la actual ciudad de Cádiz[1], los restos materiales de la necrópolis fenicio-púnica son muy numerosos, fruto de una larga tradición de hallazgos casuales y de más de un siglo de excavaciones arqueológicas. A pesar de ello, el conocimiento que tenemos de ésta es aún insuficiente, pues salvo la monografía publicada en 1990 (Perdigones, Muñoz y Pisano, 1990), que ya ha quedado desfasada, no ha existido otro intento de abordar su estudio de forma global. Tampoco abundan los estudios parciales, teniéndonos que conformar, en el mejor de los casos, con los informes de las intervenciones de urgencia que se publican en los Anuarios Arqueológicos de Andalucía. Con todo, el incremento de las actuaciones arqueológicas en los últimos años y la aplicación de metodologías basadas en la excavación en extensión han provocado una avalancha de datos e información sobre los distintos aspectos del mundo funerario gaditano que a falta de una valoración global y pormenorizada ya está ofreciendo interesantes resultados en cuanto a la extensión cronológica y geográfica de la necrópolis y a la organización espacial y simbólica del espacio funerario.

En suma, a día de hoy y con los datos disponibles, podemos hablar de una necrópolis fenicia arcaica (finales del s. VII y s. VI a.C.) que se extiende, como están demostrando los trabajos más recientes[2], más allá de los límites propuestos en un primer momento (Perdigones, Muñoz y Pisano, 1990, p. 11); y de una necrópolis púnica, de la que conocemos –aunque relativamente– las fases correspondiente a los siglos V y IV a.C., al menos en cuanto a distribución espacial y tipología de los enterramientos se refiere; y, por el contrario, desconocemos prácticamente todo sobre la del III-II a.C., aunque, paradójicamente, sea en esta etapa cuando se advierte una notable intensificación en el uso de la necrópolis que viene acompañada de la compartimentación y estructuración del espacio funerario y de la extensión de los límites del mismo. En otros trabajos hemos explicado este incremento demográfico en relación con la llegada efectiva de los bárcidas a suelo gaditano (Niveau de Villedary, 2003, p. 206), puesto que aunque aún están por definir con exactitud en estos momentos tiene lugar una serie de cambios cuantitativos y cualitativos que nos invitan a considerar esta posibilidad. Las tumbas que podemos adscribir a este periodo se multiplican de forma extraordinaria y, a partir de este momento, la necrópolis se compartimenta y parcela, alternándose las calles donde se agrupan las tumbas con otras zonas libres de enterramientos aunque dedicadas a un uso funerario secundario. En estas últimas áreas se ha constatado la existencia de una serie de estructuras que presumiblemente se utilizaron para la celebración de rituales funerarios, entre las que destacamos, por la información que nos proporcionan, las fosas y, sobre todo, los pozos rituales que en el mundo funerario gaditano parecen haber cumplido la función de *bothroi* en los que, por una parte, se amortizan los restos –vasculares y orgánicos– de los banquetes funerarios y, por otra, son espacios sacrales ctónicos en los que tienen lugar ciertos rituales.

1 A la inversa, las evidencias procedentes de los niveles más antiguos del cercano yacimiento del Castillo de Doña Blanca en El Puerto de Santa María, son cada día más elocuentes. Tanto el urbanismo como la epigrafía y la procedencia oriental de la vajilla cerámica evidencian una fundación urbana fenicia arcaica que como viene proponiendo su excavador podemos identificar con parte del enclave de *Gadir* (Ruiz Mata, 1999). Por su parte, los nuevos datos sobre la presencia arcaica en la ciudad de Cádiz aportados por las excavaciones más recientes (casi siempre limitados a niveles del s. VIII a.C.) se pueden explicar en función de la realización de actividades económicas puntuales, fundamentalmente relacionadas con la pesca. *Cf.* Córdoba y Ruiz Mata, 2005.

2 Desde mediados de los años 90 se vienen documentando enterramientos de época arcaica en zonas en principio bastante alejadas del núcleo principal, tanto en la isla menor en los alrededores del barrio de Santa María (Córdoba, 1999, p. 342), como en la mayor en lo que constituía la antigua línea de playa cara a la bahía (Córdoba, 1999; Córdoba y Blanco, 2004, p. 17), aúnque en estos casos parece tratarse de enterramientos esporádicos y dispersos, sin indicios aparentes de una organización espacial previa (Córdoba y Blanco, 2004, p. 24).

Estamos hablando de estructuras excavadas en la roca que pueden o no contar con un segundo tramo constructivo a base de sillares[3]. Generalmente llegan hasta el nivel freático y no suelen superar el metro de diámetro por lo que en ocasiones no es fácil excavarlos por completo. Estos pozos se han venido documentando desde las primeras excavaciones llevadas a cabo en la ciudad (Niveau de Villedary, 2001, p. 192), pero no ha sido hasta las más recientes cuando se ha procedido a excavarlos meticulosamente, lo que nos ha permitido conocer que se procedía a su relleno siguiendo una serie de pautas, alternando niveles estériles con otros repletos de material, capas de piedras, arenas o limos, así como la existencia de algunos rituales y ofrendas depositados en su interior (Sibón, 2001). La aplicación de esta metodología es la que ha permitido registrar el hallazgo que ahora presentamos.

2. El hallazgo y su contexto

El pozo en cuestión fue hallado y excavado como resultado de una intervención de urgencia motivada por la construcción de un conjunto de viviendas y garajes de nueva planta[4]. El solar se encuentra situado extramuros de la ciudad, en un área considerada como de media densidad arqueológica (grado 2) dentro de la carta de riesgo de la capital gaditana[5] (Fig. 1, 1), en la zona próxima a la antigua línea costera que supone una de las extensiones de la necrópolis fuera de los emplazamientos considerados tradicionales. Una vez confirmado el uso funerario, uno de los principales objetivos de la intervención fue la comprobación de la existencia de indicios de ordenación espacial entre las estructuras funerarias (presencia de alineaciones de ánforas, alternancia de tumbas y otras estructuras, etc.), fenómeno que ya se había observado en solares próximos (Córdoba y Blanco, 2004, p. 2). La mayoría de los enterramientos[6] se fechan por sus ajuares entre finales del s. III y el s. II a.C. y se emplazan de acuerdo a unas pautas espaciales previamente determinadas siguiendo una alineación NW – SE que cruza todo el solar. A ambos lados, por el contrario, no apareció ni una sola tumba con esta cronología y características y sí otro tipo de vestigios formados por dos conjuntos de pozo y pileta que hay que relacionar con la práctica de ritos lustrales en la necrópolis (Córdoba y Blanco, 2004, p. 24). No sabemos la causa por la que los pozos, que en un principio debieron ser funcionales, en determinado momento se amortizan y se convierten en "depósitos" de los residuos de la necrópolis.

El pozo 1 (Fig. 2), situado al sur de los enterramientos, se excava en la roca natural y sólo en algunos puntos el brocal se construye de mampostería, con piedras planas de erosión litoral de pequeño y mediano tamaño. En el relleno del depósito se distinguen dos niveles. A diferencia de otras estructuras similares no se advierte ningún ritual de sellado a base de cenizas, capas compactadas de arenas, arcillas y ripios, ni grandes piedras (Niveau de Villedary, 2001, pp. 225-226), sino que desde el principio aparecen arenas de color pardo y textura suelta. A los veinte

3 Sobre estas estructuras, su distribución en la necrópolis, tipología, posible significado y niveles de relleno *vid.* Niveau de Villedary, 2001, 2003 y Niveau de Villedary y Ferrer, 2005.

4 Desde estas líneas quiero agradecer a la empresa Arqueogades S.L. Actividades Arqueológicas y, en concreto, a Ignacio Córdoba Alonso, director de la intervención, todas las facilidades dadas para hacerme cargo del estudio de este hallazgo, tanto a pie de excavación como posteriormente.

5 Ya en una intervención de urgencia llevada a cabo en 1997 en las cercanías se pudieron documentar grupos de hipogeos púnicos con ajuares de joyería y algunas tumbas republicanas excavadas en la arcilla y cubiertas con tégulas (Córdoba y Blanco, 2004, p. 1).

6 Se trata de trece inhumaciones individuales en fosa simple dispuestos en una calle de 25 metros de largo por un máximo de 7 metros de ancho (Córdoba y Blanco, 2004, pp. 12-13).

Fig. 1. Planta de la ciudad de Cádiz con indicación de los puntos de la necrópolis púnica en los que han aparecido restos humanos en el interior de pozos rituales. 1. Situación del hallazgo – Trille 2004. 2. Plaza de Asdrúbal – Sector H 1987. 3. Plaza de Asdrúbal 1997/98. 4. Cuarteles de Varela 1999. Elaboración de la autora

centímetros comienzan a documentarse algunos fragmentos cerámicos[7], principalmente galbos de ánforas, aunque también algunos bordes reconocibles de tipos locales (T-12.1.1.1/2, T-8.2.1.1. y T-4.2.2.5.) y centromediterráneos (T-5.2.3.1.), formas todas ellas características de contextos cronológicos en torno a la Segunda Guerra Púnica; y algunos fragmentos, aunque escasos, de elementos de vajilla común, helenística local de "tipo Kuass" y barniz negro campaniense A.

A un metro y medio de profundidad apareció una boca completa de T-12.1.1.1/2 (Lám. 1) y bajo ella una mancha gris oscura con carbones de pequeño tamaño entre las que se localizaron varias vértebras de gran tamaño pertenecientes a alguna especie de túnido, cuya descomposición explicaría la coloración de las tierras y que puesto que se trata de un depósito primario posiblemente se trate de una ofrenda (Niveau de Villedary, 2006a). Poco después, cercano a los dos metros de profundidad, bajo algunas piedras calizas de origen local y tamaño medio, aparecieron los restos óseos de un individuo adulto (Lám. 2). El esqueleto, bastante bien conservado, se sitúa

7 Hay que destacar la escasa presencia de materiales, sobre todo en comparación con el gran volumen de restos que han aportado otras estructuras similares excavadas. Pero, aunque ésta parece ser la tónica habitual tampoco es extraño encontrarnos con pozos en los que como en éste los restos cerámicos no son muy numerosos. Baste como ejemplo los dos pozos, de similar cronología, excavados en 2001 en la sede de la Tesorería General de la Seguridad Social de Cádiz (Sibón, 2001, pp. 32-34; Niveau de Villedary, 2003, n. 10; fig. 3), mientras que el pozo 1 ofreció poco más de un millar de fragmentos cerámicos y sólo 97 fragmentos diagnosticables, el pozo 3, sobre una estimación de 10.000 fragmentos, aportó 1.243 formas reconocibles.

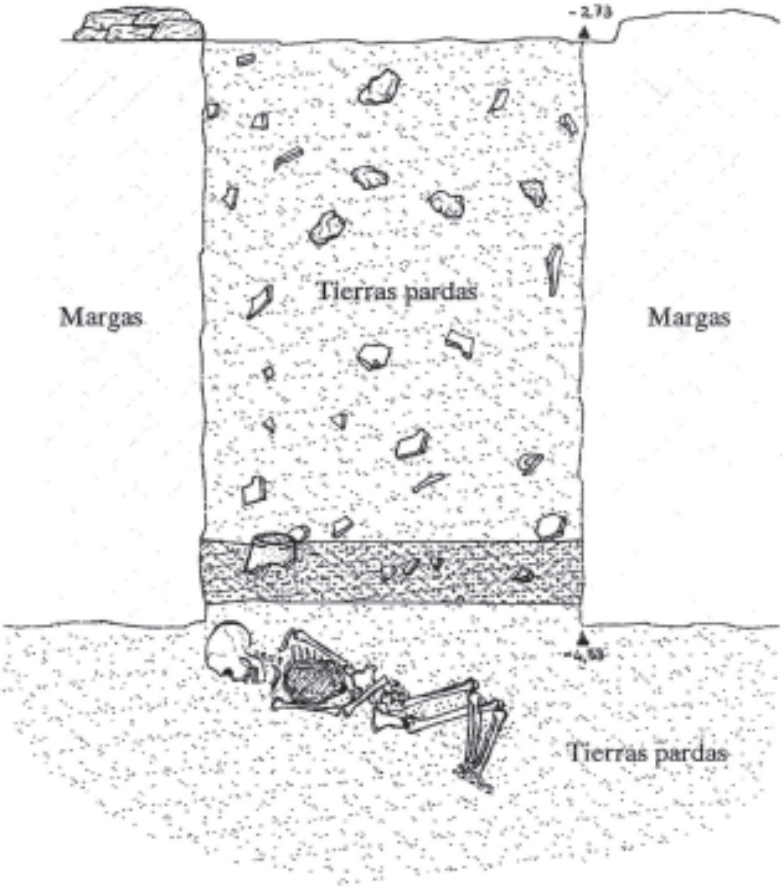
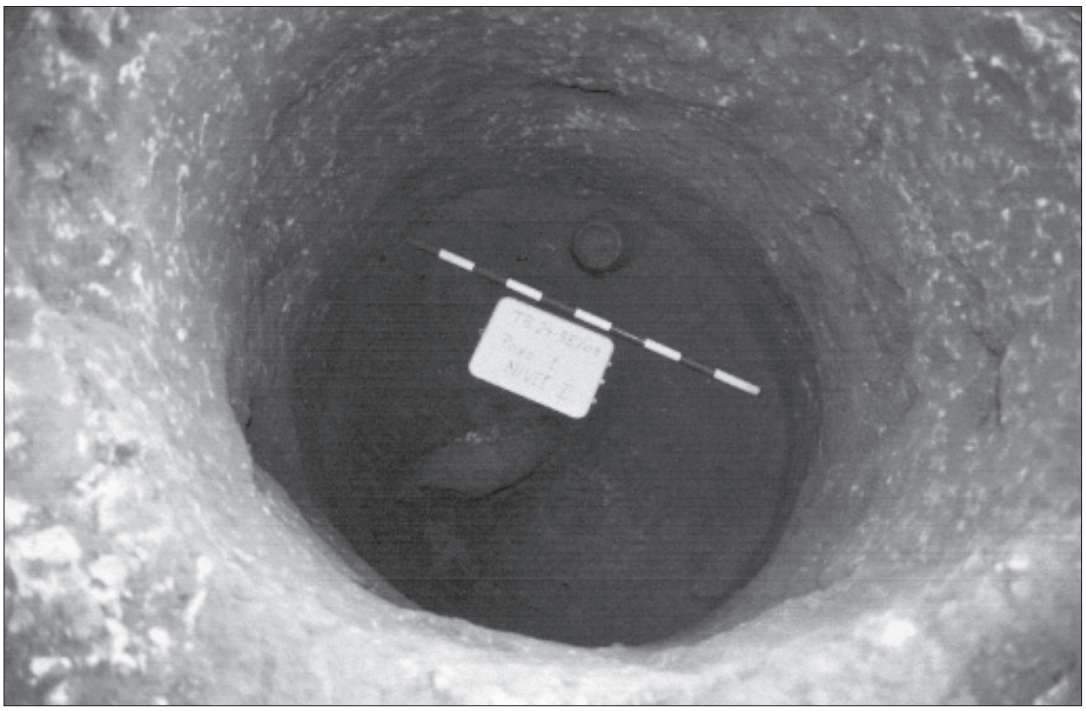


Fig. 2. Sección del pozo nº 1 de Trille con la situación del cadáver (Córdoba y Blanco 2004: plano 4)

en un lateral, en la pared sureste del pozo, orientado en un eje SE – NW[8], en una posición que sus excavadores califican de "cuanto menos forzada" (Córdoba y Blanco, 2004, p. 19), con las extremidades inferiores flexionadas, casi en posición fetal, con el cráneo y el brazo izquierdo introducidos bajo la pared de roca del pozo donde comienza el nivel freático, y con tres piedras de tamaño apreciable "clara e intencionadamente" colocadas sobre el cadáver, lo que junto con algunos paralelos (Torres, 1999, pp. 154-155) lleva a los autores del informe a considerar la posibilidad –aunque "controvertida"– de que se trate de un sacrificio humano. Junto al individuo se documentaron los huesos de algún tipo de ave de pequeño tamaño sin identificar, hallazgo que también aboga a favor del carácter ritual del contexto (Niveau de Villedary, 2006b).

Bajo los restos humanos, a cerca de dos metros y medio de profundidad, tiene lugar un cambio en las tierras que colmatan el nivel freático y comienzan a aparecer arenas de grano grueso mezcladas con grandes cantidades de carbonatos blanquecinos muy compactados de origen hídrico –Nivel II (Córdoba y Blanco, 2004, p. 20)–. Los escasos materiales cerámicos procedentes de este nivel, casi todos pertenecientes a recipientes anfóricos muy rodados (Córdoba y Blanco, 2004, p. 20, lám. 5), presentan numerosas concreciones calcáreas debido al contacto prolongado con el agua, aunque cronológicamente no difieren de los hallados en el nivel I, quizás tan sólo son algo anteriores.

8 Obsérvese que aunque la deposición sigue el mismo eje que los enterramientos de la misma época situado en las proximidades, mientras que éstos se disponen con la cabeza orientada hacia el NW, en el caso del individuo arrojado al pozo la orientación es la contraria y son los pies los que miran hacia el NW y la cabeza hacia el SE.



Lám. 1. Nivel 1 de excavación del pozo con detalle de la boca de T-12.1.1.1/2. Fotografía: Ignacio Córdoba Alonso

Lám. 2. Nivel 1 de excavación del pozo con detalle del individuo depositado en su interior. Fotografía: Ignacio Córdoba Alonso

3. ¿Enterramiento, muerte accidental o sacrificio ritual?

En principio, podría pensarse que nos hallamos ante una inhumación en pozo, pero ni la disposición forzada del cadáver, arrojado con descuido al interior de la estructura, ni la total ausencia de esta tipología tumbal en la necrópolis gaditana[9] permiten sostener tal hipótesis.

Cabría también la posibilidad de que se tratase de un individuo que muriese de forma accidental al caer dentro del pozo durante su construcción, al intentar obtener agua del mismo o de forma casual. En este supuesto podríamos preguntarnos la causa de que el cadáver fuera abandonado en el pozo, lo que no tendría razón de ser - por razones higiénicas obvias - en el caso de que se tratase de un pozo artesiano en funcionamiento. Ni tampoco explica el por qué aparecen varias piedras de gran tamaño cubriendo el torso y las extremidades del esqueleto o por que tienen lugar una serie de actos rituales alrededor de éste (deposición de ofrendas).

Podemos entonces considerar la alternativa de una muerte violenta. Opción que vendría avalada por la posición antinatural del individuo, que aparece con las extremidades flexionadas y la cabeza ladeada y por el mismo abandono del cadáver. Aun en este caso son dos las interpretaciones posibles, podría tratarse de un homicidio común, sin ningún significado religioso o ritual, aprovechando la presencia de una estructura profunda en una zona aislada y desierta, pues recordemos que estamos hablando de la necrópolis. Ahora bien, existen una serie de indicios que nos permiten sospechar que estamos ante una muerte ritual. En primer lugar, no se trata de un hecho aislado. Aunque no es lo habitual, en la necrópolis púnico-gaditana tenemos documentada la aparición de restos humanos en el interior de más de un pozo. En dos ocasiones lo que aparecen son cráneos humanos[10], en ambos casos acompañados de perros sacrificados (Niveau de Villedary y Ferrer, 2004, p. 68) (Fig. 1, 2 y 3); un binomio que en otro lugar, hemos interpretado como parte de los ritos de sacralización de los pozos de forma previa a su utilización como "depósitos o basureros sagrados" (Niveau de Villedary, 2001, p. 223).

En el último ejemplo es también un individuo completo el que aparece en el interior de otra de estas estructuras. El pozo se localiza en uno de los solares resultantes de la parcelación de los antiguos Cuarteles de Varela (Fig. 1, 4). Se trata de una zona de gran amplitud y reciente urbanización que ofrece la posibilidad de excavar en extensión y de contrastar los datos con los de parcelas contiguas. En ésta en cuestión, excavada en 1999 (Miranda y Pineda, 1999), se pudo constatar la parcelación de la necrópolis, en este caso explicitada mediante hitos de piedra y ánforas seccionadas que señalan a modo de calles las zonas ocupadas por los enterramientos y los separan de aquellas otras áreas en las que se documentan los pozos y piletas y en las que tendrían lugar otros rituales (Miranda, Pineda y Calero, 2004, fig. 4). De los seis pozos documentados en el solar es el localizado en la cuadrícula A1 el que deparó el hallazgo que nos interesa. También fue el único que no pudo excavarse hasta el freático debido a que en parte se imbuía en el perfil sur de la parcela, que cedió sin haberse podido alcanzar el final.

El esqueleto apareció bajo un potente relleno de cerca de tres metros de arena suelta de miga, completamente limpia, de un tipo, como remarcan los excavadores, "inexistente en estado natural en Cádiz" (Miranda y Pineda, 1999, p. 179). Se trata de un individuo femenino joven,

9 Aunque en ocasiones se ha defendido la existencia de incineraciones en pozo en la necrópolis de Cádiz (Tejera Gaspar, 1979, p. 46; Muñoz, 1998, p. 145-146, fig. 4, 3), en realidad se trata de pozos rituales del tipo descrito en cuyo nivel más profundo han tenido lugar al inaugurar el espacio sacro ciertos ritos libatorios cuyos restos vasculares se han podido confundir con enterramientos. *Cf.* Niveau de Villedary, 2001, pp. 192-195.

10 Se han documentado cráneos humanos en otros depósitos votivos como los de Garvão en el Bajo Alentejo y el Amarejo en Albacete (Niveau de Villedary, 2001, p. 224). En el primer caso se ha interpretado como un ritual de fundación del depósito, y aunque en el segundo su excavador los considera intrusivos, la probada alteración del depósito, bien pudiera haberlos desplazado de su posición original. En otros casos, como en el mundo ibérico, la presencia de cráneos humanos, sobre todo en contextos habitacionales, se ha puesto en relación con cultos domésticos gentilicios, a antepasados heroizados (Almagro-Gorbea y Moneo, 1999, p. 101).

de menos de 30 años, que aparece en "posición primaria" y yacente y que por la posición de los miembros superiores fue lanzado inmovilizado. Bajo éste se localizó un potente nivel de piedras de gran tamaño mezcladas con tierra oscura y algunos fragmentos cerámicos (sobre todo ánforas) que se fechan *grosso modo* en los ss. II-I a.C., sin que tengamos datos más precisos. Tampoco conocemos la potencia del estrato puesto que en este punto hubo que abandonar el vaciado de la estructura. Del estudio antropológico y paleopatológico (Calero en Miranda y Pineda, 1999, pp. 225-227) se desprende la pertenencia a una raza o etnia diferente (prognatismo alveolar no mandibular, distinta morfología ósea, gracilidad, presencia de escotaduras intencionales en los primeros premolares izquierdos, superiores e inferiores, etc.), lo que ha llevado a proponer la posibilidad de que se tratase de una esclava (Calero en Miranda y Pineda, 1999, p. 236); en cualquier caso, la presencia de individuos norteafricanos en Cádiz se podría poner en relación con la llegada masiva de población de ese continente en alguna de las distintas oleadas púnicas que tienen lugar durante los siglos III (previa a la Segunda Guerra Púnica) y II a.C. (tras la destrucción de Cartago)[11]. Sobre lo que no parece haber ninguna duda, al menos para los autores del estudio, es sobre la evidencia de una muerte violenta.

Pese a las diferencias existentes entre este hallazgo y el que estamos analizando apreciamos también ciertas similitudes que merecen un comentario. Salta a la vista la coincidencia entre ambos contextos, en los dos casos se trata de individuos que son arrojados inmovilizados[12] al interior de pozos, en los que además tienen lugar una serie de acciones rituales: deposición de ofrendas (atún, ave), sellado ritual mediante arena limpia, deposición de grandes piedras sobre el cadáver[13]; que no parecen casuales, sino, todo lo contrario, parte de ceremonias muy ritualizadas en las que tienen lugar sacrificios humanos[14].

4. ¿Sacrificios humanos en Cádiz?

Mucho se ha especulado con la posibilidad de la práctica de sacrificios infantiles en Cádiz a pesar de que hasta el momento no existe el más mínimo indicio de la existencia de *tofets* en ninguna de las colonias extremo-occidentales de la Península Ibérica (*cf.* VV.AA. 1989 y 1995). Algunos hallazgos de la necrópolis romana de Cádiz llevaron a su excavador, en su afán de defender a toda costa la idiosincrasia de *Gadir* frente a Cartago (Corzo, 1995, p. 82), a plantear la existencia de un ritual gaditano "particular" en el que la muerte por degollamiento, la incineración del cuerpo y la posterior deposición de los restos en recintos propios en el interior de urnas (es decir el sacrificio MLK tal y como se conoce en Cartago y en las colonias centromediterráneas) se vería sustituido por la muerte violenta de los primogénitos (?) mediante golpes contundentes en el cráneo y la posterior inhumación de los cuerpos, que se agruparían (como en el *tofet*) en espacios reservados exclusivamente para este fin (Corzo, 1989, 1992 y 1995; Corzo y Ferreiro, 1987); no obstante, esta teoría, que carece de una base científica sólida, no ha tenido apenas repercusión en la literatura posterior (Olmo, 1995, p. 16, n. 1).

11 En principio, sobre todo teniendo en cuenta la cronología tardía del contexto, no podemos descartar que se trate de una esclava introducida desde Roma, pero el contexto ritual en el que apareció remite sin duda alguna a costumbres y ceremonias púnicas y tardopúnicas.

12 Maniatados y, al menos en un caso, también se ligan las extremidades inferiores.

13 Según la visión escatológica fenicio-púnica la deposición de grandes piedras sobre el cadáver tenía la misión de impedir que el alma del difunto saliese de la tumba durante la noche y asustara a los vivos (Bartoloni, 2004, p. 120, n. 17), tanto más si se trata de una muerte violenta.

14 A este respecto véase, salvando las distancias cronológicas y culturales, los "sacrificados" de Acy-Romance. *Cf.* Verger, 2000.

También se ha querido probar la existencia de sacrificios humanos en la Cádiz fenicia a través de la interpretación de algunas noticias recogidas por Cicerón y Plinio, aunque en ambos casos se trata de referencias vagas y tardías y, por consiguiente, de interpretaciones bastante forzadas.

Plinio, en su descripción de las estatuas marmóreas existentes en la ciudad de Roma, menciona de pasada que los púnicos sacrificaban anualmente una víctima humana a Hércules (*N.H.* 36: 39)[15]. Algunos autores han puesto en relación esta noticia –la única referencia escrita que nos ha llegado sobre la existencia de sacrificios humanos dedicados a Melqart– con las fiestas anuales que se celebraban en Tiro[16] en los meses de febrero y marzo para conmemorar la resurrección de Melqart (García y Bellido, 1963, pp. 72 y 131), posiblemente por la coincidencia en el carácter anual de ambos acontecimientos (conmemoración festiva – sacrificio humano)[17]. Otros van más allá y proponen directamente que durante las celebraciones se sacrificara en el fuego una víctima humana, sin más base que la suposición de que la víctima debía morir de la misma forma que el dios, receptor del sacrificio (Aubet, 1994, p. 239 siguiendo a García y Bellido, 1963, p. 72). A partir de esta suposición se propone que dicho ritual se hubiese transferido, junto al culto del dios, a la metrópoli extremo-occidental (Aubet, 1994, p. 239). A estas prácticas se referiría Cicerón (*Pro Balbo* 43) –siempre según García y Bellido (García y Bellido, 1963, p. 73)– cuando alude a la abolición por parte de César de ciertas "costumbres bárbaras" de los gaditanos, algunas de las cuales –como enterrar en lodo y a continuación quemar vivo a un soldado de Pompeyo– describe en otro lugar (Cicerón, *Ad fam.* X, 32, 3); aunque en estos casos el estudioso se inclina (no sabemos tampoco con qué argumentos) por poner en relación estas muertes con el culto a Baal-Hammón-Cronos-Saturno, por otra parte el receptor habitual de los sacrificios humanos en el mundo fenicio-púnico.

Como vemos no contamos con una base literaria sólida para probar la existencia de sacrificios humanos en Cádiz. Desconocemos además si, como en Tiro, en *Gadir* se conmemoraba la *egersis* de Melqart y en caso afirmativo si se adopta el mismo ritual que en Oriente (*cf.* Xella, 2004, p. 42) o surgen variantes. Con los datos que poseemos para Cádiz lo único que podemos aventurar es la celebración de rituales de carácter ctónico[18] –puesto que tienen lugar en la necrópolis y en estructuras subterráneas–, en el curso de las cuales tiene lugar un sacrificio humano que, sin embargo, en los casos documentados "no pasan por el fuego"[19]. Este detalle nos permite tener constancia de la realización del sacrificio, puesto que el cadáver permanece. Aunque no podemos asegurar si en las fiestas orientales se sacrificaba una víctima humana (con o sin paso por el fuego), a favor de que el hallazgo del pozo de Trille responda a una suerte de conmemoración "particular" gaditana de la resurrección del dios, se hallaría la presencia de los restos de un ave junto al individuo inmolado que en el caso de que se tratara de un gallo o gallina (*Gallus domesticus*) simbolizaría tanto el alma del difunto como la noción de resurrección (Fantar, 1970, p. 34); aunque también podría ser una codorniz (*Coturnix coturnix*), especie que

15 *Inhonorus est nec in templo ullo* ***Hercules, ad quem Poeni omnibus annis humana sacrificaverant victima,*** *humi stans ante aditum porticus ad naciones.*

16 A pesar de que el término utilizado por Plinio es el de "Poeni".

17 Agradecemos a Luis Alberto Ruiz Cabrero sus comentarios acerca de este pasaje y de sus posibles interpretaciones.

18 Conviene recordar, como hace Xella, la dimensión ctónica de Melqart (Xella, 2004, p. 41).

19 No obstante, en el testimonio de Filón de Biblos no se hace referencia al fuego, de lo que Simonetti deduce que en origen en el Próximo Oriente no se contemplaba –o, al menos, no de forma exclusiva– el sacrificio mediante el fuego (Simonetti, 1983, pp. 99-100). Aunque el historiador fenicio se refiere a la inmolación de niños, el dato podría ser igualmente válido para el resto de los sacrificios practicados en la franja sirio-palestina, modalidad que presumiblemente pudo ser la adoptada por *Gadir* en un momento temprano, sin la mediación de Cartago.

según Ateneo de Náucratis se inmolaba durante los sacrificios dedicados a Melqart en Tiro (Aten., *Deipn.*, IX, 392D-E).

En cualquier caso es conveniente, como en su día señaló Adele Simonetti, diferenciar a nivel metodológico entre "sacrificios humanos" y "muertes rituales" (Simonetti, 1983, p. 93), toda vez que la mayor parte de los ejemplos documentados caben dentro de la segunda de las opciones (Marín Ceballos, 1995, p. 56), es decir, se trata de muertes que no se practican como ofrendas periódicas a una divinidad concreta, sino de forma extraordinaria en circunstancias culturalmente significativas de la vida social como funerales, fundaciones de ciudades, situaciones de crisis, guerras, epidemias, carestía, etc., no implican necesariamente un destinatario divino.

Diodoro Sículo recuerda dos episodios de la historia de Cartago (*Diod.* XIII, 86 y XX, 14) en los que los caudillos cartagineses ofrecen sacrificios a *Kronos* para recabar su ayuda en situaciones de crisis (epidemias y asedios). Si del segundo fragmento es interesante destacar que entre las víctimas del sacrificio colectivo, además de niños, hay adultos que se ofrecen voluntariamente, no menos elocuente resulta la evidencia del primero en el que la pequeña víctima, que no es quemada, muere degollada por un golpe de espada (Simonetti, 1983, pp. 100-101). De éste y otros ejemplos se saca la conclusión de la existencia en el mundo fenicio-púnico de dos tipos de sacrificios humanos, según intervenga o no el fuego. El segundo caso, aunque menos frecuente, sería el documentado en Oriente y, al parecer, el adoptado por los fenicios extremo-occidentales.

Volviendo al ejemplo que estamos analizando, y a falta de un análisis más profundo, podemos sacar algunas conclusiones preliminares. Puesto que cronológicamente los materiales que rellenan el pozo ofrecen una datación muy precisa centrada en el transcurso de la Segunda Guerra Púnica, estaríamos hablando de una situación de guerra y por tanto de crisis, en la que bien pudiera haberse dado las circunstancias propicias para llevar a cabo un sacrificio (que podría ser un ciudadano libre, un esclavo o, como en la noticia de Cicerón[20], un prisionero de guerra); aunque tampoco podemos olvidar que se trata de un contexto funerario y que, por tanto, podríamos encontrarnos ante un sacrificio funerario.

En suma, con los datos que tenemos podemos aventurar que posiblemente nos encontremos ante muertes rituales debido a circunstancias extraordinarias, que en el caso a examen (por el contexto cronológico) podría estar en relación con los acontecimientos bélicos desarrollados en torno a la Segunda Guerra Púnica; costumbre que podemos suponer que perdurase en el tiempo, quizás desvirtuado, y de ahí tanto el hallazgo de Varela como el testimonio de Cicerón.

En Cádiz a 29 de diciembre de 2005

Bibliografía

Almagro-Gorbea, M. ; Moneo, T. (1999) - *Santuarios urbanos en el mundo ibérico*. Bibliotheca Archaeologica Hispana. 4. Madrid: Real Academia de la Historia.

Aubet Semmler, M. E. (1994) - *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Edición ampliada y puesta al día. Barcelona: Crítica.

Bartoloni, P. (2004) - Le necropoli della Sardegna fenicia. In González Prats, A. (ed.) *El mundo funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios (Guardamar del Segura, 2002)*. Alicante: Instituti Alicantino de Cultura "Juan Gil-Albert" - Diputación Provincial de Alicante. pp. 117-130.

Córdoba Alonso, I. (1999) - Nuevos datos para el conocimiento de la extensión de la necrópolis fenicia de Cádiz. In *XXV Congreso Nacional de Arqueología (Valencia, 1999)*. Valencia: Diputació de València. pp. 342-347.

20 (Cicerón, *Ad Fam.* X, 32, 3).

Córdoba Alonso, I. ; Blanco Jiménez, F. J. (2004) - *Memoria de la excavación arqueológica realizada en el solar ubicado en la Avda. Juan Carlos I esquina a Trille nº 24 a 38 (Cádiz)*. Memoria Inédita depositada ante la Delegación Provincial de Cultura de Cádiz. Cádiz.

Córdoba Alonso, I. ; Ruiz Mata, D. (2005) - El asentamiento fenicio arcaico de la calle Cánovas del Castillo (Cádiz). Un análisis preliminar. In Celestino Pérez, S. y Jiménez Ávila, J. (eds.) - El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental (Mérida, 2003). Anejos de Archivo Español de Arqueología. XXXV: 2. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. pp. 1269- 1322.

Corzo Sánchez, R. (1989) - Los sacrificios infantiles en Cádiz. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. 14. Castellón. pp. 239-246.

Corzo Sánchez, R. (1992) - Topografía y ritual en la necrópolis de Cádiz. *Spal*. 1. Sevilla. pp. 263-292.

Corzo Sánchez, R. (1995) - El ritual de los sacrificios infantiles en el área gaditana. In *La problemática del infanticidio en las sociedades fenicio-púnica. IX Jornadas de Arqueología fenicio-púnica (Eivissa, 1994)*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 35. Eivissa: Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera. pp. 67-89.

Corzo Sánchez, R. ; Ferreiro López, M. (1987) - Sacrificios humanos en el Cádiz antiguo. In *II Congreso Andaluz de Estudios Clásicos (Antequera-Málaga, 1984)*. Vol. II. Málaga. pp. 57-61.

Fantar, M. (1970) - *Eschatologie phénicienne punique*. Collection notes et documents. Túnez.

García y Bellido, A. (1963) - Hercvles Gaditanvs. *Archivo Español de Arqueología*. 36. Madrid. pp. 70-153.

Marín Ceballos, M. C. (1995) - El ritual del tofet: ¿Sacrificio infantil o ritual iniciático?. In *La problemática del infanticidio en las sociedades fenicio-púnica. IX Jornadas de Arqueología fenicio-púnica (Eivissa, 1994)*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 35. Eivissa: Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera. pp. 55-66.

Miranda Ariz, J. M. ; Pineda Reina, P. (1999) - *Memoria de la Intervención Arqueológica de Urgencia Edificio "Puerto Varela" (Avda. de Andalucía s/n. Cádiz)*. Memoria inédita depositada en la Delegación Provincial de Cultura de Cádiz. Cádiz.

Miranda Ariz, J. M. ; Pineda Reina, P. ; Calero Fresneda, M. (2004) - Usos del suelo en la necrópolis de Cádiz: el proceso de distribución del espacio extramuros de la ciudad. In González Blanco, A. ; Matilla Séiquer, G. ; Egea Vivancos, A. (eds.) *El Mundo Púnico. Religión, Antropología y cultura material. Actas del II Congreso Internacional del Mundo Púnico (Cartagena, 2000)*. Estudios Orientales. 5-6 [2001-2002]. Murcia : Universidad de Murcia. pp. 243-265.

Muñoz Vicente, A. (1998) - Notas sobre la necrópolis fenicia de Cádiz. In *Homenaje al Profesor Carlos Posac Mon*. Vol. I. Ceuta : Instituto de Estudios Ceutíes. pp. 131-141.

Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. (2001) - Pozos púnicos en la necrópolis de Cádiz: Evidencias de prácticas rituales funerarias. *Rivista di Studi Fenici*. XXIX: 2. Roma. pp. 183-230.

Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. (2003) - El uso ritual de la vajilla cerámica en la necrópolis púnica de Cádiz. *Archivo Español de Arqueología*. 76. Madrid. p. 3-30.

Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. (2006a) - Ofrendas de peces y moluscos en la necrópolis púnica de Cádiz. Una aproximación. In *I Conferencia Internacional sobre la Historia de la pesca en el ámbito del Estrecho (El Puerto de Santa María, 2004)*.

Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. (2006b) - Banquetes rituales en la necrópolis púnica de Gadir. *Gerión*. 24. Madrid.

Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. ; Ferrer Albelda, E. (2004) - Sacrificios de cánidos en la necrópolis púnica de Cádiz. In *Actas del III Congreso Español de Antiguo Oriente Próximo (Huelva, 2003)*. Huelva Arqueológica. 20. Huelva : Diputación Provincial de Huelva - Sección de Arqueología. pp. 63-88.

Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. ; Ferrer Albelda, E. (2005) - Anotaciones al culto funerario de Gadir: Los pozos rituales. In Spanò-giammellaro, A. (ed.) *Atti del V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici (Marsala-Palermo, 2000)*. Vol. III. Palermo: Università degli Studi de Palermo. pp. 1171-1186.

Olmo Lete, G. Del (1995) - El molk púnico: Interpretación de un ritual. In *La problemática del infanticidio en las sociedades fenicio-púnica. IX Jornadas de Arqueología fenicio-púnica (Eivissa, 1994)*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 35. Eivissa: Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera. pp. 9-22.

Perdigones, L.; Muñoz, A. ; Pisano, G. (1990) - *La necrópolis fenicio-púnica de Cádiz. Siglos VI al IV a.C.* Studia Punica. 7. Roma: II Università degli Studi di Roma.

Ruiz Mata, D. (1999) - La fundación de Gadir y el Castillo de Doña Blanca: Contrastación textual y arqueológica. *Complutum*. 10. Madrid. pp. 279-317.

Sibón Olano, J. F. (2001) - *Memoria Preliminar de los resultados obtenidos de la excavación realizada en la Avda. Amílcar Barca. Secretaría General de la Seguridad Social de Cádiz. Junio/Julio 2001*. Informe Inédito depositado ante la Delegación Provincial de Cultura de Cádiz. Cádiz.

Simonetti, A. (1983) - Sacrifici humani e uccisioni rituali nel mondo fenicio-punico. Il contributo delle fonti letterarie clasiche. *Rivista di Studi Fenici*. XI: 1. Roma. pp. 91-111.

Tejera Gaspar, A. (1979) - *Las tumbas fenicias y púnicas del Mediterráneo Occidental. Estudio tipológico*. Sevilla : Universidad de Sevilla.

Torres Ortiz, M. (1999) - *Sociedad y mundo funerario en Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana. 3. Madrid : Real Academia de la Historia.

Verger, S. (ed.) (2000) - *Rites et espaces en Pays Celte et Méditerranéen. Étude comparée à partir du sanctuaire d'Acy-Romance (Ardennes, France)*. Collection de l'École Française de Rome. 276. Roma : École Française de Rome.

VV.AA. (1989) - *Riti funerari e di olocausto nella Sardegna fenicia e punica. Atti dell'incontro di Studio (Sant'Antioco, 1986)*. Quaderni. 6. Cagliari : Soprintendenza Archeologica per le provincie de Cagliari e Oristani ().

VV.AA. (1995) - *La problemática del infanticidio en las sociedades fenicio-púnica. IX Jornadas de Arqueología fenicio-púnica (Eivissa, 1994)*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 35. Eivissa : Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera.

Xella, P. (2004) - Una cuestión de vida o muerte: Baal de Ugarit y los dioses fenicios. In González Blanco, A. ; Matilla Séiquer, G. ; Egea Vivancos, A. (eds.) *El Mundo Púnico. Religión, Antropología y cultura material. Actas del II Congreso Internacional del Mundo Púnico (Cartagena, 2000)*. Estudios Orientales. 5-6 [2001-2002]. Murcia : Universidad de Murcia. pp. 33-45.

LA DIVINIDAD FEMENINA DE ORIGEN ORIENTAL Y SU REFLEJO EN LOS SANTUARIOS IBÉRICOS

Lourdes Prados Torreira

Dto. Prehistoria y Arqueología
Universidad Autónoma de Madrid

Resumen

Analizamos la presencia de una divinidad femenina de origen oriental cuyo culto se manifiesta en diferentes santuarios de época ibérica, a partir de las representaciones antropomorfas, betílicas y simbólicas.

Abstract

We analize the presence of an oriental female divinity in different Iberian sanctuaries, and her anthropomorphic, betilic and symbolic representations.

A medida que avanza la investigación en torno a los santuarios de época ibérica, comienza a ser más evidente la importancia de cultos de origen oriental, en sentido amplio, en un gran número de santuarios pertenecientes a esta cultura. En concreto, en los últimos años diversos estudios han destacado su huella en santuarios tan distantes como La Algaida, San Lúcar de Barrameda, Cádiz (Corzo 2000); Gorham´s Cave, Gibraltar (Belén y Pérez López 2000); Torreparedones, Baena, Córdoba (Cunliffe y Fernández Castro 1999 y Castro y Cunliffe 2002); San Miquel de Lliria, Valencia (Bonet y Mata 1997); La Encarnación, Murcia (Ramallo y Brotons 1997); Cerro de Las Cabezas, Valdepeñas, Ciudad Real (Moneo *et alii* 2001), etc. En todos ellos, la presencia de un culto a una divinidad femenina, cuya representación puede ser antropomorfa, betílica o evocada mediante símbolos, queda patente, al tiempo que se manifiesta un culto tanto relacionado con toda la comunidad, como específicamente femenino.

I. El culto a una divinidad femenina y su reflejo en los santuarios y necrópolis

Voy a centrarme en analizar algunos aspectos que nos hablan de un culto relacionado con una divinidad femenina cuyo desarrollo en muchos santuarios hay que vincularlo también a una advocación de raigambre eminentemente femenina. Sin extendernos mucho, simplemente mencionar que existen santuarios donde la presencia de mujeres está constatada a través de la existencia de exvotos que representan mujeres orantes y oferentes; niños recién nacidos, representaciones de órganos femeninos, como úteros, pero donde, sin embargo, existe una mayor presencia de exvotos relacionados con el ámbito masculino, así queda patente a través del gran número de guerreros, etc, en Collado de los Jardines (Despeñaperros, Jaén) (Prados, 1992). Otros santuarios, como es el caso de la Cueva de La Lobera, en el vecino Castellar, presentan exvotos mayoritariamente femeninos (Prados, 1992; 1996) con ofrendas, como alfileres, agujas, etc. que podemos relacionar también con la afluencia de estas oferentes (Nicolini *et alii*, 2004). En el caso del santuario de Torreparedones en Baena, Córdoba, la presencia y advocación a una divinidad femenina, parece más clara, al contar, entre los exvotos figurados, con representaciones exclusivamente femeninas, como la conocida mujer gestante (Fernández Castro y Cunliffe, 2002: fig. 76).

También queremos mencionar el interesante santuario de La Algaida, en Sanlúcar de Barrameda (Cádiz), situado en la desembocadura del Guadalquivir, hoy convertido en el Parque Natural de Doñana, frente al santuario actual de El Rocío (que podría recoger la misma tradición religiosa), zona de marismas riquísima en fauna y en particular, aves acuáticas estacionales. Las excavaciones del santuario proporcionaron gran número de terracotas femeninas, anillos y fíbulas. Este sitio sagrado podría haber estado dedicado a la divinidad de la primera y última luz del día, como Venus, tal como sugiere su excavador, protectora de marinos, pero también de las parturientas (Corzo, 2000), y fácilmente equiparable a sus equivalentes orientales, como Astarté y Tanit.

En resumen, todas las ofrendas de estos santuarios nos evocan la posibilidad de que se llevaran a cabo diversos ritos de iniciación ligados al matrimonio y a la procreación, en los que se representarían ambos géneros, pero también otros más específicos de mujeres como los vinculados a las peticiones de embarazos y partos saludables, cuyo reflejo podría rastrearse a través de los exvotos que representan recién nacidos, úteros, etc., junto a la deposición de objetos como velos o mantos, como refleja el gran número de fíbulas, así como posibles ofrendas de carácter perecedero: pastelillos o frutos (Fig. 1).

En un segundo nivel de religiosidad se destacaría la existencia de un sacerdocio femenino, como ya han defendido distintos autores (Nicolini, 1998; Prados, 1996; Chapa y Madrigal, 1999; Prados e Izquierdo, 2005). Se ha argumentado que en los santuarios rurales, que en muchos casos están al servicio de diversos grupos y etnias, se podría mantener un clero estacional o cons-

tante y especializado (Chapa y Madrigal 1997), como parece demostrar la existencia de exvotos identificados con sacerdotes de ambos géneros en determinados santuarios jienenses (Collado de los Jardines y Castellar) (Fig. 2.). Los sacerdotes y sacerdotisas procederían de las familias aristocráticas y es probable que, al igual que en otros ámbitos mediterráneos, lo ejercieran con carácter hereditario, aunque es evidente que carecemos de información precisa a este respecto. Una representación muy sugestiva es el bajorrelieve procedente de Torreparedones, en el que se observa a dos mujeres realizando una libación (Fig. 3).

Es muy posible que en gran número de asentamientos, el carácter religioso se manifieste en los espacios domésticos, a través de sus jefes locales y cabezas de familia. Este sería el caso de muchos de los llamados *edificios singulares* en los poblados -por sus materiales específicos o determinados restos arquitectónicos- y que, según los casos, podrían identificarse bien con almacenes comunales, o bien con capillas domésticas (Prados, 2004).

Algunos autores han querido ver en distintas necrópolis, la posibilidad de que determinadas sepulturas correspondieran a algún personaje que en vida había desempeñado destacadas funciones religiosas. Este podría ser el caso de la Tumba 155 de Baza, donde la persona enterrada, según los análisis osteológicos de Trancho y Robledo (2010) sería una mujer, de unos treinta años, que recibe armas como ofrendas y que utiliza como urna funeraria la propia escultura con rasgos divinos: trono alado, pichón en la mano, etc. (Chapa y Madrigal, 1997; Izquierdo y Prados, 2004; Chapa y Izquierdo, 2010). Otro ejemplo similar, podría observarse en la necrópolis de Toya (Peal de Becerro, Jaén) (Pereira, 1999); o en la *necrópolis de* Galera, tumba nº 20 de Cabré (Cabré y Motos, 1920; Pereira *et alii,* 2004) donde se depositó la famosa *escultura de alabastro* conocida como *La Dama de Galera* (Chapa y Madrigal, 1997: 196; Olmos, 2004).

Fig. 1. Exvoto de oferente femenina con panecillos. Collado de Los Jardines (Jaén). MAN 28188 Foto: G. Nicolini

Fig. 2. Exvoto de bronce que representa a una posible sacerdotisa. Collado de los Jardines (Jaén). MAN 28643. Foto: Ministerio de Cultura

Fig. 3. Bajorrelieve con escena de libación. Santuario de Torreparedones (Córdoba). Foto: Ministerio de Cultura

II. ¿Es posible indagar y definir a la divinidad femenina?

Si reconocemos la presencia de santuarios con rituales de marcado carácter femenino y la existencia de un sacerdocio, en ocasiones también específicamente femenino, es lógico que tratemos de indagar y definir qué tipo de divinidad recibía culto en estos lugares.

En primer lugar, se trataría de una divinidad femenina propiciatoria de la fertilidad y la salud, con atribuciones específicas del ámbito femenino, como hemos visto, pero al mismo tiempo, protectora de toda la comunidad. En esta búsqueda nos encontramos que no resulta fácil tratar de definir o perfilar las imágenes de culto en el ámbito ibérico. Entre otras cosas porque como ya destacaron Belén y Escacena para el mundo Tartésico (2002: 161), las representaciones de divinidades pueden dividirse en dos grupos: las que constituyen un *icono directo de la divinidad*, en versión antropomórfica, sea en calidad de imagen de culto o exvoto, y las que proporcionan una alusión indirecta al *numen* o a alguna de sus manifestaciones: como flores de loto, rosetas, aves, etc.

II.1. Las representaciones antropomorfas

Si nos remontamos al *periodo orientalizante* veremos que la imagen más representativa corresponde al famoso *Bronce de Astarté,* posiblemente depositado como exvoto en el Santuario

de El Carambolo, hecho que parecen confirmar de forma clara, las excavaciones efectuadas en los últimos años en este yacimiento, y que han puesto al descubierto un impresionante conjunto sacro de características orientales (Fernández y Rodríguez, 2005). Del mismo modo, y aunque aparecida en una tumba posterior ibérica, tendríamos que referirnos a la ya mencionada escultura en alabastro de una divinidad nutricia de Galera fechada en torno al siglo VII a C. (Olmos, 2004).

Centrándonos ya en la *Cultura Ibérica*, y con las salvedades cronológicas que plantea Pozo Moro (Albacete), con la posibilidad de que el monumento responda a una tradición más antigua (Abad y Bendala, 1999; López Pardo, 2005), queremos destacar la escena de la *hierogamia* de este monumento funerario. En esta imagen vemos, según la interpretación de Olmos (1996), la unión carnal entre un mortal y una diosa que tendría lugar en un recinto sagrado, el templo, siguiendo una tradición existente desde Oriente. Contamos asimismo, con la imagen más expresiva de una divinidad en el *pinax* procedente del *La Serreta de Alcoy*, donde se muestra a una diosa nutricia, a la que le falta la cabeza, amamantando a dos recién nacidos, acompañada de músicos y aves, símbolo característico de la divinidad femenina vinculada a la fertilidad. Su hallazgo en el llamado edificio F del poblado se ha relacionado con *una estructura de carácter sacro* (Grau, 1996 y 2000), que otros autores vinculan a un culto suprafamiliar en el que participarían las élites de la comunidad (Moneo, 2003: 109). En este mismo lugar se halló el *kalathos* "de la paloma y adormidera o Granada" que ha sido relacionada con una divinidad asimilada a Tanit, junto a vasos de prestigio o funcionalidad ritual decorados, como "el vaso de los guerreros", una matriz de orfebre, etc. (Grau, 2000: 200; Moneo, 2003: fig. IV; Prados, 2004).

La probabilidad de que la conocida *Dama de Elche* haya podido ser una imagen de culto, incluso con la posibilidad de que se tratara de una figura de cuerpo entero, etc., ha sido apuntada en distintas ocasiones, aunque dado lo prolijo del tema, no podemos extendernos en estas páginas (Olmos y Tortosa, 1997; Bendala, 1994).

Del mismo modo, la conocida escultura de la Dama de Baza, a la que nos referimos anteriormente, por ciertas características, como el trono alado, o el pichón en la mano, podría considerarse una divinidad, aunque lo más probable es que se tratase de un alto personaje *divinizado* a su muerte. También contamos con una dedicatoria ya tardía, en un exvoto procedente del santuario de Torreparedones (Córdoba) y que contribuye a entender la divinidad a la que estaría dedicado este santuario, de raíces claramente púnicas. Se trata de una pequeña cabeza cubierta posiblemente con un velo, en cuya frente se grabó una inscripción a la *Dea Caelestis*, la divinidad que recibiría culto en el santuario en el I a.n.e. Marín Ceballos (1994) ya defendió que esta diosa, que los romanos asimilaron a Juno, se correspondería con la Tanit del panteón cartaginés. Por todo ello, parece posible que en Torreparedones se desarrollase un culto o bien a la propia Tanit, o bien a una divinidad indígena con rasgos y atribuciones semejantes, una diosa propiciadora de la salud y de la fecundidad, como han destacado Marín y Belén (2002-03: 178). Todas estas características permiten plantearnos la existencia de un culto predominantemente femenino, en el que la participación de mujeres no se limitaría a la mera deposición de ofrendas, sino a un papel más activo en el desarrollo del mismo. En este sentido resulta muy ilustrativa la conocida *escena de libación*, procedente de este mismo santuario, aunque sin un contexto claro, esculpida en un sillar de esquina, en el que dos mujeres parecen verter el líquido contenido en un vaso caliciforme, que sostienen entre ambas. A la derecha de la misma se representa una columna con fuste acanalado acabado en un capitel en forma de león. Esto ha hecho plantear a distintos investigadores que pudiera tratarse de una representación de la fachada del propio templo, o incluso una tumba, o una escena de culto betílico (Seco, 1999: 147). También debemos recordar que el león es, además, el símbolo de Astarté y precisamente en este mismo santuario, se encontró un exvoto con cabeza "leonina" (Marín y Belén, 2002-03).

II.2. La Imagen betílica

El *betilo,* según nos recuerda Ribichini (1985, 120) "*è il dio o lo rappresenta, in quanto specifica epifania divina: oppure é la sua dimora, la sede della sua potenza*".

Entre los fenicios el culto a Astarté era esencialmente betílico y con frecuencia la imagen de la diosa era una piedra oscura con aspecto de aerolito, aunque no lo fuera realmente (Ribichini, 1985: 121 y 123). Del mismo modo, en algunos santuarios podemos encontrarnos una dualidad de exvotos antropomorfos y anicónicos. Se ha sugerido incluso, que los llamados *candelabros* de Lebrija fueran la representación anicónica de una tríada divina (Perea *et alii*, 2003: 113). Su representacióin debía ser frecuente, igual que lo era que las imágenes se representasen bajo esa doble forma. A los betilos se los ungía, se los vestía, se los invocaba, se los bañaba y se presentaban ofrendas ante ellos, en definitiva como vemos, su función es la propia de una estatua de culto (Seco, 1999: 137). Los betilos, lógicamente, resultan más difíciles de identificar. En Torreparedones, durante el s. I a.C., la imagen de culto debió ser una columna instalada en lugar preferente dentro del santuario, posiblemente la *Dea Caelestis*, a la que ya nos hemos referido. Se ha defendido que algunos de estos cultos podrían tener su origen en tradiciones más antiguas vinculadas a la presencia de poblaciones semitas en el Bajo Guadalquivir (Marín, 1993), entre las cuales, como sucedía en otras culturas mediterráneas, el betilismo tenía una larga tradición (Falsone, 1993; Seco, 1999: 137; Belén y Escacena, 2002: 169). También en el *Cerro de las Cabezas* (Valdepeñas, Ciudad Real), se ha puesto de manifiesto su presencia, en lo que se considera un lugar sacro (Moneo *et alii*, 2001). Asimismo, creo que es posible rastrear su presencia, en determinanadas representaciones de la pintura vascular de La Alcudia de Elche. En el ya mencionado santuario sevillano de El Carambolo, *las piedras* que en su día llamaron la atención de su excavador Carriazo, podrían ser betilos, en particular, el llamado *gran bloque de sílex negro,* que quizá estuvo colocado sobre un pedestal en forma de columna. De igual modo, en este mismo santuario, podemos encontrarnos con una dualidad de exvotos antropomorfos y anicónicos (Belén y Escacena, 2002).

II.3. Símbolos de la divinidad

Vamos ahora a referirnos a los símbolos de la divinidad femenina, que han sido repetidamente estudiados, por lo que nos limitaremos a poner algunos ejemplos.

En general, partimos de la hipótesis, como se ha señalado para la cerámica ibérica de Levante, que los distintos motivos representados en la iconografía son signos de un lenguaje codificado (Olmos, 1992; Tortosa, 1996). Del mismo modo, podemos señalar distintos símbolos que representan la presencia de la divinidad femenina y sus atributos.

Flor de Loto

Se considera un atributo de Astarté y también de Tanit, diosas astrales dispensadoras de la vida y protectoras de la muerte. Sería el símbolo de un ciclo vital, del renacimiento y de la vida, en estrecha vinculación con el curso solar, se cierra al caer la noche y se vuelve a abrir cuando amanece. Por tanto, su representación en distintos soportes, como huevos de avestruz, cerámicas, bronces, etc., no tendría un sentido decorativo, como por otra parte confirman los contextos, religiosos y funerarios, en que aparecen la mayoría de estos objetos.

Roseta

La roseta es un signo ambivalente, astral y vegetal, cuya asociación simbólica a una divinidad femenina es común en el Mediterráneo (Kukahn, 1962; Belén y Escacena, 2002). Es el símbolo de Istar, Astarté y Tanit. Existen numerosísimas representaciones de esta divinidad femenina que podemos rastrear desde Oriente (es frecuente su representación, por ejemplo, en los bajo relieves asirios protegiendo a los monarcas), en el ámbito púnico (como símbolo de Tanit, en las

estelas funerarias de Cartago) o en el propio espacio de la cultura ibérica, como atributo e imagen de una divinidad femenina que podemos rastrear desde la etapa orientalizante. Así explicaríamos su presencia en diferentes soportes, en la orfebrería, en huevos de avestruz, marfiles, bronces, etc. En las cerámicas de Elche, la roseta unas veces acompaña y otras sustituye a la imagen divina, diosa alada que se manifiesta indistintamente con forma vegetal, animal o humana. En este caso tendríamos, como ha visto Tortosa (2004), una fuerte influencia púnica en la sintaxis simbólica elaborada por las sociedades ibéricas, pero sin que podamos determinar ni el nombre, ni las características exactas de esta divinidad. En ocasiones, la roseta adquiere más rasgos de representación astral, como en los cuencos del Carambolo (Belén y Escaena, 2002: fig. 9), y creemos que también en los llamados vasos margarita de Cancho Roano (Celestino, 2003), que posiblemente pudieran ser los moldes de panes y dulces en honor de la diosa, siguiendo el ejemplo de los moldes en forma de la divinidad, procedentes del santuario chipriota dedicado a Astarté.

Aves

Su representación es muy frecuente en la Península Ibérica y siempre vinculada a la divinidad y al ámbito femenino. La presencia de aves se documenta tanto en depósitos votivos y santuarios, como en necrópolis y en los llamados *edificios singulares* en los poblados, donde posiblemente tengamos que ver aunadas las funciones de almacenamiento de excedentes, actividades artesanales, y en particular las de carácter textil, dado su permanente asociación a elementos relacionados con los telares, junto a posibles rituales de diversa naturaleza (Prados, 2004).

Las aves, sobre todo las palomas, pero también las acuáticas, sabemos que son el símbolo de una divinidad femenina, tanto de origen oriental, Astarté o Tanit, como griego, Afrodita, divinidad, por otra parte, con muchas connotaciones orientales. Como diosa de la tierra, destaca en su aspecto fértil, a través de la lluvia reúne el cielo con la tierra y hace que de las semillas de la tierra humedecida brote la nueva vegetación. Pero quizá la imagen más común a todas estas divinidades femeninas, Astarté, Afrodita, Tanis, sea la paloma (Baring y Cashford, 2005: 410). En muchos de los lugares donde aparecen representaciones de aves también encontramos los pebeteros de arcilla con cabeza femenina que, en general, suelen asimilarse a Deméter y su hija Perséfone.

La imagen de Deméter, "la que trae la fruta" y "las estaciones", suele aparecer coronada de espigas de trigo o sosteniendo el trigo entre sus manos. Su presencia se invocaba en la siega y la siembra y sus fiestas se celebraraban al cambiar las estaciones.

III. Consideraciones finales

Todas estas cuestiones relativas a diferentes divinidades femeninas con atributos y características muy semejantes, podemos rastrearlas en su proyección ibérica.

Es la divinidad que aparece transportada por las aves acuáticas que simbolizan el cambio de las estaciones en el *Bronce Carriazo*, o la divinidad nutricia que aparece en La Serreta de Alcoy flanqueada por aves y músicos donde su presencia, en lo que debió ser un *edificio singular* en el poblado, viene justificada por la necesidad de proteger y bendecir las actividades que regirían la vida del poblado. De igual modo, los vasos plásticos en forma de paloma, nos evocan un tipo de libaciones relacionadas con esta divinidad femenina (Pérez Ballester y Gómez Bellard, 2004), cuya presencia, por tanto, encaja tanto en los enterramientos formando parte de ajuares de segmentos de la población con un peso económico y social destacable. Según parece confirmar el resto del ajuar de estas tumbas, como en los santuarios o depósitos votivos. Los estudios sobre el género y la edad de los individuos cuyo ajuar suele contener esta clase de objetos, no permite todavía aventurar si existe un sesgo que pudiera hacernos pensar que era mayoritario el numero

de mujeres, por ejemplo, que se hacían acompañar al más allá por estas representaciones. Lo que sí parece claro es que tanto en los exvotos en bronce, como vemos en distintos ejemplos del santuario de Collado de los Jardines, como en terracota, nos encontramos con que las palomas acompañan o las ofrecen, únicamente mujeres, quienes posiblemente entregarían estos animales como ofrendas a la divinidad, lo mismo que se confirma en el conocido quemaperfumes orientalizante de La Quéjola (Albacete) depositado en un área sacra del poblado (Blánquez y Olmos, 1993), o en la propia escultura de *La Dama de Baza*, que sujeta en su mano cerrada un pichón**.**

No podemos incluir, por falta de espacio, las representaciones de aves en la pintura vascular de Levante, que tan bien ha estudiado en los últimos años Tortosa y a cuyos trabajos podemos remitirnos (Tortosa, 2004: 1998, etc.). También en estos casos, la presencia del ave habría que relacionarla, junto a la roseta y a los otros símbolos vegetales, con esa divinidad femenina vinculada con la fecundidad y con aspectos salutíferos, cuyos atributos y orígenes podemos rastrear, pero cuyo nombre y características exactas, en su proyección ibérica, no podemos determinar.

Bibliografía

Abad, L. y Bendala, M. (1999) - El arte ibérico. Hª del Arte, *Historia*. 16. Madrid.

Belén, M. (2000) - Itinerarios arqueológicos por la geografía sagrada del Extremo Occidente. En *Santuarios fenicio-púnicos en Iberia y su influencia en los cultos indígenas. XIV Jornadas de Arqueología fenicio-púnicas*. Ibiza. pp. 57-86.

Belén , M. y Escacena, J.L. (2002) - La imagen de la divinidad en el mundo tartésico. En Ferrer, E. (ed.), *Ex Oriente Lux: Las religiones orientales antiguas en la Península Ibérica*. Spal Monografías. II. Sevilla.

Belén, M. y Pérez López, I. (2000) - Gorham´s Cave, un santuario en el Estrecho. Avance del estudio de los materiales cerámicos. *Actas del IV Congreso Internacional de estudios fenicios y púnicos*. vol II. Cádiz. pp. 531-542.

Bendala, M. (1994) - Reflexiones sobre la Dama de Elche. *Revista de Estudios Ibéricos*. 1. pp. 85-105.

Corzo, R. (2000) - El santuario de La Algaida (Sanlúcar de Barrameda, Cádiz) y la formación de sus talleres artesanales". En *Santuarios fenicio-púnicos en Iberia y su influencia en los cultos indígenas. XIV Jornadas de arqueología fenicio- púnicas*. Ibiza. pp. 147-181.

Bonet, H. y MATA, C, (1997) - Lugares de culto edetanos. Propuesta de definición. En *Espacios y lugares cultuales en el mundo ibérico.* Quaderns de Prehistoria i Arqueología de Castelló. 18. pp. 115-146.

Blánquez, J. y Olmos, R. (1993) - El doblamiento ibérico antiguo en la provincia de Albacete. El timiaterio de la Quéjola (San Pedro) y su contexto arqueológico. En Blánquez, Sanz y Musat (eds.), *Arqueología en Albacete*. Madrid-Toledo. pp. 85-110.

Cabré, J. y MOTOS, F. (1920) - *La necrópolis ibérica de Túgi, Galera, Provincia de Granada*. J.S.E.A. 21 (1918). Madrid.

Celestino, S. (2003) - *Cancho Roano VIII y IX. Los materiales arqueológicos I y II*. Mérida: Junta de Extremadura.

Cunliffe, B. W. y Fernández Castro, C. (1999) - *The Guadajoz Project. Andalucia in the first millennium b.C. 1. Torreparedones and its hinterland*. Oxford University committee for archaeology. 47. Oxford.

Chapa, T. e Izquierdo, I. (Eds.) (2010) - *La Dama de Baza. Un viaje feminino al más allá*. Madrid: Ministério de Cultura. pp. 119-136.

Chapa, T. y Madrigal, A. (1997) - El sacerdocio en época ibérica. *Spal.* 6. pp. 187-203.

Fernández Castro, Mª C. y Cunliffe, B. W. (2002) - *El yacimiento y el santuario de Torreparedones*. B.A.R International Series. 1030. Oxford.

Fernández Flores, A. y Rodríguez Azogue, A. (2005) - El complejo monumental del Carambolo Alto, Camas (Sevilla). Un santuario orientalizante en la Paleodesembocadura del Guadalquivir. *Trabajos de Prehistoria.* 62,1. pp. 11-138.

Ferrer, E. (2002) - Topografía sagrada del Extremo Occidente: santuarios, templos y lugares de culto en la Iberia púnica. En Ferrer, E. (ed.), *Ex Oriente Lux: Las religiones orientales antiguas en la Península Ibérica*. Spal Monografías. II. Sevilla. pp. 185-217.

Grau, I. (1996) - Estudio de las excavaciones antiguas del 1953 y 1956 en el poblado ibérico de La Serreta. *Recerques del Museu d´Alcoi.* 5. pp. 83-119.

Grau, I. (2000) - Territorio y lugares de culto en el área central de la Contestania Ibérica. *Quaderns de prehistoria i arqueología de Castelló.* 21. pp. 195-226.

Izquierdo, I. (2003) - La ofrenda del vaso sagrado en la Cultura Ibérica. *Zephyrus*. LVI. pp. 117-135.

Izquierdo, I. y Prados, L. (2004) - Espacios funerarios y religiosos en la cultura ibérica: lecturas desde el género en arqueología. *SPAL*. 13.

Izquierdo, I. *et alii (*20004) - *Diálogos en el país de los Iberos*. Madrid: Ministério de Cultura.

Jiménez Avila, J. (2002) - *La toreútica orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: R.A.H.

López Palomo, (1981) - Alhonoz. Excavaciones de 1973 a 1978. *N.A.H.* 11. pp. 33-189.

López Pardo, F. (2005) - Humanos en la mesa de los dioses: la escatología egipcia y los frisos de Pozo Moro. En González Prats, A. (ed.) *El Mundo funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre temas fenicios.* Alicante. pp. 495-537.

Marin Ceballos, Mª C. (1994) - Dea Caelestis en un santuario ibérico. En González Blanco *et alii* (coord.), *El mundo púnico. Historia Sociedad y cultura.* Murcia. pp. 217-225.

Marin Ceballos, Mª C. y Belén, Mª (2002-2003) - En torno a una dama entronizada de Torreparedones. En *Homenaje a E.Ruano.* Boletín de la Asociación de Amigos de La Arqueología. 42. pp. 177-194.

Marin Ceballos, Mª C. y Belén, Mª (2005) - El fenómeno orientalizante en su vertiente religiosa. *Anejos de AespA.* XXXV. pp. 441-465.

Moneo,T. (2003) - *Religio ibérica, Santuarios, Ritos y Divinidades siglos VII-I a.C.*. Biblioteca Arqueológica Hispana. 20. Madrid: R.A.H.

Moneo,T.; Pérez, J y Vélez Rivas, J. (2001) - Un santuario de entrada ibérico en "El Cerro de las Cabezas". *Complutum.* 12. pp. 123-136.

Nicolini, G. (1998) - Les bronzes figurés ibériques: images de la classe des prêtres. En *Actas del Congreso Internacional Los Iberos. Príncipes de Occidente*. Barcelona. pp. 245-254.

Nicolini, G. *et alii* (2004) - *El santuario ibérico de Castellar, Jaén. Investigaciones arqueológicas 1966-1991*. Junta de Andalucía.

Olmos, R. (1996) - Pozo Moro: ensayos de lectura de un programa escultórico en el temprano mundo ibérico. En Olmos, R. (ed) *Al Otro lado del espejo*. Madrid. pp. 99-114.

Olmos, R. (2004) - La dama de Galera (Granada): la apropiación sacerdotal de un modelo divino. En *La necrópolis ibérica de Galera (Granada). La colección del Museo arqueológico Nacional.* Madrid. pp. 213-238.

Olmos, R. y Tortosa, T. (eds) (1997) - *La Dama de Elche. Lecturas desde la diversidad*. Madrid.

Perea, A.; Armbruster, B.; Demortier, G. y Montero, I. (2003) - Tecnología atlántica para dioses mediterráneos. Los "candelabros" de oro tipo Lebrija". *Trabajos de Prehistoria.* 60, 1. pp. 99-114.

Pereira, J. (1999) - Recipientes de culto de la necrópolis de Toya. *Archivo Español de Arqueología.* 72. pp. 16-30.

Pereira, J.; Chapa, T.; Madrigal, A.; Uriarte, A. y Mayoral, V. (2004) - Primera Parte: La necrópolis ibérica de Galera. En *La necrópolis ibérica de Galera (Granada). La colección del Museo arqueológico Nacional.* Madrid. pp. 19-168.

Pérez Ballester, J. y Gómez-Bellard, C. (2004) - Imitaciones de vasos plásticos en el mundo Ibérico. En Olmos, R. y Rouillard, P. (Eds.), *La vajilla ibérica en época helenística: Modelos y práctica*. Madrid: Casa de Velázquez. pp. 31-48.

Prados torreira, L. (1992) - *Exvotos ibéricos de bronce del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid: Ministerio de Cultura.

Prados torreira, L. (1996) - Imagen, religión y sociedad en la toréutica ibérica. En Olmos, R. (ed.), *Al Otro lado del espejo*. Madrid. pp. 131-143.

Prados torreira, L. (1997) - Los ritos de paso y su reflejo en la toréutica ibérica. En Olmos, R. y Santos Velasco, J.A. (Eds.) *Iconografía Ibérica. Iconografía itálica. Propuestas de interpretación y lectura. Coloquio Internacional* (Roma, 1993). Serie Varia 3. Madrid. pp. 273-282.

Prados torreira, L. (2004) - Un viaje seguro: las representaciones de pies y aves en la iconografía de época ibérica. *Homenaje a la prof. R. Lucas. CuPauam*. pp. 91-104.

Prados torreira, L. (2008) - Y la mujer se hace visible: estudios de género en la arqueología ibérica. En Prados, L. y Ruiz, C. (Eds.), *Arqueología del Género. Ier Encuentro Internacional en la U.A.M.* Madrid. pp. 225-250.

Prados, L. e Izquierdo, I. (2002-2003) - Arqueología del género: La cultura ibérica. En *Homenaje a E. Ruano.* Boletín de la Asociación Española de Arqueología. 42. Madrid. pp. 213-229.

Prados, L. e Izquierdo, I. (en prensa) - The Image of the women in the Iberian Culture. *XVI International Congress of Classical Archaeology of the Associazione Internazionale di Archeologia Classica (AIAC).* (Boston, 23-26 Agosto 2003).

Ramallo Asensio, F. (2000) - La realidad arqueológica de la "Influencia" púnica en el desarrollo de los santuarios ibéricos del Sureste de la Península Ibérica. En *Santuarios fenicio-púnicos en Iberia y su influencia en los cultos indígenas. XIV Jornadas de arqueología fenicio- púnicas*. Ibiza. pp. 185-217.

Ramallo, S. y Brotons, F. (1997) - El santuario ibérico de La Encarnación (Caravaca de la Cruz, Murcia). En *Espacios y lugares cultuales en el mundo ibérico.* Quaderns de Prehistoria i Arqueología de Castelló. 18. pp. 257-268.

Seco, I. (1999) - El betilo estiliforme de Torreparedones. *Spal*. 8. pp. 135-158.

Ribichini, S. (1985) - *Poenus Advena. Gli dei fenici e línterpretazione classica*. Consiglio Nazionale delle Ricerche. Roma.

Tortosa Rocamora, T. (1996) - Imagen y símbolo en la cerámica ibérica del Sureste. En Olmos, R. (Ed.) *Al otro lado del espejo*. Madrid. pp. 145-162.

Tortosa Rocamora, T. (2004) (coord.) - *El yacimiento de La Alcudia: Pasado y presente de un enclave ibérico.Anejos de AEspA*. XXX. Madrid: C.S.I.C.

Trancho, G. y Robledo, B. (2010) - La Dama de Baza: análisis paleoantropológico de una cremación ibérica. En Chapa, T. e Izquierdo, I. (Eds.), *La Dama de Baza. Un viaje feminino al más allá*. Madrid: Ministério de Cultura. pp. 119-136.

EL LENGUAJE DE LAS PLANTAS EN LAS NECRÓPOLIS FENICIAS DE LA PENÍNSULA IBÉRICA

Ana Rut Bobillo Lobato

Dto. Prehistoria y Arqueología
Universidad de Sevilla

Resumen

En el registro funerario de las colonias fenicias peninsulares los testimonios iconográficos son escasos pero significativos. Este trabajo se centra en la simbología que encierran algunas de esas imágenes: las que se inspiran su temática en el mundo vegetal.

Abstract

The ancient phoenician communities of the Iberian Peninsula have provided not many iconographic evidences but meaningful. This work focuses on the symbols of some of those images: what inspires its subject on the vegetal universe.

El presente trabajo constituye un intento de aproximación a la religiosidad funeraria fenicia en el sur de la Península Ibérica a través de las fuentes iconográficas. Nuestra propuesta de interpretación parte de un supuesto previo: las representaciones que encontramos en los enterramientos fueron utilizadas para materializar conceptos y pensamientos de carácter religioso. Varios indicios vienen en apoyo de esta hipótesis, uno de los cuales es el tipo de soporte. Las imágenes que analizaremos aparecen sobre joyas y sobre huevos de avestruz. El valor sagrado de ciertas joyas en el mundo semita ha sido señalado por distintos autores; Bénichou-Safar ha afirmado que eran utilizadas para certificar un vínculo o alianza que el fiel contraía con la divinidad a cambio de su protección contra poderes malignos (Bénichou-Safar, 1996, p. 533). Por otro lado, el huevo –aparte de tener un uso ritual tal como se constata en los contextos funerarios– se asocia a creencias de orden escatológico; refleja la idea de regeneración en la medida en que representa una realidad aparentemente inerte, de la que surge un ser vivo. Además, las fuentes clásicas aportan referencias acerca de las connotaciones cosmogónicas del huevo en el universo religioso fenicio[1]. Otra de las pruebas que nos inducen a pensar que las representaciones que encontramos en los enterramientos encierran un contenido simbólico es que las mismas figuraciones aparecen también en otros contextos sacros, como son los santuarios. Dadas las limitaciones de nuestra exposición, hemos restringido el área de estudio a las necrópolis fenicias del sur de la Península Ibérica dando preferencia a aquellas que nos aportan piezas bien contextualizadas.

El material iconográfico

De entre la documentación disponible hemos seleccionado en primer lugar una necrópolis que ha proporcionado una serie de representaciones figuradas en orfebrería: la necrópolis fenicia de Cádiz (Perdigones Moreno et al., 1990)[2]. Las piezas aparecen normalmente formando parte de conjuntos, lo que nos permitirá detectar asociaciones de signos con carácter significativo. Es relevante el hecho de que las joyas sean depositadas una vez realizada la cremación, lo que revela que no se trata de un elemento más en el atuendo del difunto; no entran en del concepto de ornamento. Se constata, en cambio, una intención de perdurabilidad, de que estos objetos se mantengan intactos y acompañen al difunto en su destino en el más allá. La tumba 1 de esta necrópolis, que pertenecía a un joven, ha aportado un conjunto de joyas (fig. 1) el cual presenta una doble temática: por una parte la simbología astral –recogida en varios colgantes con creciente lunar y disco en su interior– y por otra la vegetal –representada en la roseta granulada que aparece sobre un pequeño colgante esférico[3]–. En la tumba 17 fueron halladas varias piezas en oro (fig. 2). La de mayor tamaño es un pendiente constituido en su cuerpo central por una palmeta de cuenco rematada por dos cabezas de ave; por debajo cuelga un cestillo cúbico que contiene una pirámide de gránulos[4]. Encontramos también un colgante con roseta en filigrana y una serie de diez

1 Nos referimos a un pasaje de Filón de Biblos que nos ha llegado a través de Eusebio de Cesarea (*Prep. Evang.,* I, 10, 1-2). Encontramos otras evidencias en Damascio, *De principiis*, 125.

2 La información relativa a los enterramientos y materiales de esta necrópolis ha sido publicada en el mencionado trabajo de Perdigones Moreno et al, 1990. Para agilizar el discurso evitaremos citarlo reiteradamente a lo largo del texto.

3 Esta pieza posiblemente perteneció a un zarcillo; se conocen colgantes similares procedentes de Cartago y datados entre mediados del siglo VII a. C. y la primera mitad del VI. El ajuar cerámico de la tumba, en cambio, nos remite a la segunda mitad del siglo VI; esta disparidad cronológica se explicaría por el conservacionismo propio de las joyas (Pisano, 1990: 61).

4 La cronología de la pieza puede ser precisada por el colgante en forma de cestillo, el cual tiene paralelos en collares de Cartago, datados entre la segunda mitad del siglo VII y principios del VI a. C. En Marruecos, Chipre y el Próximo Oriente se encuentra también en contextos del V, por lo que su cronología puede ampliarse hasta este siglo (Quillard, 1979, p. 54). Ello vendría en apoyo de la fecha dada por el ajuar del enterramiento, el cual nos lleva al siglo VI con posible prolongación hasta el V.

colgantes circulares con botón central y borde entrante el la parte inferior, formando un ángulo[5]. Brigitte Quillard, en su estudio de las joyas fenicias de Cartago, ha defendido un origen egipcio para este último signo, bastante frecuente en la gramática decorativa egipcia donde representa la mandrágora[6]. Las cualidades mágicas atribuidas a esta planta en el mundo antiguo explicaría la popularidad que alcanzaría este signo en el entorno mediterráneo, con el valor de amuleto. En definitiva, encontramos en este enterramiento tres elementos de temática vegetal –la palmeta, la roseta y el que puede ser interpretado como mandrágora–, asociados a otros como son las aves y el cestillo con pirámide de gránulos.

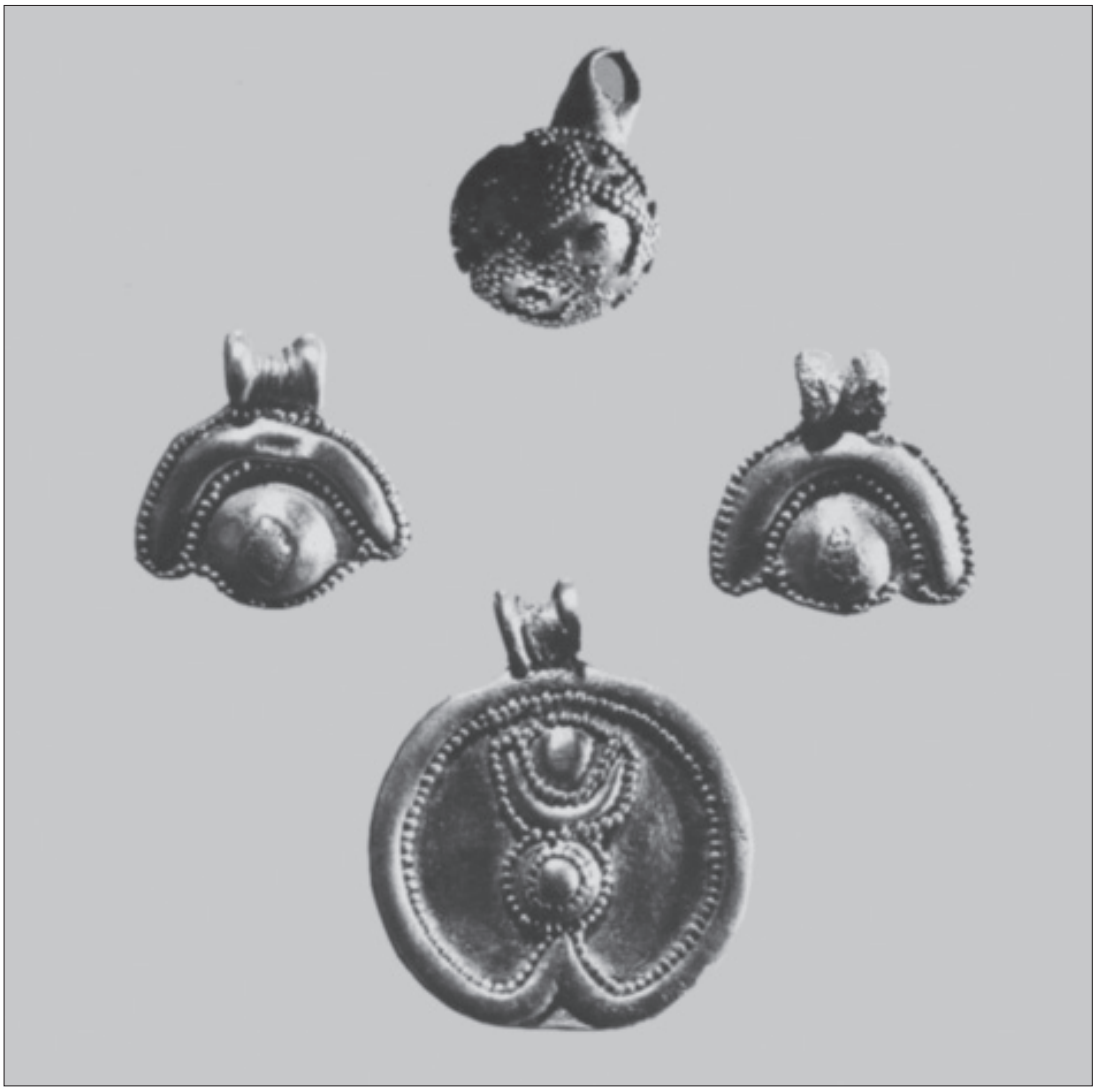


Fig. 1. colgantes de la tumba 1 de la necrópolis fenicia de Cádiz (adaptado de Perdigones et alii, 1990, Lám. VII y VIII)

5 Colgantes de este tipo son frecuentes collares procedentes de Cartago, Cerdeña, Sicilia y Argelia, datados entre la segunda mitad del siglo VII y el VI a. C. (Quillard, 1979, p. 84).

6 El signo egipcio es similar al que portan los colgantes gaditanos, pero en posición invertida y sin el disco central. Bajo este aspecto es como figura en dos estatuas masculinas de Golgoi, formando parte de los largos collares *ousekh*. Su origen se remontaría al Imperio Medio; aparece en un collar *ousekh* que lleva Nefertari en una de las representaciones de su cámara funeraria (Quillard, 1979, p. 85).

Fig. 2. pendiente y colgantes de la tumba 17 de la necrópolis fenicia de Cádiz (Perdigones et alii, 1990, fig. 36.1 y 36.3)

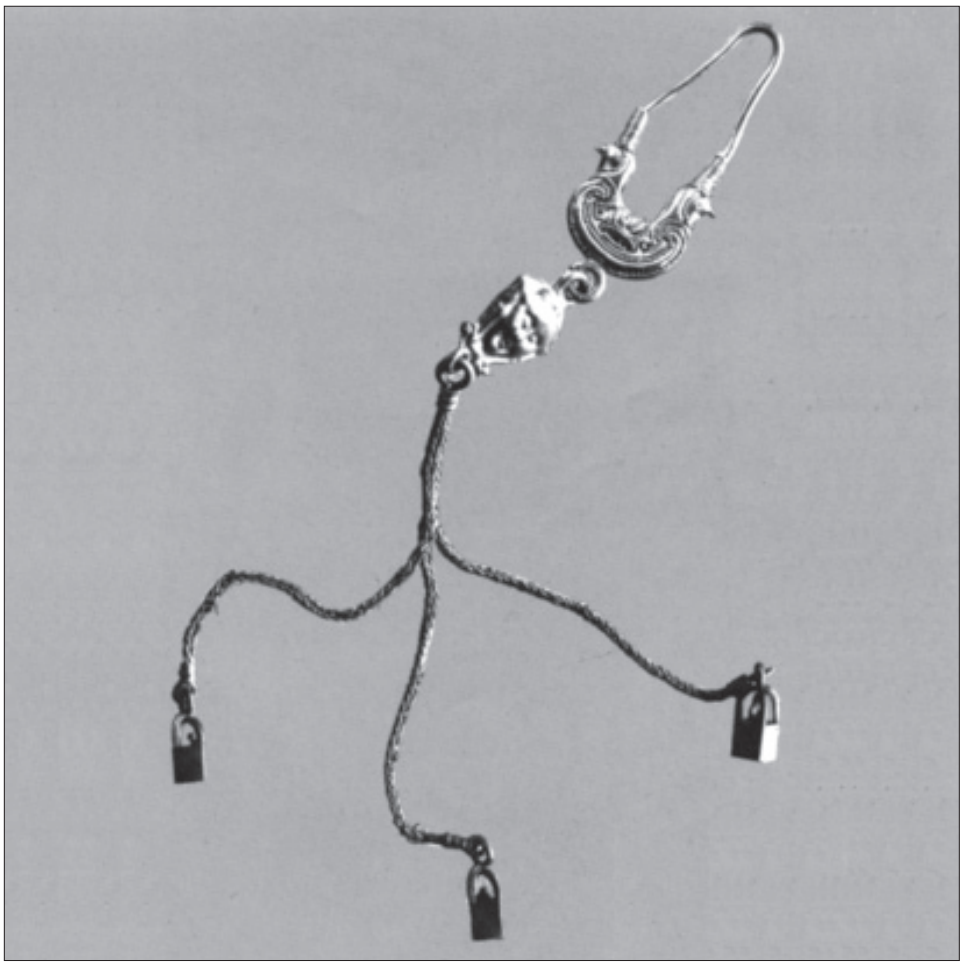


Fig. 3. pendiente de la tumba 2 de la necrópolis fenicia de Cádiz (Perdigones et alii, 1990, Lám. IX)

A la tumba 2 (fig. 3) pertenece un pendiente caracterizado por la agregación de diferentes elementos. La composición aparece coronada por una palmeta con dos cabezas de aves; por debajo de ésta cuelga una cabeza femenina con tocado hatórico[7]; la parte inferior está formada por tres cestillos suspendidos de finas cadenas, con pirámides de gránulos en su interior. En la tumba 18 (fig. 4) encontramos un pendiente que presenta una asociación de signos semejante, con la diferencia de que el rostro femenino ha sido sustituido por una palmeta de cuenco en posición invertida. El mismo enterramiento ha aportado, entre otras joyas, un anillo decorado con dos filas de palmetas.

Además de las joyas, en el registro funerario de las colonias fenicias de Andalucía se documenta otro tipo de soporte que ha conservado representaciones figurativas: los huevos de avestruz. El conjunto más significativo en cuanto a su número y a la calidad de las imágenes es el de Villaricos. Laurita, necrópolis fenicia de Almuñécar, también ha aportado varios ejemplares, que señalaremos por tratarse de piezas bien contextualizadas. En esta última necrópolis encontramos huevos decorados en dos enterramientos: la tumba 10, con dos ejemplares que constituyen el único ajuar que acompañó al difunto (fig. 5) (Pellicer, 1963, p. 18), y la tumba 19, la cual contenía dos enterramientos acompañados de un huevo y de otras piezas (Pellicer, 1963, p. 30, 38). En los tres casos la decoración presenta un mismo esquema básico, consistente en cenefas verticales de rosetas pintadas en rojo y enmarcadas en metopas. En los ejemplares de la tumba 10 aparecen además figuras estilizadas de aves en el espacio que queda entre las metopas, lo que nos remite a una asociación que ya encontramos sobre las joyas de Cádiz: la del motivo vegetal y el pájaro.

Fig. 4. pendiente y anillo de la tumba 18 de la necrópolis fenicia de Cádiz (Perdigones et alii, 1990, fig. 37.2 y 37.3)

7 La cabeza con tocado hatórico aparece difundida en el Mediterráneo oriental en el siglo VI e inicios del V a. C., como parte de collares fenicios, si bien el motivo es de origen egipcio (Pisano, 1990, p. 59).

Sobre los huevos de Villaricos (Astruc, 1951) encontramos una gran riqueza de signos vegetales en composiciones muy diversas. En primer lugar mencionaremos las series de roseta y flor de loto, que reflejan la alternancia entre la flor entreabierta y la corola completamente desplegada (fig. 6); en otras ocasiones se suceden el capullo cerrado y la flor que se abre; los motivos pueden aparecer separados en metopas o formando cadenas. Bajo cualquiera de estas formas, la idea que se transmite es la misma: la sucesión continua de nacimiento y plenitud en un ciclo que se repite indefinidamente en torno al huevo que le sirve de soporte. En algunos ejemplares los signos mencionados se asocian a su vez a otras representaciones como el cérvido o la rama (fig. 7).

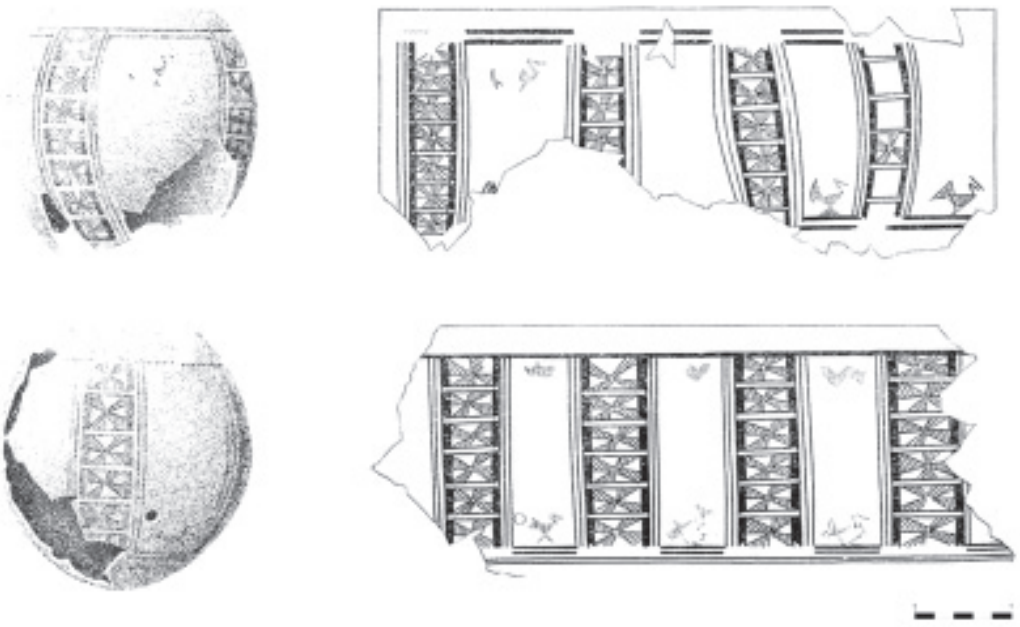


Fig. 5. huevos de avestruz de la tumba 10 de la necrópolis Laurita (Pellicer, 1963, fig. 11)

Fig. 6. huevo de avestruz de la necrópolis de Villaricos (Astruc, 1951, lám. LXXXV)

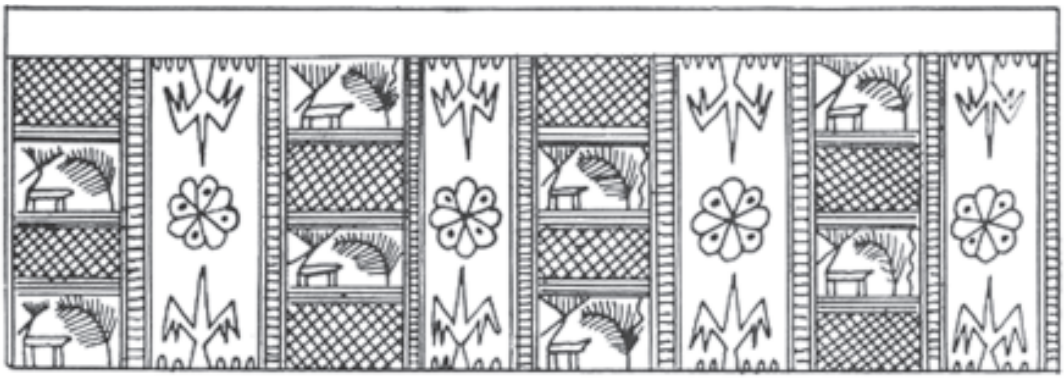


Fig. 7. esquema decorativo de un huevo de avestruz de la necrópolis de Villaricos (Astruc, 1951, lám. LXXXIX)

Una propuesta de interpretación

Uno de los signos más frecuentes en los contextos funerarios que venimos tratando es la roseta. El origen del motivo nos remite al Próximo Oriente, donde se conocen representaciones ya en el tercer milenio a. C.[8]. Como hemos visto, en la necrópolis fenicia de Cádiz aparece representada sobre colgantes de oro. En Laurita, la encontramos pintada en rojo sobre huevos de avestruz, formando cenefas verticales y enmarcada en metopas (fig. 5). En este segundo caso, los pétalos se presentan en disposición radiada y aparecen rayados en el interior. La marcada diferencia entre una y otra forma de representación podría estar condicionada por el tipo de soporte; sin embargo los huevos de Villaricos nos muestran rosetas de pétalos redondeados junto a otras que los tienen rectilíneos, disparidad que también se documenta en las joyas de Cartago (Quillard, 1979, p. 93); este hecho estaría revelando que los dos modelos están asentados en la imaginería fenicia y responden a una diferente intencionalidad. Las rosetas de pétalos rectos, evocando rayos, se corresponderían con una simbología marcadamente astral (Quillard, 1979, p. 95); en cambio, la roseta de corola redondeada, de carácter más naturalista, tiene un claro referente vegetal. Ambas figuraciones estarían conceptualmente unidas ya que, tanto en la religiosidad fenicia como en otras tradiciones próximo-orientales, se vinculan a divinidades que presentan esta doble atribución: el carácter uranio y la fertilidad de la tierra, reflejada esta última en la flor abierta. En la orfebrería gaditana contamos con evidencias de esta asociación entre la roseta y los signos astrales. En la tumba 1 encontramos un colgante con representación de roseta, junto a otros tres en forma de creciente lunar con disco en su interior y junto a otro en el que el creciente se eleva sobre un disco (fig. 1). Este último, presenta además el emblema circular de borde entrante que Quillard identifica con la mandrágora. Tanto el creciente con disco como la roseta son signos de indudable origen oriental. El primero de ellos aparece en otro tipo de joyas acompañando a divinidades diversas, como Isis o Melqart (Quillard, 1979, p. 91). La roseta, está presente en los santuarios próximo-orientales como atributo de Ishtar y de Astarté (Pisano, 1990, p. 67). La estrecha vinculación entre esta diosa y la roseta cuenta con innumerables testimonios en todo el ámbito fenicio[9].

8 B. Quillard menciona concretamente un ejemplar procedente de Ur, datado en el tercer milenio, en el que figura una roseta de seis pétalos separados incrustados de esmalte (Quillard, 1979, p. 95).

9 Una placa de terracota procedente de Biblos muestra a la Baalat Gubal en el interior de su templo en una escena de culto; sobre los muros exteriores de la naos se han reconocido representaciones de rosetas y palmetas (Bonnet, 1996, p. 29). La autora recoge otros ejemplos, como una copa de plomo con una cronología entre 750-500 a. C., encontrada en el mar, en los alrededores de Biblos, en la que figura Astarté a caballo en una escena de

En otras ocasiones, confluye un conjunto de signos en el que no aparece el elemento astral pero sí otro tipo de imágenes: la palmeta, las aves, la roseta de ocho pétalos y el motivo que venimos identificando con el fruto de la mandrágora. Según G. Pisano este último se asocia a Astarté (Pisano, 1990, p. 68). Esta afirmación sería compatible con la interpretación de Quillard, ya que la mandrágora simboliza la fecundidad y riqueza, atributos todos que forman parte del universo de la diosa. En la iconografía funeraria egipcia, esta planta aparece representada en innumerables ocasiones –en los banquetes fúnebres, en las ofrendas destinadas tanto a los difuntos como a los dioses e incluso formando parte del atuendo, inserta en collares y diademas (Casal Aretxabaleta, 1995)-. Sin embargo, esta planta fue importada a Egipto desde Siria como producto exótico durante el reinado de Thutmosis III. Posiblemente, en el lugar de origen conocían sus propiedades alucinógenas; en Egipto, el efecto de la midriasis o dilatación de la pupila que se observa en algunas de las figuras que portan frutos de mandrágora ha sido interpretado como indicio del consumo ritual de esta planta como puente entre el mundo tangible y el más allá. En ámbito fenicio tenemos testimonios del uso de este signo como emblema de la divinidad; tanto en el santuario de Es Cuyram, Ibiza (Aubet, 1982, p. 19), como en Cartago (Quillard, 1979, p. 84), aparece sobre el pecho de la diosa en figuras de terracota.

La palmeta es otro de los atributos vinculados a Astarté. Evoca además toda una serie de connotaciones relacionadas con la vida y la regeneración, ya que desde mucho tiempo atrás la palmeta es una de las formas que asume el árbol sagrado. El estrecho vínculo existente entre el árbol de la vida y las grandes diosas de la fecundidad en todo el ámbito próximo-oriental aporta solidez a la interpretación de la palmeta como imagen de la divinidad que aquí proponemos. En Palestina, esta relación hunde sus raíces en el Bronce Medio, tiene continuidad en el Bronce Reciente y perdura en el Hierro[10]. En algunas representaciones se ha podido identificar a divinidades concretas, como la diosa Ashera (Keel y Uehlinger, 2001, p. 79-81).

Una simbología análoga queda expresada en los huevos de avestruz sobre los cuales encontramos cadenas de lotos asociadas a otros signos, como la roseta, la rama y el cérvido. El motivo ramiforme se documenta en el Próximo Oriente ya desde el Bronce Medio como atributo vinculado a diosas de la fertilidad (Keel y Uehlinger, 2001, p. 36-38); en ocasiones la rama acompaña a la imagen antropomorfa de la diosa y otras veces la sustituye. Este símbolo, además, ha sido interpretado como representación esquemática del árbol de la vida (Keel y Uehlinger, 2001, p. 62), de manera que participaría del mismo significado que la palmeta. La validez de esta identificación en los huevos pintados de Villaricos viene reforzada por la figura del ciervo, ya que este animal es una de las figuras que frecuentemente aparecen flanqueando al árbol sagrado.

En todos los contextos analizados las ideas de regeneración y vida aparecen de manera redundante. Estos conceptos se materializan a través de múltiples formas, muchas de las cuales se inspiran en el mundo vegetal. Las representaciones de plantas adquieren el estatus de signo y forman parte de un lenguaje en el momento en que se establecen en torno a ellas unas relaciones fijas de significado compartidas por una comunidad. El carácter pautado de las formas de representación, que se repiten en todo el ámbito fenicio y encuentran eco en otras tradiciones próximo-orientales, viene en apoyo de esta idea. Por otra parte, el contenido religioso de estas

caza, persiguiendo a leones y antílopes; el centro de la copa está presidido por una roseta (Bonnet, 1996, pl. III 2). En Chipre se constata otro tipo de evidencias: del santuario de Kition-Bamboula procede un capitel hatórico relacionado con el culto a Astarté; sobre la frente de la diosa, en el centro del tocado ha sido tallada una roseta; a cada lado del tocado, en la parte superior, aparecen una roseta y una palmeta (Bonnet, 1996, pl. VIII).

10 Keel y Uehlinger, en su estudio sobre las fuentes iconográficas de la religión de Israel, han mostrado que la figura del árbol sagrado mantiene una relación tan estrecha con las diosas de la fertilidad y la vida que en ocasiones llega a sustituir a la imagen de la divinidad. Los autores recogen testimonios iconográficos que se remontan al Bronce Medio (Keel y Uehlinger, 2001, p. 38-39), junto a otros del Bronce Reciente (Keel y Uehlinger, 2001, p. 62-65).

imágenes queda reforzado por los contextos en que aparecen –funerarios o sacros–, y por el tipo de soporte. Los signos analizados, además, se revelan como atributos de divinidades. La identificación de personalidades divinas es una tarea más ardua y compleja, dado el carácter polivalente de la mayoría de estos símbolos que no personifican a figuras concretas, sino más bien a poderes y atribuciones que forman parte de la esfera de dioses diferentes. En el caso de la documentación gaditana, es posible vislumbrar la figura de la diosa Astarté, evocada en los signos de regeneración que hemos visto en los contextos funerarios. Al tratarse de una colonia tiria, razones históricas nos inclinan hacia esta identificación, más aún teniendo en cuenta la faceta funeraria de la diosa (Bonnet, 1999-2000) y su vinculación a Melqart, el cual pertenece a la categoría de dioses que mueren y resucitan (Xella 2001:88-90). Por lo demás, el análisis iconográfico es un campo en el que nos queda mucho por recorrer. Sin duda su desarrollo en el futuro nos permitirá conocer un poco mejor la religiosidad funeraria fenicia.

Bibliografía

Astruc, M. (1951) - *La necrópolis de Villaricos*. Informes y Memorias. 25. Madrid: Comisaría General de Excavaciones Arqueológicas.

Aubet, M. E. (1982) - *El Santuario de Es Cuieram*. Ibiza: Ministerio de Cultura, Subdirección General de Museos.

Benichou-Saffar, H. (1996) - De la fonction des bijoux phénico-puniques. In Acquaro, E. (dir.) *Alle soglie della classicità. Il Mediterraneo tra tradizione e innovazione. Studi in onore di Sabatino Moscati.* Volume secondo, Archeologia e Arte. Pisa-Roma: Istituti Editoriali e poligrafici internazionali. pp. 523-534.

Bonnet, C. (1996) - *Astarté. Dossier documentaire et perspectives historiques*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Bonnet, C. (1999-2000) - Brevi osservazioni comparative sull'Astarte funeraria. Aula orientalis. 17-18. Sabadell. pp. 335-339.

Casal Aretxabaleta, B. del (1995) - *La droga en el Antiguo Egipto*. Estudios Egiptológicos. 2. Madrid: Asociación Española deEgiptología.

Keel, O. ; Uehlinger, C. (2001) - *Dieux, Déesses et Figures Divines. Les sources iconographiques de l'histoire de la religion d'Israël*. Paris: Les Éditions du Cerf.

Pellicer Catalán, M. (1963) - *Excavaciones en la necrópolis púnica «Laurita» del Cerro de San Cristóbal (Almuñecar, Granada)*. Excavaciones Arqueológicas en España. 17. Madrid: Ministerio de Educación Nacional, Servicio Nacional de Excavaciones Arqueológicas.

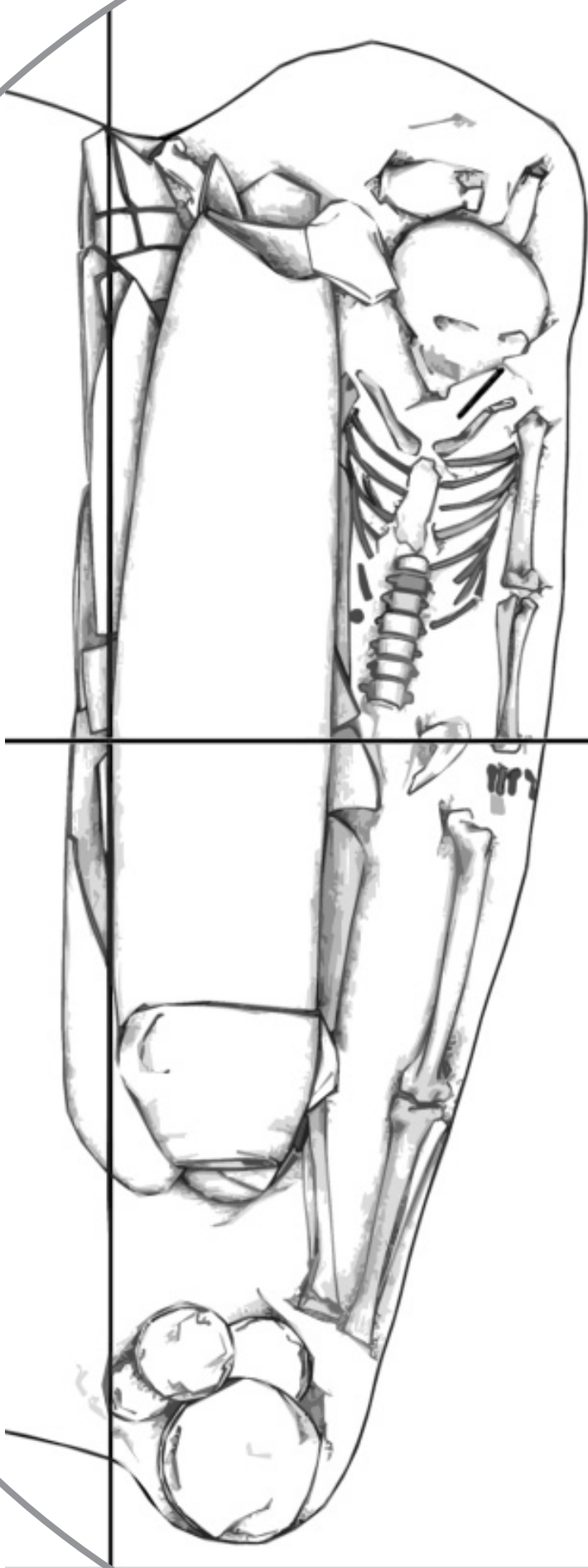
Perdigones Moreno, L.; Muñoz Vicente, A.; Pisano, G. (1990) - *La necrópolis fenicio-púnica de Cádiz. Siglos VI-IV a. de C. Studia Punica*. 7. Roma: Universitá degli Studi di Roma.

Pisano, G. (1990) - I monili. In Perdigones Moreno, L.; Muñoz Vicente, A.; Pisano, G. (1990) - *La necrópolis fenicio-púnica de Cádiz. Siglos VI-IV a. de C. Studia Punica*. 7. Roma: Universitá degli Studi di Roma. pp. 57-77.

Quillard, B. (1979) - *Bijoux Carthaginois I. Les coliers*. Louvain-La-Neuve: Institut Supérieur d'Archéologie et d'Histoire de l'Art.

Xella, P. (2001) - *Quando un dio muore. Morti e assenze divine nelle antiche tradizioni mediterranee*. Verona: Essedue Edizioni.

ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA



ALGUNAS CUESTIONES SOBRE LA POBLACIÓN FENICIA DE TIRO (S. IX-VI A. C.)

Laura Trellisó Carreño

Laboratori d'Arqueologia
Universitat Pompeu Fabra de Barcelona

Resumen

Desde 1997 un equipo internacional formado por miembros del Laboratorio de la Universidad Pompeu Fabra, dirigido por M. E. Aubet, y de diversas universidades libanesas, lleva a cabo un proyecto de investigación arqueológica en la necrópolis fenicia de Tiro –Al Bass (Líbano). A juzgar por el estado actual de la investigación en dicha necrópolis, se puede decir que la cremación es la práctica funeraria predominante, en época fenicia. En el área excavada, la práctica de la inhumación está escasamente representada y corresponde a un espacio de enterramiento muy concreto y a un periodo de utilización mucho más tardío, de época romana. Además, se observa una notable infrarrepresentación de la población subadulta entre las sepulturas de incineración.

Esta breve intervención tiene como objetivo principal exponer parte de los datos obtenidos en el estudio antropológico del material osteológico de las campañas 1997-2002). En efecto, pensamos que este tipo de investigación contribuye de manera significativa a la reconstrucción de los parámetros biológicos, pero también sociales e ideológicos (ritual funerario) que caracterizan a la población enterrada en la necrópolis de Tiro al-Bass, y, en un sentido más amplio, de la sociedad fenicia de la antigua Tiro.

Por otra parte, se plantearán ciertas cuestiones de tipo metodológico que han surgido a partir del análisis antropológico de los datos procedentes de esta necrópolis y que repercuten en la línea de investigación futura sobre la población fenicia de Tiro y probablemente de las necrópolis fenicias del Mediterráneo oriental.

Abstract

From 1997 an international team formed by members of the Archaeology Laboratory at the University Pompeu Fabra, directed by M. E. Aubet, and students of diverse Lebanese universities, carries out a project of archaeological investigation in the Phoenician necropolis of Tyre – Al Bass (Lebanon). Judging by the current state of the research in the above mentioned necropolis, it has to be pointed out that the cremation is the predominant burial practice in Phoenician times. In the excavated area, inhumation is scantly represented, and corresponds to a very concrete burial space and chronology, much later, in Roman times. In addition to this, it has been observed a noteworthy underrepresentation of the subadult population among the cremation burials.

The aims of this brief presentation are to put forth some data gained from the anthropological study of the osteological material from Tyre al-Bass campaigns 1997-2002. Indeed, bioarchaeological studies contribute significantly to the reconstruction of the biological, but also social and ideological parameters (i.e. burial customs). This approach allows for a broader and better understanding of people buried in the Tyre al-Bass the necropolis and ,in a broader sense, of the Phoenician society of ancient Tyre.

On the other hand, we would like to consider certain methodological questions arise during the anthropological analysis of cremations, which will have implications on future research on the ancient Tyrian population, but also probably on the Phoenician cemeteries of the eastern Mediterranean.

En este trabajo se pretende abordar algunas de las cuestiones más relevantes sobre la población fenicia de Tiro, desde la perspectiva de la antropología física, a partir de los datos obtenidos en las excavaciones de la necrópolis de Tiro-al Bass, Tiro, Líbano. En concreto y por las limitaciones obvias de espacio, me centraré básicamente en dos aspectos que pueden plantear cuestiones de debate tanto en el ámbito metodológico como teórico en el contexto de la arqueología funeraria fenicia. Por un lado, la particularidad de un cierto gesto funerario que consiste en enterrar restos de un mismo individuo en dos urnas. Por otro, la ausencia de un segmento importante de la población enterrada: los grupos de edad infantil y juvenil y las consecuencias que ello implica tanto en lo que respecta al ritual/gesto funerario como a la interpretación paleodemográfica.

Necrópolis de Tiro-al Bass: ubicación y contexto

El proyecto de la necrópolis de Tiro-al Bass, dirigido por la Dra. Maria Eugenia Aubet Semmler se inicia en el verano del año 1997 con una excavación de urgencia y se prolonga hasta la actualidad tras una serie de intervenciones arqueológicas sistemáticas, dos en concreto (2002 y 2004), la última de la cuáles se halla todavía en fase de análisis y estudio.

Tras diversos análisis y estudios geomorfológicos, sabemos que la necrópolis fenicia se ubicaba en tierra firme, en la costa, próxima a una zona de marismas y a 2 km de la isla donde se asentaba el centro urbano de la Tiro fenicia. Para más detalles sobre las dos primeras actuaciones arqueológicas en esta necrópolis, remitimos al lector a la publicación monográfica de las campañas de 1997 y 1999 (Aubet, 2004).

Desconocemos por el momento la extensión total que ocupaba la necrópolis fenicia de Tiro. Sin embargo, a juzgar por algunos hallazgos procedentes de excavaciones clandestinas en el área del campamento palestino de al Bass, posteriormente recuperados por la DGA y publicados en el año 1991 (Seeden, 1991, p. 39-52), todo parece indicar que la necrópolis abarcaba una extensa área del barrio de al-Bass, de la cuál se han podido excavar hasta el momento alrededor de unos 600 m^2.

Son tres las áreas descubiertas en la necrópolis de Tiro-al Bass: el área A de las campañas del 1997 y 1999[1]; el área B excavada en el año 2002 y el área C que se abrió en el año 2004[2] y que se halla en la actualidad en proceso de análisis y estudio. Ello implica que parte de los datos utilizados son provisionales en la medida en que pueden ser modificados por nuevos resultados provenientes de la última campaña. No obstante, debemos subrayar que los resultados de la campaña del 2002 han permitido corroborar algunas hipótesis surgidas tras el análisis de la primera campaña, en 1997.

Prácticas funerarias en Tiro-al Bass

En la necrópolis de Tiro-al Bass se ha registrado el uso de dos prácticas funerarias: por un lado la incineración (o cremación) y por otro la inhumación. Ambas se presentan claramente adscritas a un contexto cultural y cronológico muy concreto, como se ha confirmado en las excavaciones sistemáticas de los años 2002 y 2004. La cremación en urna correspondería a un uso funerario generalizado durante el período fenicio (IX-VI a. C.), mientras que la práctica de la inhumación pertenecería a una época mucho más tardía, la romana, en torno al siglo I d. C. En alguno

1 Esta intervención arqueológica fue posible gracias a la subvención económica de la Agencia Española de Cooperación Internacional (AECI).

2 Esta campañas se efectuaron dentro del proyecto de la necrópolis de Tiro-al Bass financiado por el Ministerio de Cultura español y contó con el apoyo de la Direction Générale des Antiquités du Liban.

casos, las fosas de inhumación se construyeron irrumpiendo y destruyendo las antiguas fosas de incineración fenicias.

El porcentaje de incineraciones, objeto de esta comunicación, es mucho mayor que el de las inhumaciones como se expresa de manera gráfica en la siguiente tabla.

CAMPAÑA	Incineración/ época fenicio (s. IX-VI a. C.)	Inhumación /época romana (s. I d.C.)
1997	50 urnas con huesos quemados, 57 urnas en total	Restos óseos dispersos, desarticulados
2002	25 urnas con cremaciones	6 fosas de inhumación
2004	80 urnas con cremaciones y dos conjuntos con huesos	4 fosas de inhumación

Tabla 1. Sepulturas de inhumación e incineración en la necrópolis de Tiro al-Bass. Campañas de 1997-2004.

Para estimar cuántos individuos han sido depositados en una urna o en cualquier tipo de sepultura, es preciso determinar el número mínimo de individuos (MNI), proceso habitual en el caso de las cremaciones. El número mínimo de individuos se estima a partir de la presencia repetida de uno o varios huesos o de parte de ellos. Las discrepancias en cuanto a edad, sexo y morfología suelen ser también un buen indicador para determinar si se han depositado los restos de más de un individuo en una tumba.

Por lo general, se parte de la suposición de que el número mínimo de individuos por urna suele ser al menos uno, más aún cuando no se realiza el pertinente estudio antropológico. En el caso que nos atañe, es decir, en la necrópolis de fenicia de Tiro al Bass tenemos un caso peculiar que es, en realidad, unos de los aspectos a nuestro juicio relevantes que queremos destacar en esta presentación. Consiste en la práctica funeraria de enterrar los restos de un individuo en dos urnas cinerarias que se ubican de modo adyacente compartiendo un único ajuar y ofrenda funeraria. Aunque no es el único tipo de gesto funerario, como veremos a continuación, si nos parece pertinente hacer hincapié en esta práctica funeraria por las implicaciones analíticas que ello conlleva.

Efectivamente, por lo que a la disposición de urnas se refiere, podemos establecer básicamente tres tipos de enterramiento: en primer lugar, la urna simple acompañada de su ajuar, estandarizado, y conteniendo en la mayoría de los casos un único individuo. Hasta el momento, sólo se han identificado dos urnas con enterramiento doble: en el que hay restos de dos personas (U54/1997 y U79/2002).

En segundo lugar, tenemos un tipo de enterramiento mucho más complejo que consiste en una sepultura con varias urnas, tres y más que se ha denominado como "conjuntos de urnas" ("Assamblage of urns") " (Aubet, 2004, p.449 ss).

En tercer lugar, documentamos un tipo de sepultura que hemos denominado "par de urnas" (Aubet, 2004, p.449 ss). Como ya se ha mencionado, consiste básicamente en disponer restos de un mismo individuo, repartidos de manera desigual, en el interior de dos urnas ubicadas espacialmente de manera contigua y compartiendo un mismo ajuar y ofrendas. Esta práctica funeraria que hasta el momento no hemos podido documentar en ninguna otra necrópolis de la esfera fenicia occidental ni oriental, allende de Tiro, sigue un proceso muy estandarizado. En la mayoría de los casos, en una de las urnas se deposita la mayor parte del esqueleto quemado junto a los objetos del ajuar, mientras que en la urna contigua se deposita restos de dientes y apenas una exigua cuantía de restos óseos quemados, de tamaño reducido y mezclados con un conglomerado compacto de cenizas, concreciones y otro tipo de sedimento que está siendo analizado

en la actualidad. Esta práctica funeraria, al parecer inhabitual en el mundo funerario fenicio, se ha constatado en todas las áreas excavadas de Tiro-al Bass (A, B y C).

Cabe señalar, que en algunos casos no se ha podido demostrar que los restos de una urna corresponden al mismo individuo que se depositó en la urna que forma pareja. Sucede en ocasiones que la cantidad y el tamaño de los restos depositados en una de las urnas es tan pequeño que no es posible ver si corresponden con los huesos que se depositaron en la pareja. No obstante, en el estado actual de la investigación podemos decir que esta práctica de enterrar restos de un individuo en un par de urnas, como una única sepultura, ha sido confirmado en 8 de los 12 pares de urnas hallados en la campaña de 1997, lo que representa un 66, 7 % de los casos (Trellisó, 2004, p. 252). Si a ello añadimos la serie de posibles pares de urnas halladas en la campaña del 2002, tenemos un total de 12 casos confirmados de un conjunto de 21 pares de urnas(57%).

La primigenia hipótesis de trabajo surgida del trabajo interdisciplinar (la excavación y trabajo de campo, el estudio cerámico y la antropología física) parece ratificarse con los resultados del 2002. La prolífica aportación de datos de la campaña del 2004, permitirá cotejar con mayor fiabilidad, si cabe, esta hipótesis de trabajo.

La peculiaridad y la repercusión de esta práctica tanto en el terreno metodológico como teórico nos lleva a considerar dos puntos que pensamos son de interés. Por una parte, este hallazgo pone de manifiesto el error en el que se puede incurrir cuando se parte de la suposición, en realidad muy generalizada, de que una urna cineraria equivale al menos a un enterramiento. Por otra parte, resaltar que este tipo de error conlleva la distorsión de la reconstrucción del gesto funerario y de los parámetros demográficos en tanto en cuanto tergiversa el tamaño de la población enterrada. Por este motivo, creemos que se revela más necesario que nunca el trabajo de un antropólogo físico o forense para efectuar la estimación de los diferentes parámetros biológicos y paleodemográficos de las cremaciones.

Estructura de la población: distribución según los grupos de edad y sexo

Si analizamos los datos sobre la estructura de la población fenicia enterrada en la necrópolis de Tiro-al Bass (figura 1), observamos otro aspecto de interés, a saber, la exigua representación del segmento de edad subadulta respecto al de edad adulta y la práctica ausencia de los individuos infantiles. Este dato es bastante frecuente en el ámbito de las necrópolis fenicias.

Como ya indicábamos en el estudio de 1997 y corroboran de manera evidente los datos de las sucesivas campañas (2002 y 2004), se constata el gran predominio de la población adulta, la ausencia de individuos incinerados de edad infantil y sorprendentemente también una escasísima representación del grupo de edad juvenil. Recordaremos que los únicos individuos infantiles hallados en Tiro-al Bass son inhumados y de época tardía, en torno al siglo I. d.C. De época fenicia y quemados apenas se conservan tres restos de un feto hallados junto a un adulto (U 3/5 de 1997).

Tal y como publicamos anteriormente en relación a los resultados de la campaña de 1997 (Trellisó, 2004, p.252 y ss.) la curva de mortalidad de esta necrópolis contrasta significativamente no sólo con el resto de necrópolis fenicia orientales (fig. 2), sino también con la tendencia que se observa en la mayoría de poblaciones de época prehistórica y antigua. El modelo de curva que solemos hallar para dichas poblaciones consiste en una distribución en la que predominan una alta mortalidad del grupo de edad infantil y de los adultos. En Tiro-al Bass, sin embargo, tenemos una curva de mortalidad monomodal, es decir con un sólo pico de incidencia que recae en la clase de edad adulta, por la ausencia de población infantil enterrada. Ello sorprende especialmente dado que la mortalidad infantil debió de ser muy alta en aquella época, tal y como observamos en otras necrópolis -del área Levantina (fig. 2).

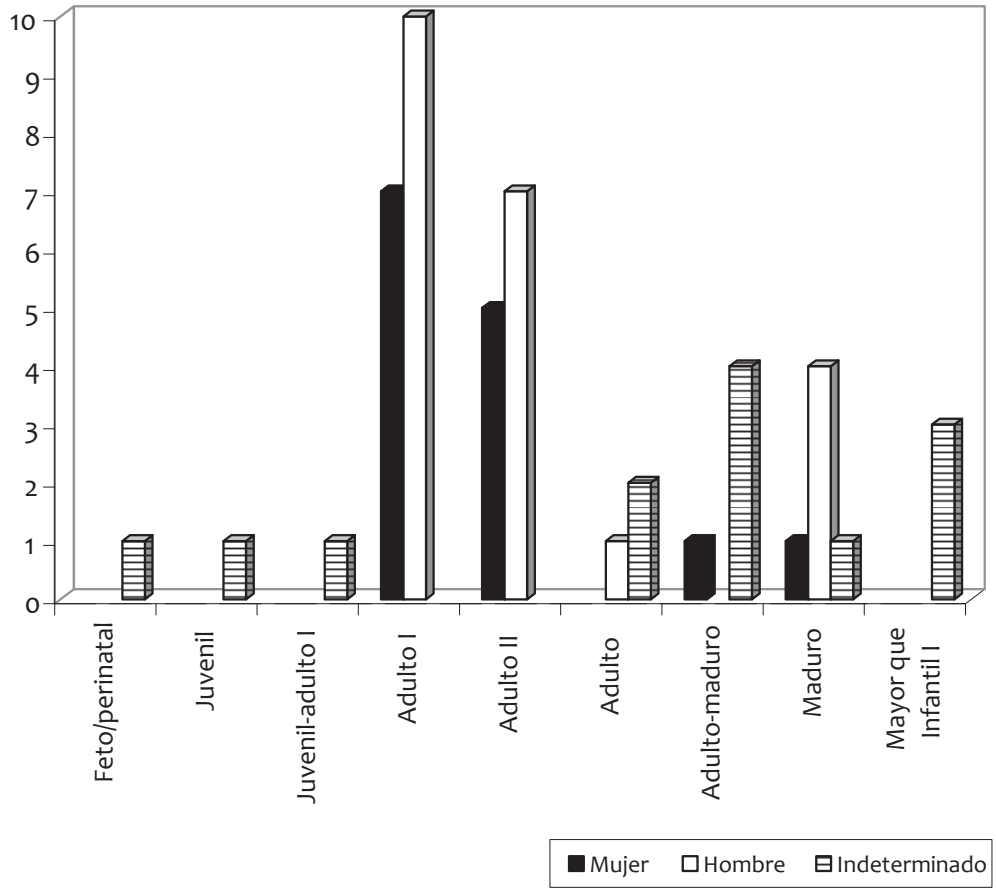


Fig. 1. Distribución de la población fenicia de Tiro-al Bass (1997-2002)

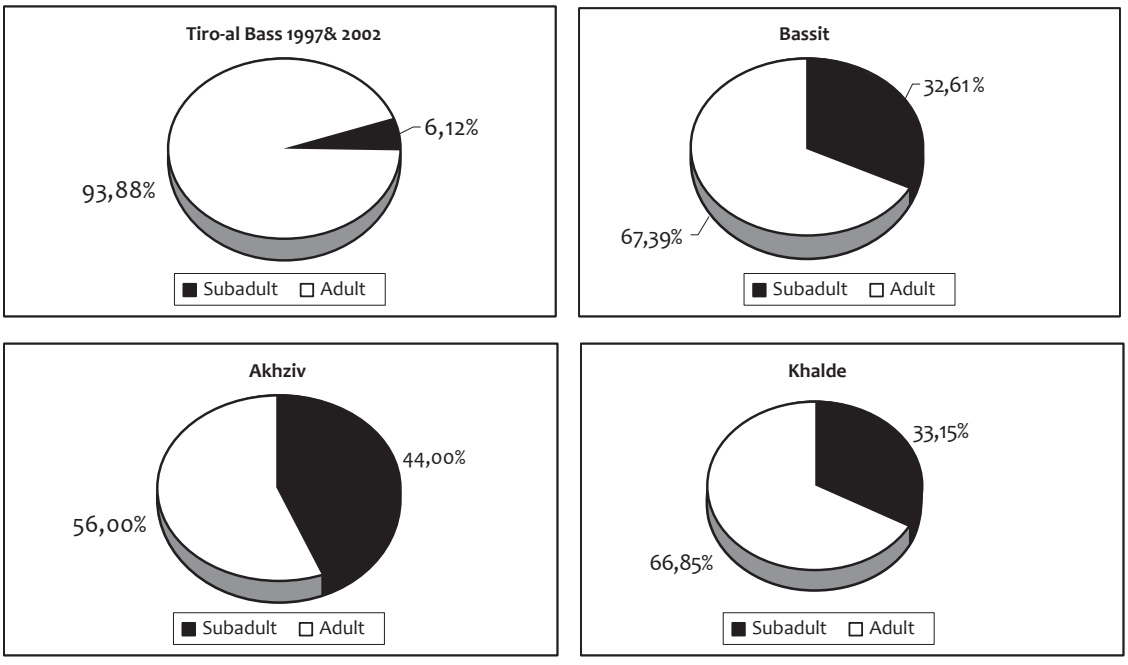


Fig. 2. Adultos vs. Subadultos en Tiro-al Bass y en el área Levantina (Bassit (Courbin 1993); Akhziv (Smith, et alii, 1990); Khalde (Shanklin y Ghantus 1966).

Varias son las hipótesis que podrían explicar la ausencia de este segmento de la población, dado que es inverosímil que la causa sea la baja mortalidad infantil. Una de las hipótesis más factible podría ser que los individuos infantiles fueran enterrados en áreas específicas de la necrópolis, al margen y distantes del área donde se entierran a los adultos, o en otras necrópolis. Existen numeroso ejemplos en la prehistoria en los que se observa una distribución espacial de la población enterrada en función del grupo de edad al que pertenece. En el ámbito fenicio tenemos el ejemplo de la necrópolis fenicia de Monte Sirai (Bartoloni, 2000, p. 75), salvo algunas excepciones (como por ejemplo la t. 103) las cremaciones infantiles están apartadas del área de incineración de los adultos (Campanella et al., 2000, p. 35-37.).

Cabría también la posibilidad de que los subadultos, principalmente los individuos infantiles no fueran sometidos a las mismas prácticas funerarias que los adultos, es decir, que la incineración estuviera circunscrita al grupo de los adultos y mayores. Sea como fuere, sorprende la escasa representación de sepulturas infantiles de época fenicia. Son muy escasas y cabría preguntarse, una vez más, donde está el conjunto de la población infantil, que debió de ser muy alto, si hay tan pocas tumbas infantiles en las necrópolis antiguas, y si por otro lado, como sostienen la muchos autores, el tofet no es un cementerio infantil.

Evidentemente, la ausencia de la población infantil y juvenil repercute negativamente en los análisis demográficos sobre la Tiro fenicia, de manera que es imposible estimar con cierta fiabilidad parámetros tales como la esperanza de vida o la longevidad de la población, por citar alguno de ellos. La media de edad en esta necrópolis se sitúa en torno a los 32 años con escasa diferencia entre sexos. Obviamente tenemos que asumir que fue menor dado que este promedio esta distorsionado porque el cálculo está exento del grupo de los subadultos.

Por lo que a las diferencias entre los sexos se refiere, no se observa ninguna discriminación espacial específica. Tenemos sin embargo, una mayor representación de hombres (44 %) que de mujeres (28%) y además se percibe que la incidencia de enfermedades afecta ligeramente más a los individuos de sexo masculino que a los de sexo femenino. Por el momento, falta evaluar los datos de la campaña del 2004 que bien podrían modificar los resultados aquí expuestos dada la gran cantidad de información que dicha excavación ha proporcionado.

Para concluir, me gustaría subrayar la necesidad de nuevos estudios antropológicos sobre las cremaciones de las necrópolis fenicias. Sólo de esta manera se podrá recuperar parte de la información necesaria para dar respuesta a nuevas cuestiones sobre la población fenicia. Ello es imprescindible para la reconstrucción de las líneas directrices de la estructura demográfica y del ritual funerario, como instrumentos de aproximación a la estructura social y cultural de las sociedades fenicias.

Bibliografía

Acsády, G.Y. ; Nemeskéri, J. (1970) - *History of human life span and Mortality*. Budapest: Akademiai Kiadó.

Ahlbrecht, M. (1997) - *Geschlechtsdifferenzierung an der Pars Petrosa ossis temporalis*. Dissertation. Tübingen: Eberhard-Karls-Universität zu Tübingen.

Aubet, M. E, (2004) (ed.) - *The phoenician cemetery of Tyre- al Bass. Excavations 1997-1999*. BAAL, Horssérie. I. Beirut.

Aubet, M.E. ; Núñez, F. J. ; Trellisó, L. (1998) - The phoenician cemetery of Tyre-al Bass. *BAAL*. 3. Beirut. pp. 267-294.

Benichou-Safar, H. (1981) - À propos des ossements humains du tophet de Carthage. *Rivista di Studi Fenici*. IX. Roma. pp. 5-9.

Bartoloni, P. (2000) - *Monte Sirai I*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Campanella, L. ; Martini, D. (2000) - Monte Sirai: una sepoltura infantile di età fenicia. *Rivista di Studi Fenici*. XXVII, 1. Roma. pp. 35-56.

Conheeney,J. ; Pipe,A. (1991) - Note on some cremated bones from Tyre cinerary urns. *Berytus*. 39. Beirut. pp. 83-87.

Courbin, P. (1993) - *Fouilles de Bassit. Tombes du Fer*. Paris: Editions Recherche sur les Civilisations.

Dokládal, M, (1970) - Ergebnisse experimenteller Verbrennungen zur Festellung von Form-und Größerveränderungen von Menschenknochen unter dem Einfluß von hohen Temperaturen. *Anthropologie*. 8(2). Brno. pp. 3-17.

Gomez Bellard, C. ; Gomez Bellard, F. (1989) - Enterramientos infantiles en la Ibiza fenicio-púnica. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*. 14. Castellón. pp. 211-238.

Herrmann, B. ; Grupe, G. ; Hummel, S. ; Piepenbrick, H. ; Schutkowski, H. (1989) - *Prähistorische Anthropologie*. Berlin: Springer.

Seeden, H. (1991) – A tophet in Tyre?. *Berytus*. XXXIX. Beirut. pp. 39-87.

Shanklin, W. M. ; Ghantus, M. K. (1966) - A Preleminary report on the anthropology of the Phoenicians. *Bulletin du Musée de Beyrouth*. XIX. Beirut. pp. 91-94.

Smith, P. ; Horwitz, L. ; Zias, J. (1990) - Human Remains form the Iron Age Cemeteries at Akhziv. *Rivista Di Studi Fenici*. XVIII, 2. Roma. pp. 137-150.

Smith, P. ; Mazar, E. ; Sabari, P. ; Selah, M. ; Ganshrow, R. (1993) - Achziv Phoenicians. *National Geographic Research & Exploration*. 9 (1). pp. 54-69.

Trellisó, L. (2004) - The anthropological study on the human skeletal remains of Tyre-al Bass 1997. In Aubet, M. E. (eds.) *The phoenician cemetery of Tyre- al Bass. Excavations 1997-1999*. BAAL, Hors-série. I. Beirut. pp. 247-278.

Wahl, J. (1982) - Leichenbranduntersuchungen: Ein Überblickt über die Bearbeitungs-und Aussage-möglichkeiten von Brandgräbern. *Praehistorische Zeitschrift*. 57/1. pp. 1-125.

SYMBOLISM AND RITUAL IN MORTUARY CONTEXTS IN PUNIC MALTA

Claudia Sagona

Centre for Classics and Archaeology
University of Melbourne

Abstract

Aspects of adult mortuary practice are suggestive of underlying Phoenician-Punic belief systems within the archaeological record for Malta. The tomb may have been a three-dimensional vehicle for symbolic expression of belief. Tomb plans and architecture, as well as symmetry in the placement of pottery suggests that dualism and triads were significant. Frequently the pottery accompanying cremation burials is repeated; a combination of cinerary urn, cover plate and lamp are a tripartite combination that may reflect the Tanit sign — triangle [urn], horizontal cross bar [plate] and orb [lamp]. Furthermore, the lamp in Maltese funerary contexts may have been symbolic of the deity; perhaps Baal-Shamem, the sun god or Baal-Hammon, Lord of the Brazier, as he was designated in Carthage.

Résumé

Des aspects de la pratique mortuaire adulte suggèrent les systèmes derrière lies croyances phéniciennes-puniques. Il se peut que la tombe ait été un espace à trios dimensions pour la transmission de l'expression symbolique de croyance. Les plans de tombes et d'architecture, aussi bien que la symétrie dans la manière de placer la poterie suggèrent que le dualisme et les triade étaient significatifs. Fréquemment la poterie qui accompagne les enterrements incinérés est répétée; une combinaison d'une cinéraire, une assiette et une lampe sont une combinaison ternaire qui peut refléter le signe Tanit — un triangle [l'urne], une barre horizontale [une assiette] et un orbe [une lampe]. D'ailleurs il se peut que la lampe dans le contexte Maltais funéraire ait été symbolique d'une déité; peut-être Baal-Shamem, le dieu du soleil ou Baal Hammon, le Seigneur du Brasero, comme il était désigné à Carthage.

Aspects of underlying Phoenician-Punic belief systems can be discerned within the archaeological record for mortuary practice in Malta. Through repeated iconography, symbolism can be detected when only a few elements are present, and symbolism is frequently layered through the tomb setting. One presumes that to the pious person steeped in Phoenician-Punic religious doctrines, the full weight of meaning of all or any one of these symbolic elements would have been readily apparent. When only a single element was present in the context of the tomb, it acted as an evocative trigger of the greater underlying belief.

1. Distinctions in child and adult burial practices

While this paper focuses on adult burials, the evidence clearly indicates that children were rarely buried in the tombs of Malta in which adult remains were found. The absence of infant burials indicates that tombs were primarily constructed for adults; the features therein concerned adult rituals. And this, in turn, suggests that at a certain time within an individual's life, they passed through a rite of passage. There is little doubt that buried beneath the fields or substantial and long-lived urban areas of Malta are the tophets, burial sites for infants and children who had died of natural causes; there is some evidence that a tophet existed in Rabat (Sagona 2002, p. 264, 275-277, *etc.*).

2. Symmetry, single, double and triple features in mortuary contexts

Repetition of motifs is a theme in Phoenician-Punic iconography particularly in regards to sacred stones or pillars, known as betyls — or *beth el,* that means dwelling place of god (Ramón 2002, p. 139; Cintas 1947, figs 106-107, 113-115, 121). Single, twin and triple pillars were re-occurring motifs in Phoenician contexts in the west Mediterranean (**Fig. 1:4d**; *e.g.* Moscati and Uberti 1981, vol. 2, pls C–CV; Bartoloni and Fantar 1976, pls CIV:378). The cutting of one, two or three trenches in the floor of tombs may have served a related symbolic purpose (**Fig. 1:4e**).

Triples or triads in Maltese tombs are embodied in the position of cinerary urns. In a number of tombs, three cinerary urns were placed in the chamber, often at the back in a balanced, symmetrical arrangement. The location of pottery is so particular that it suggests that where the urns stood was as important as the symbolic function of the items themselves within Punic iconography. A divine trinity — mother, father, child — is perhaps represented by cinerary urns in Malta and by the three pillars elsewhere in Punic contexts, reflecting the whole life-cycle of regeneration (Green 1991, p. 107). The triad of urns from one Mghatab tomb is particularly suggestive because of their placement and differing shapes suggesting accumulation over time (**Fig. 2**; Sagona 2002, [226], p. 855-856).

The arrangement of the vessels and the variations in urn shapes implies that either the accumulation of cinerary urns took place over time with eventual placement within a tomb on a single occasion, or that the tomb chamber was re-visited and that the urns were carefully positioned over a period of time following a clear, symbolic plan (**Fig. 2**; *e.g.* Sagona 2002, [63], pp. 783–784, fig. 7:1–19; [436] pp. 992–995, figs 158:1–3, 161:7–41).

In a small recess cut opposite the main chamber in Tomb 19, New Street, Rabat (**Fig. 3: b**), a miniature amphora with pointed base had been cemented upright into place. Placed here were three cremation urns of differing shapes, the latest falling within the Romano-Punic period. An alternate example of three-figure symmetry is evident in a tomb from Qrendi (Sagona 2002, [399], p. 960). Here, a head is carved into the rear wall of the chamber, and either side of the

entrance were two small figures cut into the entrance wall of the shaft. The notion of triads can also be found in religious contexts in Malta. Ciasca argued that Altar 45 at Tas-Silg was a pillar shrines consisted of three betyls (Ciasca 1993). It is also possible that the paired *cippi* found through antiquarian activities were sacred pillars that formed part of an altar arrangement in a sanctuary such as Tas-Silg.

3. Pottery representing the 'Sign of Tanit'

Turning now to the so-called Sign of Tanit, we are faced with a lengthy debate over this sign representation. Some suggest a connection to the Egyptian *ankh*, symbol of eternal life, but unequivocal evidence for this has yet to be found. A possible connection between the symbol, the goddess Tanit and Punic child sacrifice is generally accepted, but the sign may have wider connotations, some with the male solar divinity. An argument can be made that the cinerary urns represented the Sign of Tanit in Maltese tombs (**Fig. 1:2a–b;** Sagona 2002, [130], p. 822-823, fig. 31:3-5, 9-11). Numerous Maltese cremation burials repeat the pottery combination of cinerary urn, cover plate and lamp. It is plausible that the combination reflects the tripartite Tanit sign — triangle [urn], horizontal cross bar [plate] and orb [lamp].

One can only speculate about the deeper symbolic meaning of the lamp in the cremation pottery triad. Two wicks as a preferred lamp form in western Mediterranean contexts presents another conundrum in the complexity of Punic symbolism. About a third of lamps found in the tombs were used. Those that were not may offer further evidence that their presence was not functional, but symbolic. The lamp in Maltese funerary contexts may symbolise Baal-Shamem, the sun god or Baal-Hammon, Lord of the Brazier, in Carthage. Culican argued that embodied in the brazier was an "important association in which the brazier represents by its heat and light the presence of the sun god".

The significance of the lamp is highlighted by special features of the lamp itself, or the way in which it was displayed in Maltese tombs:

- Lamps formed the third pottery element in cremation burials, as already discussed (**Fig. 1:2b**)
- Lamps were often placed in wall niches (**Fig. 1:1:c–d, 2d; Fig. 3b**)
- At Hal Far, two tombs have lamp niches cut into the rear wall and below them pillars of rock have been cut into the wall; the effect enhanced the niche and/or the lamp (**Fig. 1:2d**).
- Some niches had small pedestals carved into the cavity, upon which the lamp may have been placed (**Fig. 1:d**). In another tomb a pedestal of comparable size was found in the debris of the shaft (Sagona 2002, Rabat, New Street [421], p. 971-974).

The importance of the lamp is not restricted to Malta. At Ibiza and in Cyprus figures are found with lamps on their heads (**Fig. 1:2c**).

In Maltese funerary contexts, the role of the lamp was sometimes played by a goblet-shaped incense cup. Occasionally they have signs of burning as well as traces of carbonised matter. Furthermore, they have been found in similar positions to lamps in Maltese tombs, that is, in niches cut in the rear wall of tombs and once as the upper element in the urn–plate–lamp group (**Fig. 3a;** Sagona 2002 [495], p. 1022). The enigmatic 'bottle idol' depicted in Phoenician-Punic iconography is arguably a variation on the Tanit theme (**Fig. 1:3a–d**). Stylised forms of the Tanit, as a bottle symbol are rare in Malta. But the example illustrated here may belong to the wider 'bottle' iconography in the west.

4. Symbolism in Maltese tombs plans and structures

Based on the Maltese evidence, the tomb appears to be a vehicle for expression of ritual practice. Phoenician-Punic beliefs were played out in the three-dimensional setting of the tomb. The long depressions or 'trenches,' that were cut into the floor of the chamber that formed biers either side may have been both functional and symbolic (**Fig. 1:4e; Fig. 4**).

The notion that tomb features form iconographic elements in a symbolic narrative capable of interpretation is particularly strong in one Tac-Caghqi tomb (**Fig. 4**; Sagona 2002 [602], p. 1076-1078). In this tomb, a painted and carved figure looms out of a recess in the rear wall. The person is clothed in a simple priestly robe, the right arm hangs at his side possibly clutching an infant, or perhaps a vessel (the carving is indistinct), to his body and the other holds a curved Khnum sceptre across the chest. The sceptre has been linked to representations of the sky god, who is often depicted carrying a water jug. The face is painted in a mask of red ochre and head topped by an Egyptian style wig painted black formed by the shape of the niche itself. The overall appearance is sinister. Covering most of the tomb ceiling was a twelve-pointed solar motif. Its rays alternate from red to white paint and the whole is encircled with double lines. The walls were whitewashed and decorated with a thin, red band, 13 mm wide, just below the ceiling. This single line was connected to the central rayed symbol on the ceiling. The figure would appear to have been set against a more elaborate backdrop. The curved lines of paint either side of its head might be rays or streams of water sometimes shown in connection with Baal-Melqart of Tyre.

The Rabat tomb has the iconographical trappings of the western manifestations of the sun-sky god Baal-Shamem, especially the long priestly robe and the raised Khnum sceptre. Around his neck a circular medallion, perhaps a reference to the firmament and solar orb. The ceiling design may represent the firmament encircled by a line within which the segmented (or rayed) circle becomes a solar disc (**Fig. 1:1b**). The overall design, I believe, can be likened to the pendants with a central orb set in a circle pulled in one side (to a kidney shape) toward the orb (**Fig. 1:1e**). Solar discs were a familiar feature at the top of many funerary *stela*e in the west, on gems and on seals (**Fig. 1:1f**). The lamp niche when alone may be the most contracted manifestation of this symbolism (**Fig. 1:1d**).

The mask worn by the figure in the niche is significant. Baal appears in other Phoenician contexts, notably on gems and seals, with an animal mask or with a bull's head. This iconography is reflected in one Rabat tomb, New Street, where a bull's head was carved into the niche in the rear wall (Sagona 2002 [418], p. 969). Underlying the iconography of masks in Punic funerary contexts might be the notion of the 'terrifying' face of Baal, so terrible that he was masked. This notion might also be the purpose of the fictile masks (Sagona 2002, p. 288), usually smaller than life-size, which were symbolic of the perceived need for mortal men and women to be 'protected' from the face of the deity.

One Qalillija tomb (Sagona 2002 [345], p. 918-920) had a completely empty and clean, large niche. Even though the pottery found in tomb could have fitted the shelf, they were found in the trench cut in the floor. Some organic material did survive in the pottery so it did not seem possible that organic matter had rotted away on the shelf. In all likelihood, the niche had never contained anything and had *never* been intended for use as a shelf. Instead, the larger niche may have had a symbolic function, perhaps forming a false doorway, evocative of the deity who would enter the tomb (**Fig. 1:1b–d**).

The deceased was nearly always provided with some vessels usually a jug and a lamp were present as well as a bowl or a cup. In a few tombs, these pottery items were cemented into place indicating the importance placed on them (Sagona 2002 [231], p. 857-858). One tomb at Qalillija (Sagona 2002 [365], p. 935-940) had an elegant trefoil-mouthed jug, flanked either side by two

kylikes placed in a large niche cut into the rear wall. But this tomb did not fail to evoke the deity, for a face had been cut into the bier. It faced another large niche that may have represented the false doorway.

It was not important for every tomb to have such a dramatic portrayal of the deity, the sky–sun god, with his mask, robe and sceptre, as appear in Rabat (**Fig. 4**). His presence was evoked in other ways. Hence, an empty large niche was as evocative as the carved figure (**Fig. 1:1b–d**). A parallel can be drawn between the vacant niche and the adoration of the empty throne as the representation of the sky-sun god in the Levant. Comparisons could be made to the numerous stelae from Carthage depicting empty niches (**Fig. 1:4b–d**).

A syncretism of imagery threads its way though other Punic icons such as the betyl, or bottle idol (**Fig. 1:3b–d**), in Malta, the placement of the funerary vessels themselves (**Fig.1:2b**) and these all may resonate in reference to the Tanit symbol. The betyl symbol is known in Malta, but from unexpected quarters. Overall, the tripartite Tanit symbol may have had a broad meaning or meanings, embodying the fundamental elements of divinity, what Joseph Azize in his recent book described as, "a deliberate mutable and adaptable symbol" (Azize 2005, p. 177). In terms of Maltese funerary contexts, it probably evoked the notion of resurrection or renewal and on a broader scale encapsulating the solar orb, within the firmament in reference to the solar deity. The iconography suggests that the orb was in transit through the firmament perhaps having risen from the earthly, subterranean abode of the dead.

Key to the figure 1

1a. Tripartite sign of 'Tanit' appearing from the fifth century in Punic contexts.
1b. Iconography in one Rabat (Malta) tomb [602] of a figure cut into a niche — conveying the sense of the deity entering through a false doorway — above which is a painted, rayed ceiling orb encircled by a line around the top of the tomb representing the firmament. Note the wall line was linked to the orb.
1c. Large empty niche — the false doorway — below smaller lamp niche cut in Maltese tombs. The lamp may symbolise the solar orb.
1d. The lamp niche in the majority of Maltese tombs is the only symbolic element cut into the walls.
1e. Iconography possibly representing the solar orb in the firmament used in Punic jewellery. The irregular shape pulled into the central dot on one side recalls the line connecting the rayed orb in the Rabat tomb; in 1b above.
1f. Crescent and orb possibly represented the sun and sky on Punic stelae, pottery, etc. This symbol is also found on pottery in Malta from an early date.

2a. Tripartite sign of 'Tanit'
2b. Lamp-plate-urn used for cremation burials in Malta from Phase IV.
2c. Bell-shaped pottery figures with lamp on their heads (some also with additional lamps on the shoulder or in hand) have been found, for example, in Ibiza and Cyprus.
2d. Rear wall of a tomb chamber at Hal Farr [163], 12.12.1946, with carved pillar 'supporting' the lamp niche on top.

3a. Tripartite sign of 'Tanit'
3b. 'Bottle idol' cross bar and orb often seen on archaic funerary stelae from Carthage.
3c. Rhomboid, a stylised 'Bottle idol' on archaic funerary stelae from Carthage.
3d. 'Bottle motif' carved in a niche, Gherien tal-Liebru catacomb, Malta, late Punic to Roman date.

4a. Tripartite sign of 'Tanit'
4b. Empty niche with one or more recessed edges, cross bar and orb on Carthage funerary stelae
4c. Niche and pillar, cross bar and orb on Carthage funerary stelae
4d. Niche and two (sometimes more) pillars, cross bar and orb on Carthage stelae
4e. Iconography of rayed ceiling orb and figure in niche in back wall of a Rabat tomb; below, the tomb's floor plan cut with three parallel trenches and pit perhaps reflecting the iconography of Fig. 4b–d.

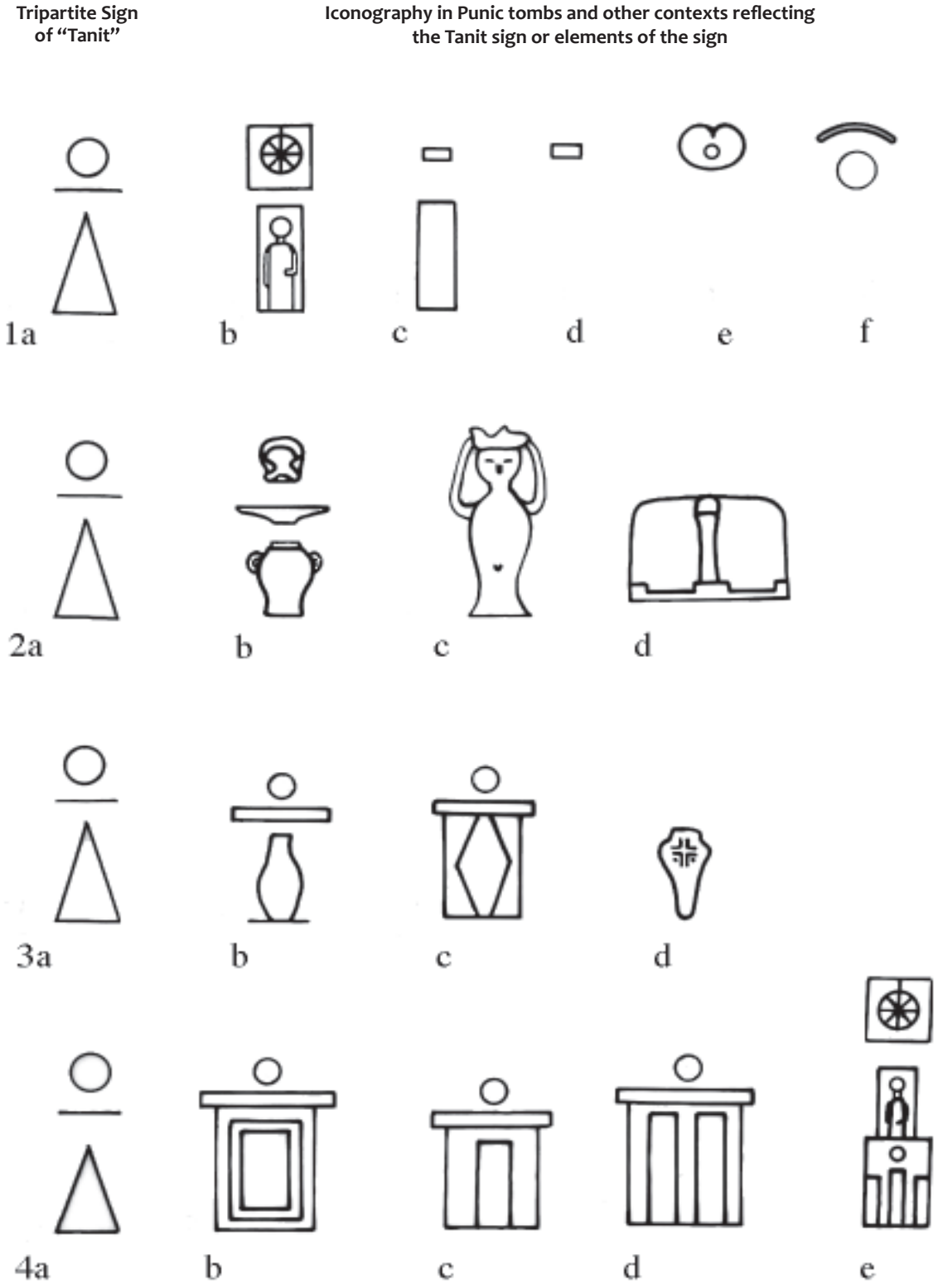


Fig. 1. Iconography in Punic tombs and other contexts that may reflect the Tanit sign or elements of the sign. The illustrations are representative of frequently occurring iconography from western Punic contexts

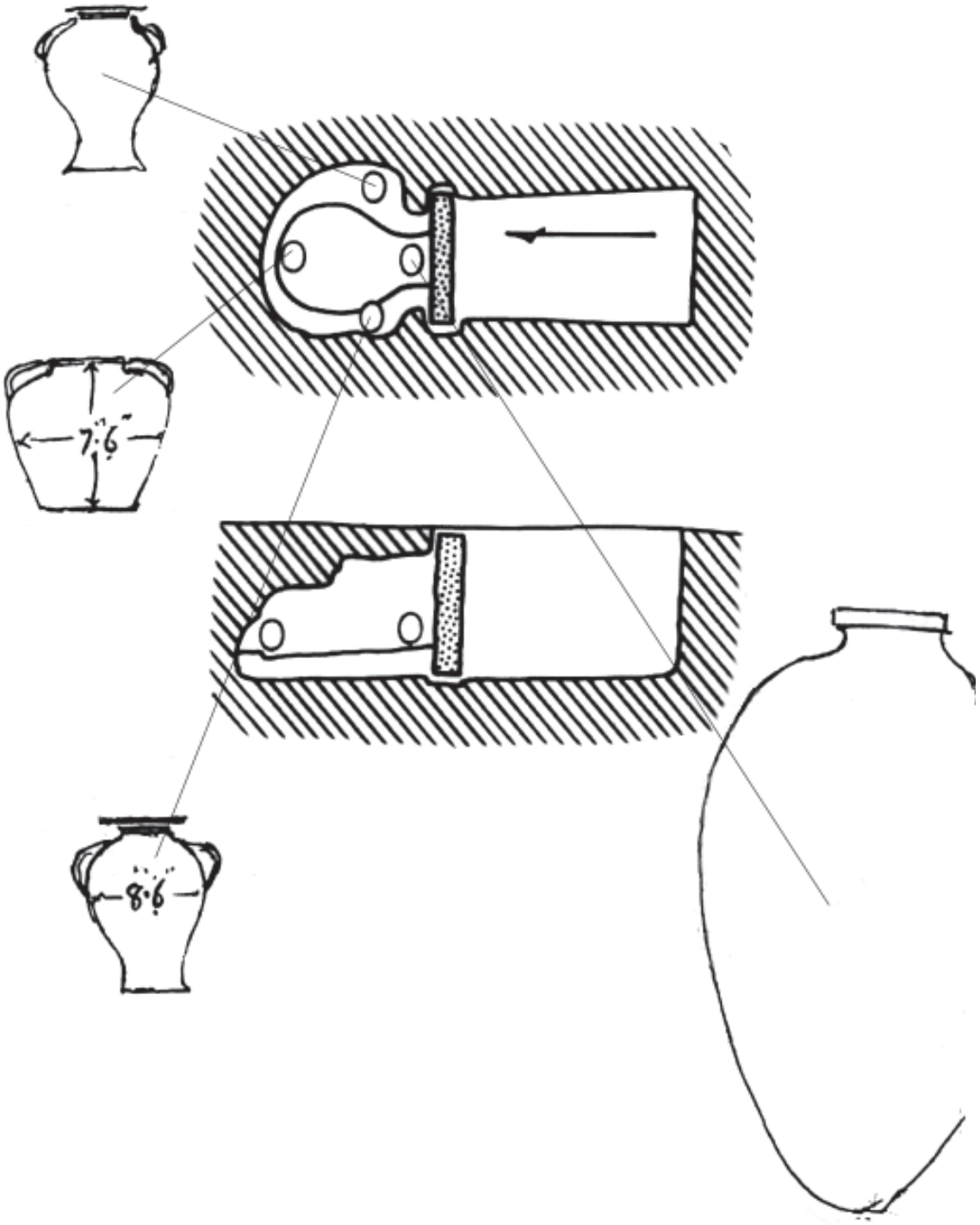


Fig. 2. Tomb from Mghatab, found 1924, sketch after T. Zammit's Field Notebook

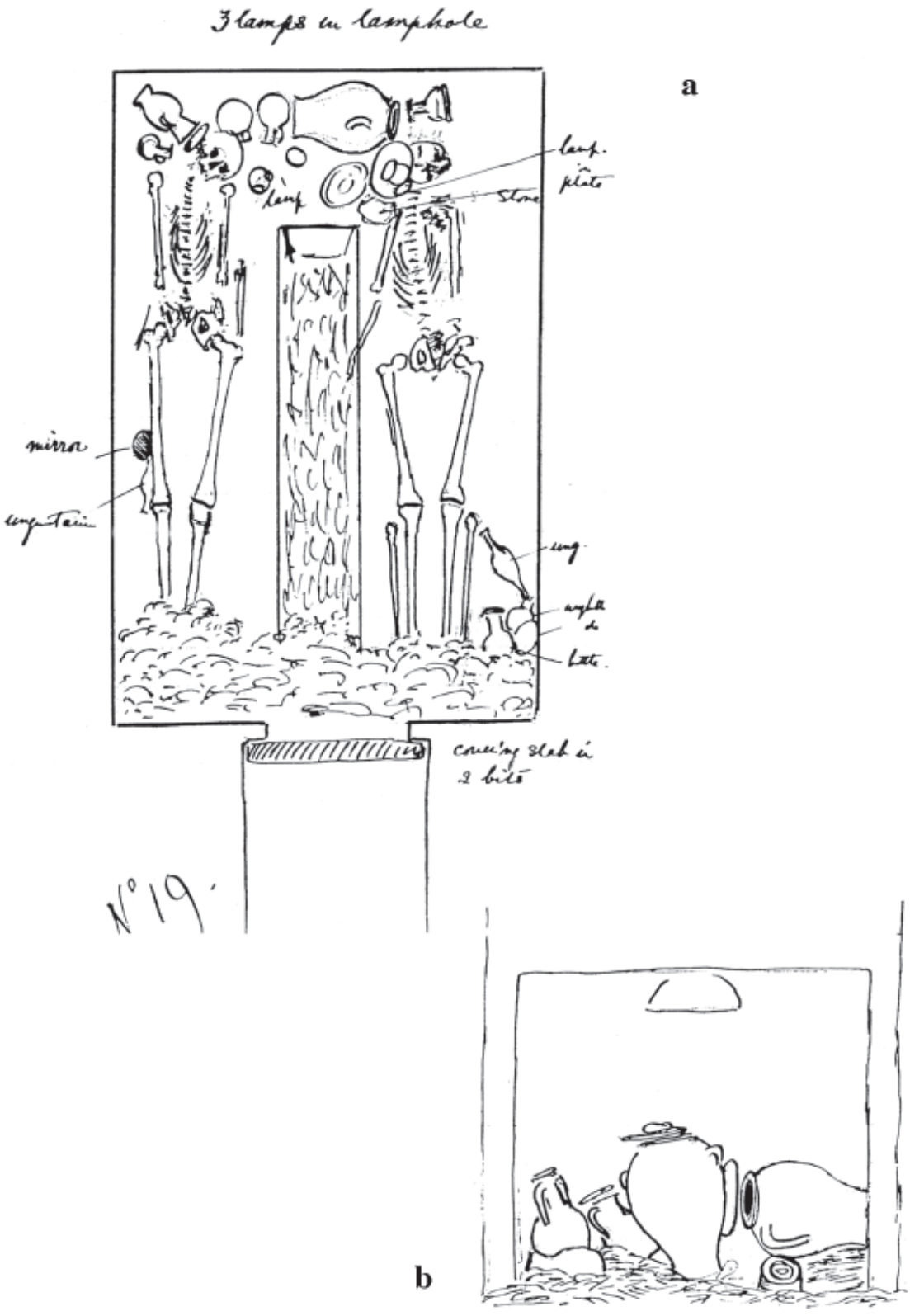


Fig. 3. Tomb 19, New Street, Rabat. drawing from T. Zammit. Field Notebook II, p. 88, found 1907

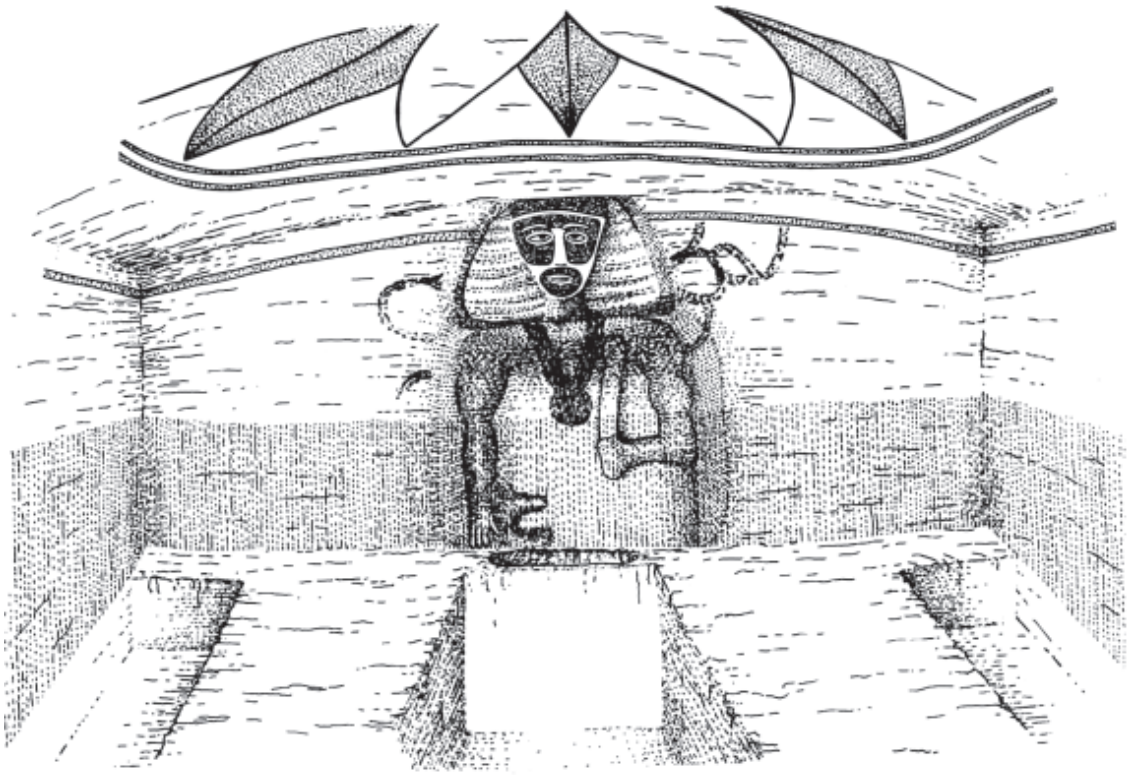


Fig. 4. Tomb chamber from Ferris Street, Rabat, found 1910; drawing by the author after archive photographs

Bibliography

Azize, J. (2005) - *The Phoenician Solar Theology : An investigation into the Phoenician opinion of the Sun found in Julian's Hymn to King Helios.* Gorgias Dissertations 15. Near Eastern Studies, Vol. 6. Piscataway, New Jersey: Gorgias Press.

Bartoloni, P. (1976) - *Le Stele Arcaiche del Tofet di Cartagine*. Rome: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Ciasca, A. (1993) - Some Considerations regarding the sacrificial precincts at Tas-Silg. *Journal of Mediterranean Studies*. 3:2. Malta. pp. 225-244.

Cintas, P. M. (1947) - Sanctuaire punique de Sousse. *Revue Africaine*. 90:1-2. pp. 1-80.

Garwood, P. ; Jennings, D. ; Skeates, R. ; Toms, J. (eds.) (1991) - *Sacred and Profane: Proceedings of a Conference on Archaeology, Ritual and Religion (Oxford, 1989)*. Oxford University Committee for Archaeology. Monograph no. 32. Oxford.

Green, M. (1991) - Triplism and Plurality: Intensity and symbolism in Celtic Religious Expression. In Garwood, P. ; Jennings, D. ; Skeates, R. ; Toms, J. (eds.) Sacred and Profane*: Proceedings of a Conference on Archaeology, Ritual and Religion (Oxford, 1989)*. Oxford University Committee for Archaeology. Monograph no. 32. Oxford. pp. 100-108.

Moscati, S. ; Uberti, M. L. (1981) - *Scavi a Mozia – Le Stele, vols 1-2*. Serie Archeologica. 25. Rome: Consiglio Nazionale delle Richerche.

Ramón, J. (2002) - The ancient colonization of Ibiza: mechanism and process. In Bierling, M. R. ; Gitin, S. (trans. and eds.) *The Phoenicians in Spain : An Archaeological Review of the Eighth–Sixth Centuries B.C.E : A Collection of Articles Translated from Spanish.* Winona Lake, Indiana : Eisenbrauns. pp. 127-152.

Sagona, C. (2002) - *The Archaeology of Punic Malta*. Ancient Near Eastern Studies, supplement series. No. 9. Belgium: Peeters.

CAGLIARI,TUVIXEDDU – QUARTUCCIU, PILL'E MATTA. NOTIZIE DA DUE NECROPOLI PUNICHE

Donatella Salvi

Soprintendenza per i Beni Archeologici per le province di Cagliari e Oristano

Riassunto

Il comune di Quartucciu si trova a pochi chilometri da Cagliari, la città capoluogo della Sardegna, che conserva sul colle di Tuvixeddu una delle più estese necropoli puniche del Mediterraneo. Dopo numerose indagini condotte in passato, l'area è stata indagata di recente sia alle pendici, durante la costruzione di nuovi palazzi, sia sul versante che ospita il maggior numero di tombe a pozzo, dove sono in corso le opere per la realizzazione del nuovo parco archeologico e ambientale.

Nella necropoli di Pill'e Matta, invece, si svolgono, fin dal 2000, regolari campagne di scavo, dopo la scoperta occasionale di una vasta necropoli in uso dall'età punica a quella tardo romana.

Nonostante la modesta distanza che separa i due contesti, le tipologie funerarie adottate sono nettamente differenti. Mentre a Cagliari alle più antiche sepolture a pozzo profondo, con cella sul lato breve, seguono nel corso del IV/III secolo a.C. le tombe a semplice fossa, a Quartucciu le sepolture dello stesso periodo sono costituite da una nicchia aperta sul lato lungo di una fossa di media profondità, chiusa da anfore orizzontali.

Résumé

La ville de Quartucciu n'est pas loin de Cagliari, chef-lieu de la Sardaigne, ou est située la plus vaste nécropole punique de la Méditerranée. Après les nombreuses fouilles du passé, on a, pendant les dernières années, exploré le coteau de Tuvixeddu soit a son pied, à l'occasion de nouveaux bâtiments, soit dans le versant du col qui contient la plupart des tombeaux à puit puniques et qui est aujourd'hui compris dans le Parc archéologique et ambiental de l'environnement.

A Pill'e Matta, Quartucciu, les fouilles ont commencé en 2000, après la découverte, occasionnelle, des tombeaux puniques et romaines qui forment une nécropole avec des aspects inusités en Sardaigne.

En effet, bien que le deux nécropoles soient éloignées l'une de l'autre seulement quelques kilomètres, leurs caractéristiques sont vraiment différentes. A Cagliari, au IV/IIIème siècles av. J.-C. les tombeaux à puit ont été remplacées des fosses, tandis que à Quartucciu, dans les mêmes siècles, le mort est déposé dans une niche creusée dans la paroi de la fosse et fermée par des amphores horizontales.

Il comune di Quartucciu si trova a pochi chilometri da Cagliari, la città capoluogo della Sardegna che conserva, a tratti ancora inesplorata, una delle più importanti necropoli puniche del Mediterraneo. Oggetto di campagne di scavo condotte in periodi e con tecniche di scavo diverse fin dalla metà dell'Ottocento (Salvi 2000), il colle di Tuvixeddu è stato indagato negli ultimi anni sia alle pendici poste lungo il viale S.Avendrace, sia sul versante superiore, dove sono in corso le opere per la realizzazione del nuovo parco archeologico e ambientale (Fig.1).

Nella necropoli di Pill'e Matta, invece, si svolgono, fin dal 2000, regolari campagne di scavo, dopo la scoperta occasionale di una vasta necropoli in uso dall'età punica a quella tardo romana (Salvi 2005a).

Nonostante la modesta distanza che separa i due contesti, e benché il numero delle tombe indagate sia notevolmente più alto nella necropoli cagliaritana, le tipologie funerarie adottate sono nettamente differenti.

A Cagliari, infatti, le testimonianze funerarie più antiche sono costituite da tombe a pozzo più o meno profondo, con cella sul lato breve (da ultimo Salvi 2000a). Ritrovate in parte intatte nei settori indagati, negli ultimi anni, alle pendici del colle, dove la realizzazione di moderni fabbricati ha occupato aree prima destinate a casupole, orti e giardini (Salvi 2000b), risultano invece per lo più già scavate, con sommarie interventi di scavo o con interventi clandestini, a monte, dove la roccia calcarea affiorante ospita sepolture fittamente affiancate. L'indagine attualmente in corso, in concomitanza con i lavori relativi al parco, sta infatti evidenziando situazioni per lo più compro-

Fig. 1. Cagliari, Tuvixeddu, veduta aerea del settore in corso di scavo (foto G.Dessì)

messe, con i pozzi d'accesso in tutto o in parte riempiti da terra smossa e celle talvolta ancora in parte chiuse da portelli spezzati. Nonostante questo, però, i risultati sono di grande interesse scientifico, sia perché evidenziano particolari nuovi nella decorazione dei pozzi e delle celle, sia perché l'analisi accurata dei depositi consente di recuperare materiali sfuggiti ad operazioni condotte per lo più in velocità, senza raccogliere le ceramiche frammentarie e, probabilmente, senza grigliare la terra. E' stato possibile, così, individuare sulle pareti dei pozzi rifiniture architettoniche con listelli a toro (tomba 173) e, in alcuni casi, decorazioni a rilievo costituite da cippi o altari (tomba 137 e tomba 174, cf. Tore 1992, tipo D), e, in un caso, il segno di Tanit (tomba 174) che vanno ad aggiungersi alla eccezionale decorazione della porta della tomba 79 (Tav.1, fig.2), scavata nel 2000, che, con il fregio ad urei affiancati sovrapposto al disco alato a formare un doppio architrave e con gli stipiti sagomati, ripropone l'architettura egittizzante frequente nelle stele di Sulcis e Monte Sirai (Bartoloni 1986, nn.256-269; Bondì 1972, nn.31-33, 35 e p.44) e presente nell'edicola di Nora (Oggiano 2005, pp.1034-1036). In altri casi è il colore rosso che, oltre a disegnare il contorno della porta, è utilizzato per campire rilievi circolari con motivi a elica o per disegnare, con combinazioni diverse, motivi geometrici all'esterno o all'interno delle celle.

Talvolta già noti, talvolta nuovi ed insoliti, gli oggetti di piccole dimensioni: in bronzo sono numerosi le grappe ed i rasoi, mentre gli scarabei, di ottima fattura e per lo più con raffigurazioni di tipo greco, sono quasi sempre in diaspro verde: Eracle, l'oplita (Salvi 2005b), una figura alata, volti fortemente caratterizzati, visi con lunga barba o giovani dai tratti negroidi sono solo alcune delle decorazioni che compaiono sulla faccia inferiore dell'oggetto; un solo esemplare, con il volto, di profilo, di un guerriero con elmo, è realizzato in cristallo di rocca (Fig.3). In pasta sono invece per lo più gli amuleti. Scarse le oreficerie, costituite da alcuni orecchini a semplice cerchio con estremità avvolta a spirale e da un anello a castone piatto, - analogo all'anello ritrovato nella necropoli di Senorbì con il simbolo di Tanit (Tronchetti 1992, p.183, tav.I,1), - sul quale compare, con la sagoma adattata alla forma ovale del supporto, un cavallo al galoppo con le briglie svolazzanti.

Ancora da una sepoltura di stratigrafia poco affidabile, la T163, provengono due prodotti in coroplastica di straordinario interesse (Figg.4 e 5): si tratta nel primo caso di una protome femminile realizzata con argilla farinosa e poco coesa, ma ben levigata in superficie, che raffigura un volto femminile incorniciato da capelli fittamente ondulati che sporgono sulla fronte e sui lati dal velo che copre la testa; gli occhi sono obliqui, la bocca atteggiata in una sorta di astratto sorriso che richiama modelli greci e che si trova già nella produzione tharrense di fine VI–V sec. a.C. (Acquaro, Moscati, Uberti 1975, A30). Il secondo reperto è invece rappresentato da un busto femminile, anche questo limitato alla visione frontale, coperto da un mantello che forma ai lati pieghe larghe e morbide; le braccia sono piegate sul petto e mentre la mano destra sembra stringere un capezzolo, la mano sinistra è piegata ad allargare la scollatura della veste. Dallo stesso contesto provengono alcuni insoliti frutti fittili ed alcune stoviglie in frammenti.

Per quanto apparentemente già sconvolta – il portello era spostato e la camera era colma di terra arrivata dal pozzo, - conservava ancora un piccolo deposito di materiali in posto la tomba 150, dalla cella irregolarmente quadrangolare, allargata sulla sinistra dell'asse longitudinale del pozzo (Tav.2). Sono stati trovati integri, infatti, un rasoio, tre brocchette di piccole dimensioni e di differente profilo (Bartoloni 2000 nn.26,42 e 43) e due piatti ombelicati di diverso diametro, oltre ad una lucerna, un piatto ed una brocchetta in frammenti (Tav.3).

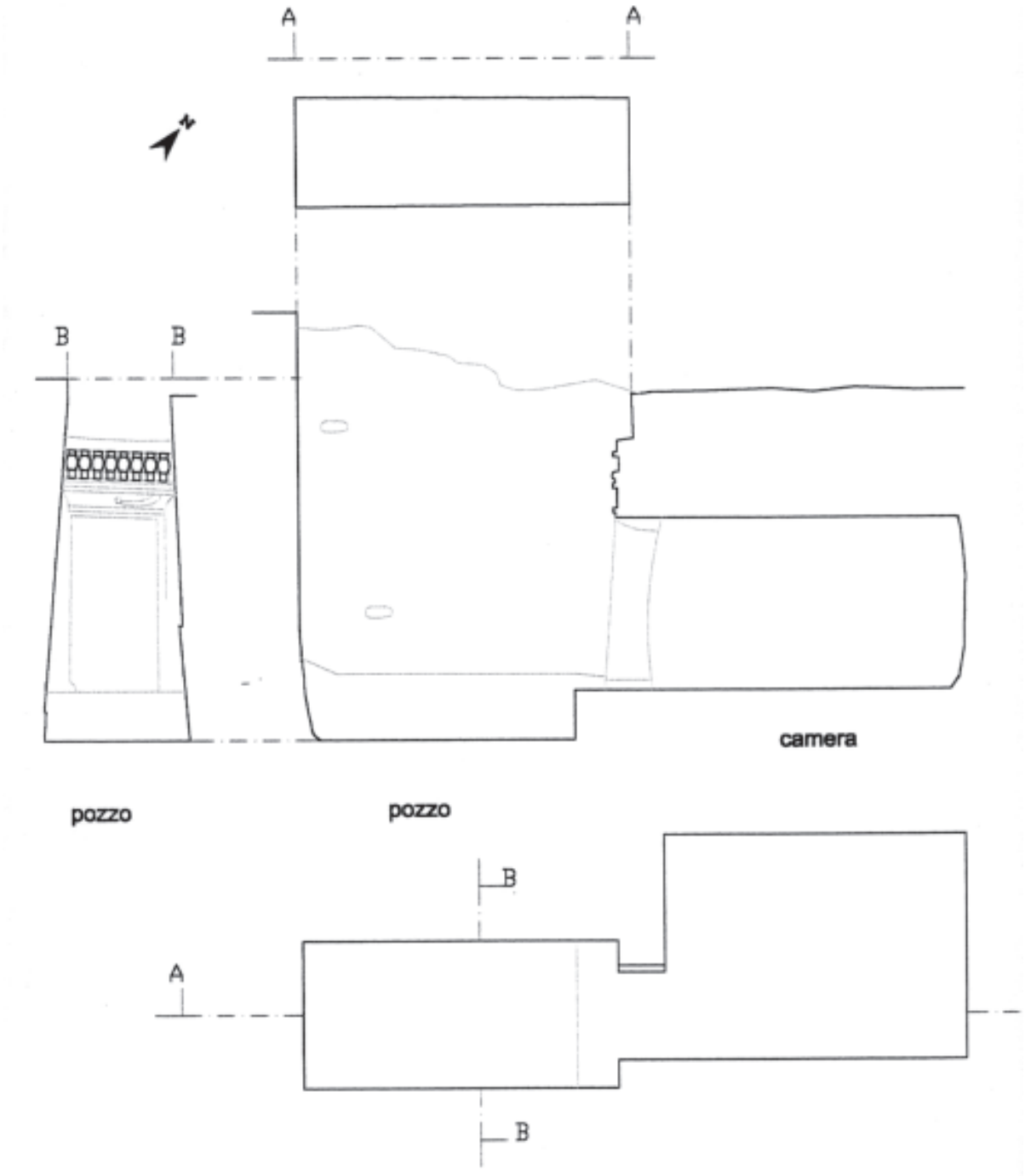
Anche nella tomba 200, dove, come nella tomba precedente, il materiale del pozzo aveva occupato l'interno della cella, si conservavano, integre, due brocche ad orlo trilobato, una decorata da bande brune sulla spalla, l'altra con una protome umana realizzata a stampo all'imposta superiore dell'ansa (Bartoloni 2000, nn.45 e 50) (Tav.4). E' invece una sepoltura a pozzo scavato nella roccia, ma senza cella, la tomba 225, che, più tarda delle altre – e in media della gran parte delle sepolture di questo settore di Tuvixeddu, - conservava due coppette, un piatto ed una *lekythos lagynus* a vernice nera (forma Morel 5451).

Fig. 2. Cagliari, Tuvixeddu, porta d'accesso alla cella della tomba 79 (foto D.Salvi)

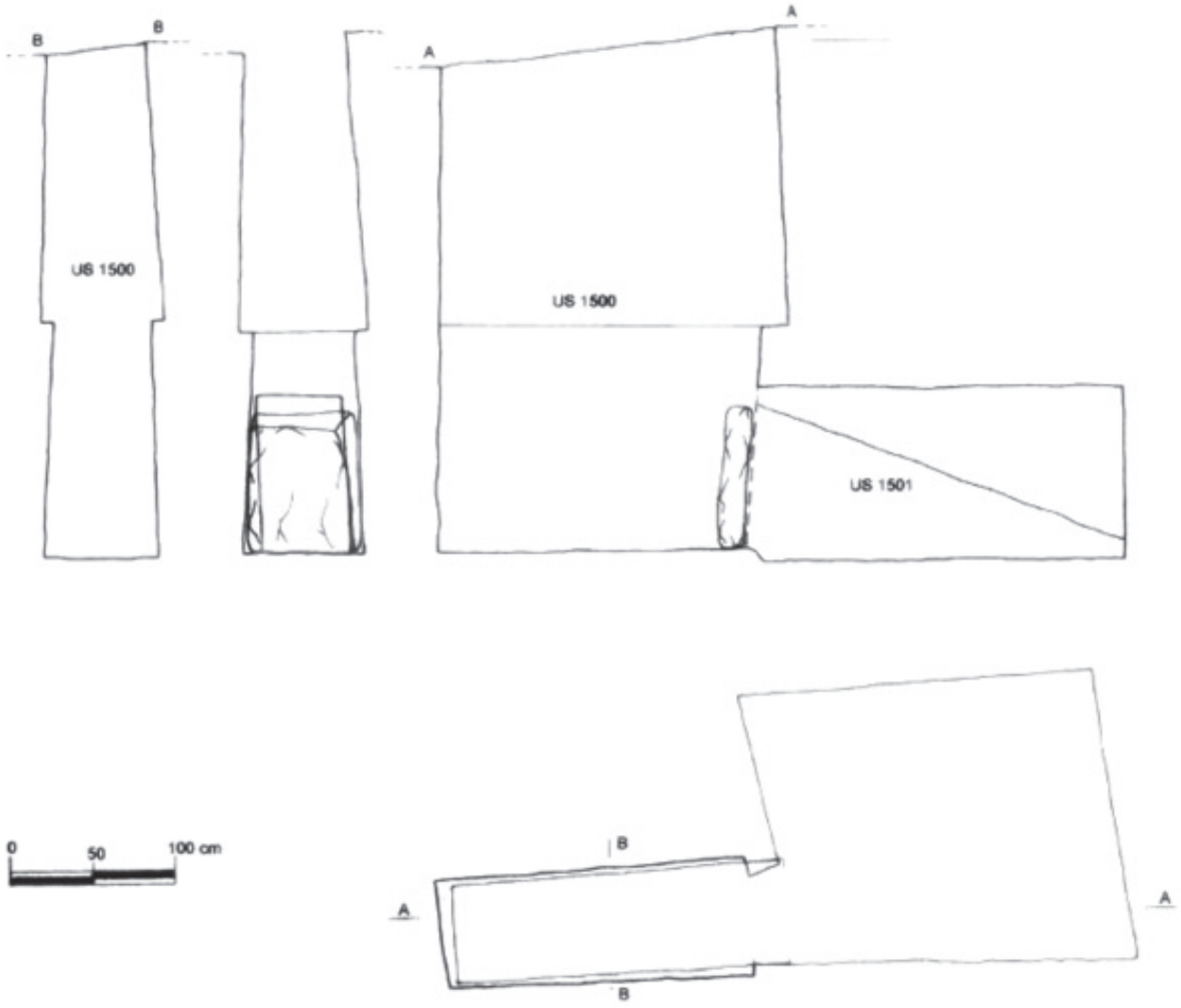
Fig. 3. Cagliari, Tuvixeddu, scarabeo in cristallo di rocca dalla tomba 135 (foto D.Salvi)

Fig. 4. Cagliari, Tuvixeddu, protome femminile dalla tomba 163 (foto C.Buffa)

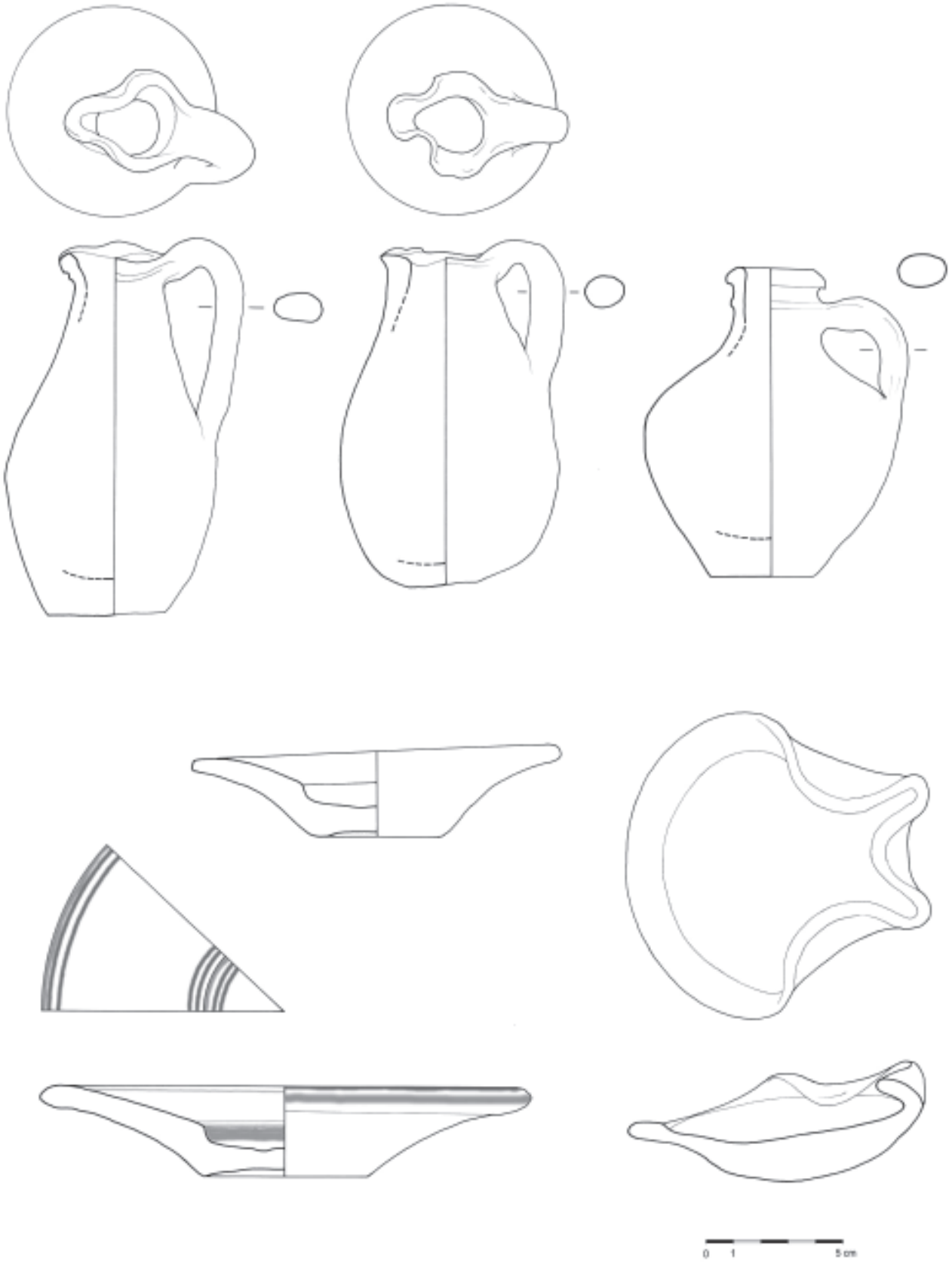
Fig. 5. Cagliari, Tuvixeddu, busto femminile dalla tomba 163 (foto C.Buffa)



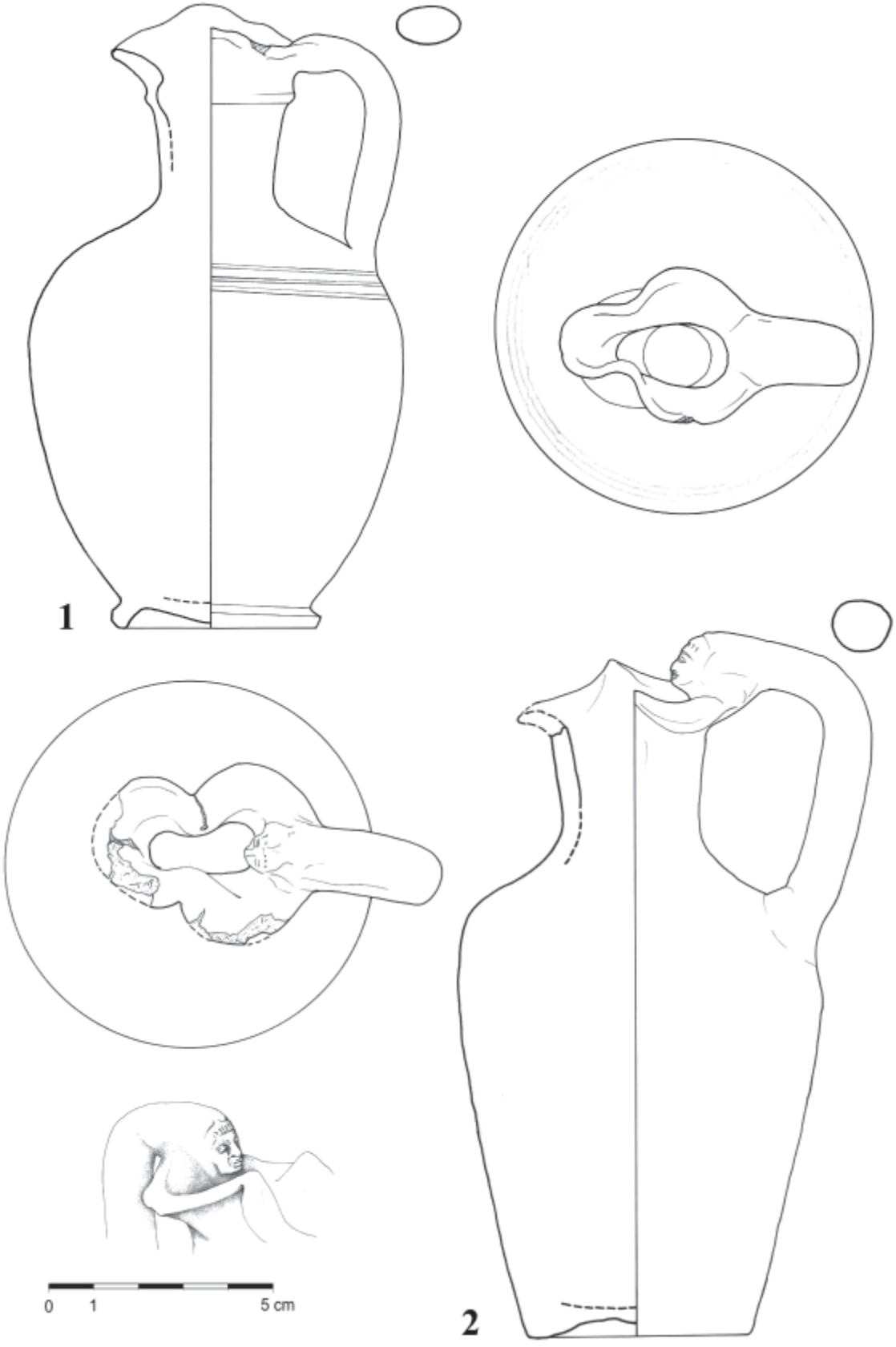
Tav. 1. Cagliari, Tuvixeddu, pianta e sezione della tomba 79 (rilievo e disegno F.Fanari)



Tav. 2. Cagliari, Tuvixeddu, pianta e sezione della tomba 79 (rilievo e disegno F.Fanari)



Tav. 3. Cagliari, Tuvixeddu, corredo della tomba 150 (disegni A.Dessì e P. Matta)



Tav. 4. Cagliari, Tuvixeddu, corredo della tomba 200 (disegni di A.Dessì)

Mentre a monte le tombe a pozzo sono tutte ricavate nel calcare più o meno compatto che costituisce la collina, a valle, nel settore denominato "Lotto 7", sono state individuate un certo numero di tombe di questa stessa tipologia ricavate direttamente nel terreno argilloso che qui copre il banco di roccia. L'area, meno esposta a manomissioni, ma pareggiata in passato per la realizzazione di modesti spazi verdi, conserva in qualche caso integra solo la parte inferiore di pozzi e celle e in altri casi, con pozzi di modesta profondità, l'intera struttura funeraria. Lo scavo, occasionale, perché derivato da interventi edilizi, ha messo in luce circa 225 deposizioni, comprese fra il V secolo a.C. ed il I d.C., fittamente sovrapposte e spesso intersecate le une con le altre. Così se le più superficiali, a fossa, hanno creato in qualche caso difficoltà di associazione fra deposizioni e corredi, quelle più profonde e, spesso, più antiche, hanno restituito contesti integri e in buono stato di conservazione. La tomba 1 del lotto 7, ad esempio, ancora dotata di portello, ma con pozzo e cella drasticamente tagliati, ha restituito, con pochi resti scheletrici, un'olla a spalla carenata, due brocchette (Bartoloni 2000, nn.28 e 42), un piatto e una lucerna bilicne. Due olle e due brocchette piriformi (Bartoloni 2000, nn.28, 59 e 61) costituivano invece il corredo della tomba 3 (Fig.6), anch'essa priva della copertura, mentre solo due olle a spalla carenata componevano il corredo della tomba 141, ritrovata completa e con il portello in posto.

Le novità, in questo settore, oltre alle caratteristiche già evidenziate, sono rappresentate, nelle sepolture 1, 3 e 5 dello stesso lotto 7, dalla sistemazione intenzionale di un piano di argilla, dello spessore di diversi centimetri, utile a livellare il piano ed offrire l'appoggio alla deposizione. Fori allungati rettangolari, ai quattro angoli, suggeriscono l'utilizzo di lettighe dotate di piedi in legno.

Fig. 6. Cagliari, Lotto 7, la tomba 3 in corso di scavo (foto D.Salvi)

Mentre a Cagliari alle più antiche sepolture a pozzo profondo, con cella sul lato breve, seguono nel corso del IV/III secolo a.C. le tombe a fossa, coperte di pietre e terra pressate, a Quartucciu le sepolture dello stesso periodo sono costituite da una sorta di nicchia aperta sul lato lungo di una fossa di media profondità e chiusa da anfore orizzontali, secondo i modelli già noti a Ras Zebib (Fantar, Ciasca 1973; Acquaro 1990, Acquaro, Fariselli 2002). Talvolta intaccate dalla realizzazione delle tombe più tarde, le tombe puniche, che in questa necropoli rappresentano solo una piccola percentuale dell'insieme, sono poste nella parte settentrionale dell'area, e presentano un orientamento nettamente diverso da quello che caratterizza le tombe, molto più numerose, della piena e tarda età imperiale (Tav.5). La tomba 62, della quale, forse a causa di livellamenti effettuati per favorire l'utilizzo dell'area come vigneto, non si è trovata la parte superiore, conservava, nella porzione residua della nicchia, il defunto in posizione supina, mentre, in corrispondenza della fossa, era deposta orizzontale un'anfora e, a margine, il corredo composto di due brocchette decorate a bande, di un *guttus* a vernice nera di buona qualità, di una lucerna a tazzina acroma, e, in vernice nera opaca e consunta su corpo grigio-verdastro, di un piatto ad orlo pendulo, di un piattello, di una coppa e di una coppetta. Due lame, una curva ed una diritta, saldate dall'ossidazione, erano sistemate sulla parete esterna della fossa e presentavano tracce di legno e di tessuto (Salvi 2005, pp.41-48). Pur nell'adozione di una diversa architettura funeraria, è straordinaria, indicando una standardizzazione del rituale, la somiglianza di questo corredo con quello di altre sepolture contemporanee e soprattutto con quello di una tomba ritrovata negli anni scorsi nella necropoli di Santa Lucia di Gesico (Tronchetti 1996).

Meglio conservata nella struttura completa di fossa e nicchia laterale, la tomba 65 di Pill'e Matta aveva la chiusura formata da tre anfore orizzontali ed un corredo composto soltanto di due brocchette, una decorata a bande rossastre (Bartoloni 2000, n.36) ed una a corpo globulare e collo ristretto(Tavv.6 e 7). Analoga a questa la tomba 63, che oltre alle tre anfore di chiusura, aveva un corredo composto di due brocchette, una coppetta ed un piattello a pasta chiara e vernice scrostata (Tav.8), e la tomba 54 con due anfore di chiusura (Tav. 9)

Ha caratteri nettamente differenti la tomba 181, posta a margine dell'area scavata, realizzata come una semplice fossa coperta di terra e pietrame. Il corredo, disposto intorno al defunto, è composto da un bicchiere a labbro svasato, da un unguentario, da una *lekythos lagynus* a vernice nera (forma Morel 5422) e da una larga coppa di produzione locale decorata sulla parete esterna da una larga fascia nera (Tav.10). Al suo interno, a consentire la datazione del contesto, una moneta romana con Giano bifronte del II sec. a.C.. Ciò che in confronto a questo desta qualche perplessità è la collocazione, nella parte superiore del riempimento della fossa, di un bruciaprofumi con testa di dea *kernophoros* di ottima fattura, chiaramente ispirata, nei tratti regolari del volto e nella presenza del colore nero nei capelli

Fig. 7. Quartucciu, Pill'e Matta, kernophoros dalla tomba 181 (foto C.Buffa)

e negli occhi e del colore rosso alla base, a modelli magno greci (Fig.7). Assolutamente insolita nella composizione dei corredi funerari, la forma è ampiamente diffusa in Sardegna nelle aree di culto ed ha in genere datazioni comprese in un arco cronologico che dal V al III sec. a.C. (Acquaro, Moscati, Uberti 1975, A59-A99; Moscati 1987, A 17 – A 29).

La sintesi dei risultati raggiunti nello scavo delle due necropoli porta a stabilire alcuni confronti e a formulare alcune considerazioni: La necropoli di Tuvixeddu ha, per la fase punica, un utilizzo che va dal VI sec. a.C. al III secolo a.C., quando l'arrivo delle popolazioni latine porta con sé evidenti modifiche nella tipologia funeraria e nel rituale adottato (Salvi 2000b; Salvi 2001): alle inumazioni in fossa che caratterizzano la più tarda fase punica succedono infatti i *busta* a cremazione diretta e, più tardi, la cremazione in urna. I materiali che compongono i corredi sono spesso di possibile produzione locale per quanto riguarda la ceramica acroma, ma in genere di importazione se si tratta di vernici nere. A Pill'e Matta, invece, che abbraccia un arco di tempo più limitato – IV-III sec. a.C., - le sepolture di età punica sono sempre a fossa con nicchia laterale chiusa da anfore e le vernici nere, di forma aperta, sono tutte di produzione locale. Inoltre la tipologia della tomba a fossa con terra e pietrame, che Tuvixeddu presenta nella più tarda fase punica, ma non in seguito, è in uso a Quartucciu anche dopo la conquista romana. Tutto ciò, anche sulla base dei confronti che è possibile istituire con le altre necropoli puniche sia in Sardegna che nel resto del mondo punico occidentale, porta ad ipotizzare che le popolazioni dei due centri, - il primo urbano, il secondo rurale, - abbiano sostrato e culture d'origine differenti, mantenute vive anche dopo il trasferimento nell'isola. Se l'architettura funeraria di Tuvixeddu ha ampie possibilità di confronto con Cartagine, con Lilibeo e con Tharros (Bechtold 1999, tipo I, pp.23-26), quella di Pill'e Matta – che in Sardegna ha un solo precedente certo a Senorbì (Costa 1983, fig.5,a) e due dubbi a Tuvixeddu, lotto 7 – non trova altro confronto che nella necropoli libica di Ras Zebib, che potrebbe costituire la zona di provenienza di un piccolo gruppo di persone forse dedite all'agricoltura nell'interland cagliaritano.

Bibliografia

Acquaro, E. (1990) - L'eredità di Cartagine: fra archeologia e storia. In *L'Africa romana. Atti del VII Convegno di Studio (Sassari 15-17 dic.1989)*. Sassari: Dipartimento di Storia dell'Università degli Studi di Sassari. Gallizzi. ppp.73-79.

Acquaro, E.; Fariselli, A.C.(2002) - Ras Zebib (1971-1972). In Corda, A.M. (ed.) *Uomo, territorio, ambiente. La cooperazione italo-tunisina nel settore archeologico*. Tunis, Cagliari, Sassari: Askòs Edizioni. pp. 157-161.

Acquaro, E.; MOSCATI, S.; UBERTI, M.L. (1975): - *Anecdota Tharrhica*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Bartoloni, P. (1986) – *Le stele di Sulcis: Catalogo*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Bartoloni, P. (2000) - La ceramica punica della necropoli di Tuvixeddu: tipologia e cronologia. In *Tuvixeddu. La necropoli occidentale di Karales, Atti della Tavola rotonda internazionale La necropoli antica di Karales nell'ambito mediterraneo, Cagliari 1996 (a cura della Associazione culturale Filippo Nissardi)*. Cagliari: Edizioni Della Torre. pp.43-67.

Bechtold, B.(1999) - *La necropoli di Lilybaeum*. Trapani: Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali e Ambientali e della Pubblica Istruzione.

Bondi, S.F. (1972) – *Le stele di Monte Sirai*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Costa, A. M. (1983) - La necropoli punica di Monte Luna. Tipologia tombale. *Rivista di Studi Fenici*. XI,1. pp.21-38.

Fantar, M.H.; Ciasca, A. (1973) - Ras Zebib (Tunisia). Campagne 1971-1972. *Rivista di Studi Fenici*. I. pp. 215-2172.

Moscati, S. (1983) – *Localia Punica. La collezione del Museo Nazionale G.A. Sanna di Sassari*. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei.

Oggiano, I. (2005) – Lo spazio sacro a Nora. In *Atti del V Congresso internazionale di Studi Fenici e Punici (a cura di A.Spanò Giammellaro)*. Palermo: Università degli Studi di Palermo – Facoltà di lettere e Filosofia. pp.1029-1044.

Salvi, D. (2000a) - *Tuvixeddu, vicende di una necropoli*. In *Tuvixeddu. La necropoli occidentale di Karales, Atti della Tavola rotonda internazionale La necropoli antica di Karales nell'ambito mediterraneo, Cagliari 1996 (a cura della Associazione culturale Filippo Nissardi)*. Cagliari: Edizioni Della Torre. pp.139-202.

Salvi, D. (2000b) - Tomba su tomba: indagini di scavo condotte a Tuvixeddu nel 1997. Relazione preliminare. Rivista di Studi Fenici. XXVIII,1. pp. 57-78.

Salvi, D.(2001) - Tipologie funerarie nei nuovi settori della necropoli di Tuvixeddu. In *Architettura, arte e artigianato nel Mediterraneo dalla Preistoria all'Alto Medioevo (a cura dell'Associazione Culturale "Filippo Nissardi")*. Oristano: S'Alvure. pp.245-261.

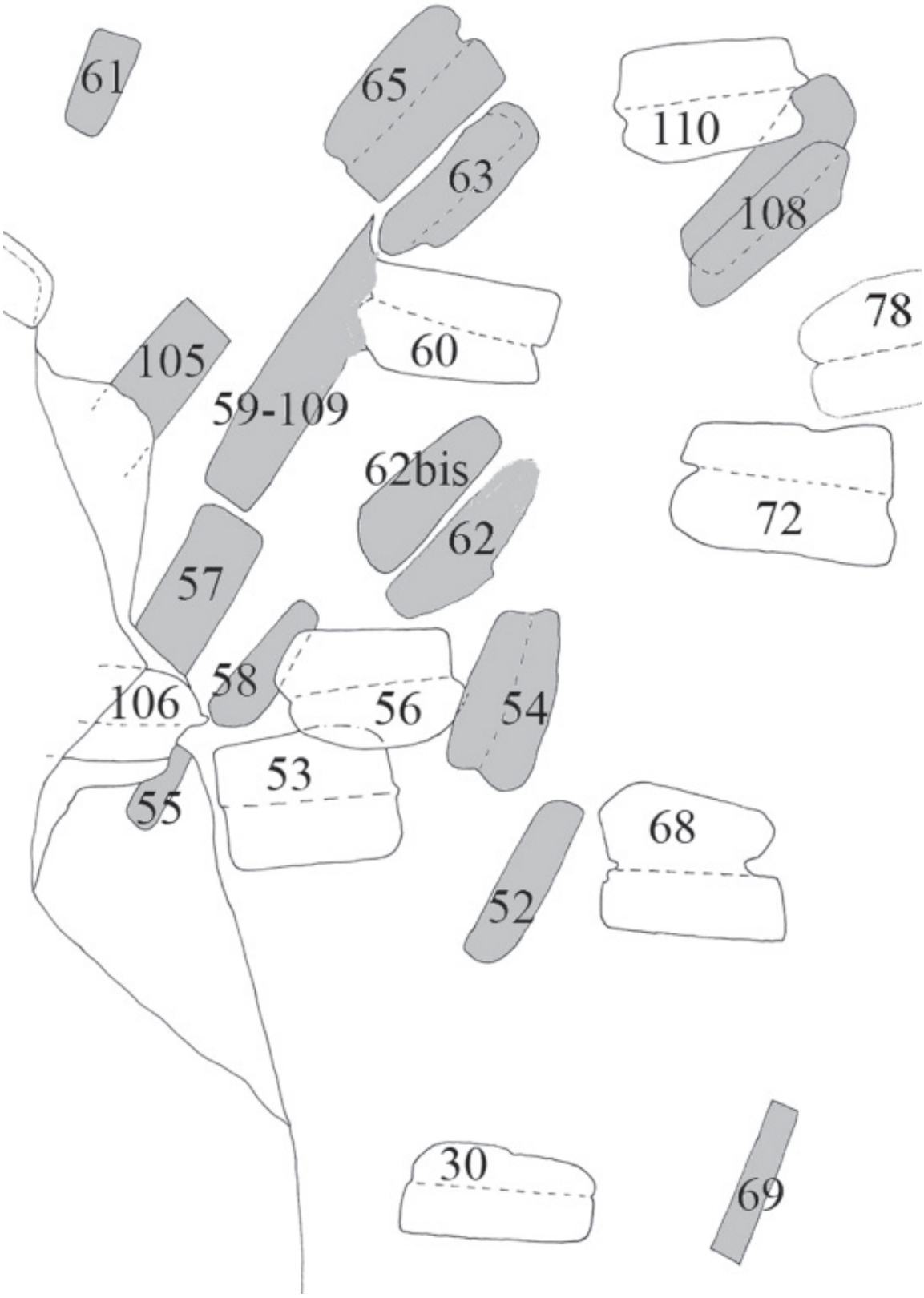
Salvi, D. (ed.) (2005a) - *Luce sul tempo. La necropoli di Pill' 'e Matta, Quartucciu*. Città di Castello: AM&D Edizioni.

Salvi, D. (2005b) - Il sigillo di Eracle: nuovi scarabei del VI/V sec. a.C. da Tuvixeddu. In Bernardini, P.; Zucca, R. (eds) *Il Mediterraneo di Heracles. Studi e ricerche*. Roma: Carocci. ppp.233-239.

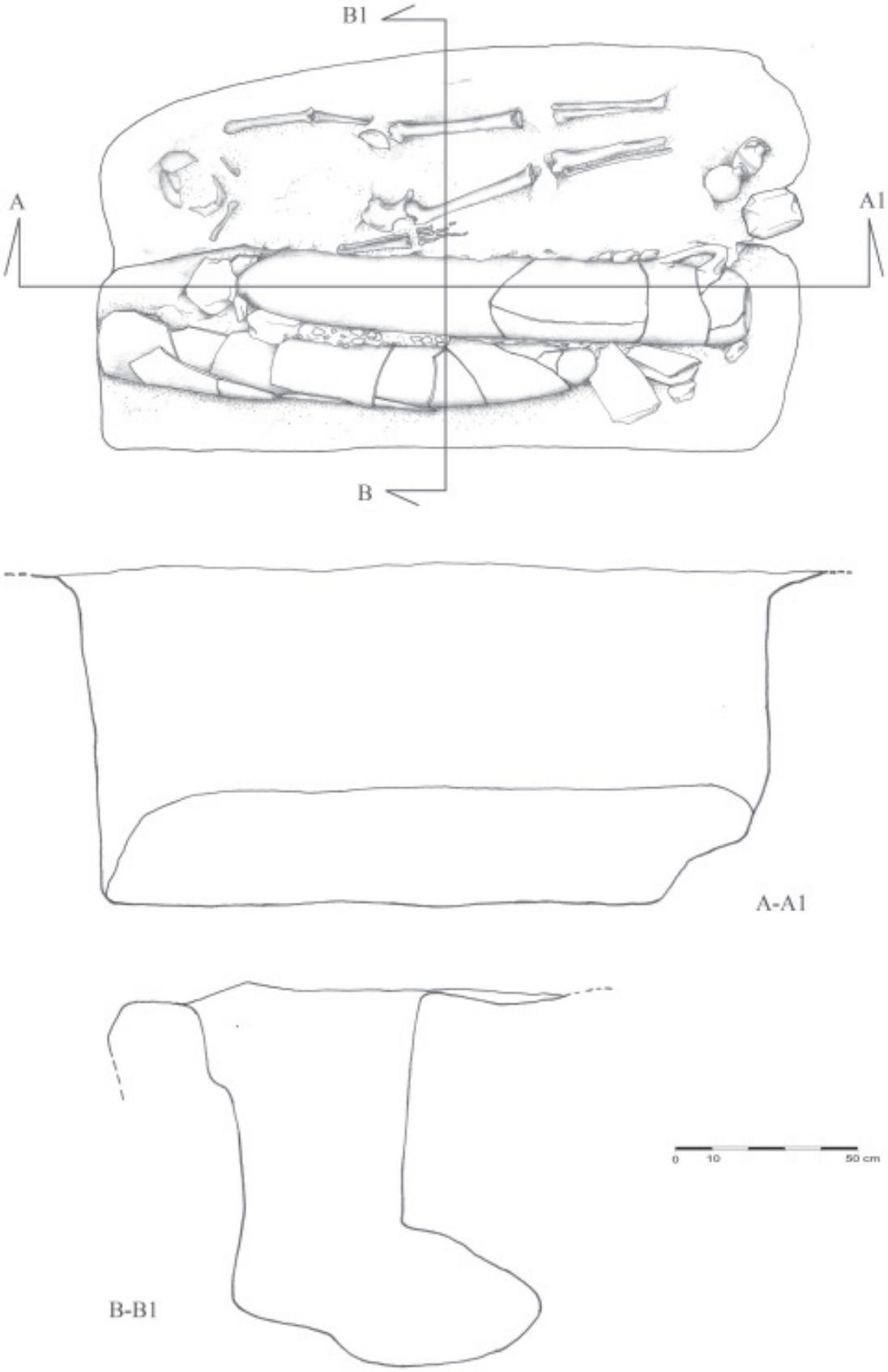
Tore, G.(1992) - Cippi, altarini e stele funerarie nella Sardegna fenicio-punica: alcune osservazioni preliminari ad una classificazione tipologica. In *Sardinia antiqua. Studi in onore di Pietro Meloni in occasione del suo settantesimo compleanno*. Cagliari: Edizioni della Torre. pp.177-194.

Tronchetti, C. (1992) – Note di oreficeria punica. *Quaderni della Soprintendenza Archeologica per le provv. di Cagliari e Oristano*. 8/1991. pp.183-190

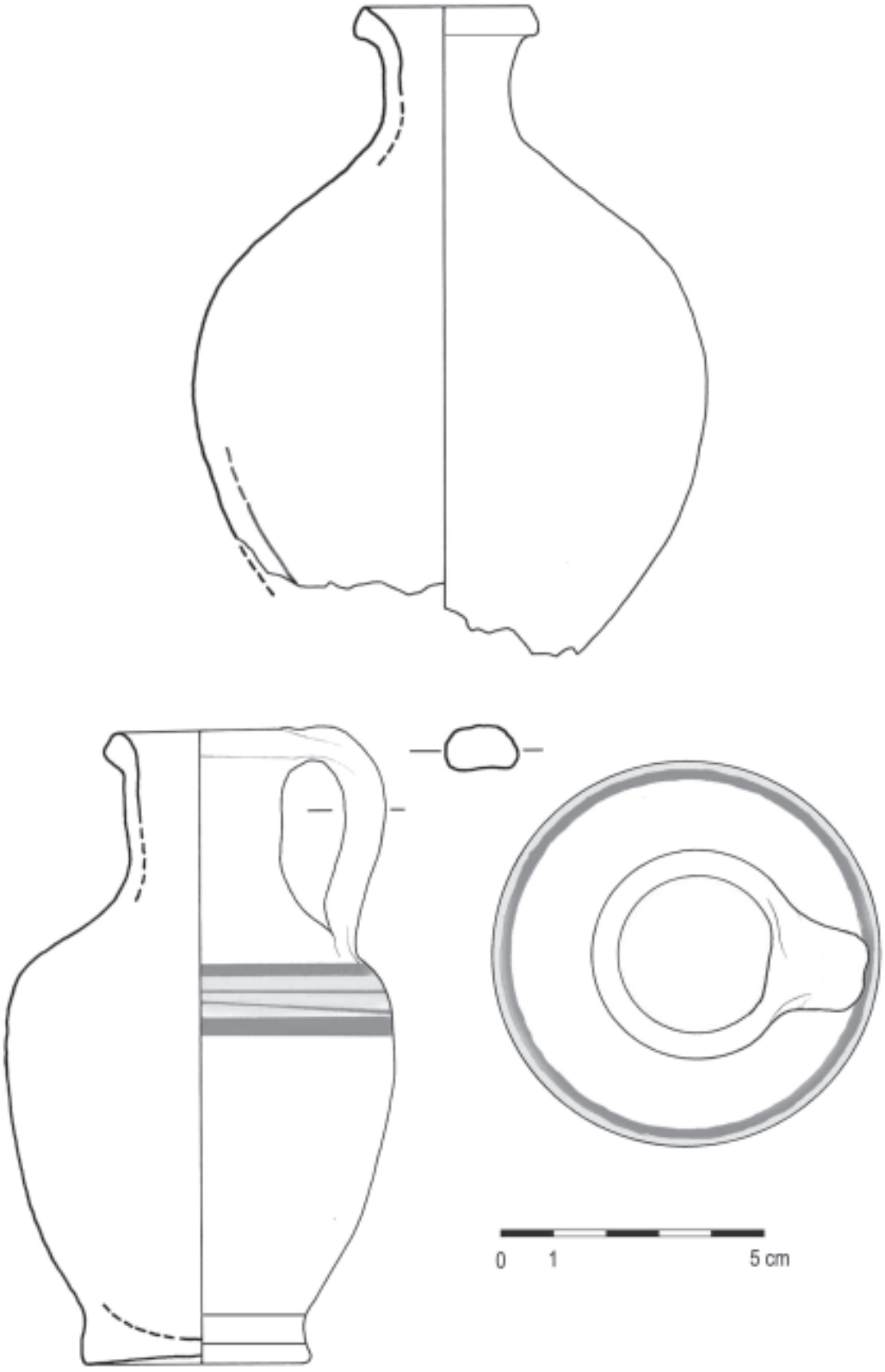
Tronchetti, C.(1996) - La machaira e la kylix: note su alcune tombe puniche da Santa Lucia di Gesico (CA). In *Alle soglie della classicità. Il Mediterraneo tra tradizione e innovazione*. Pisa-Roma. pp.993-1002.



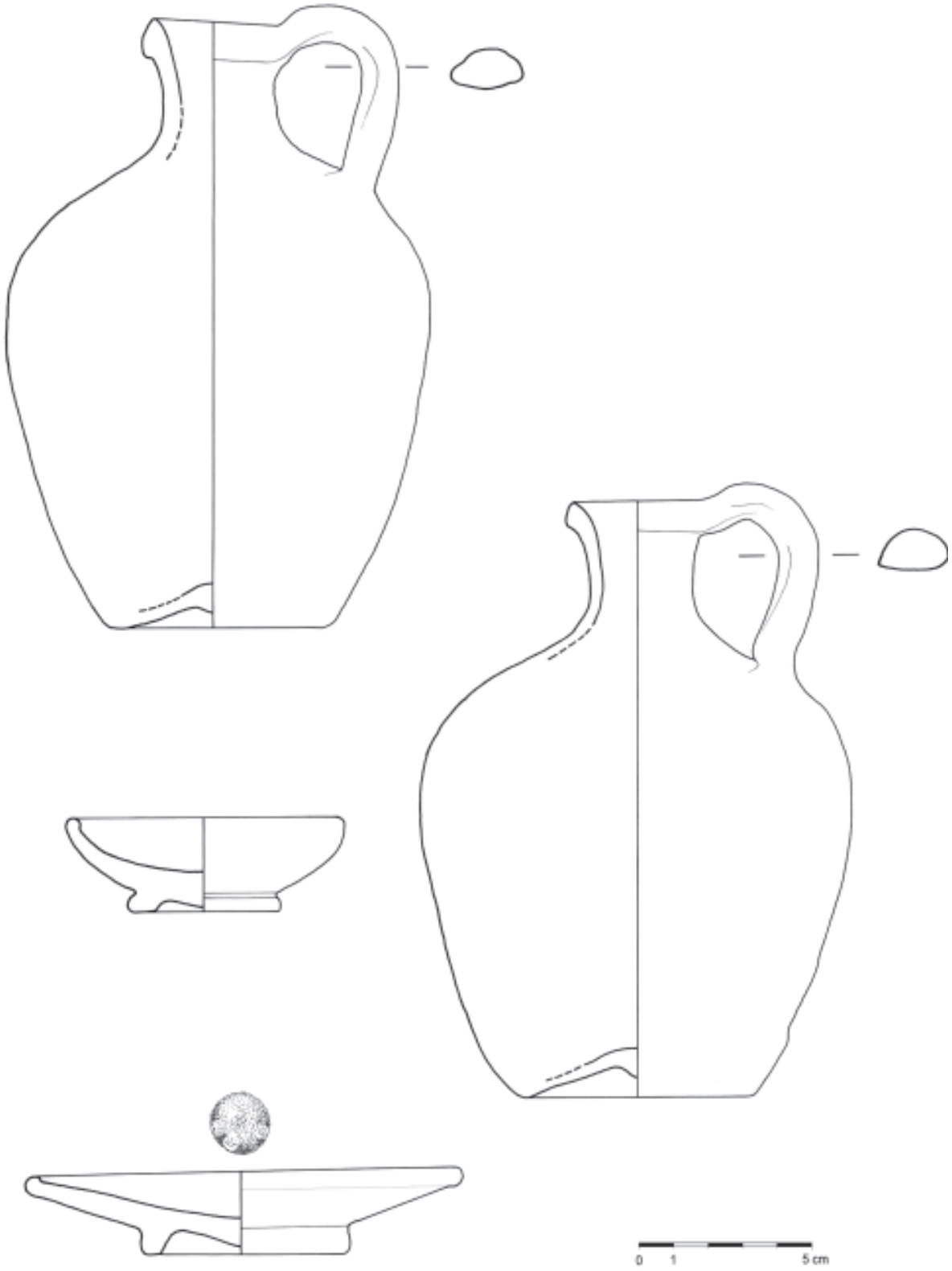
Tav. 5. Quartucciu, Pill'e Matta, settore della necropoli con le tombe puniche (rilievo e disegno M.Olla)



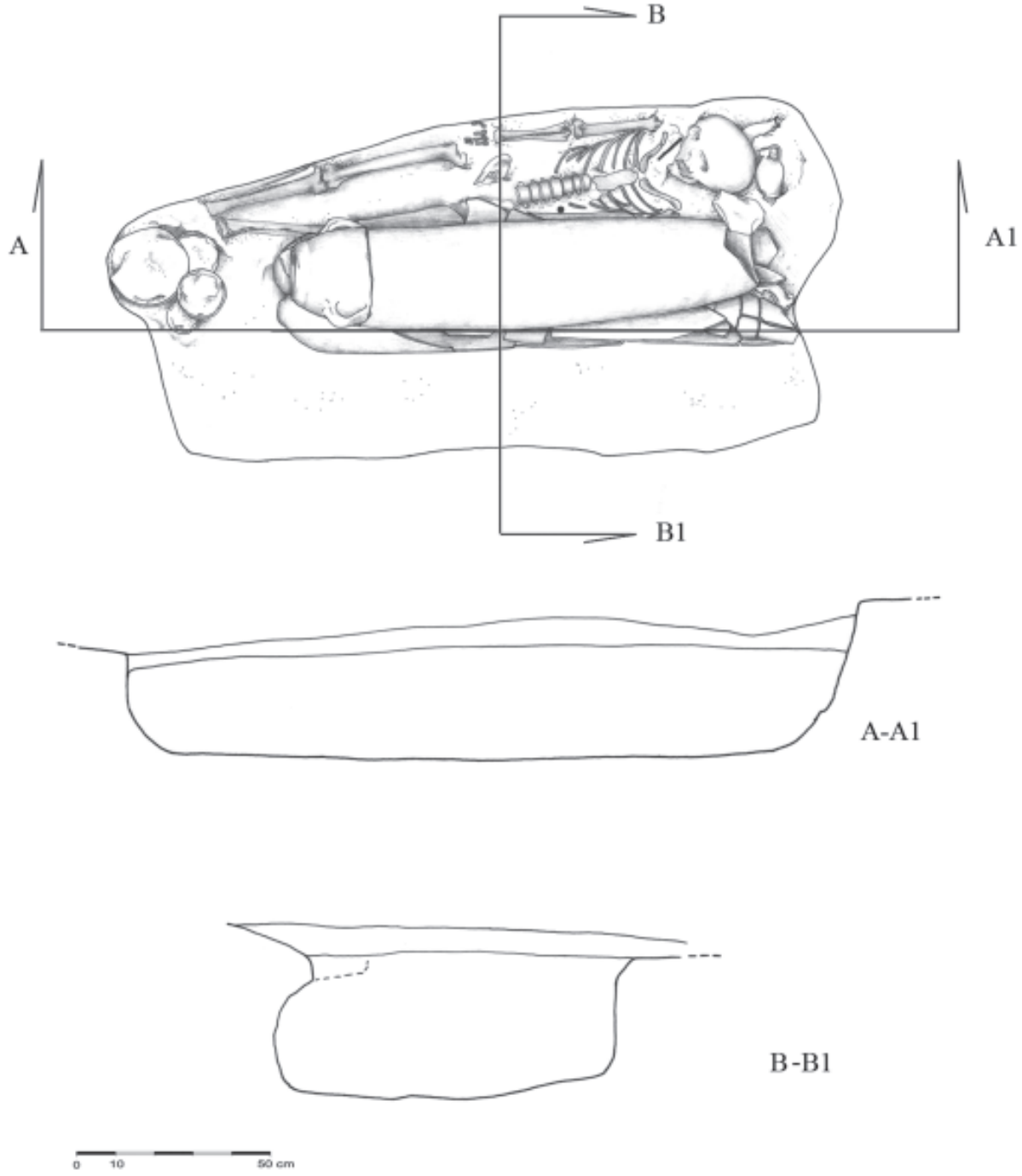
Tav. 6. Quartucciu, Pill'e Matta, pianta e sezioni della tomba 65 (rilievo e disegno di M.Olla)



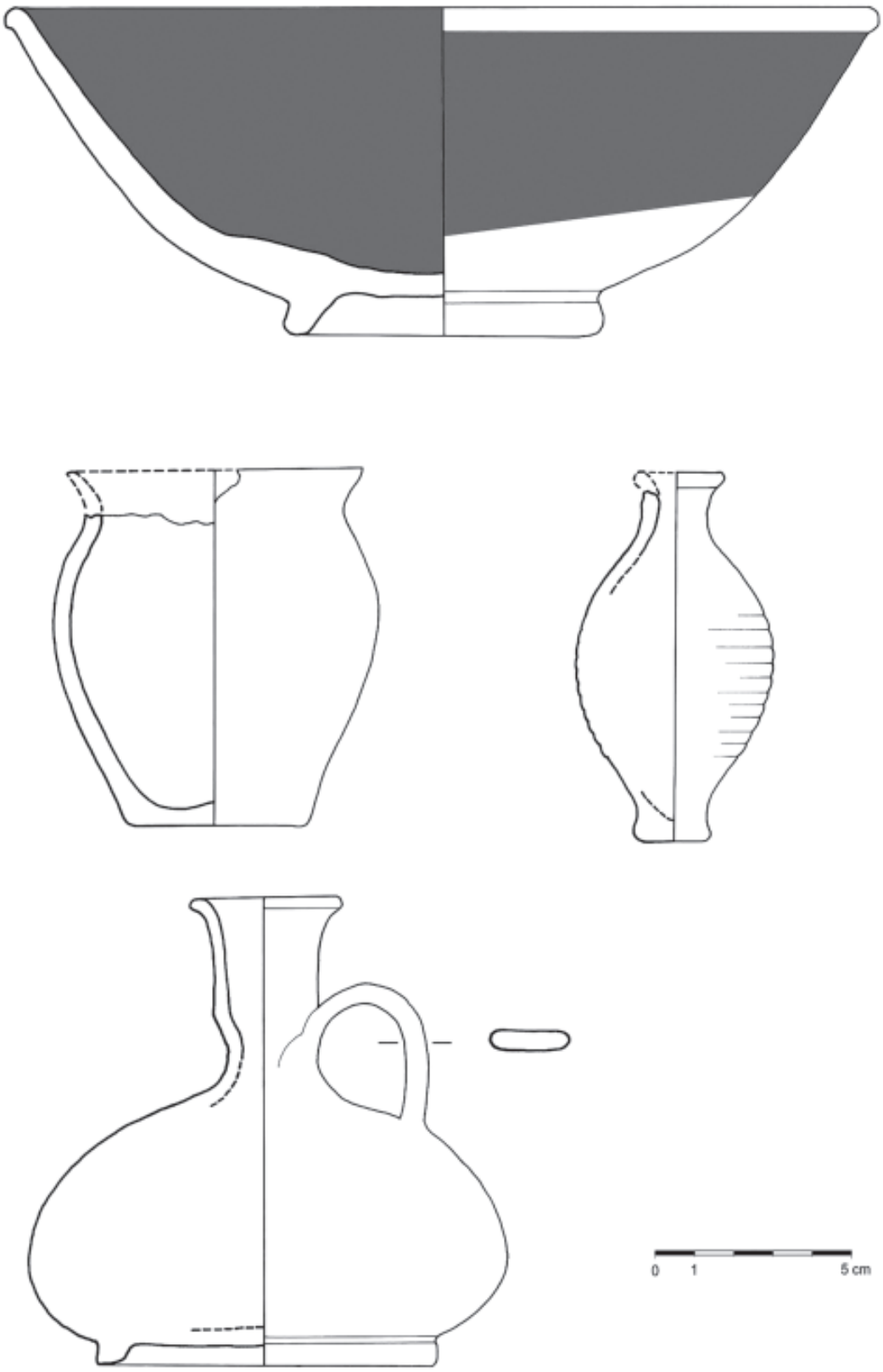
Tav. 7. Quartucciu, Pill'e Matta, corredo della tomba 65 (disegni di A.Dessì e P.Matta)



Tav. 8. Quartucciu, Pill'e Matta, corredo della tomba 63 (disegni di A.Dessì e P.Matta)



Tav. 9. Quartucciu, Pill'e Matta, pianta e sezioni della tomba 54 (rilievo e disegno di M.Olla)



Tav. 10. Quartucciu, Pill'e Matta, corredo della tomba 181 (disegni A.Dessì e P.Matta)

LA NECROPOLI PUNICA DI PALERMO (SCAVI 2000-2005). SPAZIO FUNERARIO, TIPOLOGIE TOMBALI E RITUALI

Francesca Spatafora

Soprintendenza ai Beni Culturali e Ambientali di Palermo

Riassunto

La ripresa degli scavi nella necropoli punica di Palermo ha offerto lo spunto per nuove e più approfondite riflessioni relativamente ad alcuni temi specifici di carattere topografico o connessi allo spazio, all'architettura e al rituale funerario. Nel corso delle ultime indagini, infatti, realizzate tra il 2001 ed il 2005, sono state riportate alla luce 72 sepolture che, assieme a quelle scoperte tra il 1989 ed il 1996, portano a 150 il numero complessivo di tombe scavate nell'area della Caserma Tukory, situata nel cuore dell'ampio cimitero panormita. La prima importante evidenza archeologica, emersa dallo scavo, è costituita dall'esistenza di un percorso stradale che attraversa la necropoli in senso NO-SE, condizionandone la distribuzione dello spazio.

Per quanto riguarda, invece, l'architettura e il rituale funerario, a prescindere dalle numerose tombe a camera ipogeica o dalle semplici inumazioni in fosse o sarcofagi, la novità più rilevante è la scoperta del nucleo più antico della necropoli nella parte nord-occidentale dell'area indagata, dove si è riportato alla luce un gruppo di tombe comprese tra l'ultimo venticinquennio del VII e gli ultimi decenni del VI sec.a.C.: si tratta di sepolture monosome, per lo più cremazioni primarie in fosse semplici e, in casi più rari, incinerazioni secondarie in vaso o inumazioni in camera ipogeica.

Abstract

The new excavations in the Punic necropolis of Palermo provided the inspiration for new and deep reflections on some specific issues of topographical nature or related to space, architecture and funerary ritual.

In fact, during the last researches, realized between 2001 and 2005, 72 burials have been brought to light which, together with those discovered between 1989 and 1996, reach a number of 150 burials, found in the area of the Caserma Tuköry, located in the earth of the large cemetery. The first important archaeological evidence came out from the excavation regards the presence of a road which crosses the necropolis NW-SE.

Instead, regard to the architecture and the funeral ritual, apart from the numerous hypogeal chamber or simple burials into graves or sarcophagus, the most important novelty is the discovery of the oldest nucleus of the necropolis in the north-western part of the inquired area where a group of burials, dated from the last two decades of the VII century B.C. to the last decades of the VI century B.C., have been brought to light: they are monosomy burials, mostly primary cremations in simple graves and, not very often, secondary incinerations into vases or burials in hypogeal chamber.

La ripresa degli scavi nella necropoli punica di Palermo, condotti in maniera sistematica o in modo occasionale in vari punti della vasta area cimiteriale, ha offerto lo spunto per nuove e più approfondite riflessioni relativamente ad alcuni temi specifici: nel corso delle ultime indagini realizzate tra il 2001 ed il 2005, infatti, sono state riportate alla luce 72 sepolture che, assieme a quelle scoperte tra il 1989 ed il 1996 (Di Stefano 1993, p.286-329; Di Stefano 1998 a, p.246-249; Di Stefano 1998c, p.9-37; Di Stefano 2000a, p.117-129; Di Stefano 2000b, p.437-449), portano a 150 il numero complessivo di tombe scavate all'interno del lembo di necropoli della Caserma Tuköry, situata nel cuore dell'ampio cimitero panormita. Si tratta indubbiamente di un campione significativo - circa il 20% rispetto al complesso di tombe finora rinvenute - che permetterà, una volta ultimato anche lo studio dei ricchi corredi recuperati nel corso delle ricerche e conclusa l'indagine antropologica e paleopatologica del gruppo umano, di focalizzare e puntualizzare alcuni temi sostanziali per lo studio dell'intero complesso e, più in generale, dell'antico *emporion* di fondazione fenicia.

Per il momento, attraverso la più recente documentazione, possono solo offrirsi spunti di discussione su alcuni argomenti specifici connessi allo spazio, all'architettura ed al rituale funerario, enucleando quei dati significativi che costituiscono elementi di novità rispetto a quanto già noto attraverso le precedenti indagini. L'ampia letteratura sulla necropoli panormita (Tamburello 1998, p.107-118; *Palermo Punica* 1998 per bibliografia precedente completa) permette, infatti, di sorvolare sui caratteri generali del cimitero punico noto, seppure in maniera frammentaria, attraverso numerosi ritrovamenti, più o meno fortuiti, che datano a partire dal 1746, anno in cui avvennero le prime scoperte nel corso della costruzione del Reale Albergo dei Poveri (Lo Faso Pietrasanta Duca di Serradifalco, 1834).

Anche le coordinate di carattere topografico, sia per quanto riguarda l'insediamento che la vasta zona di necropoli posta immediatamente ad Ovest, sono state più volte richiamate, negli ultimi anni, in numerosi lavori di sintesi sull'urbanistica e sulla topografia dell'antica *Panormos* (Belvedere 1987, p.289-303; Belvedere 1998, p.71-77) e ulteriormente aggiornate, in relazione all'organizzazione del piano urbano prima della conquista romana del 254 a.C., alla luce della nuova evidenza archeologica emersa attraverso le ultime indagini (Spatafora 2003; Spatafora 2005 a; Spatafora 2005 b; Spatafora – Montali 2006).

Tornando alla necropoli, dunque, il dato più significativo, sotto il profilo topografico, riguarda la scoperta di un percorso stradale che attraversa l'area cimiteriale, almeno nella zona indagata, in senso NO-SE (**Tav.1**), condizionandone, evidentemente, la distribuzione dello spazio: la strada, larga all'incirca 3 mt misura peraltro già utilizzata per il dimensionamento degli *stenopoi* del piano urbano (Belvedere 1987, p.294-296) e corrispondente a circa 6 cubiti punici (1 cubito = cm 51,6) - è caratterizzata, nella sua parte meridionale, da due profondi solchi paralleli, probabili tracce del passaggio dei carri ulteriormente approfonditi dallo scorrimento delle acque meteoriche (**Tav.2**). Le sepolture si distribuiscono con regolarità e, in linea di massima, secondo lo stesso orientamento, lungo il percorso, che evidentemente venne rispettato ed utilizzato almeno a partire dalla fine del VI-inizi del V secolo a.C., periodo a cui risalgono le più antiche tombe a camera che vi si allineano, e fino all'ultima fase d'uso della necropoli .

L'esistenza di uno o più percorsi stradali a servizio di un'area necropolica così ampia risulta in un certo senso scontata, anche se in nessuna occasione era emersa alcuna evidenza in tal senso; ciò dimostra che oltre ad un preciso piano urbano che caratterizzava l'abitato, testimoniato tuttavia sotto il profilo archeologico solo a partire dal IV sec.a.C. (Spatafora 2003, p.1180), esisteva una pianificazione ed una organizzazione anche degli spazi funerari in relazione alla città già dall'età tardo-arcaica.

E' difficile al momento, considerata la brevità del tratto riportato alla luce, lungo poco meno di 30 mt, mettere in relazione tale percorso stradale con gli accessi all'abitato sul lato occidentale, archeologicamente documentati o desumibili attraverso considerazioni di carattere urbanistico:

se si ipotizzasse, infatti, un andamento rettilineo della strada, essa parrebbe collegarsi ad un'ipotetica porta da ubicarsi un po' più a Nord di quello che doveva costituire l'ingresso principale alla città (**Fig.1**) in corrispondenza dell'asse viario che l'attraversava fino al mare in senso Est-Ovest, specularmente dunque all'ampio accesso riportato alla luce al di sotto del Palazzo Reale di Palermo (Camerata Scovazzo 1990; Di Stefano 1998 b, p.88-90); se non sottovalutiamo questa ipotesi, è plausibile che due porte laterali fungessero da accesso alle due vie periferiche che, molto verosimilmente, correvano all'interno della cinta muraria seguendone l'andamento curvilineo, secondo un'organizzazione urbanistica che ritroviamo, oltre che a Mozia (Spanò Giammellaro 2000 a, p.302-303), anche in alcune città puniche dell'Africa settentrionale (Fantar 1984) e della Sardegna (Bartoloni 2000).

Tav. 1. Palermo. Necropoli punica Caserma Tuköry. Planimetria generale

Tav. 2. Palermo. Necropoli punica Caserma Tuköry. Il percorso stradale

Fig. 1. Palermo. Cartografia generale della città di Palermo con l'indicazione della strada e degli accessi alla città

E' comunque più probabile, considerata la notevole distanza tra il tratto di strada riportato alla luce ed il perimetro occidentale del centro urbano, che la via proseguisse il suo percorso in maniera non del tutto regolare, conformandosi piuttosto alla situazione morfologica del terreno e assecondandone in qualche modo l'andamento plano-altimetrico, così come del resto l'intero piano urbano, anche se caratterizzato da una sistemazione regolare *per strigas* (Belvedere 1987), archeologicamente documentata, però, solo a partire dal IV sec.a.C. (Spatafora 2006 a, p.134).

L'esigenza di dotare la necropoli di una o più strade interne sembra risalire, dunque, al tardo arcaismo, epoca in cui il primo emporio fenicio iniziò probabilmente a strutturarsi in vera e propria città mentre l'ampio spazio cimiteriale, che in un primo momento doveva interessare solo la parte centro-occidentale della vasta area successivamente destinata a necropoli, cominciava man mano ad estendersi in maniera concentrica in tutte le direzioni, soprattutto verso Est, raggiungendo la massima espansione tra la fine del VI ed il V sec.a.C.

Sulla base dei ritrovamenti è possibile, infatti, circoscrivere la prima zona destinata a cimitero: nella metà occidentale del settore indagato (**Fig.2**) si è individuato il nucleo più antico di tombe, diciannove sepolture a incinerazione; si tratta di semplici fosse caratterizzate da cremazioni primarie, databili entro la prima metà del VI sec. a.C. che si aggiungono alle venti già scavate nel corso delle precedenti campagne (Di Stefano 1998, p.246; Di Stefano 2000, p.437 ss.; Spanò Giammellaro 2004, p.218-219), costituendo quindi oltre il 25% delle tombe riportate alla luce in questo settore della necropoli; ad esse si agganciano, sia sotto il profilo cronologico che topografico, alcune sepolture riportate alla luce tra il 1953 ed il 1954 in un'area (**Fig.2**) immediatamente ad Est della Caserma Tukory (Tamburello 1967; Di Stefano 2000) ed una tomba a camera scavata nel 2001 a poca distanza, in direzione Nord (**Fig.2**). La tomba, scoperta nel corso di uno scavo d'emergenza lungo la Via Maggiore Amari (Spatafora 2004, p.196-199; Spatafora 2006 b, p.529-530, Figg.262-264), è del tipo a camera ipogeica con piccola cella a pianta rettangolare scavata nella calcarenite; un sarcofago litico, coperto da due lastre, era poggiato lungo la parete meridionale e conteneva i resti di un solo inumato; il corredo, cronologicamente omogeneo e deposto all'esterno del sarcofago, verso la parete di fondo della camera, era composto da sette vasi (**Fig.3**), tra cui si segnala la presenza di un'anfora da mensa a decorazione dipinta, della fine del VII-inizi VI sec., prodotto che imita tipi greco-orientali rinvenuti in contesti che datano a partire dal VII sec.a.C. (Spatafora 2004, p.197 n.23) e oli un *aryballos* del Corinzio Antico. Ad essi erano inoltre associati alcuni vasi di tradizione fenicia, tra cui una brocca a bocca trilobata (Spatafora 2004, p.198 n.26) che, sotto il profilo tipologico, richiama tipi degli ultimi decenni del VII sec.a.C. (Bartoloni 1996; Spanò Giammellaro 2000, p.316-317), così come la bottiglia con orlo a fungo (Spatafora 2004, p.198-199 n.27; Spanò Giammellaro 2000, p.313-316) e, soprattutto, l'unico vaso *à chardon* (Spatafora 2004, p.199 n.28) finora documentato nella necropoli di Palermo, dal corpo ovoide e dall'alto e largo collo cilindrico svasato verso l'alto. Ricordiamo che la presenza di questa forma era finora documentata in Sicilia soltanto attraverso i corredi più antichi della necropoli moziese (Spanò Giammellaro 2000, p.324), ai quali l'esemplare di Palermo si avvicina per il corpo ovoide ben sviluppato rispetto al collo.

La tomba della Via Maggiore Amari, assieme ad alcune altre sepolture rinvenute nel corso di precedenti ricerche (Tamburello 1974, p.158; Di Stefano 2000), documenta dunque in maniera inequivocabile la coesistenza delle due tipologie tombali – sepolture a fossa e a camera – nonché dei due rituali - incinerazione e inumazione – fin dal periodo più antico di utilizzazione finora attestato nella necropoli di Palermo, situazione che del resto riscontriamo sia a Cartagine (Benichou Safar 1986, p.102) che in alcuni insediamenti della penisola Iberica (Ramos Sainz 1990, p.79-80). Anche se finora nessuna tomba sembra potersi attribuire ad un'epoca antecedente la fine del VII sec.a.C., non possiamo comunque escludere, sia sulla base delle attestazioni - certamente più numerose per quanto concerne le sepolture ad incinerazione di fine VII-inizi VI sec.a.C.- che confortati dall'evidenza siciliana (Falsone 1995, p.690-691) e da quella relativa a molte altre necropoli

fenicie occidentali (Bartoloni 2004, p.117), che il rito dell'incinerazione fosse quello originariamente utilizzato dai primi coloni fenici che raggiunsero l'isola, rispecchiandone quindi l'originaria ideologia funeraria.

Fig. 2. Palermo. Necropoli punica. Il nucleo di tombe più antiche
(1.Caserma Tuköry. 2.Via Maggiore Amari. 3. Istituto Provinciale per l'Assistenza dell'Infanzia)

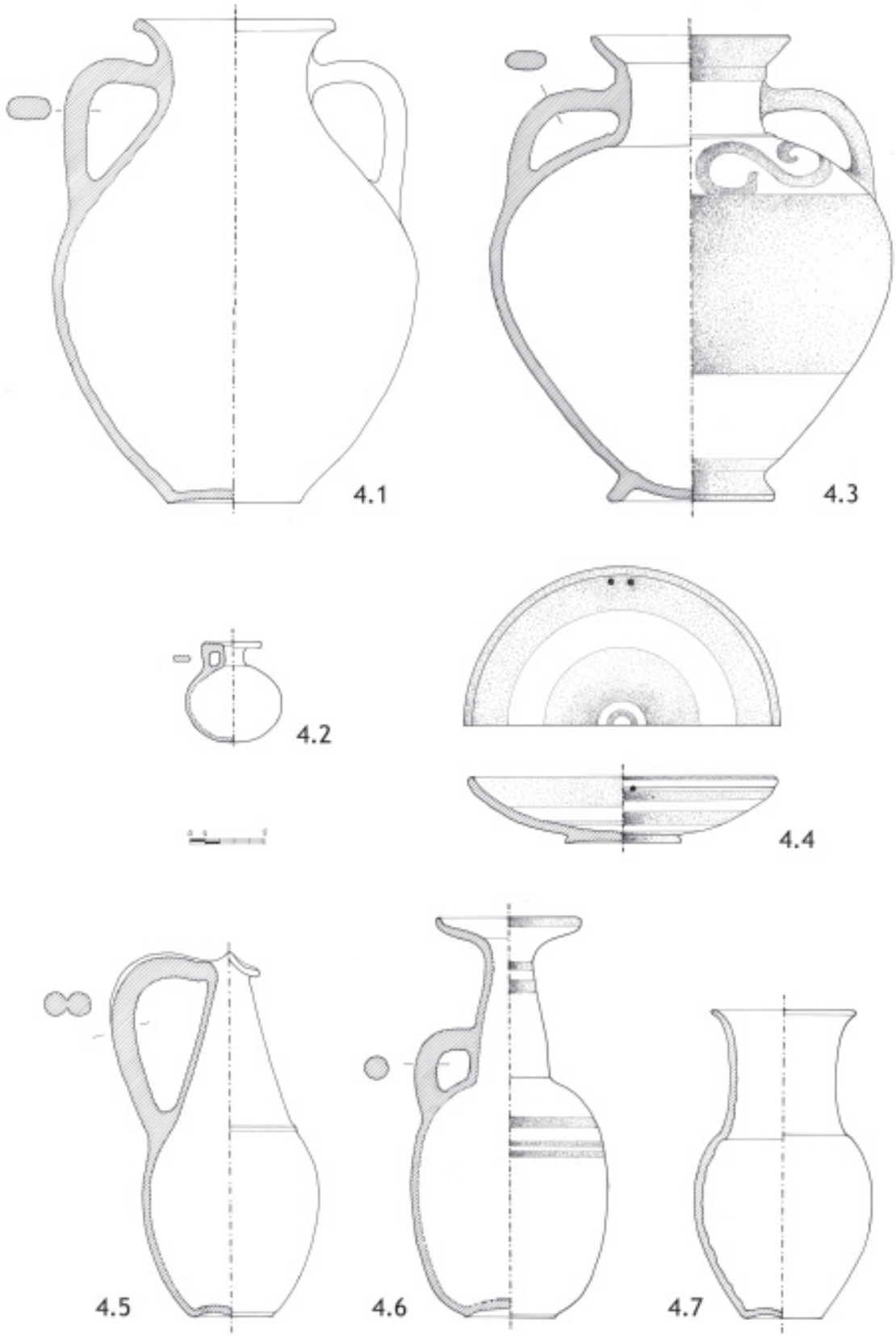


Fig. 3. Palermo. Il corredo della tomba della Via Maggiore Amari

Sotto il profilo tipologico, per quanto concerne le tombe a incinerazione, che per forma e caratteristiche richiamano soprattutto le coeve sepolture della necropoli sarda di Monte Sirai (Bartoloni 1985, p.247-263; Bartoloni 2000, p.67-70), è stato possibile rilevare per la prima volta che le semplici fosse ellittiche scavate nel banco naturale di calcarenite o nel terreno granuloso immediatamente al di sopra, entro cui avveniva il rituale della cremazione, erano in molti casi rivestite di argilla, come dimostrano le spallette in concotto che delimitavano la fossa e quindi la zona della pira (**Tav.3**). Dei legni si sono inoltre conservati resti consistenti, a dimostrazione del fatto che, probabilmente, il rogo veniva spento prima che la pira si consumasse del tutto, lasciando tra l'altro le ossa del defunto appena calcinate ed ancora in connessione anatomica (Bartoloni 2000, p.69).

Per quanto riguarda altri importanti aspetti del rituale e della cerimonia funebre legati a questa tipologia tombale e documentati dalla presenza, oltre che del corredo personale e di accompagnamento, anche del cosiddetto "corredo rituale" (Bartoloni 1996, p.61-62), è chiaro che solo l'analisi puntuale dei diversi contesti e l'esame analitico dei materiali, potrà offrire un contributo significativo in relazione alla comprensione dell' ideologia funeraria delle prime generazioni di coloni, anche attraverso il confronto con i complessi rituali attestati nelle più tarde tombe a camera, dove l'interazione tra cultura punica e cultura greca produce l'innesto di nuove tradizioni e la diffusione di usanze diverse.

In generale, l'unico elemento che accomuna i diversi rituali e che si perpetua nel tempo è certamente quello connesso con le pratiche della libagione e del banchetto (Bernardini 2004 con ampia bibliografia sul tema), come dimostra, vive esempio, la presenza costante di piatti, pentole, brocche e coppe nelle più antiche sepolture ad incinerazione - sempre in associazione con le tipiche bottiglie con orlo a fungo verosimilmente connesse alle cerimonie di aspersione del defunto (Bartoloni 1996, p.52, p.95-96) - e la presenza di alcuni specifici gruppi di materiali rinvenuti nelle tombe a camera, in qualche caso addirittura poggiati su *trapeze* approntate all'interno delle celle ipogeiche; nella Tomba 93, ad esempio, uno dei *solenes* che costituivano la copertura della fossa più antica, venne in un secondo momento spostato e riutilizzato come *trapeza* per il banchetto funebre relativo alla nuova deposizione, un'incinerazione secondaria contenuta in un'olla (**Tav.4**).

Ma riprendendo il tema dell'organizzazione dello spazio funerario, sembra interessante segnalare, seppure in chiave fortemente problematica, l'esistenza, riscontrata soprattutto nella parte meridionale dell'area indagata, di una serie di bassi tumuli a calotta, circa una decina in una superficie di oltre 500 mq, poggianti sul piano d'uso della necropoli (**Tav.1**). Essi sono costituiti da terreno frammisto a noduli di calcarenite - quello stesso materiale probabilmente estratto dallo scavo delle camere e dei *dromoi* - rivestito però da un sottile strato di tufo grigiastro polverizzato e reso compatto che, probabilmente, aveva la funzione di rendere solida la struttura, di per sé poco coerente (**Tav.5**).

Sfugge al momento, anche per mancanza di confronti, la funzione di tali semplici e precari apprestamenti e l'interpretazione dell'evidenza archeologica è resa ancora più complessa dall'apparente casualità della distribuzione e localizzazione dei tumuli stessi: essi, infatti, a volte si trovano al di sopra delle camere ipogeiche o dei *dromoi* ma, nella maggior parte dei casi, sono distribuiti, invece, negli spazi vuoti tra le celle ipogeiche, spesso nella zona corrispondente al lato della camera opposto all'accesso.

Al di là, pertanto, della più plausibile ipotesi che possa trattarsi di veri e propri segnacoli da riferirsi, possibilmente, a diversi *clan* familiari forse collegati da legami al momento non definibili, non sembra potersi escludersi, per i tumuli, una funzione pratica di "indicatore di spazio", utile a suggerire ed orientare l' utilizzo dell'area.

Tav. 3. Palermo. Necropoli punica Caserma Tuköry. Tomba a fossa ad incinerazione

Tav. 4. Palermo. Necropoli punica Caserma Tuköry. Tomba a camera con trapeza, vasi per il banchetto funebre ed incinerazione

Tav. 5. Palermo. Necropoli punica Caserma Tuköry. Uno dei "tumuli"

In alcuni casi, infatti, si è notata la presenza del tumulo in aree in cui la concentrazione di camere e *dromoi* appariva particolarmente densa o dove, addirittura, lo scavo di nuovi *dromoi* aveva intercettato le celle ipogeiche più antiche: attraverso tale apprestamento, dunque, poteva forse indicarsi una zona in cui non era più possibile programmare scavi per la realizzazione di nuove camere sotterranee. Ma, naturalmente, siamo nel campo delle ipotesi e solo un'evidenza più chiara, preferibilmente confortata da confronti puntuali, potrà supportare una adeguata interpretazione di questa singolare scoperta.

Per quanto riguarda, infine, il tema dell'architettura funeraria, è ormai ben nota, attraverso i numerosi rinvenimenti succedutisi nel corso di oltre due secoli, la tipologia delle tombe a camera, anche se, evidentemente, esistono delle varianti che vanno singolarmente esaminate per potere pervenire ad una classificazione fondata su specifici e precipui aspetti tecnico-costruttivi e formali; in sintesi, tuttavia, può rilevarsi una sostanziale omogeneità per quanto riguarda la forma della cella, per lo più a pianta quadrangolare e con tetto piano (**Fig.4**) anche se, ovviamente, variano le dimensioni delle camere e la lunghezza e profondità dei *dromoi* (Fig.10), tutti fattori dipendenti dal tipo di utilizzazione (sepolture monosome o polisome), dalla cronologia o dal grado di sfruttamento del banco calcarenitico. Sempre diverse sono, invece, le modalità di chiusura delle celle:

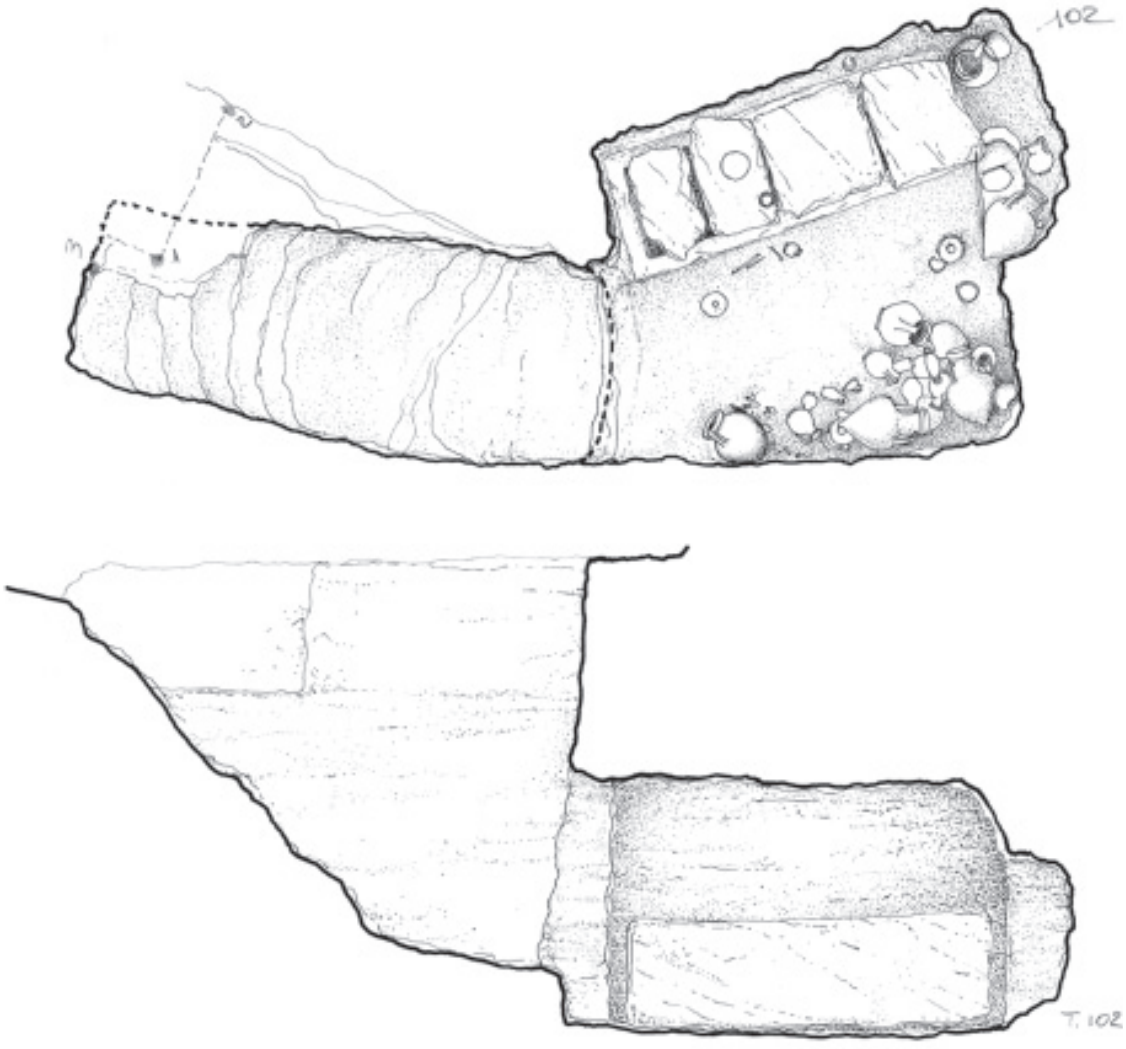


Fig. 4. Palermo. Necropoli punica Caserma Tuköry. Tomba a camera. Pianta e sezione

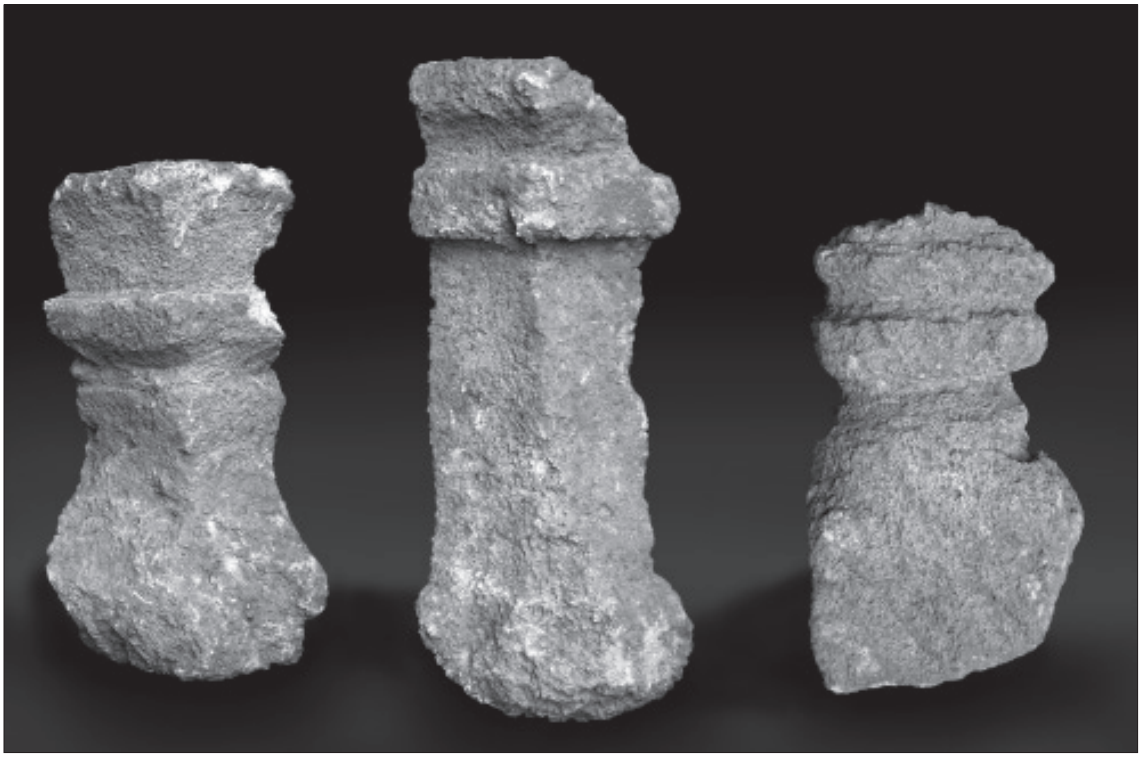
grandi lastre monolitiche, più lastre sovrapposte, lastroni con rinzeppature di pietrame informe (**Tav.6**) e, nel caso di una tomba scoperta lungo la Via Onorato, un portale in sistema trilitico con elementi ad incastro, oltre quello che funge da soglia, che, nell'insieme, conferisce alla struttura una certo senso di monumentalità (Spatafora 2006, figg.265-266). Unico il caso di una tomba inedita scavata nell'inverno del 2005, nel corso di un intervento d'emergenza all'interno del Real Albergo dei Poveri, dove il portello di chiusura era costituito da un lastrone con profondo incasso centrale (**Tav.7**), forse un'edicola aniconica riutilizzata.

Per chiudere, un breve accenno ai *semata* attestati nello scavo della Caserma Tuköry e consistenti, principalmente in cippi e altarini: per quanto riguarda i primi, si tratta per lo più di tipi già noti nella necropoli panormita (Tore 1998), posti sui sarcofagi o collocati nei *dromoi*, accanto ai portelloni di chiusura. Nel caso degli altarini, utilizzati per la celebrazione delle cerimonie funebri, si registra la singolare compresenza di tre esemplari (**Tav.8**) del tipo a collarino e vaschetta concava (Tore 1998, p.417-418) al di sopra di un sarcofago contenente un individuo adulto di sesso maschile il cui corredo era semplicemente costituito da una brocca, una *oinochoe* ed una coppa, tutti materiali di produzione coloniale e databili alla fine del VI sec.a.C.

Alle soglie della classicità, dunque, in un contesto che documenta un rapporto già consolidato con la cultura greca ed evidenti connessioni con le popolazioni gravitanti in area tirrenica, la presenza dei tre altarini sembra ancora attestare, quasi simbolicamente, il saldo legame con la tradizione semitica che sopravvive, pregnante, nelle pratiche funerarie di ogni paese della diaspora fenicia in occidente.

Tav. 6. Palermo. Necropoli punica Caserma Tuköry. Una tomba con portello di chiusura a lastre

Tav. 7. Palermo. Albergo dei Poveri. Lastra di chiusura di tomba a camera con incasso centrale



Tav. 8. Palermo. Necropoli punica Caserma Tuköry

Bibliografia

AA.VV. (1998) - *Palermo Punica*. Palermo.

Bartoloni, P. (1985) – Monte Sirai 1984. La necropoli. *Rivista di Studi Fenici*. 13. pp. 247-263.

Bartoloni, P. (1989) - Riti funerari fenici e punici nel Sulcis. In *Riti funerari e di olocausto nella Sardegna fenicia e punica*. Quaderni Cagliari. 6. pp.67-81.

Bartoloni, P. (1996) - *La Necropoli di Bitia I*. Collezione di Studi Fenici. 38. Roma.

Bartoloni, P. (2000) - La necropoli di Monte Sirai, I. *Collezione di Studi Fenici*. 41.

Bartoloni, P. (2004) – Le necropoli della Sardegna fenicia. In González Prats, A. (ed.) *El mundo funerario*. Alicante. pp. 117-130.

Benichou Safar, H. (1986) – *Les tombes puniques de Carthage*. Paris.

Bernardini, P. (2004) - I roghi del passaggio, le camere del silenzio: aspetti rituali e ideologi del mondo funerario fenicio e punico della Sardegna. In González Prats, A. (ed.) *El mundo funerario*. Alicante. pp. 131-170.

Belvedere, O. (1987) - Appunti sulla topografia antica di Panormo. *Kokalos*. XXXIII. pp. 289-303.

Belvedere, O. (1998) - Studi di topografia antica. In *Palermo Punica*. Palermo. pp. 71-77.

Camerata Scovazzo, R. - Delle antiche cinte murarie di Palermo e di altri rinvenimenti archeologici effettuati tra il 1984 ed il 1986. In *Panormus*. II. Palermo. pp.95.

Di Stefano, C.A. (1993) - La necropoli punica della Caserma Tuköry. In *Di terra in terra. Nuove scoperte archeologiche nella provincia di Palermo*. Palermo. pp .287-294.

Di Stefano, C.A. (1998a) - Scavi nell'area della Caserma Tuköry (1989). In *Palermo Punica*. Palermo. pp. 246-249.

Di Stefano, C.A. (1998b) - Le fortificazioni. In *Palermo Punica*. Palermo. pp. 85-91.

Di Stefano, C.A. (1998c) - Una nuova tomba a camera nella necropoli di Palermo. *Quaderni Museo A. Salinas*. 4. pp 9-37.

Di Stefano, C.A. (2000 a)- Corredi funerari arcaici della necropoli punica di Palermo. In *La ceramica fenicia di Sardegna. Dati, problematiche, confronti (Atti del primo Congresso Internazionale Sulcitano. Sant'Antioco, 19-21 Settembre 1997)*. Roma. pp. 117-129.

Di Stefano, C.A. (2000 b) - Nuove scoperte nella necropoli punica di Palermo. In *Terze Giornate Internazionali di Studi sull'Area Elima (23-26 ottobre 1997), Atti*. I. Pisa-Gibellina. pp. 437-449.

Falsone, G. (1995) – Sicile. In Krings, V. (ed.) *La civilisation phenicienne et punique. Manuel de recherche*. Leiden-New York- Köln. pp. 674-697.

Fantar, M. (1984) - *Kerkouane. Cité punique du Cap Bon*. II. Tunis.

Lo Faso Pietrasanta « Duca Di serradifalco », D. (1834) - Intorno alcuni sepolcri di recente scoperti in Palermo. *Effemeridi Scientifiche e Letterarie per la Sicilia*. XI. Palermo.

Ramos Sainz, M.L. (1990) - *Estudio sobre el ritual funerario en las necrópolis fenicias y punicas de la Peninsula Iberica*. Madrid.

Spanò Giammellaro, A. (2000) - La ceramica fenicia della Sicilia. In *La ceramica fenicia in Sardegna. Dati, problematiche , confronti (Atti del primo Congresso Internazionale Sulcitano, Sant'Antioco, 19-21 settembre 1997)*. Roma. pp. 303-331.

Spanò Giammellaro, A. (2000 a) - I Fenici in Sicilia. Modalità insediamentali e rapporti con l'entroterra. Problematiche e prospettive di ricerca. In *Fenicios y territorio. Actas del II Seminario internacional sobre temas fenicios (Guardamar del Segura 9 - 11 de abril de 1999)*. Alicante. pp. 295-335.

Spanò Giammellaro, A. (2004) - I luoghi della morte: impianti funerari nella Sicilia fenicia e punica. In González Prats, A. (ed.) *El mundo funerario*. Alicante. pp. 205-251.

Spatafora, F. (2003) - Nuovi dati sulla topografia di Palermo. In *Quarte Giornate Internazionali di Studi sull'area elima (Erice, 1-4 Dicembre 2000), Atti*. II. Pisa. pp. 1175-1188.

Spatafora, F. (2004) - Das Grab aus der Via Maggiore Amari. In *Hannibal ad portas. Macht und Reichtum Karthagos*. Herausgegeben vom Badischen Landesmuseum Karlsruhe. Stuttgart. p. 197.

SPATAFORA, F. (2005 a) - *Da Panormos a Balarm. Nuove ricerche di archeologia urbana*. Palermo.

SPATAFORA, F. (2005 b) - Panormos: nuovi scavi nell'area dell'abitato. In *Atti del V Congresso Internazionale di Studi Fenicio-Punici (Ottobre 2000)*. Palermo. pp.721-737.

SPATAFORA, F. (2006) - Dall'età arcaica alla conquista romana:nuove indagini e recenti acquisizioni nel territorio di Palermo. In *Guerra e pace in Sicilia e nel Mediterraneo antico (VIII-III sec.a.C.). Arte, prassi e teoria della pace e della guerra (Atti V Giornate Internazionali di Studi sull'area Elima).* II. Pisa. pp. 529-38.

SPATAFORA, F.; MONTALI, G. (2006) - Nuovi scavi nell'area di Piazza della Vittoria, in Sicilia ellenistica. In OSANNA, M.; TORELLI, M. (eds) *Consuetudo italica. Alle origini dell'architettura ellenistica d'occidente*. Roma. pp. 133-151.

TAMBURELLO, I. (1967) - Palermo. Necropoli: l'esplorazione 1953-1954. *Notizie degli Scavi*. pp. 354-378.

TAMBURELLO, I. (1974) - Palermo. Osservazioni sulla necropoli punica. *Kokalos*. XX. pp. 152-161.

TAMBURELLO, I. (1998) - Rinvenimenti e storia degli scavi. In *Palermo Punica*. Palermo. pp. 107-118.

TORE, G. (1998) - Cippi. In *Palermo Punica*. Palermo. pp.417-427.

FENICI E INDIGENI NELLA NECROPOLI ARCAICA DI MONTE SIRAI: NUOVE EVIDENZE

Massimo Botto

CNR - Roma

Riassunto

Partendo dall'indagine condotta su 77 tombe scavate fra il 2002 e il 2004 nella necropoli di Monte Sirai, nella Sardegna sud-occidentale, l'Autore individua due contesti, la tomba 158 e la tomba 207, che si caratterizzano per la presenza di indicatori riferibili ad elementi indigeni inurbati. Il primo contesto, riferibile alla doppia deposizione di una madre con il proprio figlio, si data agli inizi del II quarto del VI sec. a.C. Il corredo vascolare appare particolarmente ricco. Infatti, oltre al "corredo fenicio", che risulta duplicato per la presenza di due individui, sono stati recuperati vasi di impasto grigio e miniaturistici deposti con l'intento di mettere in risalto sia il rapporto di parentela fra i defunti sia l'etnia della madre, appartenente con ogni verosimiglianza all'elemento autoctono dell'isola. La seconda sepoltura rappresenta un *unicum* a Monte Sirai, dal momento che si tratta di un'inumazione secondaria di un individuo di sesso maschile dell'età di circa 30-35 anni deposto in una grande pentola (diam. 45 cm; h. 33 cm ca.), la cui forma ha origini antichissime che risalgono alla cultura eneolitica di Monte Claro attestata sull'altura di Monte Sirai da ricognizioni di superficie. Sulla base di confronti istituiti con le rare sepolture nuragiche dell'età del Ferro, l'Autore propende per una collocazione della tomba 207 in epoca fenicia e per la sua appartenenza ad un individuo indigeno inurbato.

Abstract

Selon une recherche faite sur 77 tombes creusées entre 2002 et 2004 dans la nécropole du Monte Sirai, dans la Sardaigne sud-occidentale, l'auteur met en évidence deux contextes, la tombe 158 et la tombe 207, caractérisés par la présence d'indicateurs qui peuvent se rapporter à des éléments indigènes urbanisés. Le premier contexte, qui se réfère à la double présence d'une mère et de son fils, remontent au début du IIème quart du VIème siècle . L'ensemble de vases apparaît particulièrement riche. En effet, outre l'ensemble phénicien qui est redoublé par la présence de deux individus, on a récupéré des vases miniature, faits de pâte grise, déposés afin de mettre en évidence et le rapport de parenté entre les défunts et l'ethnie de la mère qui appartient vraisemblablement à l'élément autochtone de l'île. La deuxième sépulture représente un *unicum* au Monte Sirai, étant donné qu'il s'agit d'une inhumation secondaire d'un individu de sexe masculin âgé d'environ 30-35 ans déposé dans une grande marmite (diam. 45 cm ; h.33 cm environ), dont la forme a des origines très anciennes qui remontent à la culture de l'Âge du Cuivre du Monte Claro, identifiée sur les hauteurs du Monte Sirai, grâce à des recherches qui ont été effectués en superficie. Sur la base de comparaisons établies parmi les rares sépultures nuragiques de l'Âge du Fer, l'auteur penche pour une localisation de la tombe 207 en époque phénicienne qui appartient à un individu indigène urbanisé.

Dal 2002 al 2004 chi scrive ha condotto tre campagne di scavo alla necropoli arcaica di Monte Sirai mettendo in luce 77 tombe, due delle quali (NN. 158, 207) si caratterizzano per la presenza di indicatori riferibili ad elementi indigeni inurbati **(Fig. 1**). In passato questo fenomeno è stato ripetutamente segnalato per alcuni dei principali insediamenti fenici dell'isola, da Sulcis a Bithia, da Tharros ad Othoca, in riferimento a fasi cronologiche alte inquadrabili fra la metà dell'VIII e il VII sec. a.C. (Bartoloni, 1983, pp. 59-60; Zucca, 1987; Bartoloni, 1988; Bernardini, 2000, pp. 47-49; Bartoloni, Bernardini, 2005). Il dato nuovo che emerge dalle indagini da poco concluse è rappresentato dall'estendersi nell'ambito del VI secolo di tali dinamiche di inurbamento, a conferma di un continuo e vivificante apporto delle componenti locali all'esperienza coloniale.

Passando all'esame dei contesti, la tomba 158 **(Fig. 2**), orientata in direzione S-N, ha una lunghezza di circa 170 cm, mentre la larghezza massima non supera il metro. Il corredo si trovava raccolto prevalentemente nel settore sud-occidentale della fossa, dove il banco tufaceo degrada dolcemente favorendo una migliore protezione dei vasi.

Procedendo nell'esposizione da est verso ovest **(Tav. 1)**, sono state recuperate la brocchetta con bocca circolare e orlo arrotondato *MSN* 604 e la brocca con orlo espanso *MSN* 603. A breve distanza si trovava la coppa a calotta con pareti rettilinee verticali *MSN* 605, disposta di lato e con la vasca rivolta verso est; vicino al fondo di quest'ultima e nella stessa posizione era quindi la coppa carenata *MSN* 606, munita di anse orizzontali e lavorata a mano. Dietro la coppa, appoggiato all'angolo sud-occidentale della fossa, si trovava il piatto ombelicato *MSN* 613, che essendo in posizione leggermente più rialzata rispetto al resto del corredo è stato individuato per primo. A fianco delle due coppe e di fronte al piatto era quindi disposto un gruppo di vasi composto da due brocche (una bilobata, *MSN* 608 e una trilobata, *MSN* 610), dal supporto *MSN* 607 e dalla coppa *MSN* 609. Quest'ultima, lavorata a mano, presenta forma troncoconica e anse orizzontali. Il sup-

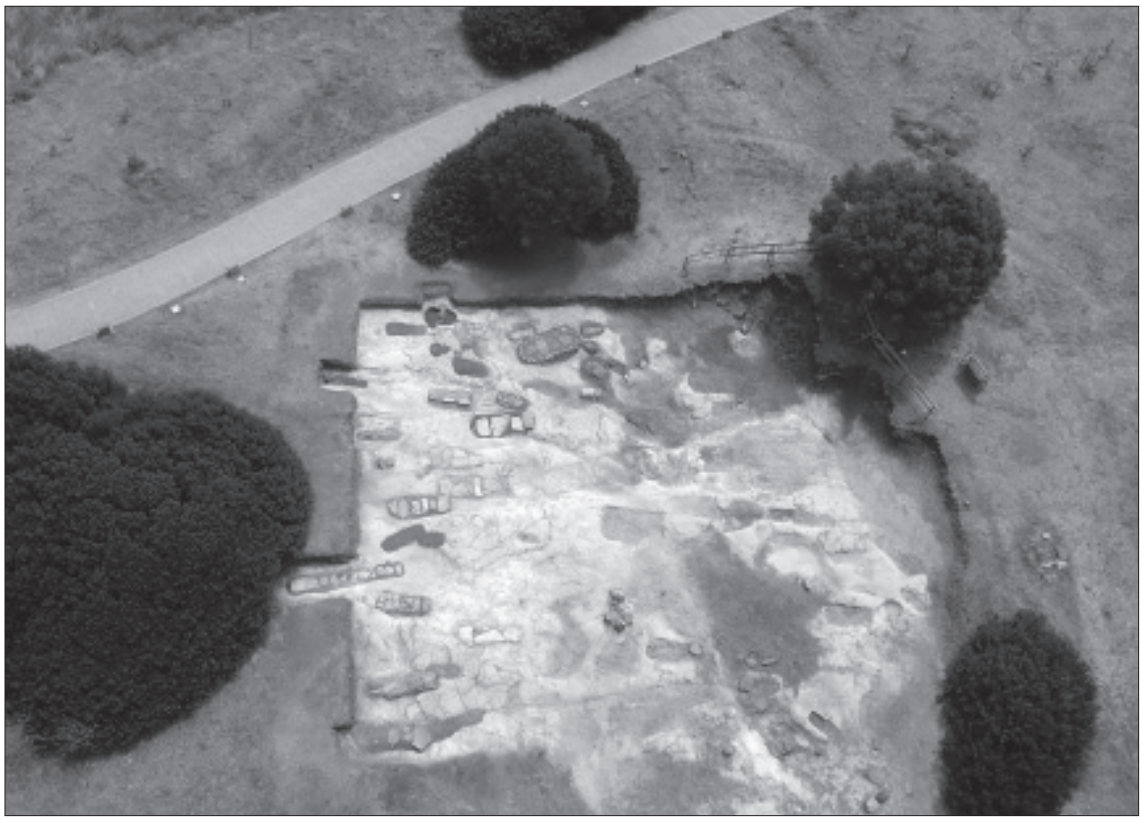


Fig. 1. Foto dell'area della necropoli arcaica di Monte Sirai alla fine della campagna 2004. Le coperture delle tombe scavate sono state riposizionate come in origine

porto e la coppa erano collocati fra le due brocche, che adagiate per terra avevano l'imboccatura rivolta verso l'interno della tomba. Il supporto presentava lo stesso tipo di decorazione a strisce scure su fondo rosso della brocca *MSN* 610, a cui doveva servire verosimilmente da base. Dietro il supporto e in linea con il piatto ombelicato era la forma miniaturistica di impasto grigio *MSN* 611, inquadrabile nella tipologia delle scodelle. Il vaso, di tradizione indigena, si presentava capovolto con l'orlo adagiato sul fondo della fossa. Lungo il lato occidentale erano quindi collocati il boccale di impasto grigio *MSN* 612 e la coppa carenata a pareti oblique e risega netta *MSN* 614. Il boccale, che come la scodellina si colloca nel solco della tradizione indigena, era adagiato per terra con l'imboccatura rivolta verso la brocca *MSN* 610. La coppa carenata era invece leggermente inclinata, con la vasca rivolta verso l'interno della tomba. Sotto la coppa carenata a pareti oblique *MSN* 614 è stato individuato un orecchino in argento (*MSN* 689) **(Fig. 3)**, che rientra nell'ampia e variegata tipologia degli orecchini detti a "sanguisuga" o ad "arco ingrossato" (Quillard, 1987, p. 143).

Tav. 1. Materiali ceramici provenienti dalla tomba N. 158

Fig. 2. Foto dello scavo della tomba N. 158, con messa in luce parziale del corredo vascolare

Fig. 3. Orecchino in argento del tipo a "sanguisuga". MSN 689

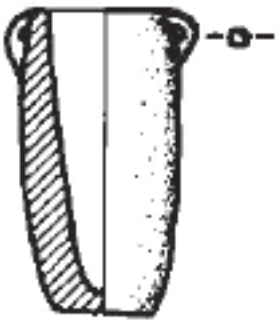


Fig. 4. Anforetta MSN 688

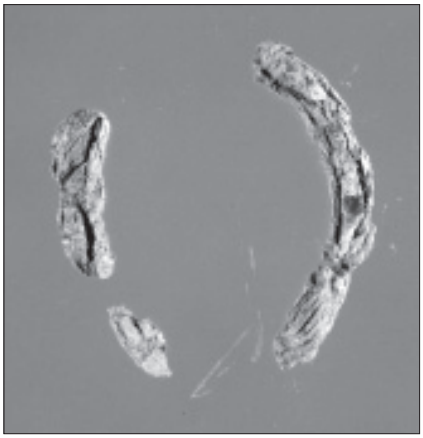


Fig. 5. Orecchino in bronzo MSN 693

I resti del rogo, con carboni frammisti a ossa calcinate, si estendevano a lato del corredo, ma soprattutto sotto i vasi. Sul fondo della fossa, in un piccolo alloggiamento nel settore nord-occidentale della tomba, si trovava la riproduzione miniaturistica di un'anfora da trasporto (*MSN* 688) **(Fig. 4).** Infine, in prossimità di quest'ultima si è proceduto al recupero dell'orecchino frammentario in bronzo *MSN* 693 (**Fig. 5**), probabilmente un *nazem*.

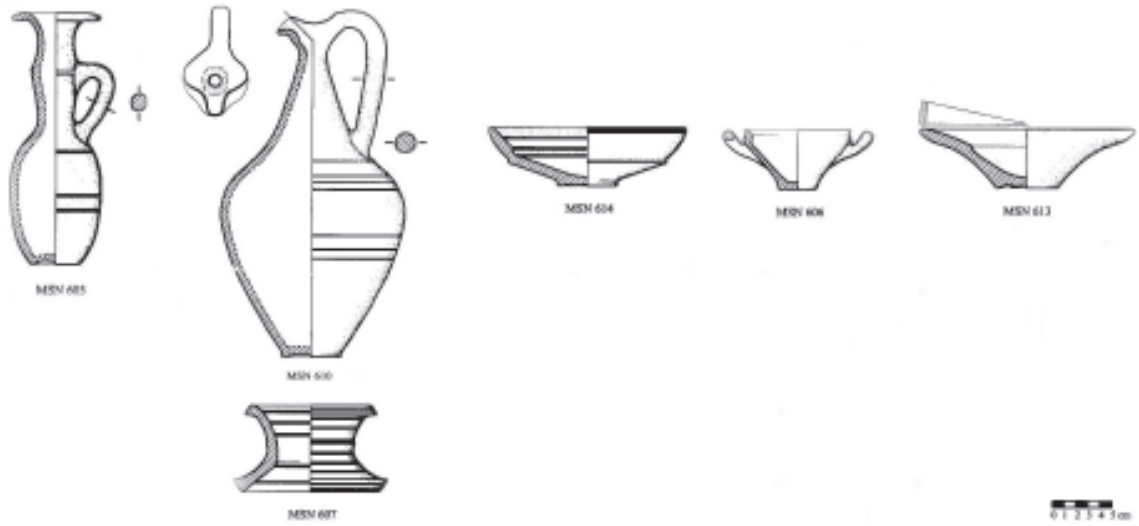
Dallo scavo è emerso che il tipo di rituale praticato nella tomba 158 era quello dell'incinerazione in fossa o *bustum*, ben documentato a Monte Sirai (Bartoloni, 1992a, pp. 47-49; Bartoloni, 2000, pp. 68-70). Inoltre, lo studio analitico dei materiali recuperati (Botto, Salvadei, 2005) ha permesso di stabilire la datazione del contesto, inquadrabile nel corso del secondo quarto del VI sec. a.C., preferibilmente nella sua fase iniziale, cioè nel decennio compreso fra il 575 e il 565 a.C. Rimandando alla pubblicazione sopra citata per gli aspetti cronologici e per l'esame in dettaglio di ogni singolo manufatto, in questa sede si intende focalizzare l'attenzione sulla composizione del corredo, al fine di determinare la stirpe di appartenenza, la posizione sociale, il sesso e la fascia di età dei proprietari della tomba**.** Infatti, la presenza nel corredo vascolare di numerose forme duplicate fa propendere per una doppia deposizione. Indizi particolarmente probanti, inoltre, inducono a ritenere che si tratti della sepoltura di una madre con il proprio figlio.

Questa tesi trova conferma nelle analisi antropologiche condotte da Loretana Salvadei (Botto, Salvadei, 2005), ma è stata sviluppata in autonomia esaminando criticamente i dati archeologici. Il riconoscimento di un individuo adulto di sesso femminile si basa non tanto sul recupero dell'orecchino a "sanguisuga" *MSN* 689, dal momento che questa tipologia è attestata anche in tombe maschili e di bambini, ma sulla presenza di un elevato numero di vasi che a Monte Sirai si accompagna generalmente a deposizioni di donne (Bartoloni, 1999, pp. 204-205; Bartoloni, 2000, p. 133). Nel caso specifico, comunque, il corredo risulta più ricco e variegato rispetto alla norma, dal momento che i vasi superano di gran lunga i cinque esemplari che caratterizzano le sepolture

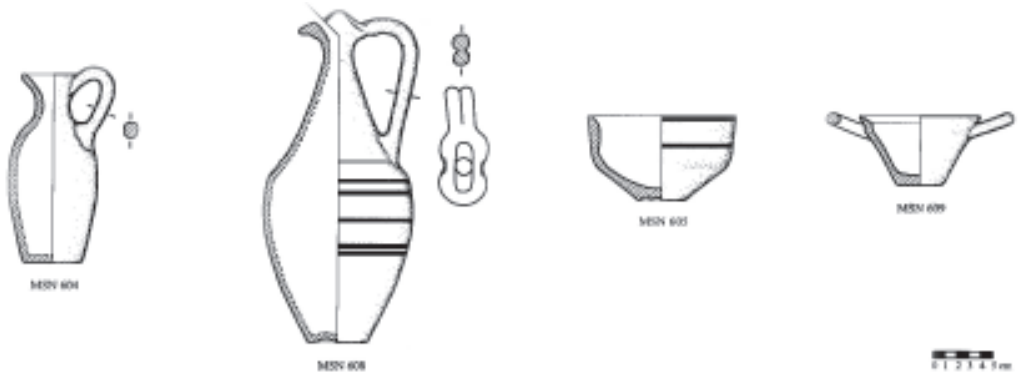
Tav. 2. Ricostruzione funzionale dei due corredi vascolari fenici

femminili. Il numero coincide con quello canonico, però, se si considera che la tomba doveva accogliere una doppia deposizione e che il "corredo fenicio" è stato arricchito da ulteriori elementi portatori di un preciso messaggio. Sono stati recuperati, infatti, vasi di impasto grigio e miniaturistici deposti con l'intento di mettere in risalto il rapporto di parentela fra i defunti, nonché l'etnia della madre appartenente, con ogni verosimiglianza, all'elemento autoctono dell'isola.

Come precedentemente osservato, la natura bisoma della tomba si evince dal fatto che le forme vascolari risultano quasi tutte duplicate. Si hanno infatti due vasi per versare sostante viscose (*MSN* 603, *MSN* 604), due vasi per versare liquidi (*MSN* 608, *MSN* 610) e ben quattro coppe divise in due gruppi per tecnica di lavorazione e per formato, a conferma di modi di utilizzo differenziati nell'ambito del cerimoniale funebre (*MSN* 606, *MSN* 609; *MSN* 605, *MSN* 614). Partendo da questi presupposti avremmo due corredi distinti composti ciascuno da quattro elementi (**Tav. 2**). Ad essi si devono aggiungere il supporto *MSN* 607 e il piatto *MSN* 613, escludendo dal computo l'anforetta *MSN* 688 e i due vasi di tradizione nuragica, il cui significato all'interno della tomba sarà esaminato di seguito. Come già chiarito, il supporto è da mettere in relazione con la brocca trilobata *MSN* 610 e ad essa si lega non solo da un punto di vista funzionale ma anche concettuale (Botto, Salvadei, 2005). Il piatto, invece, sommandosi al resto del materiale permetterebbe di riportare a cinque il numero di vasi di uno dei due corredi, che possiamo ipoteticamente attribuire alla madre secondo quanto osservato in precedenza (**Tav. 3**); l'altro corredo composto da quattro elementi sarebbe quindi da riportare al figlio (**Tav. 4**).



Tav. 3. Ipotetica ricostruzione del corredo vascolare della madre



Tav. 4. Ipotetica ricostruzione del corredo vascolare del figlio

Passando ai reperti vascolari di tradizione nuragica, la loro presenza nella tomba appare strettamente connessa con l'etnia della donna, da considerarsi molto verosimilmente un'indigena andata in sposa ad un colono fenicio. In proposito, di estremo interesse risultano le valenze simboliche espresse dall'associazione dei due vasi: se da un lato il boccale caratterizza la defunta come moglie, dall'altro la scodellina la identifica come madre. Per il boccale è chiaro il riferimento all'ambiente domestico, nel quale le donne maritate svolgevano un ruolo di primo piano, mentre per il vaso miniaturistico è possibile stabilire un collegamento con la sfera infantile. La tesi sostenuta in questa sede che una delle due deposizioni della tomba 158 si riferisca ad un bambino si basa proprio sulla presenza all'interno della sepoltura di elementi miniaturistici, rappresentati oltre che dalla scodellina *MSN* 611 anche dall'anforetta *MSN* 688. Nella letteratura archeologica la pratica della miniaturizzazione viene spesso associata alla classe infantile: forme ceramiche e oggetti miniaturistici possono essere intesi sia con funzione di gioco sia come evocazione simbolica del futuro ruolo dell'individuo divenuto adulto (Segarra Crespo, 1997, pp. 291-298; Collin-Bouffier, 1999, p. 92).

Nelle necropoli siraiane le forme miniaturistiche sono estremamente rare: le uniche attestazioni provengono dalla sepoltura 120 ad *enchytrismos*, inquadrabile nella fase punica arcaica, che ha restituito una brocca bilobata e una brocca con orlo espanso di dimensioni ridotte (Bernardini, 2001, p. 37; Bartoloni, 2004, p. 123). Più ricca appare invece la documentazione del locale *tofet*, attivo all'incirca a partire dal 370/360 a.C. In questo santuario infatti sono state messe in luce alcune forme vascolari miniaturizzate, che talora riprendono tipologie non più in uso nel periodo in cui il *tofet* era in funzione (Bartoloni, 1982, p. 289; Bondì, 1995, p. 235). Infine, limitando la nostra analisi al Sulcis, nel vicino santuario di *Sulky* le attestazioni sono numerosissime, come ben evidenziato dagli studi di Piero Bartoloni (Bartoloni, 1992b; Bartoloni, 1992c) e dalle recenti indagini di Paolo Bernardini (Bernardini, D'Oriano, 2001, cat. nn. 110-114; Bernardini, 2002, pp. 23-24; Bernardini, 2005).

Sulla base di queste considerazioni è forse possibile cogliere nella composizione del corredo della sepoltura 158 di Monte Sirai l'estremo saluto di un notabile della colonia alla propria moglie e al proprio figlio scomparsi in modo particolarmente drammatico. Inoltre, vi sono buoni motivi di ritenere che la sepoltura soprastante la 158 raccolga le spoglie del capofamiglia stesso. Infatti, differentemente da quanto spesso accade nella necropoli, la tomba 150 non intacca la sepoltura sottostante, ma vi si sovrappone senza provocare danni. A nostro avviso tale situazione non è casuale, ma rispecchia la volontà di tutelare la sottostante sepoltura. La composizione del corredo della tomba 150 sembrerebbe confermare tale ipotesi, dal momento che nelle indagini sono stati messi in luce tre vasi: la brocca con orlo espanso *MSN* 550, il piatto ombelicato *MSN* 551 e la brocca trilobata di derivazione cipriota *MSN* 548. Il dato è in accordo con le valutazioni espresse da Piero Bartoloni, a cui si deve lo scavo della tomba in questione, secondo le quali nelle sepolture maschili di Monte Sirai sarebbero generalmente presenti tre recipienti fittili (Bartoloni, 2000, p. 133). Infine, un significativo elemento di contatto fra i due contesti è ravvisabile nel rinvenimento della brocca trilobata di derivazione cipriota. Infatti, questo tipo di vaso è molto raro nella necropoli, per cui la sua presenza nelle due tombe potrebbe indicare rapporti parentelari o di *status* che andranno investigati in modo approfondito.

La tomba 207 **(Fig. 6)** rappresenta un *unicum* a Monte Sirai, sia per la tipologia sia per il rituale. Riguardo alla tipologia, si tratta di una fossa scavata nel banco tufaceo di forma sub-ellissoidale della lunghezza di 1,36 m e della larghezza di 83 cm. La peculiarità si deve alla presenza di una grossa pietra posta di taglio, che svolgeva la duplice funzione di *sema* e di elemento divisorio dello spazio interno alla sepoltura, dal momento che poggiava direttamente sul fondo della fossa ed era rinzeppata sui lati da pietrame minuto per aumentarne la stabilità. La pietra definiva quindi due settori: quello settentrionale, più ampio, che conteneva un'urna di tradizione indigena con

Fig. 6. La tomba 207 prima dello scavo

i resti di un individuo inumato, e quello meridionale, che non ha restituito alcun tipo di reperti. Tale sistemazione induce a prendere in considerazione la possibilità che la tomba indagata fosse stata progettata per contenere due deposizioni spazialmente distinte, ma unite concettualmente dalla presenza del *sema*. Tuttavia solo la fossa settentrionale venne effettivamente utilizzata, mentre quella meridionale, disattendendo il progetto originale, rimase vuota. Riguardo all'urna, si tratta di una grande pentola (diam. 45 cm; h. 33 cm ca.) con anse verticali, il cui contatto diretto con il fuoco è testimoniato dalle evidenti tracce di bruciato presenti sulla superficie esterna **(Fig. 7)**. La forma ha origini antichissime che risalgono alla Cultura di Monte Claro (2700-2200 a.C.). Al riguardo si deve sottolineare come a Monte Sirai, sulla sommità del pianoro, siano state individuate strutture quadrangolari e frammenti di ceramica d'impasto riferibili verosimilmente a questa cultura (Usai, 1995, p. 86).

All'interno della pentola erano custoditi esclusivamente resti ossei. Grazie allo scavo e alle successive analisi realizzate da Loretana Salvadei, del Laboratorio di Antropologia del Museo Preistorico Etnografico "Luigi Pigorini", è stato possibile stabilire che tali resti appartenevano ad un individuo di sesso maschile di età compresa fra i 30 e i 35 anni. Secondo tale studiosa, inoltre, "la distribuzione promiscua e disordinata dei resti ossei in uno spazio ristretto e l'assenza di connessione anatomica degli elementi ossei sono chiaro indizio del fatto che le ossa furono raccolte e rideposte in questo modo successivamente alla perdita dei tessuti molli". Si tratterebbe quindi di una deposizione secondaria. Tale pratica non trova confronti fra le sepolture indigene relative all'età del Ferro, di cui peraltro si conoscono solo pochi casi. Come noto, sino agli inizi del I millennio a.C. la civiltà nuragica è caratterizzata nella sfera funeraria dalle monumentali tombe collettive "di giganti", mentre successivamente il rituale e la tipologia tombale cambiano drasticamente con l'introduzione di sepolture monosome scavate nel terreno (Lilliu, 1982, pp. 96-97; Moravetti,

Fig. 7. Particolare dello scavo della tomba 207, con indicazione della pentola di tradizione indigena

1985, pp. 132-152; Lilliu, 1997). Riguardo a quest'ultime, le attestazioni indigene geograficamente più vicine a Monte Sirai sono quelle di Antas, dove gli specialisti (Ugas, Lucia, 1987) hanno messo in luce tre tombe a pozzetto (T1-T3) datate fra la fine del IX e la prima metà VIII sec. a.C. Solo due di queste sepolture contenevano un inumato, mentre la terza (T2) ne era priva ed è stata interpretata come un cenotafio. Dallo scavo è emerso che le fosse avevano bocca circolare e sezione cilindrica e che erano contrassegnate da una grossa pietra conficcata verticalmente nel terreno (**Fig. 8**). Nei pozzetti T1 e T2 sono stati recuperati scarni elementi del corredo personale composto da vaghi in metallo (bronzo, oro) e in cristallo di rocca. Molto più ricca risulta la documentazione della tomba T3, con vasi di impasto ridotti in frammenti, monili di varie fogge e una statuina in bronzo di notevole interesse, che rappresenta un personaggio maschile completamente nudo in atteggiamento di saluto con la mano destra, mentre nella sinistra impugna una corta lancia. Riguardo al rituale, indicazioni precise sono state fornite solo per l'inumato del pozzetto T3, che fu deposto in ginocchio, con il cranio adagiato sul lato destro e il volto direzionato ad est.

All'età del Ferro si datano anche le cinque tombe ad inumazione singola rinvenute a Is Arùttas di Cabras: si tratta di fosse cilindriche scavate nella roccia di circa 70 cm di diametro e 40 cm di profondità, di cui una conteneva uno scheletro rannicchiato. I pozzetti erano caratterizzati all'esterno dalla presenza di segnacoli di pietra sbozzati a forma di crescente lunare, mentre il corredo era costituito da scarse e grossolane ceramiche d'impasto (Santoni, 1977, p. 459, nota 57). Non lontano da questa località è ubicato il sito di Monti Prama, famoso per il sensazionale recupero negli anni Settanta del secolo scorso di più di 2000 frammenti in arenaria gessosa appartenenti a modelli di nuraghe e ad almeno 25 statue monumentali di guerrieri e di pugilatori. Quest'ultime, in base a criteri stilistici sono state datate fra l'VIII (Lilliu, 1975-1977; Lilliu, 1997, p. 346-348) e la fine del VII (Tronchetti, 1986; 1988, p. 73-77; 2005) – inizi VI sec. a.C. (Bernardini, 1991, p. 59). Lo scavo dell'area ha portato all'individuazione di 33 tombe: si tratta di pozzetti scavati nella terra, con un diametro all'apertura di circa 60-70 cm e con una profondità variabile dai 70 agli 80 cm. Le tombe erano chiuse da lastre squadrate di un metro di lato, dello spessore di circa 15-20 cm, e contenevano singole inumazioni (Tronchetti 1981). Il defunto era deposto seduto, con il viso rivolto per lo più verso est, ma non mancano esempi di orientamenti diversi con il capo coperto da una lastrina di forma irregolare. Solo pochissime tombe presentavano oggetti di corredo personale, limitati essenzialmente ad alcuni vaghi in pasta vitrea (nn. 24, 27, 29). Fra queste sepolture si distacca per importanza la numero 25, con alcuni vaghi in bronzo, uno in cristallo di rocca e un sigillo sca-

Fig. 8. Pozzetti nuragici di Antas

raboide in osso attribuito dal Tronchetti al tipo pseudo-Hyksos e considerato come "un prezioso *terminus post quem* per l'impianto della necropoli, quanto meno della sua parte terminale" (Tronchetti 2005, p. 147, fig. 9.9). L'attribuzione proposta dallo studioso per questo manufatto e la sua datazione alla fine del VII sec. a.C. non risultano tuttavia convincenti. Lo scarabeo, infatti, ha un puntuale confronto in un esemplare rinvenuto a Tell el-Ajjul, databile alla fine della XIII Dinastia, durante il II Periodo Intermedio (Tufnell, 1984, p. 310-311, tav. XXVI, 2151), che rientra in una classe ben attestata nell'area siro-palestinese, con sporadiche riproduzioni nell'età del Ferro (Bikai, 1978, p. 85, tav. XIV, 18; Gorton, 1996, p. 10; Tiradritti, 2002, p. 40, cat. 107). Tenendo conto di quest'ultime indicazioni si preferisce inquadrare il reperto di Monti Prama nell'ambito dell'VIII sec. a.C. Per la datazione del complesso di Monti Prama risultano quindi fondamentali le considerazioni di ordine stilistico riferibili alla statuaria. Purtroppo, come sopra ricordato, le posizioni dei vari studiosi che si sono occupati dell'argomento appaiono molto distanti e difficilmente conciliabili (Lilliu, 1997, p. 346-347). Considerando che il gruppo scultoreo venne commissionato da un clan emergente la cui spinta propulsiva si dispone sull'arco di varie generazioni, chi scrive è dell'avviso che la temperie culturale nella quale si formarono gli artigiani che realizzarono le statue di Monti Prama deve saldamente inquadrarsi fra il periodo geometrico insulare e il primo orientalizzante.

Tornando allo scavo, nella terra di riempimento dei pozzetti e nelle spallette che delimitavano la necropoli rispetto alle altre situazioni archeologiche documentate, sono stati recuperati ciotoloni carenati di impasto "buccheroide", datati fra l'VIII e il VI sec. a.C., indicativi di rituali collettivi che periodicamente dovevano svolgersi in onore dei defunti. Le indagini antropologiche condotte da F. Mallegni e F. Bartoli su 28 scheletri hanno portato all'individuazione di 23 individui adulti e di cinque adolescenti. Fra i primi la maggioranza è data dagli uomini, con 14 casi sicuramente determinati e tre identificati con probabilità, mentre le donne sono solamente cinque (tre sicure, due probabili); riguardo ai giovani, quattro sono maschi e l'ultimo probabilmente è una ra-

gazza. L'insieme dei campioni presentava un'età compresa fra i 14 e 50 anni, avvalorando l'ipotesi che nella necropoli fossero sepolti "i membri delle famiglie che facevano parte a pieno diritto del gruppo aristocratico e quindi del corpo sociale" (Mallegni, Bartoli, Tronchetti, 1991, p. 120).

Proseguendo nella rassegna di sepolture indigene successive all'età del Bronzo, si segnalano le sensazionali scoperte avvenute ai primi del Novecento presso i centri di Sardara e Senorbì. Il primo recupero effettuato in località Sa Costa riguarda una tomba completamente differente dalle precedenti, dal momento che era formata da un largo vano delimitato da pareti inclinate verso l'interno e coperto da lastroni litici. L'importanza della sepoltura si evince dalla struttura della tomba, che presentava il pavimento rivestito per l'intera estensione da una sottile lamina di bronzo, e dalla messa in luce di due bronzetti di arcieri di pregevolissima fattura (Taramelli, 1913; Lilliu, 1997, p. 316-318). Da Senorbì invece proviene una cista litica all'interno della quale vennero deposte le spoglie di un guerriero munito di spada con impugnatura a testa semilunata aperta in alto e, probabilmente, dell'armatura costituita da lamine di bronzo ribattute e fermate da chiodi (Taramelli, 1931; Lilliu, 1997, p. 316).

La tomba 207 di Monte Sirai presenta strette affinità con le sepolture di Antas, Is Arùttas e Monti Prama per quel che concerne la tipologia, le dimensioni, la presenza di *sema* e, salvo rare eccezioni, per la scarsezza o totale assenza di oggetti di corredo. Le differenze maggiori riguardano invece il rituale. Infatti, nonostante si tratti sempre di inumazioni, le modalità di deposizione risultano differenti, dal momento che non sono attestati casi di deposizioni secondarie in urna.

La questione dell'identità etnica è argomento di estremo interesse ampiamente trattato negli studi archeologici. Rimandando per l'impostazione generale del problema ad alcuni fondamentali contributi di carattere metodologico (Hall, 1997, pp. 111-142; 1998; Fabietti, 1999) si intende in questa sede sviluppare alcune considerazioni sulle tombe di Monte Sirai sopra esaminate. Le sepolture infatti rappresentano a nostro avviso due differenti forme di integrazione da parte di individui di stirpe indigena inurbati nel centro coloniale. Nel caso della tomba 158 l'integrazione risulta completa: l'indigena andata in sposa ad un colono fenicio viene sepolta secondo un rituale tipicamente orientale ed è stato possibile stabilire la sua etnia solo grazie ad alcuni indicatori che appaiono comunque del tutto marginali all'interno del contesto. Per la tomba 207 invece esistono marcati elementi di differenziazione rispetto al resto delle sepolture che la circondano. Ciò apre il campo a differenti interpretazioni: potrebbe infatti trattarsi di una sepoltura eneolitica, oppure di una deposizione molto più recente riferibile all'epoca fenicia se non addirittura a quella punica. Nel primo caso, l'elemento più indicativo è rappresentato dall'urna, che è a tutti gli effetti una forma Monte Claro. Contrastano con questa tesi, però, la tipologia della tomba e la sua perfetta integrazione all'interno della necropoli fenicia, in uno spazio che non ha restituito al momento evidenze di così alta antichità. Una datazione della deposizione al VI sec. a.C. appare quindi più probabile. In questo caso, si dovrebbe ipotizzare una forma di riuso del recipiente sentito, in virtù della sua alta antichità, come elemento di prestigio dai membri della colonia. Fenomeni di questo tipo sono già noti a Monte Sirai, dal momento che due *domus de janas* localizzate alla base del *tofet* presentano forme di riutilizzo in età punica (Bartoloni, 1989, pp. 15-17). Sulla base della documentazione sopra analizzata, chi scrive propende per una collocazione della sepoltura in epoca fenicia e una sua appartenenza ad un individuo indigeno inurbato. Dal rituale funebre emergono infatti forti legami con le tradizioni indigene della prima età del Ferro solo in parte "contaminati" dal quotidiano rapporto con i coloni di Monte Sirai, come si evince dalla deposizione dei resti ossei all'interno di un contenitore ceramico. Tale pratica, infatti, è totalmente estranea al mondo nuragico. Il personaggio della tomba 207 forse potrebbe essere identificato con un "capo" locale, oppure con un emissario delle comunità indigene limitrofe stabilitosi in modo permanente nell'insediamento fenicio, ma con un proprio *status* giuridico. In proposito, un importante indicatore dei rapporti fra maggiorenti fenici ed *élites* indigene proviene dall'abitato e si riferisce al noto bronzetto messo in luce nel sacello del tempio di Monte Sirai, che raffigura un personaggio se-

duto nell'atto di versare del liquido da una brocca in una ciotola che tiene nella mano (Barreca, 1965, p. 48, 53, 57).

Come è stato più volte sottolineato, il recipiente potorio utilizzato dal personaggio seduto è sicuramente da ricollegarsi alla tipologia delle brocche askoidi di tradizione nuragica (**Fig. 9**). Il dato è altamente significativo per stabilire chi ha commissionato l'opera, dal momento che in un'iconografia chiaramente fenicia viene inserito un elemento tipicamente locale. È probabile quindi che il bronzetto in questione sia stato commissionato ad un artigiano fenicio da un rappresentate delle comunità indigene sparse nel territorio circostante la colonia.

Fig. 9. Bronzetto dal sacello del tempio di Monte Sirai

Le indagini condotte a Monte Sirai dimostrano in modo inequivocabile come l'inurbamento di elementi autoctoni negli insediamenti fenici continui ben oltre le fasi iniziali della colonizzazione. Il quadro così definito deve essere integrato con le ricerche avviate sul territorio e presso i centri indigeni dell'interno, che permettono una lettura più complessa e articolata dell'irradiazione fenicia nel Sulcis sud-occidentale. Grazie alle nuove indagini, infatti, acquista sempre più credibilità l'ipotesi di una stabile presenza di coloni e agenti commerciali fenici all'interno o in prossimità di complessi fortificati nuragici. Il dato emerge con chiarezza dagli scavi in corso di realizzazione al Nuraghe Sirai, dove alla componente orientale deve essere addirittura imputata la costruzione del sistema difensivo della fine del VII sec. a.C. (Perra, 2001; Perra, 2005).

Passando alle prospezioni condotte nel territorio circostante Monte Sirai, si deve segnalare la recente lettura data da Stefano Finocchi (2005) dei materiali di superficie raccolti nel villaggio di Sirimagus, distante dalla colonia fenicia solo poche ore di marcia. La grande quantità di ceramica fenicia, riferibile non solo ad anfore da trasporto, ma anche a lucerne, ceramica da cucina e di uso domestico, inquadrabile fra il VII e la metà del VI sec. a.C., ha fatto ipotizzare la presenza stabile di elementi di origine orientale.

Alla luce della documentazione raccolta, quindi, è possibile intravedere una strategia di controllo territoriale introdotta dall'elemento fenicio che porta a fenomeni di mobilità sociale non solo nelle colonie, ma anche presso i villaggi indigeni dell'interno. Uno dei compiti delle future ricerche sarà quello di chiarire in che modo e fino a che punto la componente orientale sia stata in grado di condizionare lo sviluppo o la crisi delle comunità locali con cui venne in contatto.

Bibliografia

Barreca, F. (1965) - L'Acropoli. In *Monte Sirai – II*. Studi Semitici. 14. Roma. pp. 19-62.

Bartoloni, P. (1982) - Monte Sirai 1981. La ceramica del tofet. *Rivista di Studi Fenici*. 10. Roma. pp. 283-290.

Bartoloni, P. (1983) - Studi sulla ceramica fenicia e punica di Sardegna. Collezione di Studi Fenici. 15. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Bartoloni, P. (1988) - Urne cinerarie arcaiche a Sulcis. *Rivista di Studi Fenici*. 16. Roma. pp. 165-179.

Bartoloni, P. (1989) - *Monte Sirai*. Sassari: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.

Bartoloni, P. (1992a) - Le necropoli. In *Monte Sirai*. Itinerari. 9. Roma: Libreria dello Stato. pp. 47-54.

Bartoloni, P. (1992b) - Ceramiche vascolari miniaturistiche dal tofet di Sulcis. *Quaderni della Soprintendenza Archeologica per le Province di Cagliari e Oristano*. 9. Cagliari. pp. 141-150.

Bartoloni, P. (1992c) - Lucerne arcaiche da Sulcis. In Tykot, R.H. ; Andrews, T.K. (eds.) *Sardinia in the Mediterranean: a Footprint in the Sea. Studies in Sardinian Archaeology Presented to Miriam S. Balmuth*. Monographs in Mediterranean Archaeology. 3. Sheffield: Sheffield Academic Press. pp. 419-423.

Bartoloni, P. (1999) - La tomba 95 della necropoli fenicia di Monte Sirai. *Rivista di Studi Fenici*. 27. Roma. pp. 193-205.

Bartoloni, P. (2000) - La necropoli di Monte Sirai – I. Collezione di Studi Fenici. 41. Roma : Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Bartoloni, P. (2004) - Le necropoli della Sardegna fenicia. In González Prats, A. (ed.) *El Mundo Funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios*. Alicante. pp. 117-125.

Bartoloni, P. ; Bernardini, P. (2005) - *I Fenici, i Cartaginesi e il mondo indigeno di Sardegna tra l'VIII e il III sec. a.C.*. Sardinia, Corsica et Baleares Antiquae. 3. Roma. pp. 57-73.

Bernardini, P. (1991) - Micenei e Fenici. Considerazioni sull'età precoloniale in Sardegna. Orientis Antiqui Collectio. 19. Roma: Istituto per l'Oriente.

Bernardini, P. (2000) - Fenomeni di interazione tra fenici e indigeni in Sardegna. In Ruiz Mata, D. (ed.) *Fenicios e indígenas en el Mediterráneo y Occidente: modelos e interacción*. El Puerto de Santa María: Ayuntamiento de El Puerto de Santa María. pp. 39-60.

Bernardini, P. (2001) - La necropoli punica. In *Monte Sirai. Le opere e i giorni*. Carbonia. pp. 36-39.

Bernardini, P. (2002) - Leggere il tofet: sacrifici e sepolture. Una riflessione sulle fasi iniziali del tofet. In Donati Giacobini, P. ; Uberti, M.L. (eds.) *Fra Cartagine e Roma*. Faenza: Fratelli Lega Editori. pp. 15-27.

Bernardini, P. (2005) - Recenti indagini nel santuario *tofet* di Sulci. In *Atti del V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Palermo: Università degli Studi di Palermo - Facoltà di Lettere e Filosofia. pp. 1059-1063.

Bernardini, P. ; D'Oriano, R., (2001) – Catalogo. In Bernardini, P. ; D'Oriano, R. (eds.) *Argyróphleps nesos. L'isola dalle vene d'argento. Esploratori, mercanti e coloni in Sardegna tra il XIV e il VI sec. a.C.* Fiorano Modenese. pp. 75-123.

Bikai, P.M. (1978) – *The Pottery of Tyre*. Warminster: Aris & Phillips Ltd.

Bondì, S.F. (1995) - Il tofet di Monte Sirai. In Santoni, V. (ed.) *Carbonia e il Sulcis. Archeologia e territorio*. Oristano: Editrice S'Alvure. pp. 225-238.

Botto, M. ; Salvadei, L. (2005) - Indagini alla necropoli arcaica di Monte Sirai. Relazione preliminare sulla campagna di scavi del 2002. *Rivista di Studi Fenici*. 33. Roma.

Collin-Bouffier, S. (1999) - Des vases pour les enfants. In *Céramique et peinture grecque. Modes d'emploi*. Paris: Rencontres de l'École du Louvre. pp. 91-96.

Fabietti, U. (1999) - *L'identità etnica*. Roma: Carocci.

Finocchi, S. (2005) - Il progetto di ricognizione nel territorio di Monte Sirai. *Rivista di Studi Fenici*. 33. Roma. pp. 225-229.

Gorton, A.F. (1996) - *Egyptian and Egyptianizing Scarabs. A Tipology of Steatite, Faiance and Paste Scarabs from Punic and Other Mediterranean Sites*. Oxford University Committee for Archaeology. 44. Oxford.

Hall, J. (1997) – *Ethnic Identity in Greek Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hall, J. (1998) – Review feature: Hall, J. Ethnic Identity in Greek Antiquity, Cambridge 1998. *Cambridge Archaeological Journal*. 8, 2. pp. 265-284.

Lilliu, G. (1975-1977) - Dal "betilo" aniconico alla statuaria nuragica. *Studi Sardi*. 24. Cagliari. pp. 111-144.

Lilliu, G. (1982) - *La civiltà nuragica*. Sassari: Eri.

Lilliu, G. (1997) – La grande statuaria della Sardegna nuragica. *Memorie dell'Accademia Nazionale dei Lincei*. Ser. IX, 9. Roma. pp. 281-385.

Mallegni, F. ; Bartoli, F. ; Tronchetti, C. (1991) - Gli inumati di Monte Prama. *Quaderni della Soprintendenza Archeologica per le Province di Cagliari e Oristano*. 9. Cagliari. pp. 119-131.

Moravetti, A. (1985) - Le tombe e l'ideologia funeraria. In *Civiltà Nuragica*. Milano: Electa. pp. 132-180.

Perra, C. (2001) - Nuraghe Sirai - Carbonia. Indagini sull'occupazione fenicia - primi risultati. *Quaderni della Soprintendenza Archeologica per le Province di Cagliari e Oristano*. 18. Cagliari. pp. 21-32.

Perra, C. (2005) - Nuraghe Sirai di Carbonia (CA). Indagini sull'occupazione fenicia. *Atti del V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Palermo: Università degli Studi di Palermo – Facoltà di Lettere e Filosofia. pp. 1081-1090.

Quillard, B. (1987) - *Bijoux carthaginois. II. Porte-amulettes, Sceaux-pendentifs, Pendants, Boucles, Anneaux et Bagues*. Louvain-la-Neuve: Institut Supérieur d'Archéologie et d'Histoire de l'Art.

Santoni, V. (1977) - Osservazioni sulla protostoria della Sardegna. *Melanges d'Archéologie et d'Histoire de l'École Française de Rome (Antiquité)*. 89. Roma. pp. 447-460.

Segarra Crespo, D. (1997) - La alteridad ritualizada en la ofrenda. *Habis*. 28. Sevilla. pp. 291-298.

Taramelli, A. (1913) - Tomba arcaica con statuetta in bronzo d'arte protosarda scoperta a Sardara (Cagliari). *Bullettino di Paletnologia Italiana*. 39. Parma, Roma. pp. 98-127.

Tiradritti, F. (2002) - *La collezione di scarabei siro-palestinesi delle civiche raccolte archeologiche di Milano*. Milano: Comune di Milano.

Taramelli, A. (1931) - Senorbì (Cagliari) – Tomba di età preromana scoperta presso l'abitato. *Notizie Scavi*. Roma. pp. 78-82

Tronchetti, C. (1981) - Monte Prama (Com. di Cabras, Oristano). *Studi Etruschi*. 49. Firenze. pp. 525-528.

Tronchetti, C. (1986) - Nuragic Statuary from Monte Prama. In Balmuth, M.S. (ed.) *Studies in Sardinian Archaeology, II. Sardinia in the Mediterranean*. AnnArbor: The University of Michigan Press. pp. 41-50.

Tronchetti, C. (1988) - I *Sardi. Traffici, relazioni, ideologie nella Sardegna arcaica*. Milano: Longanesi & C.

Tronchetti, C. (2005) - Le tombe e gli eroi. Considerazioni sulla statuaria di Monte Prama. In Bernardini, P. ; Zucca, R. (eds.) *Il Mediterraneo di Herakles*. Pisa: Carocci. pp. 145-153.

Tufnell, O. (1984) - *Studies on Scarab Seals. II. Scarab Seals and Their Contribution to History in the Early Second Millennium B.C.*. Warminster.

Ugas, G. ; Lucia, G. (1987) - Primi scavi nel sepolcreto nuragico di Antas. In *La Sardegna nel Mediterraneo tra il secondo e il primo millennio a.C.*. Cagliari: Amministrazione Provinciale di Cagliari. pp. 255-270.

Usai, E. (1995) - Monte Sirai prima dei Fenici. In Santoni, V. (ed.) *Carbonia e il Sulcis. Archeologia e territorio*. Oristano: Editrice S'Alvure. pp. 85-93.

Zucca, R. (1987) – Bronzi nuragici da Tharros. In *La Sardegna nel Mediterraneo tra il secondo e il primo millennio a.C.*. Cagliari: Amministrazione Provinciale di Cagliari. pp. 117-129.

FENICI E PUNICI NELLA SARDEGNA MERIDIONALE

Piero Bartoloni

Sassari

Riassunto

Nell'ultimo decennio è aumentata in modo esponenziale la messe di scoperte effettuate nell'area della Sardegna sud-occidentale. Sono da segnalare le scoperte effettuate nell'area urbana di Sulky, che permettono di elevare la cronologia della fondazione dell'insediamento almeno fin dal 7780/770 a.C. Da ricordare inoltre le attività che hanno avuto luogo a Monte Sirai, dove è stata messa in luce buona parte di una necropoli con tombe a incinerazione di età fenicia e sepolture di inumati di età punica. Ai piedi del monte, il nuraghe Sirai ha restituito le fortificazioni erette nella seconda metà del VI secolo a.C. a difesa del villaggio nuragico. Infine, sono state poste in evidenza le strutture del tempio punico di Matzanni, eretto nel IV secolo a.C. nel cuore dell'unico bacino minerario della Sardegna che produceva il minerale di stagno.

Résumé

Dans les dernières années est augmentée la quantité des trouvailles repérées dans la Sardaigne sud-occidentale. Sont à signaler les découvertes effectuées dans la ville de Sulky, qui nous permettent de placer la chronologie de la fondation de l'emplacement au moins jusqu'au 7780/770 avan J.-C. Il faut rappeler aussi les activités qui ont eu lieu à Monte Sirai, ou on a dégagé une bonne partie de la nécropole avec des tombeaux à incinération et sépultures de corps inhumés d'époque punique. A la base de la colline, dans la tour nuragique Sirai on a dégagé les fortifications bâties pendant la deuxième moitié du VI siècle pour protéger le village nuragique. Pour conclure, on a étudié ce qui reste des structures du temple punique de Matzanni, érigé dans le IV siècle avant J.-C. dans le cœur du seul bassin minier de la Sardaigne qui produisait le minéral d'étang.

Nel quinquennio trascorso tra i due Congressi Internazionali di Studi Fenici e Punici, tra Palermo e Lisbona, l'attività archeologica nella Sardegna meridionale ha avuto grande impulso. Si citano in particolare i lavori svolti sotto l'egida del Dipartimento di Storia dell'Università di Sassari, della Soprintendenza Archeologica per le Province di Cagliari e Oristano e dell'Istituto di Studi sulle Civiltà italiche e del Mediterraneo Antico del C.N.R., con la collaborazione del Parco Geominerario. Le attività sono state dirette da chi vi parla, con la condirezione di Paolo Bernardini. Agli scavi hanno partecipato giovani studiosi e studenti delle Università di Sassari, Bologna, Cagliari, Genova, Milano, Pisa, Padova, Santa Maria Capuavetere, Verona, Viterbo, Barcelona, Parigi, Sevilla, Urbino e Tunisi.

Le indagini del primo cantiere, ubicato a Sant'Antioco[1] nell'area del cosiddetto cronicario[2], sono state condotte da Lorenza Campanella, coadiuvata da Elisa Pompianu e hanno avuto per oggetto lo scavo di un'area adiacente a quella esplorata nelle precedenti campagne degli anni '80. Negli strati di età fenicia (VIII-VI secolo a.C.), tra l'altro, sono state rinvenute abbondanti tracce di lavorazione del pescato: le scaglie messe in luce fanno riferimento a giovani esemplari di tonno rosso. Notevole anche il rinvenimento dei resti di un forno in terra cruda con pareti invetriate dalla forte temperatura. Il reperimento dei boccolari dei mantici, con l'estremità vetrificata dall'alta temperatura, permette di ipotizzare un uso del forno per metalli o per vetro. I frammenti fittili fenici sono sia di produzione locale che fenicia di Oriente, cartaginese o fenicia di Occidente. Quanto alla produzione allogena, non mancano le testimonianze di matrice greca, sia euboiche, che corinzie, laconiche o attiche, o etrusche, tutte dipanate cronologicamente. Più che considerevoli per l'aspetto storico tre frammenti di uno stesso recipiente chiuso di produzione micenea o forse filistea, appartenente al periodo III C (1190-1050 a.C.), che rendono consistente quanto ipotizzato ormai da molti anni. Invece, la cronologia della prima area urbana dell'antica Sulky è stata stabilita grazie al ritrovamento di due recipienti fenici simili, la cui origine è da collocare probabilmente in area tiria.

E' ormai accertato che le strutture di età punica sono praticamente obsolete a causa dei lavori edilizi effettuati in età romana repubblicana e imperiale, ma la vita del periodo è ampiamente documentata da un pozzo con adiacente cisterna che ha conservato centinaia di oggetti, fittili e non, relativi all'arco di tempo compreso tra il V e il III secolo a.C.

Sempre nel settore del cosiddetto cronicario, ma relativa ad un periodo più tardo, è stata messa in luce un'area sacra. Il santuario, dedicato a Demetra o a Cibele, in relazione alle testimonianze rinvenute, è databile nel III secolo a.C. e può essere attribuito alla presenza di un nucleo di *mercatores* italici insediati nell'area subito dopo la conquista romana della Sardegna.

Nella vasta necropoli punica sulcitana, a cura di Paolo Bernardini sono state esplorate quattro tombe ipogee. La prima, adiacente all'area della necropoli di età fenicia, illustra il momento di passaggio verso la dominazione cartaginese, con il mutamento del rito funebre, che, tuttavia, soprattutto nelle forme ceramiche, conserva reminiscenze del precedente periodo. Un'altra tomba, più tarda, poiché, in base alla sua struttura e ai reperti, non sembra anteriore alla fine del V o piuttosto ai primi anni del IV secolo a.C., al suo interno conserva un altorilievo policromo raffigurante un personaggio incedente di tipo egittizzante, che forse rappresenta il dio Baal Addir, il signore dei defunti[3].

1 P. Bartoloni, Nuove testimonianze sui commerci sulcitani: *Mozia - XI* (= QAFP, 2), Roma 2005, pp. 557-78; sull'insediamento cf. da ultimo R. Zucca, Insulae Sardinia et Corsicae. Le isole minori della Sardegna e della Corsica nell'antichità, Roma 2003, pp. 200-11.

2 P. Bernardini, S. Antioco: area del Cronicario (Campagne di scavo 1983-86): L'insediamento fenicio: RStFen, 16 (1988), p. 79, tavv. XIX, 4-5; XX, 15; P. Bartoloni, Nuove testimonianze sui commerci sulcitani, cit., pp. 564-66, figg. 1-10; sull'area del Cronicario da ultimo cf. L. Campanella, S. Antioco: area del Cronicario (Campagne di scavo 2001-2003): RStFen, 33 (2005), in stampa..

3 P. Bernardini, A Occidente del Grande Verde: memorie d'Egitto nell'artigianato della Sardegna fenicia e punica: L'uomo egizio, Garbagnate Milanese 2004, pp. 164-92.

Il secondo cantiere, diretto negli anni passati da Massimo Botto[4] e attualmente da Michele Guirguis[5], si è svolto nell'area della necropoli fenicia a incinerazione di Monte Sirai. Nel corso delle campagne effettuate dal 1990 sono state poste in luce circa 250 tombe, che confermano la prevalenza del rito funebre dell'incinerazione. Di particolare interesse alcuni oggetti di corredo di produzione nuragica, tra i quali spicca una *situla* con funzione di cinerario.

Alcune tra le sepolture afferiscono invece al periodo punico. Si tratta di una novità poiché si riteneva che la necropoli successiva alla conquista della città da parte di Cartagine fosse limitata alle dodici tombe ipogee, verosimilmente tombe di famiglia, rinvenute negli anni '60. Dunque, le fosse puniche rinvenute, anche in relazione all'esiguo corredo di accompagnamento, sono forse riferibili a individui di condizione servile. Numerose le tombe di infanti, tutte collocate tra il V e i primi anni del IV secolo a.C.

Il terzo cantiere, diretto da Carla Perra, ha avuto luogo nel versante orientale del nuraghe Sirai[6]. Nel corso delle campagne sono state indagate le fortificazioni esterne del nuraghe e alcune capanne del villaggio, Per quanto riguarda l'impianto fortificato, questo è risultato in uso anche in età fenicia ed era composto da un muro di ampio spessore, costituito da uno zoccolo in pietra ed un alzato in mattoni di terra cruda. La cinta risulta verosimilmente distrutta durante l'invasione del generale cartaginese Malco, collocabile attorno al 540 a.C.

Il villaggio invece appare composto da capanne variamente articolate in ambienti plurimi, molto simili a quelle del non lontano insediamento nuragico di Serucci e anticipatrici delle "Iolle" campidanesi, caratteristiche abitazioni ottocentesche con impianto ad atrio. Notevole la contemporanea presenza stratigrafica di materiali fittili nuragici e fenici, a testimonianza della esistenza di una comunità indigena con costanti e fecondi rapporti commerciali con i Fenici presenti a Monte Sirai. Particolarmente significativo il ritrovamento di alcune armi nello strato relativo al momento della distruzione del complesso, che è da porre negli ultimi decenni del VI secolo a.C.

Il quarto ed ultimo cantiere, guidato da Stefano Finocchi, ha avuto per oggetto la prospezione archeologica dell'area a sud di Monte Sirai[7]. Tra i risultati più considerevoli è da registrare la scoperta di materiali fittili di tipo commerciale databili nella prima metà del VI secolo a.C. all'interno di insediamenti nuragici ben distanti da centri urbani fenici. Tra tutti sono da menzionare i complessi nuragici di Tzirimagus, presso Carbonia, e di Gruttiacqua, a sud di Sant'Antioco. Al pari di situazioni analoghe, tuttavia, sulla base del rinvenimento di poche decine di frustuli fittili non si può certamente sostenere l'assunto di una o più presenze etniche fenicie in seno a queste comunità di origine nuragica, bensì un rapporto, anche vivace, di tipo prevalentemente commerciale.

Nella piana sottostante la collina di Monte Sirai sono state rinvenute tracce più che vistose, risalenti almeno al IV secolo a.C., di un centro abitato e di una sistemazione delle aree campestri, sistemazione che, visti i materiali fittili ascrivibili alla fine del II secolo a.C., non può prescindere dalla presenza romana. Infatti, è proprio in questo periodo che gli abitanti di Monte Sirai vengono deportati dalla cima della collina e la città alta viene definitivamente abbandonata. Quindi, la sistemazione dell'area, se non può essere interpretata come una vera e propria centuriazione, allude certamente all'insediamento di nuovi coloni. Nella stessa zona, ma ascrivibile al II secolo d.C., dunque alla piena età romana imperiale, è stata rinvenuta una grande *villa rustica*, una fattoria che presenta una pianta a ferro di cavallo, non nuova per la Sardegna.

4 M. Botto – L. Salvadei, Indagini alla necropoli arcaica di Monte Sirai. Relazione preliminare sulla campagna di scavi del 2002: RStFen, 33 (2005), in stampa.

5 M. Guirguis, Nuovi dati dalla necropoli fenicia e punica di Monte Sirai (Sardegna): Atti del XVII Convegno di Studi "L'Africa Romana", in stampa.

6 C. Perra, Una fortezza fenicia presso il nuraghe Sirai di Carbonia. Gli scavi 1999-2004: RStFen, 33 (2005), in stampa.

7 S. Finocchi, Ricognizione nel territorio di Monte Sirai: RStFen, 33 (2005), in stampa.

In tutte le aree di scavo citate a cura di Barbara Wilkens e di Gabriele Carenti sono state effettuate analisi dei reperti ossei di origine animale[8]. Queste hanno permesso di accertare la presenza di animali esotici, quali l'icneumone, nell'ambiente punico del cronicario, o di appurare il regime alimentare degli abitanti fenici di Monte Sirai. Questo appare costituito in maggioranza dal consumo di cervi, seguiti dai maiali, dai bovini e, infine, e ciò risulta abbastanza inaspettato, dagli ovini.

Tra le attività di ricerca collaterali, una menzione particolare merita il tempio punico di Matzanni. Si tratta di un luogo di culto eretto in prossimità di un valico che dalla valle del Cixerri conduceva verso il Campidano. Questo luogo sacro si affaccia sulla suddetta valle, che collega il Campidano con la costa occidentale e sbocca all'altezza di Monte Sirai. Si tratta con ogni evidenza di un edificio templare che, al pari di quello di Antas, è costruito in un'area di culto già officiata in età nuragica, ma non in età fenicia.

Infatti il tempio di Matzanni è stato eretto visibilmente in età punica e le sue strutture possono essere datate non prima del IV secolo a.C. L'edificio, con pianta rettangolare di sette metri per dodici, orientata a nord con uno dei lati lunghi, è molto rovinato, poiché oggetto di scavi clandestini, e risultano superstiti unicamente parte dei lati settentrionale e occidentale. Numerosi conci con gole egizie sono sparsi soprattutto nell'area antistante il lato meridionale. Ovviamente, la ricostruzione ideale dell'edificio presentata in questa sede si ispira alle stele puniche coeve presenti nei *tofet*.

Tra le attività svolte, da ultimo è da citare l'allestimento del Museo Archeologico Comunale di Sant'Antioco, dedicato alla memoria del compianto Ferruccio Barreca. Come è intuibile, il fulcro e il maggior numero dei reperti esposti nel museo è appartenente alla civiltà fenicia e punica e proviene dalle ricerche archeologiche effettuate nel sito di Sulky durante l'ultimo cinquantennio. L'edificio è inserito ai piedi dell'area del *tofet* e dal parco del museo si può accedere direttamente all'area sacra.

L'esposizione è articolata in sale che si susseguono in linea e consta di 35 vetrine contenenti circa 10000 oggetti, tra ceramiche, oggetti in pietra, vetro, osso e metallo. Alcuni plastici contribuiscono ad illustrare l'esposizione e a fornire notizie sul territorio da cui provengono i reperti. Il Museo archeologico di Sant'Antioco si integra perfettamente con quello della vicina Carbonia, poiché mentre quest'ultimo offre un'immagine del territorio sulcitano nei diversi periodo dell'occupazione antropica, quello di Sant'Antioco conserva principalmente i reperti fenici, punici e romani, rinvenuti soprattutto nell'area urbana.

Come è noto, la cosiddetta colonizzazione fenicia, provocata da una serie di concause che non elencherò in questa sede, ha luogo nel Mediterraneo occidentale a partire dagli inizi del secondo quarto dell'VIII secolo a.C. Le testimonianze materiali pertinenti ad epoca precedente sono da ritenere inserite in quel periodo che comunemente si suole definire "precoloniale". Che la cosiddetta colonizzazione costituisca uno spostamento di genti e non un movimento di *prospectors* o di commercianti possono suggerirlo alcuni indizi, che, pur non essendo di per sé probanti, possono aiutare a comprendere i modi e le cause degli insediamenti.

E' evidente che per quanto riguarda la Sardegna, buona parte degli insediamenti arcaici è collocata tra il Golfo degli Angeli e la penisola del Sinis. Solo per citare i centri di maggiore importanza certamente conseguenti allo stanziamento dei Fenici, si potrà osservare come su quattordici insediamenti, ben 10 sono ubicati nel tratto di costa citato, pari a circa un quarto dell'intero sviluppo costiero dell'isola. I motivi invocati sono tra i più vari e diversi, tra i quali ad esempio la prossimità con i distretti minerari. Nel caso specifico, come ha recentemente ribadito Sandro Filippo Bondì, la colonizzazione fenicia non ha mostrato soverchio interesse verso l'industria estrattiva, che, piuttosto, ha trovato le sue stagioni più vivaci, prima, nel periodo precedente all'urbanesimo

8 B. Wilkens, I resti animali contenuti in alcune anfore dall'area del Cronicario di Sant'Antioco: RStFen, 33 (2005), in stampa.

Fig. 1. Matzanni. Ricostruzione del basamento del tempio

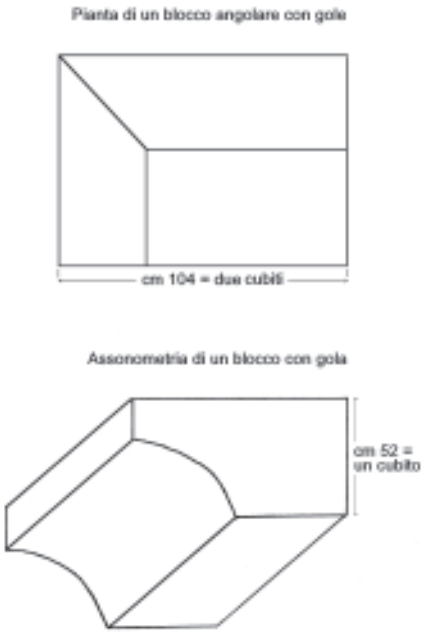


Fig. 2.

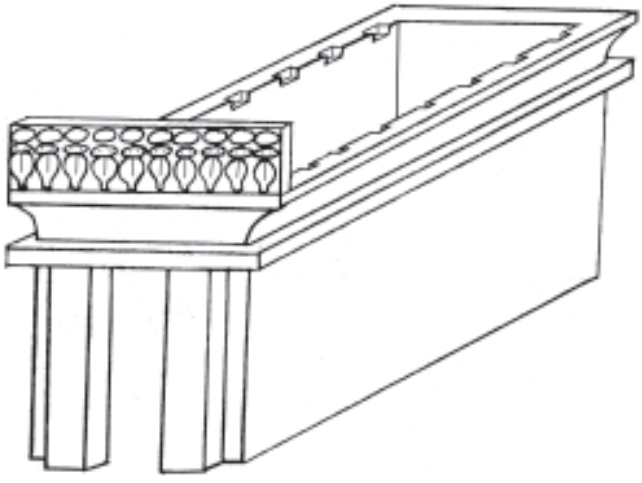


Fig. 3.

e, poi, come conseguenza della conquista cartaginese della Sardegna[9].

Il clima del Libano è ampiamente condizionato dalla direzione delle catene montuose che, correndo parallele alla costa, arrestano le masse di aria mediterranee. Pertanto, il clima della fascia costiera libanese è classificabile come sub-tropicale, anche in relazione alle colture ivi praticate.

Se si osserva la carta climatica della Sardegna, si potrà notare come condizioni ambientali simili sono riscontrabili nella Sardegna meridionale e soprattutto nel suo versante occidentale[10]. Infatti, i dieci insediamenti oggetto di fondazione fenicia collocati nella estrema parte meridionale dell'isola, sono tutti ampiamente inseriti nell'area climatica sub-tropicale. Due soli risultano esclusi da questo parametro, ma a ben vedere si tratta di luoghi di culto, Antas[11] e Matzanni[12], fondati in età nuragica e attivi soprattutto durante la successiva occupazione cartaginese. Sembra evidente dunque che, trattandosi di popolamento e non di attività sporadiche, i coloni abbiano privilegiato i territori che rispondevano a condizioni climatiche simili il più possibile a quelle della madrepatria. La parte restante delle coste della Sardegna viene classificata come temperata calda, ma, mentre il clima della costa centro-occidentale risulta più costante, quello della costa settentrionale e orientale è mitigato dalla vicinanza dei rilievi, che lo rendono maggiormente umido e instabile.

Del resto, ci si può chiedere se queste siano le cause o almeno le concause della mancanza di insediamenti fenici nella Gallia meridionale o in Corsica. Questi sono probabilmente i motivi che hanno fatto prediligere ad esempio la costa andalusa rispetto agli altri tratti costieri più settentrionali della penisola iberica. Le fondazioni di Cartagena e di altri insediamenti simili rispondono invece a specifiche istanze della politica Cartaginese.

Dunque, probabilmente è possibile inserire la maggior parte dei centri fenici in una determinata e ben precisa isoterma. E' chiaro che se sono validi, questi parametri hanno prevalso all'atto della fondazione dei primi insediamenti, che, se ben si ricorda, in età precoloniale sono stati preceduti da numerosi stanziamenti temporanei i quali invece hanno interessato la totalità delle coste della Sardegna. La scelta di sedi permanenti è dunque caduta su quei luoghi che rispondevano a parametri, probabilmente simili a quelli della madrepatria. In ogni caso, un fatto è certo, cioè che tutti gli insediamenti di età precoloniale non compresi nei parametri climatici suesposti, in età coloniale languono o scompaiono del tutto.

Ben altro è il discorso relativo alla successiva conquista cartaginese e all'impianto di insediamenti che dovevano rispondere a ben precise necessità, quali quelle del controllo di determinati territori e che, dunque, non potevano tenere conto di specifiche condizioni climatiche.

Che una delle cause della colonizzazione sia causata dallo sviluppo demografico delle città della Fenicia e dal conseguente debito alimentare è un fatto praticamente certo. A queste occorre aggiungere, come è ovvio, la serie di motivazioni politiche dipendenti dai centri di potere che confinavano o avevano contatti con il territorio in questione[13].

Un ulteriore non trascurabile indizio è costituito dagli stabilimenti per la cattura del tonno: le tonnare. Infatti, è stato già notato come questi impianti, ufficialmente in attività tra il XVII e il XIX secolo della nostra era, ma ormai quasi tutti abbandonati, in realtà sono stati realizzati nella prima età fenicia e nascondano antichi insediamenti[14]. Da quanto risulta, le tonnare in esercizio in Sardegna sono state 24 (Fig. 4) e più precisamente ubicate nelle immediate vicinanze di Punta

9 S. F. Bondì, Qualche appunto sui temi della più antica colonizzazione fenicia: Egitto e Vicino Oriente, 4 (1981), pp. 343-48; Id., Gli studi storici, tra bilanci e prospettive: I Fenici: ieri oggi domani, Roma 1995, pp. 33-41.

10 R. Pracchi – A Terrosu Asole, Atlante della Sardegna, Cagliari 1971, pp. 26, 56-57.

11 AA.VV., Ricerche puniche ad Antas, Roma 1969.

12 F. Barreca, Ricerche puniche in Sardegna: Ricerche puniche nel Mediterraneo centrale. Relazione del Colloquio in Roma, 5-7 maggio 1969, Roma 1970, p. 28, tavv. II-IIIR. Zucca, Iglesias. Loc. Genna Cantoni: AA.VV., I Sardi, Milano 1984, pp. 118-19.

13 P. Bartoloni – S. F. Bondì – S. Moscati, La penetrazione fenicia e punica in Sardegna. Trent'anni dopo, Roma 1997, pp. 21-24.

14 P. Bartoloni, Le più antiche rotte del Mediterraneo: Civilità del Mediterraneo, 2 (1991), pp. 9-15.

Vignola
Trabuccato
Isola Rossa
Salina
Argentiera
Capo Marrargiu
Santa Caterina
Su Pallosu
Escala Salis
Capo San Marco
Flumentorgiu
Cala Domestica
Porto Paglia
Portoscuso
Isola Piana
Cala Vinagra
Spalmatore
Mangiabarche
Cala Sapone
Porto Pino
Malfatano
Nora
Cala Regina
Punta Molentis

Fig. 4.

Molentis, Cala Regina, Nora, Capo Malfatano, Punta Menga, Cala Sapone, Punta Negra, Spalmatore, Cala Vinagra, Isola Piana, Portoscuso, Porto Paglia, Cala Domestica, Flumentorgiu, Capo San Marco, Escala Salis, Su Pallosu, Santa Caterina, Capo Marrargiu, Argentiera, Le Saline, Trabucadu, Isola Rossa, Vignola[15].

Non voglio insistere in questa sede sull'importanza economica del tonno in ambiente fenicio e punico, ma ritengo che gli impianti per la pesca del tonno, al pari dei porti naturali, abbiano concorso a condizionare la scelta dei luoghi per le fondazioni delle nuove città fenicie. E' più che probabile che le tonnare siano entrate in esercizio in età precoloniale e che abbiano costituito una base alimentare di primaria importanza per l'espansione commerciale verso l'Occidente. In definitiva, il tonno, con la sua pesca stagionale - in Sardegna dalla metà di maggio alla metà di luglio - può avere svolto il ruolo e avuto la stessa funzione che ebbero i cereali nel ben noto periplo del continente africano organizzato dal faraone Necao[16].

Tutti gli impianti di pesca del tonno citati sorgono in prossimità di insediamenti precoloniali, quali ad esempio quelli dell'Argentiera o di Capo Marrargiu, o nell'area urbana delle stesse città fenicie, alle quali hanno dato probabile origine, quali quelli di Portoscuso e di Tharros, oppure nelle immediate vicinanze di agglomerati urbani, al cui sviluppo economico hanno fortemente contribuito, quali quelli di Sulky o Inosim. Non è un caso, infatti, che, come si vedrà in seguito, negli strati di età fenicia dell'area archeologica del cosiddetto cronicario siano state rinvenute quantità considerevoli di lische di esemplari immaturi di *Thunnus thynnus* (Tonno rosso o tonno di corsa).

Una menzione particolare merita il tempio punico di Matzanni. Si tratta di un luogo di culto eretto in prossimità di un valico che dalla valle del Cixerri conduceva verso il Campidano. Questo luogo sacro si affaccia sulla valle del Cixerri, che collega il Campidano con la costa occidentale e sbocca all'altezza di Monte Sirai. Si tratta con ogni evidenza di un edificio templare che, al pari di quello di Antas, è costruito in un'area di culto già officiata in età nuragica, ma non in età fenicia.

Infatti il tempio di Matzanni è stato eretto visibilmente in età punica e le sue strutture possono essere datate nel IV secolo a.C. L'edificio, con pianta rettangolare di sette metri per dodici, orientata a nord con uno dei lati lunghi, è molto rovinato e risultano superstiti unicamente parte dei lati settentrionale e occidentale. Numerosi conci con gole egizie sono sparsi soprattutto nell'area antistante il lato meridionale. Ovviamente, la ricostruzione ideale dell'edificio si ispira alle stele puniche coeve presenti nei *tofet*.

Come accennato in altra sede, la rivitalizzazione da parte di Cartagine di luoghi di culto officiati in età nuragica è palese parte della politica attuata in Sardegna, che, con ogni evidenza, comprendeva anche la coltivazione dei giacimenti minerari. In età nuragica questo sfruttamento era esclusivo appannaggio delle popolazioni locali, mentre non vi sono tracce di attività estrattive da parte delle comunità fenicie ormai stanziate nel territorio. I luoghi di culto dovevano svolgere una funzione intercantonale, come suggerito dalla presenza del Sardus Pater, divinità venerata nel tempio di Antas. Dunque, mentre quest'ultimo tempio era collocato al centro del bacino minerario iglesiente, nel quale veniva estratto l'argento, il tempio di Matzanni, dedicato ad una divinità sconosciuta, era nel cuore del distretto che forniva lo stagno allo stato nativo. Non a caso, a testimonianza dell'interesse per l'area, in prossimità del luogo di culto punico, sono visibili ben tre pozzi sacri di età nuragica, in una concentrazione unica per l'intera Sardegna. Tra l'altro, da uno di questi pozzi proviene la ben nota statuetta bronzea del cosiddetto Barbetta, che probabilmente raffigura un personaggio offerente di origine orientale, in relazione al copricapo a tiara e alla caratteristica fiasca tetransata collocata sotto il braccio sinistro.

LA NECROPOLI DI OTHOCA (S. GIUSTA - OR): LA CAMPAGNA DI SCAVO DEL 2003

Carla Del Vais[1]
Emerenziana Usai[2]

[1] *Università degli Studi di Cagliari*
[2] *Soprintendenza per i Beni Archeologici per le province di Cagliari e Oristano*

Riassunto

Nel corso della campagna di scavo del 2003 nella necropoli della città di Othoca (S. Giusta, OR) sono state indagate venticinque tombe databili tra il VII sec. a.C. e il I sec. d.C.

In età arcaica (VII-VI sec. a.C.) prevale il tipo della tomba a fossa terragna con incinerazione secondaria, più spesso con i resti ossei deposti direttamente sul fondo della fossa, mentre più rara è l'incinerazione con deposizione primaria. L'età punica risulta poco documentata nell'area di S. Severa; si segnalano un grande sarcofago monolitico, riutilizzato in età romana ma con il corredo originario deposto al di fuori dello stesso, e una tomba infantile a *enchytrismos*.

In età romana l'area risulta intensamente frequentata con sepolture ad incinerazione in fossa terragna con deposizione secondaria sia all'interno di urne fittili, rappresentate da pentole, sia con i resti ossei deposti sul fondo della fossa.

Abstract

In the course of the excavation campaign carried out in 2003 in the necropolis of the city of Othoca (S. Giusta, OR) were investigated twenty-five tombs dating to the period between the 7th century BC and the 1st century AD.

In the archaic period (7th-6th century BC) the type of tomb consisting of a pit dug into the ground holding a secondary incineration is the most common. In such tombs the bone remains are deposited directly at the bottom of the pit, whereas it is rare to have the incineration with primary deposition. The area of Santa Severa is not well documented for the Punic period: a large monolithic sarcophagus exists, which was reutilised in Roman times but the original grave goods were placed outside the sarcophagus; a child burial or *enchytrismos* is also known.

In the Roman period, the area was densely inhabited as is shown by the incinerations placed in pits containing secondary depositions in terracotta cooking pots as well as bone remanins placed directly at the bottom of the pit.

La necropoli (E.U.)

La necropoli della città fenicia di Othoca[1], ubicata alla periferia meridionale dell'abitato di Santa Giusta, presso la laguna omonima, è stata interessata, tra i mesi di settembre e dicembre del 2003, da una campagna di scavo condotta dalla Soprintendenza per i Beni Archeologici di Cagliari e Oristano e dall'Università degli Studi di Cagliari[2]. L'indagine ha interessato il lembo residuo dell'area funeraria relativo alla località di Santa Severa, situato all'interno del centro urbano, nelle adiacenze dell'omonima chiesetta e vicino ad una tomba fenicia del tipo a "caveau bâti"[3] ed è stata motivata, oltre che dalla necessità di proseguire a mettere in luce la necropoli, anche dall'esigenza di non lasciare esposte ad eventuali interventi clandestini alcune tombe già individuate nella precedente campagna di scavo.

La necropoli di Santa Severa ha finora restituito, in un'area relativamente poco estesa, una grande varietà tipologica di tombe di età fenicia,punica e romana, risalenti ad un arco di tempo compreso tra il VII sec. a.C. e il I sec. d.C.

Nella campagna di scavi del 2003 sono state indagate venticinque tombe, in prevalenza di età fenicia del tipo a fossa terragna, ma anche una sepoltura a *enchyitrismos* di età punica, un grande sarcofago monolitico in arenaria riutilizzato in età romana, urne fittili con coperchio riferibili ad età romana (Fig. 1).

La tipologia tombale, i rituali funerari, i materiali costituenti i corredi di accompagno, di alto valore scientifico, accrescono le conoscenze sulla necropoli la quale, dopo diverse campagne di scavo, sta restituendo al luogo anche la sua originaria spiritualità e sacralità ed una forte suggestione, accresciuta dal colore giallo chiaro luminoso della pietra arenaria delle lastre che compongono molte delle tombe della necropoli.

A questo punto della ricerca si intende realizzare un progetto di valorizzazione, condiviso dalla Soprintendenza per i Beni Archeologici di Cagliari e Oristano, dal Comune di Santa Giusta e dall'Università di Cagliari, che preveda un percorso comprendente l'area funeraria di Santa Severa, la vicina omonima chiesa, l'adiacente tomba a "caveau bâti" e la località di Is Forrixeddus dove è ubicato l'altro lembo residuo dell'importante necropoli dell'antica Othoca. Non dovrà essere trascurata anche la ricerca delle emergenze archeologiche riferibili ad età prenuragica e nuragica, che consentono di delineare un sommario quadro dell'insediamento in età preistorica ma che, essendo il risultato di ritrovamenti casuali e non programmati, necessitano di sistematiche approfondite indagini scientifiche[4]. Nelle prospettive più immediate c'è anche la musealizzazione dei materiali archeologici rinvenuti nelle ricerche passate e presenti, in terra e in mare, a testimoniare le sequenze storiche e gli avvicendamenti culturali di Santa Giusta, da esporre nel Museo civico di prossima apertura progettato secondo i più moderni criteri di museografia e museologia, in corso di allestimento[5].

1 Sulla necropoli di Othoca, sulle fonti letterarie ed epigrafiche del centro antico si veda da ultimo Tore, 1994, pp. 119-127; Tore, 2000, pp. 223-231. Si vedano inoltre il sempre fondamentale libro di Nieddu, Zucca, 1991, dove R. Zucca richiama la storia degli studi, gli scavi ottocenteschi, quelli del 1910 e del 1984-1989, e i recenti studi di Del Vais, Usai, 2000 e Del Vais 2010..

2 La direzione scientifica dei lavori è stata curata da Emerenziana Usai, della Soprintendenza per i Beni Archeologici di Cagliari e Oristano, e da Carla Del Vais, dell'Università degli Studi di Cagliari. La direzione dei lavori è stata effettuata dall'ing. Antonello Garau; hanno partecipato allo scavo la dott. Lucilla Campisi, il tecnico sig.na M. Antonietta Atzori e gli studenti Valentina Chergia, Francesca Collu e Pietro Francesco Serreli.

3 Cf. Nieddu, Zucca, 1991, pp. 115-116, tavv. XXXIV-XXXVI; Del Vais 2010, pp. 37-38. Il corredo di tale tomba è in corso di studio da parte di C. Del Vais.

4 Cf. Nieddu, Zucca, 1991, pp. 43-54, tavv. VIII, XIV-XV, XVII.

5 Il Museo di Santa Giusta è stato istituito il 26 settembre 1984 con delibera 79 del Consiglio comunale che fa riferimento alla sua caratteristica di "parco Culturale-Ambientale", spazio di educazione civile e morale della comunità. È stato allestito lo spazio introduttivo legato agli aspetti naturalistici, nei quali si inserisce la storia dell'uomo di ieri e di oggi.

Lo scavo (C.D.V.)

Il tipo tombale meglio documentato in età arcaica è la fossa terragna con deposizione secondaria dei resti incinerati direttamente sul fondo della stessa; in alcuni casi è attestata la presenza di una copertura costituita da una o più lastre in arenaria, direttamente poggiata sui bordi della fossa. Può ricordarsi al riguardo la T. 5/03 (Fig. 2), una delle più antiche finora documentate nella necropoli, che consta di una fossa terragna di forma ellittica di modeste dimensioni, coperta da una sottile lastra in arenaria e con all'interno unicamente i resti ossei incinerati in deposizione secondaria. Il corredo, deposto al di fuori della fossa, era costituito da una brocca con orlo a fungo con corpo globulare, un'olla e un piatto ombelicato, questi ultimi in pessimo stato di conservazione[6] .

Riferibile allo stesso tipo, la T. 11/03 (Fig. 3) non presentava al momento dello scavo alcuna copertura; le ossa incinerate del defunto si trovavano sul fondo della fossa, frammiste alla terra del riempimento, mentre del corredo si conservava solo una coppa biansata di fabbrica fenicia ispirata a modelli etrusco-corinzi[7], parte del corpo di una brocca biconica e vari frammenti di altri vasi. A ridosso di questa si trovavano altre due tombe ad incinerazione (Fig. 3); la prima, la T. 9/03, con copertura costituita da due lastre in basalto, ha restituito solo i resti incinerati senza alcun elemento di corredo; l'altra (T. 10/03), di forma allungata e di dimensioni maggiori, era caratterizzata da forti tracce di bruciato sia all'interno che esternamente a causa della combustione avvenuta *in situ*, come anche indiziato dalla presenza di abbondanti resti ossei ancora in posizione anatomica. Del corredo si conservavano solo pochi elementi, parte del collo di una brocca con orlo a fungo[8] e piccoli frammenti di olle ad impasto grossolano.

Un'altra tomba dello stesso tipo è la T. 13/03 (Fig. 4); posta in prossimità della T. 10/03 e con lo stesso orientamento in direzione W-E, condivide con essa anche la mancanza di una copertura, forse a causa delle manomissioni moderne che hanno interessato il settore. Anche in questo caso è molto probabile che l'incinerazione sia avvenuta in posto, così come suggeriscono le forti tracce di combustione visibili sia all'interno che all'esterno e la presenza dei resti ossei disposti lungo tutta la fossa. La mancanza del corredo non consente di precisare la cronologia se non nell'ambito dell'età fenicia.

Potrebbe riferirsi al medesimo tipo la T. 6/03 (Fig. 5), un fossa terragna di forma allungata e di dimensioni abbastanza rilevanti, tagliata sul lato occidentale dall'impianto di un pozzo, presumibilmente di età medievale o moderna; la tomba a sua volta aveva intaccato una precedente fossa fenicia, la T. 23/03, con deposizione secondaria, che ha restituito, oltre ai resti ossei, pochi frammenti ceramici fenici e parte di una coppa etrusco-corinzia. La T. 6/03 conteneva una quantità rilevante di resti ossei, numerosi legni combusti e il corredo ceramico, costituito da una brocca con orlo a fungo, un *cooking pot*[9] ed un piatto ombelicato con fondo leggermente concavo, utilizzato come coperchio.

Altre sepolture di epoca arcaica attestano solo episodicamente differenti tipi tombali. La T. 14/03, connotata dalla presenza di due lastrine di arenaria poste di taglio a foderare una fossa di piccole dimensioni di forma allungata, conteneva, insieme ai resti incinerati in deposizione secondaria, solo un piccolo scarabeo in steatite, ormai illeggibile. Immediato è il rimando all'unica tomba a cista litica individuata nell'area negli anni Ottanta, con deposizione all'interno di un'urna

6 Cf. Del Vais 2010, p. 39. Per la brocca cf. Peserico, 1996, p. 214, CA 85; rispetto ai parametri tipologici proposti dalla Peserico, l'esemplare di S. Severa presenta bocca di tipo 1, collo di tipo 1a, corpo di tipo 1, fondo di tipo 4. Per l'olla cf. Aa.Vv., 1997, p. 267, n. 187; p. 269, n. 195.

7 Cf. Aa.Vv., 1997, p. 267, n. 186.

8 Cf. Peserico, 1996, collo tipo 3.

9 Per il primo pezzo cf. Peserico, 1996, collo tipo 3a, corpo tipo 6; Aa.Vv., 1997, p. 268, n. 189. Per il *cooking pot* cf. Aa.Vv., 1997, p. 268, n. 190.

Fig. 1. Il settore orientale dell'area funeraria dopo lo scavo

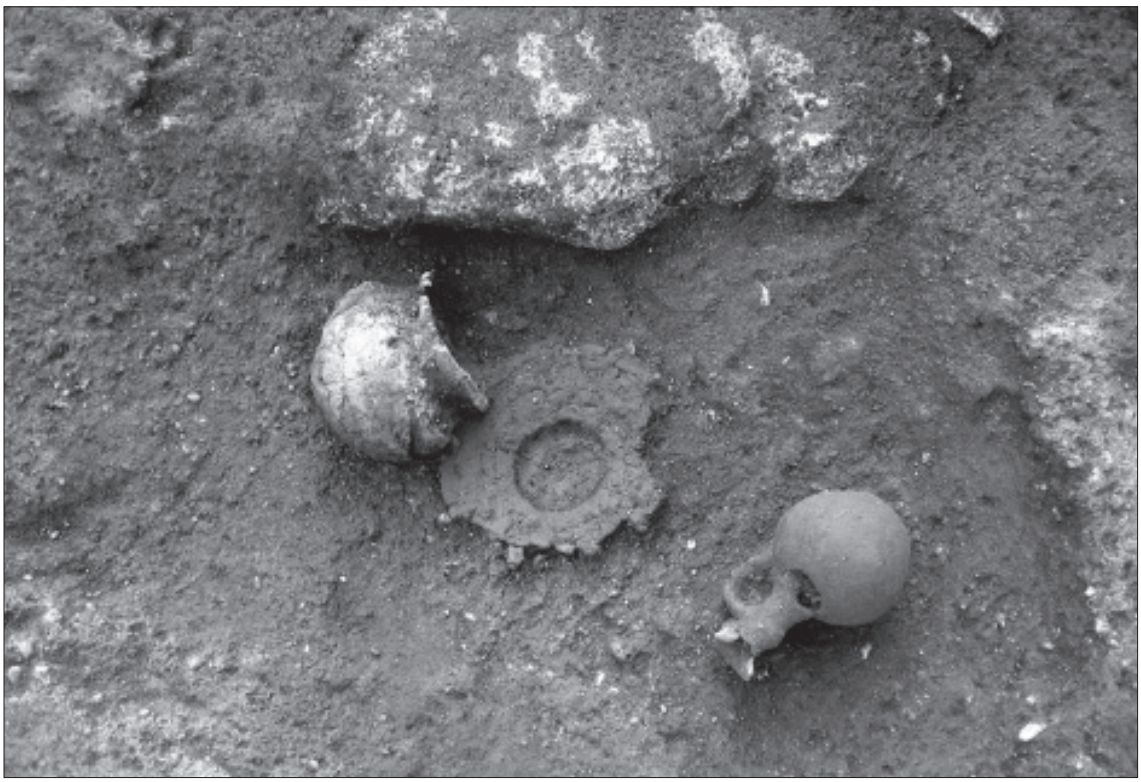


Fig. 2. La tomba 5/03 con la lastra di copertura ancora in posto e il corredo ceramico deposto all'esterno

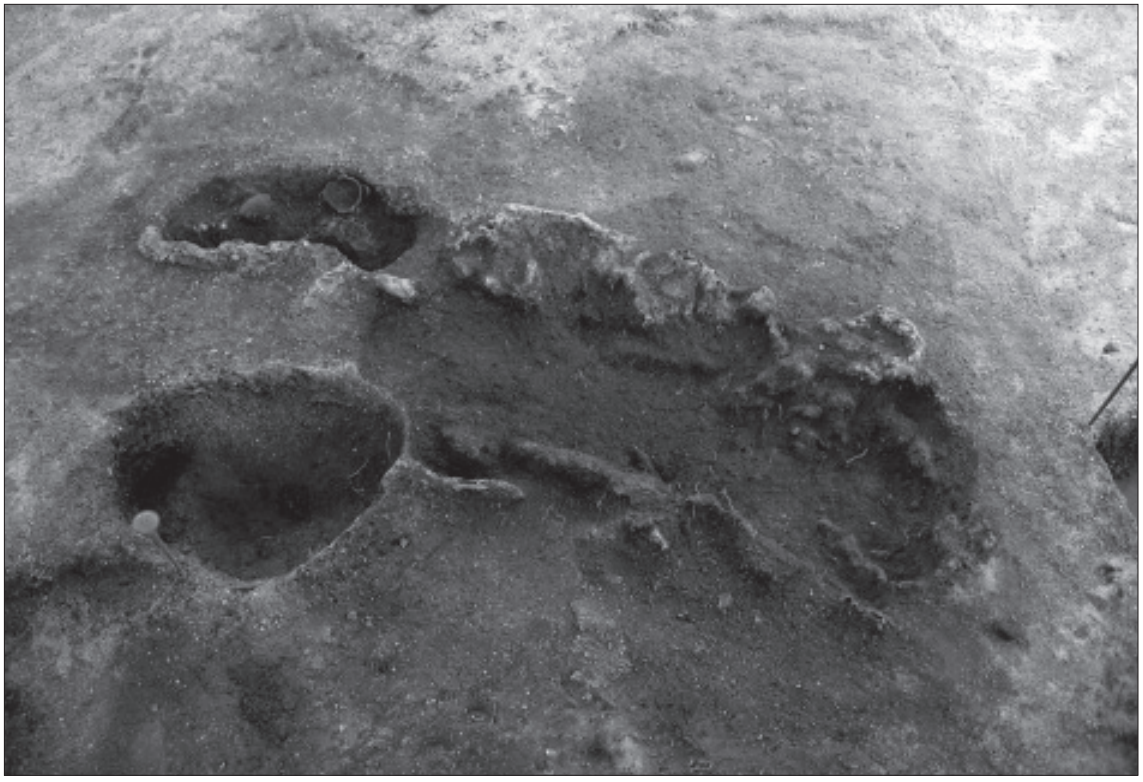


Fig. 3. Al centro la T. 10/03, con deposizione primaria, e ai lati le TT. 9/03 (in primo piano) e 11/03 (con corredo in posto)

Fig. 4. La T. 13/03 dopo lo scavo

Fig. 5. La T. 6/03 con il corredo in posto

fittile pluriansata e con corredo comprendente un'anforetta in bucchero etrusco[10]. La T. 8/03, invece, prevedeva la deposizione entro un'urna collocata all'interno di una fossa terragna di modeste dimensioni. Il vaso, una forma chiusa con fondo leggermente concavo, lacunoso della parte superiore a causa di un intervento di manomissione moderno, conteneva i resti incinerati e, come unico elemento di accompagno, uno scarabeo in steatite.

Quanto alla successiva fase punica, deve riscontrarsi nell'area un notevole calo della documentazione funeraria. Ciò tuttavia non costituisce un indizio sufficiente per postulare una crisi dell'insediamento; i ricchi corredi restituiti dalla tomba a camera costruita individuata sull'altro lato della chiesa (T. XXX), ascrivibili in buona parte ai secc. V-IV a.C., in corso di studio da parte di chi scrive, sembrano riferirsi ad un centro assai vitale, inserito in un circuito commerciale internazionale. È ipotizzabile piuttosto che le tombe puniche siano da ricercare in un'area differente da quella indagata che, come detto, risulta di dimensioni assai ridotte e dunque non può ritenersi esemplificativa di tutta la necropoli.

Può comunque segnalarsi il caso assai singolare della T. 18/03, un grande sarcofago monolitico in arenaria, con copertura costituita da tre o quattro lastroni dello stesso materiale, inserito in una profonda fossa di dimensioni di poco eccedenti il suo ingombro (Fig. 6)[11]. Lo scavo ha documentato un riutilizzo della sepoltura in età romana, ma il primo impianto della stessa deve certamente ascriversi ad età precedente. Al limite orientale della tomba erano deposti, nello spazio compreso tra la parete esterna del sarcofago e i bordi della fossa relativa all'impianto dello stesso, abbondanti materiali ceramici di età punica, forme chiuse, ceramica da cucina e piatti, ascrivibili ad un periodo compreso tra V e IV secolo, in gran parte ridotti in frammenti (Fig. 8). Il sarcofago risultava riempito fino al bordo da uno strato terroso fortemente combusto contenente anche resti ossei incinerati; all'interno si trovavano deposti alcuni vasi integri, due brocche di grandi dimensioni, tre pentole con relativo coperchio, due bicchieri a pareti sottili[12], due vasi a pasta grigia di produzione locale o regionale (una coppa F 2567 e una patera F 2277), tutti protetti da lastrine in arenaria di forma irregolare (Fig. 7). Questi poggiavano su uno strato dello spessore di 10 cm di terreno nero con abbondantissime tracce di combustione che conteneva una grande quantità di ossa incinerate e almeno diciotto unguentari fusiformi di varia morfologia. Alla base dello strato carbonioso e a diretto contatto con il fondo del sarcofago si è rilevata la presenza di parte di un osso lungo di inumato, apparentemente in deposizione primaria; due frammenti di lucerna attica[13], ascrivibili al V sec. a.C., provengono invece dallo strato combusto. Sulla base di quanto osservato può proporsi che il sarcofago sia stato impiantato nel corso del V sec. a.C. per ospitare un'inumazione e utilizzato ancora nel IV; a tali deposizioni sarebbero da riferire i frammenti di lucerna attica rimasti all'interno della sepoltura e i materiali ributtati all'esterno in occasione del riutilizzo avvenuto in età romana primo-imperiale per l'incinerazione *in situ* di uno o più defunti.

Ancora ad età punica è riferibile una tomba ad *enchytrismos* (T. 2/03) relativa ad un inumato di età infantile. Il defunto era accuratamente deposto all'interno di un'anfora da trasporto tagliata solo in senso trasversale e sistemata all'interno di una fossa terragna; la perdita del bordo non consente un riferimento sicuro ai tipi noti, ma la forma del corpo suggerisce una datazione che non sembra andare oltre il V secolo a.C.[14]. Così come spesso riscontrato altrove, la deposizione

10 Cf. Nieddu, Zucca, 1991, p. 115. Sulla T. 14/03 cf. Del Vais, 2010, p. 40.

11 Cf. Del Vais, 2010, pp. 41-45.

12 Il primo si avvicina al tipo 1/28 della Ricci (Atlante, 1985, p. 250), il secondo al tipo 1/177 (Atlante, 1985, p. 277).

13 Nel caso i due frammenti si riferiscano alla medesima lucerna, questa deve essere ricondotta ad una variante con tubo centrale del tipo Howland 20: cf. Barnett, Mendleson, 1987, p. 138, 4/10. Qualora si tratti di due esemplari, il primo, di cui si conserva un piccolo frammento di bordo, va attribuito al tipo 20: cf. Howland, 1958, pp. 43-44; il secondo, di cui rimane solo parte del tubo centrale, potrebbe riferirsi al tipo 19 A o, più probabilmente, a uno dei tipi 22: cf. Howland, 1958, pp. 39-40, 52-56.

14 Cf. Del Vais, 2010, p. 41. Sull'anfora cf. Ramon Torres, 1995, T-1.4.4.1.

Fig. 6. La T. 18/03 con le lastre di copertura in posto

Fig. 7. T. 18/03: la deposizione di età romana

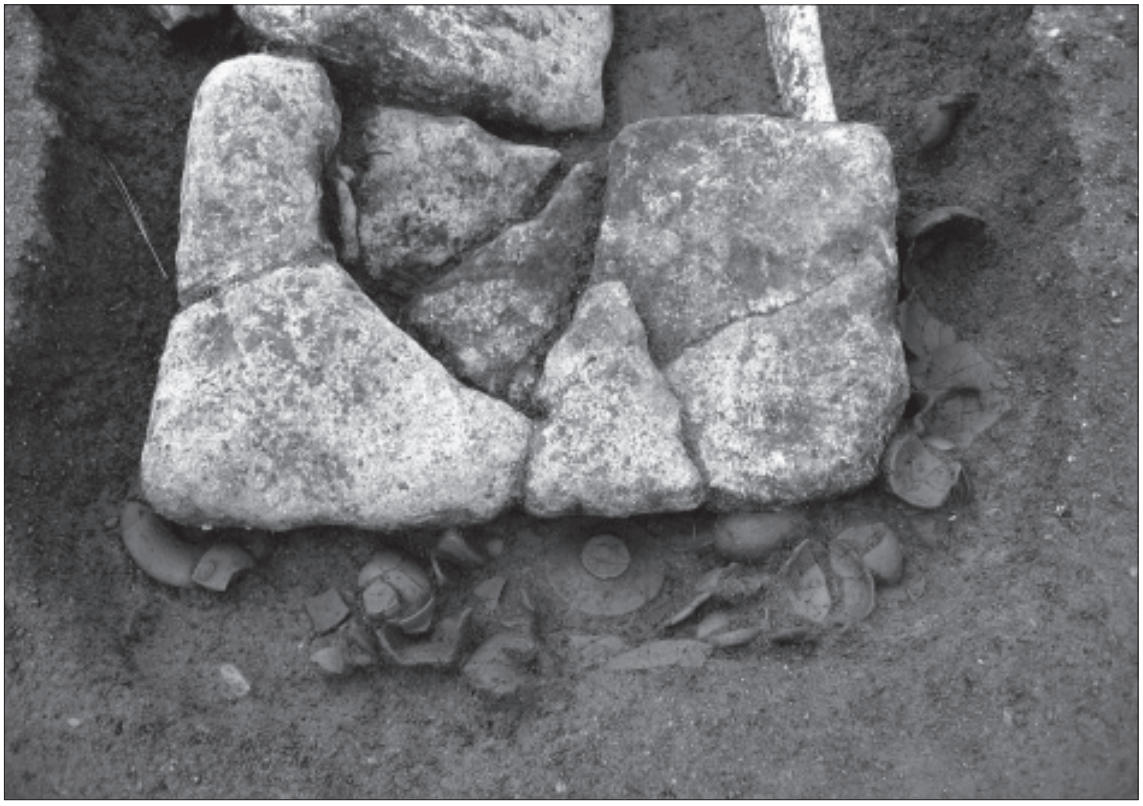


Fig. 8. T. 18/03: particolare dei materiali punici ributtati all'esterno in occasione del riutilizzo romano

non era accompagnata da un corredo ceramico; l'unico elemento materiale era rappresentato da un bracciale in bronzo[15] recuperato in prossimità della testa del bambino con all'interno ancora le ossa del braccio.

Passando alla successiva fase romana, si è constatato il prevalere del rituale dell'incinerazione. Sono state documentate non di frequente ampie fosse più larghe e di forma meno regolare rispetto a quelle fenicie, con forti tracce di combustione e con all'interno, insieme ai resti ossei deposti direttamente al fondo, vari elementi ceramici tra cui, con maggiore evidenza, unguentari fusiformi integri o spezzati in antico[16]. Possono ricordarsi al proposito la T. 17/03, ubicata immediatamente al di sopra del sarcofago 18/03, e la T. 25/03, fortemente danneggiata da interventi di manomissione e posta al limite dell'area di scavo. Il tipo tombale più diffuso è tuttavia quello dell'incinerazione con deposizione secondaria entro urna fittile, rappresentata sempre da una pentola fornita di coperchio e generalmente senza alcun elemento di corredo[17]. La necropoli per tali fasi ha restituito nel 2003 un solo esempio di inumazione, una tomba a fossa terragna di forma sub-rettangolare (T. 15/03), scavata a una profondità maggiore rispetto alle sepolture fenicie, senza alcun elemento di copertura e di delimitazione. In corrispondenza del capo del defunto si è recuperato un asse repubblicano mentre ai suoi piedi era deposta una patera a pasta grigia (F 2277) che suggerisce una datazione della sepoltura tra il I sec. a.C. e il I d.C.[18].

Bibliografia

Aa.Vv. (1997) – Phoinikes b shrdn. I Fenici in Sardegna. Nuove acquisizioni. Bernardini, P.; D'Oriano, R.; Spanu, P.G. (eds.) Oristano: S'Alvure.

Barnett, R. D.; Mendleson, C. (eds.) (1987) – *Tharros. A Catalogue of Material in the British Museum from Phoenician and other Tombs at Tharros, Sardinia*. London: British Museum.

Atlante (1985) – *Atlante delle forme ceramiche, II. Ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (tardo ellenismo e primo impero)*. Roma: Enciclopedia dell'arte antica classica e orientale.

DEL VAIS, C. (2010) – L'abitato fenicio-punico e romano. In Coroneo, R. (ed.) *La Cattedrale di Santa Giusta. Architettura e arredi dall'XI al XIX secolo*. Cagliari: Scuola sarda Editrice. pp. 35-46.

Del vais, C.; Usai, E. (2005) – La necropoli di Othoca (Santa Giusta - OR): campagne di scavo 1994-95 e 1997-98. Note preliminari. In Spanò giammellaro, A. (ed.) *Atti del V Congresso Internazionale di Studi fenici e punici (Marsala – Palermo, 2-8 ottobre 2000)*. Palermo. III. pp. 965-973.

Howland, R.H. (1958) – Greek Lamps and their survivals. In *The Athenian Agora*. IV. Princeton: The American School of Classical Studies at Athens.

Nieddu, G.; Zucca, R. (1991) - *Othoca, una città sulla laguna*. Oristano: S'Alvure.

Peserico, A. (1996) – *Le brocche "a fungo" fenicie nel Mediterraneo. Tipologia e cronologia*. Collezione di Studi Fenici. 36. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Ramon torres, J. (1995) – Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental. Instrumenta. 2. Barcelona.

Tore, G. (1994) – Othoca. In *Bibliografia topografica della colonizzazione greca in Italia e nelle isole tirreniche*. XIII. Pisa-Roma. pp. 119-127.

Tore, G. (2000) – Le necropoli fenicio-puniche della Sardegna: studi, ricerche, acquisizioni. In T*uvixeddu. La necropoli occidentale di Karales. Atti della Tavola rotonda internazionale "La necropoli antica di Karales nell'ambito mediterraneo" (Cagliari, 30 novembre - 1 dicembre 1996)*, a cura dell'Associazione culturale Filippo Nissardi. Cagliari: Edizioni Della Torre. pp. 223-231.

Tronchetti, C. (1996) – Nora IV. Ceramica e cronologia I: il contesto dell'US 77. *Quaderni della Soprintendenza Archeologica per le Province di Cagliari e Oristano*. Cagliari. 13. pp. 129-152.

15 Cf. ad es. Barnett, Mendleson, 1987, pp. 255-256, C 13, C 20-C 21.

16 Nieddu, Zucca, 1991, p. 128.

17 Cf. Nieddu, Zucca, 1991, pp. 127-128.

18 Tronchetti, 1996, pp. 138-139.

CONTESTI TOMBALI INEDITI DALLA NECROPOLI PUNICA DI SULCIS

Valentina Melchiorri

Università degli Studi della Tuscia -Viterbo

Riassunto

All'interno di una collaborazione pluriennale tra diverse Istituzioni, l'Università degli Studi della Tuscia (Viterbo) e la Soprintendenza Archeologica per le Provincie di Cagliari e Oristano, s'inserisce questo studio incentrato sull'analisi di dettaglio di due contesti tombali della necropoli punica ad inumazione di Sulcis, attuale Sant'Antioco (Sardegna). I due contesti, di tipo familiare e poli-deposizionali, databili tra la fine del VI e la prima metà del IV sec. a.C., saranno presentati mediante un inquadramento generale, mirato a evidenziare le principali caratteristiche del tipo architettonico attestato, l'organizzazione dello spazio interno e i possibili criteri di associazione tra materiali archeologici, utili alla ricostruzione contestuale di ciascun complesso.

ABSTRACT

This research project is part of a multi-year collaboration between different institutions, the "Università della Tuscia (Viterbo)" and the "Soprintendenza Archeologica per le Provincie di Cagliari e Oristano". The study was focused on a detailed analysis of two chamber tombs of the Punic inhumating necropolis of Sulcis, corresponding to the modern town of St. Antioco (Sardinia). The two contexts, family type and multiple depositional environments, were used between the late 6th century and the first half of the 4th century B.C.E. The general presentation will be set on the examination of architectural type, the study of the interior space and the reconstruction of the relationships between different archaeological materials, i.e. possible criteria for associating specific items.

Presentazione

La necropoli punica dell'antica Sulcis (odierna S. Antioco, in provincia di Cagliari, Sardegna) [Fig. 1] è stata recentemente oggetto di nuovi studi, all'interno di una collaborazione scientifica pluriennale tra l'Università degli Studi della Tuscia (Viterbo) e la Soprintendenza Archeologica per le Province di Cagliari e Oristano. Per le due Istituzioni, si rivolge un ringraziamento sentito rispettivamente a Sandro Filippo Bondì, *tutor* di questo lavoro, e a Paolo Bernardini, coordinatore scientifico delle ricerche effettuate in necropoli da circa vent'anni (si ringrazia, inoltre, il personale della Sede operativa di S. Antioco, in particolare il geom. Franco Mereu, autore delle planimetrie, i fotografi Claudio Buffa e Ugo Virdis, autori della documentazione fotografica, e i signori A. Maria Basciu, Pietro Garau, Eliseo Lai, A. Rita Manca e Isidoro Zucca, per l'aiuto offerto nelle attività svolte in sede).

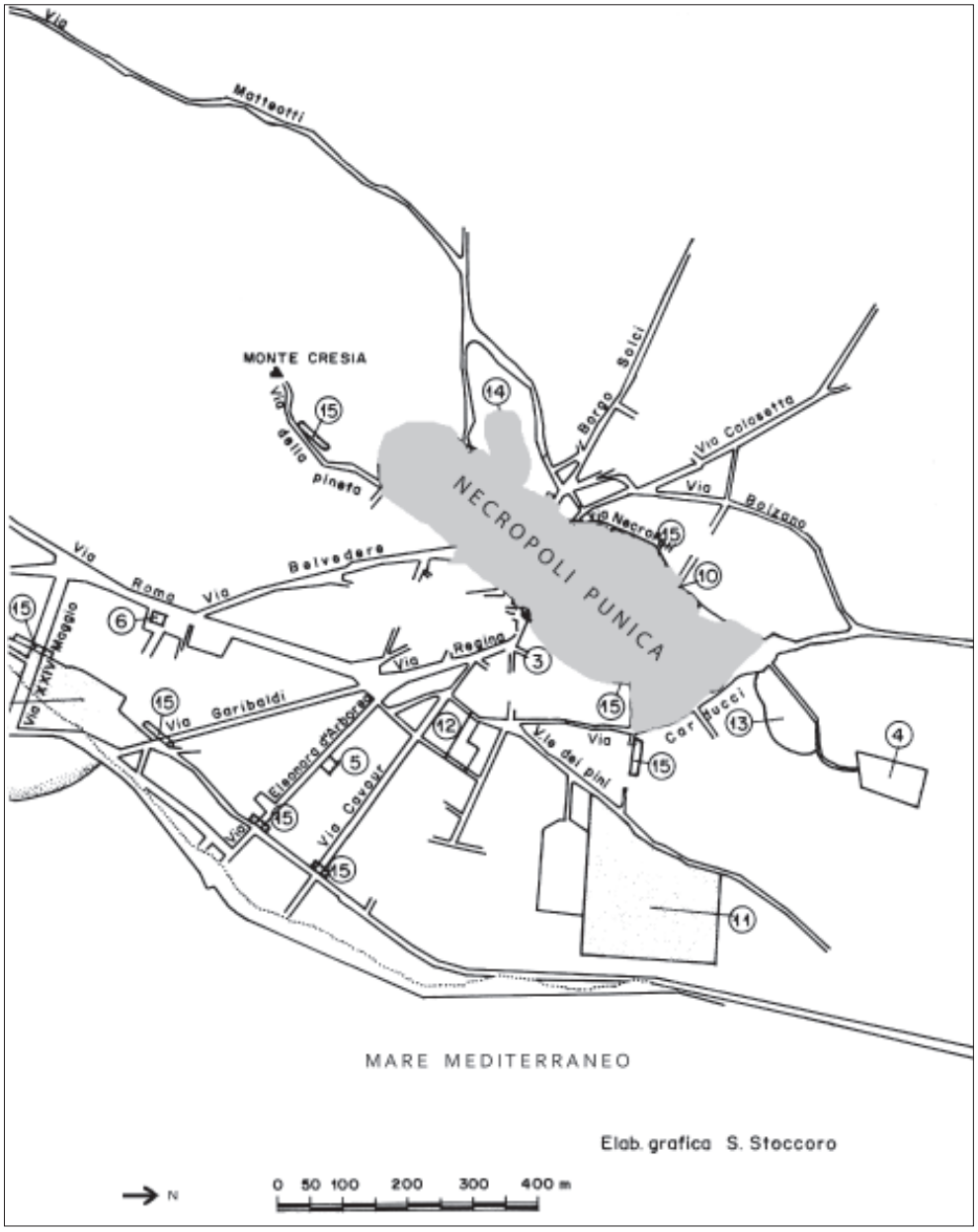


Fig. 1. Abitato odierno di S. Antioco (rielaborazione da Tronchetti, 1989, p. 17)

Il complesso necropolare, del tipo a camera ipogeica e con rituale a inumazione, si estende in un rilievo tufaceo solo parzialmente occupato dal centro urbano moderno (Bartoloni, 1989). Anticamente ubicato nella periferia settentrionale dell'abitato del "Cronicario", esso include varie decine di unità tombali, dotate di *dromos* d'accesso a piano inclinato e di camera rettangolare, databili tra la fine del VI e il IV sec. a.C. I confronti possibili per tale tipo architettonico sono numerosi e distribuiti in vario modo all'interno del Mediterraneo centrale e occidentale (in generale cf. Tejera Gaspar, 1979; sulla documentazione nord-africana, Bartoloni, 1973; Bénichou Safar, 1982; Ben Younès - Krandel, 1988; Fantar, 2002; per i confronti con altre necropoli di Sardegna, Bartoloni, 1981; Bartoloni - Tronchetti, 1981; Bartoloni, 2000a; Bartoloni, 2000b; per la documentazione siciliana, Tamburello, 1974; Tamburello, 1998; per l'area iberica, Ramos Sáinz, 1986).

Per caratteristiche fisiche e strutturali, sono distinguibili nella necropoli tre diverse sottoaree, vale a dire il Settore settentrionale, scavato quasi interamente (Bartoloni, 1989) [Fig. 2], il Settore occidentale, detto "Settore del Parco Geominerario" e per ora inedito, e quello meridionale o "Settore dell'Arena", anche noto con la sigla "AR" (dal nome della proprietaria del fondo terriero, sig.ra Agus Raffaella).

Proprio in quest'ultimo sono ubicate le due tombe inedite 10AR e 11AR, che costituiscono l'oggetto di analisi del suddetto studio e delle quali si darà, in questa sede, un primo inquadramento. In totale sono stati individuati nel settore dodici contesti tombali, dei quali al momento sono pubblicati solo alcuni, attraverso sia studi sulla tipologia architettonica e sui corredi funerari (Bartoloni, 1987; Tronchetti, 1990; Tronchetti, 2002), che considerazioni più critiche e a raggio allargato (per esempio sulle modalità di disposizione dei feretri e sull'analisi spaziale di alcuni contesti poli-deposizionali specifici: cf. Bernardini, 1997).

Fig. 2. Necropoli punica: veduta aerea del Settore Nord (per cortesia di P. Bernardini)

Elementi architettonici e ipotesi di seriazione

Le tombe 10 e 11AR presentano una cronologia di utilizzazione parzialmente differenziabile, la prima databile tra la fine del VI e il V sec. a.C. e la seconda tra la metà del V e gli inizi del IV secolo a.C. In entrambi i casi si tratta di sepolcri familiari, utilizzati nell'arco di più decenni mediante riaperture successive della camera. Dai dettagli morfo-architettonici dei due complessi non è dato sapere se siano stati inseriti più defunti in una sola volta, ovvero se si sia proceduto a singole aperture per ognuna delle inumazioni documentate, di cui restano frammenti fortemente decomposti che non è stato possibile analizzare. Entrambi i contesti si trovano nella metà settentrionale del settore, che ha subito lievi danneggiamenti durante la successiva età romana [Fig. 3].

La T.10AR è costituita da un lungo *dromos* a gradini e da una camera bipartita al centro da un tramezzo: il *dromos* presenta un'inclinazione mediamente accentuata e un doppio ordine di gradini (sulle varianti tipologiche in relazione al modulo di accesso, cf. Bartoloni, 1973b, p. 17-19; Bernardini, 1999, p. 141). Le pareti laterali sono spiombate con taglio netto e presentano un doppio paramento ricavato nella roccia. La camera ha planimetria trapezoidale irregolare (Bartoloni, 1973b, p. 20), con soffitto e pavimento livellati in modo mediamente accurato; il varco d'ingresso era sigillato da un portello monolitico, costituito da una lastra in tufo consolidata da una rinzeppatura esterna in pietre irregolari. Nonostante ciò, al momento dell'apertura è stata ritrovata una grande quantità di detriti, ammucchiati caoticamente in tutti gli ambienti.

La T.11AR presenta dimensioni maggiori: l'area e il volume complessivi sono quasi raddoppiati rispetto alla T.10. La situazione generale, data dall'articolazione architettonica e dalla disposizione delle componenti interne (inumazioni+corredi), è molto più complessa di quella del contesto 10 e per alcuni aspetti poco chiara. Il corridoio esterno è semplificato, stretto e lungo, e con un solo ordine di gradini (in tutto undici), che occupano più della metà della lunghezza totale e in larghezza tutta la superficie della scala. Esso è privo di svasatura e di cassettonatura alle pareti; misura in larghezza un valore costante di 0,40 m ca. e in lunghezza quasi 8 m. Lo scavo del *dromos* ha restituito pochi frammenti ceramici, mescolati al terriccio e alle schegge di tufo sbriciolato. La parte inferiore della scala è a risparmio, di forma quadrangolare, e presenta un piano orizzontale

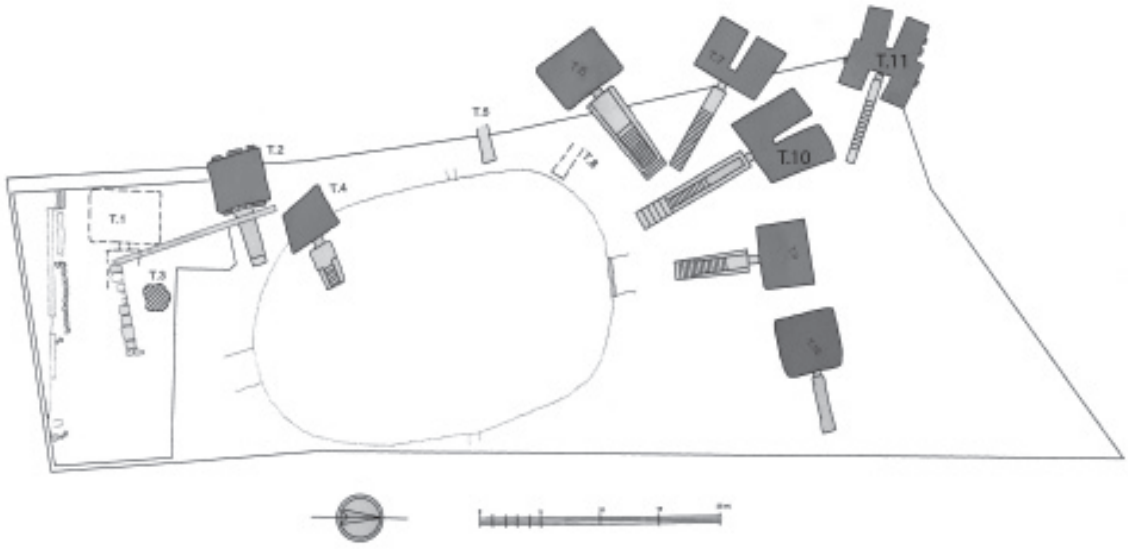


Fig. 3. Planimetria generale del Settore AR (rielaborazione da originale di F. Mereu)

che corre parallelo al pavimento dell'ipogeo. Anche in questo caso la porta del sepolcro era sigillata da una lastra tufacea, con rinzeppature laterali in argilla e in piccole pietre irregolari. Il corridoio a gradini immette in uno spazio di anticamera che è l'unico ad essere quasi sgombro, occupato da esemplari ceramici molto ridotti. Al momento dell'apertura, lo spazio interno era colmo di detriti, resti lignei e materiali ceramici eterogenei. La camera presenta soffitto orizzontale e pareti rettilinee, con nicchie di forma rettangolare nella parte medio-alta dei paramenti murari. Dallo spazio quadrangolare dell'anticamera si dipartono due ali distinte e tra loro quasi perfettamente simmetriche: ciascuna delle due fiancate è articolata in due sotto-ambienti di forma rettangolare allungata, all'interno dei quali sono variamente disposti i feretri e gli oggetti di accompagnamento.

La singolare planimetria "ad H" della camera è del tutto insolita in questo settore della necropoli ed è probabile che, inizialmente, essa presentasse lo schema che risulta ben attestato tra le tombe del Settore dell'Arena, vale a dire quello di un'unica camera divisa centralmente da un tramezzo irregolare. Gli ambienti laterali sul lato dell'ingresso sarebbero, in questo caso, allargamenti aggiunti in un secondo momento: la planimetria originaria della T.11 sarebbe stata cioè la stessa della T.10, di tipo trapezoidale e con il tramezzo centrale divisorio, prospiciente al varco d'entrata; è plausibile che, solo in un momento successivo al primo impianto, lo spazio camerale fosse sottoposto ad ampliamento, allargando lo spazio dell'anticamera e ricavando nella parete del corridoio due ambienti speculari, sebbene non perfettamente simmetrici, a N e a S della porta.

Da quanto finora emerso dalle componenti tecnico-costruttive analizzate, è evidente come, anche in riferimento ad una tipologia architettonica *standard* ritenuta paradigmatica di un versante culturale circoscritto e omogeneo, intervengano molteplici varianti a differenziare le singole unità tombali, anche all'interno di medesime aree, o sotto-aree, di uno stesso complesso cimiteriale. La panoramica offerta dal Settore Agus dimostra, in questo senso, l'impossibilità a individuare, seppure internamente a una porzione di territorio limitata, una definizione strutturale del tutto comune ed univoca.

L'analisi degli ipogei limitrofi alle tombe 10 e 11 (tombe nn. 6, 7, 9, 12) sembra suggerire per la T.10AR una tipologia architettonica intermedia tra le tombe nn. 6 e 9, da un lato, e le tombe nn. 7 e 11, dall'altro: essa esemplifica bene il passaggio da un *dromos* di tipo trapezoidale a uno di forma più regolare, a pianta rettangolare, conservativo del doppio ordine di gradini e della lavorazione "a cassettonatura" nelle pareti laterali. La camera è proporzionalmente più grande rispetto ai due contesti 6 e 9 ed è dotata del tramezzo divisorio centrale. Entrambi i due elementi (dimensioni maggiori e tramezzo centrale) ricorrono nelle tombe 7 e 11, a O e a NO della T.10. Un'esatta scansione cronologica delle diverse varianti non è al momento ipotizzabile, dato che quasi tutti i contesti coinvolti da questa analisi comparativa sono inediti. Tuttavia, si ipotizza per l'edificazione della T.10 una datazione intermedia tra i complessi tombali nn. 6 e 9 e quelli n. 7 e n 11, in un arco cronologico compreso la fine del VI e i primi decenni del V sec. a.C. Le tombe n. 7 e n. 11, più tarde, potrebbero invece risalire alla seconda metà del V secolo, almeno come momento costruttivo e prima fase di utilizzo dei sepolcri.

Analisi spaziale e considerazioni sui materiali archeologici

Per quanto riguarda lo spazio interno, si è cercato di verificare se le diverse componenti di ciascuna camera presentassero una collocazione casuale, o se rispondessero a principi di posizionamento e raggruppamento intenzionali. In questa direzione sarà verificata la possibilità di stabilire un criterio di associazione tra le distribuzioni, con l'obiettivo di definirne delimitazioni, concentrazioni e ampiezza.

All'interno della T.10 [Fig. 4], è possibile distinguere tre sotto-aree distinte: l'anticamera, compresa tra la porta d'entrata e il tramezzo centrale, e due ambienti, a O e a E del pilastro.

Nell'anticamera era presente solo un'anfora, appoggiata al pilastro, mentre negli ambienti laterali sono state ritrovate cinque deposizioni (nn. I-IV nel vano occidentale, con orientamento NE-SO; la n. V in quello orientale, con orientamento E-O), insieme a tutti gli oggetti dei corredi, ceramici e personali.

Fig. 4. Tomba 10AR: planimetria (rielaborazione da originale di F. Mereu)

A proposito dei contenitori funerari, i cassoni lignei furono ritrovati completamente disgregati: di essi si conservano solo frustuli, sparsi nel terreno in quantità abbondante, ed elementi metallici pertinenti al loro apparato di guarnizione e rifinitura (rinforzi angolari in piombo e coppiglie bronzee), oppure relativi a eventuali strumenti usati per il montaggio e la chiusura delle casse stesse. Va ricordato, infatti, che le basi in legno erano costituite da travi che venivano assemblate e montate soltanto dopo essere state introdotte singolarmente nella camera; la ricomposizione del contenitore funerario verisimilmente avveniva, quindi, in un secondo momento, mediante l'utilizzo di mortase, tenaglie e coppiglie bronzee (Bartoloni, 1989, p. 73-74). Dalla disposizione e dalla concentrazione dei resti ritrovati, è possibile desumere che i feretri lignei avessero forma rettangolare allungata, con lato maggiore di 2 m ca. e lato minore di 0,45-0,50 m.

Per quanto riguarda i corredi, nella T.10AR erano presenti quarantatré recipienti ceramici e pochi oggetti di altro tipo, vale a dire monili (una collana in polimaterico e uno scarabeo in osso, con incisione sulla base in caratteri geroglifici) e oggetti metallici (tre lingotti in piombo "a clessidra" e un'asta in ferro) [Fig. 5]. Le tipologie ceramiche più rappresentate sono anfore, brocche bilobate e brocche con orlo circolare espanso, tutte presenti con lo stesso numero di tredici esemplari ciascuna (per un inquadramento dei principali repertori di età punica, cf. Bartoloni, 1983). Sono presenti anche una *lekythos* attica a figure nere - reperto di fondamentale importanza per la cronologia del contesto (tipo "Cock Group", 525-480 a.C.: cf. Haspels, 1936, p. 67-68; Tronchetti, 2002, p. 145, 154) -, un *askos* di tipo ornitomorfo e due piatti ombelicati.

Fig. 5. Tomba 10AR: i corredi (Foto U. Virdis)

A proposito della distribuzione dei recipienti, è il vano orientale ad ospitarne la percentuale più alta, secondo una diffusione spaziale molto poco omogenea. Nonostante ciò, il contesto 10AR presenta una disposizione interna ordinata che ha permesso, almeno in alcuni casi specifici (deposizioni nn. I, V e forse IV), di ricostruire le possibili associazioni originarie con un buon margine di sicurezza.

Diverso è lo *status* spaziale della camera 11AR, molto più articolata e complessa. Il corridoio a gradini immette in uno spazio di anticamera che è l'unico a presentarsi quasi del tutto sgombro di materiali. Da questo spazio centrale si dipartono due ali distinte e tra loro quasi simmetriche: ciascuna delle due fiancate è articolata in due sotto-ambienti di forma rettangolare allungata, all'interno dei quali sono variamente collocati feretri e oggetti di corredo [Fig. 6].

Le sepolture sono numerose: si contano con sicurezza quindici individui, ai quali si può ipotizzare l'aggiunta di eventuali altri cinque. In totale sono presenti almeno sei deposizioni nel lato meridionale (nn. IV-VII, X-XI; ipotetiche: nn. VIII, IX), almeno nove in quello settentrionale (nn. XII-XV, XVII, XVIII-XXI; ipotetiche: nn. XVI, XXII, XXIII) e forse tre (nn. I-III) nello spazio centrale dell'anticamera.

Passando più da vicino ai due vani di fondo, prospicienti all'entrata, le delimitazioni tra i feretri sono poco chiare. È probabile che entrambi gli ambienti fossero occupati da cinque deposizioni, poste a distanza ravvicinata l'una dall'altra, ma rimangono resti evidenti di sole tre deposizioni per vano. Dando per acquisito che la parte arretrata dei due vani dovesse accogliere le sepolture più antiche della tomba, rimane dunque in dubbio la presenza di due individui anche nel vano settentrionale, disposti eventualmente in modo speculare rispetto a quelli del vano meridionale,vale a dire a ridosso della parete di fondo.

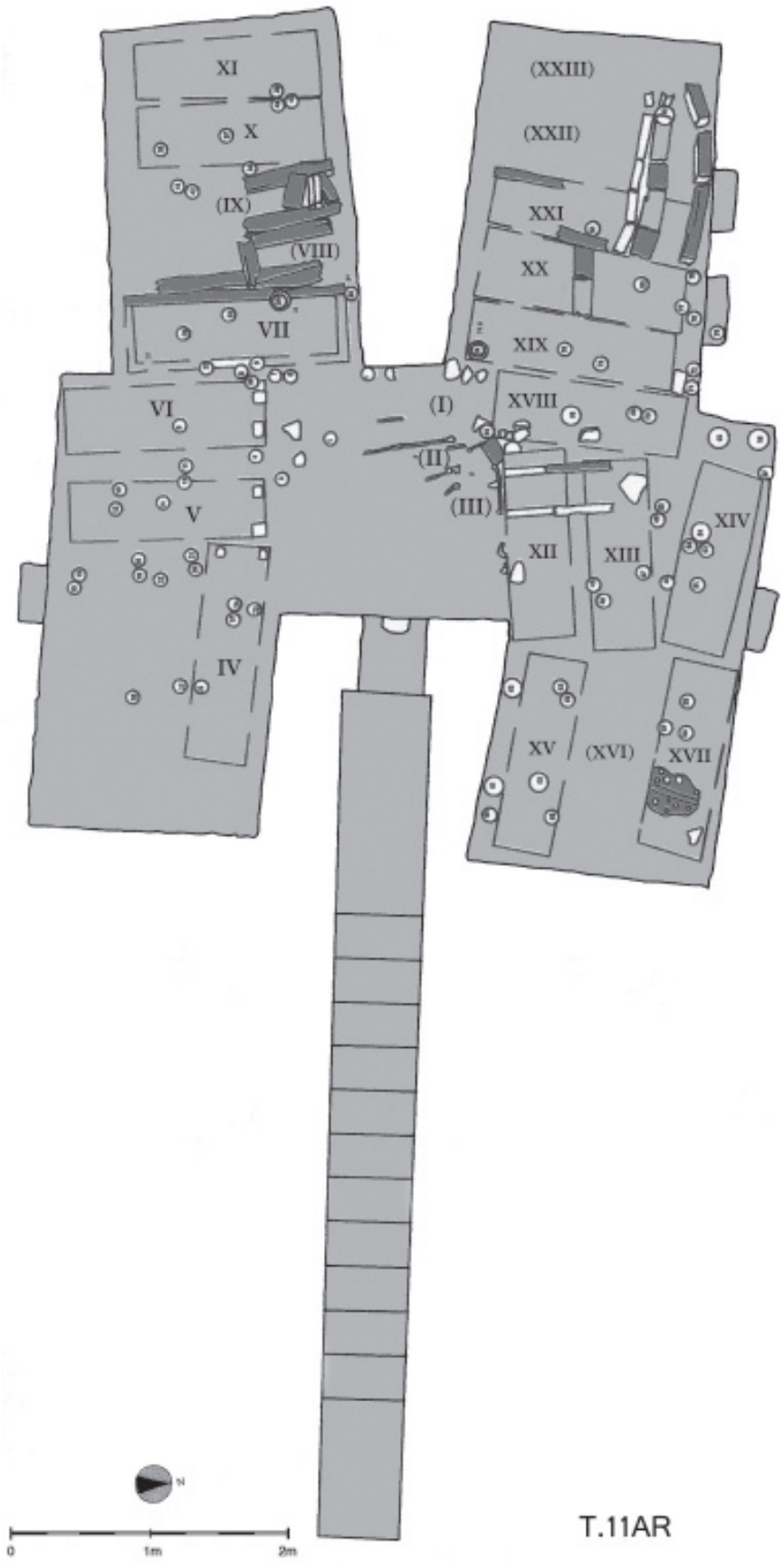


Fig. 6. Tomba 11AR: planimetria (rielaborazione da originale di F. Mereu)

Di seguito all'occupazione dei vani di fondo, si dovette procedere alla sistemazione degli ambienti in prossimità dell'entrata, immediatamente a S e a N del *dromos*, con la deposizione degli inumati nn. IV-VI, XV, XVII (dubbia la n. XVI) e, a seguire, le nn. XIV-XIII-XII, a N del varco d'entrata. In quest'ultima porzione della camera, quella cioè in cui il corridoio s'immette direttamente, è presente una sistemazione *sui generis*, con resti osteologici scarsi e quasi completamente consunti dall'acidità del terreno, dai quali, tuttavia, sembra presumibile la presenza di due, o al massimo tre, inumati (nn. I-III). La completa mancanza di frustuli lignei e di tracce - anche minime - di colorazione del terreno, collegabili a un'originaria presenza di legname nell'area, induce a ipotizzare che le modalità di deposizione in questa sotto-area fossero di altro tipo, probabilmente previo avvolgimento in semplici sudari in tessuto. La singolarità delle tre deposizioni nello spazio d'entrata è d'altronde confermata anche dalla mancanza di qualsiasi oggetto di corredo. In ogni caso, appare evidente che queste sepolture furono le ultime ad essere introdotte nella tomba.

Riguardo alla sistemazione dei corpi e al loro orientamento, le collocazioni sono di vario tipo: i feretri nei vani opposti all'ingresso sono disposti tutti in senso N-S, quelli nell'anticamera e negli ambienti rimanenti in senso E-O (almeno in prevalenza). Nel caso della deposizione n. VI, la presenza di un anello in ferro sembrerebbe indicare la disposizione del corpo con capo rivolto verso la parete esterna. Nello spazio occupato dalla deposizione n. IV, invece, è stata rilevata nel terreno un'accentuata presenza di colorante rosso, in corrispondenza del lato corto della cassa, orientato verso la parete di fondo. L'ipotesi di un trattamento rituale delle parti superiori del corpo, che indurrebbe a presupporre la disposizione del capo verso la parete di fondo, è per il momento solo un elemento di riflessione, qui proposto in via ipotetica.

Come elementi di corredo sono stati individuati in tutto ottantasei recipienti ceramici, disposti in modo molto più caotico rispetto alla T.10 e difficilmente raggruppabili in insiemi coerenti; erano presenti, inoltre, oggetti di ornamento personale: due collane con vaghi a stampo, in pasta silicea e in pasta vitrea, due anelli crinali in oro e bronzo e un anello in ferro [Fig. 7]. È stata rilevata una maggiore concentrazione di recipienti ceramici nei due vani paralleli al *dromos*, rispetto a quelli ritrovati nei vani opposti all'entrata. Le tipologie documentate sono anfore (35 esemplari),

Fig. 7. Tomba 11AR: i corredi (Foto U. Virdis)

brocche bilobate (24 esemplari.), brocche con orlo circolare espanso (8 esemplari) e - elemento di novità - orcioli di varie forme e dimensioni (17 esemplari), di cui uno in terra cruda. Sono inoltre presenti un'anforetta in terra cruda e una lucerna attica a vernice nera (databile alla metà del IV sec. a.C., cf. Howland, 1958, tipo 23c tipo 25a, p. 70-71; Rotroff, 1997, p. 495).

Sulla base di una regola combinatoria piuttosto scontata, secondo la quale gli orcioli ricorrono in associazione costante con l'anfora da cui attingono i liquidi, vanno rilevate alcune osservazioni ulteriori. In questa direzione la T.11 fornisce nuovi e interessanti elementi, che differenziano in modo sostanziale i due contesti qui analizzati. Nella T.10 esistevano principi combinatori costanti, vale a dire l'anfora sempre in coppia con se stessa (nn. 2-3, 5-6, 7-8, 30-31, 38-39) e brocche bilobate sempre associate a brocche con orlo circolare espanso (sicuramente i nn. 4-4a, 9-10, 11-12, 13-14; in via ipotetica: nn. 15-16, 19-20) [Fig. 4]. Nel caso della T.11, l'introduzione di una tipologia ceramica non attestata prima - gli orcioli - sembra stravolgere le regole di associazione suddette e il criterio di combinazione più evidente diventa anfora (o coppia di anfore)+orciolo, disposti a distanza molto ravvicinata, oppure l'uno dentro all'altra. Brocche bilobate e brocche con orlo circolare espanso non sono più in percentuale proporzionata tra loro, come avveniva nella T.10, e le seconde diminuiscono nettamente a favore delle prime. Tale fatto potrebbe testimoniare la corrispettiva diminuzione d'importanza, in sede funeraria e simbolica, dei recipienti "rituali", quelli cioè collegati alle operazioni della libagione e dell'aspersione rituale dei corpi, a favore invece di un'aumentata attenzione per i recipienti quali anfore e orcioli, collegati evidentemente all'ideologia del banchetto. Questi ultimi sarebbero dunque veicoli simbolici, in estrema sintesi, della riproposizione in sede funeraria del concetto -nonché valore - della convivialità solennizzata.

Bibliografia

Bartoloni, P. (1973) - Necropoli puniche della costa nord-orientale del Capo Bon. In AA. VV., *Prospezione archeologica al Capo Bon - I*. Collezione di Studi Fenici. 2. Roma: CNR. pp. 9-68.

Bartoloni, P. (1981) - Contributo alla cronologia delle necropoli fenicie e puniche di Sardegna. *Rivista di Studi Fenici*. 9 (Suppl.). Roma. pp. 13-29.

Bartoloni, P. (1983) - *Studi sulla ceramica fenicia e punica di Sardegna*. Collezione di Studi Fenici. 15. Roma: CNR.

Bartoloni, P. (1987) - La tomba 2 AR della necropoli di Sulci. *Rivista di Studi Fenici*. 15. Roma. pp. 57-73.

Bartoloni, P. (1989a) - *La necropoli di Bitia - I*. Roma: CNR (Collezione di Studi Fenici; 38).

Bartoloni, P. (1989b) - *Sulci*. Roma: Istituto Poligrafico della Zecca (Itinerari; 3).

Bartoloni, P. (2000a) - *La necropoli di Monte Sirai - I*. Collezione di Studi Fenici. 41. Roma: CNR.

Bartoloni, P. (2000b) - La necropoli di Tuvixeddu: tipologia e cronologia della ceramica. *Rivista di Studi Fenici*. 28. Roma. pp. 79-122.

Bartoloni, P. ; Tronchetti, C. (1981) - *La necropoli di Nora*. Collezione di Studi Fenici. 12. Roma: CNR.

Bénichou Safar, H. (1982) - *Les tombes puniques de Carthage. Topographie, structures, inscriptions et rites funéraires*. Paris: CNRS.

Ben Younès, H. ; Krandel, A. (1988) - Typologie des Tombeaux des Nécropoles Puniques en Pays Numide. *Reppal*. 4. Tunis. pp. 1-48.

Bernardini, P. (1990) - Abitato fenicio e necropoli punica di Sulci. Sant'Antioco. (Cagliari). *Bollettino di Archeologia*. 3. Roma. pp. 152-153.

Bernardini, P. (1999) - Sistemazione dei feretri e dei corredi nelle tombe puniche: tre esempi da Sulci. *Rivista di Studi Fenici*. 27. Roma. pp. 133-146.

Fantar, M. (2002) - *Recherches sur l'architecture funéraire punique du Cap Bon*. Collezione di Studi Fenici. 42. Roma: CNR.

Haspels, C. H. E. (1936) - *Attic Black-figured Lekythoi*. Paris.

Howland, R. H. (1958) - *Greek Lamps and Their Survivals*. Athenian Agora. 4. Princeton.

Ramos Sáinz, M. L. (1986) - *Estudio sobre el ritual funerario en las nécropolis fenicias y púnicas de la Península Ibérica*. Madrid.

Rotroff, S. (1997) - *Hellenistic Pottery. Athenian and Imported Whellmade Table Ware and Related Materials*. Athenian Agorà. 29. Princeton.

Tamburello, I. (1974) - Palermo: osservazioni sulla necropoli punica. *Kokalos*. 20. Roma: Università di Palermo (Istituto di Storia antica). pp. 152-161.

Tamburello, I. (1998) - Panormos. La necropoli. Osservazioni sui corredi funerari. In *Palermo punica (Catalogo della mostra)*. Palermo. pp. 119-126.

Tejera Gaspar, A. (1979) - *Las tumbas fenicias y púnicas del Mediterráneo Occidental (Estudio Tipológico)*. Sevilla: Universidad de Sevilla (Instituto de Estudios Onubenses "Padre Marchena").

Tronchetti, C. (1989) - *S. Antioco*. Sardegna Archeologica. Guide e Itinerari. 12. Sassari.

Tronchetti, C. (1990) - La tomba 6A della necropoli punica di Sulci. Sant'Antioco (Cagliari). *Bollettino di Archeologia*. 3. Roma. pp. 152-153.

Tronchetti, C. (2002) - La tomba 12 AR della necropoli punica di Sant'Antioco. *Quaderni della Soprintendenza Archeologica per le Provincie di Cagliari e Oristano*. 19. Cagliari. pp. 143-171.

UNA TOMBA A CASSONE LITICO DI ETÀ PUNICA DAL TERRITORIO DI S. SPERATE-BIA DE DEXIMU BECCIA (CAGLIARI-SARDEGNA) *

Maurizia Canepa
Consuelo Cossu

Riassunto

Nel presente contributo vengono esposti i dati emersi in seguito all'intervento archeologico d'urgenza riguardante una tomba a cassone litico di età punica scoperta nelle campagne di San Sperate, paese presso Cagliari (Sardegna) nel corso di alcuni lavori agricoli. Lo scavo della sepoltura ha evidenziato i resti scheletrici di un inumato adulto accompagnato da un corredo funerario composto sia da manufatti ceramici, offerti al momento della deposizione, sia da oggetti personali verosimilmente appartenuti al defunto durante la vita.

Il rinvenimento di questa nuova sepoltura e del relativo corredo, in una località già nota come area sepolcrale, aggiunge un nuovo tassello alla conoscenza delle tipologie tombali e dei rituali funerari diffusi nell'isola tra V e III secolo a. C. offrendo altresì, a livello materiale, un'ulteriore conferma della capillare presenza punica nelle zone rurali della Sardegna meridionale.

Resumen

En el presente trabajo se exponen los datos obtenidos después de la intervención arqueológica de urgencia en una tumba, de tipología a cajon lítico, que se remonta a edad punica, descubierta en el campo de San Sperate, pueblo cerca de Cagliari (Cerdeña), durante unos trabajos agrícolas. La excavación de la tumba reveló los restos de una inhumación relativa a un individuo adulto acompañado de vajilla de barro cocido, ofrecida en el momento de la deposición, junto a objetos personales que, probablemente, pertenecían al difunto durante la vida.

El descubrimiento de esta nueva sepultura y del ajuar relacionado, en un lugar ya conocido como área de enterramiento, añade otro elemento al conocimiento de los tipos de tumbas y rituales funerarios utilizados en la isla entre los siglos V y III a. C., además, en la materia, confirma la amplia presencia púnica en las áreas rurales del sur de Cerdeña.

---

* Trabalho ampliado e revisto, originalmente apresentado como poster

La tomba, individuata fortuitamente nel 2000 durante alcuni lavori agricoli che prevedevano l'espianto di un agrumeto e la successiva messa a dimora di piante di pesco, è ubicata in agro di San Sperate, centro urbano a circa 28 Km a Nord-Ovest di Cagliari, in località *Bia de Deximu Beccia* già nota per il rinvenimento di alcune sepolture riconducibili a età punica (Vivanet 1879, pp. 161-163; Fois 1964, pp. 107-119).

Lo scavo d'urgenza ha consentito di mettere in luce, a circa 70 cm di profondità dal piano di campagna, una lastra in arenaria con cementificazioni calcaree, di colore giallo-verdastro, pertinente alla copertura di una sepoltura a sarcofago. Tale lastra (m 2,50x 0,90; spessore cm 16), fortemente danneggiata nella parte centrale a causa di una grossa radice, appariva ancora *in situ* sopra il cassone, sostenuta, per assicurarne maggiore stabilità, lungo i lati Est e Sud da lastrine in calcare legate con malta di fango, mentre una lastra di maggiori dimensioni (m 0,35 x 0,86) le si addossava sul lato Nord (Tav. I, figg. 1-2). Al di sotto della copertura, la sepoltura si presentava costituita da un cassone rettangolare (m 2,58 x 0,82, spessore cm 15, profondità circa m 1), scavato in un unico blocco di arenaria con il fondo e le pareti interne lavorate a martellina, orientato Nord/Nord-Ovest Sud/Sud-Est.

L'interno del cassone era coperto da uno strato di terra d'infiltrazione, argillosa e poco compatta, da cui emergevano, in prossimità della parte centro-settentrionale, alcuni elementi del corredo funerario (Tav. I, fig. 4). Il resto del corredo è stato rinvenuto sul fondo del cassone deposto vicino alla testa del defunto, inumato e adagiato in posizione supina con il capo rivolto a Nord-Ovest. (Tav. I, fig. 3).

I resti scheletrici, pertinenti a un individuo adulto, apparivano in pessimo stato di conservazione a causa delle infiltrazioni d'acqua e dell'umidità del terreno. Ad eccezione delle ossa lunghe (femori e tibie), lo scheletro non si presentava in connessione anatomica probabilmente per la caduta, all'interno del cassone, di grosse scaglie di arenaria dalla lastra di copertura.

M.C. - C.C.

Il corredo funerario

Il corredo che accompagnava il defunto è composto da otto oggetti relativi sia a manufatti legati all'ornamento della persona appartenuti, verosimilmente, al defunto, sia ceramici offerti al momento della deposizione.(Tav. II, fig. 1).

Il repertorio vascolare, si compone di cinque oggetti pertinenti a forme aperte e a forme chiuse.

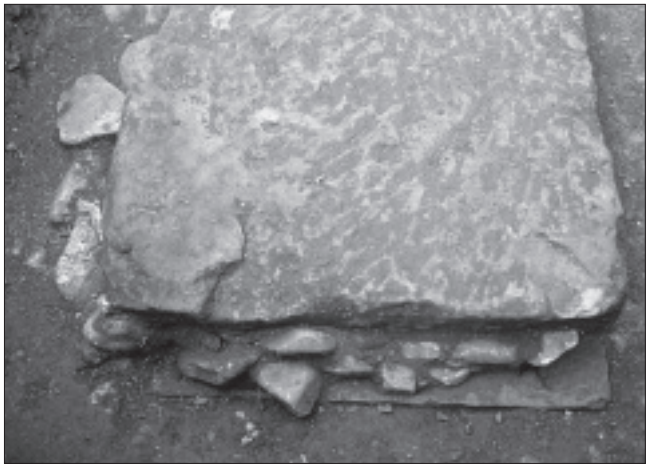
1. *Brocca con orlo trilobato*, collo cilindrico, spalla arrotondata, corpo ovoidale, fondo leggermente concavo e umbonato. Ansa a nastro lievemente sopraelevata all'attacco sull'orlo con imposta sulla spalla.

La superficie esterna, di colore *beige*, è decorata da un motivo a bande orizzontali, realizzate con pittura di colore rosso-bruno, distribuite su varie parti del manufatto: una linea appena sotto il collo, una banda riquadrata da due linee sulla spalla, una banda unica nei 2/3 inferiori. Una linea verticale corre invece lungo la parte centrale dell'ansa.

Integra. Dimensioni: h. cm 24,8; diam. orlo cm 9; diam. fondo cm 8.

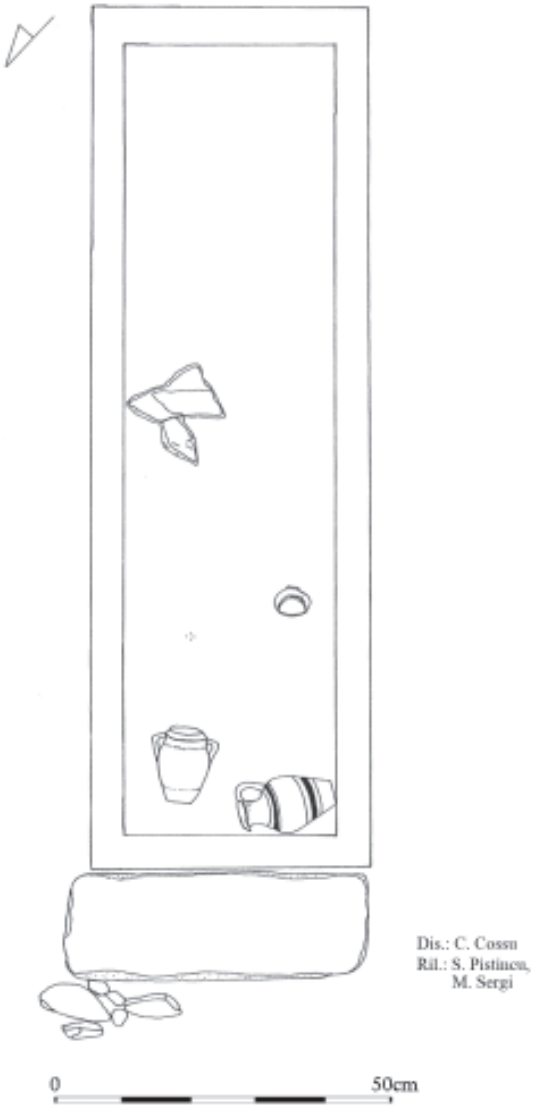
Il manufatto trova stringenti analogie, dal punto di vista morfologico e decorativo, con esemplari ben attestati, in numerose necropoli puniche del Mediterraneo, già da età arcaica (Bartoloni 2000, p. 98; Fernández-Costa 1998, pp. 28-29, fig. 2). In ambiente insulare confronti puntuali sono offerti da oggetti consimili, inquadrabili cronologicamente tra il V e il IV secolo a. C., provenienti dall'areale Tharrense (Mannea 1998, pp. 280-281, n. 9, tav. IX; Stiglitz 2002, pp. 134, 141, tav. II, 2), dalla necropoli di Tuvixeddu a Karales (Bartoloni 2000, pp. 98, 101, n. 44) e dallo stesso centro di S. Sperate (Bartoloni 1967, p. 136. tav. LXIV, 13).

1



2

3



4

Tav. I. S. Sperate; fig. 1. sepoltura a cassone litico-particolare della lastra di copertura; fig. 2. particolare delle rinzeppature della lastra; fig. 3. inumato e corredo funerario; fig. 4. planimetria della tomba

2. *Olla con spalla carenata*, acroma, orlo lievemente arrotondato e segnato da una solcatura, corpo leggermente ovoide che tende a rastremarsi verso il basso, anse a orecchio con attacco appena sopra la carena, fondo piatto. Superficie esterna di colore *beige*.

Integra. Dimensioni: h. cm 21; diam. orlo cm 11,5; diam. fondo cm 7.

Il tipo in esame trova puntuali confronti con esemplari provenienti dalla necropoli di Tuvixeddu riconducibili cronologicamente al V-IV sec. a.C. (Bartoloni 2000, pp. 108, 110, n. 61) e ugualmente ben attestati in tutto il Mediterraneo occidentale (Fernández-Costa 1998, p. 36, fig. 17).

3. *Piatto* con ombelico cavo centrale, orlo dritto, piede distinto, lievemente rigonfio, fondo leggermente umbonato. Ceramica comune di colore *beige* rosato. Sulla superficie interna residuano tracce di pittura rosso-bruna apprezzabili lungo il bordo, nella parte centrale e all'interno dell'ombelicatura.

Quasi integro, presenta qualche abrasione sul bordo. Dimensioni: h. cm 2,5: largh. cm 18; diam. ombelicatura cm 3,9; diam. fondo cm 8,3.

Le peculiarità morfologiche del manufatto trovano riscontro in analoghi esemplari rinvenuti nella necropoli di Tuvixeddu databili tra la fine del V e gli inizi del IV secolo a. C.

4. *Coppetta* con orlo rientrante, acroma, piede ad anello, fondo piatto. Ceramica comune, superficie esterna di colore *beige*, molto depurata, talcosa.

Integra. Dimensioni: h. 4,5; diam. orlo cm 9,5; diam. fondo cm 6,9.

Sulla base delle caratteristiche morfologiche il tipo in esame, per il quale esistono attestazioni già dalla metà dell'VIII sec. a. C. con una salda presenza almeno fino alla tarda età ellenistica, trova, in ambito insulare, stringenti confronti con esemplari consimili provenienti da Tuvixeddu (Bartoloni 2000, p. 87-88, fig. 2, n. 17) e Monte Sirai (Campanella 1999, pp. 60-62, figg. 9-10).

5. *Lucerna monolicne* in ceramica a vernice nera con pareti curve e tubo centrale. Orlo lievemente introflesso, piede leggermente rilevato e fondo arrotondato. La vernice, parzialmente deteriorata, ricopre la superficie interna, parte del tubo, il beccuccio e il corpo, risparmiando il piede, il fondo e la fascia lungo l'orlo. Frammentata in tre parti combacianti.

Dimensioni: h. cm 2; lungh. max. cm 9,2; diam. cm 5,5; diam. fondo cm 5,6.

La lucerna, di probabile fabbricazione attica, sembra potersi riferire al tipo 22 B dell'Agorà di Atene databile tra il secondo quarto del V secolo a.C e il 410 a.C circa (Howland 1958, pp. 53-54, tavv. 7, 35, n. 198).

Agli oggetti strettamente personali appartengono invece uno scarabeo in diaspro verde e una coppia di orecchini aurei. Lo scarabeo e uno dei due orecchini sono stati restituiti dalla grigliatura della terra contenuta nel cassone mentre l'altro orecchino era contenuto all'interno della coppetta.

6. *Scarabeo* privo di appiccagnolo, con foro passante longitudinale. Presenta un dorso ben lisciato che offre maggiore risalto alle elitre e alle zampine incise in numero di tre per lato. Il verso mostra una scena orizzontale, riquadrata da una sottile linea continua, entro cui è incisa la figura di un cavaliere elmato, seduto su un cavallo, nell'atto di galoppare da sinistra verso destra. (Tav. II, fig. 2).

Una frattura longitudinale divide l'oggetto in due parti perfettamente combacianti.

Dimensioni: lungh. cm 1,03; largh. cm 0,9; spess. 0,7.

Materiale: diaspro verde.

Tecnica: incisione.

1

2

Tav. II. S. Sperate; fig. 1. particolare del corredo funerario; fig. 2. scarabeo in diaspro verde

Le rappresentazioni di cavalieri a cavallo anche in diversificate varianti risultano ben attestate negli scarabei di tipo non egittizzante, diffusi in ambiente punico nel mediterraneo centro-occidentale e orientale (Quattrocchi Pisano 1996, pp. 917-924).

Sia per il motivo iconografico che per il materiale utilizzato, lo scarabeo in esame trova puntuali confronti con esemplari, datati tra la fine del V e gli inizi del IV secolo a. C., provenienti dalla Penisola Iberica, precisamente da Ampurias (Padrò Parcerisa 1974, pp. 113-125) dalla necropoli di Puig des Molins-Ibiza (Fernàndez 1992, p. 259, n. 781) e da Gorham's Cave-Gibilterra (Culican 1972, p. 114, 135, fig. 3, n. XXI). La figura del cavaliere a cavallo, ricorrente negli scarabei suddetti è stata interpretata come relativa a una divinità equestre, conosciuta nel mondo punico, ma non ancora esattamente identificata (Blàzquez 1966 pp. 101-103, tav. I).

Un motivo iconografico similare è presente inoltre su una matrice fittile trovata a Utica all'interno di una sepoltura a fossa ascrivibile cronologicamente al VI secolo a.C. (Cintas 1950, p. 56, fig. 22).

C.C.

7-8. *Coppia di orecchini* costituiti da un corpo unico circolare e nastriforme, che nella parte inferiore si sovrappone e si assottiglia fino a ridursi a due sottili filamenti attorcigliantisi a spirale sul corpo medesimo, simmetricamente.

Integri. Dimensioni: diam. cm 1,1/1,2; peso grammi 1,57 ciascuno.

Metallo: oro giallo.

Tecnica di lavorazione: laminazione, trafilatura.

I due gioielli assolutamente simili, anzi gemelli, rinvenuti in ottimo stato di conservazione all'interno del cassone litico, come esemplari dell'artigianato punico trovano confronti, in ambito sardo, con analoghi ritrovamenti dalla necropoli di Tharros-S. Giovanni di Sinis che G. Quattrocchi Pisano classifica come tipo V b (Quattrocchi Pisano 1974, p. 84, tav. V, 71). Un puntuale confronto, ugualmente proveniente dal territorio Tharrense, è offerto da alcuni esemplari della Collezione Spano donata al Museo di Cagliari nel 1893 (Spano 1860, p. 7, n. 34).

Per tipologia, dimensioni e peso, inoltre, gli orecchini in esame trovano stringenti analogie con una coppia di orecchini appartenente alla Collezione Castagnino acquistata dal Museo di Cagliari nel 1883.

Anche dai vecchi scavi nella necropoli di Sant'Avendrace-Tuvixeddu a Karales, provengono analoghi gioielli (Elena 1868, tav. IV, fig. 14), (Taramelli 1912, p. 100, fig. 45), alcuni realizzati completamente in oro e non costituiti da un'anima di altro metallo, per lo più bronzo o argento, il cui utilizzo risultava assai più frequente (Puglisi 1942, p. 97 nn. 3-4; p. 98, n. 3).

Se, come detto, i nostri esemplari trovano confronto, in Sardegna con tipi simili provenienti prevalentemente dai siti di Tharros e Karales, in area mediterranea centro-occidentale tale tipologia si può raffrontare con i ritrovamenti di Cartagine (Cintas 1976, Tav. LXXVIII, n. 4).

Per quanto riguarda l'inquadramento cronologico dei gioielli bisogna sempre tenere presenti i fenomeni della permanenza nel tempo di motivi e forme, che scompaiono e riappaiono con il variare delle mode e delle esigenze politico-economiche. Se tale fenomeno può essere valido in generale, è ancora più possibile in riferimento alla Sardegna, ove le persistenze sono più tenaci che altrove; inoltre per i gioielli come per le monete, soprattutto se in metallo prezioso, si può pensare ad una sorta di "tesaurizzazione" il cui valore rimane inalterato nel tempo. Nel caso specifico, trattandosi di oggetti rinvenuti in un preciso contesto, e non avendo subito la sepoltura manomissioni, né riutilizzazioni in periodi successivi, come si è verificato in altri siti ad esempio nella Necropoli punico-romana di Monte Luna a Senorbì-Cagliari (Costa 1983, pp. 741-749), si ritiene di poter proporre una datazione in un periodo compreso tra il V ed il III sec. a.C.

M.C.

Considerazioni conclusive

Il rinvenimento della sepoltura in esame e del relativo corredo in una località già nota come area funeraria aggiunge un ulteriore tassello a conferma dell'importanza del centro di S. Sperate in età punica.

Oltre alla necropoli di *Bia de Deximu Beccia* vanno ricordate infatti anche le altre tre aree funerarie ubicate, una alla periferia e le restanti all'interno dell'attuale paese (Ugas 1993, pp. 57-69; Bartoloni 1967, pp. 127-143), le quali si configurano come "indicatori primari" di uno o, con maggiore probabilità, di più insediamenti rurali, distribuiti sul territorio, occupati da genti puniche o punicizzate.

Inoltre la presenza del sarcofago in una località che, già in anni precedenti, ha restituito unicamente analoghe tipologie tombali pone il problema relativo, da un lato, alla reale estensione

dell'area funeraria di *Bia de Deximu Beccia*, dall'altro all' esistenza, all'interno della stessa, di precisi e conchiusi spazi destinati a sepolture consimili, la distribuzione o accorpamento delle quali potrebbe dipendere da differenze di tipo sociale, economico o di età.

Dall'analisi del materiale mobile che costituisce il corredo funerario, la tomba può essere inquadrata cronologicamente tra il V e il IV secolo a. C. con una probabile estensione all'inizio del III secolo a.C. La presenza di manufatti di pregio, verosimilmente d'importazione, quali la lucerna e gli oggetti legati all'ornamento della persona sembrano inoltre confermare, per il periodo, l'intensità degli scambi culturali in ambiente punico, anche in aree distanti dai maggiori centri urbani (Cossu-Garau, 2003, pp. 26-30).

I dati acquisiti, seppure parziali, offrono altresì, a livello materiale, un'ulteriore conferma della capillare presenza punica nelle aree rurali della Sardegna meridionale a partire dal V secolo a. C. con una maggiore diffusione nei secoli successivi.

C.C.

Bibliografia

(aggiornata al 2005)

Bartoloni, P. (1967) - La necropoli di S. Sperate. In *Monte Sirai IV.* Roma. pp. 127-143.

Bartoloni, P. (2000) - La necropoli di Tuvixeddu. *Rivista Studi Fenici* (RStFen). XXVIII, 1. pp. 79-122.

Blàzquez, J. M. (1966) - Dios jinetes punicos sobre disco de Ibiza. *Zephyrus*. XVII. Salamanca. pp. 100-103.

Campanella, L. (1999) - *Ceramica punica di età ellenistica da Monte Sirai*. CSF. 39. Roma.

Cintas, P. (1950) - Deux campagnes de fouilles a Utique. In *Karthago* I-II.

Cintas, P. (1976) - *Manuel d'Archeologie Punique II. La civilisation Carthaginoise. Lés réalisations matérialles*. Paris.

Cossu, C.; Garau, E. (2003) - Complessità rituali e ideologia funeraria punica nella necropoli di Su Fraigu (Serramanna-Ca). *Quaderni della Soprintendenza Archeologica per le province di Cagliari e Oristano*. 20. pp. 17-46.

Costa, A. M. (1983) - Monte Luna: una necropoli punica di età ellenistica. *In Atti del I Congresso Internazionale di studi Fenici e Punici (Roma, 5-10 Novembre 1979)*. pp. 741-749.

Culican, W. (1972) - Phoenician remains from Gibraltar. *Australian Journal of Biblical Archaeology*. I, 1. pp. 110-145.

Elena, F. (1868) - *Scavi nella Necropoli Occidentale di Cagliari*. Cagliari.

Fernàndez, J. H. (1992) - *Excavaciones en la necrópolis del Puig des Molins (Eivissa)* I. Eivissa.

Fernàndez, J. H.; Costa, B. (1998) - *La cerámica común púnico-ebusitana: precisiones tipológicas y cronológicas sobre algunas formas cerradas*. In *Miscelánea de arquelogía ebusitana I*. TMAEF. 42. Eivissa. pp. 23-81.

Fois, F. (1964) - *I ponti romani della Sardegna*. Cagliari.

Howland, R. H. (1958) - *Greek lamps and their survaivals.* The Athenian Agora, vol. IV. Princeton.

Mannea, P. (1998) - Fittili vascolari punici in collezione privata. In *La ceramica nel Sinis dal neolitico ai giorni nostri, Atti del II convegno di studi (Oristano-Cabras 25-26-Ottobre 1996)*. Cagliari. pp. 255-309.

Padrò Parcerisa, J. (1974) - Los escarabeos de Empórion. In *Miscelànea Arqueólogica. XXV Anniversario de los Cursos Internacionales de Preistoria y Arqueología en Ampurias (1947-1971)*. Barcelona. pp. 113-125.

Puglisi, S. (1942) - Scavi nella necropoli punica ad inumazione a S. Avendrace. *Notizie Scavi 1942.* VIII, 3.

Quattrocchi Pisano, G. (1974) - *I Gioielli fenici di Tharros nel Museo Nazionale di Cagliari*. Roma.

Quattrocchi Pisano, G. (1996) - Alle soglie della classicità. In *Studi in onore di S. Moscati*. II. Roma. pp. 917-924.

Spano, G. (1860) - *Catalogo della Raccolta Archeologica Sarda del Canonico Giovanni Spano, da lui donata al Museo d'Antichità di Cagliari*. I. Cagliari.

Stiglitz, A. (2002) - Serra Santu Martinu: una tomba punica dal Sinis settentrionale (Riola Sardo-Oristano). Contributo per un atlante degli insediamenti rurali fenicio-punici dell'area Tharrense-1. *Quaderni della Soprintendenza Archeologica di Cagliari e Oristano*. 19. pp. 133-141.

Taramelli (1992) - La necropoli punica di Predio Ibba a S. Avendrace, Cagliari (Scavi del 1908). In *Monumenti Antichi (MonAnt.)*. XXI. pp. 100, fig. 45.

Ugas, G. (1993) - *S. Sperate. Dalle origini ai baroni*. Cagliari.

Vivanet, F. (1879) - S. Sperate: sepolture antiche fuori dall'abitato. *Notizie Scavi 1879*. pp. 161-163.

UNA FOSA DE CREMACIÓN DE LA NECRÓPOLIS DEL PUIG DES MOLINS (EIVISSA)

Ana Mezquida
Jordi. H. Fernández
Benjamí Costa

Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera

Resumen

En la campaña de excavaciones del año 2000 en la necrópolis del Puig des Molins (Eivissa, Islas Baleares), se produjo, entre otros, el hallazgo de una fosa de cremación cavada n la roca y fechada a fines del siglo V a.C., conteniendo el enterramiento de un individuo infantil de muy corta edad. Este enterramiento permite plantear con nuevos argumentos la perduración de la cremación durante la época púnica, en convivencia con la inhumación. E, igualmente, la no segregación en un espacio funerario distinto de los individuos menores de cinco años. El análisis de la sepultura y de su contenido permite, igualmente, algunas consideraciones sobre todo el proceso funerario: cremación, deposición en la tumba y un rito posiblemente libatorio el cierre de la sepultura.

Abstract

In the season of excavations of the year 2000, a cremation burial of a baby with few month of age, deposited inside a rectangular pit hewn into the rock and dated back e the 5th century B.C., were discovered at he necropolis of Puig des Molins (Eivissa, Balearic Islands). This burial allow us to state with new arguments the subsistence of cremation in the Punic period, coexisting with inhumation. And also, the inexistence of segregation in a different funerary space of individuals less than 5 years old. The analysis of the grave and its content allow, in the same way, to put forward some considerations about the funerary process: cremation, deposition inside the pit of the funerary remains and a rie probably with a libation character at the final closing of the grave.

1. Introducción

El presente artículo tiene como objetivo dar a conocer una fosa aparecida en las excavaciones realizadas durante el año 2000 en la necrópolis del *Puig des Molins*. Los trabajos, que se realizaron bajo la dirección de J.H. Fernández y Ana Mezquida, se desarrollaron en el sector denominado A/B, que se encuentra ubicado en la parte baja de la colina, junto al edificio del Museo, entre el 25 de octubre y el 15 de noviembre.

2. Descripción de la sepultura

El enterramiento de cremación objeto de este estudio (cremación nº 6), apareció en el interior de una fosa tallada en la roca, que se localizó en la cuadrícula 7 B. Era de planta rectangular, algo irregular, con los extremos redondeados, siendo sus medidas 1,63 m de largo, 0,76 m de ancho en el lado Sur y 0,60 m en su extremo Norte, y su orientación Norte–Sur. Las paredes Este y Oeste no están talladas de forma bien rectilínea, ni tampoco el fondo de la misma, donde se mantienen las irregularidades de la roca, con un marcado escalón que hace que la profundidad máxima, en el lado Sur, sea de 0,60 m, y de 0,30 m en el Norte.

La fosa se encontraba cubierta por una gruesa capa de piedras de tamaño mediano y grande entre las cuales se encontró el material cerámico: un cuenco y un jarrito rotos. Una vez excavada esta primera capa de piedras, se localizaron unos restos óseos muy fragmentados, de color blanco mate, correspondientes a la cremación de un cadáver humano. Éstos se encontraban dispuestos junto a la pared Oeste de la fosa, ocupando una superficie de forma más o menos ovalada, de 0,38 m de ancho por 0,60 m de largo, y un grosor aproximado de 5 cm. Además de los huesos quemados, había carbones y algunas piedras quemadas. Una vez excavada la cremación, por debajo de ello se documentó un estrato de tierra roja arcillosa, con algunas piedras de pequeño tamaño, carbón y algún minúsculo fragmento cerámico muy rodado. (Lámina 2).

3. Descripción del material[1]

1. Jarrito de boca circular, borde exvasado y labio redondeado. Asa sobreelevada por encima del borde que se ha perdido, conservando sólo los arranques inferior y superior. Cuerpo piriforme, con el diámetro máximo en el tercio inferior de la panza. Está muy fragmentado. Pasta homogénea, de color anaranjado fuerte con gránulos de cal de tamaño medio y mica. No presenta decoración (Lámina 1, nº 1).

Nº inventario: 10011/93.

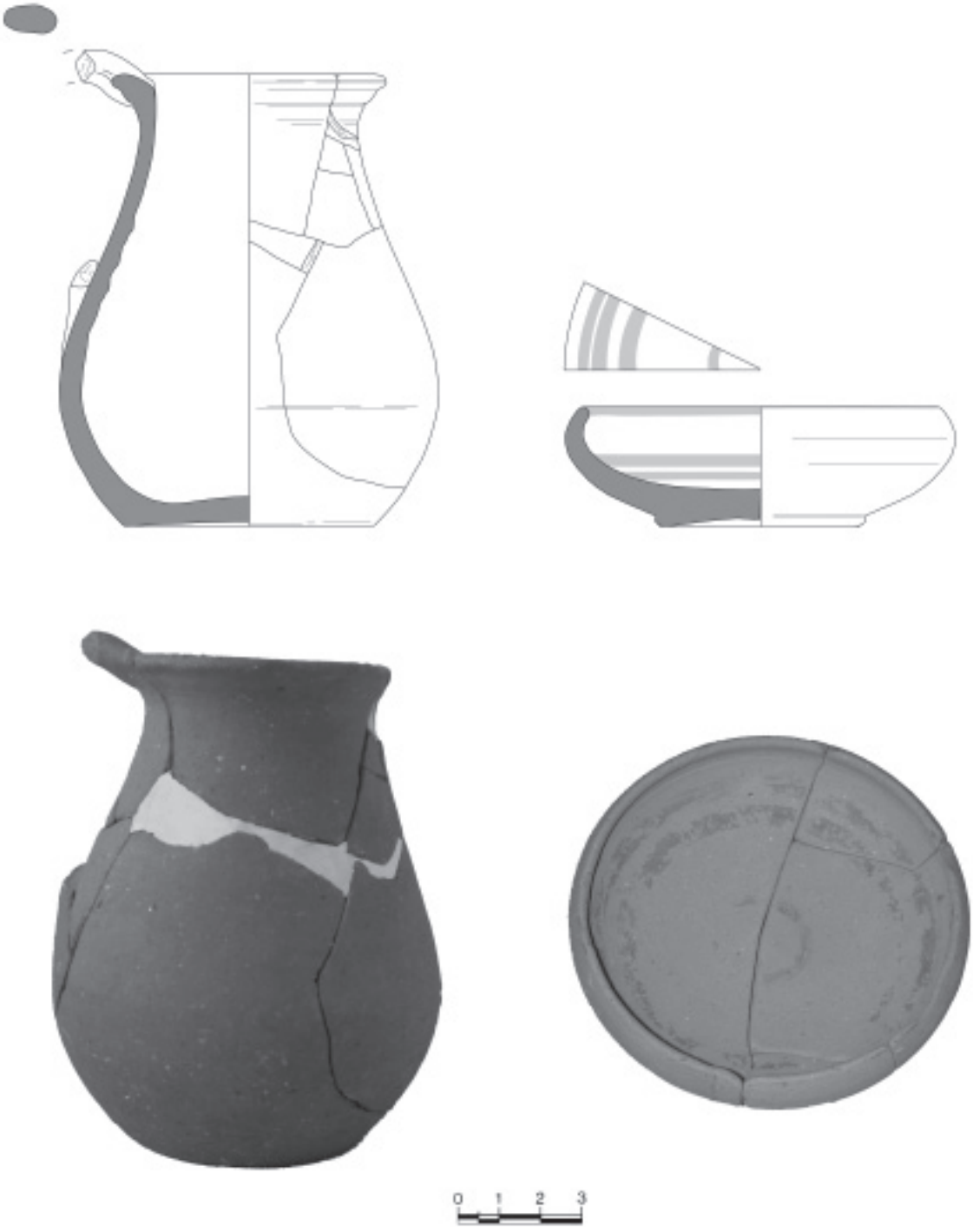
Dimensiones: diámetro de la boca 6,7 cm; diámetro máximo 9,4 cm; altura total (con asa)11,7cm; diámetro de la base 6 cm.

2. Cuenco de pequeñas dimensiones con el labio redondeado y borde entrante. Base ligeramente rehundida y pie diferenciado. Pasta de color ocre anaranjado, bastante homogénea y regular, con puntos de mica y cal. Presenta decoración pintada en el interior, en tono rojo vinoso, a base de círculos concéntricos, dos en las paredes y uno en el fondo. Se conserva entero pero fragmentado (Lámina 1, nº 2).

Nº inventario: 10011/92

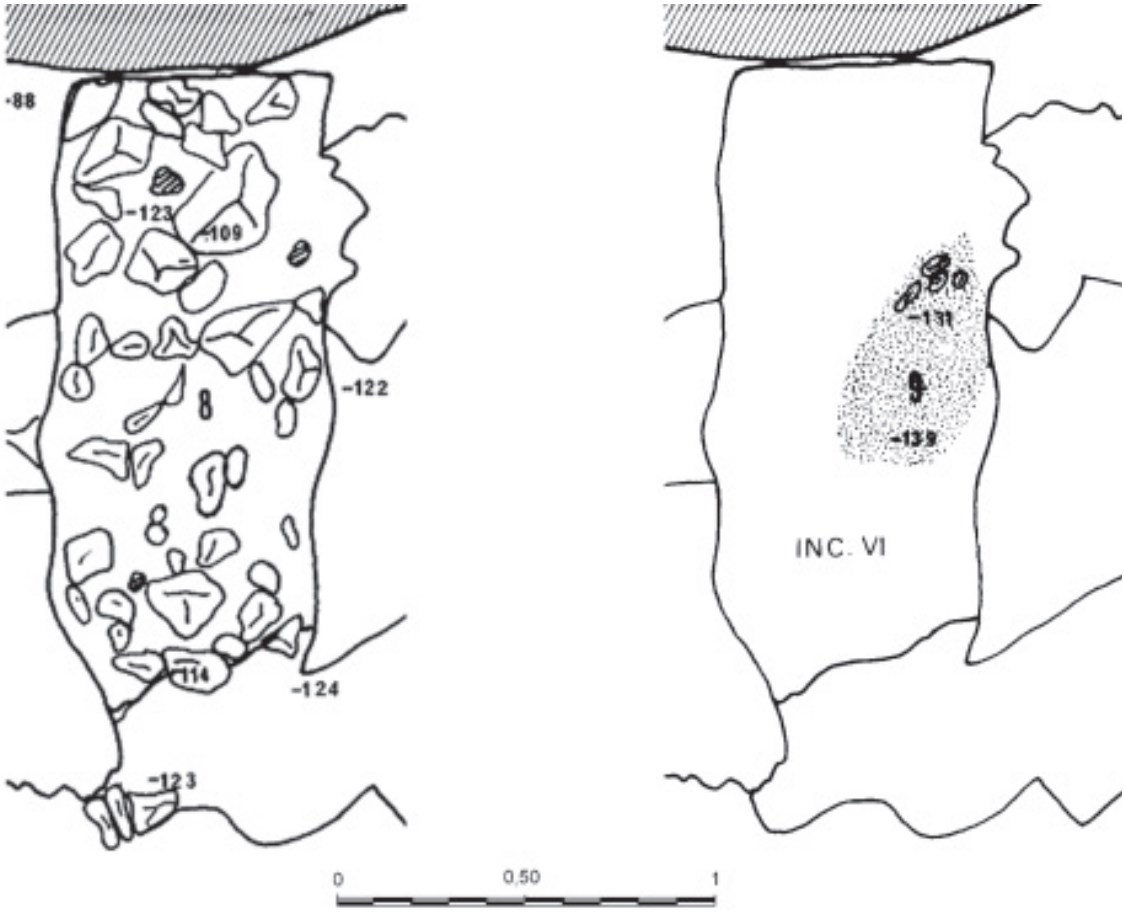
Dimensiones: diámetro de la boca 8,9 cm; diámetro máximo 9,6 cm; altura total 2,9 cm; diámetro de la base 5 cm.

1 Queremos agradecer a José María López Garí la realización de los dibujos.



1 2

Lámina 1



Estrato de cubrición de la fosa de cremación

Fosa con el enterramiento de cremación en su interior

Lámina 2

4. Estudio del material

Tanto el cuenco como el jarrito son piezas que forman parte de la producción local de cerámica púnico-ebusitana que se conoce como cerámica común y que incluye tanto formas abiertas como cerradas. Se caracterizan por tener pastas que no presentan tratamientos especiales, ni en su fabricación, ni en sus acabados, y que desde el punto de vista funcional incluye recipientes destinados a actividades domésticas y de servicio de mesa, aunque habitualmente también las encontramos en contextos funerarios (Fernández y Costa, 1998, p. 23).

Dentro de las formas abiertas, los alfareros ebusitanos confeccionaron toda una gama de platos, cuencos y vajilla de mesa que, a diferencia de las formas cerradas, todavía no ha sido objeto de un estudio en profundidad que permita establecer su tipología y evolución cronológica. En el caso de los cuencos, J.H. Fernández, al estudiar los aparecidos en las campañas que C. Román realizó en la necrópolis del *Puig des Molins* entre 1921 y 1929, establece cinco grupos distintos basándose en criterios morfológicos (Fernández, 1992, II, p. 45-49). El cuenco que apareció en la sepultura aquí estudiada se puede incluir dentro del grupo de cuencos de paredes curvas y labio entrante. Son recipientes con el labio ligeramente vuelto al interior, las paredes curvas y el pie diferenciado, que generalmente presentan decoración monocroma pintada a base de líneas y bandas en el fondo y borde. El diámetro máximo oscila entre los 7 y 10 cm, aunque existen algunas piezas donde éste llega a los 15 cm. Los ejemplares más pequeños recuerdan los modelos áticos, por lo que se ha sugerido la posibilidad de influencias de unos sobre los otros (Fernández, 1992, II p. 46). Se trata de un modelo bastante frecuente en el mundo fenicio-púnico, aunque los ejemplares ebusitanos difieren algo de los hallados en otros lugares del Mediterráneo.

Algunos ejemplares de la necrópolis del *Puig des Molins* aparecidos en contexto pueden ser fechados entre fines del siglo V a.C. y principios del siglo IV a.C. (Fernández, 1992, I, p. 46-47; Rodero, 1980, p. 20, 75, fig. 25 nº 2). Cuencos análogos, aparecidos en necrópolis rurales púnicas de Ibiza, tienen idéntica datación. Por ejemplo, un ejemplar en una fosa de inhumación de la necrópolis de *Can Berri den Sargent* datada entre el 450-400 a.C. (Fernández y Fuentes, 1983, p. 179-191), otro en el hipogeo III de *Can Vicent Geroni* (Tarradell *et alii*, 2000, p. 93) y otro de *Can Sorà*, con cronologías de fines del siglo V a.C. y principios de siglo IV a.C. (Ibidem, p. 57, lám. III).

Por lo que se refiere al jarrito, podemos incluirlo igualmente dentro de la cerámica común de producción ebusitana, aunque este tipo, al no ser conocido en aquel momento, no quedó recogido en la tipología que establecieron Tarradell y Font (1975) para las formas cerradas. Se trata de una forma próxima a la 121 de Cintas (Cintas, 1950, lám. IX), aunque el ejemplar citado como referente tipológico, procedente de *Jbel Mlezza* y que se fecha en los siglos IV-III a.C., presenta un pie diferenciado y el asa no sobrepasa el borde. Por otra parte, este recipiente ibicenco, del que de momento no conocemos ningún otro ejemplar, ni en la necrópolis del *Puig des Molins*, ni en las necrópolis rurales de la isla, reúne unas características morfológicas que sugieren que podría estar inspirado en algunas producciones griegas del Este, que se fechan en el siglo V a.C. (Sparkes y Talcott, 1970, Vol. I , p.78, II, lám. 12, nº 255-259).

5. La sepultura, el enterramiento y el ritual funerario

La fosa constituye una forma de enterramiento relativamente frecuente en la necrópolis del *Puig des Molins*, así como en otras muchas necrópolis púnicas. Se trata de un tipo de sepultura de larga perduración y que, en consecuencia, presenta muchas variantes: fosas simples, con canal, con resaltes laterales y fosas irregulares (Costa, 1991; Costa-Fernández y Gómez, 1990; Gómez Bellard *et alii,* 1990).

La tumba que ahora presentamos puede incluirse dentro del grupo de fosas simples. Éstas se caracterizan por tener una planta alargada más o menos rectangular, con los extremos a veces curvados o redondeados y orientaciones Norte-Sur o Este-Oeste, además de gran variabilidad en cuánto a sus dimensiones. Las tenemos documentadas, ya desde época arcaica, con dataciones dentro del siglo VI a.C. (Gómez *et alii*, 1990, p. 38-39, lám. V, fig. 19; Costa, 1991 p. 40; Fernández y Costa, 2004, p. 333), aunque su uso continuará durante toda la época púnica, (Gómez Bellard *et alii*, 1990, p. 109-110, fig. 94, lám. LII y LIII; Costa, 1991, p. 40 y 48, lám. III, 2; Costa, Fernández y Gómez, 1991, fig. 13 a y 14). Existen, además, numerosos paralelos de este tipo de sepultura en la Península Ibérica, por ejemplo en Carmona (Maier, 1992, p. 108) o en Cádiz (Perdigones, Muñoz y Pisano, 1990, p. 25-27, lám. III). Pero también hay fosas de este tipo documentadas en otros centros fenicio-púnicos del Mediterráneo, como por ejemplo Monte Sirai (Bartoloni, 1983, 1985, 2000).

Por lo que se refiere al enterramiento, la escasa presencia de carbón y cenizas indican que se trata de una deposición secundaria; es decir, la combustión del cadáver no se realizó *in situ*. Hasta el momento no se ha localizado ningún lugar fijo donde se pudieron realizar las cremaciones, pero existen zonas en este sector del yacimiento donde hay indicios de combustión, manchas de tierra quemada, así como áreas de la roca que presentan coloraciones grisáceas por la acción del fuego y que bien pudieron ser el resultado de la quema de cadáveres en piras funerarias. Aunque ello no descarta la posibilidad de la existencia de un *ustrinum* como una infraestructura estable en el cementerio para la quema de los cadáveres, los indicios que de momento se tienen avalan más la idea de que en la necrópolis del *Puig des Molins* no existía un lugar fijo para las cremaciones. (Costa, 1991, p. 36; Fernández y Costa, 2004, p. 348).

El estudio antropológico[2] de los restos óseos ha permitido comprobar que corresponden al cadáver de un lactante de entre 4 y 8 meses de edad. La presencia de dos raíces dentarias correspondientes a dos dientes más desarrollados pertenecientes a un adolescente, o incluso a una persona adulta joven (ya que su mala conservación no permite precisar más), han de interpretarse en principio como una contaminación que pudo producirse en el lugar de la cremación, al recoger los restos óseos (suponiendo que sobre el mismo lugar se hubiera realizado la combustión de más de un cadáver), o bien, aunque con menor probabilidad, durante la deposición y enterramiento de esta cremación.

Por lo que se refiere a la combustión, el color blanquecino de los huesos nos indican que ésta fue intensa. En cuanto a la recogida de los restos óseos, la presencia de algunos carbones y piedras quemadas indican que, o bien la separación en la pira, aunque más o menos bien hecha, no fue del todo minuciosa, o bien que aquellos son producto de la misma contaminación que provocó la presencia de los dientes antes mencionados.

El hallazgo de dos piezas de cerámica permite también adentrarnos en la interpretación de algún aspecto del ritual funerario. Desde el punto de vista funcional, ambos recipientes están destinados a contener líquidos y/o alimentos. Para su correcta interpretación debemos subrayar que no se encontraron en el fondo de la fosa, próximos o en contacto con los restos del enterramiento, sino en el estrato de piedras que sellaba la sepultura. Igualmente, ambos se encontraron fragmentados, siendo verosímil que fueran rotos intencionadamente. Todo ello, por tanto, invalida su consideración como elementos de ajuar, llevándonos a interpretarlos como elementos de la liturgia fúnebre, probablemente relacionados con algún rito desarrollado durante el enterramiento o el cierre de la sepultura. Dada la ausencia de otros recipientes, así como la exigua capacidad de las dos piezas, parece adecuado considerar ambos vasos de forma relacionada, es decir, planteando que fueran utilizados de forma conjunta y funcionalmente complementaria. En esta línea, una posible interpretación sería que dicho rito se relacionase con el uso de un líquido, tal vez para la purificación del difunto y/o de los participantes en la ceremonia fúnebre, que estarían ritualmente

2 El estudio antropológico de los restos óseos ha sido realizado por el Dr. Francisco Gómez-Bellard.

impuros por haber estado en contacto con el cadáver (Kuntz y Boardman, 1971: 150-151); o bien la libación de un líquido durante el sepelio[3], práctica conocida en el ritual funerario púnico (Debergh, 1983; Ramos, 1990: 117-122), que en el *Puig des Molins* está documentada desde su primera fase, en concreto en alguna sepultura fechada en los primeros años del siglo VI a.C.[4]. Si esta propuesta fuese correcta, podría considerarse que el líquido para la libación estaría contenido en el jarrito y habría sido escanciado en el cuenco. En cualquier caso, ambos recipientes, tras su utilización, serían rotos y su deposición definitiva se produjo en el instante previo al sellado de la tumba.

6. Conclusiones

Los materiales que acompañaban el enterramiento que aquí hemos estudiado, tanto el cuenco como el jarrito, permiten datar la tumba a fines del siglo V a.C., o incluso a principios del siglo IV a.C.. Ello no sólo es una prueba más que confirma la continuidad de la cremación más allá del último cuarto del siglo VI a.C., conviviendo incluso con el ritual de la inhumación, sino que demuestra fehacientemente su perduración en el Puig des Mlins durante el siglo V, y quizás también hasta el IV a.C.

Por otro lado, el hallazgo de esta sepultura supone un caso más de enterramiento de cremación infantil en la necrópolis del *Puig des Molins* y el primero de este grupo de edad que tenemos documentado en fosa simple.

En el reciente estudio de conjunto realizado por Fernández y Costa (2004), donde se manejaban los datos de 33 cremaciones del sector noroeste estudiadas antropológicamente, sólo 11 corresponden a niños, es decir, un 33,33%, y de éstas sólo cinco son de menores de un año (15% del total y 45,45% de los infantiles), como es el caso de nuestra tumba. Como vemos el porcentaje de las cremaciones infantiles que se tienen registradas hasta el momento no es muy numeroso, más cuando se las compara con otras necrópolis, como es el caso de Kerameikos (Morris, 1987, p. 62). Pero, la falta de análisis antropológicos de muchos de los enterramientos que han aparecido en las últimas intervenciones, obligan a tomar estos datos con precaución, ya que será necesario disponer del estudio de todos los casos documentados para poder tener una visión de la situación más ajustada a la realidad.

Por otro lado, esta sepultura viene a corroborar que, como ya han señalado algunos autores (Gómez y Gómez, 1989; Costa, 1998, p. 853; Fernández y Costa, 2004, p. 389), en la necrópolis del *Puig des Molins* el grupo de edad correspondiente a los niños menores de cinco años no son segregados ni a otro sector del yacimiento, ni a otra necrópolis, sino que no sólo comparten el espacio funerario de los adultos, a veces incluso la misma sepultura (caso de algunos enterramientos múltiples de adulto y niño hasta ahora documentados), sino que también son enterrados en tumbas que requieren una nada desdeñable inversión de energía, si los comparamos con otros enterramientos contemporáneos, y con ritos funerarios de cierta complejidad. Tampoco existe un tipo especifico de sepultura que diferencie este grupo de edad del de los adultos.

Caso muy distinto es el de los niños de entre 6 y 12 años, hasta ahora completamente ausentes del registro arqueológico del *Puig des Molins* (Fernández y Costa, 2004), entre fines del siglo VII y fines del siglo V a.C. Ésta es, pues, una de tantas cuestiones importantes que quedan abiertas para la investigación futura en la gran necrópolis urbana ibicenca.

3 Se ha sugerido, en base a algunas referencias en las fuentes escritas, que dichos líquidos pudieran ser agua, leche o vino, aunque otros no descartan aceites o ungüentos olorosos (Ramos, 1984-85: 221).

4 Nos referimos a la Sepultura V (= Incineración nº 2) de las excavaciones de urgencia realizadas en 1985-86 en el solar de *can Partit*, en el actual núm. 38 de la Vía Romana. Se trataba de una fosa de cremación con canal excavado en su fondo donde, por encima de la incineración de una mujer adulta, se realizó un segundo enterramiento de un individuo infantil de edad inferior a los 6-5 años, también incinerado, junto a cuyos restos se depositó un *kantharos* etrusco de *bucchero nero*, interpretado como elemento para la realización de una libación funeraria (Costa, 1991: 42; Gómez *et alii*, 1990: 94-96).

Bibliografía

Bartoloni, P. (1983) - *Studi sulla cerámica Fenicia e Punica de Sardegna*. Collezione di Studi Fenici. 15. Roma.

Bartoloni, P. (1985) - Monte Sirai 1984. La necrópoli (Campagne 1983 e 1984). *Rivista di Studi Fenici*. XIII, 2. Consiglio Nacionales delle Ricerche. Roma. pp. 247-263.

Bartoloni, P. (2000) - *La Necropoli di Monte Siria I*. Collezione di Studi Fenici, 41. Consiglio Nazionale delle Ricerche. Roma.

Cintas, P. (1950) - *Céramique Punique*. Publications de l'Institut des Hautes Etudes de Tunis III. Paris.

Costa, B. (1991) - Las excavaciones arqueológicas en el solar nº 38 de la Via Romana (Can Partit). Nuevos datos para el conocimiento de la Necrópolis del Puig des Molins. En *IV Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica (Ibiza, 1986-89)*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 24. Ibiza. pp. 29-57.

Costa, B. (1998) - El proceso de ocupación y explotación del territorio rural en la Ibiza fenicio-púnica. Algunas hipótesis. En Khanoussi, M.; Ruggeri, P. y Vismara, C. (a cura di) *L'Africa Romana, 12. Atti del Convegno di Studio: L'organizzazione dello spazio rurale nelle province del Nord Africa e nella Sardegna (Olbia 12-15 decembre, 1996)*. Sassari. pp. 839-862.

Costa, B.; Fernández, J.H. y Gómez, C. (1991) - Ibiza Fenicia: La primera fase de la colonización de la isla (siglos VII y VI a.C.). *Atti del II Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici. (Roma, 9-14 Novembre 1987)*. II. Roma. pp. 759-795.

Debergh, J. (1983) - La libation funérire dans l'Occident Punique. Le témoignage des nécropoles. *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici (Roma 5-10 noviembre 1979)*. Collezione di Studi Fenici. 16. vol. III. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche. pp. 757-762.

Fernández, J.H. (1992) - *Excavaciones en la necrópolis del Puig des Molins (Eivissa). Las campañas de D. Carlos Román Ferrer: 1921-1929*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 28-29. Ibiza.

Fernández, J.H. y Costa, B. (1998) - La cerámica común púnico-ebusitana: precisiones tipológicas y cronológicas sobre algunas formas cerradas. *En Miscelanias de Arqueología ebusitana I*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza. 42. Ibiza. pp. 23-82.

Fernández, J.H. y Costa, B. (2004) - Mundo funerario y sociedad en Eivissa arcaica. Una aproximación al análisis de los enterramientos de cremación. En *El Mundo Funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios (Guardamar del Segura, 3 a 5 de mayo de 2002)*. Alicante. pp. 315-408.

Fernández, J.H. y Fuentes Estañol, Mª.J. (1983) - Una sepultura conteniendo un askos con inscripción púnica. *Aula Orientalis.* I. Madrid. pp. 179-192.

Fernández, J.H. y Mezquida, A. (2004) - Excavaciones en la necrópolis del Puig des Molins (2000-2003). *Fites*. 4. Ibiza. pp. 9-20.

Gómez, C. y Gómez, F. (1989) - Enterramientos infantiles en la Ibiza fenicio-púnica. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses.* 14. Castellón. pp. 211-238.

Gómez-Bellard, C. *et alii* (1990) - *La colonización fenicia de la isla de Ibiza*. Excavaciones Arqueológicas en España. 157. Madrid.

Gsell, S. (1920) - *Histoire Ancienne de l'Afrique du Nord*. vol IV. París.

Kurtz, D. C. y Boardman, J. (1971) - *Greek Burial Customs*. London: Thames and Hudson.

Maier, J. (1992) - La necrópolis de "La Cruz del Negro" (Carmona, Sevilla): Excavaciones de 1900 a 1905. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. 19. Madrid. pp. 95-143.

Morris, I. (1987) - *Burial and ancient society*. Cambridge: Cambridge University Press.

Perdigones; Muñoz y Pisano (1990) - *La necrópolis fenicio-púnica de Cádiz. Siglos VI-IV a.n.e*. Studia Punica. 7. Roma: Universita degli Studi di Roma.

Ramos, Mª. L. (1984-1985 / 1990) - *Estudio sobre el ritual funerario en las necrópolis fenicias y púnicas de la Península Ibérica*. Madrid: Ed. De la Universidad Autónoma de Madrid.

Rodero, A. (1980) - Colección de cerámica púnica de Ibiza en el Museo Arqueológico Nacional. Madrid: Ministerio de Cultura.

Tarradell, M. y Font, M. (1975) - *Eivissa cartaginesa*. Biblioteca Cultural Catalana. 13. Barcelona: Edit. Curial.

Tarradell, M. *et alii* (2000) - *Necrópolis rurales en Ibiza*. Treballs del Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera. 45. Eivissa..

Sparkes, B.A. y Talcott, L. (1970) - *Black and plain pottery. The Athenian Agora*. XII. 2 Vols. Princenton.

EXPRESIONES IDEOLÓGICAS Y PRÁCTICAS FUNERARIAS EN EL SURESTE DE LA PENÍNSULA IBÉRICA

Jaime Vives-Ferrándiz Sánchez

Servicio de Investigación Prehistórica
(Diputación de Valencia)

Resumen

Este trabajo analiza algunas dimensiones del contacto entre grupos indígenas y fenicios en el sudeste de la Península Ibérica entre los siglos VI y VIII a.C. En concreto se estudian las implicaciones que este fenómeno de contacto tuvo en el ámbito funerario a partir del estudio de las prácticas de enterramiento en las necrópolis de Les Moreres y Les Casetes. Los cambios de las prácticas que se observan en estas necrópolis son puestos en relación con cambios sociales y culturales que tienen su reflejo material en los asentamientos ubicados entre los cursos bajos de los ríos Vinalopó y Segura.

Abstract

Patterns of interaction between Phoenicians and indigenous communities in south-eastern Iberia between the 8th-6th centuries BC are examined in this paper. More precisely, the social implications that this phenomenon of contact had and its ideological implications in the funerary realm are analysed through the study of funerary practices in the necropoleis of Les Moreres and Les Casetes. Changes in practices from one necropole to another are identifed and this is related to social and cultural changes in settlements of the lower courses of the Vinalopó and Segura rivers.

Introducción

Los fenómenos de contacto colonial han constituido tradicionalmente un campo de análisis fecundo en Arqueología pero su conceptualización teórica ha variado extraordinariamente. Durante los últimos años se han producido profundas renovaciones teóricas, tratándolos como casos específicos de interacción desde puntos de vista que asumen la interacción compleja entre grupos sociales con relaciones de clase, de género o de edad, y no como meros influjos unidireccionales, difusionistas o evolucionistas. Es evidente que todo encuentro cultural está protagonizado por gente que pone en marcha estrategias y procesos activos de construcción de identidades (van Dommelen, 1998, 214; van Dommelen, 2006; Gosden, 2004).

Con estos puntos de partida, este trabajo analiza el contacto entre indígenas y fenicios en el sudeste de la península Ibérica a través de las evidencias materiales de los espacios funerarios como expresión significativa de prácticas sociales en un contexto de estrecho contacto entre grupos. De sobra es conocido el espacio analizado, el área de la desembocadura del Segura, y los desarrollos producidos desde el Bronce Final (González Prats, 1983 y 1992; Ruiz Gálvez, 1998). Brevemente señalaré que estos desarrollos explican, en parte, la instalación fenicia (en Fonteta o, incluso en Peña Negra) según un modelo de diáspora comercial que aprovecha redes de comercio atlántico-mediterráneas preexistentes para suplir la demanda de bienes por parte de cortes orientales (Aubet, 1994).

Yacimientos como Peña Negra (Crevillent, Alicante) o los Saladares (Orihuela, Alicante) muestran, ya desde la llegada fenicia a este área, un conjunto de materiales cerámicos que expresan prácticas híbridas. Éstas son, básicamente, síntesis tipológicas entre la tradición indígena en la producción a mano y las formas a torno de cerámica de engobe rojo de tipo fenicio. Además, en Peña Negra (fig. 1) hay unas tinajas y platos de pocillo que, en sí mismos, suponen «formas híbridas» como ya señalara González Prats para las primeras (1983, p. 100). Han sido identificadas como producciones locales y aúnan elementos tipológicos griegos, fenicios e indígenas para crear una nueva forma y es una evidencia de la intensidad de las relaciones sociales en este entorno, expresada en prácticas híbridas a través de materiales de uso cotidiano como la vajilla de mesa, y que hablan a favor de considerar distintos orígenes para esos grupos (matrimonios mixtos, por ejemplo) (Vives-Ferrándiz, 2005, p. 225). Siendo éste el contexto doméstico, valoraré las evidencias funerarias que lo acompañan.

El registro funerario: les Moreres y les Casetes

Les Moreres (Crevillent, Alicante) es una necrópolis de incineración muy cercana a Peña Negra y constituye la única referencia para evaluar las prácticas funerarias meridionales entre los ss. IX y VII a.C. (González Prats, 2002). Las incineraciones más antiguas utilizan urnas y tapaderas a mano pero, desde el momento de la llegada fenicia a la zona, se detectan cremaciones que introducen el uso de urnas y tapaderas de tipo fenicio a torno, aunque en ocasiones se combinan con las realizadas a mano. Ante este panorama, se ha propuesto interpretar este cambio como la adopción del ritual fenicio por parte de las comunidades indígenas, o incluso que fueran fenicios enterrados allí porque se vivía en una comunidad mixta (González Prats, 2002, p. 387).

Sin embargo, partiendo del estudio de las prácticas se pueden inferir aspectos sobre los valores del grupo social estudiado y plantear otras interpretaciones que van más allá de los debates étnicos. Así, si asumimos la continuidad de uso de un mismo espacio funerario a lo largo de varias generaciones lo más lógico es suponer que lo está utilizando el mismo grupo social. Este grupo se entronca con los enterramientos con urnas a mano del Bronce Final y entre sus individuos, ya

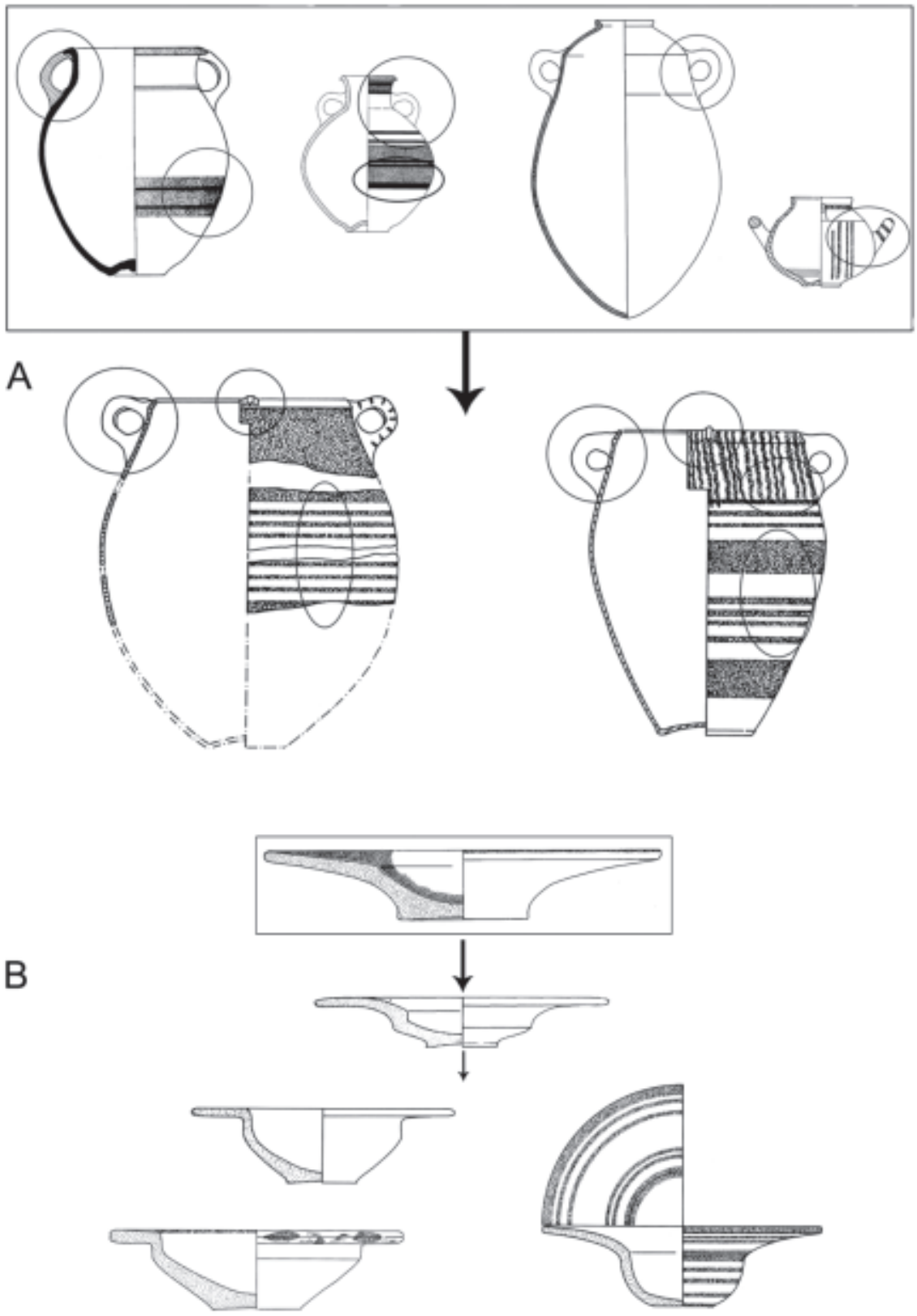


Fig. 1. Materiales cerámicos de Peña Negra. Tinajas (A) y platos (B) del s. VI a.C. con elementos tipológicos que remiten a otros anteriores, situados en los recuadros (elaboración propia a partir de González Prats, 1982 y 1985)

en el siglo VII a.C., algunos emplean urnas a torno de tipología fenicia. De hecho, se documentan superposiciones estratigráficas que afectan a urnas de diversas cronologías y que no hacen sino evidenciar claramente la memoria de su utilización por parte de un grupo social y el deseo expreso de enterrar en el mismo espacio que las generaciones anteriores. Estamos ante un caso de apropiación de importaciones porque éstas cambian de función y pasan a ser usadas en contextos funerarios que se homologan con las prácticas previas : contenedores de productos alimenticios y vajilla de mesa pasan a ser urnas cinerarias o tapaderas de esas urnas. En definitiva, el ritual funerario con la introducción de la cerámica a torno no se ve modificado respecto al realizado con piezas a mano, de modo que lo destacable es la *continuidad en las prácticas funerarias* independientemente de la introducción de un nuevo tipo de urna o de tapadera hecho a torno (fig. 2). La necrópolis muestra las prácticas funerarias de un grupo social dominante, con determinado poder para mantener una norma ritual mediante la apropiación de importaciones y cerámicas a torno que están presentes en el espacio doméstico local.

El segundo espacio funerario, les Casetes (la Vila Joiosa, Alicante) está situado en la costa. Se trata de una necrópolis de incineración con una cronología inicial ligeramente más reciente que les Moreres, pues las tumbas se fechan entre finales del siglo VII y la primera mitad del siglo VI a.C. Las tumbas (más de dos decenas de ellas han sido excavadas pero sólo dos publicadas por el momento) son de tipologías variadas, desde hoyos o fosas simples rectangulares de distintas dimensiones, en ocasiones con señalizaciones, encachados tumulares o construcciones complejas como cámaras funerarias.

En las tumbas publicadas -la tumba 17 y la 18- (García Gandía, 2003; García Gandía y Padró, 2002-2003) los restos incinerados se depositan directamente sobre el suelo, sin recipiente alguno a modo de urna. Sin embargo las estructuras de las tumbas, ya sean rectangulares o pseudorectangulares, se asimilan tipológicamente a las de un ritual de inhumación más que a uno de incineración. Además, difieren claramente de las incineraciones del Bronce Final local, como las más antiguas en les Moreres, y se alejan también de otras tumbas etiquetadas de fenicias, como algunas tumbas arcaicas de Ibiza -en hoyos excavados en la roca o en urnas cinerarias o fosas con cremaciones *in situ*-, o del sur peninsular y, también, de la costa sirio-palestina. Así pues, suponen creaciones particulares ya que, por ejemplo, la estructura que nos ocupa combina una tumba de cámara con cenefa de cantos de tradición foránea y una superestructura tumular de tradición local.

Los objetos depositados son también significativos. En la tumba 17 se deposita un quemaperfumes acompañando a una mujer incinerada y, en un segundo momento que corresponde a otra incineración ocupando el mismo espacio, un broche de cinturón. Ambos objetos son piezas poco frecuentes en el contexto local por lo que la decisión de depositarlos como ajuares se relaciona con su excepcionalidad, al igual que sucede con otras piezas en otras tumbas como joyas, amuletos u otros objetos importados. En la tumba 18 los objetos depositados, de nuevo en una estructura de fosa pseudorectangular, son también heterogéneos: dos puntas de lanza con sendos regatones, todos de hierro, un plato y un soporte anular de tipología fenicia y una botella de fayenza egipcia, dos cuentas de collar y algunos clavos. Es de destacar que entre los objetos publicados hasta el momento, pertenecientes también a otras tumbas de la necrópolis, no hay piezas locales que puedan remitir, en su origen, a una tradición cultural del Bronce Final.

La situación costera y la naturaleza de los objetos depositados en las tumbas de les Casetes ha abierto un vivo debate acerca de la identidad fenicia o indígena de sus ocupantes. Haciendo esto se desplaza la atención a la cuestión étnica y se adoptan posiciones dualistas y esencialistas que, sin embargo, no tienen en cuenta la historicidad de los fenómenos de contacto cultural y pasan por alto otras lecturas del registro. Desde mi punto de vista les Casetes es un excelente caso de expresión de la ambivalencia de una situación colonial en la que entran en juego diversos grupos sociales con intereses sociopolíticos diversos. Las tumbas y el ritual funerario suponen un

fenómeno de hibridación porque diversos elementos culturales se combinan para dar forma a un nuevo contexto que no remite por completo a ninguno de los precedentes pero, en cambio, sí encuentra algunos referentes; es, por tanto, un nuevo espacio con nuevos significados. Ahora bien, la interpretación de las prácticas funerarias de les Casetes debe ponerse en relación con la dinámica temporal en la que se sitúan: su fecha no corresponde a los momentos más antiguos de la presencia fenicia en este ámbito sino a cuatro o cinco generaciones después, si consideramos su llegada a finales del siglo VIII o principios del siglo VII a.C. y la fecha de la necrópolis a finales del siglo VII y principios del VI a.C. Ello implica que la estructura social en el entorno meridional ha debido transformarse sustancialmente, no sólo con el aporte de población nueva de diversos estratos sociales, sino también a través de su interacción con grupos indígenas también heterogéneos socialmente, generando procesos de hibridación cultural.

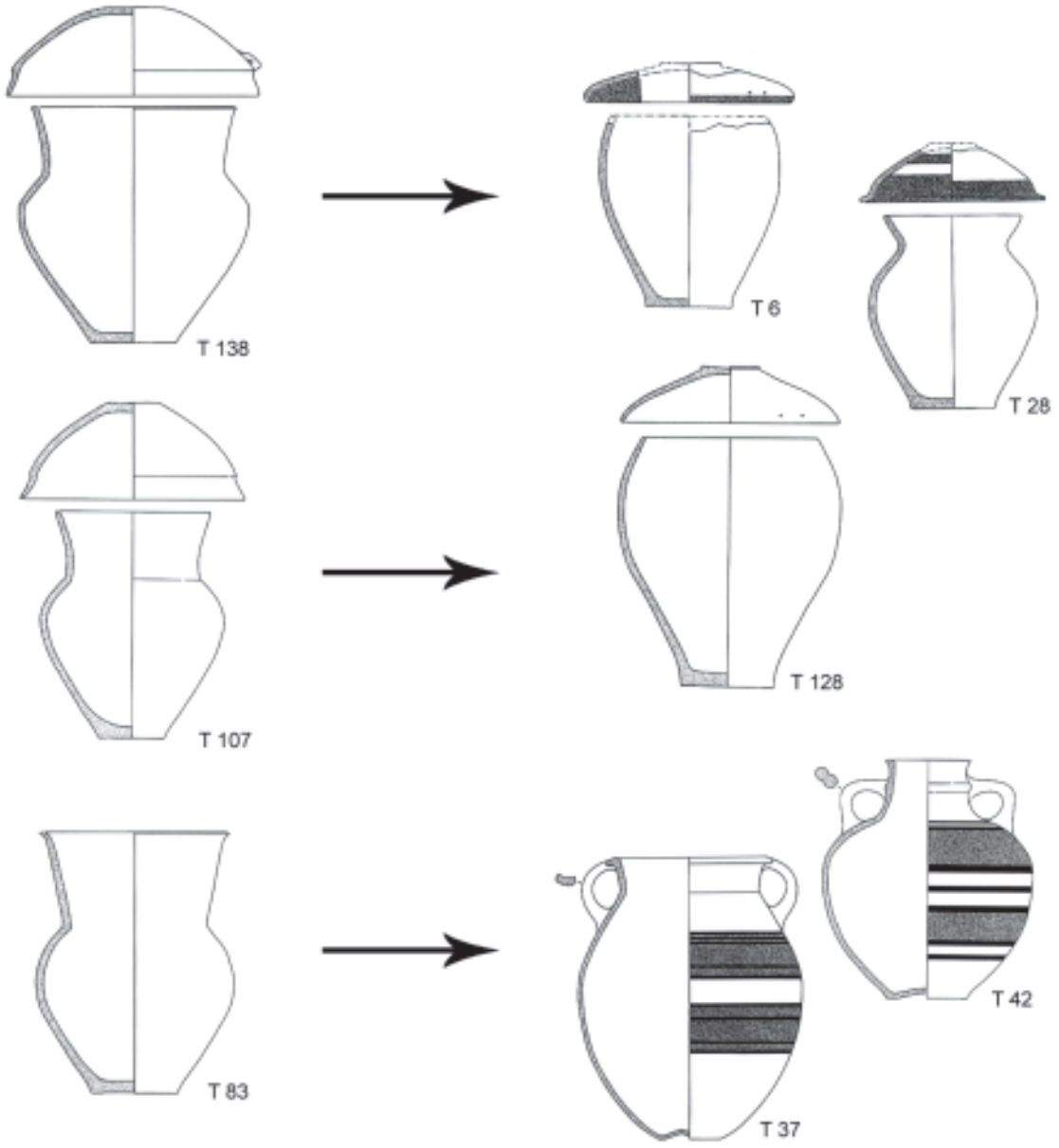


Fig. 2. Apropiación de la cerámica a torno en la necrópolis de les Moreres. (elaboración propia a partir de González Prats, 2002). No hay cambio en términos de prácticas entre las incineraciones del siglo VIII (izquierda) y las de los siglos VII-VI (derecha)

Prácticas sociales e identidades en el contexto colonial

La presencia fenicia en el sudeste de la península Ibérica supuso un nuevo marco de relaciones sociales y ello implica que la estructura social cambió, no sólo con la llegada de grupos heterogéneos, sino también por la presencia de comunidades indígenas también socialmente heterogéneas. Al tratar cualquier aspecto de un encuentro cultural subyace la cuestión del modo que los individuos tienen de enfrentarse a cosas y personas nuevas y cuáles son los mecanismos de valoración y categorización de esas novedades. En este punto la atención a las prácticas y las diferentes estrategias desplegadas para expresarla es esencial en tanto que son marcadores de identidad. Por ello, hay que ser capaces de identificar en el registro patrones de apropiación, incorporación o recontextualización de los objetos que constituyen el mundo colonial (Appadurai, 1986; Thomas, 1991, p. 186).

Desde el punto de vista indígena podemos suponer que la adopción de objetos fenicios no se hace para asimilarse a ellos sino adquiere sentido porque son símbolos de distinción en el contexto de las prácticas locales (Bourdieu, 1994, p. 23). En los casos examinados los objetos no se adoptan o importan porque sean diferentes sino *para ser* diferente ya que dan acceso a mecanismos de diferenciación y negociación social.

Por ejemplo, algunos objetos en contextos domésticos pierden su sentido original -si es que tienen alguno...- y contribuyen a expresar la visión del mundo y los valores sociales de cada segmento social. El análisis de las piezas de vajilla de los Saladares y Peña Negra es una clara muestra de que los vasos, platos o cuencos, todos ellos elementos de uso diario en la alimentación de los grupos que allí habitaron, participaron activamente en las relaciones sociales de los individuos y no pueden adscribirse a un grupo social partiendo de una dualidad fenicios-indígenas. Además, las imitaciones a mano de lucernas, cuencos o tinajas pintadas de tipo fenicio son ejemplos de la capacidad de expresar normas y valores por parte de un individuo o grupo que encuentra en la producción a mano de una cerámica una vía de expresión social e identitaria; esto es, además, un fenómeno multidireccional porque hay cerámica a torno con referentes en las cerámicas a mano del Bronce Final local (Vives-Ferrándiz, 2005, p. 191).

En este panorama destacan, paralelamente, las construcciones identitarias por parte de los grupos dominantes para instaurar la naturalización y definición de grupos. De este modo, los rituales funerarios de la necrópolis de les Moreres son expresiones de continuidad con el pasado. El ritual funerario del grupo (o grupos) enterrado en les Moreres es ambivalente porque, por un lado, se reclama heredero del pasado indígena al enterrarse en el mismo espacio y con un ritual similar al anterior, pero introduciendo una innovación en el uso de piezas a torno. Se trata de una invención de la tradición (Hobsbawm y Ranger, 1983) porque es elocuente la conexión con el pasado de estos grupos en un contexto -doméstico y productivo- de cambios significativos en los que se identifican, recordemos, patrones de hibridación. Se ponen en marcha estrategias ideológicas con el objetivo de simbolizar la cohesión de grupo a través de prácticas conservadoras. En otras palabras, se busca el mantenimiento de la doxa como el conjunto de disposiciones y estructuras dadas por sentado (Bourdieu, 1994, p. 129) en prácticas que remiten al pasado.

En les Casetes, por otra parte, se entierra a los componentes de un grupo social que *utiliza* ideológicamente el espacio funerario en un momento de cambio social (Ibérico Antiguo) y donde era conveniente que las diferencias entre grupos fueran remarcadas. Los objetos particulares y las estructuras funerarias sin paralelos en el entorno se combinan con un ritual particular y ostentoso porque, en conjunto, son una garantía de la diferencia. Grupos con cierto poder pretenden difundir una ideología de la diferencia en un momento en que era necesario hacerlo y en un espacio social que, sin duda, *era capaz* de hacer esas distinciones. Así, se instauran prácticas distintivas para instituirse, constituirse y reforzarse, que supusieron el inicio de un proceso de competición y

exhibición social creciente. Afirmando de manera conspicua su posición a través de la ostentación y el gasto o la acumulación, se crean signos de estatus reconocidos por la formación social y a través de los cuales uno se da a conocer y se hace ver ante los demás (Bourdieu, 1980, p. 226).

Los elementos de continuidad con el pasado son importantes en todas estas estrategias porque otorgan la idea de tradición, naturalizan los actos y los mensajes y disimulan los cambios sociales a los que estos grupos se quieren seguir vinculando. Esta hibridación de elementos nuevos y tradicionales indica una ambigüedad del ritual propia de un trabajo ideológico de naturalización. Ahora bien, al formar parte de la propia estructura colonial la ideología que transmiten es, paradójicamente, una ideología híbrida porque ellos mismos eran ya grupos culturalmente híbridos. Este fenómeno supone un ejemplo de la potencialidad subversiva de la hibridación que se expresa en términos de ambivalencia y ambigüedad en la negociación de las identidades sociales en el contexto colonial (Vives-Ferrándiz, 2005, pp. 219-226).

Apuntes finales, perspectivas abiertas

Este trabajo ha pretendido mostrar que un encuentro colonial puede ser examinado desde puntos de vista que superen las perspectivas aculturacionistas, con frecuencia dualistas e, incluso, la oposición neta entre dominación y resistencia de los grupos implicados. Además, otorgar etiquetas étnicas fijas a los objetos contribuye a situar el debate en un callejón sin salida, de modo que es más conveniente estudiar prácticas y distinguir los *usos* que tuvieron los objetos y los objetivos asociados (imitaciones, resistencias, adhesiones) en la construcción de las identidades y la dinámica de las relaciones de poder.

En este caso, se han examinado las dinámicas del encuentro colonial entre indígenas y fenicios en el sudeste peninsular a través del estudio de los ámbitos funerarios. Si los enterramientos de les Moreres muestran la apropiación unilateral de los grupos indígenas, y una estrategia ideológica conservadora, el caso de les Casetes es diferente y extremadamente interesante para estudiar la dinámica histórica. En este caso, la identificación de nuevas formas culturales no son sólo el resultado de imitaciones sino una transformación cultural que entiendo en términos de hibridación con prácticas asocidadas. Las fronteras coloniales binarias, en este caso, pierden su sentido porque son estereotipos que reducen la diversidad social que debía haber dos siglos después de la llegada fenicia a la zona. Así, debemos partir de otro esquema social para distinguir, por ejemplo, patrones de cooperación y competencia en ámbitos económicos; o matrimonios y alianzas mixtas, en ámbitos domésticos; o estrategias ideológicas de la élite en ámbitos funerarios. En estos conextos todos los grupos negociaron sus identidades y sus posiciones sociales de diversas maneras.

Con estas lecturas se supera el concepto de aculturación en tanto que transformación unilateral de culturas indígenas; es más bien un proceso complejo en el que el consumo de cultura material de tipo fenicio no implica adoptar un *pack* de comportamiento fenicio. Se toma lo necesario seleccionándolo de entre aquello disponible, porque contribuye a reforzar la expresión identitaria propia; es decir, que las importaciones hay que verlas en el proceso de cambio local. Pero incluso podemos ir más allá en las interpretaciones: los nuevos objetos fueron mucho más que etiquetas étnicas fijas ya que se crearon nuevos objetos con nuevos significados y un excelente ejemplo arqueológico lo ofrece, a partir del siglo VI a.C., la llamada cultura ibérica. No obstante, eso es otra historia.

Bibliografía

Appadurai, A. (1986) - Introduction: commodities and the politics of value. En Appadurai, A. (ed.) *The social life of things. Commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press. pp. 3-63.

Aubet, M. E. (1994) - *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona.

Bourdieu, P. (1980) - *Le sens pratique*. París.

Bourdieu, P. (1994) - *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. París.

García Gandía, J. R. (2003) - La tumba 17 de la necrópolis de Les Casetes (Villajoyosa, Alicante). *Saguntum*. 35. pp. 219-228.

García Gandía, J. R. ; Padró, J. (2002-2003) - Una cantimplora de fayenza egipcia procedente de la necrópolis de Les Casetes (La Vila Joiosa, Alicante). *Pyrenae*. 33-34. pp. 347-364.

González Prats, A. (1982) - La Peña Negra IV. Excavaciones en el sector VII de la ciudad orientalizante 1980-1981. *Noticiario Arqueológico Hispánico*. 13. pp. 306-418.

González Prats, A. (1983) - *Estudio Arqueológico del poblamiento antiguo de la Sierra de Crevillente*. Alicante.

González Prats, A. (1985) - La Peña Negra II-III. Campañas de 1978 y 1979. *Noticiario Arqueológico Hispánico*. 21. pp. 9-155.

González Prats, A. (1992) - Una vivienda metalúrgica en la Peña Negra (Crevillente, Alicante). Aportación al conocimiento del Bronce Atlántico en la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. 49. pp. 243-257.

González Prats, A. (1998) - La Fonteta. El asentamiento fenicio de la desembocadura del río Segura (Guardamar, Alicante, España). Resultados de las excavaciones de 1996-97. *Rivista di Studi Fenici*. XXVI: 2. pp. 191-228.

González Prats, A. (2002) - *La necrópolis de cremación de Les Moreres (Crevillente, Alicante, España) (s.IX-VII AC)*. Universidad de Alicante.

Gosden, C. (2004) - *Archaeology and Colonialism. Cultural contact from 5000 BC to the present*. Cambridge University Press.

Hobsbawm, E. ; Ranger, T. (eds.) (1983) - *The invention of tradition*. Cambridge.

Ruiz-Gálvez, M. (1998) - *La Europa atlántica en la Edad del Bronce. Un viaje a las raíces de la Europa occidental*. Barcelona.

Thomas, N. (1991) - *Entangled Objects. Exchange, Material Culture, and Colonialism in the Pacific*. Harvard University Press.

Van Dommelen, P. (1998) - *On colonial grounds. A comparative study of colonialism and rural settlement in first millennium BC west central Sardinia*. Leiden.

Van Dommelen, P. (2006) - The orientalizing phenomenon: hybridity and material culture in the western Mediterranean. En Riva, C. ; Vella, N. (eds.) *Debating orientalization. Multidisciplinary approaches to processes of change in the ancient Mediterranean*. Monographs in Mediterranean Archaeology. 10. Londres.

Vives-Ferrándiz, J. (2005) - *Negociando encuentros. Situaciones coloniales e intercambios en la costa oriental de la península Ibérica (ss. VIII - VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 12. Barcelona.

PHOENICIAN CINERARY URNS FROM THE TOPHET OF SULCIS: TYPOLOGICAL, CHRONOLOGICAL AND FUNCTIONAL ASPECTS *

Ilaria Montis

Scuola di Specializzazione in Archeologia
Dipartimento di Scienze Archeologiche. Università di Pisa

Abstract

The paper shows the conclusions of the typological study undertaken on the urns found in 1995 e 1998 during the excavations in the eastern area of the Tofet of S.Antioco. The urns, for the most part can be classified as "cooking pot" with globular body, while their lids are plates and carinated bowls widely diffused in all phoenician world. The dating that I suggest, from the last quarter of 7th to the end of 6th century B.C., show that eastern area of the Tofet, although occupied subsequently with respect to the Tophet's foundation, nevertheless was used from the archaic period.

Riassunto

L'articolo presenta i risultati dello studio tipologico intrapreso sulle urne cinerarie rinvenute nel 1995 e nel 1998 durante gli scavi del settore orientale del Tofet di S.Antioco. Queste urne, per la maggior parte possono essere classificate come "cooking pots" (pentole da cucina), a corpo globulare, mentre i rispettivi coperchi sono piatti e coppe carenate, ampiamente diffuse in tutto il mondo fenicio. La datazione proposta, dall'ultimo quarto del VII secolo fino alla fine del VI secolo a.C. mostra che l'area orientale del Tofet, anche se occupata dalle deposizioni successivamente rispetto alla fondazione del Tofet, era comunque utilizzata già in epoca arcaica.

---

* Trabalho originalmente apresentado como poster

Introduction

The cinerary urns presented here were found in the eastern area of the Tophet[1], during the excavations of the Soprintendenza Archeologica di Cagliari e Oristano coordinated by Dott. Paolo Bernardini in 1995 and 1998 at S.Antioco, ancient Sulcis.

The purpose of the typological study, undertaken on 151 urns and 68 lids in total, is to show not only formal aspects of the pottery, but also chronological and functional aspects, thus contributing to the general understanding of Tophet's archaeological context.

Morphological, productive, and functional aspects

With rare exceptions, the shape of the urns is what is usually defined as "globular pot" or simply "cooking pot", wheelmade[2] or handmade into different types and with different fabrics. The production, both wheelmade and handmade, is not standardized and is characterized by a lack of care as in the shaping and finishing, as well as in the firing process, as evidenced in the great number of faulty urns, with imperfections on the body and other flaws[3].

In regards to use, these pots, although they are similar in all their features to those used in cooking found in coeval phoenician settlements[4], don't show marks which can be attributed to domestic usage, so that they seem to have been used only in the secondary function of cinerary urns.

Thus, as a whole, the urns can be described as simple and worthless containers, which recall domestic and familiar spheres of the children buried in them. In this light, it cannot be excluded that the use of pots like cinerary urns might yet have a specific symbolic meaning still to be researched.

The lids of the urns are mostly plates[5] and carinated bowls[6], belonging to types which are common in the Western Mediterranean areas colonized by the Phoenicians[7]. The specimens analysed are all wheelmade, the production is quite standardized and the decoration motifs are constantly repeated - concentric circles painted in red and black in the inside of the carinated bowls, and the inner cavity and rim painted in red in the plates. We can distinguish different types of fabrics, which are all quite fine and with few and very small inclusions.

1 See Tab.1, 1.

2 Tab.1, 5-6; Tab.2, 1-3.

3 See for example Tab.1, 5: the urn SATH/U92 presents an evident imperfection on the body, made before firing process;

4 See for example Bartoloni 1990, pp. 42-43 (Cronicario S.Antioco); Finocchi 2002 (Monte Sirai), pp.63-69, fig. 4, 21; Marras et al. 1987 (Cuccureddus), p.242, fig. 10; Vegas 1999, pp.189-191 (Chartage), fig. 96.

5 Tab.2, 4.

6 Tab.2, 6.

7 Since the diffusion of these types is wide, we remember only the most important sites. For the carinated bowl, types 1.1 and 1.2 see: Bernardini 2000, p. 43, fig. 9,5 (Cronicario S.Antioco); Finocchi 2002, pp. 58-59, fig.1, Nr. 4. (Monte Sirai); Ruiz Mata 1985, p.251, fig. 5, 6-10 (Castillo de Doña Blanca); Vegas 1999, p.145, fig. 36 (Chartage); Lancel 1982, p.291, fig. 420; p. 304, fig. 460; p. 330, fig. 529, 10-11. (Chartage). For the carinated bowls, type 1.3 see: Bernardini 2000, fig. 9, 1, 3, 6-7; fig. 14, 6-7 (Cronicario S.Antioco); Ruiz Mata 1985, fig. 2, 7-8, fig. 5, 5-6 (Castillo de Doña Blanca). For the type 1.4 see: Lancel 1982, fig 518, 1; Vegas 1999, pp.143-144, figg. 34-35 (Chartage). For the plates with the inner cavity and the rim painted in red (types 2.5a, 2.5b and 3.5a) see: Bartoloni 1996, pp. 73-75 (Bithia); Bartoloni 2000, pp. 97-98 (Monte Sirai); Vegas 1999, pp.136-137, fig. 25, 4-11 (Chartage).

Fabrics

Fabrics have been distinguished on the basis of visual analysis, with regard to the characteristics of colour, granulometry and hardness, observed in section at a fresh break and recorded in a specific database. The most important characteristics of each fabric are the following:

Fabric A – It is the most used in the handmade production of urns. Colour: 7.5 YR 6/4 light brown, sometimes with dark coring. Inclusions: abundant, size from about 0,5 mm to 3 mm. Hardness: hard.
Fabric B – All the urns, most of which are handmade, are poorly preserved and it isn't possible to analyse their shape. Colour: 5 YR 5/6 yellowish red. Inclusions: abundant, size from about 0,5 mm to 1 mm. Hardness: soft.
Fabric C – It is the most common fabric, used especially for the wheelmade production of urns. Colour: 2.5 YR red, sometimes with dark coring. Inclusions: abundant, size from about 0,5 mm to 3 mm. Hardness: very hard.
Fabric D – It is used both for handmade and wheelmade urns. Colour: 7.5 YR 6/4 light brown. Inclusions: abundant, size from about 0,5 mm to 2 mm. Hardness: hard.

Typology of urns

AM.PG.2 (fig.1, a) – Fabric A, handmade, globular body, with one handle and false spout.
AM.PG.3 (fig.1, b) – Fabric A, handmade, globular body, with one handle, false spout and two small conical protuberances.
AM.PG.5 (fig.1, c) – Fabric A, handmade, globular body, with two handles and two little conical protuberances.
CT.PG.1 (fig.1, d) – Fabric C, wheelmade, globular body, with one handle.
CT.PG.2 (fig.1, e) – Fabric C, wheelmade, globular body, with one handle and false spout.
CT.PG.4 (fig.1, f) – Fabric C, wheelmade, globular body, with two handles.
CT.PC.4 (fig.1, g) – Fabric C, wheelmade, carinated body, with two handles.
CT.PO.6 (fig.1, h)– Fabric C, wheelmade, ovaloid body, without handles, with two conical protuberances.
DM.PG.1 (fig.1, i) – Fabric D, handmade, globular body, with one handle.
DT.PG.4 (fig.1, l) - Fabric D, wheelmade, globular body, with two handles.

Typology of lids

Type 1.1 – Carinated wall, inverted rim.
Type 1.2 – Carinated wall, vertical rim.
Type 1.3 – Carinated wall, everted rim, with distinct lip.
Type 1.4 – Carinated wall, everted rim.
Type 2.5a – Inclined and continuous sides, straight rim.
Type 2.5b – Inclined sides, thickened rim.
Type 3.5a – convex sides, straight rim.
Type 3.6 – convex sides, everted rim.
Type 4.8 – almost horizontal sides, everted rim.
Type 5.9 – concave sides, everted and expanded rim.

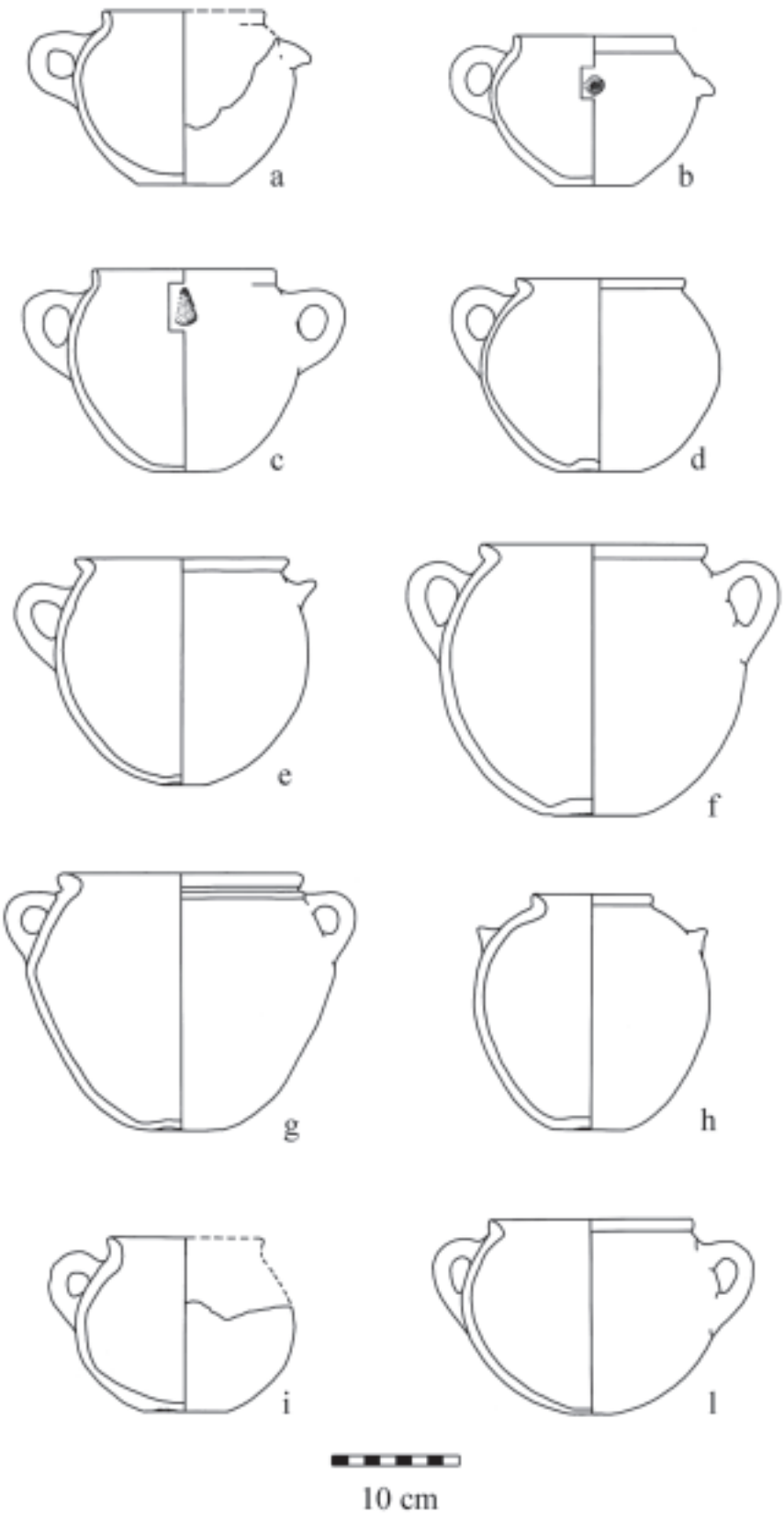


Fig. 1. Typology of urns:
a, type AM.PG.2; b, type AM.PG.3; c, type AM.PG.5; d, type CT.PG.1; e, type CT.PG.2; f, type CT.PG.4; g, CT.PC.4; h, type CT.PO.6; i, type DM.PG.1; l, type DT.PG.4

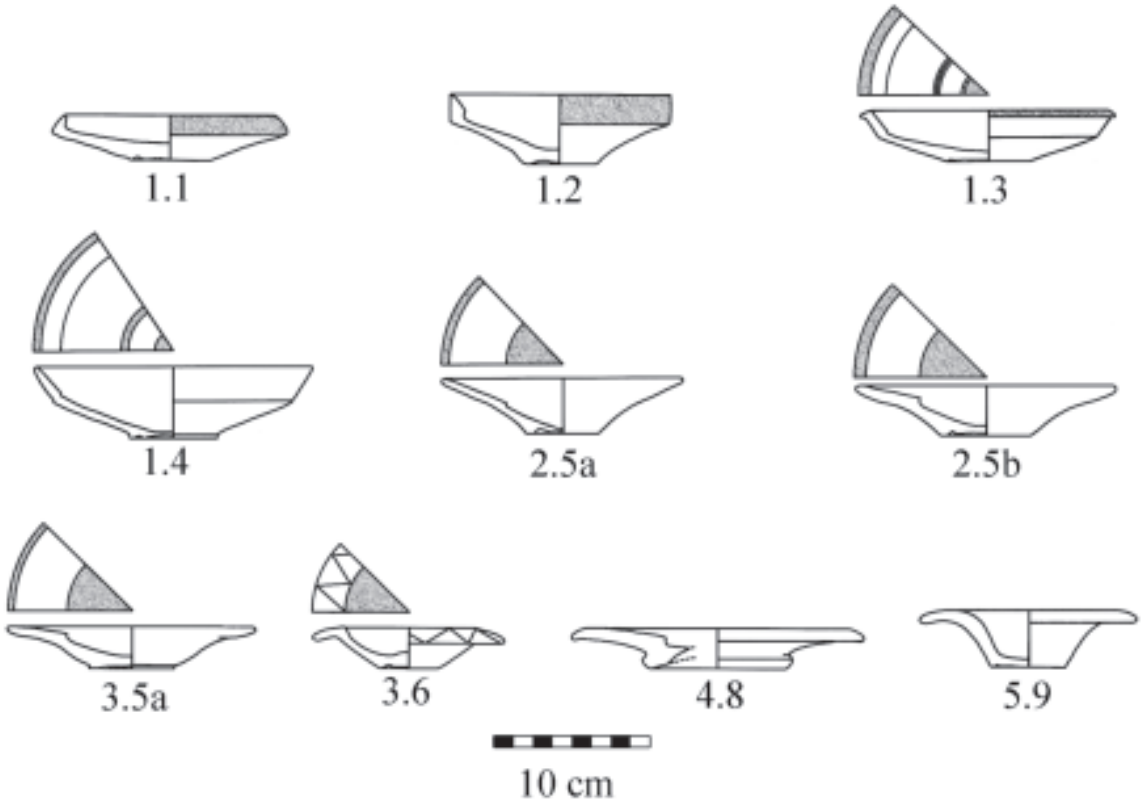


Fig. 2. Typology of lids

Conclusions

The typological analysis of the urns and their lids, and the comparisons with specimens from Sardinian and Western Mediterranean Phoenician contexts, suggest a dating from the last quarter of the 7th to the end of the 6th century B.C. In fact, there are neither pottery shapes characteristic of the 5th century (perhaps with the exception of the individual fragment of plate classified as type 4.8), nor the typical shapes of the early phases of the Tophet, which were found in the first excavations in the 50' and 60', and also in 1998 in the western area of the sanctuary, not far from the monumental stone building8.

Although the chronological placement of these objects seems clear, it is more difficult to recognize a typological development of the urns which can have some relationship with chronology. The reason is that they have very common shapes, related to daily use and therefore rather conservative from a morphological point of view.

The study shows that the eastern area of the Tophet, although occupied subsequently with respect to the Tophet's foundation, dating to the middle of the 8th century B.C., nevertheless was used from the archaic period, probably from the middle of the 7th century B.C.

The absence of findings corresponding to the 5th and 4th centuries can be explained with reference to the history of the site excavations. In fact, most of the stelae which were found and removed during the earlier excavations, come from the eastern area and show that this area was highly frequented, and was perhaps preferred for the placing of the stelae, probably because the ground is rather flat.

8 For these urns see for example Bartoloni 1985, pp.167-192 and Bartoloni 1988, pp.165-179.

1

2

3

4

5

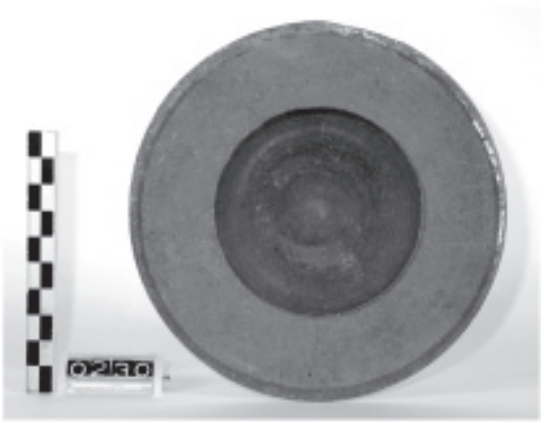
6

Table. 1.
1 - S.Antioco. Aerial view of the Tophet, at the forefront the eastern area; 2 - The urn SATH/U203 with its content of bones and ashes, during the excavation; 3 - The urn SATH/U232 during the excavation, sometimes urns were covered by one or more big stones; 4 – The urns SATH/81, SATH/82 and SATH/198 during the excavation; 5 - The urn SATH/U92; 6 - The urn SATH/U111 (CT.PG.4) with its lid (2.5a)

1

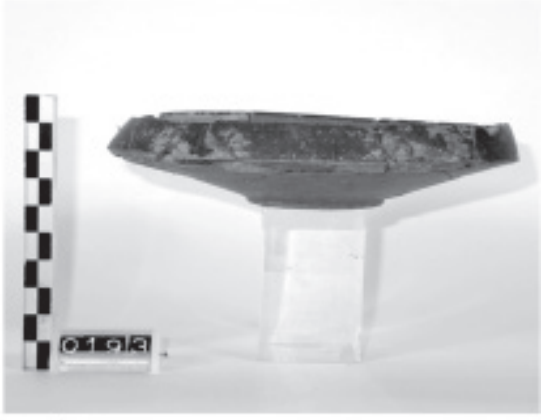
2

3



4

5



6

Table. 2.
1 - The urn SATH/U118 (CT.PG.1) with its lid (1.3); 2 - The urn SATH/U204 (AM.PG.3);
3 - The urn SATH/U95 (CT.PC.4) with its lid (2.5a); 4 – The lid of urn SATH/U230 (2.5b);
5 – The lid of urn SATH/U256 (5.9); 6 - The lid of urn SATH/U193 (1.1)

Bibliography

Bartoloni, P. (1985) - Nuove testimonianze arcaiche da Sulcis. *Nuovo Bollettino Archeologico Sardo*. 2. Sassari. pp.167-192.

Bartoloni, P (1988) - Urne cinerarie arcaiche a Sulcis. *Rivista di studi fenici*. 16. Roma. pp.165-179.

Bartoloni, P (1990) - Cronicario, i contenitori di uso domestico e commerciale. *Rivista di studi fenici*. 18. Roma. pp. 37-79.

Bartoloni, P (1996) - *La necropoli di Bitia*. Collezione di Studi fenici. 38. Roma.

Bartoloni, P (2000) - *La necropoli di Monte Sirai*. Collezione di Studi fenici. 41. Roma.

Bernardini, P. (1990) – Cronicario: le forme aperte. *Rivista di studi fenici*. 18. Roma. pp. 81-98.

Bernardini, P. (2000) - I Fenici nel Sulcis: La necropoli di San Giorgio di Portoscuso e l'insediamento del Cronicario di Sant'Antioco. In Bartoloni, P.; Campanella, L. (eds.) *La ceramica fenicia di Sardegna: Dati Problematiche Confronti (Atti del I Congresso Internazionale Sulcitano, Sant'Antioco, 19-21 Settembre 1997)*. Collezione di Studi Fenici. 40. Roma.

Botto, M. (2000) - Materiali ceramici fenici provenienti dall'area P (scavi 1997-98). In Tronchetti, C. (ed.) *Ricerche su Nora - I: (anni 1990-1998)*. Cagliari: Sainas.

Botto, M. (2003) - I rapporti fra le colonie fenicie di Sardegna e la Penisola Iberica attraverso lo studio della documentazione ceramica. *Annali di archeologia e storia dell'arte dell'Istituto Orientale di Napoli*. 4 (2000). Napoli. pp. 25-42.

Ciasca, A. (1983) - Note Moziesi. In *Atti del Primo Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici (Roma 5-10 Novembre 1979)*. Roma. pp. 617-623.

Ciasca, A. (1992) - Mozia: sguardo d'insieme sul tophet. *Vicino Oriente*. 8. Roma.

Finocchi, S. (2002) - Monte Sirai 1999-2000: I materiali ceramici. *Rivista di studi fenici*. 30. Roma. pp. 57-78.

Harden, D. (1937) - Punic urns from the Precint of Tanit at Salammbo. *Iraq*. 4. pp. 59-89.

Lancel, S. (1982) - Les Niveaux Funéraires. In Lancel, S. (Ed.) *Byrsa II: Rapports préliminaires sur les fouilles 1977-1978: niveaux et vestiges punique*. Rome: Ecole française de Rome.

Maass-Lindemann, G. (1985) - Vasos fenicios de los siglos VIII-VI en España. *Aula Orientalis*. 3. Barcelona. pp. 227-239.

Mansel, K. (1999) - Handgemachte Keramik der Siedlungsschichten des 8. und 7. Jahrhunderts V.Chr. aus Kathago ein Vorbericht. In Rakob, F. (Ed.) *Karthago III: Die deutschen Ausgrabungen in Karthago*. Mainz. pp. 220-238.

Marras, L.A.; Bartoloni, P.; Moscati, S. (1987) - Cuccureddus. *Rendiconti dell'Accademia Nazionale dei Lincei*. 42. Roma. pp. 225-248.

Oggiano, I. (2000) - L' Area F di Nora: un'area sacra sul promontorio del Coltellazzo. In Tronchetti, C. (Ed.) *Ricerche su Nora I: (anni 1990-1998)*. Cagliari: Sainas.

Peserico, A. (1994) - La ceramica fenicia: le forme aperte: Monte Sirai 1. *Rivista di studi fenici*. 12. Roma. pp. 117-144.

Ruiz Mata, D. (1985) - Cerámicas fenicias del Castillo de Doña Blanca (Puerto de Santa María, Cádiz). *Aula Orientalis*. 3. Barcelona. pp.241-163.

Spanò-Giamellaro, A. (2000) - La ceramica fenicia della Sicilia. In Bartoloni, P.; Campanella, L., (Eds.) *La ceramica fenicia di Sardegna: Dati Problematiche Confronti (Atti del I Congresso Internazionale Sulcitano, Sant'Antioco, 19-21 Settembre 1997)*. Collezione di Studi Fenici. 40. Roma. pp. 300-331.

Vegas, M. (1999) - Phöniko-punische Keramik aus Karthago. In Rakob, F. (Ed.) *Karthago III: Die deutschen Ausgrabungen in Karthago*. Mainz. pp. 93-219.

«Os estudos sobre a orientalização do actual território português conheceram, nos últimos 15 anos, um forte desenvolvimento, com novas descobertas e com a publicação dos dados que delas decorreram, bem como de outros que permaneciam inéditos. A informação fluiu de forma mais ou menos constante, ainda que, em determinadas áreas, ela tenha sido mais substancial do que em outras.

Estes novos dados merecem ser integrados num contexto mais vasto, e ser relacionados com os já conhecidos para o território ocidental e ainda com os que foram reconhecidos no que corresponde à actual Espanha. Por outro lado, os modelos que os explicam precisam de ser repensados, tendo em consideração não apenas os actuais conhecimentos materiais, mas também, naturalmente, os desenvolvimentos que a arqueologia teórica tem vindo a conhecer, no quadro epistemológico das ciências sociais.

Torna-se assim importante não só apresentar uma síntese actualizada dos diversos estudos parcelares, assente na realidade artefactual e nos contextos topográficos e paisagísticos, mas também discutir os processos que se desenvolveram à escala regional e trans-regional e que deram origem a importantes transformações a nível social e político.».

Ana Margarida Arruda